

Sumário

Dedicação	13
Abreviações usadas no texto:.....	14
Prólogo — Ajahn Sumedho	15
Prefácio — Ajahn Jayasaro	16
Títulos honoríficos	17
Observação sobre transliteração	18
Nota da tradução em português	18
Agradecimentos	19
Uma vida expirada — <i>A morte de Luang Pó Chah</i>	22
I. MORTE	22
II. CREMAÇÃO	23
PREPARATIVOS	25
QUANDO ESCURECEU.....	28
Uma vida inspirada — <i>1918-1954</i>	31
I. UM LOCAL ADEQUADO	31
ISAN	31
COMO GRUPO	32
UBON	33
II. INFÂNCIA	33
CHAH CHUANGCHOT	33
DEKWAT.....	35
BREVE DESCRIÇÃO DE UM MOSTEIRO	36
NOVIÇO SAPO-BOI.....	40
DE VOLTA AO MUNDO	41
AMOR ENTRE JOVENS	41
ORDENAÇÃO.....	44
UMA RESOLUÇÃO SOLENE	46
III. O CAMINHO DA PRÁTICA	48
UMA NOVA ORDENAÇÃO.....	48
ENXERGANDO O PERIGO	51
FANTASMAS NA NOITE.....	52
LUANG PU MAN.....	53
ORDENS DO DIA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	56
BONDADE DO PROFESSOR	60

NO CREMATÓRIO DA FLORESTA.....	61
EXEMPLARES.....	66
UM PROBLEMA COM OS MANTOS.....	68
UMA VIRTUDE DESCONHECIDA.....	70
UM PODEROSO CONFLITO	71
DIFERENTES TIPOS DE DEFICIENTES	73
DORMINDO EM UMA TRILHA ANTIGA	74
UMA BOA PESSOA	75
EXPLOSÕES	77
PENSAMENTO EQUIVOCADO	78
ENSINAMENTOS DE UM CERVO	81
ARMAS DO DHAMMA.....	81
SALVANDO OS DOCES.....	83
MENSAGEIROS DA MORTE	84
MONTANHA LANGKA	86
PRIMEIROS DISCÍPULOS.....	89
SONHOS AUSPICIOSO	90
REMÉDIO DO DHAMMA	91
IV. NOVOS CAMINHOS	92
DE VOLTA A ISAN	92
DOENÇA, A PROFESSORA	94
PARA O BEM DE MUITOS	94
Fora da trilha batida — Wat Nong Pah Pong	97
I. COLONOS.....	97
FLORESTA PONG.....	97
ESTRANHAS VISÕES	99
AUSTERIDADE INICIAL	100
REQUISITOS	101
COMIDA DE MENDICÂNCIA	102
MEDICAMENTOS	103
II. ÉPOCA DE OURO.....	105
ESPÍRITO GUERREIRO	105
UM DIA DE CADA VEZ.....	107
ABSOLUTA SINCERIDADE.....	109
COCO	111
SEM ADIAMENTO	112

RELAXAMENTO	113
DIREITOS SOBRE A ÁGUA	114
PEGAR UM LADRÃO.....	115
CÃES E GATOS.....	116
CRIANDO RAÍZES.....	116
Uma vida inspiradora — Luang Pó, o Bom Amigo.....	119
I. INTRODUÇÃO.....	119
II. IMPONDERÁVEIS DE QUALQUER FORMA	120
LIBERTAÇÃO.....	120
ELE É O QUE ELE É.....	122
ESPECULAÇÕES.....	123
PARANORMAL	125
III. ESBOÇOS.....	128
INSPIRADOR.....	128
PAIXÃO	130
CONTENTAMENTO	131
EQUANIMIDADE	132
PERSONALIDADE.....	134
SENSE DE HUMOR.....	136
AUSTERO E FERÓZ	137
INDEPENDENTE	138
IV. DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO	140
HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO	140
UMA EVOLUÇÃO.....	141
SÍMILES COMO CHAVES PARA DESTRANCAR A VERDADE.....	143
UM POUQUINHO ZEN.....	144
CONVERSANDO	145
UMA ABORDAGEM SEM SENTIDO?.....	147
Sangue Vital — Luang Pó e o Vinaya.....	150
I. INTRODUÇÃO.....	150
II. PĀṬIMOKKHA: O CORAÇÃO DO VINAYA.....	151
LUANG PÓ FALA SOBRE O VINAYA	154
DÚVIDAS.....	155
HIRI E OTAPPA: OS DOIS GUARDIÕES DO MUNDO	157
SEM MAIS VONTADE DE TRANSGREDIR	158
ENJAULANDO O TIGRE.....	159

USO SÁBIO	160
INTENÇÃO.....	161
INSTRUÇÕES DO VINAYA.....	162
TESTANDO	163
A PRÁTICA DO VINAYA	163
TOMAR O QUE NÃO FOI DADO	164
OFERENDAS	165
(NÃO) SE RELACIONANDO COM MULHERES	165
PAVĀRAṆĀ.....	167
DINHEIRO.....	168
III. OBSERVÂNCIAS: ADICIONANDO CAMADAS	171
MANTOS	172
TIGELA DE MENDICÂNCIA	174
SOLICITANDO REQUISITOS	175
UMA CONSTITUIÇÃO	177
REGULAMENTAÇÕES DA SANGHA	177
A ROTINA DIÁRIA.....	178
ACORDAR CEDO.....	179
SESSÃO MATINAL	180
MENDICÂNCIA MATINAL.....	181
HORA DA REFEIÇÃO.....	184
ROTINA DO PERÍODO DA TARDE	186
RECITAÇÃO NOTURNA DE CÂNTICOS.....	188
SEM EXCEÇÕES	188
PROSTRANDO-SE	190
RESPEITO PELOS ANCIÃOS.....	191
NADA TÃO MAU	193
CENSURA	193
CERIMÔNIAS I — PEDINDO PERDÃO	194
CERIMÔNIAS II — PEDINDO DEPENDÊNCIA	196
AS CATORZE TAREFAS.....	197
DEVERES PARA COM O PROFESSOR OU PRECEPTOR.....	198
ALOJAMENTOS	201
PENSE NOS PRATICANTES LEIGOS.....	203
CONSUMO OTIMIZADO	203
VOCÊ NÃO É O QUE VOCÊ COME	204

IV. AS PRÁTICAS ASCÉTICAS: ADICIONANDO INTENSIDADE.....	206
LUANG PÓ FALA DAS DHUTAÑGAS	207
MANTOS DE TRAPÓS	208
COMIDA, INGLÓRIA COMIDA	209
AO PÉ DE UMA ÁRVORE	211
NÃO SE DEITAR	211
ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES	212
O Coração da questão — Instruções de meditação	217
I. PORCAS E PARAFUSOS.....	217
UM TREINAMENTO TRIPLO	217
UMA BASE DE MÉRITO	219
TÉCNICA.....	220
BUDDHO	221
UMA ÚNICA CADEIRA.....	223
UMA INSTRUÇÃO DE MEDITAÇÃO	224
UM APARTE	227
NÃO É APENAS SENTAR	228
II. ESPINHOS.....	230
OBSTÁCULOS	230
DESEJO SENSORIAL	231
MÁ VONTADE	232
SONOLÊNCIA E TORPOR	234
AGITAÇÃO E PREOCUPAÇÃO	235
DÚVIDA E INDECISÃO	236
III. CAMINHOS E MEIOS.....	237
MEIOS HÁBEIS	237
DOR FÍSICA.....	238
A ABORDAGEM CORRETA.....	238
SEM IDEIAS DE GANHO.....	240
APENAS A POSTURA MUDA.....	242
PODERES PSÍQUICOS	243
A CROSTA DA CALMA LÚCIDA	243
IV. CALMA E INSIGHT.....	246
SAMĀDHI	246
PENSANDO E EXAMINANDO	248
O TRABALHO DA SABEDORIA	250

SAMATHA E VIPASSANĀ	252
O DESENVOLVIMENTO DO INSIGHT	253
REALIZAÇÕES	254
ALÉM DO MACACO	255
Polindo a Concha – O Treinamento dos Monges	259
I. INTRODUÇÃO.....	260
CASCA DO GRÃO.....	260
ORDENAÇÃO.....	262
II. PARTES DE UM TODO	264
A SANGHA DE WAT PAH PONG	264
MONGES VISITANTES	267
LUANG TA	269
MONGES TEMPORÁRIOS	270
NIKĀYA.....	271
LARGAR O MANTO	272
“COMO A CHUVA QUE ESTÁ PARA CAIR ...”	274
SAMANA	276
III. O MILAGRE DA INSTRUÇÃO.....	278
MODOS DE ENSINAR	278
VENTOS MUNDANOS	284
TRANSMITINDO A TEORIA.....	284
TRABALHAR É PRÁTICA DO DHAMMA	287
TORAMAN.....	289
DELEITE NO DHAMMA.....	294
GOVERNANÇA DA SANGHA	296
DELEGAÇÃO	299
IV. UM TREINAMENTO REDONDO.....	301
ESFORÇO.....	301
PAṬIPADĀ	301
CIENTE DO AGORA.....	303
MAI NÉ.....	304
PÓ DI.....	306
APRENDENDO COM A NATUREZA	307
TRABALHANDO COM A SENSUALIDADE	311
TUDONG	314
MEDICAMENTOS	318

O MONGE	319
De Terras Distantes – Luang Pó e a Sangha Ocidental	322
I. INTRODUÇÃO.....	322
FARANG	322
MAIS DO QUE PALAVRAS	324
II. O PRIMEIRO DISCÍPULO.....	325
AJAHN SUMEDHO.....	325
EMPURRADO	329
FALANDO DO CORAÇÃO.....	331
VOLTE E ENCARA O DESCONHECIDO	332
III. ATRAVÉS DE OLHOS OCIDENTAIS	333
O INÍCIO	333
VÁRIOS LUANG PÓ.....	336
MEIOS HÁBEIS	340
PACIÊNCIA	341
PROJETOS DE TRABALHO	344
IV. NO NARIZ.....	345
ENCARANDO OS FATOS.....	345
UM PERFUME NATURAL.....	346
PALAVRAS.....	347
PERTURBAÇÕES	348
PONTAPÉ INICIAL.....	348
VOCÊ PODE IR.....	349
O CHEIRO EM SUA BOLSA.....	349
V. CONHECEDOR DE MUNDOS.....	350
RESULTADOS DA PRÁTICA	350
NATUREZA E ENCORAJAMENTO.....	351
NINGUÉM SABE	353
PRECAUÇÃO PATERNA	354
UMA COBRA EM CASA.....	355
VI. OS DOIS DEVEM SE ENCONTRAR	357
WAT PAH NANACHAT.....	357
TRÊS NÍVEIS	360
GALHOS DA ÁRVORE	360
VOCÊ DEVE PARAR PARA PODER ACOMPANHAR	362
Morrendo para o Mundo - Treinamento das Mé Chis	366

I. INTRODUÇÃO	368
II. MONJAS DE FLORESTA	369
AS PRIMEIRAS MÉ CHIS	369
DÍVIDA DE GRATIDÃO	370
UMA PROPOSTA	370
MÉ CHI BUNYU	371
AUTONOMIA DEPENDENTE	372
REGULAMENTAÇÕES DO SETOR DAS MÉ CHIS, WAT NONG PAH PONG	373
GOVERNANÇA	375
III. VENERÁVEL PAI	376
ÁSPERO	376
BONDADE A UMA CERTA DISTÂNCIA	377
SEM FAVORITAS	378
PARA SER UMA MÉ CHI	379
TUDONG	380
ADVERTÊNCIAS	380
ENSINAMENTOS DO DHAMMA	382
O DEVER DE UMA SAMANA	383
Por Compaixão – Luang Pó e a Comunidade Leiga	386
I. INTRODUÇÃO	386
II. AO MOSTEIRO	388
DIA DE OBSERVÂNCIA	390
RECEBENDO CONVIDADOS	392
CONVITES	393
III. SAMADITTHI	394
KAMMA	395
OPONDO-SE À VISÃO INCORRETA	397
ASTROLOGIA	398
NÚMEROS DE LOTERIA	400
ÁGUA ABENÇOADA	401
AMULETOS	402
CERIMÔNIAS	404
FÉ NA JOIA TRÍPLICE	405
MÉRITO	407
RENASCIMENTO	411
OUVINDO O DHAMMA	413

SER CUIDADOSO	415
SĪLA	415
NÃO AGRESSÃO	418
FALA CORRETA.....	421
ÁLCOOL.....	421
MEIO DE VIDA CORRETO	423
IV. PRIMEIROS ENCONTROS	423
TA SOEI	424
PÓ NUPI	425
MÉ TIU	427
PÓ BUAPAH	427
PÓ AM.....	428
V. PESSOAS DIFERENTES.....	429
CAMPONESES	429
PROFESSORES	430
CIENTISTAS E ACADÊMICOS	432
ESPOSAS COM PROBLEMAS	433
IDOSOS	434
PRÓXIMOS DA MORTE	435
PÓ PUANG	438
MATANDO AS IMPUREZAS DE TA SOEI	439
VI. VIDA EM FAMÍLIA.....	442
CASAMENTO.....	443
NÃO QUEBRAR O POTE	445
PREOCUPAÇÃO	447
PERDA.....	447
REPARTINDO O BOLO	448
VII. PRÁTICA DO DHAMMA	448
SATI É ASSUNTO SEU	451
BOXEANDO DE FORMA INTELIGENTE.....	452
A SABEDORIA DO “SUFICIENTE”	453
“É SÓ ISSO MESMO”	454
BHĀVANĀ	454
Gelo no Sol – Os Anos de Declínio de Luang Pó.....	461
I. CORPO DOENTE, MENTE SAUDÁVEL.....	461
SINAIS PREOCUPANTES	464

PEDAÇO DE GELO	466
RESULTADOS DECEPCIONANTES	467
WAT PAH PONG: JUNHO – AGOSTO DE 1982	468
HOSPITAL CHULALONGKORN: AGOSTO DE 1982 – JANEIRO DE 1983	470
WAT PAH PONG: OS ANOS EM SILÊNCIO	471
II. MAIS QUE ISSO	474
REFLEXÕES.....	474
OUTRA DIMENSÃO	475
O LADO BOM	477
Quadro mais amplo – Luang Pó no Ocidente.....	479
I. TERRA DE DENTRO – TERRA DE FORA	479
MUITO POR POUCO.....	481
ESTRANHO, MAS FASCINANTE	483
O MESMO FRUTO	484
UMA TERRA ADEQUADA	486
PLANTANDO A FLOR DE LÓTUS	487
TUDO EM SUA CABEÇA.....	488
DHAMMA URBANO	489
AINDA MAIS LONGE.....	489
O QUE É UM “WAT”	490
CONTRA-PERGUNTAS	491
DHAMMA PARA REFUGIADOS.....	491
SAPO NA LAGOA.....	492
II. DUTIYAMPI: E POR UMA SEGUNDA VEZ	493
ISSO É UMA PERGUNTA?	494
MANJUSRI.....	495
PERTURBANDO O BARULHO	497
UM ESTADO PACÍFICO	498
MAHAYANA	499
MANTENDO A CASA LIMPA	500
EXCESSO DE PROFESSORES, FALTA DE APRENDIZADO	501
NÃO DEIXE QUE O LADRÃO ENTRE	503
LIVRES, ATRAVÉS DAS REGRAS	505
VANCOUVER	505
COMO UMA MINHOCAS	507
INSIGHT MEDITATION SOCIETY	508

ARRANCANDO O TOCO DE ÁRVORE.....	509
UM LOCAL RETIRADO NO CAMPO.....	511
III. A ÚLTIMA NOITE.....	513
NÃO ATENDA O TELEFONE	514
TERREMOTOS	515

Dedicação

Bhavaggupādāyaavīciheṭṭhato

Etthantaresattākāyūpapannā

Rūpīarūpīca

Asaññañisaññaño

Dukkhāpamuccantu

Phusantunibbutiṃ.

Das formas de existência mais elevadas às mais baixas,

Sejam quais forem os grupos de seres,

Quer possuam ou não forma física,

Conscientes ou inconscientes:

Que todos se libertem de dukkha,

E desfrutem a felicidade de Nibbāna!

Abreviações usadas no texto:

AN	Aṅguttara Nikāya
Cv	Cullavagga
Dhp	Dhammapada
DN	Digha Nikāya
It	Itivuttaka
Ja	Jātaka
Khp	Khuddakapāṭha
MN	Majjhima Nikāya
Mv	Mahāvagga
Paṭis	Paṭisambhidā
Pr	Pārājika
Pv	Parivāra
SN	Saṃyutta Nikāya
Sn	Sutta Nipāta
Th	Theragāthā
Thī	Therīgāthā
Ud	Udāna
Vin	Vinaya Piṭaka
Vin-a	Vinaya Aṭṭhakathā (Samantāpāsādikā)
Vism	Visuddhimagga

Prólogo — Ajahn Sumedho

Esta biografia de Luang Pó Chah¹ será um importante instrumento para preservar as lembranças e compartilhar as experiências daqueles que viveram e treinaram com ele. Conheci Luang Pó Chah em 1967 e fiquei imediatamente impressionado com sua presença silenciosa. Naquela época eu não falava tailandês, e ele não falava inglês. No começo, contávamos com dois monges tailandeses que se faziam, às vezes, de intérpretes. Mas logo eles partiram e comecei a me esforçar para aprender o idioma tailandês e o dialeto do nordeste do país.

Na verdade, os ensinamentos de Luang Pó Chah eram tão práticos que não dependiam de palavras, explicações ou interpretações. Nossa vida em Wat Pah Pong baseava-se em estar consciente e plenamente atento, consciente do próprio estado mental, do que se estava realmente sentindo. Para isso, você não dependia de um idioma específico. Esse simples ensinamento era voltado à observação do estado mental, *ārammaṇa*, a realidade emocional que está presente, a estar consciente disso e vê-la sob o prisma das três características: *anicca*, *dukkha* e *anattā*. E assim eu conseguia praticar mesmo durante aquele período inicial, em que ainda não conseguia entender verbalmente os ensinamentos.

A atitude de Luang Pó perante a vida me motivava a querer treinar e viver como um *bhikkhu*. Para mim, ele era o exemplo vivo do resultado da meditação budista da Tradição Tailandesa da Floresta. Ele me inspirou. Ao viver próximo dele, ao adquirir confiança nele, ao ouvir seus ensinamentos quando já conseguia entender o idioma, descobri o dom que ele tinha para dar palestras e fazer reflexões sobre o Dhamma. Admirava o fato de ele sempre dispor de tempo para os monges, as monjas e a comunidade de leigos.

Atualmente há interesse nos ensinamentos de Luang Pó Chah em diversas partes do mundo. Não era assim, há cinquenta anos, quando o conheci. Naquela época, ele mal era conhecido fora da província tailandesa de Ubon. Hoje sua fama espalhou-se por todo o mundo. Embora já faça 2 anos que ele faleceu, seus ensinamentos são tão práticos que ecoam até hoje. Luang Pó sempre enfatizou a importância da prática. Ele chamou atenção para o fato de que cada um de nós pode adotar e aplicar os ensinamentos do Buddha em nossas vidas.

Gostaria de expressar meu agradecimento a Ajahn Jayasaro por escrever e divulgar esta biografia de Luang Pó Chah. Sei que ela será apreciada por um grande número de pessoas. Alegro-me em pensar em todos pelo mundo afora que, depois de ler este livro, passarão a estimar os ensinamentos de Luang Pó Chah.

¹Veja “Títulos Honoríficos”, página XX

Prefácio — Ajahn Jayasaro

Este livro demorou um longo tempo para ser escrito. Depois de um início produtivo, em 1996, não mexi no manuscrito por aproximadamente dez anos. No início, as responsabilidades de liderar uma grande comunidade monástica deixavam pouco tempo para me dedicar ao projeto. Em seguida, um longo período de retiro me deu esse tempo, mas não tinha disposição para escrever. Nos anos seguintes, o manuscrito passou a ser como um velho amigo querido. Eu o retomava a cada tantos meses, passávamos bons momentos juntos e depois, com um clique, nos despedíamos. Foi apenas quando duas importantes datas começaram a se aproximar — o 25º aniversário da morte de Luang Pó Chah em 2017 e o centenário de seu nascimento em 2018 — que fui forçado a encarar o fato de que, naquele ritmo, o livro jamais seria finalizado. Adotei então uma rotina regular de trabalho e, devagar, o livro que você tem nas mãos finalmente foi tomando forma.

Quietude Fluindo teve um precursor importante. Em 1987, quando Luang Pó estava gravemente doente, os Anciãos de Wat Pah Pong me pediram que escrevesse uma biografia oficial dele. O livro seria distribuído durante o funeral, quando esse dia chegasse. Era uma grande honra, mas também fiquei intimidado. Eu não estava confiante se minha prosa em tailandês estava à altura da tarefa. No final das contas, com o auxílio de monges tailandeses, e de uma monja em particular, muito talentosa (que sempre insistiu em se manter anônima), o trabalho foi concluído e o livro foi publicado em tempo para o funeral de Luang Pó, em janeiro de 1993. Para compensar minhas limitações como escritor, o texto enfatizava citações de Luang Pó e transcrições dos testemunhos de seus discípulos. Dei ao livro o nome *Upalamani*, que é um trocadilho: significa ao mesmo tempo "Joia na flor de Lótus Upala" e "Joia de Ubon".

Quietude Fluindo tem várias passagens que são traduções do *Upalamani*, especialmente nas diversas histórias e lembranças dos discípulos de Luang Pó. A diferença mais evidente entre os dois textos é a exclusão, no *Upalamani*, de várias palestras na íntegra sobre o Dhamma, agora disponíveis e traduzidas em outros volumes, além de muitas fotografias. Ao mesmo tempo, uma grande quantidade de conteúdo social, cultural, histórico e doutrinal, que não considerei necessário incluir para os leitores tailandeses foi acrescentada à versão em inglês desta biografia, que tem novas seções de análises.

Embora minha intenção fosse escrever, na medida do possível, a biografia de uma pessoa, e não de um santo, não sei se fui inteiramente fiel a ela. Meu amor por Luang Pó e minha fé em sua iluminação deram um colorido ao texto, como não poderia deixar de ser. O que não fiz foi deixar de fora qualquer informação que pudesse ser considerada chocante ou constrangedora por preocupação com a sua reputação. Por mais que isso seja difícil de aceitar em um momento em que há tanta descrença — muitas vezes justificada — sobre a integridade de figuras religiosas, Luang Pó não tinha absolutamente nada a esconder. O único esqueleto pendurado em um armário, em Wat Pah Pong, era aquele que estava exposto ao público no salão principal. Na verdade, esse é um dos principais motivos pelos quais acredito que a vida de Luang Pó mereça tanto ser estudada.

Todos aqueles que se lembram dele têm seu próprio Ajahn Chah. Este livro representa o meu. Caso ele inclua quaisquer equívocos ou descuidos, assumo total responsabilidade e peço o seu perdão.

Eremitério Janamāra

Julho de 2017

Títulos honoríficos

O procedimento de ordenação de um monge requer que ele receba um nome em páli que, na Tailândia, geralmente é escolhido pelo seu preceptor. A primeira letra do nome é determinada pelo dia da semana em que o monge nasceu. O nome em páli de Luang Pó Chah era "Subhaddo", que significa excelente, nobre ou feliz. O "s" inicial indica que ele nasceu em uma sexta-feira.

Nomes em páli são raramente utilizados por monges na Tailândia (a maior exceção à regra são os discípulos ocidentais de Luang Pó Chah). Depois de ordenados, os monges tailandeses continuam usando seu nome de nascimento, precedido pelo título honorífico adequado. O uso dos nomes em páli restringe-se a documentos oficiais. Em um desses documentos, por exemplo, Luang Pó Chah apareceria como "Venerável Chah Subhaddo". Os protocolos da escrita tornam-se mais complexos, quando os monges recebem títulos monásticos, como ocorreu com Luang Pó Chah em 1976, mas isso vai além do escopo desta introdução.

É considerado grosseiro referir-se a um monge sem o título honorífico antes do nome. Os costumes variam no território tailandês, com relação ao prefixo específico utilizado. Nos mosteiros de floresta de Isan: "Krubā" é o título honorífico mais comum para se dirigir a monges com menos de dez anos de vida monástica. Em Wat Pah Pong, nesse mesmo caso, costuma-se usar "Tan". "Ajahn" refere-se a um monge com dez anos de ordenação ou mais, embora, na prática, esse termo seja utilizado de forma muito menos rígida e atualmente é usado inclusive em contextos não-monásticos para se referir a qualquer professor. Monges de meia-idade começam a ser chamados de "Luang Pó", Venerável Pai, e, com idade avançada: "Luang Pu", Venerável Avô Paterno. Para monges que se ordenam depois de ter constituído família, usa-se a forma afetuosa "Luang Tá" (Venerável Avô Materno). Esse termo ganhou um novo peso mais recentemente, depois que o venerável mestre Luang Tá Mahā Bua passou a usá-lo para se referir a si mesmo na velhice. A forma que demonstra respeito máximo é tratar o monge na terceira pessoa usando "Pó-Mé-Krubā-Ajahn", literalmente, "pai-mãe-professor".

Nos livros de ensinamentos traduzidos do tailandês para outras línguas, a pessoa que inspirou este livro costuma ser chamada de "Ajahn Chah" e, por essa razão, esse foi o título honorífico escolhido para o subtítulo. Essa não é, no entanto, a forma como ele era geralmente conhecido na Tailândia e, com exceção do subtítulo e de algumas ocorrências espalhadas pelo texto, preferi utilizar o termo mais comum entre todos os seus discípulos: "Luang Pó Chah". Para dar mais leveza ao texto, "Chah" foi várias vezes omitido. Chamo a atenção do leitor para o fato de que "Luang Pó", o nome repetido centenas de vezes por toda esta biografia, é um termo genérico e não um nome específico. Muitos dos monges referidos no texto, atualmente também passaram a ser costumeiramente chamados de "Luang Pó" ou mesmo "Luang Pu". Neste livro me referi a todos eles como "Ajahn", exceto no caso de alguns personagens importantes que eram seniores em relação a Luang Pó Chah.

Observação sobre transliteração

Este livro tem um grande número de palavras em páli e tailandês. Na representação do páli, foram adotadas as convenções de romanização usadas pela *Pāli Text Society* e as interpretações comuns dos nomes dos monges ocidentais em páli.

A transliteração do tailandês, idioma que possui diversas consoantes e vogais que não existem em inglês, é mais difícil, e não há um consenso sobre o sistema a ser adotado. Este livro segue as convenções de transliteração usadas pela comunidade de Ajahn Chah. No apêndice, há uma lista das palavras mais comuns, transliteradas e em alfabeto tailandês. O leitor que desejar ter uma ideia mais clara da pronúncia das palavras em tailandês, neste livro, pode consultar o sistema de transliteração descrito em:

<http://www.jayasaro.panyaprateep.org/transliteration>

Nota da tradução em português

Para a publicação desse livro em português, mantivemos a grafia de todas as palavras em páli, exceto aquelas já consideradas partes do léxico da língua portuguesa. Já para os nomes tailandeses, quando a forma fonética inglesa não causa muitas distorções para os leitores brasileiros, mantivemos a grafia para facilitar a identificação dos nomes. Já quando manter a fonética inglesa causa muitas distorções, optamos por utilizar uma grafia mais compatível com nosso sistema fonético. Por exemplo: para “Ajahn Mun” (อาจารย์มั่น) optamos por utilizar a grafia “Ajahn Man” para que o nome seja pronunciado de forma correta. Outro exemplo é “Luang Por” (หลวงปู่), que optamos escrever como “Luang Pó”, assim por diante.

Agradecimentos

Gostaria de expressar meu agradecimento a todos os meus professores, amigos e alunos que contribuíram para este projeto, incluindo o grupo Kataññutā, de Kuala Lumpur, e todos aqueles cuja generosidade possibilitou a distribuição gratuita deste livro como um presente do Dhamma.

Agradeço especialmente aos meus editores: Ven. Kovilo, Ven. Munissarā, Jan Davies e Joe De Leo; Ven. Gambhīro pela composição tipográfica; e ao Ven. Phāsukho pela direção de arte. Três profundas reverências a Ajahn Pasanno, que ofereceu apoio e incentivo incansáveis durante a longa gestação deste livro e, sem dúvida, durante toda a minha vida como *bhikkhu*.

Ele, que não quer nada nem deste mundo nem do próximo, que é livre do desejo e é emancipado – a ele eu chamo de homem santo.

Dhp 410

Uma vida expirada — *A morte de Luang Pó Chah*

I. MORTE

Vinte de janeiro de 1983. No pequeno aeroporto local de Ubon Ratchathani, no nordeste tailandês, um grupo de monges budistas e discípulos leigos olham para o céu. Perto deles, uma ambulância branca está estacionada na pista. Um forte ronco de motor é ouvido e logo se percebe que ele vem de um avião da Força Aérea Tailandesa que aterrissa. Depois de manobrar e parar, abre-se a porta e uma cena incomum e comovente é revelada. Um monge ocidental de tamanho imponente começa a descer do avião, carregando no colo um monge tailandês muito menor e muito mais velho. Essa frágil figura de aparência indefesa é o reverenciado mestre Luang Pó Chah. Depois de cinco longos meses de exames e consultas em um hospital de Bangkok, ele retorna a Ubon para passar os últimos dias de vida em casa, em seu mosteiro Wat Nong Pah Pong, cercado de discípulos.

**

Os últimos dias da vida de Luang Pó acabaram sendo mais de três mil. Ele só veio a falecer às 5h20 da manhã do dia 16 de janeiro de 1992. Até então, ele teve tantas crises e sobreviveu a tantos tratamentos médicos que, para muitos de seus discípulos, ele tanto poderia falecer a qualquer momento como, por alguma razão, jamais faleceria. Havia a esperança e a expectativa de que ele manifestaria alguma forma de milagre de poderes psíquicos antes de partir deste mundo. Mas ele não o fez. Ao final, quando seus rins e seu coração pararam de funcionar, ele gentilmente descansou em paz.

Assim que o falecimento foi confirmado, os monges que estavam presentes, incluindo o abade, Ajahn Liem, reuniram-se em torno de seu leito para recitar os versos de reflexão sobre a natureza impermanente da realidade condicionada. Eles então trabalharam com o maior cuidado e atenção, lavando o corpo de Luang Pó e vestindo-o com um jogo completo de novos mantos monásticos.

A notícia da morte espalhou-se rapidamente. Com o nascer daquela fria manhã, monges, monjas e discípulos leigos mais próximos começaram a chegar para prestar reverências. Eles não vinham para lamentar, e poucas lágrimas foram derramadas. Mas, apesar da morte de Luang Pó não ter sido nenhuma surpresa, ainda assim foi um choque. Um pesado atordoamento pairava no ar.

No decorrer do dia, aquele pequeno fluxo de pessoas foi tomando corpo até virar um mar de gente. Mais de um milhão de pessoas viriam se prostrar diante do corpo de Luang Pó até a cremação, exatamente um ano depois.

Um período de sete dias de Rituais Funerários Reais, patrocinado pelo rei, foi anunciado. No começo da noite, o Dr. Chao Nasilawan, representante do rei, chegou para realizar o tradicional rito de despejar água, antes que o caixão com o corpo de Luang Pó² fosse levado para o salão principal. Lá, ele foi colocado sobre uma urna de madeira escura polida, decorada com figuras entalhadas em madrepérola. Uma fotografia de Luang Pó foi colocada à esquerda da urna, junto com seus mantos, sua tigela e outros requisitos monásticos. Coroas de flores oferecidas pelo rei, pela rainha e por outros membros da família real foram colocadas à direita. Em frente à urna, elaborados arranjos de flores completavam o altar.

² Tendo em vista o plano de manter o corpo por um ano, grandes quantidades de chá chinês, tabaco e limão foram depositados no caixão.

O mosteiro anunciou um período de quinze dias de práticas que consistiria em recitação de cânticos, meditação e palestras do Dhamma, abertas a todos. Eventos similares marcariam as cerimônias de comemoração dos cinquenta dias e dos cem dias do falecimento. Era o momento, diziam os discípulos mais antigos, de cultivar com todo entusiasmo o Dhamma através do corpo, da fala, da mente e dedicar os méritos acumulados com isso como uma oferenda à Luang Pó. O professor sábio e compassivo não estava mais neste mundo, mas eles jamais se esqueceriam dele ou das coisas que ele ensinou.

II. CREMAÇÃO

É uma tarde de inverno na província de Ubon, no nordeste tailandês, um sábado de 16 de janeiro de 1993. Estamos em um mosteiro de floresta, uma mancha verde escura sobre o fundo pálido de arrozais que se espalham, secos, em descanso. Será uma noite de frio e vento, mas, à tarde, a temperatura à sombra das árvores que balançam suavemente é de 33 graus. A calma e a ordem da cena escondem um fato quase inacreditável. Hoje, em um lugar normalmente habitado por aproximadamente cem monges, estarão reunidas cerca de 400 mil pessoas — um número maior do que a população de qualquer cidade tailandesa, com exceção de Bangkok. Um ano depois da morte de Luang Pó Chah, é o dia de sua cremação.

Ouve-se um burburinho de conversa contido, porém amigável. A atmosfera não lembra em nada um funeral. A maioria das pessoas está vestida de branco, a cor tradicional dos praticantes budistas leigos, embora muitos convidados oficiais e participantes vindos de Bangkok estejam de preto. As pessoas, a maioria sob o sol, sentam-se em pequenas esteiras ou pedaços de plástico onde quer que encontrem espaço. Muitas estão lendo um dos livros de Dhamma que foram distribuídos na entrada do mosteiro. Olham em volta de quando em quando para apreciar a cena à sua volta. Os mais velhos habitantes dos vilarejos mascam noz de betel. Dispersas em meio à multidão, há figuras de pernas cruzadas praticando meditação.

O número de pessoas no mosteiro aumenta sem parar. Do lado de fora, a polícia está direcionando o interminável fluxo de veículos para a estreita estrada enfeitada de bandeiras. As bandeiras amarelas com a Roda do Dhamma e a bandeira tailandesa, com suas três cores, balançam a perder de vista. Filas brancas de pedestres caminham dos dois lados da estrada. Um muro de dois metros de altura separa o mosteiro dos campos ao redor, transformados em estacionamentos. Ônibus de turismo, minivans e caminhonetes despejam grupo após grupo de monges, monjas e praticantes leigos.

Eles vêm de todos os cantos do país: muitos de Ubon e das províncias vizinhas de Yasothon, Sisaket e Surin, e também de outras mais distantes, como Udon, Nong Khai, Phetchabun — toda a região de Isan (nordeste tailandês) está representada. Há um grande contingente vindo de Bangkok; outros viajaram de Chiang Mai, no extremo norte, e de Songkhla, no extremo sul. Enquanto alguns, de aparência impecável, desembarcavam de veículos com ar condicionado, muitos mais saltavam desalinhados da caçamba de caminhonetes. Porém, qualquer que tivesse sido a qualidade da viagem, uma vez ali, todos tinham a mesma expectativa e senso da grande ocasião, enquanto se juntavam ao inexorável fluxo de pessoas que entravam no mosteiro.

Numerosas fileiras de dez ou mais pessoas cruzavam uma grande entrada, organizadas em pequenos grupos sob as árvores, e passavam pelo destacamento da segurança real, que tinha o aspecto mais inofensivo que soldados conseguiriam ter. Caminhões-pipa da prefeitura chegam em mais uma viagem. À sua esquerda, uma pequena vila de cozinhas improvisadas distribui comida gratuitamente a todos aqueles que chegam da viagem com fome. Atrás deles, notam com alívio longas filas de

banheiros temporários, discretamente dispostos na floresta e confortavelmente limpos. Eles veem um posto de primeiros socorros com diversos enfermeiros de uniformes azul e branco, enquanto em outra tenda, pessoas fazem fila para receber livros de Dhamma gratuitos. Os recém-chegados orientam-se pelos grandes mapas pintados ao lado do caminho. Guias corteses patrulham para lá e para cá. Porém, todo o movimento está convergindo, de forma calma e sem pressa, para uma área a 300 metros à direita. Ali, bem no limite norte da floresta, está o centro de todas as atenções: a estupa branca, de 32 metros de altura, que guarda o corpo de Luang Pó Chah. Hoje, essa graciosa estrutura funcionará como crematório. Futuramente, uma urna no centro da câmara central guardará as relíquias de Luang Pó, mantidas em exposição permanente.

Hoje encerram-se dez dias de cerimônias e práticas do Dhamma. Durante esse período, aproximadamente 6 mil monges, mil monjas e mais de 10 mil discípulos leigos acamparam na floresta, enquanto uma lenta maré de visitantes passava pelo mosteiro com o intuito de reverenciar pela última vez o grande mestre. Diariamente, das três da manhã às dez da noite, todos aqueles que residiam no mosteiro participaram da rotina diária de cânticos, meditação e palestras do Dhamma.

Milhares de atos de bondade e generosidade, grandes ou pequenos, permitiram a realização desse enorme evento sem precedentes. Patrocinadores leigos de todo o país montaram e abasteceram as cozinhas provisórias, onde voluntários trabalharam arduamente, por dez dias, cozinhando e servindo os visitantes do início da manhã até tarde da noite. Várias agências governamentais ajudaram nos bastidores, e o governador de Ubon ofereceu todos os recursos que estavam à sua disposição. Muitas empresas fizeram doações: uma delas forneceu caminhões e mais caminhões de garrafas d'água. Todas as manhãs, empresas locais de ônibus, donos de caminhões e motoristas comuns transportavam os milhares de monges às cidades e vilas próximas para sua rotina matinal de mendicância.

Ao cair da tarde, quando o primeiro vento frio atravessa o mosteiro, a expectativa aumenta. O rei e a rainha logo chegarão. A visita é o resultado de uma série de reuniões realizadas nos últimos meses entre o mosteiro e representantes do palácio real — o que demonstra quanto protocolo deve ser seguido em tais ocasiões. A comitiva real chega às 4h19 da tarde, e uma onda de entusiasmo varre a multidão. Suas majestades, o rei Bhumibol e a rainha Sirikit, tomam seus assentos no pavilhão real a sul da estupa, construído especialmente para a ocasião. O rei, como é de costume nessas situações, veste seu uniforme militar com uma faixa preta no braço, e a rainha usa um vestido longo preto. O primeiro-ministro e o chefe das forças armadas tomam seus lugares um pouco atrás do casal real, à frente de um grupo de dignitários, todos um pouco engomados em seus uniformes brancos. À sua frente, a refinada estupa afunilada é como uma ilha mágica, uma imóvel presença de bondade em meio a um mar de gente.

A multidão silencia, o que é incrível, considerando seu tamanho. As pessoas não querem apenas estar ali, querem fazê-lo da maneira correta, da forma mais apropriada para a despedida final ao homem que não apenas ensinou o caminho da paz, mas que o incorporou de forma memorável.

O rei e a rainha certamente estão acostumados a grandes concentrações de pessoas, mas parecem notar algo especial no ar. O rei, que adora fotografar, a cada instante empunha sua câmera para tirar fotos do esplêndido panorama à sua frente. Diante do pavilhão real, do lado esquerdo, está o pavilhão reservado aos monásticos que são convidados de honra, encabeçado pelo supremo patriarca. O grupo inclui respeitados monges como Luang Tá Mahā Bua, o mais reverenciado mestre da tradição da floresta no país; Chao Khun Debvedi (P. A. Payutto), o mais notável estudioso, e Luang Pó Panyananda, o maior orador.

Os demais sentam-se no chão. Três cores predominam no ambiente: o verde da floresta, o branco das monjas, dos leigos e da estupa, e o ocre dos monges da tradição de floresta. Estão presentes quase seis mil monges, muitos deles sentados de pernas cruzadas, sobre seus panos de assento, nas vias de concreto que saem dos quatro lados da estupa. Eles estão imóveis, e alguns observam a estupa, enquanto muitos, de olhos fechados, meditam. Os rostos pálidos e braços direitos nus dos monges caucasianos saltam à vista: sessenta discípulos estrangeiros de Luang Pó vieram de mosteiros afiliados de diversas partes do mundo. Uma equipe de filmagem italiana filma um documentário. Jornalistas com grandes credenciais de imprensa pendurados no peito descrevem a cena para as câmeras. O funeral tem cobertura ao vivo de rádio e televisão em rede nacional. A notícia estará nas primeiras páginas de todos os jornais do país.

Chegada a hora, o rei e a rainha levantam-se e caminham em direção à estupa, protegidos do sol por grandes guarda-sóis levados por assistentes em vestimentas tradicionais. À direita e à esquerda, a multidão prostra-se enquanto passam. Tem início a primeira parte da cerimônia de cremação. O casal real, cercado de fotógrafos e *cameramen*, entra na estupa. Depois de prostrar-se diante do caixão, realiza uma série de oferendas, seguindo uma antiga tradição.

Primeiro, oferecem mantos a dez monges de mais alta patente eclesiástica, que seguram leques ornamentados na mão esquerda e, após receberem os mantos, recitam versos curtos sobre a impermanência e a cessação. Então o casal real oferece a Luang Pó velas, um ornamento de flores e folhas de bananeira dobradas, incenso e flores de sândalo³. Finalmente, na condição de monarca e líder da comunidade budista leiga tailandesa, o rei apresenta a chama cerimonial para cremações reais em seu belo invólucro de vidro e retorna ao pavilhão real.

Uma vez terminada a cerimônia real, a comunidade monástica, liderada pelo supremo patriarca e por outros monges seniores, deposita suas velas e flores de sândalo em frente ao caixão. Em seguida é a vez das monjas e, finalmente, dos budistas leigos.

Centenas de milhares de pessoas compareceram à cremação do homem a quem reverenciavam. No entanto, poucas lágrimas são derramadas. Não se ouvem soluços nem demonstrações exacerbadas de tristeza; mal se veem olhos vermelhos. E por que seria diferente? Ninguém está de luto. Os presentes acreditam que Luang Pó não era esse corpo a ser logo consumido pelas chamas e que sua mente já tinha se libertado há muito tempo. "Partiu", nas palavras do Buddha, "para além de todas as descrições".

PREPARATIVOS

A Sangha de Wat Pah Pong vinha se preparando para esse funeral desde os primeiros anos da enfermidade de Luang Pó. No começo, houve quem fosse contra — um ou dois monges mais seniores reclamaram que fazer preparativos para a morte de alguém geralmente adianta o evento — mas se chegou ao consenso de que um funeral da magnitude prevista exigiria uma longa preparação. Estava claro que as principais edificações do mosteiro precisavam ser refeitas ou reformadas. Os banheiros não eram nem de longe suficientes para um grande evento. Um local apropriado para a

³Como a madeira de sândalo é muito rara hoje em dia, uma "flor de sândalo" consiste atualmente em papel crepom creme cortado e contorcido em formato de flor, disposta junto com algumas varetas de incensos e uma vela fina. Esses são distribuídos aos convidados nos funerais tailandeses. Imediatamente antes do início da cremação propriamente dita, as pessoas depositam suas flores ao lado do caixão, em um gesto ritualístico de respeito. No funeral de Luang Pó, um pequeno número de convidados de honra foi agraciado com um pedaço verdadeiro de madeira de sândalo esculpida em forma de flor.

cremação deveria ser projetado e preparado, e seria preciso construir uma estupa para abrigar as relíquias. Uma nova biografia abrangente de Luang Pó deveria ser escrita e reproduzida⁴. Além disso, um número enorme de pequenos livros com seus ensinamentos deveria ser publicado para oferecer aos convidados. Havia fundos suficientes na conta do mosteiro para dar início a essas ações, e muito mais, certamente, seria oferecido assim que os patrocinadores leigos ficassem sabendo dos vários projetos. Eles dedicaram-se a suas tarefas como lhes foi ensinado: um passo de cada vez.

Em uma reunião dos anciãos da Sangha ficou decidido que a cremação aconteceria no setor norte do mosteiro, na parte mais nova e aberta, entre a cabana-enfermaria onde Luang Pó passou os últimos anos e o novo setor das *Mé-chis*⁵. Um interminável comboio de caminhões-caçamba trazia terra para subir o nível topográfico do local. Milhares de árvores foram plantadas ao redor, com o uso de excremento humano como fertilizante fornecido pela municipalidade, uma ideia de Ajahn Liem muito criticada, mas que se mostrou um imenso sucesso ao promover o rápido crescimento das árvores em um solo extremamente pobre. Os monges pavimentaram uma estrada de concreto que ia do portão interno do mosteiro até o local de cremação, circundando-o, com extensão total de cerca de dois quilômetros. O trabalho levou quase um ano, com jornadas que iam do meio da manhã até o final da tarde e, às vezes, até tarde da noite. Os monges mais jovens faziam o trabalho pesado, carregando sacos de cimento até a betoneira e espalhando o concreto na estrada; os monges mais velhos trabalhavam agachados fazendo a armadura do concreto.

Em novembro de 1990, iniciou-se a construção do novo salão principal. O trabalho foi concluído em janeiro de 1992, poucos dias antes do falecimento de Luang Pó. Ajahn Liem assumiu o papel de arquiteto e engenheiro-chefe do projeto, apesar de apenas ter recebido o nível mais básico de instrução uns quarenta anos antes. Não foi necessário desenhar nenhuma planta, pois ele tinha tudo na cabeça. O resultado foi uma estrutura com grandes paredes brancas e grandes janelas que ligavam as áreas internas e externas, e um alto teto de madeira, que dava uma simplicidade e ventilação bastante apropriadas. Enquanto isso, as antigas cabanas foram reformadas e foram construídos blocos de sanitários.

Após a morte de Luang Pó, o antigo refeitório estreito dos monges foi demolido e um novo, muito maior, foi construído no seu lugar, entre o salão principal e o salão de Uposatha⁶. Para toda essa construção, a estrita tradição de Wat Pah Pong de se abster de fazer solicitações de doações manteve-se intacta: as pessoas doavam, espontaneamente, dinheiro e materiais de construção. Todos os envolvidos tinham orgulho de seu trabalho e o executavam com devoção. Não foram poupados esforços nem realizados acabamentos mal feitos. O trabalho de cada um expressava a gratidão ao seu professor.

Finalmente, a última construção que restou seria a mais trabalhosa e também a mais importante: a estupa de Luang Pó. Essa estrutura seria o monumento definitivo à sua memória e o abrigo de suas relíquias. No futuro, seria um núcleo de devoção e peregrinação. Não se tratava apenas de uma conexão física palpável com o finado professor por meio de fragmentos de ossos. Os ossos de seres iluminados comumente passam por uma transformação química que até hoje não pode ser

⁴Na realidade, duas biografias foram escritas, ambas para distribuição gratuita. O volume principal, *Upalamani*, era um grande livro de capa dura com diversas fotografias. Uma versão bastante resumida impressa em papel jornal também foi produzida para distribuição gratuita.

⁵Monjas de manto branco, ver Glossário.

⁶O edifício onde cerimônias formais são realizadas, ver Glossário.

explicada. Depois da cremação, os fragmentos remanescentes pouco se assemelham a ossos normais. Em alguns casos, eles adquirem a aparência de uma joia. As relíquias de Luang Pó seriam colocadas em exposição pública permanente em um relicário no centro da estupa.

Os anciãos decidiram que a estupa deveria ser construída de forma a poder ser usada como crematório no dia do funeral. Em seguida, o crematório seria removido e substituído pela estrutura em que as relíquias de Luang Pó seriam expostas.

Um premiado arquiteto, Nithi Sathapitanon, ofereceu seus serviços gratuitamente, assim como o engenheiro-chefe, o professor universitário Arun Chaiseri. O projeto honrou a longa tradição de construção de estupas da Tailândia. A base de cinquenta metros tem a forma de um sino invertido, lembrando a grande estupa de Nakhon Pathom. Apoiada nela fica uma elegante cúpula de trinta e dois metros de altura, em homenagem à estupa de That Phanom, a mais antiga e reverenciada do nordeste tailandês. Nos quatro pontos cardeais, há acessos que levam à câmara central abobadada. O piso de câmara é de granito negro e o teto foi pintado de dourado, assim como os pilares, dispostos em dois círculos concêntricos. No círculo interno, quatro pilares representam o ensinamento fundamental das Quatro Nobres Verdades e, no externo, doze pilares representam os Doze Elos da Originação Dependente.

Não havia tempo a perder. Como expressão da harmonia entre o antigo e o moderno naquele projeto, um bom número de grandes peças da estupa foi pré-fabricado em Bangkok e transportado por terra até o mosteiro. Como de costume, a Sangha forneceu a maior parte da mão de obra. Pediu-se a todos os mosteiros filiados, 153 no total, que enviassem monges para turnos quinzenais, especialmente aqueles que tivessem habilidades úteis para a construção. Esses mosteiros foram divididos em seis grupos, que se revezavam. Com isso, formaram-se turnos de cem monges, compostos de cinquenta monges visitantes e cinquenta residentes. O trabalho foi dividido em diferentes setores: estruturas metálicas, concretagem, trabalho em madeira e parte elétrica. Com a iminência do funeral, não deixava de ser uma corrida contra o tempo; ainda assim, para os monges, o trabalho também era sua prática, e eles sabiam muito bem que, quanto menor a pressa, maior a velocidade. Os monges vestiam-se, como de costume, sem capacetes, e calçavam chinelos. Apesar de muitos terem sofrido alguns cortes e escoriações ao longo dos meses de construção, não houve quaisquer lesões mais sérias. E os monges e noviços não trabalharam sozinhos: praticantes leigos também foram ajudar no seu tempo livre, e o comandante da brigada do exército local enviava grupos de soldados regularmente. Sobre isso, Ajahn Liem comentou:

"Quando as pessoas trabalham com um espírito de abnegação, não fica difícil. Ninguém reclamava. Mesmo quando trabalhávamos até tarde da noite, ninguém perguntava quando iríamos parar. Mesmo sob uma forte chuva ou um sol de rachar, não havia reclamações. Assim, todos os dias, os resultados eram satisfatórios. Tratava-se de um tributo à harmonia dos discípulos de Luang Pó, e esse era um evento histórico em termos de projetos de trabalho da Sangha. Nos reunimos e realizamos essa tarefa com o coração puro, sem ligar para sensações de cansaço ou exaustão. Todos fizeram sacrifícios. Era o próprio Dhamma ali presente."

Em cinco de janeiro de 1993, após apenas seis meses de esforço e foco, a estupa estava pronta.

O intervalo de um ano entre a morte e a cremação de Luang Pó teve diversos efeitos. Além de ter sido tempo suficiente para a construção da estupa, foi também uma grande oportunidade para que várias pessoas, de todo o país e de todo o mundo, visitassem Wat Nong Pah Pong para reverenciar o corpo de Luang Pó. Outro fator igualmente importante, embora mais mundano, foi a escolha do mês de janeiro para a cerimônia de cremação, o que garantiu clima e temperatura razoáveis, bem como campos secos em volta do mosteiro com espaço para um grande número de veículos.

Mas foi o fato de passar um ano todo acumulando boas ações, praticando meditação, realizando e ouvindo palestras do Dhamma — tudo isso dedicado a Luang Pó — que contribuiu para o sentimento tão perceptível entre monges, monjas e leigos no dia da cremação. Para eles, aquele dia era o ápice de um período longo e rico de reverências e recordações, que refletia de fato a grandeza daquele que havia falecido.

QUANDO ESCURECEU

Era a noite da cremação. O vento batia contra as caixas acústicas e a temperatura havia caído consideravelmente. Apesar de adoentado, Luang Tá Mahā Bua discursa sentado no local de destaque que havia sido colocado na entrada oeste da estupa, iluminado pelos holofotes dispostos acima dele. Ele aconselha os ouvintes a manter as tradições e práticas ensinadas por Luang Pó Chah. Ajahn Sumedho, o mais antigo discípulo ocidental de Luang Pó, prossegue com o mesmo tema.

A essa altura, a maioria das pessoas já havia ido embora⁷. Os cerca de cinquenta mil que restam são os mais dedicados — enrolados em echarpes ou cobertores, eles ficarão ali a noite toda, ouvindo palestras do Dhamma e meditando. O venerável Chao Khun Debvedi fala que Luang Pó personificava as qualidades de um "bom amigo": seu calor humano e cuidado, sua capacidade de incutir respeito e confiança nos ensinamentos, seu exemplo inspirador, a forma como ensinou, exortou e instruiu, sua paciência em lidar com as dúvidas e imperfeições de seus discípulos, sua habilidade de explicar assuntos profundos de forma clara, assim como uma absoluta integridade ao lidar com seus alunos.

À meia noite encerraram-se as palestras do Dhamma. Duzentos dos discípulos mais seniores de Luang Pó sobem as escadarias da estupa e entram na câmara interna, onde o corpo de Luang Pó jaz em caixão simples, delgado, após a remoção de todos os enfeites que estavam a seu redor. Outros monges seniores ocupam a área em torno da câmara. Mais monges se agrupam nas quatro escadas; abaixo, outros monges formam uma aglomeração que circunda a câmara. Realiza-se a cerimônia do Pedido de Perdão. Esse breve ritual é cumprido quando monges se despedem formalmente do seu professor.

No centro da estupa, dez homens leigos de cabeça raspada, vestidos de mantos brancos, prostram-se três vezes ao mesmo tempo em direção ao caixão e, com todo o cuidado, erguem o caixão e o deslizam para dentro do crematório temporário, uma grande caixa de metal coberta por placas decoradas com arabescos em cera dourada e desenhos florais que lhe dão a aparência de uma vela gigante.

Ajahn Liem e o governador de Ubon depositam a chama real no crematório repleto de flores de sândalo e vários sacos de carvão. O fogo acende rapidamente e Ajahn Liem fecha o compartimento com um giro firme da fechadura. Os monges sentam em meditação. O silêncio é pontuado apenas pelo zumbir dos insetos ao redor dos holofotes do lado de fora. Então a temperatura na câmara começa a subir acentuadamente. Alguns abrem os olhos ao notar o odor pungente e o ar que se espessa, indicando que a fumaça está escapando para dentro da câmara. A causa parece ser algum entupimento na chaminé, próximo ao topo da estupa. O fogo está muito forte para o tamanho das saídas de ar — talvez houvesse excesso de carvão e sândalo — e as soldas da chaminé começam a se

⁷Funerais oficiais são divididos em duas partes. A maioria dos convidados participa apenas da primeira parte, que termina com a entrega da chama cerimonial e a entrega das "flores de sândalo". Na maioria dos funerais, a cremação de fato ocorre somente mais tarde e é acompanhada pela família e amigos próximos. Nesse caso, a cremação foi marcada para a meia noite.

romper. O fogo não consegue sair e logo as chamas começam a despontar pelos cantos do crematório, atrás de combustível.

Os pássaros de cera que enfeitam o crematório derretem. O fogo começa a consumir as placas de gesso e madeira que escondem as paredes metálicas. Os monges enfileiram-se para sair da câmara repleta de fumaça espessa, em silêncio, sem nenhum estardalhaço. Já do lado de fora, muitos retiram a parte de cima de seus mantos e formam uma corrente humana. Baldes d'água são levados para dentro da câmara e, em pouco tempo, o fogo é controlado. O crematório estava enegrecido e ainda envolto em fumaça. Foi um episódio anárquico em um dia repleto de ordem e cerimônias realizadas com precisão militar, o epílogo não planejado de anos de planejamento. Alguns meneiam a cabeça e acreditam ter acabado de ver uma demonstração de poderes psíquicos. A maioria acha que houve falha no projeto da estupa. Outros preferem encarar o evento como uma última demonstração do senso de humor meio travesso de Luang Pó.

Os monges vestem novamente seus mantos. Os meditadores voltam à meditação. As palestras de Dhamma são retomadas. O vento frio segue, atravessando os finos mantos de algodão. Pouco depois, o céu começa a mudar de cor. Outro dia está por começar.

O monge que, enquanto jovem, se dedica ao ensinamento do Buddha, ilumina este mundo como a lua não obscurecida pelas nuvens.

Dhp 382

Uma vida inspirada — 1918-1954

I. UM LOCAL ADEQUADO

ISAN

O Buddha declarou que todo o sofrimento humano, que pode ser evitado, é causado por impurezas mentais, e que essas impurezas podem ser completamente eliminadas por uma educação sistemática do corpo, da fala e da mente. Ele revelou que, entre as qualidades virtuosas que "queimam" as impurezas, resiliência é a qualidade suprema. Então, talvez não seja coincidência que o ambiente nada convidativo do nordeste tailandês — conhecido por seus habitantes como Isan — foi o berço de um grande florescimento do monasticismo budista no século XX. A ampla maioria dos monges reconhecidos na Tailândia como mestres iluminados, nos últimos cem anos, veio dessa região.

Isan ocupa um platô semiárido de formato quase quadrado e um pouco maior que a Inglaterra. É delimitado, ao norte e ao leste, pelo rio Mekong e Laos e, ao sul, pelas montanhas de densas florestas do norte do Camboja. No início do século passado, Isan ainda era isolado da região central tailandesa pela inóspita barreira de Dong Phrayayen, uma imensa floresta, repleta de animais selvagens, que abrigava um violento surto de malária.

Ainda antes de ter quase toda a cobertura de floresta derrubada e queimada, Isan já não era um local idílico. Ele não tinha a fecundidade dos vales da região central tailandesa, com quase todo solo empobrecido, ou por areia e rochas ou pela salinidade sufocante. Os rios correm em barrancos profundos que dificultam a criação de canais de irrigação. Apenas algumas poucas áreas proveem mais de uma colheita de arroz ao ano. A água do lençol freático é quase sempre salgada demais para o consumo. As viagens eram perigosas e difíceis: embora a via fluvial fosse o meio de transporte predominante na região central do Sião e a base do seu sucesso econômico, os rios da isolada Isan são navegáveis apenas em alguns meses do ano. Dadas as poucas possibilidades de comércio, a agricultura de subsistência foi, por séculos, a ocupação principal da população, que vivia à base do escambo.

Isan tem três estações: a estação fria, de novembro a fevereiro, a mais confortável, que, no entanto, pode ter noites fustigadas por ventos ruidosos; a estação quente, de março a junho, absurdamente quente; e a temporada de chuvas no meio do ano, em que a umidade do ar é tão densa que atravessá-lo pode dar a sensação de caminhar em um riacho. A vida sempre dependeu da chegada das *monções*. Porém, as chuvas torrenciais que dissipavam o medo da seca e da perda da lavoura causavam, muitas vezes, graves inundações. Entretanto, os habitantes da região que ali viviam eram tenazes. Eles sobreviveram e, de certa forma, prosperaram.

E quem eram os habitantes do Isan e de onde vieram originalmente? A maioria da população sempre se identificou, étnica e culturalmente, como "lao", um grupo derivado de um ramo das pessoas que migraram no primeiro milênio da era cristã para o sul do sudoeste chinês atual, pressionados pelas constantes invasões das suas terras por chineses da etnia Han. Os migrantes da rota que atravessou a bacia do rio Chao Phraya tiveram um papel importante no desenvolvimento da civilização siamesa da Tailândia central. Outro grupo seguiu o Rio Mekong para o sul e estabeleceu assentamentos às margens, que contribuíram para a formação da etnia lao.

Eles não foram, contudo, os primeiros nem os únicos habitantes de Isan. Em Bahn Chiang, foram encontradas evidências de uma sofisticada cultura datada de cerca de 3.000 anos. Após ondas de imigrações austronésias e de diversas migrações mon-khmer, na Idade das Trevas europeia, Isan era habitada por hindus cambojanos do império Chenla e por mons da civilização Dvaravati, que eram devotos budistas theravada.

Mais tarde, Isan foi parte do vasto império Angkor, que dominou o sudeste asiático do século VIII ao XIII e que, no auge do reinado de Jayavarman VII, adotou o budismo Mahayana. Os lao-tais espalharam-se lentamente pela região, absorvendo a cultura e os genes de seus predecessores à medida que se expandiam, deixando em todos as características que os distinguem até hoje.

Talvez os lao e os tailandeses siameses (que a partir de agora chamarei apenas de tailandeses) possam ser chamados de primos próximos. Essa proximidade, no entanto, não impediu que os centro-tailandeses, que habitavam uma região mais amena e fértil, tivessem uma certa presunção de serem mais sofisticados. Na verdade, as diferenças entre eles são mínimas. Sua língua é praticamente a mesma, embora usem tons diferentes. Em termos de religião, ambos adotaram o budismo Theravada do Sri Lanka e incorporaram no processo alguns ritos bramânicos e as antigas tradições animistas de suas tribos.

COMO GRUPO

Os tailandeses e os lao têm a mesma natureza gentil e tranquila, além de serem incrivelmente tolerantes. A ideia de perseguir um povo por ter crenças diferentes das suas sempre lhes pareceu incompreensível. Eles não são particularmente cerebrais e não costumam se entusiasmar com teorias e filosofias abstratas, mas são habilidosos no pragmatismo, com um considerável talento para concessões mútuas, sendo uma de suas imagens favoritas 'o bambu que se curva diante de fortes ventanias'. Sempre que possível, evitam o confronto aberto e consideram grosseiro e imaturo expressar sentimentos fortes sem nenhum filtro. Eles admiram o manter-se calmo e imperturbável, mesmo sob estresse, e aspiram a um "coração tranquilo". Se os lao apresentam alguma diferença perceptível, é na resiliência mais pronunciada.

Assim como todos os povos, eles são cheios de contradições. Uma preocupação um tanto exagerada por hierarquias e *status*, por exemplo, muitas vezes combinada com um grande amor pela independência. Considerando a lealdade e a devoção que eles sempre demonstraram aos princípios bastante austeros do budismo Theravada, uma sensualidade franca e descomplicada talvez seja a mais surpreendente característica. Para essa cultura, os desejos sensuais nunca foram considerados uma fonte de culpa. Apesar das demonstrações frequentes de amor por linguagem, refinamento e comida — de fato, por todas as chamadas boas coisas da vida — eles demonstram um enorme respeito por aqueles que renunciam a elas.

De acordo com qualquer padrão secular contemporâneo que meça o desenvolvimento de uma cultura, como PIB, poder político, inovação tecnológica, cena artística vibrante, Isan seria considerado atrasado e seus habitantes, desinteressantes. Porém, de um ponto de vista budista, não seria exagero considerar Isan uma superpotência. Especialmente durante todo o século XX, Isan foi praticamente uma fortaleza budista em um período em que outros obscuros "ismos" — imperialismo, comunismo, capitalismo, materialismo — estavam causando enorme depredação em toda a Ásia. A imensa maioria dos 300 mil monges da Tailândia é de Isan. E, mais importante, quase todos os monges tailandeses da era moderna que, acredita-se, atingiram a iluminação, nasceram em

algum dos vilarejos agrícolas de camponeses do nordeste, muitos deles na "Província dos Sábios", Ubon Ratchathani.

UBON

A história de Ubon tem início em 1778, com o final de uma migração dolorosa e sangrenta. Alguns anos antes, a nobre família de Chao Phra Ta e Chao Phra Wó, de Vientiane, junto com seu grande séquito, havia fugido de seu impiedoso rei. Porém, sempre que o grupo se estabelecia em um local, era atacado pelas forças do rei. Finalmente, em desespero, um pequeno grupo de cavaleiros furou o cerco a seu último assentamento e saiu, tarde da noite, galopando na direção oeste em busca de ajuda. O rei do Sião mostrou-se solidário. Seu estado estava se recuperando rapidamente após devastação da capital Ayutthaya, atacada pelos birmaneses, e ele estava disposto a ampliar seu poder. A força expedicionária Siamesa localizou facilmente as forças de Vientiane e saqueou a cidade deles.

Sentindo-se finalmente em segurança, os imigrantes, sobreviventes de uma longa fuga e anos de convolutas batalhas, estabeleceram um assentamento permanente na margem norte do rio Mun, cerca de oito quilômetros a oeste da confluência com o Rio Mekong. Eles deram à nova casa o nome de Ubon, em referência à flor de lótus, que desponta imaculada em meio à lama. Prometeram fidelidade ao rei do Sião, seu salvador e protetor. Porém, antes de mais nada, eles fizeram o que migrantes tailandeses faziam havia centenas de anos: construíram um mosteiro para os monges budistas que os acompanhavam.

Nos primeiros anos do século XX, a cidade de Ubon havia se tornado o centro de uma província que incluía centenas de vilarejos e se estendia por milhares de quilômetros quadrados. No século anterior, o Sião havia sido cercado pelas vorazes potências colonizadoras. A Grã-Bretanha ocupara a região, ao sul e a oeste, e a França, ameaçadora, a leste. Os antigos sistemas de governo siameses, em que estados vassalos afastados eram praticamente autônomos, agora eram impensáveis. Como consequência, Ubon foi integrada ao moderno estado-nação que estava sendo criado pelo Rei Chulalongkorn para enfrentar a ameaça estrangeira e passou a ser controlada por Bangkok. Era, no entanto, improvável que os habitantes de Ubon — talvez com pouquíssimas exceções — passassem a se considerar parte de algo tão abstrato quanto uma nação. Para a maioria, o vilarejo era sua realidade, e sua independência e prosperidade eram a fonte do autorrespeito. A principal preocupação desses povos era com o desafio diário de alimentar suas famílias, e o mosteiro local era a única instituição em que confiavam. E foi em Bhan Kó, um pequeno vilarejo a alguns quilômetros ao sul da cidade de Ubon, que nasceu Luang Pó Chah.

II.INFÂNCIA

CHAH CHUANGCHOT

Luang Pó Chah nasceu no sétimo dia após a sétima lua cheia do Ano do Cavalo de 1918. Ele era o quinto de onze filhos de Mah e Pim Chuangchot que, como a imensa maioria de sua geração, viviam do cultivo de subsistência do arroz. O nome "Chah" significa inteligente, capaz e engenhoso.

Seguindo a tradição, a mãe de Luang Pó deu à luz ajoelhada, com os braços acima da cabeça, segurando uma corda amarrada às vigas da casa. Depois disso, ela passou por duas semanas de confinamento, deitada com a barriga o mais próximo possível de um braseiro para "secar" o ventre,

um antigo costume que perdurava no interior, apesar do pronunciamento do Rei Mongkut cerca de setenta anos antes que qualificou a prática de "crime monstruoso e sem sentido de defumar e assar as mulheres." Nos primeiros meses, ao final da amamentação, a mãe de Luang Pó o alimentava com arroz grudento que mastigava e depois servia ao filho em uma colher.

Luang Pó nasceu em um lar afetuoso e respeitado de uma das famílias mais abastadas de uma comunidade muito unida. Naquela época, os vilarejos de Isan, isolados por florestas e sujeitos às vontades do clima e aos caprichos dos espíritos, davam muita importância ao ato de compartilhar, à generosidade e à harmonia. As famílias viviam juntas ou contíguas, geração após geração. Com isso, todos os habitantes de um vilarejo eram parentes em algum grau. As casas eram palafitas de madeira — como proteção contra enchentes e animais selvagens — com telhados de palha. Não havia uma separação clara entre as casas, muito próximas umas das outras. As atividades diárias eram realizadas em um grande espaço aberto no piso superior, com os quartos usados apenas para dormir. As pessoas não só escutavam os dramas familiares dos vizinhos: elas os viam claramente. Não existia o conceito de privacidade, menos ainda qualquer desejo de privacidade. As pessoas respeitavam os monges, os anciãos e os espíritos. Elas valorizavam a consideração pelos sentimentos dos outros e tinham uma noção saudável de vergonha⁸. Apreciavam risadas e conversas. Luang Pó cresceu com um forte sentido de comunidade, de saber o seu lugar, e com o dom da palavra.

O adjetivo mais comumente usado para descrever Luang Pó nos seus últimos anos — cheio de vida — é o mesmo que imediatamente vem à mente quando o imaginamos criança. Ele era extrovertido, solar e, às vezes, exuberante; mas também era interessado e observador — ninguém o fazia de bobo. Luang Pó tinha rosto arredondado e um achatado "nariz de leão", traços comuns ao seu povo. Sua boca, porém, era larga e marcante, o que não era comum. Em contraste com a simetria contundente do seu rosto, a orelha direita era um pouco maior do que a esquerda. Ele era naturalmente visto como o líder do grupo de amigos. Seus colegas lembram dele como aquele de quem todos queriam estar perto. Sem ele, todos os jogos e brincadeiras pareciam sem graça. Eles lembravam-se do seu temperamento sereno. Diziam que nunca impôs a liderança por meio de *bullying* ou coação, e ninguém se recordava dele envolvido em uma briga. Era mais provável encontrá-lo no papel de mediador das desavenças dos colegas. E, desde muito cedo, o manto amarelo já o atraía.

Já com idade avançada, Luang Pó contou que se vestia de monge quando criança. Disse que se sentava com ar severo em uma velha cama de bambu, com seu *khaoma*⁹ pousado sobre o ombro esquerdo como um manto, enquanto seus colegas faziam o papel de leigos. Ele lembrava que reproduzia a cena da oferenda diária da refeição — talvez por ser esse o único evento da rotina de um monge que se preste à dramatização. Luang Pó tocava um sino e seus amigos vinham na sua direção, trazendo pratos com frutas e água fresca. Depois de se prostrarem três vezes, entregavam-lhe os alimentos com humildade. Luang Pó, por sua vez, lhes dava os Cinco Preceitos¹⁰ e uma benção.

⁸Na Tailândia, a palavra "vergonha" significa algo um pouco diferente daquilo geralmente entendido nas culturas ocidentais. Veja na página xxxxx 'Hiri e Ottappa'.

N.T. – Em português, a palavra "pudor" representa bem esse conceito.

⁹Pedaço de pano com diversas funções, usado por homens tailandeses. Mede aproximadamente dois metros por um e geralmente tem uma estampa irregular meio brilhante. É usado como sarongue, pano de banho, toalha, echarpe, turbante, para carregar coisas e até mesmo como rede para descansar.

¹⁰ Ver Glossário.

Na cultura de Isan, não há uma distinção clara entre a ideia de trabalho e de brincadeira. A palavra "*ngan*" expressa bem essa fluidez, significando tanto "trabalho" como também "festival, cerimônia ou feira". As crianças criadas nos vilarejos de Isan aprendem desde cedo a assumir responsabilidades no campo, em casa e em ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. A maioria parece ter um talento natural para gostar de realizar suas tarefas. Na época de Luang Pó, o principal trabalho das crianças era levar os búfalos da família para pastar. Elas também ajudavam a buscar mais alimentos. Embora colher cogumelos fosse a atividade favorita depois de uma chuva, a tarefa mais comum era capturar pequenas criaturas para a refeição noturna. Pode surpreender que esses devotos budistas de Isan estivessem tão dispostos a tirar uma vida. A aridez do ambiente foi, sem dúvida, um dos fatores responsáveis por isso. Caçar já era parte dessa cultura milhares de anos antes da adoção do Budismo e nunca foi completamente abandonado. Seja qual for o caso, os camponeses de Isan comiam criaturas sem distinção: insetos, lagartos, besouros — nada era poupado.

Lendo relatos sobre a vida nos vilarejos de Isan no início do século XX, fica fácil imaginar o pequeno Chah na estação quente, montado em um sereno búfalo que saiu para pastar de manhã cedo ou, no calor sufocante do meio-dia, vê-lo sentado à sombra de uma mangueira, cantarolando trechos de canções populares, chupando preguiçosamente uma manga ou tirando um cochilo. Durante a estação chuvosa, gritando a plenos pulmões, ele certamente seria o líder de um grupo de moleques que perseguia sapos e rãs com muito alvoroço. Na estação fria, a caçada é outra: sob o olhar dos amigos, ele sobe em uma árvore, carregando um longo galho, cujas pontas estão cobertas da viscosa seiva de jaqueira, e o usa para cutucar as cigarras reunidas nos ramos que balançam ao vento. Enquanto guarda seus prêmios em um cesto com tampa para levá-los para o jantar, separa algumas cigarras para estourar os tímpanos de algum colega desavisado.

Embora essas cenas, sem dúvida, tenham um certo charme, Luang Pó acreditava que elas tinham um lado sombrio. Anos mais tarde, ele diria que muitas das doenças que o afligiram durante toda sua vida eram consequências cármicas das crueldades que ele casualmente infligiu a esses seres quando criança.

DEKWAT

Na década de 1920, cerca de trinta anos depois de sua implementação, o sistema de educação estatal ainda estava pouco desenvolvido no interior de Isan. Durante a infância de Luang Pó, era possível cursar três anos de educação primária, mas não era obrigatório, e poucos pais de família a consideravam importante. Aos nove anos, Luang Pó tinha passado apenas um ano na escola.

Tradicionalmente, a educação dos jovens era uma das funções mais importantes do mosteiro do vilarejo. Sem levar em conta o ponto frágil de que metade das crianças — composta de meninas — era excluída, os resultados eram impressionantes. Visitantes internacionais sempre expressaram surpresa com o alto número de pessoas alfabetizadas entre os homens tailandeses. Ao mesmo tempo, é interessante como elogiavam a perspicácia superior e a capacidade de trabalho das mulheres. Os garotos ajudavam nas tarefas do mosteiro e, com o contato pessoal diário com os monges e a participação na vida do *wat*¹¹, recebiam uma educação com fortes bases morais e espirituais. Esse sistema levava à criação de fortes laços entre o mosteiro e o vilarejo, e há quem diga

¹¹Termo em tailandês usado tanto para Templo quanto para Mosteiro Budista. Por todo o livro o termo será utilizado de forma alternada com os dois outros termos em português.

que a perda desse papel educacional, que passou a ser realizado pelo Estado, foi um duro golpe para a noção de propósito da Sangha do interior do país, do qual ela nunca se recuperaria totalmente.

Luang Pó tinha nove anos quando pediu permissão aos pais para deixar a família e ir viver no mosteiro do vilarejo. Era comum que os pais confiassem um filho ao cuidado dos monges, mas era raro que um garoto se voluntariasse. Muitos anos mais tarde, Luang Pó falou sobre essa decisão:

Bem, as causas e condições estavam lá. Quando garoto, eu tinha medo de realizar más ações. Sempre fui um menino franco. Eu era honesto e não mentia. Quando algo era compartilhado, eu tinha consideração, pegava menos do que o que correspondia a mim. Aquele instinto natural continuou amadurecendo até que um dia disse a mim mesmo: "Vou para mosteiro". Perguntei aos meus amigos se eles já haviam pensado em fazer isso, e eles disseram que não. A ideia surgiu naturalmente. Eu diria que foi fruto de ações passadas. Conforme o tempo passava, as qualidades saudáveis continuavam crescendo dentro de mim até o dia que me levaram a tomar a decisão e agir como agi.

Em outra ocasião, em um tom mais humorístico, Luang Pó contou a alguns discípulos leigos que se tornara um *dekawat* (garoto/ajudante do templo), porque estava cansado de irrigar as plantações de tabaco da família. Ele dizia que, quanto mais se rebelava contra suas tarefas, mais seus pais arrumavam coisas para ele fazer, com receio de que se tornasse um mau garoto. Como recorda uma de suas irmãs, um pequeno incidente precipitou a decisão:

"Ele ter ido morar no mosteiro não foi algo arranjado por nossos pais; foi ideia dele. Um dia ele estava ajudando os irmãos a pilar arroz, mas sem muita vontade. Então o pilão que usávamos para bater o arroz ficou frouxo, precisávamos calçá-lo e ele não ajudou. Enquanto estávamos inserindo o calço, um pedaço de madeira que usávamos como martelo escapou e o acertou em cheio. Deve ter doído, pois ele ficou bravo e gritou: 'Chega! Vou embora virar monge!' "

Seus pais o levaram ao mosteiro do vilarejo. Wat BahnKó ficava em um grande local arenoso sombreado por coqueiros, mangueiras e pés de tamarindo. Consistia em um salão principal, alojamentos dos monges e um salão de Uposatha cercado por água. Pó Mah e Mé Pim¹² confiaram o filho ao abade com um misto de tristeza e orgulho. Luang Pó era agora um *dekawat*. Porém, esse não foi o início de uma separação longa e dolorosa de seus pais: Luang Pó não havia entrado, de forma alguma, em um ambiente de reclusão e isolamento. Os limites entre o mosteiro e o mundo à sua volta não eram delimitados por muros, mas por uma cerca de bambu improvisada. De fato, o mosteiro era o centro da vida comunitária do vilarejo, e não um refúgio dela. De certa forma, ele entrou no mundo, ao invés de sair dele.

BREVE DESCRIÇÃO DE UM MOSTEIRO

Desde os primórdios da história do budismo, sempre houve aqueles que desejavam viver a vida monástica, mas se sentiam inaptos para suportar o rigor do regime itinerante da vida na floresta, que era a norma na primeira fase da carreira docente do Buddha. Ainda durante o tempo de vida do Buddha, começaram a surgir mosteiros nos limites das cidades e vilarejos. Isso era algo que muitos monges reprovavam, por acharem que esses mosteiros se localizavam muito próximos das

¹²Literalmente: 'Pai Mah e Mãe Pim'. Na época em que Luang Pó cresceu, os sobrenomes tinham sido apenas recentemente adotados na Tailândia. Geralmente as pessoas seriam chamadas pelo seu primeiro nome precedido pela honraria familiar.

influências corruptoras do mundo. Por outro lado, era inegável que esses mosteiros atendiam a uma demanda.

Conforme o budismo se espalhava pela Índia e para além dela, monges mais velhos ou com saúde frágil demais para a vida na floresta aumentavam o grupo de monges que escolhiam seguir uma vocação mais acadêmica. Ao mesmo tempo, a comunidade de leigos budistas desejava que a Sangha¹³ fosse uma presença mais próxima e tangível. Os monges de floresta eram muito respeitados por sua devoção, mas pareciam muito distantes. Os camponeses e moradores das cidades queriam ter monges por perto como exemplos e guias na sua vida diária; desejavam também que eles fossem mais ativos em cerimônias tradicionais e na vida social da comunidade. Com o passar do tempo, os monges urbanos assumiram um papel cada vez mais secular, o que os afastou de certa forma da ideia original do *bhikkhu*¹⁴, mas que foi indispensável na criação de uma sociedade que se considerava budista.

Em meados do século XIII, a cidade de Sukhothai, um dos antigos redutos do império Angkor no norte, tornou-se a sede do primeiro império independente da Tailândia. Naquela época, a antiga tradição Mon Theravada, dominante em Sukhothai, havia sido comprometida, e não enriquecida, pelo encontro com outras tradições. Para os tailandeses, dinâmicos e conquistadores, o budismo de Sukhothai apresentava sinais de fadiga e desgaste — uma nobre tradição que havia perdido o rumo. O rei Ramkhamhêng voltou-se então à linhagem de monges de floresta que chegou ao sul da Tailândia vinda do Sri Lanka — o então florescente centro do mundo Theravada — com o intuito de renovar a vida espiritual do seu reino.

Os monges de floresta eram proficientes tanto nas escrituras em páli, quanto nas práticas tradicionais de meditação. Eles tinham a pureza, a integridade e o frescor ideais para formar a base da vida religiosa de uma nação budista jovem e autoconfiante. O rei construiu um mosteiro para eles nas colinas a oeste da cidade e, em todos os dias de observância (Wan Phra),¹⁵ montava em seu elefante branco, encabeçando uma grande e esplendorosa procissão para tomar os preceitos e ouvir ensinamentos. Com o apoio do rei e de sua corte, o ideal do monge de floresta foi exaltado.

No entanto, com o passar dos séculos, o gradual declínio de Sukhothai e o crescimento e expansão do poder siamês ao sul, em Ayutthaya, os mosteiros das cidades e dos vilarejos tornaram-se prevalentes. Com a Sangha desempenhando um papel cada vez mais amplo e consolidado na sociedade, ela foi ficando cada vez mais institucionalizada. Dado o enorme prestígio da Sangha, era inevitável que o rei tentasse controlá-la. Foi estabelecido um sistema de administração em que aqueles que exerciam o poder eram escolhidos pelo rei. A vida monástica passou a ser, além de uma vocação, uma opção de carreira. Poder, riqueza, *status* e fama agora estavam disponíveis aos monges de carreira, e períodos de corrupção na Sangha se alternavam com irrupções de reforma. Nesse período, esperava-se que todos os rapazes tivessem uma experiência monástica temporária, e era compreensível que a maioria desses monges temporários preferissem ficar em um mosteiro mais

¹³ O termo Sangha (com “S” maiúsculo) é usado nesse livro de acordo com a convenção tradicional, isto é, em referência unicamente à ordem monástica.

¹⁴ O monge budista. Literalmente: “aquele que esmola por comida (*bhikkhā*)”.

¹⁵ “Wan Phra” pode ser traduzido literalmente como “dia santo” e pode ser comparado com o domingo cristão. Contudo ele não cai em um dia específico da semana. Ele é determinado pelo calendário lunar e cai nos dias de virada de lua (cheia, nova, quarto crescente e quarto minguante). Daqui para frente, esse livro seguirá a convenção estabelecida pela Sangha ocidental de Luang Pó Chah e se referirá a ele como “dia de observância”.

confortável e perto de casa do que em uma floresta distante e inóspita onde poderiam ser assombrados por espíritos, animais selvagens ou febres violentas.

Tudo isso contribuiu para marginalizar os monges de floresta. Antes muito preeminente, a Sangha de floresta passou a ter influência insignificante. Os monges de floresta eram vistos com desconfiança pelas autoridades, temidos e mitificados pelos camponeses e mais conhecidos pelos supostos poderes paranormais do que pela devoção ao sistema budista de treinamento da mente. Ao mesmo tempo, os mosteiros dos vilarejos tornaram-se intrinsecamente ligados à vida da população. Os mosteiros locais davam identidade ao vilarejo, uma certa conexão com as forças invisíveis do universo, um senso de continuidade em meio às constantes mudanças.

É provável que poucas das imagens que a palavra "mosteiro" suscita na mente de um ocidental estejam de acordo com a realidade de um mosteiro de vilarejo na Tailândia rural. Mais do que um local de residência de monges, o mosteiro era considerado propriedade de todos. O caminho em frente ao salão de Dhamma era uma via pública, e o mosteiro, utilizado por toda a vizinhança. Reuniões públicas importantes realizavam-se no salão de Dhamma, que também funcionava como albergue para viajantes de passagem e assim acabava por ser um centro de recepção e disseminação de notícias de outras regiões.

O mosteiro desempenhava um papel central na vida social do vilarejo. Era um local para os importantes festivais que pontuavam as duras atividades do ano. Como entretenimentos diários eram praticamente inexistentes, todos buscavam alegria e diversão nos animados *ngan wat*, os festivais do mosteiro. Algumas dessas festas tinham um significado especificamente budista, como, por exemplo, aquelas que marcavam o início e o final dos retiros das chuvas ou a comemoração do nascimento, iluminação e morte do Buddha. Outras, como a "Festa do Foguete", eram mais mundanas e animistas, lideradas por monges, com doações ofertadas a eles. No entanto, independente da ocasião, o *ngan* estaria incompleto sem os entretenimentos organizados dentro do mosteiro: performances de menestréis *mólam*, barraquinhas de doces e macarrão instantâneo, teatros de sombras, lutas de *muay thai* e fogos de artifício. Nessa ocasião, os limites rígidos dos habitantes dos vilarejos de Isan eram temporariamente relaxados, bebidas alcóolicas eram consumidas desenfreadamente e, no recinto do mosteiro, divertir-se era a ordem do dia.

Quanto aos monges, não eram uma elite hereditária. No budismo tailandês, desde longa data, ordenações temporárias têm sido a norma e constituem um rito de passagem para os homens jovens. Sempre foi fácil ingressar na ordem monástica e igualmente fácil largar o manto monástico. Desistir não gerava estigma: ao deixar o manto, um homem passaria a ser chamado de "*Tid*", um respeitável título derivado da palavra em sânscrito "*paṇḍita*" ou sábio. Na verdade, um homem que nunca tivesse sido monge era considerado imaturo e bem menos atrativo como potencial marido ou genro do que aquele que tivesse passado por um período como monge. Tradicionalmente, em um vilarejo, os jovens tornavam-se monges pelo período de três meses, durante o retiro das chuvas¹⁶ anual, mas às vezes eles permaneciam com o manto por dois ou três anos. O resultado disso era uma comunidade monástica fluida, na qual uma parcela flutuante de monásticos temporários convivia com um núcleo de monges de ordenação mais longa. Um dos grandes méritos desse sistema era que, como toda família tinha membros que eram ou já tinham sido monges, a conexão entre o vilarejo e o mosteiro era constantemente renovada.

Eram poucos os monges de ordenação monástica mais longa. Eles teriam nascido e crescido no vilarejo local, e assim tinham uma profunda empatia com os problemas diários da população local.

¹⁶ Ver Glossário

Participavam ativamente dos assuntos do vilarejo, às vezes, como líderes em projetos comunitários, como na construção de pontes, por exemplo, ou, quando necessário, como conselheiros imparciais ou árbitros em desavenças e disputas na comunidade laica. Historicamente, o *wat* era um centro de aprendizagem. Além da posição de destaque na Sangha, os monges também eram muito prestigiados como as pessoas com mais educação e conhecimento na comunidade. Eles aprendiam e transmitiam habilidades diversas como carpintaria, pintura, artes decorativas e fabricação de cerâmicas e tijolos. Alguns monges eram especialistas em ervas medicinais e alguns, astrólogos — a despeito da proibição pelo código de disciplina monástica (o Vinaya)¹⁷.

Idealmente, o mais importante papel do mosteiro era o religioso. Esperava-se que os monges incorporassem sempre que possível os ensinamentos do Buddha e que inspirassem, por meio de suas palavras e ações, valores morais e espirituais. Eles também eram chamados para realizar rituais tradicionais e para conduzir cerimônias. Eram convidados pelos moradores locais para recitar bênçãos e aspergir “água abençoada” durante casamentos, inaugurações de novas casas ou em tempos de doença ou má sorte. Quando alguém do vilarejo morria, eles eram convidados para entoar os muito abstratos e filosóficos versos *Mātikā*, ensinamentos que supostamente foram dados pelo Buddha à sua mãe em um dos reinos celestiais, depois da morte dela.

E talvez o mais importante, o mosteiro era um centro para fazer mérito, entendido pelos leigos budistas como a mais importante atividade religiosa. Mérito (*puñña*) refere-se à bondade como uma força para a felicidade presente e futura. Uma pessoa sábia faz mérito por atos de caridade, vida moral e pelo cultivo da paz e da sabedoria. Como resultado, ele ou ela levam uma vida bem-sucedida com contentamento e, depois da morte, renascem em um reino celestial de felicidade. Oferendas de alimento e suporte material para o mosteiro sempre foram as formas mais simples e populares de fazer mérito. Ainda que alguns monges em particular nem sempre fossem especialmente inspiradores para os leigos, eles sempre eram considerados nobres e poderosos pelo manto amarelo que vestiam e, portanto, aptos a atuar como "campos de mérito". Com a acumulação de méritos vista como o fator mais importante a afetar o bem-estar e a prosperidade no presente e no futuro, é fácil perceber porque os mosteiros exerciam um papel tão central na vida dos vilarejos.

O abade era geralmente a figura mais respeitável e poderosa do vilarejo, combinando prestígio pela idade, posição e sabedoria. Pouca coisa acontecia no vilarejo sem o seu conhecimento e nada significativo acontecia sem a sua aprovação. Pessoas poderiam consultá-lo sobre qualquer assunto, dos problemas do coração à compra de terrenos. O maravilhoso e sugestivo romance de Kampoon Boontawee, *Criança do Nordeste*, nos dá uma imagem memorável desse tipo de abade. O pequeno garoto Khun vai ao mosteiro pela primeira vez com seu pai para se encontrar com o velho abade, Luang Pó Ken, de quem ele tem um medo terrível. Eles chegam no momento em que o monge, de dentes enegrecidos e aparência fragilizada, conversa com um grupo de mulheres, com seu manto “puído e escurecido pelo tempo, o pano dobrado que cobre o seu ombro parecendo uma tira de pano atada ao tronco da antiga árvore Bodhi do quintal do mosteiro”. As mulheres traziam seus filhos doentes para serem abençoados.

"Ele curvou-se novamente à frente e soprou mais uma vez a cabeça do bebê com o rosto inchado. Então mergulhou o dedo indicador em um pequeno pote contendo algo negro. Cinco ou seis mulheres seguravam suas crianças no colo e ele gentilmente tocou as línguas dos bebês com o dedo escurecido. Então limpou o dedo, recostou-se na almofada e falou novamente com uma voz que soava grave: 'Vocês vêm até mim por qualquer coisa. Mesmo

¹⁷ Os dois termos serão utilizados de forma alternada no livro. Ver Glossário

caxumba!' E balançava a cabeça lentamente. 'Todos aqueles que querem se tornar monges vêm até mim, isso eu até entendo, mas vem também todo mundo quando o bebê está doente, construindo uma casa nova ou se quer se casar. Todo mundo que quer dar um nome a uma criança ou que está com conjuntivite — todos vêm me procurar. Vocês deveriam refletir. Se eu morrer, quem irá cuidar então de todas essas coisas? Esse ano vou fazer oitenta e cinco anos.' Ele tornou a ficar em silêncio por um instante, enquanto olhava para os bebês, então riu tranquilamente para si mesmo, 'Está bem... está bem.' "

Luang Pó passou quatro anos como *dekWat*. Durante esse período, aprendeu a ler e escrever, ajudou a varrer e limpar o mosteiro, servia aos monges e assim gradualmente absorveu pouco a pouco o ambiente e o sabor dos ensinamentos budistas básicos. Suas tarefas não eram pesadas e sobrava bastante tempo para se divertir com seus colegas *dekWats*. Havia sempre vários deles, já que era costume dos pais, já cansados, enviarem seus filhos intratáveis ao mosteiro para que se curassem da indisciplina. Órfãos, se não havia nenhum parente para cuidar deles, podiam sempre encontrar um refúgio junto aos monges. Além de aceitar garotos por motivos espirituais, o mosteiro também era um centro local de assistência social.

NOVIÇO SAPO-BOI

Na disciplina monástica, consta que um aspirante deve ter ao menos vinte anos de idade antes de se tornar um monge, mas que um garoto “grande o suficiente para assustar corvos” pode se tornar um noviço. Luang Pó recebeu ordenação como noviço em março de 1931. Ele tinha treze anos e já poderia até ter espantado um falcão peregrino. Quando noviço, por ser robusto, ter uma barriga saliente e uma voz ressonante, ganhou o apelido de “*Eung*” ou “Sapo boi”. A vida seguia do mesmo modo, quase tão relaxada quanto quando ele era apenas um garoto de templo, embora vestir o manto lhe desse mais prestígio e aumentasse as expectativas: ao menos em frente aos leigos, era esperado dele uma postura mais contida. Isso nem sempre era assim tão fácil. Um de seus colegas noviços recorda:

"De vez em quando, apareciam convites para recitar cânticos na casa de alguém, e ele desandava a dar risadas no meio da recitação. Tão logo ele começava, estava feito — não conseguíamos nos segurar e desandávamos todos a rir. Às vezes ele disparava a rir durante a refeição. Ele estava sempre achando alguma coisa engraçada."

Todo dia, Luang Pó passava o tempo andando para lá e para cá à sombra, memorizando os vários cânticos em páli: os cânticos diários matinais e vespertinos, as bênçãos das refeições, versos auspiciosos entoados em inaugurações de casas e em casamentos, cânticos fúnebres e reflexões sobre o Dhamma:

Adhuvam jīvitam; dhuvam maraṇam; avassam mayā maritabbam.

A vida é incerta; a morte é certa; eu também morrerei.

Ele também completou o primeiro dos três níveis dos exames de Dhamma *Nak Tam*. Nele estavam incluídas histórias da vida do Buddha e seus ensinamentos, o código de disciplina monástica, a história do budismo e provida uma sólida base dos principais ensinamentos. Em outros momentos, cuidar do jardim e ajudar em projetos de construção serviam para aliviar o excesso de energia do adolescente.

DE VOLTA AO MUNDO

Durante seus anos como noviço, o professor e mentor de Luang Pó era um monge chamado Ajahn Lang. De acordo com a relação de reciprocidade estabelecida nos textos do Vinaya, Ajahn Lang supervisionava os estudos de Luang Pó e, em contrapartida, Luang Pó atuava como seu assistente pessoal. De vez em quando, Ajahn Lang gentilmente acompanhava Luang Pó nas visitas noturnas à família dele — era proibido que um noviço fosse sozinho. Ele parecia mesmo gostar mais dessas visitas do que o próprio Luang Pó, irradiando confiança e encantando a família, algo que o jovem noviço deve ter achado um pouco excêntrico.

Estimuladas por Ajahn Lang, essas visitas tornaram-se cada vez mais frequentes e demoradas. Às vezes, já era tarde da noite antes que os dois retornassem ao mosteiro, acompanhados pelos latidos dos cachorros do vilarejo, perturbados por seus passos. Um dia, Ajahn Lang confidenciou a Luang Pó que tinha decidido deixar o manto e sugeriu que seu discípulo fizesse o mesmo. Confuso, Luang Pó concordou. Ele já estava morando no mosteiro há sete anos e, na perigosa e insegura idade de dezesseis anos, um pequeno empurrão foi o suficiente. Alguns dias após ambos largarem a vida monástica, os pais de Luang Pó receberam a visita dos parentes mais velhos do ex-Ajahn Lang para conversar sobre um pedido de casamento. O apaixonado admirador de Sah, irmã de Luang Pó, certo de ser correspondido, estava finalmente livre para declarar seu amor.

Luang Pó foi trabalhar nas terras da família. Como era esperado, a novidade do suor e da lama passou rápido e, ainda que tenha se dedicado à rotina do cultivo do arroz com um entusiasmo elogiado pela família, tudo indica que ele carregava em silêncio dentro de si, uma sensação de ter perdido algo, uma insatisfação. Não era uma emoção avassaladora — ele era um jovem otimista e vigoroso — mas era uma constante e discreta sombra difícil de ser ignorada. Por enquanto, Luang Pó estava satisfeito em se divertir como as demais pessoas. Junto com um pequeno grupo de amigos, passeava pelos *ngan wat* nos vilarejos vizinhos, onde eles podiam desfrutar de todos os prazeres normais dos jovens, incluindo flertar com as moças do lugar.

Naquela época, os notáveis poderes de resiliência de Luang Pó começavam a se manifestar, ainda que em assuntos muito mundanos. Ele e seus amigos podiam caminhar cerca de quinze quilômetros até um *ngan wat* e então, tarde da noite, refazer todo o percurso de volta. Alguns dos jovens do grupo, os que costumavam beber um pouco mais, queriam parar e dormir debaixo de uma árvore em algum canto no caminho, mas Luang Pó — seus velhos companheiros recordariam anos mais tarde -- sempre insistia em fazer todo o caminho de uma só vez.

Ele tinha, contudo, suas fraquezas. Mesmo aparentando confiança e autossuficiência, Luang Pó tinha um profundo medo de fantasmas. Poderia trabalhar o dia inteiro e depois caminhar por toda a noite se quisesse, mas não por uma floresta cheia de espíritos sozinho. A casa de Luang Pó era separada da casa de seu melhor amigo Phut por uma floresta com fama de mal-assombrada. Se eles chegassem tarde da noite, Luang Pó preferiria dormir na casa de seu amigo do que voltar para a sua sozinho.

AMOR ENTRE JOVENS

E então Luang Pó apaixonou-se por Jai, irmã adotiva de Phut. Ele começou a passar cada vez mais e mais tempo na casa de Phut, cortejando a garota. Os costumes daquela época determinavam que jovens casais jamais ficassem sozinhos, e contato físico de qualquer espécie era tabu. O jovem rapaz deveria se encontrar com a menina na casa da família dela, na varanda do andar de cima, onde ela estaria sentada de maneira recatada, no começo da noite. Os pais de Jai pareciam bem satisfeitos

com o futuro pretendente: Luang Pó era um amigo da família, de boa índole, honesto e trabalhador. E talvez o mais importante: sua família era abastada o suficiente para oferecer um bom “dote de noiva”¹⁸.

Uma noite, o jovem casal traçou um plano: casariam-se assim que Luang Pó cumprisse o serviço militar e passasse um retiro das chuvas como monge, para fazer mérito para seus pais, como determinava a tradição. Naquela época Luang Pó tinha dezoito anos, e Jai, dezessete. Seriam mais quatro anos até que eles pudessem finalmente andar de mãos dadas.

Com a proximidade da temporada de chuvas, todas as famílias estavam ocupadas com a preparação dos arados, rastelos, enxadas, arreios, redes de pesca e machados para os próximos trabalhos no arrozal. Luang Pó tinha acabado de levar um monte de ferramentas para a pequena cabana erguida sobre palafitas no meio do campo. Podemos imaginar a cena: um céu opressivamente nublado e úmido; abaixo dele, um atarracado jovem com uma marcante boca larga, sem camisa, com um pano amarrado na cintura, chacoalhando no assento desconfortável de uma charrete puxada por búfalos, enquanto ela cruza os caminhos irregulares entre o verde vibrante dos arrozais. Ele está prestes a receber notícias devastadoras. Luang Pó relatou essa história muitos anos mais tarde:

Quando tinha dezoito anos gostava de uma garota. Ela também gostava de mim e, como essas coisas acontecem, acabei me apaixonando. Queria me casar com ela. Sonhava acordado em tê-la ao meu lado, me ajudando no campo, ganhando o sustento juntos. Então, um dia, no meu caminho do trabalho para casa, encontrei meu melhor amigo, Phut, na estrada. Ele disse: “Chah, tomarei a moça”. Quando ouvi essas palavras fiquei completamente passado. Fiquei em estado de choque por horas a fio. Lembrei da previsão de um astrólogo, de que não teria esposa, mas teria muitos filhos. Naquela época, imaginava como poderia isso ser possível.

Usando a inquestionável prerrogativa que os pais de sua época e cultura possuíam, o pai e a madrastra de Phut decidiram simplesmente que os dois meios-irmãos deveriam se casar; não havia mais nada a dizer. Os motivos eram pragmáticos, financeiros. Se Phut se casasse com Jai, a família economizaria o valor do dote de noiva que não tinham como arcar quando chegasse a época de Phut se casar. Eles tinham recém adquirido um terreno em um local um pouco distante do vilarejo que não poderia ficar improdutivo, sem que ninguém tomasse conta. O jovem casal se mudaria para lá e trabalhariam a terra juntos.

Desolado, Luang Pó não teve escolha, a não ser se resignar com a situação. Não fazia sentido ficar bravo com Phut. Seu amigo não havia conspirado nas suas costas e também estava extremamente chateado com toda a situação. Mas esse profundo desapontamento foi uma lição dolorosa e clara acerca das incertezas que atormentam as relações humanas.

Luang Pó não desistiu da amizade com Phut, que duraria até o fim de sua vida. Mas, quanto a Jai, ele tinha que ser mais cauteloso: não podia forçar que seus sentimentos por ela desaparecessem simplesmente por um ato de vontade. Quando era um jovem monge, caso visse Jai no mosteiro, fazia de tudo para evitar um encontro que pudesse trazer à tona emoções difíceis. Luang Pó admitiu que nos primeiros sete anos de vida monástica, foi impossível abandonar completamente os pensamentos sobre essa jovem mulher. Na fase inicial de sua vida monástica, Luang Pó, como um grande número de jovens monges através dos tempos, deve ter sido perturbado por fantasias de

¹⁸ Ao contrário da maioria das culturas, na Tailândia os presentes vão da família do noivo para a família da noiva, e não vice-versa.

cenários tentadores e finais felizes milagrosos que, considerados friamente, ele realmente não desejava. Foi só quando ele finalmente deixou o ambiente familiar, e pela prática de meditação adquiriu um método de pacificar os pensamentos e vê-los em perspectiva, que essas fantasias perderam a força.

Nos seus últimos anos como abade de Wat Pah Pong, descrevendo os obstáculos dos desejos sensuais para os monges, ele frequentemente comentava sobre a dívida de gratidão que tinha com Phut, “Se ele não tivesse se casado com Jai, eu provavelmente não estaria aqui hoje”. Talvez isso esteja correto, mas, ao mesmo tempo, parece correto dizer que se ele não tivesse encontrado esse impedimento específico para um casamento convencional, algum outro certamente apareceria. Em uma palestra gravada décadas depois, Luang Pó revelou:

Eu estava infeliz. Não queria morar com meus pais. Quanto mais pensava nisso, mais infeliz ficava. Só pensava o tempo todo em ir embora, mas não tinha ideia para onde ir. Me senti assim durante alguns anos. Estava infeliz, mas não com nada em especial. Só queria ir para algum lugar e ficar sozinho. Esses eram os sentimentos que tinha antes de me tornar um monge. Não estava sempre plenamente consciente deles, mas eram sempre os mesmos pensamentos, o tempo todo.

Luang Pó mencionou apenas dois outros incidentes envolvendo sua relação com o sexo oposto. No primeiro, um ex-monge, de quem Luang Pó tinha sido amigo quando era um noviço, morreu jovem e Luang Pó ajudou a família em luto durante os dias do funeral. Na noite da cremação, depois que os últimos convidados retornaram para suas casas, Luang Pó, como um amigo próximo da família, preocupou-se que a viúva e as crianças se sentissem sozinhos e desolados caso ele fosse embora. Ele se ofereceu para passar algumas noites, fazendo-lhes companhia durante o luto. Na segunda noite, Luang Pó percebeu que a dona da casa saiu de seu quarto e deitou-se ao seu lado. Ela pegou sua mão e começou a guiá-la por seu corpo. Luang Pó fingiu estar dormindo. Ao não encontrar reciprocidade, a mulher levantou-se e retornou em silêncio a seu quarto.

Anos depois, Luang Pó admitiu que o desejo sexual foi um obstáculo que ele teve enorme dificuldade para superar. Mas ali, em uma situação que reunia todos os elementos de fantasias adolescentes, e na época em que estava livre do voto de celibato, ele foi extraordinariamente comido. Talvez as razões tenham sido o medo ou a falta de atração física, mas, observando suas batalhas mais à frente, é mais provável que pudor e respeito pelo falecido amigo tenham superado sua volúpia.

Não era raro jovens tailandeses da geração de Luang Pó terminarem a noite com uma visita a um bordel. Era até bastante natural que seu segundo e último encontro íntimo com uma mulher tenha ocorrido nesse tipo de estabelecimento, num beco da cidade de Warin. O incidente ocorreu pouco antes de Luang Pó tornar-se monge, quando seus amigos o persuadiram que, antes de renunciar aos prazeres da carne, ele deveria ao menos ter uma amostra desses prazeres. Por fim, não aconteceu nada. Quando já estava sozinho com a jovem mulher que tinha escolhido para ajudá-lo a perder sua virgindade, Luang Pó não pôde evitar perceber, através da grossa camada de maquiagem, os danos causados pela acne na pele dela. Surgiu nele um nojo incontável. Levantou-se abruptamente e a próxima coisa que se lembra era estar em pé, em frente a uma barraquinha de comida de rua, com uma tigela de macarrão instantâneo nas mãos.

Se foi um fiasco, então foi o mais apropriado, e até um tanto cômico, prevendo as dificuldades dos anos vindouros. Como um jovem monge de vilarejo, o único desejo que poderia se comparar ao intenso desejo sexual de Luang Pó era a ânsia por macarrão instantâneo chinês — uma ânsia tão forte que, em mais de uma ocasião, o levou a sair sorrateiramente do mosteiro até o seu vendedor favorito.

ORDENAÇÃO

Até agora, fica evidente que há uma escassez de informações biográficas verificáveis sobre a juventude de Luang Pó. A extensão completa do que se sabe sobre os primeiros anos de sua vida foi reunida a partir de um pequeno número de recordações de velhos amigos e familiares, conversas particulares lembradas por seu discípulo próximo, Ajahn Jan, e algumas passagens extraídas de suas palestras de Dhamma. O resto permanecerá sempre opaco, especialmente os sinais da evolução de sua vida interior.

O que se sabe é que no momento que Luang Pó descobriu que não seria convocado para o serviço militar e, por isso estava livre para tomar a ordenação, sua visão sobre a vida monástica tinha mudado. Ele já não mais considerava isso simplesmente em termos de fazer mérito para seus pais, como uma expressão de gratidão a eles. Mesmo que isso fosse certamente um objetivo admirável, ele via agora que a vida como monge poderia ajudá-lo a solucionar a falta de paz e significado em sua vida. O mundo era um lugar vazio e tedioso, cheio de vicissitudes; talvez a vida monástica pudesse levá-lo a algo melhor. Ele decidiu tornar-se monge por tempo indeterminado. Seus pais ficaram felizes. Eles tinham filhos suficientes para ajudá-los com o trabalho da fazenda, e era auspicioso ter um filho monge. A cerimônia de Ordenação (*Upasampadā*) foi realizada no dia vinte seis de abril de 1939, no Wat Kó Nai, o mosteiro local para ordenações, em uma tarde quente e reluzente. Phra Khru Indarasāraguṇa foi o preceptor de Luang Pó e lhe deu o nome monástico de “Subhaddo”, que significa “completamente desenvolvido”.

Luang Pó passou os primeiros dois anos de sua vida como monge em Wat Bahn Kó, o mosteiro onde tinha sido noviço, estudando os ensinamentos e preparando-se para realizar novamente o primeiro nível do exame Nak Tam¹⁹.

Quando eu me tornei um monge pela primeira vez, não me treinei, mas tinha fé — talvez eu tenha nascido com ela, não sei. Ao final do retiro das chuvas, todos os monges e noviços que se juntaram à Sangha comigo largaram a vida monástica. Eu pensei: “O que há de errado com eles?” Mas eu não me atrevia a dizer nada, pois ainda não confiava em meus sentimentos. Meus amigos estavam animados ao partir, mas para mim eles pareciam tolos. Pensei sobre como era difícil entrar na Sangha e como era fácil abandoná-la. Pensava sobre a falta de méritos que eles deveriam ter para achar que o caminho mundano era mais benéfico do que o caminho do Dhamma. Era assim que eu via aquilo; mas não disse nada. Guardei meus pensamentos para mim mesmo.

Assisti meus colegas monges e noviços virem e irem. Às vezes, antes de deixar o manto monástico, eles vestiam suas roupas de leigo e desfilavam para cima e para baixo. Achava que eles eram completamente loucos. Mas eles achavam que estavam bonitos, que aquelas roupas estavam na moda, e eles falavam sobre as coisas que iriam fazer depois de voltar à vida laica. Eu não me atrevia a dizer a eles que estavam fazendo tudo errado, pois não sabia o quanto duraria minha própria fé.

Depois que meus amigos deixaram de ser monges, fiquei resignado. “Você está por sua conta agora”, disse para mim mesmo. Puxei minha cópia do Pāṭimokkha²⁰ e comecei a memorizá-

¹⁹ Embora Luang Pó já tivesse prestado esse nível do exame quando era noviço, era de costume prestá-lo novamente quando plenamente ordenado monge.

²⁰ As 227 regras de treinamento dos monges budistas na língua original, páli.

lo. Era mais fácil do que antes, sem ninguém me distraíndo ou fazendo brincadeiras. Eu era capaz de me concentrar nele completamente. Não disse nada, mas resolvi que daquele dia em diante até o final de minha vida, mesmo que fosse aos setenta anos, oitenta ou quantos anos fossem, tentaria praticar²¹ sempre em contentamento, sem permitir que meus esforços relaxassem ou minha fé enfraquecesse, seria consistente. Isso é uma coisa extrema a ser feita e eu não ousei dizer a mais ninguém. As pessoas vinham e iam e eu não dizia nada. Apenas assistia impassível. Mas na minha mente, pensava: “Eles não veem com clareza.”

Luang Pó, porém, teve seus próprios problemas naqueles dias iniciais: a comida tornou-se uma obsessão.

Praticar o Dhamma não é nada fácil. Você sofre. O primeiro e o segundo anos são especialmente difíceis. Os jovens monges e os pequenos noviços realmente passam maus bocados. Eu mesmo sofri muito. É difícil se você tem problema com comida. Me tornei monge aos vinte anos. Essa é a idade — quem pode negar? — na qual você realmente gosta de comer e de dormir. Às vezes, apenas ficava sentado ali quieto, sonhando com as coisas que gostaria de comer: bananas “*tan*” amassadas, salada de mamão verde, todo tipo de coisas! A saliva fluía como um rio em minha boca.

Depois de prestar o exame, Luang Pó decidiu partir em busca de uma atmosfera mais acadêmica que aquela que o seu mosteiro local podia lhe oferecer. Em 1941, ele residiu no Wat Suansawan, cerca de cinquenta quilômetros ao leste de Bahn Kó, e continuou seus estudos no Wat Po Tak, que ficava ali perto.

Eram tempos de guerra. A Tailândia, pelo menos oficialmente, era aliada do Japão, e Ubon tinha sido recentemente bombardeada pelos franceses. Havia pouco suprimento de comida e outros requisitos diários em Wat Po Tak, onde a comunidade monástica era grande. Luang Pó podia aguentar essas condições, mas estava desapontado com o padrão de ensinamentos de lá e, depois de apenas um único retiro das chuvas, ele partiu com um companheiro para um distrito vizinho, a fim de continuar seus estudos no Wat Bahn Nong Lak. Ele ouviu muitos monges elogiarem as habilidades do abade desse mosteiro como professor e pensou que valia a pena. No entanto, quando seu amigo achou que o verão quente e a escassa comida do mosteiro eram condições muito duras de lidar, Luang Pó concordou em se mudar com ele para outro mosteiro em uma cidade próxima. Lá estudou para o segundo nível do exame Nak Tam e começou os estudos da árida gramática páli. Depois de passar no exame em 1943, Luang Pó retornou a Wat Bahn Nong Lak.

Foi um ano em que ele concentrou todas as suas energias em estudar para o terceiro e último nível do exame Nak Tam e seguir com seus estudos de gramática páli. Pela primeira vez, Luang Pó havia encontrado um professor talentoso que o inspirou com confiança e respeito, e seus estudos progrediram de forma suave.

Próximo ao final daquele ano, Luang Pó recebeu notícias desanimadoras: seu pai estava seriamente doente. Os exames de Luang Pó estavam muito próximos e se ele fosse para casa naquele momento, o trabalho de todo um ano seria perdido. Deveria ele arriscar e realizar os exames antes de ir para casa? Não havia escolha: ele tinha apenas um pai, e os exames poderiam esperar por mais um ano. Voltou para casa o mais rápido que pôde e encontrou seu pai em franca decadência.

²¹ Seguindo o uso tailandês do termo “*patipad*” como exemplificado aqui, os termos “prática” e “praticar” serão usados no livro como uma síntese de “cultivar o nobre caminho óctuplo”.

Pó Mah, pai de Luang Pó, estava orgulhoso de ter um filho monge e sempre que Luang Pó o visitava, o encorajava em seus esforços e fazia um pedido: "Por favor, venerável senhor, não abandone a vida monástica. Eu o convido a permanecer como monge indefinidamente."

Essa é uma tradução deliberadamente literal. É difícil transmitir para o português o tom de uma conversa entre um monge tailandês e seus pais. A devoção filial é imensamente enfatizada na cultura tailandesa, e a relação entre pais e filhos é geralmente próxima e calorosa. Mas quando um filho se torna monge, a forma de eles se relacionarem muda radical e instantaneamente. Os pais agora são leigos. Eles tomam um assento mais baixo, em uma distância respeitosa. Eles usam os honoríficos monásticos quando se referem aos filhos e pronomes pessoais de humildade quando se referem a si mesmos. Para um observador de outra cultura, essa formalidade pode, a princípio, parecer muito estranha e talvez nada natural. Mas para a própria família, trata-se apenas de uma convenção aceita. A formalidade da fala ajuda todos a se lembrarem que, embora a identidade do filho como monge não tenha apagado a identidade dele como membro da família, ela o transformou.

Agora enquanto estava enfraquecido e encolhido no leito de morte, Pó Mah fez um último pedido: "Você fez a escolha certa. Não a mude. A vida laica é repleta de todo tipo de sofrimento e dificuldade. Não existe paz verdadeira ou contentamento nela. Siga como monge."

Em ocasiões anteriores, Luang Pó sempre mantinha silêncio, sua cabeça suavemente curvada, demonstrando respeito, mas com uma certa resistência em fazer esse compromisso. Dessa vez, porém, ele respondeu: "Não, eu não vou voltar à vida laica. Por que faria isso?".

O rosto de seu pai relaxou em uma expressão calorosa, com um sorriso de contentamento, e então mergulhou no sono.

Quando Pó Mah descobriu que os exames de Luang Pó seriam realizados em breve, insistiu para que ele retornasse ao mosteiro, mas esse pedido foi recusado. Em vez disso, Luang Pó cuidou de seu pai pelos mais de treze dias e noites que lhe restaram. Era dezembro, quando os dias têm uma atmosfera cansada e opaca, e um vento frio, que vem da China, sopra através de Isan; quando a primeira coisa que todos fazem pela manhã é acender fogueiras fora de casa para se aquecerem; e *pipas-berimbau*²², ancoradas no chão, sobem alto no céu, balbuciando um melancólico "tuytuy tuytuy" noite adentro. Um dia, ao final daquele ano, a vida de Pó Mah chegava ao fim.

UMA RESOLUÇÃO SOLENE

No período que seguiu à morte de seu pai, a vida monástica de Luang Pó começou a tomar uma nova direção. É quase certo que a mudança foi precipitada por essa perda. Tendo, por alguns anos, mergulhado nos textos budistas, analisando a condição humana em termos gerais, ele ficou face a face com a mortalidade no nível mais pessoal. O corpo humano era um mero conglomerado de elementos de dureza, fluidez, calor e vibração; a inevitabilidade do envelhecimento, da doença, da morte e da separação de tudo aquilo que amamos — características proeminentes de passagens aprendidas por memorização no mosteiro — devem ter adquirido um significado muito mais profundo para ele. Ver seu próprio pai em sofrimento antes da morte, ajudar a colocar seu corpo

²² Nos vilarejos de Isan, é comum "empinar pipas" no inverno, quando venta mais. Essas pipas têm uma espécie de lingueta de bambu presa a elas, parecida com a lingueta que existe em um "berimbau de boca". Uma vez no céu, essas pipas são atadas para ficarem voando de noite e quando o vento bate nessa lingueta de bambu, ela reproduz um som característico de berimbau que pode ser ouvido de longe.

sem vida no caixão, vê-lo queimar na pira funerária, juntar os ossos que restaram nas cinzas da cremação — tudo deve ter causado uma profunda impressão no jovem monge.

Vários anos depois, Luang Pó contou que quando retornou a Wat Bahn Nong Lak, depois do funeral de seu pai, tomou uma solene resolução:

Dedico meu corpo e mente, toda a minha vida, à prática dos ensinamentos do Buddha em sua totalidade. Vou realizar a verdade nessa vida... Vou deixar tudo para trás e seguir os ensinamentos. Não importa quanto sofrimento e dificuldade eu tenha que aguentar, vou me manter firme, senão, jamais saberei com certeza. Vou levar essa vida sempre como se fosse apenas um único dia e uma única noite. Vou abandonar apegos à mente e ao corpo e vou seguir os ensinamentos do Buddha até que eu conheça a verdade por mim mesmo.

Por causa disso, Luang Pó começou a praticar meditação mais seriamente. Mas não sem dificuldades.

Meu primeiro ano de meditação não deu em nada. Minha mente estava inundada por pensamentos sobre coisas que eu queria comer. Era realmente desanimador. Às vezes, durante uma sessão de meditação, era como se estivesse realmente comendo uma banana. Podia senti-la em minha boca... As impurezas têm estado na mente por muitas existências. Quando você tenta discipliná-la, pode esperar uma luta.

Foi durante o ano de 1944 que a mãe de Luang Pó, Mé Pim, teve um sonho vívido no qual dois de seus dentes caíram. Ela recordou mais tarde que, em seu sonho, a consternação imediata pela perda dos dentes foi rapidamente interrompida por uma voz que disse: “Não se importe. Não se preocupe com esses dentes; eles serão substituídos por dentes de ouro”. Ela acordou e instintivamente levou a mão à boca. Alguns dias depois, ao pé da escadaria que levava à sua casa, ela descobriu uma muda de árvore crescendo numa velocidade extraordinária. Era uma árvore Bodhi, a mesma espécie sob a qual o Buddha atingiu a iluminação. Quando ela se dirigiu ao abade do mosteiro para pedir conselho sobre o assunto, ele disse que aquele era um sinal auspicioso. A coisa mais apropriada a fazer seria transplantar a árvore para o mosteiro. Ele disse que a aparição mágica de uma árvore Bodhi, em frente à casa de Mé Pim, significava que um grande ser apareceria em sua família.

Ao mesmo tempo que fazia suas incipientes tentativas de meditação, Luang Pó deu prosseguimento aos estudos de páli com uma missão honrosa — traduzir as histórias do *Dhammapada*²³ para o tailandês. Ele não pôde deixar de perceber a disparidade entre a própria vida e a dos monges na época do Buddha: eles vagavam pelas florestas “solitários, dispostos e firmes”, enquanto ele ficava debruçado em livros em uma sala de aula de um mosteiro. Tendo tomado a decisão de dedicar sua vida à ordem monástica, a questão diante dele era decidir precisamente de que maneira ele deveria viver aquela vida. Ele decidiu que a resposta era um novo começo, abandonar os estudos e devotar-se completamente ao “caminho da prática”, em outras palavras, tornar-se um monge de floresta. O passo seguinte era buscar orientação.

Naquela época, Isan ainda era pouco povoada e tomada por florestas. Havia poucas estradas e pouco tráfego. A única maneira de alguém ficar sabendo de algum bom professor era boca a boca, talvez por algum “*monge tudong*”²⁴ de passagem. Os mestres de floresta eram poucos, distantes entre si e apreciavam anonimato. Mesmo tendo sido um membro da Sangha por sete anos, a decisão de Luang

²³ O *Dhammapada* é uma coleção de ensinamentos do Buddha em forma de versos. As histórias contadas como pano de fundo de cada verso pretendiam revelar seu significado e foram compostas algum tempo depois da morte do Buddha.

²⁴ Trata-se de monges peregrinos que adotam diversas práticas ascéticas. O termo “*tudong*” será descrito com maiores detalhes na próxima seção

Pó de ficar com a meditação, de se tornar o que era conhecido como “monge de prática”, não foi assim tão simples e direta como se pode imaginar. Ele optou por voltar ao Wat Bahn Kó, enquanto decidia o passo seguinte.

Sucedeu então que Wat Pah Samsamram, um mosteiro de floresta estabelecido por discípulos de Luang Pu Man, que futuramente seria professor de Luang Pó, estava apenas a alguns quilômetros de distância de Bahn Kó, na divisa da cidade de Warin. Mas como se tratava de um mosteiro pertencente a uma linhagem monástica diferente, ele não o considerou uma opção naquele momento. Depois de uma visita, durante o verão, a outro mosteiro de floresta no distrito de Det Udom acabar em decepção, os nascentes planos de Luang Pó foram deixados para trás pelas chuvas. Ele passou aquele retiro das chuvas em Wat Bahn Kó, ajudando a ensinar os jovens monges e noviços no primeiro nível do curso Nak Tam. Seus alunos demonstravam pouco entusiasmo pelos estudos. Eles assistiam às aulas por mera formalidade, preguiçosos e desrespeitosos. Era a confirmação final da insatisfatoriedade da vida que ele havia levado por sete anos. Em dezembro, Luang Pó prestou o terceiro e último nível do exame Nak Tam e se preparou para uma nova fase, uma nova ordenação.

Assim como existe muito pouco material para fundamentar o início da vida de Luang Pó, também há uma frustrante falta de informações disponíveis sobre os próximos anos de sua vida, os mais importantes de sua formação. A cronologia completa dos eventos apresentados aqui, datando da partida de Luang Pó de Ubon no início de 1947 até o estabelecimento de Wat Pah Pong em meados de 1954, é mais uma tentativa, feita em grande parte como um trabalho de detetive e por inferência. Uma data, porém, pode ser assegurada como verdadeira e usada como âncora para todas as demais. Luang Pó mencionou uma vez o ano que passou o retiro das chuvas com seu professor, Luang Pu Kinari, como o ano em que o calendário lunar foi ajustado para sincronizar com o calendário solar pela adição de um mês a mais. Como esse evento ocorre apenas a cada três anos, só pode ter sido 1948.

III. O CAMINHO DA PRÁTICA

UMA NOVA ORDENAÇÃO

“*Tudong*” é uma palavra em tailandês derivada do páli “*dhutaṅga*”, que significa “desgastar” e é o nome dado às treze práticas ascéticas que o Buddha permitiu aos monges seguirem, a fim de intensificar os esforços para desgastar suas impurezas mentais. Na Tailândia, o termo ganhou um significado mais amplo. Monges que deixavam os seus mosteiros e perambulavam em áreas rurais, dormindo ao relento (geralmente praticando algumas das *dhutaṅga*) são chamados “monges tudong” e se diz que estão “em tudong”.

No início de 1947, acompanhado por um amigo, o Venerável Tawan, Luang Pó saiu em tudong — uma longa caminhada na direção oeste, rumo à região central da Tailândia. Os dois monges andavam descalços. Eles carregavam suas tigelas de ferro em uma sacola de pano pendurada em um ombro e

os *glots* (tendas guarda-chuva)²⁵ no outro. Eram raros os vilarejos nas redondezas e, além das áreas cultivadas que os cercavam — agora secas e fatigadas depois da colheita — os caminhos acidentados que eles seguiam estavam com o mato alto. Deve ter sido um duro batismo na vida de tudong de Luang Pó e de seu companheiro. Ainda que os dias pudessem estar quentes, as noites deveriam estar um tanto frias e a única refeição diária, austera.

O Buddha não queria que seus monges fossem eremitas autossuficientes. Ele estabeleceu um número de regras no código de disciplina monástica para assegurar que eles tivessem contato diário com a comunidade laica. Monges não podem cavar a terra, colher frutas de árvores, guardar comida de um dia para o outro ou cozinhar. Eles devem se alimentar apenas da comida que tenha sido diretamente oferecida em suas mãos, ou em sua tigela. O monge tudong faz sua mendicância diária por comida de manhã cedo, come tudo que quiser de sua tigela, de uma só vez, e abre mão do que tenha sobrado. Sendo assim, se quiser se alimentar — e ele geralmente terá um grande apetite depois de ter caminhado durante todo o dia anterior — ele deve se certificar de que passará a noite a uma distância relativamente curta de caminhada até um vilarejo.

Nas manhãs, enquanto Luang Pó e o venerável Tawan atravessavam os vilarejos sujos de Sisaket e Surin, camponeses apressavam-se alegremente em colocar comida em suas tigelas. Mas seriam, na maior parte, punhados de arroz grudento o que os monges recebiam, e raramente mais do que um pouco de um prato apimentado ou uma banana para acompanhar. Os camponeses eram pobres e, como estavam despreparados, tinham pouco à mão para oferecer aos magros e escurecidos monges que apareciam de repente vindos da floresta, caminhando vagarosamente entre suas casas, as cabeças baixas, quietos como fantasmas. Por um longo período, os dois monges se habituaram a comer uma grande porção de arroz grudento como refeição diária — o ardor seco na garganta e o peso de chumbo na barriga pelo menos adiavam a fome. Eles estabeleceram uma programação regular de caminhada que cobria vinte e cinco quilômetros por dia, geralmente andavam um atrás do outro, tentando aquietar os pensamentos rebeldes e teimosos que surgiam em suas mentes, enquanto caminhavam. À noite, procuravam um riacho para tomar banho, lavar os mantos encharcados de suor e, depois de instalar os *glots* sob uma árvore, passavam a noite praticando meditação.

O primeiro grande teste foi a conhecida Dong Phaya Yen, uma enorme e densa floresta que até poucos anos atrás praticamente isolava o platô de Isan do resto do país. A essa altura, mesmo que elefantes selvagens, tigres e javalis fossem raramente vistos nas trilhas de charretes que os dois monges caminhavam, mosquitos da malária eram uma ameaça constante: a instalação da linha ferroviária para Isan, há alguns anos, custou muitas vidas. Havia cobras venenosas em grande quantidade, principalmente *najas* e a pacífica, porém altamente venenosa, *krait* listrada. À noite, depois de instalar os *glots*, os dois monges recitavam versos de proteção. Sentados debaixo de uma árvore no escuro, qualquer barulho parecia significativo e ameaçador. Mesmo que os animais ferozes os deixassem em paz, eles sabiam que a picada de uma daquelas centopeias ou escorpiões escondidos sob as folhas secas, ao redor deles, poderia significar uma noite agonizante e de insônia.

Ao final, Luang Pó e o venerável Tawan saíram ilesos da floresta em direção aos arrozais de Saraburi. De lá, dirigiram-se ao norte, para a província de Lopburi, e então ao Wat Khao Wongkot — o mosteiro de Luang Pó Pao, um monge de floresta renomado por sua grande habilidade em meditação.

²⁵ O *glot* é um guarda-chuva feito à mão com um gancho na ponta, que é pendurado em uma corda amarrada entre duas árvores. Uma tela mosquiteiro é então encaixada sobre o guarda-chuva, criando uma espécie de tenda.

O destino deles acabou sendo uma colina rochosa e íngreme, cheia de cavernas, onde os monges residentes viviam em simples plataformas de madeira. Um modesto salão de Dhamma de madeira e uma cozinha aninhados entre as árvores acima deles eram os únicos sinais visíveis de que pessoas viviam ali, à medida que eles subiam por um caminho bem varrido rumo à colina. O estridente som das cigarras que lhes davam as boas vindas, ao invés de diminuir o silêncio, parecia de alguma forma ser a sua voz.

Mas o desapontamento esperava por eles. Foram informados por um monge residente que Luang Pó Pao havia falecido poucos meses antes de eles chegarem. Eles tiveram permissão para ficar por algum tempo para descansar da viagem e decidir qual seria o passo seguinte. Era a primeira vez que viviam em um mosteiro de floresta e logo perceberam que, mesmo sem um professor, havia muito o que aprender ali.

A definição básica de um "mosteiro de floresta" (mesmo, teoricamente, um completamente sem árvores) é que ele esteja a uma distância de quinhentos arcos de comprimento²⁶, aproximadamente um quilômetro, do vilarejo mais próximo. A relativa reclusão de um mosteiro de floresta tem a intenção de propiciar um ambiente no qual seus residentes possam viver de uma maneira parecida com a dos monges da época do Buddha, concentrando seus esforços no treinamento do corpo, da fala e da mente, que levam à iluminação. Para manter esse foco, os mosteiros tailandeses de floresta não dão ênfase aos estudos acadêmicos e restringem os contatos com a comunidade leiga local. A justificativa do mosteiro de floresta é que somente pela realização dos estágios de iluminação pelos monásticos é que a essência do budismo pode ser resguardada e autenticamente transmitida de uma geração a outra.

Foi precisamente em busca de um mosteiro como esse que Luang Pó veio de tão longe, e ele sentiu-se inspirado pela diligência e suave distanciamento demonstrados pelos monges de Wat Khao Wongkot. Luang Pó estava ávido para aprender sobre o caminho da prática que Luang Pó Pao tinha estabelecido, por estudar os ensinamentos que o mestre tinha escrito nas paredes das cavernas e por seguir seus estudos do Vinaya. Foi com essas considerações em mente que Luang Pó e o venerável Tawan solicitaram, e tiveram permissão, para passar seu primeiro retiro das chuvas como monges tudong em Wat Khao Wongkot.

Uma característica proeminente da prática de Luang Pó (e de seus ensinamentos em anos seguintes) era a ênfase na adesão à disciplina monástica. Sua frustração com a ignorância e a falta de interesse que seus colegas monges mostravam com relação ao Vinaya contribuíram significativamente para sua decisão de abandonar o sistema dos mosteiros de vilarejo. Durante um longo tempo ele ficou fascinado pelo estudo do Vinaya, mas foi apenas depois de ter partido em tudong que ele se sentiu livre para se aproximar dele como um código prático sobre como viver a vida monástica. Ele começou a se dedicar a um intenso exame dos dois mais detalhados textos disponíveis — o clássico manual do século V, *O Caminho da Purificação (Visuddhimagga)* e o comentário tailandês do século XIX, *Pubbasisikkhāvaṇṇanā*. Esses dois trabalhos, especialmente o segundo, confrontavam detalhes sutis (talvez ao exagero) das regras em uma prosa antiquada e desinteressante, que diminuía o entusiasmo de qualquer um, exceto o dos mais empolgados. Luang Pó estudou esses textos avidamente, de forma quase obsessiva.

²⁶ unidade de medida tailandesa

ENXERGANDO O PERIGO

Naquele ano de 1947, Wat Khao Wongkot também hospedou um monge sênior do Camboja, que deixou uma forte impressão em Luang Pó. Esse monge distinguia-se por ser proficiente tanto no estudo acadêmico da doutrina budista quanto na prática de meditação — uma destreza fora do comum na Tailândia, onde havia uma divisão lamentável de longa data entre monges acadêmicos e monges meditadores. Na maioria das vezes, os acadêmicos não meditavam e os meditadores não estudavam, consequentemente, nenhum grupo tinha o outro em alta estima. No entanto, esse monge (cujo nome completo não foi registrado, mas era conhecido apenas como Ajahn Khe) foi abençoado com uma memória notável para os detalhes da disciplina e para a profundidade dos discursos (suttas)²⁷. Ao mesmo tempo, ele adotou a vida de um monge tudong, se sentindo mais à vontade rodeado pelo natural silêncio das florestas, montanhas e cavernas.

Uma noite, durante o retiro, ocorreu um incidente que Luang Pó achou tão inspirador que, anos mais tarde, falaria muitas vezes sobre ele aos discípulos. Ajahn Khe gentilmente ofereceu-se para ajudar Luang Pó com o estudo do Vinaya. Tendo uma longa e proveitosa sessão em um fim de tarde, depois de tomar o banho diário no poço, Luang Pó subiu ao topo da colina para praticar meditação na encosta, onde batia um vento forte, mas agradável. Algum tempo depois das dez horas, estava praticando meditação andando quando ouviu um som de galhos quebrando e alguém ou alguma coisa movendo-se na direção dele na escuridão. A princípio ele achou que era um animal saindo para caçar seu jantar, mas à medida que o som se aproximava, ele distinguiu a figura de Ajahn Keh, emergindo da floresta.

Luang Pó: Ajahn, o que o trouxe até aqui, tão tarde da noite?

Ajahn Khe: Expliquei um ponto do Vinaya errado para você hoje.

Luang Pó: O senhor não precisaria ter todo esse trabalho só por isso. O senhor não tem nem uma lanterna para enxergar o caminho. Poderia ter esperado até amanhã.

Ajahn Khe: Não, não poderia. Suponha que, por algum motivo, eu fosse morrer essa noite. No futuro você ensinaria para outras pessoas o que ensinei a você. Seria mau kamma²⁸ para mim e para muitos outros.

Ajahn Khe explicou novamente o ponto com cuidado e, quando teve certeza de que ele havia sido claramente compreendido, partiu noite adentro. Luang Pó sempre notava nos textos a frase que descrevia um monge sincero como aquele que “enxerga o perigo na menor falta”. Enfim, havia encontrado alguém que realmente vivia de acordo com esse ideal, e não apenas falava a respeito; que sentia de verdade a proximidade da morte e era meticuloso a tal ponto, que se dispunha a arriscar escalar um caminho traiçoeiro em uma montanha no meio da noite. Essa foi uma lição forte e inesquecível.

Durante esse primeiro retiro dedicado à meditação, Luang Pó ainda estava inseguro sobre a prática mais adequada e experimentou várias técnicas meditativas diferentes. A certa altura, decidiu tentar usar um rosário, e se esforçou para fazer um para si mesmo, juntando as 108 sementes necessárias de um galho da árvore *tabék*, que mais cedo havia sido quebrado por macacos brincalhões. Frustrado pela ausência de um cordão para amarrar as contas, foi forçado a improvisar e passou os próximos três dias

²⁷ Os ensinamentos do Dhamma do Buddha como registrado no cânone páli. Nesse livro, esses dois termos são usados alternativamente

²⁸ Kamma: Ação volitiva do corpo, fala ou mente.

lançando as sementes, uma a uma, dentro de uma lata. Como já era de se esperar, não foi bem-sucedido e retornou à prática de sati na respiração.

Luang Pó ainda não achava fácil meditar, mas persistiu observando constantemente o que funcionava e o que não funcionava. Sua maior frustração era que sentia mais paz quando não estava meditando do que quando estava. Ele refletia repetidamente sobre o fato de que, quanto mais se esforçava na meditação, mais sua respiração se tornava difícil e menos sua mente se estabilizava. Parecia que a meditação tornava as coisas piores do que melhores. E então ele fez uma importante descoberta:

Minha determinação se transformou em apego. E por isso eu não obtinha resultados. As coisas tornaram-se um peso por causa da ganância que eu levava comigo para a prática.

FANTASMAS NA NOITE

O medo de Luang Pó de fantasmas não foi completamente substituído pela sua coragem crescente e, de vez em quando, ressurgia de forma alarmante. Ele geralmente o deixava sufocado, longe das vistas e dos pensamentos através da recitação de mantras de proteção e encantamentos todas as noites, antes de dormir. Certa noite, entretanto, depois de um período longo de meditação no alto da colina de Khao Wongkot, Luang Pó sentiu surgir uma confiança no poder de sua virtude, a ponto de ter coragem para abandonar as recitações. Em pouco tempo, ele se arrependeria dessa decisão.

A ideia da virtude como proteção é respeitada no mundo budista. É um conceito que se tornou um pilar dos ensinamentos de Luang Pó, especialmente para os leigos, e ajuda a explicar a grande ênfase que ele colocava em manter os preceitos. Era firme sua convicção de que, além do papel vital no desenvolvimento da paz e sabedoria, a conduta virtuosa sustentada a longo prazo tem um enorme poder intrínseco. Luang Pó experimentou um crescente senso de integridade e autorrespeito através dos esforços para manter o vasto número de observâncias monásticas rigorosamente. Mas até agora ainda não tinha ousado colocar à prova suas convicções sobre o poder protetivo dessa virtude. Ele acreditava no Buddha, no Dhamma e na Sangha como refúgios supremos, mas não podia negar o medo ainda existente de espíritos malévolos. Mas naquela noite fresca e calma, sentiu-se invencível, pronto para correr riscos.

No momento em que Luang Pó deitou-se para dormir, tomou consciência do ar turvo e apavorante em volta do seu glot. Uma presença maligna começou a se mover rapidamente sobre ele. Era como se estivesse à espreita, esperando que o jovem monge se esquecesse dos seus mantras. Por causa do orgulho, ele tinha se tornado sua caça. De repente, Luang Pó foi preso pelas costas, paralisado. Seja o que o estivesse esmagando, parecia transpirar uma maldade crua e primária: se deu conta que era um tipo de fantasma chamado de “pi am”. Lutava desesperadamente para respirar à medida que a pressão aumentava sobre seu peito. Por alguma razão, conseguiu manter seu autocontrole. Acalmou a sensação de pânico e mentalmente recitou a palavra “Buddho” várias vezes, com determinação. Nenhum outro pensamento poderia entrar em sua mente, e Luang Pó encontrou refúgio na recitação. O poder daquela força maligna era imenso. Mesmo contida, erguia amarga oposição. Eventualmente a pressão se enfraqueceu. Luang Pó pouco a pouco começou a recuperar os movimentos de seu corpo. Estava encerrado. Depois que o choque passou, veio uma onda de contentamento. Ele sobreviveu a uma provação, tão ruim como em seus piores pesadelos, somente por intermédio do poder de sua virtude e da meditação no Buddha. Ele agora podia abandonar seus mantras.

Esse incidente deu a Luang Pó a convicção intelectual no poder da virtude como um forte tônico emocional. Após isso, aumentou o cuidado e a atenção aos preceitos da disciplina monástica, restando-se até mesmo das mais pequenas faltas. Foi nesse momento que finalmente criou coragem para se desfazer de uma pequena quantia de dinheiro para emergência. Na Sangha tailandesa da época, somente os monges de floresta prestavam atenção à proibição do Buddha contra o recebimento e o uso de dinheiro. Luang Pó, mesmo tão rígido em outras áreas da disciplina monástica, hesitou em abandonar a rede de segurança que o dinheiro oferecia. Mas ali, em Wat Khao Wongkot, determinou que, a partir daquele momento, não haveria nenhuma transgressão dos preceitos, sob nenhuma circunstância.

Seus problemas com o desejo sexual eram mais difíceis de lidar. Um pouco antes da morte de seu pai, isso quase o levou a largar a vida monástica.

Uma vez considerei deixar de ser monge. Era monge há cinco ou seis anos naquele momento e pensei no Buddha: seis anos e ele estava iluminado. Mas a minha mente ainda estava ocupada com o mundo, queria retornar a ele. “Talvez eu devesse sair e contribuir para o mundo durante um pequeno período, e então saberei como é. Mesmo o Buddha teve um filho. Talvez entrar na vida monástica sem nenhuma experiência mundana seja muito extremo.” Continuei a refletir sobre isso até que surgiu o entendimento: “Sim, é uma boa ideia, mas a coisa preocupante é que este ‘Buddha’ não é igual àquele outro”. Algo em mim resistia. “Meu medo é de que este ‘Buddha’ vá se afogar no mundo e na lama.”

Em Wat Khao Wongkot, Luang Pó estava procurando maneiras para superar o desejo sexual. Ele acreditava que a restrição dos sentidos, e não ser condescendente com os pensamentos sexuais, poderiam causar o enfraquecimento do desejo sexual.

Não olhei para o rosto de uma mulher durante todo o retiro das chuvas. Me permitia conversar com mulheres, mas não olhar o rosto delas. Mas meus olhos se esforçavam para olhar para cima — queriam tanto olhar que quase morri! No fim do retiro, fui esmolar alimentos na cidade de Lopburi. Três meses se passaram desde que olhei o rosto de uma mulher pela última vez e queria ver como é que seria. “As impurezas devem ter enfraquecido agora”, pensei. Logo que tomei essa decisão, olhei para uma mulher que se aproximava — Ohhh! Vestida de vermelho! Só uma olhadela e minhas pernas viraram geleia. Fiquei totalmente desencorajado. Quando iria estar livre das impurezas?

A contenção dos sentidos é certamente um elemento-chave da prática, mas não é suficiente por si própria. Orientando os monges, muitos anos depois, ele disse:

No início você deve manter distância das mulheres. Mas o verdadeiro abandono do desejo sexual vem somente pelo desenvolvimento da sabedoria que vê as coisas como elas são.

LUANG PU MAN

Foi durante o retiro das chuvas de Wat Khao Wongkot que Luang Pó ouviu, pela primeira vez, o nome do monge que se tornaria uma figura lendária na Tailândia, o mais venerado monge de sua geração. Hoje, nos altares das casas, lojas e escritórios em toda parte de Isan, uma fotografia de Luang Pu Man pode ser vista com frequência num lugar de honra, apenas abaixo daquela do Buddha. A mais comum dessas fotografias revela uma figura magra, vestida em sóbrios mantos de monge da floresta, de pé

numa quietude quase fantasmagórica, entre árvores assustadoras, com as mãos diante de si, irradiando uma contenção austera. Ele parece estar olhando através da câmera e direto no coração do espectador. É uma fotografia inspiradora, mas desconcertante. Ela desafia tudo que o observador toma como certeza.

As histórias e anedotas sobre Luang Pu Man, relatadas por seus alunos e contemporâneos, são surpreendentemente parecidas com os relatos dos grandes monges encontrados nas escrituras budistas. Embora uma certa quantidade de exagero possa ser encontrada em tais fontes, as similaridades não são fantasiosas. Luang Pu Man era um monge de floresta exemplar, tão devotado ao modo de vida ascético e de andarilho que, por um período aproximado de cinquenta anos, não passou dois retiros das chuvas consecutivos no mesmo mosteiro. Foi só no final da sua vida, quando não podia mais andar, que ele abandonou a ronda diária para a esmola de alimentos. Segundo todos os relatos, seus poderes psíquicos eram prodigiosos, e a agudeza e penetração dos seus poderes de reflexão, de tirar o fôlego. Para muitos budistas tailandeses, Luang Pu Man representa uma prova totalmente convincente de que a iluminação existe e é alcançável hoje em dia, em nossa época.

Os monges da floresta nunca estiveram ausentes da Tailândia, mas antes de Luang Pu Man estavam normalmente espalhados em pequenas e isoladas comunidades, e tinham pouca noção de serem parte de uma tradição mais ampla. Essas Sanghas tendiam a ser centralizadas ao redor de um professor carismático e raramente duravam muito tempo após sua morte. Não há registros para nos dizer quantos desses grupos se reuniram e se dispersaram nos últimos setecentos anos. Nunca saberemos quantos seres iluminados vieram e se foram. Nas palavras do próprio Buddha: “Como os pássaros que atravessam os céus, eles não deixam trilhas”.

Luang Pu Man, porém, viveu no início de uma época mais bem informada e conectada. Relatos de suas práticas e ensinamentos foram registrados em um grande número de livros. Muitos bons mosteiros de treinamento, que atraíam visitantes e peregrinos de todo o país, foram estabelecidos por seus discípulos por toda parte de Isan. Ele podia ser uma figura impenetrável para muitos, mas não permaneceu anônimo como os grandes monges de gerações anteriores sempre permanecerão. Os altos padrões mantidos por monges de sua linhagem, e a integridade e proeza de seus grandes discípulos, têm assegurado, mesmo hoje em dia, um respeito pelos monges de floresta que não existia no país desde o período Sukhothai. Não seria exagero dizer que a tradição da floresta tailandesa, como conhecemos, foi estabelecida praticamente sozinha por Luang Pu Man.

Durante a maior parte de sua vida, no entanto, Luang Pu Man foi relativamente desconhecido. Ao longo de sua vida monástica, fugiu da fama e do status como de uma doença contagiosa. Em 1928, quando estava em Wat Chedi Luang, um dos mais antigos e prestigiados mosteiros de Chiang Mai, recebeu uma carta das autoridades em Bangkok informando sobre sua nomeação como o novo abade do mosteiro. Pouco tempo depois, reuniu seus pertences e desapareceu nas montanhas. Passaram-se onze anos antes que ele fosse visto novamente na cidade.

Luang Pu Man poderia ser um professor feroz e exigente (na memorável frase de um discípulo sênior, uma de suas broncas poderia “murchar o seu fígado”), mas inspirava uma devoção silenciosa e intensa em todos que o rodeavam. Um leigo, cuja vida foi transformada pelo contato com Luang Pu Man, estava então vivendo em Khao Wongkot e foi ele quem falou do grande mestre para Luang Pó. Aparentemente, Luang Pu Man finalmente retornou a Isan depois de muitos anos de peregrinação solitária pelo norte do país, e um amplo grupo de monges reuniu-se ao redor dele nas montanhas Phu Phan, no nordeste de Isan. Monges da linhagem Māhānikāya também estavam recebendo ensinamentos. Os planos de Luang Pó para a estação fria começaram a tomar forma.

Ao final do retiro, Luang Pó, junto com três outros monges, um noviço e dois leigos, partiram numa longa caminhada de volta a Isan. Eles interromperam a viagem em Bahn Kó e, depois de descansar alguns dias, começaram os 240 km rumo ao norte. No décimo dia, chegaram à elegante estupa branca de That Phanom, um reverenciado local de peregrinação às margens do rio Mekong, e prestaram homenagem às relíquias do Buddha mantidas dentro dela. Continuaram sua caminhada em estágios, encontrando regularmente mosteiros de floresta ao longo do caminho para passar a noite. Mesmo assim, era uma árdua caminhada, e o noviço e um dos leigos pediram para voltar. O grupo consistia de apenas três monges e um leigo quando finalmente chegou em Wat Pah Nong Peu, lar de Luang Pu Man.

Enquanto entravam no monastério, Luang Pó foi imediatamente atingido pela tranquila e reclusa atmosfera. A área central, na qual ficava um pequeno salão de Dhamma de madeira, estava impecavelmente varrida, e os poucos monges que eles avistaram estavam cuidando de suas tarefas diárias silenciosamente, com uma graciosidade controlada e serena. Havia algo sobre esse mosteiro que não era parecido com nenhum outro onde ele esteve antes – o silêncio era estranhamente carregado e vibrante. Luang Pó e seus companheiros foram recebidos com gentileza e, depois de serem avisados sobre onde pendurar os glots, tiveram a bem-vinda oportunidade de se banharem e livrarem-se da poeira da estrada.

Luang Pó nunca falou em grandes detalhes sobre o primeiro encontro que viria a ter um efeito monumental sobre sua vida. Mas para os monges que viveram nos mosteiros de floresta de Isan, é uma cena fácil de imaginar. Os três jovens monges podem ser retratados com seus mantos externos dobrados cuidadosamente sobre o ombro esquerdo, as mentes flutuando entre a forte expectativa e o medo gélido, fazendo o caminho para a reunião de fim de tarde no salão do Dhamma de madeira, para prestar reverência a Luang Pu Man. Quando se aproximaram da congregação dos monges residentes, Luang Pó começou a andar de joelhos em direção ao grande mestre. Ele se aproximou da figura delgada e envelhecida, de uma presença inabalável como um diamante. O olhar profundamente penetrante de Luang Pu Man fixou-se em Luang Pó enquanto ele fazia três reverências e se sentava a uma distância apropriada.

A maioria dos monges residentes estava sentada com os olhos fechados em meditação, um deles, ligeiramente atrás do professor, lentamente afastava os mosquitos noturnos com um leque. Quando Luang Pó olha para cima, percebe o quanto a clavícula de Luang Pu Man sobressai através de sua pele pálida sobre seu manto, e como a boca fina, tingida de vermelho por mascar noz de betel, forma um contraste bastante impressionante com a estranha luminosidade de sua presença. Como é costume respeitado pela tradição entre os monges budistas, Luang Pu Man primeiro pergunta aos visitantes há quanto tempo são monges, os mosteiros onde praticaram e os detalhes da viagem. Tinham alguma dúvida sobre a prática? Luang Pó responde que sim.

É nesse ponto que ele retomaria a história mais tarde. Disse que vinha estudando os textos do Vinaya com grande entusiasmo, mas estava desanimado. A disciplina parecia detalhada demais para poder ser prática. Não parecia possível manter todas as regras. Qual deveria ser o critério? Luang Pu Man ouviu em silêncio e, a seguir, deu um conselho simples, mas prático. Ele instruiu Luang Pó a tomar os “dois guardiões do mundo” – vergonha sábia (hiri) e medo sábio das consequências (ottappa) – como seus princípios básicos. Na presença dessas duas virtudes, ele disse, tudo o mais seguiria.

Então ele começou a discursar sobre o tríplice treinamento de sīla, samādhi e pañña, as quatro bases para o poder mental e os cinco poderes espirituais. À medida que ele prosseguia, com os olhos entreabertos, sua voz foi se tornando cada vez mais forte e rápida, como se estivesse passando para

uma marcha cada vez maior. Com uma autoridade absoluta, ele descreveu “as coisas como realmente são” e o caminho para a libertação. Luang Pó e seus companheiros sentaram-se completamente arrebatados. Luang Pó disse que mesmo tendo passado um dia exaustivo na estrada, ouvir a palestra de Dhamma de Luang Pu Man fez todo o seu cansaço desaparecer. Sua mente tornou-se lucidamente calma²⁹ e clara, e ele sentiu como se estivesse flutuando acima do seu assento. Era tarde da noite antes que Luang Pu Man encerrasse o encontro e Luang Pó retornasse radiante para o glot.

Na segunda noite, Luang Pu Man deu mais ensinamentos e Luang Pó sentiu que tinha chegado ao fim das dúvidas acerca da prática. Sentiu uma alegria e êxtase no Dhamma como nunca experimentara antes. O que agora restava para ele era colocar o conhecimento em prática. Um dos ensinamentos que mais o inspirou nessas duas noites foi o chamado para fazer de si mesmo “uma testemunha da verdade”. Mas a explicação mais esclarecedora, aquela que lhe deu o contexto ou a base necessária para a prática, que até então lhe havia faltado, era a distinção entre a mente propriamente dita e os estados mentais transitórios que surgem e desaparecem nela.

Luang Pu Man disse que eles são apenas estados mentais. Por não entendermos esse ponto, acreditamos que eles são reais, como se fossem a própria mente. De fato, são só estados transitórios. Assim que ele disse isso, as coisas tornaram-se subitamente claras. Suponha que exista felicidade presente na mente: isso é um tipo de coisa diferente, está em um nível diferente da mente propriamente dita. Se você enxergar isso, você então pode parar, pode deixar as coisas de lado. Quando as realidades convencionais são vistas como elas são, elas então se tornam a verdade transcendental. A maioria das pessoas amontoa tudo junto como se fosse a própria mente, mas, na verdade, há os estados da mente junto com o conhecer deles. Se você entender esse ponto, não há muito o que fazer.

No terceiro dia, Luang Pó prestou reverência a Luang Pu Man e levou seu pequeno grupo de volta às florestas solitárias de Phu Phan mais uma vez. Ele deixou Nong Peu para nunca mais retornar, mas com o coração cheio de uma inspiração que continuaria com ele pelo resto de sua vida.

ORDENS DO DIA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A fragmentação da Sangha em várias ordens diferentes foi uma característica singular do budismo do Sri Lanka e da Birmânia. Na Tailândia, no entanto, a criação de novas ordens tem sido extremamente rara. Essa anomalia é explicada, em grande medida, pelo fato de que somente na Tailândia a Sangha dispôs de um forte e ininterrupto apoio da monarquia ao longo de sua existência, e foi poupada do estresse de viver sob uma antagônica administração colonial. A aversão dos tailandeses ao conflito e a ausência de entusiasmo por sutilezas doutrinárias também tiveram um papel nisso.

Nos últimos 160 anos, existiram duas ordens na Tailândia: a *Māhānikāya* e *Dhammayut nikāya*. A palavra *nikāya* é mais comumente entendida como “seita”, mas esse termo tende a sugerir – de maneira equivocada – uma disputa doutrinária. As *nikāyās*, de fato, não diferem em termos de crença ou de interpretação dos ensinamentos, mas sim na aplicação prática do Vinaya. Em outras palavras, é mais em questões de “ortopraxia” do que de “ortodoxia” que eles se definem. A Ordem *Dhammayut* (“unida com o Dhamma” ou “correta”) é mais recente. Foi estabelecida pelo rei Mongkut em 1830,

²⁹ A tradução usual da palavra Thai “sangop” é “paz”, e isso está correto na maioria dos contextos. Mas quando se trata da prática da meditação, Luang Pó usa a palavra “sangop” em formas que, às vezes, tornam essa tradução problemática. Por essa razão, no contexto da meditação, foi algumas vezes traduzida na forma pouco ortodoxa de “calma lúcida”.

durante o período que passou como monge antes de subir ao trono. Sua intenção era que esta ordem provesse um grupo de monges de elite que atuasse como uma força regeneradora dentro da *Mahā* (“grande” ou “maior”) *nikāya*.

A ordem monástica daquela época estava certamente num estado lastimável. A destruição do Reino de Ayuthaya, em 1767, e o período de anarquia que se seguiu, foram um golpe esmagador na organização de um sistema já corrompido. A despeito dos repetidos esforços de reforma do início da era Bangkok, no final do século dezoito, os padrões de disciplina ainda eram muito frouxos e os níveis educacionais estavam no ponto mais baixo. O rei Mongkut tornou-se um monge na fase final da doença de seu pai, o rei Buddha Loetla Nabhalai. Quando, a despeito do seu direito superior de reivindicar o trono, foi preterido pelo conselho privado em favor do seu meio-irmão, ele decidiu seguir a carreira monástica até o dia, quando talvez, pudesse ser chamado para o poder secular.

Ele logo se desiluiu profundamente com o que encontrou ao redor nos mosteiros de Bangkok e, com alguns poucos seguidores, determinou-se a reestabelecer o que via como os padrões antigos que tinham sido abandonados. Seu objetivo era familiarmente protestante: trazer de volta, às práticas contemporâneas, os ensinamentos das escrituras budistas. Ele sustentava um enfoque racional e científico do Dhamma, com a eliminação das superstições, um aumento dos estudos em páli, uma nova maneira mais “correta” de recitar as escrituras, mudanças no ritual e na maneira de vestir o manto e, o mais importante, um novo rigor na adesão ao Vinaya.

Embora o número de monges *Dhammayut* fosse relativamente pequeno (nunca excedeu a um décimo do total da Sangha), os vínculos próximos com a família real asseguraram que, dentro de pouco tempo, eles adquirissem um prestígio formidável, influência e recursos. O rei Chulalongkorn, filho e sucessor do rei Mongkut, nomeou monges *Dhammayut* para o topo das posições administrativas na vida monástica em todo país, utilizando-os tanto como agentes de reforma na Sangha em todo território nacional, quanto também como uma importante ferramenta política, que ficou conhecida como a “colonização” das demais províncias por Bangkok. Como era de se esperar, uma vez que essa nova ordem foi estabelecida como uma resposta específica à suposta corrupção da antiga, apropriando-se de grande parte desse prestígio, isso provocou um ressentimento generalizado.

Apesar de um conflito explícito entre as ordens ser muito raro, não era difícil encontrar campos sérios de divergência. A visão dos reformistas sobre a Sangha existente era degradante. Eles diziam que um número significativo de monges, ao longo dos anos, tinha cometido ofensas não confessadas, passíveis de expulsão. E como toda cerimônia de ordenação em que esses monges ilegítimos participavam como membros do quórum era automaticamente considerada nula e inválida, a linhagem existente era irremediavelmente corrupta. Sérias dúvidas foram levantadas a respeito de alguns dos membros da Sangha *Mahānikāya* realmente serem, tecnicamente falando, monges. O movimento *Dhammayut* começou com o rei Mongkut solicitando uma nova ordenação – nessa segunda ocasião, a partir de um quórum de monges *Mon*, que ele acreditava serem “puros” no Vinaya. Essa ação abriu um precedente importante. A nova ordem iria se definir e legitimar através de um ritual de comprovado rigor de entrada “formal” de seus membros na vida monástica.

Críticos poderiam argumentar que havia poucas provas de que a linhagem *Mon* fosse historicamente pura, da mesma forma como havia poucas provas de que a linhagem *Mahānikāya* não fosse. Poderiam afirmar que uma reforma interna seria mais alinhada com o Vinaya e menos ameaçadora para a harmonia a longo prazo da Sangha, do que a criação de uma nova ordem. Mas essas vozes eram poucas e o Ordem *Dhammayut* foi ficando cada vez mais forte.

Ubon foi escolhida pelo rei Mongkut como o centro para a propagação da nova ordem em Isan. Ele patrocinou a construção do Wat Supatanaram, às margens do rio Mun, perto da cidade, para funcionar como base principal. Durante a segunda metade do século XIX, quando Ubon tornou-se famosa pela excelência escolástica, muitos outros mosteiros *Dhammayut* foram construídos dentro e fora da cidade e muitos monges treinados em Ubon espalharam a reforma por outras áreas de Isan. Em 1892, quando Man Génkéw, um nativo do distrito de Khongjiam, decidiu ser monge, escolheu um dos mosteiros *Dhammayut* de Ubon, Wat Si Tong (hoje Wat Si Ubon), para pedir ordenação. Pouco depois, ele mudou-se para Wat Liap, nos arredores da cidade, para estudar com o famoso professor de meditação, Luang Pu Sao. Isso acabaria sendo um passo importante, já que a linhagem de Luang Pu Man, que acabou se desenvolvendo, seria principalmente uma linhagem *Dhammayut*.

Se por nenhuma outra razão, além da deferência às autoridades do *Dhammayut*, Luang Pu Man não teve opção, a não ser tomar a linhagem seriamente. Com o passar dos anos, quase todos os seus discípulos – a maior parte deles havia entrado na vida monástica originariamente em um dos numerosos e afastados *wats Mahānikāya* – abandonaram a antiga afiliação para serem formalmente admitidos na Ordem *Dhammayut*. Os monges valorizaram a oportunidade de deixar para trás um modo de viver a vida monástica, agora rejeitado por eles, para formalmente expressar o comprometimento com seu professor.

No início de 1920, o grupo dos discípulos de Luang Pu Man estava crescendo rapidamente e tendo um efeito arrebatador em Isan. Mesmo que tivessem se comprometido inicialmente a viver em locais reclusos, de acordo com as normas tradicionais de um monge de floresta, eles não eram indiferentes à sociedade a que renunciaram e que agora os sustentava. Em grupos de dois ou três, eles saíam em longas caminhadas pelo interior, combinando períodos dedicados a própria prática de meditação, com períodos dedicados a ensinamentos aos leigos. A ênfase no abandono dos animismos supersticiosos (que em muitos lugares asfixiaram o supostamente budismo dominante) e em tomar refúgio nas Três Joias, às vezes assumia o aspecto de uma cruzada. Luang Pó Li, um dos discípulos mais energéticos e articulados de Luang Pu Man, relatou esse grande esforço em seu vilarejo ao nordeste de Ubon:

Uma vez por ano, quando chegava a estação, cada família deveria sacrificar uma galinha, um pato ou um porco. Somando tudo isso, significa que, em um ano, centenas de seres vivos deveriam morrer em benefício dos espíritos, porque também haveria momentos em que as pessoas fariam sacrifícios para curar doenças na família. Para mim, tudo aquilo parecia uma perda de tempo. Se os espíritos realmente existissem, esse não seria o tipo de comida que eles comeriam. Seria muito melhor fazer mérito e dedicá-lo aos espíritos. Se eles não o aceitassem, que fossem afastados pela autoridade do Dhamma. Então ordenei às pessoas que queimassem todos os altares do vilarejo. Quando alguns dos moradores começaram a perder a coragem, por medo de não haver nada para protegê-los no futuro, escrevi o cântico para espalhar boa vontade e dei uma cópia para todos do vilarejo, garantindo que nada aconteceria. Depois me disseram que toda a área em volta dos altares ancestrais está agora plantada com colheitas e que o local, onde os espíritos eram tidos como os mais ferozes, é agora um novo vilarejo.

Embora Luang Pu Man e muitos de seus discípulos mais próximos fossem nativos de Ubon (naquela época, de longe a maior das províncias de Isan), sua linhagem florescia mais ao norte. As razões para isso foram, em grande parte, um trabalho de política da Sangha. A Ordem *Dhammayut* começou sua vida essencialmente como um movimento escolástico urbano. Desde o seu início, os escalões superiores tendiam a desconfiar dos monges de floresta como aqueles que contribuíam para a perpetuação de correntes irracionais e heterodoxas na Sangha, o que estavam tentando erradicar.

Para eles, os monges da floresta eram ignorantes nos textos em páli, não seguiam rigorosamente o Vinaya e eram dissidentes, fora do controle da Sangha maior. Isso pode ter sido a verdade dos monges de floresta na Tailândia central, em meados do século XIX, mas falhava em reconhecer as características singulares do grupo de Luang Pu Man – em particular, a devoção ao treinamento do Vinaya, que, em vários aspectos, excedia a dos monges que o criticavam.

Phra Bodhivamsajahn^{30*}, o líder da Sangha de Isan, morava em Ubon. Era um oponente incansável do grupo de Luang Pu Man. Enxergava-os como fanáticos mal-educados que causavam problemas aos monges do vilarejo local sempre que chegavam. Ele dificultava a vida deles o quanto podia, sempre que vinham a Ubon. Numa ocasião notória, pediu às autoridades locais, do distrito de Hua Tapan, para expulsá-los da província. Por isso, os monges de Luang Pu Man passavam a maior parte do tempo nas partes mais remotas ao nordeste de Isan. A situação mudou um pouco no final do ano de 1920, por causa da influência em Bangkok de Chao Khun Upāli, o famoso administrador e acadêmico. Como amigo de infância de Luang Pu Man e amigo e colega de Phra Bodhivamsajahn, ele estava apto a fazer a mediação entre eles. Phra Bodhivamsajahn superou o preconceito e mais tarde passou a ser um devoto apoiador de Luang Pu Man e seus discípulos. Mas, a essa altura, já era tarde. Luang Pu Man estava na sua residência temporária em Chiang Mai e seus discípulos, criando laços em áreas solitárias de Isan, a centenas de quilômetros de Ubon.

A visita de Luang Pó Chah a Luang Pu Man não era simplesmente a de um jovem monge *tudong* ao pai da tradição de floresta tailandesa, mas também a de um monge *Mahānikāya* a um mosteiro *Dhammayut*. Durante essa breve visita, alguns dos jovens monges residentes insistiram com Luang Pó para que ele mudasse para a ordem *Dhammayut*, como eles fizeram, mas ele se manteve firme. O mais provável é que ele tenha considerado a mudança de afiliação como uma ingratidão ou deslealdade. O próprio Luang Pó nunca expôs seus pensamentos sobre esse assunto. O que se sabe é que uma das perguntas que ele fez a Luang Pu Man, durante a visita, foi sobre esse tema central da reordenação. Isso era necessário para alguém com a intenção de realizar o Dhamma? Luang Pu Man acalmou a mente de Luang Pó: não, não era.

Ficou registrado que, antes da visita de Luang Pó, um dos discípulos seniores de Luang Pu Man teve uma visão meditativa em que viu Ubon separando-se do resto de Isan. Luang Pu Man aparentemente considerou isso um sinal de que Ubon não seria uma fortaleza para os monges da floresta *Dhammayut* no futuro. Dizem que ele reconheceu em Luang Pó Chah aquele que introduziria a tradição de floresta na ordem *Mahānikāya* e estabeleceria mosteiros em Ubon.

Depois de apenas três dias, Luang Pó deixou Nong Peu e, tanto quanto é sabido, não retornou³¹. Apesar de ter ficado um tempo tão curto com Luang Pu Man, Luang Pó Chah é incluído entre seus grandes discípulos. Nesse ponto aparece um espaço para dúvida: como podem duas noites de instrução, sem qualquer declaração de uma relação professor/aluno, realmente contar como base para se considerar alguém discípulo? Quando perguntado sobre porque ficou tão pouco tempo com Luang Pu Man, Luang Pó respondeu que uma pessoa com os olhos fechados poderia passar anos perto do fogo e mesmo assim não o enxergar, enquanto que uma pessoa com boa visão precisaria de pouco tempo para vê-lo. Caso essa afirmação reflita como Luang Pó se sentiu naquele momento, isso indica uma rara autoconfiança para alguém relativamente inexperiente na prática. Ele parece estar insinuando que

* Uma das figuras principais do século XX no budismo tailandês. Seu nome era Uan, seu nome de monge Tisso e o título final, Somdet Mahavirawong. Ele se tornou o primeiro *Sanghanāyaka* ou liderança da Sangha tailandesa depois das reformas iniciadas pelo governo nos anos de 1930.

³¹ Luang Pu Man faleceu em 1949.

recebeu de Luang Pu Man algo que, em outras tradições budistas, poderia ser descrito como uma transmissão. Embora seja verdade que a transmissão não é uma ideia amplamente encontrada no budismo Theravada, parece certo que após esse encontro, Luang Pó sentiu que seu caminho tinha sido iluminado.

É como se, para usar outra analogia, Luang Pó sentisse que foi dado a ele um claro esboço do trabalho a ser feito, as ferramentas para fazê-lo e tudo que lhe restava era se aplicar na tarefa. Mesmo que não tenha sentido a necessidade de manter uma forte proximidade com esse professor, ele expressou, durante toda a vida, a convicção de que qualquer sucesso que tenha alcançado em sua prática foi resultado da curta visita a Nong Peu. Ele considerou Luang Pu Man seu professor e sempre foi fiel às instruções que recebeu diretamente dele.

Nos últimos anos, a distância física entre Wat Pah Pong e os mosteiros *Dhammayut* da floresta no nordeste de Isan, agravada pela diferença de *nikāya*, implicou que Luang Pó raramente teve contato com outros discípulos de Luang Pu Man. Uma das vantagens dessa separação foi a liberdade que ele teve para estabelecer seu próprio estilo de ensinamento, sem se preocupar que qualquer desvio com a forma de Luang Pu Man fazer as coisas fosse tomado como um desrespeito ao professor. Como veremos, a maneira de praticar de Wat Pah Pong dava uma importância única para o grupo, mais que para a prática individual. Essa pode ser considerada uma das contribuições marcantes de Luang Pó para a tradição.

Com uma confiança recém-descoberta, Luang Pó guiou seus companheiros ao longo dos caminhos silenciosos que se enfileiravam nas montanhas de Phu Phan. O resultado imediato desse encontro com Luang Pu Man manifestou-se numa firmeza inabalável para realizar diretamente no seu coração as verdades que foram tão lucidamente expostas pelo grande mestre. Anos mais tarde, como líder de uma comunidade de monges, ele costumava dizer que um monge que procura a verdade deve, sem melodrama ou poses de nenhum tipo, estar pronto para colocar a vida em risco. Era essa disposição que o acompanhou quando saiu de Wat Pah Nong Peu para dentro das florestas e montanhas ao norte de Isan.

BONDADE DO PROFESSOR

O Buddha ensinava os monges constantemente a lembrar da fragilidade da vida e da sempre presente ameaça da morte, a usar bem cada momento e a não tomar nada como garantido. À noite, os monges eram encorajados a refletir sobre todas as diferentes maneiras pelas quais poderiam morrer antes do próximo amanhecer: picadas de cobras, picadas de escorpião, uma queda desastrada, apendicite... a lista é muito longa. Morar em florestas tropicais, onde a insegurança é palpável e realmente impossível de ser desprezada, é especialmente conducente a esse tipo de contemplação.

Uma noite na floresta cerrada de Nakhon Phanom, uma matilha de cães selvagens foi atraída pelo cheiro de Luang Pó, enquanto ele estava sentado no *glot*. A forma imóvel do monge de pernas cruzadas deve ter sido uma visão estranha e perturbadora para os cães. Em poucos minutos, Luang Pó foi expulso do foco na respiração à consciência de um bando de criaturas raivosas rosnando, com uma rede de mosquitos como sua única proteção. O medo percorreu seu corpo e, com um grande esforço, Luang Pó estabilizou sua mente. Seguindo a tradição antiga, ele fez uma resolução solene:

Não vim aqui para ferir nada nem ninguém. Vim para praticar o Dhamma, para realizar a libertação do sofrimento. Se atormentei vocês numa vida passada, então me matem, assim

posso quitar minha dívida. Mas se não houver sentimentos de ódio entre nós, por favor, deixem-me em paz.

Luang Pó fechou os olhos. Os cães selvagens rodeavam seu *glot*, uivando ferozmente e correndo para atacá-lo de todos os lados, confusos com a fina rede de algodão que o encobria. Quando um deles ousou morder e expor a frágil rede, Luang Pó soube que poderia ser o fim e ficou com medo novamente. Então, de repente, de dentro da densa escuridão da noite, Luang Pu Man apareceu, segurando uma tocha ardente no ar e caminhando na direção dos cães selvagens. Parado ao lado do *glot* de Luang Pó, ele os afugentou bruscamente: “Vão embora! Deixem-no em paz!” Ele levantou um pedaço de madeira como se fosse bater neles, e então os cachorros selvagens, atordoados e confusos, fugiram. Luang Pó, aliviado e agradecido a Luang Pu Man por salvá-lo, abriu os olhos para uma cena de completa escuridão e silêncio.

Na manhã seguinte, Luang Pó desceu a trilha sentindo que o senso de conexão que ele sentia com Luang Pu Man havia aumentado. Junto com o postulante Kéw, único companheiro que lhe restava, ele logo precisaria de toda força mental para encarar sua maior provação até aquele momento.

NO CREMATÓRIO DA FLORESTA

Há milhares de anos, os tailandeses se percebem vivendo em um universo habitado por forças invisíveis, malévolas e benignas. É incomum encontrar uma crença na não-existência de fantasmas, mesmo entre os mais materialistas dos moradores urbanos modernos. A fascinação com histórias de fantasmas é quase universal. Embora os valores seculares tenham se espalhado implacavelmente por toda a sociedade tailandesa, não existe sinal deles substituindo a crença arraigada em espíritos.

Fala-se de muitos diferentes tipos de fantasmas na Tailândia. Os três tipos que podem possuir as pessoas são particularmente temidos: *pi tai hong* (vítimas de morte violenta), *pi tai tóng klom* (mulheres que morreram durante o parto) e *pi pób*, os quais, com gana por carne crua e vísceras, entram no corpo das pessoas e mastigam vorazmente seus intestinos. *Pi pret* (páli: *peta*), enquanto isso, são os fantasmas famintos encontrados nos textos budistas. Eles são horripilantemente feios: magros e esqueléticos, com o cabelo desganhado, pescoços longos, bochechas afundadas, olhos encovados. Eles se alimentam de pus e sangue, têm barrigas enormes, bem como bocas minúsculas, menores que o olho de uma agulha: o apetite deles nunca é satisfeito. Eles habitam os crematórios das florestas e as áreas desertas, emitindo um longo, estridente e queixoso choro quando se aproximam dos seres humanos. Na época e lugar em que Luang Pó cresceu – Isan dos anos de 1920 e 1930 – o medo de fantasmas era normal e racional: eles estavam por toda a parte.

Embora a mente ocidental moderna não seja tão atemorizada por fantasmas, ela tem seus próprios medos profundos. No romance de George Orwell, *1984*, os prisioneiros sob interrogatório são confrontados com seus mais profundos e viscerais medos no temido “Quarto 101”. A seguinte passagem pode ser melhor apreciada se for considerado que o crematório da floresta era o “Quarto 101” de Luang Pó, onde ele entrou por vontade própria.

Era fim de tarde e estava realmente com medo; eu não queria ir. Estava paralisado. Disse a mim mesmo para ir, mas não conseguia. Convidei o postulante Kéu para me acompanhar. “Vá e morra lá”, disse a mim mesmo. “Se é hora de morrer, vá e acabe logo com isso. Se é tudo tão pesado, se você é tão estúpido, apenas morra!” Esse era o tipo de coisa que ficava dizendo para mim mesmo, embora, ao mesmo tempo, ainda não quisesse ir de verdade. Mas me

forçava: “Se você for esperar até que esteja pronto, nunca irá”, raciocinava, “e você nunca vai domar a sua mente”. Enfim, tive que me arrastar para lá.

Quando cheguei às margens da floresta, vacilei. Nunca tinha estado em um crematório de floresta antes em minha vida. O postulante Kéu queria ficar por perto, mas não permiti. Deixei-o a uma boa distância. Na verdade, queria que ele ficasse bem perto, mas estava preocupado em me tornar dependente dele. Pensei que, se tivesse um amigo por perto, então não ficaria com medo, aí resisti à tentação e mandei-o embora. “Se estou tão assustado, então me deixe morrer esta noite. Vamos ver o que acontece”. Estava com medo, mas fiz isso. Não é que não estivesse com medo — mas me desafiei. “O pior que pode acontecer”, disse para mim mesmo, “o pior que pode acontecer é você morrer”.

Bem, quando o crepúsculo começou a se adensar um pouco — que sorte a minha! — entraram no crematório da floresta carregando um cadáver, que balançava de um lado para outro. Por que isso foi acontecer logo hoje? Enquanto praticava meditação andando de um lado para outro, mal conseguia sentir meu pé tocando o chão. “Saia daqui!”, minha mente gritava. Os moradores do vilarejo me convidaram para ir recitar os versos de funeral. Eu não queria ter nada a ver com aquilo. ‘Saia daqui!’, ainda pensava. Mas depois de andar uma distância curta, retornei. Eles vieram e enterraram* o cadáver bem ao lado do meu *glot* e depois fizeram uma plataforma do bambu que usaram para carregar o corpo para eu me sentar.

O que devo fazer agora? O vilarejo ficava a dois ou três quilômetros de distância. “É isso, com certeza. O que devo fazer?... Só estar pronto para morrer.” O postulante Kéu chegou mais perto. Mandei-o embora e disse para mim mesmo: “Vá em frente e morra! Por que você está tão apavorado? Agora vamos nos divertir um pouco com isso. Se você não se arriscar, não vai saber como é”. Oh! Foi um sentimento tão intenso! Meus pés pareciam quase não tocar o chão. E estava ficando cada vez mais escuro. “Onde você vai agora? Vá direto para o meio da floresta de cremação. Morra! Você nasceu e então vai morrer, não é assim que as coisas são?” Lutei comigo dessa forma.

Depois que o sol se pôs, senti que deveria entrar no meu *glot*. Minhas pernas recusavam-se a se mover. Meus sentimentos me impeliam a entrar no *glot*. Estava praticando meditação andando em frente ao *glot*, do lado oposto à cova. Quando caminhava em direção a ele não era tão ruim, mas logo que me virava para a cova — não sei o que era — era como se algo estivesse me puxando pelas costas. Calafrios desciam pela minha medula.

É a isso que se resume o treinamento. Você sente tanto medo que suas pernas se recusam a andar, aí você para; depois, quando o medo se vai, você começa de novo.

Então, como ficou escuro, entrei no meu *glot* e uma onda de alívio me varreu. Senti tanta alegria e segurança que era como se a rede contra mosquitos fosse uma parede de sete camadas. Minha tigela parecia um velho amigo. É o que acontece quando você está por sua própria conta. Você pode até ver uma tigela como um amigo! Não tinha ninguém em quem me apoiar, então sentia alegria e conforto na presença da tigela. É em ocasiões como essas que você, realmente, vê sua mente.

Sentei no meu *glot* e fiquei esperando os espíritos malévolos noite afora. Não preguei os olhos. Estava com medo — com medo, mas ousando treinar a mim mesmo, ousando fazer aquilo.

* Quando alguém morre de causas não naturais, tais como assassinato ou suicídio, o corpo é enterrado em vez de cremado.

Sentei olhando fixamente para a escuridão a noite toda. No início, não estava com sono; a sonolência também estava com medo de mostrar o seu rosto. Fiquei sentado lá a noite toda... Na prática, se você está muito assustado e apenas segue sua mente, você nunca faria aquilo. É igual com todas as coisas: se você não fizer, se você não praticar, não obterá nenhum benefício. Eu pratiquei.

Quando amanheceu, estava radiante: ainda estava vivo. Senti-me tão feliz. De agora em diante, só queria que existisse o dia. No meu coração, gostaria de matar a noite para sempre. Senti-me bem; no final, não tinha morrido.

Até os cachorros saíram para me testar. Estava indo esmolar alimentos sozinho e alguns cachorros me perseguiram e tentaram morder minhas pernas. Não os enxotei. Deixe que mordam! Parecia que alguma coisa queria me pegar. Eles continuaram mordendo meus tornozelos. Algumas mordidas me atingiram, outras não. Sentia dores agudas indo e vindo. Parecia que uma ferida tinha sido aberta. As mulheres do vilarejo nem tentavam segurar seus cães. Elas pensavam que os espíritos tinham me seguido até o vilarejo e, por isso, os cachorros estavam latindo. Eles estavam perseguindo espíritos e os mordendo, não a mim – então elas deixaram que eles fizessem aquilo. Não afastei os cachorros, apenas deixei que me mordessem. “A noite passada estava com medo de morrer e agora estou sendo atacado por cachorros. Que eles me mordam se já os machuquei em vidas passadas”. Mas eles simplesmente se afastaram, sem alcançar o objetivo. Isso é o que é chamado treinar a si mesmo.

Depois da mendicância matinal, comi minha refeição e comecei a me sentir melhor. O sol apareceu, senti-me aquecido e relaxado. Durante o dia, descansei e minha mente foi voltando ao normal. Pensei que tudo estava bem; foi só medo. “De noite, devo estar em condições para fazer um pouco de prática de meditação. Já atravessei o medo. Hoje, vai ser bom”.

Final da tarde e lá vamos nós de novo. Outro cadáver era transportado, um adulto. Foi ainda pior do que na noite anterior. Iam cremar o corpo bem em frente ao meu *g/ot*. Isso era muito pior. Finalmente, os aldeões queimaram o corpo, mas quando me convidaram para ir e contemplar o cadáver, fiquei onde estava. Só quando todos foram embora, fui lá. “Todos voltaram para casa e me deixaram sozinho com o cadáver. O que devo fazer?” Não sei que imagens poderia usar para lhes descrever esse medo – e no período da noite também.

O fogo queimou por completo. As brasas eram vermelhas, verdes, azuis. Estalavam e, de vez em quando, rompiam em chamas. Eu não conseguia praticar meditação andando em frente à fogueira. Assim que ficou completamente escuro, entrei no meu *g/ot* como havia feito na noite anterior. Sentei na escuridão da floresta com o cheiro do cadáver queimando, a fumaça entrando pelas minhas narinas a noite toda. Era pior do que a noite anterior. Sentei de costas para o fogo sem pensar em dormir. Como iria dormir? Não tinha o menor desejo de fazer isso; estava nervoso e completamente desperto, o tempo todo. Estava com medo e não sabia com quem poderia contar. “Você está aqui por sua própria conta e tem que confiar em si mesmo. Não existe nenhum lugar para ir; está um breu lá fora. Apenas se sente e morra! Onde mais você poderia ir?”

Se você apenas segue o que sua mente lhe manda fazer, nunca iria para um lugar como esse. Quem se colocaria num tormento assim por vontade própria? Só uma pessoa com uma firme convicção nos frutos da prática dos ensinamentos do Buddha.

Era por volta de dez horas e estava sentado de costas para o fogo. De repente, ouvi um som atrás de mim: “toeng-tang! toeng-tang!” Pensei que talvez o cadáver tivesse rolado para fora do fogo e alguns cães estivessem brigando por ele. Ou alguma outra coisa. Mas não, não era aquilo. Fiquei sentado ouvindo. Aí ouvi o som: “krut-krat! krut-krat!”, como se fosse alguém se movendo lentamente pela floresta. Tentei tirar isso da minha mente. Um pouco depois, algo veio caminhando na minha direção. Podia ouvir os passos de alguém se aproximando por trás de mim. Os passos eram pesados, quase como os de um búfalo d’água. Mas não era um búfalo d’água. Folhas caídas cobriam densamente o chão da floresta — era fevereiro — e eu ouvi o som de alguém pisando sobre as grandes e frágeis folhas: “khop! khop!”

Havia um cupinzeiro ao lado do meu *glot*. Ouvi passos indo ao redor dele, enquanto se aproximavam. Pensei: “Seja lá o que ele for fazer, deixe que faça, porque você está pronto para morrer. De qualquer forma, para onde você correria?” Por fim, ele não veio na minha direção. Os sons se voltaram para a direção do postulante. Depois que aquilo se afastou, veio o silêncio. Não sei o que era, só estava consciente do medo e isso me fez imaginar todos os tipos de coisas.

Meia hora deve ter se passado, quando ouvi o som de alguém retornando da direção em que estava o postulante Kéu. Era exatamente como o som de um ser humano! Ele veio direto em direção ao *glot* como se estivesse determinado a atropelar quem quer que estivesse dentro. Fiquei lá sentado, com os olhos fechados. Não ia abri-los por nada. “Se for morrer, deixe-me morrer aqui.” Quando ele me alcançou, parou, ficou silencioso e imóvel em frente ao *glot*. Senti como se mãos queimadas estivessem agarrando o ar na minha frente. Tive certeza que o fim tinha chegado. Meu corpo todo estava paralisado de terror. Esqueci “Buddho”, “Dhammo”, “Sangho” — tudo. Só o que existia era medo; fiquei esticado e tensionado como um tambor de mosteiro. “Certo. Você está aí, mas eu vou ficar por aqui”. Minha mente estava dormente. Não sabia se estava sentado num assento ou flutuando no ar. Tentei me concentrar no senso de estar ciente.

É como derramar água num jarro. Se você continuar a colocar mais e mais, a jarra vai finalmente transbordar. Estava tão apavorado e o medo continuava crescendo, até que finalmente transbordou. Houve uma libertação. Perguntei para mim: ‘Do que você tem medo? Por que está tão aterrorizado?’ Na verdade, não fui eu quem disse isso, a pergunta surgiu na minha mente espontaneamente e logo veio a resposta: “Estou com medo da morte”. Foi isso que foi dito. Então perguntei em seguida: “Onde está a morte? Por que está desse jeito, com mais medo até mesmo do que um leigo comum?” Continuei perguntando onde estava a morte até que finalmente tive a resposta: “a morte está dentro de nós”. “Se isso é assim, como você vai fazer para escapar dela? Se você correr, ela vai correr com você. Se você se sentar, ela vai se sentar com você. Se você se levantar e sair, ela vai contigo, porque a morte está dentro de nós. Não existe nenhum lugar para ir. Se você está com medo ou não, não faz nenhuma diferença, você ainda tem que morrer. Não tem escapatória”. Essas reflexões pararam meus pensamentos.

Quando esse diálogo chegou ao fim, as percepções habituais retornaram à superfície da minha mente e o medo retrocedeu. A mudança foi tão simples e completa como virar as mãos, do dorso para as palmas. Senti um grande espanto por esse destemor ter surgido no mesmo lugar onde, até poucos instantes atrás, existia um medo tão forte. Meu coração subiu aos céus.

Com a superação do medo, a chuva começou a jorrar. Talvez fosse a chuva que cai nas folhas de lótus nas lendas, aquela que só molha você se você deixar – eu não sei. Vieram o som dos trovões, dos ventos, da chuva, ensurdecidamente altos. Choveu tão forte que todos os meus medos da morte foram esquecidos. As árvores desabavam e eu nem ligava. Meus mantos, cada peça de pano, ficaram encharcados. Permaneci sentado ali, bem quieto.

Depois de um tempo, comecei a chorar. Aconteceu espontaneamente. Lágrimas começaram a rolar no meu rosto. Antes disso, estava pensando como me sentia um órfão, sentado ali, tremendo de frio em meio à chuva torrencial. Pensei que talvez nenhuma das pessoas que dormiam felizes em suas casas pudessem imaginar que havia um monge sentado aqui, na chuva, a noite toda; era provável que elas estivessem agasalhadas nos seus cobertores quentinhos. “E aqui estou eu, sentado aqui, encharcado até os ossos – o que significa tudo isso?” Absorvido nesses pensamentos, surgiu um sentimento de tristeza pela minha vida e comecei a chorar. As lágrimas escorriam: “Tudo bem, elas são ruins, deixe elas vazarem até que não reste nada.” Isso é o que é a prática.

Não sei explicar o que aconteceu depois daquilo. Após minha vitória, apenas sentei ali e todo tipo de coisa tomou lugar na minha mente. Seria impossível descrevê-las todas; vim a saber e ver muitas coisas — tantas que não dá para falar. Lembrei das palavras do Buddha: “*Paccattam veditabbo viññuhi*” – “a ser visto pelos sábios, por si próprios”. Isso era realmente verdade. Estava sofrendo no meio da chuva e alguém poderia saber como me sentia? Ninguém, só eu. Estava tão profundamente assustado e agora o medo havia desaparecido. As pessoas nas suas casas secas e confortáveis não poderiam saber como era aquilo. Só eu poderia saber sobre isso, porque isso é *paccattam*. Para quem poderia falar? Para quem poderia contar? Quanto mais refletia sobre isso, mais tinha certeza e mais meu coração se enchia de energia e fé nos ensinamentos. Contemplei o Dhamma até o amanhecer.

Quando ficou claro, abri meus olhos e, de qualquer ângulo que olhasse, o mundo todo era amarelo. O perigo tinha ido embora. Durante a noite, senti vontade de urinar, mas estava com muito medo para me levantar. Segurei e depois de algum tempo o desejo passou. De manhã, quando levantei, o mundo todo parecia amarelo com a luz do sol da manhã. Fui urinar e só veio sangue. Imaginei que alguma coisa dentro de mim tinha se rasgado ou quebrado. Fiquei com medo de que alguma coisa tivesse se rompido, mas logo me deparei com uma resposta imediata: “Se rompeu, não é culpa de ninguém; é só o jeito como as coisas são.” Foi uma resposta imediata e espontânea para a preocupação: “Se está rompido, está rompido. Se você for morrer, você vai morrer. Você apenas estava aí sentado, cuidando da própria vida; se algo quiser se romper, deixe.” A mente prosseguia nesse diálogo. Era como duas pessoas lutando pela posse de alguma coisa, uma puxando de um lado e a outra puxando de outro.

Uma parte da minha mente forçava passagem dizendo que o problema era sério. Outra parte lutou com isso imediatamente. Enquanto urinava, o sangue saía aos montes. Comecei a pensar onde poderia encontrar remédio. “Não ligue. Para onde você iria? Você é um monge, não pode cavar raízes medicinais. Se é hora de morrer, então morra! O que você pode fazer a respeito disso? Morrer, enquanto se pratica o ensinamento, é nobre. Você deveria estar satisfeito em morrer. Se você fosse morrer por causa de algo mau, não valeria a pena; mas se você morrer assim, está bom”. “Tudo bem”, disse para mim mesmo, “que assim seja”.

Naquela manhã, Luang Pó saiu para esmolar alimentos, tremendo com uma febre que suportou pacientemente por uma semana antes de decidir pedir permissão para se recuperar num mosteiro próximo. Dez dias depois, ele se sentia forte o suficiente para retomar sua caminhada.

Nessa época do ano, as noites não eram tão frias e de dia, o calor era mais forte. Logo a estação quente grudaria o mundo numa densa e sufocante cobertura, penetrada ocasionalmente por uma brisa doce e refrescante. Enquanto ele fazia o caminho em direção ao leste, os riachos nos quais Luang Pó se banhava, e dos quais eles tirava água para beber, diminuía rapidamente; os arrozais que cercavam os vilarejos estavam se tornando duros como pedras, rachando debaixo de uma névoa de calor, enquanto os búfalos d'água ensopados nas piscinas de água lamacentas aproveitavam ao máximo antes que elas desaparecessem. Nos limites dos vilarejos, ele viu mulheres procurando raízes comestíveis e folhas para complementar a escassa dieta da estação quente.

Nos vales densamente cobertos de florestas de Nakhon Phanom, imensas árvores de madeira maciça – *yang, pradu e déng* – erguiam-se como sentinelas no caminho, circunspectas, mas gentis. Enquanto caminhava, ele ouvia o som de aves *calau* em voo rasante acima de sua cabeça ou talvez bandos de papagaios verdes brilhantes, dando voltas e explorando a floresta em perfeita formação. Finalmente chegou ao seu destino: Wat Pah Bahn Nong Hi*, o mosteiro de Luang Pu Kinari, um dos poucos monges *tudong* da ordem *Mahānikāya*. Era o início de uma longa e frutífera associação.

EXEMPLARES

Luang Pó sempre foi um monge muito autossuficiente. Ele raramente buscava ensinamentos de outros monges e, quando o fazia, quase nunca fazia perguntas, preferindo escutar e observar. Luang Pu Kinari foi provavelmente o mais próximo que alguém chegou de ser o mentor de Luang Pó, no sentido convencional do termo. Ele não era um monge com carisma instantâneo e sua reclusão o levava a ser pouco conhecido na fraternidade *tudong*. Mas Luang Pó dizia que, quanto mais ele vivia com Luang Pu Kinari, mais seu respeito por ele crescia. Ele falava com admiração sobre a devoção de Luang Pu Kinari ao *Vinaya*, sobre sua simplicidade, a habilidade em manter *sati* em todas as posturas e a atenção paciente aos detalhes. Mesmo que Luang Pu Kinari parecesse discreto e relaxado em relação à sua prática, havia também períodos em que ele praticava meditação andando por muitas horas e vivia da água do poço por dias a fio.

Luang Pu Kinari teve uma vida monástica agitada. Depois de ter recebido ensinamentos de Luang Pu Man e Luang Pu Sao, passou muitos anos peregrinando em *tudong*, incluindo mais de dez anos na Birmânia. Suportou muitas dificuldades no caminho e, mais de uma vez, esteve próximo da morte. Foi um dos poucos monges de sua geração a visitar os locais sagrados budistas no nordeste da Índia. E mesmo assim, na época que Luang Pó o conheceu, Luang Pu Kinari não dava a impressão de ser um viajante firme e experiente. Em vez disso, cobria-se, como se de um velho manto muito usado, de uma modesta autossuficiência e de uma tranquilidade de alguém que sentia não precisar provar mais nada.

Era um homem doce e gentil, que parecia ter contentamento com qualquer coisa que cada momento pudesse lhe trazer. Raramente falava. Parecia que achava poucas coisas dignas de serem ditas, ao ponto de merecerem perturbar o silêncio. Ele era um homem diligente que passava os dias consertando, fazendo potes, costurando, limpando. Ele fazia todos os seus pertences e os usava até

* Também conhecido como Wat Pah Mettāvivēka

que estragassem. Quando envelheceu, sua aparência era ainda mais desalinhada e decrépita. Mas, como Luang Pó percebeu, a visão é enganosa: a mente de Luang Pu Kinari era radiante e clara.

Depois de uma curta visita inicial, Luang Pó continuou sua peregrinação e retornou a Nong Hi para passar o retiro das chuvas. Ele relatou o tipo de ensinamento que o inspirou a retornar:

Naquela época, ouvia professores dando palestras de Dhamma sobre abrir mão, abrir mão, mas ainda não entendia muito sobre isso. Luang Pu Kinari me pediu para costurar um jogo de mantos. Fui fazer isso diligentemente. Queria terminá-lo e deixá-lo pronto o mais rápido possível. Pensei que, terminada a tarefa, poderia ficar livre das responsabilidades e fazer um pouco de meditação. Um dia, Luang Pu veio até onde eu estava. Estava costurando debaixo do sol, totalmente desatento ao calor. Eu só queria ficar livre para me dedicar à meditação. Ele me perguntou sobre que pressa era aquela e respondi que queria terminar logo. Quando ele me perguntou o porquê, disse que queria praticar meditação. Então me perguntou o que eu faria depois de terminar de meditar. Quando respondi, perguntou o que eu faria depois disso. Percebi que essa sucessão de perguntas não teria fim. Então ele disse: “Você não percebe que apenas costurar já é sua meditação? Para onde você está fugindo? Você já se equivocou. A cobiça está inundando sua cabeça e você não tem ideia do que está acontecendo.”

Outro raio de luz. Estava certo de que estava fazendo mérito. Pensei que simplesmente fazer o trabalho já era o suficiente. Terminaria rápido e iria fazer qualquer outra coisa. Mas Luang Pu apontou meu erro. Qual era a pressa?

Foi talvez nessa hora que Luang Pó ouviu pela primeira vez as histórias de Luang Pu Tongrat, o mentor de Luang Pu Kinari, um monge cuja personalidade fascinante não era muito diferente da de Luang Pu Kinari e que partilhava muitas das suas mais inspiradoras características. Além de Luang Pu Man e Luang Pu Kinari, Luang Pu Tongrat foi o monge que Luang Pó mais elogiou nos últimos anos para os seus discípulos. Sua dedicação ao *Vinaya* e à vida *tudong*; a resiliência, determinação e teimosia que ele mostrava na prática; o seu amor ao isolamento e à simplicidade; seu afiado senso de humor – todas essas qualidades inspiraram Luang Pó.

Luang Pu Tongrat era um líder reconhecido de um grupo de monges que confiaram em Luang Pu Man como professor, mas mantiveram a afiliação à Ordem Mahānikāya. Era o grande favorito de Luang Pu Man e reconhecido pela total ausência de medo. Uma história muito repetida (talvez apócrifa) conta como Luang Pu Man e um grupo de monges que caminhavam pela floresta foram surpreendidos por um enorme porco selvagem. Enquanto outros monges instintivamente olhavam ao redor procurando uma saída para escapar, Luang Pu Tongrat subiu no porco e deu-lhe um chute retumbante, fazendo o animal chocado voltar para a floresta.

Em outra ocasião, seu comportamento excêntrico estava aborrecendo alguns moradores do vilarejo. Um dia, quando estava retornando ao seu mosteiro, depois da mendicância matinal, Luang Pu Tongrat descobriu que uma carta anônima, cruelmente abusiva, estava esperando por ele. Em vez de manter o assunto em segredo, ele pediu a um dos monges que lesse a carta em voz alta para toda Sangha ouvir. Então pediu para colocar a carta no altar. Isso, disse ele, era o Dhamma: o dhamma mundano da crítica. Compreender os dhammas mundanos leva à sabedoria e ele queria prestar seus respeitos a esse professor. Luang Pu Tongrat morreu em 1956, num pequeno mosteiro, a poucas milhas de distância do recém-criado Wat Pah Pong. Após sua morte, o único objeto de posse encontrado em sua bolsa foi uma navalha para raspar a cabeça.

Detalhes do relacionamento entre Luang Pó Chah e Luang Pu Tongrat são obscuros. De fato, o único relato de algum contato entre eles está incluído na conhecida história do primeiro encontro. Nela, Luang Pó entra num mosteiro não nominado e é recebido por Luang Pu Tongrat com as desconcertantes palavras: “Oh, Chah, você chegou”. Quando e sob que circunstâncias isso aconteceu e se esse foi o primeiro de muitos encontros ou um único encontro, não se sabe. O que pode ser afirmado, com toda certeza, é que Luang Pó tinha o mais alto respeito por Luang Pu Tongrat.

UM PROBLEMA COM OS MANTOS

Depois de Luang Pó abandonar a vida de peregrino mendicante, durante as palestras do Dhamma à Sangha, ele sempre se referia aos seus primeiros anos de prática. Relatando suas experiências como um jovem monge, ele enfatizava as próprias fraquezas e os problemas que enfrentou com humor autodepreciativo e sinceridade. Como ferramenta pedagógica, isso foi muito efetivo. Muitos monges seniores comentaram mais tarde como foi encorajador para eles saber que seu professor tinha entrado nos mesmos, aparentemente, infinitos atoleiros onde eles se meteram — e havia conseguido sair do outro lado. Numa ocasião, Luang Pó lembrou como, no seu primeiro ano de *tudong*, experimentou uma forte ânsia por requisitos e como sofreu por isso:

Quando entrei no círculo dos monges de floresta, todos os requisitos pareciam tão bonitos. As tigelas eram imaculadas, a cor e a textura dos mantos tinham uma aparência tão boa. Não tinha uma única peça de roupa que fosse desagradável. Queria um manto novo superior (*jiwon*). Ainda não tinha um manto externo de duas camadas (*saṅghāti*)*. Estava cheio de insatisfação.

As formas pelas quais um monge pode adquirir um novo manto são estritamente reguladas pelo Vinaya. Se ele for residente num mosteiro, pode solicitar algum tecido armazenado no mosteiro e costurar a própria roupa. Se ele estiver viajando, longe do seu mosteiro, é mais problemático. *Paṃsukūla*, ou “mantos de trapos”, são uma opção. Hoje a palavra *paṃsukūla* é familiar para a maioria dos budistas leigos tailandeses como o nome dos mantos formalmente oferecidos aos monges durante ritos de funeral. De fato, o cerimonial de oferecimento da roupa *paṃsukūla* remonta a um costume da época do Buddha. Naquele tempo, era comum as pessoas pendurarem nas árvores o tecido usado para cobrir cadáveres nos cemitérios antes de cremar os corpos. Os monges reuniam os tecidos descartados, depois os lavavam, costuravam e os tingiam em mantos. Os monges que adotavam essa prática, muito elogiados pelo Buddha, eram chamados de “vestidos de trapos”. Naqueles dias, qualquer pano descartado pelo seu proprietário era chamado de *paṃsukūla*.

Consciente do seu desejo por mantos “bonitos”, Luang Pó decidiu que não agiria sob esse impulso em nenhuma circunstância. Ele os faria com o pano *paṃsukūla*. Isso não era tão fácil de conseguir, mas seja qual fosse a dificuldade envolvida, ele estava determinado a superar sua ânsia por requisitos finos. Não faria mais nenhum esforço para obter mantos melhores, não pediria nada e só aceitaria mantos novos se fossem livremente oferecidos a ele. As mudanças graduais em sua mente tornaram-se evidentes depois que ele deixou Luang Pu Kinari para outra rodada de *tudong*.

Fui para o distrito de Sisongkhram e Luang Pu Phut* me deu um velho manto que esteve usando por quatro anos. Fiquei tão feliz! A borda estava toda esgarçada, mas consegui

* Ver no Apêndice I um guia visual dos mantos dos monges

* Um monge ancião e não o amigo famoso e contemporâneo de Luang Pó, mencionado em outro lugar do texto.

encontrar uma roupa de banho descartada para fazer um remendo. A cor do remendo não deu certo; parecia a listra na borda das saias que as mulheres do lugar usavam. Quando saí para esmolar alimentos, todo mundo olhou para mim. Eles me encaravam tanto que me senti desencorajado. Foi um problema. Fiquei tão constrangido que tingi de novo a peça. Mas por mais que tentasse, o pano estava muito velho para a cor pegar bem. Phra Khru Jun disse para que eu o deixasse saber caso precisasse de algum requisito, mas estava determinado a não pedir nada para ninguém e continuei assim, até que Ajahn Sawai, observando minha paciência e maneira de praticar, costurou um manto para mim. Isso fez com que eu me sentisse bem. Se eu tivesse pedido um manto para ele de início, ficaria desconfortável em receber um, porque teria sido obtido como expressão dos meus desejos.

Minhas opiniões haviam mudado. Agora menosprezava qualquer coisa que tivesse sido comprada, encomendada ou pedida. Mas se obtivesse algo sem estar procurando — mesmo que não estivesse em boa condição, e desde que ainda fosse possível de ser consertado — parecia-me maravilhoso. Naquela viagem para Sisongkharam, tinha um *angsa*** pequeno. Não podia pedir outro. Se fizesse isso, seria uma transgressão. Não sabia o que fazer. Queria um novo. Minha mente estava inquieta e agitada. Estava tão preocupado com mantos que descobri como fazer um manto superior. Planejei passo a passo o que fazer com o tecido, mesmo que não houvesse sinal de um provável doador. Enquanto estava praticando meditação andando, ficava marcando o manto na minha mente. Se conseguisse um pano, pensava, seria capaz de começar a trabalhar imediatamente. Estava obcecado.

Durante a mendicância de alimentos, só via as marcações do tecido. Pensava tanto nisso que ao final já tinha tudo planejado. Estava tão concentrado no manto imaginário como se fosse uma mosca ou um piolho que tivesse feito dele sua casa. Nunca tinha visto ninguém fazer um manto externo de duas camadas antes, mas já tinha planejado isso também: estava tão interessado e tinha um desejo tão forte que acabei pensando muito a respeito. Decidi o método de costura do manto e de como arrematar a borda, cada detalhe final, até que pudesse fazê-lo, até que pudesse visualizá-lo claramente. Quando me oferecessem algum tecido, estaria em condições de começar imediatamente. Por que não? Era proficiente. Poderia cortar o pano e fazer o manto superior. E o manto externo de duas camadas, esse podia fazer ainda melhor. Como poderia falhar tendo esse tipo de obsessão?

Assim diz o ditado: onde há interesse apaixonado, há êxito. A meditação é a mesma coisa. Se tiver um interesse passional, não dormirá muito. A mente está desperta; está concentrada, está olhando — aquilo é daquela forma, isso é dessa forma — até que você seja proficiente.

Vinha usando meu manto inferior (*sabong*) por dois anos e ele estava quase todo esfarrapado. Tinha que suspendê-lo quando me sentava. Um dia, estava varrendo folhas na área central do mosteiro em Bahn Pah Tao. Estava quente e estava suando. Sem pensar, me agachei para descansar sem erguer antes o manto inferior e ele rasgou bem no meio do meu traseiro. Tive que pedir emprestado o sarongue de um leigo. Não havia pedaços de pano para remendos por ali, então tive que lavar um pano de limpar os pés e colocar o remendo por dentro do manto inferior.

Sentei e pensei comigo: “Por que o Buda faz os monges sofrerem tanto? Você não pode pedir tecidos, você não pode fazer nada para se ajudar.” Fiquei desanimado: tanto meu manto

** Ver Apêndice I

superior quanto o inferior estavam rasgados. Sentei em meditação e tomei uma nova decisão. Pensei: “Tudo bem, seja lá o que acontecer, não vou desistir. Se não tiver mantos, vou apenas ficar nu.” Minha mente estava mesmo cheia de entusiasmo. Pensei em levar as coisas ao limite e ver o que aconteceria. A partir de então, usei mantos remendados na frente e atrás, desisti da ideia de mudá-los.

Fui prestar meus respeitos a Luang Pu Kinari novamente. Quando estava vivendo com ele, eu não era como os outros e nem ele era. Ele estava me observando. Nunca pedi nada enquanto estava lá; sempre que meus mantos rasgavam mais um pouco, encontrava pano para remendá-los. Ele não me convidou para ficar e não pedi para ficar, e ainda assim, fiquei e diligentemente dei continuidade à minha prática. Não conversávamos – era mais como um tipo de disputa. Um pouco antes do retiro das chuvas, ele deve ter falado para as monjas que havia um monge que tinha vindo para ficar e que estava com os mantos esfarrapados. Pediu a elas que fizessem um novo jogo de mantos, a partir de panos tecidos à mão que foram oferecidos pouco tempo antes: um material grosso e resistente tingido de corante de jaca. As monjas costuraram tudo à mão, usando “fios de puxar cadáver”. Fiquei eufórico. Usei aquele manto por quatro ou cinco anos sem rasgá-lo.

Mas por ser novo, o pano estava bem duro e não se adaptava ao formato do meu corpo. A primeira vez que pus o manto, ficou parecido com um enorme pote de barro. Quando andava, fazia um som barulhento: “suapsap suapsap”. Com meu manto externo usado sobre ele, as duas camadas extras de pano me faziam ficar ainda mais imenso. Se estivesse vestido com aquele manto, subindo uma montanha e me encontrasse com um tigre, tenho certeza que ele não ousaria me atacar. Seu rugido teria morrido na boca. Teria ficado completamente atordoado com a figura amarela e rígida na frente dele. Nunca reclamei desse manto e, depois de usá-lo por um ano ou mais, ele começou a amaciar. Usei o manto por um longo tempo e, desde esse dia, tenho consciência de ter uma dívida de gratidão com Luang Pu Kinari por me ter dado aquele manto, sem que eu pedisse. Foi uma grande boa fortuna ter recebido aquele manto, e, daquele momento em diante, meus sentimentos de descontentamento me abandonaram.

Quando olhava para as minhas ações desde o passado até o presente e na direção do futuro, isso me fazia pensar que, se a ação volitiva não é imoral, não causa aflição e faz com que a pessoa sinta contentamento e felicidade, isso é bom karma. Tinha isso em mente e, ao perceber essa verdade, pareceu-me que as coisas começaram a se encaixar. E então, acelerei minha prática de meditação ao máximo.

UMA VIRTUDE DESCONHECIDA

Mas o velho demônio da luxúria não tinha sido de nenhuma forma vencido. Durante a estação quente de tudong de 1948, antes de retornar ao mosteiro de Luang Pu Kinari, Luang Pó encontrou um lugar agradável para a prática meditativa em Wat Bahn Tong, na província de Nakhon Phanom, e decidiu descansar um pouco da caminhada. Depois de alguns dias, porém, ele passou a se sentir desagradavelmente consciente dos olhares e sorrisos recatados de uma das mulheres leigas que apoiavam o mosteiro.

No folclore de Isan, é um tema recorrente o monge ingênuo que cai na armadilha e é tentado a abandonar a vocação monástica por uma jovem e ardilosa viúva. Talvez tal popularidade seja por causa da singularidade dessa corte sutil — iniciada, sugerida e encaminhada mais pela mulher do que pelo homem. Em Bahn Tong, a protagonista parecia ter saído da música de um menestrel. Era uma viúva de fato, uma dessas mulheres que vinham ao mosteiro, toda manhã, para oferecer comida. Incapaz de abordar Luang Pó diretamente, ela tratou de criar uma conexão entre eles através do filho. Funcionou. Luang Pó desenvolveu um carinho afetuoso pelo garoto. A atração pela mulher misturou-se à ternura que ele sentiu por seu filho.

Luang Pó costumava guardar segredo. Ele não revelou a ninguém como seus sentimentos pela mulher tornaram-se fortes. No entanto, a extensão com que suas emoções estavam esmagando sua capacidade de julgamento pode ser avaliada pela maneira pela qual ele resolveu o problema. Uma manhã, bem cedo, o postulante Kéu foi sacudido para que acordasse e, ao abrir os olhos, viu Luang Pó olhando para ele. Luang Pó estava com seu manto, a tigela embalada e pronto para sair. O velho homem começou a apelar: “Você não pode esperar até amanhã de manhã?” Mas ele foi logo interrompido: “Não!” A voz de Luang Pó soava áspera na escuridão: “Vamos sair imediatamente”.

Sua justificativa para a retirada apressada é fácil de entender a partir dos ensinamentos que ele deu aos seus alunos, anos mais tarde. Nessas instruções, ele enfatizaria que os monges fossem honestos consigo mesmos sobre suas fraquezas e não se influenciassem pelo orgulho. Se eles não tivessem recursos suficientes para lidar com um desafio, então deveriam humildemente aceitar isso, fazer uma retirada estratégica e trabalhar para desenvolver recursos que os habilitassem a lidar de forma mais efetiva com o desafio quando ele ocorresse novamente. A convicção subjacente deve ser a de que o desejo sexual físico não é uma parte fixa da natureza do monge que ele pode apenas esperar reprimir. Ao mesmo tempo que é certamente um hábito profundamente arraigado e imensamente poderoso do corpo e da mente, é dependente de causas e condições que podem e devem ser completamente eliminadas pela prática do caminho óctuplo.

UM PODEROSO CONFLITO

Como relatado acima, Luang Pó voltou ao mosteiro de Luang Pu Kinari antes do começo do retiro das chuvas e foi presenteado com um novo manto. Ele acelerou sua prática de meditação, mantendo sua prática de meditação andando mesmo que o sol estivesse escaldante ou que muita chuva estivesse caindo, a ponto de a parte central do seu local de meditação ter se tornado uma vala. Luang Pu Kinari, por sua vez, dificilmente fazia algo assim. Às vezes, ele podia ser visto perambulando em seu local de prática de meditação, dando umas duas ou três voltas e então se sentando debaixo de alguma sombra para remendar algum pedaço de pano ou consertar algo que estivesse quebrado.

Achava que ele não chegaria a lugar nenhum. Ele não praticava meditação andando e nunca se sentava em meditação por muito tempo. Ele apenas ficava consertando ou arrumando coisas por aí, o dia inteiro. “Quanto a mim”, eu pensava, “mal tirava um momento de descanso e ainda não havia realizado nada; se Luang Pu está praticando desse jeito, o que ele espera alcançar?” Entendi tudo errado. Luang Pu Kinari sabia muito mais do que eu. Ele quase nunca dava ensinamentos e quando dava era conciso, mas suas palavras eram sempre profundas e repletas de uma afiada sabedoria.

Luang Pó resumiu a importante lição que aprendeu:

O campo de visão de um professor excede de longe o nosso. O esforço em erradicar as impurezas dentro da mente é que é a essência da prática; você não pode julgar o professor pelo quanto ele senta ou anda.

Durante o retiro das chuvas, o desejo sexual — uma tempestade avassaladora dele — voltou a assolar o corpo e a mente de Luang Pó. Isso ocorreu quando ele estava colocando um grande esforço em sua prática. Uma interpretação poderia ser que tamanha introspecção trouxe desejos represados à superfície. A forma mais comum dos professores de floresta descreverem esse fenômeno, no entanto, é a personificação das impurezas como sendo tiranos que dominaram a mente por incontáveis vidas e que, vendo agora uma ameaça à sua hegemonia, reagem violentamente com todas as forças que tenham à disposição. Qualquer que seja a explicação, Luang Pó repentinamente encontrou-se, naquela densa e úmida floresta, envolto em um reino de vaginas. De olhos abertos ou fechados — dezenas, centenas daquelas imagens alucinógenas, devastadoramente reais, rodeavam-no. O poder de seu desejo sexual era quase incontrolável — tão violento quanto o medo que sentiu no crematório da floresta. Não havia o que fazer, a não ser suportar.

Algumas explicações devem ser dadas para deixar claro o tamanho do dilema de Luang Pó. O Buddha ensinou que, no caminho para a iluminação, o desejo sexual pode, e finalmente deve ser completamente transcendido. Para esse fim, monges assumem uma forma absoluta de celibato com o intuito de isolar e revelar a natureza impermanente, insatisfatória e impessoal do desejo sexual, e assim desenraizar a identificação com ele. O peso da disciplina se faz presente nessa prática tornando a emissão intencional de sêmen uma das mais graves ofensas (*saṅghādisesa*). Caso seja cometida, faz-se necessário um período de penalidade e reabilitação profundamente embaraçoso para o transgressor (ele deve, por exemplo, confessar publicamente a sua ofensa para a Sangha, diariamente, durante todo o período de punição) e inconveniente para a comunidade de monges. Mesmo que não chegue a se masturbar, um monge que faça a menor tentativa de, deliberadamente, excitar-se sexualmente, ou aliviar fisicamente sensações sexuais, comete uma ofensa da mesma maneira (contudo de uma natureza menos grave). Portanto, a ele não é dada nenhuma escolha a não ser encarar a tensão do desejo sexual. Até que surja o insight, um monge deve se sustentar na paciência e na capacidade de suportar, na reflexão sábia, na calma da mente e na confiança do valor de lutar contra esses sentimentos.

Luang Pó tinha um constante medo da ejaculação. Durante esse período, ele nem ousava praticar meditação andando: tinha medo de que, se o roçar do manto inferior estimulasse muito o pênis, não fosse capaz de se controlar. Pediu para que um leigo fizesse para ele um caminho de meditação andando para dentro da floresta, para que pudesse praticar por lá durante a noite com seu manto inferior puxado para cima, amarrado na cintura. Foram dez dias inteiros, até que aquelas visões e a luxúria que elas estimulavam finalmente se desfizessem. Muitos anos depois, Luang Pó contou ao seu velho amigo Phut, talvez por brincadeira (talvez não) que aquelas vaginas pertenciam a todas as suas esposas de vidas passadas. Qualquer que fosse a origem, esse episódio veio a ser uma das últimas grandes expressões da natureza sexual dele.

Encontrar maneiras hábeis de lidar com o desejo sexual é uma grande preocupação para muitos monges jovens e, anos mais tarde, Luang Pó contaria esse incidente aos seus discípulos em várias oportunidades. Queria que eles vissem o quanto esses sentimentos eram naturais e que era possível transcendê-los com determinação. Ele mesmo sobreviveu ao ataque, e não foi através de uma enorme quantidade de concentração ou esplêndida sabedoria, mas pela boa, velha e nada romântica capacidade de aguentar “rangendo os dentes”. Em 1968, quando uma primeira e curta biografia de Luang Pó estava sendo escrita, ele insistiu para que esse episódio das alucinações com vaginas fosse incluído. O autor, Ajahn Mahā Amón, estava um pouco apreensivo sobre o quanto revelações tão

francas deveriam ser expostas ao grande público. Não era o tipo de material encontrado naquele tipo de livro. Luang Pó disse que se ele omitisse esse episódio, cancelaria todo o projeto.

O retiro das chuvas em Wat Pah Bahn Nong Hi não foi apenas essa avassaladora e tempestuosa batalha, ao contrário: uma noite, quando Luang Pó havia se deitado para dormir, ao final de uma longa sessão de meditação, foi saudado pela visão de Luang Pu Man, em pé à sua frente, segurando uma joia brilhante. Luang Pu Man disse: “Chah, eu lhe dou essa joia de presente. Veja como ela brilha”. Luang Pó sentou-se e estendeu sua mão direita para recebê-la. Naquele momento ele acordou e se viu sentado na esteira com a mão fechada em punho, como se estivesse segurando algo supremamente precioso. O ânimo de Luang Pó recebeu um tremendo incentivo por essa auspiciosa visão, e, pelo resto do retiro, ele foi tomado por uma chama de insaciável entusiasmo pela prática.

Luang Pó permaneceu em Nong Hi até o verão do ano seguinte (1949), quando, debaixo de um sol de escaldar, ele retomou sua peregrinação mais uma vez. Mas antes, seguindo a antiga tradição, ofereceu uma bandeja com velas a Luang Pu Kinari, incensos e “escovas de dentes de madeira”³² que ele mesmo tinha feito da árvore *kotah* (que tem propriedades adstringentes) e pediu perdão por quaisquer faltas que pudesse ter cometido consciente ou inconscientemente durante a estadia. Luang Pu Kinari elogiou a dedicação de Luang Pó à prática, mas, com seu jeito lacônico, alertou-o sobre as distrações que poderiam surgir com seu dom para ensinar o Dhamma:

"Venerável Chah, tudo em sua prática está bom. Mas tenha cuidado com dar palestras."

DIFERENTES TIPOS DE DEFICIENTES

Alguns dias depois de iniciar a caminhada, Luang Pó e seu novo companheiro, o Venerável Leuam, pararam para pernoitar em um crematório de floresta. Na manhã seguinte, depois de saírem para a mendicância matinal em um vilarejo próximo, foram seguidos na volta para a floresta por dois jovens. Os garotos pediram permissão a Luang Pó para acompanhá-lo como seus alunos e atendentes. Assim que Luang Pó se certificou de que os pais dos garotos não se opunham, concordou. Ele estava comovido pela resolução dos garotos:

Aqueles dois garotos eram deficientes físicos, mas tinham fé nos ensinamentos do Buddha e se voluntariaram para compartilhar as dificuldades da vida em *tudong*. Eles me deram muito alimento para reflexão. Um deles tinha pernas fortes e olhos bons, mas era surdo. Tínhamos que nos comunicar com ele através de sinais. O outro tinha olhos e ouvidos funcionando normalmente, mas tinha uma perna torta que às vezes se enganchava na perna boa enquanto caminhava, fazendo-o cair no chão. Eles nos seguiram, pois aquele era o mais profundo desejo deles e as deficiências não poderiam detê-los de forma alguma.

O monge *tudong* dispõe de muitas horas por dia para voltar a atenção para sua mente que, como resultado desse interesse, geralmente entra em um estado natural de reflexão. O som distante de algum macaco, uma pequena criatura em decomposição no meio do caminho, uma repentina brisa refrescante — os pequenos eventos do dia e os sentimentos que eles evocam se tornam matéria-prima para investigação. Observações e insights, que para o não meditador seriam normalmente abafados pela incessante conversa interna, podem adquirir uma ressonância poderosa. Peregrinando pelos duros caminhos de Nakhon Phanom, acompanhado pelo incessante barulho das cigarras nas

³² Uma tradicional escova de dentes feita à mão, esculpida em uma madeira com propriedades antissépticas, com uma ponta esculpida em fiapos para escovação dos dentes e a outra ponta esculpida de forma afiada para usar como palito de dentes.

árvores — algumas cobertas por belos botões de flores rosadas, amarelas, vermelhas e outras já encolhidas ou ressecadas — Luang Pó sentiu a mente voltando-se diversas vezes para os novos jovens companheiros.

Anos mais tarde, relataria aos discípulos algumas das reflexões provocadas pela companhia desses garotos. A coragem e determinação deles lhe pareceram um excelente exemplo da força da mente em vencer obstáculos. Eles não escolheram nascer com aquelas dificuldades — e certamente era a última coisa que seus pais poderiam ter desejado — e ainda assim suas vidas eram dominadas por elas. Como o Buddha ensinou frequentemente: todos os seres são nascidos de suas ações, são donos de suas ações e herdeiros delas. No entanto, Luang Pó era lembrado por esses garotos de que, através de uma atitude sábia perante nossa herança cármica, a dignidade pode ser encontrada.

Enquanto caminhava pela trilha na floresta e o ritmo de sua marcha constante o levava a novas reflexões, ele se dizia:

Esses garotos são fisicamente deficientes, mas, se vagueiam fora do caminho e entram na densa floresta, percebem isso. Também sou deficiente — pelas impurezas na minha mente. E se elas me levam a uma floresta escura, será que percebo isso? Esses garotos não fazem mal a ninguém, mas qualquer mente severamente incapacitada pelas impurezas pode causar grande confusão e agitação em outras pessoas.

DORMINDO EM UMA TRILHA ANTIGA

Ao final do dia, o pequeno grupo chegou aos limites de uma densa floresta. No momento em que eles entraram em suas sombras, sentiram a temperatura cair abruptamente e se deleitaram naquele frescor. A floresta circundava uma colina íngreme, cheia de afloramentos rochosos e ásperos, dos quais uma cascata caía desafiando a estação: água para beber e água para tomar banho. Visível através dos campos de arroz, havia uma pequena vila na qual eles poderiam pedir esmolas pela manhã. Parecia um bom lugar para passar a noite.

Enquanto procuravam por locais para instalar seus *glots*, Luang Pó notou uma pequena trilha coberta de vegetação que serpenteava pela floresta até a encosta. Ele então se lembrou de um velho ditado que nunca tinha entendido direito: “Não se deite atravessado em uma trilha antiga na floresta”. Resolveu ignorar a recomendação e ver o que acontecia. Luang Pó mandou o venerável Leuam instalar seu *glot* a uma certa distância na floresta e os garotos a se instalarem mais ou menos no meio do caminho entre os dois monges. Quanto a Luang Pó, ele colocou seu *glot* exatamente atravessando a tal trilha.

Depois de se banharem no pequeno curso d'água, todos começaram a praticar meditação. Luang Pó manteve sua tela de mosquitos erguida, para que os garotos pudessem vê-lo caso sentissem medo. Tarde da noite, ele finalmente deitou-se, plenamente atento, sobre seu lado direito. Deitou-se atravessado na trilha antiga, de costas para a floresta e de frente na direção do vilarejo. A princípio, parecia que nada iria acontecer, que evitar deitar-se na trilha era apenas mais uma superstição infundada. Mas assim que o sono estava prestes a tomar conta, Luang Pó percebeu o suave barulho de folhas secas estalando. Alguma coisa grande estava se movendo em sua direção num passo lento e confiante. Conforme chegava cada vez mais perto, Luang Pó pôde ouvir o som de uma respiração. Farejou no ar o inconfundível cheiro azedo, que significava que um tigre estava se aproximando. Tentou permanecer deitado tão imóvel quanto uma pedra, mas parte de sua mente entrou em pânico e ele começou a tremer descontroladamente. No entanto, o medo durou pouco. Ele deu uma bronca em si mesmo:

Esqueça dessa vida. Mesmo que esse tigre não lhe mate, você vai morrer de qualquer jeito. Morrer seguindo o caminho do Buddha significa alguma coisa. Se você nunca matou ou comeu um tigre no passado, então ele não lhe machucará. Se você fez isso, deixe que ele o coma e pague essa dívida.

Em momentos de intenso medo, o Buddha ensinou os monges a se recordarem das virtudes da Joia Tríplice. Ele comparava esse efeito inspirador sobre a mente com a visão que a bandeira do exército tem sobre um soldado no calor da batalha. Luang Pó recordou-se das virtudes do Buddha, do Dhamma e da Sangha, da pureza de sua própria *sīla* como refúgio e imediatamente sentiu-se fortalecido. Enquanto isso, o tigre parou. Permaneceu imóvel atrás dele na noite. Luang Pó podia escutar a respiração dele a uns quatro ou cinco metros de distância. Sentiu a horrível tensão de esperar pelo acelerar daquela respiração e pelo repentino ataque pelas costas que significaria o fim de sua vida. Mas agora os pensamentos e medos estavam de alguma forma fora de sua mente. O tigre não se mexia. Alguns momentos depois, Luang Pó o ouviu dar meia-volta e retornar vagarosamente para as profundezas da floresta. O som das folhas estalando gradualmente desapareceu.

Talvez seja justo, para com os quase extintos tigres tailandeses, dizer que praticamente não há casos conhecidos de um deles ter atacado um monge *tudong*. O tigre não é, nem de longe, a criatura mais perigosa da floresta. Quando surpreendido ou assustado por um ser humano, especialmente um monge, ele quase sempre sairá de cena com dignidade. O mesmo não se pode dizer de elefantes. Mesmo que a imagem que os ocidentais tenham dos elefantes tenda a ser a de um animal cordial que dá carona em suas costas, nunca se esquece de nada e tem uma queda por bolo de creme, na natureza selvagem, ele pode ser imprevisível e eventualmente transformar-se num violento colosso. Sua forma de lidar com inconvenientes seres humanos pode ser pisoteá-los ou agarrá-los com a tromba e batê-los contra uma árvore. Luang Pu Man considerava os ursos como as criaturas mais perigosas e dava um assovio especial para alertá-los de que estava chegando. Mas o medo é imune à lógica e às estatísticas. Existe uma coisa com tigres que é primitiva e evocativa de uma maneira única. Luang Tá Mahā Bua uma vez contou sobre seu encontro com um tigre na floresta:

"Se o medo for derrotado, então a mente será tomada pela coragem e se deleitará numa profunda paz interior. Se o medo vencer, ele se multiplicará rápida e prodigiosamente. O corpo inteiro será envolto tanto por um calor de transpirar quanto por um frio enorme, por uma vontade de urinar e defecar. O monge será sufocado pelo medo e parecerá mais um homem morto do que vivo."

Luang Pó, repentinamente alçado ao que ele percebeu como uma situação de vida ou morte, evocou uma força em sua mente que não sabia que existia. Mais tarde, disse sobre esse incidente que, assim que abandonou qualquer preocupação por sua vida e simplesmente abriu mão sem arrependimentos ou medo, foi tomado por uma profunda calma e contentamento, acompanhados por *sati* e sabedoria de grande clareza. Sua mente estava decidida e destemida, pronta para encarar o que quer que acontecesse. Foi algo maravilhoso.

UMA BOA PESSOA

Sozinho um monge deve sentar-se, sozinho ele deve descansar. Sem preguiça, ele deve caminhar sozinho. Sozinho ele deve domar a si mesmo. Sozinho ele deve encontrar alegria em viver na floresta.
- Dhp 305

Luang Pó começou a sentir uma fome quase física por estar sozinho. Conforme sua prática progredia, também progredia a convicção de que ela estava sendo freada pelo senso de responsabilidade que

ele sentia por seus companheiros de viagem. Percebeu que havia chegado ao ponto em que deveria concentrar-se em si mesmo e desenvolver sua meditação sem distrações externas. Discutiu o assunto com o Venerável Leuam, que se ofereceu para levar os garotos de volta para casa e, no dia seguinte, eles se separaram. Sozinho, pela primeira vez, Luang Pó partiu cheio de propósito. Se um pequeno enjoo no seu estômago perturbou os sentimentos de excitação e júbilo pela recém-encontrada liberdade, ele não deu a menor atenção.

Na tarde seguinte, Luang Pó encontrou um mosteiro abandonado bem próximo ao vilarejo de Bahn Kha Noi. Pareceu ser um local apropriado para o trabalho que queria realizar, e instalou seu *glot* no empoeirado salão. Finalmente sozinho, Luang Pó sentiu-se desatado e livre. Intensificou seus esforços, mantendo uma atenção próxima e alerta sobre seus olhos, ouvidos, nariz, língua e corpo, não permitindo que sua mente procurasse a menor distração no mundo sensorial. Esse era o método — ele sabia — mais eficiente para prevenir a dissipação da energia mental e para criar as condições de suporte para o foco integral em um objeto de meditação.

Impressões dos sentidos podem ter tanto impacto em um meditador, quanto ventos fortes e irregulares em alguém que caminha sobre uma corda-bamba. Indulgência com o som prazeroso de uma voz feminina cantando em um campo próximo ou comer um pouco a mais de arroz grudento em uma refeição matinal não podem ser considerados atos maléficos. Mas eles podem, ainda assim, tirar a mente do monge de foco por várias horas, de forma frustrante. Durante a mendicância matinal, Luang Pó mantinha seu olhar constantemente baixo, respondia às solicitações dos camponeses locais de maneira taciturna — naquele momento não queria visitas sociais dos devotos leigos — e se esforçava, de maneira firme, em manter a atenção no objeto de meditação em cada passo dado no caminho. Assim que tivesse terminado a refeição e lavado a tigela no poço, começaria a primeira hora, das muitas outras do dia, de meditação andando. Mas mesmo o corpo calejado de viajante de Luang Pó não pôde dar conta das demandas impostas sobre ele. Depois de algum tempo, seus pés estavam tão inchados pelos esforços realizados que, de forma relutante, abandonou a prática da meditação andando e dedicou-se exclusivamente à meditação sentado. Levou três dias até que as fortes dores em seus pés diminuíssem.

No mosteiro abandonado em que morava, pequenos sinais dos antigos moradores estavam por toda parte. Gotas de cera de vela pontilhavam o chão; atrás do altar havia livros desbotados, comidos por cupins. Era uma solidão criada, nascida da rejeição, e por isso era triste, de uma forma que nem o mais remoto topo de montanha ou caverna poderiam ser. Um dia, para sua exasperação, Luang Pó percebeu que estava se sentindo solitário. Um dos seus característicos diálogos internos veio à tona:

Comecei a pensar que seria bom ter um jovem noviço ou um postulante comigo para ajudar com os pequenos afazeres. Mas então outros pensamentos começaram a desafiar aquela linha de pensamento: “Você é muito engraçado! Há pouco tempo atrás, estava cansado dos companheiros. Então por que você quer encontrar mais alguns?” Sim, é verdade que eu estava cansado, mas apenas de pessoas que não são boas companhias³³. Nesse momento, preciso de um bom companheiro. “Então onde estão essas boas pessoas? Você pode sair para procurá-las? Você nunca esteve satisfeito com nenhum de seus companheiros até agora. Você deve pensar que é a única pessoa boa por aí, para tê-los deixado para trás e ter vindo aqui sozinho.”

³³ Aqui, Luang Pó está aparentemente se referindo a bons “amigos do Dhamma”, companheiros nos mesmos esforços.

Luang Pó disse que, quando esse pensamento surgiu, ele ganhou um insight que o seguiria daquele dia em diante:

Onde está a boa pessoa? Está dentro de nós mesmos. Se somos bons, então para onde quer que formos essa bondade vai conosco. As pessoas podem nos elogiar, nos culpar ou nos tratar com desdém, mas, o que quer que elas digam ou façam, a bondade segue ali. Sem bondade, nossa mente constantemente perde o equilíbrio: ficamos com raiva de críticas e contentes por elogios. Através do saber onde mora a boa pessoa, temos um princípio para nos sustentar ao deixar os pensamentos. Se formos para algum lugar onde as pessoas não gostam da gente ou dizem coisas sobre nós, não consideraremos que aquilo ocorra por elas serem boas ou más pessoas; sabemos que “ser bom” ou “ser ruim” está dentro de nós. Ninguém pode nos conhecer melhor do que nós mesmos.

EXPLOSÕES

Luang Pó seguiu em peregrinação, procurando por locais pacíficos para praticar, até que um dia ele chegou em Bahn Khok Yao onde ele encontrou outro mosteiro abandonado, a mais ou menos meio quilômetro do limite do vilarejo. Sua mente se sentiu leve e tranquila. Era como se estivesse acontecendo uma reunião de forças.

Uma noite, houve um festival no vilarejo. Algum tempo depois das onze da noite, enquanto estava praticando meditação andando, comecei a me sentir meio estranho. De fato, essa sensação — um tipo de calma e tranquilidade incomuns — tinha aparecido primeiro durante o dia. Quando comecei a ficar cansado de andar, fui para a pequena cabana com telhado de palha para me sentar e fui pego de surpresa. De repente, minha mente desejava tranquilidade de uma forma tão intensa, que eu mal pude cruzar as pernas rápido o suficiente. Aquilo apenas aconteceu por si. Quase imediatamente, a mente tornou-se, de fato, pacífica. Sentiu-se firme e estável. Não era que eu não escutasse o barulho dos festejos no vilarejo. Seguia escutando, mas podia também escolher não escutar. Era estranho. Quando não prestava atenção no barulho, havia silêncio. Se quisesse escutar, conseguia e não me irritava. Dentro de minha mente, era como se houvesse dois objetos juntos, mas sem nenhuma conexão entre eles. Vi a mente e o seu objeto de sentido estabelecidos em locais diferentes, como uma chaleira e uma cuspeira dispostas ao lado do assento de um monge.

Percebi que, se a concentração ainda é fraca, ouvimos sons; mas quando a mente está vazia, então há o silêncio. Se surge um som e você percebe o som, você vê que esse “perceber” está separado do som. Eu refleti: “Bem, como mais poderia ser? É do jeito que é. Eles são desconectados”. Segui considerando esse aspecto até que percebi: “Ah, isso é importante: quando a continuidade (*santati*) entre as coisas é quebrada, então há paz (*santi*).” Antes havia *santati*, e agora, *santi* emergiu dela. Segui com minha meditação. Minha mente estava completamente indiferente a todos os fenômenos externos.

Se quisesse parar de meditar naquele momento, poderia tê-lo feito à minha vontade. Seria por estar com preguiça, por estar cansado ou entediado? Não, de jeito nenhum. Não havia nada daquilo em minha mente. Havia simplesmente um senso da “medida certa”. Se parasse, seria meramente aquilo; não havia impureza envolvida.

Algum tempo depois, parei para descansar. Mas foi apenas a minha postura que mudou, minha mente seguia naquele mesmo estado. Peguei meu travesseiro, com a intenção de dormir. Quando me deitei, minha mente seguia tão pacífica quanto antes. No exato

momento em que a minha cabeça tocou o travesseiro, na mente havia um senso de se inclinar, direcionar-se para dentro — para onde, eu não sabia. Então foi como se um interruptor tivesse sido acionado, liberando energia para um cabo elétrico. Meu corpo explodiu com um tremendo estrondo. A consciência naquele momento era extremamente sutil. Passado aquele ponto, ela direcionou-se para dentro, para um reino onde não havia absolutamente nada. Nada podia se encaminhar para lá, nada podia alcançar aquilo. A atenção parou ali por um momento e então se retirou. Mas não quero dizer que foi uma saída intencional — eu era apenas testemunha daquilo, o observador. Minha mente retirou-se de forma firme até que retornasse ao estado normal.

Quando minha mente regressou à normalidade, uma questão surgiu: “O que aconteceu?” E a resposta apareceu: “essas coisas são fenômenos naturais, não há necessidade de ficar perplexo com isso.” Essas poucas palavras foram suficientes para que minha mente aceitasse o que estava acontecendo. Depois de uma pequena pausa, ela começou a inclinar-se novamente e num certo ponto, acionou o mesmo interruptor. Dessa vez, meu corpo desintegrou-se em finos fragmentos e novamente direcionei-me para dentro. Havia um silêncio completamente impenetrável, superior ao da primeira vez. Depois de um período de tempo apropriado, minha mente retirou-se. Tudo aconteceu automaticamente. Não exerci nenhum arbítrio ou influência no que estava acontecendo, não tentei fazer as coisas acontecerem de acordo com um plano para entrar naquele estado ou sair dele de alguma forma específica. Apenas me mantive ciente, apenas segui observando. Minha mente retirou-se para o estado normal novamente e não fiz especulação nenhuma. Sentei ali em contemplação, e então aconteceu de novo, pela terceira vez, e o mundo inteiro se desintegrou — terra, vegetação, árvores, montanhas, pessoas. Tudo se tornou o “elemento espaço”. Foi o fim de todas as coisas. Nesse estágio final, não havia absolutamente nada.

Permaneci naquele estado pelo tempo que ele quis que eu ficasse lá. Não sei como um lugar daquele podia existir. Era difícil compreender e é difícil falar daquilo. Não havia nada que pudesse se comparar com aquilo. A terceira vez que a mente permaneceu naquele reino foi a mais longa e, quando chegou a hora, ela se retirou para o estado normal. Essas três vezes — do que elas poderiam ser chamadas, quem poderia saber?

Descrevi o estado natural da mente. Não falei em linguagem técnica de consciência (*citta*) e concomitâncias mentais (*cetasikā*), pois não é necessário. Tinha a fé para ir fundo na prática, para apostar minha vida. Quando chegou a hora desse tipo de coisa surgir, o mundo virou de cabeça para baixo. Se qualquer um tivesse me visto naquele momento, pensaria que eu tinha enlouquecido. De fato, para alguém que não tem autocontrole, aquele tipo de experiência pode ser enlouquecedora, porque depois daquilo, nada é como era antes. As pessoas não parecem mais as mesmas. Mas certamente é apenas você que está diferente — diferente em todos os sentidos. Os pensamentos delas vão em uma direção, e os seus, vão em outra. Elas falam de uma coisa, você fala de outra. Elas vão para lá, você vem para cá. Você está completamente em desacordo com a raça humana.

PENSAMENTO EQUIVOCADO

Luang Pó continuou com sua prática em Bahn Khok Yao por quase três semanas e então partiu em peregrinação mais uma vez. Quando passou pelos pequenos vilarejos de Sisongkhram, sentiu um profundo senso de calma e fluidez tomando conta da sua mente. O Dhamma fluía sem esforços, tanto ao responder as suas próprias dúvidas quanto as dúvidas dos camponeses que, em algumas

noites, vinham ao seu *glot* trazendo oferendas de tabaco e noz de betel³⁴, iluminados por suas lamparinas fumacentas.

Luang Pó cruzou o rio Mekong até o Laos por um curto período com o intuito de prestar reverência em um famoso santuário. Depois de retornar a Isan, decidiu descansar em um mosteiro fora de Bahn Nong Kah. Naquela época, sua tigela de ferro tinha algumas rachaduras e pequenos buracos, e o abade ofereceu-lhe uma outra para substituí-la. Foi outra oportunidade para que ele refletisse sobre os seus desejos por requisitos e para que se lembrasse de que sua prática ainda não estava tão inabalável quanto ele gostaria. Em Bahn Khok Yao, ele experienciou um profundo nível de paz, mas agora, não muito depois, as impurezas o desviavam do caminho mais uma vez.

Eles me ofereceram uma tigela, mas ela estava rachada e não tinha tampa. Então me lembrei que, quando era criança e levava os búfalos d'água para o pasto, via outros garotos trançando palha para fazer chapéus. Então pedi um pouco de junco. Trancei um disco e um retângulo e os juntei. Eu tinha então uma tampa para tigela, o único problema foi que ficou parecendo um cesto para levar arroz grudento. Na mendicância matinal, era realmente muito feio. Os camponeses me chamavam de "monge do tigelão". Eu apenas ignorava.

Tentei fazer outra. Trabalhei dia e noite nela. Era o tipo errado de esforço, alimentado pelo desejo. Durante a noite, acendia uma tocha e trabalhava sozinho na floresta. Trançando e desfazendo as tiras, esbarrei na ponta da tocha e ela respingou em mim, escaldando a minha mão — ainda tenho a cicatriz até hoje. Recobrei a consciência: “O que que estou fazendo? Tenho pensado nisso de forma errada. Eu me tornei um monge e agora estou sem dormir apenas para conseguir mantos e uma tigela. Esse é o tipo errado de esforço.”

Coloquei o trabalho de lado. Sentei e pensei sobre aquilo e então fui praticar meditação andando. Mas enquanto andava para frente e para trás, minha mente voltava à tampa da tigela e voltava a trabalhar nela, completamente absorto, até quase amanhecer. Estava cansado; fiz uma pausa e comecei a meditar. Quando me sentei, o pensamento veio novamente: “isso está errado”. Comecei a ficar sonolento e tive uma visão de um enorme Buddha. Ele disse: “Venha aqui. Eu vou lhe dar uma palestra do Dhamma”. Fui em sua direção e me prostrei. Ele me deu um discurso sobre os requisitos, disse que eles eram meros acessórios para o corpo e a mente. Acordei num estalo, meu corpo tremendo. Mesmo agora, consigo ouvir o som de sua voz no meu ouvido.

Apreendi a lição. Estava cego pelo desejo, mas então parei. Trabalhei por um tempo razoável e então descansi, andei e pratiquei meditação sentado. Isso foi um ponto realmente importante. Anteriormente, qualquer trabalho que houvesse, se eu ainda não o tivesse terminado e o colocasse de lado para ir meditar, minha mente seguia apegada a ele; eu não conseguia me livrar. Não importava o quanto tentasse mudar aquilo em minha mente, algo não cedia. Então usei isso como um treinamento mental: um treino em abandonar, em largar.

Qualquer coisa que fizesse, determinei-me a não terminar rapidamente. Depois de trabalhar um pouco na tampa da tigela, praticava meditação, mas mesmo que estivesse andando ou sentado, minha mente seguia atada à tampa da tigela e não se concentrava em nada mais. Vi o quanto é difícil para a mente largar algo. Ela se apegava de forma tenaz. Mas ganhei outro

³⁴ Como fumar não é expressamente proibido no Vinaya e os prejuízos à saúde associados ao fumo não eram conhecidos naquela época, muitos dos monges de floresta da geração de Luang Pó fumavam. A Sangha de Wat Pah Pong proibiu a prática no final da década de 1960.

fundamento para contemplação: não se apresse em terminar nada. Faça um pouco e então ponha de lado. Observe sua mente. Se ela segue rodando e rodando de volta ao trabalho inacabado, então veja como você se sente. Aí começa a ficar divertido. Vá para a batalha.

Estava determinado a não parar até que tivesse treinado minha mente ao ponto que, quando trabalhasse, apenas trabalharia; e quando parasse, conseguiria colocar o trabalho de lado em minha mente. Faria com que trabalho e descanso fossem separados, distintos, para que não houvesse sofrimento. Mas era extremamente difícil treinar dessa forma. Apegos são difíceis de se abandonar, difíceis de colocar de lado. A ideia que eu tinha de terminar logo as coisas, o mais rápido possível, não estava de todo errada. Mas do ponto de vista do Dhamma isso não é correto, pois não há nada que você possa saber definitivamente, se sua mente se recusa a parar.

Comecei a refletir sobre sensações. Como você pode abrir mão de sensações agradáveis e desagradáveis quando elas estão presentes? É o mesmo com a tampa da tigela...

Então esse era o princípio: não faça nada com o pensamento de terminar logo. Deixe aquilo de lado em intervalos regulares e vá praticar meditação andando. Assim que a mente voltasse a se preocupar com o trabalho, eu lhe daria uma bronca, faria oposição. Treinava a mim mesmo, falava sozinho comigo na floresta. Apenas segui lutando! Depois de um tempo, aquilo tornou-se cada vez menos um fardo. Conforme seguia praticando, comecei a achar mais fácil separar o trabalho do descanso.

Depois daquilo, caso estivesse costurando um manto, crocheteando uma capa de tigela ou qualquer coisa que estivesse fazendo, treinava a mim mesmo. Poderia fazer o trabalho ou colocá-lo de lado. Percebi a causa do sofrimento — e é assim que surge o Dhamma. Assim, estivesse eu de pé, andando, sentado ou deitado, sentia uma alegria e um prazer que duravam até que, finalmente, a tampa da tigela ficou pronta. Mas na mendicância matinal, os camponeses seguiam olhando para mim e para minha tigela com expressões de assombro. Algum tempo depois, lembrei de ter visto uma vez um tipo de bandeja na casa de alguém em Bahn Kó que daria uma tampa de tigela razoável. Então foi isso o que fiz: peguei uma bandeja, entortei as extremidades, soldei e fiz dela a minha tampa. Nunca pensei em pedir nada para ninguém.

Mas os problemas de Luang Pó não tinham chegado a um fim. Tigelas de ferro requerem bastante cuidado. Monges devem estar constantemente atentos contra ferrugem. Um método para proteger a tigela era revesti-la de alguma forma.

Mais tarde, lembrei que, quando era noviço, tinha visto um monge usar a seiva da árvore *giang* para revestir sua tigela. Então pensei em fazer uma tentativa. Fui até Bahn Khok, no distrito de Loeng Nok Tah, pois havia muita madeira dessas árvores por lá e então pinteí minha tigela inteira e a tampa. Um leigo sugeriu colocá-las num cesto e baixá-las num poço para que o revestimento secasse mais rápido. Em três dias estariam prontas para usar. Doce ilusão. Esperei mais de um mês e ainda não estavam secas. Não podia sair em mendicância; não podia ir a lugar nenhum. Durante a meditação, pensamentos de preocupação pela tigela surgiram. Passei muito tempo subindo e descendo o cesto no poço para verificar se o revestimento havia secado. Eu realmente sofri. No final, percebi que, mesmo que as deixasse na água por um ano, provavelmente não iria funcionar. Então, pedi para que um leigo trouxesse papel para que eu pudesse cobrir a tigela por fora; então, pelo menos, poderia sair em mendicância matinal. Estava com medo das consequências cármicas de pedir uma tigela nova aos leigos. Apenas aguentei.

ENSINAMENTOS DE UM CERVO

Em inúmeras ocasiões já comentadas acima, a forma peculiar de Luang Pó de refletir sobre o Dhamma foi revelada. Consistia de um robusto diálogo interno. Uma série de perguntas e respostas ou um debate entre dois pontos de vista opostos tomavam conta de sua mente, até que a verdade aparecia e uma valiosa lição era aprendida, alguma decisão era tomada. Essa habilidade tornou-se evidente novamente, e provavelmente salvou sua vida, no coração das montanhas de Nakhon Phanom.

Luang Pó não tinha ido ao vilarejo por uns poucos dias e estava começando a ficar enfraquecido pela falta de comida. Sentia-se cansado e zozinho, suas pernas bambas durante a subida da montanha e sua respiração ofegante. Então ele teve uma febre. Enquanto se deitou à sombra de uma árvore, muito exausto para se mover, analisou a situação: pouca água, nenhum sinal de um vilarejo – e seu corpo ardendo em febre. Assim que Luang Pó fez as pazes com a possibilidade de que tinha poucas chances de sobreviver, um pensamento perturbador surgiu em sua mente: suponha que um caçador encontrasse seu cadáver e enviasse a notícia a Ubon. Quão problemático e inconveniente seria para sua família ter que vir de tão longe para organizar o funeral. Ele procurou em sua bolsa pela carteira de identidade monástica. Se o pior estivesse para acontecer, ele a queimaria para que ninguém pudesse saber quem ele era. Naquele momento, foi despertado daqueles pensamentos sombrios pelo alto som do ganido de um cervo que ecoou pelo vale arborizado abaixo dele. Isso fez com que ele se perguntasse:

Cervos e outras criaturas ficam doentes?

Sim, claro que ficam. Eles têm corpos assim como nós.

Eles têm remédios? Eles têm médicos para lhes aplicar injeções?

Não, claro que não. Eles se resolvem com quaisquer brotos e folhas que encontrem.

As criaturas na natureza não têm remédios, não têm médicos para cuidarem delas e elas não parecem estar se extinguindo. A floresta está cheia delas e de seus filhotes, não é?

Sim. É verdade.

Esses simples pensamentos foram suficientes para tirar Luang Pó do desespero que estava tomando conta de sua mente. Ele se esforçou para se sentar e forçou-se a tomar um pouco d'água. Cruzou as pernas e começou a meditar. Pela manhã, a febre tinha baixado.

ARMAS DO DHAMMA

Falando com seus discípulos décadas mais tarde, Luang Pó falou de forma saudosa de seus anos em *tudong*:

Naqueles dias, eu não tinha um filtro d'água. Os requisitos eram difíceis de conseguir. Eu tinha uma pequena cumbuca de alumínio, da qual era bastante possessivo. Ainda fumava naquela época. Não havia fósforos, mas eu tinha um “porta-fumo” de bambu com uma casca de meio limão como tampa. De noite, quando já estava cansado de praticar meditação andando, sentava-me para fumar um cigarro. Imagino que, se houvesse quaisquer espíritos por ali, o barulho das batidas na pedra para fazer faísca, “bok!, bok!”, no meio da noite, os afugentaria.

Quando me recordo daquela época em que praticava sozinho, era doloroso e cheio das mais desafiadoras provas, mas, ao mesmo tempo, realmente gostava daquilo. A satisfação e o sofrimento andavam juntos. Quase a mesma coisa que comer folhas de *peka* grelhadas com molho picante e gengibre. É muito gostoso — mas é ardido! Você vai comendo e o nariz vai escorrendo, mas você não consegue parar, porque o gosto é ótimo. Você vai comendo e, ao mesmo tempo, se queixando: “Oh! Oh!” Era assim que era a prática naqueles dias.

Você deve estar realmente decidido para praticar o Dhamma. Não é nada leve. É pesado! Você tem que colocar sua vida em jogo. Um tigre vai te devorar, um elefante vai te pisotear — então, que seja. Você pensa assim. Quando você mantém seus preceitos de forma pura, não há nada com o que se preocupar: é como se você já estivesse morto. Se você morrer, é como se não houvesse nada para morrer, então você não sente medo. Essa é a chamada arma do Dhamma. Estive no topo de montanhas por todo o país, e essa simples arma do Dhamma sempre triunfou. Você abre mão completamente. Você é corajoso. Você está pronto para morrer. Você arrisca a sua vida.

Pensando nisso, vi como a arma do Buddha fortalece a mente. É a melhor de todas as armas. Seguia refletindo, observando, pensando, vendo. Quando a mente realmente vê, ela penetra as coisas completamente: sofrimento é assim, a cessação do sofrimento é assim. E então há tranquilidade e contentamento. Aqueles que veem o sofrimento, mas não o penetram, que se contentam com sentimentos de paz interior, não terão como saber isso.

Aqueles que não têm medo da morte, se estão dispostos a dar sua vida, então eles não morrem. Se você deixa o sofrimento ir além do sofrimento, ele chega ao fim. Compreendam isso, enxerguem a verdade das coisas, enxerguem a natureza das coisas. Isso tem real valor: isso faz a mente poderosa. Você pensa que seria possível para uma mente assim ter medo de alguém, ter medo da floresta, ter medo de animais selvagens? Ela é destemida e forte. O coração de um monge meditador é incrivelmente resoluto. Através da meditação, qualquer um que esteja disposto a dar a vida pelo Dhamma desenvolve uma mente que é grande em tamanho e possibilidades, totalmente firme. A habilidade de abrir mão torna-se sublime.

Tudo isso se chama *vitakka*³⁵: fazer algo surgir na mente, e então *vicāra*: examinar aquilo. Essas duas coisas seguem trabalhando juntas até que o assunto seja totalmente penetrado. Nesse ponto, um êxtase (*pīti*) surge na mente...

Quando pensava em praticar meditação andando, ou pensava sobre as virtudes do Buddha ou do Dhamma, esse êxtase tomava conta do meu corpo inteiro e o refrescava completamente. Enquanto estava sentado, minha mente transbordava de alegria por minhas ações — todos os obstáculos que eu tinha vencido — meu corpo se arrepiava e lágrimas começavam a cair. Sentia-me ainda mais inspirado a lutar e a perseverar. Nenhuma questão de desencorajamento surgia, seja o que quer que acontecesse. Havia *vitakka*, *vicāra*, êxtase e uma felicidade acompanhados de ciência. A mente estava sustentada por *vitakka* e *vicāra* e estabilizada pelo êxtase. Naquele momento, talvez você diga que aquilo era por causa do poder de absorção (*jhāna*). Eu não sei. Era apenas como era. Se você quer chamar isso de absorção, tudo bem. Depois de algum tempo, *vitakka* e *vicāra* eram abandonados, o êxtase

³⁵ Nesse parágrafo, Luang Pó explica os cinco estados mentais que definem o primeiro estado de profunda absorção e concentração (*jhāna*).

desaparecia e a mente tinha um único foco (*ekaggatā*). *Samādhī* era firmemente estabelecido e a calma lúcida, que é a base para a sabedoria, surgia.

Então ganhei o insight de que é através da prática que se estabelecem o conhecimento e a visão. Estudar e pensar sobre isso é algo completamente diferente. Mesmo os pensamentos e hipóteses, que você assume sobre como as coisas serão, estão incluídos nas coisas que você verá claramente, e elas são reveladas como estando em contradição com o jeito que as coisas são.

Então fiquei contente. Gordo ou magro, saudável ou doente, estava contente. Nunca pensava onde estaria a minha mãe ou onde esse ou aquele amigo ou parente estariam. Não havia nada daquilo. Apenas decidi em minha mente que se morresse, então morreria e isso era tudo. Eu não tinha preocupações. Minha mente era firme dessa forma. Então não existia mais nada que me segurasse. Minha mente estava revigorada e me empurrava para adiante.

Não importa quantas palestras do Dhamma você ouça, o quanto você estude, o conhecimento que você adquire disso não o leva por todo o caminho até a verdade, e você nunca estará livre de dúvidas e de hesitação. Você deve praticar. Se o seu conhecimento é uma realização da verdade, então as coisas chegam à uma conclusão. Não sei como colocar isso em palavras, mas apenas acontece naturalmente, é inevitável. Não é nada mais que a “mente natural” (*pakati citta*) surgindo.

SALVANDO OS DOCES

Naquele ano, Luang Pó passou o retiro das chuvas em um pequeno mosteiro da Ordem *Dhammayut*. Mesmo que agora Luang Pó fosse um monge já há dez anos e dedicado a manter a disciplina monástica de forma escrupulosa, ele seguia afiliado à Ordem *Mahānikāya*, na qual a atitude comum quanto ao Vinaya variava de relaxada a muito relaxada. Por essa razão, monges *Mahānikāya* geralmente não eram aceitos para permanecer por um período longo em mosteiros *Dhammayut*. Esse mosteiro abriu uma exceção à Luang Pó, sob a condição de que ele mantivesse o status de um *āgantuka*, ou “monge visitante” — quer dizer, ele não seria considerado um membro oficial da comunidade e sua senioridade não seria reconhecida em situações formais (esse protocolo era, e em vários lugares segue sendo, comum, mesmo que a posição geralmente tomada hoje em dia seja a de que isso é requerido devido à diferença de linhagem). O raciocínio não colocado em palavras, como mencionado anteriormente, era o de que monges *Mahānikāya* eram, na pior das hipóteses, não monges de fato e, na melhor, monges impuros.

Seria esperado que, tendo colocado tanto esforço em estudar a disciplina, Luang Pó achasse esse julgamento humilhante, mas ele permaneceu como se nada houvesse acontecido. Estava plenamente consciente do padrão mantido em mosteiros *Dhammayut* e disposto a aceitá-lo. Como diria mais tarde, ele refletiu que o que ele era não dependia de como outras pessoas o tratavam.

De fato, a seriedade com a qual Luang Pó tomava o Vinaya teria irônicas consequências. Um incidente durante o retiro revelou que ele tomava o Vinaya de uma maneira mais escrupulosa do que o líder da comunidade que o havia aceitado lá, de má vontade. O incidente diz respeito à regra que declara que um monge deve apenas consumir alimentos formalmente oferecidos em suas mãos. O comentário sobre essa regra estipula que, se um monge tocar deliberadamente em um alimento não oferecido, então não apenas ele, como também qualquer outro monge não deveria comer aquele alimento, mesmo que ele fosse subsequentemente oferecido da forma correta. Em uma manhã, depois de voltar da mendicância matinal, Luang Pó retornou à sua cabana, que ficava próxima à

cozinha. Tendo olhado de relance pela janela da cabana, notou o abade agindo de maneira estranha. De pé, próximo a um braseiro no qual pedaços de bambu contendo doces de arroz estavam começando a queimar, ele parece ter sido pego em um momento de indecisão. Então, tendo se decidido, o abade que era conhecido por sua preferência por doce de arroz, depois de olhar para um lado e para outro, rapidamente girou os pedaços de bambu.

Durante a refeição, o velho abade notou que Luang Pó não estava comendo nenhum dos doces de arroz. Ele perguntou inocentemente se Luang Pó tinha se servido de algum e a negativa, mesmo que polida de Luang Pó, fez com que o abade se ruborizasse sobre sua própria tigela. Poucos segundos depois, ele confessou em voz alta a ofensa à envergonhada comunidade.

Esse episódio parece ter deixado uma profunda impressão em Luang Pó. Ao menos, vinte anos depois, essa foi uma das poucas histórias sobre as suas viagens em *tudong* que ele relataria ao seu biógrafo. Para pessoas que não são monges budistas, o significado desse episódio não é tão fácil de ser compreendido em profundidade. Pode ter parecido que o abade agiu de forma sensível. Ele salvou o arroz de ser queimado em troca de uma infração menor às regras — o bom senso ganhou o dia.

Para um monge de floresta, esta é uma história sobre integridade. O Vinaya é um sistema de honra: nenhuma força policial ou autoridade externa obriga os monges a seguirem as regras. Grande valor é dado à honestidade e à integridade, e dissimular ofensas é considerado especialmente reprovável. Não há exceções nas regras para monges seniores. Ao contrário, é esperado dos anciãos de uma comunidade uma adesão ainda mais escrupulosa a elas. Para um monge sênior, sucumbir aos desejos dos sentidos, cometer uma ofensa plenamente consciente (tendo primeiro procurado por possíveis testemunhas), dissimular a ofensa e depois completar o quadro comendo o alimento que tinha se tornado não permitido, teria comprometido sua posição de autoridade. A silenciosa recusa de Luang Pó do alimento significava que ele estava tomando a mais restrita interpretação da regra. Sua discrição cutucou a consciência do ofensor em uma situação onde um confronto poderia levar a mais negação ou conflito.

MENSAGEIROS DA MORTE

O mosteiro era vizinho de um crematório de floresta, no centro do qual havia um pequeno pavilhão aberto de um dos lados. Era nesse local de maior reclusão que Luang Pó passava a maior parte do tempo. Um dia, enquanto praticava meditação sentado nesse pavilhão, um corvo pousou no galho de uma árvore próxima e começou a gralhar alto. Luang Pó não lhe deu atenção. Percebendo essa indiferença, o corvo desceu do galho e depositou um pedaço de palha seca, que trazia no bico, na frente dele. O corvo ficou ali encarando Luang Pó por um tempo e gralhando insistentemente. Luang Pó achou estranho o comportamento daquele corvo. Era como se o pedaço de palha fosse algum tipo de presente ou sinal. Assim que o corvo percebeu que tinha chamado a atenção de Luang Pó, abandonou o pedaço de palha e saiu voando. Três dias depois, os aldeões trouxeram o corpo de um garoto de treze anos para a floresta. Ele havia morrido de uma febre, e eles o cremaram ao lado do pavilhão.

Três ou quatro dias mais tarde, o corvo veio visitar Luang Pó novamente, trazendo consigo mais um pouco de palha seca e agindo exatamente da mesma forma que na ocasião anterior. Depois de uns poucos dias, o irmão do primeiro garoto foi trazido à floresta, vítima de uma doença repentina e inexplicável. Depois de um intervalo de mais três dias, o corvo retornou novamente e, logo depois daquilo, em uma inevitabilidade mórbida, o corpo de mais uma criança foi trazido para a floresta

para ser cremado. Dessa vez, a irmã mais velha dos dois garotos. Os pais e parentes próximos das crianças mortas acompanhavam o caixão, curvados e encolhidos com pesar. A visão do terceiro jovem cadáver e o desolador cortejo fúnebre encheram Luang Pó de uma intensa "tristeza serena e sóbria".

A frase "tristeza serena e sóbria" é uma tradução do difícil termo em tailandês *salot sangwet*³⁶. O problema em traduzir de forma apurada essa expressão não é meramente idiomático. É um termo que usa palavras do dia a dia para descrever uma experiência incomum, que surge como resultado da meditação budista e, como tal, não é totalmente acessível para não-meditadores, mesmo budistas. É tanto igual quanto diferente do pesar comum; é um pesar elevado ou transfigurado. A prática intensiva de meditação budista gera uma profunda receptividade à realidade da condição humana dentro da mente. As tragédias diárias da existência humana são vistas em um novo contexto. Eventos são experienciados como expressões externas de uma insubstancialidade que envolve tudo. Com suas faculdades elevadas pela meditação, Luang Pó assistiu à dor daquele grupo de pessoas de luto, despedaçadas, que se arrastavam diante dele. O sofrimento que é inseparável do amor era revelado de forma crua. Sentiu-se repleto de *salot sangwet*. O sofrimento que Luang Pó testemunhou no crematório de floresta fez crescer nele esforços ainda maiores. Ele logo aumentou suas horas de prática de meditação e reduziu ainda mais as já poucas horas de sono. Permanecia praticando meditação andando mesmo que estivesse no meio da chuva e houvesse poças ao redor de seus pés. Se, como agricultor de arroz, lavrava os campos em um clima daquele, ele pensou, por que não suportaria a chuva em prol desse trabalho tão mais valioso?

Durante uma sessão de meditação, Luang Pó teve uma poderosa visão. Ele se viu andando por uma estrada e passando por um homem tomado por dores, gemendo dolorosamente. Ele parou, mas não se moveu em direção ao homem. Depois de contemplar aquela figura por algum tempo, seguiu em frente. Mais adiante, viu um corpo deitado na terra, ao lado da estrada. Era um homem à beira da morte, severamente emagrecido, a sua respiração fraca e irregular. Luang Pó permaneceu contemplando a visão e seguiu seu rumo. Ao final, ele se deparou com um cadáver, inchado e descolorido. Os olhos esbugalhados grotescamente, a língua preta e inchada para fora da boca, tomada por larvas. Mais uma vez, contemplou a visão e seguiu em frente. O senso de "sóbria tristeza" que essas imagens evocavam era total. Elas permaneceram claras em sua mente pelas semanas seguintes, aprofundando seu crescente desencanto com a existência condicionada e seu forte desejo por se libertar dos apegos que ainda o atavam a ela.

Durante esse período, Luang Pó também tentou a prática do jejum. Mas ela não lhe trouxe ganhos em tranquilidade mental, apenas calor e desconforto ao corpo. Concluiu que aquele era um método não adequado ao seu temperamento e retomou a prática anterior de fazer uma refeição por dia. O ensinamento do Buddha sobre os três fundamentos principais, ou "invariavelmente corretos", para o desenvolvimento espiritual — moderação ao se alimentar, restrição dos sentidos e constante vigilância — fazia cada vez mais sentido para ele e formaria a base de várias de suas palestras de Dhamma aos discípulos nos anos seguintes. Ele renovou a ênfase na continuidade da prática em vez de no ascetismo extremo e sua prática avançou tranquilamente como resultado. Com a mente livre de obstáculos, sua investigação do Dhamma era, naquele momento, hábil e desobstruída.

³⁶ "Sangwet" é derivado do termo "samvega" em pálii, geralmente traduzido como "senso de urgência".

MONTANHA LANGKA

Ao final do retiro, a Sangha residente preparou-se para sair em *tudong* em direção ao Laos. Naquela altura, a atitude deles com relação a Luang Pó estava muito mudada, e eles inclusive tentaram persuadi-lo a ir com eles. Mas Luang Pó se recusou: um incômodo problema havia surgido agora em sua meditação e ele precisava buscar instruções de algum expert. Despedindo-se dos seus companheiros dos últimos meses, rumou para a Montanha Langka, com o intuito de visitar Ajahn Wang, um discípulo de Luang Pu Man.

Havia chegado tão longe e então parei. Vou fazer uma comparação: era como se estivesse caminhando e de repente parasse, afundasse no chão e fosse incapaz de prosseguir. Então eu voltava — estou falando de minha ciência, entendam, de minha mente. Insistia, mas sempre acabava voltando ao mesmo lugar e encontrava-me nesse impasse. Parado. Esse era um tipo de sentimento. O outro era assim: eu colidia de verdade contra uma barreira antes de retornar.

Mantive minha prática de meditação andando e sentada, mas seguia me encontrando de volta no mesmo lugar. “O que é isso?” — eu me perguntava. “O que quer que seja, apenas ignore”, vinha como resposta. Depois de um bom tempo, isso cessou; mas logo em seguida, voltou a acontecer. Havia uma constante demanda por uma resposta em minha mente: “O que é isso?” Durante o dia, fora dos períodos de meditação, essa pergunta estava lá. Minha mente estava perturbada e seguia pressionando por uma resposta. Não conseguia ver aquilo pelo que era, não a ponto de conseguir abrir mão, então minha mente se mantinha seguindo aquilo.

Comecei a pensar em quem seria capaz de me ajudar com aquele problema, e pensei em Ajahn Wang, que ouvi dizer, estava residindo no topo da montanha Langka, com alguns noviços. Eu não o conhecia pessoalmente, mas pensei que ele deveria ter algum tipo de realização para conseguir viver daquela maneira.

Luang Pó subiu a montanha e passou três noites discutindo o Dhamma com Ajahn Wang. Muitos anos depois, ele relatou como foi a primeira conversa entre eles:

Ajahn Wang disse: “Uma vez, enquanto estava caminhando, parei e contemplei meu corpo afundando no chão, dentro da terra.”

Eu lhe perguntei: “O senhor estava totalmente consciente do que estava acontecendo, Ajahn?”

Ele respondeu: “Estava consciente. Como poderia não estar? Estava consciente. Enquanto seguia afundando cada vez mais, disse a mim mesmo que apenas deixasse as coisas seguirem seu curso. Então cheguei ao ponto mais distante e comecei a subir novamente. Mas quando cheguei à superfície, meu corpo não parou ali; em pouco tempo, eu estava subindo no ar. Apenas mantive minha ciência. Era incrível como algo daquele tipo pudesse estar acontecendo. Subi, subi, até que alcancei o topo das árvores e então meu corpo explodiu: BUM! E então, ali estavam meus intestinos, pendurados como colares nos galhos da árvore.”

Eu disse, ‘Tem certeza de que não foi um sonho, Ajahn?’

Ajahn Wang balançou a cabeça: “Não, não foi um sonho. Se não tivesse mantido minha presença mental, então aquilo poderia ter-me arrastado. Realmente aconteceu daquela forma. Enquanto acontecia, eu percebia como sendo real. Até hoje, consigo lembrar daquilo

como algo que realmente aconteceu. Quando *nimittas*³⁷ podem ser dessa magnitude, então o que dizer sobre outras de menores níveis? Se seu corpo explodisse, como você se sentiria? E se você visse suas entranhas todas penduradas numa árvore? Foi uma experiência incrível. Mas eu percebi que era uma *nimitta*. Mantive-me firme naquilo. Estava confiante de que nada poderia me machucar. Então foquei minha ciência na própria mente e logo a visão desapareceu. Então me sentei pensando: “O que foi aquilo?”

“Ajahn, vim até aqui para prestar minhas reverências ao senhor, porque estou completamente perdido sobre o que fazer. Minha experiência é diferente da sua; é como se estivesse caminhando sobre uma ponte truncada, que não chega ao outro lado do rio. Eu paro. Não há caminho em frente e não sei o que fazer, então dou meia volta e retorno. Isso é durante minha meditação. Ou, às vezes, persisto até o final, mas não há para onde ir, então retorno. Em outras vezes, existe algum tipo de obstáculo bloqueando o caminho e eu bato contra ele. Não consigo seguir adiante. Tem sido assim há muito tempo. O que é isso, Ajahn?”

Ajahn Wang me explicou: “É o final, é o limite mais distante da percepção. Quando isso ocorre, de qualquer maneira que seja, então apenas pare ali e fique consciente daquela percepção. Se você ficar bem ali, será resolvido; aquilo mudará por si mesmo sem precisar fazer força. Simplesmente esteja consciente da natureza da percepção e do seu estado mental. Foque a sua ciência e, em pouco tempo, a percepção mudará. Mudará como as percepções de uma criança mudam para as de um adulto. Quando criança, você gostava de brincar com brinquedos, mas como adulto, você vê aqueles brinquedos e não deseja brincar com eles. Você brinca com outras coisas.”

“Oh, entendi agora.”

Ajahn Wang disse: “Não diga isso tão cedo! Há muitas coisas que podem acontecer — muitas coisas. Apenas lembre-se que em *samādhi* qualquer coisa pode acontecer. Mas o que quer que aconteça, não importa, contanto que você não se agarre a dúvidas com relação àquilo. Quando você consegue manter essa atenção, então esses fenômenos começam a perder sua significância. O poder condicionador da mente perde força. Talvez você tente ver mais de perto e enxergue um pato. E depois de algum tempo, o pato se transformou e virou uma galinha. Você mantém os olhos na galinha, e depois de algum tempo ela se torna um cachorro. Você olha para o cachorro, e então é um porco. É confuso, algo que não tem fim.

Foque na mente, concentre-se nela, mas nunca pense que você chegou ao final desse tipo de fenômenos, porque depois de algum tempo eles voltam. Mas você segue deixando-os de lado. Você simplesmente os reconhece e os deixa ir. Então não há perigo algum. Foque neles dessa maneira para que então sua mente tenha uma base sólida. Não os persiga. Uma vez que você resolva esse problema, então será capaz de seguir em frente. Haverá uma brecha por onde passar. Velhas percepções ou quaisquer novas percepções que surjam no futuro são todas dessa mesma natureza básica; apenas algumas são mais vívidas e poderosas do que outras. Mas não importa o quão maravilhoso ou sublime essas visões possam ser, não faça nada com elas. É apenas como elas são. Você deve realmente cultivar esse entendimento.”

³⁷ Ver Glossário

Perguntei a ele: “Por que parece que algumas pessoas não têm problema algum? Elas não sofrem de maneira nenhuma. Não encontram obstáculos e tudo corre de forma suave para elas?”

Ajahn Wang respondeu: “É o resultado do *kamma*. Para você, esse é um tempo de dificuldades. Quando a mente convergir, então não haverá briga pelo trono. Nem tudo que é briga é ruim, saiba disso: algumas coisas são boas, algumas são prazerosas. Mas todas são perigosas. Não dê importância a nenhuma delas.

A mente de Luang Pó já não tinha mais dúvidas. Ele sentiu uma grande carga de energia e passou os dias seguintes praticando vigorosamente, dia e noite, dificilmente parando para descansar. Sua mente estava agora apta a ir além das barreiras que ela mesma havia erguido e era capaz de investigar os quatro elementos da solidez, coesão, vibração e calor que constituem o mundo físico, assim como ambas as naturezas da realidade, a verdadeira e a convencional. Depois de três noites, Luang Pó prestou reverências a Ajahn Wang e retomou a jornada. Ele refletiu sobre o valor de um amigo sábio:

Sim, você pode praticar por conta própria, mas pode ser que tenha um ritmo lento. Quando você tem apenas o seu próprio jeito de ver as coisas, você pode ser pego num círculo, rodando e rodando num certo problema; mas, se existe alguém para apontar o caminho, é rápido. Há um novo caminho de contemplação para perseguir. É assim que é para todo mundo: quando nós emperramos, emperramos para valer.

Desci da montanha Langka e encontrei um mosteiro deserto na base dela. Naquela mesma hora começou a chover e fui me abrigar no salão de Dhamma de madeira. Assim que contemplei os elementos, a mente repentinamente se tornou firme. Imediatamente, era como se tivesse entrado em outro mundo. O que quer que olhasse, estava mudado. Senti que o bule à minha frente não era um bule. A cuspideira tinha se transformado, assim como minha tigela. Tudo teve seu estado mudado, da mesma forma quando você vira as mãos da palma para as costas. Era como uma nuvem subitamente obscurecendo o sol escaldante. Aconteceu num piscar de olhos. Eu vi uma garrafa e não era uma garrafa, não era nada, eram apenas elementos. Havia apenas uma realidade convencional, não era uma garrafa de verdade. A cuspideira não era uma cuspideira de verdade; o vidro não era vidro de verdade. Tudo havia mudado. Mudava e mudava e então eu trouxe minha atenção para dentro. Vi tudo no meu corpo como não pertencendo a mim, mas como se tudo possuísse uma realidade meramente convencional.

Como resultado dessa experiência, Luang Pó resumiu:

Não hesite em sua prática. Dê a ela tudo o que tem. Tenha uma mente resoluta. Siga praticando. Não importa o quanto você ouça palestras do Dhamma, o quanto você estude, mesmo que o conhecimento resultante disso esteja correto, ele não alcança a verdade por si só. E se é esse o caso, então não haverá fim para as dúvidas e para a hesitação. Mas quando a verdade é percebida, chegou ao fim. Então o que quer que alguém diga ou pense sobre o assunto é irrelevante, é natural e irrevogavelmente apenas daquela maneira. Outros podem rir ou chorar, estar felizes ou tristes, mas quando a “mente natural” surge, ela é completamente inabalável... A mente que

entrou na correnteza³⁸ não é fácil de distinguir daquela de alguém que enlouqueceu. As duas são muito parecidas; ambas se desviam da norma; mas elas diferem nas qualidades que possuem.

PRIMEIROS DISCÍPULOS

Luang Pó decidiu que já era hora de retornar a Ubon e, depois de parar para prestar suas reverências a Luang Pu Kinari, partiu em longa caminhada para o sul. Assim como nas jornadas anteriores, ele descansou em Bahn Pah Tao na província de Yasothon. Os moradores do vilarejo estavam felizes em revê-lo, e muitos vinham à noite para ouvi-lo palestrar sobre o Dhamma. Uma noite, um casal que lhe havia oferecido suporte devotadamente, desde sua primeira visita ao vilarejo, perguntou-lhe se ele aceitaria o filho adolescente como assistente e se aceitaria treiná-lo para a ordenação monástica. Luang Pó consentiu e, alguns dias depois, a franzina figura de Tongdi, cabeça recém-raspada e trajando novos mantos brancos, seguia Luang Pó estrada afora.

Depois de uma jornada de mais ou menos dez dias, os dois viajantes chegaram à Bahn Kó e instalaram os *glots* num crematório de floresta. Logo, Tongdi juntou-se a um rapaz chamado Tiang e os dois prepararam-se juntos para a cerimônia de tomar votos como noviços. Quando já tinham aprendido os cânticos necessários, Luang Pó os levou para um dos grandes mosteiros da cidade local, onde o abade conduziu a cerimônia. Esses dois garotos podem ser considerados os dois primeiros discípulos de Luang Pó.

Durante a sua estadia em Bahn Kó, a mãe de Luang Pó, seus parentes e amigos vieram todos lhe prestar reverências. Havia um grupo de mulheres que o seguia após a mendicância matinal, trazendo mais alimentos em marmitas penduradas em cabos de madeira, sobre os magros ombros. Pratos como brotos de bambu, peixe fermentado, molho apimentado, *sadau* amargo, mangas *okrong* e bananas *namwa* — tudo o que tinham de melhor — eram oferecidos a Luang Pó e aos dois tímidos, mas vorazes noviços, para que eles comessem junto com suas inevitáveis bolas de arroz grudento. Então às noites, depois do jantar, as aldeãs viriam novamente, agora acompanhadas dos maridos, já descansados, após o trabalho no campo.

Luang Pó já não ia para casa fazia um bom tempo, e todos estavam ansiosos por vê-lo, alguns talvez mais para ouvir sobre suas aventuras em locais distantes do que para ouvir o Dhamma. Essa era a época pré-televisão, quando as tradições orais ainda eram fortes, e Luang Pó era um orador nato, que podia prender a atenção de seus espectadores com o puro poder e fluidez de suas palavras, metáforas e contos. Era tarde da noite, quando os aldeões voltavam para suas casas, ainda desfrutando do brilho de sua oratória. E Luang Pó estava, de certa forma, em uma missão: tinha a intenção de convencer a mãe a manter os cinco preceitos de forma estrita. Quanto mais ele praticava, mais confiança tinha nos ensinamentos e regularmente seus pensamentos se voltavam à Mé Pim e sobre como poderia inspirá-la a se desenvolver no Dhamma. Ela foi um dos seus primeiros sucessos.

Para os seus velhos amigos, Luang Pó havia mudado. O extrovertido e efervescente Chah, que eles um dia conheceram, agora parecia mais reservado, circunspecto, um tanto distante. Mas a tristeza deles estava temperada pelo respeito e pelo senso de que aquilo estava correto; o ideal do monge e seu comportamento apropriado lhes era familiar, e isso os inspirou.

³⁸ "Entrar na correnteza" é o primeiro dos quatro níveis de iluminação revelados pelo Buddha.

Passados quinze dias, Luang Pó e o noviço Tongdi saíram em caminhada rumo ao sul, ao distrito de Kantharalak, deixando o noviço Tiang em Wat Bahn Kó. Eles instalaram os *glots* em uma grande floresta preservada próxima ao vilarejo de Suan Kluai. Era um bom local para a prática, o suporte dos leigos era forte e Luang Pó decidiu passar ali o retiro das chuvas.

SONHOS AUSPICIOSO

Mesmo que a curta biografia de Luang Pó, escrita no final da década de 1960, seja uma importante fonte de informação para o presente capítulo desse livro, ela consiste de apenas um certo número de contos aleatórios agrupados num estilo formal. Há longos e frustrantes vazios nessa história. Em 1981, quando a saúde de Luang Pó começou a piorar rapidamente, dois de seus mais antigos discípulos ocidentais decidiram entrevistar seu professor e colher mais informações sobre o início de sua vida, com o intuito de escrever uma nova biografia. Eles foram até ele com um novo gravador, várias fitas em branco e uma grande expectativa, mas voltaram alguns dias depois, cabisbaixos. Fora uma ou outra história de seu grande apetite por macarrão instantâneo chinês, quando ainda era um jovem monge, Luang Pó foi quase completamente não cooperativo. A única resposta interessante que deu, mesmo que um pouco enigmática, foi com relação às perguntas sobre qual teria sido o evento mais importante daqueles primeiros anos. Luang Pó citou três sonhos auspiciosos que teve em noites consecutivas, enquanto estava em Suan Kluai.

É raro que detalhes dos sonhos de alguém possam se tornar uma agradável leitura, quem quer que seja o sonhador. Não há nada especialmente fascinante nos sonhos de Luang Pó. Mas como ele deu tamanha importância a eles, e foi capaz de relatá-los com tantos detalhes depois de tantos anos, eles estão incluídos na íntegra, aqui.

No primeiro sonho, alguém lhe ofereceu um ovo, que ele jogou no chão. A casca quebrou-se, dois pintinhos saíram de dentro e eles os pegou, um em cada mão. Então eles imediatamente transformaram-se em alegres pequenos garotos, recém aprendendo a andar. Uma voz anunciou que aquele que estava em sua mão esquerda se chamava Bun Tong (literalmente, “bandeira do mérito”) e o da mão direita, Bun Tam ('mérito do Dhamma'). Depois de algum tempo, Bun Tong teve uma disenteria e morreu em seu colo. A voz disse “Bun Tong está morto, e agora, apenas Bun Tam permanece.” Então Luang Pó despertou. A pergunta surgiu em sua mente sobre o que significaria aquele sonho e a resposta veio em seguida: era apenas um fenômeno natural. Suas dúvidas dissiparam-se.

No segundo sonho, ele estava grávido. Sua barriga estava inchada e era difícil para ele se mover; mas mesmo assim e ao mesmo tempo, ele ainda se percebia como sendo um monge. Logo antes de estar pronto para dar à luz, foi convidado para uma refeição em uma cabana com telhado de palha no campo, tendo um riacho ao lado. Já havia três monges na parte de cima da cabana e eles já haviam começado a se alimentar. Luang Pó estava prestes a dar à luz, e então os leigos o convidaram a se alimentar sozinho na parte de baixo da cabana. Enquanto os outros monges comiam, Luang Pó deu à luz um radiante e sorridente garoto, que tinha finos pelos nas costas das mãos e na sola dos pés.

Luang Pó percebeu sua barriga encolher. Sentiu como se realmente tivesse dado à luz e verificou se havia sangue ou outros fluidos para serem limpos, mas estava tudo seco. Lembrou-se então do nascimento do príncipe Sidarta. Os leigos começaram a discutir o que seria melhor para um monge comer, logo após ter dado à luz, e decidiram que seriam três peixes assados. Luang Pó sentia-se exausto e não queria comer nada, mas se forçou a comer para que aquelas pessoas acumulassem mérito. Antes de começar a refeição, ele deu a criança para uma mulher segurar e quando terminou,

deram-lhe a criança de volta. Quando ele a recebeu, a criança caiu de suas mãos e ele despertou. Novamente, quando a dúvida surgiu em sua mente sobre qual seria o significado daquele sonho, simplesmente por se lembrar que aquilo era um fenômeno natural e nada mais, sua mente apaziguou-se.

Na noite seguinte, Luang Pó sonhou mais uma vez. Dessa vez, junto com um noviço, ele recebeu um convite para uma refeição no topo de uma montanha. O caminho tortuoso até o topo da montanha lembrava o casco de um caramujo. Era dia de lua cheia e a montanha era muito alta, o pico era verdejante e com clima agradável. Um belo pedaço de pano tinha sido colocado como guarda-sol para eles, e eles foram sentar-se à sombra. Depois de algum tempo, foram convidados para ir a uma caverna em um dos lados da montanha. A mãe de Luang Pó, Mé Pim, sua tia Mé Mi e um grande número de pessoas estavam esperando por eles para oferecer alimentos. Mé Pim trouxe uma melancia e outras frutas; Mé Mi trouxe frango e pato assados. Luang Pó brincou com sua tia que, se aquele era o tipo de comida que ela mesma gostava, ela deveria se mudar para a cidade. Ela deu um grande sorriso como resposta. Depois da refeição, Luang Pó deu uma palestra do Dhamma e então acordou.

O significado dos sonhos não é óbvio, ainda que o primeiro pareça simbolizar a escolha de Luang Pó pelo espiritual em vez do material. O segundo sonho poderia bem se referir à sua iluminação e o terceiro, à sua decisão de ensinar. O fato de Luang Pó nunca ter achado necessário explicar os sonhos é uma consideração importante. Se qualquer um lhe sugerisse interpretações, (e apenas um discípulo ocidental seria tão ousado), sua resposta mais provável teria sido dar risadas e dizer a ele que não pensasse tanto.

REMÉDIO DO DHAMMA

No começo de 1951, Luang Pó partiu de Suan Kluai, rumo a Bangkok onde visitou o famoso mestre de meditação, Luang Pu Sot, em seu mosteiro no subúrbio de Pak Nam. Ele chegou a uma apagada Bangkok. Eram tempos difíceis e obscuros de incessantes lutas pelo poder na capital. Havia ocorrido uma tentativa de golpe em 1949, e outra logo viria a acontecer. Nesse meio tempo, o marechal Phibun, apoiado pelos Estados Unidos, estava no meio de uma campanha implacável para reprimir a dissidência ao seu governo (entre os que estavam sentindo o poder de sua ira estavam os políticos do incipiente — e de curta duração — movimento separatista de Isan). Ainda que Luang Pó caminhasse pelas mesmas ruas quentes que tinham visto sangue ser derramado recentemente, ele estava em outro mundo, com a intenção apenas de resguardar sua *sati* entre o pesado tráfego de motonetas e os tentadores odores das barracas de comida ao longo da via.

Política, na qual as momentâneas formas de apego e sofrimento desenrolavam-se em nível nacional, não eram de nenhum interesse para Luang Pó. Ele estava buscando pela raiz das coisas, e manteve distância das paixões e preconceitos da época por toda sua vida, mesmo nos seus anos posteriores de fama e proeminência. Não se tem nenhum conhecimento de ele ter expressado qualquer opinião sobre algum assunto político. Suas preocupações eram sempre com assuntos que, em suas próprias palavras, “tinham um final”.

Depois de alguns dias aprendendo sobre a forma de praticar de Luang Pu Sot, Luang Pó decidiu continuar suas viagens, prosseguindo para a antiga capital Ayutthaya, que fica a uns 80 quilômetros ao norte de Bangkok, às margens do rio Chao Phraya. Seu destino era o Wat Yai Chaimongkhon, um histórico mosteiro agora administrado pela Ordem *Dhammayut*, cuja comunidade residente era

informalmente afiliada ao grupo de Luang Pu Man. Aquela seria a residência de Luang Pó pelo ano seguinte.

Infelizmente, Luang Pó quase nunca falou sobre as experiências em Wat Yai Chaimongkhon. Externamente pelo menos, havia muito pouco para ser contado. Naquele momento, ele já havia construído uma considerável consistência em sua prática e precisava de um ambiente silencioso e estável, livre de interrupções, para consolidar e desenvolver ainda mais o progresso constante que vinha fazendo. Isso era exatamente o que esse mosteiro lhe proporcionava. O abade, Ajahn Chaluai, estava disposto a oferecer apoio e Luang Pó aproveitou a oportunidade para mergulhar na prática, isolado dos praticantes leigos e sem responsabilidades externas.

A única história que veio à tona desse período foi a de outra severa doença. Em seu primeiro ano em Ayutthaya, Luang Pó ficou doente com uma séria complicação em seu trato digestivo, que resultou em um doloroso inchaço no lado esquerdo. O intenso desconforto que isso causava foi agravado pelo retorno de um velho problema de asma. Ele estava determinado a não ir ao hospital local e decidiu que se trataria com jejum e meditação, um regime tradicionalmente referido como “*Dhamma osadha*” ou “remédio do Dhamma”. Por oito dias e oito noites, sobrevivendo apenas de água e se abstendo totalmente de dormir, ele deu tudo o que tinha na prática de meditação. Os resultados excederam as expectativas. Ele revelou posteriormente o quão incrível achou o maravilhoso potencial que surgiu quando sua mente foi colocada contra a parede. O valor de empurrar a si mesmo até o limite, de fazer mais do que se pensa ser capaz de fazer, viria a ser um tema recorrente em seus ensinamentos posteriores. Depois de oito dias, Luang Pó sentiu a doença diminuir, e quando Ajahn Chaluai solicitou que Luang Pó voltasse a se alimentar, ele prontamente atendeu. Todas as suas enfermidades haviam desaparecido e não retornaram.

IV. NOVOS CAMINHOS

DE VOLTA A ISAN

No verão de 1952, Luang Pó seguiu novamente rumo a Ubon. Ele esteve ausente por dois anos e sua chegada a Bahn Kó provocou alvoroço no pequeno vilarejo. À noite, ele dava palestras do Dhamma com um poder e uma persuasão nunca ouvidos antes. Era um budismo fresco e vital, relevante para as vidas cotidianas dos aldeões, expressado em uma linguagem que todos conseguiam entender. Ainda assim, seria demais sugerir que sua visita causou mudanças revolucionárias na vida espiritual da comunidade. O número de pessoas que não iam ouvi-lo era provavelmente maior do que o de pessoas que iam. De fato, alguns membros de sua família eram completamente indiferentes e se mantiveram assim por vários anos. Parece que em todo lugar do mundo, antigas percepções são difíceis de morrer. Uma resposta usual, e contra a qual Luang Pó iria, no futuro, travar uma longa batalha, era que o que ele dizia era verdade, mas estava além da capacidade de pessoas comuns poderem aplicar em suas vidas. De qualquer forma, Luang Pó conseguiu plantar algumas sementes em seu vilarejo. Havia agora um grupo de pessoas, liderado por sua mãe, que tinha a esperança de que logo Luang Pó voltaria e estabeleceria um mosteiro em uma floresta não muito longe de Bahn Kó.

Luang Pó caminhou rumo ao norte. Tinha decidido voltar mais uma vez a Bahn Pah Tao e passar o retiro das chuvas, seu décimo quarto, em Tam Hin Té, que ficava a mais ou menos um quilômetro e meio de distância do vilarejo. Agora, um certo número de monges e noviços estava começando a se

juntar em torno dele³⁹, e ele os liderou em um austero e vigoroso regime. Às vezes, eles se sentariam em meditação ou praticariam meditação andando durante a noite inteira. Uma vez, Luang Pó explicou (presumidamente, teria ouvido alguns resmungos) que queria que eles fossem além dos apegos às convenções de dia e noite, períodos para meditar e períodos para descansar:

Se paramos de criar diferenças entre o dia e a noite, podemos esquecer completamente do tempo e então nos empenhar em um esforço constante.

Um senso do espírito guerreiro que Luang Pó estava tentando fomentar nos monges é dado pelo Venerável Tiang:

"Luang Pó notou que eu regularmente tomava um remédio de ervas, perguntou-me se vinha tomando aquele remédio há muito tempo e eu disse que sim, por alguns anos. Perguntou-me se minha condição vinha melhorando e respondi que na verdade não. Ele ficou em silêncio por um momento e então disse, 'Você tem tomado esse remédio por muito tempo e ele ainda não te curou. Jogue-o fora. Tente um novo tratamento: coma pouco, durma pouco, fale pouco e pratique muita meditação sentado e andando. Faça uma tentativa. Se não funcionar, esteja pronto para morrer.' "

Luang Pó ficaria em Bahn Pah Tao até o retiro das chuvas seguinte, de 1953. Naquele ano, ele deixou Ajahn Uan, discípulo de Luang Pu Kinari, encarregado da Sangha em Tam Hin Té e passou três meses sozinho em uma pequena cabana, em uma colina chamada Phu Koi, a cerca de três quilômetros de distância. Todas as manhãs, depois da mendicância matinal, Luang Pó tomava sua refeição com a comunidade e, depois de se assegurar de que tudo estava indo bem, voltava ao seu eremitério. A única exceção a isso era na lua cheia e na lua nova, quando ele descia ao mosteiro para participar da recitação formal do *Pāṭimokkha* e para oferecer instruções e encorajamento aos seus discípulos.

A rotina que Luang Pó estabeleceu para a Sangha durante esse retiro era de uma intensidade intimidadora. Não era permitido descansar durante a noite. Esperava-se que os monges e noviços praticassem meditação sentada e andando até o amanhecer, quando então eles deveriam sair em mendicância matinal em rotas que iam de três a seis quilômetros de distância. O caminho de volta ao mosteiro era árduo e exaustivo: com o estômago completamente vazio, suas grandes tigelas de ferro pesadas com arroz grudento e, depois de uma noite sem dormir, eles suariam muito sob o peso dos dois mantos grossos. A refeição acontecia por volta das oito da manhã, e quando já tivessem distribuído a comida, se alimentado, lavado suas tigelas e limpado o local, já seriam dez da manhã. Ao voltar para suas cabanas, os monges pendurariam seus mantos para arejar, praticariam meditação andando até que o cansaço os vencesse e então, da forma mais circunspecta possível, desabariam sobre suas esteiras para um pouco de descanso merecido.

Às três da tarde, o sino tocava para o início das tarefas diárias — varrer os caminhos e a área central do mosteiro, varrer e passar pano no salão de Dhamma e tirar água do poço. Às seis da tarde, o sino tocava para a recitação dos cânticos e outra noite inteira de meditação começaria. Nos dois primeiros meses, os monges poderiam meditar sentados ou andando, como preferissem, mas no terceiro mês, o parafuso apertou ainda mais: eles deveriam manter apenas uma postura — sentada ou andando — pela noite inteira. Luang Pó, orquestrando de longe, estaria praticando, se possível, ainda mais vigorosamente.

³⁹ Esses incluíam Tongdee (que largaria o manto depois) e Tiang, que Luang Pó havia deixado em Bahn Kó para estudar para o primeiro nível dos exames *Nak Tam* e se preparar para ordenação.

DOENÇA, A PROFESSORA

Enquanto estava sozinho em Phu Koi, Luang Pó ficou doente com uma inflamação agonizante nas gengivas. Em vez de procurar remédios, ele escolheu aguentar a aflição. Sua experiência anterior de meditar durante as dores em Ayutthaya tinha sido bem-sucedida e ele determinou-se a tentar novamente. Agora, a doença não era algo que causasse ameaça à vida. Isso deu-lhe uma oportunidade de trabalhar com a dor física.

Assim como outros experientes meditadores antes dele, Luang Pó via a dor física como um teste rigoroso para sua habilidade de manter a clareza mental nas situações mais adversas. Uma prática de meditação que não conseguisse suportar o desconforto físico era seriamente defeituosa; uma que conseguisse transcendê-lo, imensamente poderosa. Mesmo sendo verdade que o Buddha tenha enfatizado o valor de uma boa saúde física e criticado, por várias vezes, os excessos dos vários grupos religiosos de seu tempo que praticavam num estilo “negue o corpo/liberte o espírito”, também é inegável que várias gerações de monásticos experienciaram progresso significativo em suas práticas através do enfrentamento dos desafios das doenças. Um período prolongado de desconforto algema firmemente os meditadores ao âmago da questão e muito pode ser aprendido. A dor dá pouco espaço para enganar a si mesmo. Lidar com doença e dor nos dá provas inquestionáveis sobre o quão bem os meditadores desenvolveram sua habilidade de proteger a mente da ansiedade, do ressentimento, do medo e da depressão, quando confrontados com o desagradável. Se o medo da morte ainda está latente na mente, ele é exposto.

Luang Pó pacientemente aceitou a dor. Ele alternava entre usar seu poder de concentração para suprimi-la e fazer dela o seu objeto de contemplação. Com a mente firme em uma calma equanimidade, estava apto a investigar a inevitabilidade da dor e da doença no corpo humano, e a penetrar sua natureza impermanente e impessoal. Depois de sete dias, Luang Pó recuperou-se. A dor nas gengivas diminuiu e se foi.

PARA O BEM DE MUITOS

Ao final do retiro das chuvas, Luang Pó deixou seu eremitério no morro e retornou para Wat Tam Hin Té. Quando terminaram as chuvas e a estação fria começou em sua forma característica — uma noite sem aviso prévio, com rajadas de vento norte, como um estranho batendo à porta — ele pediu aos monges e noviços que se mudassem de suas cabanas para a floresta em volta. Cada um escolheria um local solitário, instalaria seu *glot* ao pé de uma árvore e seguiria sua prática sozinho. Uma vez por semana, no dia de observância, Luang Pó dava uma palestra do Dhamma ao grupo. Nas palavras de um jovem monge: “Era como se fôssemos jovens plantas começando a murchar e sua palestra vinha como uma chuva refrescante”.

A comunidade monástica continuou praticando dessa forma até o final de fevereiro de 1954, quando a mãe de Luang Pó, Mé Pim, seu irmão mais velho, Pó Lah, e um pequeno grupo de moradores de Bahn Kó vieram visitá-lo. Eles ouviram as notícias de que Luang Pó havia abandonado suas peregrinações e era agora o líder de uma comunidade de monges. Vieram como representantes dos moradores do vilarejo com um pedido formal: se ele, por compaixão, pelo bem-estar e pela felicidade de todos eles, poderia estabelecer um mosteiro de floresta perto de Bahn Kó. Luang Pó concordou.

À despeito da aspereza, o povo de Isan mantém uma calorosa afeição por sua terra, e para qualquer lugar que sigam em busca de trabalho — e hoje em dia eles são encontrados no mundo inteiro — dificilmente se esquecem do seu lar. Devoção filial e *kataññū-katavedī* — um senso de gratidão e

vontade de retribuir tudo o que lhes foi dado — estão entre os valores mais estimados do povo de Isan. E eles invariavelmente levam as mentes dessas pessoas de volta aos seus vilarejos natais. Nesse meio tempo, elas enviam valores mensais aos seus pais e familiares, geralmente uma parte significativa de seus salários.

Monges não são indiferentes a esses sentimentos. Mesmo que monges de floresta possam, às vezes, perder contato com suas famílias por muitos anos no começo da vida monástica, muitos certamente acabam voltando aos distritos de origem. Uma grande parte dos mosteiros de floresta de Isan está situada na cidade natal do abade fundador, e, no setor das monjas, pode-se facilmente encontrar a mãe do abade e uma ou duas de suas irmãs. Uma vez que monges tenham adquirido confiança em sua própria prática e considerem a possibilidade de estabelecer um mosteiro, seus pensamentos inevitavelmente se voltam para o pagamento da dívida de gratidão que eles têm para com seus pais e para dar algo de volta ao vilarejo onde cresceram.

Pode ser que o pensamento de viver na floresta próxima de Bahn Kó já estivesse na mente de Luang Pó. Certamente, a aceitação do convite de sua família foi rápida — quase como se ele estivesse apenas esperando por ele — e, em poucos dias, já estava na estrada. Com o benefício da experiência, o período em Tam Hin Tékk pareceu ser um interlúdio, ou talvez de forma mais precisa, um prelúdio. Luang Pó estava ganhando experiência em treinar monges pela primeira vez; estava experimentando vários tipos de práticas em grupo que ele desenvolveria posteriormente em Wat Pah Pong; estava ensinando — maravilhosamente — aos aldeões. A prontidão com que Luang Pó aceitou o convite certamente indica um sentimento de que ele havia atingido, em algum nível significativo, o objetivo pelo qual ele partiu de Wat Bahn Kó, oito anos antes. Em poucas palavras, ele estava pronto para voltar.

Depois que os entusiasmados leigos saíram para a longa jornada de volta à casa, Luang Pó chamou a Sangha para uma reunião. Foi decidido que o Venerável Tiang, o Venerável Tongdi e alguns dos noviços ficariam em Wat Tam Hin Tékk, enquanto o resto da Sangha acompanharia Luang Pó. No começo de março, ele iniciou a longa caminhada final: de volta a Ubon e em frente para um novo capítulo em sua vida.

Inspiradoras são as florestas nas quais os mundanos não encontram prazer algum. Lá, aqueles livres de paixão tomam deleite, pois eles não buscam prazeres sensuais.

Dhp 99

I. COLONOS

FLORESTA PONG

Foi em 8 de março de 1954 que Luang Pó Chah e seus discípulos pegaram o caminho usado por carroças, rumo ao oeste de Bahn Kó, no último trecho da jornada à floresta Pong. As temperaturas vespertinas naquela época do ano geralmente excediam os 35 graus, mas o calor opressivo se tornou mais ameno assim que eles se aproximaram da densa floresta e o caminho tornou-se pontilhado e listrado pela sombra. Ao final da tarde, enquanto o sol farto e vermelho estava se pondo à frente, os monges penduraram os *glots* nos limites da floresta em meio ao zunido dos mosquitos e ao som ensurdecedor das cigarras.

A floresta Pong trazia fortes associações a Luang Pó. Uma de suas lembranças de criança era seu pai caminhando até lá, em uma manhã, com alguns amigos para oferecer alimentos ao grande Luang Pu Sao, que estava acampado na floresta praticando meditação. Naquela noite, o jovem Chah ouviu, com fascinação, o relato de seu pai sobre a expedição. Era a primeira vez que ouvia falar sobre monges peregrinos vivendo de forma austera na floresta. Ele sempre se lembrava quão impressionado seu pai ficou pelo fato de Luang Pu Sao ter comido todo o alimento de sua tigela, em vez de utilizar pratos como os monges do vilarejo faziam. Também se recordava de seu pai ter ficado um pouco desconcertado pelo estilo de ensinamento de Luang Pu Sao. “Não era como um sermão de jeito nenhum”, ele disse, “era como uma conversa normal”. Muitos anos mais tarde, a lembrança de Luang Pó sobre esse dia seguia forte:

Quando parti e comecei a praticar, a lembrança do relato do meu pai estava constantemente comigo. Sempre que voltava para visitar minha casa, minha mente se voltava para essa floresta... Ajahn Di, de Phibun e Ajahn Phut⁴¹ uma vez passaram por lá e os aldeões os convidaram para ficar — Ajahn Phut ainda fala disso até hoje. Ajahn Di disse: “Esse não é nosso lugar. Não podemos ficar. Não vai demorar muito e o dono chegará.”

Na manhã seguinte, depois de terminar sua refeição do dia, o grupo de monges entrou na densa e emaranhada floresta pela primeira vez. Moradores de Bahn Kó iam na frente, abrindo caminho de forma experiente com seus facões entre as teimosas videiras e fartos matagais. Foi então que, no fresco coração da floresta, eles pararam. Não foram tiradas fotografias dessa ocasião auspiciosa. É provável que ninguém ali jamais tivesse visto uma câmera, muito menos utilizado uma. Mas a imaginação pode fornecer um retrato: os aldeões fortes, com o suor escorrendo sobre as tatuagens protetoras gravadas no peito, agachados em círculo e enrolando seus cigarros. Com Luang Pó ao pé de uma imponente e antiga mangueira, os monges estariam sentados a alguma distância, tomando água de seus frascos de bambu e a tranquilidade do ar à sua volta.

⁴⁰ O título oficial do mosteiro é “Wat Nong Pah Pong”, mas em quase todas as ocasiões formais, ele é referido apenas como “Wat Pah Pong”. “Wat” significa mosteiro (ou templo), “Nong” é um lago, “Pah” significa floresta e “Pong” é uma grama selvagem.

⁴¹ Mais conhecido como “Luang Pó Phut”, esse discípulo de Luang Pu Sao era um grande amigo de Luang Pó Chah e, por muitos anos, foi o abade de Wat Pah Seansamran, localizado a uns seis quilômetros de Wat Pah Pong.

Um grupo de mulheres havia seguido o rastro dos monges. Elas prontamente se juntaram aos homens removendo as videiras, tocos de árvores e espinhos de forma metódica nos arredores da velha mangueira. Limpeza de terreno era um trabalho no qual os aldeões eram bastante hábeis e uma área central aberta logo começava a tomar forma entre as árvores maiores que davam sombra, criando uma organizada e imponente atmosfera, quase como um parque no meio daquela densa floresta. Aos pés de algumas árvores maiores, ao redor dessa área, pequenos quadrados eram limpos na terra para que os monges pudessem instalar os *glots*. Os monges, proibidos pelo Vinaya de cavar a terra ou destruir plantas, ajudavam carregando os galhos cortados para dentro da floresta e varrendo as áreas já limpas.

Houve uma pausa no meio do dia para que os camponeses comessem seu almoço — arroz grudento e peixe fermentado trazidos de casa e folhas frescas colhidas na floresta, ao longo do caminho. Quando o sol estava alto, atravessando as sombras de forma brilhante e calorosa, era hora de voltar ao trabalho ritmado. No final da tarde, um caminho rudimentar já havia sido aberto, do local onde eles estavam até o limite da floresta. Depois de se despedirem de Luang Pó, os leigos seguiram de volta por esse caminho pela primeira vez, apressando-se um pouco para chegar em casa antes do anoitecer. No coração da floresta, quando a escuridão tomou conta, os monges em seus *glots*, sentaram em meditação.

Em uma manhã cedo, alguns dias depois, um grupo de voluntários de Bahn Kó e Bahn Klang chegou para construir cabanas para os monges e expandir a área aberta. Traziam consigo pedaços finos de palha *ya kha* para os telhados e cortaram os pilares e vigas das árvores à sua volta. Os homens habilidosamente desfiavam bambu em longas tiras para tecê-las como piso enquanto as mulheres pregavam folhas grandes e secas de *chat* em pedaços de bambu para as paredes. Quatro cabanas estavam prontas ao anoitecer: moradias simples, mas suficientes para as necessidades dos monges. A fragilidade desses abrigos não era capaz de esconder sua significância. Sua criação, em apenas um dia, transformou a presença dos monges na floresta de respeitosos convidados de sua paz e sombra, em colonos.

A floresta Pong, nova morada dos monges, tinha certa notoriedade entre os habitantes da região. Antigamente o lago, agora seco, que ficava na área mais ao norte, atraía animais selvagens, incluindo tigres e elefantes. Adicionada à intimidadora reputação da floresta, havia a crença de que um duro e vingativo espírito guardião havia feito votos de protegê-la contra a intrusão de humanos. Luang Pó, que era geralmente bastante direto em sua crítica às superstições sem fundamento, não se opôs a essa crença. Ao contrário, frequentemente referia-se a esse espírito pelo seu nome — Pó Dég. Uma vez ele explicou a alguns hóspedes:

Quando vim pela primeira vez para ficar aqui, era um lugar difícil para morar: não havia nenhuma dessas construções que vocês estão vendo agora, nada além da floresta. Sem contar que também não havia estradas e ir e vir era muito difícil. Os fazendeiros locais viviam a uma longa distância. Eles não ousavam vir à floresta, pois o espírito guardião daqui era feroz. Esse espírito tinha sido um criador de elefantes, que constantemente atravessava a floresta para capturá-los e dava água do lago para que eles bebessem no caminho de volta. No fim, estabeleceu-se aqui para tomar conta da floresta e foi graças a ele que, na época em que vim morar aqui, ainda havia uma parte da floresta intacta. De outra forma, provavelmente ela teria sido cortada há muito tempo atrás. Há alguns anos, alguns habitantes de Bahn Bok e Bahn Peung limpavam um pedaço de terra e plantaram arroz e vegetais, mas todos tiveram um final infeliz. Pessoas que vinham para cortar árvores tendiam a morrer de causas misteriosas. Batatas selvagens cresciam abundantemente na floresta,

mas ninguém ousava tocá-las. Foi apenas depois que vim morar aqui que as pessoas começaram a vir trabalhar a terra e plantar mais próximo do limite da floresta.

ESTRANHAS VISÕES

A lua cheia de março marcou o primeiro dia de observância, desde a chegada dos monges na floresta. Aproximadamente uma dúzia de leigos vieram para passar o dia e a noite recitando cânticos e meditando com os monges. Às sete da noite, ao terminar o cântico noturno e a última luz do dia se pôr, Luang Pó começou a expor o Dhamma, com sua voz vigorosa e arrebatadora. Enquanto as palavras fluíam cada vez mais certeiras, sua forma era iluminada pelos raios da lua recém-nascida. Foi quando, sem aviso algum, interrompido em meio à sua fala, Luang Pó repentinamente se calou. Muitos de seus ouvintes ficaram de olhos bem abertos devido à surpresa e foram agraciados pela imagem de seu professor sentado à luz do luar, tão imóvel e composto como uma imagem do Buddha. Depois de alguns momentos, ele então disse: “Todos fiquem apenas sentados e calmos. Caso aconteça qualquer coisa, não há motivo para alarde”. E então, sem mais explicações, retomou seu discurso.

Poucos minutos depois, uma luz brilhante, como um cometa, apareceu no céu a noroeste, passando sobre suas cabeças. Ela então desceu rumo à terra na direção sudeste de onde eles estavam sentados, banhando toda a floresta com uma luz deslumbrante. Mesmo tendo sido avisados antes, monges e leigos estavam profundamente emocionados com o que eles viam como sendo um auspicioso presságio para o mosteiro. Luang Pó, no entanto, não prestou atenção alguma à luz e seguiu com sua palestra do Dhamma como se nada estivesse acontecendo. Gradualmente, a magia e o poder de suas palavras retomaram a atenção de sua plateia.

Luang Pó nunca se referiu a esse fato novamente. No entanto, na manhã seguinte quando liderou um pequeno grupo de leigos para marcar os limites do novo mosteiro com estacas, não passou despercebido que os limites que ele escolheu, totalizando uma área de aproximadamente 150 rai⁴², foram regidos pelos pontos nos quais a estranha luz surgiu e desapareceu. E não foi o fim das luzes misteriosas. Mé Noi, uma das aldeãs que passava as noites dos dias de observância praticando no mosteiro e estava presente nessa primeira ocasião relatou:

"Naquela época não era fácil chegar ao mosteiro como é hoje. Aqueles de nós que éramos de Bahn Kó e queríamos ir para ouvir o Dhamma, nas noites dos dias de observância, tínhamos que seguir uma trilha estreita que atravessava uma parte fechada da floresta. Algumas partes dessa trilha estavam meio encobertas com mato *khah* que havia crescido. Uma noite havia um grupo relativamente grande de nós, incluindo Pó Phut, mas ainda assim conseguimos nos perder perto do lago Python. Enquanto estávamos lá parados, discutindo para onde ir, vimos uma luz brilhante flutuando acima da copa de uma grande mangueira e encaminhamo-nos pela floresta naquela direção. O matagal estava denso com grama e videiras, mas nos mantivemos firmes, seguindo aquela luz como nosso objetivo. Achávamos que uma grande lâmpada tinha sido suspensa em uma das árvores. Pensamos no quão gentil Luang Pó tinha sido por instalar uma luz para nos guiar, e nossas preocupações sumiram. Finalmente chegamos ao local onde viviam os monges. Não havia luz alguma. Ficamos maravilhados."

⁴² O "rai" é a unidade tailandesa de medida. 10 rai são equivalentes a 4 acres ou 1,6 hectares.

AUSTERIDADE INICIAL

Seria impreciso descrever o estabelecimento de Wat Pah Pong como marcando o nascimento da Tradição de Floresta em Ubon. É impossível dizer quantos eremitérios silenciosamente surgiram e desapareceram nos séculos anteriores ou quantas frágeis cabanas monásticas foram engolidas pela floresta. Aproximadamente quinze anos antes, Luang Pu Sao havia retornado a Ubon, determinado a passar os últimos anos de sua vida estabelecendo a Tradição de Floresta em sua província natal, e algumas pequenas comunidades monásticas surgiram de seus esforços. No entanto, está claro que o estabelecimento de Luang Pó Chah na floresta Pong foi o desenvolvimento mais significativo. Wat Pah Pong se tornaria um centro de treinamento para monges que, em um período de trinta anos, estabeleceria mais de sessenta mosteiros afiliados por toda a província e muitos mais em províncias vizinhas ao sul e sudeste de Isan.

Wat Pah Pong foi estabelecido sem capital ou qualquer plano de desenvolvimento. A crença de Luang Pó era de que se a Sangha praticasse com sinceridade, a evolução material do mosteiro gradualmente cuidaria de si mesma, pois os budistas leigos, inspirados pela dedicação dos monges, ofereceriam os fundos necessários por sua própria vontade. No longo prazo, construções seriam necessárias, mas elas não eram uma preocupação primordial ou urgente. O importante era a prática dos monges. O Vinaya proíbe monges de quaisquer esforços para arrecadar fundos; eles são ensinados a estarem satisfeitos com o que quer que lhes seja oferecido por fé, seja muito ou pouco, seja de boa ou de não tão boa qualidade. Luang Pó seguia essas premissas ao pé da letra. Se levasse dez ou vinte anos para se construir um salão de Dhamma apropriado, que assim fosse. Ele certamente não venderia sua integridade por sacos de cimento.

Todas as manhãs, os monges saíam para a mendicância matinal, tomavam a única refeição diária, e então passavam o resto do dia praticando. Camponeses devotos lhes proporcionavam o que eles precisavam. Todo o resto, eles simplesmente passavam sem.

A chegada de Luang Pó e seus monges foi assunto de conversa nas comunidades locais por alguns dias. Mas os moradores do vilarejo tinham trabalho a fazer e quando a novidade dos monges de floresta deixou de ser novidade, então o interesse neles também diminuiu. A maioria dos aldeões pensava, em geral, que era algo bom ter um mosteiro de floresta por perto e eram gratos pela oportunidade de colocar comida nas tigelas dos monges nas manhãs, mas suas vidas não mudariam. A identidade cultural e as oportunidades de acumular méritos proporcionadas pelos mosteiros de vilarejo eram o máximo que a maioria das pessoas esperava ou procurava na religião. Mesmo que algumas poucas pessoas difamassem os monges de floresta como sendo fanáticos e mal orientados, um certo número de aldeões sentiam-se profundamente inspirados por eles, tornando-se apoiadores regulares do novo mosteiro e dos discípulos de Luang Pó.

Por alguns anos, as condições físicas nas quais Luang Pó e seus discípulos viveram foram bastante austeras. Contudo, a diferença entre o padrão de vida deles e o das pessoas nos vilarejos ao redor do mosteiro não era tão grande. “Encontre de manhã, coma à noite” é um ditado tailandês que expressa bem a pobreza da maioria dos habitantes da zona rural de Ubon, em meados da década de 1950. Se os monges tinham pouco para comer junto com suas bolas de arroz grudento diárias e remendavam seus mantos até que eles se desfizessem, os camponeses não estavam em uma condição muito melhor. Dinheiro ou excedentes eram sempre escassos. Qualquer dinheiro que as pessoas tivessem, por pouco que fosse, era guardado para tempos de doença. Se eles tinham umas poucas moedas a mais para acumular mérito, a primeira obrigação deles seria dar suporte ao mosteiro do vilarejo. Por essas razões, fundos para o desenvolvimento de Wat Pah Pong surgiram de forma lenta. Não era algo considerado como um problema. Não havia padrão de tempo estabelecido para a construção de um mosteiro. Se dinheiro fosse oferecido, alguma construção seria realizada; caso contrário, não seria.

REQUISITOS

Os monges tinham três mantos principais⁴³ feitos de algodão grosso, suplementados com um ou dois *angsas* e panos para banho. O manto superior (*jiwon*) e o manto inferior (*sabong*), se devidamente cuidados e remendados quando começassem a ficar mais finos, poderiam durar por três ou quatro anos, e o manto externo, de duas camadas (*saṅghāṭi*), muito mais. Ambos mantos maiores poderiam ser dobrados e usados como cobertores à noite. Camas consistiam de uma esteira de palha e um travesseiro dobrável de madeira que os próprios monges faziam. Os outros requisitos consistiam de um *glot*, uma bolsa de pano, um tecido para sentar, um filtro d'água, agulha e linha. Eles não tinham calçados. Velas e fósforos eram difíceis de aparecer. Água para beber e para uso geral era retirada de um poço. Para fazer fogo:

Você colocava *kapok* num pedaço de bambu, deixando uma extremidade aberta com a casca de meio limão como tampa. Então você batia uma pedra para obter faísca e acender o *kapok* dentro do tubo.

Andar por ali à noite era perigoso.

Você saía de sua cabana numa escuridão absoluta, colocava suas mãos postas em *añjali* sobre sua cabeça e dizia: “Sādhu! Com o poder das virtudes do Buddha, do Dhamma e da Sangha,

Sabbe sattā sukhitā hontu. Sabbe sattā averā hontu. Sabbe sattā abhyāpajjhā hontu.

Que todos seres sejam felizes... e por favor me deixem em paz!"

No meio da noite, era totalmente escuro, você não conseguia ver nada. Era fácil, sem enxergar, pisar em algo ao longo do seu local de meditação andando. Na verdade, pisei em cobras algumas vezes — há várias dessas pequenas víboras venenosas por aqui — mas elas nunca me picaram.

Havia sempre pouco tecido. Se um manto rasgava, era esperado que o dono o costurasse e remendasse até que o algodão chegasse a um estado terminal de declínio, fino como papel, que a qualquer puxão se rasgaria. Só então, o monge poderia pegar pano do estoque do mosteiro para costurar um novo manto.

Ajahn Tiang⁴⁴ recordava:

"Nos primeiros três ou quatro anos, costurávamos à mão. Às vezes, depois de cortar o pano para um manto, toda a Sangha se sentava para ajudar com a costura. Então o manto era tingido com tintura de lascas de tronco de jaqueira. Até que ele estivesse pronto para ser usado, um par de meses já teria se passado. Fazer um conjunto completo de três mantos não era nada fácil. Para ter tintura suficiente, você deveria manter as lascas de madeira fervendo no fogo por horas e horas — isto é, se você conseguisse o pano para fazer o manto, em primeiro lugar. Capas de tigela nós mesmos

⁴³ Ver Apêndice I

⁴⁴ O "Venerável Tiang", do capítulo anterior, viria a se tornar um monge sênior e será referido a partir daqui com o título de "Ajahn". Outras figuras referidas como Ajahn nesse e nos próximos devem ser entendidos como sendo monges que também viriam a se tornar discípulos seniores.

tínhamos que crochetear. Era difícil. Se houvesse tantos monges quanto há hoje em dia, não sei como conseguiríamos fazer. Era difícil, mas Luang Pó mantinha tudo em andamento."

COMIDA DE MENDICÂNCIA

A comida de mendicância era, no máximo, apenas básica. Normalmente, os monges voltavam da mendicância matinal com pouca coisa além de arroz grudento. Raramente havia algumas bananas ou peixe seco para acompanhar. A tradição de Isan, especialmente na zona rural, era fazer da mendicância matinal praticamente um ritual de oferenda de arroz e depois então levar pratos adicionais (literalmente "com arroz") — molhos, frutas, doces, folhas comestíveis, etc. — ao mosteiro e oferecê-los aos monges na hora da refeição. Era um costume que proporcionava uma relação próxima diária entre a Sangha e a comunidade leiga. Mas não era um sistema que funcionava tão bem quando os monges viviam a uma grande distância de caminhada do vilarejo. Mesmo que algumas poucas pessoas tivessem tempo de ir até Wat Pah Pong nas manhãs, elas foram lentas para mudar os seus hábitos de oferta de alimentos. Arroz puro seguia sendo o alimento mais comum oferecido na mendicância matinal. Consequentemente, quando retornavam do vilarejo, os noviços — que não tinham a mesma regra do Vinaya dos monges, que os proíbe de destruir uma planta viva — paravam para colher folhas comestíveis das árvores no caminho. Essas folhas, mergulhadas em molho picante, amenizavam a monotonia do pesado arroz.

Quatro mulheres — a mãe de Luang Pó, Mé Pim e três outras senhoras do vilarejo — vieram viver no mosteiro naquele primeiro ano e cultivaram uma pequena horta para suplementar a comida da mendicância. *Mé chi* Bunyu Pimwong, que chegou poucos anos depois que a comunidade de *mé chis* tinha sido estabelecida⁴⁵ e se tornaria uma monja sênior, relembra as dificuldades daquela época:

"A comida que sobrava dos monges era distribuída entre as *mé chis*. Não importa o quanto fosse, nunca havia sobras. Se os monges não tivessem nada, então ficaríamos sem também. Nunca saíamos para procurar comida de outras formas. De vez em quando, havia algum convite para que os monges fossem comer na casa de algum discípulo leigo e apenas dois ou três monges restantes saíam na mendicância matinal. Havia dez de nós. Depois que compartilhávamos o arroz, cada uma de nós ficava com apenas uma bola de arroz do tamanho de um limão — e aquilo era o que tínhamos para comer. Não havia nada para acompanhar, mas conseguíamos nos manter com arroz puro. Uma vez, lembro que os monges voltaram da mendicância matinal com três bananas com eles. Luang Pó fez um dos monges cortá-las em tiras finas e distribuí-las. Naquele dia, aquelas três bananas alimentaram toda a comunidade."

Para jovens monges esfomeados, a refeição diária consistindo de uma bola de arroz grudento com uma pitada de molho picante e não muito mais, podia, ainda assim, ser deliciosa. Ajahn Jan era um, cujo apetite nunca era enfraquecido pela frugalidade ou monotonia da comida. Até o fim de sua vida, lembrava com carinho de um dia no qual olhou por cima de sua tigela e viu Luang Pó olhando para ele. Autoconsciente, ele parou de comer, dolorosamente ciente do quanto ele estava desfrutando de sua refeição. Mas esse embaraço abrandou rapidamente. Ele percebeu que o olhar no rosto de Luang Pó não era de reprovação; o desatento discípulo não estava prestes a levar uma bronca por gulodice. O que Ajahn Jan recordou de ter visto na expressão de Luang Pó naquele dia, ele disse, era o

⁴⁵ A comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong será tratada com mais detalhes num capítulo posterior. Aqui é suficiente notar que, mesmo que as *mé chis* não sássem em mendicância matinal e não fossem proibidas de usar dinheiro, Luang Pó as tratava como "monásticas". Esperava-se que elas mantivessem a maioria das práticas que eram padrão para os monges.

caloroso, generoso sorriso de um pai, assistindo a um filho voraz se empanturrar, depois de um dia duro de trabalho no campo.

Luang Pó disse sobre aquela época:

Nunca me senti gastando meu tempo tentando pensar em como obter essa ou aquela comida. Tanto quanto eu sabia, arroz puro era suficiente para sobreviver. E aquilo valia para as pessoas que vinham praticar aqui com fé: Ajahn Jan, Ajahn Tiang, Ajahn Sinuan e os demais. Eu fazia um anúncio de que naquele dia haveria uma bebida quente durante a tarde, e todos vinham e tomavam silenciosamente — não era café ou chocolate ou algo doce, mas “*borapet*”⁴⁶. Ninguém nunca reclamou de como era amargo. Não havia nada mais, então era o que bebíamos.

Nos anos seguintes, quando o suporte de leigos ao mosteiro aumentou e os alimentos e bebidas eram mais fartos, Luang Pó costumava se lembrar das dificuldades do começo. Ele constantemente lembrava aos monges que eles não tinham nenhum direito de serem “bem alimentados”.

Frugalidade não era uma austeridade imposta pelas circunstâncias, mas uma virtude a ser cultivada.

Ao menos, tínhamos algo para comer todos os dias, e mesmo que fosse apenas arroz, era melhor do que não ter nada. Comer arroz puro me fazia pensar sobre os cachorros. Em áreas pobres, os camponeses alimentam seus cães apenas com um pouco de arroz grudento uma vez por dia — nada mais, apenas arroz puro — e eles não morrem, sobrevivem sem problemas. E além disso, aqueles cães são guardas alertas e diligentes. Eles apenas ouvem o som das folhas roçando e já começam a latir. Quando seus donos os levam para caçar, eles correm bem rápido, pois são magros. Enquanto isso, os cães que são muito bem cuidados por seus donos ficam preguiçosos. Alguém pode até caminhar na direção deles — quase pisar na cabeça deles — e ainda assim, eles não acordam.

MEDICAMENTOS

Por toda sua vida em Wat Pah Pong, Luang Pó mostrou determinação em manter o mundo das instituições e burocracias a uma certa distância, da melhor forma que pôde, para preservar a independência da Sangha. Durante cerca dos primeiros dez anos de existência do mosteiro, essa política incluía rejeitar a medicina alopática. O raciocínio era que os monges não tiveram as vantagens da medicina ocidental por 2500 anos, e o que havia sido bom para os grandes monges de tempos antigos seria bom o suficiente para a Sangha de Wat Pah Pong. Para ele, na época, o acesso aos tratamentos, fornecidos pelo Estado, era uma conveniência da vida leiga a que se renunciava quando se ingressava na ordem monástica. Correr para o hospital local por qualquer pequena queixa iria minar a virtude primordial da paciência que o treinamento visava cultivar. Com o passar do tempo, a compaixão de Luang Pó levou-o a ser mais moderado com esse princípio em particular e finalmente a descartá-lo. Mas, para os pioneiros de Wat Pah Pong, essa era uma orgulhosa tradição.

Isso não significava que as doenças físicas fossem deixadas todas sem tratamento. Em tempos de doença, os monges recorriam a ervas medicinais, remédios feitos de raízes e folhas nativas. Luang Pó mesmo acumulou um grande conhecimento desses remédios tradicionais durante seus anos de peregrinação e conhecia tratamentos para os males mais comuns — problemas digestivos, dores nas juntas e hemorroidas — que afligiam os monges. Nos primeiros anos em Wat Pah Pong, malária era o

⁴⁶ *Borapet* (*tinospora crispa*), também conhecida como “semente em forma de coração” ou *guduchi* é uma bebida extremamente amarga preparada de uma videira local. Era muito usada em profilaxia e em tratamento de malária.

maior flagelo e praticamente ninguém foi poupado dela. Para aqueles infectados, as febres ocorriam a cada um ou dois dias, geralmente tendo início à tarde. Elas eram caracterizadas por um frio, que nenhum número de cobertores podia resolver, acompanhadas de fortes dores de cabeça e náusea. Se os parasitas encontrassem um caminho para o cérebro, aquilo podia resultar em morte. Afortunadamente, ninguém morreu em Wat Pah Pong, mas muitos, incluindo Luang Pó, chegaram perigosamente perto. Mé chi Bunyu recordou vividamente de uma ocasião:

"Luang Pó foi o primeiro a ficar doente de malária, e foi de forma bem severa. Os monges precisavam carregá-lo de sua cabana para deitá-lo numa cama de bambu à sombra. Não havia medicamentos modernos. Luang Pó não permitia a ninguém ter algo a ver com hospitais; não deixava ninguém nem mencionar essa palavra. Então apenas fazíamos o melhor que podíamos para tratá-lo com as ervas que tínhamos.

"Quando ele ficou realmente mal, sua pele ficou com um tom descolorido, esverdeado. Sabíamos que ele tinha chegado ao estágio final da doença. Um dia, a febre estava particularmente severa. Depois de estar lá deitado por um tempo, ele se colocava em posição sentada; então quase imediatamente, deitava-se de novo. Isso aconteceu várias vezes. Monges, noviços, monjas e leigos — todos estávamos ali observando, sentados em silêncio. Nossos olhos estavam grudados nele. Ele sentou-se de novo. Estava se balançando de um lado para o outro, tentando manter-se ereto. Olhou em volta e viu o pote de remédio. Levou-o à boca sem muita firmeza e, antes que algum atendente pudesse ajudá-lo, derramou tudo sobre si mesmo. Ele ficou ali encharcado por um momento. Então você podia vê-lo fazendo um grande esforço para se recompor. Ele colocou o pote de lado, sentou-se ereto novamente — e ficou daquele jeito. Havia silêncio. Ele estava em *samādhi*. Estávamos assustados e maravilhados com o que víamos.

"Na manhã seguinte, ele ainda não havia se recuperado, mas dali em diante, a cada dia, começou a melhorar gradativamente. Não sei como ele se recuperou, mas assim que o fez, todos os demais começaram a ficar doentes. Foi como uma epidemia: monges, noviços e monjas, todos adoeceram muito."

Malária raramente desaparece por completo. Ela geralmente fica dormente no fígado. Luang Pó viria a sofrer recaídas durante os três anos seguintes. Ajahn Jan era um dos monges que o tratava nessas fases.

"Uma vez ele ficou seriamente doente e fazíamos turnos para cuidar dele. Havia dois monges em cada turno, que ficavam sentados na varanda de sua cabana e entravam de vez em quando para monitorar sua febre e ver se ele precisava de algo. Mas ele nunca nos permitia massageá-lo. Sua preocupação era ficar dependente daquilo. Então ficávamos sentados do lado de fora, enquanto ele, do lado de dentro, tremia de febre. Os atendentes não conversavam. Sentávamo-nos em meditação de costas um para o outro. Quando havia algo a ser feito, entrávamos.

"Sua febre aparecia à tarde. Lembro de um dia em que algumas pessoas vieram visitá-lo e estavam esperando debaixo da árvore *mafai*, onde fizemos um assento mais alto para que ele se sentasse. A febre de Luang Pó estava bastante alta naquele momento: sua cabeça doía e ele estava nauseado. Mas quando lhe dissemos que ele tinha visitas, ele logo se levantou, colocou seu manto e foi recebê-los como se não houvesse nenhum problema.

"A febre lhe causou uma grande constipação. Finalmente um dia ele me chamou, 'Ajahn Jan, venha aqui ver isso.' Caminhei até onde ele estava. Ele apontou para uma folha que havia colocado no chão ao seu lado e disse, 'Era por isso que eu estava constipado.' Eu olhei para baixo. No meio da folha, havia algo que parecia uma pequena pedra. Era um grumo do seu excremento."

O medicamento usado para malária era preparado com *borapet*. O preparo do chá de *borapet* tornou-se uma das atividades diárias das monjas. Mé Chi Bunyu relembra o método:

"Você tinha que cortar a videira em partes finas — uns 25 centímetros para cada pessoa — amassar até virar uma pasta e então coar com um pano fino em um copo d'água. Aquilo dava um líquido grosso. Então você tinha que prender a respiração e engolir de uma vez."

A atitude de Luang Pó quanto à doença era inflexível:

Os monges naquela época sabiam como aguentar. Não importava o quão doentes estivessem, eles se recusavam a ir ao hospital. Eu mesmo tive malária por três anos e não fui ao hospital uma única vez, apenas a combati aqui. Como me tratava? Fervia *borapet* e tomava com sal ou com *samó*⁴⁷. Funcionou muito bem; só não era algo agradável, somente isso. Era difícil para o corpo, mas se não houvesse chegado a sua hora, você não morreria. Não havia medicamentos naquela época. Se qualquer um tivesse malária eu o encorajaria: "Aguente. Monges meditadores não devem ter medo. Se qualquer um de vocês morrer, cuidarei pessoalmente do funeral. Se eu morrer primeiro, então todos vocês podem me cremar. Não se apeguem, isso é sofrimento". Era assim que falávamos e aconselhávamos uns aos outros. Não havia desencorajamento ou desespero. Os monges eram realmente valentes, corajosos e capazes. Eu não tinha preocupação que nenhum deles se amedrontasse com essas coisas.

Como se recordaria Ajahn Jan, o tratamento de Luang Pó aos monges doentes era mais gentil do que o seu discurso:

"Luang Pó era muito duro. Ele costumava dizer, 'Se você não está morto, então faça com que seja bom; se não ficar bom, deixe morrer.' Mesmo assim, quando algum dos monges ou noviços ficava doente, ele sempre lhes dava atenção especial e era particularmente gentil com eles. Se alguém estivesse muito doente para sair de sua cabana para comer, ele pessoalmente separava comida para essa pessoa. Visitava-os regularmente em suas cabanas e perguntava como eles estavam. Se suas cuspeiras estivessem cheias, colocava-as para fora e as limpava. Depois, varria em volta da cabana e então os inspirava com ensinamentos do Dhamma. Não tínhamos muitos medicamentos — apenas ervas nativas — mas ele dava o melhor que podia: encorajamento para a prática."

II. ÉPOCA DE OURO

ESPÍRITO GUERREIRO

O Luang Pó Chah que deixou tamanha impressão indelével nos que o conheceram durante suas viagens ao ocidente na década de 1970, é, para muitos, "o" Luang Pó Chah. Muitas das gravações que sobreviveram de suas palestras, suas fotografias mais conhecidas e os inestimáveis segundos de filmagem nos documentários da BBC foram todos daquela época de sua vida. Trata-se da figura sábia e sorridente de um avô, com sua barriga saliente e bengala, que se incorporou ao panteão budista ocidental. As pessoas que o conheceram naquela época se recordam do calor e da sabedoria que emanavam dele e que pareciam atemporais — tanto que era difícil para qualquer um imaginar que ele pudesse ter sido de outra maneira. Mas, obviamente, ele foi. Voltando vinte anos antes, um

⁴⁷ O 'samor' (chelubic myrobalan) é uma fruta adstringente permitida no Vinaya para ser comida a qualquer hora do dia como um laxante.

Luang Pó Chah um tanto diferente, emerge. Naquela época de sua vida, mesmo que parecesse uma figura poderosa e impressionante, era também, talvez, uma pessoa menos atraente. Se em seus últimos anos podia ser comparado a um monarca absoluto, tranquilo em um reino pacífico, nos anos 1950, a comparação que viria à mente seria a de um rei guerreiro de uma terra conturbada.

Nas lembranças daqueles que viveram com ele nos primeiros anos em Wat Pah Pong, Luang Pó era uma figura reservada, severa e vigorosa. As poucas fotos dele desse período transmitem uma intensidade intimidadora. As imagens mostram uma mente afiada e disciplinada, focada de forma resoluta em seu objetivo. Foi um período no qual sentiu que o apogeu da prática estava ao alcance das mãos. Percebendo o tipo de impulso e a intensidade de esforço necessários para transpor a última barreira da ignorância, ele não estava disposto a colocar aquilo em risco. Ele levou seus discípulos ao limite. Aqueles que conseguiam aguentar, ficavam; aqueles que não conseguiam, partiam. Ele lhes diria que, se genuinamente tinham a libertação como objetivo, deveriam saber que Nibbāna fica às margens da morte.

A intensidade da rotina que Luang Pó mantinha em Wat Pah Pong, durante seu primeiro período de existência, era o resultado natural dos extraordinários esforços que havia colocado em sua própria prática. Enquanto liderava uma pequena e coesa comunidade, com poucos noviços adolescentes ou homens idosos (que viriam a se incorporar nos anos seguintes e de certa forma diluir a intensidade da Sangha), ele fez seu melhor para levar seus discípulos em seu rastro.

A capacidade de suportar pacientemente, enaltecida pelo Buddha como "o mais eficiente incinerador de impurezas" era a virtude que figurava de forma mais proeminente nos sermões de Luang Pó para a Sangha. Era também uma das mais marcantes características de sua própria prática. O respeito e admiração que os jovens monges tinham pelo professor eram inspirados não apenas pela paz, sabedoria e compaixão que eles reconheciam nele, mas talvez, acima de tudo, pelo fato de que ele parecia muito mais forte e resistente do que qualquer um ali.

Através dos séculos, sempre foi comum no mundo inteiro, ao menos para os homens, ver a empreitada espiritual como uma guerra. Em tradições teístas, o inimigo que deve ser derrotado é concebido como um ser do mal; no budismo, ele é as impurezas mentais. A ideia do guerreiro espiritual sempre teve grande apelo para homens jovens, e nos primeiros anos de Wat Pah Pong, essa era a metáfora dominante.

Luang Pó, nesse primeiro estágio de sua carreira de professor, tinha muito do general de batalha. Ele aparece como uma figura áspera, sempre liderando da frente de batalha, duro, mas justo com seus discípulos, e um mestre tático. Ele pintava a vida espiritual a seus discípulos como sendo uma longa campanha que requeria capacidade de suportar, astúcia e suprema autodisciplina. Ele os instigava a rangerem os dentes e a manterem-se com as armas em punho, pois a recompensa da vitória seria imensa. Suas palestras do Dhamma geralmente continham o imaginário da força do boxe e das artes marciais. Os monges eram instigados a lutar a boa luta e a matar a cobiça, a raiva e a delusão; ou ao menos a subir no ringue e massacrá-las. Isso era bom, excitante e atendia de forma eficaz às necessidades de sua jovem plateia.

Todos os membros da Sangha de Wat Pah Pong cresceram no meio de uma sociedade hierárquica e autoritária. Eles sentiam-se confortáveis ao respeitar os anciãos. Respondiam bem à clareza e à franqueza. Ao olhar do século vinte e um, o estilo de liderança de Luang Pó naquele momento de sua vida pode parecer rude e autocrático, mas considerando a época e a cultura, não era incomum de forma alguma. Ele era um disciplinador estrito, dando reprimendas aos monges por suas falhas, às vezes com uma ferocidade assustadora. Mas ninguém questionava se ele tinha o direito de falar com

eles daquela maneira. De fato, para a maioria dos jovens monges, ter um professor que instigava o medo em seus corações era inspirador. Era como deveria ser.

O treinamento em Wat Pah Pong caracterizava-se por uma atenção muito precisa à extensa lista de observâncias e regulamentações que fazem parte do corpo principal do Vinaya. Outra analogia militar pode descrever bem o raciocínio dessa abordagem: no mosteiro, onde a vida é entendida como um “estado de emergência”, o cuidado com os menores detalhes pode fazer a diferença entre a vida e a morte, como ocorre em tempos de guerra. Astúcia e clareza mental deveriam ser aprimoradas pela atenção fundamentada nas realidades concretas da vida cotidiana dos monges. Hoje, aquele primeiro período alçou o status de "bons e velhos tempos", uma época de ouro que não continuou com as gerações seguintes. Monges, que depois confessaram quanto medo sentiam de Luang Pó, faziam isso com orgulho de terem estado lá, e um sorriso nostálgico.

Inicialmente, Luang Pó liderou os monges no estilo implacável e duro que serviu tão bem a ele mesmo. Conforme envelheceu, seu estilo suavizou-se. Se o último período é visto como uma evolução ou um declínio (como veremos adiante, havia monges que sustentavam as duas visões), não há dúvidas de que, por toda a vida, Luang Pó recordaria aqueles primeiros anos do mosteiro como um tempo onde a coesão, a dedicação e a fé da Sangha estavam em um nível que jamais seria superado.

Naquela época, Ajahn Jan e Ajahn Tiang não entendiam a prática — mas eles aguentavam. Faziam como lhes era dito, obedientes às instruções do professor. Qualquer coisa que os ensinasse ou lhes dissesse para fazer, eles aceitavam sem discutir, sempre buscando ouvir minhas palavras e refletir sobre elas. Foi por isso que um ficou aqui por seis anos e o outro por sete. Durante aquele período, Ajahn Jan e Ajahn Tiang nunca saíram do mosteiro; nunca saíram em viagem pelo país sem ter um propósito, perdendo tempo em coisas de pouco valor. Eles buscavam o Dhamma de seu professor e praticavam todas as coisas que os levava a progredir. Aquilo deu a eles grande energia, tanto física quanto mental. Eu os liderei na prática, ensinei-os a agir com coragem, a não ter medo de nada. E eles me seguiram.

UM DIA DE CADA VEZ

Ajahn Jan contou em detalhes como era a vida cotidiana em Wat Pah Pong naqueles dias:

"O sino tocava às três da manhã para a recitação dos cânticos matinais e uma sessão de meditação. Luang Pó geralmente era o que chegava primeiro ao salão de Dhamma. Chegávamos todos mais ou menos ao mesmo tempo, e, às vezes, havia uma checagem para ver se todos estavam lá. Se alguém estivesse relaxando na prática e não viesse, ele perguntava onde aquele monge estava. Você tinha quinze minutos, a partir da hora em que o sino tocava, para chegar ao salão de Dhamma. Se você não fizesse assim, algo seria dito. Havia primeiro um período de meditação sentada, seguida pela recitação dos cânticos. Às vezes, durante a meditação, Luang Pó dava instruções básicas sobre como vencer os obstáculos. Todos tentávamos arduamente e ele estava de olho em todos. Se alguém estivesse cabeceando, ele falava alto para despertá-lo.

"Ao final da sessão, Luang Pó nos lembrava mais uma vez sobre nossa conduta e nos instava a estarmos constantemente atentos. Quando ele falava, todos faziam silêncio absoluto. Nós o respeitávamos; o admirávamos; ninguém ousava falar ou se mexer. Se alguém tivesse que falar enquanto estava preparando a tigela ou o manto para a mendicância matinal o faria sussurrando. As rotas mais distantes saíam primeiro. Luang Pó ia em uma rota mais curta. Nunca ia a Bahn Kó; dizia que o vírus ainda estava dentro dele. Queria dizer que ainda sentia traços de apego ao seu antigo

vilarejo e às pessoas que viviam lá. Se ele fosse diariamente e visse o antigo lugar onde havia vivido — seus irmãos e irmãs, seus sobrinhos e sobrinhas — isso poderia trazer à tona velhos apegos. Então, a não ser que fosse inevitável, ele não ia jamais a Bahn Kó; na mendicância matinal, ele ia a Bahn Klang. Antes de sair, depois que os monges da rota mais distante já haviam partido, ele pegava uma vassoura e fazia um pouco de limpeza ou, em alguns dias, removia as folhas das estreitas canaletas ao longo das laterais dos caminhos.

"Às três da tarde, o sino tocava novamente. Antes de sair de sua cabana, você deveria fechar a porta e as janelas e colocar para dentro seus mantos, ou quaisquer outros panos que estivessem pendurados no varal, assim, em caso de chuva, você não precisaria correr de volta. E você se prostrava. Você sempre se prostrava. Se você, de repente, percebesse no meio do caminho que tinha esquecido de se prostrar, então você deveria voltar.

"Você carregava uma vassoura e um bule d'água em suas mãos, com seu pano de banho dobrado e mantido sob o braço ou sobre sua cabeça. Quando chegava ao salão de Dhamma, você colocava suas coisas de lado e se prostrava à estátua do Buddha que havia lá. Você punha o bule em seu assento de monge e então saía. Se o sol estivesse forte, você colocava seu pano de banho dobrado sobre a cabeça e então varria as folhas. Luang Pó estaria lá e varreríamos uma grande faixa através da área aberta na floresta. Não havia conversa. Se não fosse algo necessário, ninguém falava. Tudo o que se podia ouvir era o som das vassouras.

"Naqueles dias, raramente havia algo doce para beber nas tardes. Tudo o que tínhamos era a amarga infusão de '*borapet*', *samó* e *makhampom*⁴⁸. Podia não haver muito açúcar, mas havia bastante *samó* — nós o comíamos em conserva e mergulhado em pimenta em pó e sal⁴⁹. Mas não era todos os dias. Se houvesse algo, Luang Pó tocava o sino mais cedo e nos encontrávamos debaixo da grande mangueira às duas e meia da tarde, antes das atividades vespertinas. Qualquer um que jogasse as sementes fora de um jeito displicente estaria em apuros. Ele dizia: "você estragou sua virtude". Não devíamos jogar as sementes fora em qualquer lugar, devíamos juntá-las todas em uma pilha organizada e depois um de nós as jogaria fora em um local apropriado. Depois que terminávamos, Luang Pó dizia algumas palavras de Dhamma, e então às três da tarde íamos para o trabalho.

"Uma vez que a varrição terminasse, devíamos preparar a água para consumo e para uso geral. Naquela época, tirávamos água de um poço e então carregávamos aos lugares necessários em velhas latas de querosene. Essas latas eram carregadas suspensas por um pedaço de bambu com um monge em cada ponta, levando o peso sobre o ombro. Luang Pó era um dos que puxava a corda e eu era quem puxava o balde para cima e enchia as latas. Naqueles dias, não havia muitos monges — seis, oito, dez — os números constantemente aumentavam. Todos ajudavam puxando água, jovens e velhos, e isso era feito em silêncio. Luang Pó estava nos observando o tempo inteiro. Os monges eram cuidadosos, respeitosos. Tínhamos profunda fé no que estávamos fazendo.

"Quando a distribuição da água estava terminada, então varríamos o salão de Dhamma, passávamos pano no chão e nas janelas, e organizávamos as esteiras para a sessão noturna. Depois daquilo, tomávamos banho e íamos aos nossos locais de meditação andando para praticar. Assim que o sino tocava às seis da tarde, pegávamos nossos mantos e bolsas de pano na cabana, fechávamos as janelas, nos prostrávamos e saíamos para a sessão noturna rapidamente. Luang Pó estava sempre

⁴⁸ A uva indiana (*emblic myrobalan*) é outro fruto laxante da família "*myrobalan*" permitido pelo Vinaya para ser ingerido a qualquer hora do dia.

⁴⁹ Pimentas, sal e alho também podem ser consumidos depois do meio dia com propósitos medicinais.

nos lembrando de chegar prontamente ao salão de Dhamma e não deixar monges seniores esperando.

"Depois da sessão de meditação, havia um período de recitação de cânticos e então Luang Pó subia ao assento do Dhamma. Em vários dias, ele lia uma passagem do *Pubbasikkhā* e então dava uma explicação sobre seu significado. Mais ou menos dez ou onze da noite, prestávamos reverência à Joia Tríplice e voltávamos às nossas cabanas. Às vezes à meia-noite ou à uma da manhã.

"Luang Pó era muito frugal com os requisitos. Se visse que alguém havia jogado algo na floresta — uma vasilha de plástico velha, por exemplo, ou uma cuspidora que ainda estivesse em condições de uso, ou qualquer outra coisa — ele os recolhia. Ele dizia que desperdiçávamos. 'Vocês estragaram sua virtude.' Essa era uma de suas frases preferidas, 'você estragou sua virtude'. Quando fui morar em Wat Pah Pong pela primeira vez, não conseguia entender como você poderia estragar sua virtude tão rapidamente ou tão facilmente. O que ele queria dizer era que você tinha dito ou feito algo inapropriado. Se você dissesse algo errado, fizesse algo errado, guardasse algo de forma inapropriada, fosse desatento, estivesse sonhando acordado — isso tudo seria estragar a sua virtude. Ele queria que usássemos nossos requisitos de maneira frugal, pois assim não teríamos falta de nada. Algumas pessoas simplesmente não entendiam. Elas diziam que Luang Pó estava sempre reclamando, que dava broncas, que era sovina. Mas isso era realmente só o fato de que ele tinha um padrão que estava tentando manter.

"Em todos os dias de observância, praticávamos sentar a noite toda — monges e leigos. Todos abriam mão de dormir durante a noite. Era muito difícil sair do salão. Você estava sentado ali em agonia, mas ninguém tinha coragem de ser o primeiro a sair, pois isso significaria se expor diante dos outros — e você se preocupava com isso. Mas assim que alguém tivesse saído, outros o seguiam. Não era que as pessoas quisessem deitar-se para descansar: elas queriam esticar as pernas e praticar um pouco de meditação andando. Algumas noites, contudo, se você não conseguisse suportar, você podia deitar-se por alguns minutos no chão da floresta. Mas se você ouvisse o som de alguém se aproximando ou de folhas estalando, levantava-se num pulo, com medo de que alguém o visse. Luang Pó dizia, 'ir para fora é apenas para mudar de postura. Não fiquem conversando'. Ele mesmo apenas ficava ali sentado, imóvel a noite inteira.

"Às vezes Luang Pó pedia para que um dos leigos desse uma palestra do Dhamma. Havia dois discípulos leigos que podiam dar palestras: Pó Di e Pó Mun. Esses dois eram capazes de falar o dia inteiro e a noite inteira se você lhes desse chance. Luang Pó dizia, 'Bem, agora os monges e noviços podem ouvir uma palestra sobre como é a vida leiga e quão difícil e cheia de problemas ela é.' Então um dos dois nos contava sobre os sofrimentos da vida no mundo. E, na verdade, aprendíamos muito'."

ABSOLUTA SINCERIDADE

Anos mais tarde, alguns monges zombavam de Ajahn Tiang pelo exagero na pureza da prática naqueles primeiros tempos. Eles diziam que ele projetava muito de sua própria ferocidade e falta de humor em Luang Pó. No entanto, seu relato sobre aquele período inicial é poderoso:

"O coração do que Luang Pó estava ensinando, as duas coisas que ele mais enfatizava acima de tudo eram o Vinaya e a prática de meditação. O regime monástico não era para ser descartado ou interrompido sob nenhuma circunstância. Se não fosse absolutamente necessário, não haveria quaisquer interrupções nas práticas em grupo. Se havia uma pausa, ela não durava mais do que quinze dias ou, no máximo, um mês. Ele dava muita ênfase à prática de meditação. Você era

orientado a praticar meditação andando e sentado, colocando esforço contínuo — manhã, tarde e noite. Se você tivesse alguma tarefa a realizar, você deveria realizá-la e então voltar à meditação. Os monges não tinham interesse em ficar conversando ou brincando. Todos focavam em si mesmos e em sua prática. Os leigos que iam ao mosteiro faziam o mesmo. Ouviam as palestras e aprendiam sobre o Dhamma. Eles levavam a prática de meditação à sério e aplicavam-se a ela nas horas apropriadas.

"Luang Pó nunca falava em tom de brincadeira. Nunca contava piadas ou agia de forma bem-humorada. Nunca falava de coisas mundanas ou levava os monges a maus hábitos, falando sobre o mundo da sensualidade. Ao contrário, proibia esse tipo de conversa. Dizia aos monges para não se socializarem. Falava que aquilo levava à formação de grupinhos e à desarmonia. A intenção dele era o tríplice treinamento e o estudo do Dhamma e do Vinaya.

"Naqueles dias, ele dava instruções regulares baseadas no *Pubbāsikkhā*. Todo dia, depois da recitação dos cânticos da noite, ouvíamos o Vinaya. Toda a nossa forma de fazer as coisas era de acordo com o Vinaya, até mesmo os detalhes da cerimônia anual de oferecimento de mantos (*kaṭhina*). Treinávamos para cortar e costurar nossos próprios mantos e fazer escovas de dentes de madeira. Incorporávamos essas coisas à nossa rotina diária e as usávamos para vencer a preguiça, o torpor e a indolência. Essa era a forma que ele ensinava: se você sentir sono, então não durma. Encontre formas habilidosas de vencer a sonolência. No meio do dia, se nada mais funcionar, você sempre pode fazer escovas de dentes de madeira.

"Às vezes, praticávamos até as onze horas ou meia noite antes que ele nos permitisse voltar. Isso nos daria duas horas de descanso. Como você poderia ir dormir por duas horas? Você acabava apenas sentando encostado em alguma parede ou árvore perto do salão de Dhamma. Você nunca chegava a tempo para tocar o sino: Luang Pó sempre chegava primeiro. Tentávamos dar o nosso melhor, mas quem conseguiria com tão poucas horas de sono como ele? ...

"Você devia fazer o que ele dissesse. Se fosse hora de meditar andando, você devia andar — sem perguntas. Se era período de praticar sentado, você deveria se sentar; não deveria se levantar. Ele não estava brincando; não era o estilo dele. Você não tinha alternativa. Se ele lhe visse sendo teimoso, ele lhe chamaria e daria uma bronca. Ele dava bronca nos monges; dava bronca nos noviços. Até convocava uma reunião para fazer isso... Você não podia sentar e relaxar em lugar nenhum, nem mesmo por um piscar de olhos. Você não podia se esgueirar para dentro e para fora do salão de Dhamma: ele perguntaria imediatamente, 'por que você saiu?' Se você saísse para urinar e desaparecesse por uma hora, estava em apuros: 'Uma hora para urinar? Da próxima vez que for, me avise. Gostaria de ver isso pessoalmente.'

"Como você podia não sentir medo? Você não podia pular nenhuma atividade. Ele não brincava e não deixava nada passar. Se você não tivesse um local de 'meditação andando' apropriado ou se a área central fosse deixada sem varrer, você estava em apuros: escutaria sobre aquilo naquele mesmo dia: 'Por que não? Você não está bem? Se não está se sentindo bem, então porque não veio falar comigo, ou se não podia fazer isso, por que não falou para outra pessoa? Como você pode apenas seguir a sua mente desse jeito? Você é parte de uma comunidade, não é? Ou pensa que vive sozinho?'

"Ele te pressionava para tudo. Você não podia se mexer um centímetro. Você não podia vaguear por aí. Uma vez que a sessão tivesse terminado e você pudesse seguir com a prática por sua conta, ainda assim, se ele visse alguém apenas andando, então esse alguém estava em apuros: 'Venerável! Venerável! Do que você está brincando agora?' Ele tinha olhos realmente astutos. Não deixava passar nada, mesmo os menores assuntos. Se ele dissesse a todos que andassem e você não fosse,

então teria um grande problema. Se a sessão tivesse terminado, você tinha que voltar diretamente para sua cabana. Se ele não lhe desse permissão, então você não poderia ir a lugar algum. Se houvesse qualquer assunto importante, você deveria mencioná-lo. Houve algumas grandes histórias naquela época. Não era tanto que ele forçava as pessoas, mas tinha uma sinceridade absoluta. Essa era a forma como ele administrava o mosteiro naqueles dias; mas para ser franco, não estávamos à altura daquilo."

COCO

Ajahn Tiang resumiu os ensinamentos de Luang Pó:

"A primeira coisa que ele nos dizia era para estabelecer *sati* estável: fazê-la contínua, não ficar distraído, perdido ou deixar que ela fosse interrompida. Dizia que seu Dhamma não tinha um alto ou um baixo, não era longo ou curto. Disse que o havia comprimido em uma bola no formato de um coco.

"Ele nos ensinou a estabelecer *sati*, nutrir nossa fé, inclinar nossa mente em direção da Joia Tríplice do Buddha, do Dhamma e da Sangha. Ele mesmo tinha genuína reverência e também nos ensinou aquela reverência. Ensinou-nos a ter *sati*, enquanto nos prostrávamos. Dizia que se deixássemos a mente divagar e *sati* fosse fraca, inevitavelmente haveria algum defeito em nossas ações. Dizia-nos que quando a mente não está calma, quando está em um estado acalorado, agitado ou anormal, alguma coisa sempre haverá de dar errado.

"*Sati* era sua maior ênfase: ter *sati* constante e suave, sem interrupções — não permitindo que ela se quebrasse. Seja em pé, andando, sentado, deitado ou se alimentando, você deveria ter *sati*, pois se você perde *sati* é o mesmo que perder a vida — é o que ele dizia. Se houvesse algum projeto de trabalho em andamento, por exemplo, e reclamássemos que não tínhamos oportunidade de praticar, ele nos perguntava se nossa respiração havia parado enquanto estávamos comendo ou deitados. Como você poderia estar tão exausto para meditar se sua respiração é tão imediata e comum? Não precisa de nada mais do que a respiração. Se você pratica e tem *sati*, isso não é nada mais do que estar com essa respiração comum. Aquilo era tudo o que ele ensinava. *Sati* era o principal.

"Se você perde *sati*, que tipo de técnica de meditação vai utilizar? Que tipo de concentração vai desenvolver? Que tipo de purificação acontecerá? Você não saberá como alcançar nenhuma dessas coisas. É *sati* que é o importante. Serenidade e tranquilidade surgem na presença de *sati*. Bem-estar interno e externo vêm de *sati*. Dhamma, Vinaya, cada uma das regras monásticas depende de *sati*. Sem *sati*, o que você vai tomar como objeto de atenção? Era assim que ele ensinava os princípios fundamentais.

"Ele dizia, 'não se encham de orgulho por serem monges e noviços; não olhem para os outros com desdém; não se apeguem à sua situação familiar ou nacionalidade — isso não é virtuoso, e isso não é o Dhamma. Lavem as mãos desse tipo de orgulho. Tenham como objetivo abandonar toda a arrogância e pontos de vista.' Ele nos dizia para não ficarmos prestando muita atenção às faltas uns dos outros, para sempre considerarmos o quão parecidos todos nós somos, e não ficarmos presos a pensamentos de quem está certo ou errado. Ser advertido é normal; depois que você fez algo errado, então deixe isso para trás: não se agarre a sentimentos de certo ou errado. Assim que haja esse 'agarrar' e esse apego, isso não é Dhamma e não é Vinaya...

"Se algo está de acordo com o Vinaya, então também está de acordo com o Dhamma: ao manter o Vinaya, você está praticando o Dhamma. Luang Pó os tratava como interconectados; nunca separava

o Dhamma do Vinaya... ele nos ensinou a praticar diferentes aspectos do caminho simultaneamente. Por isso, dizia que seus ensinamentos não eram longos ou curtos, mas comprimidos em uma esfera, como uma laranja ou um coco."

SEM ADIAMENTO

Monges que chegaram em meados da década de 1960, enquanto o tamanho da comunidade constantemente crescia, podem ter encontrado um certo relaxamento na intensidade de Luang Pó, mas de maneira alguma tiveram uma vida muito fácil. Ele seguia buscando criar em seus discípulos o entusiasmo pelo treinamento, a paciência e a capacidade de suportar que eram necessários para serem bem-sucedidos. Seu objetivo seguia sendo o de cultivar neles uma atitude completamente nova quanto às suas vidas: uma atitude na qual "tudo importa". Nada deveria ser feito de maneira desleixada. Cuidado, atenção e respeito deviam ser dados a toda e qualquer ação. Luang Pó não cansava de advertir os monges quando eles estavam desatentos. Ele martelava sobre eles o quanto era essencial manter *sati* em todas as atividades. Com a frouxidão ou negligência sobre os menores detalhes dos procedimentos podendo trazer tamanha fúria sobre suas cabeças, poucos monges podiam sequer considerar transgressões maiores ou mais sérias. Na maioria dos casos, um senso de sábia vergonha e medo das consequências, mesmo que precipitado artificialmente, logo amadureceu. Como relembra Ajahn Anek:

"Se qualquer um fizesse algo que se desviasse de suas instruções, aquilo se tornava um problema imediatamente ... Digamos que Luang Pó ouvisse o som de latas descendo ao poço fora do período estabelecido para tirar água do poço, ou alguém cortando pedaços de tronco de jaqueira para fazer tintura no horário errado — naquela noite escutaríamos sobre aquilo. Ele subiria ao assento do Dhamma e falaria sobre as regras até tarde da noite. Em algumas ocasiões, seguiria falando até às três da manhã. Naquela hora, não valia nem a pena voltar às cabanas, e assim que ele se levantasse de seu assento, nós imediatamente começaríamos a recitação matinal dos cânticos.

"Então ficávamos sempre alertando uns aos outros e avisando caso víssemos alguém fazendo qualquer coisa no horário errado, pois ficávamos com medo de outra bronca daquelas. Mesmo que apenas um monge houvesse agido errado, Luang Pó não deixaria ninguém voltar à cabana. Todos teríamos que sentar ali e ouvir a bronca; era como se fosse você mesmo quem estivesse levando a bronca. E isso era frustrante para aqueles que queriam ir meditar ou tinham outros assuntos para resolver.

"Nós, monges, realmente tínhamos medo — medo de ter que ouvir uma longa fala. Se Luang Pó soubesse que alguém tinha feito algo errado, ele nunca deixava aquilo passar daquela noite. Ele poderia chamar diretamente o monge que cometeu a falta ou falar a toda a Sangha. Era sempre muito estrito e vigoroso. Qualquer um que tivesse qualquer tipo de assunto, não importava o quão importante ou trivial fosse, teria que primeiro pedir sua permissão antes de ir resolvê-lo. Você não podia simplesmente ir adiante e fazer algo por sua própria conta. Se você o fizesse, podia estar certo de que naquela noite seria chamado para uma longa conversa.

"Se qualquer um faltasse à recitação, ou chegasse cinco ou dez minutos atrasado, era coisa séria. Assim que você se aproximava do salão de Dhamma, você tinha que andar o mais silenciosamente possível. Fazer barulho era completamente inaceitável. Se você fizesse, seria advertido por perturbar as pessoas que já estavam meditando no salão. Luang Pó dizia que fazer barulho perto de pessoas que estão meditando é mau comportamento e mau *kamma*; e mais, isso indicava falta de *sati*,

ciência de si e restrição dos sentidos. Dizia que para quem praticava o Dhamma, aquele era um comportamento vergonhoso."

Ajahn Reuangrit relembra:

"Se você fosse urinar, você seria advertido; você deveria aguentar até o final da sessão. Ele dizia, 'Outras pessoas conseguem, por que você não? Você é um ser humano assim como eles, todos vocês têm os mesmos órgãos. O que é tão difícil?' Era assim que fazíamos as coisas naquela época. Seu manto ficaria todo ensopado de suor, e você perderia tanto líquido daquela forma que o aperto por urinar desapareceria. Também tínhamos medo de Luang Pó, medo de verdade, quando ele começava a pegar no nosso pé, 'Você come muito e dorme muito. Se come muito, então tem que fazer muito cocô; bebe muito e aí tem que fazer muito xixi.' Eu escutei essas palavras tantas vezes! Mas como resultado, em nossa alimentação, em nossas ações, éramos sempre muito moderados. Naquela época, havia um grande cuidado e precisão em como fazíamos as coisas."

RELAXAMENTO

A atmosfera em Wat Pah Pong não era, no entanto, tão dura e severa quanto algumas das passagens anteriores poderiam sugerir. As exortações de Luang Pó eram dadas em uma floresta subtropical na qual, por vários meses do ano, o sufocante calor e a umidade encorajavam a preguiça e o torpor. Sua audiência era formada de rapazes jovens e tranquilos, criados em uma cultura que não instigava o senso opressor da culpa ou a auto aversão, que poderia tê-los levado a tomar aquela aspereza de forma não sábia. A mão pesada era, em suma, um remédio, cujos benefícios eram maiores do que os efeitos colaterais.

Depois de algum tempo, os monges acostumavam-se com as novidades da vida monástica. Se a prática de meditação ainda não tinha dado muitos frutos, então era difícil para eles manterem o mesmo entusiasmo inicial. As constantes advertências e repreensões de Luang Pó visavam revigorar os casos regulares de falta de zelo. Suas palavras eram, em vários casos, equivalentes ao bastão do mestre Zen. Nem todos podiam suportar isso, e alguns monges iam embora. Mas a maioria gostava das ferozes palestras da mesma forma que gostava de comida bastante apimentada; um elogio comum para as palestras mais abrasivas era "essa desceu como pimenta e gengibre".

Mas também havia momentos em que a Sangha relaxava. De vez em quando, Luang Pó convidava todos para irem à sua cabana à noite. Cigarros eram passados de mão em mão e os monges sentavam-se à luz de lamparina, sem o manto externo, fumando e ouvindo os contos e histórias de Luang Pó. Ele falava sobre a sabedoria dos monges iluminados, os triunfos difíceis e as falhas cômicas de discípulos não iluminados, encontros com animais selvagens e fantasmas, contos do tempo do Buddha. Os monges riam muito, havia perguntas e eles compartilhavam experiências. Essas ocasiões eram muito apreciadas pelos monges. O calor, companheirismo e suporte emocional que eles sentiam enquanto sentavam ali respondiam às necessidades não atendidas nos encontros formais da comunidade.

Nessas ocasiões, Luang Pó parecia mudar, aparentemente sem esforço, de chefe e comandante para uma figura paterna. A ambiguidade dos sentimentos dos monges com relação a Luang Pó ficava óbvia nessas ocasiões. Ao mesmo tempo que tinham medo dele, como o rato tem do gato ou (em uma metáfora dele mesmo) como ladrões têm da polícia, eles o amavam e confiavam nele plenamente, e saboreavam cada minuto do tempo em sua presença. Os monges sentiam, às vezes, que os pontos do Dhamma que eles captavam nessas ocasiões iam mais fundo em seus corações do

que os ensinamentos que recebiam durante as palestras de Dhamma mais formais. Voltavam para suas cabanas depois dessas sessões, recarregados e reanimados, ávidos por meditar.

DIREITOS SOBRE A ÁGUA

Nem todos estavam felizes com a presença dos monges na floresta Pong. Havia preconceitos locais e mal-entendidos a serem vencidos. Um dos primeiros pontos de discórdia com os aldeões foi o delicado assunto do uso da água.

Nós cavamos um poço muito bom na floresta. Colocamos um aviso na frente dele dizendo: “Apenas para monges. Não para o uso de leigos”, e enchíamos um grande jarro de barro separado para quaisquer pessoas que viessem pela floresta. Fomos criticados por aquilo. Pó Nupi era o pior: assim que ouviu as aldeãs dizendo que os monges não permitiam que os leigos bebessem a água deles — estava feito! Ele pulava que nem louco: “O quê!? Quem esses monges pensam que são? Por que não deixam os leigos beberem a água deles? Eles passam por todo tipo de problemas para se tornarem monges e aprenderem sobre os ensinamentos do Buddha e terminam tão egoístas que não querem sequer compartilhar a água. Nem parece que dependem dos leigos para terem comida todos os dias.”

Pois é! Tudo por causa de um mal-entendido. No meu próprio vilarejo, também. Na verdade, eles eram bem-vindos para beber a água. A questão era que, quando os aldeões tiravam eles mesmos a água do poço, usavam baldes com sapos, peixes, girinos ou qualquer coisa dentro, e isso fazia com que a água ficasse suja. Eu não queria que eles fizessem aquilo, então quando tirávamos a água do poço, todos os dias separávamos um jarro especialmente para os leigos. Mas as pessoas não contavam a história toda: apenas diziam que não permitíamos que elas usassem a água. Então, quando Pó Nupi ouviu apenas aquilo, ficou tão bravo que saiu enfurecido do vilarejo. Disse que iria expulsar os monges da floresta. “Que tipo de monges são esses? Quem eles pensam que são? Eles se esqueceram que somos nós que os alimentamos?” Ele ouviu apenas metade da história. Levou um bom tempo para explicar para ele, mas quando ele entendeu tornou-se um discípulo e, mais tarde, o leigo-chefe do mosteiro.

Aldeões, alguns dos quais antes cortavam madeira de forma ilegal, caçavam, criavam gado, etc. nos limites da floresta, agora já não podiam mais fazer aquilo. Eles estavam bravos com o rompimento de seu meio de vida. Alguns dos aldeões insatisfeitos arquitetaram um plano para desacreditar os monges. Sem saber, estavam repetindo uma trama que também havia ocorrido na época do Buddha: culpar um dos monges de se relacionar com uma mulher. O monge que foi em mendicância matinal naquele vilarejo foi informado por um simpatizante sobre o plano que estava sendo tramado. Preocupado, ele informou a Luang Pó. Luang Pó disse que ele mesmo iria em mendicância naquele vilarejo. Inevitavelmente, os leigos que davam suporte ao mosteiro não concordaram:

"Ajahn, não vá sozinho. Eles disseram que vão conseguir que uma jovem moça lhe abrace e então grite que o senhor tentou violentá-la."

Luang Pó sem se perturbar, brincou com eles:

Deixe ela vir. Nunca fui abraçado por uma jovem moça na minha vida. Deixe ela tentar. Deve ser ótimo!

No final, os aldeões perderam a coragem (quem poderia dizer que tipo de retribuição cármica eles receberiam, e se preocuparam: “melhor prevenir do que remediar”). E daquele ponto em diante, as relações entre o mosteiro e os aldeões melhoraram lenta, mas firmemente.

PEGAR UM LADRÃO

Outro problema surgiu quando as pessoas souberam que as monjas haviam plantado árvores frutíferas. No começo, as pessoas vinham pedir alguns mamões, goiabas, limões ou bananas; depois de algum tempo, começaram a vir roubar. Uma das monjas residentes daquela época relembra a forma habilidosa como Luang Pó resolveu o problema.

"Os ladrões se esgueiravam para dentro por volta das oito ou nove da noite, enquanto os monges estavam reunidos na sessão noturna. Um dia Luang Pó pediu a alguns postulantes para cortarem alguns dos maiores arbustos *kóm* cheios de espinhos e escondê-los perto do caminho que os ladrões usavam. Naquela noite, ele manteve monges esperando em três pontos ao longo do caminho. Ele mesmo estava no primeiro ponto, próximo de onde os ladrões roubavam os mamões. O segundo ponto era mais ou menos no meio do caminho e o terceiro era próximo da armadilha de espinhos.

"Na hora esperada, os ladrões foram avistados carregando bolsas e cestos. Enquanto estavam ocupados colhendo os mamões, Luang Pó deu o sinal para que as armadilhas de espinhos fossem colocadas ao longo do caminho. Os arbustos eram grandes. Cada galho era coberto por espinhos afiados e eles cobriram todo o caminho.

"Quando Luang Pó estimou que os ladrões tinham quase terminado de encher os cestos, tossiu suavemente. A tosse não foi alta o suficiente para fazê-los entrar em pânico e jogar fora o produto do roubo imediatamente, mas foi o suficiente para que eles decidissem que tinham que sair rapidamente. Os ladrões colocaram os cestos sobre os ombros e se apressaram, meio andando, meio correndo. Quando chegaram no segundo ponto, Luang Pó gritou pelas costas deles: 'Você viu alguém indo naquela direção?', os monges escondidos no segundo ponto gritaram de volta, 'Cadê eles? Cadê eles?'

"Escutando essas vozes, os ladrões ficaram realmente assustados e começaram a correr como loucos. Quando eles chegaram no terceiro ponto, os monges escondidos ali fizeram um tumulto. Enquanto isso, os monges dos primeiros dois pontos os perseguiram pelo caminho. O som dos gritos e da bagunça preencheu a floresta. Agora os ladrões estavam mesmo em pânico. Eles largaram os cestos e panos onde carregavam os mamões e saíram correndo — diretamente para os arbustos de espinhos. O primeiro ladrão de repente sentiu a dor e parou bruscamente. O segundo se chocou contra ele e os dois se arrastaram tentando desesperadamente se libertar dos arbustos de espinhos. Os gritos de dor eram ensurdecedores. De qualquer forma, eles estavam com tanto medo que, finalmente, conseguiram se livrar e correram de volta para o vilarejo.

"Luang Pó pediu aos postulantes para juntarem as provas, os cestos e os panos *khaoma*. Ele sabia que a identidade dos ladrões não seria nenhum segredo, pois eles iriam ter que ficar de cama por dois ou três dias até que seus filhos pudessem remover todos os espinhos. Depois que aquele tempo passou, mandou chamar o chefe do vilarejo.

"Luang Pó disse, 'Diga para que eles venham buscar seus cestos e seus panos. Eles os deixaram cair na floresta. Diga que não precisam ficar com medo. Peça para que venham buscá-los comigo. Eles já deixaram [as frutas] aqui já por um bom tempo. Se não vierem buscar logo, os mamões vão murchar e eles não conseguirão vendê-los.'

"Um dos ladrões veio. Luang Pó falou gentilmente com ele, sem dar bronca, e o ensinou a ter um meio de vida honesto e a desistir de roubar; os mamões não compensavam o mau kamma. Depois daquilo, os roubos cessaram."

CÃES E GATOS

Cães abandonados eram outro problema. Sempre foi um costume antigo na Tailândia abandonar cães que as pessoas não queriam nos mosteiros dos vilarejos, onde os monges os alimentariam com as sobras da comida da mendicância. Mas quando as pessoas começaram a fazer isso em Wat Pah Pong, Luang Pó teve que explicar, porque não podia concordar com aquilo:

Não gostamos de cães e gatos aqui. Já temos um monte de criaturas – esquilos, furões e galinhas selvagens, em particular – e estamos tentando conservá-los para as gerações futuras. Os cães que vocês abandonam na floresta matam esses animais. Por favor, não façam isso de novo. Quem quer que tenha trazido esses cães, que os leve de volta. Se você não quer pegá-los, então verei com alguém do mosteiro para que resolva isso. Mas não traga cães para a floresta de novo. Os esquilos, os furões e os frangos do mato pertencem tanto a vocês quanto a mim. Quando seus filhos e netos crescerem, eles poderão vir e ver essas diferentes criaturas no mosteiro. Não existem muitos restantes vivendo fora daqui. Nós todos temos que ajudar a cuidar dessas criaturas na floresta.

CRIANDO RAÍZES

Inicialmente, as relações entre Wat Pah Pong e os monges dos vilarejos das redondezas e da cidade de Ubon eram tensas. Essas tensões eram familiares. Desde o surgimento da linhagem de Luang Pu Man, uns quarenta anos antes, atritos entre monges de floresta e Sanghas locais ocorriam frequentemente. Estudiosos urbanos e administradores tendiam a olhar para os monges de floresta com desdém. O costume deles de dar palestras do Dhamma no dialeto de Isan, em vez de usar o tailandês da região central; e de empregar um estilo simples e direto, em vez de dar sermões baseados nos textos com linguagem mais elevada, lidos de folhas de palmeiras, era considerado um desrespeito ao Dhamma. Com alguma razão, os estudiosos se preocupavam que o estilo improvisado de ensinamento, não amparado por referências frequentes às escrituras em páli, facilmente levaria a que opiniões não cultas fossem transmitidas como se fossem o ensinamento do Buddha. A prática dos monges de floresta de manter algumas práticas ascéticas, como se alimentar apenas uma vez ao dia de suas tigelas, eram vistas como exageradas, fora de época e rudes.

Os monges de floresta ameaçavam o prestígio dos monges urbanos. Embora a tradição de floresta fosse amplamente desconhecida em Ubon, qualquer um que tivesse lido ou escutado histórias das escrituras poderia ver que o estilo de vida deles era muito mais próximo do antigo ideal do monge do que o dos monges urbanos. Os monges dos vilarejos locais frequentemente sentiam-se intimidados pela presença de monges que seguiam o Vinaya estritamente. Antes, não havia padrão para medi-los: sua negligência era apenas como as coisas eram, e as pessoas estavam acostumadas àquilo. Mas agora as coisas haviam mudado. Leigos que tinham estado em Wat Pah Pong voltavam inspirados e comparavam Wat Pah Pong favoravelmente com relação ao seu mosteiro local. Eles diziam que Luang Pó não apenas aceitava as oferendas e recitava alguns cânticos de bênçãos em páli, ele lhes ensinava o valor dos preceitos e como meditar. A inveja com relação a Luang Pó às vezes se manifestava em expressões de desprezo e abuso. A resposta de Luang Pó era silenciosamente seguir

com sua prática e com o treinamento dos monges, e comportar-se de forma impecável para privar os atiradores de munição.

Desde o princípio, o mosteiro estabelecido por Luang Pó na floresta Pong era conhecido como Wat Pah Pong. Mas lá não era, nos termos técnicos ou legais da palavra, um “wat” de forma alguma. “Wat” é a designação conferida a uma residência monástica pela Coroa, a conselho do corpo governante da Sangha nacional. Ela denota o reconhecimento formal da legitimidade e ortodoxia do mosteiro por aqueles que estão no poder. O requerimento para esse status é uma progressão natural e esperada para as comunidades monásticas que estejam firmemente estabelecidas, tenham todos os edifícios básicos construídos e um consistente suporte de leigos. Wat Pah Pong não se tornaria um “wat” aos olhos da lei, até 1970. Nos anos iniciais de sua existência, seu inseguro status legal tornou-o preocupantemente vulnerável a forças hostis.

Luang Pó estava bem consciente de que a segurança a longo prazo de Wat Pah Pong dependia de estabelecer um bom relacionamento com os anciãos da Sangha da cidade ou, pelo menos, um relacionamento baseado na aceitação mútua. Embora fosse verdade que não havia perigo de que figuras poderosas pudessem tentar interferir na forma como ele gerenciava Wat Pah Pong no seu dia a dia, Luang Pó e seus monges respondiam por a lei à jurisdição administrativa dos monges seniores nomeados nos níveis rural, distrital e provincial. Se Wat Pah Pong se tornasse objeto de suspeita ou inimizade por parte desses monges, seria difícil para o mosteiro sobreviver. Sabia-se que monges rotulados como “vagabundos” ou “renegados” eram expulsos de seus eremitérios ou mesmo forçados a largar o manto. Acusações de que os monges de floresta eram comunistas estavam se tornando uma calúnia cada vez mais eficaz.

A solução de Luang Pó foi a silenciosa diplomacia. Com os monges dos mosteiros de vilarejo ao seu redor, ele era infalivelmente polido e frequentemente lhes fazia doações do excedente de requisitos ou ferramentas. Gradualmente, Wat Pah Pong tornou-se um reconhecido membro da cena local. Ao solicitar que o monge-chefe do distrito local fosse o preceptor de seus discípulos, Luang Pó deu a essa poderosa figura um interesse pessoal no bem-estar da Sangha de Wat Pah Pong. Conseguiu apostilas de estudo para os monges que desejassem tomar os exames *Nak Tam*, e os impressionantes resultados conquistados por eles lhes rendeu respeito, ainda que relutante, dos estudiosos urbanos.

Luang Pó fez questão de demonstrar seu respeito aos monges seniores das cidades de Warin e Ubon. E tentou deixar que eles vissem por eles mesmos que ele e seus discípulos não eram revolucionários inclinados a derrubar um regime corrompido; eles eram simples monges de floresta, procurando por um local silencioso para sua prática. Uma vez por ano, no início do retiro das chuvas, ele levava sua Sangha para prestar reverência aos seus superiores. Mesmo que — como frequentemente ocorreu nos primeiros anos — se dirigissem a ele com sarcasmo ou com ares de superioridade, Luang Pó mantinha a cabeça baixa em sinal de humildade, algo que desarmava os seus pretensos antagonistas.

Com o passar dos anos, a senioridade de Luang Pó e sua fama cresceram constantemente. O desabrochar do suporte dos leigos, em nível local e nacional, criou um escudo contra seus detratores, e o “wat” tornou-se seguro. Ao mesmo tempo, um certo número de monges estudiosos proeminentes da região, como Ajahn Mahā Amón, tornaram-se seus discípulos, dando à Sangha de Wat Pah Pong uma certa legitimidade intelectual aos olhos dos estudiosos do páli. As suspeitas e desconfiças em relação a Luang Pó diminuíram consideravelmente. A inveja tornou-se algo apenas velado. Mais e mais monges pediam para vir e treinar em Wat Pah Pong.

Reações adversas de monges urbanos e de monges de vilarejo não eram algo totalmente ruim. A percepção que os monges de Wat Pah Pong tinham de si mesmos como sendo uma minoria sitiada

— os únicos monges que eram estritos e dedicados em um mar de corrupção e declínio — intensificava seu comprometimento e senso de comunidade. Parece razoável assumir que a harmonia e unidade que se tornariam uma característica marcante de Wat Pah Pong eram, em parte, construídas sobre essa primeira percepção do “wat” como sendo uma solitária ilha de prática autêntica. É verdade que, de tempos em tempos, a arrogância, que geralmente acompanha os sentimentos de se sentir especial, vinha à tona entre os membros da Sangha de Wat Pah Pong. Mas com Luang Pó constantemente instigando os monges a confrontarem as impurezas de frente, muitos deles estavam dolorosamente conscientes de suas próprias falhas para que pudessem manter sérios sentimentos de superioridade.

Dez anos depois do seu retorno a Ubon, Luang Pó podia se dar por feliz com os resultados de seus esforços em Wat Pah Pong. O crescente número de monges, noviços e monjas era uma indicação de um mosteiro com plena e boa saúde. Luang Pó estava aprendendo mais e mais sobre como treinar seus discípulos. Quase cem anos após o nascimento de seu fundador, Luang Pu Man, em um afastado vilarejo, a linhagem monástica de floresta estava finalmente enraizada em Ubon.

As pessoas estimam aquele que personifica a virtude e o insight, que tem princípios, que realizou a verdade e que faz o que deve ser feito.

Uma vida inspiradora — Luang Pó, o Bom Amigo

I. INTRODUÇÃO

De 1954 em diante, a vida de Luang Pó Chah foi focada em seu mosteiro, treinando um número cada vez maior de monges, noviços e monjas que residiam lá e dando ensinamentos aos praticantes leigos. No final da década de 1970, ele havia se tornado um dos monges mais reverenciados na Tailândia. Depois de viajar para a Inglaterra em 1977, no entanto, a saúde de Luang Pó começou a declinar. No início de 1983, paralisado e impossibilitado de se expressar coerentemente, ele parou de falar. E em janeiro de 1992, depois de mais de nove anos de imobilidade e silêncio, a vida de Luang Pó chegou ao fim.

Os anos em que Luang Pó esteve em seu auge não se prestam a uma narrativa cronológica, pois houve relativamente poucos incidentes externos para relatar. A vida monástica é intencionalmente repetitiva. Luang Pó raramente viajava, exceto aos mosteiros afiliados. Como um celibatário monge de floresta, sua vida pessoal não tinha dramas: não se casou, não teve filhos, não teve casos amorosos. Tampouco ganhou ou perdeu nenhum centavo, e não acumulou mais posses do que seria capaz de carregar consigo em uma bolsa de pano pendurada no ombro. Por vinte e cinco anos, a vida de Luang Pó — ao menos a que se teve notícia — foi primordialmente a história dos ensinamentos que deu e do treinamento que desenvolveu.

Foi durante esses anos que Luang Pó amadureceu completamente seu papel como o “*kalyāṇamitta*” ou “bom amigo”⁵⁰, o ideal budista do professor espiritual. Um bom amigo não era apenas a metade, o Buddha notoriamente corrigiu o venerável Ananda, mas o todo da vida santa. Em outras palavras, o apoio do *kalyāṇamitta* é fundamental no treinamento budista. O fruto da prática pode ser a libertação da necessidade de qualquer suporte externo, mas no caminho para a libertação: “bons amigos” são indispensáveis.

O Buddha descreveu o *kalyāṇamitta* ideal como sendo aquele que inspira afeição e devoção, respeito e emulação naqueles à sua volta. Ele é paciente com as perguntas e fraquezas de seus discípulos e habilidoso em se comunicar com eles. O *kalyāṇamitta* é capaz de explicar tópicos profundos em termos claros e facilmente compreensíveis; ele nunca abusa de seu poder para desviar discípulos do caminho. O Buddha disse que é a associação com o *kalyāṇamitta* que leva alguém a escutar e conversar sobre o Dhamma, a crescer em moralidade, em diligência e em habilidade de abandonar o que não é saudável, desenvolver o que é saudável, e a ter discernimento sobre como as coisas são. No dia da cremação de Luang Pó, o grande estudioso, Phra Debvedi (P.A. Payutto), foi convidado a dar um discurso para a enorme assembleia de monges e leigos budistas que estavam ali reunidos. Ele escolheu falar das formas como Luang Pó havia sido um verdadeiro *kalyāṇamitta* para seus discípulos.

Os capítulos seguintes desse livro vão examinar em maiores detalhes as formas pelas quais Luang Pó cumpriu seu papel como um *kalyāṇamitta*. Estão incluídos capítulos com exatamente o que e como ele ensinava aos seus discípulos monásticos — monges e *mé chis*, tailandeses e ocidentais — e como ele ensinava aos seus discípulos leigos. O presente capítulo vai focar no próprio Luang Pó: como ele

⁵⁰ “*Kalyāṇa*” significa nobre ou admirável; “*mitta*” significa amigo.

era visto pelos outros e, em particular, nas qualidades que lhe permitiram cumprir o papel do *kalyāṇamitta*.

Em suas referências ao *kalyāṇamitta*, o Buddha mostrou que ele reconhecia que os sentimentos e percepções que são evocados nos estudantes pelo professor podem ter um papel significativo no processo de aprendizagem. Ao observar sua conduta, o estudante desenvolve crenças sobre o *kalyāṇamitta* e desenvolve segurança e confiança nele. A boa vontade dos estudantes em fazer os sacrifícios necessários para progredir no Dhamma e a perseverança e a paixão com que estudam e praticam, não são apenas uma função de um entendimento do que está envolvido. Elas estão enraizadas na percepção do professor, na afeição e respeito que sentem por ele, a ponto de tomá-lo como o exemplo. Estudantes tendem a receber o mais forte impulso na presença de alguém em que eles acreditem que tenha trilhado o caminho e que seja uma testemunha de seus frutos. Fé nas realizações do professor é um poderoso suporte na prática do Dhamma.

Desde o princípio de sua carreira como professor, Luang Pó demonstrou, em um nível incomum, um carisma natural que incluía as qualidades de liderança e um dom para articular o Dhamma. Para os discípulos monásticos de Luang Pó, a compaixão por eles e a paciência com suas fraquezas os enchia de devoção. O padrão da sua prática do Vinaya, sua óbvia maestria das práticas de meditação e a sabedoria com a qual expunha os ensinamentos os enchia de respeito. Eles queriam seguir os seus passos. Central ao comprometimento com ele e com o treinamento, era a confiança que tinham que ele havia se libertado das impurezas.

II. IMPONDERÁVEIS DE QUALQUER FORMA

LIBERTAÇÃO

Dessa forma, essa vida santa, monges, não tem o ganho, a honra ou o renome como benefício, ou realizar a virtude como benefício, ou realizar samādhi como benefício, ou conhecimento e visão como benefício. Mas é a inabalável libertação da mente é que é o objetivo dessa vida santa, seu núcleo e o seu fim. - MN 29

O que significa precisamente a “inabalável libertação da mente”? O Buddha ensinou que quatro estágios de libertação interna devem ser discernidos. Uma vez realizados, eles não podem ser enfraquecidos ou perdidos, e consequentemente eles podem ser considerados “inabaláveis”. Na verdade, a palavra “realização” aqui deve ser usada com um certo cuidado. O Buddha definiu cada estágio de libertação em termos de um abandono irrevogável de impurezas mentais específicas: uma “libertação” delas. As mudanças que ocorrem em cada estágio são experienciadas primordialmente em termos de um “final de algo” ao invés de um “ganho de algo”. Na principal metáfora budista, incorporada na própria palavra 'Buddha', essa experiência é referida como um “despertar”.

Aqueles que alcançaram o estágio final e mais elevado de libertação são chamados de “*arahants*”; eles transcenderam até mesmo as mais sutis expressões de cobiça, raiva e delusão. As motivações autorreferenciais são agora completamente substituídas por sabedoria e compaixão. Todos os desejos e apegos internos que dão combustível ao renascimento não existem mais. Muitos budistas tailandeses, monásticos e leigos, acreditam que Luang Pó Chah tenha alcançado esse mais elevado estágio.

O próprio Luang Pó sabia ou acreditava ser ele mesmo um arahant? Existem evidências que sim, mas são surpreendentemente escassas. Talvez a observação mais importante a ser feita sobre esse tópico é a de que Luang Pó optou por nunca falar disso. Em uma rara ocasião, ele pode ter se referido a si

mesmo com a simples e direta frase: “Eu não tenho nada” — mas, no geral, Luang Pó se esquivou de todas as perguntas sobre suas realizações.

Ser reservado sobre um assunto de tamanha significância era em grande parte obrigatório. O Vinaya restringe e limita o quanto um monge pode falar sobre sua própria prática para um *anupasampanā* — qualquer um ainda não completamente ordenado. A importância dessas restrições pode ser percebida pela regra que estabelece que, independente da plateia, um monge que falsamente afirmar ter alcançado altos níveis de realização (salvo por genuína superestimação), deve ser imediatamente expulso da Sangha.

À primeira vista, isso parece ser desproporcionalmente severo dado que as três outras ofensas que causam expulsão consistem de assassinato, roubo — reconhecidos universalmente como sendo grosseiramente imorais — e ter relações sexuais, uma traição a um princípio que define a vida monástica. Mas, com a promulgação dessa regra de treinamento, o Buddha deixou claro que ele considerava vangloriar-se falsamente de proezas espirituais algo com efeitos potencialmente desastrosos a longo prazo em comunidades budistas, algo tão — na verdade, mais — terrível quanto atos individuais de luxúria ou raiva.

A preocupação do Buddha com algo que pode parecer apenas um caso especial de fala incorreta se dava pela ameaça que isso trazia para o relacionamento entre budistas ordenados e leigos, uma relação da qual o futuro do Buddha *Sāsana* dependeria. Ao alegar serem iluminados, monges desviariam o interesse, a fé e o suporte dos budistas leigos para eles mesmos como indivíduos carismáticos e para longe da Sangha como um todo. A harmonia da Sangha seria enfraquecida. Cultos à personalidade, nos quais os leigos seriam explorados, poderiam facilmente se desenvolver. Então, quando (e, se) a falsidade fosse revelada, a fé deles no budismo seria perdida. Enquanto isso, religiosos modestos e genuinamente libertos poderiam ser negligenciados e ignorados por apoiadores leigos que assumiriam que, se eles fossem realmente iluminados, já teriam revelado isso ao mundo. Os possíveis pensamentos de budistas leigos em desrespeito a seres iluminados poderiam tornar-se palavras ou ações, criando um grande mau kamma⁵¹. A referida ofensa ser digna de expulsão visava prevenir todas essas consequências.

Mesmo nos casos em que um monge revelasse para budistas leigos (geralmente com a intenção de encorajá-los nas suas práticas) algo que ele genuinamente alcançou na prática espiritual, o perigo para a relação entre leigos e religiosos não estava descartado. Por essa razão, o Buddha também declarou como uma ofensa menor de *pācittiya*, as revelações verdadeiras de proezas espirituais.

Mesmo que Luang Pó pudesse ter revelado aos seus companheiros monges em Wat Pah Pong suas realizações espirituais sem transgredir nenhuma regra de treinamento, ele não o fez. Estava ciente de que quaisquer declarações feitas à Sangha poderiam inevitavelmente vazar para a comunidade. A Sangha não era um grupo fixo e hermético; todo ano, monges desistiam do treinamento e largavam o manto. De fato, o testemunho de monges que largaram o manto, junto com as palavras de monges enaltecendo seus professores aos demais praticantes leigos, sempre foram a fonte mais comum dos rumores sobre as realizações espirituais de monges que se espalhavam por todas as comunidades budistas. Luang Pó manteve um nobre silêncio.

⁵¹ Os resultados de karmas [ações intencionais] através do corpo, da fala e da mente quando dirigidos a um ser iluminado, sejam saudáveis ou não-saudáveis, são entendidos como sendo muito mais intensos do que quando dirigidos a seres não-iluminados.

ELE É O QUE ELE É

Como era presumidamente a sua intenção, Luang Pó manteve uma cultura de discrição sobre esse assunto em Wat Pah Pong. O que alguém alcançou em termos de realização espiritual era considerado um assunto privado. Especulação sobre as realizações espirituais de alguém, ou perguntar sobre esse assunto, era considerado algo rude, e se a pessoa em questão fosse o próprio Luang Pó, inapropriado. Esse padrão de restrição foi fundamental para proteger o sistema de senioridade estabelecido pelo Vinaya de ser sabotado por pequenos grupos formados ao redor de monges mais juniores, porém carismáticos.

Houve uma ocasião, no entanto, que essa cultura esteve perto de ruir. Isso ocorreu quando um monge visitante, bastante júnior, alegou abertamente aos monges residentes ser ele mesmo um arahant. Alguns membros da Sangha acreditaram que a alegação era verdadeira, a maioria não tinha opinião e outros não acreditavam. A autenticidade da iluminação daquele monge tornou-se o assunto preferido das conversas, especialmente quando ficou conhecido, de forma intrigante, que ele passava bastante tempo deitado. O relato de um diálogo percorreu todo o mosteiro. Aparentemente, ao ser questionado sobre que tipo de meditação praticava enquanto estava deitado, ele respondeu que quando estava deitado não fazia absolutamente nada. Quem fez a pergunta então disse que, se ficasse deitado sem fazer nada, ele poderia cair no sono. O monge respondeu: “Ah sim, mas cair no sono seria fazer alguma coisa”.

A influência do monge visitante se espalhou. Finalmente, alguém criou coragem de perguntar a Luang Pó sobre uma resposta definitiva a respeito de o monge de fato ser o que ele dizia que era. Mas Luang Pó já tinha visto tudo aquilo antes e não estava disposto a alimentar o tipo de curiosidade que havia por trás da pergunta. Com uma voz neutra, ele respondeu:

Se ele é, ele é; se ele não é, ele não é. Eu mesmo, eu não sou absolutamente nada. Não há nada em mim para ser alguma coisa. Nossos assuntos são nossos, eles não são da conta de mais ninguém. E os assuntos dos outros não têm nada a ver conosco.

Essa era uma resposta característica. Luang Pó tinha pouco tempo para monges que gostavam de focar sobre os níveis atingidos por outros monges.

Em vez disso, olhe para sua mente. Olhe para a sua intenção. Por que você quer saber? Que bem isso faz para você? Qual é o seu estado mental agora mesmo? Ainda existe cobiça aí? Alguma aversão? Alguma delusão? Como você pode se libertar delas?

Após um período, o monge visitante partiu, e o burburinho de excitação se apagou. Algum tempo depois, ao dirigir-se à Sangha, Luang Pó retornou a um tema favorito. Ele ensinou que a atitude correta a ser adotada quanto à realização do Dhamma, a deles mesmos ou a dos outros, surgia através da recordação da incerteza. Absolutamente nenhuma experiência, mesmo que sublime, deveria ser agarrada de forma alguma. Alertou os seus discípulos sobre as “impurezas do insight”⁵² nas quais a identificação com estágios elevados da mente desenvolvidos através da meditação levava a crenças equivocadas de realização e a perigosos exageros sobre as próprias conquistas:

O samādhi deles é bom, mas não há vipassanā, e então eles veem apenas um lado das coisas ... Confundem a fé que têm com sabedoria e ficam cegos por seu pensamento incorreto.

⁵² *Vipassanupakkilesas*. Ver Glossário

Lembrava aos seus discípulos que os níveis de libertação não eram novas identidades iluminadas e os aconselhava:

Não seja absolutamente nada. Ser alguma coisa, absolutamente qualquer coisa, é sofrimento ... Esgueire-se na presença do Buddha. Onde está o Buddha? Está exatamente ali na impermanência, na incerteza das coisas! Entendam bem isso para começar. Se sua mente está dizendo: “eu sou um que entrou na correnteza”, curve-se diante do Buddha, e ele lhe dirá “Talvez sim, talvez não (*mai né*)”. Você pensa: “sou um que não retornará”, ele lhe dirá a mesma coisa: “Talvez sim, talvez não”. Você pensa: “sou um arahant”, e o Buddha realmente lhe dará: “Talvez sim, talvez não!”.

O tanto que Luang Pó evitava falar sobre sua própria experiência correspondia à sua reticência mais geral quanto ao tópico da libertação em si. Nisso, ele seguia o próprio Buddha, que tipicamente focava nos obstáculos para a realização e nos métodos necessários para lidar com eles, e deixava que os aspirantes descobrissem por eles mesmos o que restava quando esses obstáculos eram vencidos. Havia muito sobre a realidade, além da linguagem, para poder ser colocado em palavras. Luang Pó insistia que mesmo que ensinamentos sobre aquela realidade pudessem ser inspiradores, eles poderiam tornar-se obstáculos no caminho. Uma ideia fixa de libertação poderia facilmente levar à antecipação, ao apego e à identificação com estados mentais sutis que impediriam a libertação.

Mais para o final de sua carreira como professor, Luang Pó foi apresentado aos ensinamentos da tradição Zen. Ele apreciava o uso da linguagem paradoxal e brincalhona que encontrou ali, e parecia apreciar a forma de falar sobre experiências além das convenções e do pensamento racional. De vez em quando, falava com um estilo enigmático e poético sobre coisas, que até então, havia sido mais reservado:

No começo, eu dizia que era sobre “Vá rápido, volte rápido, pare rápido”. Se você se mantém fazendo assim, certamente não haverá muito mais: as coisas meramente são o que são. Tudo chegará a um fim. Não precisa andar, não precisa recuar, não precisa parar. Sem ir, vir ou parar. Está tudo acabado! Leve isso com você e reflita até que se torne claro em sua mente. Quando chegar a esse ponto, não há realmente nada.

ESPECULAÇÕES

Apesar da reticência de Luang Pó em falar dos resultados de sua prática, seria sem dúvida esperado de um livro como esse um espaço para tratar de questões comuns sobre o tema. Por essa razão, os parágrafos seguintes serão dedicados à essa tarefa. Embora esta seção gostasse de ter conquistado o título de “Reflexões”, ela teve que se contentar com o muito menos pesado título, “Especulações”.

Nunca poderá haver uma prova cabal sobre a presença da maturidade espiritual, apenas da sua ausência. Mas existem certos princípios nos quais confiar quando analisamos o assunto. O mais importante deles é examinar as declarações do Buddha sobre as características de um ser liberto e então, observar por um longo período de tempo, se as ações e discursos de uma pessoa estão, ou não, alinhados com essas qualidades. Também deve-se levar em conta se a pessoa acredita ser realmente liberto e, em terceiro lugar, se outros seres libertos confirmam que ela de fato é.

No caso de Luang Pó, existem muitas evidências de que suas ações e seu discurso correspondem aos de um ser liberto, como descrito nos discursos do Buddha. Mesmo que ele não tenha proclamado sua libertação, parece correto assumir que ele estava certo disso, a partir de certas palavras, que se sabe, usou em referência a si mesmo, como “terminado” e “nada restando”, por exemplo. Ele

também foi reconhecido como liberto pelo maior de todos os seus contemporâneos na tradição de floresta tailandesa. Luang Tá Mahā Bua, o reconhecido líder da tradição, foi direto ao ponto em mais de uma oportunidade declarando, por exemplo, que “Luang Pó Chah é um diamante de primeira grandeza”. Mesmo que nenhum desses pontos seja uma prova, cada um deles fornece bases para que praticantes budistas estabeleçam uma fé fundamentada em Luang Pó como um “Nobre” discípulo.

Mas se a libertação de Luang Pó é tomada como uma hipótese de trabalho, uma pergunta adicional pede para ser respondida: onde e quando ocorreu a realização final de sua prática? A única forma de responder à essa pergunta de forma confiável seria, obviamente, pelo testemunho do próprio Luang Pó. Mas, como mencionado antes, ele manteve silêncio sobre esse assunto. Tudo o que resta é conjectura. Como prefácio das observações que vêm a seguir, deve-se enfatizar que não há consenso sobre esse assunto entre os discípulos de Luang Pó — de fato, isso raramente é discutido — e nenhuma conclusão firme deve ser extraída dos pontos levantados.

A primeira especulação é a de que Luang Pó tenha alcançado, pelo menos o primeiro dos quatro níveis de libertação — “a entrada na correnteza” — antes de estabelecer Wat Pah Pong, em 1954. O raciocínio por trás dessa afirmação é o de que Luang Pó era fortemente influenciado pelos ensinamentos de Luang Pu Man e do próprio Buddha, alertando os monges quanto a ensinar antes de estarem realmente prontos para isso. Um verso do Dhammapada, por exemplo, afirma:

Primeiro se estabeleça naquilo que é apropriado, somente então instrua os outros. Uma pessoa sábia assim não está sujeita a ser repreendida. Assim como instrui os outros, deveria ele mesmo agir. - Dhp 158-9

O Buddha ensinou que seres não iluminados são severamente limitados quanto ao grau em que podem oferecer suporte espiritual aos outros. Em uma ocasião, ele comparou isso com uma pessoa afundada em uma fossa que tenta empurrar outra pessoa para fora. Apenas quando a pessoa compassiva está, ela mesma, em solo firme é que pode verdadeiramente ajudar outra pessoa.

Luang Pu Man falava às vezes sobre o mau *kamma* que pode ser criado por alguém, ainda vítima das impurezas, que ensina outras pessoas. Entre seus discípulos, a interpretação mais comum desse aviso era de que apenas a entrada na correnteza forneceria a um monge a inabalável visão correta que o protegeria de guiar seus estudantes para fora do caminho. Na prática, isso não significava que Luang Pu Man proibia monges não iluminados de darem quaisquer ensinamentos. De fato, ele encorajava seus monges a darem palestras do Dhamma aos aldeões que encontrassem em suas peregrinações *tudong*. Era o estabelecimento de um mosteiro e a formalização do papel de professor que pareciam ser um passo demasiadamente grande.

A ideia de um monge completar os três estágios finais da própria prática, enquanto desempenhava o papel de professor era, contudo, sancionada pelo Buddha. Ele comparou um monge assim ao líder de um rebanho de animais, que está apto a tomar conta do rebanho sem negligenciar sua própria necessidade de se alimentar. Levando esses pontos em consideração, o fato de Luang Pó ter começado a receber discípulos em 1952, e em 1954, concordar em estabelecer um mosteiro é significativo. Pareceriam ser claras indicações de que, naquela época, ele se considerava estabelecido em terra firme.

Para avançar ainda mais nesse caminho de especulação, pode se deduzir que, como sua visita à montanha Langka foi com o propósito de conseguir conselhos sobre um problema em sua meditação, isso deve ter precedido a entrada na correnteza. Sua experiência no salão de Dhamma de

madeira no mosteiro abandonado onde foi se abrigar⁵³, logo depois que desceu da montanha, é uma das melhores candidatas como virada de chave para essa realização. O intervalo entre aquele dia e o período em que aceitou monges como discípulos pela primeira vez é de aproximadamente três anos. Isso corresponde a um comentário pessoal, atribuído a ele mais tarde, de que havia monitorado cuidadosamente sua mente por três anos, antes de estar absolutamente certo de que sua realização era genuína. Outra evidência circunstancial é fornecida por sua declaração de que, ao se praticar com verdadeira diligência, cinco anos são suficientes para realizar a entrada na correnteza.

Um ponto geralmente aceito é que quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong, ele ainda tinha trabalho a fazer. Isso pode ajudar a explicar o rigor do treinamento que desenvolveu nos primeiros anos do mosteiro (e que, de certa forma, relaxou anos mais tarde). Existem algumas poucas pistas sobre quando ele alcançou o(s) estágio(s) seguinte(s)⁵⁴, embora um episódio seja sugestivo. É dito que um dia, Luang Pó perdeu a paciência com um noviço desatento. A ciência de que a capacidade de perder a calma ainda existia nele foi um tamanho choque para Luang Pó, que ele foi para sua cabana fazendo o voto de não sair de lá novamente, até que fosse vitorioso sobre essa impureza remanescente. Dez dias depois, ele saiu.

Repetindo mais uma vez, as passagens precedentes são especulativas. Para seus discípulos, o senso de que seu professor era impecável no Vinaya e absolutamente confiável no Dhamma era muito mais importante do que estimativas de sua realização. O que eles podiam saber por si mesmos era que o comportamento de Luang Pó não mostrava qualquer evidência da presença de cobiça, raiva ou delusão. Ao contrário, ele lhes inspirava a firme confiança de que suas ações eram invariavelmente motivadas pela sabedoria e compaixão; de que seus ensinamentos eram profundos e efetivos; e de que seu conhecimento sobre as sutilezas da mente era completamente assegurado. Eles estavam seguros de que ele era absolutamente confiável e de que jamais os guiaria a um caminho equivocado.

PARANORMAL

Existe uma crença entre seus discípulos de que Luang Pó possuía poderes paranormais, particularmente a habilidade de ler mentes. E esse era outro assunto sobre o qual ele mantinha silêncio. O que se pode afirmar com algum grau de certeza é que mesmo que Luang Pó não tivesse tais poderes, a crença de que ele os tinha definitivamente influenciou as percepções de seus discípulos a seu respeito e afetou a prática deles. Para muitos monges e monjas, isso lhes deu uma motivação adicional para abrir mão de pensamentos não saudáveis. A ideia de que seu professor pudesse saber em que tipo de coisas suas mentes se deleitavam quando eram varridas por estados de desatenção era algo mortificante. Isso forneceu um forte suporte para que as virtudes ainda instáveis da vergonha sábia e do sábio medo das consequências pudessem amadurecer.

Mas Luang Pó podia de fato ler mentes? Para um budista, essa não é uma ideia exagerada. Uma breve pesquisa nas escrituras budistas confirmará que o Buddha reconhecia a existência de várias habilidades paranormais, e também revelará o quão incontroverso era esse reconhecimento entre seus contemporâneos. Não seria de se surpreender: a possibilidade de que peritos meditadores pudessem desenvolver tais habilidades nunca foi seriamente contestada em culturas nas quais a meditação fosse amplamente praticada. O Buddha debateu com filósofos muito persuasivos,

⁵³ Ver capítulo “A montanha Langka”, trecho “Eu desci da montanha Langka...”

⁵⁴ Mais de um estágio pode ser ultrapassado em um único período de meditação.

incluindo materialistas radicais, e ainda assim nunca foi contestado sobre seu reconhecimento da existência de poderes psíquicos. Pode-se presumir que, se fizessem isso, seus opositores perderiam sua própria credibilidade.

O próprio Buddha possuía a gama completa de poderes paranormais, mas os revelava poucas vezes. Nota-se, particularmente, sua recusa em utilizá-los como forma de conseguir conversões aos seus ensinamentos. Nos suttas, a maioria das raras ocasiões nas quais ele demonstrou seus poderes ocorreu ao ensinar pessoas com faculdades espirituais suficientes para a libertação, mas ainda presas a estados mentais fortemente obstrutivos. Nesses casos, o Buddha revelava maravilhosas habilidades como uma estratégia de ensino, aplicando um choque na pessoa com a intenção de desequilibrá-la e abri-la para o Dhamma. Exemplos podem ser vistos nos encontros do Buddha com seu pai e com o assassino Aṅgulimāla⁵⁵.

O Buddha estava bem ciente da fama e das tentações mundanas que perseguiriam os monges que revelassem seus poderes psíquicos aos leigos. Quando o venerável Piṇḍola levitou até o topo de um poste em uma demonstração pública e trouxe de lá uma tigela feita de madeira de sândalo que estava equilibrada no topo, o Buddha o repreendeu veementemente por se comportar de maneira inábil e imprópria:

Assim como uma mulher exhibe suas partes íntimas a troco de uma miserável pequena moeda, da mesma forma, você dá uma exibição de milagres paranormais para os leigos a troco de uma miserável tigela de madeira. - Cv 5.26

O Buddha anunciou que uma ofensa por mau comportamento seria cometida por qualquer monge que agisse daquela forma no futuro.

Possuir poderes psíquicos, como a habilidade de voar pelo ar ou caminhar sobre as águas, era reconhecido pelo Buddha como sendo uma realização considerável — uma das três coisas maravilhosas (*pāṭihāriya*)⁵⁶ — mas também como uma distração potencialmente séria na prática que leva à libertação. Mais importante, o Buddha deixou claro que tais poderes não são indicadores de libertação. Sempre houve meditadores não libertos com poderes paranormais e meditadores libertos sem poderes paranormais.

Mesmo que a separação entre poderes paranormais e libertação já houvesse sido primeiramente demonstrada por seu malvado, mas psicologicamente habilidoso primo, Devadatta, a lição nunca foi realmente aprendida. É comumente assumido nas culturas budistas do sudeste asiático que a libertação automaticamente confere poderes paranormais (e que aqueles que possuam esses poderes devam, certamente, ser libertos). Era então quase inevitável a crença de que Luang Pó fosse abençoado com habilidades especiais.

É irrefutável que professores espirituais se tornam objeto de um grande número de projeções e de criação de mitos. Isso foi certamente verdadeiro para com Luang Pó. Várias das maravilhosas histórias contadas sobre ele devem ser consideradas com ao menos “uma pitada de sal”. Ainda assim, seria imprudente tanto rejeitar todas as histórias, logo de cara, quanto aceitar todas elas por fé.

⁵⁵ Ja 547; MN 89

⁵⁶ 'pāṭihāriya' — uma maravilha ou milagre. O Buddha falou de três tipos de milagres: 1) o milagre dos poderes psíquicos, 2) o milagre de ler mentes, e 3) o milagre de ensinar ou instruir.

É verdade que a maioria dos relatos de pessoas que acreditam que Luang Pó lia suas mentes é inconclusiva. Em vários casos, um cético poderia provavelmente atribuí-los a simplórios crentes vendo referências específicas em declarações abrangentes ou ambíguas. Mas também há ocasiões onde uma interpretação cética só poderia se sustentar esticando a fronteira da credibilidade até seu limite. E há ocasiões onde todas as explicações do senso comum são claramente inadequadas. Aqueles que reportaram esses incidentes geralmente são monges. Apenas um exemplo será suficiente:

Um dia quando um jovem monge voltava da mendicância matinal em Bahn Peung, um vilarejo a uns dois quilômetros ao sul de Wat Pah Pong, ele lembrou-se de que pensava consigo mesmo: “Estou com muita fome. Vou comer uma grande refeição hoje. Vou precisar comer uma bola de arroz grudento do tamanho da minha cabeça antes de estar satisfeito.” Quando entrou no mosteiro, ele encontrou Luang Pó, que sorrindo, disse:

Tão esfomeado que vai fazer uma bola de arroz grudento do tamanho de sua cabeça, é?

O rosto do monge ficou todo vermelho. Naquele dia, disse ele, acabou comendo muito menos do que o normal, em vez de muito mais.

Com o passar dos anos, Dr. Utai, um discípulo leigo próximo e médico pessoal de Luang Pó, observou vários casos em que parecia óbvio que Luang Pó sabia o que se passava na mente das pessoas. Um dia ele não conseguiu resistir e perguntou-lhe sobre isso. Tudo o que Luang Pó respondeu foi:

Tem a ver com samādhī. Não é particularmente profundo, mas também não é algo para se falar de forma leviana.

Fascinação, por qualquer que seja o objeto, e por sua própria natureza, impede a prática do Dhamma — e há poucas coisas tão fascinantes quanto poderes psíquicos. Luang Pó não via vantagem nenhuma em alimentar a fome das pessoas por esse tipo de assunto. Fosse em seus discursos formais ou em conversas, ele raramente mencionava poderes psíquicos. Se as pessoas lhe fizessem perguntas sobre eles, ele geralmente cortaria o assunto rapidamente. Uma vez alguém lhe perguntou:

Leigo: Luang Pó, as pessoas dizem que o senhor é iluminado. Isso significa que o senhor pode voar pelo ar?

Luang Pó: O que uma coisa tem a ver com a outra? Besouros “rola-bosta” podem voar.

Luang Pó redirecionava as conversas sobre poderes milagrosos para as quatro nobres verdades: sofrimento, sua causa, sua cessação e o caminho para a cessação. Quando um professor lhe perguntou sobre a autenticidade das passagens que tinha lido nas escrituras budistas em que se creditava a seres iluminados poderes milagrosos, Luang Pó apontou para a floresta ao redor deles e respondeu:

Você está perguntando sobre coisas muito distantes. Por que não falamos sobre o toco de árvore em que você está batendo seu dedão, bem aqui?

Dos três milagres (*pāṭihāriya*), o Buddha declarou o terceiro, o milagre da instrução, como sendo “mais sublime e nobre” do que os poderes psíquicos e do que a habilidade de ler mentes. A habilidade de guiar a iludida mente humana para a verdade era a maior das três maravilhas. Até hoje, quando discípulos seniores de Luang Pó são questionados sobre os poderes paranormais dele, eles preferem falar do quanto ele possuía o maravilhoso poder da instrução.

Mas relatos de estranhos acontecimentos sempre sobreviverão, simplesmente por serem muito agradáveis. Um deles, contado por uma veterana *mé chi*, relembra a ocasião em que uma enorme cobra-real⁵⁷ apareceu em Wat Pah Pong. Vendo que sua cauda terminava em um toco, Luang Pó lhe deu o nome de "Toquinho". Quando saía em mendicância matinal em Bahn Peung, diariamente, Toquinho rastejava junto, atrás dele. Um dia, um aldeão saindo para a lavoura notou que as pegadas de Luang Pó tinham sido encobertas pelo rastro de uma grande cobra. Vendo aquilo, ele correu de volta para o vilarejo gritando: "O Ajahn trouxe uma cobra com ele para a mendicância!" Os assustados aldeões seguiram os rastros que acompanhavam o caminho de Luang Pó de volta ao mosteiro. Na manhã seguinte eles reclamaram com ele, nervosos:

Aldeões: Ajahn, por que você leva uma cobra com o senhor na mendicância matinal? Nós não colocaremos mais comida em sua tigela. Estamos com medo.

Luang Pó: Eu não tenho nada a ver com isso. Não levei nenhuma cobra.

Aldeões: Como assim? Nós vimos os rastros. Eles cobriram completamente as suas pegadas.

Depois que Luang Pó insistiu que ele simplesmente saía em mendicância matinal como de costume, o grupo de aldeões foi investigar. Eles descobriram que a cobra o seguia desde a floresta, entrava em uma "casa de espíritos"⁵⁸ na entrada do vilarejo, esperava Luang Pó voltar e então o seguia de volta ao mosteiro.

Luang Pó não viu a cobra propriamente dita, mas viu as marcas que ela deixou. Na manhã seguinte, quando saiu para a mendicância matinal, parou no limite da floresta e disse em voz alta:

Toquinho, não me siga na mendicância matinal. Os aldeões estão com medo de você. Vá e encontre um lugar para viver no meio da floresta. Não deixe que as pessoas te vejam de novo. No futuro, vai haver muitas pessoas vindo para o mosteiro, e elas vão ficar amedrontadas.

Depois daquilo, a grande cobra-real nunca mais foi vista.

III. ESBOÇOS

INSPIRADOR

Várias das qualidades que definiam Luang Pó aos olhos de seus discípulos eram virtudes universalmente consideradas como tal. Talvez a mais proeminente delas fosse a paciência. Ainda que algumas realizações sejam necessariamente privadas, a extensão da capacidade de um monge de floresta de aguentar os desconfortos físicos e os rigores da vida monástica não têm como ser algo privado. Como líder de uma comunidade monástica, a paciência de Luang Pó era visível a todos. Ele conquistou uma devoção especial dos monges de Wat Pah Pong ao liderá-los diretamente da frente

⁵⁷ Uma classe de divindades chamadas "nāgas" é encontrada em várias escrituras budistas. Elas aparecem no mundo como cobras exageradamente grandes, particularmente "cobras-reais". Depois de sua iluminação, é dito que o Buddha foi protegido dos elementos pela grande nāga Mucalinda.

⁵⁸ NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS: "Casa de espíritos" é algo bastante comum de ser encontrado nos quintais das casas no interior da Tailândia. Trata-se de uma casinha de madeira colocada sobre um pedestal, onde os moradores depositam um pouco de comida, água ou outros itens para que espíritos se alimentem sem precisar entrar na residência das pessoas. Algumas têm até uma escadinha, talvez para espíritos que estejam impossibilitados de voar ou para gnomos, duendes, quem sabe...

de batalha e a nunca pedir a eles que fizessem algo que ele próprio não faria. Também era reconhecido por sua tolerância, quando lidava com os problemas inerentes à administração de um grande mosteiro: escutando e dando conselhos aos monges, noviços, *mé chis* e aos praticantes leigos em suas dificuldades. Quando Luang Pó falava sobre paciência — e ele frequentemente falava dela — suas palavras carregavam bastante peso.

Luang Pó também era visto como um modelo da expressão apropriada da gratidão, talvez a virtude mais central da cultura tailandesa. Na Tailândia, o senso de gratidão é tido como uma marca distintiva da bondade⁵⁹. Acusações de “ingratidão” são experienciadas como sérias e dolorosas, e mesmo devastadoras. Na verdade, “gratidão” é uma tradução talvez imprecisa do termo em tailandês *kataññū-katavedi* (um termo retirado diretamente do páli) e esse consiste de duas virtudes correlacionadas: *kataññū*, que é o reconhecimento da bondade recebida, e *katavedi*, que é a determinação de expressar esse reconhecimento apropriadamente. Esforços para pagar “a dívida de gratidão” têm uma ênfase especial na Tailândia, especialmente no caso de benfeitores chave, como os pais e os professores.

Luang Pó honrou seus pais da maneira apropriada a um monástico. Quando era um jovem monge, postergou seus estudos com o intuito de cuidar do seu pai no leito de morte. Durante seus anos de peregrinação, regularmente visitava sua mãe e dava-lhe ensinamentos do Dhamma. Quando estabeleceu Wat Pah Pong, providenciou para que ela viesse viver no mosteiro e tornar-se uma monja sob sua orientação e proteção.

Ainda que Luang Pó nunca tenha praticado sob orientação de um professor por um longo período de tempo, o senso de gratidão que tinha por aqueles que o ajudaram no caminho era concreto. Ele sempre falou com a mais alta reverência de Luang Pu Man, seu pai espiritual; tê-lo encontrado foi uma experiência fundamental em sua vida. Também falava frequentemente, com grande afeição e respeito, de Luang Pu Tongrat e Luang Pu Kinari, os dois outros monges que mais o influenciaram. Luang Pu Man faleceu em 1949, um ano depois de Luang Pó visitá-lo em Nong Peu, enquanto Luang Pu Tongrat morreu pouco depois do retorno de Luang Pó a Ubon, em 1956. Foi negada a Luang Pó, portanto, a oportunidade de expressar sua gratidão a eles. Mas Luang Pu Kinari viveu até 1980 e por muitos anos, Luang Pó enviava um turno regular de monges de Wat Pah Pong para atuarem como atendentes e enfermeiros do velho monge, que recusava qualquer contato com médicos profissionais. Quando Luang Pu Kinari morreu, Luang Pó e seus discípulos organizaram o funeral e conduziram todos os rituais fúnebres.

Luang Pó era muito agradecido aos apoiadores leigos de Wat Pah Pong, demonstrando um profundo apreço pelo suporte recebido, nunca tomando aquilo por garantido. Em ocasiões importantes nas vidas dos apoiadores de longa data, Luang Pó aceitava convites para receber refeições em suas casas; quando estavam doentes, visitava-os e lhes dava encorajamento; e no final de suas vidas, liderava a Sangha na realização dos ritos fúnebres. Ele disse uma vez à Sangha:

Quando soube um pouco sobre mim mesmo, pensei nos leigos. Vi a dívida que tinha para com eles em todos os lugares, até mesmo para com pessoas que colocaram apenas um punhado de arroz na minha tigela. Eu não era desatento. Não esqueci. Pensava na bondade de cada uma dessas pessoas.

⁵⁹ NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS — com o intuito de não mudar as palavras do autor do texto, que formaram uma frase talvez complexa em português, se esclarece que “na cultura tailandesa, o senso de gratidão é o que confere a uma pessoa a qualidade de ser bondosa”.

Ele constantemente lembrava seus discípulos de recordarem o quanto suas vidas dependiam da generosidade dos apoiadores leigos:

Dar comida, abrigo e remédios em época de doença, isso não é pouca coisa. Eles estão dando suporte à nossa jornada rumo ao Nibbāna. Se não tivéssemos comida, não conseguiríamos fazer isso, não conseguiríamos meditar.

PAIXÃO

O Buddha diferenciou dois tipos de desejo: aquele que é enraizado na ignorância sobre como as coisas são (*tanhā*, ou desejo), e aquele que é enraizado no entendimento sobre como as coisas são. O primeiro é para ser abandonado; o segundo é para ser cultivado. O segundo e desejável tipo de desejo é explicado como “a vontade que leva à bondade” (*kusalachanda*) ou “a vontade que leva à verdade” (*dhammachanda*). Isso se manifesta como uma paixão pela prática do Dhamma.

A Luang Pó nunca faltava paixão. Ele uma vez revelou que, dos problemas que havia experienciado na vida monástica, o único que lhe causou sérias dificuldades foi o desejo sexual que o atormentou quando tinha seus vinte anos de idade. Afortunadamente, sua paixão nunca foi direcionada apenas para o mundo dos sentidos. A mesma energia o impulsionou para o mosteiro quando ainda era muito jovem e manifestou-se na devoção ao Dhamma e ao Vinaya. Quando o desejo mundano foi abatido, a saudável paixão floresceu. A força do seu comprometimento com o Vinaya foi bem expressa ao admitir a seus discípulos que: “Prefiro morrer a transgredir o Vinaya. Eu me arrependeria menos de perder a vida do que de perder a virtude.”; e o seu entusiasmo pelo Dhamma brilhou de fato quando comparou a alegria de enfrentar as impurezas com o prazer de comer uma comida extremamente apimentada.

Sua prática era caracterizada pela ousadia e coragem. A paixão pela verdade deu-lhe o que em outros meios de vida teria sido chamado de uma excelente ética de trabalho. Ele permanecia destemido em face aos obstáculos e declarava que “Nibbāna fica às margens da morte”. Seu prazer pela prática era tal que seus discípulos, lutando para acompanhá-lo, diziam que para ele era como se não houvesse dia ou noite. Ele disse uma vez ao então recém-ordenado Ajahn Chon que: “Se você realmente soubesse como se prostrar diante do Buddha, você teria lágrimas nos olhos”.

Mas a paixão que veio à tona no auge de sua vida foi transmitir seu entendimento do Dhamma para os demais. Treinar monges era prioridade. Eles eram aqueles que estavam fazendo os maiores sacrifícios pelo Dhamma, aqueles que estavam dando a vida pelos ensinamentos. (Em uma das metáforas do Buddha, eles eram comparados ao solo mais fértil e mais bem drenado de um agricultor.) Ele deu tudo por essa tarefa, criando um sistema que não era extremamente dependente dele e que poderia sobreviver à sua eventual morte. O sucesso de seus esforços deve ser estimado pelo constante crescimento dos mosteiros afiliados. Quando ele parou de ensinar, havia aproximadamente sessenta, e trinta anos depois eles seriam mais de trezentos.

A paixão de Luang Pó pelo Dhamma tornava-se claramente evidente sempre que ele começava a ensinar. Mesmo em tempos de doenças sérias, ensinar o Dhamma o trazia à vida. Enquanto ele falava, ia ficando cada vez mais animado, sua voz mais forte, sua presença mais dominante. Parecia que, ao dar voz ao Dhamma, ele acessava uma profunda fonte de energia. No intervalo dessas explosões de vitalidade, era como se ele se encolhesse de volta à concha do seu corpo adoentado. Era claro que, para Luang Pó, o Dhamma era de fato sua vida.

CONTENTAMENTO

Uma das principais virtudes monásticas enaltecidas pelo Buddha é o cultivo do contentamento com relação a quaisquer mantos, comida, abrigo ou medicamentos que sejam oferecidos com fé. Monges devem ser o menor fardo possível para os praticantes leigos e devem demonstrar um estilo de vida que prove que a felicidade não tem que depender do deleite nos prazeres dos sentidos. Essa era uma virtude muito enfatizada em Wat Pah Pong, e Luang Pó liderou o caminho na prática dessa virtude. Ele era admirado por sua frugalidade e pelo cuidado que tinha com as oferendas feitas a ele. Recebia quaisquer mantos costurados para ele sem fazer qualquer comentário. Nunca foi conhecido por expressar desejos por nenhum tipo de comida específica. Não demonstrava qualquer interesse em coisas bonitas. Conforme sua reputação cresceu, ricos apoiadores leigos competiam para lhe oferecer finos requisitos, mas ele nunca mudou.

Em uma ocasião, um grupo de monges, seguindo a atitude de outros mosteiros bastante conhecidos, levou adiante a ideia de registrar Wat Pah Pong como uma fundação de caridade. Luang Pó estava ficando velho, e o status de fundação de caridade poderia garantir a estabilidade financeira do mosteiro depois de sua morte. Luang Pó lhes deu sua opinião:

É uma boa ideia, mas não penso que seja correta. Com uma fundação de caridade, vocês não estariam mais dependendo de sua pura e própria prática. Se todos vocês praticarem bem e corretamente, nada lhes faltará. O Buddha nunca estabeleceu algo assim. Ele apenas raspou sua cabeça e viveu como vivemos, e esteve bem o suficiente. Ele estabeleceu o caminho e tudo o que temos que fazer é seguir por ele. Isso irá, sem dúvida, ser o suficiente para que vocês se mantenham. A tigela e o manto — esses são a fundação da caridade que o Buddha estabeleceu para nós. Com eles, vocês sempre receberão mais do que precisam.

Luang Pó garantia que manter um padrão de simplicidade e limpeza no mundo material levam a uma mente limpa e desobstruída. Uma máxima popular em Wat Pah Pong dizia: “Se você tem pouco, use pouco. Se você tem muito, use pouco”.

Assim que o número de visitantes do mosteiro aumentou, aumentou a quantidade de doações. Ninguém teria feito mau juízo de Luang Pó, se ele tivesse tirado vantagem desse aumento dos fundos financeiros para permitir um incremento no nível de conforto de sua moradia. Mas ele manteve o mesmo estilo de vida frugal de quando inicialmente estabeleceu o mosteiro. É verdade que a cabana construída para ele no final da década de 1960 era maior do que a dos outros monges. Mas o aumento do tamanho foi simplesmente uma forma de ter uma maior área coberta abaixo dela, onde ele pudesse receber os visitantes. O tamanho do quarto superior, em que ele dormia, era menor do que três metros por três. Quase completamente vazio, tinha uma cama baixa de madeira com um colchão de dois centímetros de espessura e apenas os itens mais necessários para uso diário, como uma pequena jarra d'água e uma cuspidreira. O banheiro era em uma pequena casinha externa no limite da floresta.

Luang Pó distribuía aos seus discípulos pessoalmente quaisquer presentes oferecidos a ele ou enviava-os para mosteiros afiliados mais pobres. Todo o dinheiro e requisitos que lhe ofereciam iam diretamente para o Fundo Central da Sangha. Não tinha fundos pessoais ou uma conta bancária. Ele disse:

Nós temos o suficiente para comer e um lugar para morar. Qual a razão para acumular coisas? Apenas comemos uma vez ao dia.

Em diversas ocasiões, praticantes leigos reclamavam com Luang Pó que, depois de lhe terem feito um convite (*pavāraṇā*) para que fossem informados sobre qualquer item pessoal que precisasse, ele nunca fazia uso daquela oferta. Ele disse aos monges:

Quanto mais convites os praticantes leigos fazem, mais cauteloso fico.

Ajahn Anek falou em nome de muitos dos monges, quando expressou os sentimentos que surgiam quando observava o quanto Luang Pó era livre de cobiça:

"A coisa que me fazia sentir mais orgulho e satisfação em ser um discípulo de Luang Pó, e a que mais me inspirou, era sua própria prática. Ele nunca foi de acumular oferendas, não importava o valor delas. Ele disse uma vez que, como monges, no momento em que começamos a acumular coisas, então esse era o começo do fim.

"Um ano, para acumular méritos em seu aniversário, Khun Ying Tun, [uma das mais ricas apoiadoras leigas de Luang Pó] lhe ofereceu 90.000 baht⁶⁰.

"Ela insistiu que o dinheiro deveria ser utilizado para suas necessidades pessoais e não no mosteiro. Depois que ela foi embora, Luang Pó disse que se houvesse qualquer gasto que o envolvesse pessoalmente, deveríamos usar aquele dinheiro e não deixar sobrar nada. Então usamos o dinheiro para publicar uma bela edição de capa dura dos seus ensinamentos para distribuição gratuita."

Sempre houve uma certa tensão entre os monges de floresta de Isan e os monges com títulos de administradores nas vilas e cidades. Embora os monges de floresta fossem críticos da visível mundanidade dos monges de cidade, os monges de cidade, por sua parte, mostravam-se desdenhosos do que viam como um rígido apego dos monges de floresta por práticas ultrapassadas, incluindo a prática ascética de comer usando suas tigelas, em vez de comer usando pratos em mesas. Em uma ocasião, Luang Pó foi incluído em um grupo de monges convidados para uma refeição a ser oferecida no palácio real em Bangkok. Ele chegou ao mesmo tempo que um certo monge sênior, que olhou com desdém para a tigela de Luang Pó.

"Chah, você não fica envergonhado de comer usando sua tigela na frente do rei?"

Luang Pó respondeu:

Você não fica envergonhado de não comer usando sua tigela na frente do Buddha?

EQUANIMIDADE

Por muitos anos, Luang Pó foi alvo de críticas e difamação por um pequeno número de monges enciumados de Ubon. No auge da Guerra do Vietnã, ele foi denunciado como comunista. Um ano, houve até rumores de que um monge sênior foi tão longe a ponto de contratar um assassino (na Tailândia daquela época, essa não era uma afirmação tão fora das possibilidades). Embora Luang Pó não tenha morrido, o monge supostamente por trás da trama morreu — de raiva⁶¹. O tempo passou e a resoluta recusa de Luang Pó de colocar combustível na chama do conflito permitiu que a situação se acalmasse. Tendo tratado os abusos injustificados com equanimidade, Luang Pó agora encarava um novo desafio: fama e popularidade.

⁶⁰ Algo equivalente a 15.000 dólares americanos em 2017.

⁶¹ Nesse caso, a doença transmitida através da saliva de um animal infectado pelo vírus da raiva.

O Buddha era claro quanto aos perigos que geralmente cercam um monge que se torna famoso:

Uma coisa fatal são os ganhos, influência e fama, um amargo e duro impedimento à realização da sem igual liberdade do cativo. – SN 17.1

A tentação que eles proporcionam ao orgulho e à arrogância é forte.

É assim como um besouro, alimentando-se de esterco, empanturrando-se de esterco, parado em frente a uma montanha de esterco, que despreza os outros besouros dizendo: “Eu sou um comedor de esterco, cheio de esterco, empanturrado de esterco e tenho à minha frente essa grande montanha de esterco”. SN 17.5

No mundo conectado e móvel de hoje, é inevitável que um monge talentoso, residente em um mosteiro por qualquer período de tempo, mais cedo ou mais tarde, atraia a atenção dos leigos. Isso já era uma realidade na década de 1970. Durante a Guerra do Vietnã, um ambicioso programa de construção de estradas foi empreendido em Isan, principalmente por razões militares e de segurança nacional. Um dos resultados foi que se tornou muito mais fácil visitar mosteiros de floresta. Em um momento de crescente secularização e de uma sensação generalizada de que o padrão da ordem monástica nunca havia sido tão baixo, as pessoas começaram a procurar, nas regiões mais longínquas, por monges verdadeiramente dignos de respeito. O nome de Luang Pó começou a ser incluído na lista de monges inspiradores a quem valia a pena visitar.

Uma curta biografia escrita sobre Luang Pó, em 1968, por seu discípulo, Ajahn Mahā Amón, foi outro marco. Comerciantes locais da cidade, funcionários públicos e oficiais do exército e da aeronáutica alocados em Ubon começaram a chegar em grandes quantidades. Logo, Luang Pó seria conhecido pelos budistas leigos de Bangkok. Grandes quantidades de pessoas buscando fazer méritos começaram a chegar. Esse novo estado de coisas tornou-se ainda maior no mosteiro, quando dois membros do conselho privativo do rei visitaram Luang Pó para fazer perguntas relativas à prática do Dhamma. Algum tempo depois, ele seria convidado para receber oferendas no palácio real.

As publicações em formato de livro das palestras do Dhamma de Luang Pó, tanto os originais em tailandês, quanto as traduções para o inglês, foram iniciadas por seus discípulos ocidentais no final da década de 1970. Seguindo a diretriz de Luang Pó de que o Dhamma jamais deveria ser comprado ou vendido, as publicações foram disponibilizadas para distribuição gratuita. Esses livros, seguidos pelo primeiro conjunto de fitas cassete, espalhou o nome de Luang Pó por toda a Tailândia e as traduções em inglês lhe deram audiência internacional. Pouco tempo depois, seus ensinamentos estavam sendo traduzidos para o alemão, francês, espanhol, chinês e outros idiomas.

Luang Pó parecia tão impassível diante dessa recém-adquirida fama e status, como quando esteve diante dos abusos e difamações. No dia cinco de dezembro de 1973, ele recebeu do rei Bhumibol Adulyadej a honraria monástica de *Chao Khun*, com o título de “Phra Bodhinyana Thera”. No seu retorno de Bangkok, uma imensa multidão o esperava para saudá-lo na estação de trem de Ubon. Uma longa procissão de carros e caminhões escoltou-o de volta ao mosteiro, onde centenas de outras pessoas o aguardavam. Assim que chegou lá, uma grande cerimônia de acúmulo de méritos aconteceu para celebrar a honraria conferida pelo rei ao professor deles. No meio de tudo aquilo, Luang Pó permaneceu como o centro tranquilo e inabalável no coração de toda aquela excitação e alegria. Quando os leigos formalmente convidaram-no para dar uma palestra de Dhamma, ele falou dos seus sentimentos ao receber o título. Disse que o título de *Chao Khun* era uma convenção mundana. Ele era o mesmo Luang Pó que havia sido até poucos dias antes. Dhammas mundanos de ganho e perda, fama e obscuridade, prazer e dor, elogio e crítica são todos instáveis e sujeitos à mudança. Conhecendo a natureza dos dhammas mundanos, a mente não é movida por eles.

A ponte sobre o rio Mun sempre se mantém a mesma. Ela não arqueia para cima se as águas sobem. Ela não enverga para baixo se as águas descem.

PERSONALIDADE

Parece óbvio que qualquer discussão sobre a vida de uma pessoa deva, mais cedo ou mais tarde, focar em sua personalidade. Há uma tendência em assumir que é na personalidade da pessoa que podemos encontrar a sua essência. Mas essa ideia aparentemente óbvia requer certas reservas no caso de seres libertos, ou seres praticando rumo à libertação. Nesses casos, a personalidade é fluida. Traços de personalidade baseados em impurezas, como cobiça ou raiva, encolhem e desaparecem; já os traços livres de impurezas, como a bondade e a compaixão, se desenvolvem e amadurecem.

No caso de seres libertos, os traços de caráter, excentricidades e elementos da personalidade, que não sejam baseados em impurezas, sobrevivem à iluminação. Aspirantes inarticulados tornam-se arahants inarticulados, aspirantes severos tornam-se arahants severos, aspirantes carismáticos tornam-se arahants carismáticos. Não existe um molde fixo. E assim como pessoas brilhantes e radiantes podem ocasionalmente provarem ser deludidas ou mentalmente desequilibradas, da mesma forma, figuras menos atraentes podem ser, de fato, totalmente libertas. Luang Pó uma vez comparou seres iluminados com pássaros de diferentes espécies, diferindo em tamanho, envergadura, cor, som e outras características, mas todos reconhecidos como sendo da família dos pássaros.

A segunda reserva que deve ser feita ao falar da personalidade de um ser iluminado é que eles não têm a mesma relação com suas personalidades que uma pessoa comum: libertação no sentido budista significa liberdade de toda identificação com personalidade ou história pessoal.

Seja como for, seres não iluminados, identificados com seus próprios corpos e mentes, não podem evitar de perceber um ser iluminado da mesma maneira como se percebem a si mesmos: como agentes corporificados. E é por causa disso que a personalidade de grandes seres é significativa. Para muitos estudantes, pode ser a reação à personalidade do professor, em vez da aprovação intelectual dos ensinamentos, o fator decisivo entre tomar ou não o treinamento budista seriamente ou, tendo tomado esse treinamento, continuar com ele.

Luang Pó era um dos mais carismáticos tipos de pássaro. Um de seus irmãos disse dele: “Eu não diria exatamente que ele era um homem bonito; mas quando você estava em sua presença, não conseguia tirar os olhos dele”. Outros membros da família tinham esse mesmo magnetismo, ainda que em um menor grau. Por vários anos, um dos acontecimentos regulares nos dias de observância em Wat Pah Pong era o irmão mais velho de Luang Pó, Pó Lá, sentado na cozinha, rodeado de um pequeno grupo de pessoas, falando de algum assunto, lembrando um conto ou contando uma história. Seu estilo era inconfundível.

Monges ocidentais comentavam sobre o quanto Luang Pó parecia ser tão completamente quem ele era. Em outras palavras, eles podiam discernir que não havia nada falso em seu jeito de ser, nenhuma pista de insegurança ou presunção. Sendo o centro das atenções, mostrava tanta autoconsciência quanto um leão em uma planície, cercado de jipes de safári. Permanecia o mesmo, quaisquer que fossem as condições à sua volta. Um monge disse que ele era como uma montanha, que não era afetada pela chuva, pela neve ou pelo brilho que vinham e iam à sua volta. E mesmo assim, havia um paradoxo: embora ele impressionasse aqueles à sua volta como uma figura de absoluta autenticidade, ele poderia, ao mesmo tempo, trocar de “personas” como quem troca de

roupa. Mas, quanto mais imprevisível ele pudesse ser com relação ao que dizia, ou a como se expressava em qualquer momento, mais imutável ele parecia.

Ocasionalmente, como observou Ajahn Sumedho, era como se Luang Pó se retirasse completamente de sua personalidade:

"Às vezes eu olhava para ele e não havia ninguém ali ... o olhar que tinha de total vazio era muito comovente, porque você percebia que a personalidade era apenas algo que ele usava como uma ferramenta de compaixão."

Sentado sob sua cabana recebendo visitantes, Luang Pó fluiria entre modos bastante diferentes conforme a situação demandasse. Em um mesmo dia, poderia ter acabado de conversar no dialeto Lao para consolar um pai que perdeu o filho, e então mudaria para o idioma tailandês para explicar algum ponto da doutrina a acadêmicos de Bangkok e em seguida repreenderia um monge por um trabalho de reparo mal feito em uma das cabanas. E isso acontecia durante todo o dia. Não era a atitude "multitarefa" familiar aos executivos de negócios. Ele estava completamente presente em cada momento, sem dar nenhum sinal de stress mental ao mudar de uma atitude para outra e sem demonstrar nenhum atropelo emocional. Quando estava contando uma história favorita, ele ria discretamente quando chegava na parte engraçada da história, como se a estivesse contando pela primeira vez. Nessas oportunidades, não havia qualquer traço da vaidade ou grandiloquência do "grande homem" com uma plateia cativa, nem o menor reconhecimento de que muitos dos seus espectadores já conheciam bem a história. Era um forte ensinamento sobre estar no momento presente, maior do que qualquer quantidade de instrução teórica poderia transmitir. Ajahn Chon era um dos monges que se maravilhavam com essas sessões:

"Uma noite, Luang Pó estava em seu assento de vime sob sua cabana, conversando com um pequeno grupo de monges sobre os velhos tempos, e eu estava em minha posição favorita, massageando os seus pés. Seu jeito era tão caloroso e inspirador que eu me sentia completamente satisfeito. Poderia ter ficado sentado ali a noite inteira sem reclamar. Então a luz de uma lanterna se moveu na floresta em nossa direção. Era o venerável Dto. Ele era um monge bastante sênior que havia transgredido uma séria regra do Vinaya (*Saṅghādisesa*) e estava sob *mānatta*, as práticas prescritas de purificação. O venerável Dto trazia alguns mantos recém-lavados de Luang Pó para guardá-los na cabana. Sem qualquer esforço corporal, Luang Pó de repente gritou com ele da forma mais áspera possível. O contraste com a atmosfera em nosso pequeno grupo fez com que eu ficasse completamente arrepiado. Naquele momento, Luang Pó foi completamente feroz. O venerável Dto fez rapidamente o que tinha que fazer, prostrou-se e partiu. Então Luang Pó continuou a conversa como se nada tivesse acontecido.

"Ele não fez nenhum comentário sobre o venerável Dto e não fez qualquer referência ao que tinha acabado de acontecer. Era como se nunca houvesse acontecido. Eu, de repente, senti-me muito desatento. A intimidade que sentia ao segurar o seu pé em minha mão e a alegria da conversa me fizeram esquecer que ali estava alguém que habitava em algum lugar muito distante do meu escopo de compreensão. Senti uma forte compulsão por estar plenamente atento e alerta. Percebi que não podia tomar nada por garantido."

Outro monge falou de Luang Pó como sendo um espelho no qual você sempre via a si mesmo. Sua habilidade de refletir a atenção da pessoa de volta às suas próprias impurezas não era devido a ele assumir um tom emocional neutro; ao contrário, era a consistente ausência de um eu, em quaisquer modos em que ele se expressasse. E assim, seus discípulos o amavam. E o temiam, de uma forma visceral e inexplicável.

SENSO DE HUMOR

Um dos traços de personalidade que marcou Luang Pó como criança, e permaneceu por toda sua vida, foi o seu senso de humor. Era uma qualidade que sempre atraía as pessoas e as fazia gostar de sua companhia. Quando era um noviço adolescente, Luang Pó era conhecido entre seus amigos pelo tanto de coisas que ele achava engraçadas e pelo quão facilmente caía na gargalhada. Conforme ficou mais velho, Luang Pó restringiu sua tendência de perder a compostura ao notar algo que fosse incongruente, ridículo ou arrogante — mas a graça que ele via naquelas coisas parecia nunca ter se apagado. Ele tornou-se habilidoso em permitir que seu senso de humor desse forma a ensinamentos que, caso dados de uma forma mais severa, teriam sido menos facilmente recebidos. Ele apontava a arrogância, a superstição e a tolice das pessoas de maneira que atravessavam suas barreiras habituais, deixando-as desarmadas e mais sábias. Como professor, ele concordaria com o ditado de que a comédia é a forma bem-humorada de dizer coisas sérias.

O rico senso de humor de Luang Pó não significava que ele contava piadas: isso teria sido considerado inapropriado para um *samana*. Ele não se portava como um animador de auditório ou tampouco tentava fazer as pessoas rirem apenas por rir. Ele nunca falou de forma a brincar com a etnia, a religião ou a sexualidade das pessoas ou fomentou o preconceito de nenhuma forma. Ele permitia que seu senso de humor se revelasse apenas dentro dos limites estabelecidos pelo Vinaya. Esses limites são rigorosos. É proibido, por exemplo, fazer piadas sobre o Buddha, o Dhamma e a Sangha. A lógica por trás disso é que, ao não banalizar os refúgios, as elevadas emoções inspiradas por eles são mantidas protegidas. Mentir para fazer graça está incluído nos preceitos que regem a fala incorreta e nisso também se incluem a maioria das brincadeiras, e a proibição contra incitar a ansiedade evita piadas que façam alguém passar por bobo. Existe uma longa lista de tópicos de conversa que monges devem evitar, a não ser que se faça para exemplificar um ponto do Dhamma:

Reis, ladrões, ministros, exércitos, perigos, guerras, comida, bebida, roupas, camas, enfeites, perfumes, parentes, carruagens, vilarejos, vilas e cidades, países, mulheres, heróis, fofocas da ruas e do poço⁶², conversa sobre mortos, conversa fútil, especulações sobre terra e mar, falar sobre ser e não-ser. - AN 10.69

Por tais prescrições, pode parecer que sobrava pouco para que os monges conversassem, menos ainda para que conversassem divertidamente. Isso está longe de ser o caso. Quando Luang Pó estava bem-humorado, sua exuberância era contagiante. Quando estava contando uma anedota, aumentando as formas absurdas e incongruentes nas quais as impurezas poderiam se manifestar, ou imitando alguém completamente tomado pela cobiça ou pela raiva, ele podia provocar um autêntico senso de deleite em sua plateia. O dom de Luang Pó para a comédia física provocava sorrisos enormes e até risadas. Uma de suas histórias favoritas era sobre um cão sarnento que colocava a culpa do seu sofrimento nos lugares onde passava, em vez de culpar a sarna que carregava consigo. Luang Pó gostava de contar essa história coçando desvairadamente o seu corpo e seus sovacos. Até os monges de maior compostura se pegavam rindo. Embora ele não contasse piadas de fato, Luang Pó tinha o ritmo de comediante. Tinha um dom natural para contar histórias e sabia como fazer com que a expectativa de seu público aumentasse durante o decorrer de um conto-ensinamento e se esvaziasse habilidosamente com uma reviravolta no final do conto.

Como a maioria das pessoas inteligentes que cresceram em uma cultura predominantemente oral, Luang Pó tinha um grande gosto por trocadilhos e pelo jogo de palavras; seus discursos são

⁶² Antigamente o poço de tirar água era um ponto de encontro para muitas pessoas.

salpicados deles. Exemplos de suas palestras poderiam ser citados para mostrar sua inteligência, destreza verbal e engenhosidade, mas falhariam em transmitir o ponto essencial delas: o prazer que proporcionavam. É muito difícil transmitir o quanto as pessoas se deleitavam quando Luang Pó, ao fazer referência à corrupção da tradição *tudong*, causada por monges aceitando caronas em carros em vez de caminhar, chamava aquilo de “*talú-dong*” ou “de uma ponta da floresta, direto para a outra”.

Alguns dos mais memoráveis exemplos do senso de humor de Luang Pó se davam através de comentários inesperados ou de respostas a questões. Frequentemente, ele invocava novas e inesperadas formas de olhar para assuntos conhecidos, cutucando os apegos da plateia. Para aqueles de outras culturas e, portanto, com outras convenções e crenças, esse humor — especialmente ao ser traduzido — tende a perder completamente o efeito. Contudo, alguns poucos exemplos podem dar um pouco do sabor dos seus bem-humorados comentários.

Em uma ocasião, um jovem recém-alistado no exército pediu a Luang Pó um medalhão do Buddha para pendurá-lo no pescoço como uma proteção contra balas. Ele estava seguindo uma antiga tradição. Monges ficaram conhecidos por fornecer amuletos de proteção para soldados por centenas de anos. Luang Pó, no entanto, sempre se recusou a fazê-lo. Antes de explicar o porquê, ele apontou para uma estátua de bronze do Buddha no altar, do tamanho de uma pessoa:

Leve aquela se quiser. Carregue-a na sua frente e nenhuma bala vai te acertar, com certeza.

Como o corpo humano não varia de uma cultura para a outra, o humor que vem dali é mais universal. Ajahn Sumedho lembra da vez em que Luang Pó o levou para visitar alguns dos grandes mestres da tradição de Luang Pu Man. Na província de Udon, prestaram reverência a um mestre ancião, que se acreditava um arahant, confinado em uma cadeira de rodas e que raramente falava. Recentemente, havia sido oferecido a Luang Pó um gravador de fitas cassete que ele usava para gravar ensinamentos do Dhamma. Ele foi posicionado em frente ao venerável monge que estava ali sentado em silêncio, sorrindo para eles. Depois de passado um bom tempo e tendo ficado claro que ele não iria falar, eles se prepararam para se prostrar e ir embora. Naquele momento, o grande mestre soltou uma flatulência. De volta ao carro, Luang Pó reproduziu a fita. O som do peido era alto e claro. Luang Pó olhou para Ajahn Sumedho e disse:

Foi um bom ensinamento.

AUSTERO E FERÓZ

O caloroso, radiante bem-querer, que tantos leigos budistas lembram de ter sentido na presença de Luang Pó em seus últimos anos, foi ocultado por muito tempo, durante sua carreira como professor, por outra virtude, a da compaixão. Quando Luang Pó chegou à meia-idade, os jovens monges, nos seus vinte e poucos anos, viam-no mais e mais como uma figura paterna. Geralmente a visão que tinham não era tanto a de uma fonte de amor incondicional, mas a de um sábio pai, que achava inaceitáveis as formas pelas quais seus filhos criavam sofrimento para si mesmos. Usando outra analogia, ele era visto como um médico com uma determinação inabalável de ajudar os pacientes a superar uma doença crônica, mesmo que isso envolvesse procedimentos que eles pudessem não gostar, ou mesmo serem resistentes a eles. Mas, como pacientes, seus discípulos se submetiam, porque tinham confiança de que o médico sabia o que estava falando.

A compaixão de Luang Pó podia se manifestar como aspereza, uma característica que compartilhava com vários outros grandes professores de sua tradição. Na biografia que Luang Tá Mahā Bua

escreveu de seu professor, Luang Pu Man, o grande mestre é apresentado como uma figura austera que frequentemente era áspera com seus discípulos. O próprio Luang Tá Mahā Bua — até a sua morte em 2011, o mais reverenciado dos discípulos diretos do grande mestre da Tailândia — era famoso e temido por essas mesmas qualidades durante toda sua vida. Embora muitos dos discípulos de Luang Pu Man serem conhecidos como reservados e gentis (e alguns deles sentiam que havia mais dessas qualidades em Luang Pu Man do que era reconhecido), a figura do professor feroz tornou-se algo como um ícone na tradição da floresta. Certamente, Luang Pu Man, o arquétipo do professor austero, foi incrivelmente bem-sucedido ao liderar seus discípulos a estágios de libertação. E de seus herdeiros, Luang Tá Mahā Bua era reconhecido por sua excelência nesse aspecto.

A austeridade de Luang Pó, especialmente durante a meia-idade, já foi comentada no capítulo anterior. Era uma característica que fazia aumentar o respeito que os jovens monges tinham por ele. Eles haviam crescido em uma cultura autoritária, e esse tipo de austeridade e ocasionais repreensões de uma forma dura eram algo com o qual eles estavam familiarizados. Demasiadas manifestações de bondade poderiam ter feito Luang Pó mais querido por seus discípulos, mas isso iria custar a intensidade do propósito que ele tentava inculcar neles. A política que adotou quanto a condutas desatentas era de “tolerância zero”. Nem mesmo a menor das atitudes incorretas era deixada passar. Fortes repreensões eram dadas, todas as noites, do assento do Dhamma.

Os resultados eram mistos. Quanto mais dedicado era o praticante, melhor aquilo funcionava. Alguns monges, no entanto, incapazes de trabalhar bem em uma atmosfera de alta pressão, largavam o manto; e é possível que alguns deles pudessem ter sobrevivido como monges se tivessem vivido em um ambiente mais relaxado. A maioria, no entanto, achava que o medo que sentia de Luang Pó os empoderava. Eles apreciavam como a demanda constante por estarem atentos mantinha as impurezas em cheque — algo que um mero encorajamento jamais poderia ter conseguido. Luang Pó não era visto exatamente como uma figura autoritária lhes dando broncas pessoalmente, mas como a personificação do *Dhamma-Vinaya*, censurando as suas impurezas. Sempre houve o perigo de que esse entusiasmo pela prática fosse muito dependente da presença de Luang Pó para ser um refúgio sustentável. Mas, muitas vezes, isso desencadeava uma paixão pelo Dhamma que se tornava uma segunda natureza.

Conforme Luang Pó envelheceu, o lado feroz de sua personalidade retrocedeu, e a severidade cedeu espaço no palco para uma “persona” mais calorosa, como um avô. Mas sua discriminação aguda e clara nunca foi completamente submersa. Um discurso que ele deu para a Sangha em 1980, posteriormente traduzido para o inglês como “*Toilets on the Path*”⁶³, demonstra que mesmo ao final de sua carreira como professor, Luang Pó podia proporcionar uma de suas lendárias e apimentadas broncas. Ele não deixava passar nada. Um monge dizia que, ao se sentar na presença de Luang Pó, sentia como se ele fosse um tigre morando sob a pele do Gato Listrado do conto “Alice no País das Maravilhas”.

INDEPENDENTE

Luang Pó dava muito valor à sua independência. Ele aconselhava os seus discípulos a manterem distância dos ricos e poderosos, pois a associação com essas pessoas era perigosa para a integridade de um monge. Era um padrão que ele mesmo seguiu por toda sua vida. Monges podem facilmente

⁶³ Parte da obra “The Collected Teachings of Ajahn Chah”, em tradução livre “Banheiros no meio do caminho”.

acabar comprometendo os padrões de simplicidade e frugalidade de seus mosteiros, em consideração ao desejo de ricos doadores por fazer méritos. Luang Pó nunca fez isso.

É surpreendentemente comum para mosteiros de floresta na Tailândia se tornarem dominados por um único patrocinador leigo, geralmente uma mulher. A essas mulheres, que geralmente se acredita terem alguma antiga conexão cármica com o abade, são concedidos poder e influência para administrar o mosteiro. Se elas doaram o terreno no qual o mosteiro foi construído ou contribuíram substancialmente para a sua construção, sua posição tende a ser especialmente forte. Essas mulheres são geralmente de meia-idade, quase sempre casadas, e a sua relação com o abade é quase sempre livre de qualquer sugestão de impropriedade. Elas são referidas, em tom de brincadeira pela comunidade budista, como as “madrinhas”. Enquanto essas pessoas podem aliviar o abade das cansativas tarefas administrativas, elas podem distorcer seriamente a relação dele com a comunidade leiga que frequenta o mosteiro, e até membros da Sangha podem ficar enciumados da influência delas. Wat Pah Pong nunca teve uma “madrinha”. Luang Pó mostrou grande habilidade e diplomacia em evitar que qualquer leigo budista, homem ou mulher, estabelecesse uma posição especial ou de favoritismo no mosteiro. Sua independência e sua recusa em ter favoritos ou um círculo especial de discípulos potencializaram a confiança que todos tinham nele, a harmonia e lealdade de seus discípulos.

Um exemplo da determinação de Luang Pó em fazer as coisas da forma que ele julgava mais adequada, independentemente das vontades de seus apoiadores leigos, pode ser vista no relato dado por Tá Soei, que levava uma vida um tanto “colorida” como leigo, até que Luang Pó o tomou sob suas asas. Em algumas ocasiões, Luang Pó levou Tá Soei como seu assistente em expedições a pé. Durante uma viagem à região central da Tailândia, ele aceitou o convite de um casal devoto para descansar na casa deles que ficava na costa próxima a Bangkok.

"Era um lugar adorável. Eu poderia ter ficado lá por eras, mas depois de três dias, Luang Pó me disse para arrumar as malas e conseguir algum transporte; era hora de partir. Eu não estava muito de acordo e disse, 'Não seria melhor avisarmos os donos da casa antes?' Ele disse, 'Não. Se fizermos isso, eles não nos deixarão partir. Não fizemos nenhuma promessa sobre quanto tempo ficaríamos. Não podemos deixá-los nos amarrar em obrigações.'

"Bom, de qualquer forma, o caseiro deve ter notado a movimentação e telefonou para seu patrão em Bangkok. Luang Pó disse ao taxista para levar-nos ao Aranya Pratet, próximo da fronteira com o Camboja. Estávamos a apenas uns dez quilômetros na estrada, quando a dona da casa veio correndo com seu carro, ultrapassou-nos e atravessou o carro à nossa frente, bloqueando a passagem. Ela saltou do veículo, correu em nossa direção e prostrou-se diante de Luang Pó ali no meio da estrada, chorando e soluçando: 'Oh! Luang Pó. Você não pode partir assim. Você acabou de chegar. Eu quase não tive tempo para falar com o senhor, e o senhor já vai abandonar a sua filha, assim.'

"Em poucos momentos, o marido dela chegou com seu carro e então um segundo veículo estava bloqueando a estrada. Mas eles poderiam pedir e implorar o dia inteiro e a noite inteira, Luang Pó não iria mudar de ideia. Tudo o que ele disse era que eles esperassem até a próxima vez. Então o homem também começou a chorar. A mulher perguntou ao taxista qual era o valor da corrida e ele disse que eram 400 *baht*. Ela pega o dinheiro em sua carteira e o coloca sobre o capô. Luang Pó apenas permanece ali, impassível. Ele pede ao motorista do táxi para dar partida no carro. E então, a última coisa que vemos deles são ambos ajoelhados na beira da estrada, suas mãos em *añjali*, parecendo totalmente abatidos."

Muito depois, ao prestar reverências a Luang Pó em Bangkok, o casal já conseguia rir de tudo o que tinha acontecido.

IV. DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO

HABILIDADE DE COMUNICAÇÃO

Hoje, a grande reputação de Luang Pó se apoia, acima de tudo, em sua habilidade de transmitir o Dhamma. Suas palestras sobre o Dhamma circulam o mundo de forma impressa, em telas de computador e em arquivos de áudio nos mais variados e modernos equipamentos eletrônicos. Durante todo o tempo de vida que passou ensinando, ele foi um modelo de duas das qualidades do *kalyāṇamitta* que dizem respeito especificamente à habilidade de comunicação: primeiramente, a habilidade de falar de forma efetiva, de sensibilizar pessoas, de aconselhar e advertir; e em segundo lugar, a habilidade de explicar assuntos profundos com clareza e precisão.

Desde seus primeiros anos como professor, mesmo antes de estabelecer Wat Pah Pong, o dom de Luang Pó de articular os ensinamentos era claramente evidente. Ele tornou-se altamente habilidoso em adaptar seus discursos às necessidades da plateia, era especialista em usar objetos do cotidiano para ilustrar tópicos profundos em termos simples. O Buddha ensinou que o Dhamma devia ser ensinado de uma forma que esclarecesse, convencesse, estimulasse e alegrasse a mente de quem o ouvisse. Aqueles que ouviram Luang Pó ensinando por um longo período poderiam afirmar que essas quatro palavras resumiam o ensinamento dele muito bem.

A cultura de Isan, na qual Luang Pó cresceu, sempre se deleitou no uso habilidoso da linguagem. Ele cresceu em um ambiente no qual a habilidade de falar com eloquência, destreza e bom humor era algo apreciado em todos os níveis sociais. A música popular de Isan era cheia de sagacidade e invenção. Quando Luang Pó era jovem, concursos que envolviam composição de rimas improvisadas eram comuns na época das colheitas. Dadas essas condições, pode-se dizer que as habilidades que Luang Pó tinha de se expressar não eram algo especialmente incomum. Foi o uso que deu para essas habilidades que o diferenciou. As espontâneas e vernaculares palestras do Dhamma que ele dava mantinham a chama e a energia da oratória popular, em um contexto religioso anteriormente dominado por rígidos e rebuscados sermões baseados nas escrituras.

Luang Pó não foi o primeiro monge na Tailândia a ensinar dessa maneira. O estilo "pé no chão" era uma das características marcantes dos ensinamentos dados pelo grande Luang Pu Man e por seus discípulos enquanto peregrinavam pelo interior de Isan. Luang Pó se sentia um herdeiro dessa tradição e se tornou, talvez, seu melhor expoente.

Transcrições das palestras do Dhamma de Luang Pó são lidas e apreciadas por enormes quantidades de budistas tailandeses; traduções dessas transcrições tornaram essas palestras disponíveis em várias outras línguas. Contudo, como registros escritos de ensinamentos falados, eles propiciam apenas uma dimensão da magia e do poder emocional das palestras originais. As aproximadamente duzentas gravações de áudio resgatadas de velhas fitas cassete, proveem uma experiência mais completa. Nelas, a voz de Luang Pó é completamente estimulante – com a incontestável e natural autoridade de sua voz incrementada por uma benevolência palpável. A vasta maioria das palestras transcritas é dos últimos 4 anos de sua carreira como professor⁶⁴. Naquele momento ele era, em

⁶⁴ Para marcar o centenário do nascimento de Luang Pó em 2018, um novo livro com dez palestras do Dhamma será publicado em tailandês. Esses discursos foram dados originalmente no dialeto de Isan e gravados em fitas de rolo, com

muitos aspectos, um homem de idade — seu corpo prematuramente envelhecido. Existe um nítido tom paterno nessas palestras e uma corrente sempre presente de bom humor e calor humano.

A característica-chave das palestras de Dhamma de Luang Pó era a espontaneidade. Luang Pó insistia que palestras de Dhamma não poderiam e nem deveriam ser preparadas de antemão. Ainda que ele, às vezes, tivesse um tema geral em mente quando começava a falar, este poderia logo ser descartado, assim que sua mente encontrasse um terreno mais fértil. Ele mencionou uma vez a um discípulo que, às vezes, subia ao assento do Dhamma ainda sem ideia do que iria falar.

Mas assim que eu terminava a recitação do “Namo” e assentava minha mente, então o tema chegava por conta própria e começava a fluir.

Fazendo referência a esse fluxo natural do Dhamma emergindo de dentro dele, comparava-o com o discurso de um estudioso aprendido em um livro:

O Dhamma que vem do coração flui como a água de uma fonte que nunca seca. Mas o conhecimento que vem da memória é como água de chuva numa jarra. Assim que termina o período de chuvas, ela logo acaba.

Em sua meia-idade, Luang Pó ainda era um homem notavelmente vigoroso, e suas palestras do Dhamma refletiam isso. Ele gerava uma incrível energia enquanto a palestra progredia. Ajahn Reuangrit recordava que alguns dos mais memoráveis discursos confrontavam as impurezas da plateia de forma tão contundente que:

"Realmente machucava. Você ficava cheio de hematomas desde a primeira noite. Se você não conseguisse aguentar, então você ia embora em três dias; se você ficasse, não ia querer ir embora nunca mais."

Ocasionalmente, Luang Pó iniciava diretamente com um tema que estivesse em sua mente. Em geral, começava uma palestra com algumas frases gerais, com um refrão familiar, dava uma ou outra volta, enquanto ia ficando mais confortável, deixando o assunto vir por si só, o que — em alguns segundos, ou minutos — acontecia inevitavelmente. Então, quase de forma visível, como se algo tivesse se encaixado em algum lugar, a palestra assumia uma trajetória clara. Gradualmente, conforme o poder e o foco de suas palavras começavam a se intensificar de forma inexorável, os ouvintes se sentiam como que varridos por uma poderosa onda de Dhamma.

Para os recém-chegados monges ocidentais, como ainda não estavam familiarizados com o idioma e com as normas culturais, alguns dos mais inflamados discursos de Dhamma proferidos no dialeto de Isan poderiam soar, de forma desconfortável, como sendo parecidos com reclamações. Mas com o passar do tempo, ficaria claro para eles que algo mais profundo estava acontecendo ali. A plateia nessas palestras não mostrava qualquer sinal de agitação. Muitos se sentavam de olhos fechados em meditação. Aqueles de olhos abertos estavam alertas e determinados.

UMA EVOLUÇÃO

Embora as palestras de Dhamma de Luang Pó fossem amplamente relacionadas a verdades universais e atemporais da condição humana, elas também eram bastante ancoradas na época e local onde eram dadas. Especialmente no caso de um palestrante com o dom de Luang Pó, o estilo

espontâneo e conscientemente fluido possibilitava uma profunda simbiose entre o palestrante e os ouvintes. É esse o elemento único das palestras, impossível de se preservar nas transcrições.

Em um nível mais mundano, o poder das palestras de Dhamma de Luang Pó pode ser explicado em termos dos princípios básicos da retórica, onde a estima da plateia pelo orador deve preceder e dar suporte à lógica da palestra e ao seu impacto emocional. O “ethos” de Luang Pó era potente: ele não apenas irradiava um considerável carisma pessoal, mas também falava com uma autoridade derivada de sua idade, do seu papel como abade e de sua posição como professor. Mais importante de tudo, a plateia acreditava que ele era um mestre plenamente iluminado. Ele dava uma impressão tão firme de estar falando por experiência direta, em vez de por ter memorizado textos, que suas palavras iam direto ao coração dos ouvintes.

Por muitos anos, Luang Pó deu palestras do Dhamma quase que exclusivamente no dialeto de Isan, que era sua língua-mãe, um idioma que se presta facilmente à oratória e a contar histórias. Mas como um número crescente de pessoas de Bangkok começou a visitar Wat Pah Pong, Luang Pó começou a falar mais e mais em tailandês da região central. Não era um salto enorme: o dialeto de Isan e o tailandês compartilham muito do mesmo vocabulário. Contudo essa semelhança nem sempre é imediatamente óbvia, mascarada por uma diferença em certas consoantes e pelas diferentes entonações nas quais as palavras são pronunciadas. (Por exemplo, a palavra “*rón*” [quente] de entonação alta em tailandês é uma palavra de entonação baixa “*hon*” em *Isan*.)

Inicialmente, lapsos ocasionais em Isan ou passagens com sintaxe incomum mostravam que Luang Pó não estava completamente confortável falando o tailandês da região central. Essas pequenas falhas desapareceram depois de alguns anos, mas o tailandês de Luang Pó sempre manteve um caráter diferenciado. Até o final de sua vida, sempre falou “*michanan*” (de outra forma), quando queria dizer “*próchanan*” (consequentemente). As expressões ligeiramente modificadas em Isan que aparecem nas suas palestras, vestidas de tailandês da região central, transmitiam um frescor e um charme especiais.

Coincidindo com essa mudança para o idioma tailandês da região central, veio uma mudança para um estilo menos vibrante, mais reflexivo de dar discursos. É discutível em que extensão essa mudança foi provocada pela mudança do dialeto das palestras ou pelo declínio de sua condição física. Não era o caso de que ele nunca houvesse falado daquela forma antes, mas agora ela tinha se tornado seu modo dominante. Ajahn Reuangrit foi um dos monges que gostou do novo estilo.

"Você ouvia e sentia uma euforia no Dhamma, sentia-se bem quando a palestra terminava. Se você tivesse alguma sabedoria, você aprendia muito, pois ele falava de forma gentil, agradável aos ouvidos. E então, ele mudou. O conteúdo básico das palestras se manteve o mesmo, mas o sabor era melhor."

Mas independente de quaisquer mudanças de tom que possam ter ocorrido, as características essenciais e distintas das palestras de Dhamma de Luang Pó se mantiveram constantes desde suas primeiras palestras até seus últimos grandes discursos no retiro das chuvas de 1982.

Elas eram dadas em linguagem simples, com um mínimo de teoria (como um contemporâneo de Luang Pu Man citou uma vez: “tão simples quanto poderia ser, não mais que isso”) e empregava diversos símiles usando objetos e experiências, com os quais os expectadores estivessem familiarizados, para explicar as realidades sutis da mente. Ocasionalmente, intercalava anedotas de suas próprias experiências e das experiências de seus professores, contemporâneos e discípulos. Isso dava aos ouvintes uma experiência agradável e fácil de absorver, um pouco como ler um livro que não pudessem largar.

Ele dizia que ouvir palestras do Dhamma requeria uma atitude especial:

Continue ouvindo, continue ouvindo. Não apenas acredite no que você escuta e tampouco duvide. Se faça neutro. Continue ouvindo. Isso trará bons resultados, não há perigo nisso. O perigo mora em acreditar muito no que você escuta ou em desacreditar. Ouça e contemple. É disso que se trata a prática: ser um ouvinte e ser aquele que reflete sobre as coisas. Como você ainda não sabe se as coisas que você gosta ou não gosta são verdadeiras ou não, o Buddha diz que, por enquanto, você deveria seguir ouvindo. Se você não fizer assim, vai apenas seguir suas próprias opiniões sobre as coisas e fazendo isso, vai desenvolver a visão incorreta e sua prática não vai avançar. A pessoa sábia é aquela que se mantém observando, contemplando, refletindo continuamente.

O verdadeiro Dhamma não é algo que pode ser comunicado em palavras. Você não pode se apropriar do conhecimento de outra pessoa. Se você pega o conhecimento de outra pessoa, então você tem que meditar sobre ele. Ouvir alguém e entender o que essa pessoa diz não significa que suas impurezas chegarão ao fim. Você deve pegar esse entendimento e então mastigá-lo e digeri-lo até que ele seja uma certeza e que seja realmente seu.

Em meados de 1970 durante a construção de uma estrada que levava ao topo de Tam Ség Pet⁶⁵, Luang Pó surpreendeu os discípulos com sua resistência física. Em um curto espaço de tempo, sua saúde declinou a um nível tal, que ele teve que reduzir o número de palestras formais do Dhamma para apenas duas ou três por mês. Ele disse aos seus discípulos que vissem o lado bom disso: se ele desse muitas palestras, eles poderiam apenas memorizar as suas palavras e deludirem-se acreditando que tinham verdadeiramente entendido o que de fato não tinham. Intoxicados pelo Dhamma, eles poderiam negligenciar a própria prática e serem pegos pregando sermões aos outros sobre paz interior, com suas próprias mentes ainda confusas e em ebulição. Para seus discípulos, que sempre aguardavam ansiosamente por suas palestras, esse não foi um dos argumentos mais convincentes.

Em outra ocasião, Luang Pó disse que a tarefa do professor consistia mais em fornecer condições de apoio à prática do que em dar frequentes discursos. Disse que se você dá a um boi um campo para pastar, então isso é o que ele vai fazer; sua natureza é comer grama, ele não precisa ser convencido a fazer aquilo. Qualquer animal parado no meio de um campo e não pastando, ele dizia, não é um boi – talvez seja um porco. Em outras palavras, um monge demonstra sua sinceridade (sua “mongicidade”) no grau em que tira proveito do ambiente monástico. Para aqueles devotados ao treinamento, instrução formal é apenas um suporte auxiliar.

SÍMILES COMO CHAVES PARA DESTRANCAR A VERDADE

Uma das mais proeminentes características das palestras de Luang Pó era o uso de vívidos símiles. “A mente destreinada é como um búfalo ... os diferentes estágios de meditação se desenvolvem como o amadurecer de uma manga ...” Muitas palestras de Luang Pó eram temperadas com vívidos símiles, e essa habilidade de fazer analogias entre princípios abstratos e os objetos do dia-a-dia, familiares à sua plateia, era o que mais claramente demonstrava seu dom para comunicar o Dhamma. Essa maestria com os símiles, mais do que outra habilidade retórica, era o que fazia suas palestras tão recreativas e lúcidas.

⁶⁵ Veja o trecho “O mais lendário...” na seção “Trabalhar é uma prática do Dhamma” (capítulo *Treinamento dos monges, a maravilha da instrução*)

Símbolos desmistificavam os ensinamentos para a plateia, traziam as pessoas de volta à terra e tornavam esses ensinamentos menos intimidadores, mais imediatos e práticos. Luang Pó era particularmente habilidoso em escolher símiles apropriados para seu público. Ensinando os aldeões locais (e até mesmo os monges, muitos dos quais oriundos de famílias camponesas), as imagens eram predominantemente agrícolas: elas incluíam plantações de arroz e búfalos, pomares e redes de pesca. Ensinando os membros das forças armadas, os símiles eram frequentemente belicistas ou retirados do mundo do *muay thai*. Para plateias urbanas, tendia a usar objetos à sua volta, que eles pudessem ver ou escutar: um bule d'água, um copo, uma cuspidora. Embora usasse alguns símiles recorrentemente durante sua carreira de professor, outros ocorriam-lhe espontaneamente durante um discurso ou numa sessão de perguntas, quando sua mente buscava traduzir as verdades que havia experienciado, de uma forma que seu público pudesse entender. Era estimulante para os ouvintes vê-lo empregar elementos do mundo à sua volta, sem esforço algum, para personificar verdades atemporais.

Animais de todos os tipos apareciam nesses símiles: cobras, cachorros, centopeias, búfalos, sapos e muitos outros. Galinhas eram as especialmente favoritas. Procurando expressar o quão ridículo e equivocado era alguém sentir-se satisfeito em obter conhecimento intelectual dos ensinamentos budistas e não os utilizar como uma ajuda para abandonar as impurezas, ele disse que isso era como alguém criar galinhas e comer a titica, em vez dos ovos. A diferença de comportamento de monges atentos e desatentos, ele descreveu em termos da diferença de comportamento entre galinhas domesticadas e galinhas selvagens que viviam em Wat Pah Pong.

Alguns dos mais profundos e belos símiles de Luang Pó lançam luz sobre experiências de meditação. Em uma imagem memorável, ele comparou a mente existindo em um estado de paz, e simultaneamente pronta para responder inteligentemente às condições, a um sino em descanso. Quando o sino é tocado e seu silêncio natural é perturbado por um estímulo forçado, ele reage com um belo som e, depois de uma duração adequada, volta ao silêncio. Da mesma forma, ele disse, a mente deveria viver “com poucas vontades” no momento presente; quando um desafio surgisse, ela deveria vencê-lo com sabedoria e então, como um sino, voltar a um estado natural de descanso.

Formas visuais, sons, odores, sabores, sensações físicas e pensamentos constantemente cutucam a mente, encorajando o gostar, o não gostar, o apego. Luang Pó explicou como a mente estabilizada, que volta sua atenção para as três características da existência, é inabalável em face ao contato dos sentidos. Disse que impermanência, insatisfatoriedade e não-eu são como uma orla marítima, e os objetos dos sentidos, surgindo na mente, são como as ondas.

É como ondas quebrando na praia. Depois que a onda atinge a praia, ela se dispersa e uma nova onda aparece em seu lugar. Ondas não podem ir além da costa. Da mesma forma, objetos dos sentidos não podem agora ir além do nosso senso de saber. Encontrando a percepção da impermanência, insatisfatoriedade e não-eu, eles se separam e desaparecem.

UM POUCO ZEN

Em meados da década de 1970, Luang Pó adquiriu, por assim dizer, mais uma flecha para seu arco retórico. Ficou muito interessado nas publicações recém-traduzidas dos trabalhos dos mestres Zen chineses, Hui Neng e Huang Po⁶⁶, feitas por Ajahn Buddhadasa. Ele achou que aqueles textos lhe

⁶⁶ Hui Neng (século VI) foi o sexto patriarca do Zen e autor do “Platform Sutra”. Huang Po (século IX) foi o tema do livro “Record of the Transmission of the Lamp”.

deram um novo e fresco vocabulário para expressar o Dhamma. Monges ocidentais que praticaram na tradição Zen adicionaram ainda mais ao seu conhecimento. A influência que esses textos traduzidos tiveram sobre sua forma de ensinar pode ser verificada em alguns de seus últimos discursos de Dhamma. Existem, por exemplo, várias referências à mente (*citta*) em termos comparáveis à forma como a expressão “mente original” é usada em textos Zen. Em uma ocasião, ele comparou a mente com uma folha que é naturalmente imóvel, mas que balança esvoaçante por causa dos ventos dos estados mentais:

Se a natureza dos pensamentos é compreendida, a mente permanecerá quieta. Isso é chamado o estado natural da mente. E o motivo pelo qual viemos praticar agora é para ver a mente nesse estado imaculado.

Luang Pó afirmou que a libertação era conhecida, não por uma fuga do mundo das convenções, mas por vê-la à sua verdadeira luz. Era o apego às realidades contingentes como definitivas é que era o problema. Isso parecia ser sua resposta ao ensinamento Mahayana sobre a identidade do saṃsāra e Nibbāna:

Agora, se conhecemos a realidade convencional, então conheceremos a libertação. Se conhecermos claramente a libertação, então conheceremos as convenções. Isso é conhecer o Dhamma. Aqui, há uma conclusão.

Em conversas, ele às vezes gostava de usar frases paradoxais sobre verdades profundas que é uma característica do Zen. Em uma ocasião, ele pediu a um dos monges ocidentais para enviar uma carta a Ajahn Sumedho, na Inglaterra. Ele disse: “Pergunte ao Sumedho: ‘Se você não pode ir para frente e não pode ir para trás e não pode permanecer parado, o que você pode fazer?’”.

Não há nenhuma evidência de que os ensinamentos Zen modificaram o entendimento de Luang Pó do Dhamma. Era mais como se um artista no auge do seu talento tivesse encontrado um novo meio de se expressar, um pintor de quadros a óleo, explorando o uso de aquarelas. Uma flexibilidade característica de sua mente lhe permitiu abrir-se para essa nova forma de apresentar o Dhamma. Ele interpretou os textos que leu à luz de seu próprio entendimento e então os integrou aos ensinamentos que dava aos seus discípulos.

CONVERSANDO

Conforme Luang Pó ficava mais velho, mais e mais seus ensinamentos eram conduzidos de maneira informal. Ele não liderava mais as sessões matinais e vespertinas no salão de Dhamma. Passava muitas horas do dia sentado em um grande assento de vime, na parte coberta e sem paredes que ficava abaixo de sua cabana. Ali, acompanhado por um pequeno número de assistentes, recebia um constante fluxo de visitantes ansiosos por fazer mérito, receber bênçãos, conselhos e inspiração. À noite, depois que a recitação dos cânticos e a sessão de meditação tinham terminado no salão de Dhamma, mais monges residentes tomavam o caminho pela floresta até a sua cabana. A maioria ficava lá até Luang Pó retirar-se para descansar, alguns conversando com Luang Pó, outros sentados silenciosamente nas sombras, aproveitando a atmosfera, o calor e a franqueza dos ensinamentos. Alguns monges massageavam seus pés e suas mãos enquanto ele conversava e mascava noz de betel.

Os monges consideravam a oportunidade de atender Luang Pó, enquanto ele respondia perguntas do Dhamma, como sendo um presente especial. Eles gostavam particularmente das raras ocasiões quando vinha alguém discutir com ele. Depois de uma ocasião dessas, um monge mencionou a um

amigo que aquilo era como assistir a um grande mestre de artes marciais lidando, sem esforço algum, com um atrapalhado oponente que, de maneira tola, pensava ser melhor do que era. Ajahn Chon lembra com carinho de ter participado de uma dessas ocasiões:

"Eu tinha a maravilhosa sensação de participar de uma antiga tradição de estudantes sentados no meio da floresta aos pés do seu professor, recebendo palavras de sabedoria direto de sua boca. Era a alegria de estar na presença de alguém, que eu estava convencido, sabia tudo o que deveria ser sabido. Eu não conseguia imaginar ninguém capaz de lhe fazer qualquer tipo de pergunta importante sobre a vida, que ele não fosse capaz de responder imediatamente e com absoluta autoridade. Aquilo me dava uma intensa sensação de bem-estar."

Responder perguntas e participar de diálogos sobre o Dhamma eram um modo de ensinar que Luang Pó particularmente gostava. Em uma ocasião, após uma sessão com um monge ocidental visitante de outra tradição, alguns dos monges residentes estavam tristes com o jeito agressivo deste. Luang Pó disse:

Não, foi bom, muito bom. As perguntas dele eram como uma pedra de amolar para minha sabedoria. Quanto mais ele perguntava, mais afiada minha mente ficava.

Ele gostava muito quando novas respostas surgiam espontaneamente em sua mente em resposta a perguntas incomuns ou de falar sobre velhas questões sob uma nova perspectiva.

Luang Pó era particularmente habilidoso em distinguir diferentes tipos de perguntas e variar suas respostas de acordo. Ele não se limitava a responder as perguntas sempre nos termos em que elas tivessem sido feitas. Quando perguntas eram mal formuladas ou vinham da falta de informação ou de pressuposições equivocadas, ele respondia separando os vários aspectos da questão, fazendo as distinções necessárias e geralmente lidando com o pensamento incorreto que estava por detrás da pergunta. Para algumas questões, ele fazia uma contra pergunta a quem o questionou, um método no qual era particularmente habilidoso. Por exemplo, perguntava às pessoas que queriam que ele lhes tirasse alguma dúvida, se elas acreditariam no que ele respondesse. Quando elas precipitadamente diziam que sim, ele lhes diria que, naquele caso, elas eram tolas, pois as palavras de uma pessoa jamais poderiam libertar outras. Ele encorajava os questionadores a olharem novamente para as razões pelas quais estavam perguntando.

Algumas perguntas, Luang Pó respondia com o silêncio. Nesses casos, o problema não era tanto com a pergunta propriamente dita, mas com a intenção de quem a fez. Se quem fazia a pergunta fosse pego em uma delusão séria, possivelmente interpretaria qualquer resposta recebida à luz das próprias crenças e ficaria ainda mais afundado em sua visão incorreta; era melhor não colocar mais combustível naquela fogueira. Se a pessoa estivesse fazendo perguntas com um motivo impuro — talvez para tentar medir o nível de realização de Luang Pó — ele se recusaria a entrar no jogo. Se pessoas perguntassem sobre tópicos muito além de seu nível de prática, Luang Pó consideraria as perguntas como inúteis ou preguiçosas e se recusaria a adicionar mais lenha conceitual na pilha que já estava entupindo o cérebro do questionador.

Luang Pó tinha mais de um tipo de silêncio. Às vezes ele ficava sem expressão, como se não tivesse ouvido a pergunta; quem perguntou percebia, com um susto, que havia feito uma pergunta inapropriada e ia para outro assunto. Se quem perguntou tivesse perdido essa dica e repetisse a questão, receberia um olhar feroz, que voltaria à sua mente em mais de uma ocasião pelas próximas horas ou dias. No pior dos casos, Luang Pó poderia esnobar a pessoa ao se voltar e falar com outra pessoa. Em alguns casos, ele diria gentilmente que a pessoa estava viajando — por que não perguntar algo relevante à sua experiência atual?

UMA ABORDAGEM SEM SENTIDO?

Em algumas oportunidades, Luang Pó respondia uma longa e rebuscada pergunta com uma frase simples ou com apenas uma palavra. A brevidade e o poder com os quais ele se expressava nessas ocasiões podia ser chocante, e podia também ser apenas o necessário para clarear a confusa mente do questionador ou a excessiva elaboração de suas perguntas. Como Ajahn Tiang comentou, essa era uma ferramenta eficaz quando ele conversava com pessoas cheias de si por conta da própria inteligência e pontos de vista:

"Ele não se incomodava com perguntas, não importava o quão grandes ou complicadas elas fossem. Ele não interpretava ou esclarecia questões como outras pessoas. Apenas cortava os problemas e os jogava fora. Ele os cortava em pedaços pequenos e então era o fim deles. Às vezes, precisava apenas de uma palavra ou uma contra pergunta ... algumas pessoas gostavam de ir e ouvir quando outras pessoas perguntavam algo, mas ficavam desapontadas se pensavam que ouviriam respostas convencionais.

"Não que ele desse conselhos práticos sobre como resolver problemas, era mais o caso de mostrar às pessoas como corrigirem seus pensamentos e atitudes ... quando elas vinham até ele com dúvidas, que tinham ouvido um monge dizer alguma coisa, se aquilo estava correto, e assim por diante — ele diria que estar ciente da falta de entendimento sobre um assunto e o desejo de obter uma resposta eram mais valiosos do que apenas adotar a opinião de outra pessoa. Era dessa forma que ele respondia perguntas. Suas respostas eram imediatas e espontâneas, mas sempre acertavam o alvo.

"Alguém lhe perguntou uma vez sobre o *paṭiccasamuppāda*, o ensinamento sobre a originação dependente. Em vez de responder da forma comum, passando por todos os diferentes elos, ele perguntou à pessoa se ela já havia caído de uma árvore ... Você perde o apoio da mão, e, no momento seguinte, está deitado no chão sentindo dor. Você não sabe o que se passou na sua mente enquanto caía, não teve presença mental. Foi tudo muito rápido. Tudo o que você sabe é que está sofrendo agora, porque acabou de cair de uma árvore. A razão pela qual você está sofrendo assim agora é chamada 'condicionalidade específica'. Quando ele terminou, a pessoa que fez a pergunta estava rindo prazerosamente da explicação."

Em uma ocasião, uma diligente meditadora leiga perguntou-lhe sobre a prática dela:

"Às vezes minha mente fica muito concentrada, mas tem momentos quando, de repente, minha cabeça começa a balançar para cima e para baixo. É como se eu estivesse com sono, mas eu estou atenta, há *sati* ali. Como isso é chamado?"

Se chama turbulência. Quando você sobe em um avião, é isso que acontece.

Embora Luang Pó pudesse, em certas ocasiões, incluir alguns detalhes técnicos em suas explicações, era mais do seu estilo responder às perguntas encorajando as pessoas a olharem para suas próprias mentes para encontrar respostas. Ele via pouco valor em dar informações que não seriam absorvidas. Pessoas que o procuravam por instruções mais específicas sobre diferentes técnicas de meditação costumavam ser advertidas de que seu problema não estava na falta de informação, mas na atitude com a qual elas estavam aplicando as informações que já possuíam. A aquisição de ideias poderia sabotar a aplicação de qualquer método.

A agudeza de sua inteligência foi bem demonstrada com a visita de um certo missionário cristão, que dizia que o ensinamento budista do não-eu era insustentável. Ele tinha o entendimento de que o conhecimento do não-eu pressupunha alguém que conhece, e que esse alguém que conhece deveria

ser o eu. A pergunta que ele fez a Luang Pó foi: “Quem conhece o não-eu?” A contra pergunta imediata de Luang Pó foi:

Quem conhece o eu?

Sem ser pego em disputas filosóficas, Luang Pó afirmava que, se o conhecimento do não-eu requer algo que não seja não-eu, isto é, o eu como seu conhecedor, então o oposto também deveria ser verdadeiro: o conhecimento do eu pressupõe algo que seja não-eu como seu conhecedor. Se o proponente da visão do eu argumenta que o eu conhece a si mesmo, então o budista pode adicionar que, partindo do mesmo princípio, o conhecer deve ser considerado como sendo uma propriedade natural surgindo da mente não-eu. A contra pergunta de apenas três palavras de Luang Pó evitou a necessidade de uma explicação tão intrincada. O ponto mais importante para Luang Pó era que, sem uma mente afiada pela prática de meditação, não vai haver resolução para o assunto do eu ou do não-eu, apenas crenças e especulação.

* * *

Este capítulo procurou trazer um foco mais claro sobre Luang Pó. O capítulo tratou de como ele era percebido pelas pessoas à sua volta, e das suas qualidades e traços de personalidade que mais impressionavam as pessoas. Em particular, foi dada ênfase às virtudes que o permitiram cumprir o papel de *kalyāṇamitta* para seus discípulos. Ele era visto como alguém que inspirava afeição, amor, devoção e respeito, assim como medo e fascínio. Foi apresentado como um modelo, encorajando seus discípulos a emularem sua prática. Foi mostrado como “*Dhammakāmo*”, alguém com uma grande paixão pelo Dhamma, alguém que, depois de estar disposto a colocar a própria vida em jogo em sua prática, exerceu grande paciência e tolerância ao compartilhar com os demais o que havia realizado. Foi feito um grande relato de suas habilidades de comunicar o Dhamma de forma efetiva, tanto de um jeito formal, como informal. Todas essas qualidades, e outras, reaparecerão ao longo deste livro. Mas agora, o foco vai mudar para uma apresentação mais sistemática dos ensinamentos e do treinamento de Luang Pó aos seus discípulos, monásticos e leigos no desenvolvimento do caminho óctuplo.

Não desprezar o próximo, não infligir dano, praticar o autocontrole segundo as regras monásticas, moderar-se na alimentação, viver em solidão, devoção à meditação – esse é o ensinamento dos Buddhas.

Dhp 185

Sangue Vital – Luang Pó e o Vinaya

Vinaya é o sangue vital do Buddha Sāsanā– Vin – a 1

I. INTRODUÇÃO

Enquanto “Dhamma” (Sânscrito: “Dharma”) é uma palavra familiar aos budistas de todas as tradições, “Vinaya” é muito menos familiar. Que isso deva ser assim, é algo digno de ser comentado, devido à importância dada ao Vinaya pelo próprio Buddha, como claramente demonstrado em suas frequentes menções ao conjunto de seus ensinamentos pelo termo composto “Dhamma-Vinaya”. No final de sua vida, recusando pedidos de apontar um sucessor, o Buddha deu a seguinte instrução aos seus discípulos:

Depois de minha morte, o Dhamma-Vinaya que eu ensinei e expliquei para vocês deverá ser o seu professor - DN 16

Então, a que exatamente se refere o “Vinaya”? Na essência, Vinaya refere-se aos ensinamentos do Buddha que visavam criar as melhores condições externas para o estudo, a prática, a realização e a propagação do Dhamma. Como o grau em que essas condições podem ser promovidas na sociedade em geral é limitado, o Vinaya encontra-se mais claramente nas regras de treinamento, prescrições, procedimentos, protocolos e convenções prescritas pelo Buddha para guiar a vida de sua ordem monástica e foram compiladas na coleção de textos conhecida como *Vinaya Piṭaka*.

Etimologicamente, “Vinaya” é derivado de palavras que significam “tirando de/afastando de”. A prática do Vinaya busca afastar praticantes individuais de ações e falas que possam minar ou conflitar com sua prática do Dhamma e afastar comunidades monásticas do conflito e desarmonia. Embora o Vinaya encontre seu apogeu nas regras que regulam a vida monástica, ele também contempla, em um nível mais geral, ensinamentos visando os budistas leigos, incluindo aqueles que explicam os fatores do caminho da ação correta, fala correta e meio de vida correto⁶⁷.

A decisão do Buddha de colocar tal ênfase no Vinaya pode ser rastreada a partir dos dias que se seguiram à sua iluminação. É dito que, ao revisar o caminho para a iluminação, o Buddha recém-iluminado considerou aquilo como algo tão difícil que estava inseguro se qualquer outra pessoa no mundo poderia seguir aquele caminho até o fim. Embora tenha se encorajado na sequência pela existência “daqueles com pouca poeira nos olhos”, o senso de dificuldade envolvido na transmissão do Dhamma não deixou de existir nele. Ele percebeu que seus discípulos precisariam de toda a assistência possível e que uma ordem monástica poderia prover condições de suporte em um grau que a vida em família, com todas as suas demandas e tentações, raramente poderia.

Na Sangha, ele procurou criar um estilo de vida que minimizaria as condições que retardam o progresso no caminho e que maximizaria as condições conducentes a ele. Membros da Sangha não precisariam fazer concessões às expectativas ou preconceitos da sociedade em geral. Monásticos poderiam viver dentro de comunidades feitas seguras e estáveis por padrões acordados de conduta impecável, vivendo juntos com professores sábios e amigos que pensariam da mesma forma. Em um

⁶⁷ Os termos “Vinaya dos chefes-de-família” (*agārikavinaya*) e “Vinaya dos leigos” (*gihivinaya*) são encontrados, respectivamente, em referências nos comentários aos “dez caminhos saudáveis” (*kusalakammāpathā*) e às responsabilidades dos chefes de família detalhadas no *Sīgālovāda Sutta* (DN 31).

ambiente tranquilo, livre da luta diária pela sobrevivência, monges poderiam aprender a transcender seu vício pelo mundo da sensualidade e envidar esforços concentrados para a iluminação.

O Vinaya era o meio prático pelo qual esses objetivos seriam alcançados. Nos primeiros anos depois da iluminação do Buddha, ele simplesmente constituiu um conjunto de normas de comportamento (por exemplo, abster-se de toda atividade sexual, de receber dinheiro, de comer à noite). Os comentários às escrituras relatam que os monges tinham, todos, considerável maturidade espiritual e eram suficientemente motivados para seguirem esse código informal apenas por devoção ao Buddha e por seu próprio senso de certo e errado.

Depois de passados vinte anos, contudo, a Sangha cresceu consideravelmente. Havia nela vários membros não-iluminados e sinais de alerta surgiram, apontando uma erosão impeditiva nos padrões. Em resposta — e em uma base *ad hoc*, respondendo aos problemas conforme eles apareciam — o Buddha começou a introduzir regras de treinamento (*sikkhāpada*) divididas em diferentes categorias, que incluíam penalidades por transgressões que variavam em severidade, da confissão à expulsão. Na época da morte do Buddha, essas regras de treinamento eram 227 em número e ficaram conhecidas coletivamente como o *Pāṭimokkha*. O *Pāṭimokkha* é o código formal de conduta para monásticos budistas e mora desde sempre no coração do Vinaya.

Conforme a Sangha cresceu em tamanho, o Buddha também começou a elaborar mais os protocolos e procedimentos com os quais ele desejava definir a vida comunal mais complexa que estava se desenvolvendo. Os textos do Vinaya que nos foram passados incluem, adicionados ao *Vibhaṅga* que lida com o *Pāṭimokkha*, um grande número suplementar de permissões e proibições que são verificados nos *Khandhakas*. Essas inúmeras prescrições não são divididas em categorias, e as transgressões delas são quase todas referidas simplesmente como “atos de comportamento equivocado” (*dukkata*). Essas prescrições superam muitas vezes as regras de treinamento do *Pāṭimokkha* e, possivelmente, fazem mais para criar o modo de vida e cultura distintivo dos modernos mosteiros de floresta tailandeses.

Com o passar do tempo, um imenso corpo de interpolações e extrapolações se acumularam em torno das liminares dos *Khandhakas*. Muitas delas se tornaram normas aceitas na tradição da floresta tailandesa, ainda que haja certas variações de linhagem para linhagem e de professor para professor. Desse ponto em diante, todo esse corpo de práticas será referido como “observâncias”, a tradução da palavra tailandesa “*korwat*”.

A descrição do treinamento no Vinaya que vem a seguir, realizado pela Sangha de Wat Pah Pong, reflete essa divisão entre as regras de treinamento do *Pāṭimokkha* e as observâncias auxiliares, colocando cada uma delas em sessões, com um cabeçalho de capítulo. Também é incluído um relato sobre as *dhutaṅgas*, ou práticas ascéticas, como uma terceira sessão por conta de, embora essas práticas terem sido sugeridas pelo Buddha apenas como práticas voluntárias, algumas delas se tornaram elementos compulsórios no treinamento regimentar de Wat Pah Pong.

II. PĀṬIMOKKHA: O CORAÇÃO DO VINAYA

Nós seremos consumados em conduta moral. Nós seremos consumados no Pāṭimokkha. Nós viveremos contidos de acordo com as restrições do Pāṭimokkha. Nós seremos consumados em conduta e recursos, vendo o perigo até nas mínimas faltas. Nós treinaremos a nós mesmos ao tomar de forma correta as regras de treinamento - MN 6

O Buddha listou as seguintes razões para estabelecer as regras de treinamento:

- 1. Para a excelência da Sangha;*
- 2. Para o conforto da Sangha;*
- 3. Para a supressão dos mal-intencionados;*
- 4. Para o conforto dos monges de boas maneiras;*
- 5. Para a restrição de corrupções no presente;*
- 6. Para proteção contra corrupções futuras;*
- 7. Para inspirar fé naqueles que não têm fé;*
- 8. Para aumentar a fé daqueles que têm fé;*
- 9. Para a preservação do verdadeiro Dhamma;*
- 10. Para a promoção do Vinaya.*

Vinaya, AN 10.31

O significado dado pelo Buddha para essa formalização do Vinaya pode ser avaliado pelo elo vital que ele revelou entre o *Pāṭimokkha* e a longevidade dos ensinamentos. Falando como o mais recente de uma linhagem de Buddhas, que remontava a um passado incalculável, falou que um padrão podia ser discernido no período de duração dos ensinamentos dos Buddhas que o antecederam. Disse que, enquanto os ensinamentos de Vipassī, Sikkhī e Vessabhū duraram relativamente pouco tempo, os ensinamentos de Kukusandha, Konāgamana e Kassapa duraram por muito tempo. As razões para a disparidade não eram apenas porque aqueles do segundo grupo foram “incansáveis em dar abundantes ensinamentos do Dhamma aos discípulos”, mas também porque “as regras de treinamento para discípulos foram indicadas e o *Pāṭimokkha* foi apontado”. O Buddha resumiu essa observação em um símile: os ensinamentos foram preservados por essas medidas, da mesma forma que as pétalas de uma flor, quando conectadas por uma linha entrelaçada de algodão, podem ser impedidas de serem espalhadas pelo vento.

Em culturas budistas Theravada, a Sangha tem sido venerada como o modelo de comunidade budista planejado pelo próprio Buddha e reverenciada por prover liderança moral, intelectual e espiritual para a sociedade desde a sua concepção. Mesmo que o mundo budista nunca tenha carecido de um grupo de praticantes leigos inspirados e exemplares, a visão que sempre prevaleceu foi a de que aqueles que realizaram os mais elevados frutos do treinamento budista o fizeram como monásticos. Vista como sendo a instituição na qual a vasta maioria dos mais renomados estudiosos e praticantes budistas, através da história, escolheram passar suas vidas, a Sangha mantém um grande prestígio.

O Vinaya sempre foi o aspecto definidor da vida da Sangha, a incorporação visível dos seus ideais guias e foi o que garantiu a estabilidade e a integridade da Sangha, através dos tempos. Em essência, ingressar na ordem monástica sempre significou comprometer-se com o estudo e a prática do Dhamma, tendo como base o Vinaya.

Ao menos, este tem sido o ideal. É verdade que a inseparabilidade do Dhamma e do Vinaya — de forma mais simples, dos elementos interno e externo do caminho do Buddha para a libertação — sempre foi um dos dogmas fundamentais do budismo Theravada. No entanto, na prática, o grau em que essa relação foi mantida nas comunidades monásticas através dos séculos flutuou amplamente. A “Bhikkhu Sangha” é, provavelmente, a mais antiga instituição sobrevivente no mundo de hoje, e

inevitavelmente, épocas de ouro se alternaram com períodos de declínio. Na Tailândia, foi no começo do século XX, com a aparição da linhagem fundada por Luang Pu Man, que o princípio do Dhamma-Vinaya, como uma entidade única e integrada, foi colocado de volta ao ponto central do treinamento monástico. E foi essa abordagem do caminho da prática que tanto inspirou Luang Pó Chah, quando ele foi prestar suas reverências a Luang Pu Man, no início de 1948.

Essa foi uma abordagem que assinalou uma cisão radical com a norma prevalecente em Isan à época. Quando Luang Pó estava crescendo, ingressar na Sangha no interior do nordeste tailandês não era visto como um compromisso de lutar pela iluminação ou mesmo de aderir ao Vinaya. A vida monástica em um mosteiro de vilarejo era muito mais parecida com embarcar em uma existência simples e virtuosa, consistindo de estudo superficial das escrituras combinado com atividades sacerdotais. Luang Pó tornou-se um monge no mosteiro local, pois não havia nenhuma outra alternativa óbvia, e mesmo com todos os defeitos, ele teria considerado que, para uma pessoa com os interesses e aspirações que tinha, aquele era o lugar mais óbvio para estar.

Sempre foi algo tido como certo em culturas budistas que um homem jovem, com forte vocação espiritual, e que fosse livre de laços ou responsabilidades, ingressaria na Sangha. Ao deixar a vida em família, ele teria a oportunidade de se comprometer de forma completa com o estudo e a prática dos ensinamentos do Buddha. O argumento era que, se alguém é livre de responsabilidades de família, então por que não escolher viver da forma que o próprio Buddha recomendou? Por que viver como um chefe de família e prejudicar a si mesmo desnecessariamente? A ordenação foi a primeira declaração de intenção de Luang Pó em seu caminho para a libertação.

De forma não surpreendente, suas aspirações não puderam ser satisfeitas com a vida em um mosteiro de vilarejo por muito tempo. Tornar-se um monge *tudong* no começo de 1947 foi, de várias formas, o verdadeiro início de sua vida monástica; foi uma cisão na qual ele deixou para trás um sistema monástico no qual o Vinaya era apenas seguido superficialmente e a meditação formal era, na melhor das hipóteses, uma atividade periférica. Significativamente, seu desejo ao partir não era apenas o de encontrar um mestre de meditação, mas também alguém que pudesse instruí-lo no Vinaya. Ele já via os dois conectados “como as costas e a palma da mão”. Reconheceu, desde o início de sua busca que, sem os claros limites providos pelo Vinaya, os desejos sensuais poderiam certamente tê-lo varrido completamente para fora do caminho.

Mais tarde, quando começou a sua própria comunidade monástica, o Vinaya foi central para a visão de Luang Pó. Ele o via desempenhando um papel vital, tanto no nível comunitário como no individual. Comunitariamente, uma consideração escrupulosa pelo Vinaya ajudava a manter uma atmosfera de respeito mútuo, harmonia e camaradagem. No nível individual, a prática da contenção dentro dos limites do Vinaya cultivava a virtude interna de *sīla*, que junto com o treinamento do coração (*samādhi*) e a sabedoria (*paññā*) constituíam o caminho do Buddha para a iluminação.

A dimensão individual era chave. Esperava-se que os monges fossem hábeis em trazer constantemente à mente as regras de treinamento em situações relevantes, criando sistematicamente, com o passar do tempo, novos hábitos corretos de conduta e comunicação. Instruções precisas e detalhadas para lidar com o mundo material mantinham os monges firmes no momento presente. A recordação dos preceitos no momento em que a intenção de transgredir surgia os permitia parar, despertar para a significância de suas intenções, e se abster de ações não sábias. Não era fácil. Mas para aqueles que persistiram, praticar dessa maneira libertava suas mentes de culpa, ansiedade, arrependimento e dava-lhes uma sensação de bem-estar e autorrespeito, que formava a fundação indispensável para o desenvolvimento de samādhi e paññā. Em um trecho do Parivāra:

A disciplina tem como objetivo a restrição, a restrição tem como objetivo a liberdade de remorsos, a liberdade de remorsos tem como objetivo a alegria, a alegria tem como objetivo o êxtase, o êxtase tem como objetivo a tranquilidade, a tranquilidade como objetivo o prazer, o prazer tem como objetivo a concentração, a concentração como objetivo o conhecimento e a visão das coisas como elas são, o conhecimento e a visão das coisas como elas são têm como objetivo o desencanto, o desencanto tem como objetivo a liberação, a liberação tem como objetivo o conhecimento e a visão da liberação, o conhecimento e a visão da liberação têm como objetivo Nibbāna, através do não se apegar. - Vin Pv 12.2

Luang Pó acreditava que, como membros da Sangha, era o dever dos monges ter grande respeito pela prática do Vinaya. Desrespeitá-lo significava desrespeitar o próprio Buddha, seu criador. E se um monge tratasse o Buddha com desrespeito, então como ele poderia esperar progredir no Dhamma?

LUANG PÓ FALA SOBRE O VINAYA

Nossa prática aqui tem sua fundação no Vinaya, juntamente com as práticas ascéticas e a prática de meditação. Ter *sati*, estar resguardado pelas várias regras monásticas, incluindo e honrando as 227 regras do Pāṭimokkha, é algo que tem um imenso valor. Isso faz a vida ser simples e pacífica: nós não temos que estar ansiosos sobre como deveríamos estar nos comportando. Estamos livres de preocupação e assim temos uma vida pacífica liderada por *sati*.

O Vinaya nos permite vivermos juntos como uma unidade; a comunidade segue de forma suave. Para quem vê de fora, todos se parecem e agem da mesma forma. O Vinaya e a moralidade são uma escadaria firme que leva a profundos níveis de concentração e sabedoria. Com o uso apropriado do Vinaya e das práticas ascéticas, nós simplificamos nossas vidas e limitamos nossas posses. Aqui nós temos a completa prática do Buddha: evitar o mal e fazer o bem, viver de forma simples, mantendo apenas as necessidades básicas, purificar a mente. Em outras palavras, estar atento à mente em todas as posturas: sentado, em pé, andando ou deitado — conhecer a si mesmo.

**

Lembre-se: a essência do Vinaya é observar a intenção, examinar a mente.

**

O praticante deve ter *sati*, e deve ser reflexivo. Em sua fala e em todas as suas ações físicas — tocando as coisas, pegando-as ou o seja o que for — você deveria primeiro estar cuidadosamente ciente do que está fazendo e o porquê. Erros ocorrem quando *sati* é fraca, ou quando você não está prestando atenção ao que está fazendo.

**

Embora possa parecer que o Vinaya está lhe oprimindo, ele tem um enorme benefício. Você deveria saber todas as regras de treinamento. Se existe qualquer uma que você não entenda, então descubra através de alguém que saiba.

**

Um monge que não mantém o Vinaya e que não medita não pode viver junto com um que o faz — os caminhos irão divergir.

**

Estude [as regras de treinamento] até entendê-las, reflita sobre o que aprendeu e então as memorize. Sempre que possível venha, reverencie o professor e esclareça suas dúvidas. Ele explicará os pontos mais refinados. Continue estudando até que você entenda verdadeiramente o Vinaya.

**

Tome conta das regras como um jardineiro toma conta das árvores: sem discriminar entre as grandes e as pequenas.

**

Você deve ser meticuloso com o Vinaya, e se você não o pratica de maneira sincera, então vai encontrar dificuldades. Aqueles que são contidos dentro dos limites do Vinaya sentem como se nada pudesse colocá-los em perigo, mas, mesmo assim, estão constantemente em guarda.

DÚVIDAS

Quando era um jovem monge, Luang Pó desenvolveu um profundo interesse pelo Vinaya. Ele logo se graduou nos estudos dos livros básicos do *Pubbisikkhāvaṇṇanā*, um compêndio do século XIX dos densos comentários do Sri Lanka, considerado a principal fonte para praticantes sérios do Vinaya⁶⁸. Ele fez diversas anotações e manteve em sua bolsa de ombro um caderno repleto com os fatores que determinavam a transgressão de cada regra. Anos mais tarde, falando sobre a energia e dedicação que trouxe para os seus estudos do Vinaya, recordava como, às vezes, pegava esse caderno às seis da tarde e não o colocava de lado até o amanhecer do dia seguinte, quando já fosse a hora de se preparar para sair em mendicância matinal. Seu entendimento do Vinaya aprofundou-se durante seus anos de peregrinação, à medida que encontrava outros monges comprometidos em viver sob as regras de treinamento e discutia com eles passagens mais obscuras dos textos.

Contudo, ao embarcar no estudo do grande trabalho do século V do venerável Buddhaghosa, o *Visuddhimagga (O Caminho da Purificação)* — o preeminente texto comentário do budismo Theravada — Luang Pó experienciou uma crise de fé. Ao se concentrar na sessão que lidava com a moralidade, o imenso número de observâncias menores listadas no texto fez o Vinaya, se tomado em sua totalidade, parecer-lhe um sistema demasiado complexo para se usar para a vida. Para Luang Pó, essa era uma conclusão devastadora; ela atingia o núcleo de sua vocação. Anos mais tarde ele se recordava com ironia: “Eu pensava que minha cabeça ia explodir”.

Para a mente de Luang Pó, a devoção ao Vinaya do Buddha vinha naturalmente da devoção ao seu Dhamma. Os dois eram inseparáveis. Luang Pó queria respeitar todas as regras, e perfeitamente. Mas agora parecia que, não importava quanto esforço ele colocasse, quanta sinceridade ele pudesse ter, aquilo não seria possível.

Uma simples convicção manteve a pior das dúvidas à margem: o Buddha, o maior de todos os professores, era um pragmático. Ele jamais teria prescrito padrões de comportamento impossíveis para a vida de seus discípulos. Luang Pó sentiu-se preso — como se tivesse chegado a um beco sem

⁶⁸ Este livro, publicado em 1860, foi o trabalho do venerável Amarabhirakkhita, um dos monges da primeira geração de reformadores Dhammayut.

saída — mas ainda assim acreditava que havia uma saída, e estava determinado a encontrá-la. Foi por essa razão que, quando foi prestar reverências a Luang Pu Man, as primeiras perguntas que escolheu fazer não foram sobre meditação, mas sobre o Vinaya:

Eu disse: “Venerável Ajahn, o que devo fazer? Sou novo na prática e não sei como proceder. Tenho muitas dúvidas. Ainda não tenho uma fundação firme.

Ele disse: “Qual é o problema?”

“Bem, quando estava tentando encontrar um caminho para seguir em frente com a prática, comecei a estudar 'O Caminho da Purificação'. Aquilo fez com que eu sentisse que estava além de minha capacidade, que nenhum ser humano seria capaz de praticar daquela maneira. É simplesmente muito difícil; é impossível ser plenamente atento a cada uma daquelas regras.”

E Luang Pu Man me disse: “É verdade que existem muitas observâncias; mas na essência, são poucas. Se você fosse tentar manter absolutamente cada regra mencionada naquele livro, seria certamente uma tarefa difícil. Mas na verdade, a 'Exposição sobre Sila' é apenas isso — uma exposição que descreve o funcionamento da mente humana. Através de treinar sua mente a ter sábia vergonha (*hiri*) e medo das consequências (*ottappa*), você vai naturalmente possuir contenção e cuidado no que diz respeito às regras de treinamento. Como resultado, seus desejos serão reduzidos e *sati* será mais forte. Quer esteja em pé, andando, sentado ou deitado, você estará resoluto em manter *sati* completa e constante. Vigilância surgirá em sua mente.”

Essa abordagem do Vinaya foi uma revelação para Luang Pó. Não era como se ele entendesse que Luang Pu Man dissesse que você deveria negligenciar as regras de treinamento em favor de um desenvolvimento de atenção mais abrangente, mas que *sati*, enraizada em um minucioso conhecimento das regras de treinamento, deveria basear-se na atitude correta em relação a elas.

Era um tema que Luang Pó enfatizava repetidamente em seus próprios ensinamentos. Como era uma regra de Luang Pu Man:

"Qualquer coisa que surja, e você não tenha certeza — pare. Se não há vigilância em sua mente, então não faça, não diga. Por exemplo, você pensa, 'seria isso uma ofensa ou não?' Se você ainda não sabe se é ou se não é, então não aja seguindo aquela intenção, não fale, não transgrida."

Luang Pu Man aconselhou Luang Pó que, em tempos de dúvidas, era correto procurar por professores e escutar o que eles tinham para dizer. No entanto, ele deveria manter em mente que as palavras dos outros nunca poderiam eliminar completamente suas próprias dúvidas. Cada ação inábil é precedida por uma intenção inábil; a menos que uma contenção interna seja desenvolvida, dúvidas sobre conduta nunca desaparecerão. O ponto chave era, ele disse: “se a mente completamente aceita o erro das ações erradas e a correção das ações corretas”.

Luang Pó resumiu o ensinamento que recebeu de Luang Pu Man da seguinte forma:

Esse ensinamento que ele me deu foi importante: não é que você possa “raksa” todas as regras de treinamento. É suficiente que você “raksa” sua mente.⁶⁹

⁶⁹ O verbo “raksa” em tailandês foi mantido aqui para dar ideia do jogo de palavras. “Raksa” pode significar tanto “manter” (como em, “manter os preceitos” ou “manter a sua palavra”) quanto “ter cuidado com” ou “proteger”.

Isso não significa que Luang Pó tenha chegado à conclusão de que a prática de *sati* fosse suficiente por si mesma. Quando informado sobre a visão de que um monge com *sati* seria naturalmente virtuoso, ele respondeu:

Isso é verdade, mas não é correto. Isso é correto, mas não é verdade.

Em outras palavras, isso seria colocar a carroça na frente dos bois. Embora possa ser verdade que uma inabalável *sati* proteja um monge de intenções inábeis, também é o caso que muitos poucos monges possuem tamanho nível de *sati*. A pergunta premente é, em primeiro lugar, como uma *sati* protetora é cultivada. Luang Pó insistia que a recordação das regras era um dos mais importantes meios de cultivar *sati*, estabelecido pelo próprio Buddha.

No *Āṅguttara Nikāya*⁷⁰, o Buddha dá uma lista de oito critérios que devem ser usados para decidir se um ensinamento está ou não em harmonia com o Dhamma-Vinaya. Luang Pó adotou essa lista em seus próprios estudos, e a inspiração que ele encontrou nas palavras de Luang Pu Man foi fortalecida ainda mais com o reconhecimento de que elas eram completamente congruentes com os oito fatores:

Enquanto estava ali sentado ouvindo, vi que aquilo estava de acordo com o ensinamento dos oito critérios para decidir o que é verdadeiramente o ensinamento do Buddha.

Qualquer ensinamento que não leve à acumulação de impurezas, ou ao vínculo com o sofrimento, mas que leve ao desapego do desejo, a ter poucos desejos, ao contentamento, ao isolamento, a empregar esforço, a ser alguém fácil de apoiar — esse ensinamento é o verdadeiro ensinamento do Buddha.

HIRI E OTAPPA: OS DOIS GUARDIÕES DO MUNDO

Hiri e *Ottappa* foram duas virtudes que Luang Pu Man assinalou como fundamentais para crescer no Dhamma-Vinaya. Das várias interpretações dessas palavras em português, “vergonha” e “medo” são as mais comuns, enquanto tentativas mais recentes incluem “consciência” e “cuidado”. A falta de consenso entre os tradutores aponta para a dificuldade de encontrar palavras para essas qualidades que estejam livres de conotações judaico-cristãs que não existem em seus significados originais. Talvez a característica que torna esses dois termos únicos é que eles não envolvem nenhuma ideia de um “eu” que esteja “envergonhado” ou que seja “mau”, apenas a ideia de ações “vergonhosas” ou “más”. *Hiri* e *ottappa* podem ser vistas como emoções que surgem naturalmente quando ações não sábias são vistas à sua verdadeira luz.

Neste livro, “*hiri*” é traduzido como “sábria vergonha” e “*ottappa*” como “sábio medo das consequências”. O prefixo “sábio” tem a intenção de enfatizar que essas duas virtudes são emoções positivas que devem ser cultivadas por meio de sábia consideração (*yoniso manasikāra*). Recordar-se regularmente dos seus objetivos e aspirações, de sua condição e de suas responsabilidades, possibilita à mente reconhecer quaisquer ações e falas que conflitem com eles, resultando em uma diminuição dessas ações (as escrituras comparam isso com uma pena se encolhendo e se afastando do fogo). Isso é chamado “sábria vergonha”. Recordar regularmente das consequências das ações à luz da lei do *kamma* resulta em um medo racional de ações não saudáveis: “sábio medo das consequências”.

⁷⁰ AN 8.53

Sábria vergonha, sábio medo das consequências — isso é tudo o que vocês precisam. Quando você está prestes a fazer alguma coisa, e não tem certeza se é certo ou errado, a sábria vergonha surge e você não faz aquilo. Não importa se, de fato, aquilo é certo ou errado: você desiste, por enquanto. Qualquer coisa que você não tenha certeza, não faça, não diga. Verifique com seu professor antes.

Esse é o terreno comum a todas as regras do Vinaya: cultivar a sábria vergonha e o sábio medo das consequências com relação a todos os maus karmas. Isso chega ao ponto de a intenção de matar um mosquito parecer ser a mesma do pensamento de matar um ser humano.

Se um mosquito te pica, você vai coçar a picada e mata o mosquito sem querer, então não há karma envolvido. Mas aquela morte o recorda de ser mais atento no futuro. E não ser negligente — você deve adicionar esse ponto. Você cuida do Vinaya nesse único ponto de sábria vergonha e sábio medo das consequências, e isso abarcará toda regra de treinamento. Apenas esteja certo de ter sábria vergonha e sábio medo das consequências ... e isso é o Dhamma.

SEM MAIS VONTADE DE TRANSGREDIR

Em uma das raras ocasiões em que Luang Pó referiu-se às próprias realizações espirituais, ele disse à Sangha em Wat Pah Pong que, depois de muitos anos de aplicação, seu estudo sobre o Vinaya terminou quando ele percebeu que as volições necessárias para transgredir as regras de treinamento já não existiam mais nele. Era impossível para ele agir de maneira não saudável. Ele repetiu o insight que ganhou de seu encontro com Luang Pu Man:

Esse é um ponto importante: a única verdadeira conclusão do estudo do Vinaya vem de dentro.

A declaração de Luang Pó de que a intenção de transgredir não estava mais presente em sua mente faria sentido imediatamente se todas as regras do Vinaya fossem para conter a expressão de impulsos não saudáveis. Mas existem várias regras que prescrevem atos que não são inerentemente imorais — comer depois do meio dia é um exemplo óbvio. Por que então a pureza interior de um monge resultaria inevitavelmente em ele aderir a regras não diretamente relacionadas ao surgimento da cobiça, da raiva e da delusão em sua mente? Esse é um ponto que joga luz sobre o entendimento do Vinaya encontrado em Luang Pó e seus companheiros professores da tradição de floresta tailandesa.

A visão deles é baseada sobre o fato de que o Vinaya foi passado pelo próprio Buddha. Qualquer um que requeira o ingresso na Sangha, solicita a permissão de viver de acordo com o Vinaya do Buddha. Consequentemente, através da fé na sabedoria do Buddha, ele está prometendo respeitar todas as regras do Vinaya sem ficar escolhendo quais seguir e quais não seguir. Transgredir uma regra de treinamento pode ser visto como renegar uma promessa, e é essa volição de trair um compromisso que não existe mais na mente de um monge iluminado.

Em segundo lugar, em uma passagem fundamental dos suttas⁷¹, o venerável Mahā Kassapa declina um convite do Buddha para que ele relaxasse suas práticas ascéticas quando já estava em idade avançada. Ele explicou ao Buddha que queria ser um bom exemplo para os monges mais jovens e para as gerações futuras. Era essa mesma motivação que guiava os grandes arahants na escrupulosa aderência às regras de treinamento.

A posição de que os preceitos podem ser abandonados depois da iluminação foi rejeitada por todos os grandes mestres da tradição Theravada. Eles tiveram o cuidado de evitar passar a ideia de que aqueles que atingiram um certo nível de insight estavam agora acima das regras de treinamento. O perigo que eles viam na visão de que as regras são apenas para aqueles que necessitam mantê-las é de que aquilo sabotaria a harmonia da Sangha produzida pela prática comunal das regras. Isso poderia facilmente levar a que monges corruptos ou deludidos pudessem clamar por exceções aos padrões de comportamento do grupo baseado em falsos níveis de realização. Com a superestimação de níveis de realização sempre colocando um desafio para comunidades de meditadores, um sistema no qual nenhum monge pode pleitear exceções às regras de treinamento provê segurança a todos⁷². Aqueles monges que acreditem, equivocadamente, terem atingido algum nível de iluminação estão, dessa forma, protegidos de criarem mau kamma. Seus estudantes estão resguardados de facilitar esse tipo de comportamento através da fé em seus professores e assim criando mau kamma eles mesmos.

Luang Pó liderava através do exemplo. Ele procurou estabelecer o tom no mosteiro mantendo um impecável padrão de conduta. Em todas as luas cheias e luas novas, a Sangha de Wat Pah Pong se juntava para seu mais importante e recorrente ritual: a recitação, por um de seus membros, das 227 regras do *Pāṭimokkha*. Antes de entrarem no salão de Uposatha, era requerido aos monges que se juntassem em pares e confessassem ao seu companheiro quaisquer ofensas ao Vinaya que pudessem ter cometido nos últimos quinze dias. Somente então “purificados” eles poderiam juntar-se à recitação. Luang Pó, embora livre de transgressões, sempre fazia o ritual. Depois da recitação, dava uma palestra de incentivo à Sangha na qual enfatizaria o papel da conduta moral no caminho para a iluminação.

ENJAULANDO O TIGRE

Para monges recém-ordenados em Wat Pah Pong, o Vinaya podia parecer um pesado fardo. Alguns diziam que se sentiam como se mal pudessem levantar um dedo sem quebrar uma ou outra regra. Monges sentiam-se intimidados pelo número de regras: parecia que deveriam ter muitas em mente a todo momento. Juntando isso ao desconforto causado pelas restrições de sua nova vida, poucos monges estavam livres de momentos estranhos de arrependimento por antigos hábitos e prazeres. Luang Pó dizia aos seus discípulos que fossem pacientes, que o desconforto era uma reação natural. Restringir-se aos limites do Vinaya, ele dizia, era como enjaular um tigre. Inicialmente, o tigre enjaulado ruge para as barras, mas gradualmente se acostuma ao confinamento e aceita a situação. O tigre, ele dizia, era como as impurezas:

Não é sua mente que está sofrendo; são as impurezas que estão agitadas. Seja paciente.

⁷¹ SN 16.5

⁷² Contudo, existem cláusulas de não-ofensas, como, por exemplo, casos de doença ou insanidade.

Em outra ocasião, ele comparou as impurezas e visões arrogantes a uma infecção em uma ferida, e o Vinaya como um instrumento que examina a ferida (às vezes, de forma dolorosa) para limpar a matéria estranha de modo que a cura possa ocorrer.

USO SÁBIO

Em Wat Pah Pong, conduzir-se dentro dos limites estabelecidos pelas regras de treinamento era ensinado como um meio de promover *sati* e harmonia social. Mas, como com qualquer ferramenta, sempre havia a possibilidade de que ela pudesse ser usada de forma inábil, causando mais feridas do que bem-estar. O maior perigo em enfatizar o Vinaya era ele poder ser tomado como um fim em si mesmo. Ser “estrito” poderia tornar-se um fetiche, e uma causa de orgulho espiritual. Luang Pó alertava os monges:

O Vinaya pode lhes causar todo tipo de angústia se vocês não souberem usá-lo apropriadamente.

Ele frequentemente recordava os monges de que eles precisavam usar *sati* e sabedoria para protegerem sua prática do Vinaya de sentimentos de presunção e de apego por identidade. Ele os alertava sobre se prenderem obstinadamente a interpretações particulares das regras de treinamento ou de usarem a prática do Vinaya como uma forma de exaltarem a si mesmos e denegrirem os outros:

O Vinaya é uma ferramenta para ser usada para o seu próprio cultivo. Não é uma arma para ser usada para criticar ou encontrar faltas nos outros. Ninguém pode fazer a prática por vocês, e nem vocês podem praticar pelos outros. Apenas estejam plenamente atentos à sua própria conduta.

Ele dizia aos monges para darem 90% de sua atenção à própria conduta e apenas 10% à dos outros. Ficar bravo com monges que não estavam respeitando as regras de treinamento era errar completamente o ponto do Vinaya. Dúvidas obsessivas e ansiedade sobre transgressões eram armadilhas a serem evitadas. Com tantas regras de treinamento — e com um número tão grande delas sendo complicadas por fatores mitigantes ou agravantes — não era de se surpreender que monges frequentemente se tornassem presas de dúvidas sobre sua própria integridade na prática do Vinaya. Se um monge não fosse diligente nos estudos ou não fosse tirar suas dúvidas com algum monge mais estudado, sempre haveria espaço para incerteza. Se o monge fosse predisposto a se preocupar, ele sofreria consideravelmente.

Às vezes, um anseio por pureza levava a uma obsessão com supostas impurezas. De vez em quando, um monge adotava interpretações irrealisticamente rigorosas das regras do Vinaya e isso o levava a uma desorientação ao ver sua incapacidade de mantê-las. Ele poderia até decidir desistir do treinamento definitivamente, receoso do mau kamma criado por viver a vida monástica de forma inadequada. Nos discursos de Luang Pó sobre o Vinaya, um certo monge desafortunado chamado Dam geralmente desempenhava um papel de advertência:

Alguns monges leem os textos dos comentários e começam a pensar que estão cometendo ofensas a cada minuto do dia. Esse é um sinal de falta de sabedoria. Eu falei com vocês antes sobre o Sr. Dam, de Bahn Tung, que foi monge aqui por três anos. Enquanto ele estava praticando meditação andando, vinha um pensamento à sua mente de que havia cometido uma ofensa. Ele ia até outro monge que estava praticando meditação andando próximo dele e pedia para confessar formalmente a ofensa. Então, retornava ao seu local de prática de

meditação andando, dava mais alguns passos e pensava: “Oh não! Aquilo também é uma ofensa!” Ele passava o tempo inteiro indo para lá e para cá, confessando ofensas para esse ou aquele monge. Isso começou a deixá-lo louco... Outros monges começaram a evitá-lo. Quanto mais estudava o Vinaya, pior ficava; sua mente ficou numa tormenta, duvidando de cada simples aspecto do Vinaya. Três anos de manto e ele não tinha nada para mostrar além de uma mente cheia de dúvidas.

O Sr. Dam, estrangulado por suas dúvidas, afinal abandonou a Sangha. Luang Pó apontava que, nesses casos, largar o manto era o resultado previsível para monges que acreditavam nas histórias que eles mesmos criavam com suas dúvidas.

INTENÇÃO

Intenção⁷³ é o fator chave determinante em quase todas as ofensas listadas no Vinaya. Mas dado que, em tempos de estresse, a consciência da intenção é enfraquecida, até o mais íntegro dos monges poderia ser atacado por dúvidas sobre suas ações depois do fato. Luang Pó aconselhava os monges atormentados dessa maneira a verem dúvidas como dúvidas, saberem que isso é um estado condicionado da mente, entenderem a sua natureza. Se a dúvida persistisse, e se os professores de Vinaya concordassem que houve bases reais para isso, então ele deveria confessar a ofensa.

Em certos casos de negligência “criminosa”, a intenção não é o fator decisivo. Um monge que inadvertidamente ingere álcool, por exemplo, é considerado como tendo cometido uma falta por não ter prestado atenção suficiente ao líquido que lhe foi oferecido antes de tomá-lo. Falta de respeito também pode ser um fator decisivo. Luang Pó uma vez deu o exemplo de um monge desavergonhado que comia alguma coisa acreditando que já havia passado do período limite do meio-dia, e depois descobria que, de fato, ainda não era meio-dia. Ele cometeu uma ofensa? Embora não tenha cometido a ofensa de “comer no horário inapropriado”, Luang Pó explicou que se considerava que ele tinha cometido uma ofensa menor, por ação inadequada:

A ofensa está em perder a noção do tempo, não refletir a fundo, ser descuidado e não restrito.

Para o monge esforçado, o respeito pelas regras e o comprometimento com o treinamento sempre deveriam ter precedência sobre o conforto e a facilidade. Luang Pó deu o exemplo de um monge que, longe do mosteiro, é tentado por uma oferenda de peixe malpassado — uma iguaria de Isan:

Você está em *tudong*, e durante a mendicância matinal um doador coloca um pouco de peixe enrolado em folhas na sua tigela. É tudo o que você tem para comer com o arroz. Mas quando você se senta para comer e abre o embrulho, verifica que o peixe está praticamente cru, e então você o coloca de lado⁷⁴. Você vai preferir comer o arroz puro. Você não ousa transgredir; a mente vê [a falta]. Quando você atinge esse nível, manter o Vinaya se torna mais fácil.

Luang Pó relatou aos seus discípulos como ele lidou com sua própria crise de fé quando era um jovem monge:

⁷³ Páli: “cetanā”. Também comumente traduzido como “volição” e ocasionalmente como “impulso”.

⁷⁴ Consumir carne crua ou peixe cru é proibido.

Quando vi as faltas em meu comportamento, em minha prática, em meus professores, em tudo, fiquei tão alterado que quase larguei a vida monástica. Eu me sentia quente, não conseguia dormir. Era realmente mau kamma. O kamma mora nas dúvidas especulativas. Quanto mais me envolvia em dúvidas, mais meditava, mais esforço eu colocava. Eu seguia trabalhando dessa forma sobre qualquer ponto em que minha mente estivesse emperrada. Como resultado, a sabedoria surgiu e as mudanças ocorreram de forma contínua.

Anteriormente, não estava completamente ciente sobre as ofensas por ações inadequadas, não estava interessado em nenhuma delas. Mas quando realmente entendi o Dhamma e mantive esse caminho de prática, então as ofensas por ações inadequadas se tornaram, para mim, como ofensas de expulsão.

INSTRUÇÕES DO VINAYA

Instruções formais do Vinaya em Wat Pah Pong eram intensificadas durante os três meses do retiro das chuvas. Todas as noites, depois da sessão de recitação de cânticos e de meditação, Luang Pó lia e comentava o *Pubbasikkhāvaṇṇanā*.

Eu ainda tomo o *Pubbasikkhā* como minha referência no treinamento de monges e noviços. Li o texto para a Sangha por muitos anos. Naquele tempo, sentava-me no assento do Dhamma e ensinava, até pelo menos, as onze da noite ou meia-noite; algumas noites, ia até uma ou duas da manhã. Os monges estavam interessados, aquilo era um treinamento em ouvir e então pegar o que tinha sido ouvido e refletir sobre aquilo. Se você apenas ouvisse, não acho que conseguiria entender em profundidade. Depois que você ouvia, deveria passar pelos pontos e analisá-los até entender.

Os monges e noviços podiam realmente estar interessados no Vinaya, mas as sessões até tarde da noite podiam ser extenuantes, especialmente depois de um longo dia. De um modo consagrado pelo tempo, as explicações de Luang Pó sobre as regras eram intercaladas por vívidos relatos, muitos deles engraçados, para manter sua plateia alerta.

Vários dos monges e noviços também tinham sua própria cópia do primeiro dos três volumes do texto de comentários *Vinaya Mukkha*, composto pelo supremo patriarca Phra Vajiranavarorasa, em 1913. Ele fornecia uma apresentação muito mais alinhada do Vinaya e constituía um elemento importante do currículo para os exames Nak Tam. Mas embora o *Vinaya Mukkha* ajudasse a fornecer uma aplicação básica do Vinaya, Luang Pó encorajava o estudo do *Pubbasikkhā*. Em uma ocasião ele aconselhou:

A melhor coisa é ter sua própria cópia e estudar o Vinaya por sua própria conta em sua cabana. Quando você tiver tempo livre, leia o texto e siga considerando o seu significado. Então venha, ouça as explicações e reflita sobre elas em sua totalidade. Quando você não entender alguma coisa, venha e pergunte ao professor e ele lhe dará conselhos.

Luang Pó explicava que o Vinaya consiste em um sistema complexo de convenções para serem memorizadas, contempladas e então aplicadas com *sati* e sabedoria. Proficiência no uso das regras de treinamento era para ser ganha através da prática consistente e de aprender por experiência própria. O Vinaya não fornecia um manual de instruções do tipo “corte seco” para a vida diária dos monges.

Ele é extremamente sutil e você não conseguirá gravar todas as regras em sua memória rápido o suficiente. Existem tantos detalhes para aprender que isso leva um longo tempo de estudos aprofundados com um professor e prática contínua.

Conformar-se às regras de treinamento e observâncias monásticas levava a uma redução do tempo que poderia ser, de outra forma, consumido por assuntos pequenos, e a incrementar a eficiência em conduzir os assuntos da Sangha. Isso era especialmente verdadeiro quando acompanhado por uma forte dedicação à prática.

Um grande número de monges não precisa levar ao desleixo e à desordem. É como uma centopeia. Uma centopeia tem muitas pernas e parece desajeitada, como se suas pernas fossem ficar todas enroscadas. Mas na verdade, como existe um ritmo e uma ordem nos movimentos, a centopeia anda por aí sem dificuldades. É a mesma coisa com o budismo. Se vocês praticam como verdadeiros discípulos do Buddha, é fácil. Isso significa praticar bem, praticar de forma direta, praticar com o intuito de se livrar do sofrimento, praticar com integridade. Então se existem centenas de monges ou mesmo milhares — não importa quantos haja — isso não importa, pois eles formam um todo harmonioso.

Ter o Vinaya em mente lhes dava a oportunidade de estarem cientes de velhas reações habituais e desejos mundanos, e de abrir mão deles. Em vários casos, o papel do Vinaya era o de simplificar e esclarecer escolhas ao fornecer limites para as ações. Esses limites deveriam manter-se firmes, mesmo quando motivações saudáveis pressionassem para que eles fossem ignorados. Monges não eram ensinados a reprimir sua compaixão em favor de regras e regulamentações, mas deveriam aprender como expressar essa compaixão dentro dos limites do Vinaya.

TESTANDO

Os discípulos seniores de Luang Pó recordavam com apreço das maneiras que ele utilizava as regras do Vinaya para testar a atenção deles. Enquanto estavam caminhando durante o dia, por exemplo, ele colocava um pano de banho dobrado sobre a cabeça para se proteger do sol. O Vinaya permite que um monge cubra a cabeça apenas se seu professor já estiver fazendo isso, e, ao ver Luang Pó cobrindo sua cabeça, outros monges também o faziam, com gratidão. Em algumas ocasiões, depois de passado um certo período de tempo, Luang Pó discretamente removia o pano de sua cabeça e, depois de um tempo, olhava para trás para ver se os demais monges tinham feito o mesmo. Aqueles que não tivessem feito isso, seriam advertidos por estarem sonhando acordados ou, no mínimo, receberiam um dos seus famosos olhares fulminantes.

A PRÁTICA DO VINAYA

As regras do *Pāṭimokkha* são tratadas em detalhes no *Vibhaṅga*, às vezes de forma exaustiva. A exposição de cada regra inclui uma análise palavra por palavra e vários casos que levaram ao estabelecimento daquela regra. No entanto, ainda existem áreas cinzas, para as quais não é possível haver interpretações incontestáveis. Em certos casos, prevaleceu o espírito da regra de treinamento e não sua literalidade. Por exemplo, a regra que proíbe o consumo de álcool é estendida para cobrir outras drogas que causem vício. Em casos onde a explicação de uma regra contém palavras ou frases ambíguas, ou deixe em aberto uma brecha para possíveis maus atos, grupos monásticos geralmente chegam ao próprio entendimento sobre a prática correta. Luang Pó era conhecido por estabelecer convenções em Wat Pah Pong que visavam promover *sati* em vez da conveniência. Os “Grandes Padrões” requerem que os monges decidam pela adequação de qualquer novo item não coberto no

Vinaya Piṭaka, decidindo se ele é mais parecido com as coisas que o Buddha proibiu, ou com as coisas que ele permitiu. Baseado nesse critério, dirigir um carro, por exemplo, é proibido, enquanto viajar de avião é permitido.

TOMAR O QUE NÃO FOI DADO

Existem quatro ofensas de expulsão (*pārājika*) listadas no *Pāṭimokkha*⁷⁵. Um monge que cometa qualquer uma delas perde o status de monge no momento em que comete a ofensa e não pode ser reintegrado à Sangha depois disso.

É como um homem que, tendo sua cabeça cortada, não pode sobreviver sem ela ... uma folha ressecada retirada de seu caule jamais pode se tornar verde ... um bloco sólido de pedra quebrado em dois não pode voltar a ser apenas um ... uma palmeira cortada na base é incapaz de seguir crescendo. - Vin Mv 1.65

Um monge dedicado que comece a suspeitar que possa ter cometido uma ofensa de expulsão sofre intensamente. “Será que ainda sou um monge?” é um dos pensamentos mais estressantes que um monge pode ter que suportar. A quarta ofensa de expulsão, que envolve mentir sobre a própria realização espiritual, é a que dá aos monges mais espaço para dúvidas. Mas o segundo *pārājika*, “tomar o que não foi dado” pode também tirar o sono de um monge.

Nessa regra, o valor do objeto do qual o monge se apropriou afeta a severidade da ofensa. Se o objeto é sem importância — vale menos que um “*pāda*” — a escritura determina como uma ofensa menor, não digna de expulsão. Mas no mundo atual, como podemos estimar o valor de um “*pāda*”? Embora os comentários definam um *pāda* por seu peso em ouro, ao simplesmente calcularmos o valor atual do mesmo peso em ouro (como várias comunidades monásticas fazem) requer ignorar o papel que o ouro tem hoje no sistema econômico internacional. O valor de mercado hoje é tanto inflado quanto variável. Dos casos citados nas escrituras nos quais os monges foram considerados culpados por roubo, um *pāda* parecia ser uma quantidade bem pequena de dinheiro, mas nenhum padrão exato pode ser deduzido pelos exemplos. Se um monge pegou absolutamente qualquer coisa que não pertença a ele, a persistente dúvida que acompanha o seu remorso é se o item é ou não digno de expulsão.

Luang Pó lidava com essa ambiguidade adotando a posição do *Pubbasikkhā*, que simplesmente traduz o antigo *pāda* indiano como o *baht* tailandês (eles são, na verdade, a mesma palavra). Quando o *Pubbasikkhā* foi publicado pela primeira vez no século XIX, um *baht* tailandês podia comprar uma vaca e então a tradução elevou a referência para a expulsão a um nível bastante alto. Mas na metade da década de 1950, o *baht* tailandês tinha perdido muito do seu valor e passou a valer cada vez menos conforme o tempo passou. Em opção para essa convenção, Luang Pó efetivamente estabeleceu a abordagem de “tolerância zero” para desonestidade. Ao fazer isso, pode-se fazer a objeção de que ele estava distorcendo o Vinaya, efetivamente abolindo a ofensa menor referente a pequenos roubos.

A posição de Luang Pó era de que um monge preparado para roubar até o mais pequeno dos itens não tinha lugar em seu mosteiro. O roubo de qualquer item levaria à expulsão de Wat Pah Pong, não necessariamente à expulsão da Sangha. Se um monge cometesse o roubo de um pequeno item e estivesse seguro em sua mente de que não tinha cometido uma ofensa *pārājika*, poderia

⁷⁵ Resumidamente, elas são: relação sexual; roubo; matar um ser humano; e dizer falsamente que tem uma realização espiritual.

simplesmente deixar o mosteiro e ir a outro lugar. Ele era o dono do seu kamma. Luang Pó não insistia que sua interpretação fosse a única correta, mas era aquele o padrão de honestidade que ele esperava que seus discípulos tomassem para suas vidas.

Como um treinamento da mente, essa interpretação da regra encorajava monges a darem grande atenção e cuidado para a forma como lidavam com o mundo material. Eles sabiam que um momento de desatenção podia significar horas ou dias de agitação mental. Esperava-se de um monge que pegasse uma caixa de fósforos do altar, ou mesmo apenas um fósforo, que ele informasse a outro monge que ele estava fazendo aquilo. Como um benefício secundário, o leve embaraço de ter que informar aos demais até os seus mínimos atos de consumo fez muito por nutrir o espírito de frugalidade no mosteiro.

OFERENDAS

A quadragésima regra de treinamento na sessão “Confissões” (*Pācittiya*) do *Pāṭimokkha* lida com a forma pela qual os monges podem receber alimentos e medicamentos. Ela estipula que o monge deve receber as oferendas diretamente em suas mãos, ou em um recipiente, ou em um pano que esteja segurando. Para que a oferenda seja considerada legítima, o doador deve estar dentro da distância de um braço do monge.

Mas existem zonas cinzas. Qual é o procedimento correto, por exemplo, se um monge toca em um alimento com a crença equivocada de que ele já foi oferecido a outro monge? Ao perceber o engano, ele deve pedir para que um leigo ofereça formalmente a comida para consertar o erro? Ou essa comida seria “não permitida”? Sobre esses assuntos, as escrituras não dizem nada. Em Wat Pah Pong, Luang Pó estabeleceu a regra de que um monge desatento que tocasse um recipiente contendo comida não oferecida estaria proibido de consumi-la. Contudo, assim que o recipiente fosse oferecido da maneira apropriada, o resto da Sangha poderia compartilhar. Se um monge reposicionasse ou apenas levantasse o recipiente de onde ele havia sido colocado, então nenhum monge poderia consumir aquele alimento. Essa regulamentação expressava um tema comum: dada a ambiguidade do texto, Luang Pó estabeleceu uma convenção que punia a desatenção e privilegiava *sati*.

Conforme Luang Pó tornou-se mais famoso, nos fins de semana geralmente havia pessoas da cidade de Warin, da cidade de Ubon ou mesmo de outras partes da Tailândia indo ao mosteiro para fazer oferendas de alimentos para a refeição diária da Sangha. Mas nos primeiros anos de Wat Pah Pong, quando os vilarejos que davam suporte ao mosteiro eram pobres e Luang Pó, relativamente desconhecido, a dieta era austera. No entanto, de vez em quando, um doador da cidade vinha com um grande pote de *curry* e outras opções diferentes de alimentos. Para a Sangha, aquilo era algo especial. Em uma conhecida ocasião, depois que um monge pegou um grande pote de *curry*, equivocadamente, assumindo que ele já tinha sido oferecido, Luang Pó fez com que o pote fosse enviado aos noviços e às monjas. Para os monges, aquele foi um ensinamento prático sobre as consequências da falta de atenção que eles não esqueceriam tão cedo.

(NÃO) SE RELACIONANDO COM MULHERES

Dado que o celibato é uma das características que definem o monasticismo budista, não é de se surpreender que a má conduta sexual seja considerada uma das mais graves ofensas ao código monástico. O Vinaya condena qualquer tipo imaginável de atividade sexual, e as escrituras mostram os mais ingênuos (e até cômicos) detalhes no esforço por esclarecer a extensão das proibições. A

continência sexual não é vista como um fim em si mesmo, mas sim como um importante elemento do treinamento. Através da abstinência de qualquer expressão do desejo sexual, monges dão a si mesmos a oportunidade de isolar a sede por sensualidade como um fenômeno mental condicionado, de reconhecer sua insatisfatoriedade inerente e de descobrir meios de se libertarem de sua dominação.

Escândalos sexuais monásticos dão manchetes de primeira página em jornais tailandeses. Em comunidades leigas budistas, nada excita as fofocas de forma tão rápida; nada destrói a fé em um mosteiro de forma tão fácil. Ao mesmo tempo, com o bom nome da Sangha sendo tão ligado ao compromisso sincero de renunciar aos prazeres mundanos, nada realça tanto a reputação de um mosteiro quanto a ausência desse tipo de escândalos. Luang Pó sabia bem que uma ordem mendicante podia florescer apenas quando inspirasse a boa vontade e o respeito da comunidade leiga, e ele fez um grande esforço para impedir que qualquer tipo de impropriedade sexual ocorresse em seu mosteiro. Foi notoriamente bem-sucedido. Agora em sua septuagésima década, Wat Pah Pong se mantém intocado até de meros rumores de escândalos.

O método de Luang Pó era simples: tanto quanto possível, ele evitava qualquer contato social entre monges juniores e monjas ou mulheres leigas. A separação entre monges e monjas em Wat Pah Pong era absoluta — era como se vivessem em mundos separados. Sua lógica era de que as mais sérias transgressões ocorrem quando um monge permite que pequenas transgressões se tornem um hábito e adquiram uma aura de normalidade. Gradualmente, o ponto no qual um monge começa a sentir que está agindo de maneira inapropriada recua. O terreno escorregadio que leva à manifestação da conduta sexual equivocada se abre diante dele. Não permita que mesmo as mais inocentes interações ocorram, raciocinava Luang Pó, e você corta o problema pela raiz.

Certamente, o lado mais resolutivo e intransigente de Luang Pó veio à tona em sua atitude nessa área do treinamento. Ele sentia que, em sua própria batalha contra o desejo sexual, foi a devoção ao Vinaya que o manteve na via monástica e deu-lhe o espaço no qual desenvolver as habilidades meditativas e o insight que lhe permitiram por fim, transcendê-lo. Luang Pó percebeu, com o passar dos anos, que nada poderia tirar um jovem homem tão facilmente da vida monástica quanto o desejo sexual e, por essa razão, ele não permitia nada que pudesse provocar aquilo desnecessariamente. Falando aos monges mais jovens, ele ecoaria as palavras do Buddha para o Venerável Ānanda:

Corte isso, dessa forma, logo de princípio. Não olhe para elas. Se for necessário vê-las, não fale com elas. Mas o que fazer se tiver que falar com elas? Esteja muito atento. Essa é a forma de praticar com relação às mulheres. Tudo o que é preciso é que seus olhos se encontrem com os delas e está feito — você pode ficar completamente hipnotizado por um mês ou dois, talvez até a sua morte.

“Morte” aqui significa largar o manto. Proteger o próprio monasticismo era considerado uma batalha de vida ou morte. O tom dessas advertências era frequentemente feroz, mas suavizado com irônico bom humor quando Luang Pó falava sobre os mais constrangedores pensamentos que poderiam surgir em uma mente tomada por luxúria:

Assim que ela se levanta do seu assento, você pode até se coçar para ir até lá e tocar o local onde ela estava sentada — isso é o que o Buddha chamava de desejo.

Para qualquer um não familiarizado com as dificuldades da vida monástica, a abordagem de Luang Pó pode parecer draconiana. Mas ela era baseada no conhecimento de como uma mente que não é

firme pode se aferrar à menor recordação de uma excitação. Perder a presença mental em uma conversa com uma jovem mulher poderia dar um pesado golpe na meditação de um monge.

Ela foi embora, e você ainda pode ver o rosto dela. É uma imagem que gruda. Você se senta sozinho com ela e ela lhe conta tudo sobre sua vida; e três anos depois, você ainda consegue ouvir as palavras dela em seus ouvidos, em seu coração. É um desastre. Não socialize com mulheres. É perigoso.

Luang Pó dava ele mesmo um exemplo impecável. Ele nunca ficava sozinho com uma mulher sob nenhuma circunstância. Recebia convidados debaixo de sua cabana em uma área aberta dos três lados, na parte central do mosteiro. Apenas falava com mulheres tendo ao menos um monge, um noviço, ou um leigo, presentes como companhia. Essa restrição não era apenas por respeito ao Vinaya e pelo desejo de ser um bom exemplo para seus estudantes. Embora as próprias ações, falas e mente de Luang Pó pudessem estar além de quaisquer críticas, ele não podia assumir o mesmo para as pessoas que vinham vê-lo. Em sua posição, era imperativo que se protegesse de dar a alguém mal-intencionado os menores motivos para calúnias ou insinuações.

PAVĀRAṆĀ

Uma das políticas que distinguiam Wat Pah Pong da maioria dos mosteiros da Tailândia era a recusa por parte de Luang Pó em sancionar qualquer tipo de esquema para levantar fundos. Ele acreditava que se a Sangha praticasse bem, quaisquer fundos genuinamente necessários ao mosteiro apareceriam por si mesmos quando fosse hora. Pedir doações era tanto desnecessário quanto inapropriado.

Ele frequentemente dizia que não concordava com a visão comum de que a palavra “*bhikkhu*” era derivada de “mendigo”. Monges nunca deveriam ver a si mesmos como pedintes, ele dizia, porque se eles fizessem isso, seria natural fazerem solicitações. Luang Pó apontava que o Vinaya não permitia aos monges pedir, solicitar ou mesmo “dar pistas” de qualquer coisa que não fosse água para beber a qualquer pessoa que não fosse um parente de sangue ou leigos que oferecessem “*pavāraṇā*”.

Uma oferenda de *pavāraṇā* (literalmente: convite) ocorre quando uma pessoa leiga formalmente anuncia a um mosteiro ou a um monge individual que ele ou ela gostariam de oferecer um convite aberto para requisitos. *Pavāraṇā* é mais comumente financeiro: ele pode, por exemplo, consistir em um oferecimento para pagar pela viagem de um monge ou pelos custos de um tratamento médico. *Pavāraṇā* pode ser também o oferecimento de habilidades tais como carpintaria, serviços de encanador ou cozinhar. *Pavāraṇā* pode ser limitado pelo doador para um serviço em especial ou pode ser aberto: pode ou não ter um tempo limite. Um convite ilimitado, considerado o mais meritório, geralmente tem o formato de: “gostaria de oferecer um *pavāraṇā* permanente para qualquer coisa que o senhor necessitar”. Luang Pó explicou esse princípio da seguinte maneira:

Você pode fazer o *pavāraṇā* verbalmente: “Venerável, eu lhe ofereço um convite para os quatro requisitos”. Pode ser por toda a vida se você quiser, ou por cinco meses, um único mês ou por apenas sete dias. Faça *pavāraṇā* para coisas importantes, como passagens de ônibus ou trem ... coisas que estejam no escopo dos quatro requisitos, como medicamentos ... Mas esteja certo de que você apenas ofereça *pavāraṇā* para um monge adequado. Não faça o convite para um monge que não sabe nada do Vinaya — ou depois de algum tempo, ele vai lhe pedir tantas coisas que você vai se ver completamente falido.

Você pode dizer ao monge: “Eu e minha família gostaríamos de oferecer-lhe *pavāraṇā* pelo tempo que a vida dure. Por favor, sinta-se à vontade para pedir qualquer requisito apropriado a qualquer tempo. Se eu não estiver disponível, você pode fazer a solicitação à minha esposa ou filhos.” Um convite ilimitado como esse é um meio verdadeiramente excelente de alcançar riqueza espiritual. Sem que você faça nada, o mérito (*puñña*) se acumula constantemente. É uma coisa muito boa de se fazer.

Enquanto a oferta de um *pavāraṇā* pode resultar em que chefes de família sem discernimento fiquem vulneráveis ao abuso de generosidade, o protocolo do *pavāraṇā* também os protege. Em culturas budistas, como a Tailândia, leigos budistas acham muito difícil recusar a solicitação de um monge, mesmo que não se sintam confortáveis com a solicitação. Quando chefes de família estão cientes de que, quando um monge está solicitando doações sem que *pavāraṇā* tenha sido oferecido, ele está, na verdade, quebrando uma regra do Vinaya, eles podem recusar o pedido sem medo de estarem realizando mau kamma. Na verdade, eles percebem que atender a demanda seria encorajar o monge a um comportamento impróprio.

Luang Pó se esforçava para ser um bom exemplo. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, quando as condições do mosteiro eram espartanas, ele se recusava a tirar vantagem da permissão de solicitar suporte aos membros da sua família. Em Wat Pah Pong, monges não eram autorizados a aceitar *pavāraṇā* pessoal. Contudo, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos monges saíam em *tudong* ou estabeleciam seus próprios mosteiros e ele se certificava de que eles estavam preparados. Continuamente instruía os monges a serem circunspectos em aceitar qualquer tipo de *pavāraṇā*:

Mesmo que os leigos ofereçam *pavāraṇā*, você deveria se imaginar na posição deles. Eles têm famílias para cuidar e ganhar a vida é difícil. Nenhum de vocês nunca teve que criar uma família. Vocês sabem que às vezes as pessoas não têm nenhum centavo em casa? Mesmo que tenham oferecido, você precisa considerar a causa, a hora e o local. Não assumam que pelo fato de eles terem feito a oferta, no momento em que um pensamento de que você precisa de algo passe pela sua cabeça, você pode ir e pedir a eles. É assim que coisas desnecessárias começam a se parecer necessárias. Você se torna uma pessoa sem consideração e começa a seguir suas impurezas e desejos. Isso é desleixo e vai te levar à queda livre.

Preocupação pelos leigos não era a única consideração de Luang Pó. *Pavāraṇā* individual pode criar um vínculo entre monge e doador que tem efeitos danosos à prática do monge.

Onde quer que você esteja, seja como um touro selvagem; não seja como um touro de vilarejo. Um touro selvagem é livre. Ninguém coloca uma corda em seu nariz e o guia para onde quer. Um touro de vilarejo é amarrado a um poste. Onde quer que você vá, não permita que leigos te deem um suporte tão bom, ao ponto de você se apegar a isso. Não deixe que eles te amarrem como um touro de vilarejo. Vivam livres como um touro selvagem, livres para ir ou para ficar.

DINHEIRO

A décima oitava regra da sessão de “Confissões de Confisco” (*Nissaggiya Pācittiya*) do *Pāṭimokkha* proíbe monges de aceitarem ouro e prata ou qualquer forma de moeda, ou de assumirem a posse sobre fundos mantidos para eles. Hoje na Tailândia é raro encontrar monges, fora da tradição de

floresta, que mantenham essa regra de forma estrita⁷⁶. Desconsideração a ela é, sem dúvida, uma das maiores causas de corrupção nas comunidades monásticas Theravada. Rivalidades e ciúmes entre monges, mundanidade e consumo ostensivo são consequências disso.

Luang Pó acreditava que era a renúncia ao dinheiro, ao poder e à tentação que vêm com ele, que garantia a integridade e a longevidade da Sangha. Ele achava que a desconsideração generalizada a essa regra era algo vergonhoso. Em uma ocasião, Luang Pó foi informado que uma grande quantia de dinheiro havia sido descoberta na cabana de um monge sênior em Bangkok que havia morrido repentinamente. Ele comentou que não podia pensar em nenhuma desgraça maior, em nenhuma traição maior ao monasticismo de alguém, do que armazenar um monte de dinheiro e ter aquilo descoberto no momento da sua morte.

A política de Luang Pó com relação às oferendas financeiras era linha dura. Ele se recusava categoricamente a permitir urnas de doação no mosteiro. Acreditava que monges deveriam ser completamente desinteressados de assuntos financeiros e absolutamente não envolvidos com eles. Achava que urnas de doação eram solicitações sutis de fundos, e consequentemente algo não ético.

Mé chi Bunyu recordava:

"Quando leigos ofereciam dinheiro, havia um atendente presente para recebê-lo e assim Luang Pó não precisava ser envolvido. Se o atendente fosse "morder" algo daquilo, então ele poderia fazê-lo até vomitar. Às vezes, o atendente não estava lá e, nesse caso, os doadores colocavam o dinheiro no livro de doações. Luang Pó ignorava isso completamente. Às vezes, o dinheiro desapareceria do livro de doações. Ele nunca conduziu nenhum tipo de investigação para tentar encontrar quem havia pego aquele dinheiro, ou mesmo perguntava se alguém havia visto algum suspeito próximo da cabana. Dizia que alguém devia ter precisado do dinheiro."

A recusa em usar urnas de doação foi um aspecto do legado de Luang Pó, pelo menos, que seus discípulos se sentiram incapazes de preservar. Como a Tailândia cresceu constantemente em prosperidade pelos últimos trinta anos, o número de doações fluindo para os mosteiros aumentou proporcionalmente. Em resposta a isso — e depois de um acalorado debate — os anciões de Wat Pah Pong concordaram em permitir urnas de doação em todos os mosteiros afiliados, mas com a premissa de que elas deveriam ser as mais discretas possíveis. Doadores leigos tinham que ser confiantes de que suas doações chegariam aos destinatários de suas intenções.

Durantes seus primeiros anos como monge em mosteiros de vilarejo, Luang Pó seguia o costume que prevalecia, de receber e usar dinheiro. Mas assim que ele prosseguiu com seus estudos do Vinaya, percebeu que não poderia mais justificar essa prática para si mesmo. O dia em que ele renunciou ao dinheiro foi uma das viradas em sua vida monástica.

Por mais de dois meses do retiro das chuvas, eu não conseguia decidir. Então, um dia já próximo do final do retiro, peguei o dinheiro da minha bolsa — havia algumas centenas de *bahts* — e decidi que tinha chegado a hora. No momento em que tomei a decisão, tive uma sensação de alívio. Na manhã seguinte, levei a bolsa com o dinheiro para um amigo, um monge estudioso e a joguei para ele onde ele estava lavando o rosto. "Pegue isso", eu disse,

⁷⁶ A regra tem sido causa de discussões por mais de dois mil anos. Hoje, a maior justificativa para desconsiderá-la é o argumento de que a vida no mundo moderno tornou a manutenção dessa regra algo nada prático. Suporte para essa posição é baseada no fato de que, como a regra expressamente só proíbe ouro e prata, ela não se aplica ao dinheiro como o conhecemos hoje (no entanto, como a definição de "ouro e prata" no texto do Vinaya deixa claro que o termo inclui "todas as formas de moeda de troca", essa é uma interpretação problemática).

“e use para os seus estudos. Não se preocupe comigo, estou abrindo mão disso. Decidi na noite passada. Por favor, seja minha testemunha: enquanto eu viver, sob nenhuma circunstância, jamais tocarei em dinheiro novamente”. E manteve a minha palavra.

Monges que vieram visitar Wat Pah Pong eram frequentemente inspirados pela ideia de abrir mão do dinheiro, mas ficavam receosos sobre serem capazes de sobreviver sem ele; seus mosteiros não tinham um fundo central para uso da Sangha. Luang Pó começava falando para eles em termos puramente pragmáticos:

Onde quer que nossos monges vão, não temos dinheiro para passagens de ônibus, mas as pessoas nos oferecem caronas. É melhor do que carregar dinheiro por aí. Se você não tem nenhum dinheiro, não quer dizer que você não vai ser capaz de ir a lugar nenhum. É ainda melhor do que antes. Se você não tem uma passagem de ônibus — comece a andar. Não vai demorar muito e alguém vai lhe oferecer uma carona.

Tendo tranquilizado a mente sobre a praticidade de renunciar ao uso de dinheiro, Luang Pó explicava que os leigos budistas se sentem inspirados por monges que se recusam a usar dinheiro e regularmente oferecem assistência a eles. Abrir mão do uso de dinheiro não os deixaria sem requisitos básicos e permitiria que a relação simbiótica entre monásticos e leigos, concebida pelo Buddha, se afirmasse por si mesma.

Mas, na prática, a vantagem de abrir mão do uso de dinheiro ia além. Ao renunciar ao uso de dinheiro, por respeito à vontade do Buddha, os monges experimentavam um considerável ganho espiritual. Se eles treinassem a si mesmos para nunca pedirem nada, sempre dispostos a se absterem, então eles estariam cultivando uma das principais virtudes monásticas, o contentamento e ter poucos desejos.

Em uma ocasião, um monge que veio ficar em Wat Pah Pong questionou Luang Pó sobre o uso de dinheiro. Ele disse que era verdade que ele mantinha dinheiro, mas que não havia nenhuma falta envolvida, pois ele usava o dinheiro sem se apegar a ele. Luang Pó respondeu de forma seca:

Se você puder comer um pacote inteiro de sal sem ficar com um gosto salgado na boca, então vou acreditar em você.

As proibições do Vinaya sobre aceitar e usar dinheiro fazem parte de um complexo conjunto de regras e protocolos estabelecidos pelo Buddha para dirigir a relação entre a Sangha e a comunidade leiga. O Buddha permitiu a designação de um atendente leigo para aceitar doações monetárias e para os monges que o informassem sobre quaisquer necessidades de usá-las. A mais importante característica desse arranjo era de que monges somente poderiam seguir livres de transgressões contra o Vinaya, ao não assumirem poder sobre o dinheiro, nem o considerarem como sendo deles. Eles deveriam considerar o dinheiro como um fundo que, ao menos tecnicamente, ainda pertencia ao doador e seguiria pertencendo a ele até que fosse gasto. Em Wat Pah Pong, e outros mosteiros na Tailândia onde a regra era escrupulosamente mantida, doações consistiriam na oferta em um pedaço de papel – de um “recibo de pavāraṇā” — informando ao monge ou à Sangha que o doador havia oferecido um fundo de tal e tal valor para requisitos, enquanto o dinheiro propriamente dito seria depositado com o atendente leigo.

Todas as doações feitas em Wat Pah Pong iam para o fundo central. Ninguém, incluindo o próprio Luang Pó, tinha uma conta bancária pessoal. A conta em nome do mosteiro era administrada por um pequeno comitê de apoiadores leigos, com o secretário do comitê mantendo Luang Pó informado

das receitas e dos gastos. Quando fundos eram necessários para um projeto específico, Luang Pó informava ao secretário, e o comitê organizava o saque necessário junto ao banco.

Enquanto várias das regras envolvendo dinheiro, panos (tecidos) e acomodações são encontradas na sessão *Nissaggiya Pācittiya* do *Pāṭimokkha*, a maioria das regras que definem a vida de um monge são encontradas na sessão seguinte do *Pāṭimokkha*, chamada *Pācittiya*. Essas incluem abster-se de tirar qualquer vida, cavar a terra, sentar e conversar sozinho com uma mulher e comer depois do meio-dia. Transgressões às regras de treinamento, exceto a mais séria categoria que requer penalidade e reabilitação (*saṅghādisesa*), são confessadas e purificadas antes da recitação quinzenal do *Pāṭimokkha* através da seguinte fórmula:

"Amigo, eu cometi uma ofensa dessa ou daquela regra. Eu confesso."

"Você vê [a ofensa]?"

"Sim, eu a vejo."

"Você deve ser mais comedido no futuro."

Essas sessões ofereceram apenas meros vislumbres das regras de treinamento do *Pāṭimokkha* e como elas eram praticadas em Wat Pah Pong; uma exposição mais completa está além do escopo desse livro. Agora voltaremos a atenção para as observâncias que suplementam essas regras.

III. OBSERVÂNCIAS: ADICIONANDO CAMADAS

Talvez seja surpreendente que a maioria das convenções que determinam a vida diária de um monge seja encontrada nos protocolos, permissões e prescrições dos *Khandhakas* em vez de nas regras do próprio *Pāṭimokkha*. Por exemplo, os procedimentos altamente detalhados para as reuniões formais da Sangha — incluindo as cerimônias de ordenação e Uposatha — aparecem nos *Khandhakas*, assim como as medidas a serem tomadas ao lidar com disputas. Os *Khandhakas* contêm a maior parte das instruções que dizem respeito à relação do monge com os quatro requisitos: mantos, comida de mendicância, moradia e medicamentos. A maioria dos pontos refinados da etiqueta monástica também são encontrados lá.

Uma divisão quádrupla do treinamento do monge em virtude moral aparece na tradição comentada. Enquanto a primeira parte lida com a contenção dentro dos limites estabelecidos pelo *Pāṭimokkha*, as três partes remanescentes — as virtudes da restrição dos sentidos, do meio de vida puro e do uso sábio dos requisitos — estão principalmente nos *Khandhakas*. Outro conjunto de práticas ao qual se dava uma ênfase especial no treinamento em Wat Pah Pong, conhecido como “as catorze tarefas” (*kiccavatta*), também está detalhado nos *Khandhakas*.

O *Pāṭimokkha* é mais relacionado a ações e falas inábeis que os monges devem evitar; as ações e falas hábeis que eles devem cultivar em seu lugar estão apenas implícitas. Nas prescrições encontradas nos *Khandhakas*, existe um equilíbrio maior entre as coisas a serem evitadas e aquelas recomendadas ou reconhecidas como legítimas pelas palavras do Buddha: “monges, eu lhes permito...” O número de prescrições é tão grande que, uma vez perguntado sobre quantas elas eram, Luang Pó respondeu: “Zilhões!”

Dado que tantas prescrições são mencionadas nos textos, e que nem todas elas estão livres de ambiguidades, é compreensível que variações de ênfase e interpretação surjam mesmo dentro da

tradição de floresta tailandesa. Enquanto um observador leigo pode ver essas diferenças como pequenas, elas podem parecer significantes para os monges, à medida em que elas contribuem com seu senso de linhagem.

Há, por exemplo, duas formas pelas quais os monges de Wat Pah Pong podem ser diferenciados visualmente de outros monges de floresta. Primeiro, eles raspam suas cabeças duas vezes por mês em vez de apenas uma (o Vinaya apenas especifica um comprimento máximo para o cabelo). Esse procedimento mais frequente vinha da visão de Luang Pó de que, ao final de um mês, o cabelo de um monge estaria do mesmo comprimento do cabelo de um leigo e pareceria desarrumado. Segundo, os monges de Wat Pah Pong vestem o manto inferior de uma forma única, enrolando-o em vez de dobrá-lo⁷⁷ (o texto do *Khandhaka* não é claro com relação ao método de trajar esse manto). Esse estilo era resultado da convicção de Luang Pó, nascida de seus estudos, de que os monges de antigamente vestiam seus mantos dessa maneira. Luang Pó adotou essas duas práticas para ele mesmo, e quando estabeleceu Wat Pah Pong, elas se tornaram um padrão para a Sangha. Como um subproduto, essas duas pequenas, porém distintas variações da norma, fortaleciam o senso de identidade entre os discípulos de Luang Pó.

Uma ideia da abrangência das observâncias monásticas pode ser obtida, focando em algumas das práticas prescritas para o uso da tigela e dos mantos. Um monge possui oito requisitos básicos: os três mantos principais, uma tigela, um cinto de pano, agulha e linha para remendar os mantos, uma lâmina para raspar a cabeça e a barba e um filtro d'água. Desses oito, a tigela e os mantos são os que se tornaram os mais emblemáticos de um monge. O monge aparece ao mundo com uma cabeça raspada e vestido com mantos simples e sem adornos, que representam a sua renúncia a quaisquer adornos físicos. Ele carrega uma tigela, representando que ele é um mendicante, aquele que entregou todo o controle de seu bem-estar físico à bondade dos outros.

O grande número de regras de treinamento e observâncias que regem a relação de um monge com sua tigela e mantos mantêm esses requisitos em destaque em sua mente. Ao ter que voltar sua mente a eles, recorrentemente, como objetos de atenção, não pode evitar de desenvolver, com o passar do tempo, um profundo senso de respeito e apreciação por eles. Ele nunca pode ser complacente com o uso da tigela e dos mantos.

MANTOS

Práticas relacionadas aos mantos demonstram o modo como as observâncias seguem muito de perto o *Pāṭimokkha*. Regras de treinamento regem como um monge pode adquirir tecido e por quanto tempo pode guardá-lo antes de fazer dele um manto. Uma regra estipula que um monge nunca deve estar fisicamente separado de seus três mantos ao amanhecer. Como resultado, a atenção à localização dos seus três mantos (ele apenas utiliza os três simultaneamente em ocasiões formais ou na mendicância matinal) gradualmente se torna parte da consciência do monge. Um monge também deve rapidamente remendar qualquer buraco em seu manto. Para encorajar diligência, Luang Pó ensinou que qualquer buraco “grande o suficiente para que um grão de arroz passe através dele” deveria ser reparado no mesmo dia em que aparecesse. As observâncias, enquanto isso, forneciam um guia sobre como confeccionar um manto, a forma correta de vesti-lo e de cuidar dele.

Luang Pó esperava que todos os seus discípulos aprendessem como cortar, costurar e tingir seus próprios mantos. Considerava a confecção dos mantos como sendo um elemento essencial da

⁷⁷ Veja Apêndice I

tradição da Sangha de floresta. Era estritamente proibido para monges aceitarem, como presentes, mantos prontos comprados em lojas; aceitar esse tipo de manto era visto como algo que sabotava uma tradição vital. Ele ensinava que confeccionar os próprios mantos promovia um espírito de cuidado, autossuficiência e orgulho saudável pelo manto. Usar mantos produzidos comercialmente, por outro lado, levava à falta de atenção e à falta de respeito por esse requisito vital, exaltado nas escrituras como sendo “a bandeira dos arahants”.

Apenas depois de um monge ter remendado seu manto várias vezes, ele teria coragem de pedir a Luang Pó permissão para fazer outro manto. Se fosse permitido, sua próxima parada seria o depósito de tecidos do mosteiro onde ele solicitaria um rolo de pano branco de algodão.

Cortar o tecido para um manto de um monge budista é algo bastante descomplicado. Cada manto consiste de um simples retângulo de pano. Enquanto o manto inferior é frequentemente feito de apenas um pedaço de pano, o manto superior e o manto exterior consistem, ambos, de um certo número de retângulos menores costurados separadamente e então reunidos. Um padrão de barras e emendas é costurado no tecido, cujo desenho, atribuído ao Buddha, seria baseado na aparência dos campos de arroz do nordeste indiano. Esse padrão divide o manto em sete ou nove grandes seções. Uma larga ou bainha é então costurada em volta do manto. Pequenos laços são costurados nos cantos e no pescoço dos dois mantos maiores. Eles ajudam a manter o manto composto, cobrindo os dois ombros, em ocasiões como quando se vai sair do mosteiro para recolher esmolas de alimentos. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, quando os monges costuravam à mão, costurar mantos era uma atividade comunitária. Depois de alguns anos, máquinas de costura a pedal começaram a ser oferecidas ao mosteiro, permitindo que cada monge pudesse costurar seu próprio manto⁷⁸.

Depois que um monge tinha cortado e costurado o pano branco de algodão, ele dava ao seu novo manto a distinta cor ocre com uma tintura produzida através da fervura de lascas do tronco da jaqueira. Uma vez que o monge completasse o tingimento, guardava o manto cuidadosamente até a próxima ocasião apropriada, na qual, formalmente, solicitaria seu novo manto à Sangha. Recebendo a bênção da Sangha, ele recitava as palavras abrindo mão de seu velho manto (ele deve possuir somente uma peça de cada um dos três mantos principais) e então recitando outra fórmula em páli, “determina”⁷⁹ o novo manto para uso. Sua tarefa final — uma lembrança para não se tornar apegado à beleza do novo manto — é fazer nele um pequeno ritual de desfiguração (hoje em dia, comumente feito com uma caneta esferográfica).

O manto precisa de muita atenção cuidadosa. Se não tiver sido adicionado agente fixador na tintura, a cor do novo manto tende a sair facilmente quando, por exemplo, o suor adere a ele ou — desastrosamente — chove nele. As propriedades adstringentes da tintura da jaqueira permitem que uma fraca solução de tintura seja efetiva para lavar os mantos. Na verdade, é o único agente viável para lavá-los; detergente deve ser evitado porque ele drena a cor e faz com que o manto fique com um odor desagradável. Pelos primeiros meses, os novos mantos devem ser lavados com uma quantidade de água apenas suficiente para umedecer todo o manto, sem excesso, para prevenir a perda da cor. Enquanto o manto seca, ele deve ser constantemente mudado de posição no varal para evitar que muita tintura não fixada comece a escorrer na direção da barra, e para assegurar que a corda do varal não vai deixar nenhuma marca no manto.

⁷⁸ Nos últimos anos, costurar os mantos à mão tornou-se algo novamente popular em Wat Pah Pong e em seus mosteiros afiliados.

⁷⁹ Determinar (um manto): Ver Glossário.

Uma das observâncias menos populares, uma que Luang Pó herdou de Luang Pu Man, requeria que os monges de Wat Pah Pong usassem todos os seus três mantos sempre que saíssem do mosteiro. Isso requeria que o manto externo de duas camadas fosse vestido sobre o manto superior — garantindo conforto nas manhãs de inverno, mas sendo uma experiência extremamente desconfortável no verão. Era algo comum em março e abril avistar monges voltando de sua mendicância matinal às sete da manhã com seus mantos já marcados por suor.

Se um monge reclamasse sobre a quantidade de observâncias que deveria manter em mente, Luang Pó explicava que elas eram os meios pelos quais *sati* era enraizada no corpo, na vida diária. Mais do que isso, explicava, elas atuavam como um escudo prevenindo hábitos mentais e comportamentos não saudáveis de se enraizarem na vida de um monge. Uma atenção precisa, o respeito e o cuidado pelas posses faziam muito para manter a mente em um estado saudável.

Não pense que esse é um assunto menor. Você vê aquelas mangas? As frutas estão bem pequenas; mas no futuro elas serão grandes. O grande cresce do pequeno. Quando você fomenta maus hábitos, isso é algo desastroso.

Havia também regras e observâncias regendo o uso de outros itens de tecido em geral. Os monges usavam um simples pedaço de pano como camiseta, chamado *angsa* — outro retângulo de pano que era colocado sobre o ombro esquerdo e abotoado abaixo do braço direito com um pequeno laço. Um pano de banho era vestido sob o manto inferior. Esse pedaço de pano deveria ser mantido, enquanto se tomava banho nas jarras de água comunitária e deveria ser lavado depois. Um monge possuía dois desses pedaços de pano para usar alternadamente. Durante a manhã, o pano que estivesse recém-lavado serviria para secar a tigela depois da refeição. Um pano para sentar em formato retangular era usado em todas as ocasiões formais.

TIGELA DE MENDICÂNCIA

Na época do Buddha, as tigelas dos monges eram geralmente feitas de barro. Um momento de descuido era o suficiente para que elas se quebrassem, e várias prescrições foram estabelecidas para minimizar as ocasiões em que isso pudesse ocorrer. Embora, na época de Luang Pó, a maioria das tigelas já fossem feitas de ferro, e hoje em dia a maioria seja feita de aço inoxidável (muito mais duradouras do que os monges que as utilizam), as regras originais seguem sendo cuidadosamente mantidas. Hoje em dia, o propósito não é tanto o de proteger a tigela, mas de proteger a *sati* do monge.

Luang Pó ensinou aos monges que eles deveriam manusear suas tigelas como se estivessem manuseando a cabeça do Buddha. Deveriam ser circunspectos antes de pegar a tigela e ao guardá-la. Era mais do que um mero ritual: embora tigelas de ferro fossem muito mais resistentes do que as tigelas de barro, um descuido podia facilmente danificar sua superfície e facilitar que enferrujasse. Uma tigela nunca deveria ser colocada sobre uma superfície dura. Se colocada em um local elevado, como em um banco, deveria ser colocada longe o suficiente da beirada para evitar que fosse inadvertidamente golpeada e caísse no chão. Nenhum objeto duro deveria ser colocado dentro da tigela, a menos que estivesse enrolado em um pano.

Capim-limão ou folhas de *téw* eram usados para lavar a tigela. O monge deveria lavá-la silenciosamente e com total atenção. Ajoelhado, ele deveria secar a tigela com um pano e então colocá-la ao sol em seu suporte de bambu por alguns minutos para se assegurar de que ela estava completamente seca. A tigela deveria ser mantida na cabana do monge em um local de respeito (se

não debaixo de um altar, então próximo de onde ele colocava a cabeça para dormir), e com a tampa levemente entreaberta para permitir que o ar circulasse nela, prevenindo o acúmulo de mau cheiro.

Luang Pó enfatizava o quão importante era para postulantes e noviços aprenderem os procedimentos corretos, observando os monges mais experientes. Ele mesmo monitorava constantemente a prática dos monges com relação às observâncias e qualquer descuido que notasse seria mencionado em sua próxima palestra do Dhamma. Para evitar que aqueles constantes lembretes se tornassem muito cansativos, de vez em quando ele recorria ao seu repertório de anedotas engraçadas para fixar os pontos que queria destacar, de uma forma fácil e agradável de lembrar. Uma dessas histórias tinha a ver com a aventura de um desafortunado monge com um rato.

Certa vez, houve um monge que gostava de manter seu pano de banho recém-lavado (usado para secar a tigela, depois de lavá-la) dentro da tigela. Um dia, em vez de deixar a tampa apenas levemente entreaberta, ele a abriu de forma descuidada deixando um grande espaço entre a tampa e a tigela. No meio da noite, um rato entrou na tigela para dormir no pano macio que encontrou ali dentro. Na manhã seguinte, aconteceu de o monge ter dormido demais. Ele despertou e deu-se conta de que já amanhecera: já era hora de sair para a mendicância matinal. Com medo de se atrasar e ter que jejuar até a manhã seguinte, colocou seu manto o mais rápido que pôde. Pegou sua tigela e saiu correndo de sua cabana para alcançar os outros monges.

Conseguiu chegar até o limite do vilarejo, ofegante, apenas a tempo de se posicionar na fila de monges. Mas assim que abriu sua tigela para receber a primeira oferenda, o assustado rato pulou de sua cama para fora da tigela, no meio da fila de senhoras ajoelhadas, segurando seus pratos de arroz. Houve pânico, houve guinchos, e depois houve risos. Assim que a paz foi restabelecida, as senhoras do vilarejo colocaram o arroz nas tigelas dos monges. Somente depois que deixou a primeira fila de doadores para trás foi que o monge percebeu que seu pano de banho ainda estava dentro da tigela, agora coberto de arroz grudento.

Luang Pó constantemente apontava para a ligação entre a atenção inteligente às observâncias monásticas e à etiqueta e o desenvolvimento de qualidades mais sutis e saudáveis. O princípio que ele propunha era que, essencialmente, se um monge cuidava de seus centavos espirituais, as notas maiores cuidariam de si mesmas. Ao desenvolver um hábito de cuidado e precisão em assuntos externos, o mesmo hábito começaria a florescer no mundo interno.

SOLICITANDO REQUISITOS

Todas as oferendas recebidas por monges em Wat Pah Pong eram deixadas em um estoque central. Quando um monge necessitava de um requisito - novas pilhas para sua lanterna, sabão, pasta de dente ou lâminas para barbear - ele o solicitava ao cuidador do estoque central que era, não coincidentemente, um dos monges mais rabugentos e intimidadores do mosteiro. O cuidador do estoque tinha o poder de recusar-se a dar requisitos se houvesse evidências de que os monges os estavam utilizando de forma extravagante. Frugalidade era considerada a marca registrada do verdadeiro monge de floresta e era muito celebrada por Luang Pó. A recordação de que todas as suas posses eram oferendas de fé, para serem usadas com clareza de propósito, fazia parte dos versos entoados por cada monge durante a recitação matinal e vespertina.

Um monge lembrou:

"Durante o tempo em que vivi com Luang Pó, não havia escassez de requisitos importantes, mas a distribuição deles era bastante estrita. Se o seu manto não estivesse caindo aos pedaços, você não

teria permissão para trocá-lo. Era algo um pouco mais relaxado para monges seniores, mas para os monges juniores e noviços ou monges visitantes, aquilo era especialmente estrito. Luang Pó enfatizava que treinávamos para sermos moderados em nossas necessidades, e ele não vivia de forma diferente de nenhum outro monge. Usava mantos da mesma qualidade, e não havia nada que diferenciasse a mobília de sua cabana de nenhuma das outras. Mesmo com sua família vivendo perto do mosteiro, ele nunca pediu nada para ele mesmo. Qualquer coisa que fosse oferecida para ele era compartilhada com a Sangha."

Esse sistema comunitário tinha o objetivo de promover justiça e igualdade no uso dos requisitos, e Luang Pó via isso como algo vital para manter a harmonia do grupo. Ao proibir monges de aceitarem oferendas, mesmo as que fossem especialmente destinadas a eles, ele fez muito para evitar o ciúme e a competição entre seus discípulos pelo suporte dos leigos. Assim que o número de mosteiros afiliados cresceu, o excedente de requisitos era distribuído para eles, evitando que Wat Pah Pong se tornasse muito luxuoso devido ao aumento de sua fama e concomitante riqueza.

O advento das tigelas de aço inoxidável, em meados da década de 1970, criou um novo objeto de desejo nos monges mais jovens da Sangha. As novas tigelas, livres do perigo da ferrugem, eram mais fáceis de cuidar; elas eram muito mais leves do que as antigas tigelas de ferro e pareciam muito mais bonitas e modernas. Quase todo mundo queria uma. Mas se um monge solicitasse a troca de sua tigela antiga, na esperança de fazer um *upgrade* para uma das novas tigelas de aço inoxidável, mais do que por uma autêntica necessidade, ele se arrependeria daquilo. Em casos assim, Luang Pó era conhecido por ordenar que fosse dada a tigela de ferro mais feia e já usada que estivesse no estoque para o monge. Em uma ocasião, um monge deve ter sido incapaz de esconder o seu desgosto por esse acontecimento, pois Luang Pó, ao observá-lo, disse: "A única coisa feia aqui é a cobiça que você demonstrou".

A cobiça de monges por um certo tipo de tecido, um certo tipo de tigela, uma capa de crochê para a tigela ou mesmo uma marca específica de colher pode parecer, a princípio, algo bizarro e depois até um pouco triste. Isso leva à questão: qual é o valor da renúncia às posses mundanas se o renunciante simplesmente transfere seus apegos para objetos mais humildes? Certamente, apego é apego qualquer que seja o objeto. E se é assim, não estariam os monges enganando a si mesmos?

Luang Pó não considerava uma drástica simplificação no estilo de vida como sendo a libertação em si mesma; ele sabia muito bem que a tendência ao apego está muito fortemente arraigada na mente não iluminada para ser simplesmente ignorada. Mas uma vida limitada ao essencial tinha um importante papel no treinamento que ele fornecia. Primeiramente porque era um elemento-chave para manter a cultura e a identidade distintivas do monge renunciante de floresta. Em segundo lugar, porque a natureza do apego - sua impermanência, insatisfatoriedade e impessoalidade - é revelada muito mais prontamente quando focada em poucos objetos simples do que quando espalhada entre uma grande variedade de coisas desejáveis disponíveis na vida leiga. Assim, Luang Pó constantemente incitava os monges a seguirem revisando a natureza da relação deles com os requisitos e a estarem alertas ao surgimento das impurezas, com o intuito de lhes dar uma perspectiva desses apegos. Para os monges que seguiam seu conselho, apegos grosseiros por requisitos de boa qualidade tendiam a se desfazer bem rapidamente. Depois de alguns anos, vários monges olhavam para trás, para suas obsessões por mantos e tigelas, com uma bem-humorada autodepreciação.

Reflexões sobre o uso responsável dos requisitos eram uma parte importante das palestras de motivação de Luang Pó aos monges. "Chefes de família ganham a vida com o suor de suas testas, através de desafios e adversidades; e eles ainda assim abrem mão de uma parte de seus ganhos para

comprar comida e outros requisitos para a Sangha.” Se você tomasse aquilo como garantido, ele dizia, se você considerasse aquilo como sendo seu direito e usasse as oferendas de forma egoísta ou desatenta, você na verdade estaria criando muito mau kamma.

UMA CONSTITUIÇÃO

De todas as observâncias que foram tecidas no cotidiano de Wat Pah Pong, várias delas foram chaves para definir a cultura de Wat Pah Pong e os princípios de treinamento. Uma vez que o mosteiro tinha sido firmemente estabelecido, Luang Pó formalizou essas observâncias — advindas das regras do *Pāṭimokkha*, das observâncias dos *Khandhakas*, assim como da tradição tailandesa e de sua experiência pessoal — em uma lista de regulamentações. Pelos anos seguintes, essa lista, devidamente emoldurada, estaria pendurada nas paredes dos salões de Dhamma de cada mosteiro afiliado a Wat Pah Pong. Ela assegurava uma uniformidade de práticas entre mosteiros muito distantes entre si e dava uma medida justa de autonomia. Afastar-se desse padrão colocava em perigo a afiliação do mosteiro.

REGULAMENTAÇÕES DA SANGHA

1. É proibido para monges e noviços fazerem solicitações para qualquer um que não seja parente próximo, ou que não tenha oferecido um convite formal (*pavāraṇā*). É proibido ter conexões com pessoas leigas ou pessoas ordenadas de outras religiões que sejam hostis ao budismo.
2. É proibido conversar sobre as “artes baixas” ou estudá-las, predizer números de loteria, fazer água abençoada, atuar como médico ou astrólogo, ou fazer e distribuir amuletos e objetos de sorte.
3. A não ser que seja completamente inevitável, é proibido para um monge com menos de cinco retiros das chuvas viajar sozinho. Se um monge júnior tiver que realizar uma viagem, ele deverá estar acompanhado de um monge que tenha mais de cinco retiros das chuvas.
4. Monges devem sempre consultar a Sangha, ou o monge sênior, antes de embarcar em quaisquer projetos pessoais. Somente quando houver concordância de que o projeto está de acordo com o Dhamma e o Vinaya, outros passos poderão ser tomados. Monges não devem agir sob sua própria autoridade.
5. Monges devem se satisfazer com as acomodações determinadas para eles. Devem manter o local limpo e varrer os caminhos que levam a ele.
6. Monges devem participar das atividades da Sangha em harmonia, encontrando-se e dispersando-se em uníssono. Monges não devem fazer de si mesmos objetos da antipatia da Sangha sendo falsos, fugindo de advertências, ou dando desculpas para seus erros.
7. Conversas fúteis são proibidas durante a mendicância matinal, ou enquanto lavando tigelas, varrendo o mosteiro, retirando água do poço, tomando banho, preparando o refeitório, lavando os mantos ou ouvindo as palestras do Dhamma. Monges devem prestar atenção a qualquer tarefa que estejam realizando.

8. Depois da refeição, monges devem ajudar a varrer e limpar o refeitório antes de se prostrarem para a Joia Tríplice em uníssono e devem levar seus pertences de volta para suas cabanas de maneira pacífica.
9. Monges devem ser frugais nas necessidades de conversação, de alimento, de descanso e de chamar atenção. Monges devem manter-se vigorosamente atentos. Devem auxiliar a cuidar dos monges doentes demonstrando bem-querer.
10. É proibido para monges receberem dinheiro ou ter alguém para recebê-lo por eles. É proibido comprar e vender coisas, ou realizar trocas.
11. Todos os presentes oferecidos à Sangha são considerados bens comuns. Quando um monge precisar de alguma coisa, a Sangha o suprirá da forma que julgar apropriada.
12. É proibido juntar-se em grupos e socializar-se, seja de dia ou de noite, em local público ou em uma cabana, exceto quando necessário. Mesmo em casos assim, não seja aquele que tem prazer em se socializar ou em diversões⁸⁰.
13. Receber e enviar cartas, documentos e pacotes deve ser informado à Sangha ou ao monge sênior. Somente depois de receber permissão, o artigo pode ser recebido ou enviado.
14. Monges e noviços que desejem vir e praticar neste mosteiro devem ter uma carta de permissão do seu preceptor ou professor anterior e devem primeiramente ter registrado a transferência de afiliação no seu livro de identidade monástica.
15. Monges visitantes e noviços devem mostrar seus livros de identidade monástica para a Sangha ou para o monge sênior em sua chegada. Eles não devem permanecer por mais de três noites, a menos que haja razões necessárias para permanecerem por mais tempo.

A Sangha se reserva ao direito de agir de acordo para com os transgressores dessas regulamentações.

Emitido em 2 de outubro de 1957

Phra Ajahn Chah

Monge Sênior

A ROTINA DIÁRIA

O discurso do Não Declínio

1. *Enquanto os monges se reunirem frequentemente e mantiverem assembleias, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*
2. *Enquanto os monges se reunirem em harmonia, dispersarem-se em harmonia e conduzirem os assuntos da Sangha em harmonia, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.*

80 Uma proibição contra fumar e mascar noz de betel foi adicionada anos mais tarde.

3. Enquanto os monges não decretarem algo que não tenha sido decretado e não abolirem algo que já tenha sido decretado, mas aceitarem e seguirem as regras de treinamento que já foram decretadas, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

4. Enquanto os monges honrarem, respeitarem, estimarem e venerarem os monges que sejam mais antigos, que já estejam lá há muito tempo, que tenham se tornado monges há muito tempo, pais e guias da Sangha, pensando que a eles deve ser dado ouvidos, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

5. Enquanto os monges não se submeterem ao poder de qualquer apego surgido que leve à existência renovada, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

6. Enquanto os monges tenham a intenção de viver nas florestas, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

7. Enquanto cada um dos monges mantiver firmemente na mente: “se houver outros companheiros monges bem-comportados que ainda não tenham vindo viver aqui, que eles venham; e que os monges bem-comportados que já estejam aqui possam viver em paz”, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

Enquanto os monges se mantiverem firmes nesses sete princípios de não declínio, e enquanto essas sete condições persistirem entre os monges, apenas crescimento deve ser esperado para eles, não declínio.

DN 16, AN 7.21-23

Luang Pó era profundamente influenciado pelo discurso do não declínio. Seus princípios devem ser reconhecidos como subjacentes à maior parte do sistema de treinamento que ele desenvolveu. O primeiro aspecto aponta para a ênfase na prática em grupo que diferenciava Wat Pah Pong da maioria dos outros mosteiros de floresta. Reuniões em grupo, períodos de trabalho em grupo e sessões de meditação em grupo estavam no coração da rotina diária de Wat Pah Pong. Monges eram constantemente lembrados da importância da presença pontual nas atividades em grupo, todas anunciadas pelo toque do sino do mosteiro.

Uma rigorosa rotina diária foi estabelecida para garantir a continuidade e consistência do esforço por parte dos membros da Sangha. Aquilo fazia oposição à preguiça e à complacência e dava suporte para os que careciam de maturidade para desenvolver sua prática de meditação sozinhos em suas cabanas. Também provia um meio de filtrar aqueles com comprometimento genuíno daqueles que não o tinham. Ninguém com expectativa de ingressar na Sangha para aproveitar uma vida de ócio escolheria viver em Wat Pah Pong.

ACORDAR CEDO

O dia começava às 3h da manhã com o som do sino do mosteiro. Luang Pó instruía aos monges para que se levantassem no momento em que ouvissem ao sino, lavassem o rosto, pegassem seus mantos e tigela e se dirigissem ao salão de Dhamma, o mais rápido possível. Alguns dos monges mais diligentes levantavam-se ainda mais cedo e já estavam no salão de Dhamma, sentados em meditação, quando o sino tocava.

Comunicar a rotina diária não era a única função do sino. Luang Pó também o enxergava como uma ferramenta para ensinar. Monges eram ensinados que, ao se levantarem no momento em que ouvissem o sino, sem pensar duas vezes, estariam desenvolvendo um firme e resolutivo hábito mental.

Monges que dormiam demais e chegavam tarde ao salão de Dhamma, tendo sofrido algumas palavras enfáticas de advertência (“vergonhoso!”, “inaceitável!”), seriam ensinados a considerar aquilo como um sinal de alerta. Se o sino e a pressão social do grupo fossem insuficientes para motivar o monge a praticar, então como ele sustentaria sua meditação sentado ou andando quando estivesse sozinho em sua cabana? “Chega a noite”, Luang Pó resmungava com um monge: “e tudo o que você quer fazer é dormir”.

Um monge recorda:

"Se já houvesse alguém meditando quando você chegasse ao salão de Dhamma, então você tinha que ser cuidadoso para não deixar que seus chinelos fizessem barulho quando se aproximava do salão. Se houvesse objetos duros em sua bolsa de ombro - como uma caneca, uma colher ou uma faca para frutas - então você deveria mantê-los enrolados em uma toalha para que não ficassem se batendo, enquanto você caminhava. Você deveria entrar no salão tão silenciosamente de modo que as pessoas que já estivessem lá meditando nem se tornassem conscientes disso."

Enquanto a maioria dos monges seniores era dedicada o suficiente para se levantar às 3 h da manhã todos os dias e meditar em seus quartos até o amanhecer, poucos dos membros mais jovens da comunidade, particularmente os novatos adolescentes, podiam manter uma prática como essa por muito tempo. Para eles, o apoio do grupo era vital. Inicialmente, alguns dos novos membros da comunidade participavam das sessões matinais mais por uma mistura de orgulho e medo do que por devoção ao treinamento. Mas com o passar do tempo, ceder à agenda geralmente forjava bons hábitos que gradualmente se tornavam uma segunda natureza. Luang Pó encorajava os monges seniores, que poderiam preferir passar seu tempo sozinhos, a participarem das sessões matinais como um gesto de apoio para os mais jovens, para serem bons exemplos e para manter a harmonia da Sangha.

SESSÃO MATINAL

A meditação matinal era seguida de um período de recitação de cânticos às 4h da manhã. Ele começava com uma detalhada recitação das qualidades do Buddha, do Dhamma e da Sangha e era suplementado por uma seleção de reflexões diárias e cânticos mais longos que variavam durante a semana. Os cânticos regulares incluíam: uma análise do corpo físico em termos das trinta e duas partes que o constituem; uma reflexão sobre a velhice, a doença, a morte e a lei do kamma; uma recordação da forma correta de fazer uso dos requisitos; uma reflexão sobre metta; e uma dedicação de méritos.

No início da década de 1970, Luang Pó autorizou a adoção de um manual de cânticos em páli e tailandês que havia sido recém-publicado por um de seus grandes contemporâneos, Ajahn Buddhadasa. Esse manual continha uma excelente tradução dos textos em páli alternada com o original de uma forma concisa e ritmada; cada linha em páli, seguida de uma linha correspondente em tailandês. Especialmente impressionantes eram as traduções de passagens chave de alguns dos mais importantes discursos do cânone páli, incluindo aqueles que explicavam o nobre caminho óctuplo e a originação dependente. Outro texto em forma de cântico lidava com a reflexão dos quatro requisitos:

Refletindo sabiamente, eu uso o manto apenas para afastar o frio, o calor, o toque das moscas, mosquitos, do vento, das coisas que queimam e de bichos rastejantes, apenas por uma questão de modéstia. - MN 2

Entoar cânticos funcionava como uma expressão ritual da unidade da comunidade ao exigir que os monges aprendessem a se ouvir uns aos outros e a harmonizar suas vozes juntas. Seu valor como meditação repousava no fato de que estar atento aos sons e ao significado dos cânticos provia aos mais jovens e inquietos membros da Sangha um caminho mais acessível para estados saudáveis da mente do que a meditação sentada, particularmente num horário tão cedo da manhã. Também provia meios de vencer a sonolência e o torpor que sempre foram inimigos de monges que tentavam cortar suas horas de sono para o mínimo. Entoar cânticos também era considerado algo inerentemente auspicioso. Desde a época do Buddha, acreditava-se que o som de seus ensinamentos recitados com devoção trazia alegria aos seres celestiais (*devas*) e gerava uma potente energia espiritual. Fisicamente, no entanto, entoar cânticos podia ser uma experiência desconfortável. As recitações dos cânticos matinais e noturnos exigiam que os monges sentassem sobre seus calcanhares, com o seu peso distribuído entre os joelhos e os dedos dos pés. Para quem não está acostumado com essa postura, depois de alguns minutos, a pressão sobre os dedos dos pés torna-se excruciante e um calor toma conta de todo o corpo.

Embora livros de cânticos estivessem disponíveis, Luang Pó incentivava os discípulos a memorizarem tantos cânticos quantos pudessem. Ao fazerem isso, estariam aptos a construir um repertório próprio dos principais ensinamentos e reflexões, tanto em páli quanto em sua própria língua. Não era algo incomum que alguma das linhas de um dos cânticos de repente aparecesse na mente de um monge exatamente em um momento apropriado durante o dia, permitindo que ele se libertasse de algum apego ou que fizesse surgir um certo bem-estar. Havia vários cânticos para aprender. À parte daqueles que figuravam na recitação matinal e noturna, esperava-se que monges e noviços memorizassem os versos *Paritta* que eram recitados para benção e proteção em ocasiões auspiciosas, e os versos *Mātikā* recitados em funerais.

Com o término dos cânticos matinais, os monges praticavam meditação sentada por poucos minutos até o final da sessão, às 5h da manhã. Depois de prestarem reverências à joia tríplice, os monges encaminhavam-se para o refeitório que ficava atrás do salão de Dhamma, onde varriam e passavam pano úmido no chão e nos bancos, organizavam seus lugares e se preparavam para a mendicância matinal. Os monges mais jovens e os noviços ajudavam os monges mais velhos preparando seus mantos e então, ajoelhados aos seus pés enquanto os vestiam, abotoavam os cantos inferiores dos mantos pelos laços.

MENDICÂNCIA MATINAL

A mendicância matinal diária é uma das práticas ascéticas encorajadas pelo Buddha e era compulsória para todos os monges de Wat Pah Pong que estivessem com plena saúde. De um monge que faltasse à mendicância matinal por ter perdido a hora por dormir demais ou por preguiça, era esperado que não tomasse a refeição naquele dia. A importância que Luang Pó dava para a mendicância matinal era vista por todos através da própria devoção dele a essa prática. Anos mais tarde, a despeito da deterioração de sua saúde e da necessidade de usar uma bengala para caminhar, ele se recusava a abandonar completamente essa prática. Enquanto os monges estavam a caminho dos vilarejos locais, ele andava vagarosamente até o setor das *Mé Chis* na ala oeste do mosteiro para receber comida de mendicância das monjas.

Havia sete rotas de mendicância matinal, uma para cada um dos vilarejos mais próximos. A caminhada de ida e volta para os vilarejos tinha uma média de cinco quilômetros. Dois dos vilarejos, no entanto, requeriam uma caminhada de aproximadamente oito quilômetros. Monges das rotas mais distantes saíam assim que o céu mudasse de cor (geralmente logo após as 5h da manhã); os

restantes saíam um pouco depois. Assim, a hora que os monges entravam nos vilarejos — mais tarde durante o inverno, mas geralmente em torno das 6h da manhã — era mais ou menos uniforme. A maioria dos monges retornava ao mosteiro por voltas das 7h da manhã.

Alguns monges preferiam uma grande caminhada pela manhã, outros uma caminhada mais curta, e eles tinham a liberdade de escolher qual percurso lhes servia melhor. Os monges podiam caminhar até os vilarejos no seu próprio ritmo, mas formavam uma fila única — cuja ordem era determinada por senioridade — antes de começar a mendicância propriamente dita. De um monge impossibilitado de participar da mendicância matinal por qualquer motivo, esperava-se que avisasse aos demais antecipadamente. Era importante que os monges chegassem ao vilarejo mais ou menos juntos. Um grupo de monges parado no limite do vilarejo, esperando que monges atrasados chegassem para formar a fila, era algo considerado inadequado.

Os monges sempre seguiam o mesmo trajeto em um vilarejo. Assim que entravam, os doadores regulares estariam de pé na porta de suas casas, com seus potes de bambu com arroz grudento em mãos. As mulheres estariam acordadas desde a primeira luz do dia, cozinhando arroz em seu fogão à lenha, e estariam conversando alegremente com seus vizinhos por alguns minutos esperando que os monges chegassem. Geralmente as mulheres traziam um de seus filhos ou netos com elas, com o intuito de ensiná-los a como oferecer alimento e prestar reverências à Sangha. Em alguns lares, era o homem da casa quem colocava comida nas tigelas dos monges; e em outros, uma das crianças.

O Vinaya proíbe monges de pedirem comida para pessoas leigas. Monges em mendicância matinal andam silenciosamente e em fila única, parando apenas para permitir àqueles que queiram oferecer comida de fazê-lo. Um forte elemento ritualístico está presente durante toda a mendicância matinal. Geralmente, nenhum cumprimento ou conversaçoão acontece. Os monges evitam contato visual com os doadores e não dizem obrigado; é entendido que eles estão dando uma oportunidade para que os doadores acumulem méritos ao praticar a generosidade.

Nos vilarejos dos arredores de Wat Pah Pong, a maioria dos camponeses, ajoelhados em sinal de respeito, simplesmente colocavam um pequeno punhado de arroz grudento na tigela de cada monge. Algumas pessoas podiam oferecer bananas, doces de arroz ou também peixe seco, mas apenas as famílias mais ricas podiam se permitir fazer isso de maneira regular. Dar alguns poucos punhados de arroz grudento era algo que até as famílias mais pobres podiam fazer. Isso fazia da mendicância matinal uma ocasião em que cada lar do vilarejo podia contribuir de uma forma tangível para o bem-estar da Sangha e ter um senso de participação ativa em sua religião.

A mendicância matinal realizava um papel central em nutrir uma relação calorosa entre os vilarejos locais e o mosteiro. Mesmo que eles raramente falassem uns com os outros, um senso de familiaridade e calor entre monges e leigos se desenvolvia por um período de meses ou mesmo de anos.

Que a mendicância matinal não estivesse exclusivamente preocupada com juntar alimentos é algo indicado pelo antigo termo monástico em tailandês para se referir a ela: *“prôt sat”*, ou “salvando seres sencientes”. Ver, nas primeiras horas da manhã, a compostura e a dignidade no comportamento dos monges tem a intenção de elevar a mente dos doadores e lembrá-los dos valores morais e espirituais que eles reverenciam. Essa ideia — de que o comportamento dos monges durante a mendicância matinal podia ser algo inspirador para os leigos e podia levá-los a criar ou aumentar sua fé no Dhamma — remete à época do Buddha. A história do encontro entre o Venerável Assaji, um dos integrantes do primeiro grupo dos grandes discípulos plenamente iluminados, com Sāriputta, o asceta que se tornaria um dos discípulos chefes do Buddha, era uma das preferidas de Luang Pó.

Não precisa de muito para proclamar o Dhamma. Alguns dos discípulos do Buddha, como o venerável Assaji, raramente falavam. Eles iam em mendicância matinal de uma forma calma e pacífica, caminhando nem rápido e nem devagar, vestidos em mantos de cores sóbrias. Se estavam andando, se movendo, indo para frente ou para trás, eles eram comedidos e tinham compostura. Em uma manhã, quando o venerável Sāriputta ainda era um discípulo de um brâmane chamado Sañjaya, ele avistou o venerável Assaji e ficou inspirado por seu comportamento. Aproximou-se dele e pediu-lhe algum ensinamento. Ele perguntou quem era o professor do venerável Assaji e recebeu como resposta: “O Reverenciado Gotama”.

“O que é que ele ensina que faz com que o senhor pratique dessa maneira?”

“Não muito. Ele apenas diz que todos os dhammas surgem de causas. Se eles cessarem, suas causas devem cessar antes.”

Apenas isso. Isso foi suficiente. Ele entendeu. Isso foi tudo o que o Venerável Sāriputta precisou para perceber o Dhamma.

Os monges, é claro, nem sempre viviam à altura desses ideais. O comportamento apropriado durante a mendicância matinal era um tema recorrente nas palestras de Dhamma de Luang Pó. Em uma ocasião, ele deu uma lição a um grupo de jovens monges e noviços desatentos por saírem do mosteiro como se fossem “um barulhento bando de pescadores indo fisgar peixes”. Ele apontava o valor da mendicância matinal para todos os envolvidos, monges e leigos, e advertia os monges incomodados com esse tipo de comportamento:

Não converse com falastrões. Converse com o seu próprio coração, muito. Medite muito. As pessoas que gostam de conversar durante todo o dia são como passarinhos tagarelas. Não se envolva com elas.

Vista seu manto decentemente e vá. Assim que estiver em seu caminho, pode começar a memorizar o *Pāṭimokkha*. Isso faz a sua mente bastante ordenada e clara. É como se fosse um manual. A ideia não é que você fique obcecado com isso, e sim que, uma vez que você o tenha memorizado, o *Pāṭimokkha* iluminará a sua mente. Enquanto você caminha, você foca nele; e depois de um tempo ele estará lá e surgirá automaticamente. Treine a si mesmo dessa maneira.

A mendicância matinal realiza outro importante papel para a Sangha. Ela constitui a mais tangível prática de um monge sobre o meio de vida correto - o quinto fator do nobre caminho óctuplo. Ao sair em mendicância matinal, monges obtêm os requisitos necessários para manter a saúde e força de uma forma apropriada aos *samaṇas*: não fazendo solicitações aos leigos nem procurando coagilos de alguma maneira. O Buddha uma vez instruiu os seus discípulos:

“Nós não exibiremos nada impróprio ou faremos nada impróprio para obter a comida de mendicância. Se não recebermos alimentos, não ficaremos agitados. Ao recebermos a comida de mendicância, nós a consumiremos sem sermos escravos dela, sem ficarmos apaixonados por ela, sem cometermos nenhuma ofensa, vendo os perigos e discernindo a escapatória”. Assim, monges, vocês devem treinar a si mesmos. - SN 16.1

Existem benefícios adicionais. Primeiramente, a mendicância matinal fornece um bom exercício físico: uma caminhada entre dois e dez quilômetros, às vezes em condições adversas. Durante o verão, um monge com o estômago completamente vazio, voltando ao mosteiro enquanto o sol desponta no céu, carregando uma grande tigela de metal cheia com aproximadamente quatro ou cinco quilos de arroz grudento resulta em um vigoroso exercício físico. A mendicância matinal dá

muitas oportunidades de cultivar a paciência e a tolerância. Alguns trajetos exigem andar descalço por estradas de pedra que demandam uma considerável fortaleza. A mendicância matinal não é cancelada por causa do mau tempo e, durante uma tempestade, os guarda-chuvas que os monges carregam apenas os salvam de se encharcarem, caso não esteja ventando.

Emergir da floresta e entrar em um vilarejo fornece vários desafios ao autocontrole de um monge. Ele pode sentir seus olhos e ouvidos sendo puxados para um lado ou para outro, enquanto caminha. Por essa razão, a mendicância matinal fornece a ele um teste diário da força de seu poder de autocontenção. Para meditadores avançados, ela também pode fornecer potentes gatilhos de insights. Ocasionalmente, monges de Wat Pah Pong, que meditavam sobre a natureza do corpo físico em níveis profundos, podiam experienciar visões espontâneas dos doadores como sendo esqueletos que se moviam, o que os levava a aprofundar ainda mais suas meditações. Outros ganhavam uma nova compreensão do Dhamma de experiências como a visão de pessoas velhas ou doentes, os sons de um jovem casal discutindo violentamente ou os gritos de um porco prestes a ser abatido.

Enfim, a mendicância matinal fornece ao monge um lembrete diário de que ele é dependente de outras pessoas para sobreviver. Isso o ajuda a evitar considerar sua refeição diária como algo garantido. Ele sabe que cada grão de arroz foi produzido através do sangue, suor e lágrimas de outras pessoas. Monges, tendo passado as primeiras horas do dia em meditação, podem tornar-se tão sensíveis à bondade dos doadores que sentimentos profundos de amor e compaixão surgem em suas mentes. Isso os recorda que, enquanto eles passam por desafios morais e espirituais, há pessoas que querem bem a eles, que veem o valor do que eles estão fazendo e desejam apoiar esse trabalho. Luang Pó dizia aos monges: “Existe muito Dhamma a ser aprendido durante a mendicância matinal”.

HORA DA REFEIÇÃO

Monges em Wat Pah Pong tomavam a refeição no refeitório do mosteiro, situado imediatamente atrás do salão de Dhamma e orientado no mesmo eixo leste/oeste. Era uma estrutura de aparência severa: uma longa e estreita caixa de concreto coberta com telhas galvanizadas. Havia plataformas de setenta centímetros de altura e um metro e meio de largura sobre bancos de madeira robusta colocados lado a lado de forma contínua, encostados ao longo das duas compridas paredes internas, abaixo de uma linha de pequenas janelas estreitas de madeira e sem vidros. Nesses bancos, os monges sentavam-se de acordo com sua senioridade voltados para a parede do lado oposto. Luang Pó sentava-se em uma plataforma desconectada na extremidade da estreita sala, voltado para o meio das duas fileiras de monges que se estendiam à sua frente. Ninguém era capaz de esquecer nem por um minuto de que estavam todos na linha direta de visão de Luang Pó.

Os monges se sentavam em seus panos de algodão marrom, com as tigelas despojadas das capas de lã crochetas, descansando sobre suportes de bambu ao lado deles. As capas com alça das tigelas eram cuidadosamente dobradas da maneira prescrita e colocadas atrás deles. Cada monge tinha também sua bolsa de pano, igualmente dobrada de maneira específica, colocada próxima à parede. Em frente a ela, colocados alinhados organizadamente, estavam o bule de alumínio com água⁸¹, uma caneca de metal e uma cuspeira.

Luang Pó ensinava que a comida recebida na mendicância matinal deveria ser considerada com tendo sido dada para a Sangha como um todo; os monges que a recebiam estavam atuando apenas

⁸¹ Tanques de água coletavam a água da chuva por canos e filtros conectados às calhas do telhado do refeitório. Esses tanques forneciam a água potável do mosteiro. Cada monge tinha o próprio bule de água.

como representantes individuais da Sangha. Em seu retorno ao mosteiro (depois de lavarem seus pés do lado de fora do refeitório e depois de dobrarem seus mantos externos ou deixá-los pendurados para ventilar ao sol), os monges depositavam a comida de suas tigelas em grandes bacias que eram carregados por postulantes. Aos monges era permitido manter quanto arroz grudento necessitassem. Esse era moldado como uma bola e colocado no fundo de sua tigela. O resto da comida era levado à cozinha para ser reorganizado e preparado pelas *mé chis* e pelos moradores das redondezas que tivessem vindo para participar do oferecimento da refeição.

Uma vez preparada, a comida era levada em carrinhos da cozinha para ser colocada no chão em frente a Luang Pó em dois conjuntos, um de cada lado do salão. Então, todos, menos os monges mais seniores, levantavam-se de seus assentos e formalmente recebiam a comida de um postulante ou leigo. Depois que tivesse sido oferecida a Luang Pó a comida que tivesse escolhido, então eles a distribuíam nas tigelas de cada monge. Eficiência e imparcialidade eram as metas da distribuição. Monges não tinham controle sobre o volume ou tipo de comida que era colocada em suas tigelas, exceto pelos pratos que eles distribuíam. Não surpreendentemente, certos monges podiam ser vistos, de vez em quando, tentando comandar os pratos que particularmente gostavam ou pelos quais tinham alguma aversão específica; outros faziam a firme resolução de resistir à tentação.

Ao retornar aos seus assentos depois que a comida havia sido distribuída, alguns monges eram vistos olhando discretamente para dentro de suas tigelas, evitando um suspiro pela visão diante deles: todos os tipos de comidas diferentes jogadas juntas ali dentro, talvez algo doce flutuando sobre um molho oleoso e apimentado, e outros itens completamente submersos. Eles colocavam a tampa de volta em suas tigelas e sentavam-se silenciosamente até que Luang Pó os liderasse em uma curta recitação de agradecimento e bênçãos aos doadores. Depois disso, retiravam as tampas de suas tigelas e contemplavam a comida. Eram ensinados a recordar de que se alimentavam meramente como uma forma de manterem seus corpos saudáveis e prontos para o trabalho da prática do Dhamma. Eles deviam evitar a gulodice e a indulgência nas sensações agradáveis que surgiam naturalmente enquanto comiam. Depois de um curto período de tempo, Luang Pó começava a comer. Assim que ele comesse, os dois monges que encabeçavam cada fileira o fariam em seguida. Então os dois monges seguintes e assim subsequentemente, até o final da longa fileira.

No refeitório, os monges focavam a atenção em serem tão silenciosos quanto possível. Potes grandes ou pequenos, bules, cuspideiras — tudo deveria ser manuseado com delicadeza e cuidado. Enquanto comiam, monges deviam ser cuidadosos para não fazerem ruídos enquanto mastigavam ou tomavam líquidos (ou “*capu-capu*” e “*suru-suru*” como citado em páli). Um monge que deixasse sua colher de metal, a única ferramenta permitida para comer, fazer barulho enquanto estivesse raspando a tigela ganharia um grunhido de advertência de Luang Pó.

O método de distribuição da comida era rápido, prático e uma ferramenta poderosa para vencer o apego ao sabor, mas levava a desperdícios⁸². Em anos posteriores, particularmente, havia comida demais dentro da tigela para ser consumida, incrementando o desafio de saber a hora de parar. Comer demais poderia ser uma entorpecida e pesada sombra por todo o dia, como relembra um monge sobre seus desafios iniciais:

"Ele nos ensinou a comer moderadamente. Dizia-nos para estimarmos quando faltasse umas três colheradas para nos sentirmos satisfeitos e então parássemos e tomássemos água até que nos sentíssemos cheios. Ele dizia, 'Se você comer muito, depois da refeição vai se sentir entorpecido,

⁸² Nos dias de hoje, monges geralmente se servem de pratos oferecidos organizados em uma grande mesa. O esforço em reduzir desperdícios tomou precedência sobre a prática ascética.

sonolento e desinteressado em meditar'. Ele estava certo. Se você come muito, você se sente empanturrado e não tem vontade de praticar meditação andando. Você ainda está a caminho de sua cabana e os pensamentos de tirar uma soneca já estão vindo à sua mente."

Quando todos os monges terminavam a refeição, Luang Pó tocava o pequeno sino que estava ao seu lado, toda a comunidade prostrava-se junta três vezes e então saía do refeitório, levando suas tigelas e suportes, com as cuspideiras nas tampas de uma maneira específica, para evitar os ruídos das duras superfícies batendo uma na outra. Do lado de fora, na área coberta, eles retiravam seus mantos, dobravam-nos atentamente e levavam suas tigelas para a área de lavar tigelas perto do limite da floresta, onde havia jarras de água e um grande buraco para os detritos. As tigelas eram colocadas em pequenos suportes circulares de grama e lavadas com folhas (em anos seguintes, detergente) como mencionado anteriormente.

Depois que as tigelas tinham sido lavadas, secadas, aeradas ao sol por alguns minutos e suas capas colocadas, os monges colocavam novamente os mantos e voltavam aos assentos no refeitório, onde Luang Pó ainda estaria sentado. Frequentemente, praticantes leigos que tivessem vindo oferecer alimentos usavam essa oportunidade para falar com ele. Em alguns dias, ele dava um discurso, em outros anunciava alguma coisa, mas mais frequentemente, apenas tocava o pequeno sino ao seu lado mais uma vez e os monges prostravam-se três vezes para a imagem do Buddha, três vezes para Luang Pó e então retornavam às cabanas. Lá eles escovavam os dentes, varriam a área ao redor da cabana, colocavam seus mantos para ventilar em um varal e começavam a praticar meditação andando.

ROTINA DO PERÍODO DA TARDE

Os monges eram livres para estruturar as horas do meio do dia como achassem melhor. Além de ser um tempo para aprofundar a prática de meditação, servia também para realizar várias tarefas pessoais. A maioria dos monges tirava uma curta soneca em torno do meio-dia. Às 15h, o sino do mosteiro tocava e todos os monges e noviços saíam de suas cabanas com vassouras e encaminhavam-se para a área central com o intuito de varrer as folhas caídas. Esse também era o período para varrer o piso do salão de Dhamma, do refeitório e do salão de Uposatha. Às vezes, Luang Pó liderava os monges em algum projeto de trabalho mais longo, como a construção ou o reparo de cabanas. Mas as atividades diárias consistiam em retirar água do poço e varrer folhas.

Ajahn Jan recordava dos benefícios da rotina:

"Às três da tarde, o sino tocava e nos juntávamos para as tarefas diárias. Alguns monges varriam e passavam pano úmido no salão de Dhamma e no refeitório, outros retiravam água do poço para beber e para uso geral. Um grupo de monges carregava a água em velhos recipientes de óleo para os banheiros, para a cabana de Luang Pó, para a área de lavar tigelas e para os banheiros dos leigos. Nós também limpávamos o bloco dos banheiros. Luang Pó dizia que limpar banheiros era uma atividade adequada para monges, trabalho difícil de encontrar — por que deveríamos ter aversão àquilo? Visitantes leigos não limpavam banheiros, era responsabilidade dos monges residentes. Mais do que isso, Luang Pó dizia que era uma boa prática: fazer algo que você não quer fazer, enfraquecer as impurezas."

Como sempre, a ênfase era na harmonia e no cultivo de boas amizades. Trabalhar junto era um meio de nutrir o senso de comunidade, tanto como a meditação em grupo ou a recitação de cânticos. Um dia Luang Pó instruiu a Sangha:

Quando você está trabalhando ou realizando as tarefas diárias, não seja enganador ou manipulador. Não pense que é uma coisa boa se você puder escapar e fazer menos que a sua parte — isso é impureza ... conheça a sua mente, mantenha-se à frente de seus movimentos, e então suas ações não terão consequências desagradáveis e sua vida será para benefício da religião (*Sāsanā*). Olhe internamente para sua mente e externamente para suas ações, assim você pode proteger ambas.

Monges eram alertados a não deixar que assuntos pessoais tomassem precedência sobre as atividades em grupo. Quando o sino era tocado, esperava-se que todos colocassem imediatamente de lado qualquer coisa que estivessem fazendo e se encaminhassem para a área central. Era através dessa pontualidade e do firme compromisso com as atividades em grupo que se baseava a harmonia da Sangha. “Esteja alerta para o que deve ser feito”, “Seja observador” - essas eram exortações constantes. Os monges seniores tinham um papel importante a realizar.

Se os monges mais antigos deixarem as coisas passar, então todos os demais vão fazer o mesmo. Como podemos esperar que os mais jovens saibam o que fazer? Quem eles terão como exemplo? Se algo precisa ser feito e é negligenciado, então hábitos de preguiça vão crescer mais e mais.

Ocasionalmente, depois do período diário de trabalho, por volta das cinco horas da tarde, um noviço trazia um grande bule de alumínio cheio com alguma bebida quente e doce feita com o cozimento e coagem de ervas medicinais como fruta bael, tamarindo ou gengibre. Em tempos posteriores, de maior prosperidade, cacau e café tornaram-se populares. Uma ou duas vezes por semana, havia *samó* ou uva indiana — frutas amargas laxativas (permitidas pelo Vinaya para serem consumidas após o meio-dia) — que eram comidas com sal e pimenta. Não era um objeto de desejo à primeira vista, mas eram considerados um tesouro e muitos monges as consumiam avidamente. De vez em quando, noviços adolescentes e jovens monges consumiam-nas de forma compulsiva, resultando em uma noite de diarreia purgativa que os afetados aceitavam com um estoicismo considerável.

O comportamento dos noviços adolescentes tornou-se um assunto para a Sangha durante a década de 1970, quando Luang Pó dava a chance para um número significativo deles se ordenarem. Não era fácil se adaptar à vida no mosteiro e reações excessivas ocasionais a todas as restrições impostas ao comportamento não era algo com que se surpreender. Em sua maioria, esses incidentes envolviam comida e bebida. Depois que os bules vespertinos de bebida doce tivessem sido passados duas vezes, a maioria dos monges se encaminhava para o poço para tomar banho. A bebida restante nos bules e prestes a ser dispensada poderia vir a ser uma forte tentação para aqueles que ainda estavam ali. De vez em quando, alguém decidia que seria uma pena ver tudo aquilo sendo desperdiçado. Uma ocasião dessas mereceu uma forte repreensão de Luang Pó:

Lembre daquele tempo em que estávamos construindo o salão de Uposatha e algum café foi trazido. Depois de um tempo, escutei algumas pessoas reclamando: “Oh! Basta! Basta! Tomei tanto café que estou passando mal.” Isso é realmente algo muito repulsivo para um monge dizer! Beber tanto a ponto de achar que vai vomitar. Sete ou oito copos cada um. O que vocês estão pensando? Isso é ir longe demais. Vocês pensam que se tornaram monásticos com o intuito de comer e beber? Se aquilo foi um tipo de competição, foi uma competição insana. Depois que vocês terminaram, os copos foram largados lá em uma longa fileira assim como os bules. Ninguém lavou nada. Só os cachorros não limpam as coisas depois que comem.

Luang Pó insistia que o consumo de quaisquer bebidas e frutas medicinais no mosteiro devia se restringir a um local e horário determinados, e aberto a todos. Um monge que recebesse algum

presente individual de sua família era encorajado a abrir mão dele para a cozinha. Festas privativas em cabanas de monges eram absolutamente proibidas. Luang Pó via que pequenas reuniões privativas levavam à formação de grupos pelo mosteiro e ao comportamento desatento:

Vocês se juntam para comer uvas indianas ou açúcar de palmeira ou qualquer outra coisa e começam a tagarelar, e depois de pouco tempo já estão fora, com a cabeça rodando pelo mundo. Vocês começam a falar de assuntos mundanos e pouco tempo depois já falam em largar o manto e sobre o que farão depois que saírem do mosteiro. Vocês ficam barulhentos e causam estardalhaço, e na euforia vocês se esquecem de suas responsabilidades como monges.

RECITAÇÃO NOTURNA DE CÂNTICOS

Os monges tomavam banho todos os dias em uma das áreas de banho abertas designadas, distribuídas pela floresta. Cada monge levava seu próprio sabonete e despejava água do poço no corpo usando um pote de plástico de um dos grandes jarros de barro. Depois de tomar banho, os monges praticavam meditação andando até que o sino fosse tocado para a sessão noturna. Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, as sessões incluíam uma palestra de Luang Pó quase todas as noites, mas nos últimos anos, como sua saúde declinou, Luang Pó se dirigia à Sangha com menos frequência. Ajahn Sukchai disse:

"Luang Pó enfatizava a recitação de cânticos, pois ele queria que nós os levássemos para nossa meditação ... Ele sempre parecia muito entusiasmado em nos ensinar; realmente queria que nos beneficiássemos da prática. Era como se fôssemos o metal que ele estava martelando para endireitar em uma bigorna; ou a madeira que estava cortando em pedaços menores para poder entalhar. Ele colocou muita energia em nos ensinar. Quem não conseguisse aguentar, ia embora. Ele não mimava ninguém. Queria que fôssemos bem treinados. Durante o dia, dizia-nos para não lermos livros, mas para memorizarmos cânticos ... e então meditar, sentados ou andando. Ele não queria que nos socializássemos, que ficássemos à toa sentados, conversando de uma maneira barulhenta.

"A sessão noturna terminava às nove ou dez horas da noite, às vezes às onze da noite, e todos voltavam para suas cabanas e seguiam com sua prática. Luang Pó dizia que não devíamos dormir antes das onze da noite. Em dias de observância, todos faziam a determinação de não se deitarem por toda a noite. Meditávamos juntos com os praticantes leigos no salão de Dhamma até as três da manhã e então começávamos a recitação matinal."

SEM EXCEÇÕES

A despeito de ser um orador nato e dar, de longe, mais instruções formais aos seus discípulos do que era comum na tradição da floresta, Luang Pó deu prioridade a liderar pelo exemplo. Ele era cuidadoso em estabelecer precedentes. Estava claro que ele buscava fornecer um modelo para todos os discípulos terem em mente quando eles mesmos se tornassem líderes. Ajahn Jan relembra que, em um certo ponto, a comunidade monástica ficou preocupada com a saúde de Luang Pó. Somado ao fato de liderar a Sangha em todas as atividades de grupo, ele também participava de várias atividades extras como abade e tinha pouco tempo para descansar. Mas quando a Sangha formalmente o convidou para dar uma pausa na participação das atividades de grupo, a qualquer momento que quisesse, ele recusou. Disse que participaria enquanto tivesse capacidade para tal. Não queria ter privilégios especiais; ele não precisava de nenhum. As palavras nunca ditas, mas que todos ouviam eram: "Se eu posso participar de todas as sessões com todas as minhas

responsabilidades, então certamente vocês também podem”. Quando Ajahn Sumedho (seu primeiro discípulo ocidental) chegou, Luang Pó deixou claro que ele não receberia nenhum tratamento especial:

Eu nunca tinha visto um ocidental antes; não o conhecia. Apenas ouvia dizer que seu país era um lugar maravilhoso. Mas eu não vi [o país]; apenas imaginei como poderia ser. Quando ele pediu para viver aqui, comecei a ficar um pouco inquieto. Fiquei preocupado. Por quê? Porque ele estava acostumado com uma vida conveniente e confortável; como aguentaria as dificuldades de viver em uma floresta como essa? Mas ele me disse que poderia fazer isso, e então coloquei uma condição: disse que ele podia ficar, mas que eu não lhe daria nenhum tratamento especial. Em casa, ele costumava comer pão, queijo e tomar leite à vontade, mas eu não providenciaria aquelas coisas para ele.

Desnecessário dizer, Ajahn Sumedho chegou à Wat Pah Pong sem a menor expectativa de que o mosteiro fosse dar para ele uma porção diária de sanduíches de queijo e um copo de leite. Mas ele aceitou o ponto de Luang Pó de que deveria se conformar com a forma como as coisas eram feitas lá e não esperar quaisquer privilégios especiais. A prática era ir contra a corrente de velhos hábitos e desejos, e aprender sobre como se adaptar sabiamente às situações.

O Vinaya, e as observâncias em particular, permitiam que diferentes personalidades vindas de diferentes contextos pudessem viver juntas com excepcionalmente pouco atrito entre elas. A prática das observâncias dava aos novos membros da Sangha um senso de tranquilidade para a vida monástica. Enquanto a prática de meditação pudesse estar em sua infância, a prática diligente das observâncias lhes dava um orgulho saudável do monasticismo. Luang Pó explicou como o fato de manter as observâncias era uma fonte-força:

Uma vez, muito tempo atrás, eu estava ao norte daqui, vivendo com alguns monges mais velhos. Eles eram *Luang Tas* — estavam ordenados há apenas uns poucos anos — e naquela época eu já era monge há dez anos. Enquanto estava lá, coloquei um grande esforço em praticar as observâncias. Ajudava os monges mais velhos com seus mantos e tigelas, esvaziava suas cuspideiras, todo tipo de coisas. Eu não pensava que estava fazendo nenhum favor; considerava que estava praticando minhas observâncias. Pensava que mesmo que ninguém praticasse as observâncias, eu praticava; o lucro era meu. Aquilo me fez sentir um bom e saudável orgulho. No dia de Uposatha, eu varria o salão de Uposatha e colocava a água. Os outros monges não conheciam essas observâncias, então não se importavam com elas, e eu não dizia nada. Sentia aquele orgulho saudável, enquanto realizava as tarefas e, quando praticava meditação sentado e andando, sentia-me bem, a meditação ia bem. Eu me sentia energizado porque manter as observâncias é energizante.

Ter boa postura externamente, ser brilhante e desperto internamente: esse era o ideal que os monges que treinavam em Wat Pah Pong deviam trabalhar para alcançar. Ao orientar as mentes dos monges de maneira precisa sobre o ambiente físico e social, as observâncias ajudavam a reduzir os perigos de que meditadores mais sérios caíssem vítimas da auto absorção. Luang Pó não queria um treinamento que produzisse uma forma elevada e supramundana de narcisismo. Assumir responsabilidades e fazer sacrifícios para o bem comum tinha que ser balanceado com períodos de prática formal de meditação.

Onde quer que algo precise ser feito no mosteiro, se você sabe como fazê-lo, então tome conta daquilo. Se você encontrar alguma coisa suja e desorganizada, então arrume aquilo imediatamente. Não é para o bem de alguém em especial ou para fazer um bom nome para você mesmo, mas para o bem de sua prática. Quando você tem uma motivação, limpar as

coisas é como varrer a sujeira da mente. Onde quer que haja algum trabalho pesado para ser feito, então todos devem dar uma mão. Nada leva tanto tempo para ser feito se toda a Sangha ajuda a fazer.

Luang Pó era especialmente crítico dos monges que se esquivavam de sua parte nos trabalhos comunitários e tiravam vantagem do trabalho duro dos outros:

Certa vez, estava morando com um grande grupo de monges. No dia de lavar os mantos, eu ia cortar pedaços de tronco de jaqueira e preparar a água. Assim que a água estava fervendo, alguns dos monges e noviços chegavam, faziam sua lavagem e tingimento e então desapareciam. Eles deixavam seus mantos pendurados nos varais e voltavam para suas cabanas para um cochilo sem nem sequer ajudar a guardar as coisas ou limpar o local. Eles pensavam que estavam fazendo algo bom, mas na verdade, eles estavam fazendo a maior estupidez. Pense nisso: seu amigo faz o trabalho e você colhe os frutos sem fazer nada para ajudá-lo. Absolutamente nada de bom vai vir desse tipo de comportamento. Se monges negligenciam suas tarefas e pensam que quanto menos trabalho puderem fazer, melhor, então não serão capazes de viver em comunidade.

É como dois búfalos puxando uma carroça. O mais esperto fica arreado à frente do cabresto e deixa que o outro faça todo o esforço de puxar em frente. O búfalo que está mais próximo do cabresto pode passar o dia inteiro sem se cansar. Ele pode seguir ou descansar, pode fazer o que quiser, pois não está carregando nenhum peso ou gastando qualquer energia. Com apenas um búfalo puxando, a carroça se move devagar.

PROSTRANDO-SE

Expressar devoção a realidades não materiais, como sabedoria e compaixão, prostrando-se diante de formas materiais que as expressam — imagens do Buddha, em especial — é uma antiga prática budista. A natureza da prostração varia de algumas formas no mundo budista. Em Wat Pah Pong, era ensinada uma versão precisa do estilo tailandês de prostração. Ela começa pela adoção da postura ajoelhada. As mãos são trazidas em forma de oração à altura do peito, levemente levadas à testa e então posicionadas no chão, com mais ou menos vinte centímetros de distância entre elas, palmas para baixo. A testa é baixada para tocar o chão entre as mãos, sobrancelhas alinhadas com as pontas dos polegares, cotovelos perto dos joelhos, antebraços colocados no chão. Depois de uma curta pausa, há um retorno à posição ajoelhada e o movimento é repetido mais duas vezes. Três prostrações: uma para cada um dos três refúgios.

Prostrar-se pode ser uma prática muito gratificante e ainda, ao mesmo tempo, ser facilmente tratada como um ritual mecânico. Para praticantes dedicados, a sensação da testa pressionando contra o chão pode ter um efeito emocional tão profundo que eles sentem lágrimas de satisfação nos olhos.

Prostrações tornaram-se uma das características mais marcantes do treinamento em Wat Pah Pong. Luang Pó e seus discípulos prostravam-se bastante — muito mais do que era comum na maioria dos mosteiros tailandeses (monges da cidade referiam-se ao “mosteiro onde se prostra o tempo todo”). Para Luang Pó, prostrar-se era tanto um curto ritual para se recordar dos ideais do Buddha, do Dhamma e da Sangha, quanto uma ferramenta prática para trazer a atenção ao momento presente. Na maioria dos mosteiros, monásticos prostram-se para o Buddha em ocasiões formais, como durante as sessões matinais e vespertinas, ou quando prestando reverência a um monge sênior. Luang Pó ensinou, adicionando a isso, que seus discípulos deveriam se prostrar sempre que entrassem ou saíssem de algum local no mosteiro e todas as vezes em que se aproximassem ou

deixassem a presença de um monge sênior. Monges de Wat Pah Pong podiam esperar prostrar-se mais de cem vezes por dia. Prostrar-se como forma de regularmente restabelecer *sati* foi uma prática que Luang Pó aprendeu com Luang Pu Kinari, quando era um jovem monge, e a qual deu bastante importância:

Prostrar-se é muito importante. Embora seja apenas um gesto físico, é parte da prática. Você deve prostrar-se de maneira correta e, quando estiver em grupo, prostrar-se ao mesmo tempo que os demais. Não arqueie o corpo. Não faça com pressa. Com o corpo ereto, vagarosamente incline a cabeça para frente até que a testa toque o chão. Coloque os cotovelos a mais ou menos dez centímetros de seus joelhos. Prostre-se devagar, plenamente atento ao corpo.

**

Prostrar-se ajuda a curar a presunção. Vocês devem prostrar-se com frequência. Enquanto se prostram três vezes, tenham em mente as qualidades do Buddha, do Dhamma e da Sangha.

**

Não cometa o erro de ver como os outros se prostram. Se jovens noviços são descuidados ou os monges mais velhos parecem ser desatentos, não cabe a você julgá-los. Pessoas podem ser difíceis de treinar. Algumas aprendem rápido, outras aprendem devagar. Julgar os outros apenas vai aumentar o seu orgulho. Observe a si mesmo em vez disso. Prostre-se frequentemente, livre-se do seu orgulho.

**

Quando você escutar o sino do mosteiro, prostre-se antes de sair de sua cabana. Na primeira prostração, relembre sinceramente das virtudes do Buddha; na segunda prostração, relembre sinceramente das virtudes do Dhamma; e na terceira prostração, relembre sinceramente das virtudes da Sangha. Então saia vagarosamente da cabana. Se quando você chegar na área central, para ajudar com a varrição ou com alguma outra atividade em grupo, você perceber que se esqueceu de fazer as prostrações, volte então para sua cabana e faça as prostrações. Treine a si mesmo até que isso se torne uma segunda natureza para você. Quando o trabalho estiver terminado e você voltar para sua cabana, prostre-se de novo. Prostre-se antes de começar a meditar, prostre-se antes de sair da sua cabana. Não deixe essa prática escorregar; mantenha essa prática continuamente ... Se você for urinar ou defecar ou tomar banho, então quando você voltar, prostre-se. Desenvolva essa prática até você se lembrar dela onde quer que você esteja. Assim que você se senta, você se prostra. Com uma mente de fé, fazer prostrações enquanto se recorda das virtudes da joia tríplice, pode fazer arrepiar os pelos da nuca, pode fazê-lo sentir-se arrebatado pelo êxtase.

RESPEITO PELOS ANCIÃOS

No discurso do Não Declínio mencionado anteriormente, o quarto dos fatores que prediziam o não declínio da Sangha é listado como o respeito pelos anciãos. Luang Pó, sempre de olho no bem-estar de seu mosteiro a longo prazo, fez dessa uma característica chave da cultura de Wat Pah Pong, e ele a considerava um elemento vital para manter o tipo de harmonia social apropriado a uma comunidade de *samaṇas*. Através dos tempos, amizades e inimizades ocasionais surgiam e desapareciam na comunidade de uma maneira natural. Mas ao insistir que monges sempre se relacionassem uns com os outros estritamente dentro dos limites estabelecidos pela etiqueta

monástica, Luang Pó fez muito para prevenir o desenvolvimento de grupos e divisões dentro do mosteiro. Prostrar-se tinha um papel central. A exigência de que, em ocasiões formais, os monges se prostrassem para todos os monges seniores a eles, dava aos membros da Sangha um lembrete constante de que a consideração pela senioridade sempre tinha precedência sobre os gostos e desgostos individuais.

Somado a isso, sempre que um monge entabulasse uma conversa formal com outro monge sênior a ele⁸³, era ensinado a manter suas mãos postas em forma de oração (*añjali*) pelo período que durasse a conversa. Uma prática como essa era de grande ajuda para garantir que quaisquer palavras que fossem ditas seriam atentas, respeitosas e apropriadas. A língua tailandesa por si mesma ajuda na prática da fala correta. Em conversas, a escolha das palavras é frequentemente determinada pela relação entre as pessoas. As palavras e frases específicas que denotam respeito aos mais velhos sempre foram utilizadas nas conversas entre monges. Honrarias nunca eram omitidas.

Às vezes, é feita uma objeção de que essas convenções sociais embaralham sentimentos internos de respeito com as expressões externas dos mesmos. Mas uma atitude fixa de respeito, sem levar em conta os verdadeiros sentimentos, não encorajaria a hipocrisia? Isso não era visto dessa forma. O princípio que Luang Pó fomentou constantemente em seu treinamento em Wat Pah Pong era de que ações saudáveis, realizadas de forma repetida como observâncias, promoviam estados mentais saudáveis, de acordo com elas. Então, por agir repetidamente de maneira respeitosa, pensamentos e percepções saudáveis eram promovidos e priorizados, enquanto os não-saudáveis eram marginalizados.

Na verdade, vários dos protocolos que guiavam as relações entre membros juniores e seniores da comunidade já eram familiares aos monges quando eles ingressavam na Sangha de Wat Pah Pong. Através de séculos, certas características da etiqueta monástica foram adotadas pela sociedade tailandesa como regras de ouro para os bons modos. Isso é particularmente verdade no tocante à demonstração de respeito pelos anciãos. *Sati* do espaço físico e da posição relativa é uma expressão óbvia e imediata desses protocolos. Em Wat Pah Pong, um monge júnior nunca deve permanecer em pé se estiver próximo a um monge sênior que esteja sentado, ou andar próximo dele sem o devido reconhecimento. Se o monge sênior que estiver sentado for seu professor, o estudante precisa se agachar e se aproximar de joelhos, cabeça abaixada. Se o monge que estiver sentado for sênior a ele, mas não for seu professor, ele inclina a cabeça enquanto passa perto dele — num gesto de se fazer menor.

Um monge júnior nunca toca a cabeça de um monge sênior a ele. Nunca fica acima da cabeça de um monge sênior sem antes pedir permissão. Sempre se senta em um assento mais baixo. Em qualquer configuração formal, nunca fala sem antes pedir permissão. Se o monge sênior for seu professor ou um reverenciado membro mais antigo da Sangha, ele se prostra três vezes toda vez que chega ou sai de sua presença. Para um homem jovem ingressando na Sangha de Wat Pah Pong, a maioria dessas convenções pareceriam ser versões mais refinadas de um comportamento que já era de sua própria natureza.

⁸³ Falando de maneira estrita, um monge é considerado sênior a outro quando tem três anos de vida monástica (ou mais) a mais do que esse outro. Na prática, monges de Wat Pah Pong prestariam respeito, pelo menos em ocasiões formais, a qualquer monge que tivesse ingressado na Sangha antes deles, mesmo que o intervalo fosse de menos de três anos.

NADA TÃO MAU

Na verdade, Ānanda, não é possível que um monge que se deleita com companhias ... obtenha à sua vontade, sem problemas ou dificuldades, a felicidade da renúncia, a felicidade da reclusão, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação. - MN 122

Um sucinto ensinamento que os discípulos de Luang Pó recebiam desde o início de suas vidas monásticas e que resumia os valores de Wat Pah Pong era:

Coma pouco. Durma pouco. Fale pouco. Pratique muito.

Os perigos das fofocas e das conversas fúteis eram mencionados, direta ou indiretamente, em várias das regras da Sangha. Luang Pó reiterava que a prática apenas se desenvolveria de verdade quando os monges estivessem dispostos a encarar o sofrimento e aprender com ele. Conversas fúteis eram um dos principais meios pelos quais os monges tentavam se distrair para enganar o sofrimento. E não era apenas essa a desvantagem. Os tópicos das conversas fúteis agitavam as impurezas de todos os envolvidos. Socializar-se com propósitos frívolos frequentemente levava à discórdia, e isso minava a harmonia da Sangha.

De todas as atividades prejudiciais que já vi desde que comecei a morar na floresta, nenhuma é pior do que monges se juntarem para jogar conversa fora. Isso tem os resultados mais nocivos. Mas também é a atividade mais difícil para monges e noviços se absterem. É bem aqui onde as coisas podem dar errado. Não vejo nenhum benefício nisso: prejudica a sua prática, o seu trabalho. É algo impróprio e depois que termina causa remorso. Não há nada de bom nisso. Isso foi o que fez as coisas darem errado no passado — bem aí. Quando vocês se juntam dessa forma, então sua fala se torna exagerada, vocês começam a falar bobagens, começam a rir e tirar sarro uns dos outros — e surge todo tipo de tolice.

Em um grupo, você começa a brincar e a se divertir, então sua mente fica agitada. Você não percebe o quanto está falando alto, pois perde a noção, você está perdido no prazer daquilo. É bem aí que você precisa estar atento, não apenas quando você está por sua própria conta. Quando você está sozinho, não precisa de tanta atenção; mas em um grupo, você precisa de muita. Em grupos de monges, grupos de noviços, grupos de leigos — é onde você precisa estar atento, não se deixando levar por humores. Continue voltando ao seu objeto de meditação em intervalos regulares. Em companhia de outros, sua prática precisa estar em um nível muito alto.

Em outra ocasião, Luang Pó falou sobre o estado mental de um praticante e sobre como isso é refletido em seu comportamento externo:

Se, através desse treinamento, sua mente tornou-se lúcida e calma, você vai ficar mais afastado dos seus amigos, não vai querer socializar-se. Se as pessoas vêm vê-lo, você vai achar aquilo um aborrecimento ... o Buddha disse que um grupo de dez mil, ou centenas de milhares de seres iluminados, podem viver juntos sem fazer qualquer barulho. Coloque uma centena ou duas de verdadeiros praticantes morando juntos, e não haverá nenhum som de conversa fútil.

CENSURA

Várias das observâncias e protocolos suplementam as regras de treinamento monástico que regulam o contato de monges com mulheres leigas. As conversas de um monge júnior com mulheres leigas eram restritas a membros da família. Para poder falar com qualquer mulher leiga, incluindo a própria

mãe, um monge devia primeiro pedir permissão, e então conversar em um local público com pelo menos mais um outro homem presente. Luang Pó via os apegos sensuais dos jovens monges como feridas abertas que estavam em um lento processo de cura. Contato com pessoas leigas em geral, e mulheres em especial, era visto como uma exposição desnecessária dessas feridas à possibilidade de infecção. Ajahn Jandi recorda:

"Ele insistia que ter muito contato com pessoas leigas era causa para o declínio ... Monges da minha geração ficavam no mosteiro por dois ou três anos, antes que pudessem conversar com pessoas leigas. Às vezes, minha irmã vinha me visitar e nós ficávamos com muito medo de Luang Pó para falarmos muito um com o outro. Era ainda pior se você pedia permissão para ir para casa visitar a família. 'Por quê?' Ele lhe perguntava com uma voz severa. Ele era tão intimidador que você nunca mais iria querer perguntar de novo. Se você quisesse visitar sua casa, precisava ter um motivo muito bom."

Mulheres que fossem visitantes do mosteiro deveriam ser recebidas na área pública. Era absolutamente proibido para mulheres fazer visitas aos monges em suas cabanas. Luang Pó explicou como essas regras protegiam a reputação de um monge:

Se você tem visitas — sua mãe, sua irmã mais nova ou quem quer que seja — você deve recebê-las no refeitório. Se alguém chega perguntando de um monge em específico, não importa quem seja, convide essas pessoas a irem ao refeitório e esperarem lá. Por que vocês não têm permissão de receber ninguém em suas cabanas? Porque se uma mulher vem visitá-los, como alguém saberá se ela é sua irmã ou sua mãe? Como alguém vai saber se ela não é a sua ex-mulher ou uma antiga namorada?

Aos olhos da modernidade, a atitude de Luang Pó pode parecer demasiado paternalista. Mas paternalismo era exatamente o ponto. Monges entravam voluntariamente em uma relação de pai e filho com o professor e, ao fazerem isso, davam a ele o direito de fazer esse tipo de julgamento a respeito do bem-estar espiritual deles. O profundo conhecimento que Luang Pó tinha do funcionamento da mente o tornou sensivelmente ciente de como as impurezas mentais podem ser fortes e traiçoeiras. Era questão de apenas alguns instantes de desatenção para que antigos hábitos não saudáveis, ainda não domados, tomassem conta dos ideais e aspirações de um monge e causassem dano permanente, tanto em seu bem-estar, quanto na sua reputação e na reputação do mosteiro. Dado o que estava em jogo, supervigilância, como a superengenharia para estruturas que devem suportar muita carga, era a política mais sábia.

As restrições ao contato com leigos estendiam-se ao envio e recebimento de correspondências:

Quando você receber uma carta ou quando você for enviar uma, informe a Ajahn Chu ou a Ajahn Liem. O que você escreveu? Leia em voz alta para eles. Quando uma carta chega, dê para que um deles a leia antes. Que tipo de carta é essa? Sobre o que é essa carta? Tem uma moça lhe escrevendo? É uma carta razoável? Você está em contato com os comunistas? Você está contrabandeando algo com agentes secretos? Observe se a sua correspondência leva ao crescimento ou ao declínio no Dhamma.

CERIMÔNIAS I — PEDINDO PERDÃO

Luang Pó usava vários dos pequenos rituais encontrados nos textos do Vinaya para promover valores de harmonia e bom companheirismo na Sangha. Daqueles que regulamentavam as relações entre professores e estudantes, monges seniores e juniores, o de “pedir perdão” era o mais pessoal.

Antes de deixar um mosteiro por um período mais longo — para sair em *tudong*, por exemplo, ou para ir residir em um mosteiro afiliado — um monge, vestindo seu manto com o ombro direito exposto e o manto externo dobrado e posicionado cuidadosamente sobre o ombro esquerdo, se aproximaria de Luang Pó. Em suas mãos, estaria carregando uma pequena bandeja que teria velas, incensos, flores e escovas de dentes de madeira que ele mesmo teria esculpido. Depois de prostrar-se três vezes e então se sentar sobre os calcanhares, mãos postas em *añjali* e recitando frases tradicionais em páli, ele formalmente pediria perdão por quaisquer atitudes inapropriadas de corpo, fala e mente, intencionais ou não intencionais, públicas ou privadas, que pudesse ter cometido durante o período em que esteve sob as instruções de Luang Pó.

Luang Pó primeiramente diria a frase em páli oferecendo o perdão ao seu discípulo e então, em retorno, pediria perdão a ele por ter-lhe causado, inadvertidamente, qualquer tipo de aflição. Então Luang Pó daria uma bênção, seguida de um ensinamento do Dhamma. Era uma cerimônia que selava de maneira elevada o período precedente. Dava ao estudante (que de outra maneira teria ficado com muito receio de pedir uma entrevista pessoal com Luang Pó) um encontro mais íntimo com seu mestre do qual ele se lembraria em qualquer lugar que fosse no futuro. Se um monge tivesse quaisquer arrependimentos ou medo de que houvesse cometido algum mau kamma, enquanto estava vivendo com Luang Pó, sua mente então poderia descansar com as palavras de perdão.

Essa cerimônia não era restrita apenas para marcar o final do período sob os ensinamentos de Luang Pó. Seus discípulos que ingressassem em uma relação de treinamento com o abade de um mosteiro afiliado deveriam realizar a mesma prática. Essa era considerada a forma correta para os monges se despedirem uns dos outros. A cerimônia também era realizada por toda a Sangha, antes do início de um retiro — um tipo de renovação de ares, a declaração de um novo começo.

Luang Pó também encorajava monges a utilizarem a cerimônia como uma forma habilidosa de resolver quaisquer desavenças que pudessem ter acontecido ocasionalmente entre eles e fazer um desagravo formal por qualquer mau comportamento. Um monge não pede perdão a um monge que seja júnior dessa maneira formal, é sempre o monge júnior quem pede perdão ao monge sênior (se um monge sênior sente a necessidade de se desculpar com um monge júnior, ele o faz de maneira informal). Em situações onde houvesse sentimentos feridos dos dois lados de uma disputa, e o monge júnior não sentisse que havia feito algo errado, ele iria, mesmo assim, ser encorajado a engolir seu orgulho e pedir perdão. Ao assumir a culpa dessa maneira, dava ao monge sênior a oportunidade de ser magnânimo, de aceitar sua parcela de culpa pela situação sem se sentir envergonhado. Essa breve cerimônia fornecia um ambiente surpreendentemente eficaz para que os monges deixassem as desavenças para trás.

Ajahn Liem, o monge que Luang Pó escolheu pessoalmente para ser seu sucessor como abade de Wat Pah Pong, refletiu sobre como compreender a cerimônia de pedido de perdão que havia aprendido:

"Os sábios consideram o pedido de perdão como uma forma de apagar as coisas ruins de suas mentes. Às vezes, por desatenção, por descuido, ou por falta de entendimento, podemos ter pensamentos não saudáveis a respeito de nossos professores. Quando queremos que esses pensamentos diminuam e desapareçam de nossas mentes, então realizamos essa cerimônia com o intuito de cortar as consequências kammicas⁸⁴. Isso é de grande benefício para praticantes do Dhamma, porque evita que a preocupação e a agitação tomem conta da mente. Isso traz o fim das

⁸⁴ Uma referência a "desabilitar" (*ahosi*) kamma, algo que ocorre para que sejam removidas as condições necessárias para que um ato kammico gere frutos de uma maneira específica.

suspeitas e desconfianças. Você se sente brilhante e com clareza. Sua mente fica em paz, quer você permaneça com o seu professor ou vá para outro lugar. O pedido de perdão é uma bela tradição. Às vezes, até seres iluminados pedem perdão, com o intuito de serem bons exemplos para seus discípulos e para as gerações futuras."

CERIMÔNIAS II — PEDINDO DEPENDÊNCIA

Um monge júnior (*navaka*) — aquele que se ordenou a menos de cinco anos — deve “tomar dependência” a um professor. Ele o faz por meio de uma curta cerimônia durante a qual faz a solicitação: “Que o venerável monge seja meu professor. Eu viverei sob sua dependência”. Quando o professor responde afirmativamente, o estudante recita:

“Mayham bhāro; aham'pi therasa bhāro.”

“Possa você ser meu fardo. Possa eu ser seu fardo.”

Através dessa cerimônia, o monge declara-se formalmente disposto a ser treinado e a estar aberto a admoestações. Apenas depois de finalizados os primeiros cinco anos de treinamento, um monge ganha o privilégio de viver independente de um professor.

A cerimônia é repetida por toda a comunidade monástica no início do retiro anual das chuvas de três meses. Primeiro, a comunidade pede perdão para o professor por quaisquer transgressões que possa ter cometido contra ele durante os meses anteriores. Então renova o pedido de dependência a ele para o retiro vindouro. O professor dá a bênção aos discípulos e então profere uma exortação. Em uma dessas ocasiões, Luang Pó ensinou:

Vocês agora solicitaram dependência. É como se vocês não tivessem onde morar ou que sua casa não fosse grande o suficiente ... e vocês pedissem para morar na casa de alguém e se tornarem seus dependentes. Existem conselhos que vocês precisam pedir e certas tarefas que precisam realizar por respeito ao dono da casa. Uma dessas tarefas aqui é que, em cada ocasião que eu lhes ensine alguma coisa, vocês levem minhas palavras com vocês, reflitam sobre elas e então pratiquem de acordo. Minha tarefa é dar assistência a todos vocês em suas necessidades materiais e ensinar-lhes o Dhamma e as várias observâncias.

Então, de hoje em diante, nosso relacionamento será de professor e discípulo. Como professor, eu lhes dou o Dhamma, reflexões, perspectivas e conhecimento na medida adequada. Como vocês me pediram dependência, estou feliz em poder proporcionar isso e não tenho ressalvas quanto a isso. Se cuidarmos uns dos outros, como pai e filhos, então nossa relação será de mútua confiança.

O Buddha nos ensinou que se formos a um mosteiro e ele parecer um local adequado, então no primeiro ou no segundo dia, quando quer que haja uma ocasião conveniente, que a gente busque a permissão do professor para permanecer por um período mais longo ou que peçamos a ele, o quanto antes, a relação de dependência. Então vocês podem dizer: “Se o venerável abade considerar que minha conduta e modos estão inadequados ou inapropriados, então o convido, por favor, por compaixão, a me advertir. Levarei comigo o que o senhor disser para refletir de acordo.”

Isso é realmente algo excelente a ser feito. Se você não fizer isso, então o professor não sabe o que pode dizer a você. Ele não sabe se você está ou não disposto a ser advertido, se você vai ficar bravo com qualquer coisa. Então, convidar alguém a adverti-lo é importante; isso

mostra respeito. Quando um professor como eu ouve esse convite, ele se sente mais tranquilo. Se o discípulo faz algo errado, então o professor sabe que pode lhe dizer algo; ele se sente encorajado a dar instruções e ensinamentos. Não há dúvidas ou incertezas em sua mente. Solicitar dependência cria uma aproximação entre professor e estudante. O discípulo se abre, se torna humilde; e um entendimento mútuo profundo pode se desenvolver.

De acordo com o Código de Disciplina, é esperado que um monge com mais de cinco retiros das chuvas tenha ganho suficiente conhecimento do Dhamma e da Disciplina para viver de maneira independente de um professor, se ele quiser. Ele deve saber o que é uma ofensa e o que não é, o que é uma ofensa grave e o que é uma ofensa leve, e a forma como se redimir das ofensas cometidas. Certamente, nem todos aqueles que tenham sido monges por cinco anos ganharam esse nível de maturidade. Nesses casos, Luang Pó os mantinha sob dependência até que estivesse convencido de que tinham conseguido. Ele também observava que, mesmo que não fosse algo compulsório, um monge que fosse "restrito e de boa compostura, respeitoso e atencioso" poderia solicitar dependência de qualquer maneira, "como um filho adulto, com os cabelos já grisalhos, mas cujo respeito pelos pais nunca fraqueja".

AS CATORZE TAREFAS

Como a palavra "prescrições" sugere, os textos do Vinaya coletados nos *Khandhakas*, não se referem apenas aos atos de "comportamento equivocado", mas também a tarefas e responsabilidades que deveriam ser "mandatórias". Uma marca do treinamento em Wat Pah Pong era a importância dada a um grupo de catorze dessas tarefas ou *kiccavatta*. Luang Pó dizia que elas promoviam o desenvolvimento pessoal de *sati* nos monges, circunspeção, meticulosidade e atenção às suas responsabilidades, ao mesmo tempo que nutriam a harmonia e a integridade da Sangha. Essas tarefas são as seguintes:

1. As tarefas de um monge visitante ao chegar em um mosteiro.
2. As tarefas dos monges residentes para com os monges visitantes.
3. As tarefas de um monge ao partir de um mosteiro.
4. A forma de demonstrar apreciação de méritos.
5. As tarefas no refeitório e quando recebendo uma refeição fora do mosteiro.
6. As tarefas durante a mendicância matinal.
7. As tarefas de um morador de florestas.
8. As tarefas para com o local onde você mora.
9. As tarefas na "casa de fogo".⁸⁵
10. As tarefas com relação ao banheiro.
11. As tarefas de um discípulo para com seu preceptor.
12. As tarefas de um preceptor para com seu discípulo.

⁸⁵ Uma precursora da sauna moderna, usada para fins medicinais.

13. As tarefas de um discípulo para com seu professor.

14. As tarefas de um professor para com seu discípulo.

DEVERES PARA COM O PROFESSOR OU PRECEPTOR

Desses deveres, uma explicação detalhada de apenas um par — os deveres de um discípulo para com seu professor ou preceptor⁸⁶ — vai dar uma ideia de sua sofisticação.

Vocês devem todos se interessar por esses vários deveres, como por exemplo, aqueles com relação ao professor ou preceptor. Esses deveres nos unem e criam um senso de comunidade e harmonia. Eles nos permitem mostrar nosso respeito de uma forma que tem sido considerada auspiciosa desde a época do Buddha.

A relação professor-estudante citada nas escrituras é guiada pela ideia de responsabilidade mútua. O professor executa sua responsabilidade para com o estudante ao lhe ensinar e ao agir como um bom exemplo; o estudante realiza seus deveres para com o professor dedicando-se ao estudo e a aplicação de tudo o que lhe foi ensinado e ao realizar serviços diversos para ele. Em Wat Pah Pong, o papel de atendente pessoal era altamente cobiçado e o atendente era trocado regularmente com o intuito de evitar ciúmes.

Assistência ao professor é um tipo de prática única do Dhamma; essencialmente, o monge toma as necessidades diárias do seu professor como objeto de meditação. É uma prática que requer devoção, paciência, resiliência, sensibilidade, inteligência e vigilância. O sistema pelo qual monges juniores trocam turnos para atuar como atendentes de seu professor tem muitos efeitos benéficos, tanto para o professor quanto para o estudante. O estudante ganha a oportunidade de ver de perto a forma como o professor pratica, de ser inspirado por ele, de desenvolver um contato próximo com ele e de vencer a vergonha de pedir instruções pessoais. Ao mesmo tempo, o professor pode ver o discípulo de perto e observar seu comportamento geral, sua *sati*, a atitude com a qual ele realiza as tarefas e seu caráter em geral — todas essas coisas o ajudam a ensinar seu discípulo de forma mais efetiva.

A extensão na qual esses deveres para com o professor são realizados é influenciada, em um certo nível, pela idade e pela personalidade do professor. Existe menos a ser feito para um professor saudável, em seus quarenta anos, do que para um que esteja mais frágil nos seus setenta anos. Alguns monges seniores insistem em receber a menor quantidade possível de serviços e em seguir cuidando, eles mesmos, de seus próprios assuntos. De maneira geral, professores prefeririam realizar, eles mesmos, várias das tarefas que seus atendentes realizariam para eles. Mas eles se submetem às convenções por respeito ao Vinaya e para benefício do atendente.

Com algumas modificações, a prática ensinada em Wat Pah Pong (baseada de perto na prescrição original dos *Khandhakas*⁸⁷) será explicada a seguir. De manhã cedo, o atendente encaminha-se à cabana do professor e anuncia sua chegada com uma discreta tossida. A primeira tarefa da manhã é a de preparar água para o professor lavar o rosto e escovar os dentes, e então lhe oferecer uma toalha para enxugar o rosto. Em seguida, o atendente oferece ao professor o seu manto inferior (ele estaria dormindo com o pano de banho) e então o seu manto superior. Enquanto eles se

⁸⁶ Os deveres de um estudante para com seu professor ou preceptor se sobrepõem bastante. Aqui, a explicação vai se referir somente ao relacionamento entre estudante e professor, já que Luang Pó não se tornou um preceptor até 1976.

⁸⁷ Vin. Cv. 8.11-12

encaminham para o salão de Dhamma, o atendente, que carrega o manto externo e a bolsa de pano do professor, anda à frente. No salão de Dhamma, ele pega o pano de sentar de dentro da bolsa de pano, estende-o ordenadamente no local apropriado e então coloca o manto externo do seu professor devidamente dobrado ao lado dele. Ao final da sessão matinal, o atendente pega a bolsa de ombro e o pano de sentar e os leva para o refeitório.

Em seguida, o atendente prepara o assento do professor no refeitório, ao posicionar organizadamente o bule d'água, a cuspideira, o pano de colo, a colher de metal⁸⁸ e a escova de dentes de madeira. Prepara a tigela ao desconectá-la do suporte de bambu e ao despejar um pouco d'água nela. Pega então o manto superior e o manto externo do professor e os abre juntos alinhadamente, deixando-os prontos para o professor vestir, já devidamente abotoados entre si. O atendente carrega a tigela do professor até o limite do vilarejo antes de oferecê-la para ele. Assim que a mendicância matinal termina, solicita a tigela e a carrega de volta ao mosteiro à frente do professor. Ao chegar no mosteiro, retira seus próprios mantos superior e externo e esvazia sua tigela e a do professor em um recipiente maior que é levado por um postulante à cozinha. Ele então espera próximo ao lava-pés fora do salão de Dhamma com o intuito de lavar e secar os pés do professor. Ele ajuda o professor a retirar seus mantos, e se eles estiverem marcados de suor, coloca-os para ventilar em um varal.

Assim que o professor termina a refeição, o atendente pede permissão para lavar as mãos dele. O professor coloca suas mãos sobre a cuspideira, o atendente despeja água sobre elas e as seca com uma toalha; ele oferece então uma escova de dentes de madeira. Depois disso, o atendente limpa o assento do professor e leva sua tigela e cuspideira para lavar, e logo depois leva a tigela dele para sua própria cabana e a guarda próximo à sua.

Se o professor estiver recebendo visitas durante o dia, o monge atendente senta silenciosamente ao seu lado e oferece a ele qualquer assistência que possa ser necessária. Se estiver muito calor, por exemplo, ou se houver mosquitos, pode abanar o professor com um leque. Se quiser abrir ou fechar uma janela, deve pedir permissão. Quando o professor tiver alguém como companhia, ele não interrompe a conversa ou fala, a não ser que o professor fale com ele. Se mulheres vierem ver o professor, ele estará sempre presente para garantir que o professor nunca esteja sozinho com uma mulher. Atua como secretário do professor, lembrando-o de quaisquer eventos agendados. Deve conseguir alguma bebida refrescante para o professor, caso ele esteja ensinando há muito tempo. Garante que o professor tome quaisquer remédios que lhe tenham sido prescritos, no horário apropriado. Se percebe que o professor está cansado, então tenta encontrar uma forma polida de encorajar os visitantes a irem embora e possibilitar que o professor descanse.

O monge atendente mantém a cabana do professor limpa, certificando-se de que ela esteja varrida e organizada regularmente. Todos os dias ele varre a área em volta da cabana, o local de meditação andando e o caminho que leva à cabana. Garante que sempre haja uma determinada quantidade de água na jarra de barro para banho e no bule para consumo. Regularmente coloca a roupa de cama para aerar ao sol. Fronhas e cobertores são regularmente lavados. Ele pode realizar reparos na cabana ou informar à Sangha sobre o que precisa ser feito. Mantém o banheiro impecavelmente limpo. Certifica-se de que sempre haja sabonete, pasta de dente, etc.

⁸⁸ Vários monges de floresta preferem comer com a mão direita (sem usar talheres).

O monge atendente é responsável por lavar os mantos do professor. Ele não os abandona no varal, mas cuida deles atentamente enquanto secam e depois dobra-os cuidadosamente e coloca-os de volta na cabana do professor.

O monge atendente prepara um pano de banho limpo, uma toalha e um sabonete para o banho vespertino do professor, que pode tanto acontecer usando a água da grande jarra de barro fora da cabana ou em um banheiro. Se o clima estiver frio, ou o professor estiver doente, o atendente deve conseguir um pouco de água quente para preparar a água do banho. Monges mais velhos, às vezes, sentam-se em uma cadeira enquanto tomam banho; outros ficam de pé, despejando água sobre si mesmos com uma cuia, pegando água da jarra de barro. O atendente ajuda o professor a ensaboar os pés, pernas e costas. Ele não toca a cabeça do professor. Pede permissão antes de tocar o corpo do professor. Alguns professores não gostam de ser auxiliados em seu banho, nesse caso o atendente apenas aguarda de lado, segurando a toalha e os mantos limpos, ou aproveita a oportunidade para limpar as sandálias do professor. Depois que o professor se secou, ele enrola a toalha na cintura e o atendente agacha-se, puxa o pano de banho para baixo e o coloca em um balde d'água com o intuito de lavá-lo. Ele entrega um pano de banho limpo para o professor e o manto inferior. Depois disso, pega os mantos do professor e sua bolsa de pano e os leva para o salão de Dhamma, em preparação para a sessão noturna da mesma forma que fez de manhã.

A última coisa da noite, o atendente prepara a cama do professor. Ele se certifica de que haja água fresca para consumo e, se o professor for mais velho e não houver banheiro na cabana, posiciona a cuspeira ao lado da cama (que ele esvaziará de manhã). No inverno, organiza cobertores; se a cabana não tem telas mosquiteiras nas janelas, prepara um mosquiteiro sobre a cama. Se tiver habilidade suficiente, pode oferecer uma massagem ao professor. Finalmente, quando todas as necessidades do professor tiverem sido atendidas, o atendente se prostra três vezes e o deixa descansar.

Por vários anos, o monge que era considerado o mais habilidoso na prática de atender o professor em Wat Pah Pong era o Ajahn Reuangrit.

"Naquela época, Luang Pó costumava ir dormir nas primeiras horas da madrugada e acordava por volta das cinco da manhã. Eu lhe oferecia água para lavar o rosto — quente e fria — e uma escova de dentes de madeira. Para começar, oferecia-lhe água para lavar o rosto e enxaguar a boca, mas tempos depois, pedia-lhe para limpar sua dentadura. Ajudando-o a colocar os mantos, lavá-los, aplicar um creme medicinal em seu corpo, arrumar a cama e assim por diante — se você pudesse fazer um bom trabalho, ele lhe permitiria fazê-lo. Se você o fizesse de maneira desajeitada, ele lhe diria para não fazer — às vezes ele botava você para fora. Não gostava de pedir para que as pessoas fizessem coisas muito pessoais para ele. Nunca lhe pediria para limpar sua dentadura ou esvaziar sua cuspeira cheia de urina; tampouco pedia para que lavassem seus pés ou mantos; nunca falava nada desse tipo. Mas se qualquer um de seus discípulos fosse devotado a ele e quisesse realizar os deveres em relação ao professor como previsto nas escrituras, e o monge tivesse uma certa competência, então ele lhe daria permissão."

Um grande contemporâneo de Luang Pó Chah, Luang Pó Li, deu um dos mais memoráveis relatos sobre o serviço ao professor. A precisão e a atenção aos detalhes esperados dele seriam reconhecidos por qualquer discípulo de Luang Pó Chah.

"Para que lhe fosse permitido ficar com Luang Pu Man por qualquer período de tempo, você tinha que ser muito observador e circunspecto. Você não podia emitir qualquer ruído enquanto caminhava, você não podia deixar pegadas no piso, você não podia fazer barulho enquanto estava tomando água ou abrindo portas e janelas. Deveria haver ciência em tudo o que você fizesse —

pendurando mantos no varal, trazendo-os de volta para dentro, dobrando-os, organizando assentos, organizando a cama, tudo. De outra forma, ele lhe tocara para fora, mesmo que fosse no meio de um retiro das chuvas. Mesmo assim, você tinha que aceitar e tentar usar seu poder de observação.

"Todos os dias depois da refeição, eu ia arrumar o seu quarto, guardar sua tigela e mantos, arrumar sua cama, seu pano de sentar, sua cuspeira, seu bule de chá, travesseiro, etc. Tinha que deixar tudo em ordem, antes que ele entrasse no quarto. Quando tinha terminado, tomava nota de onde tinha colocado as coisas, saía apressadamente do quarto dele e ia para o meu, que era separado do dele por uma parede de folhas de bananeira. Eu tinha feito um pequeno buraco na parede para que então conseguisse ver tanto Luang Pu Man quanto suas coisas. Quando ele vinha ao quarto, ele observava tudo, inspecionando suas coisas. Pegava algumas e trocava de lugar, outras ele deixava onde estavam. Eu tinha que observar atentamente e tomar nota de onde ele estava colocando as coisas.

"Na manhã seguinte, fazia tudo de novo, tentando colocar as coisas nos lugares onde vi que ele mesmo as havia colocado. Finalmente em uma manhã, quando tinha terminado de organizar as coisas e retornei ao meu quarto para observar através do buraco, ele entrou no seu quarto, sentou-se imóvel por um momento, olhou para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, para todos os lados — e não mexeu em nada. Ele nem ajeitou seu lençol. Simplesmente recitou seus cânticos e então tirou uma soneca. Vendo aquilo, eu me senti realmente feliz por ter atendido meu professor de forma que ele tenha ficado satisfeito."

ALOJAMENTOS

"Estaremos satisfeitos com qualquer tipo de alojamento. Elogiaremos o contentamento com qualquer tipo de alojamento. Não exibiremos qualquer comportamento impróprio ou faremos qualquer coisa inconveniente por um alojamento. Não tendo um alojamento, não ficaremos agitados. Obtendo um alojamento, nós o utilizaremos sem nos tornarmos escravos dele, sem ficarmos apaixonados por ele, sem cometer quaisquer ofensas, vendo os perigos e discernindo a escapatória." Assim, monges, é como vocês devem treinar a si mesmos. - SN 16.1

A maioria das cabanas de Wat Pah Pong foi oferecida por apoiadores leigos e suas famílias. Para os moradores das redondezas, juntar dinheiro para construir, mesmo uma modesta cabana de madeira, era um ato de fazer mérito único na vida, e um que os alegraria pelo resto de suas vidas. Monges eram ensinados a honrar a generosidade do doador de suas cabanas, cuidando delas com muita atenção. Negligenciar essa responsabilidade era suscetível de expor o monge culpado a uma dura advertência.

Não há uma força policial na Sangha que obrigue um mosteiro a estar em ordem. Nenhuma punição corporal é infringida aos monges que não se comportam bem. Quando o padrão do mosteiro decaía, Luang Pó apelava geralmente para a sábia vergonha. Ele apontava o conflito entre as ações que estava criticando e os padrões esperados dos que subsistiam pela generosidade alheia e haviam se comprometido a ter um elevado nível de moralidade e um rigoroso treinamento. Frequentemente fazia comparações com os grandes mestres de antigamente. Em uma ocasião, próximo do final de sua carreira como professor, o estado geral dos banheiros do mosteiro levou a um discurso⁸⁹ tão duro que os monges mais antigos se recordaram dos bons e velhos tempos:

⁸⁹ Publicado como "Toilets on the Path" (Banheiros pelo Caminho) no livro "The Collected Teachings of Ajahn Chah".

Durante o sexto reino⁹⁰, Chao Khun Nó, do Wat Tepsirin, era um pajem real. Quando o rei morreu, ele se tornou um monge. O único momento em que saía de sua cabana era para participar dos encontros formais da Sangha. Ele nem ao menos saía para receber visitas de leigos. Viviam em sua cabana e dormiam em um caixão. Durante toda a sua vida monástica, nunca saiu em *tudong*. Ele não precisava disso — era inabalável. Todos vocês saem em *tudong* até criarem bolhas em sua pele. Vocês sobem as montanhas, depois descem para o mar e então não sabem mais para onde ir em seguida. Vocês vão cegamente, procurando por Nibbāna com suas mentes cheias de confusão, enfiando o nariz em qualquer lugar que possam. E onde quer que vocês vão, vocês deixam banheiros sujos pelo caminho — estão muito ocupados procurando por Nibbāna para limpá-los.

Em sua bem-costurada abordagem do treinamento, negligência com relação aos banheiros não era um assunto menor. Era uma indicação de uma preocupante falta de *sati* e de responsabilidade que inevitavelmente afetariam outras áreas da prática do monge.

Não façam vista grossa para o estado das cabanas que vocês vivem e dos banheiros que vocês usam todos os dias. Apoiadores leigos de Bangkok, Ayutthaya, de todo o país oferecem fundos para nossas necessidades; alguns enviam dinheiro pelo correio para a cozinha do mosteiro. Nós somos monges, pensem nisso. Não venham para o mosteiro e se tornem mais egoístas do que vocês eram quando estavam no mundo — isso seria uma desgraça. Reflitam atentamente sobre as coisas que usam todos os dias: os quatro requisitos de mantos, comida de mendicância, alojamentos e medicamentos. Se vocês não prestarem atenção ao uso desses requisitos, não serão bem-sucedidos como monges.

Nos velhos tempos, não havia banheiros com água; os banheiros que tínhamos naquela época não eram bons como os que usamos hoje em dia. Mas os monges e noviços eram bons e éramos poucos. Agora os banheiros são bons, mas as pessoas que os usam não são. Parece que nunca conseguimos ter os dois ao mesmo tempo.

As pessoas trazem novos vasos sanitários para oferecer. Eu não sei se vocês já limpam algum ou não, mas existem ratos e lagartos indo aos banheiros para fazer cocô. Ratos, lagartos e monges — todos usando o mesmo local juntos. Os lagartos nunca varrem o local e os monges tampouco. Vocês não são melhores do que eles. Ignorância não é desculpa para uma coisa como essas.

A situação com relação aos alojamentos é especialmente ruim. As cabanas estão em um estado medonho. É difícil dizer quais estão ocupadas por monges e quais estão vazias. Existem cupins subindo pelos postes de concreto e ninguém faz nada a respeito disso. É uma verdadeira desgraça. Saí em inspeção logo depois que cheguei de volta ao mosteiro e foi de partir o coração. Eu sinto muito pelas pessoas leigas que construíram essas cabanas para que vocês morassem nelas.

Tudo o que vocês usam nessa vida são suportes para a prática. O venerável Sāriputta mantinha qualquer lugar onde vivesse imaculadamente limpo. Se encontrasse algum lugar sujo, pegava uma vassoura para limpar. Se fosse durante a mendicância matinal, então usava o seu pé. O local onde vive um verdadeiro monge que pratica é diferente daquele de uma pessoa comum. Se sua cabana é uma completa bagunça, então sua mente será da mesma forma.

⁹⁰ O reinado de Vajiravudh, 1910-1925.

Tomar conta das construções na área central do mosteiro não era apenas uma tarefa, mas também uma forma de propagar o Dhamma. Ao viver de maneira frugal, praticando o contentamento, e mantendo altos níveis de limpeza, monges inspirariam os leigos sem precisarem dizer uma palavra sequer.

Façam desse um bom mosteiro. Fazê-lo bom não requer muito. Façam o que precisa ser feito. Cuidem de suas cabanas e da área central do mosteiro. Se vocês o fizerem, os leigos que vierem e virem poderão até se sentir tão inspirados pela emoção religiosa que realizarão o Dhamma ali mesmo, no mesmo instante. Vocês não sentem nenhuma simpatia por eles? Pensem em como é quando vocês vão a uma montanha ou caverna, como aquele sentimento de emoção religiosa surge e a mente se inclina naturalmente em direção ao Dhamma.

PENSE NOS PRATICANTES LEIGOS

O Buddha deixou claro em vários discursos que, da mesma forma que o mérito acumulado por aqueles que fazem oferendas para a Sangha depende, em grande parte, da pureza de suas intenções, também é afetado pelo nível de *sati* e integridade dos monges que fazem uso delas.

Sendo assim, monges, despertem energia para ganhar o que ainda não foi ganho, para alcançar o que ainda não foi alcançado, para perceber o que ainda não foi percebido [pensando]: “Dessa maneira nossa ordenação não será estéril, mas frutífera e fértil. Da mesma forma, comida de mendicância, alojamentos, e medicamentos que utilizarmos trarão grandes frutos e grandes benefícios para aqueles que os ofereceram.” Assim, monges, vocês devem treinar a si mesmos. Percebendo o próprio benefício, monges, esforcem-se com diligência. Percebendo o benefício aos demais, monges, esforcem-se com diligência. Percebendo o benefício a ambos, monges, esforcem-se com diligência. - SN 12.22

Quando advertia a Sangha, Luang Pó constantemente os encorajava a lembrarem-se dos sacrifícios que eram feitos por eles pelos apoiadores leigos e de seus deveres para com eles. Ao se referir a um uso exagerado de tecidos, ele disse:

Se os praticantes leigos vissem, apenas pensem no quão desanimados eles ficariam. “Não importa quão pobres sejamos, quaisquer que sejam as dificuldades, ainda conseguimos comprar tecidos para oferecer aos monges. Mas eles estão vivendo como reis. Tecido muito bom, sem nenhum buraco nele, está jogado por todos os lados.” Eles perderiam toda a fé.

Ele não estava acima de um certo tanto de manipulação emocional. Em uma cultura na qual mostrar apreciação pelo auxílio que se recebe na vida é tão enfatizado, esse tipo de lembrança era verdadeiramente poderoso. De forma recorrente, a mensagem que ele martelava em seus discípulos era: você está vivendo aqui com o suporte da fé e da generosidade dos leigos budistas. É sua responsabilidade honrar essa fé praticando com sinceridade. Não fazer isso é criar mesmo muito mau kamma.

CONSUMO OTIMIZADO

Uma das mais importantes habilidades que se esperava que os monges de Wat Pah Pong desenvolvessem nos primeiros anos de treinamento era a de avaliar “a medida certa” — nem muito, nem pouco, mas a medida certa — quando do consumo de requisitos. Reflexões sobre o uso sábio dos requisitos eram incluídas nas sessões matinal e noturna dos cânticos para proporcionar essa lembrança regularmente. Muito de qualquer coisa significava indulgência em sensualidade e

acúmulo de impurezas, muito pouco era um ascetismo infrutífero. A tarefa era encontrar o ponto certo. Não era fácil e, de vez em quando, monges juniores podiam sentir surgir uma repentina onda de resistência. Se havia algo que levava a uma severa palestra de Dhamma de Luang Pó, esse algo era o uso negligente dos requisitos.

Se a comida que sobra na sua tigela é suficiente para fornecer uma refeição a três ou quatro praticantes leigos, então as coisas foram longe demais. Como é que alguém que não tem nenhum senso de moderação vai saber como treinar a mente? Quando você está praticando meditação sentada e sua mente está agitada, onde é que você vai encontrar a sabedoria para pacificá-la? Se você não sabe nem as coisas básicas, como quanta comida precisa, o que significa pegar pouco, isso é realmente ruim. Sem saber as suas limitações, você vai ser como o homem cheio de cobiça do velho conto, que tentou carregar um tronco tão enorme da floresta que caiu morto sob seu peso.

Quanto é o suficiente? Isso é muito? Isso é muito pouco? Essas eram perguntas que os monges deviam fazer a si mesmos constantemente com relação ao uso dos requisitos. Sua habilidade em reconhecer a quantidade ótima em qualquer situação e mantê-la, junto com a restrição dos sentidos e a vigilância eram declaradas pelo Buddha como sendo as três virtudes *apaṇṇaka* ou “sempre relevantes”; e elas eram um dos tópicos favoritos das palestras de Luang Pó para a Sangha.

VOCÊ NÃO É O QUE VOCÊ COME

Vegetarianismo pode ser um assunto controverso em círculos budistas. No budismo Theravada, não existe objeção a comer carne, contanto que a pessoa não tenha matado o animal ela mesma ou tenha participado diretamente da sua morte. O Buddha não proibiu os monges de comerem pratos que tivessem carne⁹¹, contanto que eles estivessem certos de que nenhum animal tivesse sido morto especificamente para ser servido a eles. Um ideal-chave do estilo de vida mendicante é que monges devem ser fáceis de cuidar, gratos por qualquer coisa que lhes seja oferecida e não rebuscados quanto à comida. Se uma pessoa leiga coloca carne na tigela de um monge durante a mendicância matinal, espera-se que ele a aceite por respeito ao ato de generosidade; se vai comê-la ou não é por sua conta.

O Buddha considerava o vegetarianismo na Sangha como um assunto de escolha pessoal e se recusou a fazer disso algo compulsório. Existem evidências nos discursos que, em uma ocasião, ele próprio consumiu carne (o famoso prato de porco que aceitou do ferreiro Cunda, e que foi a causa imediata de sua morte). Luang Pó tinha essa mesma abordagem com relação ao vegetarianismo. Ele mesmo comia carne, assim como a maioria de seus discípulos.

Na década de 1980, surgiu um grupo budista na Tailândia que pregava fortemente o vegetarianismo e que buscou fazer proselitismo com essa visão. Eles traduziram passagens de textos budistas Mahayana que polemizavam sobre o consumo de carne e proclamaram que monges que comiam carne estavam quebrando os preceitos. Alguns monges de Wat Pah Pong, influenciados por esses panfletos, renunciaram a comer carne. Subsequentemente, um certo grau de tensão desenvolveu-se no mosteiro entre aqueles que comiam carne e aqueles que não comiam. Luang Pó foi questionado

⁹¹ Dez tipos de carne são proibidos: de seres humanos, elefantes, cavalos, cachorros, cobras, leões, tigres, leopardos, ursos e hienas (Vin. Mv. VI 23.9-15). O consumo dessas carnes era considerado tanto como algo socialmente inaceitável na Índia da época do Buddha, quanto como algo perigoso para o consumidor (aparentemente o odor que seria emitido pelo seu corpo diria a criaturas selvagens que ele era um inimigo).

sobre seu ponto de vista. Sua bem-humorada resposta foi a de que nenhum grupo era mais virtuoso que o outro; a diferença entre eles era como a diferença entre sapos e rãs:

Se alguém come carne e se apegar ao seu gosto, então isso é desejo. Se alguém que não come carne, vê alguém comendo e sente raiva e aversão, reprova ou critica essas pessoas, e toma [o que vê como sendo] o mal delas dentro do seu próprio coração, então isso o faz mais tolo do que as pessoas de quem está com raiva. Ele também está sendo guiado pelo desejo.

Luang Pó dizia que monges eram livres para decidir por si mesmos se queriam ou não comer carne; mas o que quer que eles decidissem, o ponto mais importante era que suas ações fossem guiadas pelo Dhamma em vez de pelo apego:

Se você come carne, então não seja ganancioso, não se deixe seduzir pelo seu sabor. Não mate para comer. Se você é um vegetariano, não se apegue à sua prática. Quando você ver pessoas comendo carne, não fique com raiva delas. Cuide da sua mente. Não se apegue a ações externas. Enquanto os monges e noviços desse mosteiro quiserem, qualquer um que queira adotar a prática de se abster de comer carne é livre para fazê-lo, qualquer um que queira comer qualquer coisa que tenha sido oferecida pode fazê-lo. Mas não discutam. Não olhem uns para os outros de modo cínico. Assim é como eu ensino.

Libertação, ele lhes dizia, não dependia do tipo de comida que colocavam em seus corpos. Era o resultado do treinamento da mente.

Entendam isso: o verdadeiro Dhamma é penetrado pela sabedoria. O caminho correto da prática é *sīla*, *samādhi* e *paññā*. Se você restringe bem as portas dos sentidos dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente, você estará em paz e a sabedoria que compreende a natureza de todas as condições vai surgir. A mente vai ficar desencantada com todas as coisas agradáveis e atrativas, e a libertação vai ocorrer.

Com relação ao debate sobre se o Buddha histórico comia carne, ele considerava que todo o argumento era baseado em uma premissa falsa:

Na verdade, o Buddha não comia carne e nem era vegetariano.

O Buddha estava além desses tipos de discriminação. Como alguém completamente além de quaisquer impurezas, era incorreto vê-lo como uma pessoa que comia esse ou aquele tipo de comida. Em última instância, “ele não era absolutamente nada”, e meramente alimentava o seu corpo nas horas apropriadas.

Em outra ocasião, Luang Pó relatou um conto de advertência, sobre um monge que adotou o vegetarianismo de forma não sábia:

Eventualmente, ele não conseguiu que as coisas fossem como desejava, e decidiu que ser um noviço seria melhor do que ser um monge. Ele poderia pegar folhas para si mesmo e preparar sua própria comida. Então largou o manto e tornou-se um noviço. Tudo saiu conforme ele planejou, mas suas impurezas continuaram. Começou a pensar que ser um noviço significava que, porque comia arroz, ele ainda dependia de outras pessoas; isso ainda era problemático. Ele viu búfalos comendo folhas e pensou: “Bem, se um búfalo pode sobreviver comendo folhas, então eu posso”, sem perceber a diferença. Então desistiu de comer arroz e comia apenas raízes e folhas — sete ou oito longos talos de *peka* de uma vez. Mas não parou por aí. Então ele começou a pensar: “Eu me tornei um noviço e sigo sofrendo.

Talvez fosse melhor viver como um postulante.” E assim, largou o manto. Agora ele desapareceu completamente; foi o fim dele.

IV. AS PRÁTICAS ASCÉTICAS: ADICIONANDO INTENSIDADE

Foi mencionado anteriormente sobre as treze práticas de *dhutaṅga*. Essas são as práticas ascéticas que o Buddha permitiu que os monges adotassem caso quisessem, com o intuito de intensificar sua prática. As *dhutaṅgas* eram práticas que visavam “abrandar” ou “enfraquecer” as impurezas, ao criar situações em que elas fossem provocadas e enfrentadas diretamente. Para os padrões da época do Buddha, elas eram de natureza amena. Certamente eram apenas pálidas perto dos desafios físicos que ele empreendeu antes de encontrar a forma correta de praticar que o levou à iluminação. Por exemplo: vestir-se apenas com cascas de árvores e asas de corujas. Ele praticou ficar de pé continuamente em campo aberto por longos períodos, usar um colchão de espinhos, fazer sua cama em terrenos encharcados usando ossos de defuntos como travesseiro. Em uma das mais vívidas passagens dos suttas, o Buddha descreveu até que ponto ele levou a prática do jejum:

Por comer tão pouco, meus braços e pernas ficaram como os segmentos de galhos de uma videira ou galhos de bambu. Por comer tão pouco, minhas costas ficaram como a corcova de um camelo. Por comer tão pouco, as projeções na minha coluna pareciam contas de um cordão. Por comer tão pouco, minhas costelas se projetavam para a frente, tão frágeis como as traves de um celeiro destelhado. Por comer tão pouco, o brilho dos meus olhos se afundou dentro da cavidade do olho, como o brilho da água no fundo de um poço profundo. Por comer tão pouco, meu escalpo se enrugou e encolheu como uma abóbora amarga verde enrugada e encolhe com o vento e o sol.

- MN 36.

O insight do futuro Buddha de que, por mais dor que houvesse em tal ascetismo, não havia nenhum ganho real ali, foi um ponto de virada em seu caminho para a iluminação. Ele percebeu que era, na verdade, a sabedoria que libertava a mente, e um tipo de sabedoria que não nascia em um corpo magro e enfraquecido. Sua rejeição aos modos de ascetismo prevalentes foi devastadora, pois ninguém podia acusá-lo de uma oposição a eles baseada no medo ou na falta de experiência pessoal.

As práticas “abrasivas” permitidas pelo Buddha não enfatizavam proezas de tolerância física baseadas na ideia de apagar karmas antigos e libertar o espírito da prisão do corpo. Ele focou em exercer uma pressão intensa nos apegos que condicionam o sofrimento. O critério para decidir se a prática seria adotada ou não era se ela aumentava os estados mentais saudáveis e diminuía os estados mentais não saudáveis. O Buddha elogiava os monges que adotavam essas práticas com as motivações corretas: “para ter poucos desejos, para ter contentamento, para eliminar as impurezas, para ter solidão, para ter simplicidade”. Embora as referências às práticas de *dhutaṅga* sejam encontradas em vários lugares nos Discursos do Buddha⁹², elas foram coletadas em um grupo de treze no *Caminho da Purificação*, da seguinte maneira:

Seção A: A respeito dos mantos

1. Vestir mantos de retalhos (*paṃsukūla*), isto é, mantos feitos de roupas descartadas em pilhas de lixo ou em crematórios de floresta, etc.

⁹² Viz. AN 5.181-90; Thag 16.7

2. Usar apenas três mantos: o manto superior, o manto inferior e o manto externo.

Seção B: A respeito do alimento de mendicância

3. Sair em mendicância matinal e subsistir da comida oferecida ali (não aceitando comida suplementar preparada no mosteiro).
4. Aceitar comida de todas as casas sem discriminação.
5. Comer apenas uma refeição ao dia, em uma sessão ininterrupta.
6. Comer apenas de sua tigela.
7. Recusar comida extra ou outros pratos depois de iniciar a refeição.

Seção C: A respeito do alojamento

8. Morar em uma floresta.
9. Morar no pé de uma árvore.
10. Morar a céu aberto.
11. Morar em um crematório de floresta.
12. Morar em qualquer local que lhe for alocado.

Seção D: A respeito da postura

13. Abster-se de deitar (*nesajjika*).

A adoção das práticas de *dhutaṅga* era uma parte tão vital da tradição de floresta de Isan que os seus membros se referiam a si mesmos como “monges meditadores *dhutaṅga*”. Quatro das cinco práticas da seção B (práticas de 4 a 7) eram compulsórias para todos os monges, assim como a aceitação de qualquer local que lhes fosse designado pela Sangha (prática 12). Mosteiros eram estabelecidos em florestas, cumprindo a oitava prática e, às vezes, em crematórios de floresta (prática 11). Essas práticas foram todas adotadas por Luang Pó quando ele estabeleceu Wat Pah Pong. Das *dhutaṅgas* remanescentes, Luang Pó recomendava que os monges as adotassem como forma de intensificar ou revitalizar a prática. Quando monges empacavam e ficavam deprimidos devido à inabilidade de vencer as suas fraquezas, as práticas de *dhutaṅga* lhes davam nova esperança e energia. Quando monges ficavam complacentes ou perdiam a intensidade em sua prática, as práticas de *dhutaṅga* traziam um novo senso de comprometimento.

LUANG PÓ FALA DAS DHUTAṆGAS

Às vezes, sua *sīla* e seu *samādhi* não são suficientes. Eles não conseguem matar as impurezas; eles não sabem como fazê-lo. Você precisa introduzir as práticas de *dhutaṅga* para ajudar. Essas práticas abrasivas são importantes; elas ajudam a raspar as impurezas; elas ajudam a cortar vários obstáculos.

**

Tente ir ficar em um crematório de floresta. Como é isso? É o mesmo que viver em comunidade? Bem ali — esse é o benefício das práticas de *dhutaṅga*.

**

Essas práticas são difíceis de realizar, pois elas são as observâncias dos nobres discípulos. Elas são as práticas adotadas por aqueles que querem se tornar nobres discípulos.

O que diferencia as práticas *dhutaṅga* é que, pelo menos no começo, elas não são necessariamente pacíficas.

Quando praticantes que tenham impurezas adotam as práticas ascéticas, eles ficam agitados por elas — e essa é a questão. Essas são práticas que têm a intenção de fazer as coisas aflorarem. O Buddha estava certo: se sua prática é tranquila e relaxada, então isso é incorreto, pois não há enfrentamento, não há conflito. As *dhutaṅgas* se opõem diretamente à mente não iluminada.

Quando você adota as práticas ascéticas, você começa a sofrer, porque elas vão contra os pontos de vista e opiniões das pessoas não iluminadas. Uma pessoa sem qualquer sabedoria não vai conseguir suportar: “Não quero praticar assim. Estou praticando para realizar a felicidade e a paz. Não concordo com formas de praticar que me levem ao sofrimento”. Essa pessoa não concorda em comer de sua tigela; ela não concorda em viver do que coleta na mendicância e por aí vai, porque todas essas práticas são difíceis de adotar. Apenas aquele com sabedoria e verdadeira fé vai ser determinado em desenvolver essas práticas.

Mas para um praticante que alcançou o Dhamma, então essas treze práticas ascéticas são confortáveis, pacíficas e serenas. Nesse estágio, é como um macaco e um ser humano. Um ser humano anda na floresta e faz uma verdadeira comoção, passando por cima de tudo e destruindo a paz. Mas um macaco deixado livre na floresta percebe que pode andar tranquilamente e realmente gosta disso. O macaco gosta das condições, porque elas são adequadas para a forma como ele gosta de viver.

Densas, pessoas não iluminadas que estão acostumadas com o conforto — comendo, dormindo e falando conforme desejem — realmente começam a sofrer quando têm que vir e viver assim e praticar dessa maneira. Mas o Buddha ensinou que é esse sofrimento que é o Dhamma. Isso é fruto da prática.

Então por que você vê o fruto primeiro? Sofrimento surge, porque você não vê a causa. O sofrimento que surge é a nobre verdade do sofrimento. É um resultado. Quando o sofrimento surge, existe agitação, irritação e desgosto. Quando o praticante vê o sofrimento resultante, então deve segui-lo para ver de onde ele surge e como surge.

MANTOS DE TRAPOS

Houve períodos na vida de Luang Pó em que quaisquer tecidos eram extremamente escassos. Nessas épocas, ele fazia mantos com tecidos tirados de defuntos em crematórios de floresta. A corda cerimonial de algodão, usada para puxar o caixão do vilarejo até a floresta, fornecia-lhe a linha de costura. Luang Pó falou uma vez dos benefícios de usar tais mantos:

Nós tínhamos que fazer nossos próprios requisitos. Eles podiam não ter boa aparência, mas éramos orgulhosos por eles terem sido produzidos por nossa própria habilidade e esforço. Costurávamos mantos à mão. Quando você terminava, seu dedão estava inchado e doendo por todos os lados. Não havia outro algodão que não fosse o da corda usada para puxar os caixões, e nós íamos procurar por ela nos crematórios de floresta e então a trazíamos e desfiávamos para ter linha de costura. Os mantos eram duros, grossos e pesados. Na maioria das vezes, usávamos o pano *paṃsukūla*, que tinha sido usado para enrolar os defuntos e que depois era dispensado na floresta. Eles tinham manchas secas de sangue e marcas de pus, e

tinham um cheiro muito ruim. Você tinha que levá-los, lavá-los e fervê-los, colocá-los ao sol e então tingi-los com a tintura do tronco da jaqueira.

Quando você o vestia, sentia que tinha um grande benefício, pois ele fazia você ficar arrepiado e você se sentia muito entusiasmado; sentia um constante senso de medo. Ele fazia de você diligente: diligente em praticar meditação andando e sentada por toda a noite sem sentir sonolência, sem querer dormir por causa do medo, sentindo-se estimulado e apreensivo. Esse tipo de prática ascética é útil; ela desgasta as impurezas.

Em uma ocasião, enquanto seguia Luang Pu Man em uma mendicância matinal, Luang Pó Li lembrou como eles passaram por um velho par de calças que foram jogadas fora em um acostamento da estrada. Ele descreve como ficou surpreso quando Luang Pu Man começou a chutar as calças à sua frente:

"Finalmente, quando chegamos na cerca que rodeava a delegacia de polícia, ele parou, pegou as calças e as amarrou em seu manto inferior. Eu estava confuso. O que ele queria com um lixo velho daqueles?

"Quando chegamos de volta à cabana, ele colocou as calças penduradas junto com os outros tecidos ... alguns dias depois, vi que o velho par de calças havia se tornado uma bolsa de pano e um cinto, pendurados juntos na parede. E mais alguns dias depois, ele os deu para que eu usasse. Não eram mais do que remendos costurados."

COMIDA, INGLÓRIA COMIDA

Era esperado que todos os monásticos de Wat Pah Pong — monges, noviços e *mé chis* — mantivessem a prática de *dhutaṅga* de comer apenas uma vez ao dia usando um único recipiente. Tudo — arroz, molhos, folhas verdes, frutas, doces — deveria ir para dentro da tigela. Nenhuma comida podia ser colocada na tampa da tigela⁹³. Nenhum prato adicional separado era permitido. Luang Pó lembrava aos seus discípulos que todas as diferentes comidas estariam logo misturadas no estômago de qualquer forma — então qual era o problema? Para monges juniores e noviços, a fome natural que surgia depois de um jejum de vinte e quatro horas, adicionada ao desejo sensorial por comida saborosa, e o medo de não pegar o suficiente para manter o corpo até o dia seguinte, podiam ser uma mistura pesada. Era uma oportunidade excelente para encarar a cobiça e o apego. Era também a parte mais estressante do dia.

Para o período de um pouco mais de uma hora, antes do oferecimento da comida às 8h da manhã, esperava-se que os monges sentassem em meditação em seus respectivos lugares no refeitório. Para muitos, era um momento difícil. Eles estavam de pé desde as 3h da manhã, não tinham comido desde a manhã anterior e tinham acabado de voltar de uma longa caminhada. A sonolência, especialmente durante o verão, era um inimigo comum. O desejo por comida agitava muitas mentes. Mas se qualquer um ficasse do lado de fora do refeitório e se metesse em uma inquieta conversação para passar o tempo, o som de Luang Pó limpando a garganta poderia ser escutado. Era um som que faria suas vozes morrerem nas gargantas — “Aquele som tinha um grande poder”, disse um monge, “era como o rugido de um tigre, e nos aterrorizava”.

⁹³ Ocasionalmente, em importantes feriados budistas, essa prática podia ser mais relaxada. Pequenas tigelas de sopa de macarrão ou, em tempos posteriores, sorvete que fosse oferecido em tais datas não tinham que ser despejados dentro da tigela com o resto da comida. Isso era considerado um deleite especial.

Toda a comida coletada durante a mendicância matinal era considerada como pertencente à Sangha, em vez de pertencer ao monge que a recebeu individualmente. Ao retornar ao mosteiro, os monges deviam esvaziar suas tigelas, mantendo apenas uma bola de arroz grudento para eles mesmos. O resto da comida era enviado para a cozinha onde era reorganizado e adicionado aos pratos adicionais preparados pela cozinha.

Durante períodos em que a comida era escassa, monges recém-ordenados podiam achar difícil terem que dispensar itens que eles mesmos tinham recebido. Parecia injusto para alguns que, quando a comida fosse distribuída, aquele “seu” item dificilmente chegaria ao final da fila. Um monge em particular tentou esconder comida dentro de sua bola de arroz. Um dia ele recebeu um ovo cozido durante a mendicância matinal e, em vez de mandá-lo para a cozinha, ele moldou a bola de arroz ao redor do ovo. Aconteceu que em um dia em especial, Luang Pó passou revisando o tamanho das bolas de arroz nas tigelas dos monges nas fileiras. Quando ele alcançou a tigela desse monge desonesto, ele parou. A bola de arroz tinha se partido revelando o ovo cozido dentro dela. Luang Pó disse:

De quem é a bola de arroz que acabou de botar um ovo?

Todos os olhos se voltaram para o tal monge, que ficou tão pálido de medo e vergonha que começou a tremer. Luang Pó não disse mais nenhuma palavra e silenciosamente voltou para o seu assento. Monges que estavam presentes nessa ocasião disseram que ninguém tentou esse truque novamente.

Em uma ocasião, Luang Pó exortou a Sangha:

Nós não viemos aqui para praticar por causa de comida. Nós não viemos aqui para comer e dormir. Entramos para a Sangha para praticar os ensinamentos do Buddha. Se tudo o que vocês querem é viver confortavelmente e comer bem, então seria melhor que vocês não fossem monges. Você pode fazer isso como um praticante leigo; não precisa entrar na ordem monástica. Se você quer pegar alguma coisa ou fazer alguma coisa ou comer alguma coisa, então basta ir em frente. É mais conveniente lá fora, você vai estar mais confortável, pode comer melhor. Mas se você pensar bem, vai ver que esse é um caminho que termina em lágrimas. Nós viemos para seguir os ensinamentos do Buddha. Viemos por causa de nosso respeito ao Buddha. Se você pensar assim, a Sangha vai viver em harmonia e não haverá disputas entre vocês.

Uma prática popular adotada por vários monges durante os retiros das chuvas era a de apenas comer o que haviam obtido durante a mendicância matinal e recusar todos os pratos adicionais preparados pela cozinha do mosteiro. Luang Pó explicava por que isso não era uma norma do mosteiro e por que ele permitiu que pratos adicionais fossem preparados:

Alguns grupos de monges vão para as florestas e mantêm a prática ascética de apenas comer o que tenha sido oferecido durante a mendicância matinal. Mas somente os mais seniores se beneficiam disso. Na mendicância matinal existem uma ou duas comidas oferecidas para acompanhar o arroz, não o suficiente para serem compartilhadas, e elas vão diretamente para as tigelas dos primeiros da fila. O professor se sai bem com esse tipo de prática ascética. Ele pode apenas carregar a sua tigela e terá uma boa refeição, enquanto todos os demais sofrem. As pessoas leigas querem oferecer comida ao Ajahn, e então o noviço no fim da fila fica sem. Nossa forma de fazer as coisas aqui tem a intenção de garantir que tudo seja compartilhado igualmente.

AO PÉ DE UMA ÁRVORE

Luang Pó advertia seus discípulos a evitarem permitir-se a ideia de propriedade sobre suas cabanas, mesmo que eles as estivessem usando por anos. Cabanas eram residências da Sangha, e Luang Pó ensinava aos monges que eles tinham sempre que ver a si mesmos como ocupantes temporários. Quando recém-chegados no mosteiro, esperava-se que os monges adotassem a prática de aceitar de bom grado qualquer alojamento que lhes fosse designado, independente de lhes parecer adequado ou não. Quando saíam do mosteiro por mais do que alguns dias, mesmo com a expectativa de retornarem, era esperado que removessem todas as suas posses da cabana, deixando-a disponível para outros. No retorno, teriam que aceitar qualquer cabana que estivesse disponível. Se sua antiga cabana estivesse disponível, eles poderiam voltar a ocupá-la. Caso contrário, teriam que ficar em outra qualquer.

Uma vez que as chuvas tivessem terminado, o solo da floresta estivesse seco e os primeiros ventos frios do inverno chegassem, Luang Pó dizia aos monges para que se mudassem para fora de suas cabanas e instalassem seus *glots* na floresta. Era a época do ano de adotar a prática *dhutaṅga* de viver no pé de uma árvore. Durante esse período, ele também enviava alguns monges para irem viver em crematórios de floresta, enquanto aqueles que tivessem completado cinco anos de senioridade podiam pedir para sair em *tudong*.

Viver sob *glots* na floresta dava aos monges uma forma de verificar se eles tinham se tornado apegados aos confortos básicos e à sensação de segurança que tinham dentro das cabanas. As cabanas em Wat Pah Pong eram, em sua maioria, feitas de madeira e sem nenhum tipo de mobília; mas erguidas em postes, elas podiam pegar um pouco de brisa e serem uma proteção contra as cobras, escorpiões e centopeias. Viver no pé de uma árvore era inconveniente e demandava uma grande quantidade de resiliência. Mas geralmente eram as irritantes formigas, cupins e mosquitos que perturbavam os monges, mais do que as criaturas mais perigosas. No pé de uma árvore, monges sentiam-se vulneráveis. À noite, ficavam sensíveis aos menores ruídos ao seu redor. Ficavam naturalmente alertas. Era um estado que conduzia ao desenvolvimento da meditação e uma boa preparação para uma futura experiência de uma caminhada em *tudong*.

NÃO SE DEITAR

A décima terceira prática ascética visa o desenvolvimento da energia. Um monge que adote essa prática o faz por um certo período de tempo: talvez duas semanas, talvez um mês, ou mesmo três meses. Alguns monges adotam essa prática por alguns anos. Aqueles que o fazem, dormem sentados. Eles podem determinar o nível de rigidez que querem para a prática: por exemplo, se eles se permitirão ou não se sentar recostados em uma parede.

Em Wat Pah Pong essa prática era compulsória para toda a Sangha em todos os dias de observância — lua cheia, nova, quarto crescente e quarto minguante (aproximadamente uma vez por semana). Embora essa não fosse uma prática comum adotada, mesmo em mosteiros de floresta, Luang Pó fez de “não se deitar” (*nesajjika*) uma marca registrada. Ele via grande valor em que seus discípulos se forçassem, dessa maneira, para além de sua zona de conforto. Em cada dia de observância, das sete da noite até o amanhecer do dia seguinte, havia uma programação de recitação de cânticos, meditação e palestra do Dhamma. Luang Pó geralmente dava uma palestra de duas a três horas de duração, e então ficava ali sentado em meditação no salão a noite inteira, servindo como exemplo. Ele encorajava a Sangha:

Se você não conseguir fazer isso hoje, então tem que conseguir fazê-lo em outro dia. Mesmo que você não o faça de forma limpa ou pura — que você fique sonolento e perca *sati* às vezes — pelo menos não se deite. Não importa se você cabeceia, enquanto está praticando meditação sentado, andando ou em pé; não importa o quão sonolento você fique — isso é muito natural. Mas, por favor, ponha uma quantidade especial de paciência, esforço e sinceridade em sua prática.

ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES

Quaisquer monges que quisessem adotar alguma prática ascética tinham que primeiro receber a permissão de Luang Pó. Às vezes, eles pediam para adotar práticas não encontradas na lista clássica. Entre elas, jejuar ou fazer voto de silêncio eram as mais populares.

Manter silêncio não era uma prática elogiada pelo Buddha. Na verdade, ele proibiu que comunidades inteiras tomassem voto de silêncio por ter visto aquilo como um obstáculo para o desenvolvimento da fala correta e para a organização da Sangha. Mas sempre houve monges budistas que viam nos períodos de silêncio, algo que lhes ajudava a dar um passo para trás nos velhos hábitos inábeis da fala e a serem mais atentos com as intenções por trás de suas palavras. Eles valorizavam a forma pela qual a abstinência de falar reduzia também o barulho de suas mentes e as focava para dentro. Se Luang Pó fosse convencido de que a prática era apropriada para o monge que queria adotá-la e que ela fortaleceria a sua prática de meditação, ele aprovaria. Durante o retiro das chuvas, Luang Pó, às vezes, impunha um período de silêncio compulsório para toda a Sangha, explicando que, como ele estava isento de ficar em silêncio, a regra do Vinaya que proibia a prática para comunidades inteiras não estava sendo transgredida.

O Buddha rejeitava o jejum como um meio de purificar a mente. Ele marcou o abandono dos princípios ascéticos de sua época, ao aceitar a nutritiva tigela de arroz com leite oferecida por Sujāta. Mas embora o Buddha reforçasse a frugalidade, a moderação e a restrição dos sentidos ao comer, ele não proibiu por completo a prática do jejum. Em Wat Pah Pong vários monges experimentavam essa prática. O jejum, quando usado de maneira sábia, pode ser uma poderosa ferramenta para expor os apegos à sensualidade, ao corpo e ao medo da morte. Era considerado uma ferramenta particularmente útil para os monges assaltados pela luxúria, por lhes dar um descanso temporário dos desejos sexuais. Na melhor das hipóteses, poderia dar a eles uma oportunidade de reconstruir samādhi e ganhar uma nova perspectiva sobre seus apegos. Para vários monges, um jejum ocasional fornece uma pausa da mendicância matinal e da oferenda diária de alimentos no mosteiro — algumas horas a mais de solidão.

Luang Pó permitia a alguns monges jejuar e proibia outros. Ele enfatizava a intenção do jejum. Suas sugestões quanto a isso variavam de acordo com o tempo, lugar e pessoa. Se, por exemplo, um monge pedisse permissão para jejuar e Luang Pó percebesse que a atitude dele não era sábia — ele queria fazer algo diferente para distrair sua falta de habilidade ou falta de vontade de fazer as coisas corriqueiras; ou ele queria ter destaque entre seus companheiros — então Luang Pó o desencorajaria. Mas em outras ocasiões, se ele sentisse que um período de jejum seria benéfico para um indivíduo particular desenvolver a paciência e se opor às impurezas, ele daria permissão. Ele apontava a falta de continuidade, às vezes envolvida, e como a renúncia não sábia poderia ter um efeito bumerangue e tornar-se indulgência não sábia:

[O valor de jejuar] depende do indivíduo. É difícil estabelecer uma regra sobre isso ... mas colocar toda sua força na prática não significa ficar exausto. Se trata de “encontrar a medida

certa”, manter a mente em equilíbrio ... Algumas pessoas podem jejuar por quinze dias e passar todo o tempo praticando meditação andando. Mas então quando vão comer, elas acabam comendo cinco pratos de verduras e tanto arroz quanto houver disponível. É tão exagerado que chega a ser impressionante. Mas não de uma boa forma.

Ele recordava aos discípulos que adotar tal prática podia ser uma boa experiência, mas que era o caminho do meio que levava ao despertar:

Você pode ser capaz de andar ou flutuar no ar e isso não tem nada a ver com a prática. Você pode comer apenas sete colheres de comida todos os dias e isso não ser a prática, porque não é “a medida certa”. Essas coisas não levam à iluminação ... Prática é estar contente e desejar poucas coisas — mas coisas suficientes para mantê-lo no caminho. Se você está com um pouco de fome, sua mente é fácil de ser ensinada; mas se você está realmente com fome, então fica difícil de ensinar: ela fica embotada. Coma apenas o suficiente para estar saudável.

Luang Pó também comentava que reduzir o consumo de comida a um mínimo era um incentivo mais eficiente para o treinamento da mente:

É como um elefante em um bambuzal. Se você quer andar montado nele, então você precisa capturá-lo e colocar um arreio nele. Uma vez que ele esteja preso, então você dá algo para ele comer, mas não muito. O elefante fica amedrontado e faminto, e então, depois de um tempo, ele começa a perder peso, ele lhe permite ensiná-lo e treiná-lo. É assim que você domestica um elefante selvagem. Uma vez que ele está treinado, você pode soltá-lo, mesmo dentro do mercado. Treine a si mesmo da mesma forma.

Em outras ocasiões, no entanto, ele explicava como a experiência de jejuar mantinha os monges em boa posição, caso eles se encontrassem em áreas remotas sem nenhum vilarejo para realizar a mendicância matinal e com uma longa caminhada pela frente. Eles estariam aptos a aguentar, pois sabiam o que a falta de comida faz com o corpo e a mente. Aqueles que não tivessem essa experiência estariam mais propensos a serem vencidos pelo medo.

Luang Pó experimentou o jejum, ele mesmo. Algumas vezes, relatava suas experiências aos discípulos:

Algumas vezes, depois de jejuar por dois ou três dias, você se sente cansado. Os finais de tarde são um período crucial e você quase se entrega, mas então à noite você ganha mais uma carga de energia pelo clima mais ameno. A segunda fase é igualmente importante — quando encerrar o jejum. É extremamente difícil decidir este ponto. Você pensa: “Será que eu devo tentar um pouco mais? Ou até aqui já foi suficiente?” Sua mente fica confusa. Às vezes, você olha para a sua tigela e então quer ir em mendicância matinal. “Se eu não for por outros três ou quatro dias, será que vou conseguir?” E então sua mente segue confusa e volta a perguntar: “Devo ou não devo ir?” É um período difícil e confuso até que você decida. “Se eu for morrer, que eu morra! Eu não vou sair em mendicância hoje.” E então você se sente imediatamente mais forte, e o cansaço se dissolve mais uma vez. É assim que a prática se estabelece; ela depende de uma resoluta paciência.

Mais de uma semana se passou e você ainda não sente fome. Você se sente bem. Você sente que pode ficar sem comer por um período indefinido de tempo — até morrer, se for preciso. Apenas um grande passo e você estará livre de tudo isso. É nesse ponto que você precisa ser cuidadoso — muito cuidadoso.

Você olha para os outros monges e noviços e parece que o mosteiro é tão cheio de atividades. A primeira coisa na manhã é que eles têm que sair em mendicância matinal, e depois de um tempo, eles têm que alimentar seus corpos; e não muito tempo depois, eles têm que esvaziá-lo de novo. Na manhã seguinte, eles têm que se abastecer de novo, e então depois de algum tempo, esvaziar-se novamente e sair mais uma vez para ter mais. “Eles estão loucos! Somos todos tão escravos dos apegos e desejos.”

Neste ponto, algumas pessoas decidem simplesmente parar de comer; elas pensam que estarão melhor se estiverem mortas. Esse é um momento crucial. Você vê a alimentação como um assunto trivial. Mas esse tipo de pensamento é muito elevado. E é uma elevação que está de cabeça para baixo; ela termina em transtorno. Você começa a culpar o arroz e o peixe. Grãos de arroz começam a se parecer com vermes. Você não quer que nenhum entre em sua tigela.

Luang Pó repetia que meditadores que forçassem a si mesmos contra seus impulsos naturais, sob certas condições controladas, poderiam ganhar vários insights. Mas uma vigilância constante era necessária para evitar que caíssem em armadilhas inerentes a essas práticas. Era a visão correta que mantinha as coisas no rumo certo.

Em resumo, as regras de treinamento do *Pāṭimokkha*, as observâncias e as práticas ascéticas se complementavam para criar as diferentes características da vida monástica em Wat Pah Pong. Elas eram fundamentais para o senso de comunidade, de uma cultura e identidade compartilhadas. Mas se o Vinaya era o sangue vital da existência monástica, o coração pulsante era a meditação.

Boa é a mente domada; a mente que foi domada traz verdadeira felicidade.

Dhp 35

O Coração da questão — Instruções de meditação

O que pode ser feito por um mestre para seus discípulos, que vise o bem-estar deles e com compaixão por eles, eu fiz por vocês, monges. Ai estão esses pés de árvores, ali estão aquelas cabanas vazias. Meditem monges, não demorem, ou vocês vão se arrepender no futuro. Essa é minha mensagem para vocês. - MN 19

I. PORCAS E PARAFUSOS

UM TREINAMENTO TRIPLO

O Buddha declarou que todos os seus ensinamentos podiam ser colocados em duas categorias: aqueles que revelavam a natureza do sofrimento humano e aqueles que lidavam com a cessação do sofrimento. Ele ensinou que a verdadeira libertação apenas poderia vir através do cultivo do nobre caminho óctuplo, um treinamento abrangente e integrado ou a educação do corpo, da fala e da mente. A verdadeira libertação do sofrimento, realizada através da visão clara da natureza de todas as coisas, ocorre quando os oito fatores desse caminho são levados em uníssono à maturidade.

A prática formal de meditação — melhor dizendo, a aplicação de exercícios mentais específicos, geralmente em postura sentada ou andando — encontra-se no coração do caminho óctuplo. No entanto, ela apenas é um meio efetivo para libertação quando cultivada em conjunto com os outros fatores do caminho. Esse princípio da natureza holística do caminho é fundamental nos ensinamentos de meditação de Luang Pó.

Luang Pó preferia falar sobre o cultivo do caminho em termos de um “treinamento triplo”, uma convenção pela qual os oito fatores que o constituem são colocados em três esferas relacionadas de prática: *sīla* (consistindo de fala correta, ação correta e meio de vida correto); *samādhi* (um termo guarda-chuva para o treinamento da mente, consistindo do esforço correto, de *sati* correta e da concentração correta); e *paññā* (consistindo da visão correta e da resolução correta).

Para Luang Pó, *sīla*, *samādhi* e *paññā* eram aspectos diferentes de um mesmo processo, divididos em três porque, a qualquer momento, um deles tomava o protagonismo e os outros dois ofereceriam um suporte adicional essencial. Em uma analogia, ele dizia que a combinação dos três para o desenvolvimento mental era como uma combinação de temperos que realçava um molho delicioso. A prática correta desses três aspectos leva, ele dizia, para uma prática de Dhamma que é “bela no início, bela no meio e bela no fim”.

Meditação em Wat Pah Pong era totalmente incorporada em um estilo de vida desenhado para minimizar os obstáculos para o crescimento no Dhamma e maximizar as condições de suporte. Meditadores eram celibatários. Praticavam na floresta, isolados de impactos mais grosseiros dos sentidos, sob a tutela de um mestre e com o apoio de uma comunidade de amigos que pensavam da mesma forma. A ênfase em virtudes como a sábia vergonha e o sábio medo das consequências, a restrição dos sentidos, o contentamento com pouco, a paciência e *sati* em todas as posturas criavam as fundações que davam suporte para a transformação interna na qual a meditação funcionava como um catalisador.

Dado o famoso enunciado do Buddha: “A mente é líder, a mente é a precursora de todas as coisas”, poderia parecer suficiente para meditadores, unicamente focar totalmente sua atenção na própria

mente. Mas Luang Pó discordava da visão de que, ao simplesmente treinar a mente em meditação, ações e falas apropriadas naturalmente surgiriam:

Não é possível simplesmente treinar a mente, negligenciando ações e falas. Essas coisas estão conectadas. Praticar com a mente até que ela esteja tranquila, refinada e bela é similar a produzir uma prancha ou pilar de madeira: antes que você possa obter um pilar que seja liso, envernizado e atrativo, você deve primeiro cortar uma árvore. Então deve cortar as partes mais irregulares — as raízes e os galhos — antes de cortá-la em pedaços menores, serrá-la e trabalhá-la. Praticar com a mente é o mesmo que trabalhar com a árvore, você deve trabalhar com as coisas mais grosseiras primeiro — destruir as raízes, destruir a casca e tudo o que não seja atrativo — com o intuito de obter o que é atrativo e agradável aos olhos. Você deve atravessar o áspero para chegar ao liso.

Restringir-se com a adoção voluntária de limites para ações e falas, — “tomando conta do corpo e da fala”, como Luang Pó colocava — também requer um treinamento interior. Meditadores devem estar constantemente atentos sobre se os impulsos instintivos por trás de seu comportamento estão ou não manchados pelas impurezas. Luang Pó dizia que manter *sīla* requeria agarrar o fora da lei e fazer dele o chefe do vilarejo. A mente com a intenção de transgredir deve ser persuadida a se tornar a mente com a intenção de não transgredir.

Você deve manter *sati* em cada momento e em cada postura, se estiver de pé, andando, sentado ou deitado. Antes de realizar qualquer ação ou começar uma conversa, primeiro estabeleça *sati*.

**

Pratique dessa forma até que você esteja fluente. Pratique de maneira que você possa manter-se à frente do que esteja passando na mente. Pratique até o ponto em que *sati* venha sem esforço, e você esteja ciente antes de agir, ciente antes de falar.

No nível inicial de *sīla*, *samādhi* se manifesta como a determinação consistente e inabalável de se abster que quebrar qualquer um dos preceitos, e por uma *sati* inabalável e contenção. Como resultado, a mente está apta a refletir sobre a experiência como certa ou errada, saudável ou não saudável. Ela tem ciência da experiência sensorial e é capaz de investigar as reações internas de gosto ou desgosto daquela experiência. A faculdade da sabedoria está começando agora a se manifestar.

O aspecto da mente que identifica e escolhe o bem do mal, o certo do errado, entre todos os objetos mentais de seu campo de consciência, é uma forma nascente de *paññā*.

O treinamento triplo nesse ponto ainda é bastante grosseiro, mas “está no lado refinado da grosseria”.

O coqueiro absorve a água da terra e a manda para cima através do tronco. No momento em que a água chega no coco, ela se tornou limpa e doce, mesmo que tenha vindo daquela água comum da terra. O coqueiro é alimentado pelo que são essencialmente os elementos grosseiros terra e água — que ele absorve e purifica — e esses são transformados em algo mais puro e doce do que antes. Da mesma forma, a prática de *sīla*, *samādhi* e *paññā* — em outras palavras, *maggā*, o caminho — tem um início grosseiro, mas como resultado do

treinamento e refinamento da mente através da meditação e reflexão, torna-se cada vez mais sutil.

**

De forma simples, quando *sīla*, *samādhi* e *paññā* amadurecem, eles formam o verdadeiro caminho.

UMA BASE DE MÉRITO

Luang Pó ensinava aos meditadores leigos que, embora eles não pudessem aproveitar todas as condições conducentes à prática de meditação fornecidas pela vida monástica, eles deveriam dar a mesma atenção para um cultivo global do treinamento triplo — um que reduzisse os obstáculos para a prática do Dhamma tanto quanto possível e que encorajasse os fatores de apoio. Tudo começava com a generosidade: dar coisas materiais criava uma familiaridade com abrir mão do egoísmo e da possessividade, algo que manteria os meditadores em boa posição quando estivessem buscando abrir mão do apego em níveis cada vez mais sutis durante a meditação.

Realizar atos de generosidade é um tipo de *toraman*, isto é, um treinamento da mente de ir contra os desejos.

Ele dava um exemplo de uma pessoa que tinha duas maçãs e decidia dar uma delas a um amigo, mas percebia que queria manter a maior para si mesma. Um praticante do Dhamma podia ultrapassar seus pensamentos egoístas e abrir mão da maior.

Se você ousa decidir abrir mão da maçã maior, você sente uma ponta de pena, mas uma vez que tomou a decisão, a pena se vai. Isso é disciplinar a mente da forma correta e alcançar a vitória sobre si mesmo.

Dar *dāna* — dar felicidade aos outros — é uma forma de limpar o que estava sujo por dentro. Você precisa de um coração bondoso e benevolente. Isso é algo para se refletir. Generosidade é a primeira coisa que precisa ser mantida em sua mente.

Meditadores eram encorajados a desenvolver novos hábitos saudáveis ao reconhecer e consistentemente abrir mão de hábitos não saudáveis que tivessem acumulado.

Impurezas são como um gato. Se você deixa o gato mal-acostumado, então ele virá até você o tempo todo. Mas suponha que um dia ele comece a se esfregar em sua perna e você não o alimente. Ele vai miar com raiva, mas se você se recusar a dar qualquer comida, em um dia ou dois, não irá mais vê-lo. É a mesma coisa com as impurezas. Se você não as segue, então depois de algum tempo elas não virão mais perturbá-lo — e a partir daí você estará em paz. Faça com que as impurezas tenham medo de você; não fique você com medo das impurezas.

Manter os cinco preceitos era um requerimento mínimo para aqueles que quisessem seriamente fazer progresso na prática do Dhamma. Ao não os manter, os aspirantes a meditadores fariam mau kamma, ameaçariam seus relacionamentos mais importantes e criariam condições para o arrependimento, a culpa e a auto aversão, que fatalmente sabotariam a sua prática.

Quando sua *sīla* é pura, quando você é gentil com os demais e os trata honestamente, então você se sente feliz. Não existe remorso em sua mente. Quando, ao não machucar os outros, você não sente remorso, então você já está no reino celestial. Fisicamente e mentalmente você está em paz. Mesmo que esteja comendo ou dormindo, você sente paz, você está feliz.

Felicidade nasce de *sīla*. Certas ações têm certos resultados. O abandono da maldade ao manter os preceitos leva, pela lei da natureza, ao surgimento da bondade.

Atos de generosidade e um firme comprometimento com *sīla* criavam um senso básico de bem-estar e autorrespeito necessários para o progresso na meditação. Mas também era necessário desenvolver a habilidade de refletir sobre a experiência. Sem isso, a satisfação com esses estados mentais positivos poderia inibir ao invés de promover um desenvolvimento espiritual mais profundo.

Se estamos felizes, tendemos a ficar desatentos; não queremos ir mais adiante. Nós nos apegamos àquela felicidade. Nós gostamos disso: é o céu e nós somos as divindades. É pacífico e nós vivemos em uma feliz ignorância. Então reflita sobre a felicidade, mas não se iluda com ela. Reflita sobre as desvantagens da felicidade; ela é instável, não fica conosco por muito tempo e uma vez que tenha ido embora, o sofrimento reassume e as lágrimas retornam.

Luang Pó advertia que, a longo prazo, as práticas de meditação apenas alcançariam seu potencial se os meditadores cultivassem um espírito de renúncia ao refletirem sobre as desvantagens de todos os fenômenos condicionados — até mesmo os mais refinados e pacíficos. Eles deveriam ver claramente quão inadequadas eram qualquer pausa provisória ou solução contingente para o sofrimento. Eles precisavam reconhecer que, enquanto mesmo as mais sutis impurezas permanecessem na mente, não haveria verdadeira paz e contentamento. E era somente perseguindo a prática do Dhamma até a sua conclusão que as impurezas poderiam ser completamente eliminadas.

A insistência na necessidade de seguir o caminho até o final fornece entusiasmo e comprometimento aos meditadores de se devotarem à meditação nos altos e baixos, nos profundos e rasos estados da prática. Sem o cultivo do espírito de renúncia, meditadores tendem a se agarrar aos frutos iniciais da meditação que aparecem quando as impurezas mais grosseiras são atenuadas. Em vez de se empenharem pela completa libertação de todos os apegos, eles se estabelecem no que Luang Pó chamava de paz "de pele fina" dos estados elevados da mente:

Olhe profundamente. Qual é o estado da sua mente nesse momento? Simplesmente permaneça com essa ciência. Se você a mantém, você terá uma fundação; você terá *sati* e estará alerta mesmo estando de pé, andando, sentado ou deitado. Se você vê alguma coisa chegando, apenas deixe estar, não se apegue a isso. Gostar e não gostar, prazer e dor, dúvida e fé são apenas a mente comentando e refletindo sobre a própria experiência. Examine os resultados. Não dê nome às coisas. Saiba o que elas são; veja tudo o que surge na mente como somente estados mentais, algo impermanente que, tendo surgido, se mantém por um tempo e então cessa. Coisas são meramente processos; não há um eu, nenhuma separação real entre os outros e nós mesmos, não há nada a que devamos nos apegar.

TÉCNICA

Não existe nenhuma "técnica de meditação de Ajahn Chah" específica. Para ele, a questão importante a ser perguntada sobre um método específico de meditação era: que resultado ele dá? Ele aceitava qualquer método que incorporasse o cultivo de *sati*, vigilância e esforço apropriado; que servisse para levar o meditador para além dos obstáculos; e que levasse a um *samādhi* que fornecesse a base para o insight sobre "como as coisas são". Qualquer caminho de meditação que leve a abrir mão e ao não-apego, ele diria, é um método correto.

Luang Pó ensinava que era importante que meditadores usassem uma técnica que fosse compatível com o seu caráter. Com isso, ele não queria dizer que havia uma técnica particularmente específica para cada pessoa, cuja adoção garantiria o sucesso. Um senso de afinidade com um método de meditação (ele uma vez descreveu isso como similar a uma afinidade com um determinado tipo de comida), não a faria suave e fácil, mas faria dela algo trabalhável. Uma técnica incompatível, com a qual o meditador não sentisse conexão nem entusiasmo, por outro lado, poderia levar ao desencorajamento e à regressão. Meditadores não deveriam trocar de um método para outro muito facilmente. Apenas depois de perseverar com um método por um período razoável de tempo, poderiam concluir se deviam mudá-lo ou não.

Mas embora Luang Pó reconhecesse a validade de vários métodos, havia alguns que ele enfatizava:

Cultivo mental (*bhāvanā*) significa ajustar de forma correta os seus pensamentos e opiniões. Seu objetivo é abrir mão [das impurezas]. Os vários métodos são como diferentes armadilhas para peixes. Eles diferem em forma, mas em última instância, todos compartilham o mesmo propósito. Então aqui, embora eu não insista em nenhum tipo específico de meditação, geralmente ensino as pessoas a focarem na palavra “Buddho” ou na respiração por um período suficiente, e então gradualmente aprofundarem seu conhecimento e enxergarem como as coisas são.

Luang Pó referia-se à *sati* focada na respiração como sendo a joia da coroa das técnicas de meditação. Deu várias razões para encorajar o seu desenvolvimento, começando pelo fato de que é uma prática descomplicada e conveniente. A respiração está naturalmente presente em todos os momentos e em todas as posturas. Você pode prestar atenção nela a qualquer momento. Pode ser praticada por todos os tipos de meditadores. Foi a técnica preeminente desde os primeiros dias do *Sāsanā*. O Buddha e vários de seus grandes discípulos fizeram uso dessa técnica, e ela foi elogiada por mestres de meditação através dos tempos. O próprio Luang Pó usava esse método, e ele assegurava que através da prática de *sati* focada na respiração, o meditador poderia cumprir o treinamento triplo em sua totalidade:

Forçar a mente a focar a respiração é *sīla*; o foco contínuo na respiração, trazendo a mente para um estado de calma lúcida é chamado *samādhi*; abrir mão dos apegos através da contemplação da respiração como impermanente, instável e impessoal é chamado *paññā*.

Portanto, a prática de *sati* focada na respiração pode ser considerada como um desenvolvimento de *sīla*, *samādhi* e *paññā*. Alguém que esteja praticando assim pode ser considerado alguém seguindo o caminho óctuplo que o Buddha ensinou como o principal, o mais excelente de todos os caminhos, pois leva à *Nibbāna*. Se você segue da maneira como descrevi, então isso pode ser considerado como a realização do Buddha-Dhamma da forma mais autêntica possível.

BUDDHO

Com o intuito de ajudar os meditadores a ancorarem suas mentes na respiração, Luang Pó recomendava usar o mantra “Buddho”, mentalmente recitando “Bud” enquanto inspiramos e “dho” quando expiramos⁹⁴. Como um dos significados da palavra “Buddha” (ou “Buddho”) é o

⁹⁴ “Buddho” é a forma nominativa da palavra geralmente expressa na forma vocativa como “Buddha”. O longo “o” fornecido por essa forma da palavra é mais facilmente sustentado durante a expiração do que o curto “a”. A recitação mental de “Buddho” pode também ser praticada sem referência à respiração.

conhecimento sobre como as coisas são, livre de ilusões; meditadores que empreguem esse método estão necessariamente repetindo, de novo e de novo, o nome da ciência que eles estão buscando cultivar. Retornar ocasionalmente ao significado do mantra durante a meditação evita que a prática se torne mecânica.

Medite recitando “Buddho”, “Buddho” até que isso penetre fundo em seu coração. A palavra “Buddho” representa o estado de alerta e a sabedoria do Buddha. Na prática, você deve depender dessa palavra mais do que de qualquer outra coisa. O estado de alerta que ela traz vai levá-lo a compreender a verdade sobre a sua própria mente. É um verdadeiro refúgio porque inclui tanto *sati* quanto o *insight* ...

Quando sua mente está conscientemente aplicada em um objeto, ela desperta. O estado de alerta a desperta. Uma vez que essa ciência surja através da meditação, você consegue ver a mente claramente. Enquanto a mente permanece sem a ciência de “Buddho”, mesmo que exista uma presença mental comum e mundana, isso não vai levá-lo ao que é verdadeiramente benéfico.

Sati depende da presença de “Buddho” — o conhecer. Deve ser um conhecer claro que leva a mente a tornar-se mais brilhante e radiante. O efeito iluminador que esse conhecer claro tem na mente é similar à luminescência de uma luz em um quarto escuro⁹⁵. Enquanto o quarto está completamente escuro, quaisquer objetos colocados ali dentro são difíceis de distinguir ou mesmo completamente obscurecidos para a visão. Mas assim que você começa a intensificar a luminosidade da luz ali dentro, ela penetra por todo o quarto, permitindo que você veja claramente, momento a momento, e então conheça mais e mais os detalhes de qualquer objeto ali dentro.

Quando a ciência da respiração se tornou clara e estável, quando o que ele chamava de “ciência do Buddha” se tornou estabelecida, Luang Pó dizia que o mantra poderia ser descartado. Ele já tinha servido ao seu propósito.

Meditadores que não sentissem nenhuma afinidade com a meditação na respiração eram encorajados a cultivar meditações mais discursivas⁹⁶ como a recordação da morte ou a contemplação do corpo — especialmente os cinco objetos básicos de meditação nos cabelos, pelos, unhas, dentes e pele. Nessa última, os meditadores poderiam se focar nos aspectos não-atrativos (*asubha*) dessas partes do corpo, ou em sua natureza vazia e impermanente, ao considerá-las em termos dos seus elementos constituintes de terra (dureza), água (coesão ou fluidez), fogo (calor) e ar (movimento). Os nomes em páli para as cinco partes do corpo — *kesā*, *lomā*, *nakhā*, *dantā*, *taco* — poderiam ser recitados internamente como mantras para manter a mente nos eixos. Visualização podia ser empregada para realçar a contemplação.

Luang Pó encorajava os monges que cultivavam *sati* focada na respiração como sua prática principal a desenvolverem a meditação no corpo como uma técnica auxiliar. Ele os recordava que a importância dessa técnica de meditação podia ser vista no fato de ela estar incluída na cerimônia de ordenação de noviços. Além disso, como o primeiro nível de libertação (entrada na correnteza) era alcançado pelo abandono de *sakkāyadiṭṭhi*, ou visão de personalidade, e a identificação com o corpo

⁹⁵ Presumidamente uma referência a lâmpadas de querosene.

⁹⁶ Meditações que fazem uso do pensamento direcionado.

físico constituía a mais poderosa e imediata expressão desse “grilhão”⁹⁷, então a contemplação do corpo tinha um imenso valor.

Você deve investigar repetidamente o corpo e separá-lo nas partes que o compõem. Conforme você vê cada parte como ela realmente é, a percepção do corpo como sendo uma entidade sólida, ou um eu, é gradualmente corroída. Você deve empregar esforço contínuo nessa investigação da verdade, sem fazer pausas.

Pratique contemplando o corpo como sendo “apenas isso”, até que se torne bastante natural pensar por si mesmo: “Oh, o corpo é meramente o corpo. É apenas isso”. Uma vez que essa forma de reflexão seja estabelecida, assim que você diz a si mesmo que “é apenas isso”, a mente abre mão. Você abre mão do apego ao corpo. Ocorre o insight que enxerga o corpo como sendo meramente o corpo. Ao manter esse senso de desapego, ao ver continuamente o corpo como sendo apenas um corpo, todas as dúvidas e incertezas são gradualmente desenraizadas. Conforme você investiga o corpo, mais claramente você o vê como sendo apenas um corpo em vez de “uma pessoa”, um “ser”, um “eu”, ou um “ele” ou “ela”.

UMA ÚNICA CADEIRA

Práticas de meditação que envolvem o direcionamento da mente pensativa, ao invés de afastá-la disso, são baseadas no princípio de que manter uma corrente contínua de atenção em um tema de contemplação (em vez de em uma sensação física) também pode levar a um agrupamento das forças mentais. Isso produz um êxtase que leva a mente além dos pensamentos e desejos mundanos para um samādhi que fornece a plataforma para o profundo trabalho da sabedoria.

Mas qualquer que fosse a prática de meditação adotada, Luang Pó enfatizava que *sati* devia realizar um papel central. Ele comparava observar a mente com *sati* e vigilância a um lojista mantendo o olhar aguçado sobre seus produtos quando um grupo de crianças travessas entrasse em sua loja. Em outro símile, ele dizia que a mente era como um quarto com uma única cadeira. Quando *sati* senta firmemente na cadeira de frente para a porta, então qualquer convidado que entre no quarto é imediatamente conhecido. Sem uma cadeira para sentar, nenhum convidado fica lá por muito tempo.

Sati, potencializada pela confiança no caminho do Buddha para a libertação e pelo esforço correto resultavam em um samādhi que trazia consigo as sementes da sabedoria e da libertação.

Sati é a enfermeira e protetora do samādhi. É o dhamma que permite que todos os outros dhammas saudáveis surjam em equilíbrio e harmonia. *Sati* é vida. Em qualquer momento que você não tenha *sati*, é como se estivesse morto. Falta de *sati* é chamada descuido, e ele rouba todo o propósito de suas palavras e ações. Qualquer forma de lembrança que *sati* tome, ela faz surgir o autoconhecimento, a sabedoria, e todos os tipos de boas qualidades.

Qualquer dhamma que não tenha *sati* é incompleto. *Sati* é o que governa ficar de pé, andar, sentar e deitar. Não é apenas durante a meditação sentada que se requer *sati*; fora dos períodos formais de meditação você deve ter *sati* e vigilância constantes, e ter cuidado e atenção com suas ações. Se você faz isso, surge um sábio senso de vergonha. Você se sentirá

⁹⁷ Ver Glossário

envergonhado de ações ou falas impróprias. Conforme o senso de vergonha se torne mais forte, o mesmo acontecerá com o autocontrole. Com firme autocontrole não há descuido.

Para onde quer que você vá, *sati* precisa estar presente. O Buddha disse: “Pratique *sati* com vigor, a desenvolva com vigor”. *Sati* é o dhamma que protegerá suas ações do passado, do presente e aquelas que você estiver prestes a realizar. É de grande benefício para você. Esteja ciente de si em cada momento e então você terá um constante senso de certo e errado. Aquela ciência do que é certo e errado em tudo que ocorre em sua mente vai fazer surgir um senso de sábia vergonha, e você vai se abster de agir de formas más ou equivocadas.

UMA INSTRUÇÃO DE MEDITAÇÃO

Atenção aos detalhes mais refinados da postura sentada nunca foi uma característica proeminente da meditação na tradição Theravada. Bem poucos monges de floresta sentam-se em posição de lótus completa com cada pé posicionado sobre a coxa oposta, ou posicionam suas mãos em mudras⁹⁸ perfeitos. As instruções básicas são simplesmente para estabelecer uma postura que seja estável e ereta, tendo como principal critério que a postura seja tal que o meditador possa permanecer sentado por um período de tempo relativamente longo, com o mínimo de desconforto possível. Luang Pó tratava a postura como um assunto prático e direto. No começo de uma sessão de meditação, ele dava instruções simples para adotar a postura das pernas cruzadas⁹⁹, posicionar a perna direita sobre a esquerda, e a mão direita sobre a esquerda¹⁰⁰, manter as costas retas, colocar-se de maneira confortável — não muito tenso e nem muito relaxado — e fechar os olhos.

Tendo prestado reverência ao Buddha, ao Dhamma e à Sangha, meditadores poderiam ir diretamente para seus objetos de meditação ou começar com uma prática preliminar. Luang Pó, às vezes, sugeria revisar as trinta e duas partes do corpo¹⁰¹, antes de se voltar para a respiração. Além de ser uma boa prática de *sati* em si mesma, ela reforçava as percepções hábeis sobre o corpo, que poderiam depois ser levadas para uma investigação mais profunda quando a mente estivesse reforçada por samādhi. Luang Pó também ensinava os meditadores menos experientes a seguirem a respiração dentro e fora do corpo por um certo período antes de focarem um ponto específico, como a ponta do nariz:

Foque *sati* para que ela siga a respiração entrando em seu corpo e saindo dele. Acompanhe o começo da respiração, o meio da respiração e o final da respiração. Com *sati*, mantenha a respiração em mente e, com vigilância, esteja ciente de que você está respirando agora mesmo. Na inspiração, o início da respiração está na ponta do nariz, o meio está no coração e o final está no abdômen. Na expiração, o início da respiração está no abdômen, o meio está no coração e o final, na ponta do nariz. Foque esses três pontos.

⁹⁸ Por exemplo, com as mãos postas uma sobre a outra no colo e com os polegares se tocando levemente.

⁹⁹ Meditadores geralmente sentavam-se no chão. Contudo, Luang Pó não fazia objeção à introdução de almofadas de meditação em Wat Pah Nanachat, o mosteiro afiliado que ele estabeleceu para seus discípulos ocidentais.

¹⁰⁰ A preferência de “direita sobre esquerda” aqui é simplesmente uma tradição que foi passada adiante por monges de floresta de gerações anteriores. Possivelmente, isso se originou de alguma consideração acerca de fluxos internos de energia, mas Luang Pó nunca falou nestes termos.

¹⁰¹ Ver Glossário

A mente, sua consciência, não tem tempo de se esgueirar e agarrar outros objetos, pois ela está preocupada em estar ciente, bem aqui, tanto da inspiração quanto da expiração. Se a mente sai em busca de outros objetos, ela mostra que *sati* escorregou. Estabeleça-a de novo. Esteja ciente de onde sua respiração está passando exatamente a cada momento. Siga observando. Às vezes, sua mente sai do trilho por um grande período sem que você perceba isso. De repente, você percebe que *sati* se perdeu novamente. Comece de novo. Se você praticar dessa maneira, então desenvolverá um bom trabalho de conhecimento do começo, do meio e do final da respiração. Depois que você treinou dessa maneira por um período suficiente de tempo, *sati* estará constantemente presente na inspiração e na expiração. Haverá *sati* no começo da respiração, no meio e no final.

Inicialmente, você vai ter algumas dificuldades. Contudo, mais tarde, conforme você fique mais experiente, não será necessário seguir a respiração para dentro e para fora. Agora, ancore a atenção na ponta do seu nariz. Pare bem ali e note se a respiração é longa ou curta, esteja ciente da inspiração e da expiração naquele ponto. Quando você começar a praticar meditação sentado, experimente esse método.

Quando você está se concentrando em sua respiração, não há necessidade de forçá-la. É o mesmo que aprender como usar o pedal de uma máquina de costura. Para costurar de maneira apropriada, você deve encontrar um ritmo entre sua mão e o seu pé. Então quando você está aprendendo a usar uma máquina de costurar, o que você faz? Você pratica com o pedal livremente sem estar costurando nada. Uma vez que você consiga pedalar com fluidez, então você começa a praticar com algum pedaço de pano.

Com a respiração é a mesma coisa, não há necessidade de fazer com que ela fique de uma maneira específica; não importa se ela é longa ou curta, contanto que seja confortável ... se a respiração for muito longa ou muito curta ou muito forte, não a force, permita que ela encontre seu próprio equilíbrio. Tudo o que você precisa fazer é focar a inspiração e a expiração. Você não tem que contemplar nada mais. É suficiente estar ciente da respiração.

Quando você faz isso, certos pensamentos surgirão: “Para que fazer isso?” e por aí vai. Siga em frente. Não se deixe agarrar por dúvidas. Não há necessidade de respondê-las. Não há necessidade de pensar. Não é seu trabalho. Seu trabalho é simplesmente estar ciente da respiração que entra e sai do corpo. Você não quer ver divindades ou deuses bramânicos, mas quer ver a respiração. É suficiente que você simplesmente não se esqueça da respiração. Entenda isso e então corte os vários objetos que passem por sua percepção, e deixe-os partir.

Pensamentos e estados de humor são mutáveis. Talvez quando você comece a se sentar [em meditação], você comece a sentir saudades de casa, e a mente comece a proliferar sobre esse ou aquele assunto. No momento em que você começa a pensar em casa, então lembre a si mesmo: “É incerto (mai né)!” Pensamentos saudosos de casa são impermanentes e pensamentos negativos também o são. Você não pode acreditar em nenhum deles. Sua mente mente para você. Você deve reafirmar essa natureza mutável das coisas. Às vezes, você odeia essa ou aquela pessoa, mas isso não dura. Às vezes, você ama essa ou aquela pessoa, mas isso tampouco dura. Ancore sua mente bem ali e para onde ela pode ir? Quando você odeia alguém, você fabrica uma certa imagem dessa pessoa. Quando você ama alguém, você faz a mesma coisa. A mente começa a sofrer. Às vezes, você pode detestar tanto alguém que, sempre que você pensa nessa pessoa, lágrimas de fúria começam a derramar. Você vê o que eu quero dizer? Como isso pode ser real e duradouro?

Veja os estados mentais apenas como estados mentais. Todos eles são impermanentes. Você deve cortar essas coisas, pois elas irão nos iludir se não o fizermos. Nós percebemos algo como sendo bom e lembramos a nós mesmos que o bom é mutável. Alguma outra coisa é experienciada como má, e ela também é mutável. Não deixe sua mente se agarrar ao bom; não deixe sua mente se agarrar ao mau. Se você tem a dimensão dos estados mentais dessa maneira, então eles perdem sua significância. Apenas siga fazendo dessa forma. Esses estados que surgem, bons ou maus, não têm valor intrínseco e gradualmente irão desaparecer. Se você os acompanha e se mantém de olho neles, você está no caminho de ver essa verdade de como as coisas mudam. Sua prática inicial deve ser assim. Tenha *sati*.

A seguir, você verá a respiração, *sati* e a mente simultaneamente, em um ponto. A palavra “verá” aqui não se refere à visão comum. É ver com ciência, com o olho interno, não o externo. A consciência da respiração está aqui, *sati* está aqui, o senso de conhecer — a mente — está aqui. Eles convergem em um todo harmonioso. Quando nós vemos essa harmonia, a mente se desapega dos desejos sensuais (*kāmacchanda*), da má vontade (*vyāpāda*), da sonolência e do torpor (*thīnamiddha*), da preocupação e agitação (*uddhaccakukkucca*), e da indecisão (*vicikicchā*). Esses cinco obstáculos terão sido completamente ultrapassados. Tudo o que você vê é a respiração. Haverá apenas *sati* e a mente em um ponto. Com a ausência dos cinco obstáculos, você pode estar certo de que a mente entrou em samādhi.

Você deve saber quando a respiração é grosseira e quando é refinada, e deve saber bem ali. Depois disso, você deve focar na respiração para fazê-la cada vez mais sutil, até que seu aspecto grosseiro tenha desaparecido. O refinamento da respiração é tal que quando você senta e contempla a respiração, ela fica tão refinada que quase não há respiração, ou ao menos é o que parece. Não se alarme. A respiração segue ali, só que ela está extremamente sutil. Então o que você faz? Você deve usar *sati* para fazer da ausência da respiração seu objeto de meditação. Nesse ponto, algumas pessoas ficam alarmadas, com medo de que sua respiração pare e de que isso seja perigoso. Você deve tranquilizar-se de que isso é bastante seguro e de que não há perigo. Tudo o que é necessário é que você mantenha *sati*, a ciência, o conhecer.

A mente agora está num estado muito sutil. Neste nível, ela não precisa ser controlada, você não precisa fazer nada. Tudo o que é preciso é manter *sati* e vigilância. Você deve estar ciente de que, naquele momento, a mente está agindo automaticamente, não é necessário ajustar a sua qualidade. Agora simplesmente mantenha *sati* constante e vigilância. A mente entrou completamente em estado de calma lúcida. Às vezes, a mente vai entrar e sair desse estado em intervalos curtos. Às vezes, quando ela sair, vai permanecer calmamente lúcida por um curto período, e então vai emergir mais uma vez e se tornar ciente dos objetos dos sentidos. A mente, tendo saído de samādhi, compreende a natureza de várias coisas que surjam na consciência. Haverá um êxtase no Dhamma, sabedoria vai surgir. Vários tipos de conhecimento vão surgir nesse ponto.

A mente, nesse momento, terá entrado no estágio de “*vipassanā*”¹⁰². Você deve estabelecer firmemente *sati*, a concentração e a vigilância. Quando a sabedoria surge, a mente está em *vipassanā*, que é uma continuação de “*samatha*”¹⁰³. Isso é chamado de processo da mente.

¹⁰² Claro insight sobre as três características da existência: impermanência, insatisfatoriedade e não eu.

¹⁰³ Estados de tranquilidade plenamente atenta resultantes do abandono dos cinco impedimentos.

Você deve alcançar a maestria (*vasī*) em entrar e sair dos estados de tranquilidade. Quando você tiver feito isso, então você vai conhecer a natureza dos estados mentais e a natureza da mente que sai [da meditação]. Você deve ser astuto em entrar e sair de *samādhi*, estabelecer um forte grau de *sati* e vigilância nesses pontos. Aqui, a mente chegou ao final da confusão. Se estiver se movendo para frente ou para trás, todos os estados da mente estarão dentro da calma lúcida.

Quando chegar o tempo apropriado para terminar a meditação, reveja o que você fez antes de entrar em *samādhi*. Como você estabeleceu sua mente para que ela ficasse tão pacífica? Então, na próxima vez em que você sentar, você deve considerar qual a primeira coisa a ser feita. Relembre como você focou a mente quando você saiu de *samādhi*. Você precisa saber isso. Embora você tenha encerrado sua sessão de meditação sentada, você não deve vê-la como o final de *samādhi*. Você deve estar determinado a permanecer ciente, focado e munido de *sati*. Seja de pé, andando, sentado ou deitado, você deve ter *sati* constante.

UM APARTE

A instrução de meditação da seção anterior é longa e detalhada. Ela inclui vários termos técnicos e referências a alguns níveis avançados de prática e estados sutis da mente. Contudo, deve-se ter em mente que isso não deve ser considerado como um relato definitivo de Luang Pó sobre o processo de meditação. Esse texto é a transcrição de uma instrução específica, em um dia específico, para um grupo específico de monges. Luang Pó não escreveu um manual de meditação e raramente falou sobre os níveis mais avançados de prática em público. Por essa razão, algumas de suas visões sobre meditação sempre permanecerão obscuras. E isso também é verdade sobre seus conselhos acerca dos assuntos mais básicos.

No parágrafo que lidava com a escolha da técnica de meditação, é dito que meditadores deviam manter-se com uma prática “por um razoável período de tempo” antes de decidirem mudá-la. Mas quanto tempo é “razoável”? Essa é certamente uma pergunta razoável — mas infelizmente não é uma que tenha sido respondida com palavras vindas da boca de Luang Pó. (Um período de tempo medido em semanas ou meses — em vez de horas ou minutos — poderia ter sido a provável resposta que ele nunca realmente deu.)

A transmissão precisa dos ensinamentos de meditação de Luang Por é, portanto, um tanto prejudicada pela desigualdade do corpo de evidências registradas; alguns tópicos são bem cobertos, outros nem tanto. Complicações também são causadas pelo fato de o material que está disponível ser transcrito a partir de instruções dadas *ad hoc* e que refletem o dia, o lugar e o público. As respostas de Luang Pó sobre a importância do cultivo de *jhāna* (absorção), por exemplo, variavam de acordo com o caráter e com as virtudes fundamentais acumuladas do questionador. Em outras palavras, se ele visse que meditadores tinham uma capacidade bem desenvolvida para *jhāna*, ele encorajaria a prática (e daria a entender que ele a considerava o caminho superior). Mas se ele visse que os meditadores tinham apenas uma fraca capacidade, ou estavam fisgados pela armadilha do desejo por *jhāna*, ele poderia tirar toda a ênfase dela. Se ele visse que os meditadores possuíam grande poder de análise, talvez os encorajasse a usar esse poder quando a mente tivesse vencido os obstáculos, sem esperar pela estabilização da mente fornecida por *jhāna*. Nisso, seus ensinamentos eram similares aos de seu grande contemporâneo, Luang Ta Mahā Bua, que cunhou a frase: “*paññā* cultivando *samādhi*”.

Outro problema é encontrado na tradução das transcrições das gravações de Luang Pó sobre instruções de meditação e ele vem da natureza da língua tailandesa. O idioma tailandês se presta muito mais à ambiguidade flexível do que à precisão científica. Por exemplo, o idioma tailandês insiste muito menos no uso dos pronomes de terceira pessoa do que o idioma inglês. Questões sobre “quem ou o que está agindo sobre quem ou o quê” podem ser difíceis de determinar com um grande grau de exatidão. Em assuntos ligados ao mundo físico, o contexto frequentemente auxilia o tradutor. Em assuntos ligados a funções mais profundas da mente, o tradutor raramente tem essa sorte.

Uma última camada de dificuldade é dada pela forma, geralmente idiossincrática, pela qual Luang Pó e seus contemporâneos da tradição de floresta de Isan usavam os termos técnicos em páli. Para leitores vindos de um ambiente Theravada mais acadêmico, isso pode ser uma fonte de frustração. Para um tradutor, isso pode implicar ter que encarar passagens nas quais o significado dado a um termo pelo professor não corresponder exatamente à definição encontrada em um dicionário de páli-Inglês. Uma forma de ver essa discrepância é por meio de uma analogia. Se os *suttas* forem comparados com uma fotografia da natureza das coisas, então os ensinamentos dos grandes mestres seriam como pinturas. Em sua tentativa de trazer à tona o sentido do que está na frente deles, pintores às vezes manipulam levemente as formas ou usam cores não reconhecidas pela câmera. A intenção deles é transmitir a sua experiência da melhor forma possível. De maneira similar, os grandes mestres de floresta de Isan colocaram a fidelidade ao Dhamma que eles realizaram acima da fidelidade estrita às escrituras.

Para resumir, os ensinamentos de meditação de Luang Pó representados nesse capítulo contêm várias pérolas e reflexões úteis. Mas pelas razões dadas acima, elas não convergem para um sistema completo. Se Luang Pó estivesse vivo hoje e falando a um estudante de seus ensinamentos, ele talvez desse a seguinte sugestão: “Atenção aos detalhes é algo bom. Precisão e clareza são boas. Mas esteja sempre aberto a tolerar um certo elemento de incompletude e ambiguidade”.

NÃO É APENAS SENTAR

Vários dos monges de Wat Pah Pong praticavam meditação andando¹⁰⁴ tanto quanto, ou ainda mais, do que praticavam meditação sentada. O Buddha listou os seus benefícios: a produção de uma constituição forte, boa digestão, tolerância física e prontidão para se empenhar. Mais importante, ele disse que o *samādhi* surgido durante a meditação andando era mais fácil de ser mantido fora das sessões de prática formal do que aquele desenvolvido enquanto sentado (AN 5.29).

Meditação andando fornece tanto uma alternativa quanto um complemento à meditação sentada. É um bom substituto para a meditação sentada quando as limitações físicas fazem de sentar-se algo não prático, ou quando os obstáculos que surgem fortemente enquanto se está sentado são mais fáceis de lidar, ou até mesmo ausentes, quando se está andando. Andar tende a ser a melhor opção depois de uma refeição, por exemplo, quando o embotamento mental tende a fazer de uma meditação sentada algo difícil.

Meditação andando complementa a meditação sentada ao requerer o cultivo de *sati* focado no movimento em vez de na quietude. Embora o meditador pratique com os olhos abertos, olhando para baixo, a consciência das formas e sons, juntamente com o ritmo da caminhada, evitam que o meditador se desconecte do mundo dos sentidos da mesma maneira que isso poderia vir a ocorrer

¹⁰⁴ Páli: *caṅkama*; tailandês: *jongkrom*.

durante a meditação sentada. Como resultado, é frequentemente mais difícil pacificar a mente enquanto se está andando. Mas uma vez que a mente tenha se acalmado, a experiência de dados sensoriais variados combinada com os movimentos regulares da postura é conducente ao desenvolvimento da sabedoria. Os pensamentos que surgem desse estado de calma se tornam *dhammavicaya*, a investigação do Dhamma.

Nos mosteiros de floresta tailandeses como Wat Pah Pong, cada cabana tem seu local para meditação andando, geralmente de vinte a trinta passos de comprimento. Luang Pó recomendava andar em um passo mais ou menos normal, com o intuito de desenvolver um hábito de atenção que pudesse se integrar facilmente com a vida diária. As mãos deveriam ser mantidas sobrepostas uma à outra em frente ao abdômen, nunca nas costas (um estilo que é mais apropriado para um general inspecionando as suas tropas do que para um monge, dizia Luang Pó), e certamente não soltas e balançando ao lado. Além de ser considerado algo feio, andar sem juntar as mãos à frente era considerado muito relaxado para promover uma compostura interna; andar dessa maneira era muito parecido com um passeio de lazer para ser apropriado para meditação.

Luang Pó instruía que antes de começar uma sessão, os meditadores deveriam ficar em pé e reverenciar o Buddha, o Dhamma e a Sangha da maneira que lhes parecesse melhor e assim clarear a intenção para a sessão seguinte. Então eles deveriam andar para frente e para trás ao longo do caminho, mantendo *sati* e vigilância constantes enquanto andavam. Um método pelo qual isso podia ser alcançado, Luang Pó sugeria, era o uso constante do mantra “Buddho”, recitando mentalmente “Bud” quando o pé direito tocasse o chão, e “dho”, quando o pé esquerdo tocasse o chão. Esse era o método básico para acalmar a mente.

Mantenha uma atenção contínua no objeto. Se sua mente fica agitada ou se você fica cansado, então pare e acalme a mente, relaxe-a focando na respiração. Quando a mente tiver ficado suficientemente calma, então volte a meditar andando. Mantenha um constante estado de alerta. Estabeleça a atenção no início do caminho. Tenha ciência de tudo: do início do caminho, do meio do caminho, do final do caminho. Mantenha a atenção constante enquanto você anda. Às vezes, um sentimento de medo ou pânico podem surgir. Vá contra eles. São mutáveis. Surge coragem, mas também não dura muito. Tudo muda. Não há nada para se apegar. Isso faz surgir sabedoria. Fazer surgir sabedoria não se refere ao conhecimento baseado na memória; significa conhecer a mente que pensa e percebe. Todos os pensamentos e percepções surgem em nossas mentes.

Bom ou ruim, certo ou errado, apenas reconheça a presença deles, não lhes dê nenhum significado indevido. Sofrimento é apenas sofrimento. Felicidade é apenas felicidade. É tudo uma fraude. Mantenha-se firme. Não vá correr atrás dessas coisas. Não busque a felicidade, não busque o sofrimento. Conheça-os. Conheça-os e então deixe-os de lado. Sabedoria vai surgir. Continue indo contra a correnteza da mente.

Quando você se sentir suficientemente cansado, então pare e saia do caminho [de meditação andando], mas seja cuidadoso para manter a continuidade de *sati*. Em pé, andando, sentado ou deitado, mantenha uma constante atenção. Esteja você andando até o vilarejo para a mendicância matinal, andando pelo vilarejo para receber alimento, comendo o alimento ou o que quer que seja, esteja consciente o tempo todo em todas as posturas.

Luang Pó recomendava que meditadores não seguissem o primeiro pensamento ao final de uma sessão de meditação andando. Ele dizia que, depois de decidir sair do caminho de meditação andando, eles deviam seguir ali por pelo menos mais alguns minutos. Às vezes, a sensação de que havia chegado a hora de mudar de postura passaria por si só, e a meditação poderia ser estendida.

Caso contrário, e se fosse realmente uma boa hora para parar, então um hábito sábio de não reagir imediatamente aos impulsos de uma mente, que podia, muito bem, estar agindo motivada pelas impurezas, teria sido fortalecido.

Luang Pó ensinava que o esforço devia ser mantido desde o primeiro momento de consciência, cedo pela manhã, até o último momento antes de dormir — em todas as posturas:

Quando você se deita, então deite-se sobre seu lado direito com o pé esquerdo repousando sobre o direito. Concentre-se em “Bud-dho, Bud-dho” até que você adormeça. Isso é o que se chama deitar-se com *sati*.

Em uma ocasião, ele disse que um praticante competente poderia lembrar-se de ter adormecido durante uma inspiração ou uma expiração.

Seja meditando enquanto caminha, se senta, fica em pé ou se deita, a prática diária era restabelecer o equilíbrio assim que ele fosse perdido. Meditadores deviam ser pacientes e perseverantes. Permitir que a mente se torne desencorajada ou irritada quando ela se recusa a ficar em seu objeto apenas aumentaria o problema. Domar a mente era como domar um animal selvagem. Se você não desistisse, então, mais cedo ou mais tarde o animal certamente desistiria. Em outro de seus símiles favoritos com animais, ele comparava a prática com pastorear um búfalo d’água:

Sua mente é como um búfalo d’água. Estados mentais são como plantas de arroz. O conhecer é como o dono. O que você faz quando quer levar o búfalo para pastar? Você o deixa ir como ele quiser. Mas você fica de olho nele. Se ele vai perto das plantas de arroz, então você grita com ele. Quando o búfalo ouve você, ele se afasta. Mas você não pode permitir que sua atenção vagueie. Se ele for teimoso e não te obedecer, então você deve pegar um galho e dar-lhe uma sova.

II. ESPINHOS

OBSTÁCULOS

Os impedimentos imediatos para o desenvolvimento de samādhi e sabedoria são um grupo de impurezas que o Buddha chamou de *nīvaraṇa* ou obstáculos. Ele os descreveu como “anomalias da mente que atrofiam o insight”. Eles são em número de cinco:

1. Kāmacchanda - pensamentos sensuais.
2. Vyāpāda - má vontade.
3. Thīnamiddha - sonolência e torpor.
4. Uddhaccakukkucca - agitação, culpa, remorso.
5. Vicikicchā - dúvida e indecisão.

O Buddha deixou clara a importância vital de se lidar com os obstáculos, como se segue:

Sem haver superado esses cinco, é impossível para um monge, cujo insight careça de força e poder, conhecer sua própria e verdadeira felicidade, a felicidade dos outros, e a felicidade de ambos; ou que seja capaz de alcançar aquele estado humano superior de realização, a verdadeira e nobre distinção em conhecimento e visão. - AN 5.51

Em outra passagem, o Buddha comparou os obstáculos com os metais mais ordinários que afetavam a pureza do ouro:

Uma vez que o ouro tenha se livrado de suas impurezas, então ele se torna maleável e trabalhável e pode ser manufaturado em quaisquer ornamentos que se deseje. De forma similar, a mente livre dos cinco obstáculos será maleável e trabalhável, terá lucidez radiante e firmeza, e se concentrará muito bem para a erradicação das impurezas. Para qualquer que seja o estado realizável pelas faculdades mentais superiores, poder-se-á dirigir a mente; a cada caso, a capacidade de realização será obtida, se as outras condições estiverem presentes. - AN 5.23

O método básico para lidar com os obstáculos é cultivar um esforço equilibrado e com *sati*, combinado com uma atitude positiva pelo objeto de meditação, a ponto de, em primeiro lugar, não virem a surgir obstáculos ainda não surgidos. Quando isso não for possível, e estando cientes de que foram pegos num obstáculo, meditadores são ensinados a abandoná-lo sem arrependimento e pacientemente voltar ao objeto de meditação. Em vez de restabelecer imediatamente a atenção na respiração, Luang Pó ensinava que, naquele momento de reconhecer o obstáculo pelo que ele era e deixá-lo ir, os meditadores deveriam também reconhecer a distração como “mai né”: mutável, impermanente e instável. Ao fazer isso, eles introduziam um elemento de sabedoria na meditação, que gradualmente floresceria conforme suas habilidades em meditação aumentassem.

Quando alguma coisa surge na mente — não importa se é algo que você goste ou não, algo que você pense que é certo ou errado — corte-a imediatamente lembrando a si mesmo: “Isso é mutável”. Não importa o que seja, apenas corte-a em pedacinhos, “mutável, mutável”. Use apenas esse machado para cortar os estados mentais. Tudo está sujeito à mudança. Onde você pode encontrar algo real e sólido? Se você vê essa instabilidade, então o valor de tudo diminui. Estados mentais são todos sem valor. Por que você vai querer coisas sem valor?

Para aqueles lutando contra os obstáculos e que estivessem se sentindo desencorajados pela falta de sucesso, ele dava o seguinte encorajamento:

Mesmo que sua mente não encontre nenhuma paz, apenas se sentar de pernas cruzadas e empreender esforço já é uma coisa boa. Essa é a verdade. Você pode comparar isso a estar com fome e não ter nada para comer a não ser arroz puro. Você não tem nada para comer com o arroz e fica chateado. O que eu quero dizer é que, é bom que você tenha arroz para comer. Arroz puro é melhor do que nada, não é? Se arroz puro é tudo o que você tem, então coma. Com a prática é a mesma coisa: mesmo que você experencie apenas um pouco de calma, já é algo bom.

Se o simples expediente de voltar pacientemente ao objeto de meditação de novo e de novo não estivesse funcionando, então antídotos específicos deveriam ser empregados. Havia muito para ser aprendido na busca para transcender os obstáculos. Luang Pó sugeria vê-los como professores ou testes de sabedoria em vez de inimigos.

DESEJO SENSORIAL

O primeiro obstáculo ocorre pela indulgência em pensamentos ligados ao mundo sensorial. O meditador que ainda não consegue encontrar satisfação na meditação tende a buscar prazer voltando-se para o mundo dos sentidos. A expressão mais poderosa desse obstáculo está nos desejos

sexuais e fantasias, mas também inclui ter prazer em lembranças ou imaginações relacionadas com qualquer outro aspecto do mundo sensorial que o meditador sinta que o atraia — comida, música, filmes, esportes, política — qualquer tópico considerado agradável por aquele que se debruça sobre ele.

Ao lidar com esse obstáculo, Luang Pó enfatizava a proteção da restrição dos sentidos. Comer pouco, dormir pouco e falar pouco eram princípios-chave para a Sangha em Wat Pah Pong. A mente devia ser ensinada a evitar prender-se à aparência geral ou a características particulares de qualquer objeto dos sentidos. Não era possível simplesmente desligar o hábito da indulgência em prazeres sensoriais durante o período de duração de uma sessão de meditação. Também deveria haver um constante esforço em controlar tais desejos na vida diária.

Como a principal condição para esse obstáculo é insistir não sabiamente nos aspectos atrativos da experiência sensorial, o antídoto específico está em substituir essa abordagem por uma reflexão sábia sobre seus aspectos não atrativos. Sendo o desejo sexual o mais potente e prejudicial expressão desse obstáculo, ele é aquele no qual os recursos mais específicos são aplicados.

Visualize o corpo como um cadáver em processo de decomposição ou pense nas partes do corpo como pulmões, baço, gordura, fezes e assim por diante. Relembre delas e visualize esse aspecto repugnante do corpo quando a luxúria aparecer. Isso vai libertá-lo da luxúria.

Se você olha para o corpo humano e gosta do que vê, então pergunte-se a si mesmo o porquê. Investigue isso. Veja os cabelos, pelos, unhas, dentes e pele. O Buddha ensinou-nos a insistir na reflexão dessas coisas. Diferencie uma a uma, separe-as do corpo, visualize-se ateando fogo nelas ou retirando a pele. Faça isso até que você se torne fluente.

Contemplação do corpo já foi referida como um objeto de meditação por seu próprio valor, e como um exercício preliminar precedendo *sati* na respiração. Aqui ela é empregada como uma forma de trazer a mente de volta ao caminho do meio, quando ela se desviou para o reino dos sentidos. Uma vez que o obstáculo tenha sido abandonado, meditadores podem então retornar o foco para seu objeto de meditação original.

MÁ VONTADE

Má vontade é condicionada por desejos não satisfeitos. Sua ocorrência durante a meditação é frequentemente baseada em uma obsessão com coisas ou pessoas que não estejam agindo, falando ou sendo da forma que gostaríamos. A mente escolhe uma percepção ou lembrança que cause chateação e se aninha a ela. No livro *Notas de uma Sessão de Perguntas e Respostas*, de Jack Kornfield, é solicitado a Luang Pó alguma recomendação sobre como lidar com esse obstáculo:

"E quanto à raiva? O que eu devo fazer quando sinto que a raiva está surgindo?"

Você deve usar bem-querer. Quando estados mentais de raiva surgem na meditação, desenvolva sentimentos de bem-querer para equilibrá-los. Se alguém faz algo errado ou fica irritado, não fique você irritado. Se você se irrita, está sendo mais ignorante do que essa pessoa. Seja sábio. Mantenha a compaixão na mente, pois aquela pessoa está sofrendo. Preencha sua mente com bem-querer como se ela fosse um irmão querido. Concentre-se no sentimento de bem-querer como objeto de meditação. Espalhe-o para todos os seres do mundo. Apenas através do bem-querer a raiva é vencida.

Às vezes, você pode ver monges se comportando mal. Você pode ficar irritado. Esse sofrimento é desnecessário. Ainda não é nosso Dhamma. Você pode pensar assim: “ele não é tão disciplinado quanto eu. Eles não são meditadores tão sérios quanto nós. Esses monges não são bons monges”. Isso é uma grande impureza de sua parte. Não faça comparações. Não discrimine. Abra mão de suas opiniões e observe a mente. Esse é o nosso Dhamma. Você não pode fazer todo mundo agir como você quer ou ser como você é. Esse desejo apenas lhe fará sofrer. É um erro comum em meditadores, mas observar as outras pessoas não desenvolverá a sabedoria. Simplesmente examine a si mesmo, aos seus sentimentos. É assim que você vai entender.

Embora faça sentido que meditadores busquem o ambiente mais propício para a prática de meditação, quase sempre tem uma coisa ou outra na mente que, se ela quiser, pode aferrá-la à aversão. Quando meditadores reclamavam das condições externas que os incomodavam, Luang Pó respondia que o problema não estava nas condições. Condições estavam apenas fazendo o que condições sempre fizeram e sempre farão: surgir e desaparecer. O problema apareceu, ele dizia, porque o meditador estava perturbando a condição. Em outras palavras, era a aversão do meditador à condição, em vez da condição em si mesma, que era o verdadeiro obstáculo à meditação.

Frequentemente o obstáculo da má vontade ocorre por uma insatisfação ou frustração do meditador com a prática. Meditadores podem ficar irritados por sua inabilidade em progredir tão rápido quanto esperavam, irritados com problemas específicos que surjam, ressentidos devido à dor física que faz com que seja difícil se manterem focados. Eles se estabelecem repetidamente nas coisas que não gostam até que um profundo buraco, no qual a mente se joga repetidamente, é cavado. A própria meditação pode se tornar um objeto de aversão. Uma experiência assustadora ou fortes sensações de dor enquanto sentado podem fazer com que a mente resista em seguir com a prática. Nesse estágio, meditadores procuram preencher seu tempo com qualquer atividade, exceto a meditação. Quando afetados por esse obstáculo, Luang Pó encorajava seus discípulos a seguirem voltando ao princípio básico encrustado nas quatro nobres verdades: o sofrimento surge do desejo. Nesse caso, a raiz do problema está no desejo de não ter, de não ser, de não experienciar a mente do "eu não quero isso".

Sua mente está caótica por causa do desejo. Você não quer pensar, você não quer que nada esteja passando em sua mente. Esse “não querer” é o desejo chamado “vibhavataṇhā”. Quanto mais você deseja não pensar, mais você encoraja os pensamentos. Você não quer que a mente pense, então por que esses pensamentos vêm? Você não quer que isso seja dessa forma, então por que é? Exatamente! É por não entender sua mente que você quer que ela seja de certa forma.

Enquanto Luang Pó enfatizava esse entendimento do desejo como um antídoto para o obstáculo da má vontade, os suttas recomendam a meditação do bem-querer. Pelo seu desenvolvimento sistemático, pensamentos de bondade e benevolência são capazes de substituir pensamentos de raiva e ressentimento. Curiosamente, essa não era uma meditação que Luang Pó encorajasse fortemente aos seus discípulos monásticos. Ele a considerava uma prática arriscada para um monge ou monja celibatários, pois a pura emoção do bem-querer poderia facilmente transformar-se em sentimentos mais sensuais. Mais um fator, monásticos que praticavam a meditação do bem-querer de forma diligente, frequentemente tornavam-se muito atraídos para o sexo oposto, o que também podia sabotar sua vocação monástica.

SONOLÊNCIA E TORPOR

O terceiro dos obstáculos, a sonolência e o torpor, ocorre mais facilmente quando a mente está habituada a um alto nível de estímulos. Nesses casos, focar em um objeto único e não excitante, tal como a respiração, tende a induzir sensações de tédio seguidas por marasmo. Isso pode levar os meditadores a perderem totalmente a atenção, sentando com a cabeça balançando para cima e para baixo ou caída junto ao peito. Esse obstáculo também aflige meditadores que cedem à sensação de relaxamento que ocorre com a eliminação da agitação mental mais grosseira. Em suas formas mais sutis, o obstáculo pode se manifestar como um estado mental que é calmo, mas rígido e pesado. Em uma ocasião, o Buddha comparou a mente tomada pela sonolência e pelo torpor com um prisioneiro em uma caverna escura e sufocante e, em outra oportunidade, a assemelhava à água fresca obstruída por plantas aquáticas.

Para os monásticos em Wat Pah Pong, a forma de vida simples e repetitiva, livre das formas mais grosseiras de estímulos, reduzia a possibilidade de que suas mentes reagissem contra a disciplina requerida pela meditação formal. Os lembretes regulares de Luang Pó para que mantivessem *sati* e a restrição dos sentidos em todas as posturas visavam reduzir a lacuna entre a atenção do meditador em períodos de meditação formal e na vida diária. Monges eram encorajados a observar os fatores que incrementavam ou que enfraqueciam sua tendência à preguiça e ao marasmo mental. A ingestão de comida era uma variável óbvia.

Se você se percebe sonolento todos os dias, tente comer menos. Examine a si mesmo. Assim que cinco colheres o deixarem cheio, pare. Então tome água até que você esteja devidamente cheio. Observe a sua sonolência e a sua fome. Você deve aprender a equilibrar a sua alimentação. Conforme sua prática segue, você vai naturalmente se sentir com mais energia e comer menos. Mas você precisa se ajustar.

Luang Pó deu várias exortações visando inspirar em seus discípulos o desejo saudável de lutar para se libertarem das impurezas e realizarem a libertação interna. Era ter esse desejo saudável na mente (*Dhamma chanda*) que desempenhava o maior papel na proteção contra os obstáculos da sonolência e do torpor. Sem cultivar essa forte aspiração de penetrar as quatro nobres verdades, meditadores que estivessem passando por períodos de confusão emocional ou fortes impurezas poderiam perceber suas mentes caindo no marasmo durante a meditação, como uma forma de anestesiar a dor mental.

As práticas semanais de meditar por toda a noite eram oportunidades para monges em Wat Pah Pong ficarem cara a cara com a sonolência e sem nenhuma escolha, a não ser buscar formas hábeis de vencê-la. Emergir de um período de sonolência, depois de uma forte recusa de se deixar levar por ela, podia ser uma experiência capacitadora e até de êxtase. A paciência acumulada por uma prática regular de trabalhar contra a sonolência não era um benefício imediatamente óbvio, mas muitos monges reconheciam que depois de um período de meses ou anos, ela se mostrava cada vez mais evidente.

No entanto, sempre que monges estivessem se esforçando fisicamente — durante projetos de construção no mosteiro, por exemplo — e particularmente em períodos de clima quente e úmido, a sonolência e o torpor ainda podiam ser um grande obstáculo. Luang Pó dava várias dicas práticas:

Existem muitas formas de vencer a sonolência. Se você estiver sentado no escuro, mova-se para um local iluminado. Abra seus olhos. Levante-se e lave o rosto ou tome uma chuveirada. Se você está sonolento, mude as posturas. Ande muito. Ande para trás — o medo de pisar qualquer coisa vai mantê-lo acordado. Se isso falhar, fique parado de pé, clareie a mente e imagine que está em plena luz do dia. Ou sente-se na beira de um alto penhasco ou de um

poço profundo. Você não ousará dormir! Se nada funcionar, então apenas vá dormir. Deite-se cuidadosamente e tente estar atento até o momento em que cair no sono. Então quando você acordar, levante-se imediatamente. Não olhe para o relógio ou role para o lado. Comece a praticar *sati* no momento em que acordar.

Continuidade na prática era essencial. Se os meditadores permitissem que a sonolência e o torpor disfarçados de preguiça e relutância os puxassem para trás, eles estavam perdidos. Eles tinham que desenvolver um esforço constante e impermeável à mudança de humores.

Quanto você se sentir diligente, pratique. Quando você se sentir preguiçoso, pratique.

AGITAÇÃO E PREOCUPAÇÃO

O quarto obstáculo consiste de dois tipos de ruído mental. O primeiro é a agitação — um estado de inquietação da mente; o segundo, preocupação ou pensamentos de culpa sobre o passado. Somente quando a mente é solicitada a sustentar a atenção em um objeto é que a extensão total de sua inquietação habitual se revela. A louca agitação da mente que se segue é a primeira grande frustração experimentada pelo novo meditador. Assim como os outros obstáculos, o remédio padrão é pacientemente trazer a mente de volta ao objeto repetidamente até que a mente esteja domada. Mas quando a mente está agitada, tentar restringi-la pode ser uma tarefa cansativa e ingrata. Luang Pó alertava os meditadores para que fossem cautelosos e não caíssem na armadilha de “*vibhavataṇhā*”, o desejo de se livrar de alguma coisa. Em vez de dar o ímpeto para libertar a mente desse obstáculo, esse tipo de desejo só piorava as coisas. Um confuso meditador lhe perguntou:

"Então quando ela começa a atirar para todos lados, eu deveria apenas observá-la?"

Quando ela começa a atirar para todos os lados, então é bem ali. Você não a segue, mas você está atento a ela. Para onde ela poderia ir? Ela está enjaulada. Ela não pode ir para lugar nenhum. O seu problema é que você não quer nada passando na sua mente. Luang Pu Man chamava esse estado de “*samādhi toco-de-árvore*”. Se sua mente está atirando para todos os lados, perceba que ela está fazendo isso. Se ela está imóvel, perceba isso. O que mais você precisa? Você precisa apenas medir o movimento ou a falta de movimento. Se hoje a mente está pacífica, então veja isso como uma base para a sabedoria. Mas as pessoas gostam da paz, ela as faz felizes. Elas dizem: “hoje eu tive uma prática maravilhosa, tão pacífica”. Ali! Se você pensa dessa maneira, então no dia seguinte vai ser desesperador, sua mente vai ser uma balbúrdia. E então vai ser: “Oh! Hoje minha prática foi terrível”.

Em última instância, bom e ruim têm o mesmo valor. Coisas boas são impermanentes; coisas ruins são impermanentes. Por que dar tanto significado para elas? Se a mente está agitada, então a observe. Se está pacífica, então a observe. Dessa maneira, você permite que a sabedoria surja. Agitação é uma expressão natural da mente. Apenas não se agarre a isso.

Um macaco não pode ficar parado, pode? Suponha que você veja um macaco e comece a se sentir desconfortável porque ele não para quieto. Você começa a pensar em quando é que ele vai parar de se mexer. Você quer que ele fique quieto para que então você se sinta em paz. Mas é assim que os macacos são. Um macaco de Bangkok, um macaco de Ubon — macacos são os mesmos em todos os lugares. É da natureza do macaco se mover por aí, e perceber isso é o fim do problema. Se você vai continuar sofrendo porque o macaco não para quieto, então você está adiantando seu caminho para a cova. Você vai ser mais macaco do que o próprio macaco.

DÚVIDA E INDECISÃO

O último dos obstáculos, a dúvida cética, é o mais insidioso e incapacitante membro do grupo. Ele é caracterizado pelo vacilo e pela hesitação em cumprir um compromisso. O obstáculo ocorre quando meditadores possuem informações suficientes sobre os ensinamentos ou sobre as técnicas que os fazem passar pelos estágios iniciais da prática, mas ficam paralisados por uma necessidade de certeza sobre a efetividade do método, do professor, dos ensinamentos ou de sua própria capacidade de progredirem, antes de fazerem o esforço e a renúncia necessários para verificar isso.

Nem todas as dúvidas são obstáculos para a prática de meditação. Ao contrário, algumas dúvidas são tidas como sinais de inteligência. Falando com os Kālāmas, o Buddha disse: “Isso é bom. Vocês estão duvidando de coisas que são dignas de se duvidar”. As dúvidas daqueles que reconhecem que lhes faltam informações necessárias ou um critério claro para fazer uma boa escolha não são consideradas impurezas da mente. O obstáculo nasce de um desejo por garantias que não podem ser dadas. O símile do Buddha para ilustrar esse obstáculo é o de um viajante perdido em um local desolado, cujo medo de possíveis perigos no caminho para chegar a um lugar seguro pesam mais do que o desejo de chegar ao local seguro.

Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, a maioria dos monásticos e apoiadores leigos tinham recebido apenas rudimentos de uma educação formal e tinham uma forte confiança em Luang Pó. Eles não ponderavam muito sobre os ensinamentos. Suas dúvidas principais giravam em torno de se eles queriam ou não permanecer como monges. Em anos posteriores, com mais pessoas da cidade vindo ao mosteiro e um crescente número de discípulos ocidentais, “pensar demais” tornou-se uma questão no mosteiro. Dúvidas sobre o professor, o ensinamento, a habilidade do estudante de praticar os ensinamentos do professor se multiplicaram. A resposta de Luang Pó para os “duvidadores” crônicos foi sempre apontar que:

A dúvida nunca acaba por conta das palavras de outra pessoa. Dúvidas chegam ao fim através de nossas próprias ações.

Ter uma confiança inquestionável nas palavras de uma figura de autoridade pode suprimir as dúvidas até um certo ponto, mas é uma estratégia que nunca poderá alcançar uma segurança duradoura sobre elas. Luang Pó ensinava que a única forma de ir além das dúvidas era através do insight sobre a natureza delas como estados mentais condicionados e impermanentes. Em uma ocasião, ele explicou porque não concedia entrevistas diárias para os monges, como é a prática em vários centros de meditação:

Se eu te responder a cada pequena pergunta, você nunca vai entender o processo da dúvida em sua mente. É essencial que você aprenda a examinar por você mesmo, entrevistar-se a si mesmo. Ouça atentamente a palestra do Dhamma a cada poucos dias, então use o ensinamento para compará-lo com sua própria prática. É o mesmo? É diferente? Por que você tem dúvidas? Quem é esse que duvida? Apenas através de examinar-se a si mesmo é que você vai entender.

**

Se você duvida de tudo, então você vai ficar totalmente miserável. Você não vai querer comer e não vai conseguir dormir, passando todo o seu tempo correndo atrás desse ponto de vista ou daquele. O que você deve manter em mente é que sua mente é uma mentirosa ... Estados mentais são apenas desse jeito; eles não duram. Não vá atrás deles. Apenas os

conheça com equanimidade. Assim que uma dúvida passa e uma nova surge em seu lugar, esteja ciente dela pelo que ela é também. Então você ficará em paz. Se você sai correndo atrás de suas dúvidas, então você não apenas vai ser infeliz, mas as dúvidas vão aumentar.

Ao alcançar um certo ponto em suas práticas, alguns meditadores começam a divagar sobre a identidade dos estados que estavam experienciando, enquanto meditavam. Luang Pó dizia que eles não estavam em uma rodovia; não havia placas de trânsito na mente. Em outra ocasião, ele disse que realmente não importava se você não sabia o nome de uma fruta se estivesse ciente de sua doçura e fragrância:

Meditação é a mesma coisa. Não é necessário saber como as coisas se chamam. Se você sabe o nome da fruta, isso não faz dela mais doce. Então esteja ciente das condições causais relevantes daquele estado. Mas se você não sabe o nome, isso não importa. Você sabe o sabor ... Se alguém te diz o nome, então tome nota dele; mas se não disserem, não há motivo para ficar triste.

Luang Pó uma vez tranquilizou um discípulo ocidental:

Duvidar é algo natural. Todo mundo começa com dúvidas. Você pode aprender muito com elas. O que é importante é você não se identificar com elas: isto é, não ficar enroscado nelas. Isso vai fazer sua mente girar em círculos infinitos. Em vez disso, observe todo o processo de estar duvidando, estar imaginando. Veja quem é que duvida. Veja como as dúvidas vêm e vão. Então você não será mais vítima delas. Você sairá delas, e sua mente se aquietará. Você poderá ver como as coisas vêm e vão. Apenas abra mão do que está apegado. Abra mão de suas dúvidas e apenas observe. É assim que terminam as dúvidas.

III. CAMINHOS E MEIOS

MEIOS HÁBEIS

Os obstáculos não aparecem na mente como resultado da meditação; ao contrário, é a meditação que revela obstáculos que já estão latentes dentro da mente, mas que são difíceis de serem isolados, para que se possa lidar efetivamente com eles na vida diária. Meditação pode ser comparada com colocar a mente em um microscópio com o intuito de ver os vírus danosos, invisíveis a olho nu, que estejam ameaçando a saúde. Luang Pó lembrava aos seus discípulos que encontrar os obstáculos na meditação não deveria ser uma fonte de desencorajamento. Ao lidar com os obstáculos, meditadores ficavam conhecendo como a mente trabalhava e como lidar com ela de maneira mais efetiva.

Ele dizia que meditadores deveriam observar e revisar constantemente o que estava e o que não estava funcionando em sua meditação. Eles deveriam tratar suas mentes como os pais tratam os filhos: expressando encorajamento e um reconhecimento comedido quando eles fazem algo bom; sendo consistentemente firmes e justos quando eles precisam de uma advertência. Uma mente destreinada era como uma criança cheia de vontades seguindo seus humores e frequentemente fazendo travessuras. O meditador não deveria asfixiar a mente com uma atenção exageradamente próxima, mas manter constantemente os olhos nela, onde quer que ela fosse, impedindo-a de cair em perigos. Aprender com os erros e ser criativo em encontrar meios de lidar com problemas que surgem na meditação são coisas boas. Ao mesmo tempo, deve-se tomar cuidado para não

desenvolver tantos meios hábeis que a simplicidade essencial da prática seja esquecida e isso possa vir a causar mais mal do que bem.

DOR FÍSICA

Às vezes você pode ter uma suadeira. Gotas enormes, do tamanho de grãos de milho, rolando pelo seu peito. Mas quando você tiver atravessado a sensação de dor uma vez, então você saberá tudo sobre ela. Siga trabalhando nisso. Não se force muito, mas se mantenha praticando constantemente.

Desconforto físico surgindo durante a meditação sentada pode variar de uma dor discreta com câibras à dor agonizante. Como o desconforto é dependente da escolha da postura por parte do meditador, ele ou ela têm o poder de terminar com o desconforto, movendo-se. Surge a questão se o meditador, sentindo dor, deve mudar a postura, e se sim, em que ponto. A sugestão mais comum de Luang Pó era que meditadores não deveriam se mover de uma forma reativa, surgida do medo ou da ansiedade. Primeiramente, deveriam tentar trazer a atenção da dor de volta para o objeto de meditação, repetidamente. Caso isso se tornasse impossível, os meditadores deveriam tomar a própria dor física como objeto de meditação. No caso em que *sati* ainda não estivesse forte o suficiente para lidar com a dor, então o meditador deveria mudar a postura. Luang Pó advertia seus discípulos a forçarem os limites de sua resistência para garantir que seu entusiasmo sempre fosse regido pela sabedoria. Muita resistência deliberada à dor física na meditação, por parte de um iniciante, poderia gradualmente levá-lo a um senso de desânimo, à aversão, ou em casos extremos, a uma visita ao médico.

Em algumas ocasiões, Luang Pó estimulava seus discípulos a perseverarem através do túnel escuro das sensações dolorosas e saírem do outro lado. Meditadores que conseguem aguentar a dor ao ponto em que ela alcança um ápice e então se dissolve, experienciam um grande êxtase e entram em um profundo estado de calma. Tendo “ido além” da sensação de dor dessa forma, o medo que o meditador tem da dor, e até da morte, é geralmente bastante diminuído. Ainda mais importante, a separação natural da sensação da dor física e a ciência dela fornecem uma profunda compreensão da impessoalidade das sensações. A compreensão de quanto daquilo que era assumido como dor física é, de fato, uma reação emocional instintiva à dor, e que ela pode ser liberada através de *sati*, pode ser o terreno para um significativo avanço na prática.

A ABORDAGEM CORRETA

Em sua forma mais elevada, *paññā* se manifesta como o penetrante insight sobre “as coisas como elas são”, que elimina as impurezas que geram o sofrimento e constitui a culminação do caminho do Buddha para a libertação. Mas o mesmo treinamento que alcança sua consumação através da sabedoria também começa com sabedoria. No seu estágio inicial, ela é referida como a visão correta mundana. Sua característica mais importante é a convicção na lei do *kamma* e na capacidade humana para libertação através da prática do caminho óctuplo.

Luang Pó devotava bastante tempo para corrigir os pontos de vista equivocados e falsas suposições que poderiam tirar os meditadores do caminho. Sempre que podia, buscava esclarecer os princípios da visão correta, que ele chamava de “o local refrescante onde toda queimação e agitação cessam”.

Uma visão incorreta persistente envolvia a crença de que o processo causal que levava à libertação poderia ser contornado por meio de uma certa técnica ou meios hábeis. A insistência de Luang Pó

em *khanti*, ou paciência, como a virtude fundamental na prática do caminho do Buddha resultava em ele dar pouca atenção a pessoas impacientes por resultados. Quando um meditador leigo lhe perguntou se havia algum atalho, ele respondeu:

Se é isso o que você quer, é melhor desistir logo de vez.

Em outra ocasião, ele disse:

Se as causas são insuficientes, os resultados não vão aparecer. É natural. Para a libertação acontecer você deve ser paciente. Paciência é o princípio líder na prática.

Falando com um grupo de meditadores leigos, ele disse:

Meditar com o intuito de alcançar a calma lúcida não é a mesma coisa que apertar um interruptor esperando que tudo imediatamente seja tomado pela luz. Colocar esforço contínuo na meditação é como escrever uma sentença: você não pode omitir uma palavra ou frase sequer. Todos os dhammas surgem de causas; resultados apenas cessarão quando as suas causas cessarem.

Você deve seguir fazendo, praticando continuamente. Você não vai alcançar ou ver nada em um ou dois dias... Você deve tentar empreender um esforço constante. Você não pode compreender isso pelas palavras de outras pessoas. Você deve descobrir isso por si mesmo. Não é o quanto você medita — você pode meditar apenas um pouco — mas o faça todos os dias. E também pratique meditação andando todos os dias. Independentemente de você meditar muito ou pouco, medite todos os dias. Seja moderado com o que fala e observe sua mente o tempo todo. Siga refutando a percepção da permanência em qualquer coisa que surja em sua mente, quer seja prazeroso ou doloroso. Nada dura; tudo é enganador.

Como não seria difícil treinar a mente, ele diria, quando as pessoas negligenciaram fazer isso durante toda a vida até aquele momento, e provavelmente em várias vidas anteriores? O exército do Dhamma ainda era imensamente menor do que o exército das impurezas. Leva tempo para tornar a batalha um pouco mais equilibrada.

Em vez de ansiar continuamente pelo objetivo desejado, como uma criança em um carro perguntando, o tempo todo, quanto tempo falta para chegar ao destino, meditadores eram encorajados a prosseguir de maneira constante no caminho de prática escolhido, com atenção à qualidade do esforço que estavam realizando, momento a momento. Meditadores devem ter confiança de que, quando as causas estiverem maduras, os resultados inevitavelmente aparecerão.

O Buddha nos ensinou a caminhar adiante, não muito devagar e nem muito rápido, mas para moldar a mente “na medida certa”. Não há necessidade nenhuma de ficar ansioso com isso. Se você ficar, então você deveria refletir que a prática é como plantar uma árvore. Você faz um buraco na terra e coloca a árvore ali. Depois disso, é seu trabalho preencher o buraco com terra, colocar fertilizante nela, regar a árvore e protegê-la contra as pragas. Essa é a sua tarefa; é o que donos de pomares devem fazer. Mas se a árvore cresce rápido ou devagar é algo que depende dela; não tem nada a ver com você. Se você não sabe os limites de suas próprias responsabilidades, vai acabar tentando fazer o trabalho que é da árvore, e vai sofrer. Tudo o que você tem que fazer é cuidar do fertilizante, de regar e de manter os insetos afastados. A velocidade do crescimento da árvore é problema da árvore. Se você sabe o que é a sua responsabilidade e o que não é, então sua meditação será suave e relaxada, e não estressada e irritante.

Quando sua prática sentada é calma, então observe essa calma. Quando não for calma, observe isso também... Caso exista calma, existe calma; caso não exista, não existe. Você não deve sofrer caso sua mente não esteja calma. É um erro se deleitar quando a mente está calma, ou se entristecer quando não está. Você se permitiria sofrer por uma árvore? Se permitiria sofrer pelo brilho do sol ou pela chuva? As coisas são o que são e se você entende isso, então sua meditação vai correr bem. Então siga andando pelo caminho, siga praticando, siga realizando suas tarefas e meditando nas horas apropriadas. E quanto ao que você tira disso, o que você alcança, que calma você consegue ter, isso vai depender da potência da virtude que você tiver acumulado. Assim como o dono do pomar que sabe a extensão de suas responsabilidades para com suas árvores mantém o bom humor, da mesma forma quando o praticante entende suas responsabilidades com a prática, então “a medida certa” se estabelece naturalmente.

Enquanto Luang Pó via o quão importante era para seus discípulos adquirirem uma fundação firme de conhecimento sobre os ensinamentos do Buddha, ele também alertava sobre o efeito prejudicial de estudar demais ou de forma não sábia:

Existem professores versados que escrevem sobre primeira absorção (jhāna), segunda absorção, terceira absorção, quarta absorção e daí em diante, mas se a mente atinge o nível da calma lúcida, ela não é ciente disso tudo. Tudo o que ela sabe é que o que está experienciando não é o mesmo que está nos livros. Se um estudante das escrituras se aferra a esse conhecimento quando entra em estados de calma lúcida e gosta de ficar observando: “O que é isso? Já é a primeira absorção?”, sua mente simplesmente sairá do estado de calma, e ele não vai ganhar nada com isso. Por quê? Porque ele quer algo. No momento em que há desejo de realizar algo, a mente se afasta da calma lúcida.

É por isso que vocês devem jogar fora todos os pensamentos e dúvidas e tomar apenas o seu corpo, sua fala e sua mente para a prática. Olhem internamente para os estados mentais, mas não levem as escrituras consigo para lá — não é o lugar para elas. Se você insiste nisso, então tudo irá pelo ralo, pois nada que esteja nos livros é igual ao que é na experiência. É precisamente por causa desse apego ao conhecimento vindo dos livros que as pessoas que estudam muito, que sabem muito, tendem a ser malsucedidas na meditação.

SEM IDEIAS DE GANHO

Meditadores eram constantemente lembrados de que haviam embarcado em uma prática de renúncia e de abrir mão. Buscar visões ou poderes psíquicos através da meditação era perder completamente o ponto. Se um desejo de ganhar ou alcançar algo se enraizasse na mente de um meditador, então ele teria entrado em um caminho sem conclusão definitiva. O desejo de realizar alguma experiência especial poderia levar para novos e elevados reinos de existência, mas não para a libertação. Buscar renascer em refinados estados de consciência era como um pássaro voar, por vontade própria, para dentro de uma gaiola dourada. No início da prática, o melhor mote era ser tranquilo, consistente e paciente. Ideias não sábias de ganho nesse estágio poderiam levar os meditadores a desistirem de tudo.

Às vezes na prática de meditação, pessoas fazem determinações que são muito extremas. Elas acendem incensos, se prostram e fazem um voto: “enquanto esse incenso não terminar, não me moverei, sob nenhuma hipótese, da minha postura sentada. Mesmo que eu fique inconsciente ou morra, o que quer que aconteça, morrerei bem aqui”. Assim que elas fazem

a declaração solene, começam a meditar e então, dentro de poucos instantes, os *māras*¹⁰⁵ as atacam por todos os lados. Elas abrem os olhos para dar uma olhada no incenso: “Oh não! Ainda tem um monte ainda para queimar”. Elas rangem os dentes e começam de novo.

Suas mentes estão quentes, aborrecidas e agitadas. Elas estão no limite de suas forças. Elas acham que já foi o suficiente, e olham novamente para o incenso — certamente deve estar chegando ao final: “Oh não. Nem na metade!” Isso acontece três ou quatro vezes, e então elas desistem. Elas se sentam e se culpam por serem fracassadas: “Oh, por que sou tão idiota, isso é tão humilhante”, e por aí vai. Elas se sentam ali sofrendo por não serem sinceras e por serem más — todo tipo de coisas — até que suas mentes estejam uma completa bagunça, e então surgem os obstáculos. Se esse tipo de esforço não leva à má vontade em relação aos outros, leva à má vontade para consigo mesmo. Por quê? Por causa do desejo. Na verdade, você não deve fazer resoluções tão altas assim. Você não deve fazer uma resolução para amarrar a si mesmo dessa forma. Apenas faça a resolução de abrir mão.

O progresso na meditação é, em grande parte, incremental — como um mestre japonês colocou, é como a umidade gradualmente crescente no casaco de um caminhante sob a neblina, em vez de seu óbvio encharcamento pela chuva. Mas também pode haver períodos de grande intensidade. Nessas horas, o desejo por uma validação clara de seus esforços leva vários meditadores a darem uma importância exagerada a experiências meditativas incomuns que venham a ocorrer. Os sentimentos intensos de êxtase que frequentemente acompanham essas experiências parecem confirmar sua significância. A insistência de Luang Pó de que todas as experiências têm o mesmo valor no final, sendo igualmente passíveis de causar sofrimento para quem se deleita nelas, era difícil de ser aceita por meditadores ansiosos por acreditar que todo o trabalho que haviam feito estava finalmente gerando frutos. Se eles experimentassem uma mudança notável em sua prática, isso podia facilmente levar a novas formas de presunção.

Não empine o nariz por causa de sua prática. Não supervalorize suas experiências. Deixe as coisas seguirem seu fluxo pacificamente. Não seja ambicioso. Não há necessidade de desejar obter ou se tornar qualquer coisa.

Em uma ocasião, um monge veio perguntar a Luang Pó por que, a despeito de ele estar colocando um grande esforço em sua meditação, ele ainda não tinha visto as luzes e cores que os outros diziam ver, Luang Pó respondeu:

Ver luzes? Para que você quer ver luz? Que bem você acha que isso faria para você? Se você quer ver luz, vá ver uma lâmpada fluorescente. É assim que a luz se parece.

Depois que os risos acabaram, ele continuou:

A maioria dos meditadores é assim. Eles querem ver luzes e cores. Eles querem ver divindades, reinos celestiais e infernos, todo esse tipo de coisas. Não se deixe levar por essas coisas.

¹⁰⁵ Seres malévolos. Aqui o termo é usado figurativamente para se referir às impurezas.

APENAS A POSTURA MUDA

Um tema recorrente nas instruções de meditação de Luang Pó era a necessidade de criar um fluxo de *sati* e vigilância independente da postura. Essa era a única maneira de manter o ímpeto necessário para cortar as impurezas.

A meditação não está amarrada a estar de pé ou andando ou sentado ou deitado. Como não podemos viver completamente imóveis e inativos, nós temos que incorporar todas essas quatro posturas em nossa prática. E o princípio orientador que deve apoiar cada uma delas é a geração da sabedoria e “retidão”. “Retidão” significa visão correta e é outra palavra para sabedoria. Sabedoria pode surgir a qualquer momento, em qualquer uma das quatro posturas. Em cada postura, você pode ter pensamentos bons ou maus, pensamentos equivocados ou pensamentos corretos. Discípulos do Buddha são capazes de realizar o Dhamma estando de pé, andando, sentados ou deitados.

Então onde é que essa prática, que pode ser realizada em qualquer uma das quatro posturas, encontra seu ponto focal? Ela o encontra na geração de visão correta, pois uma vez que haja visão correta então surge a intenção correta, a fala correta e o resto do caminho óctuplo.

Assim, seria melhor que mudássemos a nossa forma de falar. Em vez de dizer que “saímos de samādhi”, deveríamos dizer meramente que “mudamos de postura”. Samādhi significa estabilidade da mente. Quando você emerge de samādhi, então mantenha aquela estabilidade em sua *sati* e atenção em seu objeto, em suas ações, o tempo inteiro.

É incorreto pensar que ao final de uma sessão de meditação você terminou o seu trabalho. Mantenha sempre um esforço constante. É através de manter uma consistência de esforço em seu trabalho, em suas ações, em sua *sati* e vigilância, que a sua meditação vai se desenvolver.

Os obstáculos que surgem durante a prática de meditação mudam e evoluem. A tendência geral é de que os obstáculos se tornem mais sutis conforme a prática progride. Mas meditadores que se esqueciam da constante dica de Luang Pó de não terem nada como garantido podiam ser cegados pela inesperada reaparição de impurezas grosseiras que eles tinham assumido já terem deixado para trás.

Um erro comum era o apego à bondade. Isso podia se manifestar como uma irritação para com as deficiências dos outros ou como uma proteção exagerada de sua própria paz mental. Luang Pó analisou essa falta:

Você tem medo que sua mente se torne impura, tem medo que seu samādhi seja destruído. Você sente uma forte devoção à sua prática, a protege com toda sua força; você é muito diligente e empenha um monte de esforço. Quando um objeto dos sentidos lhe afeta, então você é pego de surpresa e fica aterrorizado por isso.

Luang Pó tranquilizava seus discípulos de que aquilo era um estágio temporário pelo qual os meditadores passavam quando havia desequilíbrio na prática. Isso desapareceria se eles reconhecessem que uma certa quantidade de elementos não pacíficos na vida de um meditador eram, na verdade, a matéria-prima para o trabalho da sabedoria.

PODERES PSÍQUICOS

Em várias ocasiões, o Buddha enumerou os vários poderes paranormais que são possíveis — mas não inevitáveis — subprodutos da meditação profunda e o fato de que eles são, essencialmente, mundanos: alcançá-los não tem nenhum vínculo causal direto com a libertação. Dos dois grandes discípulos, o venerável Mahā Moggallāna era reconhecido como sendo o número um entre os monges que possuíam poderes psíquicos, enquanto o venerável Sāriputta nunca foi conhecido por ter exibido nenhum poder desse tipo. Embora o Buddha elogiasse os arahants que possuíam tais poderes por terem realizado tudo o que a mente humana é capaz de fazer, ele enfatizou que tais poderes nunca deveriam ser tidos como um objetivo da prática. Poderes psíquicos, tais como a telepatia, podem ser de algum uso em ensinar o Dhamma, mas no caminho para a libertação, eles são, no melhor dos casos, tangenciais, e no pior dos casos, obstáculos para a realização da verdade.

Sempre houve vários monges na tradição de floresta tailandesa que possuíam poderes psíquicos, embora poucos tivessem vontade de demonstrá-los ou mesmo de falar sobre eles. Na verdade, a disciplina apenas permite que monges revelem essas habilidades a outros companheiros monges. A razão dada para essa determinação é que, enquanto pessoas poderiam ficar interessadas no budismo por uma demonstração de poderes milagrosos, a fé que surge da exposição a esse tipo de milagre não é do tipo que prontamente se traduz no amadurecimento da sabedoria que o Buddha desejava promover. Somado a isso, um monge que revela poderes psíquicos vai atrair para si mesmo uma grande quantidade de atenção que o distrairá, e isso tanto dificultará o seu próprio caminho para a libertação quanto ameaçará a tranquilidade do mosteiro no qual ele vive.

Luang Pó enfatizava que o poder da fascinação, a despeito de seu objeto, é um sério obstáculo a abrir mão. Fascinação por fenômenos psíquicos e habilidades incomuns prende a mente no *samsāra* tão fortemente quanto a fascinação por objetos sensuais grosseiros. A aquisição de poderes psíquicos tende a levar à supervalorização dos níveis espirituais alcançados e à falta de senso de urgência em avançar ainda mais para realizar a verdadeira libertação.

Em encontros mais íntimos com grupos de monges, Luang Pó ocasionalmente recontava histórias maravilhosas dos poderes psíquicos dos arahants, mas depois deixava claro que havia falado apenas para que eles soubessem e se divertissem, e então repetia seu aviso:

Não os persiga. Não tenha interesse algum por eles.

Em uma ocasião, durante uma conversa com um monge sênior do Sri Lanka, a conversa se enveredou para o lado dos poderes psíquicos. Luang Pó foi perguntado se as pessoas na Tailândia eram interessadas nesses assuntos.

Existem pessoas que gostariam de adquirir poderes psíquicos, mas eu mesmo sinto que esse tipo de prática não está de acordo com os ensinamentos do Buddha. O Buddha nos ensinou a abandonar todo tipo de cobiça, aversão e delusão. O tipo de prática dessas pessoas leva ao crescimento dessas coisas.

A CROSTA DA CALMA LÚCIDA

A palavra *nimitta* é geralmente entendida nos textos budistas como “sinal”. No contexto da meditação, ela se refere a um fenômeno mental experienciado como uma percepção sensorial que surge conforme a mente vença os obstáculos. Uma *nimitta* é mais comumente experienciada como

uma forma visual, menos frequentemente como um som ou sensação tátil e — raramente — como um cheiro ou sabor.

No *Caminho da Purificação*, as nimittas são tratadas em alguma medida e divididas em três categorias¹⁰⁶. A entrada em *jhāna* é descrita como dependente da mudança de foco do meditador para um “sinal” distintivo, mais comumente uma luz brilhante, que aparece quando samādhi se aprofunda.

Luang Pó e seus companheiros mestres de floresta eram familiarizados com o tratamento dado às nimittas no *O Caminho da Purificação*, mas raramente o incorporavam em seus relatos do processo de meditação. Eles usavam o termo “nimitta” com uma ênfase levemente diferente. Luang Pó o empregava quando falava de fenômenos fabricados pela mente — cores, luzes, visões de seres de outros reinos de existência — que poderiam aparecer conforme a mente se tornava calma. Ele insistia na importância de manter a atitude correta para com elas. Ao conhecê-las pelo que elas eram, as nimittas eram inofensivas. A obsessão com elas poderia levar a um desvio no qual se perderia tempo e, em casos extremos, à psicose. Armado com a atenção sobre os seus perigos, o método básico de lidar com elas era simplesmente recusar-se a dar-lhes qualquer atenção.

Qualquer que seja a forma que nimitta tome, não lhe dê atenção. Enquanto ela ainda persistir, restabeleça o seu foco levando toda a atenção à respiração. Inspire e expire profundamente pelo menos três vezes e isso deve cortá-la. Apenas siga restabelecendo a sua concentração. Não veja aquilo como sendo seu, é meramente uma nimitta. Nimittas são enganadoras: elas nos fazem gostar, nos fazem amar, nos fazem ter medo. Elas são falsas e instáveis. Se uma surgir, não lhe dê qualquer importância. Ela não é sua; não corra atrás dela.

O meio mais direto e poderoso de abrir mão de uma nimitta era a mudança de foco da percepção da nimitta para aquilo que a percebia.

Quando você ver uma nimitta, então mude a atenção para olhar diretamente para sua mente. Não abandone esse princípio básico.

Visões poderiam ser atrativas, e não era possível para meditadores simplesmente se recusarem a ter prazer nelas por um ato de vontade. O que eles podiam fazer era reconhecer imediatamente quaisquer sensações prazerosas que surgissem como sendo mutáveis e baseadas em uma falsa percepção.

Nem todas as nimittas são encantadoras. Outro problema comum que meditadores enfrentam é ficarem agitados e assustados por elas.

Prepare sua mente com o conhecimento de que nada pode te machucar. Se alguma coisa aparece durante a sua meditação e você fica assustado com ela, então sua meditação se imobilizará. Se isso acontecer, então traga de volta a recordação de que não há perigo algum e deixe passar; não a siga. Ou você pode, caso queira, tomar a nimitta para investigar sua natureza condicionada. Depois que você experimentar isso várias vezes, não vai mais se importar com elas. Elas serão apenas normais, nada para se preocupar.

¹⁰⁶ "O objeto percebido bem no começo da concentração é chamado de 'imagem preparatória' (*parikamma-nimitta*). A imagem ainda instável e não clara, que surge quando a mente alcançou um fraco estágio de concentração, é chamada de 'imagem adquirida' (*uggaha-nimitta*). Uma imagem inteiramente clara e imóvel surgindo no mais alto estágio de concentração é a 'contra-imagem' (*paṭibhāga-nimitta*).” (*Buddhist Dictionary by Ven. Nyanatiloka, 1980.*)

Existe, contudo, uma classe de nimittas que meditadores habilidosos podem usar para intensificar a sua prática. Elas incluem as imagens mentais de partes do corpo físico que “parecem surgir e se expandir de dentro da mente”, particularmente aquelas que ocorrem depois que a mente emerge de um profundo estado de samādhi. Tais imagens são muito mais vívidas do que qualquer imagem que possa ter sido produzida pela imaginação comum. A contemplação delas — especialmente visões do corpo em estado de decomposição — pode produzir um profundo insight para a natureza condicionada dos fenômenos, o que por sua vez pode levar a um profundo desencanto e ao abandono do apego ao senso de um eu incorporado. Essas potentes imagens são muito mais passíveis de surgirem para um meditador que já tenha dedicado tempo para a investigação do corpo como método de meditação discursiva.

Luang Pó dizia que o uso ou não uso das nimittas no cultivo da sabedoria era dependente da maturidade do meditador. Frequentemente, recomendava que um meditador ignorasse uma nimitta, mesmo que ela fosse sobre o corpo físico. Um dia, um meditador leigo veio prestar reverências a Luang Pó e buscar instruções. Ele dizia que enquanto meditava, via seu próprio corpo como um esqueleto empalidecido flutuando na frente dele. Luang Pó explicou-lhe que isso era o que *O Caminho da Purificação* referia como *uggaha-nimitta*, a imagem adquirida. Mas em vez de explicar como manipular o objeto da forma como o texto recomendava, disse que não havia necessidade de fazer aquilo. Era suficiente criar as condições de estabilidade e de calma lúcida para que a sabedoria fizesse seu trabalho. Quando a mente estivesse bem estabelecida em samādhi dessa forma, qualquer objeto que surgisse na mente seria experienciado como se fosse uma pergunta, e o imediato reconhecimento dele como sendo impermanente, insatisfatório e não-eu, apareceria como uma resposta correta sem esforço nenhum.

Tudo o que você precisa é acalmar a mente o suficiente para fornecer a base para vipassanā. Quando a sabedoria surgir, então assim que qualquer coisa ocorra em sua mente, você estará apto a lidar com isso; há uma solução para todos os problemas. Você se torna ciente do problema e de sua resolução simultaneamente e o problema termina. O conhecer é importante: se um problema surge sem uma solução, então você está em apuros, você não está sabendo lidar com o que está acontecendo. Então você não tem que ficar pensando muito nisso; a solução surge no momento presente simultaneamente com o problema — mesmo com coisas sobre as quais você nunca pensou ou considerou antes — sem que você precise sair por aí caçando, procurando por uma resposta.

Ele voltava ao mesmo ponto repetidamente com relação às nimittas: tendo reconhecido completamente o objeto com equanimidade, então volte a atenção do objeto conhecido para o ato de conhecer em si mesmo. Ao fazer isso, o objeto se dissolveria.

Não corra atrás de coisas externas, pois se você o fizer, então a imagem apenas vai continuar se expandindo. Antes que você perceba, o esqueleto vai ter se transformado em um porco, e então o porco vai virar um cachorro, o cachorro vai virar um cavalo, o cavalo vai virar um elefante; e então todos eles vão se levantar e começar a perseguir uns aos outros! Esteja ciente de que o que você está percebendo é uma nimitta, a crosta da calma lúcida.

IV. CALMA E INSIGHT

SAMĀDHI

Em suas exposições sobre a prática de samādhī, Luang Pó geralmente preferia evitar falar em termos de jhānas. Em vez disso, fazia referência aos vários estados mentais — conhecidos como “fatores jhānicos” — que compõem esses jhānas. Seu raciocínio era de que fatores jhānicos como felicidade (*sukha*) ou equanimidade eram diretamente experienciáveis pelo meditador, enquanto “jhānas” eram apenas nomes diferentes para diferentes constelações desses fatores. Eles eram, em outras palavras, convenções; e como tal, podiam levar a mente para longe em vez de trazê-la para a atenção à realidade presente.

Se a mente está clara, então é como se sentar aqui normalmente e ver as coisas ao seu redor. Fechar os olhos se torna algo não diferente de abri-los. Ver com os olhos fechados se torna o mesmo que ver com os olhos abertos. Não há dúvidas sobre absolutamente nada, apenas um senso de admiração: “Como essas coisas são possíveis? É inacreditável, mas aí estão elas”. Haverá “apreciação sustentada” (*vicāra*) surgindo espontaneamente em conjunção com o êxtase, com a felicidade, uma plenitude no coração e a calma lúcida.

Subsequentemente, a mente vai tornar-se ainda mais refinada, e estará apta a descartar o objeto de meditação. Agora “vitakka”, a elevação da mente para o objeto, estará ausente assim como vicāra. Nós dizemos que a mente descarta vitakka e vicāra. Na verdade, não é tanto que elas sejam descartadas; o que isso realmente significa é que a mente se torna mais concentrada, mais compacta. Quando ela está calma, então vitakka e vicāra são muito grosseiras para permanecerem ali, e aí se diz que elas foram descartadas. Sem vitakka elevando a mente ao objeto, e vicāra para apreciar a sua natureza, existe apenas a experiência de plenitude, bem-aventurança e “foco em apenas um ponto” (*ekaggatā*).

Eu não uso os termos “primeiro, segundo, terceiro e quarto jhāna”. Falo apenas de calma lúcida e de vitakka, vicāra, êxtase, bem-aventurança e unidade, e de seu progressivo abandono até que apenas reste a equanimidade. Esse desenvolvimento é chamado de força do samādhī, as expressões naturais da mente que alcançou a calma lúcida... Então, existe um movimento gradual em estágios, que depende da prática frequente e constante.

Uma vez, Luang Pó foi questionado sobre a relação entre os quatro primeiros fatores jhānicos e o quinto (*ekaggatā*), geralmente traduzidos para tailandês como significando “único foco”, e em inglês como “foco em apenas um ponto”. Ele respondeu que “*ekaggatā*” era como uma tigela e os outros quatro fatores eram como frutas dentro da tigela.

Um gato observando uma toca de rato tem um tipo de samādhī assim como o ladrão, mas a concentração deles é uma concentração natural e amoral de instinto e desejo, não o samādhī que vem de um agrupamento disciplinado de forças que fornecem a base para a sabedoria. O Buddha fazia distinção entre “samādhī correto” (*sammāsamādhī*), um elemento essencial no caminho para a libertação, e “samādhī incorreto” (*micchāsamādhī*), que nos leva para longe dela. Luang Pó explicava que o termo “samādhī incorreto” incluía qualquer estado de calma que não tivesse a atenção necessária para criar a base para o insight:

Samādhī pode ser dividido em dois tipos: samādhī incorreto e samādhī correto. Preste bem atenção nessa distinção. No samādhī incorreto a mente é firme. Ela entra em um estado de calma que é completamente silencioso e sem qualquer ciência. Você pode permanecer nesse

estado por um par de horas ou até por um dia inteiro, mas durante esse período você não tem a menor ideia de onde você chegou ou em que estado a sua mente está. Esse é um samādhi incorreto. É como uma faca que você afiou bem e simplesmente colocou de lado, sem usar. Você não tem benefício algum com isso. É uma calma deludida na qual falta o estado de alerta. Você pensa que alcançou o final da prática de meditação e não procura por mais nada. Isso é um perigo, é um inimigo. Nesse estágio, isso é perigoso para você, pois impede que surja a sabedoria. Não pode haver nenhuma sabedoria sem que haja um senso de discriminação moral.

Samādhi correto poderia ser conhecido pela clareza da atenção.

Não importa o quão profundo o samādhi correto se torne, ele é sempre acompanhado de estar ciente. Existe uma *sati* perfeita e vigilância, um constante estar ciente. Samādhi correto é um tipo de samādhi que nunca te leva para fora do caminho. Esse é um ponto que praticantes deveriam entender claramente. Você nunca pode dispensar estar ciente. Para que seja samādhi correto, o estado de ciência deve estar presente do começo até o final. Por favor, siga observando isso.

Em outra ocasião, ele disse que a paz interior poderia ser dividida em dois tipos: grosseira e sutil. O tipo grosseiro ocorria quando o meditador se identificava com a felicidade que surgia da prática de samādhi e assumia a felicidade como um elemento essencial da paz. A paz sutil era fruto da sabedoria, e ocorria quando a experiência da mente em si mesma, que conhecia todas as experiências agradáveis e desagradáveis como transitórias, era compreendida como a verdadeira paz.

O agradável e o desagradável são estados de ser, estados nos quais nascemos, expressões do apego. Enquanto nos apegarmos ao agradável ou ao desagradável, não poderá haver libertação do saṃsāra. A felicidade do samādhi não é a verdadeira paz interior. Essa paz vem de permanecer no estado de ciência da verdadeira natureza do agradável e do desagradável sem apego. Assim, é ensinado que a mente que repousa além do agradável (*sukha*) e do desagradável (*dukkha*) é o verdadeiro objetivo do budismo.

Às vezes, Luang Pó fazia uso da divisão em três níveis sobre samādhi encontrada nos comentários, já que eles eram claramente distinguíveis com base na sua duração e intensidade:

- Samādhi momentâneo (*khaṇika*) — o inicial, pequenos intervalos de calma, experienciado assim que a mente se torna focada em seu objeto.
- Samādhi de acesso (*upacāra*) — o estado no qual os cinco obstáculos foram ultrapassados, mas não com segurança. Ainda existe algum movimento de fundo na mente, mas que não é distrativo.
- Samādhi de absorção (*appanā*) — o mais profundo nível de samādhi, uma tranquilidade brilhante na qual nenhum dado dos sentidos aparece na mente ou, se aparece, é algo tão fugaz e periférico que não chega a gerar consequências.

O samādhi de acesso é o estado no qual a faculdade da sabedoria funciona de forma mais articulada. Ele precede e sucede o atingimento do samādhi de absorção. O samādhi de acesso que segue o de absorção é uma base mais potente para o desenvolvimento da sabedoria do que aquele que o precede. Luang Pó comparou a mente em samādhi de acesso à uma galinha em um galinheiro, não completamente parada, mas se movendo em uma área claramente determinada, e incapaz de sair correndo à vontade. Em outras ocasiões, ele dizia que era como se a mente fosse encapsulada em

uma redoma de vidro. A mente está ciente das impressões dos sentidos, mas não é afetada por elas. Esse é o estado, ele dizia, no qual a mente pode ver coisas à sua verdadeira luz:

Tendo permanecido no estado de completa calma lúcida por tempo suficiente, a mente sai desse estado para contemplar a natureza das condições externas com o intuito de fazer surgir a sabedoria.

PENSANDO E EXAMINANDO

A palavra comum tailandesa "*pijarana*" pode significar "considerar", "refletir sobre", "contemplar", "examinar" ou "investigar" e é encontrada extensivamente nos ensinamentos dos mestres de floresta tailandeses. Em algumas ocasiões, Luang Pó equiparava "*pijarana*" com *dharmavicaya*, a "investigação do Dhamma" que surge em dependência de *sati* e constitui o segundo dos sete fatores da iluminação (*bojjhaṅga*). Todos os budistas são encorajados a refletirem (ou "*pijaranar*") sobre as verdades do envelhecimento, da doença, da morte, da inevitabilidade da separação do que se ama e da lei de *kamma*. Ao fazer isso repetidamente, essas verdades se aprofundam na mente e tornam-se elementos da visão correta que deve sustentar a prática efetiva de meditação. "*Pijarana*" é usado também no contexto das práticas discursivas de meditação para realizar o exame de um tema de Dhamma de uma forma coerente e disciplinada.

Enquanto a natureza e o papel de *pijarana* é direto em meditações discursivas, meditadores podem frequentemente duvidar do papel que ela tem em desenvolver o insight sobre as três características, que constitui a culminação das práticas de meditação budista.

Qual era o grau de intencionalidade que Luang Pó estava advogando quando instruía seus discípulos a "*pijaranar*" as três características? Como os meditadores poderiam ter certeza de não estarem meramente pensando sobre as três características, em vez de estarem desenvolvendo insight sobre elas?

É um pouco difícil avaliar isso por conta de sua similaridade com a proliferação mental, e quando pensamentos surgem você pode acabar assumindo que sua mente já não está mais calma. Na verdade, os pensamentos e percepções que ocorrem nesse momento surgem de dentro da calma. O exame que ocorre dentro da calma não a perturba. Às vezes, pode-se tomar o corpo para examinar. Isso não significa que você esteja pensando ou especulando: é um processo que ocorre naturalmente naquele estado de calma. Existe atenção dentro da calma, existe calma dentro do estado de atenção. Se fosse meramente proliferação mental, não haveria calma, seria perturbador. Isso não é proliferação. É algo que aparece na mente como resultado da calma e é chamado de "examinar" (*pijarana*). Sabedoria surge bem aqui.

Luang Pó esclareceu esse ponto durante uma conversa com um grupo de professores americanos de Dhamma que o visitou. Ele disse que o pensamento comum poderia ser distinguido pelo fato que, embora seguisse focado em um tópico, era grosseiro e lhe faltava profundidade. Quando a mente se tornava calma, o exame (*pijarana*) surgia naturalmente como um tipo de atenção que, embora possuísse algumas das características do pensamento, era de uma ordem diferente. A reflexão sábia das três características poderia ser distinguida pelo fato de que ela permanecia não corrompida pela proliferação mental, era sempre saudável e fazia com que as impurezas se enfraquecessem na mente. O mero pensamento, por outro lado, tornava-se absorvido pelas impurezas e contribuía para o crescimento delas. O exame que Luang Pó estava defendendo era distinguido por abrir mão dos apegos:

O pensamento comum já foi filtrado. Se você não conhece o exame pelo que ele é, ele se tornará apenas pensamento conceitual; se você o conhece, ele vai se tornar sabedoria — isto é, ele vai enxergar tudo o que surge como impermanente, insatisfatório e não-eu.

Essa sabedoria ou reflexão sábia, ele dizia, gradualmente amadureceria em vipassanā. Em contraste com a maioria dos usos contemporâneos do termo, Luang Pó tendia a usar “vipassanā” para se referir ao insight que surge da reflexão sábia em vez da reflexão por si mesma. Dizia que vipassanā não era algo inventado, não era algo que você *fazia*. Vipassanā era o discernimento sobre as três características que surgia naturalmente na mente quando todas as causas e condições necessárias para isso tivessem sido cultivadas. A intensidade dessa clareza de visão poderia variar de um fraco insight para uma visão abrangente sobre como as coisas são.

O grau de calma necessário antes que essa investigação das três características pudesse acontecer não era algo mensurável. Quando Luang Pó foi questionado: “Quanta calma é necessária?”, ele respondeu: “Tanta quanto for necessária”. Em outras palavras, meditadores deveriam seguir por “tentativa e erro” e observar detalhadamente os resultados de seus esforços até que soubessem por si mesmos. Se a contemplação degenerasse em proliferação mental, então a mente obviamente não estava forte o suficiente para o trabalho da sabedoria.

Meditadores tinham aptidões diferentes. Algumas pessoas achavam fácil abrir mão do pensamento, mas percebiam que as mesmas qualidades que faziam esse abrir mão ser possível, também retardavam o cultivo da sabedoria. Outros, com mais inclinação à reflexão, percebiam que o dom que suas mentes tinham para a contemplação os impedia de entrar em estados profundos de samādhi, mas eles eram capazes de penetrar a verdade através de uma atenção próxima e focada da natureza condicionada de todos os fenômenos.

Para ilustrar esse ponto, Luang Pó adaptou dois termos dos suttas — “*cetovimutti*” (libertação da mente) e “*paññāvimutti*” (libertação através da sabedoria). Ele aplicava esses termos em dois caminhos de prática: um que enfatizava a força da mente, isto é, samādhi, e o outro que enfatizava a sabedoria. Enquanto aqueles do caráter do tipo libertação-sabedoria fossem especialmente afiados e perceptivos, aqueles do tipo libertação-mente precisavam ir devagar e percorrer o mesmo terreno várias vezes antes de compreenderem. Ele fez uma analogia:

É como duas pessoas olhando o padrão de um tecido por alguns minutos. Uma delas entende o padrão imediatamente, pode ir embora e reproduzi-lo de memória. Isso é “libertação através da sabedoria”. A outra pessoa, do tipo “libertação-mente”, tem que sentar e ponderar sobre os detalhes do padrão e voltar para checar novamente. Com “libertação-mente”, você precisa trabalhar com a mente por um tempo considerável, você deve desenvolver muito samādhi. A primeira pessoa não precisa fazer tudo isso. Ela olha para o desenho, entende o princípio e vai então desenhá-lo ela mesma; ela não tem dúvidas. Ambos caminhos chegam ao objetivo, mas eles têm características diferentes.

Libertação através da sabedoria é sempre acompanhada de *sati* e vigilância. Quando qualquer coisa surge na mente, então ela sabe; ela sabe e então abre mão com facilidade. A pessoa que tem a característica “libertação-mente” não consegue enxergar as coisas conforme elas surgem dessa maneira, ela precisa investigá-las — o que também é um caminho válido. Conheça o seu próprio caráter. No primeiro caso, algumas pessoas podem não perceber que existe samādhi presente. Você caminha observando e samādhi — quer dizer, a firme estabilidade da mente — está inerentemente presente. Para alguém com sabedoria, isso não é difícil. Ela apenas desenvolve samādhi suficiente para criar a base. É como estudantes chegando ao final do ensino médio. Agora eles podem escolher em que

assunto querem se especializar. Qualquer um que queira seguir e estudar agronomia vai e estuda. Esse é o ponto de separação. Com samādhi é a mesma coisa. Ele chega ao destino da mesma forma.

O TRABALHO DA SABEDORIA

Se a mente foi capaz de alcançar samādhi de acesso, mas consistentemente se recusa a ir mais profundamente, então a investigação dos fenômenos pode começar. O tema que Luang Pó geralmente sugeria para investigar nesse ponto eram as trinta e duas partes do corpo, ou então, as cinco primeiras — cabelo, pelos, unhas, dentes e pele — ou, qualquer parte que se queira:

Na meditação, não é necessário visualizar um monte de coisas; visualizamos apenas as coisas que façam surgir a sabedoria. Precisamos olhar do topo da cabeça até a sola dos pés e da sola dos pés até o topo da cabeça. O que é isso? Quão real é isso? Por que as pessoas se apegam a isso de forma tão tenaz? Por que nos preocupamos tanto com isso? Qual é a razão? Do que consiste esse corpo? Nós investigamos todas essas coisas até que as vejamos à sua verdadeira luz como sendo “apenas isso”. Assim que você vê isso, entende isso, então o apego às coisas como “Oh! Eu amo tanto isso” ou, “Eu odeio tanto isso” desaparece da mente.

Alguns meditadores descobririam que a investigação do corpo ou o surgir e o desaparecer dos objetos dos sentidos dariam surgimento a um êxtase que empurraria a mente para além do seu limite até um estado de calma lúcida. A mente então alternaria entre descansar e recarregar suas forças na calma lúcida e fazer seu trabalho de sabedoria.

Uma ansiedade comum era que, com o desenvolvimento de um profundo samādhi, a felicidade e o senso de completude que resultariam disso seriam muito absorventes para serem depois abandonados com o intuito de investigar as três características. A resposta de Luang Pó era que isso era um verdadeiro perigo para os meditadores que tivessem visão incorreta ou que tivessem desenvolvido samādhi de uma forma desequilibrada. Contudo, quando fosse o momento correto, e com a ênfase do meditador estabelecida firmemente em *sati* e no estado de vigilância, samādhi, se desenvolvido da forma correta, se voltaria naturalmente para o trabalho da sabedoria.

Cuide do que você já desenvolveu e intensifique *sati*. Se você der mais atenção à *sati* do que a qualquer outra coisa, então não tem como dar errado: essa é a forma correta de colocar esforço. Se *sati* ainda não está completamente amadurecida, você deve tentar aumentá-la para que então você tenha a dimensão de tudo o que ocorre em sua mente. Conhecimento surgirá quando *sati* se tornar clara e brilhante, pois a sabedoria depende dessa habilidade de estar ciente de tudo o que se passa pela mente. Então é assim: se você tem *sati*, isso levará à sabedoria e você vai ver e entender claramente. Sem *sati*, você não sabe onde sua mente vai.

Desenvolva tanta *sati* quanto puder. Isso tem um imenso valor em sustentar sua atenção e em mantê-lo no caminho da paz. *Sati* é o próprio Buddha nos dando apoio e nos alertando. Nós nos tornamos um Buddha quando temos *sati*, pois a mente está desperta, ela sabe, ela vê e ela é contida. Restrição e compostura surgem através de *sati*. Onde quer que as impurezas sigam escondidas, é porque as brechas em *sati* permitem que elas iludam você. Mas sempre que *sati* se torna clara, a mente e a sabedoria se tornam radiantes.

Então não invente muitas coisas, não se apegue a ideias de eu e outros; apenas siga colocando esforço. Meu conselho é simplesmente seguir dessa maneira, e desde que nada

surja, não há necessidade de qualquer investigação. Siga normalmente como se você estivesse caminhando por uma estrada ou varrendo a casa. Quando você está varrendo, você segue fazendo isso sem ficar olhando em volta para outras coisas. Somente se alguém chama o seu nome, e você sabe que há alguma coisa que precisa ser feita, é que você olha para o lado; sem interrupções, você apenas prossegue varrendo.

Da mesma forma, na meditação, apenas quando algo surge é que você deve investigar. Caso contrário, apenas contemple a sua experiência no presente. Apenas mantenha *sati* para estar ciente disso. Se nada surge, então siga tranquilamente. Mas isso não significa deixar as coisas seguirem seus próprios caminhos e ignorá-las. Existe cuidado e atenção. Você está ciente de qualquer coisa que passe pela mente, mas não precisa fazer muita investigação. Quando algo toca em uma das portas dos sentidos e, conseqüentemente, toca a mente, então apenas siga observando aquilo. Se você não perde aquilo de vista, verá que “é apenas o que é”, e então você retorna para onde estava. Não fuja deste lugar porque, se você o fizer, depois de algum tempo vai se perceber sendo levado ao céu e ao inferno. Tenha cuidado.

Luang Pó ilustrava esse ponto com um símile: meditadores deveriam ser como uma aranha no centro de sua teia. A aranha permanece imóvel e desperta até que um inseto fique preso na teia. Ela então dispara até ele, lida com o inseto e retorna para o seu local de imobilidade.

Uma visão comum sobre a prática de meditação é que os níveis mais profundos de samādhi são desnecessários para a libertação: que o samādhi momentâneo fornece base suficiente para o desenvolvimento de vipassanā. Quando foi perguntado a respeito disso em uma ocasião, Luang Pó respondeu com uma analogia:

Você tem que caminhar até Bangkok, assim saberá como é Bangkok. Não vá apenas até Korat¹⁰⁷. Mesmo que você vá morar em Korat, siga até Bangkok. Então você entenderá exatamente quão desenvolvida é Korat. Siga em frente até Bangkok e você terá passado por Ubon, Korat e Bangkok. Então, com samādhi, se sua mente vai seguir todo o caminho, então a deixe ir, assim ela vai conhecer toda a linhagem de samādhi. “Samādhi de acesso” é o mesmo que só ir até Korat.

Estendendo a analogia, ele comparou a brevidade do samādhi momentâneo com chegar em uma cidade, e a duração mais longa do samādhi de acesso, com perambular pela cidade em visitas frequentes, repetindo sua frequente definição daquele estado como “examinar de dentro da paz”:

Às vezes a mente para em um ponto do exame e entra em appanā. Naquele momento, ela abandona khanika e upacāra, ela abandona tudo e vai fundo para dentro — onde se liberta de todas as coisas. Mas aquele appanā se desenvolve de khanika e de upacāra samādhi. Você tem que passar por eles antes, de outra forma você não chega lá.

Embora Luang Pó ocasionalmente fizesse uso de termos técnicos em páli, essa não era sua forma preferida de falar sobre a mente. Ao ser questionado sobre como um meditador poderia avaliar qual nível de samādhi havia alcançado, ele respondeu que era melhor simplesmente estar ciente do estado da mente em si mesma, sem procurar por seu rótulo em páli:

Qualquer nível que seja, a clara ciência de que sua mente está em um estado de calma lúcida será suficiente. Veja claramente que a mente parou. Você está confiante de que a mente é pura e brilhante? Você deve ser seu próprio avalista sobre isso. Com tal estado de atenção,

¹⁰⁷ Uma cidade no meio do caminho entre Ubon e Bangkok.

você não precisa se preocupar se isso é appanā, khanika ou o que quer que seja. Não se preocupe com nada disso, é uma perda de tempo. É melhor simplesmente olhar para a sua mente e para a verdade do que você vê.

SAMATHA E VIPASSANĀ

Na tradição Theravada, a maior parte do discurso a respeito dos dois principais aspectos da prática de meditação budista — acalmar a mente e o cultivo de sabedoria — gira em torno dos termos “samatha” e “vipassanā”. “Samatha” significa “tranquilidade, serenidade, calma lúcida”. “Vipassanā” significa literalmente “ver claramente” e se refere ao insight sobre as três características da existência. Embora o próprio Buddha não tenha usado esses termos com grande frequência, eles ganharam muita proeminência nos séculos que se seguiram a sua morte, seus significados se expandiram para incluir não apenas os estados propriamente ditos, mas também as práticas que visavam o cultivo direto deles. Focar em um mantra, por exemplo, veio a ser considerado uma prática de samatha, enquanto investigar a natureza impermanente das sensações, uma prática de vipassanā. Os dois termos foram objeto de controvérsia entre escolásticos por muito tempo. Desentendimentos tenderam a se centralizar na relação entre os dois; em particular, como já mencionado em uma seção anterior, em que extensão a calma lúcida de samatha deve ser desenvolvida antes que um autêntico insight de vipassanā possa ocorrer.

Quando se referia a esses termos, Luang Pó falava deles como dois aspectos da prática que deveriam ser desenvolvidos em uníssono, em vez de duas entidades separadas¹⁰⁸. Assim como um machado tinha que ter tanto o peso quanto a afiação para realizar o seu trabalho, da mesma forma, a mente que poderia penetrar a verdade das coisas necessitava tanto da estabilidade quanto do discernimento. Contudo, dado que o foco nos primeiros estágios da prática é a supressão dos obstáculos e, em sua fase final, o insight da natureza das coisas, Luang Pó reconhecia uma mudança de ênfase que ele caracterizava como um processo orgânico de amadurecimento. Ele dizia que isso ocorria da mesma forma que uma manga verde se torna madura, ou que uma criança se torna um adulto. De um ponto de vista, o adulto pode ser visto como uma pessoa completamente diferente da criança; e por outro ponto de vista, como uma versão evoluída da mesma pessoa. Em uma analogia similar, só que mais pé no chão, Luang Pó comparava essa relação como a da comida com o excremento.

Luang Pó também cunhou os termos “pacificação da mente” e “pacificação das impurezas” para esclarecer sua visão sobre a relação necessária entre samatha e vipassanā:

Quando desenvolvemos samādhi, nós pacificamos a mente. Mas a vida da mente pacífica é curta. Por não poder suportar várias coisas que vão acontecendo, ela carece da verdadeira tranquilidade. Você vai para um lugar silencioso e pacifica a mente. Mas as impurezas seguem ali; elas não foram pacificadas. É aí onde a distinção deve ser feita. A pacificação da mente e a pacificação das impurezas são duas coisas diferentes.

A mente pode ficar pacífica facilmente quando há poucas perturbações. Mas se sente algum tipo de ameaça, então ela não consegue. Ainda existe algo ali. Você não consegue se livrar, não consegue colocar de lado.

¹⁰⁸ Geralmente, Luang Pó usaria os termos samatha e samādhi, vipassanā e sabedoria de forma intercambiável.

Meditadores que se refugiavam em refinados estados mentais e que temiam qualquer coisa que pudesse perturbar a felicidade de seu samādhi tendiam a ser enredados em tentativas condenadas de manipular condições com o intuito de manter esses estados. Não existia neles a ousadia necessária para olhar mais de perto as formas, sons, odores, sabores, objetos tangíveis e estados mentais, e suas impurezas seguiam intocadas. Em contraste, meditadores que estivessem em paz, depois de um treinamento no qual os elementos da calma e da sabedoria tivessem sido desenvolvidos em conjunto, não tinham medo de contatos sensoriais e podiam abrir mão do apego no momento do contato, com grande fluência. Eles não criavam nenhum dono para suas experiências. Luang Pó dizia que, nesse estágio, era adequado que a prática fosse chamada de vipassanā, uma visão clara das coisas à sua verdadeira luz:

Essas expressões convencionais: samatha e vipassanā — se você quer discuti-las separadamente, você pode. Mas se você quer falar sobre a relação entre elas, então tem que dizer que elas são inseparáveis, que estão conectadas. Um praticante leigo veio uma vez e me perguntou se, naqueles dias, eu estava ensinando às pessoas a praticarem samatha ou vipassanā. Eu disse: “Não sei, eles são praticados juntos”. Se você responder em termos do que realmente acontece na mente, então você tem que responder dessa forma. Desenvolva-os simultaneamente, pois eles são sinônimos. Se você desenvolve samādhi sem sabedoria, não vai durar muito.

Em um de seus discursos mais celebrados, Luang Pó capturou essa ideia com um símile:

Sabedoria é o movimento de samādhi. É como a frase “água parada, fluindo”. O samatha e o vipassanā de alguém que desenvolveu a prática correta estão em harmonia e acordo entre si, e fluem como uma única corrente de água. Na mente de um praticante, é como se água parada estivesse fluindo. A paz de samādhi incorpora a sabedoria. Existem sila, samādhi e paññā juntos. Onde quer que você se sente, ela está imóvel e ainda assim flui. É como “água parada, fluindo”. Existe samādhi e paññā, samatha e vipassanā.

O DESENVOLVIMENTO DO INSIGHT

Em uma ocasião, Luang Pó ensinou sobre o desenvolvimento do insight em termos dos dois fatores jhânicos: vitakka e vicāra. Ele disse que, com a mente em um estado de calma, um pensamento podia surgir (vitakka), estimulando sua apreciação (vicāra), resultando em êxtase, que então impulsionaria a mente a um estado mais profundo de calma lúcida. Com o passar daquele estado, a apreciação poderia recomeçar.

Se você mantém a atenção, você terá um registro da cena. Isso é similar a uma pessoa dentro de uma casa com seis janelas. Você está do lado de fora olhando para as janelas. De fora, você vê alguém aparecendo em uma janela e então mais alguém aparecendo em outra e assume que existem seis pessoas na casa. Na verdade, é apenas uma pessoa se movendo de uma janela para outra. Essa pessoa é chamada de “três características”. Tudo é instável. As três características da impermanência, insatisfatoriedade e não-eu são o objeto de vipassanā. Penetrá-las cortará todas as dúvidas.

Conforme progride a prática de contemplar qualquer fenômeno surgido na mente lúcida e calma como impermanente, insatisfatório e não-eu, o meditador experiencia a separação entre o conhecer e aquilo que é conhecido.

Não é que você tenha que forçar essa separação. Através do abandono, o abrir mão do apego, a mente e seu objeto se tornam automaticamente separados.

Nesse estágio, Luang Pó dizia que a distinção entre a mente e seu objeto atual é como aquela entre a água e o óleo. A separação permitiria um exame constante dos fenômenos.

Se você leva a mente a esse ponto, onde quer que vá, a mente estará analisando. Este é o “fator de iluminação” chamado “investigação do Dhamma”. Ele se desenrola sozinho, e você fala consigo mesmo, você resolve e libera sensações, percepções, formações mentais e consciências que venham a surgir. Nada pode se aproximar da mente; ela tem seu trabalho a fazer. Isso ocorre naturalmente. Não é algo que você possa forjar.

Ele dizia que esse era o estágio onde o ensinamento do Buddha sobre os fundamentos de *sati*¹⁰⁹ tornava-se claro. Quando a membrana que conectava o conhecer e o conhecido era cortada, então o meditador via “o corpo no corpo”, “as sensações nas sensações”, “os estados mentais nos estados mentais”, e “os dhammas saudáveis e não-saudáveis nos dhammas saudáveis e não-saudáveis”. Em outras palavras, eles eram vistos claramente pelo que eram, sem que lhes fosse sobreposto um dono independente e autoexistente.

REALIZAÇÕES

Em certo estágio da prática de meditação, as “impurezas do insight”¹¹⁰ podiam surgir. Aqui, meditadores não iluminados podiam acreditar, equivocadamente, que estados mentais intensamente positivos, como ver luzes ou sentir felicidade, eram indicações de iluminação.

Você se apega à bondade que surge em sua prática. Você se apega à pureza. Você se apega ao conhecimento. Isso se chama 'vipassanu'¹¹¹.

Através da prática de meditação, as impurezas podem ser tão efetivamente suprimidas que parecem ter sido completamente erradicadas. Como resultado, meditadores podem desenvolver uma autoconfiança inabalável em suas percepções. Se seus professores se recusam a aceitar a validade de sua presumida iluminação, eles interpretam isso ou como um triste erro de julgamento por parte do professor ou então como inveja.

Duras medidas podem ser necessárias em tais casos, e um curto e afiado choque é geralmente o remédio recomendado. Nos comentários, existem histórias de monges iluminados livrando outros monges das delusões, ao projetarem mentalmente, na frente deles, imagens de elefantes descontrolados ou mulheres atraentes como hologramas. Pego de surpresa, o monge que acreditava ter transcendido a luxúria e o medo da morte, de repente ficava dolorosamente ciente de que as impurezas estavam apenas escondidas no subsolo e que ainda existiam em estado latente em sua mente.

Luang Pó contava a história de Luang Pó Pao, que respondeu à declaração de uma monja de que ela havia se tornado uma entrante na correnteza com um seco: “Oh... um pouco melhor do que ser um cachorro”. Na Tailândia comparar um ser humano a um cachorro é algo extremamente ofensivo. O

¹⁰⁹ Ver Glossário.

¹¹⁰ *Vipassanupakkilesā*. Uma lista de dez estados aparece primeiramente em “Patis 2.100”. Ela consiste de aclaramento, conhecimento, êxtase, tranquilidade, felicidade, resolução, esforço, segurança, equanimidade e decisão.

¹¹¹ Luang Pó cunhou esse termo, cuja intenção - com propósito retórico - era formar um par com “vipassanā”.

choque e a raiva que surgiram na *mé chi*, quando ele falou com ela dessa forma inesperada, imediatamente perfuraram a sua vaidade.

Luang Pó usou uma vez o mesmo método, com um resultado similar, quando uma *mé chi* em Wat Pah Pong acreditou, de forma equivocada, que havia alcançado um estágio de iluminação. Ele escutou silenciosamente a alegação dela e então, com seu rosto transformado em uma severa máscara, disse friamente: “Mentirosa”.

Esse era um dos assuntos sobre os quais Luang Pó podia ser bruto:

Jamais se permita ficar cheio de si. Qualquer coisa que você se torne, não faça nada com isso. Se você se tornar um entrante na correnteza, então deixe estar. Se você se tornar um arahant, então deixe estar. Viva de forma simples, siga realizando atos benéficos, e onde quer que você esteja, poderá viver uma vida normal. Não há necessidade alguma de se vangloriar para ninguém de ter alcançado isso ou ter se tornado aquilo.

ALÉM DO MACACO

Um sinal de que a prática estava no caminho certo era o sentimento de sóbria tristeza que surgia através da constante contemplação das três características, que evolui para *nibbidā* ou desencanto.

Um aclaramento ocorre e então o desencanto surge: desencanto com esse corpo e mente; desencanto com as coisas que surgem, desaparecem e são instáveis. Você sente isso onde quer que esteja. Quando a mente está desencantada, seu único interesse é encontrar a saída de todas essas coisas ... ela vê o sofrimento inerente ao mundo, o sofrimento inerente à vida. Quando a mente entrou nesse estado, então onde quer que você se sente, não existe nada a não ser impermanência, insatisfação e não-eu. Não há mais local algum para se apoiar. Se você se senta ao pé de uma árvore, você ouve um discurso do Buddha. Se você vai a uma montanha, você ouve um discurso do Buddha. Você vê todas as árvores como apenas uma árvore. Você vê todas as criaturas como de apenas uma espécie. Você vê que nada te desvia dessa verdade: que todas as coisas vêm a existir, se estabelecem, começam a mudar e então cessam.

Luang Pó deixava claro que o desencanto a que se referia não era uma expressão de aversão, pois isso seria simplesmente outra expressão do desejo. Esse desencanto era a sensação que surgia de ver quão equivocado era considerar fenômenos impermanentes como um eu ou pertencendo a um eu. Era como acordar do encantamento do corpo e mente.

Isso não é o macaco se sentindo desencantado. É sentir-se desencantado de ser um macaco.

Luang Pó sustentava que *mai né* — a consciência do objeto mental presente como mutável, fluido, não confiável e de resultado incerto — era o guia infalível desde o exato começo da prática de meditação até a sua conclusão final. Reconhecer objetos mentais como “mutáveis”, ele dizia, era como danificar o barco da presunção abaixo da linha d’água. A sensação de “eu sou” tomba para um lado e afunda.

Luang Pó ensinava que a completa libertação da mente era resultado de criar um *momentum* onde a contemplação interna repetida e incansável das três características, numa mente livre de obstáculos, era complementada por um esforço constante de *sati* e vigilância quanto às três características na vida diária. Eventualmente, a constante repetição e crescente profundidade da contemplação alcançaria seu ponto mais alto e geraria frutos.

Ainda que Luang Pó fosse reticente em falar em detalhes sobre os níveis mais altos da prática, ele ocasionalmente fez algumas observações importantes. Em um de seus discursos, descreveu o caso do meditador que tem “um lampejo de Nibbāna”, mas é inábil em integrar completamente seu entendimento e tem que voltar ao trabalho da sabedoria até que a mente esteja completamente madura:

É como alguém que está no meio de uma travessia de um córrego — com um pé em um banco de areia e outro já do outro lado. Ele sabe com certeza que existem os dois lados do córrego, mas não consegue cruzá-lo completamente, e então dá um passo para trás. O entendimento de que existem dois lados do córrego é similar àquele do *Gotrabhū puggala* ou do *Gotrabhū citta*¹¹². Isso significa que você sabe o caminho para ir além das impurezas, mas ainda não consegue ir até lá, e então você dá um passo para trás. Uma vez que você saiba por si mesmo que esse estado realmente existe, esse conhecimento persiste constantemente com você, à medida que você continua a praticar meditação e desenvolver seu *pārami*¹¹³. Você está certo tanto do objetivo quanto da forma mais direta de alcançá-lo.

A visão correta foi estabelecida; o meditador sabe a forma correta e a incorreta de praticar. Ele se conduz entre os extremos do prazer e da dor, e gradualmente se move para o caminho da equanimidade, mas ainda comete erros. Ele sabe que pisar em espinhos é doloroso, mas ainda não consegue evitar fazer isso, às vezes. Mas por constantemente deixar de lado a tendência de se apegar ao que é prazeroso e desprazeroso no mundo das experiências, o insight se aprofunda até que ele finalmente se torna um “conhecedor dos mundos”.

Quando a mente enxergou completamente através da “visão da personalidade”, todas as dúvidas e apegos a preceitos e práticas desaparecem, e agora a mente do praticante está “no mundo, mas não é parte dele”. Luang Pó fazia uma comparação com a separação natural entre o óleo e a tinta em uma garrafa:

Você está vivendo no mundo e seguindo as convenções do mundo, mas sem se apegar a elas. Quando você tem que ir a algum lugar, diz que está indo; quando você está vindo, diz que está vindo. O que quer que esteja fazendo, você segue usando as convenções e a linguagem do mundo, mas é como dois líquidos em uma garrafa — eles estão na mesma garrafa, mas não se misturam. Você vive no mundo, mas ao mesmo tempo permanece separado dele.

**

A mente não cria coisas em torno do contato sensorial. Uma vez que o contato ocorra, você automaticamente abre mão. A mente descarta a experiência. Isso significa que se você está atraído por alguma coisa, você experiencia a atração na mente, mas não se apega ou se segura fortemente nela. Se você tem uma reação de aversão, existe simplesmente a experiência da aversão surgindo na mente e nada mais: não existe nenhum senso de eu surgindo que se apegue e dê significância ou importância à aversão. Em outras palavras, a mente sabe como abrir mão; sabe como colocar as coisas de lado. Por que ela é capaz de abrir mão e de colocar as coisas de lado? Porque a presença do insight significa que você pode ver claramente os resultados prejudiciais que vêm de se apegar a todos aqueles estados mentais.

¹¹² *Gotrabhū* significa “mudança de linhagem”, isto é, entre não-iluminado e iluminado.

¹¹³ Realizações espirituais. A tradição Theravada reconhece dez delas: generosidade, virtude, sabedoria, renúncia, esforço, paciência, verdade (sinceridade), determinação, bem-querer e equanimidade.

Quando você vê formas, a mente permanece pacífica; quando você ouve sons, ela permanece pacífica. A mente não toma uma posição, nem contra nem a favor, de nenhum objeto dos sentidos que experiencie. Isso é o mesmo para todos os contatos sensoriais, seja através dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo ou mente. Quaisquer pensamentos que surjam na mente não podem perturbá-la. Você consegue abrir mão. Você pode perceber algo como desejável, mas não se apegar a essa percepção ou lhe dá qualquer importância especial — isso simplesmente torna-se uma condição da mente: observar sem apego. Isso é o que o Buddha descreveu como experienciar os objetos dos sentidos como “apenas isso”. As bases dos sentidos seguem funcionando e experienciando os objetos dos sentidos, mas sem o processo do apego estimular movimentos para lá e para cá na mente.

Ter ganho tal insight tão claro e penetrante significa que ele é mantido o tempo todo, esteja você sentado em meditação com os olhos fechados, ou fazendo algo com os olhos abertos. Em qualquer situação que você se encontre, seja em uma meditação formal ou não, a clareza do insight permanece. Quando você tem *sati* inabalável da mente dentro da mente, você não esquece de si mesmo. Esteja em pé, andando, sentado ou deitado, a ciência interna faz com que seja impossível perder *sati*. É um estado de ciência que lhe impede de se esquecer de si mesmo. *Sati* tornou-se tão forte que é autossustentada a ponto de tornar-se o estado natural da mente. Esses são os resultados de treinar e cultivar a mente, e é aqui onde você vai para além das dúvidas.

Luang Pó dizia que perceber o constante surgir e desaparecer de todos os fenômenos de acordo com causas e condições, como uma verdade fixa e invariável, é encontrar o único tipo de permanência que existe. Perceber essa verdade de uma mudança imutável, ele dizia: “é o fim do caminho que precisa ser seguido”. Em termos das quatro nobres verdades — a plataforma de trabalho de toda a prática e ensinamento de Luang Pó — ao trazer os oito fatores do nobre caminho à maturidade, o sofrimento é compreendido; e com os fatores que sustentam o sofrimento abandonados, o sofrimento cessa. Luang Pó disse:

É como se uma flecha fosse puxada para fora do seu coração.

Abandonando o caminho escuro, que os sábios cultivem o caminho da luz. Tendo partido de casa para a vida sem lar, que eles busquem o deleite no desapego, tão difícil de desfrutar. Abrindo mão dos prazeres sensuais, sem nenhum apego, que os sábios limpem a si mesmos das impurezas da mente.

Dhp 87-88

Polindo a Concha – O Treinamento dos Monges

A vida em família é confinada e empoeirada; a vida de quem renunciou é como o ar livre. É difícil para um chefe de família levar a vida santa, tão pura como uma concha polida. Suponha que eu raspe meu cabelo e barba, vista os mantos amarelos, e saia da vida em família para a vida sem lar.

MN 112

Monges, existem dez dhammas sobre os quais um renunciante deve refletir repetidamente. Quais são esses dez?

- 1. “Eu não vivo mais de acordo com os objetivos e valores mundanos.” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 2. “A minha vida é mantida através das doações dos outros.” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 3. “Ainda existe mais trabalho a ser feito.” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 4. “Surge em minha mente arrependimento sobre minha conduta?” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 5. “Meus companheiros espirituais podem encontrar alguma falha em minha conduta?” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 6. “Tudo o que é meu, querido e agradável, mudará, vai se separar de mim.” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 7. “Eu sou o dono do meu kamma, herdeiro do meu kamma, nascido do meu kamma, relacionado ao meu kamma, vivo mantido pelo meu kamma; qualquer kamma que eu realize, para o bem ou para o mal, dele eu serei herdeiro.” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 8. “Os dias e as noites passam sem parar; quão bem estou usando o meu tempo?” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 9. “Eu me deleito ou não em reclusão?” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*
- 10. “Minha prática gerou frutos em liberdade ou insight para que eu, no final da vida, não precise sentir vergonha quando questionado por meus companheiros espirituais?” Isso deve ser refletido repetidamente por um renunciante.*

Monges, esses são os dez dhammas que devem ser refletidos repetidamente por um renunciante.

AN 10.48

I. INTRODUÇÃO

Luang Pó Chah escolheu viver sua vida como um monge budista. Ele recebeu a permissão de seus pais para ingressar em um mosteiro aos nove anos de idade e, fora um breve período de sua adolescência, viveu em comunidades monásticas até a sua morte aos setenta e quatro anos de idade. A Sangha era a sua família e, como professor, o bem-estar da Sangha era sua principal preocupação. Apesar de ter dado considerável importância à propagação do Dhamma na sociedade como um todo, ele o fez apenas no limite em que isso não comprometia o treinamento dos monges e monjas de seu mosteiro.

Luang Pó considerava que a longevidade e boa saúde do budismo em uma sociedade eram, em última instância, decididas pela qualidade da ordem monástica. Ele passou a maior parte de sua vida fornecendo um treinamento para monásticos, que pretendia ser fiel aos princípios antigos, mas que, ao mesmo tempo, permitisse à Sangha prosperar em uma Tailândia que mudava rapidamente. E talvez, ainda mais importante, ele buscou criar uma Sangha que não fosse tão dependente dele como indivíduo, mas que pudesse ser capaz de prosperar na sua eventual ausência.

Quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong, em 1954, havia poucos precedentes aos quais ele pudesse recorrer, nenhum modelo de mosteiro de floresta bem definido transmitido por seus professores para estar em conformidade. Mal havia se passado uma década, desde que o próprio Luang Pu Man — o pai da tradição — tivesse estado, pela primeira vez, dois retiros das chuvas consecutivos em um mesmo mosteiro. Contudo, parece evidente que Luang Pó vinha se preparando para essa nova empreitada em sua vida por algum tempo, observando de perto a forma como as coisas eram feitas em cada mosteiro onde praticou em seus anos em *tudong*. Ele começou com grande confiança, estabelecendo um mosteiro baseado amplamente no mosteiro de Luang Pu Man, em Nong Peu, mas também introduzindo certas adaptações inspiradas por práticas que viu em outros lugares e em suas próprias ideias. Desde o começo, mostrou força de vontade para aprender com a experiência e para descartar o que não funcionasse.

CASCA DO GRÃO

Uma das características que diferenciava o treinamento de Wat Pah Pong era o incomum longo período — em algumas oportunidades, quase dois anos¹¹⁴ — que aspirantes viviam no mosteiro, primeiro como postulantes e depois como noviços, antes de tomarem a ordenação plena. Essa era uma abordagem radicalmente diferente da encontrada em mosteiros de vilarejos e cidades. Peneirar candidatos para admissão na Sangha, e requerer que eles passassem por um período probatório como postulantes, pode parecer um tema de senso comum, mas era virtualmente desconhecido naquela época. Na maioria dos mosteiros, candidatos poderiam esperar usar os mantos monásticos poucos dias depois de terem cruzado os portões, um costume que contribuiu significativamente para baixar os padrões de toda ordem monástica. Um período probatório servia para fazer a ordenação parecer mais valiosa. Luang Pó expressava sua visão sobre esse assunto com uma frase sucinta e característica: “Fácil se ordenar, fácil largar o manto. Difícil se ordenar, difícil largar o manto.”

Em Wat Pah Pong, aqueles que não se adequavam à vida monástica partiam geralmente bem antes da cerimônia de ordenação. Pessoas novas eram testadas desde o primeiro dia. Um candidato para ordenação recém-chegado em Wat Pah Pong passaria os primeiros dias em um estado de certa

¹¹⁴ Ao final de sua carreira como professor, esse período de tempo era muito mais curto.

confusão, recebendo pouca atenção e dormindo à noite em uma esteira áspera no fundo do salão de Dhamma. Ajahn Tiang relembrou:

"Luang Pó deixava as pessoas recém-chegadas sozinhas. Ele não falava com elas a não ser para perguntar, de vez em quando, como elas estavam. Se elas fizessem coisas certas ou erradas, ele não dizia nada. Apenas as deixava por mais ou menos uma semana, ou cinco dias, ou três dias — dependendo das circunstâncias — e então falava com elas. Eu achava que esse era um método excelente para ter uma ideia da inteligência da pessoa. Ela estava ciente do que acontecia à sua volta? Estava sendo observadora? Ou era tola, desatenta ou impulsiva? Uma vez que Luang Pó notasse seus pontos fracos, sua personalidade básica, então ele começava a ensiná-lo e treiná-lo."

Ajahn Jandi, um dos que passou por esse processo com distinção, viu outros partirem depois de poucos dias:

"Luang Pó não se preocupava. Sua atitude era: quem quiser vir, deixe que venha; quem quiser partir, deixe que vá. Isso não o afetava. Eu vim como um leigo, e fiquei aqui por uns dez dias antes que alguém me dissesse qualquer coisa. Os monges e noviços não falavam comigo, não me ensinavam nada ou me pediam ajuda em coisa alguma. Eu pensava, 'Por que estou sendo deixado à minha própria sorte, assim? Estou abandonado'. Às vezes, eu começava a me sentir deprimido e pensava em ir para casa. Parecia que, pela forma como todo mundo estava se comportando comigo, que ninguém se interessava por mim."

Ao perceber que estava sobre ele o ônus de fazer esforço para observar de perto todos que estavam à sua volta e copiar qualquer coisa que eles fizessem, da melhor forma que pudesse, a força de vontade de Ajahn Jandi em aprender foi notada e sua vida no mosteiro logo começou a mudar para melhor.

Depois de alguns dias, o postulante era avisado que podia raspar a cabeça, significando um comprometimento inicial com o abandono da vaidade e a prática da renúncia. Ele então solicitava os oito preceitos e começava a usar um manto inferior e um *angsa* brancos, de postulante. A partir desse ponto, o treinamento começava. Ele participava da maioria das atividades comunitárias da Sangha, dava assistência aos monges e começava a aprender os cânticos diários.

"Eu queria me ordenar logo, mas Luang Pó me explicou sobre o treinamento de novas pessoas, e aquilo fez sentido para mim ... Ele era muito severo com o meu grupo ... Dizia que não nos deixaria tomar a ordenação facilmente. Ele nos treinava como soldados. Viemos nos tornar soldados do Buddha, e nós precisávamos de algum treinamento básico, como em um acampamento militar. Poderia levar vários meses, ou até mesmo um ano, se nós não fôssemos bons ... Para aqueles que queriam ordenar-se apressadamente, aquilo tirava o vento de suas velas. Naquela época, ele visava a qualidade acima de tudo. Não se importava com a reação das pessoas que vinham; queria testar a fé delas.

"As pessoas mais espertas se ordenavam mais rápido, pois eram fluentes, capazes de fazer tudo de uma forma correta e organizada. Outros ficavam lá por um ano ou dois e ainda não estavam prontos. Se eles conseguissem aguentar, eles ficavam; se não conseguissem, partiam. Ele nunca tentou persuadir ninguém a ficar ... Algumas pessoas chegavam dizendo que estavam cansadas do mundo, que estavam fartas dele; mas então, quando se deparavam com as regras monásticas, apenas um dia já era o suficiente. Na manhã seguinte, elas mudavam de ideia e partiam. Embora fosse verdade que elas viessem com fé, faltava-lhes sabedoria. Algumas nem ao menos prestavam reverências antes de partir — apenas fugiam. Algumas pessoas ficavam um pouco mais de tempo, raspavam a cabeça e então iam embora. Eu conheço várias pessoas que não conseguiram aguentar."

Qualquer um que demonstrasse desejo ou mostrasse impaciência na presença de Luang Pó podia esperar pagar um preço. Se um novo membro da comunidade quisesse se ordenar o mais rápido possível, a pior coisa que poderia fazer era solicitar uma data para Luang Pó ou pior, fazer algo quase impensável (exceto talvez para algum dos ocidentais): ficar o incomodando. A pergunta: “Luang Pó, quando vou me ordenar?” ou seria completamente ignorada ou seria dispensada com um: “Não se preocupe” ou: “Isso não é realmente necessário; apenas siga como você está”. Só quando Luang Pó visse que o ansioso aspirante estava em paz com o que quer que seu professor decidisse, ele organizava as coisas para a ordenação. Uma das mais valiosas frases que um novo membro da comunidade de Wat Pah Pong poderia aprender era: “Você decide, Luang Pó”. Isso significava que ele confiava no julgamento de Luang Pó e podia ser paciente pelo tempo que fosse.

ORDENAÇÃO

Ordenação como noviço era tradicionalmente a única opção de fato para homens com menos de vinte anos de idade, enquanto homens com vinte anos ou mais tomavam a ordenação plena como monges, sem se tornarem noviços primeiro. Luang Pó era peculiar nesse aspecto: por vários anos, exigiu que homens de todas as idades passassem por um período de meses como noviços, antes de se tornarem monges. Isso dava aos aspirantes à vida monástica a chance de desenvolverem uma experiência de vida na Sangha, com muitos dos aspectos da vida como monge, mas sem a pressão imediata de terem que estar em conformidade com o grande e complexo corpo de regras de treinamento. Anos mais tarde, ele relaxou essa prática de alguma forma, mas a manteve para os ocidentais e homens mais velhos, que se beneficiavam dessa gentil introdução à vida na Sangha.

A cerimônia de ordenação de noviços (*pabbajjā*; literalmente: “Ir adiante”) é curta. O aspirante recebe os mantos de seu professor, faz a solicitação formal de “ir adiante”, recebe os dez preceitos¹¹⁵ de seu professor e recita a lista dos cinco objetos básicos de meditação: cabelo, pelos, unhas, dentes e pele. Em uma dessas cerimônias de “Ir Adiante”, Luang Pó deu a seguinte instrução:

A única razão pela qual faço tão difícil para todos vocês entrarem na Sangha aqui é porque eu quero que as coisas sejam bem-feitas ... Tomar esse tempo é a prova do seu comprometimento. Algumas pessoas querem se tornar monges, mas quando descobrem que isso vai demorar um bom tempo, mudam de ideia. Alguns aguentam, outros partem e procuram tornar-se monges em outro lugar. Eu não faço objeções quanto a isso. Mas o que sempre insisti é que se tornar monge é algo para ser levado a sério.

Como postulantes, vocês treinaram e se prepararam para se tornar monges. Vocês viveram com os monges, aprenderam como oferecer coisas para eles corretamente, aprenderam sobre a vida monástica, se tornaram familiarizados com ela. Vocês praticaram costurar e tingir tecidos, cuidar dos mantos e das tigelas. Vocês viram como os monges praticam com relação aos mantos, à mendicância matinal, ao alojamento, aos remédios ... Agora vocês devem estar querendo conduzir-se da mesma forma. Essa é a base.

Agora que vocês aprenderam o básico, vocês podem se tornar noviços. Eu lhes darei uma tigela e amanhã de manhã vocês vão colocar seus mantos de forma impecável e andar em mendicância no vilarejo ... Amanhã, os camponeses vão colocar arroz recém-cozido em suas tigelas, eles os reverenciarão. Por que aquelas pessoas idosas, com cabelos brancos, vão colocar as mãos postas em respeito a vocês? Por causa do poder do manto ocre. Esse manto

¹¹⁵ Ver Glossário.

ocre pertence ao Buddha. Ele tem um poder incomparável ... Se você usá-lo de forma incorreta, você vai degradar a si mesmo.

Existe um grande número de ensinamentos do Dhamma para aprender, mas hoje, no dia da ordenação de vocês como noviços, existem apenas poucos. Seguindo a tradição passada pelos grandes professores da antiguidade, hoje nós estudamos os cinco objetos de meditação: cabelo, pelos, unhas, dentes e pele. Quando vocês ouvem a lista pela primeira vez, ela pode parecer um pouco cômica, mas se vocês contemplarem bem essas cinco coisas, elas vão se tornar verdadeiramente profundas. Nós nascemos com essas coisas, mas não as conhecemos. É necessário aprender sobre esses cinco objetos fundamentais de meditação como uma entrada no caminho que leva à Nibbāna. Aqui reside a visão correta. Nós somos instruídos a aprendermos esses cinco objetos básicos de meditação e então refletirmos sobre eles.

Repitam depois de mim no idioma das escrituras:

“Kesā, lomā, nakhā, dantā, taco.”

“Taco, dantā, nakhā, lomā, kesā.”

Algumas pessoas dizem que todos têm essas coisas; elas já sabem o que são; por que estudá-las? Mas elas realmente não sabem o que essas coisas são, não sabem a verdadeira natureza do cabelo, dos pelos, das unhas, dos dentes ou da pele. Cabelo é na verdade repulsivo. De onde ele vem? Ele se alimenta de pus. Os outros são o mesmo. Essas coisas não emanam saúde, sabem? Elas não são algo para se deleitar. Mas nós não vemos isso realmente.

São as partes defeituosas que as pessoas embelezam, as partes não atraentes; é por causa de sua grande sujeira que as pessoas as embelezam. Existe realmente algo bonito no cabelo? Não, não existe. Ele é limpo? Não há nada limpo nele. Se você pegar um tufo de cabelo e deixá-lo na beira de uma estrada, alguém vai pegá-lo? Retire a sua pele, coloque-a na beira de uma estrada e amanhã durante a mendicância matinal veja se alguém levou aquilo embora ...

Nós não vemos as coisas à sua verdadeira luz. Agora que vocês são noviços, prestem atenção a elas. Cabelo não é bonito, pelos não são bonitos, unhas não são bonitas, dentes não são bonitos, pele não é bonita. Mas as pessoas os cobrem com pós, cremes e outras coisas para fazê-los se parecerem bonitos e então ficam iludidas, não veem a verdade das coisas.

É como o peixe que engole o anzol; você já viu isso? Na verdade, o peixe não tem a intenção de comer o anzol, é a isca que ele engole. Se visse o anzol, o peixe não comeria a isca ... Ele engole a isca porque não sabe o que está fazendo. É o mesmo com todos nós. Se você pudesse ver as coisas à sua verdadeira luz, você não iria querê-las. Por que você escolheria carregar o fardo de coisas como essas? Mas é como o peixe: uma vez que o anzol esteja em sua boca, não importa o quanto o peixe queira se livrar dele, ele não pode. Está enganchado ...

Se vocês contemplarem essas cinco partes do corpo repetidamente e as virem com clareza, a sua mente estará em paz ... Sigam contemplando. Não sejam desatentos... Estudem esses objetos de meditação e tenham medo deles como de anzóis. Se vocês não sentem nenhum medo deles, é porque vocês não os conhecem.

Uma vez que vocês estejam ordenados, então sejam obedientes. Sigam os conselhos e instruções de seu professor. Sejam respeitosos, fiquem maravilhados com o Buddha e com as regras de treinamento que ele estabeleceu ... Vocês devem tentar ao máximo trazer à tona um senso de medo e de maravilhamento: um medo sábio de fazer coisas erradas e do mau kamma, um medo de quebrar as leis do Buddha. Se vocês refletirem constantemente dessa forma, vocês viverão em paz, felizes e atentos.

Agora eu lhes darei seus mantos, esses mantos tingidos de ocre que são a bandeira da vitória dos *arahants*. Vão lá para fora e coloquem o manto inferior e o superior. Coloquem os mantos de forma bela, uniformemente ao redor.

II. PARTES DE UM TODO

A SANGHA DE WAT PAH PONG

A comunidade de Wat Pah Pong consistia de monges, noviços, postulantes e *mé chis*¹¹⁶ (monjas de mantos brancos). A maioria dos noviços eram jovens adolescentes, inelegíveis para tomarem a ordenação completa como monges até que completassem vinte anos. Quantos aos monges, eles podiam ser divididos em três grupos: monges regulares, monges visitantes e monges temporários.

O corpo principal da Sangha era do primeiro grupo: aqueles monges que chegaram como leigos e passaram pelo período designado de preparação antes de se ordenarem. Esse grupo podia ser dividido em: monges “novos” (*navaka*) — os que estavam na Sangha há menos de cinco anos; monges “intermediários” (*majjhima*) — aqueles entre cinco e dez anos na Sangha; e monges “seniores” (*thera*) — que estivessem na Sangha há mais de dez anos.

O segundo grupo, muito menor, consistia de monges ordenados em outros mosteiros e classificados como monges “visitantes” (*āgantuka*). Em qualquer momento, esse grupo poderia incluir, tanto visitantes de curto período, quanto monges que desejavam se juntar à Sangha de Wat Pah Pong e que estivessem passando por um período probatório e de adaptação. O terceiro grupo, geralmente presente apenas durante os retiros das chuvas, consistia de monges que tinham tomado a ordenação temporária.

Luang Pó deixava claro que, em sua visão, a única razão legítima para ingressar na Sangha em um mosteiro de floresta era para seguir obstinadamente o caminho para a iluminação. Ele prevenia os monges: “Nós não estamos aqui para *nos tornarmos* absolutamente nada”. Em outras palavras, a vida monástica não era sobre ganhar nenhum tipo de recompensa, status ou identidade; aquilo simplesmente perpetuaria o sofrimento da vida leiga em uma nova forma. Todos os desejos, mesmo por Nibbāna, eram para ser desenraizados. A paciência era assinalada como uma virtude fundamental. Ele dizia que as pessoas encontravam maneiras de reprimir ou esconder as suas faltas no mundo, enquanto a prática do Dhamma abria o mundo interior de forma ampla e expunha todas as faltas. Era difícil de suportar.

Lembre-se: a prática é de olhar para si mesmo. Não olhe para fora — olhe para dentro. Por quê? Porque estamos praticando para a iluminação. Jovens e velhos, nós renunciamos ao trabalho no mundo para vir aqui praticar. A prática deveria resultar nos caminhos e seus

¹¹⁶ As monjas viviam separadamente dos monásticos masculinos; seu treinamento será tratado no capítulo IX.

frutos¹¹⁷. Se não resulta, então, no que me diz respeito, é uma perda de tempo. Tente produzir esses resultados. Realize os caminhos e seus frutos. Se não for um caminho grande, então que seja um pequeno; se não for um fruto grande, então um pequeno. Faça isso. E não retroceda. Deixe a prática seguir em frente passo a passo. Não se satisfaça com o que você já alcançou.

Luang Pó dizia que se qualquer monge praticasse diligentemente, o primeiro nível de iluminação — entrar na correnteza — era alcançável dentro de cinco anos¹¹⁸.

Ele estimulava os monges recém-ordenados a entenderem claramente que eles estavam embarcando em uma vida que ia contra os velhos hábitos mundanos:

Todo mundo gosta de seguir seus próprios desejos, mas uma vez que você ingressou na Sangha aqui em Wat Pah Pong, você não pode mais fazer isso. Você veio aqui para treinar.

Se você se torna um monge e pensa que vai comer bem, dormir bem e levar uma vida confortável, então está com uma ideia errada, está no lugar errado. Se é isso o que você quer, você devia seguir como um leigo e sustentar a si mesmo.

Não era fácil para os fracos. Apenas aqueles que estivessem completamente comprometidos sobreviveriam.

Aqueles que têm fé conseguem aguentar. Não importa o quão exigente isso seja, eles aguentam; quaisquer dificuldades e tribulações, eles persistem. Paciência e tolerância são suas virtudes guias. Eles não seguem apenas seus desejos.

Um grande desafio era evitar a tendência de se identificar com as emoções negativas que vinham à tona com o treinamento.

Como não conseguimos distinguir entre a mente e as impurezas, nós as assumimos como sendo uma coisa só. Isso nos sabota. Se tentamos ir contra as impurezas, parece que somos nós que ficamos frustrados, e aí nós não fazemos aquilo.

Tornar-se um monge não é algo fácil. É duro. Quando quem está de fora fala sobre isso, suas palavras não nos parecem verdadeiras. Tome como exemplo a visão comum de que as pessoas se tornam monges por causa de algum desapontamento na vida. Se alguém assim chega, você consegue dizer isso, assim que eles cruzam o portão. Eles pensam que a vida monástica será relaxante, mas uma vez que ingressam aqui na Sangha, eles se veem sob uma pressão ainda maior do que antes, e eventualmente não conseguem aguentar mais. É assim que é. Não estou falando apenas de outras pessoas: eu mesmo sofri muito. Mas tinha uma mente realmente energética. Eu não me permitia seguir sofrendo. Sofri intensamente — não sei de onde toda aquela dor veio — mas ao mesmo tempo havia uma parte de mim que não seguiria com aquilo. Na verdade, às vezes, pensando sobre o sofrimento e todas as dificuldades pelas quais passei, eu até que me diverti bastante.

¹¹⁷ Páli: *maggaphala*. Os "caminhos e frutos" se referem à prática em direção à, e o alcançar dos, quatro estágios de iluminação. Ver Glossário: aquele que entra na correnteza, aquele que retorna uma vez, aquele que não retorna e o arahant.

¹¹⁸ Cf. o que disse o Buda no *Satipaṭṭhāna Sutta* (MN 10): "Qualquer pessoa que mantenha as quatro bases de *sati* dessa forma por sete anos... sete meses... sete dias, então uma de duas fruições pode ser esperada por ele: ser um arahant aqui e agora; ou se alguma forma de apego ainda seguir presente, o estado de 'não retorno'."

Luang Pó alertava que se os monges não soubessem cuidar de sua própria fé, ela terminaria. Expectativas não realistas eram um grande perigo. Vários jovens monges largavam o manto quando percebiam o quão mais difícil do que imaginavam, era treinar a própria mente.

Então a verdadeira e melhor fundação é viver com paciência. Paciência é essencial. Você deve ir contra seus hábitos mentais e acreditar nos ensinamentos e conselhos do professor.

Na verdade, a prática que levava ao melhor resultado possível — o bem-estar de longa duração para si mesmo e para os outros — era direta; ela apenas parecia difícil por causa das impurezas. Tudo havia sido bem estabelecido para facilitar o treinamento. Tudo o que deveria ser feito era manter o Vinaya e as regras monásticas, seguir a rotina diária, meditar diligentemente, e lidar de maneira sábia com qualquer coisa que surgisse na mente como resultado. O ponto a ser sempre mantido em mente era que o objetivo da prática era abandonar o desejo.

Esse desejo: as pessoas não o entendem, entendem? Algumas pessoas pensam que uma vez que tenham satisfeito o desejo, ele passará. Ele não passa. Sentir-se saciado e experienciar a cessação do desejo são duas coisas completamente diferentes ... Dê um pouco de arroz para um cão faminto. Um prato, dois pratos de arroz acabam em um instante. Mas na hora que ele estiver no quarto prato, o cão estará completamente empanturrado. Então ele se deita ao lado do prato que não terminou e toma conta do arroz, com os olhos trêmulos. Se qualquer outro cachorro vier para comer a comida, ele o ameaça, 'Grrr! Grrr!' Cachorros, humanos — seus instintos são quase os mesmos.

O abandono do desejo, a causa do sofrimento, não seria realizado pela força.

Nossa capacidade de abandonar o apego às coisas depende de enxergarmos o quão apropriado é fazer isso. Quando somos capazes de abandonar algo, é porque vimos o sofrimento inerente àquilo. Nós somos capazes de praticar assim, porque vemos o grande valor de fazer isso.

O Buddha nos ensinou a ter *sati*, vigilância, e saber constantemente o que está acontecendo à nossa volta — e então trabalharmos. Depois que o período de meditação sentada terminar, siga refletindo sobre o que quer que você experiencie... Isso vai se tornar um hábito; isso vai formar uma condição e uma força. Incrementar hábitos saudáveis é o que o Buddha chamou de progresso. O desenvolvimento da meditação tem que ser assim.

Algumas pessoas se desapontam por seus resultados na meditação. Elas começam a pensar que não têm a capacidade de experienciar tranquilidade, então elas largam o manto. Mas não é fácil ter o que se deseja. Você não pode forçar a mente a alcançar um estado de calma lúcida. Você deve se manter tranquilo e sem pressa. Persevere com a prática e com os ensinamentos. Coloque esforço contínuo com o corpo e a mente. A queda na prática começa por não ter vontade ou não ousar fazer isso, por não seguir os ensinamentos, por falta de fé.

Monges deveriam aprender esforçando-se e observando o que acontecia como resultado. Não era tão importante ser proficiente em todos os termos técnicos utilizados para descrever o processo. Luang Pó fez uma analogia:

Um leigo lhe oferece uma fruta, e você experiencia o seu sabor doce e delicioso, mesmo sem conhecer o nome da fruta ... Saber o seu nome não vai fazer o sabor ser melhor.

MONGES VISITANTES

Mais e mais monges, ordenados em outros mosteiros, chegavam a Wat Pah Pong pedindo permissão para juntar-se à sua Sangha, tanto por um período temporário, quanto para um treinamento a longo prazo. Muitos desses monges não eram familiarizados com a vida em um mosteiro de floresta, e poucos tinham recebido muita instrução no Vinaya. Embora Luang Pó concordasse em tomar como residentes monges que fossem ordenados em outros lugares, ele também estava ciente dos desafios envolvidos em integrá-los à comunidade, especialmente os mais seniores deles. Se monges visitantes fossem autorizados a tomar seu lugar na hierarquia de acordo com a senioridade, então o sistema de Wat Pah Pong — no qual se esperava que os monges seniores atuassem como exemplos para os monges mais jovens — estaria comprometido. Jovens monges e noviços poderiam começar a perder o respeito por monges seniores que obviamente não fossem familiarizados com o treinamento.

A resposta de Luang Pó para esse problema foi estabelecer uma série de protocolos que determinavam a admissão de monges visitantes, fossem eles convidados ou quisessem eles ser membros da Sangha de Wat Pah Pong. Inicialmente, monges que chegassem sozinhos somente teriam a permissão de passar a noite lá, caso fossem ordenados há mais de cinco anos ou tivessem uma carta de recomendação de seus preceptores. Uma estadia inicial de três noites era concedida aos visitantes, embora isso pudesse ser estendido por decisão de Luang Pó. Monges vindos de mosteiros cuja prática do Vinaya fosse significativamente diferente da de Wat Pah Pong eram designados como *monges visitantes* e não eram considerados como membros de fato da comunidade. Eles se sentavam separadamente no refeitório, andavam no final da fila na mendicância matinal, independentemente de sua senioridade e, o mais controverso, não eram convidados para os encontros formais da Sangha. A maioria dessas práticas reproduzia a forma como os mosteiros de floresta da ordem Dhammayut tratava aos monges da ordem Mahānikāya. Contudo, como os monges excluídos em Wat Pah Pong pertenciam à mesma ordem, essa política levou a fortes críticas em alguns lugares. Mas Luang Pó não se importava com isso. Ele próprio viveu como um *monge visitante* por vários meses em algumas oportunidades e achou aquilo de muito utilidade para remover o orgulho e a presunção.

O período probatório não era confortável para os monges envolvidos, mas cumpria várias funções úteis. Isso lhes fornecia a oportunidade de considerar sem pressa se gostariam ou não de fazer um compromisso de longo prazo com a Sangha de Wat Pah Pong. Permitia-lhes se adaptarem à forma de prática em seu próprio ritmo, sem a pressão de serem membros de fato da comunidade. E também dava a Luang Pó a oportunidade de verificar se esses monges se adequariam ou não: ele observaria as suas personalidades, como os monges lidavam com a perda de status e o quanto eles estavam dispostos a tomar um padrão muito mais rigoroso na prática do Vinaya. Além disso, Luang Pó estava consciente de que, se monges que tinham se ordenado em outros lugares, com quase nenhum período de preparação, pudessem se juntar à Sangha de Wat Pah Pong facilmente, isso então poderia sabotar o sistema de treinamento que ele tinha desenvolvido. Mais pessoas procurariam cortar caminho do treino inicial como postulantes e noviços, chegando ao mosteiro depois de terem sido ordenados em outro lugar.

Ajahn Jan, que viria a tornar-se um dos discípulos mais próximos e confiáveis de Luang Pó, chegou no início de julho de 1960, depois de passar vários anos em um mosteiro de vilarejo. O contraste era completo e ele se sentiu sacudido por um tipo de choque cultural. Estando acostumado com uma atmosfera mais amigável, ele interpretou o modo reservado dos monges de Wat Pah Pong como frieza e arrogância. Isso foi aparentemente confirmado em seu primeiro dia inteiro lá, quando limpava o local para uma nova cabana: nenhum dos monges parecia interessado em ajudá-lo com o trabalho.

"Quanto a mim, eu não sabia sobre a regra do Vinaya que proibia monges de cavar a terra e apenas comecei a fazê-lo. Eu cavei buracos, coloquei os postes e cortei videiras para unir as coisas."

Não era, de forma alguma, a única regra do Vinaya que ele desconhecia. Ele chegou ao mosteiro com alguns jogos de mantos sobressalentes e um estoque de leite enlatado e Ovomaltine. Ele logo descobriu que, em Wat Pah Pong, a regra que proibia mais de um jogo de três mantos era estritamente observada e que leite e Ovomaltine eram considerados alimentos e apenas poderiam ser consumidos durante o período de refeição. Havia tantas coisas que ele não sabia — foi uma curva de aprendizado acentuada.

"Quando ele já havia testado minha fé e meu respeito e viu que eu confiava nele, então ele começou a me ensinar ... Luang Pó disse que eu tinha que jogar fora quaisquer mantras mágicos ou amuletos que eu pudesse ter coletado. Ele me ensinaria do zero. Certo ou errado, por enquanto eu deveria apenas seguir o que ele dissesse e discutir depois ... Eu já era ordenado há seis anos, e nunca havia meditado. As coisas que eu vinha fazendo antes — o trabalho de construção, assentar tijolos, carpintaria, trabalhos com cimento — ele me fez deixá-los todos de lado. Ele me ensinou como praticar meditação sentado e andando. Ensinou-me a relaxar a respiração, estabelecer *sati*. Eu estava totalmente determinado a fazer bem feito, e fiz tudo o que ele me disse."

Logo antes do começo do retiro anual das chuvas, Luang Pó disse para Ajahn Jan que ele estava pronto para ser aceito na Sangha. Primeiro, contudo, a maioria de seus pertences teriam que ser substituídos. Monges cometiam ofensas contra o Vinaya tanto por aceitar dinheiro quanto por gastá-lo. Qualquer item comprado por um monge é considerado "impuro" e sujeito a ser confiscado. A maioria dos pertences de Ajahn Jan caiu nessa categoria.

"Luang Pó disse a Ajahn Tiang para revisar meus requisitos e ver o que não era permitido, assim minha *sīla* poderia ser purificada no meio da Sangha. Ocorreu que, ao final da inspeção, tudo o que me restou foi um manto inferior já bem fino. Todo o resto, eu mesmo tinha comprado, violando as regras de treinamento de *Nissaggiya Pācittiya*. A inspeção foi bastante rigorosa. Mesmo que alguns dos itens tivessem sido propriamente oferecidos por leigos, eles foram declarados impuros — incorretos aos olhos do Vinaya — pois eu tinha comprado o detergente com o qual os tinha lavado. Ele fez com que eu enviasse tudo ao que tinha renunciado de volta ao meu antigo mosteiro.

"Ajahn Tiang me deu um novo jogo de mantos. Eles eram mantos escuros de monge meditador, remendados em vários lugares. Luang Pó disse, 'Não se preocupe com requisitos: se sua *sīla* é pura, eles aparecerão por si mesmos.' Depois daquilo, fez um anúncio à Sangha e me fez determinar formalmente¹¹⁹ os tecidos, vestir os mantos e confessar minhas ofensas. Eu não sabia como confessar ofensas na forma da Sangha de floresta e tive que repetir as palavras depois dele. Depois que a Sangha me aceitou, Luang Pó deu uma palestra ... Falou sobre os vários tipos de virtude, da sujeira e impurezas das quais a Sangha gentilmente me limpou. Ele disse que eu jamais deveria esquecer aquela dívida de gratidão, que eu deveria lembrar daquilo por toda a minha vida. Eu chorei."

Ajahn Mahā Amón relembra o dia em que ele trocou os seus requisitos:

"Foi do meu relógio que eu mais me lamentava me separar. Era um relógio muito bom, e eu sempre o usava para ficar de olho no tempo enquanto estava ensinando. Quando o peguei com o intuito de me desfazer dele formalmente, o pensamento surgiu em minha mente, 'Se eu me desfizer desse relógio e terminar tendo que voltar a dar aulas, será que vou conseguir algum dia outro como esse?'

¹¹⁹ Veja página XXX, "Mantos".

naquele momento, Luang Pó falou, como se soubesse o que estava se passando em minha mente, 'Oh, você tem um relógio? Jogue-o fora. Isso não é uma boa coisa. Fique com o meu.' E então ele pegou um relógio despertador em sua bolsa de pano e deu para mim. Esse relógio ainda existe. Eu o mantive comigo desde então."

Ajahn Bunchu foi um dos vários bastiões de Wat Pah Pong em anos posteriores, um dos que começou sua vida lá como monge visitante.

"Quando os monges e noviços realizavam as tarefas diárias, ou quando havia um projeto de construção, aquilo me deixava muito atento. Eu tratava de ajudar ... Eu permitia que meu orgulho me motivasse, 'O que quer que eles consigam fazer, não importa o quão duro, então eu também consigo.' Luang Pó nos observava muito, com cuidado. Quando eu estava recém-chegado, senti uma grande reverência por ele — na verdade, era intimidação. De fato, sentia-me intimidado por tudo: desde todas as regras e observâncias até os jovens noviços, e mesmo os praticantes leigos, pois muitos deles praticavam há mais tempo que eu e provavelmente sabiam mais do que eu sabia. Mesmo que já tivesse seis anos como monge, parecia que eu nem tinha começado a praticar.

"Tudo o que fazia era uma mistura de correto e incorreto e, às vezes, eu ficava envergonhado, mas Luang Pó apenas deixava passar. Depois de eu estar lá por algum tempo, depois que uma sessão vespertina havia terminado no salão de Dhamma, tive a oportunidade de ir junto com alguns outros monges visitantes e noviços para prestar reverências a ele e receber seus ensinamentos ... Se qualquer um tivesse algum problema em sua prática, aquela era a hora de perguntar para ele. Às vezes, ele mesmo perguntava, 'Como está aquela pessoa?' ou 'E quanto àquele outro? Está tudo indo bem?' Ele nos perguntava como estávamos; estávamos sentindo fome à noite, comendo apenas uma refeição ao dia? Conseguíamos aguentar? Algumas vezes ele nos dava um incentivo: 'Sejam muito pacientes. Apenas sigam praticando. Vocês estão vivendo entre amigos. Qualquer tarefa que precise ser feita, ou qualquer observância que ainda esteja defeituosa ou relapsa, então observem seus amigos. Pratiquem bem, não sejam desatentos.' "

LUANG TA

É comum na Tailândia que homens de meia-idade, ou mesmo idosos, ingressem na Sangha. Alguns decidem ingressar em um mosteiro depois de se aposentarem, alguns depois que seus filhos cresceram e saíram de casa, outros, logo após se divorciarem, e outros (desde que tenham o consentimento de suas esposas) enquanto ainda estão casados. O termo tradicional usado para um homem que se torna monge depois de ter vivido como chefe de família é *Luang ta*. Esses Luang Ta sempre tiveram má reputação, desde a época do Buddha. O Luang ta arquetípico veste seu manto de maneira desajeitada, segue preso em seus modos mundanos, é teimoso e difícil de ensinar. Ele acha difícil lidar com a mudança de status que experimenta, ao tornar-se um membro júnior de uma comunidade, na qual alguns dos monges aos quais deve prestar reverência, não são mais velhos do que seus filhos.

Existe toda uma gama de histórias engraçadas de Luang Ta, a maioria envolvendo o tema da cobiça ou de velhos hábitos mundanos vindo à tona. Em uma história típica, um Luang Ta em mendicância matinal chega em uma encruzilhada. À esquerda, está o vilarejo onde ele frequentemente recebe pratos deliciosos, mas poucos doces. À direita, está o vilarejo onde ele recebe doces maravilhosos, mas poucos pratos salgados. Depois de um agonizante período de indecisão, ele decide ir pelo caminho que leva ao vilarejo dos pratos, mas logo é varrido por uma visão dos doces e muda de ideia e volta para tomar a rota do vilarejo dos doces. Mas assim que já está próximo do vilarejo dos doces,

começa a se arrepender de ter renunciado aos pratos do outro vilarejo. Ele caminha para frente e para trás tantas vezes — pego por seus desejos em conflito — que, de repente, percebe que o horário da mendicância matinal já acabou faz tempo e que, naquele dia, não vai ter nada para comer.

Monges que se assemelhavam à caricatura do Luang Ta sempre foram fáceis de serem encontrados nos templos de vilarejo da zona rural de Isan; contudo, esse não era o caso nos mosteiros de floresta. É preciso muita coragem para um homem mais velho se comprometer com a vida ascética de um monge de floresta. E entre aqueles que estavam determinados a fazê-lo, apenas os que podiam se provar capazes de suportar os rigores da vida e estivessem dispostos a viver sob as regras monásticas e o Vinaya, seriam aceitos na Sangha de Wat Pah Pong. Por essa razão, a qualidade dos Luang Ta no mosteiro era alta. Entre eles, poderiam ser encontrados alguns dos mais queridos e respeitados membros da Sangha.

Como forma de medir sua adequação, Luang Pó exigia que homens mais velhos passassem longos períodos de tempo, primeiro como postulantes e depois como noviços, antes de se tornarem monges. Durante esse período probatório (e alguns homens mais velhos nunca passaram do status de noviços), Luang Pó os confortaria quando as coisas ficassem mais pesadas, dando-lhes inspiração e encorajando-os a não se deprimirem pela fragilidade de seus corpos. Um noviço idoso, triste porque não conseguia se tornar um monge, ficou inspirado pelas palavras de Luang Pó para ele:

"Ele disse que eu deveria me responsabilizar pela minha prática, mas não forçar demais meu corpo. Ele era como uma velha carroça, ele dizia, despedaçando-se um pouco mais a cada dia, e eu não deveria me preocupar muito com isso. Disse que a ordenação como monge é uma convenção. Você não se torna um verdadeiro monge através da cerimônia de ordenação, mas através da prática. Disse que leigos e noviços poderiam se tornar verdadeiros monges se praticassem bem.

"Ele me contou histórias do tempo do Buddha sobre leigos que chegaram a se tornar entrantes na correnteza, e sobre um que se tornou um arahant e, logo depois, foi chifrado até a morte por um touro, enquanto ainda procurava por um pano amarelo para fazer um manto. Eu me senti muito orgulhoso, quando Luang Pó me contou essas coisas. E ele foi gentil o suficiente para me contar um conto que foi realmente inspirador. Se tratava de um certo monge de alta patente eclesiástica. Ele era um escolástico em páli do mais alto nível e o monge-chefe de uma província, mas tinha tantas responsabilidades que largou o manto e se reordenou como noviço. No verão, ele desaparecia nas montanhas para meditar, e então, logo antes do retiro das chuvas, voltava ao mosteiro e ficava com seus discípulos, dando palestras do Dhamma e ensinando ... Luang Pó me disse, 'Você também pode fazer isso. Pratique com sinceridade, no melhor nível possível para sua força e idade. Não olhe para os outros. Não fique procurando falhas. Não importa o que os outros fazem. Você é um homem velho agora, não se interesse pelas falhas dos outros.' Eu tomei os ensinamentos de Luang Pó no meu coração."

MONGES TEMPORÁRIOS

Mesmo que existam aproximadamente 300 mil monges e noviços, provavelmente menos de um décimo dos que ingressam na ordem monástica na Tailândia ficam nela pelo resto de suas vidas. Ordenação temporária é a regra ao invés da exceção — tradicionalmente, pelos três meses dos retiros das chuvas, mas frequentemente por um período muito mais curto, nesses dias ocupados. É um costume que fez muito por enriquecer a sociedade tailandesa durante o último milênio, criando laços profundos e duráveis entre budistas leigos e a ordem monástica. A ordenação temporária impediu a Sangha de ser vista como uma casta de elite e assegurou que poucos lares não tivessem

pelo menos um de seus membros que não fosse ou tivesse sido, alguma vez, membro da Sangha. O valor do costume para o bem-estar da sociedade é reconhecido na permissão de os empregados do governo, durante sua carreira, incluindo membros das forças armadas, receberem uma licença remunerada para se tornarem monges por um retiro das chuvas de três meses.

A ordenação temporária fornece um rito de passagem no qual homens jovens ganham a oportunidade de estudar os ensinamentos do Buddha intensamente e aprender como aplicá-los na vida diária antes de embarcarem em uma carreira e se casarem. Antigamente, um jovem que ainda não tivesse passado um tempo como monge era considerado imaturo e lhe seria difícil conseguir um bom casamento.

Talvez a maioria dos jovens que se tornam monges temporários sejam motivados não tanto por uma preocupação com o bem-estar espiritual, mas pela crença de que isso é a coisa certa a ser feita por um budista naquela fase da vida, que estão mantendo uma antiga tradição de família, e mais importante, que estão fazendo seus pais felizes e orgulhosos. A crença de que tomar a ordenação temporária é a forma suprema de um filho expressar a gratidão por seus pais está profundamente arraigada na cultura tailandesa. Acredita-se que os pais fazem muitos méritos se um filho se torna um monge.

Para alguns mosteiros, um fluxo constante ou sazonal de monges temporários pode ser uma infusão regular de sangue novo que previne a estagnação. Ao mesmo tempo, isso também pode perturbar a harmonia de uma comunidade estabelecida. Ensinar e treinar novos monges pode ser um fardo pesado, e a influência de um grupo, ainda que pequeno, de jovens monges que não têm nenhum interesse real em aprender, mas que estão apenas passando um tempo ali “por causa de seus pais”, pode ter um efeito adverso em todo o mosteiro.

A dificuldade em equilibrar o apoio a uma tradição valiosa e a necessidade de proteger os padrões da comunidade residente eram refletidos nas mudanças de política de Luang Pó em relação à aceitação de monges temporários em Wat Pah Pong. Em alguns anos, o retiro das chuvas teria uma dúzia deles, em outros anos, quase nenhum. Falando de maneira geral, se o ingresso em um ano tivesse sido perturbador, ele aceitaria muito menos monges temporários no ano seguinte.

Em Wat Pah Pong, a maioria dos monges temporários eram funcionários públicos de meia-idade, em vez de jovens rapazes. Entre eles, os mais populares na Sangha de residentes costumavam ser os membros das forças armadas. Eles eram acostumados com a disciplina e com a austeridade física, tendiam a ser altamente motivados e se adequavam bem. Problemas tendiam a ocorrer com os servidores públicos que vinham de um ambiente onde eram mais mimados. Para eles, cada dia na floresta podia ser uma dificuldade, e para alguns, o último dia do retiro parecia a linha de chegada depois de uma extenuante maratona. Na outra ponta do espectro, estavam os monges temporários que prolongavam a sua estadia nos mantos por mais alguns meses, ou mesmo anos, além de seu plano original. Alguns poucos encontravam o que estavam procurando em Wat Pah Pong e nunca retornavam à vida leiga.

NIKĀYA

A maioria dos grandes discípulos de Luang Pu Man começaram suas vidas monásticas na Ordem Mahānikāya, que era a maior, e mudaram a sua afiliação para a mais rigorosa Ordem Dhammayut, a qual ele pertencia, depois que se tornaram seus estudantes. Luang Pó foi parte de um pequeno grupo de monges — sendo Luang Pu Tongrat o seu líder não oficial — que reconhecia os padrões

geralmente mais baixos da Ordem Mahānikāya, mas decidiu tentar reformá-la a partir de dentro, em vez de rejeitá-la completamente.

Luang Pu Man estabeleceu uma série de protocolos no tocante à recepção de monges visitantes Mahānikāya (considerados em falta em pureza com relação ao Vinaya) em seus mosteiros. Eles deveriam, por exemplo, sentar-se separadamente, e mais importante, eram impedidos de participar dos encontros formais da Sangha, como a recitação quinzenal do *Pāṭimokkha*.

Os abades dos mosteiros de floresta Dhammayut concordavam que o Vinaya praticado em Wat Pah Pong era de um alto padrão, mas sentiam que seria desrespeitoso com o falecido Luang Pu Man abrir exceções, por conta própria, às suas instruções. Sendo assim, na maioria dos casos, monges visitantes de Wat Pah Pong encontravam as mesmas restrições que aqueles que não tomavam o Vinaya seriamente. Mesmo sendo tratados com grande polidez, e lhes sendo garantido tratar-se meramente de uma questão de convenção, isso podia causar ressentimentos.

Em um ano, Luang Pó deu permissão para um certo monge Dhammayut passar o retiro das chuvas em Wat Pah Pong¹²⁰. Em um encontro da Sangha, ele perguntou para a comunidade se eles achavam que o monge deveria ser autorizado a participar da recitação do *Pāṭimokkha*. Ele silenciosamente possibilitou que uma atitude de “olho por olho, dente por dente” viesse à tona. “Eles não nos permitem participar de suas reuniões formais, por que deveríamos permitir que eles participassem das nossas?” foi a resposta mais comum. Tendo escutado as opiniões de todos os discípulos, Luang Pó expôs seu próprio pensamento, fornecendo então um precedente para todas as futuras ocasiões:

Nós poderíamos fazer isso [nós poderíamos excluí-lo], mas isso não seria o Dhamma ou o Vinaya, isso seria agir por opinião, ponto de vista pessoal e orgulho. Não pareceria correto. Por que não tomamos o Buddha como exemplo? Não nos apegaremos a essa ou àquela ordem, mas ao Dhamma-Vinaya. Se um monge pratica bem e mantém o Vinaya, então nós lhe permitimos participar das reuniões formais, seja ele Dhammayut ou Mahānikāya. Se ele não for um bom monge, não tiver senso de sábia vergonha, então qualquer que seja a ordem à qual pertença, não lhe permitiremos participar. Se nós praticarmos assim, então estaremos em conformidade com as determinações do Buddha.

LARGAR O MANTO

A maioria dos que entravam na vida monástica em Wat Pah Pong o faziam sem qualquer intenção de abandonar o manto em algum ponto no futuro, mas não excluía completamente a possibilidade; eles faziam uma determinação de se dedicar ao treinamento e descobrir se tinham, de fato, o necessário para permanecer por um longo período. Mesmo entre aqueles que não sentiam nenhum interesse em uma vida em família e numa carreira, poucos estavam dispostos a se arriscar a declarar um comprometimento para a vida inteira. Para a maioria, isso pareceria arrogante e não sábio; quem sabia o que o futuro guardava?

O Vinaya não estipula que candidatos à ordenação façam votos para toda a vida. Se monges ficarem infelizes e quiserem retornar à vida leiga, então eles são livres para fazê-lo a qualquer momento, sem estigmas e sem a barreira psicológica de uma longa e severa cerimônia de “desordenação”.

Deixar a Sangha não poderia ser algo mais direto. Deixar o manto é consumado quando um monge informa a qualquer pessoa que entenda o significado de suas palavras que ele está abandonando sua

¹²⁰ Monges Dhammayut de floresta, que fossem de um mosteiro reconhecido, tomavam seu lugar na hierarquia da Sangha imediatamente.

condição monástica. Daquele momento em diante, mesmo que siga vestindo os mantos, ele é, tecnicamente falando, um leigo.

Na prática, uma curta cerimônia é realizada. O monge formalmente pede perdão ao seu professor por qualquer ofensa ou dificuldade que possa ter causado, antes de informá-lo de sua intenção de deixar a Sangha, usando uma curta frase em páli. Com essas poucas palavras, ele se torna um leigo. Tendo vestido roupas de leigo, ele solicita os cinco preceitos e alguns conselhos para seu retorno ao mundo.

Uma razão básica para que a “desordenação” seja feita de maneira tão simples, tanto praticamente, quanto psicologicamente, é o reconhecimento de que poucas pessoas têm a vocação para permanecer nos mantos por toda a vida, e de que é melhor para alguém que queira partir, fazer isso, em vez de viver no mosteiro de uma forma descontente e incompleta. Monges deprimidos tendem a fazer aqueles que estão à sua volta igualmente deprimidos, e sua falta de comprometimento com o treinamento facilmente leva à desarmonia e ao declínio nos padrões do Vinaya.

Poucos monges conseguem nunca passar por períodos de dúvida. Consequentemente, entender a natureza da dúvida e aprender como lidar com ela de forma sábia é uma das mais importantes habilidades que um monge pode desenvolver. Até que essa habilidade seja desenvolvida — e isso pode levar vários anos — o professor está lá para oferecer reflexões e encorajamento. Se ele vê o descontentamento de um monge apenas como uma hesitação superficial, e não uma genuína inabilidade ou falta de vontade de viver a vida monástica por mais tempo, ele tentará ajudar o monge a encontrar um renovado senso de propósito. O professor estará ciente de vários monges que deixaram a Sangha precipitadamente, apenas para se arrependerem mais tarde.

Nos primeiros anos de Wat Pah Pong, Luang Pó empenhou um considerável esforço para dissuadir monges inquietos de largarem o manto. Conforme ficou mais velho, ele estava menos inclinado a fazê-lo — um padrão comum, quase um clichê, entre líderes de comunidades monásticas. Ajudar monges a se reerguerem de um período de insatisfação com a vida monástica era um trabalho duro, e mais frequentemente do que não, resultava em uma postergação em vez de um fim naquele desejo de largar o manto. Conforme os professores amadureciam, eles tendiam a ficar mais estoicos quanto à perda de jovens monges promissores e viam a necessidade de serem mais discriminativos sobre como gastavam seu tempo e energia.

Alguns monges largavam o manto com o intuito de tomar conta dos pais que estavam ficando idosos; alguns largavam por causa de uma doença crônica. Mas provavelmente, a causa mais comum para largar o manto era a forte inclinação para o mundo sensual. Muitos monges achavam que o celibato poderia ser controlado sem grande estresse, e mais do que apenas uns poucos achavam isso fácil; mas quando a luxúria tomava conta da mente de um monge, isso podia ser de uma intensidade monstruosa. Para aqueles que estavam lutando contra os sentimentos de luxúria, Ajahn Jan lembra o quanto as palavras de Luang Pó podiam ser diretas:

“Luang Pó diria, 'Realmente pensem sobre isso ... [mulheres] têm nove buracos no corpo assim como vocês têm, e cada um deles está preenchido por um tipo de dejetos. Não tem nada de bonito ou bom ou limpo em nenhum daqueles buracos. Você sente ou perambula sonhando acordado, imaginando todo tipo de coisas agradáveis, mas elas não são verdadeiras. Você vai perder a liberdade. Você vai estar sob o controle de uma mulher. Vai viver uma vida de frustrações e de conflitos. Você está sendo seduzido pelo desejo sexual. Não acredite nele. Não largue o manto apenas porque a luxúria está dizendo isso para você. Você não vai morrer se não a seguir. Acredite em mim: a luxúria vem te enganando por incontáveis vidas.' ”

Ele também lembrava como, na mendicância matinal, Luang Pó apontava o sofrimento da vida leiga aos monges assolados pela luxúria. O som de um marido e uma esposa gritando um com o outro, a visão de uma mulher parecendo cansada, tentando desesperadamente consolar uma criança gritando, ou de uma mulher — envelhecida prematuramente por uma vida dura — dirigindo-se à plantação: qualquer uma dessas imagens podiam ser indicadas com as palavras: “É isso mesmo o que você quer?”

Quando monges se ordenavam, eles podiam estar tão inspirados, que a ideia de largar o manto algum dia pareceria impensável. Mas, conforme o tempo passava, suas percepções iniciais, dirigidas pela fé, que pareciam tão sólidas, podiam vacilar. Se monges não tivessem os recursos da paciência e da capacidade de aguentar necessárias para atravessar os períodos difíceis em que sua inspiração diminuísse, era o fato de permanecer nos mantos que, de repente, poderia parecer impensável.

Quando um monge começava a duvidar da sua capacidade de realizar o Dhamma nessa vida, ele poderia se ver pego entre duas visões: os prazeres da vida leiga ficando para trás e nenhum caminho claro para a profunda felicidade da libertação interior visível à frente, ainda. O pensamento de chegar ao fim da vida nesse estado não resolvido poderia parecer algo intolerável. Era essa a clássica versão monástica da crise da meia-idade masculina. Alguns monges não enfrentavam nenhum momento específico de conflito, mas era como se o senso de vocação que eles tinham enfraquecesse gradualmente como a pilha de uma lanterna, até que já não houvesse luz suficiente para ver o caminho, ponto no qual, eles desistiam.

Largar o manto era visto por quase todos como admitir uma derrota¹²¹. Para alguns, retornar ao mundo, depois de colocar seu melhor esforço na vida monástica, parecia ser a aceitação de uma dispensa honrosa do exército depois de uma campanha fracassada. A maioria era humilde. Eles diziam que não tinham acumulado bom kamma suficiente que os permitisse permanecer na Sangha por mais tempo; seu estoque de méritos havia permitido chegar apenas até aquele momento nos mantos. Agora, eles queriam voltar para um nível menos intenso de comprometimento com o *Buddha Sāsana*: levar uma boa vida como chefe de família, dar suporte à Sangha e trabalhar para acumular mais kammass positivos.

“COMO A CHUVA QUE ESTÁ PARA CAIR ...”

Ordenações e “desordenações” de monges juniores são uma parte tão normal na vida monástica na Tailândia, mesmo em mosteiros de floresta, que elas provocam poucos comentários; contudo, quando um monge sênior decide deixar a Sangha, ondas de choque consideráveis passam pelo mosteiro, particularmente entre monges que estejam eles mesmos pegos em uma teia de dúvidas. E foi assim quando o abade de um dos mosteiros afiliados (e além disso, um dos discípulos mais antigos de Luang Pó) chegou um dia — tenso, com o rosto pálido — com a ingrata tarefa de anunciar que havia se apaixonado por uma discípula leiga e queria largar o manto para se casar.

Para Luang Pó, um monge com a intenção de abandonar o treinamento monástico, por causa de um entusiasmo romântico, estava prestes a dar um passo tolo, para trás e para baixo. Ele considerava a luxúria meramente como a expressão imatura de uma emoção nobre, algo que deveria ser transformado em *mettā*, bem-querer.

¹²¹ Os monges ocidentais que largavam o manto tendiam a ser mais otimistas. Muitos optavam por ver aquilo como, por exemplo, o final de um capítulo em sua vida espiritual, uma hora de ir atrás de novos desafios.

Você tem que transformar esse seu amor pessoal em um amor geral, um amor por todos os seres sencientes, como o amor de uma mãe ou de um pai por seus filhos ... Você tem que lavar a sensualidade da sua afeição, como alguém que quer comer uma mandioca selvagem deve lavá-la muito bem antes para retirar o seu veneno. Amor mundano é a mesma coisa: você deve refletir sobre ele, olhar para ele até ver o sofrimento inerente a ele e então gradualmente lavar o germe da intoxicação. Isso deixa você com um amor puro, como o do professor por seus discípulos ... Se você não conseguir lavar a sensualidade do amor, então ela ainda seguirá ali — mandando em você — até quando você for um idoso.

O desejo sexual era para ser claramente compreendido — não reprimido, mas investigado. Luang Pó sugeriu, como professores geralmente faziam nessa situação, uma mudança temporária de ares. Ele fez um apelo ao orgulho do monge:

Refleta sobre o sofrimento do desejo sexual até que você possa abrir mão dele. Se você não consegue resolver o problema com sabedoria, ou ao menos reduzir a sua força, então saia de seu mosteiro por um tempo. Depois que você tiver restabelecido a sua prática, então retorne. Quando você cai, você tem que saber como levantar-se novamente. Você deve saber como combater e rastejar. Quando você tiver sido nocauteado, não apenas fique ali deitado indefeso ou desista.

Mas uma vez que a ideia de largar o manto tenha se tornado real para um monge, ela ganha uma intensidade quase irresistível. Um senso de inevitabilidade — o qual, seguindo um período insuportável de indecisão, frequentemente é sentido como um abençoado alívio — debilita a força de vontade do monge em questionar a própria decisão. Era essa sensação, de que não havia mais volta, que Luang Pó procurava combater:

De acordo com o velho ditado, existem cinco coisas que não podem ser detidas: a chuva que está para cair, excremento prestes a sair do corpo, uma pessoa prestes a morrer, uma criança prestes a nascer e um monge prestes a largar o manto. As quatro primeiras são verdadeiras, tenho certeza, mas não a última. Tenho confiança de que um monge pode ser detido de largar o manto. Eu mesmo considerei largar o manto uma vez e mudei de ideia.

Ao tentar pontuar as visões irrealistas sobre o futuro que o monge havia criado, Luang Pó podia pintar uma figura vívida. Enquanto a vida de um monge é sem amarras, ele dizia, com a oportunidade de sair andando despreocupadamente em *tudong* pelas florestas e montanhas, a vida do chefe de família era limitada e confinada:

Ter uma família o faz prisioneiro ... Você termina com um bebê chorando, sua mulher resmungando, seu sogro lhe dando bronca, sua sogra lhe odiando, enterrado em meio a potes e panelas. Pense nisso.

Ele lembrava o monge das dificuldades de fazer um caminho no mundo, de como viver tantos anos com um elevado padrão moral faria a sobrevivência em um mundo traiçoeiro ser estranha e dolorosa. Falava dos monges que tinham partido e, uma vez que a novidade havia acabado, arrependiam-se amargamente da decisão de largar o manto. Descrevia os prazeres da sensualidade como superficiais e fugazes — como o gosto de boa comida na língua — e de nenhuma forma comparáveis com o profundo e duradouro bem-estar que podia ser alcançado através da prática do Dhamma:

Se você continuar meditando até sua mente tornar-se calma e lúcida, e você ver o Dhamma, então ficará verdadeiramente tranquilo. Às vezes, você pode ficar tão cheio de alegria que

nem precisa comer. É uma tranquilidade profunda, não apenas uma sensação prazerosa na superfície da sua língua.

A mensagem fundamental que Luang Pó buscava transmitir era de que a luxúria e o desejo não eram coisas fora do treinamento monástico, puxando o monge implacavelmente para fora dele. Ao contrário, lidar com tais crises emocionais era uma parte integral do treinamento. Olhar para o sofrimento, abrir mão dos desejos que o alimentavam, libertar-se através da prática do caminho óctuplo — esse era o verdadeiro cerne da vida monástica.

Qualquer tipo de sofrimento que surja, então contemple-o. Olhe para ele até que você veja claramente. Às vezes, quando não está claro, você deve jejuar, ficar sem dormir e lutar contra isso, estar disposto a morrer. O venerável Ajahn Tongrat uma vez pensou em largar o manto. Ele não ouvia ninguém que quisesse dissuadi-lo, sua cabeça estava feita. Mas então um dia ele pediu um machado aos aldeões e começou a cortar lenha. Ele cortou lenha por três dias e três noites até que ficou exausto, suas mãos cobertas de bolhas. Então gritou bem alto: “E agora vocês sabem quem é o mestre?” Ele estava falando com suas impurezas.

Grandes mestres passaram por isso. Um dos discípulos de Luang Pu Man apaixonou-se por uma mulher que regularmente colocava comida em sua tigela durante a mendicância matinal. Seus companheiros o levaram para meditar e o trancafiaram no salão de Uposatha. Ele jejuou por cinco ou seis dias e então sua mente voltou ao normal. Ele viu a não atratividade do corpo, sua mente ficou calma e lúcida, ele viu o Dhamma — e sobreviveu.

O desejo sexual é o seu ponto fraco e você deve medicá-lo com a meditação sobre as partes não atrativas do corpo. Siga testando sua força até que você saiba o quanto pode suportar. Não deixe as impurezas seguirem batendo em seu ponto fraco até lhe nocautearem. Desenvolva mais habilidade na meditação. Se as impurezas vêm por cima, então se abaixe. Se você não é forte o suficiente para vencê-las, então quando elas vierem por baixo, pule por cima delas e saia correndo por um tempo.

A decisão de largar o manto pode não ser completamente irrevogável. No entanto, uma vez que um monge esteja com a cabeça feita sobre isso, mesmo as habilidades retóricas e o carisma de um mestre como Luang Pó raramente são bem-sucedidas em mudar sua ideia. Ele sente um impulso. É como se estivesse descendo morro abaixo sem freios e então fosse encorajado a dar meia-volta e escalar novamente a montanha. Nesse caso em particular, depois de um pequeno período de reflexão realizado por respeito ao professor, o monge largou o manto. Pouco se soube dele depois disso. Talvez tenha vivido feliz para sempre; talvez não.

SAMAÑA

“Samañas. Samañas” — é assim que as pessoas os veem. E quando perguntados: “O que vocês são?” vocês clamam: “Nós somos samañas.” Então sendo essa a sua designação e esse o seu clamor [vocês deveriam pensar]: “Nós vamos praticar como samañas, com integridade, para que nossas designações sejam verdadeiras e nossas afirmações, corretas; para que os serviços daqueles cujos mantos, comida de mendicância, alojamento e remédios nós usamos lhes tragam grandes frutos e benefícios, e para que nossa renúncia não seja estéril, mas frutífera e fértil.” Assim, monges, vocês devem treinar a si mesmos. – MN 40

A palavra “*samaña*”, normalmente traduzida como “recluso” ou “contemplativo”, é geralmente tida como derivada de uma palavra que significa “empenho ascético”. Luang Pó preferia transmiti-la

como “aquele cuja mente está em paz”. Na época do Buddha, esse era o nome dado aos membros de várias seitas religiosas que tinham abandonado suas identidades de castas e suas vidas como chefes de família. Na tradição budista, “samaṇa” sempre foi usado como sinônimo tanto para “monge” como para “verdadeiro monge”. Na passagem do sutta acima, o Buddha se refere ao seu primeiro significado como a designação convencional e incita os monges a manterem constantemente na mente a responsabilidade de agir em conformidade com isso. Como “verdadeiro monge”, o termo “samaṇa” engloba todas as qualidades que os monges deveriam aspirar a ter.

Luang Pó encorajava os monges a insistirem e conscientemente cultivarem a percepção de si mesmos como monges ou samaṇas, lembrando constantemente de seu papel e responsabilidades e dos objetivos da vida monástica. Ao fazer isso, ele queria que eles cultivassem uma nova identidade (como um meio hábil, não uma verdade última) que os distanciaria de suas antigas identidades no mundo e serviria para fortalecer os fatores mentais da sábia vergonha e do medo das consequências. Essa percepção era para lhes dar um saudável senso de orgulho de sua linhagem e de serem guardiões de uma antiga tradição. O objetivo era inspirá-los com os ideais orientadores da vida na Sangha.

A vida de um samaṇa era caracterizada pelo esforço sincero em estudar e praticar o treinamento de sīla, samādhi e paññā, com o intuito de alcançar a libertação e inspirar os demais com sua conduta.

Primeiramente, determine-se a ser vitorioso sobre si mesmo. Essa é a coisa principal. Você não precisa da vitória sobre algo ou alguém. Se você sempre estiver pensando em derrotar outra pessoa, você estará perdendo a batalha da prática. A verdadeira prática é baseada em alcançar o ponto em que você sabe como conseguir uma constante vitória sobre si mesmo. Em última instância, se você consegue uma vitória sobre si mesmo, então você alcança a vitória sobre todas as coisas. Estabeleça esse princípio constantemente em sua mente.

Em um escrito, Ajahn Khemadhammo resumiu:

"E o propósito da vida que nunca podemos nos permitir esquecer: somos monges, não para ter ganhos ou fama, não para status ou avanços mundanos, mas com o intuito de que tenhamos a melhor chance possível de encarar nossas impurezas — todas as influências destruidoras em nossos corações e mentes — enxergando-as, compreendendo-as e expulsando-as para alcançar a verdadeira e duradoura paz, a verdadeira felicidade de Nibbāna."

Em um discurso, Luang Pó desafiou os monges:

O que vocês querem? Riqueza e respeito? Cargo e honras? Coisas materiais? Nós somos monásticos. O Buddha nos ensinou a não visarmos tais coisas. Se vocês querem prazer, divertimento, uma vida fácil, boa comida e coisas materiais, então teria sido melhor que vocês nunca tivessem se tornado monges. Isso significa que vocês estão mentindo e enganando os leigos ... Se vocês querem tudo isso, então vão embora e ganhem a vida como leigos. Não tem sentido virem viver aqui na floresta, ficarem sem dormir e comer apenas uma vez por dia.

Reflitam sobre isso profundamente. Perguntem a si mesmos: “Por que vim para cá? O que estou fazendo aqui?” Vocês raspam o cabelo, colocaram os mantos ocre. Para quê? Vão em frente, questionem a si mesmos. Vocês pensam que é apenas comer, dormir e viver uma vida desleixada? Se é isso o que vocês querem, vocês podem fazer isso no mundo. Levem os bois e búfalos para o pasto, voltem para casa, comam e durmam — qualquer um pode fazer

isso. Se vocês vieram para cá e agem dessa forma negligente e indulgente no mosteiro, então vocês não merecem o título de monges e noviços.

A vida como monge oferecia grandes oportunidades para o cultivo do caminho. Mas sem a força de vontade de se livrar dos velhos hábitos, era fácil de naufragar.

Se vocês aceitam os princípios básicos e tentam segui-los, vocês terão uma prática. Mas se vocês não os aceitam e apenas seguem seus gostos e desgostos, então estarão se encaminhando para o desastre. Mesmo que vocês vivam como monges por vinte ou trinta anos, vocês ainda não saberão o sabor dos ensinamentos do Buddha. Vocês serão como pescadores que saem para pescar todos os dias em um lago que não tem nenhum peixe. Não importa o quão diligente tal pescador seja, ele está sempre desapontado. Dia após dia, ele recolhe a sua rede e não pescou nada.

Recordar-se dos grandes mestres poderia trazer suas mentes de volta ao caminho correto quando elas se desviassem. As realizações deles poderiam ser emuladas pela força do sábio esforço.

Leiam as biografias dos grandes professores. Eles são pessoas singulares, não são? Eles são diferentes. Pense cuidadosamente nessa diferença. Treinem sua mente da forma correta. Vocês não têm que depender de ninguém; descubram seus próprios meios hábeis de treinar a mente.

Se os meios mais hábeis fossem incapazes de parar o fluxo de pensamento deludido, então uma abordagem mais direta era necessária — o que funcionasse melhor. Uma vez que o perigo imediato tivesse sido afastado, uma abordagem com mais nuances poderia ser retomada.

Se a mente começa a pensar em coisas mundanas, então rapidamente a dominem. Pare-na. Levantem-se. Mudem de postura. Digam a si mesmos para não pensar nessas coisas — há coisas melhores para se pensar. É essencial que vocês não cedam nem levemente a esses pensamentos. Uma vez que eles tenham saído da sua mente, vocês se sentirão melhor. Não imaginem que vocês podem relaxar e que sua prática cuidará de si mesma. Tudo depende de treinamento.

III. O MILAGRE DA INSTRUÇÃO

MODOS DE ENSINAR

O corpo dos ensinamentos de Luang Pó Chah geralmente é considerado como consistindo do material gravado em fitas de rolo e fitas cassete, e então transcrito e impresso em livros, originalmente em tailandês, e subsequentemente traduzidos para várias outras línguas. Mas para seus discípulos monásticos, os discursos formais capturados por essas gravações de áudio e reproduzidos em livros eram apenas uma parte, e talvez não a mais importante, do que eles receberam dele.

O ensinamento mais poderoso de Luang Pó para aqueles que viveram com ele não era, sem dúvida, o que ele disse ou mesmo o que ele fez, mas quem ele era e como era percebido. Seus discípulos o viam como a prova viva de que havia realmente um fim para o sofrimento, e que isso poderia ser alcançado através da prática do nobre caminho óctuplo. Vê-lo, senti-lo por perto, dava-lhes a força de espírito para suportar as dificuldades do treinamento. No começo, era frequentemente a fé no

próprio professor, mais do que nos ensinamentos profundos e específicos que ele transmitia, que mantinha os jovens monges nos mantos.

Carisma não é um fruto inevitável da libertação. Alguns seres plenamente iluminados preferem uma vida de anonimato e projetam um ar quieto e discreto que os faz quase invisíveis. Luang Pó não era uma figura assim. Ele era, em todos os sentidos da palavra, um monge impressionante: sua presença se impunha sem qualquer esforço sobre todos à sua volta. Um monge ocidental dizia sobre ele: “Se algum ser humano merece ser chamado de ‘uma força da natureza’, esse é Luang Pó”.

O Buddha referia-se ao professor como o *“kalyāṇamitta”*, ou bom amigo. Ele não era um guru para ser venerado, mas um guia sábio e compassivo no caminho. Ele inspirava grande confiança através de sua prática impecável do Vinaya e das observâncias monásticas. Praticava o que pregava e não pedia aos discípulos que fizessem qualquer coisa que ele próprio não faria. Ensinava os monges a gastarem qualquer momento livre no local de meditação andando, e era frequentemente visto caminhando para lá e para cá em seu próprio local de meditação andando. O senso de solidez e inabalável propósito na maneira como ele vivia sua vida se transmitiam a seus discípulos.

Os sentimentos de fé, amor, devoção, respeito e reverência que Luang Pó inspirava naqueles à sua volta fornecia o contexto emocional no qual seus ensinamentos orais eram recebidos e tinham um papel importante no efeito que eles produziam. Habilidade de ensinar, assim como o carisma, tampouco é um resultado da libertação. Monges não iluminados que não são bem articulados geralmente tornam-se monges iluminados não bem articulados. Luang Pó, contudo, sempre foi um orador refinado e fluente. Como *kalyāṇamitta* de um grande grupo de monges e discípulos leigos, sua habilidade em transmitir os ensinamentos de uma maneira clara e inspiradora, apropriada à plateia, tornou-se renomada.

Ajahn Jan, ele mesmo um excelente professor do Dhamma, achava as palestras tão envolventes, que mesmo décadas depois de tê-las ouvido pela primeira vez, entusiasmava-se falando delas:

"Luang Pó dava palestras quase todos os dias. Se alguém tivesse se comportado mal, então a palestra poderia durar horas. Sua voz era alta, ressonante e muito poderosa; você sentia o quão determinado ele era para que seus ouvintes o entendessem. Era como se quisesse que suas palavras lixassem as impurezas de seus discípulos, até que elas ficassem suaves como a pele de um tambor. Suas palestras eram em vários níveis diferentes: ele falava de um jeito para a Sangha quando não havia leigos presentes, de outra forma, quando havia, e de outra forma ainda, caso falasse diretamente para os leigos. Ele nos dava broncas, mas não com raiva. Ele nunca ficava sem palavras. As palestras eram incrivelmente diretas e ousadas. Ele não tinha medo de ninguém. Escutá-lo nunca deixava você entediado — você ficava como que hipnotizado. E o que ele dizia ia tão direto ao ponto que, até hoje, suas palavras seguem ressoando em meus ouvidos."

Enquanto os monges saíam do salão de Dhamma, depois de uma palestra de Luang Pó, era raro não ouvir vozes exclamando quais partes específicas da palestra eram para eles, o quão maravilhoso era que Luang Pó tivesse escolhido falar especificamente do assunto pelo qual estavam obcecados naquele momento. Monges falavam sobre estarem batalhando um tempo sobre uma determinada dúvida e que a palestra tinha sido endereçada àquele problema de maneira direta e em detalhes, tranquilizando suas mentes. Ajahn Anek dizia:

"Suas palavras penetravam no coração. A maioria das dúvidas que as pessoas tinham sobre meditação eram respondidas durante suas palestras formais; ele lidava exatamente com o problema que estava frustrando você, não importa o quão sutil ele fosse. Se você escutasse atentamente cada

palavra que ele dizia, você pensaria que aquilo era exatamente para você. Esse era o seu gênio. Era verdadeiramente profundo."

Em alguns casos — talvez na maioria deles — a crença que os monges tinham de que Luang Pó estava falando pessoalmente para eles deve ser colocada à luz da natureza fluida e sem estrutura dos seus discursos. O número de impurezas é finito, e em uma longa palestra é improvável que algum dos maiores problemas não seja mencionado, ao menos de passagem. Na verdade, Luang Pó às vezes se referia a "lançar a sua rede" com observações mais genéricas sobre as impurezas mentais que arrastariam todos os que estivessem afetados por elas. Contudo, também houve ocasiões em que monges ficaram particularmente tocados por passagens das palestras que pareciam ser um desvio inesperado do fluxo do seu discurso. Era indiscutível a forma como as palestras de Dhamma formais determinava o tom do mosteiro. Nos dias seguintes a uma palestra particularmente inspiradora, haveria um certo otimismo tangível no ar; nos dias seguintes a uma palestra de advertência, até as cores da floresta pareceriam ter se apagado.

Luang Pó passava algum tempo diariamente — mais longo conforme ele ficou mais velho e menos ativo — sentado em uma grande cadeira de vime embaixo de sua cabana, fazendo-se disponível para qualquer um que desejasse falar com ele. Durante o dia, a maioria das conversas de Luang Pó era com visitantes leigos, mas monges e noviços que atuavam como atendentes podiam aproveitar a oportunidade para escutá-lo responder às perguntas de seus convidados e oferecer reflexões a eles. Monges com tempo livre frequentemente se sentavam em um canto para escutar. Às vezes, Luang Pó os enxotaria dali: "Não há necessidade de sentar por aqui. Vá embora e medite". Em outras oportunidades ele lhes permitia ficar. Nas noites, logo após o final da recitação de cânticos e da sessão de meditação, alguns monges gravitavam em torno da cabana de Luang Pó com o intuito de ouvi-lo e aprender, e, às vezes, apenas de se sentarem silenciosamente por ali com os olhos fechados em meditação.

Em uma ocasião, um monge ocidental estava sentado ouvindo Luang Pó responder perguntas com respostas curtas e sucintas, concisas, mas profundas, e, depois que os convidados partiram, ele exclamou: "Luang Pó, aquilo foi como o Zen!" E Luang Pó respondeu:

Não, não foi. Foi só como eu.

Nem todos os ensinamentos de Luang Pó foram preservados. Ocasionalmente, ele falava de maneira privada com monges cuja prática de meditação havia alcançado um nível avançado. Os conselhos dados durante essas conversas nunca foram revelados. Vale a pena ter em mente que as palestras de Dhamma que foram gravadas e transcritas, mesmo com toda riqueza, são restritas aos ensinamentos públicos de Luang Pó.

Embora Luang Pó estivesse sempre disponível para discípulos que estivessem lutando com dúvidas sobre a prática, ele não respondia necessariamente às perguntas que lhe eram feitas, ou se o fazia, não era da forma que os discípulos esperavam. Ele não tinha interesse em dar o Dhamma "de colherinha". Às vezes, percebendo que nenhuma resposta que desse serviria para algum propósito útil, e simplesmente aumentaria a confusão e o orgulho de quem estava perguntando, ele se recusava a responder. Nem sempre isso agradava os questionadores. Luang Pó dava de ombros:

Se eles tivessem um mínimo de entendimento em primeiro lugar, eles não fariam perguntas como essas.

E continuou:

Quanto mais você explicar, mais dúvidas você criará na mente deles, pois eles não praticaram ao ponto de poderem entender. Se eles praticarem, saberão por si mesmos e estarão livres de dúvidas.

Meditadores inexperientes eram como crianças pequenas que ainda não entendiam o mundo à sua volta:

Quando a criança vê uma galinha ela pergunta: “Pai! Pai! O que é aquilo?” Quando ela vê um pato, é “Pai! Pai! O que é aquilo?” Então ela vê um porco e de novo é: “Pai! Pai! O que é aquilo?” Eventualmente, o pai desiste de responder. As perguntas não têm fim pois, para a criança, tudo é novidade. No final, o pai apenas responde: “Hum, hum.” Se ele fosse responder a toda e qualquer pergunta, morreria de exaustão. A criança não se cansa de fazer perguntas; ela nunca para de perguntar. Eventualmente, o problema desaparece por si mesmo conforme a criança fica mais velha e mais experiente. Da mesma forma, se você se devota à reflexão e persevera até compreender a forma como as coisas são, então gradualmente os problemas se esclarecem por si mesmos.

Luang Pó enaltecia os discípulos que tratavam os problemas como desafios a serem superados. Ele queria que os monges aprendessem como desenvolver seus próprios meios hábeis de lidar com as dificuldades em vez de se permitirem tornar-se muito dependentes dele. A maioria das dúvidas sobre a prática de meditação era solucionada tornando-se ciente da natureza da própria dúvida, vendo-a como um fenômeno condicionado e não se identificando com ela. Essa era a única razão pela qual ele não era a favor das entrevistas diárias, populares em centros de meditação: isso tirava muito da responsabilidade dos meditadores e os privava de oportunidades de crescer em sabedoria. O termo em tailandês para tais entrevistas entre o estudante e o professor de meditação é “*sop arom*”, literalmente, “inspeção dos humores”, e Luang Pó uma vez brincou:

Até os cachorros sabem de seus humores; quando eles sentem fome, eles uivam.

Seu conselho era seguir colocando tanto esforço quanto possível na meditação formal:

No corpo das práticas que formam o treinamento monástico, a meditação sentada e andando constituem a espinha dorsal ... Aqueles cuja prática se tornará forte são aqueles que não negligenciam a meditação andando, que não negligenciam a meditação sentada, que não deixam escorregar a restrição dos sentidos.

Cada monge tinha um local para praticar meditação andando, com aproximadamente vinte a trinta passos de comprimento, ao lado de sua cabana. Assim que a refeição diária e a limpeza tivessem terminado, os monges eram encorajados a retornarem imediatamente para suas cabanas, colocarem seus mantos no varal para arejar, e começarem a praticar meditação andando. Para aqueles que o faziam regularmente:

O local de meditação andando fica gasto como uma vala. Eu mesmo já vi isso várias vezes. Monges assim não se sentem cansados ou insossos em sua meditação. Eles têm energia; eles têm verdadeira força. Se você der esse tipo de atenção para a sua prática, ela irá bem.

O treinamento que Luang Pó dava aos monges era redondo. Monges aprendiam como meditar e eram encorajados a meditar muito. Mas eles também aprendiam o Vinaya em grande detalhe. Também aprendiam como dar os preceitos aos leigos, como entoar cânticos de bênçãos e como conduzir rituais fúnebres. Eles aprendiam como construir e cuidar do mosteiro, e como ensinar. Quando chegasse a hora de eles começarem suas próprias comunidades monásticas, estariam equipados com todas as ferramentas básicas necessárias para sobreviver e florescer.

Luang Pó, às vezes, falava sobre as qualidades de um bom professor: ele deve entender como funciona a mente de seus discípulos, assim como um carpinteiro deve entender as qualidades específicas de cada tipo de madeira. Ou ele deve ser como o médico que conhece seus pacientes, as causas de suas doenças e os remédios apropriados para curar suas condições. Ou, ele diria, é como pescar. Se o pescador joga sua rede aleatoriamente sobre todo o rio, não vai pegar nenhum peixe. Ele deve esperar até que um peixe apareça na superfície da água e então posicionar a rede exatamente naquele local. Para ensinar, você deve olhar e perceber quanto os estudantes podem receber, ele dizia: veja o que é o certo para eles, pois é essa “medida certa” que é o Dhamma.

A habilidade de Luang Pó de colocar seus ensinamentos na medida certa era tão infalível que convenceu vários monges, depois de uma conversa particular com ele, de que estava lendo as mentes deles. Isso pode bem ter sido verdade, mas na maioria dos casos, a efetividade de suas palavras podia ser facilmente atribuída à apurada observação baseada em uma longa experiência. Ajahn Suriyon deu um exemplo:

"Os discípulos ocidentais gostavam de ver Luang Pó dar risadas, sorrir e dar-lhes oportunidades de fazer perguntas. Se ele não fizesse aquilo e parecesse indiferente a eles, eles achariam aquilo opressor. Então Luang Pó lhes dava muita atenção, frequentemente perguntando como eles estavam, como a prática deles estava indo e assim por diante."

Os monges tailandeses não esperavam esse mesmo tipo de atenção pessoal.

"Se ele via que os monges tailandeses entendiam bem o suficiente os seus ensinamentos, ele não dizia muito para eles, mas encontrava as formas hábeis apropriadas para ensinar os monges que fossem lentos ou pouco inteligentes. Com monges que fossem nervosos ou negativos, ele falava de forma bem-humorada ou dava exemplos que enfatizavam a bondade e a gratidão. Uma vez que se sentissem mais à vontade, as mentes desses monges se tornariam receptivas ao que ele estivesse ensinando e experienciariam alguma alegria e exaltação no Dhamma. Como resultado, eles se sentiriam inspirados e a prática progrediria."

Ajahn Anek recordava outro dos símiles que Luang Pó usava para descrever as qualidades de um professor:

"Ele dizia, 'Como eu poderia ser um professor se não entendesse a forma como a mente de meus discípulos funciona? É como o dono de uma plantação de bananas. Se ele não sabe nada sobre bananeiras, seus caules, suas folhas, seus frutos, então como pode cuidar de um plantio? É tudo uma questão de corpo e mente. Não importa se são monges jovens ou velhos, praticantes monásticos ou leigos. Se suas mentes caíram sob o poder das impurezas, então não existe diferença nenhuma entre eles.' "

Dada a profunda compreensão de Luang Pó sobre a relação entre corpo e mente, não era difícil para ele reconhecer a disposição de seus discípulos. Ele os observava andando, em pé, sentados, deitados, mudando de postura, comendo, se prostrando, trabalhando; ele notava o estado de alerta e a atenção deles em detalhes quando estavam realizando tarefas para ele. Cada ação lhe contava uma história.

O Buddha disse uma vez que, assim como a integridade é conhecida por um longo convívio, e a força moral em meio às adversidades, a sabedoria é conhecida através da fala. Luang Pó observava como os monges se conduziam e como se expressavam. Enquanto isso, Ajahn Liem observava Luang Pó:

"Na maioria das vezes, ele media o conhecimento dos monges pelo modo como falavam. Ele observava as reflexões deles sobre o Dhamma e a sabedoria que era revelada em suas falas. No final

do retiro das chuvas, ele pedia que todos os monges e noviços se revezassem para subir ao assento do Dhamma e falar sobre suas experiências durante o retiro para os leigos. Esse era um método que usava para ver como estava indo a prática das pessoas. Elas tinham as qualidades de um orador do Dhamma? Você não deveria ter nenhum desejo de dar uma palestra, pois então Luang Pó consideraria que você estava apenas seguindo o seu desejo. Ele queria ver quem é que tinha um senso de responsabilidade. Queria que treinássemos daquela forma para ver se tínhamos algumas habilidades específicas. Se não tivéssemos que fazer aquilo, nós nunca saberíamos."

Luang Pó dizia que, uma vez que você possa estabelecer a sua mente no momento presente, tudo está pronto para lhe ensinar. Insights sobre as três características surgem naturalmente na mente. Frequentemente, ele compartilhava suas reflexões com aqueles que estavam à sua volta. Seus discípulos apreciavam esses ensinamentos e observações não tanto porque eles fossem especialmente profundos — embora às vezes eles fossem — mas porque eram baseados em um evento específico do qual o ouvinte participou, então aquilo era algo tão imediato, íntimo e contextualizado que não seria facilmente esquecido. Ajahn Pasanno, por exemplo, recontava como em uma manhã, enquanto retornavam da mendicância matinal, um casal de lagartos copulando em uma árvore na beira da estrada caiu da árvore e aterrisou bem na frente de Luang Pó. Ainda presos um ao outro, eles ficaram no chão parecendo atordoados pela queda. Luang Pó apontou para eles aos risos:

Vocês viram isso? Eles estavam se divertindo tanto lá e cima que ficaram desatentos. Agora eles caíram e bateram no chão, isso dói.

Luang Pó criou um ambiente no qual cada elemento da vida monástica proporcionava desafios e chances de aprendizagem para seus discípulos. Seus discursos formais davam aos discípulos as ferramentas de reflexão das quais eles podiam se beneficiar. Às vezes, podia haver uma qualidade quase astuta nos métodos hábeis de Luang Pó. Ele introduzia pequenos testes de *sati* e sabedoria para seus discípulos, que eram como as armadilhas ocultas de um caçador na floresta.

Um monge lembrava um exemplo quase cômico. No meio de um encontro informal e relaxante embaixo da cabana de Luang Pó — várias conversações acontecendo ao mesmo tempo — Luang Pó deve ter sentido que as coisas estavam ficando um pouco exuberantes demais e os monges estavam perdendo *sati* no prazer das conversações. Sem avisar, ele parou de falar e se manteve sentado em silêncio com os olhos baixos. A etiqueta monástica julga inapropriado manter uma conversa na frente do professor. O discípulo segue o mestre: se o professor fala de maneira informal, então ele também pode; se o professor para de falar, então o discípulo faz o mesmo. Imediatamente. Mas é difícil não se agarrar a uma conversa, e fácil perder a atenção com a situação. Os monges seguiram falando por um tempo. Um por um, olhar por olhar, e então com uma repentina avalanche de cotoveladas urgentes, eles pararam e tentaram se recompor. E, como se fosse um esquete teatral, restou apenas um monge falando sobre alguma coisa engraçada, quando, num momento terrível, percebeu que a atmosfera havia mudado completamente. Todos à sua volta estavam sentados impassíveis e com os olhos baixos. Não foi necessário que Luang Pó dissesse uma só palavra de reprimenda.

Em uma pegada similar, um monge lembrou como, enquanto estavam andando para um vilarejo próximo para a mendicância matinal, Luang Pó começou uma conversa com ele. Em tal situação, a etiqueta exigia que ele andasse um pouco atrás de Luang Pó e para o lado, e os monges restantes andassem alguns passos atrás. De repente, Luang Pó parou. Os monges, cujas mentes estavam divagando, colidiram com o monge que estava à frente, e a fila se deteve estremeçada. Luang Pó, parecendo muito inocente, não disse nada. Na palestra de Dhamma seguinte, ele falou sobre a

importância de *sati* e do estado de alerta em cada postura, como, por exemplo, na mendicância matinal.

Restrição dos sentidos, circunspecção, *sati* e estado de alerta, sensibilidade ao lugar e à hora — essas eram virtudes monásticas básicas que Luang Pó nunca se cansava de imprimir nas mentes de seus discípulos. Ele dizia que: “alguém que perde *sati* não é em nada diferente de um louco.” E ele usava as palavras do Buddha:

Diligência é o caminho para o imortal; negligência, o caminho para a morte. — Dhp 21

VENTOS MUNDANOS

Um mosteiro não proporciona uma fuga das vicissitudes da vida. Ele proporciona uma estrutura na qual uma atitude sábia em relação a elas pode ser cultivada. O Buddha fazia referência a quatro pares de condições transitórias inerentes ao reino humano que precisavam ser claramente compreendidas.

O Buddha ensinou que os oito dhammas mundanos de ganho e perda, status e obscuridade, elogio e crítica, prazer e dor são aspectos da vida humana dos quais não se pode escapar. Mesmo seres libertos experienciam essas condições, mas as conhecendo pelo que elas são — eventos impermanentes e instáveis — eles permanecem não afetados por elas.

Luang Pó frequentemente lembrava seus discípulos para manterem a contemplação sobre a natureza dos oito dhammas mundanos, e para não serem arrastados por eles. Ele dizia que apenas os tolos acreditavam que poderiam desfrutar os dhammas mundanos desejáveis sem se encontrarem com as suas contrapartidas indesejáveis — eles eram inseparáveis. Seus ensinamentos sobre as oito condições eram frequentemente muito práticos. Eles consistiam basicamente em confrontar os monges com as consequências do apego, ao privá-los dos quatro dhammas mundanos desejáveis, ou provocar algum dos indesejáveis. Luang Pó podia, por exemplo, testar um monge ao elogiá-lo várias vezes e então, sem aviso prévio, criticá-lo categoricamente. O monge era encorajado a observar que o nível em que tinha ficado chateado com a crítica era uma indicação do nível com o qual tinha se identificado e tido orgulho com o elogio.

Em outras ocasiões, Luang Pó podia dar uma grande quantidade de atenção para um monge por um determinado tempo e depois ignorá-lo completamente. O monge ficava magoado e era forçado a reconhecer que a dor que experimentou foi determinada principalmente pela extensão em que se permitiu sentir-se lisonjeado com a atenção recebida e entregou-se a uma sensação de ser especial ou merecedor.

TRANSMITINDO A TEORIA

“Morna” provavelmente seria o termo que melhor resumiria a atitude dos mosteiros de floresta de Isan a respeito dos estudos acadêmicos do Buddhaddhamma. Com seu foco na prática e na realização da verdade dos ensinamentos, os abades desses mosteiros consideram os estudos aprofundados deles uma faca de dois gumes. Enquanto eles reconhecem que o conhecimento de ensinamentos-chave fornece a base teórica necessária para a prática, eles suspeitam da natureza sedutora dos estudos. Ganhar mais e mais conhecimento intelectual sobre o caminho pode facilmente parecer mais importante do que efetivamente andar pelo caminho. Através dos anos, Luang Pó fez várias analogias sobre tal erro: ele dizia que era como uma pessoa que se debruça sobre o mapa, mas não faz a viagem, ou alguém que lê o rótulo do frasco de remédio, mas não o toma.

Luang Pó e seus contemporâneos expressavam preocupação sobre como o aprendizado baseado em livros tendia a estimular traços especulativos e inquietos nas mentes de seus discípulos, que outros aspectos do treinamento eram projetados para restringir. Mais importante talvez, eles se preocupavam pela forma como os conceitos absorvidos dos textos criavam expectativas nas mentes de seus discípulos que obstruíam, em vez de ajudar, sua meditação. Uma das determinações mais conhecidas de Luang Pó aos novatos era: “Não leia livros. Leia sua mente!”

Talvez você saiba escrever a palavra “cobiça”, mas quando a cobiça surge na sua mente, ela não se parece com a palavra. Raiva é a mesma coisa: você pode tê-la num quadro negro como um arranjo de letras, mas quando a raiva surge na sua mente, você não tem tempo de ler nada — já é tarde demais. Isso é muito importante, extremamente importante. Seu conhecimento é correto — você soletrou a palavra corretamente — mas agora você deve trazer isso para dentro de si. Se você não fizer isso, então não conhecerá a verdade.

Ao alcançar um estado de calma meditativa, ele dizia, a tendência do acadêmico é instintivamente procurar em seu conhecimento dos textos a interpretação daquilo que está experienciando. Esse movimento da mente, para dar nome ou classificar a experiência, faz com que a experiência se dissolva.

Se um estudante das escrituras se agarra fortemente ao seu conhecimento e assim que entra em estados pacíficos gosta de ficar especulando: “O que é isso? Será que já é a primeira absorção?”, então sua mente simplesmente se retira completamente da calma e ele não ganha nada com isso. Por quê? Porque ele quer alguma coisa. No momento em que há desejo de realizar algo, a mente se retira da calma. É por isso que vocês devem jogar fora todos os seus pensamentos e dúvidas e levar apenas o seu corpo, sua fala e sua mente para a prática. Olhe internamente para os estados mentais, mas não arraste as escrituras para lá com você — lá não é lugar para elas. Se você insistir em fazer isso, então tudo irá pelo ralo, pois nada nos livros é igual à experiência. É precisamente por causa desse apego que as pessoas que estudam muito, que têm muito conhecimento, tendem a não ser bem-sucedidas na meditação.

Não é que os monges de floresta rejeitassem completamente os estudos. Eles eram excepcionalmente metódicos em seus estudos do Vinaya, particularmente dos comentários *Pubbāsikkhā*. Na verdade, a importância que eles davam a esse texto é uma das características que define toda a tradição. Muitos monges tinham, além disso, completado o currículo nacional em Dhamma-Vinaya da Sangha tailandesa (*Nak Tam*), antes de se tornarem discípulos de Luang Pu Man (o próprio Luang Pó cai nessa categoria) e então, começaram sua prática na floresta com uma sólida base teórica.

No entanto, a atitude aparentemente desdenhosa da Sangha de floresta quanto aos estudos tendia a deixar os monges acadêmicos de cabelo em pé, muitos deles viam os monges de floresta como dissidentes ignorantes, seguindo suas próprias opiniões, em vez das palavras do Buddha. De fato, uma certa desconfiança entre meditadores e acadêmicos tem sido uma característica da Sangha, desde a época do Buddha. Em um sutta, o Venerável Mahā Cunda encoraja sensatamente os monges de floresta e acadêmicos a apreciarem as qualidades uns dos outros em vez de criticarem suas deficiências¹²². No caso de Wat Pah Pong, a relação com a comunidade acadêmica teve uma significativa mudança para melhor em 1967, quando um proeminente monge acadêmico local, Ajahn Mahā Amón, juntou-se à Sangha e foi um entusiasta nos elogios a Luang Pó.

¹²² AN 6.46

Em um aspecto, a ênfase de Luang Pó na transmissão oral dos ensinamentos, no contexto de uma relação professor-aluno, era um retorno à maneira utilizada no Budismo primitivo. Se havia uma fraqueza em seu estilo improvisado, era que suas palestras do Dhamma, sendo não sistemáticas por definição, não cobriam todo o espectro do Buddha-Dhamma e eram difíceis de lembrar. Sua força estava em fundamentar a teoria do Dhamma (*pariyatti*) firmemente nas vidas dos seus discípulos e na prática deles (*paṭipatti*) para a libertação (*pativedha*). Ele selecionava os ensinamentos que sentia serem de maior benefício, dado o dia, o local e a audiência.

Mas no primeiro ano de Wat Pah Pong, com uma pequena comunidade de apenas sete monges, Luang Pó — sempre o experimentador — ainda não estava decidido sobre o valor do currículo *Nak Tam*. Decidiu ensiná-lo ele mesmo com o intuito de determinar suas vantagens e desvantagens. Foi a primeira vez que assumiu tal papel desde o frustrante retiro das chuvas em Bahn Kó, depois do qual ele embarcou na vida de monge *tudong*.

Ele ministrou o curso por um período de oito horas diárias durante quarenta dias. No inverno, os monges fizeram o exame e todos passaram. Mas aconteceu o que ele temia: os monges acharam difícil integrar a restrição dos sentidos e a unificação mental requerida para desenvolver a prática de meditação com as memorizações e discussões essenciais para os estudos. “Eles esqueceram de si mesmos”, disse de forma simples. Ele viu que os monges estavam negligenciando a meditação. A quantidade de socialização aumentou, junto com a atitude mundana que a acompanha; aumentou a agitação mental e a formação de grupos. A atmosfera serena do mosteiro foi significativamente reduzida. Ele, contudo, fazia questão de apontar que o problema não estava nos estudos em si:

Na verdade, todos os ensinamentos apontam o caminho para praticarmos. Mas tendo começado a estudar, se você ficar preso em conversas e frivolidade, em detrimento de sua meditação andando, então vai começar a querer largar o manto.

“Na verdade”, ele dizia, quando feitos com *sati*, “leitura e memorização são formas de meditação”. Não é que estudar seja um problema por si só, o problema é a falta de diligência e discernimento por parte dos estudantes.

Após suas experiências insatisfatórias no primeiro ano, Luang Pó suspendeu as aulas de *Nak Tam*. Em anos mais tarde, contudo, quando o número de monges cresceu e Luang Pó ficou preocupado pelo pouco conhecimento deles sobre os ensinamentos básicos, cedeu e delegou a um de seus discípulos seniores prover a instrução. Mas os problemas conhecidos começaram a surgir na Sangha, sendo maiores que os ganhos. Eventualmente, Luang Pó adotou permitir que os monges, interessados em perseguir seus estudos, o fizessem sozinhos em seu tempo livre. O mosteiro forneceria os livros didáticos necessários e providenciaria a inscrição oficial dos monges com o comitê nacional de exames, mas todo o resto era deixado para o estudo autodidata. Depois que os exames terminavam, Luang Pó dizia aos monges que guardassem os livros e agora se concentrassem em ler suas próprias mentes. Estudo dos textos (*pariyatti*) era útil, ele dizia, mas não deveria tornar-se um fim em si mesmo. Não havia verdadeiro término para tal estudo. Sem praticar os ensinamentos, monges corriam o risco de se tornarem vaqueiros que nunca beberam leite. Havia outro tipo de estudo, um *pariyatti* interno.

Vocês vão seguir com esse estudo sem fim e sem um objetivo fixo, ou vocês têm um objetivo em mente? Estudar é bom, mas é um *pariyatti* externo. O *pariyatti* interno requer que vocês estudem esses olhos, esses ouvidos, esse nariz, essa língua, esse corpo e essa mente. Esse é o verdadeiro *pariyatti* ... O que acontece quando os olhos fazem contato com formas, os ouvidos ouvem um som, o nariz sente um odor, a língua sente um sabor, o corpo toca um objeto tangível, ou um fenômeno mental surge na mente? Como vocês se sentem? Ainda

existe cobiça? Ainda existe aversão? Vocês estão deludidos por formas, sons, odores, por esses ouvidos, esse nariz, essa língua, esse corpo, essa mente? Esse é o pariyatti interno, e ele tem um fim. Vocês podem se graduar.

TRABALHAR É PRÁTICA DO DHAMMA

Fora do período anual do retiro das chuvas, vários projetos de trabalho eram realizados, a maioria dos quais envolvia a construção ou o reparo dos alojamentos da Sangha. A falta de recursos determinava que a maior parte desses trabalhos fosse realizada por membros da Sangha, mas mesmo em ocasiões em que o trabalho poderia ser contratado, era raro que Luang Pó desse permissão para que isso acontecesse.

Projetos de trabalho davam chances para fortalecer a coesão e a harmonia da comunidade através do esforço coordenado em tarefas que, diferente da meditação, tinham resultados tangíveis e mensuráveis. Trabalhar para o bem comum dava uma sacudida nos monges que estivessem muito preocupados apenas com o seu próprio bem-estar e aumentava a afeição e o senso de pertencimento que os membros da Sangha sentiam pelo mosteiro. Projetos de trabalho eram meios pelos quais os discípulos de Luang Pó eram encorajados a aprofundar o desenvolvimento das qualidades de esforço consistente e resiliência que ele acreditava serem vitais para o progresso na meditação. Certamente, trabalhos manuais várias horas por dia, debaixo de altas temperaturas, umidade sufocante e com apenas uma refeição diária não eram para os fracos de coração.

Projetos de trabalho davam aos monges a oportunidade de praticar *sati* em situações mais fluidas e ofereciam a Luang Pó a oportunidade de monitorar o quão bem os monges podiam manter sua prática fora do salão de Dhamma. A maioria dos monges era acostumada ao duro trabalho físico nos campos de arroz. Nos anos seguintes, quando a comunidade se tornou muito maior, projetos de trabalho proporcionavam formas para que jovens monges e noviços pudessem canalizar qualquer excesso de exuberância em atividades úteis.

Em certos projetos, Luang Pó podia manter os monges trabalhando até tarde da noite, cercados por lâmpões a gás, assediados por insetos. Alguns monges preocupavam-se por sua prática de meditação estar sendo prejudicada. Luang Pó respondia:

Isso é prática. Enquanto você trabalha, olhe para sua mente. Como ela se sente quando peço para que você realize esse tipo de tarefa? Praticar não significa evadir-se das coisas o tempo todo; você tem que sair e enfrentar as impurezas para saber como elas são ... Uma vez que você tenha treinado, então tem que subir no ringue ... No futuro você verá os frutos. Mas por agora, não critique ou elogie, apenas faça o trabalho.

De vez em quando, algum monge contrariado podia ir embora, mas a vasta maioria confiava no julgamento de Luang Pó. Ajahn Liem foi um dos que prosperaram durante esse tipo de prática.

"Durante os projetos de trabalho, Luang Pó enfatizava abrir mão de nosso próprio conforto e desejos pelo benefício de outros. Esse tipo de sacrifício era *dāna*, a doação dos monges. Ela surge no coração generoso que tem consideração pelo bem-estar da comunidade.

"Na verdade, temos bastante tempo, mas quando nos apressamos, o desejo nos faz sentir que estamos com pouco tempo ... Em Wat Pah Pong, não trabalhamos com desejo; trabalhamos com um espírito de autos sacrifício ... Nós mostramos como fazer sacrifícios pelo grupo é uma prática benéfica do Dhamma."

O mais lendário dos projetos de trabalho da Sangha de Wat Pah Pong foram os quatro meses de construção de uma estrada íngreme na densa floresta da colina que leva a Wat Tam Séng Pet, um mosteiro afiliado a aproximadamente oitenta quilômetros ao norte de Wat Pah Pong. Ajahn Anek era um dos participantes.

"O chefe do Departamento de Estradas disse que se Luang Pó tinha realmente decidido ir em frente com o projeto, ele mandaria pessoas para ajudar. Mas depois de dois ou três dias, os homens do Departamento de Estradas já estavam fartos — eles não puderam suportar o *mamuy*¹²³. Eles diziam que aquele nível de trabalho necessitava de um orçamento apropriado; que precisava de explosivos e tratores; que não podia ser feito por aquele número de pessoas. Luang Pó sentou-se ali e não disse nada. No dia seguinte, quando as pessoas do Departamento de Estradas partiram, nós fizemos nossa própria vistoria. Uma vez que decidimos por onde a estrada deveria passar, fomos ao trabalho.

"Quase não havia período de descanso. Começávamos a trabalhar às três da tarde e parávamos às três da manhã. Gastávamos um par de chinelos atrás do outro. O trabalho consistia principalmente em quebrar rochas e carregá-las para onde elas deveriam ser postas. Depois de um tempo, o Departamento de Estradas viu que não iríamos desistir e, de vez em quando, traziam explosivos para a gente, e os aldeões ajudavam a armar as cargas.

"Luang Pó começava a ensinar os leigos depois da refeição e ficava sentado ali até a parte da tarde sem fazer pausas. Todos nós tirávamos um descanso durante o meio do dia e, quando íamos para o trabalho, ele ainda estava ali conversando com os leigos. Às três da tarde, ele começava a trabalhar e fazia todo o turno até às três da manhã. Ninguém era páreo para ele. Quando ele não estava supervisionando, estava juntando o entulho. Era estranho: todos éramos mais novos do que Luang Pó, mas tínhamos que admitir que não éramos páreo para ele. Ele nunca era aquele que sugeria fazer uma pausa. Às três da manhã, ele tirava um pequeno descanso e então, quando amanhecia, era hora de sair em mendicância matinal. Todos estavam exaustos, mas ele nos manteve firmes até que o trabalho estivesse terminado.

"Foi realmente duro. Nós colocamos nossas vidas em jogo. Em um momento, sofri uma hemorragia e hematomas internos. Sentia um aperto no peito, não podia respirar apropriadamente. Acho que foi o começo dos meus problemas cardíacos.

"Tudo tinha que ser bem-feito — rápido e bem-feito. Se qualquer um comesse a fazer piadas ou agir de forma engraçada, Luang Pó não dizia nada, mas imediatamente se afastava. E no dia seguinte haveria uma palestra do Dhamma. Ele diria, 'Aja como um monge. Aja como um praticante do Dhamma'. Qualquer coisa que ele fizesse, ele fazia com total sinceridade. E não importava o quão cansado ou fatigado estivesse, nunca o ouvi reclamar."

No meio da década de 1970, um novo salão de Uposatha foi construído em uma parte elevada do terreno no centro do mosteiro, atrás do salão de Dhamma e adjacente à cabana de Luang Pó. Como sempre, a maioria do trabalho foi feito pela Sangha. Um dia, os monges e noviços carregavam terra até o local onde seria feito o aterro, onde se ergueria a construção, e Luang Pó estava de pé, observando à distância o trabalho, quando um grupo de garotos adolescentes se aproximou dele. Eles não seguiam nenhuma das regras de etiqueta prescritas para tal situação. O líder dos garotos, querendo se mostrar para seus amigos, começou a fazer perguntas atrevidas, culminando com, 'Por que você não diz para os monges meditem? Por que você os faz trabalhar tanto?' Um impassível Luang Pó respondeu:

¹²³ Latim: *mucuna pruriens*. Uma planta que, quando tocada, produz uma severa coceira.

Se eles se sentam muito, eles ficam com prisão de ventre.

Ele levantou sua bengala e apontou-a para o peito do líder da gangue dizendo:

Não é uma questão de meditar sentado ou andando. A meditação deve ser balanceada pelo trabalho pelo benefício dos outros e pelo esforço a cada momento para manter a visão correta e a compreensão. Vá para casa e leia sobre isso. Você ainda está nas fraldas. Se você não sabe nada sobre a prática do Dhamma, fique com a boca fechada sobre isso; de outra forma, você estará apenas fazendo papel de bobo.

TORAMAN

Uma das características distintivas do treinamento desenvolvido em Wat Pah Pong por Luang Pó eram as práticas destinadas a frustrar os desejos dos monges, a fim de encorajá-los a olhar diretamente para as formas como o desejo gera sofrimento e como abrir mão disso leva à paz. A palavra em tailandês para esse tipo de treinamento é *"toraman"*¹²⁴.

Citando as Quatro Nobres Verdades, Luang Pó insistia que o sofrimento cessa não por darmos as costas a ele, mas por entendermos completamente a sua natureza:

Se você não quer sofrer, então não verá o sofrimento. Se você não enxergar o sofrimento, então nunca vai entendê-lo completamente. E se você não entender completamente o sofrimento, não será capaz de removê-lo da sua mente.

**

A razão pela qual não nos libertamos do sofrimento é exatamente porque sempre estamos tentando fugir dele. Se você quer apagar um fogo, você deve jogar água nas chamas. Fugir do sofrimento apenas piora as coisas.

**

Você pode subir em um avião, mas o sofrimento vai lhe acompanhar. Você pode mergulhar no oceano, mas seu sofrimento vai mergulhar junto com você ... Você pode pensar que está escapando dele, mas está se iludindo, pois ele está bem aí na sua mente.

**

Você deve refletir constantemente no Dhamma para estabelecê-lo firmemente em sua mente. Ouse praticar. Viver com amigos ou com um grande grupo deveria ser o mesmo que viver sozinho. Seja destemido. Se os outros querem ser preguiçosos, então isso é problema deles. Ouça aos ensinamentos. Não discuta com o professor, não seja teimoso. Faça o que o professor lhe disser. Não tenha medo de praticar. Você vai se dar bem se fizer isso. Disso, não há dúvida.

O treinamento envolvia Luang Pó exigir que seus discípulos fizessem coisas que não queriam fazer, e não fazer as coisas que queriam. Ele enfatizava que ir contra as tendências naturais não era para ser visto como um objetivo em si mesmo ou como uma prática que inevitavelmente levaria a alguma forma de purificação. A ideia do treinamento era que ele oferecia a oportunidade de observar como o desejo e o apego são frequentemente invisíveis quando seguidos e como provocam tensão e

¹²⁴ No uso do dia a dia, *"toraman"* perdeu o sentido de treinamento e agora se refere simplesmente a torturar ou atormentar.

frustração quando confrontados. Aguentar o desconforto munido de *sati*, e observá-lo de perto, revela a sua natureza impermanente de sofrimento e de não-eu.

A prática tomava várias formas, frequentemente bem mundanas. Em dias de trabalho vigoroso, por exemplo, uma jarra de bebidas doces poderia chegar da cozinha. Em um dia frio de inverno, a bebida seria quente e ocasionalmente Luang Pó permitiria que a jarra fosse colocada debaixo de uma árvore, bem à vista dos monges, sem chamar atenção para ela. Os monges não podiam deixar de notar que, embora àquela altura não estivessem se sentindo cansados ou com sede, eles agora não podiam pensar em mais nada, a não ser em tomar uma bebida quente. Se os monges ficassem preocupados se a bebida esfriaria antes que pudessem tomá-la, eles começariam a sofrer imediatamente. Enquanto estivessem de orelhas em pé, esperando o convite de Luang Pó para parar o trabalho, de forma intolerável, o tempo parecia não passar e eles sofreriam. No momento em que eles desistiam e punham suas mentes no trabalho pensando: “Se tiver uma bebida, tem uma bebida; se não tiver bebida, também está tudo bem”, então o sofrimento cessava.

Toraman é uma estratégia de ensino que demanda que os estudantes tenham grande confiança em seu professor. Se eles ainda tiverem alguma pequena dúvida sobre a sua sabedoria e compaixão, acharão difícil seguir esse caminho de forma consistente. A coragem necessária para lidar com o que é desagradável vem de acreditar no benefício final de fazê-lo. Luang Pó era capaz de comandar essa fé sem dificuldades.

Luang Pó dizia aos monges que, quando fossem colocados em situações desconfortáveis e comesçassem a se sentir oprimidos, era importante reconhecer que aquilo eram as suas impurezas sendo contrariadas, e não eles mesmos. Apenas se eles se recusassem a tomar posse das sensações desprazerosas era que eles se beneficiariam da prática. Durante as refeições, ele dizia que as impurezas queriam a comida quente e rápido; o Dhamma queria a comida fria e devagar. Quando você não tem a comida que você quer, do jeito que você quer, na hora que você quer — como você se sente?

Nas manhãs dos fins de semana, praticantes leigos de Warin e Ubon chegavam com comida para oferecer para a refeição diária da Sangha. A comida tendia a ser mais saborosa do que nos dias comuns da semana e havia um segredo aberto de que vários monges esperavam ansiosamente pelo fim de semana. Em dias que a comida era farta, Luang Pó gostava de se sentar conversando com os doadores depois que a comida tivesse sido distribuída, enquanto seus discípulos estavam sentados — com as tigelas cheias de comida na frente deles — lutando com os sentimentos de inquietação, cobiça e fome. Finalmente, depois de um período de tempo, que para alguns monges parecia excruciantemente longo, mas que na verdade durava apenas cinco ou dez minutos, Luang Pó colocava suas mãos em prece e começava o cântico de bênção “*Yathā varivahā purā ...*”, assinalando o início da refeição. Em alguns dias, ele podia apertar um pouco mais. Era um costume de Luang Pó limpar a garganta antes de começar a liderar a bênção. Essa tosse tornou-se um som aguardado ardentemente. Sabendo disso, Luang Pó ocasionalmente tossia da forma usual, pausava por um momento, e então continuava falando.

Em um verão excepcionalmente quente, a prática de *toraman* envolveu sessões de meditação durante o final da manhã nas quais a Sangha deveria vestir o jogo de mantos completo e sentar-se em uma sala cujas portas e janelas estariam fechadas, com o intuito de produzir um calor e um abafamento quase insuportáveis. Depois de algum tempo, os monges estavam encharcados de suor. Luang Pó, sentado no meio deles, os encorajava:

Vamos lá! Vocês passaram nove meses na barriga de suas mães. Isso não tem nem comparação.

Durante o inverno, a prática era invertida. Luang Pó liderava os monges em sessões de meditação noturna vestindo apenas seus *angsas* leves de algodão e os mantos inferiores, enquanto as janelas ficavam abertas para receber o amargo vento do norte que corta seu caminho através do mosteiro naquela época do ano. Ao menos, os monges confortavam-se a si mesmos, aquilo os mantinha livres de sonolência.

As palestras de Dhamma de Luang Pó são renomadas por sua capacidade de cumprir a prescrição do Buddha de instruir, inspirar, encorajar e alegrar os que as escutavam. Mas nem sempre sua intenção era que as palestras fossem tão animadas. Às vezes, elas cumpriam um papel diferente no treinamento. Frequentemente, Luang Pó falava durante muito tempo (de forma intrincada e repetitiva), simplesmente com o intuito de que sua audiência aprendesse a lidar com o desconforto de se sentar em um piso de concreto por um período longo e indeterminado. Durante o retiro das chuvas de 1980, quando sua saúde já estava em declínio, ele deu um discurso de sete horas. Em um ponto durante a palestra, ele olhou em volta e viu vários monges na sua frente que começavam a se contorcer e disse: “Vocês estão sofrendo? Vocês podem encontrar algum lugar em suas mentes onde vocês não sofram?”

Um desafio específico que essas longas palestras proporcionavam era a duração incerta. Monges não podiam dizer a si mesmos para aguentarem firme por um certo período de tempo — Luang Pó poderia parar depois de duas ou três horas, ou poderia também seguir em frente até que o sino das 3h da manhã tocasse para o despertar. Era uma lição memorável sobre como a percepção de tempo condicionava a habilidade de lidar com o que era desagradável; como abrir mão não era um ideal para ser trabalhado no futuro, mas uma necessidade imediata.

Fisicamente, aquilo era especialmente difícil para os monges ocidentais, já que a etiqueta monástica proíbe que os espectadores de uma palestra de Dhamma se sentem de pernas cruzadas. A única postura permitida em tal ocasião era a *papiap*, a postura “polida” ou “sentada de lado”. Enquanto os monges tailandeses haviam sentado nessa postura por toda a vida, para os ocidentais aquela era uma postura desequilibrada e desconfortável, e certamente não seria a escolhida para uma sessão de sete horas de duração. Mas durante o curso de tão longas palestras, a vantagem que os tailandeses possuíam, dada a familiaridade com a postura, se desvanecia. Eles se juntavam aos ocidentais ao perceberem o surgimento e cessação de uma ampla gama de emoções: interesse, inspiração, indiferença, tédio, sonolência, inquietação, irritação, ressentimento e até mesmo — ocasionalmente — aceitação e alegria.

A política de frustrar os desejos cobria todas as áreas da vida monástica. Se Luang Pó soubesse que alguém queria muito ir a algum lugar, então não o permitiria que fosse. Se soubesse que alguém queria muito ficar, ele bem poderia mandá-lo para longe. Demonstrar cobiça por requisitos era algo que certamente levaria ao pesar.

Um regime de *toraman* não é isento de pontos fracos; ele é limitado pelo seu elitismo inerente. Ele provê os melhores resultados em comunidades pequenas e altamente motivadas. Em um grupo maior e mais variado, os estresses e tensões experienciados por membros menos motivados pode afetar o todo de forma adversa, criando uma atmosfera pesada no mosteiro. Monges jovens podem se forçar demais ou se tornarem competitivos. Somado a isso, um professor conhecido por treinar seus estudantes dessa maneira pode ser tão intimidador aos que veem de fora, que isso pode reduzir seriamente o número de pessoas que queiram ingressar no treinamento.

De maneira ideal, o treinador em *toraman* demonstra que ele mesmo é capaz e deseja fazer tudo o que demanda de seus estudantes. Esse era bem o caso de Luang Pó, que assumia a posição de liderar da frente de batalha, não apenas compartilhando as dificuldades de seus estudantes, mas

superando-os. Contudo, conforme Luang Pó ficou mais velho e sua saúde declinou, ele relaxou várias dessas práticas. É discutível em que nível essa mudança foi influenciada pelo enfraquecimento de sua força física e em que nível era uma resposta a uma Sangha maior que carecia da intensidade dos primeiros anos. Qualquer que tenha sido o caso, o princípio subjacente permanecia constante:

A prática significa ir contra a corrente — contra a corrente de nossa atividade mental, contra a corrente das impurezas. Ir contra uma corrente é sempre difícil. É difícil remar um barco contra a corrente e, por conta do fluxo de nossas impurezas, é difícil fazer o bem. Nós não queremos ir contra a corrente, não queremos dificuldades, não queremos ter que suportar. Na maioria das vezes, queremos apenas seguir o fluxo de nosso estado de espírito, como a água que segue seu curso natural. Isso pode ser confortável, mas não é a forma de praticar. A prática é caracterizada por ir contra a corrente, ir contra as impurezas e os velhos hábitos mentais. Exige supressão com *sati*, aumentando a nossa resiliência.

Muitas das exortações mais vibrantes de Luang Pó tinham a ver com a luta contra as impurezas. Uma vez ele deu uma regra prática simples: qualquer monge que não tivesse derramado lágrimas de frustração, pelo menos três vezes em sua prática, não vinha colocando esforço suficiente. “Não siga os desejos da mente!” era um refrão constante. “Treine isso. Essa prática significa colocar a sua vida em jogo.” Seus discípulos deveriam superar os obstáculos, reconhecer sua falta de substância e perceber que eles eram tigres de papel. “Se você estiver com sono e quiser dormir — não durma! Depois que você vencer a sonolência, então você pode ir dormir.” Em uma ocasião, ele estimulou a Sangha na batalha contra as impurezas que poderia ocorrer entre a mendicância matinal e a refeição diária:

Às vezes você volta da mendicância matinal e está lá sentado em meditação antes da refeição, mas você não consegue. Sua mente está como um cachorro louco, babando de desejo por comida, e não contempla absolutamente nada. Ou então a contemplação não é páreo para a cobiça, e aí você apenas segue a cobiça — e as coisas realmente vão ladeira abaixo. Se sua mente não lhe escuta e se recusa a ser paciente, então empurre sua tigela para longe. Não a deixe comer. Treine a sua mente. Atormente suas impurezas. Não as siga. Empurre a sua tigela e saia dali. Se existe tanto desejo por comer e se sua mente não lhe escuta, então não coma. A saliva vai secar quando ela perceber que não vai ter nenhuma comida. Ela terá aprendido a lição e no futuro não vai lhe perturbar. Ela terá medo de ficar sem comer. Ficará em silêncio. Tente fazer isso. Se você não acredita em mim, então veja por si mesmo.

Ele falava muito sobre coragem, sobre ousar ir contra as impurezas e sobre como era a fé que nos levava para além das sensações de medo da fome, da dor e da morte. Ele apontava como o medo de sofrer prejudica a mente e como refletir no que é realmente essencial para a vida pode vencer isso:

Reflita sobre o que é o mais importante na vida. O que é isso — a coisa mais importante? É a coisa cuja ausência lhe faz morrer. Isso é o que é importante ... E tudo o que você realmente necessita para se manter vivo é arroz puro e água. Todo o resto é bônus. Enquanto você tiver uma quantidade suficiente de arroz e água para se alimentar diariamente, você não vai morrer. Seja frugal. Quando faltar algo que você queira, então pergunte a si mesmo se a falta daquilo vai lhe matar. Peguem arroz e água suficientes para lhes dar força para praticar. Não se preocupem se vocês terão algo além de arroz e água; o importante é que vocês tenham o suficiente dessas duas coisas para seguirem vivos. E não precisa ter medo de passar sem eles. A mendicância matinal, mesmo nos vilarejos mais pobres, vai fornecer ao monge um punhado de arroz grudento.

Se começa a garoar enquanto vocês estão praticando meditação andando, então pensem nas vezes em que trabalhavam no campo, suas calças de trabalho ainda não haviam secado do dia anterior e a primeira coisa que vocês tinham que fazer pela manhã era vesti-las ainda úmidas, descer e colocar o búfalo d'água para fora do curral, abaixo de casa. De fora, tudo o que você vê é o pescoço dele, mas então quando pega a corda, percebe que ela está coberta de cocô, e então o búfalo balança o rabo e respinga ainda mais daquilo em você. Enquanto se encaminha para os campos, o mau cheiro do seu pé começa a lhe irritar e você pensa: "Por que a vida tem tanto sofrimento? Por que tudo é tão difícil?" Pense nisso e se pergunte qual é o grande problema em meditar andando debaixo de chuva. Trabalhar nos campos de arroz envolve muito mais sofrimento e você lidava com aquilo. Por que você não pode fazer isso?

Você tem que ousar fazer isso, ousar praticar. Se você nunca esteve em um crematório de floresta, então você deve treinar a si mesmo para ir. Se você não conseguir fazer isso à noite, então vá durante o dia. Vá na parte da tarde, vá frequentemente, e depois de um tempo você será capaz de ir quando anoitecer.

Ao ir contra a corrente, monges podiam descobrir por si mesmos que os medos e limitações que os amarravam não eram coisas fixas e inalteráveis, mas meros resultados de hábitos que eles tinham capacidade de vencer.

Luang Pó era categórico sobre aqueles que apenas colocavam esforço no que gostavam e evitavam o que não gostavam ou tinham medo. Eles estavam se iludindo se pensavam que eram praticantes do Dhamma. Não importa por quanto tempo os monges estivessem nos mantos: "se vocês ainda estão seguindo seus gostos e desgostos, vocês ainda não começaram a praticar." Não havia outra alternativa que não fosse o comprometimento total.

Se você está realmente praticando, então, para colocar de maneira simples, isso é a sua vida, toda a sua vida. Se você for realmente sincero, então por que vai se interessar se alguém tem algo que você não tem, ou se eles estão querendo ter uma disputa com você? Não existe nada disso em sua mente. As ações de outras pessoas são problemas delas. Se a prática de outras pessoas está em um nível alto ou baixo, você não deve dar atenção para essas coisas. Preste atenção em seus próprios assuntos. Quando você tem essa atitude, então encontra coragem para praticar. E através da prática, vão surgir a sabedoria e um profundo conhecimento.

Se sua prática está nos trilhos, quando você está realmente praticando, então é dia e noite. De noite você alterna meditação sentada e meditação andando, ao menos duas ou três vezes. Ande e depois sente. Sente e depois ande. Você não se sente cansado, você está se divertindo.

Os discursos se intercalavam entre as descrições de um monge que pratica bem e apontar o quão longe seus estudantes estavam daquele nível, quanto trabalho eles ainda tinham por fazer. Ele fazia uma analogia para os estudantes que ainda estivessem seguindo seus gostos e desgostos e não encarando os desafios:

É como se o seu telhado tivesse uma goteira aqui, e você vai e dorme do outro lado; e então começa a gotejar do outro lado e você se muda para um outro lugar da casa e passa seu tempo lamentando: "Quando é que eu vou ter um bom lugar para viver?" Se o telhado comesse a ter muitas goteiras, você provavelmente apenas se mudaria para fora. Essa não é a forma de praticar. Se você segue as suas impurezas, as coisas ficam bem piores. Quanto mais você as segue, mais sua prática declina.

E então vinha o encorajamento:

Mas se você vai contra a corrente, e segue praticando, eventualmente vai ficar maravilhado pelo apetite incrível da sua mente em praticar. Nesse estágio, você fica completamente desinteressado se outras pessoas estão praticando ou não — você apenas trabalha constantemente em sua própria prática. Se outras pessoas vêm ou vão, você apenas segue fazendo o seu trabalho. É esse olhar para si mesmo que é a prática. Uma vez que você esteja fluente, então não haverá nada na sua mente, exceto o Dhamma.

Em qualquer área que você ainda não consiga fazer isso, onde quer que você ainda tenha um obstáculo, a mente vai ficar rodeando aquele ponto. Ela não vai desistir até que o problema tenha sido eliminado. E quando o problema tiver sido resolvido, então a mente vai se agarrar em algum outro lugar. E então você trabalha com aquilo e não desiste até que você tenha resolvido o problema também, pois não haverá um verdadeiro senso de tranquilidade até que essas coisas também estejam resolvidas. Suas reflexões devem ser firmemente focadas no problema que esteja à mão, esteja você andando ou sentado.

O problema que o meditador encara agora se torna algo que absorve tudo. Ele sente o peso de um assunto não resolvido ou de uma responsabilidade em andamento. Luang Pó dizia que parecia com se sentir um pai:

Você deixa a criança brincando sozinha no andar de cima enquanto vai alimentar os porcos. Enquanto está fazendo aquilo, você está temeroso o tempo todo de que a criança possa cair da varanda. É a mesma coisa com a nossa prática. O que quer que estejamos fazendo, não nos esquecemos de nosso objeto de meditação por nenhum momento. Assim que ficamos distraídos, ele imediatamente vem à mente. Mantemo-nos seguindo-o noite e dia, não nos esquecendo dele em nenhum momento. A prática deve alcançar esse nível para ser bem-sucedida. Não é uma tarefa fácil.

Conforme o praticante progride, ele ganha um impulso. Existe menos necessidade do professor:

Para começar, é necessário depender do professor e de seus conselhos. Quando você entende, então coloca aquilo em prática. Cabe a você fazer o trabalho sozinho. Se você for negligente em qualquer área ou se algo ruim surgir, então você saberá por si mesmo. Haverá o “conhecer”, isso será “paccattam”. A mente saberá naturalmente se existe uma falta grande ou pequena. Ela tentará observar exatamente onde está a falta, tentará fazer a sua prática.

DELEITE NO DHAMMA

Era considerado normal, e não algo necessariamente ruim por si mesmo, que monges colocando esforço para vencer as impurezas, ficassem tensos às vezes ou se sentissem frustrados. Luang Pó dizia que se monges não sentissem nenhuma resistência interna em suas práticas, então, provavelmente, não estavam fazendo o suficiente para se oporem aos velhos hábitos. A despeito disso, ele ficava de olho na comunidade para quaisquer sinais de monges que estivessem se tornando obsessivos ou deprimidos. Se sentisse que a atmosfera estava muito intensa, ele convidava a Sangha para ir à sua cabana para um encontro informal. Nessas noites, a atmosfera era calorosa e íntima. Ele frequentemente falava de contos dos velhos tempos ou contava histórias de ensinamentos que fossem divertidas e inspiradoras. Não importava o quanto durassem essas sessões

— e, mesmo que elas fossem além da meia-noite, esperava-se que todos estivessem participando da sessão matinal das 3h da manhã — ninguém queria sair dali. Um monge resumiu:

"Ao sair da cabana de Luang Pó um dia, pensei, 'Essas são noites das quais vou me lembrar quando estiver velho.' "

Luang Pó tinha um poço sem fundo de histórias. Somada a uma vida inteira de experiência com monges e suas falhas, ele também sabia como adaptar os contos populares locais e outras histórias engraçadas com o propósito de ensinar. Grande parte do prazer que essas histórias proporcionam depende da familiaridade com a cultura que elas refletem e, muitas vezes, perdem muito com a tradução. Mas o conto do *plachon* fornece um pouco do seu sabor:

Ajahn Tongjan ouviu Luang Pó contar essa história em uma época que vários monges mais jovens tinham “sido picados pelo bichinho de querer ensinar”. Era um fenômeno comum entre monges cuja prática de meditação estivesse começando a progredir. Munidos com um vocabulário capturado das palestras de Dhamma de Luang Pó, esses monges — “pegando fogo” com tanto conhecimento — tendiam a fazer de si mesmos um incômodo, ao compartilhar seus insights de forma detalhada com qualquer um que os escutasse, ou que não pudesse escapar deles. A história que Luang Pó contou tinha a ver com pescaria, um assunto familiar a todos os monges, e era sobre o “plachon”, ou “peixe-cabeça de cobra”, considerado por muitos como parecido com o pênis humano. Ajahn Tongjan recontava a história conforme se lembrava de Luang Pó contando-a:

Havia um casal recém-casado que, seguindo a antiga tradição, morava na casa da família da esposa. O jovem esposo estava constantemente buscando maneiras de impressionar os seus sogros: ele queria que eles vissem quão capaz era o genro que haviam conseguido, como ele era um trabalhador esforçado, o quão bom era em ganhar a vida.

Todas as noites, o jovem rapaz acompanhava o seu sogro para um riacho que ficava ali perto onde eles podiam preparar uma armadilha para peixes-gato — uma cesta de bambu usando uma pedra como peso em cima, contendo um pedaço de um cupinzeiro, cheio de cupins, como isca. De manhã cedo, o jovem ia checar o que tinha conseguido capturar.

Naquela época, as pessoas eram bem pobres, era difícil conseguir pano para roupas e o jovem não tinha cuecas. Depois que tirava suas calças na margem do rio, ele descia pelado na água. Em um dia específico, ele viu que a armadilha estava repleta dos lucrativos peixes-gato debatendo-se vorazmente, e sem nenhum peixe “plamor” ou “plachon” que tinham um valor mais baixo. Tinha sido uma pescaria muito boa. O jovem rapaz estava tão entusiasmado com seu sucesso que se esqueceu de colocar as calças antes de correr de volta para casa com o cesto cheio de peixes, ansioso pelos elogios que achou que certamente receberia. Ele subiu as escadas para a casa ainda maravilhado consigo mesmo, “nada além de peixe-gato!”, e apressou-se em encontrar a esposa, que estava lavando grãos de arroz. Ao ouvir a voz dele, ela virou-se apenas para vê-lo pelado na frente dela dizendo: “nada além de peixe gato”. Ela disse, apontando para a virilha dele: “Então de onde veio esse 'plachon'?” Suas palavras quebraram o encanto e o jovem rapaz, percebendo que estava pelado, ficou completamente vermelho de vergonha antes de sair correndo de volta para o riacho para buscar suas calças.

Luang Pó disse aos jovens monges que, tentar se exhibir sobre sua prática, esquecendo-se de suas faltas embaraçosas, visíveis a todos, os deixavam iguais ao jovem rapaz que, de tão afoito que estava para impressionar a família, não percebeu que estava mostrando seu *plachon*.

GOVERNANÇA DA SANGHA

A Sangha é estruturada hierarquicamente com a senioridade determinada pelo período de tempo passado como monge, medido pelos retiros das chuvas anuais (um monge com dez anos de ordenação, por exemplo, é referido como um monge com “dez chuvas”). Os ensinamentos do Buddha sobre as qualidades que líderes de comunidades deveriam possuir tendem a focar em valores morais e espirituais. Existem poucas discussões detalhadas sobre o exercício do poder. Contudo, os textos do Vinaya deixam claro que a unanimidade deveria ser buscada em decisões comunitárias sobre assuntos polêmicos. Por outro lado, a vontade da maioria deveria ser o guia para assuntos menores, onde sentimentos exacerbados não estão em jogo, e um voto não vai alienar a minoria e afetar a harmonia da Sangha.

Conforme o Budismo evoluiu na Tailândia, ele se tornou mais institucionalizado, e o modelo dominante de governança de comunidades monásticas que emergiu foi o de uma benevolente ditadura temperada pelos freios e contrapesos incrustados no Vinaya. Esse desenvolvimento foi condicionado por vários fatores, inclusive pelas leis do país, que colocaram vários poderes legais nas mãos de abades cujas indicações deveriam ser reconhecidas pelo Estado.

Como muitos daqueles que se integravam a um mosteiro de floresta o faziam por fé no abade e por uma vontade de se submeterem ao seu julgamento quando o assunto fosse o treinamento, um sistema no qual o poder reside primordialmente nele não gerava controvérsias. O paternalismo do sistema pode ser rastreado até a declaração do Buddha de que a relação entre o professor ou preceptor com seus estudantes deveria tomar como modelo a relação entre pai e filho. A integridade do sistema é dependente do fato de que ser um membro da Sangha é algo completamente voluntário e nenhuma barreira é colocada no caminho daqueles que queiram deixá-la. Isso, combinado com a demanda para os líderes de manterem todas as regras de treinamento do Vinaya, sem exceções, significa que o alcance para abuso de poder é severamente limitado.

O estilo de liderança de Luang Pó estava amplamente em conformidade com o modelo de um ditador benevolente. Contudo, a sua ênfase em criar uma instituição duradoura que não fosse extremamente amarrada nele, e que pudesse sobreviver e prosperar independente dele, levaram-no a modificá-la de formas significativas. Luang Pó tomou quase todas as decisões mais importantes sozinho, mas fazia questão de ouvir os pontos de vista de seus discípulos e os encorajava a expressarem suas opiniões de forma apropriada e em local e hora apropriados. Ajahn Suriyon recordava:

"Antes de mais nada, ele determinava um plano ou princípio básico e então pedia as opiniões da Sangha; se fosse apropriado, ele também consultava os leigos. Em alguns casos, sua ideia poderia ter algum ponto fraco e ele podia modificá-la. Frequentemente suas ideias eram boas, mas ao escutar os pontos de vista dos demais, ele sabia qual era o sentimento geral e lidaria com quaisquer preocupações que pudessem existir."

Luang Pó era uma figura intimidadora pela força de sua posição, por sua personalidade, por seu carisma e pela crença que quase todos compartilhavam de que ele era um ser iluminado. Não havia dúvidas de que ele possuía uma autoridade natural para exercer sua vontade sem consultar os outros. Mas ele escolheu dar aos discípulos a percepção de que os escutava e de que podia ser flexível quando confrontado com argumentos inteligentes. O sistema funcionava bem pois, em última instância, a confiança dos monges em seu julgamento era tal, que eles eram capazes de aceitar suas decisões mesmo que nem sempre concordassem com elas.

Havia várias ocasiões nas quais Luang Pó fez uso dos encontros formais da Sangha para lidar de forma hábil com questões da comunidade. A decisão sobre se deveriam permitir ou não que um

monge de outra tradição participasse da recitação do *Pāṭimokkha*, mencionada anteriormente, é um exemplo. Outra ocasião, onde ele se viu em desacordo com a maior parte da Sangha, ocorreu quando um apoiador leigo pediu permissão para oferecer um veículo ao mosteiro. Luang Pó disse ao pretenso doador que, antes de lhe dar uma resposta, deveria consultar a Sangha. Na reunião formal seguinte da comunidade, ele angariou opiniões sobre o assunto. Assumindo que o resultado se tornaria um precedente, aqueles que foram chamados a opinar abertamente estavam entusiasmados; um veículo do mosteiro poderia ser usado quando Luang Pó fosse visitar os mosteiros afiliados; poderia ser usado em casos de emergências médicas; havia muitas formas pelas quais ele poderia ser útil. Quando chegou a hora de ele apresentar seu ponto de vista, contudo, Luang Pó surpreendeu toda a assembleia ao anunciar que se opunha à doação e então passou a rebater, um por um, os argumentos que tinham sido previamente colocados como favoráveis a ela. O impacto emocional de suas palavras foi enorme.

Pessoalmente, tenho uma visão diferente de todos vocês sobre isso. Da forma como eu vejo, como monges, como samanas — em outras palavras, homens da paz — deveríamos estar satisfeitos e com poucos desejos. Nas manhãs, carregamos nossas tigelas em mendicância matinal e recebemos comida dos aldeões para mantermos nossos corpos. A maioria dos aldeões é pobre. Se vivemos da comida que eles nos oferecem, e nós temos um veículo e eles não — pensem nisso — como isso iria parecer?

Deveríamos estar cientes de nosso status como discípulos do Buddha. Dado que o Buddha nunca teve um veículo, digo que é melhor que nós tampouco tenhamos. Se monges começam a aceitar veículos, então mais cedo ou mais tarde, haverá notícias sobre esse veículo do mosteiro capotando e atropelando alguém. Isso será uma grande confusão. E essas coisas são um verdadeiro fardo para cuidar.

Antigamente, monges tinham que caminhar para todos os lugares. Nos velhos tempos, se você saía em *tudong*, você nunca pegava uma carona em carros como hoje em dia. Se você saía em *tudong*, então era realmente um *tudong*: montanhas acima e vales abaixo — você caminhava por todos os lugares. Você caminhava até que seus pés estivessem cobertos de bolhas. Mas hoje em dia, as pessoas dizem que vão sair em *tudong* e elas vão de carro. Elas vão rodar por regiões diferentes, dirigem bem através das florestas [literalmente: elas “*taludong*”]. Não importa que não tenhamos um veículo. O que realmente importa é que vocês pratiquem bem. Então quando os seres celestiais (devas) virem vocês, eles se encherão de fé e inspiração. É por isso que não aceitarei esse veículo que querem oferecer. Será ainda mais conveniente; vocês não precisarão se cansar lavando-o e enxugando-o. Por favor, lembrem-se disso: não se permitam ser levados pelo desejo por conveniência e facilidade.

Depois da reunião, um monge sênior disse com um sorriso pesaroso em seu rosto: “Foi como se colocássemos alvos em nossos peitos para o pelotão de fuzilamento”.

Um ano, quando vários monges temporários estavam passando o retiro das chuvas no mosteiro, ocorreu um furto. Questionamentos e apelos para que o objeto furtado fosse devolvido mostraram-se infrutíferos. Finalmente Luang Pó anunciou que eles teriam que fazer uso de um método antigo no qual, um por um, cada membro da comunidade faria um voto solene de sua inocência, clamando para que eles mesmos e suas famílias fossem amaldiçoados por sete gerações se estivessem mentindo.

Depois que deixou que aquilo se assentasse por um momento, Luang Pó anunciou que, antes de tomar um passo tão drástico, daria ao culpado uma última chance. Todos tiveram que voltar às suas cabanas, fazer um pequeno fardo e então, ao retornarem ao salão de Dhamma no escuro, depositá-

lo em uma pilha no meio do piso. Quando todos os fardos foram depositados e os monges estavam sentados em seus lugares, lanternas foram acesas e os fardos foram examinados. O artigo perdido foi descoberto no meio da pilha.

Disputas entre membros da Sangha eram pouco frequentes, mas não inexistentes. Quando as partes em questão estivessem reunidas na cabana dele, Luang Pó recusava-se a aceitar que qualquer parte estivesse completamente certa ou completamente errada. Ele diria que ambos tinham contribuído para a disputa de uma forma ou de outra, e ambos eram culpados. Ajahn Suriyon estava presente no que talvez tenha sido o mais extremo incidente já ocorrido.

"Havia uma disputa no ano em que cheguei. Ela chegou ao ponto de um monge perseguir o outro com uma faca na mão. Luang Pó não demonstrou qualquer sinal de medo ou hesitação. Ele falou de seu assento com uma voz muito normal. O monge voltou, colocou a faca no chão e começou a chorar ... No geral, havia muito poucos problemas. Talvez fosse a força do Dhamma, da virtude e da bondade que Luang Pó havia acumulado. Mesmo que houvesse incidentes esporádicos, não houve consequências nocivas, nunca houve qualquer perigo. Quando Luang Pó falava, então seria o final daquilo; as pessoas podiam abandonar suas inimizades. Ele nunca nos permitia trazer à tona problemas antigos."

O incidente da faca e a resposta de Luang Pó foram uma exceção. Sempre foi entendido claramente por todos em Wat Pah Pong que violência física era algo completamente inaceitável. Contudo um dia, muitos anos depois, os monges saindo do salão de Dhamma, depois da sessão de práticas noturnas, depararam-se com dois noviços adolescentes no meio de uma briga, golpeando um ao outro com suas lanternas. No dia seguinte, depois da recitação de cânticos noturna, a Sangha estava reunida na cabana de Luang Pó. Ajahn Supon era um dos monges presentes.

"Depois que Luang Pó nos instruiu em vários assuntos, ele pediu aos dois noviços que fossem à frente e então os questionou sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Depois de examiná-los, disse que em vinte e cinco anos, desde que havia estabelecido o mosteiro, aquela era a primeira vez que havia ocorrido uma briga entre noviços. Ele explicou de forma concisa porque aquilo era algo tão ruim de acontecer, e então fez um anúncio à Sangha."

Considerando, não vejo nenhum benefício em permitir que esses dois noviços sigam vivendo aqui. Embora um deles tenha se tornado um noviço recentemente e suas atitudes sejam mais perdoáveis, esse outro está aqui já faz dois anos e não apenas segue incapaz de ser um bom exemplo aos demais, como também se comportou de maneira inaceitável. Não vejo razão nenhuma para que os dois continuem aqui. Qual é a opinião da Sangha?

Depois que Luang Pó falou daquela maneira, ninguém ousou dizer nada. Se qualquer um tivesse levantado boas razões para permitir que eles permanecessem, talvez tivesse acontecido algum resultado diferente — mas houve silêncio. Luang Pó finalmente pediu a Ajahn Virapon para dar uma resposta em nome da Sangha. Ajahn Virapon disse que concordava com Luang Pó. A princípio, Luang Pó ameaçou fazer com que os noviços largassem o manto ali mesmo e então fossem para casa apenas com seus panos de banho, mas no final, permitiu que ficassem até a manhã seguinte.

Quando outra briga aconteceu entre dois jovens monges no ano seguinte, Luang Pó foi mais categórico:

Vão embora! Se vocês vão agir dessa maneira, vocês não podem ficar aqui. Saiam! Vocês não podem viver comigo. Encontrem um par de calças.

Esse foi o último de tais incidentes.

DELEGAÇÃO

Um importante elemento dos esforços de Luang Pó em criar uma Sangha forte foi a sua política de delegar autoridade. Nos textos do Vinaya, a atribuição de “oficiais da Sangha” requer que uma curta cerimônia seja realizada em uma reunião formal da Sangha; em Wat Pah Pong, isso era um pouco mais relaxado. Luang Pó simplesmente anunciava que estava apontando tal e tal monge para assumir alguma responsabilidade específica: para atuar como secretário do mosteiro ou responsável pelo estoque; para cuidar do estoque de tecidos; para assumir a responsabilidade de distribuir os alojamentos; ou, em anos posteriores, para cuidar das instalações elétricas. Monges eram escolhidos com base em sua competência para realizar as tarefas específicas e eram aconselhados a atuar em seus deveres com diligência e imparcialidade, livres de vieses provocados por cobiça, aversão, delusão e medo.

Conforme os monges tornavam-se mais seniores, Luang Pó requeria que eles dessem palestras do Dhamma e enviou vários dos discípulos nos quais confiava para estabelecerem mosteiros afiliados. Em 1979 e 1981, ele passou o retiro das chuvas em outros locais, em parte com o intuito de dar ao seu sucessor designado, Ajahn Liem, e a outros monges seniores, mais experiência em tocar Wat Pah Pong em sua ausência. Esse provou ser um movimento clarividente, já que permitiu que o mosteiro se adaptasse surpreendentemente bem quando Luang Pó ficou seriamente doente e incapaz de continuar como abade do final de 1981 em diante.

Luang Pó procurava encorajar seus discípulos a contribuir para o bem-estar da comunidade em qualquer forma que pudessem. Todos tinham algo que podiam oferecer.

É como as árvores de Wat Pah Pong. Cada uma delas traz um benefício diferente: as árvores pequenas, as árvores grandes, as curtas, as longas e as retorcidas. Todos são úteis se soubermos como selecionar a pessoa certa para o trabalho que tenhamos à mão.

Luang Pó frequentemente comentava sobre como outros mosteiros de floresta declinaram drasticamente depois da morte de seus abades. Isso era sempre um perigo quando a lealdade e a devoção dos monges focavam quase exclusivamente o professor, enquanto a promoção de um senso de comunidade e a lealdade ao mosteiro eram negligenciados. Luang Pó não queria que isso acontecesse em Wat Pah Pong. Delegar responsabilidades aos monges lhes dava experiência, autoconfiança e, acima de tudo, senso de participação e pertencimento.

Luang Pó falava frequentemente do respeito pela Sangha, e como o bem-estar desta precisava sempre preceder o bem-estar do indivíduo. Contudo, quando sentia que a Sangha havia passado por cima de sua autoridade ou se comportado de maneira não sábia, ele dava uma advertência. Uma ocasião dessas ocorreu quando a inquietação sentida por vários dos membros da Sangha com o comportamento de um dos monges seniores alcançou seu ponto máximo.

O monge em questão era uma das figuras mais excêntricas de Wat Pah Pong. Ele era conhecido pelo amor em entoar cânticos e pela personalidade extrovertida, borbulhante e, às vezes, levemente maníaca. Seu comportamento, especialmente com relação aos apoiadores leigos, era considerado por muitos monges como inapropriado e indecoroso. As questões vieram à tona quando, na ausência de Luang Pó, a Sangha realizou uma reunião para discutir o comportamento desse monge e, depois de uma votação, decidiram que ele deveria ser censurado formalmente. O monge aceitou a decisão da Sangha de forma elegante, mas ficou profundamente magoado. Ele insistia que não tinha más intenções; era apenas que, de vez em quando, ele perdia a noção de si mesmo. Todos aguardaram o retorno de Luang Pó e sua decisão sobre como proceder.

Na noite de seu retorno, a Sangha juntou-se debaixo da cabana de Luang Pó. Ele ouviu em silêncio o relato da reunião da Sangha. Então, sem fazer qualquer pergunta e sem ouvir o monge acusado dar a sua versão da história, começou a dar uma palestra do Dhamma.

Ele falou sobre como os traços de personalidade variavam. Mesmo os grandes arahants tinham diferentes hábitos e personalidades — resultado do kamma que eles haviam criado no passado — que estavam desconectados das impurezas e persistiam depois da iluminação. Ele mencionou o venerável Sāriputta, que tinha sido um macaco por várias vidas anteriores e, como resultado, de vez em quando agia de forma excêntrica, quase como um macaco — mais popularmente ao ocasionalmente pular sobre poças.

Diferenças de personalidade também poderiam ser vistas entre aqueles que ainda estavam lutando para limpar suas mentes das impurezas. Havia aqueles com um temperamento predominantemente inclinado à sensualidade, aqueles com uma mentalidade negativa, que apontavam para as faltas dos outros e aqueles com uma disposição lenta e maçante. Havia aqueles dados a pensamentos e preocupações, aqueles com um temperamento devoto e aqueles com uma disposição naturalmente inteligente.

As diferenças entre esses tipos de caracteres são superficiais. Em última instância, eles são todos iguais: eles são todos igualmente impermanentes, insatisfatórios e sem um eu, todos efêmeros. Como um limão, uma pimenta, uma cana de açúcar e um *borapet*. Todas essas coisas nascem da terra, mas seu sabor é diferente. O limão tem um sabor azedo, a pimenta é ardida, a cana de açúcar é doce e o *borapet* é amargo. A unidade está no fato de que, uma vez que eles nascem da terra, todos têm que morrer.

O professor de Luang Pó, Luang Pu Tongrat, era reconhecido como um monge de altas realizações, mas nunca foi uma figura muito amada. Ele podia ser rude, agressivo e agir de maneira excêntrica. Muitas pessoas achavam que ele era louco.

Em uma ocasião, os aldeões — não sei se eles fizeram aquilo de propósito, com o intuito de provocá-lo, ou o quê — colocaram um peixe vivo em sua tigela. Eles tinham acabado de pescar e ele ainda estava atado a uma linha de juta. Ele o recebeu em sua tigela e então o levou para um riacho e o libertou. Ele disse ao peixe: “Bem, foi melhor, meu filho, do que se eles tivessem matado você.” Quando ele faleceu, sua única posse era uma navalha; ele não tinha mais nenhuma posse. Em seu funeral, um forte vento bateu, caiu chuva por apenas um momento e então parou — apenas o suficiente para ver que aquilo era um milagre.

A razão pela qual eu conto histórias como essa é para que vocês vejam que, às vezes, as estranhezas não são tão estranhas assim, é tudo normal.

Luang Pó advertiu a Sangha por fazer muito estardalhaço por um assunto pequeno. Seus esforços deveriam ser canalizados para desenvolver o caminho da prática, e não para procurar faltas uns nos outros. Sempre haveria monges cujo comportamento não era particularmente inspirador.

Não deixem que os sentimentos de satisfação e insatisfação sejam seu critério. Se vocês fizerem isso, estarão elevando seus humores acima do Dhamma. Qualquer coisa que vocês façam, vocês devem ser circunspectos e usar suas faculdades de sabedoria. Algumas coisas serão muito pequenas, outras muito grandes, algumas serão do seu gosto e outras não, mas se o assunto não envolve transgressão do Vinaya, então vocês deveriam ser capazes de abrir mão dele.

Monges não deveriam perder seu tempo em disputas sem sentido.

É como dois monges que começaram a discutir sobre quando o sol está mais perto da Terra. Um disse que é de manhã, pois é quando ele está maior. Outro disse que é ao meio-dia, pois é quando está mais quente. Eles foram pedir ao professor para dar um veredito. Ele disse: “Vão e comam seu almoço”.

IV. UM TREINAMENTO REDONDO

ESFORÇO

Uma das fundações da prática budista é a convicção de que o esforço com um propósito é importante. O Buddha rejeitou as crenças de que a vida humana é determinada pela vontade divina, pelo destino ou aleatória. Ele proclamou que os seres humanos criavam suas próprias vidas e seu próprio ambiente pelas qualidades de suas ações através do corpo, da fala e da mente. Os ensinamentos de Luang Pó expressavam essa “visão correta” recorrentemente. Monges tinham que assumir responsabilidade por suas vidas através de seus próprios esforços consistentes. Todos eles tinham o potencial para a libertação dentro deles. A pergunta era se eles tinham a determinação e a capacidade de aguentar necessárias para realizar esse potencial.

Não fique apenas sentado aí esperando que Nibbāna venha até você. Você já viu alguém ser bem-sucedido dessa forma? Onde quer que você veja que está errado, então solucione isso rapidamente. Se você fez algo da forma incorreta, então o faça novamente da forma apropriada. Reflita sobre a experiência.

Não havia alternativa ao trabalho duro.

Algumas pessoas se tornam monges pensando que poderão ficar numa boa e aproveitar a vida. Mas se você nunca aprendeu a ler, você não pode simplesmente pegar um livro e começar a ler...

Algumas pessoas vêm aqui para se tornarem monges com o intuito de encontrar a felicidade. Mas de onde surge a felicidade? Qual é a sua causa? As dificuldades devem vir primeiro. Você não tem que trabalhar antes de ter o dinheiro para comprar comida? Arar a terra antes de ter arroz para comer? Dificuldades precedem a felicidade.

Uma frase em particular, os monges ouviram várias vezes ao longo dos anos:

Comer pouco, dormir pouco, falar pouco: essas são as ações do praticante. Comer muito, dormir muito, falar muito: essas são as ações do tolo.

PAṬIPADĀ

Monges frequentemente tomam observâncias especiais com o intuito de sair da rotina ou com a esperança de acelerar a sua prática. No mínimo, ao fazerem isso eles exercitam os poderes da diligência, vigor e renúncia, todos esses, qualidades importantes para que monges cultivem. Contudo, Luang Pó lembrava a esses discípulos propensos a colocarem sua fé em ascetismos radicais, mas insustentáveis, para que observassem de perto qual era a intenção ao adotarem tais práticas. Um curto período de esforço heroico seguido de um longo período de recuperação preguiçosa não era, ele insistia, uma estratégia sábia ou efetiva para lidar com as impurezas. O desejo por resultados

infectava muito facilmente uma mente estabelecida dessa forma. Para ele, a chave do sucesso era *paṭipadā*: uma prática estável, contínua e consistente¹²⁵ — a tartaruga em vez da lebre.

Não se importe se você está se sentindo diligente ou preguiçoso. Normalmente, as pessoas fazem coisas quando se sentem diligentes e param quando se sentem preguiçosas; mas como monges, não é assim que nos conduzimos. Se nos sentimos preguiçosos ou diligentes, nós praticamos. Não temos outro interesse senão cortar as coisas, abandoná-las, treinarmos a nós mesmos. Somos consistentes dia e noite, nesse ano e no próximo, em todas as horas, indiferentes às sensações de preguiça ou diligência, calor ou frio. Nós apenas seguimos em frente. Isso se chama *paṭipadā*.

Às vezes, monges ficam realmente entusiasmados e mantêm isso por seis ou sete dias. Mas quando eles veem que não estão chegando a lugar algum, desistem. E então eles realmente se perdem por um tempo, conversando e socializando-se de uma forma desatenta, até que recobrem os sentidos e se coloquem em mais um par de dias de esforço pesado. Então eles desistem de novo até a próxima vez em que se sintam inspirados, e isso se torna o padrão. É como pessoas que se jogam no trabalho como se não houvesse amanhã — cavando os campos, cortando árvores, limpando encostas — e então quando chega a hora de fazer uma pausa, jogam suas ferramentas de qualquer jeito e vão embora sem guardá-las. Na manhã seguinte, as ferramentas estão completamente cobertas de lama.

Então eles se entusiasmam pelo trabalho de novo e de noite jogam as ferramentas de lado mais uma vez. Essa não é a forma de preparar os campos para o cultivo, e é a mesma coisa com a nossa prática. Se você não pensa que *paṭipadā* é importante, você não terá sucesso. *Paṭipadā* é absolutamente vital.

Fazer fogo era outra das analogias favoritas de Luang Pó para esse princípio, uma que lhe permitia realizar uma curta encenação teatral que ele gostava muito. Enquanto falava — e com um grande sorriso no rosto — ele imitava um tolo que esfrega dois galhos até ficar cansado ou entediado, coloca-os de lado por um tempo e então pega-os de novo, mais uma vez, esperando continuar de onde parou. Finalmente, desiste de vez e sela o seu erro ao insistir que sabe, por experiência própria, que não é possível fazer fogo a partir da madeira. “Existe fogo ali”, Luang Pó dizia: “mas você só vai produzi-lo se continuar esfregando os gravetos sem interrupção até que a temperatura crítica seja alcançada”. Da mesma forma, a prática só pode gerar frutos quando é desenvolvida de uma forma similarmente constante. Curtos períodos de esforço, não importa quão intensos sejam, não podem criar o impulso necessário.

Um pescador posiciona sua rede e captura um peixe enorme. Ele fica com medo de que o peixe pule para fora da rede e fuja. Ele fica tão ansioso que agarra o peixe vorazmente, luta para conseguir segurá-lo. De repente, como temia, o peixe está fora da rede; mas ele fugiu porque seu esforço ao agarrá-lo foi muito violento.

Existe um velho ditado: “Gentilmente, faça isso gentilmente — mas não tão gentilmente.” Essa é a nossa prática. Siga sentindo as coisas, sentindo-as. Não desista. Você deve olhar para a mente, entender do que se trata. Tente seguir fazendo a prática, tornando-a consistente. Se você se sentir preguiçoso, pratique. Se não estiver se sentindo preguiçoso, pratique. Esse é o tipo de continuidade que é necessária.

¹²⁵ Essa é a definição adotada pela Tradição de Floresta Tailandesa. Na verdade, essa palavra em páli significa apenas “caminho de prática” e pode ser benéfico ou não, dependendo do contexto. Aqui, o termo deve ser entendido como uma abreviação de “*sammā paṭipadā*”, ou “prática correta”.

Ele repetia frequentemente que o desejo de ter algo ou tornar-se algo sempre sabotaria até o mais determinado esforço:

O Buddha ensinou que colocar esforço é para o abandono, para abrir mão, para se desvencilhar do apego. Não deve haver desejo por vir a ser ou nascer, obter ou ser qualquer coisa, afinal.

Esse esforço era para ser constantemente monitorado e adaptado, objetivando um nível equilibrado chamado “*pó di*”, “na medida certa”. Colocar esforço contínuo que, momento a momento, fosse calibrado em uma intensidade correta para alcançar o propósito, Luang Pó definiu como sendo a “prática correta”.

Colocar esforço contínuo não se restringe a uma postura específica. Você pode fazer isso enquanto está de pé, andando, sentado ou deitado. Você pode realizar o Dhamma enquanto varre folhas ou meramente olhando para um raio de sol. É essencial que *sati* esteja constantemente afiada. Por quê? Porque quando você tem a intenção de discernir a verdade, existem oportunidades de realizar o Dhamma em todos os momentos e em todos os lugares.

CIENTE DO AGORA

Luang Pó frequentemente dizia que o momento presente abarca tudo: ele inclui o passado e o futuro, pois ele é o resultado do primeiro e a causa do segundo. Por essa razão, desenvolver a habilidade de permanecer no momento presente com clareza é talvez a mais fundamental de todas as habilidades de meditação. Contudo, Luang Pó dizia que o valor disso não está apenas na calma lúcida que resulta de abrir mão da memória e da imaginação — era no momento presente que a sabedoria poderia ser cultivada:

Na prática do Dhamma, tudo o que você tem que fazer é seguir olhando para o momento presente ... Olhe para a instabilidade, a impermanência e o “conhecimento do Buddha” vai surgir e crescer. Siga vendo a verdade de todas as coisas — que elas são impermanentes. Prazer e dor surgem, e são impermanentes, é incerto por quanto tempo eles vão durar. Se nossa mente vê a duração incerta das coisas, o problema do apego vai gradualmente diminuir.

O passado passou, o futuro ainda não chegou. O sofrimento, sua causa, sua cessação e o caminho para essa cessação, todos existem no momento presente.

Essa prática de permanecer no presente é cultivo mental. Para colocar de forma simples, nós precisamos ter *sati*, termos uma constante atenção e memória, sabendo o que está ocorrendo exatamente agora, o que estamos pensando, o que estamos fazendo, o que está acontecendo conosco. Nós temos que olhar para nossa mente, constantemente cientes do nosso estado de espírito, nossos pensamentos, se estamos experienciando sensações agradáveis ou desagradáveis, se estamos corretos ou errados. Refletindo, investigando dessa forma, a faculdade da sabedoria já terá se manifestado ... os olhos veem uma forma, os ouvidos escutam um som, o nariz sente um odor, a língua experiencia um sabor, o corpo sente um toque — tudo o que é sentido é conhecido. Se pensamos que algo é bom ou ruim, se gostamos ou não gostamos daquilo, tudo é impermanente, insatisfatório e não-eu. O Buddha nos ensinou a largar essas coisas, a não as agarrarmos. Isso se chama “resolver problemas”.

MAI NÉ

Nos últimos cinco ou seis anos de sua carreira como professor, a maioria das palestras do Dhamma de Luang Pó foram gravadas em fitas cassete. Nessa coleção de palestras, agora arquivadas digitalmente, Luang Pó lida com uma ampla variedade de temas, entre os quais um ensinamento, frequentemente repetido, se sobressai — aquele sobre “*mai né*”. A frase em tailandês “*mai né*” é traduzida mais diretamente como “incerto”, “duvidoso”, “mutável” ou “indefinido”¹²⁶ e é um termo do cotidiano que toda a plateia de Luang Pó entendia imediatamente. Um fazendeiro, por exemplo, quando lhe fosse perguntado durante a época do plantio se ele esperava ter uma boa colheita naquele ano, muito provavelmente responderia: “*Mai né*. Se tivermos chuva suficiente, ela deve ser boa”. A expressão “*mai né*” aqui é um simples reconhecimento de que as coisas são afetadas por diversas condições variáveis (por exemplo, quanta chuva venha a cair) e, dessa forma, não são tão completamente previsíveis.

Luang Pó ensinava seus discípulos a praticar a percepção de “*mai né*” como um meio de cultivar a faculdade da sabedoria. Ao se recordarem constantemente de que, tanto fenômenos internos quanto externos eram “*mai né*”, eles desenvolveriam *aniccasañña* (a percepção da impermanência) e, com a prática, desenvolveriam a percepção associada de *dukkha* (a natureza inerentemente defeituosa e insatisfatória da experiência) e *anattā* (a natureza condicionada e impessoal da experiência). Essas percepções das “três características da existência” criavam o caminho para *vipassanā*, o insight profundo, não conceitual, que desenraiza as impurezas e leva ao fim do sofrimento.

A prática de “*mai né*” alcança seu poder ao confrontar diretamente a tendência arraigada que os seres não iluminados têm de investir em experiências que tenham a aparência de serem sólidas. Esse senso de que as coisas dentro e fora de nós são reais e substanciais é embasado em suposições não examinadas. A percepção da mudança das coisas tornou-se a ferramenta mais frequentemente recomendada por Luang Pó para desafiar essas suposições. Luang Pó escolheu usar o termo “*mai né*” em preferência ao termo mais tradicional “*aniccam*” ou “impermanente”, para trazer um novo enfoque ao desenvolvimento da sabedoria. Para seus discípulos: “*mai né*” era uma ideia familiar e acessível, profundamente inserida na cultura. Isso desmistificava a prática do Dhamma e a fazia parecer imediatamente prática.

A ênfase específica da prática de “*mai né*” pode ser examinada ao compará-la com a frase similar “isso também vai passar”. Enquanto a frase “isso também vai passar” nos lembra de um futuro além da experiência presente, o que a coloca em perspectiva, “*mai né*” aponta para a natureza do próprio fenômeno no presente.

Na vida diária, Luang Pó ensinava que a reflexão de “*mai né*” era particularmente efetiva em lidar com o apego a ideias e pontos de vista. Nesse contexto, o termo poderia ser melhor traduzido como “talvez não”. Sempre que a mente estivesse prestes a esboçar uma conclusão ou a apressadamente chegar a uma, quando estivesse prestes a fazer um julgamento sobre alguma coisa, ele ensinava o meditador a recordar que: “talvez não”. Talvez não seja assim, talvez não tenha acontecido assim, talvez isso não seja o que ele ou ela realmente são. Sempre que o senso de certeza surgisse, meditadores deveriam temperá-lo com um gentil “talvez não”. Mesmo que eles estivessem convencidos, eles, ainda assim, deveriam reservar um pequeno espaço em suas mentes para a

¹²⁶ A palavra em páli que mais se aproxima da ideia de “*mai né*” é “*vipariṇāma*”, geralmente traduzida para o português como “sujeito à mudança”.

possibilidade de estarem errados: “Sim, mas talvez — apenas talvez — não”. Dessa forma, as atitudes da mente se tornariam mais cuidadosas e capazes de nuance.

Luang Pó deu a maior importância para essa prática: “Mai né é o próprio Buddha”, ele diria: “É o Dhamma”. Ele ensinava a recordação de “mai né” tanto como um meio de reeducar a atitude de uma pessoa diante da vida, quanto uma técnica específica de meditação. Conforme os obstáculos surgissem durante o curso de uma sessão de meditação sentada, ele encorajava o meditador a reconhecer o obstáculo como “mai né”, ou “mutável” antes de retornar para a respiração. Conforme a mente se torna mais sutil, essa percepção acumulada de “mai né” — de que qualquer coisa que surja não haverá de persistir — é um exercício da faculdade da sabedoria que assegura que a mente não caia na armadilha de se apegar à alegria ou à quietude, e é primordial para desenvolver vipassanā.

Quando você vê a impermanência claramente, você se torna um verdadeiro monge. Ao ver a impermanência, a instabilidade das formas, das sensações, das percepções, das formações mentais e da consciência, a mente não se apega aos cinco agregados.

Não importa o que seja — mesmo que algo aconteça e lhe aborreça tanto que lágrimas comecem a se formar em seus olhos — lembre-se: “Isso é mai né”. Sempre tenha isso em mente, com *sati*, com vigilância. Se você se sente satisfeito, insatisfeito, se pensa que isso é bom, isso é ruim — veja tudo como “mai né” e você poderá soltar o apego. Quando você vê as coisas como sem valor em última instância, o abrir mão ocorre automaticamente. “Mai né” é o objeto de vipassanā.

Quando algo surge, chame-o de “mai né”. Não se esqueça desse termo. Não o deixe escapar. O Buddha nos ensinou a não nos agarrarmos ao que é bom ou mau. Qualquer coisa que surja, concentre seus recursos nessa palavra. Essa é a fonte da sabedoria, e o objeto de vipassanā. Faça desse o seu foco constante de atenção; isso vai levar você para além das dúvidas ... “mai né” é uma ferramenta para desenraizar o apego às experiências. Isso vai permitir que você veja o Dhamma claramente.

Uma das maneiras pelas quais Luang Pó procurava inculcar o princípio de “mai né” nas mentes de seus discípulos era mantendo um elemento de imprevisibilidade em suas vidas diárias. Mudanças eram introduzidas na rotina monástica sem aviso prévio e sem indicação de quanto tempo durariam. Um monge que estivesse se preparando para o retiro das chuvas em Wat Pah Pong poderia ser avisado, com ou dois dias de antecedência, que faria o retiro em outro local e que deveria juntar suas coisas, limpar sua cabana e estar pronto para partir dentro de uma hora para um mosteiro, a centenas de quilômetros de distância. Era um estilo que mantinha os monges sempre alertas e permitia que Luang Pó criasse uma atmosfera singular em seu mosteiro, na qual os efeitos calmantes da simplicidade e da repetição eram animados por um senso de que nada poderia ser tomado como garantido. Ajahn Jan lembrava como planos poderiam mudar em um instante:

"Ele me dizia, 'Pegue sua tigela e seus mantos. Você vai para tal lugar.' Na hora em que eu voltava com todas as minhas coisas, ele dizia, 'Mudança de planos.' Isso aconteceu tão frequentemente, que eu tinha um verdadeiro sentimento de 'mai né' ... Mais tarde, vim a entender isso como significando dividir as coisas em 50/50, talvez sim/talvez não. Eu adotei aquilo como um princípio guia na prática."

PÓ DI

“Pó di” era outro termo comum do dia a dia que os discípulos de Luang Pó escutariam muitas vezes. “Pó di” significa “perfeito”, ou “na medida certa”. Refere-se à quantidade otimizada, nem muito, nem muito pouco. Se um manto veste bem, nem muito longo, nem muito curto, então ele é “pó di”. Para algumas pessoas, uma sessão de meditação sentada de trinta minutos poderia ser “pó di”; para outras, “pó di” poderia ser uma hora ou mais.

“Pó di” era um termo que Luang Pó usava quando queria falar do caminho do meio mais informalmente. Ele dizia que a habilidade em sintonizar o modo “pó di”, em qualquer atividade, está bem no centro da prática do Dhamma. Ele frequentemente contava a história do venerável Soṇa, que foi ensinado pelo Buddha a praticar meditação da mesma forma como antes costumava tocar alaúde, com as cordas nem muito tensas nem muito frouxas¹²⁷.

Luang Pó ensinava seus discípulos a desenvolver sensibilidade sobre o que era “pó di” em cada área de suas vidas. Na hora da refeição, a atenção à “pó di” significava pegar apenas o tanto necessário de comida para encher o estômago, mas não tanto a ponto de se empanturrar e causar sonolência e preguiça. “Pó di” ao dormir significava descansar o suficiente para recompor o corpo, mas não tanto a ponto de ser indulgente. Tudo deveria ser “não muito rápido, não muito devagar, não muito apertado, não muito frouxo”. Ele advertia contra o entendimento de que manter “pó di” como padrão implicava em uma moderação branda em todas as coisas. “Pó di” era para ser medido pela extensão em que uma ação era conducente à resolução de um problema ou ao alcance de um objetivo. Em certas épocas e lugares, uma prática poderia parecer extrema a curto prazo, mas em relação ao progresso como um todo, ela poderia de fato ser “pó di”. Em qualquer empreitada, “pó di” representava a estratégia ótima, a mais eficiente.

Mas como um monge saberia quando sua prática era “pó di”? Luang Pó respondia essa questão com um símile:

É como se você quisesse navegar em um barco cruzando um rio com uma forte correnteza. Você não direciona o barco para que siga em uma linha reta. Você o aponta levemente correnteza acima, permitindo que a força da corrente o leve um pouco para baixo, e então, consequentemente, cruza o rio diretamente. Da mesma forma, o mais sábio é aplicar sua prática num nível que demande levemente um pouco mais do que você acredite ser “pó di” e permitir que a força da impureza o force para baixo, ao nível correto.

Eu lhes ensino comer pouco, dormir pouco, falar pouco — tudo deve ser pouco! Mas isso é “pó di”? Na verdade, não é; isso ainda não atingiu a consistência equilibrada, mas eu ensino isso para lhes permitir reconhecer “pó di”, a medida certa, para ver o que é o apropriado para vocês ... Ter muita pressa não é o certo. Saibam como equilibrar interesses diferentes até que vocês encontrem a medida certa. Se for muito pouco, então adicione. Se for muito, então tire um pouco. Essa é a prática correta, ou “pó di”.

Nos Suttas, o Buddha ensina o caminho do meio que evita os dois extremos: o da indulgência sensual e o do ascetismo vazio. Luang Pó gostava de expandir o significado desses dois extremos para incluir gostos e desgostos, prazer e dor. Ao fazer isso, ele buscava deixar claro que o ensinamento não era tanto uma abordagem geral para o desenvolvimento espiritual quanto uma inflexão, momento a momento, dos estados mentais:

“A medida certa” significa não se afundar em qualquer dos dois extremos:

¹²⁷ AN 6.55

“Kāmasukhallikānuyoga”: ficar perdido em prazer, conforto e felicidade; satisfazer-se com pensamentos sobre ser bom, excelente e sublime;

“Attakilamathānuyoga”: aversão, sofrimento, desgosto, raiva.

Esses dois extremos não são caminhos que um monge deveria seguir ... O monge vê esses caminhos, mas não os segue, ele não se apegando a eles. Com o intuito de alcançar a paz, ele abre mão deles, ele os abandona.

A habilidade de manter a prática nesse nível otimizado de “pó di” dependia da faculdade da sabedoria e da percepção de que tudo está sujeito à mudanças.

A prática se torna “pó di” quando você reconhece a impermanência de cada estado mental que surge e diz para a sua mente que aquilo é “mai né”. Aguarde pacientemente bem ali. Não se mova na direção desse conhecimento e não se afaste dele. Persista nesse ponto, e depois de algum tempo você haverá de chegar à verdade.

Líderes de comunidades também deveriam constantemente remeter-se ao senso de “pó di”, fosse ao implementar regulamentos monásticos ou ao determinar uma rotina diária. Nesse contexto, “pó di” era para ser reconhecido como um equilíbrio temporário que deveria ser regularmente recalibrado, ao invés de um padrão que, uma vez alcançado, poderia ser mantido a longo prazo. Depois de um sopro inicial de entusiasmo, haveria um “escorregar” lento, mas inexorável, dos padrões até que um discurso de advertência de Luang Pó pudesse restabelecer o padrão. Reconhecendo esse modelo, Luang Pó começava cada novo ciclo no lado estrito de “pó di”, como uma maneira de retardar o processo. Uma vez, um monge reclamou que o padrão que Luang Pó tinha estabelecido era muito estrito e apertado, Luang Pó respondeu:

Apertado é bom. Depois de algum tempo ele laceia por si mesmo.

APRENDENDO COM A NATUREZA

Ao fundar seu mosteiro em uma floresta, Luang Pó estava mantendo uma venerável tradição que remetia ao tempo do próprio Buddha. Quase todos os mosteiros estabelecidos pelo Buddha, durante os quarenta e cinco anos de seu ministério, eram situados em áreas florestadas. Enquanto as configurações desses mosteiros variavam consideravelmente no tocante à vida silvestre — variando de amenos pomares a selvas proibitivas e encostas de montanhas — todos eles compartilhavam certas características em comum:

... sendo nem tão longe nem tão perto de um vilarejo, adequado a ir e vir, acessível para aqueles que buscam o que é benéfico (isto é, o Dhamma), não cheios de gente durante o dia, calmos e silenciosos à noite, [possuindo] uma atmosfera de isolamento, não perturbado por pessoas, adequado para a reclusão. – Vin Mv 1.13

Desde a época do Buddha, monásticos cujas mentes estavam libertas das impurezas, capazes de viver em qualquer ambiente sem sofrimento mental, quase sempre escolhiam árvores e silêncio em vez de construções e barulho. Parece que as florestas e lugares solitários são o habitat natural do arahant. Uma das mais surpreendentes passagens do Cânone Páli é o verso lírico atribuído ao venerável Mahā Kassapa, o grande asceta e provavelmente o mais áspero e severo monge dos Suttas:

Como altos picos com nuvens azul-escuras,

*como esplêndidos edifícios são essas rochas,
Onde a doce voz dos pássaros preenche o ar,
Essas altitudes rochosas deleitam meu coração.
Com clareiras refrescadas pela (fria) chuva,
Ressonante com os chamados dos emplumados pássaros,
Os penhascos habitados por sábios,
Essas montanhas rochosas deleitam meu coração."*

Th 1067-68

Em vários de seus discursos, o Buddha encorajava os monges a viverem na floresta. A importância vital que o Buddha atribuía a isso pode ser discernida por sua declaração que, enquanto os monges continuassem a encontrar satisfação em habitações nas florestas, o Dhamma-Vinaya não declinaria.

As vantagens de se viver na floresta começam pelas físicas: em um clima quente, as árvores proveem a sombra fresca que permite aos monges praticar meditação sentados e andando durante todo o dia. Em segundo lugar, viver na floresta provê isolamento físico das perturbações e experiências estimulantes que podem prejudicar o treinamento.

No entendimento budista, a relação humana com a experiência dos sentidos, mediada pelos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente, pode ser melhor concebida como um vício. O mosteiro de floresta, nessa analogia, é como um centro de reabilitação. Assim como essas instituições são localizadas distante de vizinhanças onde os vícios do paciente poderiam aflorar, da mesma forma, o mosteiro de floresta provê a distância das influências mundanas. Até que a mente seja forte, uma exposição desnecessária aos gatilhos de comportamentos viciados sabotaria desnecessariamente os esforços de libertar a mente.

Os prazeres dos sentidos não são condenados como perversos. Eles são, contudo, considerados como tendo fortes efeitos na mente não-iluminada, hostis aos progressos mais elevados no Dhamma. O mundo dos sentidos é visto como algo que puxa a mente para fora, de uma forma inerentemente agitada, enquanto que a intoxicação que resulta dos prazeres sensoriais e do desejo por sua continuidade e incremento sobrepuja facilmente os julgamentos morais. A natureza absorvente dos prazeres dos sentidos impede o desenvolvimento da sutileza de percepção dos estados internos que necessita ser sustentada por longos períodos para o cultivo espiritual efetivo. Por essas razões, o monástico vive em um ambiente onde a oportunidade de usufruir de tais prazeres é drasticamente reduzida. Ao simplificar o seu mundo, ele é capaz de compreender mais claramente como ele funciona.

Luang Pó geralmente se referia aos três tipos de reclusão (*viveka*) mencionados nos textos. A reclusão física fornece as melhores condições de suporte para a reclusão mental, isto é, o estado de concentração "isolado" dos obstáculos. Isso, por sua vez, cria a base para o isolamento definitivo das impurezas.

O Buddha ensinou que sons são como um espinho que impedem a mente de entrar em profundos estados de calma meditativa.¹²⁸ Mosteiros de floresta fornecem um respiro dos ruídos mais invasivos

¹²⁸ AN 10.72

(embora na Tailândia de hoje, poucos mosteiros sejam completamente não afetados por sons de estradas e alto-falantes de vilarejos).

Ainda assim, as florestas do sudeste asiático não são lugares silenciosos de forma alguma. Durante a estação das chuvas em especial, elas latejam com vida. O mesmo calor e umidade que humanos podem achar tão enervante parecem aumentar o entusiasmo de outras criaturas. O volume de barulho que elas produzem pode ser considerável. Canto de pássaros; o profundo coaxar noturno dos sapos-boi depois de uma forte chuva; os lagartos e seus *“tu gué, tu gué”*; o coral lancinante de cigarras ao anoitecer — esses sons são tão familiares aos monges de floresta quanto o barulho do trânsito é para um morador urbano.

Estranho o suficiente, o barulho da floresta, mesmo em seu mais alto volume, não diminui o senso de paz no mosteiro. As associações evocadas pelos sons, e não o seu impacto auditivo, é que tendem a perturbar o meditador. Luang Pó uma vez brincou que, enquanto um monge recém-ordenado podia ouvir pássaros cantando a plenos pulmões em uma árvore fora de sua cabana e quase nem perceber aquilo, o som, por mais baixo que fosse, de uma cantora, flutuando para dentro da floresta de um alto-falante do vilarejo, poderia virar sua mente de cabeça para baixo.

Monges com intenção de seguir o caminho da prática sempre foram atraídos para as florestas, porque os ambientes de reclusão dão suporte ao desenvolvimento da restrição dos sentidos, à diminuição dos desejos, ao contentamento, ao amor pela solidão e à introspecção — virtudes centrais da vocação monástica. Viver na natureza demanda cuidado e respeito pelo entorno e uma aceitação paciente de um mundo sobre o qual se tem apenas um controle limitado. Enquanto os ritmos artificiais da vida urbana são ocupados, propositais e estressantes, os ritmos da natureza são cíclicos e atemporais, exercendo um efeito calmante contínuo na mente. Mas talvez a maior vantagem de viver na floresta seja o monástico estar rodeado de processos naturais, demonstrando em todos os momentos a natureza do surgimento, crescimento, decadência e desaparecimento. A investigação interna dessas qualidades é bastante aumentada quando elas estão sendo reveladas no mundo externo.

Luang Pó encorajava seus discípulos a despertarem para as verdades simples que os cercavam:

A natureza é cheia de ensinamentos para todos nós. Uma pessoa sábia aprende das coisas que a cercam na floresta: a terra, as rochas, as árvores, as trepadeiras. É como se todas essas coisas estivessem prontas e desejando dar conselhos e ensinamentos ... Quando nós consideramos bem isso, veremos que as formas, etc., são nossas “inimigas” apenas porque ainda não temos sabedoria. Na verdade, elas são excelentes professoras.

Ele fazia uma analogia com suas tentativas de alimentar as galinhas selvagens quando começou a viver em Wat Pah Pong. Depois de checar repetidamente se havia perigos, essas cautelosas criaturas finalmente descobriram que o arroz que ele espalhava pelo chão para elas era, na verdade, seguro. Assim, elas vieram a perceber que aquilo que haviam visto, primeiramente, com grande desconfiança era de grande vantagem para elas. Da mesma forma, ele dizia que os sábios descobriam que os objetos dos sentidos, que eles antes percebiam como perigosos para sua prática, apenas pareciam perigosos por causa do “pensamento incorreto, da visão incorreta e da consideração incorreta”. Na verdade, objetos dos sentidos davam um conhecimento útil e os meios para realizar a libertação.

Viver na floresta era benéfico de várias formas para a prática do Dhamma, mas não era algo para se apegar. Monges deveriam ser cautelosos ao se permitirem estar contentes com a paz mental, meramente superficial, que experienciavam por viver em um ambiente isolado dos perturbadores e

distrativos objetos dos sentidos. Eles deveriam se recordar constantemente de que aquele ambiente era um meio para um fim:

Nós não nos afastamos das formas, sons, odores, sabores, sensações físicas e objetos mentais como se estivéssemos admitindo uma derrota, mas com o intuito de nos treinarmos para nutrir nossa sabedoria.

A libertação não estava em escapar do mundo dos objetos sensoriais, mas em transformar a experiência a respeito deles através da sabedoria.

Um ano, Luang Pó enviou um monge australiano, Ajahn Jagaro, para passar o retiro das chuvas em um mosteiro afiliado a mais de 150 quilômetros de distância de Wat Pah Pong. Durante o retiro, Luang Pó fez uma visita.

Luang Pó: Como é que você está, Jagaro? Por que você está tão magro?

Ajahn Jagaro: Estou sofrendo, Luang Pó. Não me sinto tão bem.

Luang Pó: Por que você está sofrendo? Por que você está triste?

Ajahn Jagaro: Porque estou vivendo muito longe do meu professor.

Luang Pó: O que você quer dizer? Você está vivendo com seis Ajahns, não é o suficiente para você?

[Um olhar confuso.]

Luang Pó: O Ajahn Olhos, o Ajahn Ouvidos, o Ajahn Nariz, o Ajahn Língua, o Ajahn Corpo e o Ajahn Mente. Esses são os seus professores. Escute-os bem, observe-os bem e você se tornará sábio.

Observar as criaturas que compartilhavam a floresta com a Sangha também podia ser a causa de insights — mesmo que, como era o caso de Wat Pah Pong, houvesse poucos animais grandes para serem vistos. Em meados de 1950, a maioria dos animais selvagens nativos de grande porte do nordeste tailandês, como tigres, javalis e elefantes, desapareceram das áreas rurais de Ubon, permanecendo apenas nas áreas montanhosas mais remotas, nas fronteiras com o Laos e o Camboja. Na floresta Pong, situada relativamente perto de vários vilarejos estabelecidos há muito tempo, apenas as criaturas menores sobreviveram: galinhas selvagens, esquilos, morcegos, lêmures voadores, tartarugas, cobras, gatos-do-mato, pequenos cervos e várias espécies de pássaros. Através dos anos, Luang Pó fez tudo o que pôde para encorajar os moradores locais a deixarem de caçar. Mas embora ele tenha alcançado um notável sucesso, qualquer eventual diminuição nas caçadas deveu-se, provavelmente, tanto à dizimação das caças quanto a uma restrição maior por parte dos caçadores.

Independentemente do que estivesse acontecendo fora dos portões, Luang Pó foi ao menos hábil em manter o mosteiro como um refúgio para criaturas vulneráveis. Em um grande aviso no portão do mosteiro, estava declarado destacadamente que o mosteiro era um santuário, um “*khet abhaytan*”, literalmente uma área na qual o presente da liberdade do medo é estendido a todos os seres.

Frequentemente, as criaturas da floresta tornavam-se assuntos dos sermões dirigidos à Sangha, nenhuma mais do que as galinhas selvagens:

Vejam quão ágeis são as galinhas selvagens, quão cautelosas com o perigo elas são! E elas não são gluttonas: no momento em que se tornam conscientes de uma ameaça — mesmo

enquanto estão comendo — elas saem correndo! Essas galinhas selvagens são vigilantes, elas protegem a si mesmas. E elas podem voar alto. Quando dormem, elas descansam nos galhos das árvores, no topo das árvores, cada uma por sua conta.

Não são como galinhas domesticadas. Elas comem muito, são pesadas, são desajeitadas. Elas não podem voar alto. Elas não têm perspicácia. Mesmo que uma consiga fugir, ela logo é atacada por cachorros. Galinhas domesticadas ganham a atenção de seres humanos, elas são cuidadas, criadas — isso as faz desatentas.

As galinhas selvagens são diferentes; elas são alertas e independentes. Elas cuidam dos próprios assuntos sem fazer estardalhaço. São pontuais: faça chuva ou faça sol — mesmo que esteja um frio de rachar — quando chega a hora de cacarejar, elas cacarejam. Na verdade, elas são tão confiáveis que nós as usamos como despertadores. Elas são consistentes com seu trabalho e nunca pedem nenhuma recompensa de ninguém por fazerem isso. Elas vivem tranquilamente na natureza. Não parecem se apegar a nada; é quase como se tivessem seu próprio tipo de prática do Dhamma. Elas não pensam muito, não são inquisidoras ou cheias de dúvidas; elas não procuram por coisas para agitar suas mentes.

TRABALHANDO COM A SENSUALIDADE

Monges, eu não vejo nada que possa perturbar tanto a mente de um homem quanto a forma, o som, etc., de uma mulher.

Monges, eu não vejo nada que possa perturbar tanto a mente de uma mulher quanto a forma, o som, etc., de um homem. — AN 1.1-10

Eu não descrevi de várias formas o abandono dos desejos sensuais, a completa compreensão das percepções dos desejos sensuais, a cura da sede por desejos sensuais, a erradicação dos pensamentos de desejos sensuais, o dissipar da febre dos desejos sensuais? — Vin Pr 1

Monges, se um pensamento sensual, um pensamento de má vontade, um pensamento de ferir surge em um monge enquanto andando (em pé, sentado, deitado), e ele o tolera, não o abandona, não o dissipa, não o extermina, e não o apaga, então é dito que esse monge carece de ardor e sábio medo das consequências; ele é constantemente e continuamente preguiçoso e sem energia enquanto andando (em pé, sentado, deitado). — AN 4.11

A primeira ofensa de expulsão do Vinaya dita que um monge que comete um ato de intercursos sexual imediatamente perde o direito à vida monástica. Embora essa seja a regra mais importante do Vinaya no que diz respeito à expressão do desejo sexual, ela não é, de forma alguma, a única. Masturbação, fala obscena e fazer contato lascivo com o corpo de uma mulher, por exemplo, constituem graves violações do Vinaya (*saṅghādisesa*), requerendo períodos de penitência e reabilitação. Outras regras requerem que monges evitem ficar sozinhos com uma mulher ou ter uma conversa com uma mulher sem que haja outro homem presente.

O rigor e abrangência dessas regras apontam para alguns dos princípios centrais do monasticismo budista, notadamente: que o desejo sexual está entre os maiores obstáculos para os objetivos espirituais mais elevados; que inicialmente, a expressão de desejo sexual deve ser restringida habilidosamente através da atenção aos preceitos; que o desejo sexual por si mesmo pode e deve ser atenuado e certamente eliminado através da prática do caminho óctuplo; que, como o desejo sexual é enraizado na identificação com o corpo e a mente, a libertação dessa identificação implica

inevitavelmente na cessação do desejo sexual; que um ser iluminado é livre de todos os pensamentos e percepções sexuais.

As exortações de Luang Pó sobre o tópico da sensualidade geralmente eram graves em tom, mas temperadas com humor — às vezes ele chamava a atenção dos monges sobre os perigos de deixar as cobras erguerem seus pescoços ou, pior que tudo, de deixá-las cuspirem. Sentimentos sexuais surgiam naturalmente na mente destreinada, ele dizia, por serem parte da natureza, mas era uma parte da natureza que os monges deveriam se recusar a satisfazer. Dar vazão a pensamentos e fantasias sexuais era um dos erros mais tolos que um monge poderia cometer. Um círculo vicioso seria criado. Quanto mais o monge cedesse a pensamentos sexuais, mais sua meditação seria prejudicada. Quanto mais a sua meditação fosse prejudicada, menos hábil ele seria em proteger sua mente de se deleitar em pensamentos sexuais. Uma séria transgressão contra o Vinaya ou o abandono do manto era o que normalmente aconteceria em seguida.

Se vocês ainda gostam das formas e do cheiro de uma mulher, vocês ainda estão morando no reino sensual; vocês ainda não conseguiram abrir mão dos objetos dos sentidos. Vocês são monges apenas no nome.

O treinamento triplo fornecia a base para lidar com a sensualidade. Primeiramente, o comprometimento com o Vinaya, reforçado pela sábia vergonha e pelo sábio medo das consequências era para ser usado para se proteger contra o kamma criado por ações e falas lascivas. Em segundo lugar, suportar pacientemente os sentimentos sexuais daria suporte à *sati*, evitando a rápida proliferação dos pensamentos sensuais que tendem a seguir uma percepção inicial; ao mesmo tempo a meditação era para fornecer uma solução claramente superior à necessidade humana de prazer. Em terceiro lugar, a reflexão sábia era para ser desenvolvida para desfazer as falsas percepções sobre as quais a luxúria prosperava.

A importância da reflexão sábia era vital: a luxúria apenas poderia ser sustentada restringindo a atenção àquelas partes do corpo que a encorajam, e ignorando aquelas que geram indiferença ou nojo. Mesmo as partes do corpo físico que provocam luxúria apenas podem fazer isso quando são vistas de uma certa maneira, e quando certas informações e perspectivas são ignoradas. Ao abrir a mente para todos aqueles aspectos do corpo que a mente de luxúria reprime, a luxúria fica desprovida de sua fundação.

Os aspectos repugnantes do próprio corpo masculino dos monges eram mais fáceis de enxergar. Conforme eles praticassem constantemente observando seus corpos com uma mente equânime, eles não podiam evitar serem confrontados com a não-atratividade de fenômenos como o suor, o catarro, a urina, o excremento, etc., mas o reconhecimento que os corpos femininos eram exatamente tão grosseiros e cheios de partes não atrativas quanto os masculinos era algo mais difícil de aceitar. As palavras de Luang Pó, com a intenção de desiludir os monges do quão grosseiro era o estado mental da luxúria, eram igualmente rudes. Em uma ocasião, ele falou a um discípulo que estava apaixonado:

Veja mais de perto. A delusão surge em sua mente quando você não medita. Você vai se deixar ser enganado pela beleza da pele? Considere o que está debaixo dela. Você realmente já pensou nisso? O que foi que entrou em sua mente que não lhe deixa se libertar desses desejos? Eles estão lhe causando sofrimento!

Você quer voltar para a prisão de novo? Você está enamorado pelos buracos de dejetos dela? Existem dois buracos, e eles são saídas de dejetos. Se eles não são lavados, eles fedem. Ou você não acredita em mim?

Muco sai desses buracos. Você nem consegue perceber que está enamorado de uma saída de dejetos. Ela está cheia de buracos de dejetos. O rosto dela está cheio deles. É loucura estar apegado a tudo isso e você ainda está pronto para querer mais. Você ainda quer voltar e morrer naquele velho lugar. Você ainda não teve o suficiente?

O desejo sensual os amaldiçoava ao renascimento. E apenas um período de nove meses de aprisionamento no útero de uma mulher deveria ser mais do que suficiente para fazer com que alguém não quisesse passar por aquilo de novo. Mas, inacreditavelmente:

Vocês passaram por essas coisas imundas por incontáveis vezes antes e ainda não sentem nenhum arrependimento.

Comparações envolvendo buracos nojentos ou canos de esgoto eram o forte de Luang Pó, mas quando ele falava do desejo sensual em si mesmo, em vez de seu objeto, seus símiles eram mais abrangentes. Ele apontava que o prazer era de curta duração e geralmente seguido de algum desconforto. Tão logo você tivesse lidado com o desconforto, você iria querer mais.

Referindo-se à sua própria prática, ele disse uma vez:

Quando me tornei monge, fiquei com medo de tudo isso. Eu via mais sofrimento nos prazeres sensuais do que deleite. Era como se fosse uma gostosa banana doce. Você sabia que a banana era doce, mas agora tinha descoberto que ela estava envenenada. Mesmo que você estivesse ciente dessa doçura, também sabia que se a comesse, você morreria. Essa era a visão que estava em minha mente o tempo todo. Eu estava constantemente ciente do veneno, então me afastava mais e mais. Agora, depois de muitos anos como monge, isso não parece nenhum pouco apetitoso.

Em casos extremos, nos quais nenhuma quantidade de meditação podia reduzir a agitação mental, Luang Pó tinha um conselho que com certeza causaria um frio na espinha do jovem monge:

Dê-lhe uma boa paulada com o cabo de um machado. Então veja se ele vai ousar levantar a cabeça de novo.

Mas a palavra “*kāma*”, ou desejo sensual, tem um significado abrangente. Não é apenas e tão somente confinada ao desejo sexual.

Quando as pessoas se tornam monges, elas frequentemente dizem quão felizes estão por terem deixado o mundo sensual para trás. Mas veja mais atentamente a natureza da indulgência sensual. Se sentimentos de gosto e desgosto surgem quando você vê uma forma com os olhos, então você ainda está se satisfazendo em sensualidade. Qualquer contato desatento através dos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo ou mente é indulgência sensorial.

Outra analogia que apontava as desvantagens da sensualidade retornava ao mundo dos cachorros:

A prática é dura. O professor lhe instrui a se adequar à forma monástica, mas é difícil — você já está apegado ao sabor da sensualidade. Como cachorros. Se tudo o que você dá para o cachorro comer todos os dias é arroz puro, ele ainda consegue comer tanto que fica gordo como um porco. Mas se um dia você despeja um pouco de molho sobre o arroz — e dois pratos são tudo o que você precisa — então depois disso o cachorro vai recusar arroz puro. É rápido assim que o apego acontece. A menos que reflitamos sobre o uso dos quatro requisitos, formas, sons, odores e sabores podem destruir nossa prática.

Não era que os monges deveriam ficar em silêncio o tempo todo. Desenvolver a fala correta é um elemento essencial do caminho óctuplo, e relações nutritivas e de apoio com companheiros monges seriam impossíveis sem isso. Contudo, Luang Pó insistia para que os monges observassem quão frequentemente o ato de buscar conversas com amigos não era nada mais que uma tentativa de escapar de si mesmos. Mas os hábitos eram fortes, e nem sempre era fácil estabelecer uma linha entre a fala apropriada e a inapropriada. E então haveria uma severa palestra de Dhamma, um período de restrição e depois gradualmente as conversas triviais voltariam a ocorrer, até que a próxima palestra de Dhamma as refreasse novamente. Luang Pó, de qualquer forma, nunca pareceu esperar que isso fosse diferente. Mas ele considerava que um padrão claro e ideal, que os monges achassem difícil de seguir, era melhor do que não ter padrão nenhum. No mínimo, o padrão honrava os monges que eram inclinados a se manter, de certa forma, afastados. E era óbvio para todos que havia uma correlação entre evitar socializar-se e a devoção à meditação.

O local favorito para conversas fúteis era o barracão onde os monges lavavam e tingiam seus mantos. Para evitar isso, Luang Pó instruía os monges a praticar meditação andando ou a fazer escovas de dentes de madeira enquanto esperavam que seus mantos secassem. A cabana de Luang Pó não era muito longe do barracão de tingimento e, se o som das conversas chegasse até ele, ele iria até lá para advertir os culpados:

Vocês deixaram que os cachorros os mordessem de novo.

TUDONG

“*Tudong*”, a forma tailandesa da palavra em páli “*dhutaṅga*”, refere-se às práticas ascéticas permitidas pelo Buddha. Na Tailândia, a palavra é mais comumente ouvida na expressão “*pai tudong*” ou “sair em *tudong*”. Sair em *tudong* é a prática na qual os monges caminham pelo interior do país e por locais remotos como uma forma de peregrinação ou para encontrarem locais afastados e solitários para a meditação. Monges em *tudong* mantêm várias das práticas ascéticas tradicionais, por isso a adoção desse termo, em vez do mais acurado “*jarik*” (páli: “*cārika*”). Sair em *tudong* é uma das práticas-chave do monge de floresta, e uma sobre a qual Luang Pó deu uma grande quantidade de conselhos:

O Buddha elogiava sair em *tudong* como uma proclamação da vida santa. A “vida santa” significa as refinadas práticas de treinamento, as práticas internas. Não quer dizer que a caminhada ou a viagem sejam elas mesmas *tudong*. O verdadeiro significado de *tudong* são as práticas adotadas naquela jornada.

Ele explicou ainda mais:

Nós saímos em *tudong* com o intuito de experienciar a solidão física. Quando vamos aos crematórios de floresta ou aos silenciosos vales montanhosos, então paramos para meditar. Quando conseguimos a reclusão da solidão física, isso gera a causa para a solidão mental, e a mente se torna lucidamente calma.

Ele enfatizava duas virtudes como as mais importantes para um monge em *tudong*: a sábia vergonha e o sábio medo das consequências das próprias ações. Dizia que, de posse dessas duas qualidades, “onde quer que o monge vá em *tudong*, sua mente estará brilhante”.

Quando você for visitar professores diferentes, não comece a comparar os diferentes mosteiros — leve consigo o que quer que seja bom de cada um deles. Não se preocupe se vai precisar de um monte de coisas e assim acabar levando uma grande carga de requisitos. Uma

vez que você comece a caminhar, verá o seu erro e terminará por ter que abrir mão de tudo. *Tudong* é preparar a sua mente para a prática. Sabão não é essencial; você pode se esfregar com um pedaço de pano. Não é necessário levar uma escova de dentes; um pedaço de madeira (*mai khat*) servirá. Um pano de banho e uma concha de plástico são tudo o que você precisa para se banhar. Você pode sobreviver assim. Esse é o jeito *tudong*.

Em meados de 1960, Luang Pó considerava a tradição em declínio. O grande respeito conquistado pelos monges *tudong* perante os budistas leigos fez com que alguns monges inescrupulosos tirassem vantagem disso, fazendo-se passar por ascetas com o intuito de angariar doações. Contundente sobre a corrupção da tradição de *tudong* que via à sua volta, Luang Pó fazia referências aos ideais de *tudong* que havia herdado:

Mesmo que houvesse veículos, você não fazia uso deles. Você contava com sua *sati* e sabedoria. Você viajava com dor, você observava as sensações dolorosas. Você seguia contemplando a sua mente. Você buscava frescor, buscava praticar, buscava pelo Dhamma e pela paz. Você ia para as montanhas e florestas procurando a verdade.

De vez em quando, Luang Pó liderava pequenos grupos de monges e atendentes leigos em expedições de *tudong*. Essas viagens, geralmente para as regiões mais remotas da província de Ubon, fazendo fronteira com o Laos e o Camboja, poderiam durar dois ou três meses. Elas davam à Luang Pó a oportunidade de ver seus discípulos de perto quando estivessem lidando com adversidades. Ele usava aquelas experiências diárias como uma ferramenta de ensino. Um amontoado de excremento humano na beira da estrada podia levar à reflexão sobre o corpo humano; cogumelos surgindo e tocos de árvores mortas incitavam sermões sobre a natureza impermanente das coisas.

Conforme Luang Pó ficou mais velho e incapaz de levar os monges em *tudong*, ele, em vez disso, enviava ocasionalmente grupos de três ou quatro monges para ficarem em crematórios de floresta fora dos vilarejos locais. A cremação daqueles que tivessem morrido de causas não naturais (e cujo espírito, confuso e infeliz, acreditava-se estar perambulando por ali) era a ocasião favorita para essa prática. Luang Pó empurrava seus discípulos para se confrontarem com seus medos de espíritos, como ele mesmo havia feito muitos anos antes.

Monges, a quem Luang Pó dava permissão de embarcar em uma viagem de *tudong*, primeiro pediam-lhe a bênção e conselhos. Ajahn Jan foi em várias dessas caminhadas e se recorda de muitos dos conselhos que recebeu. Ele se recorda de como Luang Pó encorajava os monges em *tudong* a se manter retornando aos três refúgios do Buddha, Dhamma e Sangha. Eles deviam humildemente convidar as qualidades de clareza de conhecimento, sabedoria e boa prática para dentro de seus corações. Com o Buddha, o Dhamma e a Sangha vivendo dentro deles, eles estariam felizes, cheios de energia, plenamente atentos e desenvolveriam uma sabedoria que poderia lidar efetivamente com qualquer problema que surgisse. Sair em *tudong* significava testar-se contra todos os tipos de obstáculos. Esses obstáculos não eram para serem temidos nem para causarem ressentimento. Era por encará-los que eles viriam a entender a verdade das coisas.

Luang Pó dava instruções detalhadas sobre como minimizar os perigos vindo de seres humanos e não humanos. Ele sugeria que em áreas que fossem habitadas por animais selvagens, como tigres e elefantes, seria melhor evitar comer carne, já que o odor sutil exalado pelo corpo depois de se comer carne poderia provocar um ataque. Se um monge ficasse cara a cara com uma criatura selvagem, ele deveria simplesmente ficar parado e, na maioria dos casos, a criatura simplesmente seguiria seu caminho. Caso contrário, medidas de fuga deveriam ser tomadas. Ajahn Jan levou em seu coração os conselhos de Luang Pó sobre como lidar com animais perigosos.

"Ele dizia que se um animal — digamos um touro selvagem — for tentar lhe ferir, ele vai geralmente baixar a cabeça, e ela não deve ficar muito baixa. Então se você não conseguir escapar, você tem que se agachar para ficar mais baixo do que os chifres dele, e depois sair para um dos lados. Ou tente abrir o seu *glot*. Se o animal se assustar com isso, ele vai fugir. Caso haja uma vala por perto, entre nela; o touro não conseguirá lhe chifrar direito lá embaixo. Quando touros estão prestes a atacar, eles fecham os olhos. Se sua mente estiver realmente firme, então fique onde está e quando ele correr em sua direção, quando for no último momento, se esquive em um certo ângulo. Mas você pode não ser rápido o suficiente; isso depende da sua força mental e da sua agilidade."

Luang Pó também explicava os protocolos para ficar em cavernas. Aquelas nas quais monges que tivessem má *sīla* tivessem residido no passado deviam ser evitadas. O monge deveria deixar claras as suas intenções puras antes de entrar, como descrito por Ajahn Jan:

"Luang Pó dizia que se houvesse animais ferozes, espíritos locais ou divindades guardiãs na área, então assim que você chegasse, você devia ficar em pé na entrada e fazer uma resolução, 'Estou prestes a entrar nessa caverna. Eu vim como um amigo, com o intuito de lhe ajudar a se livrar do sofrimento, não como um inimigo para feri-lo'. Você devia estabelecer as suas intenções dessa maneira e assim tranquilizar quaisquer animais ou outros seres que estivessem lá dentro. 'Não há necessidade de duvidar ou suspeitar de mim. Eu vim para colocar esforço contínuo em minha meditação, para fazer o bem. Se você quiser continuar morando aqui e compartilhando a caverna comigo, então por favor, fique à vontade.' Tendo primeiramente feito essa determinação, ele dizia, você devia então entrar na caverna com esse propósito e com *sati*."

A maior proteção de todas era sempre a moralidade.

"Ele dizia que a coisa mais importante era não quebrar quaisquer preceitos pois, se você o fizesse, algo ruim aconteceria ... A moralidade é muito importante, e você deve tentar cuidar dela em cada respiração, em cada passo do caminho. Se você quebra os preceitos, todo tipo de coisa desagradável pode acontecer com você: às vezes, pode ser uma dor de estômago; às vezes, você pode ter delírios durante o sono, ter pesadelos; às vezes, pode ser que animais ou espíritos venham para lhe machucar. Então siga refletindo sobre sua moralidade.

"Luang Pó dizia que ir por conta própria pode ser algo solitário; ir com um amigo é bom. Dois é um bom número. Mas se três ou quatro vão juntos, isso é muita gente, e frequentemente leva a complicações e turbulências ... Ele me precava sobre conflitos com companheiros monges e me aconselhava a ser paciente. Se você for com um grupo de cinco monges por mais de um mês ou dois, geralmente sobram um ou dois no final. A combinação do cansaço com um entorno que apresente dificuldades faz surgir discussões sobre coisas como a rota ou o local para descansar. Alguns monges podem ser esquecidos; eles deixam coisas para trás e têm de voltar para buscá-las, o que irrita seus amigos. Existem vários problemas, particularmente com a falta de requisitos. Para sair em *tudong*, você precisa de uma grande quantidade de paciência e capacidade de suportar.

"Ele dizia que, se mais do que um monge fosse residir em um crematório de floresta, então eles deveriam ficar bem separados — apesar de que, se o próprio Luang Pó fosse um participante do grupo, ele poderia tossir de vez em quando apenas para lhe encorajar. Ele sempre insistia que não deveríamos ser hesitantes sobre a prática. Aquilo era correto, aquilo era bom ... Não tenha medo de quebrar uma perna ou ficar aleijado. Não há necessidade de temer a morte."

Monges frequentemente visitavam mosteiros de floresta durante suas caminhadas em *tudong*.

"Luang Pó nos advertia sobre a importância de, ao ingressar na companhia de outros grupos de monges, que não fossemos orgulhosos ou apegados a convenções."

O principal critério para escolher lugares para ficar quando se estava em *tudong* era a reclusão. Depois de alguns dias em um local, leigos frequentemente começariam a vir para visitas, e as vantagens para a meditação seriam perdidas.

"Você pode começar a ter boa comida oferecida. O lugar é bonito e confortável, e você pode ficar apegado a essas coisas. É por isso que é bom mudar de lugar depois de três dias, ou no máximo sete dias. Você não sai em *tudong* para ter conforto, prazer e boa comida. Você vai para o benefício da sua prática. Você não fica por tempo suficiente para fazer surgir uma sensação de perda quando vai embora ... Se você ficar mais tempo, o apego aos leigos pode surgir."

Tudong era para despir as impurezas, não para acumular novas. Monges deveriam monitorar constantemente seus sentimentos para com o entorno.

"Se você está em um lugar e não gosta de lá, e de repente você tem que partir hoje — agora mesmo! —, ou se você gosta do lugar e quer ficar por um longo tempo, então isso significa que você está seguindo os seus desejos e anseios.

"Luang Pó nos dizia que não devíamos ir para ver paisagens. Ele nos dizia para olharmos para as paisagens internas ao invés disso. Dizia, 'Você não tem que ir e visitar um monte de professores, vá e fique em crematórios de floresta. Mantenha a sua prática de recitar cânticos e de se prostrar em tais lugares. Seja contido e não fique em nenhum lugar por muito tempo, ou você vai criar apegos aos leigos'."

"Ele dizia que se fosse para falarmos com os leigos, deveríamos levar em conta o nível de entendimento deles. Não devíamos ser combativos ou agressivos. Precavia-nos sobre pessoas vindo pedir números de loteria, ele dizia, 'Diga para eles que você não sabe, que você vai lhes dar algo melhor — os princípios da prática. Se eles lhe atormentarem e você não conseguir se livrar deles, então lhes ensine sobre a prática, os cinco e os oito preceitos, e deixe-os imaginarem os números por si mesmos'. Devíamos examinar o caráter das pessoas; elas podem ser perigosas para você. Mas por outro lado, elas podem já ter cuidado de monges anteriormente. Então elas virão para lhe dar assistência. De noite, elas trarão suas famílias para tomar os preceitos e, nos dias de observância, virão para tomar os oito preceitos.

"Ele dava conselhos sobre como lidar com as perguntas que poderiam ser feitas ... Dizia que se as pessoas viessem perguntar sobre níveis de absorção e iluminação, então que eu lhes dissesse que não tinha interesse em falar sobre aquilo. Nossa forma de praticar se resume a se conseguirmos abandonar a cobiça, o ódio e a delusão. Você está se apegando a coisas materiais? Se alguém lhe ofende, você fica com raiva? Com relação aos diferentes níveis de absorção, nossos professores não usam esses termos; eles ensinam a observar a mente e, ao fazer isso, se libertar da armadilha de Māra."

Luang Pó dizia que monges em *tudong* podiam espalhar o Dhamma através da qualidade de sua restrição dos sentidos. Às vezes, seus modos podiam inspirar tanto as pessoas que os observassem que isso poderia levá-las a pedir ensinamentos.

"Ele nos contava a história de como o venerável Sāriputta, enquanto ainda era membro de outra seita, viu o arahant, venerável Assaji, em sua mendicância matinal. A cor dos mantos do venerável Assaji era sóbria. Ele parecia ter muito mais compostura do que os membros das outras seitas. Caminhava pacificamente, nem tão rápido, nem tão devagar, mas atento a cada movimento e ao

ambiente em que estava caminhando. O venerável Sāriputta ficou inspirado e o abordou. Como resultado do curto ensinamento que recebeu do venerável Assaji, o venerável Sāriputta alcançou o estágio de “entrada na correnteza” e subsequentemente se tornou um dos dois grandes discípulos ...

"Luang Pó dizia que em *tudong* você vê coisas que nunca tinha visto antes, ouve coisas que nunca tinha ouvido antes e começa a conhecer coisas que não conhecia antes. Com sabedoria e autocontenção, todas as experiências em *tudong* poderiam ser benéficas, tanto para você quanto para os outros."

MEDICAMENTOS

Monges *tudong* gostam de procurar por locais remotos para praticar, mas locais que sejam distantes dos atropelos e do barulho do mundo também são distantes das conveniências modernas e, mais crucialmente, podem ficar a horas de distância do hospital mais próximo. Assim, é importante que monges *tudong* tenham conhecimento de ervas medicinais para serem capazes de fazer uso das coisas que a natureza dá gratuitamente para tratar de suas doenças. Em um livro, Ajahn Dilok escreveu:

"Luang Pó uma vez disse à Sangha que, antes de sair em *tudong*, ele pilava folhas de *somlom* com sal e então colocava essa pasta em um pedaço de bambu e o assava, o que fazia com que ela se tornasse um bastão seco dentro do bambu. Quando ele quisesse comer um pouco daquilo, ele cavava de dentro do bambu com uma faca. Ele dizia que se você não tivesse nenhum tônico para tomar nas tardes, você poderia comer um pouco daquilo. Para malária, ele recomendava comer folhas de *nim* e mais ou menos uns quinze centímetros de videira *borapet* por dia, como profilaxia. Se você estivesse com malária já mais avançada, então você deveria macetar o *borapet*, extrair a seiva e tomá-la. Algumas pessoas gostam de cortar o *borapet* em pequenas rodela e tostá-las levemente com sal. Seu aroma é tão bom quanto o de café. Luang Pó disse que ele conseguia um monte de remédios, especialmente aqueles para picada de cobras, com seu irmão, Pó Lá.

"Outro medicamento que monges *tudong* usavam com sucesso para curar picadas de cobra é um dos que o Buddha permitiu no Vinaya. Quando picado por uma cobra, você é autorizado a cortar madeira viva, queimá-la e misturar as cinzas da madeira com urina e excremento; tendo coado aquilo, dê para a pessoa que foi picada tomar. Isso causa um vômito violento e pode eliminar o veneno.

"Havia um coronel do exército que tinha ouvido Luang Pó mencionar isso várias vezes e aquilo ficou grudado em sua memória. Um dia ele levou um grupo de soldados em uma patrulha na selva e um deles foi picado por uma cobra. Esse coronel se lembrou das palavras de Luang Pó. Ele pediu doações de excremento e urina. Eles foram misturados e forçados garganta abaixo do soldado. Naquele momento a sua mandíbula já estava enrijecida. Ele esfriou e então começou a vomitar. Ele sobreviveu."

A ideia de tomar urina pode parecer repulsiva, mas, na Índia, o seu valor medicinal sempre foi reconhecido desde a antiguidade e o Buddha permitiu o consumo de urina de vaca para propósitos medicinais. A geração mais antiga de monges *tudong* de Isan (os monges mais jovens geralmente não são tão entusiastas) mantinha consigo urina humana em conserva. Eles enterravam potes de barro com urina, gengibre, capim-limão, *galangal* e casca de limão *kaffir* — às vezes diluídos em água, às vezes não — por meses ou mesmo por anos. Então eles filtravam e ferviam aquilo com gengibre fresco e sal. O elixir resultante era considerado um remédio excelente para problemas digestivos.

O MONGE

Luang Pó passou aproximadamente trinta anos treinando monges. Foi o trabalho principal de sua vida. Ele experienciou sucessos e fracassos e aprendeu de ambos. O padrão de prática que estabeleceu e os objetivos que apontou para seus discípulos foram expressos da mais bela forma pelo próprio Buddha no Dhammapada:

*Para o monge sábio,
Essas são as primeiras coisas a serem cultivadas:
Controle dos sentidos, contentamento,
Observância das regras do Pāṭimokkha,
Associar-se com amigos energéticos
Que levem uma vida pura. – Dhp 375-376*

*Assim como o jasmim
Se livra de sua ressequida flor,
Da mesma maneira, você, oh monge,
Deveria livrar-se da luxúria e do ódio. – Dhp 377*

*Por si mesmo, censure-se.
Por si mesmo, examine-se.
Assim, resguardado e também atento,
Você, monge, viverá feliz. – Dhp 379*

*Vivendo no Dhamma,
Deleitando-se no Dhamma,
Investigando o Dhamma,
Recordando-se do Dhamma,
Aquele monge não se perde do sublime Dhamma. – Dhp 364*

*Aquele que não se agarra nem ao “eu”, nem ao “meu”,
Nem em mentalidade nem em materialidade,
Que não se aflige pelo que não é —
Tal pessoa é verdadeiramente chamada um monge. – Dhp 367*

Se ao renunciar a uma felicidade menor alguém pode alcançar uma felicidade maior, que os sábios renunciem ao pequeno, tendo em vista o grande.

Dhp 290

I. INTRODUÇÃO

FARANG

Da metade do século catorze até a sua invasão pelos birmaneses em 1767, Ayutthaya era a capital da nação tailandesa. Estabelecida em uma ilha no rio Chao Phraya, estava idealmente situada para atuar como um entreposto portuário em uma época em que as rotas terrestres eram mais seguras do que as marítimas e os mercadores do Oriente procuravam evitar enviar seus produtos através do Estreito de Malacca. Em um período de duzentos anos, Ayutthaya tinha se tornado uma das cidades mais cosmopolitas da Ásia. Sua população, de aproximadamente um milhão de pessoas, excedia a de Londres. Seus quase quinhentos templos, com várias estupas cobertas de folhas de ouro, davam à cidade uma aura mágica, quase celestial, que encantava os visitantes de outras terras. Na metade do século dezessete, com comunidades de mercadores vindos da França, da Holanda, de Portugal e da Inglaterra instaladas fora dos muros da cidade, os habitantes de Ayutthaya tornaram-se acostumados com ocidentais, ou “*farangs*”. Os reis de Ayutthaya frequentemente empregavam mercenários estrangeiros como guarda-costas. Para os tailandeses, esses estranhos seres brancos pareciam remeter a uma espécie de ogro: cabeludos, malcheirosos, briguentos e rudes, amantes da carne e do álcool, mas possuidores de admiráveis habilidades técnicas, particularmente nas artes da guerra.

Os ogros tinham uma religião — padres e monges os acompanhavam — mas ela não tinha nenhum apelo para os tailandeses que estavam contentes com suas tradições. Como budistas, eles estavam acostumados a associar a espiritualidade com a renúncia aos prazeres sensuais. Eles acharam o clero ocidental mundano e hipócrita, indigno nas suas rivalidades. Os tailandeses de Ayutthaya gentilmente recusaram, com cortesia e sorrisos, o que eles viram como uma fé alienígena. Contudo, a lendária tolerância siamesa foi levada ao limite durante o reinado do Rei Narai (1656-88), quando um carismático aventureiro grego, Constantino Falcão, veio a se tornar o mais próximo conselheiro do rei, que o apontou como *Mahatthai*, ministro do comércio exterior e assuntos estrangeiros, o segundo em poder e influência logo depois do próprio rei. Depois de sua conversão ao catolicismo, alega-se que Falcão passou a se envolver com os franceses em conspirações para colocar um príncipe cristão no trono e assim conquistar todo o país para Deus e para Luís XIV. Com a morte do rei Narai em 1688, contudo, as forças conservadoras prevaleceram, as esperanças francesas foram desfeitas e Falcão foi executado. Pelos 150 anos seguintes, os siameses viam os ocidentais com medo, aversão e suspeita.

Mas conforme o poder e o prestígio dos franceses e dos britânicos espalharam-se através da região no século dezenove, a imagem do ocidental mudou. Ele passou a representar autoridade e modernidade — a nova ordem mundial que deveria ser acomodada. Como todo o resto da região caiu em mãos europeias, a independência do Sião tornou-se cada vez mais frágil. O rei Mongkut (1851-68) acreditou que a única forma para que o pequeno país pudesse sobreviver na era colonial era ganhar o respeito das forças ocidentais, tornando-se mais parecido com elas. Para esse fim, começou a reverter políticas de antigos monarcas e cultivou amizades com estudiosos e missionários

¹²⁹ Falando de maneira estrita, seria mais preciso usar o termo “não-tailandesa” ou “de estrangeiros” aqui. Um pequeno número de monges asiáticos, a maioria japoneses e chineses, treinou em Wat Pah Pong. Contudo, a imensa maioria dos monges estrangeiros era de ocidentais, e a palavra em tailandês usada para fazer referência a não-tailandeses, “*farang*”, é especificamente cunhada para caucasianos. Por essas razões e pela facilidade da utilização, escolhi usar o termo “Sangha Ocidental”.

ocidentais. Introduziu estilos ocidentais de indumentária e uniformes. Previu eclipses por meios científicos, minando o até então inabalável prestígio dos astrólogos. Ele também buscou reformar o budismo popular em linhas mais racionais e "científicas" para protegê-lo do desdém dos missionários.

Depois da morte do rei Mongkut, seu filho, o rei Chulalongkorn (1686-1910), seguiu a política de seu pai e procurou criar um estado e uma administração modernos, centralizados e baseados pesadamente na perícia ocidental. Membros da família real e da aristocracia foram enviados para estudar no ocidente, particularmente na Inglaterra. Essa política foi bem-sucedida: o Sião preservou a sua independência. No final do século dezenove, contudo, os franceses humilharam os tailandeses ao anexar seus territórios orientais. Para muitos, isso confirmou a superioridade inquestionável do Ocidente em todas as coisas mundanas.

Na época em que Luang Pó atingiu a idade adulta, a rica elite tailandesa estava encantada com os símbolos materiais da cultura ocidental. Roupas caras importadas, veículos motorizados, aparelhos e comidas eram procurados como símbolos de status. A monarquia absoluta foi destituída em 1932 em favor do estilo ocidental de democracia, que foi logo substituído por uma importação mais potente: a ditadura militar. O fascismo era a nova moda — muito mais atraente para os militares que estavam dirigindo o país do que a confusão do debate político. O nome do país foi alterado para "Tailândia". O chauvinismo foi promovido disfarçado de patriotismo. Mandados culturais acompanharam a mudança política. O marechal Phibunsongkhram promulgou leis tornando compulsório que homens usassem cartolas e beijassem suas esposas no rosto antes de saírem para o trabalho de manhã. Uma marginalização dos objetivos e ideais budistas, coincidindo com um apoio oficial às formas e rituais budistas, tornou-se um aspecto de desenvolvimento que assumiu uma característica duradoura.

Nos vilarejos de Ubon, imagens do Ocidente vinham de Hollywood. Companhias itinerantes de cinema montavam suas telas grandes e alto-falantes em mosteiros de vilarejo, onde Clark Gable e Greta Garbo encantavam a plateia no dialeto Lao, dublado ao vivo em frente à tela. Contudo, as primeiras visões de *farangs* de carne e osso em Ubon, por mais excitantes que fossem, vieram como um choque. Durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto o recém-ordenado Luang Pó estava estudando em mosteiros de vilarejo locais, um grupo de prisioneiros de guerra descarnados e maltrapilhos havia sido encarcerado no centro da cidade. Eles eram prisioneiros das guarnições japonesas locais, tornados reféns para prevenir bombardeios dos Aliados. Os moradores locais lhes contrabandeavam algumas bananas.

Então na década de 1960, veio a Guerra do Vietnã. Ubon, mais perto de Hanoi do que de Bangkok, adquiriu uma importância estratégica. Ao final daquela década, vinte mil jovens americanos estavam alocados em uma enorme base aérea ao norte da cidade. Homens altos e uniformizados — negros, mulatos e brancos — caminhavam pelas ruas de mãos dadas com prostitutas de minissaia. Eles se divertiam em clubes noturnos cafonas com nomes como "Playboy" e buscavam escapar do estresse de suas vidas com "palitos do Buddha"¹³⁰. Acima de suas cabeças, em intervalos regulares, vinha o som ensurdecedor dos aviões Phantom Fighters e A130 decolando para missões sobre o Laos, o Camboja e o Vietnã.

Contudo, o pessoal do exército americano não eram os únicos jovens ocidentais na Tailândia naquela época. Foi durante esse período que os camponeses que trabalhavam nos campos a leste de Wat Pah Pong ficaram acostumados com uma estranha nova visão. Jovens altos, de pele clara, cabelo desgrenhado e vestindo camisetas e jeans desbotados eram frequentemente vistos andando pelo

¹³⁰ NOTA DA VERSÃO EM PORTUGUÊS – Gíria do local e época para cigarros de maconha.

caminho dos búfalos, com um jeito diferente e obstinado de andar, com uma mochila grande e suja, que mais parecia um grande tumor maligno nas costas. Esses jovens rapazes foram as primeiras gotas de uma corrente constante de ocidentais que estavam encontrando seu caminho até Luang Pó Chah. Eles viriam a tornar-se os membros mais antigos da Sangha Ocidental que agora, mais de quarenta anos depois, chegaram a quase duzentos monges e monjas.

MAIS DO QUE PALAVRAS

“Luang Pó, apenas uma pequena parte de seus discípulos ocidentais fala tailandês e você não fala a língua deles. Como você os ensina?” Conforme o número de discípulos ocidentais aumentava constantemente, essa foi uma das perguntas mais comuns que Luang Pó ouviu do início da década de 1970 em diante. Ele explicava que estava ensinando budismo não como uma filosofia, mas como uma forma de libertação. Apontar diretamente para a experiência do sofrimento, sua causa e o caminho que levava à sua cessação era mais importante do que encontrar palavras para descrever o processo. Às vezes, para esclarecer esse ponto, ele despejava água de uma garrafa térmica em uma caneca sobre a mesa à sua frente.

Em tailandês, chamamos isso de “nam rón”, em lao isso é “nam hón” e em inglês eles chamam isso de “hot water”. Mas esses são apenas nomes. Mergulhe o seu dedo aqui, e nenhuma língua poderá realmente passar a real sensação. Ainda assim, pessoas de várias nacionalidades conhecem essa sensação por si mesmos.

Em outra ocasião, um visitante, vendo todos aqueles monges estrangeiros, perguntou para Luang Pó se ele podia falar inglês, francês, alemão, japonês, ao que ele respondeu, para cada caso, que não podia. Quem fez a pergunta pareceu confuso: então como os monges estrangeiros podiam aprender qualquer coisa? De maneira característica, Luang Pó respondeu com uma pergunta:

Você tem bichos em casa? Você tem algum cachorro ou gato? Algum boi ou búfalo? Sim? Bem, você pode falar “gatês”? Você pode falar “cachorrês”? Você pode falar “bufalês”? Não? Então como eles sabem o que você quer que eles façam?

E resumiu:

Não é difícil. Treinar os ocidentais é como treinar um búfalo. Se você apenas seguir puxando a corda, eles logo entenderão.

Para os tailandeses, o búfalo é a materialização da ignorância e da estupidez. Comparar um ser humano a um búfalo seria normalmente considerado ofensivo; qualquer um que chame outra pessoa de “*kuai*” em sua cara, ou está mostrando desdém, ou está chamando para uma briga. Dado o respeito exagerado pela inteligência dos ocidentais, muito comum na Tailândia, os ouvintes de Luang Pó sempre achavam essa comparação tanto chocante quanto hilária.

A visão de monges ocidentais causava uma poderosa impressão. Em uma época em que a tecnologia, os avanços materiais e a perícia ocidental estavam sendo tão elogiados pelos poderosos, ali se encontravam jovens rapazes bem-educados que haviam renunciado voluntariamente às boas coisas da vida, que as pessoas estavam sendo encorajadas a almejar. Aqueles eram homens que tinham escolhido levar a vida austera na floresta como monges — não entendendo a língua, alimentando-se de comida simples, lutando por paz e sabedoria da mesma forma que monges tailandeses vinham fazendo por centenas de anos. Era algo desconcertante, fascinante e, acima de tudo, inspirador. Muitos visitantes deixavam Wat Pah Pong pensando que havia mais no budismo do que eles supunham. Se os ocidentais tinham tanta fé naquilo, como poderia ser coisa do passado?

A técnica básica de Luang Pó não era, ele insistia, particularmente misteriosa: ele liderava seus discípulos ocidentais, mostrava-lhes o que fazer, era um exemplo. Não era necessário dar-lhes uma grande quantidade de informação.

Mesmo que eu tenha vários discípulos ocidentais vivendo comigo, não lhes dou tanta instrução formal. Eu os lidero na prática. Boas ações rendem bons resultados e más ações rendem maus resultados. Eu lhes dou a oportunidade de verem isso. Quando eles praticam com sinceridade, têm bons resultados e então desenvolvem convicção no que estão fazendo. Eles não vêm para cá apenas para ler livros. Eles realmente praticam. Eles abandonam o que quer que seja mau em seus corações e a bondade aparece no lugar.

Os ocidentais chegavam aos ensinamentos budistas e à vida monástica sem o condicionamento cultural dos tailandeses. De certa maneira, eles tinham uma “mente de principiante”. Luang Pó achava a atitude aberta e inquisitiva deles algo refrescante e estimulante. Como estudantes, eles eram em grande parte livres da complacência que ele considerava ser um grande obstáculo dos seus discípulos tailandeses. Por outro lado, a necessidade deles por explicações podia torná-los suscetíveis a dúvidas angustiantes. Às vezes, perguntas levavam apenas a mais e mais perguntas, diminuindo a intensidade da prática. Os ocidentais frequentemente invejavam a aplicação focada de seus companheiros monásticos tailandeses, que pareciam abençoados com uma fé inquestionável em seu professor e em sua tradição.

Luang Pó dizia:

Depois que você consegue fazê-los parar, esses ocidentais podem ver claramente o que fizeram. Mas no começo é um pouco cansativo para o professor. Onde quer que eles estejam, com quem quer que eles estejam, eles fazem perguntas o tempo todo. Bem, se eles não sabem as respostas, então por que não? Eles têm que continuar perguntando até que não tenham mais perguntas, não haja mais nada para perguntar. De outra forma, eles apenas seguem em frente — estão queimando!

II. O PRIMEIRO DISCÍPULO

AJAHN SUMEDHO

Em 1967, um monge de Wat Pah Pong, chamado venerável Sommai, retornou de uma viagem em *tudong* pelo norte de Isan com um monge literalmente acima de sua cabeça e ombros. Até os monges mais contidos de Wat Pah Pong não foram capazes de resistir a dar ao menos uma olhada de relance. O novo monge tinha um metro e oitenta e oito de altura, pele clara, um nariz angular e brilhantes olhos azuis. Seu nome era Sumedho.

Os dois monges tinham se encontrado em um mosteiro de meditação na província de Nong Khai. Depois de descobrirem que ambos eram veteranos da Guerra da Coréia e que o venerável Sommai falava inglês, eles contaram suas histórias um ao outro. Ajahn Sumedho contou a Sommai como, depois da guerra, retornou à faculdade e obteve um título de mestrado em Estudos do Sudeste Asiático da Universidade de Berkeley. Depois da graduação, ele se juntou ao “Peace Corps” e deu aulas de inglês em Bornéu antes de ir passar um período na Universidade Thammasat, em Bangkok. Ele disse que foi depois de receber instruções de meditação no Wat Mahathat, que ficava próximo

dali, que seu interesse no budismo, que já havia sido aceso por leituras de poesia japonesa *haiku*, durante seu serviço militar uns dez anos antes, amadureceu para a decisão de se tornar um monge.

Agora, contudo, depois de se mudar para Isan, receber ordenação plena e passar os últimos meses em uma pequena cabana em retiro solitário, Ajahn Sumedho estava começando a perder a confiança no formato de sua vida monástica e sentindo necessidade de uma forma mais arredondada de prática. As descrições do venerável Sommai sobre Wat Pah Pong vieram em tempo e o inspiraram. Ele pediu permissão ao seu preceptor para partir e, depois de algum tempo, os dois monges estavam seguindo viagem para caminhar os 450 quilômetros, rumo ao sul, para Ubon.

Seria uma decisão com consequências de longo alcance. Ajahn Sumedho passaria os dez anos seguintes de sua vida em Ubon, sob as orientações de Luang Pó. Ele formaria o núcleo ao redor do qual uma comunidade de monges ocidentais se aglutinaria. Em 1975, ele estabeleceria o mosteiro afiliado Wat Pah Nanachat, antes de se mudar para a Inglaterra em 1977. Lá, em Chithurst, ao sul do país, ele fundaria o primeiro de vários mosteiros afiliados fora da Tailândia.

Quando alguém uma vez perguntou para Luang Pó se ele tinha alguma conexão especial com os ocidentais, a ponto de ter levado tantos deles a se tornarem seus discípulos, ele respondeu com um sorriso que, quando era garoto, tinha visto um filme de caubóis com seus amigos. As imagens daquele filme grudaram na sua mente desde então e talvez tenham exercido algum tipo de força de atração.

Um dos personagens do filme era um homem grande fumando cigarros. Ele era tão alto! Aquilo me fascinou. Que tipo de ser humano podia ter um corpo daquele tamanho? Aquela imagem ficou presa na minha mente até agora, e vários ocidentais vieram. Se você está falando de causas, houve isso.

Quando Sumedho chegou, ele era exatamente como o caubói do filme. E com um narigão! Assim que o vi, pensei comigo mesmo: “Esse monge é um ocidental”. E eu lhe disse que o havia visto antes em um filme. Então, sim, houve causas e condições que deram suporte. Foi por isso que eu vim a ter vários conhecidos e amigos ocidentais. Eles vêm mesmo que eu não saiba falar inglês. Eu tento treiná-los no Dhamma como eu o enxergo. Não importa que eles não conheçam os costumes tailandeses. Eu não faço nada a respeito disso, é assim que as coisas são. Apenas sigo os ajudando — essa é a essência.

Quando Sumedho pediu para ser aceito como estudante, Luang Pó concordou, mas colocou uma condição: que ele se adequasse aos monges tailandeses e não esperasse nenhuma consideração especial.

"Nos outros mosteiros da Tailândia onde vivi, o fato de ser um ocidental significava que eu podia esperar ter o melhor de tudo. Podia também me livrar do trabalho e de outras coisas mundanas que se esperava que os monges fizessem: ‘Estou muito ocupado meditando agora. Não tenho tempo para varrer o chão. Deixe que outra pessoa faça isso. Sou um meditador sério’. Mas quando cheguei em Wat Pah Pong e as pessoas disseram, ‘Ele é americano; ele não consegue comer o tipo de comida que nós comemos’. Luang Pó disse, ‘Ele vai ter que aprender’. E quando não gostei da cabana de meditação que me foi dada e pedi uma outra que eu preferia, Luang Pó disse, ‘Não’. Todo o formato do treinamento girava sobre estar em conformidade com a agenda diária. Quando perguntava para Luang Pó se eu podia ser dispensado das longas palestras do Dhamma que eu não conseguia entender, ele apenas ria e dizia que eu tinha que fazer o que todos os outros faziam."

Wat Pah Pong provia um ambiente monástico muito diferente daquele com o qual Sumedho estava familiarizado. No mosteiro anterior, ele vinha vivendo de forma solitária, praticando sentado e andando em sua cabana, devotado única e exclusivamente ao desenvolvimento da meditação. O único contato humano era com um noviço que lhe trazia a refeição diária. Havia sido um período benéfico para ele, mas ele tinha dúvidas sobre o quão sustentável a longo prazo aquele estilo de vida monástica seria. O que ele sentia era que lhe faltava o treinamento em Vinaya.

"Em Wat Pah Pong, a ênfase era em atividades de grupo — trabalhar juntos, comer juntos, etc. — com todas as devidas regras. Eu sabia que se fosse viver como um monge necessitaria do treinamento monástico, e eu não tinha treinamento algum no centro de meditação onde morava antes. O que Luang Pó me deu foi uma situação viva para contemplar. Você desenvolvia uma consciência sobre a tradição monástica, e aquilo era algo que eu sabia que precisava. Eu precisava de restrição e contenção. Eu era uma pessoa muito impulsiva, com uma tremenda resistência a qualquer tipo de autoridade.

"Estive na Marinha por quatro anos e tinha desenvolvido uma aversão à autoridade e à hierarquia. E então, antes de ir para a Tailândia, passei alguns anos em Berkeley, Califórnia, onde o estilo 'cada um na sua' era muito o caso. Não havia senso algum de ter que obedecer a alguém, ou viver sob qualquer tipo de disciplina. Mas, em Wat Pah Pong, tinha que viver seguindo uma tradição que nem sempre eu gostava ou aprovava, em uma situação onde eu não tinha nenhuma autoridade. Eu tinha um forte senso da minha própria liberdade e do direito de reivindicá-la, mas não tinha ideia de como servir a qualquer outra pessoa: ser um serviçal era como admitir que você era, de alguma forma, inferior. Então, achei a vida monástica muito útil para desenvolver um senso de servir e dar suporte à comunidade monástica.

"O que me impressionava sobre Luang Pó era que, embora ele parecesse ser uma mente livre, uma personalidade vívida, ele era ao mesmo tempo muito estrito com o Vinaya. Era um contraste fascinante. Na Califórnia, a ideia de liberdade era ser espontâneo e fazer o que você sentisse vontade. A ideia de disciplina e restrição moral era como um ogro enorme vindo para esmagá-lo com todas aquelas regras e tradições — você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo — e pressionando muito você.

"Então minha reação imediata à rigidez de Wat Pah Pong foi sentir-me oprimido. E ainda assim, minha sensação sobre Luang Pó era que, embora suas ações fossem sempre circunscritas aos limites do Vinaya, ele era um ser livre. Ele não agia movido por ideias de fazer o que gostava, mas movido pela liberdade interior. Então ao contemplá-lo, comecei a olhar o Vinaya como algo a ser utilizado, não apenas para limitar ou oprimir, mas para a liberdade. Era um enigma: como você adota uma convenção restritiva e de renúncia e liberta a sua mente através dessas convenções? Eu podia ver que não havia limites para a mente de Luang Pó. Frequentemente, o apego a regras faz com que você se preocupe muito e perca a confiança, mas Luang Pó era radiante. Era obviamente alguém não apenas mantendo um grande número de regras e ansioso sobre sua pureza. Ele era um exemplo vivo da liberdade que vem da prática."

Ajahn Sumedho estava impressionado e tranquilizado pelos questionamentos de Luang Pó sobre sua prática de meditação. Luang Pó meramente reconhecia com um grunhido que o método que Ajahn Sumedho estava usando era válido, e lhe deu permissão para seguir com ele caso achasse útil. Aquilo não parecia ser um assunto crucial. Estava claro que o que Luang Pó estava ensinando não era confinado a uma técnica específica de meditação: era um treinamento abrangente, a criação de um contexto ou ambiente no qual qualquer técnica legítima poderia gerar frutos. Era exatamente o que Ajahn Sumedho sentia que precisava.

"Você deve encontrar alguém com quem se harmoniza. Eu já tinha estado em outros lugares e nada realmente encaixava. Tampouco tinha a ideia fixa de ter um professor; eu tinha um grande senso de independência. Mas com Luang Pó senti uma forte reação instintiva. Alguma coisa funcionou para mim estando com ele.

"O treinamento em Wat Pah Pong colocava-o em situações onde você poderia refletir sobre suas reações, objeções e outros aspectos, para que começasse a ver as opiniões, pontos de vista, preconceitos e apegos que surgem naturalmente nessas situações. Luang Pó estava sempre enfatizando a necessidade de refletir sobre como as coisas são. Isso foi o que achei de maior auxílio, pois quando você é muito autocentrado e cheio de opiniões, como eu era naquela época, você realmente precisa abrir a sua mente. Então achei o estilo de Luang Pó muito mais claro e direto. Como eu já estava bastante reprimido, realmente precisava de uma forma honesta e clara de olhar para mim mesmo, em vez de tentar reprimir meus sentimentos e forçar minha mente a estados mais refinados. Ele também era muito atento às necessidades individuais dos monges, então era como se não houvesse uma técnica padrão. Ele percebia que você realmente tem de encontrá-la por você mesmo, então como eu o via, como ele me afetava era o que parecia prover um pano de fundo para minha vida a partir do qual eu poderia refletir. "

Mesmo com esse tipo de apreço pela forma de praticar em Wat Pah Pong, Ajahn Sumedho não achou aquilo fácil. Tirando as dificuldades e frustrações facilmente previstas que ele experienciou com o idioma, a cultura, o clima e a dieta, foi o Vinaya que, ironicamente, provocou-lhe as maiores incertezas. Sua personalidade sempre tinha sido a de um idealista; ele se importava com a visão mais ampla, a visão que unificava e tendia a ficar impaciente com os pequenos detalhes da vida cotidiana. De forma nada surpreendente, sentiu uma antipatia natural por grande parte das instruções detalhadas do Vinaya, que lhe pareciam uma busca contínua e exagerada de pequenas faltas em matérias triviais.

"As leituras do Vinaya eram terrivelmente entediadas. Você ouvia sobre como 'um monge que tenha um rasgo em seu manto que esteja a tantos centímetros da bainha deveria costurá-lo antes do amanhecer' e eu ficava pensando, 'Não me tornei monge para isso'."

Os textos do Vinaya prescrevem várias tarefas a serem realizadas pelos estudantes para auxílio do seu professor. Uma delas é lavar os pés do professor quando ele retorna da mendicância matinal. Em Wat Pah Pong, algo como vinte monges esperavam por Luang Pó no lava-pés do refeitório, ávidos pela honra de limpar a sujeira dos seus pés ou poder estar com a toalha que iria secá-los nas mãos. No começo, Ajahn Sumedho achou a coisa toda um pouco ridícula. Todos os dias, ele observava entretido enquanto os monges começavam a se encaminhar para o lava-pés. Era o tipo de ritual que o fazia sentir-se alienado do resto da comunidade. Ele estava ciente do lado crítico e julgador de sua mente que estava vindo à tona:

"Mas então comecei a me escutar e pensei, 'Esse é um estado realmente desagradável para minha mente ficar. Existe algo ali para eu estar tão chateado? Eles não estavam pedindo para que *eu* fizesse aquilo. Está tudo certo; não há nada de errado com vinte homens lavando os pés de um homem. Não é algo imoral ou um *mau* comportamento, e talvez eles gostem daquilo; talvez eles queiram fazer aquilo — talvez esteja tudo bem em fazer aquilo ... Talvez *eu* deva fazer aquilo.' Então, na manhã seguinte, vinte e *um* monges correram para lavar os pés de Luang Pó. Não houve problema nenhum depois daquilo. Senti-me realmente bem: aquela coisa ruim em mim tinha passado."

Embora o Buddha tenha chamado o elogio e a culpa de "dhammas mundanos", até os buscadores espirituais mais dedicados e não-mundanos devem aprender lidar com eles de forma hábil. Durante seus primeiros dias em Wat Pah Pong, Ajahn Sumedho recebeu generosos elogios. Em culturas

budistas, a renúncia voluntária aos prazeres sensuais em favor do treinamento espiritual é uma virtude muito estimada. Os sacrifícios que Ajahn Sumedho havia feito para se tornar monge inspiravam tanto os seus companheiros monásticos quanto os apoiadores leigos do mosteiro. Ao deixar os Estados Unidos e assumir os mantos ocre, ele não apenas tinha aberto mão de um padrão de vida que os camponeses de Isan poderiam apenas sonhar em ter, mas ele o havia feito em troca de uma vida em um dos *wats* mais estritos e austeros do país. A população conservadora de Isan — com seu senso de segurança e bem-estar tão ligados à manutenção de suas tradições — estava impressionada pelo quão bem Ajahn Sumedho podia viver, exilado das condições com as quais estava acostumado. Eles ficaram inspirados pelo quão diligente e dedicado ele era em sua prática. Como o único ocidental, ele era o centro das atenções onde quer que fosse, atrás apenas do próprio Luang Pó.

Por outro lado, é comum aos tailandeses possuírem uma graciosidade física natural, aparentemente quase sem esforço, que era realçada pela ênfase monástica no desenvolvimento de *sati* através do grande cuidado com as formas e os detalhes. Era confuso para eles verem Ajahn Sumedho, fisicamente imponente e com um zelo óbvio pela prática, mas, ao mesmo tempo, tão desajeitado e deslegrado para os padrões deles. Para a maioria, aquilo provocava um divertimento silencioso e afetivo; para outros, aquele divertimento era azedado com uma pitada de medo, ciúme e ressentimento. Ajahn Sumedho, um pouco paranoico e ao mesmo tempo gostando da atenção, não pôde evitar de se sentir constrangido.

"Eles perguntavam: 'Quantos anos você tem?' Eu dizia: 'Trinta e três'. E eles diziam: 'Sério? Eu achava que você tinha pelo menos sessenta'. Então eles criticavam o jeito que eu andava e diziam, 'Você não anda direito. Você não é muito atento ao andar'. E eu pegava a bolsa de pano e simplesmente a colocava em qualquer lugar, sem dar qualquer importância. E eles diziam: 'Guarde sua bolsa direito. Você pega assim, dobra desse jeito, e então a coloca ao seu lado assim'. O jeito que eu comia, o jeito que eu andava, o jeito que eu falava — parecia que tudo o que eu fazia era criticado e zombado — mas algo me fez ficar e suportar tudo aquilo. Eu na verdade aprendi sobre como me adequar a uma tradição e a uma disciplina — e aquilo realmente levou alguns anos, porque sempre havia uma forte resistência. Mas comecei a entender a sabedoria do Vinaya e, com o passar dos anos, minha equanimidade cresceu."

EMPURRADO

Depois de alguns anos, a atitude de Luang Pó para com Ajahn Sumedho mudou. Vendo o crescimento da confiança de seu discípulo e os elogios que estava recebendo, começou a tratá-lo mais robustamente. Ajahn Sumedho recorda:

"Nos primeiros dois anos, Luang Pó me elogiava muito e inflava o meu ego, algo que eu apreciava, pois tendia a ser autodepreciativo, e ter essa constante atitude muito positiva para comigo era de muito auxílio. Por me sentir tão respeitado e querido por ele, coloquei muito esforço na prática. Depois de alguns anos, aquilo começou a mudar. Ele viu que eu estava mais forte e começou a ser mais crítico. Às vezes, ele me insultava e humilhava em público — mas naquela altura eu era capaz de refletir sobre aquilo.

"Houve vezes em que Luang Pó contava no Salão de Dhamma, completamente cheio de praticantes leigos, sobre coisas desajeitadas que eu havia feito. Todos, monges e leigos, começavam a dar gargalhadas. E eu ficava ali sentado sentido raiva e envergonhado. Uma vez um noviço pegou o meu manto externo por engano e o entregou para ele. Luang Pó riu e disse que soube imediatamente de

quem era aquele manto por causa do mau-cheiro, o 'fedor de *farang*'. Com certeza, eu me senti muito indignado quando ouvi Luang Pó dizer aquilo; mas pude suportar e, por causa do respeito que sentia por ele, não demonstrei nenhuma reação. Ele me perguntou se eu estava me sentindo bem e eu disse que sim, mas ele pôde ver que minhas orelhas estavam bem vermelhas.

"Ele tinha um maravilhoso senso de '*timing*' e então eu conseguia usar aquilo, beneficiei-me de ser capaz de observar minhas próprias reações emocionais ao ser insultado ou humilhado. Se ele tivesse feito aquilo no começo, eu jamais teria ficado. Não havia um sistema real que eu pudesse discernir; você apenas sentia que ele só estava tentando lhe ajudar ... forçá-lo a olhar para suas próprias reações emocionais ... e eu sempre confiei nele. Ele tinha um grande senso de humor, havia um brilho nos seus olhos, sempre com um pouco de travessura, e então eu apenas deixava acontecer."

Várias das lembranças mais vívidas de Ajahn Sumedho de seus primeiros anos em Wat Pah Pong são de ocasiões quando alguma nuvem negra em sua mente se dissolvia através de um repentino insight quanto aos desejos e apegos que a condicionavam. O gênio de Luang Pó como professor parecia estar, para ele, na criação de situações nas quais esse processo pudesse acontecer — trazendo uma crise à tona, ou direcionando a sua atenção de forma mais hábil para o que realmente estava acontecendo em sua mente. A sua fé em Luang Pó permitiu-lhe abrir-se. Um sorriso de seu professor ou palavras de encorajamento no momento certo podiam fazer com que horas de frustração e irritação parecessem ridículas e insubstanciais; uma afiada pergunta ou repreensão poderiam despertá-lo de uma longa sessão de autoindulgência.

"Ele era um homem muito prático, então usava a essência da vida diária para o insight. Ele não era muito entusiasta de usar eventos especiais ou práticas extremas para fazê-lo despertar, estando no fluxo comum da vida monástica, e ele era muito bom nisso. Ele sabia que qualquer convenção pode tornar-se superficial e atenuada depois de um tempo se você se acostuma com ela. Ele estava ciente disso, então sempre havia um tipo de astúcia que lhe dava um choque ou um solavanco."

Nos primeiros dias, a frustração era o maior combustível do sofrimento de Ajahn Sumedho. Os períodos de varrição à tarde podiam ser exaustivos no verão. Um dia, enquanto trabalhava debaixo do sol, seu corpo coberto de suor, ele se lembra de sua *sati* sendo consumida pela aversão e por um senso de indignação, e de reclamar para si mesmo: "Não quero fazer isso. Eu vim aqui para me iluminar, não para varrer folhas do chão". Foi quando Luang Pó o abordou e disse: "Onde está o sofrimento? É Wat Pah Pong o sofrimento?"

"Eu de repente percebi algo em mim que estava sempre reclamando e criticando e que estava me impedindo de me doar ou de me oferecer para qualquer situação.

"Em outra ocasião, tive uma reação muito negativa por ter de sentar e praticar por toda a noite, e eu devo ter demonstrado isso. Depois da recitação dos cânticos noturnos, Luang Pó recordou a todos que eles deveriam ficar e meditar até o amanhecer. 'Exceto', ele disse, 'o Sumedho. Ele pode ir e descansar'. Ele me deu um belo sorriso, e eu me senti muito estúpido. É claro que eu fiquei a noite toda lá.

"Havia muitos momentos em que você era pego em algum tipo de coisa pessoal, e ele podia sentir aquilo. Ele tinha o '*timing*' para lhe cutucar naquele momento em que você estivesse maduro, para que você pudesse, de repente, perceber o seu apego. Uma noite, estávamos no pequeno salão onde recitávamos o *Pāṭimokkha*¹³¹ e o seu amigo Luang Pó Chalui veio para uma visita. Geralmente, depois que o *Pāṭimokkha* terminava, nós íamos tomar uma bebida quente e então nos juntávamos aos

¹³¹ O novo Salão de Uposatha, mencionado anteriormente, foi construído apenas anos depois.

leigos no salão de Dhamma. Mas naquela noite, ele e Luang Pó Chalui sentaram-se ali brincando entre eles por horas e nós tínhamos que ficar ali sentados escutando. Eu não podia entender sobre o que eles estavam falando e fiquei muito irritado. Estava esperando que ele nos dissesse para irmos para o outro salão, mas ele apenas prosseguiu. De vez em quando, olhava para mim. Bem, eu tinha um lado teimoso e não iria desistir. Apenas fiquei mais e mais irritado e com raiva.

"Já era quase meia-noite e eles ainda estavam empolgados, rindo como garotos de escola. Eu fiquei muito indignado; eles nem ao menos estavam falando sério sobre a prática ou sobre o Vinaya ou sobre nada! Minha mente seguia dizendo: 'Que perda de tempo. Eles deveriam ter mais consciência'. Eu estava tomado por raiva e ressentimento. Ele sabia que eu tinha esse lado teimoso e tenaz, então seguiu até as duas, três da manhã. Naquela hora eu apenas desisti de tudo, abri mão de toda raiva e resistência e senti uma onda de alegria e relaxamento; senti que toda a dor havia sumido. Eu estava em um estado de felicidade. Senti que poderia ser feliz se ele prosseguisse para sempre. Ele percebeu aquilo e disse a todos que podíamos partir."

FALANDO DO CORAÇÃO

Dada a fama de Ajahn Sumedho e sua crescente proficiência em tailandês, era natural que os apoiadores leigos de Wat Pah Pong estivessem ansiosos para ouvi-lo dar uma palestra do Dhamma. Quatro anos depois de sua chegada, Luang Pó decidiu que a hora tinha chegado para que seu primeiro discípulo ocidental começasse um novo tipo de treinamento: aquele de falar sobre o Dhamma.

A oportunidade surgiu durante uma viagem a um mosteiro afiliado. Conforme a noite se aproximou, um grande número de discípulos leigos começou a chegar ao mosteiro para participar da recitação de cânticos e ouvir uma palestra de Dhamma de Luang Pó. Sem nenhum aviso prévio, Luang Pó pediu para que Ajahn Sumedho desse a palestra. A perspectiva de subir ao assento do Dhamma do mosteiro e lutar para dar um discurso inesperado a uma grande plateia, em um idioma em que ele não era particularmente fluente, era algo intimidador. Ajahn Sumedho congelou e declinou tão polidamente e firmemente quanto pôde. Mas com uma forte confiança em Luang Pó, e ao perceber que estava apenas postergando o inevitável, ele passou a acostumar-se com a ideia de que, em breve, teria que começar a ensinar.

Quando Luang Pó o convidou para dar uma palestra no dia de observância seguinte, ele concordou em silêncio. Mesmo ciente sobre a visão de Luang Pó de que palestras do Dhamma não deveriam ser planejadas com antecedência, Ajahn Sumedho sentiu-se inseguro. Naquele momento, estava lendo um livro sobre cosmologia budista e refletindo sobre a relação entre diferentes reinos de existência e estados psicológicos. Ele tomou algumas notas para a palestra que ocorreria.

O dia de observância logo chegou e Ajahn Sumedho deu a palestra. Embora seu vocabulário ainda fosse bem rudimentar e seu sotaque pouco firme, tudo pareceu correr bem. Ele se sentiu aliviado e orgulhoso de si mesmo. No dia seguinte, leigos e monges vieram até ele para expressar sua apreciação pela boa palestra, e ele estava ansioso para se aquecer ao sol dos elogios de seu professor. Mas ao prestar reverências a Luang Pó, embaixo de sua cabana, e vendo seu rosto inexpressivo, ele sentiu um calafrio atravessar o seu coração. Com uma voz baixa, Luang Pó disse: "Nunca mais faça aquilo". Ajahn Sumedho percebeu que Luang Pó sabia que ele tinha preparado a palestra de antemão e que, aos olhos dele, embora tenha sido um discurso inteligente, interessante e informativo, não era o Dhamma falando; eram apenas pensamentos e esperteza. O fato de que tinha sido uma "boa palestra" não era o ponto.

Com o intuito de desenvolver a atitude correta sobre como dar palestras do Dhamma, um monge precisa proteger sua mente contra o desejo por elogios e apreciação, e precisa desenvolver uma “casca grossa”. Uma noite, Ajahn Sumedho foi chamado por Luang Pó para dar um discurso para os leigos com uma condição incomum — a palestra deveria durar três horas. Depois de mais ou menos uma hora, ele já havia esgotado o seu assunto inicial e começado a divagar, caçando coisas sobre as quais falar, em um crescente desespero. Ele pausou, repetiu-se e embarcou em longos e sinuosos apartes, dolorosamente ciente de que membros da plateia estavam ficando entediados e inquietos, sonolentos e indo embora. Apenas umas poucas senhoras mais velhas e dedicadas permaneceram sentadas ali pelas três horas — curvadas de sono, com olhos fechados — como árvores retorcidas em uma planície inóspita. Ajahn Sumedho refletiu depois que aquilo terminou:

"Foi uma experiência valiosa para mim. Eu comecei a perceber que o que Luang Pó queria que eu fizesse era poder olhar para essa autoconsciência, a pose, o orgulho, a presunção, as queixas, a preguiça, o não querer ser importunado, o querer agradar, o querer entreter, o desejo de obter aprovação."

VOLTE E ENCARE O DESCONHECIDO

Ajahn Sumedho foi o único monge ocidental em Wat Pah Pong por quatro anos até que, em 1971, dois outros monges norte-americanos chegaram para passar o retiro das chuvas. Um deles, o Dr. Douglas Burns, era um psicólogo que vivia em Bangkok e que tinha a intenção de ser monge pelo tempo do retiro; o outro era Jack Kornfield (Ven. Santidhammo) que, depois de praticar em mosteiros na Tailândia e em Myanmar, voltaria para a vida leiga para se tornar um dos mais influentes professores do movimento *vipassanā* norte-americano. Nenhum deles ficou muito tempo em Wat Pah Pong, mas ambos exerceram uma forte influência nos desenvolvimentos futuros.

Ao final de um curto período com os mantos, Dr. Burns voltou a Bangkok onde recomendaria aos ocidentais interessados em se tornar monges a irem viver com Luang Pó. Vários dos monges da primeira geração foram para Ubon seguindo tal referência. Nos meses em que Jack Kornfield esteve com Luang Pó, ele tomou notas assíduas dos ensinamentos que recebeu e mais tarde os imprimiu como os muitos populares *“Fragmentos de um Ensino”* e *“Notas de uma Sessão de Perguntas e Respostas”*. Subsequentemente, quando a reputação do próprio Kornfield se espalhou pelos Estados Unidos, suas frequentes referências a Luang Pó apresentaram o nome dele para a plateia ocidental. Esse reconhecimento foi fortalecido pelo livro *“A Still Forest Pool”*, uma coleção dos ensinamentos de Luang Pó, escrita por Kornfield em coautoria com outro ex-monge, Paul Breiter (antes, venerável Varapanyo).

O carisma de Luang Pó e sua habilidade em inspirar e mexer com seus discípulos ocidentais logo se tornaram bastante conhecidos. Mas se Luang Pó foi a razão principal pela qual Wat Pah Pong tornou-se o mais popular mosteiro de floresta tailandês para ocidentais que buscavam um compromisso de longo prazo com a vida monástica, a presença de Ajahn Sumedho era frequentemente um fator decisivo. Ali estava alguém que provava que aquilo podia ser feito.

Ele havia vivido por vários anos em condições adversas, sem quaisquer outros companheiros ocidentais e tinha obviamente ganhado muito com a prática. Ele era um tradutor e um mentor. E, embora tivesse resistência quanto a tal evolução, ele também estava se tornando um professor por seus próprios méritos. O venerável Varapanyo chegou em Wat Pah Pong ao mesmo tempo em que Luang Pó estava ausente por alguns dias. Seu encontro com Ajahn Sumedho foi crucial para sua decisão de ficar.

"Sentado ali na varanda, na paz da noite da floresta, senti que ali era um lugar além do sofrimento e da confusão do mundo — a Guerra do Vietnã, a falta de sentido da vida na América e em qualquer outro lugar, a dor e o desespero daqueles que eu havia encontrado na estrada na Europa e na Ásia, que procuravam com sinceridade uma forma melhor de viver, mas não a encontravam. Este homem, neste lugar, parecia tê-la encontrado, e parecia inteiramente possível que outros também pudessem."

Em 1972, a Sangha de monges ocidentais estava crescendo continuamente e Luang Pó decidiu que eles deveriam passar o retiro das chuvas em Tam Séng Pet, um mosteiro afiliado empoleirado em uma colina íngreme com vista para a planície rural de Isan, a mais ou menos 100 quilômetros de distância de Wat Pah Pong. Longe da influência norteadora de Luang Pó, conflitos de personalidade foram deflagrados e um "queimado" Ajahn Sumedho saiu no final do retiro.

"Para começar, senti muito ressentimento sobre assumir responsabilidades. Em um nível pessoal ... a última coisa que eu queria era estar com outros monges ocidentais ... Estava adaptado a viver com monges tailandeses e sentia-me à vontade dentro da cultura e da estrutura, mas havia um crescente número de ocidentais aparecendo por lá — Dr. Burns e Jack Kornfield estavam encorajando as pessoas a virem.

"Depois que a Sangha de ocidentais teve esse horroroso retiro das chuvas em Tam Séng Pet, eu fugi, passei o retiro das chuvas em um mosteiro no Sudeste e então fui para a Índia. Mas enquanto estava lá tive uma experiência muito poderosa que me abriu o coração. Eu seguia pensando em Luang Pó e em como tinha fugido, senti uma imensa gratidão por ele e decidi retornar e servi-lo. Era algo muito idealista: 'Vou apenas me entregar a Luang Pó. A qualquer coisa que ele queira que eu faça!'

"Nós tínhamos recém-inaugurado um mosteiro afiliado horrível em Suan Kluai, perto da fronteira com o Camboja, e ninguém queria ficar lá. Eu tinha ido para uma cerimônia de Kaṭhina e era mais alto do que todas as árvores. Então, na Índia, pensei em me voluntariar para ir e assumir Suan Kluai. Eu tinha essa imagem romântica de mim mesmo. É claro, quando retornei, Luang Pó se recusou a me enviar para lá e no final do ano havia tantos ocidentais em Wat Pah Pong que ele me pediu que traduzisse para eles ... Basicamente, confiei nele, pois era ele quem estava me empurrando para fazer coisas que eu não teria feito por mim mesmo."

III. ATRAVÉS DE OLHOS OCIDENTAIS

O INÍCIO

A pergunta que todo monge ocidental teria que responder, mais cedo ou mais tarde (geralmente, mais cedo), era por que tinha escolhido se tornar um monge. Era frequentemente mais difícil de responder do que se podia esperar. Não era tão fácil de distinguir entre as causas que engatilhavam aquilo, ou de ter certeza que uma narrativa inspiradora não tivesse sido costurada apenas posteriormente. Os monges geralmente costumavam recontar os eventos que os fizeram chegar àquela decisão e sobre a partida para a Tailândia. Havia, por exemplo, Pabhakaro, um piloto de helicóptero norte-americano que tinha ido pela primeira vez ao país em licença de descanso e recuperação durante a Guerra do Vietnã. Havia os voluntários do "Peace Corps" e os jovens mochileiros viajando pela Ásia como os canadenses Tiradhammo e Viradhammo. Também havia aqueles como o britânico Brahmavamso e o australiano Nyanadhammo, que já foram com a intenção expressa de se tornarem monges.

Muitos começaram lendo livros. A primeira geração — quando livros sobre budismo Theravada eram difíceis de encontrar — eram inspirados pelo trabalho de Alan Watts, Charles Luk e D.T. Suzuki. Gerações posteriores chegaram depois de lerem trabalhos traduzidos de Luang Pó Chah, livros de Ajahn Sumedho ou de professores norte-americanos de vipassanā. Alguns estavam buscando aprofundar e estabilizar a calma lúcida que eles haviam experienciado em retiros de meditação de sete ou dez dias de duração. Outros eram inspirados pelo seu contato com monges budistas enquanto estavam viajando pela Tailândia. Um dentre esses foi Ajahn Sucitto. Ele reconta o efeito de ver os monges em mendicância matinal:

"Em uma manhã cedo eu estava sentado em um café, e vi monges de um mosteiro local andando em mendicância matinal. Eles estavam em fila, de pés descalços na estrada empoeirada, andando em minha direção. O sol nascente batia em seus mantos marrons. Cada monge tinha uma simples tigela consigo e seus rostos eram serenos e gentis. Seu caminhar era calmo e sem pressa; eles não estavam indo a lugar algum, estavam apenas caminhando. O peso de anos de auto importância saiu do meu coração; algo se elevou dentro de mim, como um pássaro ao amanhecer."

Mas para os discípulos de Luang Pó, quase invariavelmente era a presença e exemplo dele que os inspiravam a ficar e dar o salto para a vida monástica, ou, se eles já fossem ordenados, a fazer o comprometimento de longo prazo com o treinamento de Wat Pah Pong. Para a maioria, o primeiro encontro com ele, embora sem grandes consequências aparentes, foi intenso e mudou suas vidas. Alguns monges falavam sobre um senso de alívio, como se eles tivessem finalmente encontrado um lugar e um professor a quem não quisessem deixar. Assim que Ajahn Nyanadhammo se ajoelhou respeitosamente, de mãos postas, Luang Pó caminhou até ele, e sem dizer nada, segurou suas mãos.

"Eu senti esse choque, essa alegria e um peso saiu de meus ombros. Eu não tinha percebido, até depois que ele se foi, quanto sofrimento vinha carregando comigo."

Uma das fontes mais ricas de contos a respeito de Luang Pó e seus discípulos ocidentais pode ser encontrada nos relatos de Paul Breiter. Breiter chegou em Wat Pah Pong em 1972 e, como venerável Varapanyo, lutou corajosamente por cinco anos de treinamento monástico antes de largar o manto e voltar à terra natal, os Estados Unidos. Em 1993, seu livro sobre os anos que passou com Luang Pó, *Venerable Father*, foi impresso em Bangkok. Ele começa com palavras que ressoam para muitos de seus contemporâneos: "Se eu amei alguém na minha vida, esse alguém foi Luang Pó Chah". O primeiro encontro do venerável Varapanyo com Luang Pó aconteceu em Bangkok.

"Eu estava dominado por sua felicidade radiante e exuberante. Realmente nunca tinha visto uma pessoa assim. Ele se parecia com um sapo enorme e feliz sentado em sua vitória-régia e pensei que, se tudo o que você precisa fazer para ser feliz assim é sentar-se em uma floresta por trinta anos, então vale a pena ... Lembro-me como meu estado de espírito se elevou ali. Dentro do carro, retornando ao templo, eu pensava, 'há esperança'; a prática de meditação e o estilo de vida de um monge budista — e ambos eu achava tão difíceis, muito mais do que qualquer coisa que jamais tivesse feito, pensado em fazer ou ouvido que alguém tivesse feito — podem produzir resultados. Ver um exemplo vivo valia mais do que ler qualquer quantidade de livros."

Ajahn Brahmavamso, um monge com uma rigorosa formação científica, decidiu tomar Luang Pó como seu professor depois de ter sua mente racional confundida. Ele recorda que, pouco depois de sua chegada ao mosteiro, enquanto escutava Luang Pó ensinar outro monge ocidental, ele estava mentalmente formulando sua própria pergunta. Assim que o fez, Luang Pó falou palavras que pareciam responder diretamente à sua pergunta — aparentemente mais diretamente do que a do questionador a quem ele se dirigia. Assumindo que aquilo fosse provavelmente uma coincidência, ele formulou outra pergunta, que também foi prontamente respondida. Isso ocorreu repetidamente.

Nem todos os monges estrangeiros em Wat Pah Pong eram de países ocidentais. Ajahn Gavesako, por exemplo, era do norte do Japão. Depois de um período escalando montanhas no Nepal, ele devotou-se a aprender yoga na Índia, antes que dificuldades com o visto de permanência o forçassem a partir para a Tailândia. Para ele, a inspiração surgiu primeiramente de sua impressão sobre o próprio mosteiro e o que aquilo sugeria sobre seu abade.

"Cheguei ao mosteiro assim que os monges estavam saindo em mendicância matinal. Fiquei muito impressionado de vê-los caminhar em fila, serenos e circunspectos. Eu não conseguia tirar meus olhos deles. Era uma visão tão bela, algo que nunca tinha visto antes. Entrei no mosteiro e o caminho era organizado, limpo e agradável de seguir. Não havia galhos ou folhas pelo meio do caminho. Aquilo me impressionou ainda mais. Pensei que o abade deveria ser muito bom. Ele devia ter uma disciplina muito estrita."

O nome de leigo de Ajahn Gavesako era Shibahashi. Para Luang Pó aquilo pareceu impossível de pronunciar e ele o apelidou de "*Si bath ha sip*" ("Quatro baths e cinquenta" [centavos]). Ele inspirou o jovem rapaz ao explicar como uma busca interna, uma busca pelo fim do sofrimento, era mais valiosa do que qualquer outra busca externa. A menos que ele soubesse como abandonar estados mentais negativos, escalar montanhas era uma perda de tempo. Essa busca e treinamento internos eram o coração da vida monástica. "Quatro baths e cinquenta" decidiu ficar. Algo como quinze anos mais tarde, quando Luang Pó estava preso a uma cama, Ajahn Gavesako tornou-se um dos monges mais leais dos turnos de enfermaria. Acima de tudo, ele era motivado por gratidão. Ele dizia que sentia que, não importava o quanto fizesse, nunca seria capaz de pagar sequer uma pequena parte da dívida que tinha para com seu professor.

"Eu sentia como se ele tivesse me dado uma vida nova. Ele era como um pai e uma mãe para mim; ele me deu tantas coisas. Era como se eu estivesse lentamente afundando em areia movediça, prestes a ser engolido, e ele me puxou para fora e salvou a minha vida."

O jovem músico australiano, que mais tarde se tornaria Ajahn Puriso, estava impressionado pelo contraste entre Wat Pah Pong e os outros mosteiros: os mantos escurecidos dos monges, sua compostura quando realizavam suas tarefas, seu isolamento — o senso de que algo de grande significado estava acontecendo.

"Disseram-me que eu poderia ficar no salão de Dhamma, informaram onde encontrar um travesseiro e um cobertor e então me deixaram sozinho. A peculiar recitação de cânticos em páli e tailandês que ouvi naquela noite foi totalmente além do que minha mente podia entender. Eu não conseguia nem concluir se aquilo soava bem ou apenas estranho. Mas a visão dos monges no grande e escuro salão, iluminados apenas por algumas velas, ajoelhados imóveis sobre seus dedos dos pés, enquanto recitavam os cânticos por mais de trinta minutos, realmente inspirava respeito."

Ajahn Pasanno, abade de Wat Pah Nanachat por mais de dez anos, e agora abade do mosteiro de floresta Abhayagiri no norte da Califórnia, primeiro foi à Wat Pah Pong como um monge visitante, depois de ter ingressado na Sangha em Bangkok. Seus pensamentos ecoam os de Ajahn Sumedho:

"Uma impressão duradoura que eu ganhei sobre o estilo de vida em Wat Pah Pong era de que aquilo era algo que você poderia viver por muito tempo, enquanto nos outros locais onde eu havia praticado meditação antes, era algo como apenas aplicar uma técnica específica em uma cabana em um setor especial do mosteiro; não era algo que poderia ser vivido. Wat Pah Pong abriu uma nova dimensão para mim — o senso de ser capaz de fazer um comprometimento de longo prazo com um professor, com um treinamento e com o Vinaya. O que me impressionou fortemente era o pensamento de que, se você fosse viver a vida santa por qualquer período de tempo e colher os

frutos disso, então você deveria manter o Vinaya, deveria ter um estilo de vida integrado de prática de Dhamma-Vinaya.

"Luang Pó realmente entendia de forma muito clara o quanto nós precisávamos reestruturar nossas percepções e cada aspecto de nosso condicionamento. Então sua forma de ensinar não era apenas uma técnica de meditação, mas um treinamento completo do corpo, da fala e da mente. Aquela era realmente a marca, sua ênfase, o que eu sinto que era especial sobre ele."

Depois de um período probatório como monge visitante (*āgantuka*), Ajahn Pasanno foi completamente aceito na comunidade de Wat Pah Pong.

"Eu me lembro de esperar ansiosamente por participar do *Pāṭimokkha* e de ficar bastante entusiasmado. Quando o sino foi tocado, estava muito ávido e me encaminhei imediatamente para o salão de Dhamma. Luang Pó não apareceu nas próximas uma hora e meia — ele estava no setor das *mé chis* dando uma palestra de Dhamma — e eu tinha muita dificuldade em sentar-me no chão duro. Nós nem ao menos tínhamos começado o *Pāṭimokkha* e eu já estava me contorcendo. Luang Pó veio, conversou aqui e ali com vários monges, e então começamos o *Pāṭimokkha*. No final — por volta das 10h da noite — ele começou a dar um discurso, e aquilo seguiu até quase as três da manhã, quando ele olhou inocentemente para o relógio e disse: 'Talvez seja melhor tocar o sino para a recitação matinal'. Então Luang Pó caminhou até o salão de Dhamma para dar uma palestra curta para os leigos, e nós fomos tomar algo. As jarras de bebidas doces estavam lá desde a noite anterior e ficaram cheias de formigas. Eu devo confessar que aquilo rapidamente acabou com o meu entusiasmo pelo *Pāṭimokkha*."

VÁRIOS LUANG PÓ

Naturalmente, as percepções sobre Luang Pó variavam de monge para monge, refletindo seus diferentes ideais, experiências, preconceitos, projeções e a clareza de suas mentes. Alguns buscavam estar perto dele. Outros, mais autossuficientes, mantinham-se a uma certa distância. Diferentes aspectos dos seus ensinamentos tinham diferentes apelos para diferentes monges, e havia várias opiniões sobre onde estava exatamente a essência de tudo aquilo.

Para Ajahn Munindo, que assim como Ajahn Sumedho começara a sua vida monástica em um mosteiro com ênfase na prática formal e solitária da meditação, a essência estava na abordagem mais orientada ao grupo de Luang Pó.

"A coisa que mais me atraiu para ir para Ubon foi que no livro *Fragmentos de um Ensino* era mostrado que Luang Pó estava realmente comprometido em treinar seus monges, algo que eu não havia visto em nenhum outro lugar. O que caracterizava os ensinamentos de Luang Pó, da forma como eu podia ver, era a sua insistência em que aprendêssemos a viver juntos como uma comunidade — e meditação é claro, era por isso que estávamos ali — mas que também víssemos nosso estilo de vida monástico comunitário como central à prática. De alguma forma, entendi a mensagem de que era daquilo que se tratava e percebi que era daquilo que eu precisava.

"Não era o caso de que ele lhe daria todas as respostas. Ele estava ali por você — ele o ouviria e lhe daria espaço para experimentar, errar por si mesmo. Seu ensinamento era um convite a descobirmos as coisas por nós mesmos. Ele parecia ver que seu trabalho era nos estabelecer na vida monástica, mas que a partir dali, era por nossa conta realizar a prática. Havia a sensação de que ele não iria segurar a sua mão e guiá-lo passo a passo através dos ensinamentos e dos vários estágios de meditação. Ele dizia que não tinha interesse em conceder entrevistas diárias. Essa, claramente, não

era a sua forma de ensinar. Ele lhe dava as diretrizes sobre como viver como um monge. Eu não via aquilo como um abandono; era liberdade — pessoalmente, era algo bem-vindo para mim."

Para Ajahn Munindo, o próprio Luang Pó e a qualidade da atenção que ele dava aos seus discípulos é que eram o mais inspirador. Ele sentia que ali estava um professor "que estaria presente em qualquer situação que pudesse surgir". Luang Pó os fazia sentir como se fossem seus filhos e que sempre estaria preocupado com o bem-estar deles.

"Ele estava disponível como um ser humano com um bom senso de humor. Ele poderia compartilhar uma piada com você, poderia compartilhar seu sofrimento com você. Você sentia que ele lhe compreendia, que sabia o que você estava pensando ou pelo que você estava passando. Você sentia que ele estava ali com você em sua vida, em seus desafios e em sua alegria."

Ajahn Munindo guardava com carinho a lembrança das visitas diárias que Luang Pó fez à sua cabana para verificar a sua condição durante um período de doença. Ele também apreciava poder falar com Luang Pó quando dúvidas e preocupações ameaçavam dominá-lo:

"Eu lembro de ter ido vê-lo uma vez, cheio de dúvidas. Luang Pó apenas sentou ali e escutou. Ele já devia ter escutado aquele tipo de coisa antes, umas mil vezes, mas eu realmente senti que ele olhava para mim, que me via, e então ele disse: 'Eu me senti assim uma vez. Sentia que minha cabeça ia explodir ou rachar ao meio. Duvidava tanto que achei que a minha cabeça fosse explodir. Eu sei como você se sente. Mas não se importe. Trabalhar assim com dúvidas lhe faz mais forte.' "

O venerável Varapanyo concordava que palavras e gestos de bondade poderiam ser mais memoráveis do que ensinamentos profundos:

"Luang Pó visitou-nos brevemente em Wat Tam Séng Pet. Era uma tarde, estávamos do lado de fora e ele veio até mim e me observou atentamente. Ele sentiu minhas costelas e, com uma expressão de muita preocupação em seu rosto, ressaltou o quão magro eu estava — não era apenas a minha mente que estava entrando em colapso. Por muitos meses depois, eu me recordava daquele olhar de preocupação."

Um ponto de virada na vida monástica do venerável Varapanyo veio com a oportunidade de ser o atendente de Luang Pó.

"Ele disse: 'À tarde, quando a coleta de água do poço tiver terminado, você pode vir até aqui e fazer uma limpeza.' Minha primeira reação foi: 'Ele tem muita cara-de-pau, me pedindo para ir servi-lo!' Mas, além de ser um dever meu, aquilo era uma abertura e um privilégio. Através daquilo eu estava prestes a ver que havia um estilo de vida no mosteiro — rico, estruturado e harmonioso. E no centro de tudo aquilo está o professor, que é alguém com quem se pode contar.

"E finalmente, ele perguntou por que eu estava tão magro? Imediatamente, um dos monges que estava lá lhe disse que eu pegava uma porção muito pequena de arroz na hora da refeição. Eu não estava gostando da comida? Eu lhe disse que não conseguia digerir muito do arroz grudento, então seguia diminuindo o consumo. Eu vim para aceitar as coisas como elas são, pensando que eu era tão cobiçoso, que comer cada vez menos seria uma virtude.

"Mas ele estava preocupado. Eu me sentia cansado? Na maior parte do tempo tinha pouca força, admiti. Então ele disse: 'Vou colocá-lo em uma dieta especial por um tempo, apenas sopa de arroz e molho de peixe para começar. Você come bastante disso e o seu estômago vai esticar, então você vai passar para o arroz fervido e finalmente para o arroz grudento. Eu sou médico', ele acrescentou. (Descobri depois que ele era na verdade um profundo conhecedor de ervas medicinais, assim como

um conhecedor das várias enfermidades às quais os monges estão propensos.) Ele me disse para eu não me forçar muito, se não tivesse forças, eu não precisaria carregar água e etc.

"Ali foi quando a mágica realmente começou. Ali foi quando ele não era mais apenas 'Ajahn Chah' para mim; ele se tornou 'Luang Pó', 'Venerável Pai'."

A maioria dos ocidentais que chegavam à Wat Pah Pong com a intenção de se tornarem monges tinham lido muitos livros sobre budismo e levavam consigo ideias de como um mosteiro e um mestre iluminado *deveriam* ser. Era quando Luang Pó confundia essas expectativas que, frequentemente, ele causava a impressão mais profunda. Para Ajahn Amaro, foi um generoso sorriso em um momento em que ele estava esperando ser advertido por um erro. Naquela época, Ajahn Amaro, ainda um noviço, estava servindo como atendente para o então abade de Wat Pah Nanachat, Ajahn Pabhakaro, durante uma visita de pernoite de Luang Pó.

"Eu acordei e vi luz passando pelos vãos entre as tábuas das paredes de minha cabana. Eu pensei: 'Uau, a lua está realmente brilhante hoje.' Eu olhei para o meu despertador e ele dizia uma da manhã. Então eu percebi: 'Meu relógio deve ter parado; isso não é a lua, é o sol!' Então eu levantei num pulo, juntei meus mantos e corri pelo caminho. Quando eu cheguei atrás do salão de Dhamma, todos os outros monges já haviam saído para a mendicância matinal, exceto Ajahn Pabhakaro e Luang Pó, que iriam em uma rota mais curta. Eu pensei, 'Ok, ainda tenho tempo. Talvez eles não tenham notado'. Então comecei a preparar os mantos deles para a mendicância matinal, com a esperança de que não tivessem visto que eu tinha chegado atrasado e perdido os cânticos e a meditação matinais. Enquanto estava ajoelhado aos pés de Luang Pó, abotoando os laços do canto de seus mantos, ele disse algo em tailandês que não consegui entender. Eu olhei para cima, um pouco ansioso, para Ajahn Pabhakaro, esperando que ele traduzisse. Luang Pó tinha um grande sorriso em seu rosto, um maravilhoso, amigável e adorável sorriso. Então Ajahn Pabhakaro traduziu: 'Dormir é uma delícia, hein?' "

Para Ajahn Khemanando, outro monge nascido na Inglaterra, um momento-chave ocorreu quando ele inesperadamente viu seu professor sob uma nova luz, mais acessível. Um dia, recém-chegado e ainda usando os mantos brancos de um postulante, ele estava conversando com um amigo na varanda de sua cabana quando, ao olhar de relance para o caminho, ficou chocado ao ver Luang Pó.

"E ele estava nos chamando, acenando com a mão! Nós pensamos que ele nos daria uma bronca por não estarmos meditando diligentemente, mas Luang Pó não parecia irritado de forma alguma, ele não estava nos dizendo que parássemos de conversar, mas nos chamando: 'Venham aqui, venham aqui!' "

Transpareceu que Luang Pó estava à caça de um lagarto. Ele tinha muito carinho pelas galinhas selvagens, as quais ele alimentava com arroz ao redor de sua própria cabana. Ele queria protegê-las do seu inimigo natural, os grandes lagartos que gostavam de comer seus ovos. Ele tinha rastreado um desses lagartos até aquela parte da floresta e agora estava explicando com mímica como prender um laço na ponta de um pedaço de bambu. Ele queria capturar o lagarto e bani-lo de lá. Os dois desajeitados e inexperientes ocidentais, incentivados por um entusiasmado Luang Pó, debateram-se ali por algum tempo, sem sucesso algum e, depois de aproveitarem umas boas risadas juntos, finalmente desistiram da caçada.

"O que mais me impressionou nesse pequeno episódio foi o contraste entre o 'Luang Pó caçador de lagartos', demonstrando uma espontaneidade muito natural e pé-no-chão, uma simplicidade e bom humor quase infantis, e a magnífica formalidade de seu papel como o cabeça de um grande e importante mosteiro, o que, até aquele momento, era tudo o que eu tinha visto dele. Isso teve o

efeito de minar vários de meus próprios conceitos anteriores sobre como um grande e iluminado professor deveria ser, e me ajudou a ver que Luang Pó era na verdade muito natural e muito engraçado, o que me permitiu sentir-me menos intimidado e mais relaxado em estar próximo dele."

Para outro recém-chegado postulante, Shaun, a ocasião memorável ocorreu em uma situação mais formal.

"Era noite de Ano-Novo e o salão de Dhamma estava completamente lotado. Todos estávamos reunidos para receber o ano novo com palestras de Dhamma e cânticos auspiciosos. Não havia nenhum espaço do lado de dentro, centenas de pessoas estavam sentadas do lado de fora, debaixo das árvores. A plataforma erguida no canto oeste do salão, onde os monges estavam sentados, estava igualmente lotada. No meio da plataforma, diretamente abaixo da enorme imagem do Buddha de bronze, Luang Pó sentado, cercado de todos os seus discípulos monásticos. Era uma cena maravilhosa e emocionante. De repente, eu vi um pequeno burburinho acontecer nas filas dos monges. Um dos monges sênior, de mãos postas em prece, se curvou diante de Luang Pó. Imediatamente, Luang Pó se levantou e seu pano de sentar foi movido para um lado.

"Um pouco depois disso, um velho monge usando os mantos amarelos mais brilhantes de um monge da cidade se encaminhou para a plataforma. Eu não pude evitar de compará-lo desfavoravelmente com relação a Luang Pó, que sempre parecia tão imaculado. O manto do velho monge estava todo amarrotado e ficava caindo de seu ombro. Eu não estava impressionado e imaginei qual seria a reação de Luang Pó quanto a uma visita em uma hora tão inconveniente. Ele me respondeu imediatamente com seu comportamento humilde e respeitoso. O velho monge se ajoelhou no assento de Luang Pó, se prostrou diante da imagem do Buddha de uma maneira mecânica e quando se voltou para a Sangha, Luang Pó liderou todos os seus discípulos monges ao se prostrar ao velho monge, seguidos dos noviços, monjas e pessoas leigas em suas vezes. Pareceu para mim que eu nunca havia apreciado a beleza de uma prostração até ver Luang Pó se prostrar naquela noite. Mas, mais do que isso, o que particularmente me impressionou, e sempre esteve na minha mente desde então, foi a fluidez com a qual Luang Pó mudou de ser o centro de todas as atenções e devoção para ser um monge comum prestando reverência a um monge sênior. Eu senti que estava vendo uma expressão perfeita do professor como o cabeça de uma Sangha, mas subserviente ao Dhamma e ao Vinaya."

Ao falar sobre as qualidades admiráveis de seu professor, ocidentais frequentemente referiam-se à habilidade assombrosa de Luang Pó de se adaptar às mudanças constantes de situações e plateias — aparentemente sem qualquer esforço, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Curiosamente, essa era uma habilidade raramente mencionada por seus discípulos tailandeses. A natureza hierárquica da sociedade tailandesa, a ênfase na harmonia social e a priorização das necessidades do grupo, em vez do indivíduo, significava que a maioria das pessoas, incluindo os não meditadores, era muito habilidosa em se adaptar ao ambiente social. É compreensível que a mais profunda expressão dessa habilidade em um grande professor espiritual fosse então, obviamente, menos especial para os tailandeses do que para os ocidentais. Os ocidentais, por sua parte, sentiam-se inspirados pelo que reconheciam como um impressionante desapego aos papéis sociais e à personalidade. O senso de que Luang Pó poderia ser absolutamente qualquer coisa por não se identificar de forma alguma com qualquer coisa como sendo "eu", foi bem capturada por Ajahn Amaro, quando relatou a ocasião em que foi levar um recado para Luang Pó em sua cabana:

"Eu vi que ele estava sentado na parte de baixo, em seu assento de vime. Seus olhos estavam fechados, e não havia mais ninguém em volta. Quando fui até lá e me ajoelhei na frente dele, ele não abriu os olhos e eu pensei: 'Hum, o que eu deveria fazer?' Esperei por alguns minutos e seus olhos

seguiram fechados. Um importante Ajahn estava esperando, então eu disse em tailandês: 'Com licença'. Ele abriu os olhos e foi como se não houvesse absolutamente ninguém ali. Não era como se ele estivesse com sono; os olhos abriram, mas não havia expressão nenhuma em seu rosto. Estava completamente vazio. Ele olhou para mim, eu olhei para ele e disse: 'Luang Pó, Ajahn Chu me pediu que lhe dissesse que tem algumas pessoas no salão de Dhamma e se seria possível para o senhor ir recebê-las'.

"Novamente, por um momento, não havia expressão nenhuma, apenas aquela qualidade completamente espaçosa e vazia em sua expressão. Então, de repente, do nada, a personalidade apareceu. Ele fez algum comentário do qual eu não pude pegar os detalhes. Foi como se, de repente a 'pessoa' aparecesse — foi como assistir um ser chegando à existência. Houve uma qualidade extraordinária naquele momento, vendo a personalidade, o corpo, todas as características de 'ser uma pessoa' simplesmente sendo assumidas como se ele estivesse vestindo seu manto ou representando um papel."

MEIOS HÁBEIS

Se havia uma coisa que diferenciava Luang Pó de seus grandes contemporâneos, era a habilidade em guiar uma grande e crescente Sangha de monges estrangeiros. É verdade que Luang Ta Mahā Bua, em Udon, geralmente tinha cinco ou seis monges ocidentais com ele, incluindo Ajahn Paññavaddho, o grandemente reverenciado e mais antigo de todos os monges estrangeiros na Tailândia. Mas apenas Luang Pó tinha sido capaz de orientar uma Sangha que tinha alcançado mais de vinte monges, em meados da década de 1970, e que segue crescendo até os dias de hoje.

As razões para esse sucesso podem ser encontradas tanto no próprio Luang Pó quanto no sistema de treinamento monástico que ele desenvolveu. Inicialmente, foi o carisma de Luang Pó que atraiu as pessoas. Com o passar do tempo, no seu trato com os monges estrangeiros, ele mostrou uma habilidade de se comunicar com eles livre dos obstáculos de linguagem e cultura. Embora fosse incapaz de falar utilizando a língua deles, seus discípulos ocidentais sentiam que ele genuinamente os entendia. Ajahn Khemanando notou:

"Ele era muito observador e podia avaliar de forma muito apurada a personalidade de um recém-chegado que o abordasse ao observar seu rosto, sua postura, a forma como ele caminhava, etc. Antes mesmo que ele tivesse se sentado ou dito qualquer coisa, Luang Pó poderia fazer um comentário com os que estivessem presentes do tipo: 'Esse aqui é cheio de dúvidas!', que uma conversa subsequente revelaria como sendo invariavelmente verdade."

Luang Pó parecia perceber claramente quão diferentes eram as necessidades de seus discípulos ocidentais em comparação às necessidades de seus companheiros tailandeses. Os monges locais eram, em sua maioria, oriundos de famílias pobres de fazendeiros de arroz. Eles tendiam a ser mais pragmáticos do que especulativos, e suas impurezas geralmente se voltavam para as formas mais indisfarçadas de cobiça, raiva e delusão. Levar isso em conta influenciou Luang Pó a desenvolver um treinamento que enfatizava "ir contra a corrente". Os problemas dos ocidentais, contudo, frequentemente tendiam a ser de uma inclinação mais intelectual. Eles podiam facilmente se verem presos em tortuosas teias de pensamentos e opiniões. Eles lutavam com dificuldades que eram difíceis para os tailandeses entenderem, particularmente um tipo desconcertante de auto aversão que chamavam de "culpa". Os ocidentais achavam difícil colocar esforço coordenado na meditação sem cair nos velhos hábitos de esforços obsessivamente orientados a resultados, que criavam mais estresse e tensão do que paz interior.

Mesmo que Luang Pó não fosse infalível no seu tratamento dos monges ocidentais, ele era hábil em aprender com seus erros. Ele logo viu que o tom autoritário, às vezes intimidador, ao qual os tailandeses reagiam tão bem, simplesmente não funcionava com seus discípulos estrangeiros. Eles haviam crescido com desconfiança pelas autoridades, levavam as críticas para um lado muito pessoal e reagiam muito melhor à informalidade e à gentileza. Enquanto a maioria dos jovens monges tailandeses não esperava um relacionamento pessoal com seu professor — a maioria inclusive se sentiria desconfortável se um relacionamento assim fosse oferecido — os ocidentais tinham necessidade de se sentirem “vistos”, de se sentirem acolhidos debaixo das asas do seu professor. Com os ocidentais, Luang Pó era notadamente menos severo. Ele valorizava os sacrifícios que eles haviam feito de virem de tão longe para viver na floresta e então fazia concessões. Ele viu rapidamente o quão efetivamente o humor podia dissolver a auto importância de seus discípulos ocidentais. Mas enquanto a maioria dos monges tailandeses acreditava que a forma mais relaxada com que Luang Pó se comportava quando estava cercado de monges ocidentais era simplesmente um “meio hábil” que ele empregava em benefício deles, vários ocidentais tendiam a enxergar aquilo como uma revelação do “verdadeiro Luang Pó”. Era um tema comum: todos tendiam a ver o *seu* Luang Pó como o verdadeiro Luang Pó.

Luang Pó reassegurava aos monges ocidentais que as dificuldades que eles estavam passando eram transitórias e inevitáveis, dado que eles estavam tentando tomar o poder das impurezas, acumulado por incontáveis vidas. Aquilo era, ele dizia, como um pequeno exército tentando vencer um muito maior. Até que você pudesse organizar seus recursos e fortalecer seus pelotões, você deveria estar preparado para algumas derrotas humilhantes. Quando viu que os ocidentais ficavam abatidos sobre o quão mais difícil parecia ser para eles do que para os seus amigos tailandeses conseguirem acalmar suas mentes, ele explicava que, embora fosse verdade que os monges com pouca educação formal achassem mais fácil abrir mão do apego à mente pensante do que seus companheiros mais educados, eles tendiam a estar em desvantagem no desenvolvimento da sabedoria. Ele comparava a mente ocidental com uma grande casa com muitos quartos. Levava mais tempo para limpar do que uma simples choupana, mas uma vez que o trabalho tivesse sido feito, seria um lugar muito melhor para se viver.

PACIÊNCIA

Não era fácil para os ocidentais adaptarem-se à vida em Wat Pah Pong. Eles não apenas tinham que encarar os desafios básicos inerentes a uma vida ascética, isso ainda era somado à necessidade de aprender uma nova língua e se adaptar a uma nova cultura. Fisicamente, aquilo podia ser brutal. O calor do verão combinado a uma umidade que exauria a energia ajudavam a criar um clima particularmente enervante. Muitos dos monges estrangeiros desenvolveram transtornos gástricos, especialmente aqueles cuja dieta anterior consistia de alimentos altamente refinados. Eles achavam o arroz grudento pesado e difícil de digerir, mas com apenas uma refeição por dia, eles tinham pouca opção senão comer uma grande porção dele. A alternativa era perder muito peso e, certamente, vários monges ficaram tão magros que suas costelas se destacavam de forma alarmante. A maioria dos que permaneceram ficou seriamente doente pelo menos uma vez: malária, febre tifoide e disenteria pesada eram uma ameaça constante.

Luang Pó lhes dizia que aguentassem pacientemente. Quando Ajahn Brahmavamso foi hospitalizado com febre alta, Luang Pó o visitou e o encorajou com palavras que eram menos parecidas com mimos do que se poderia imaginar. Ele disse ao jovem monge para que ele refletisse que havia

apenas duas consequências possíveis para sua enfermidade: ou ele ficaria melhor ou não ficaria. Ele deveria ficar em paz com as duas possibilidades.

Em uma ocasião, o venerável Santidhammo disse à Luang Pó que, desde que tinha se tornado monge, suas dificuldades e seu sofrimento tinham aumentado ao invés de diminuir. Luang Pó respondeu:

Eu sei que alguns de vocês tiveram um antecedente de conforto material e liberdade exterior. Em comparação, vocês agora vivem de forma austera. Então, em suas práticas, frequentemente faço vocês se sentarem e esperarem por longas horas. Comida e clima são diferentes dos de suas casas. Mas todo mundo deve passar por algo assim. Esse é o sofrimento que leva ao fim do sofrimento. É assim que você aprende. Quando você fica com raiva e sente pena de si mesmo, é uma grande oportunidade para entender a mente. O Buddha chamou as impurezas de nossos professores ...

Em tais ocasiões, Luang Pó concluiria com seus ensinamentos-chave: paciência e visão correta.

Você deve ser paciente. Paciência e capacidade de aguentar são essenciais para a nossa prática. Quando eu era um jovem monge, não tive tanta dificuldade quanto vocês. Sabia o idioma e estava comendo minha comida nativa. Mesmo assim, houve dias em que me desesperei. Pensei em largar o manto e até em me matar. Esse tipo de sofrimento vem de opiniões e pontos de vista incorretos. No entanto, após ver a verdade, você se liberta das visões e opiniões. Tudo se torna pacífico.

Em outra ocasião, depois de lembrar os monges que “a paciência é o coração da prática do Dhamma, a virtude-raiz dos praticantes”, Luang Pó observou que, como muito poucas pessoas escolheriam livremente praticar a paciência, os ocidentais podiam dizer que tinham uma vantagem: era muito mais difícil para eles fugirem do que para os tailandeses. Ele dizia: “O pensamento de pegar todo o caminho de volta para casa é desalentador, é por isso que vocês foram capazes de aguentar até agora”. Mas não era suficiente simplesmente “ranger os dentes”, eles precisavam ver o propósito de exercitar a paciência. Ele não estava advogando em favor do ascetismo por si só.

As coisas aqui vão contra seus velhos hábitos. Você come de sua tigela, com os pratos salgados e as sobremesas todos colocados juntos. Quem poderia gostar de fazer isso? Se você ainda tiver quaisquer impurezas remanescentes, então elas serão continuamente frustradas. Comidas de todos os tipos se misturam em sua tigela. Como isso lhe faz sentir? Você vê alguma impureza surgindo em sua mente? Tente ver. Esse jeito de comer é incômodo e frustrante. É assim que tem que ser. O treinamento é sobre desgastar as impurezas. Mesmo se o esforço de despertar *sati* não for sempre bem-sucedido, você poderá, ao menos, fazer oposição às impurezas. É assim que o treinamento tem que ser.

Infelizmente, as impurezas intelectuais dos monges ocidentais não acarretavam um déficit compensatório das aflições mais terrenas, e eles não eram poupados dos métodos de Luang Pó destinados a “atormentar as impurezas”. A razão era explicada para eles em várias ocasiões: impurezas podiam ser mais claramente reveladas como impurezas — a causa do sofrimento e não-eu — quando lhes fosse feita uma consistente oposição. Olhar para o que acontecia quando éramos separados daquilo que gostávamos e reunidos com o que não gostávamos fornecia um atalho simples para compreender a natureza da mente. Como esse caminho de fazer oposição aos desejos era um que poucas pessoas, mesmo monásticos dedicados, podiam seguir consistentemente por elas mesmas, de uma forma equilibrada e construtiva, ele estava arraigado no coração do treinamento em Wat Pah Pong.

Para alguns, a necessidade de ir constantemente contra os velhos hábitos podia ser insuportável. Um postulante inglês famosamente exclamou em voz alta com um forte sotaque do norte da Inglaterra: "Isso de ir contra a corrente: não é de um riozinho qualquer que estamos falando aqui, é de UMA CORREDEIRA!"

Um dos monges que sentiu o castigo desse estilo de ensinamento foi o Venerável Varapanyo. Seu famoso desejo por bebidas geladas — causa de muitas brincadeiras que faziam com ele — significava que quase nunca lhe era dada a chance de usufruir delas.

"Quando eu ia à cabana de Luang Pó, era como se ele nem ao menos me visse. Se houvesse gelo ou alguma bebida para os monges, ele esperava até que eu fosse embora para passá-las para eles ... Anos depois, ele relembrava esses episódios, dizendo que sentia muito por mim, mas que sabia que tinha que fazer a minha vida difícil para o meu próprio benefício ... 'Agora você vê o valor de tal tratamento, não vê?' Eu via. Ele frequentemente dizia para mim e para a Sangha, em tom de brincadeira, 'Eu teria medo de ir para os Estados Unidos, porque o Varapanyo provavelmente iria querer se vingar de mim por eu tê-lo torturado.' "

O Venerável Varapanyo também se recordava de quando um monge visitante recebeu um tratamento similar.

"Logo antes do retiro das chuvas, um monge norte-americano recém-ordenado apareceu. Ele tinha acabado de deixar o 'Peace Corps' e estava planejando ficar nos mantos por alguns meses antes de voltar para casa. Ele queria ficar em Wat Pah Pong para o retiro, mas Luang Pó recusou. Não tinha nada a ver pessoalmente com o monge. Na verdade, o fato era que Luang Pó gostava de colocar as pessoas novas em um período probatório que não poderia ser feito durante o retiro e que algumas vezes ele não era tão entusiasta com pessoas que não estavam seriamente comprometidas, mas que só estavam experimentando ser monges.

"Então o monge ficou alguns dias e se preparou para partir, um pouco desapontado. Na noite anterior à sua partida, Luang Pó foi ao salão de Dhamma para dar uma palestra. Depois que os cânticos haviam terminado, ele conversou por uma hora com um leigo que tinha vindo. Depois começou a palestra. Ele seguiu e seguiu. E seguiu. Depois de um par de horas, estava óbvio que ele estava jogando com a gente. Um monge novo foi tolo o suficiente para fazer uma pergunta, e ele deu uma resposta muito longa. Então perguntou, alguém tem mais perguntas? Ninguém se mexeu, eu pensei: 'Talvez ele nos deixe ir agora', mas ele disse, 'Bem, talvez vocês não estejam certos sobre...' e seguiu com mais explicações. Parecia que ele estava cobrindo tudo sobre todo o Cânone Budista. Enquanto isso, o monge do 'Peace Corps', que estava sentado bem na frente dele, se contorcia todo, mudando as posturas sentado, segurando os joelhos esticados (definitivamente, algo a não ser feito), e olhando nervoso para Luang Pó. Finalmente, quando era 1h15 da manhã, Luang Pó olhou para o relógio e disse inocentemente: 'Que horas são? Oh, eu acho que é hora de encerrar.'

"Talvez eu deva mencionar que nós nunca nos sentávamos confortavelmente em cadeiras, mas diretamente no chão, e em Wat Pah Pong os pisos eram de concreto ou de granito. Nós não podíamos esticar nossas pernas, colocar os joelhos altos à nossa frente ou usar uma almofada. Se você está acostumado a sentar-se em cadeiras, tente fazer isso por duas ou três horas e você vai ter uma ideia de como isso é; se você está acostumado a sentar-se no chão, tente por quatro ou cinco horas em um piso duro e sem almofada.

"No dia seguinte, o monge do 'Peace Corps' veio até mim para reclamar: 'Ele não devia ter feito aquilo! Que tamanha perda de tempo! É o extremo da auto mortificação!' (o caminho do meio proclamado pelo Buddha significa evitar os extremos da indulgência sensual e da auto mortificação.)

Naquela tarde, Luang Pó perguntou-me se o monge novo tinha gostado de sua palestra da noite anterior. Eu lhe disse o que ele havia comentado comigo. Ele riu e disse: 'Eu vi. Estava observando-o. Sabia que estava com raiva. Agora ele não vai se sentir mal por não poder ficar aqui.' "

O próprio Luang Pó parecia ter um estoque infinito de paciência com seus discípulos ocidentais "de alta manutenção". Ajahn Khemadhammo recorda:

"Eu me lembro dele ouvindo atentamente conforme eu elaborava explicações sobre algumas das dificuldades que eu vinha tendo, e então sorrindo e apontando para si mesmo, dizia: 'Eu também!' — e era isso. E ele era incrivelmente tolerante. Sério, com tantos monges e alguns deles realmente estranhos, numa língua que ele não podia falar, deve ter sido muita coisa para lidar. Mas ele nunca parecia se importar, exceto em uma ocasião quando alguma coisa saiu muito errada, e então foi como se aquele velho sapo simpático e feliz de repente se transformasse na mais terrível espécie de tigre comedor de monges que você possa imaginar. Ele não estava para brincadeiras. Eu gostava disso."

PROJETOS DE TRABALHO

No final, era a fé dos discípulos ocidentais na sabedoria e na compaixão de Luang Pó que lhes permitia se entregarem ao treinamento. Ele os tirava de suas zonas de conforto. Mostrava-lhes que eles podiam fazer muito mais do que pensavam que podiam, que podiam suportar coisas que, sozinhos, jamais teriam suportado. Projetos de trabalho eram um bom exemplo. De vez em quando, havia um período intenso de trabalho físico, geralmente um projeto de construção, e a rotina diária era transformada. Recitação de cânticos às 3h da manhã, uma a duas horas de mendicância matinal ao amanhecer, refeição às 8h da manhã — esses eram sacrossantos. Mas depois que a refeição diária tivesse terminado poderia haver um período de dias em que monges se tornariam pedreiros e serventes da metade da manhã até depois de escurecer. Trabalhar longas horas em temperaturas que excediam os trinta graus e uma umidade acima de 90%, abastecidos por apenas uma refeição diária e quatro ou cinco horas de sono, levava-os aos seus limites.

A construção de um novo salão de Uposatha foi um dos maiores projetos que Luang Pó veio a coordenar. O salão de Uposatha é geralmente a mais bela e ornamentada construção de um mosteiro. Frequentemente, vários anos terão se passado antes que um recém-estabelecido mosteiro tenha fundos suficientes para construí-lo. Esse foi o caso de Wat Pah Pong. Desde o início, as recitações do *Pāṭimokkha* aconteciam em um pequeno salão construído atrás do refeitório. Apenas em 1977, teve início o trabalho de construção de um imponente salão de Uposatha, projetado por um arquiteto discípulo de Luang Pó, com um estilo moderno e pouco ortodoxo. O prédio estaria situado a oeste do salão de Dhamma, em um platô elevado com aproximadamente três metros de altura. A terra para essa base foi trazida por caminhões, mas sem nenhum equipamento disponível, a tarefa de levar a terra para o local e compactá-la recaiu sobre os monásticos.

Foi um trabalho pesado, feito com carrinhos-de-mão, cestas de bambu e pilões de madeira. Os monges começavam às 9h da manhã e terminavam sob a luz de lâmpadas de querosene às 9 ou 10h da noite. A maioria dos tailandeses, com antecedentes agrícolas, estavam familiarizados com esse tipo de trabalho. Mas para os ocidentais, com antecedentes predominantemente urbanos de classe-média, esse era um áspero teste de resistência. Talvez pior do que a prova física era a resistência mental. Um monge disse:

"A escolha era fazer o trabalho de má vontade, ansiando por estar de volta à sua cabana meditando, longe de toda a atividade e exaustão, ou simplesmente entregar-se ao trabalho. Fazia mais sentido

dizer para si mesmo: 'Luang Pó é o meu professor e ele quer que eu faça isso. Ele não está me pedindo que eu faça nada errado, apenas que eu faça algo que não quero fazer. Por que me sentir infeliz desejando alguma coisa que não posso ter agora?' Da mesma forma, percebi que se eu pensasse de maneira nostálgica sobre estar longe dali praticando meditação formal, as meditações que eu imaginava que estaria realizando eram sempre mais pacíficas do que as meditações reais que eu vinha tendo na época."

A presença de Luang Pó colocava as mentes deles em repouso. Um monge disse:

"Apenas ver Luang Pó andando por ali parecendo tão sólido, tão inabalável, me preenchia com uma absoluta certeza de que ele sabia exatamente o que estava fazendo. 'Se esse projeto é o correto para ele', eu pensava, 'é certamente bom o suficiente para mim.' "

Com a conclusão do trabalho de aterro, Luang Pó partiu por alguns dias e seguiu-se um período quase absurdo de mudar a terra de lugar. O abade interino decidiu que a terra que havia sobrado, que havia acabado de ser trabalhosa e movida para um local mais discreto, deveria ser removida para um outro local. Os monges foram convidados a voltar ao trabalho com o intuito de mover a terra por uma segunda vez — uma atividade que exigiu uns três dias de trabalho duro. Quando Luang Pó retornou, ele declarou sua preferência pelo local original e a terra teve que ser carregada de volta ao local onde estava, carrinho de mão por carrinho de mão, cesta por cesta. Alguns dos monges ocidentais lembraram-se de ter lido sobre as provações do iogue tibetano Milarepa, e agora sentiam que tinham uma ideia melhor de como aquilo poderia ter sido.

Contudo, o valor desse tipo de interlúdio não foi perdido pelos monges envolvidos. Outro monge comentou:

"Luang Pó estava sempre criando situações onde tínhamos que encarar nossos velhos hábitos arraigados, particularmente aqueles nos quais criávamos sofrimento para nós mesmos ao querer que as coisas fossem diferentes do que elas eram. Ele nos ajudou a ver nossos desejos e, em situações cotidianas, como isso alimentava o nosso descontentamento, o quanto mentíamos para nós mesmos."

Ajahn Brahmavamso resumiu:

"Aquilo me ensinou a olhar para a causa do sofrimento, não em coisas externas, mas em 'mim', em 'minha atitude', em 'meu desejo', em 'meu apego', em 'minhas delusões.' ... E que se você não pudesse trabalhar e estar tranquilo, se você não pudesse mover terra o dia inteiro e estar em paz com isso, você nunca estaria livre do sofrimento."

IV. NO NARIZ

ENCARANDO OS FATOS

Luang Pó demonstrava muita compaixão pelas dificuldades dos seus discípulos ocidentais, mas também podia brincar com eles quando eles se tornavam autocomplacentes. Em uma ocasião, ele imitou enxugar lágrimas dos olhos, dizendo tragicamente: "Ele é meu pai, eu sou seu filho ...", antes de rir e sacudir a cabeça. Essa performance deixou uma impressão profunda no venerável Varapanyo, para quem aquilo tinha sido "um exemplo da forma como Luang Pó via a atitude de auto

importância a que os ocidentais são especialmente propensos e como ela glorifica e aumenta desnecessariamente o sofrimento”.

Ajahn Santacitto recorda de ter sido parte de um grupo de monges que ajudavam Luang Pó a se banhar:

"Enquanto nossas várias mãos ensaboavam suas costas, braços e pernas, ele me disse: 'Santacitto, você alguma vez deu banho em seu pai assim?' Mesmo que eu já tivesse aprendido — às vezes da forma mais difícil — a não receber esse tipo de pergunta no sentido literal, eu segui o que parecia ser um caminho seguro e referi-me a diferenças culturais para explicar porque nunca tinha feito aquilo. Então ele disse: 'É por isso que a prática é tão difícil para você.' Suas simples palavras me afetaram profundamente."

Vários dos ensinamentos mais memoráveis de Luang Pó envolviam colocar os monges em posições nas quais eles ficavam cara a cara com suas impurezas e não tinham outra chance a não ser abrir mão delas. As reações a elogios e críticas eram um terreno fértil para tal instrução.

Ajahn Viradhammo passou seu primeiro retiro das chuvas em um mosteiro afiliado e, enquanto estava lá, memorizou o *Pāṭimokkha*. Falado com velocidade, o texto leva aproximadamente quarenta e cinco minutos para ser recitado, e sua memorização é um feito formidável. Ele retornou a Wat Pah Pong no final do ano com uma sensação de dever cumprido. Mas por ser um jovem monge, achou que ainda se passaria um longo tempo antes que lhe fosse concedida a honra de recitá-lo sozinho em meio a toda a Sangha de Wat Pah Pong.

"Luang Pó, como quem não quer nada, perguntou-me se eu podia recitar o *Pāṭimokkha*, certo de que eu não poderia. Eu o surpreendi ao dizer que poderia fazê-lo. Com uma considerável ansiedade ao apresentar-me, recitei as regras de uma forma bastante decente e Luang Pó me encheu de elogios.

"Receber tantos elogios de Luang Pó não era pouca coisa, e meu coração se inflou de alegria e orgulho pela honra e pela atenção que eu tinha recebido. Duas semanas depois, Luang Pó me ordenou que recitasse novamente. Isso pareceu um pouco estranho, porque não foi um pedido, mas eu pensei que estava apto a 'me mostrar' mais uma vez. Nervoso como sempre, comecei com o cântico introdutório, mas, depois de poucas frases, Luang Pó estava puxando o meu manto externo¹³² e dizendo ao monge ao lado dele que esse companheiro que estava recitando fedia. Ele disse: 'Será que ele não lava os mantos?'

"Meu poder de concentração era limitado na maioria das vezes, e essa interrupção foi bastante irritante. Perdi o foco, cometi alguns erros, retomei o foco e comecei de novo. Durante a hora seguinte, Luang Pó continuou interrompendo a minha concentração repetidamente. A cada vez eu ficava mais confuso e irritado e acabou ficando muito difícil terminar a recitação. Não consigo lembrar se os outros monges estavam rindo entre si, mas era óbvio que Luang Pó estava oferecendo um ensinamento muito direto e difícil: 'Você gosta de elogio e sucesso, mas quando é criticado ou comete uma falha você sofre. Vá além de elogios e críticas para ser livre do sofrimento.' "

UM PERFUME NATURAL

Luang Pó logo percebeu que o humor estava entre as ferramentas mais efetivas que tinha à disposição para ensinar seus discípulos ocidentais. Ele lhe permitia apontar as impurezas mentais deles de uma forma que eles não considerassem opressiva ou que lhes enchesse de auto aversão. Ao

¹³² Veja Apêndice I

encorajá-los a ver o lado bem-humorado de suas frustrações, irritações e raiva, ele lhes mostrava como rir de si mesmos e então abrir mão da identificação com suas fraquezas. Mas ele não fazia isso contando piadas, com risadas fáceis. Ao contrário, ele apontava o lado absurdo de seus desejos, presenteava-lhes com analogias folclóricas, encenava contos hilários. Os monges não deviam dar gargalhadas de suas atuações, mas era difícil para eles manterem uma expressão séria quando ele estava em tal estado de espírito. O venerável Varapanyo recorda de um ensinamento dado a um monge norte-americano chamado Gary que se tornou algo lendário.

"O Gary tinha uma namorada em sua terra natal e pensava que deveria voltar e casar-se com ela um dia — ele entrou na vida monástica sem o senso de comprometimento a longo prazo. Então a carta *"Querido João"* chegou: ela tinha se casado com outro homem. Eu não estava lá quando isso aconteceu, mas os outros disseram que o Gary ficou muito chateado. Um dia, alguém mencionou o ocorrido a Luang Pó. Com sua impiedosa compaixão, ele aconselhou Gary a escrever para a mulher e pedir que ela lhe enviasse um frasquinho com um pouco do cocô dela para ele. Assim, sempre que ele pensasse nela com saudades, poderia abrir o frasquinho e cheirá-lo."

Em outra ocasião, espalhou-se um rumor que os comunistas estavam colocando alguma química no macarrão instantâneo que fazia o pênis murchar. Luang Pó aconselhou os monges, que se eles percebessem que seus pênis estavam começando a murchar, que eles então lhe dessem um nó, para que assim ele não desaparecesse completamente.

PALAVRAS

Luang Pó compartilhava com muitas pessoas de sua cultura um amor pela linguagem e pelo jogo de palavras. Suas palestras eram frequentemente ornamentadas com trocadilhos e o uso não ortodoxo das palavras. Então, era com verdadeiro deleite que ele observava as desventuras de seus discípulos ocidentais em seus esforços para aprender o idioma tailandês, tão cheio de tons diferentes. Gafes eram frequentes porque, embora a gramática tailandesa seja muito direta, os diferentes tons são um campo minado. A palavra *"lek"*, por exemplo, pronunciada em um tom alto significa "pequeno" e, em um tom baixo, "ferro". Um dia, Luang Pó disse a um jovem monge australiano para que fosse buscar o monge que vivia na cabana com porta de ferro. Quando o monge retornou, vários minutos depois e malsucedido na busca, ele ficou confuso por um surto de risos, quando disse a Luang Pó que as portas de todas as cabanas pareciam ter o mesmo tamanho.

Os erros de pronúncia mais embaraçosos entraram para o folclore do mosteiro. Desses, o mais notório ocorreu quando um monge, aconselhando Luang Pó a não visitar o ocidente em dezembro, achou que tivesse dito que a razão era que havia muita neve naquela época do ano. O que ele na verdade disse — e nos termos mais grosseiros — era que não seria uma boa ideia ir para lá, dada a temporada abundante de vaginas de cadelas.

Quando ensinava seus discípulos ocidentais, Luang Pó levava em consideração suas diferentes habilidades linguísticas. Tirando as palestras formais de Dhamma, ele dava frequentemente curtos ensinamentos com frases bem simples para evitar mal-entendidos. As exortações para suportar (*Ot Ton!*) e para abrir mão (*Ploi Wang!*) eram logo conhecidas por todos. Ele usava metáforas e símiles que fossem fáceis de entender: "Você é como alguém que quer que um pato seja uma galinha", ele poderia dizer. Frequentemente suas palavras eram inesperadas, aparentemente improvisadas, e quem as tivesse ouvido ia embora pensando: "Ele acabou de dizer o que eu acho que ele disse?" "O que é essa mente?" ele perguntou uma vez, de forma retórica. "Nenhuma coisa em absoluto."

PERTURBAÇÕES

Um debate recorrente na transmissão do budismo para o ocidente vem sendo sobre a extensão na qual o Dhamma pode ou deveria ser separado do contexto cultural, ou dos “acessórios”, com os quais ele vem sendo transmitido através dos séculos. Um budismo sob medida para o ocidente, desatado dos costumes asiáticos, foi o objetivo de vários pioneiros. Mas para os ocidentais que pegaram o caminho para Wat Pah Pong, submeter-se ao treinamento monástico implicava uma aceitação de todo o pacote budista tailandês. Para alguns monges, adaptar-se ao estilo tailandês de fazer as coisas poderia ser irritante. “Mas isso não está no Vinaya, é apenas um costume tailandês!” era uma queixa comum de monges que fossem advertidos por gafes tais como usar um travesseiro como almofada para se sentar. Poucos dos monges tailandeses faziam qualquer distinção sobre o que era parte da tradição monástica que remetia à época do Buddha e quais eram as adições mais recentes e locais. Um monge ocidental que mostrasse desrespeito por qualquer faceta do treinamento poderia ser visto como menosprezando o treinamento como um todo. Luang Pó exortava os monges ocidentais para que fossem humildes, respeitosos e observadores em face do que não lhes fosse familiar, que abrissem mão de apegos a seus antigos modos.

Uma perturbação comum para vários dos monges ocidentais era ter que participar de cerimônias que pareciam remeter muito mais ao bramanismo do que ao budismo “puro” que eles esperavam encontrar em um mosteiro de floresta. Embora Luang Pó não fosse de satisfazer às crenças supersticiosas da população local, ele tampouco era um fundamentalista e estava disposto a realizar uma ou duas as cerimônias locais mais benignas, como uma forma de atrair as pessoas para o Dhamma.

Ajahn Santacitto, um daqueles que chegou em Wat Pah Pong procurando por um professor de meditação que o instrísse em vipassanā, tomou um choque rude em seu primeiro dia.

"Depois da refeição, um pequeno grupo de moradores locais esticou um pano branco sobre suas cabeças, os monges à minha volta começaram a recitar um cântico, e Luang Pó começou a pingar a cera de uma vela em uma tigela com água. Quando o cântico terminou, ele aspergiu essa “água abençoada” sobre as cabeças, agora descobertas, das pessoas. Eu estava chocado pelo que me pareceu ser uma superstição sem cabimento. Mas então meus olhos se voltaram para Luang Pó. Para minha surpresa, ele tinha um sorriso travesso em seu rosto, como um garoto que está se divertindo com algo. Eu fiquei completamente desarmado. Mas o ponto crucial para mim foi quando o ritual acabou e ele deu uma palestra de Dhamma, quando percebi o quão atentos os moradores se sentaram ali para ouvir."

PONTAPÉ INICIAL

Se um monge sentisse que tinha sido escolhido para receber um ensinamento particular, isso podia deixar uma impressão especialmente profunda. Isso aconteceu com Ajahn Nyanadhammo durante o seu primeiro retiro das chuvas em Wat Pah Pong. Naquela época, um monge sênior frequentemente o procurava para puxar conversa durante o retorno ao mosteiro da mendicância matinal diária. Enquanto eles caminhavam, esse monge ficava expondo as faltas de vários outros monges e tagarelava o que parecia ser uma corrente interminável de reclamações. Ajahn Nyanadhammo achava o monge orgulhoso e hipócrita, mas sendo júnior em relação a ele, sentia-se incapaz de se afastar de forma educada. Ao final de uma dessas caminhadas, ele chegou ao mosteiro sentindo-se irritado e incomodado. Mas um dia, enquanto passava pela cabana de Luang Pó, revendo todas as faltas desse monge que ficava apontando as faltas dos outros, seu estado de espírito azedo

dissolveu-se em um instante. Um sorridente Luang Pó, praticando seu inglês, o viu e lhe desejou um caloroso: “Good Morning!”

Naquela noite, Ajahn Nyanadhammo foi à cabana de Luang Pó oferecer-lhe uma massagem nos pés. Quando o sino tocou para a recitação noturna e os monges começaram a ir embora da cabana, Luang Pó lhe disse que continuasse com a massagem e pediu para que alguém apagasse as velas.

"A lua estava apenas despontando e eu estava ouvindo os monges recitarem os cânticos. Enquanto massageava seus pés, Luang Pó estava ali sentado em silêncio na escuridão meditando — era realmente inspirador — e então, de repente, ele levantou o pé e me deu um pontapé no peito. Eu caí para trás no chão. Ele apontou para mim e disse: ‘Aí está, uma pessoa diz algo que você não gosta e você fica chateado. Outra pessoa apenas diz, ‘Bom dia’, e você fica feliz o dia inteiro. Não siga seus estados de espírito. Não se apegue às palavras dos outros.'"

VOCÊ PODE IR

Luang Pó era habitualmente reticente quanto ao assunto de poderes paranormais e houve poucas ocasiões nas quais ele foi visto demonstrando claramente que os possuía. Mas em uma ocasião, ocorreu que um certo monge australiano recebeu uma carta de casa informando sobre a morte de seu pai e perguntando se ele poderia voltar para casa para uma visita.

Esse monge tinha uma energia e um temperamento tais que lhe renderam o apelido de “Venerável Alta Octanagem” entre os monges tailandeses. Ele era um homem extremamente inteligente, que considerava aqueles que discordassem de seus pontos de vista (frequentemente bastante cínicos) como culpados por pensamentos ilusórios e incapazes de encarar as duras verdades da vida. Embora tivesse um grande respeito por Luang Pó, podia sair humilhando qualquer um que percebesse que estava colocando seu professor em um pedestal muito alto. A crença nos poderes paranormais de Luang Pó era, para ele, um bom exemplo das mentes confusas que ele achava tão irritantes.

Quando o monge chegou na cabana de Luang Pó, com a carta na mão, com o intuito de lhe pedir conselhos, Luang Pó estava falando com outros monges e então ele se sentou para esperar. Depois de um tempo, Luang Pó virou-se para ele e disse: “O que você faria se sua mãe lhe escrevesse uma carta e lhe convidasse para voltar para casa para uma visita? Você poderia lidar com isso?” O monge foi pego completamente de surpresa. Ele não tinha mencionado o assunto a ninguém. Percebeu que Luang Pó estava lhe perguntando se ele estava confiante de que poderia manter sua prática do Vinaya fora do ambiente protegido do mosteiro. “Eu tentarei”, ele respondeu. Luang Pó disse: “Você pode ir se você quiser”.

O CHEIRO EM SUA BOLSA

O Venerável Aranyabho era outro monge com uma mente altamente crítica. Depois de retornar de um mosteiro afiliado com a familiar liturgia de reclamações, Luang Pó disse a ele:

Aranyabho, você tem cocô de cachorro na sua bolsa de ombro, você percebe isso? Em todo lugar que você vai, você se senta e percebe um cheiro ruim. Então você pensa: “Eca, esse lugar não é bom”. E você pega sua bolsa e vai para outro lugar. Você se senta e lá está o mau cheiro de novo, e você se levanta de novo levando sua bolsa consigo. Você nunca percebe que o cheiro ruim está vindo do cocô de cachorro em sua bolsa de ombro, e então você a carrega para onde quer que você vá.

Essa era uma variação de um dos contos favoritos de Luang Pó para dar ensinamentos: o cão sarnento que culpa todo lugar onde se senta pela coceira que o atormenta. O venerável Aranyabho escutou essa contundente advertência com uma expressão que presumidamente era mais parecida com a de uma ovelha do que a de um cachorro. O venerável Varapanyo comentou:

"Nunca havia ressentimento quando ele falava dessa forma com as pessoas, porque nós sabíamos que aquilo estava vindo de um coração puro e amável; ele estava nos oferecendo, bem ali, uma solução clara e simples para os nossos problemas, uma que ele obviamente havia praticado. Suas palavras, e todo o seu ser, simplesmente diziam, 'Abra mão — agora.' "

V. CONHECEDOR DE MUNDOS

RESULTADOS DA PRÁTICA

Enquanto a vasta maioria dos ocidentais que ingressaram na vida monástica em Wat Pah Pong eram homens, também houve um pequeno número de mulheres ocidentais que foram treinar como *mé chis*. Em destaque entre elas, houve uma norte-americana que havia adotado o nome “Khamfá”. Ela chegou com seu marido Paul, depois de escaparem de sua casa no Laos, antes da tomada do poder pelos comunistas em 1975. O casal decidiu tentar ficar por cinco anos com a condição que, se a qualquer momento ambos quisessem partir, então eles o fariam; contudo, caso um quisesse ir e o outro quisesse ficar, então ambos deveriam prosseguir lá e atravessar as dificuldades. Foi um desafio para ambos, mas eles sobreviveram pelos cinco anos.

Ao final de cada ano, Luang Pó permitia à Mé Chi Khamfá ir a Wat Pah Nanachat por alguns dias, onde ela teria chance de falar com Paul (então conhecido como venerável Thitabho). Mas na maioria das vezes, o relacionamento deles era confinado aos recados clandestinos, trocados em segredo em um local combinado na floresta no caminho das *mé chis* para a cozinha. De várias formas, foi mais difícil para Mé Chi Khamfá: como monja, ela tinha muito menos acesso a Luang Pó e, no setor das *mé chis*, sua inspiração podia facilmente diminuir. Mas o venerável Thitabho tampouco achou a vida monástica fácil e, às vezes, provavelmente teria preferido a distância de Luang Pó, da qual sua esposa se ressentia.

Ao final da década de 1970, Luang Pó se tornou uma figura mais semelhante à de um avô. Mas o velho fogo e a habilidade de dar advertências corrosivas ocasionalmente voltavam à tona. Ele também era capaz de dar uma bronca sem proferir uma palavra sequer, como demonstrou um dia, quando flagrou o venerável Thitabho quebrando uns dos regulamentos monásticos-chave.

Estoques pessoais de chá, café, açúcar e outros itens eram proibidos em Wat Pah Pong. Esperava-se que todos estivessem satisfeitos com quaisquer bebidas que fossem oferecidas para a comunidade. Contudo, alguns monges ocidentais — o venerável Thitabho incluído — persuadiam-se de que eram um caso especial nesse sentido e que, se eles fossem discretos o suficiente sobre o assunto, ferver um bule com água na floresta e tomar uma xícara de chá juntos seria uma indulgência menor, inofensiva. De vez em quando, eles se encontravam na cabana do venerável Thitabho, onde um antigo bule negro era guardado em segredo.

Um dia, o venerável Thitabho recebeu um pacote de chás finos de sua irmã na Inglaterra. Ao final da tarde, ele fez uma pequena fogueira na floresta atrás de sua cabana, em um local onde a fumaça não seria visível do caminho, para saborear uma primeira xícara desse novo pacote. Mas quando um

arrepio involuntário atravessou seu corpo, ele rapidamente se virou para ver que ali estava Luang Pó, imóvel e com uma expressão dura, olhando para ele. Era como o pesadelo dos provérbios tornando-se realidade. Luang Pó encaminhou-se para o estoque ilícito, levantou sua bengala e golpeou fortemente algumas jarras do chá, cuspiu no chão e então saiu caminhando em silêncio.

Luang Pó passou a maior parte da segunda metade de 1979 coordenando a renovação do mosteiro em Bahn Kó, onde ele passou seus primeiros anos como monge. Mais para o final do ano, o venerável Thitabho foi apontado como seu atendente. Um dia, um grupo de visitantes tailandeses começou a elogiar os monges ocidentais por sua renúncia e dedicação. Luang Pó concordou que sim, seus discípulos ocidentais eram realizados, vários deles podiam recitar o *Pāṭimokkha*. “Eles são todos muito inteligentes”, ele então pausou dramaticamente: “exceto por esse aqui”, e apontou para Thitabho: “Ele é realmente estúpido”. Mais tarde, Luang Pó perguntou manhosamente a Thitabho se ele tinha ficado bravo por ter sido tratado daquela maneira. Thitabho disse: “Como é que você pode ficar bravo com uma montanha?” Luang Pó ficou contentíssimo. Aos risos, ele se virou para um dos noviços ao seu lado e disse: “Escreva isso. Escreva isso!”

Finalmente, os cinco anos passaram. Nos últimos poucos meses, a sensação crescente de isolamento de Khamfá no setor das *mé chis* foi explorado por uma missionária cristã fundamentalista. Aquilo culminou, de forma um tanto bizarra, em sua conversão (“Talvez ela esteja certa”, disse um inexpressivo Luang Pó, surpreendendo Ajahn Sumedho, que veio trazer a notícia). Depois que eles partiram, o ex-Thitabho adotou a fé da esposa. O casal enviou cartas aos monges ocidentais lamentando o que eles chamavam de “aridez da espiritualidade budista”, e exultando no que eles acreditavam ser um senso compartilhado da presença de Cristo. Uma das suas maiores reclamações era que, depois de cinco anos no mosteiro, eles não podiam ver quaisquer resultados tangíveis da prática. Não importava o quanto eles tivessem tentado, a vida pareceu permanecer praticamente a mesma. Esses comentários foram passados para Luang Pó. Então, um dia, uma foto do casal com seu primeiro filho chegou pelo correio. Ela foi mostrada a Luang Pó. Ele a observou por um momento e então disse: “Enfim, eles puderam ver os resultados de sua prática”.

NATUREZA E ENCORAJAMENTO

Enquanto Luang Pó obviamente pensara que o venerável Thitabho se beneficiaria de palavras duras que levassem à humildade, ele via que outros tinham uma maior necessidade de atenção e encorajamento. O venerável Varapanyo era um membro desse grupo. Quando era um jovem monge, o venerável Varapanyo lutava contra o desejo por açúcar, que culminou em ele se empanturrar com um pacote de doces que tinha sido enviado para ele por sua família. O lapso o levou a um frenesi de culpa e auto abominação. Ele foi se confessar com Luang Pó:

"Eu coloquei para fora: 'Eu sou impuro, minha mente é suja, eu não sou uma boa pessoa'. Ele pareceu preocupado. 'O que aconteceu?', ele perguntou. Conte-lhe a história. Naturalmente ele achou graça e, em poucos minutos, percebi que ele já tinha me feito rir. Estava me sentindo muito leve, o mundo já não estava mais prestes a acabar; na verdade, já tinha esquecido do meu fardo. Esse era um de seus dons mais mágicos. Você podia estar se sentindo muito pesado, deprimido e desamparado e, depois de estar perto dele por alguns minutos, tudo aquilo desaparecia e você se pegava rindo. Às vezes, você só precisava ir e sentar-se em sua cabana, estar perto dele enquanto ele conversava com os outros. Mesmo quando ele não estava lá, eu podia me embriagar numa sensação de paz assim que chegasse perto de sua cabana para fazer uma limpeza ou varrer as folhas."

Mas era a oportunidade de servir como atendente de Luang Pó que tinha o efeito mais profundo.

"Havia geralmente muita competição pela honra de atendê-lo, mas eu tinha tido a permissão de ir à sua cabana para as tarefas do início do dia, antes do amanhecer. Isso significava ter de acordar ainda mais cedo nas manhãs frias, mas eu estava inspirado. Quanto mais tempo eu passava com ele, mais seguro eu me sentia. Ele podia me dar pequenos discursos de tempos em tempos, seguir verificando como eu estava, perguntar sobre o meu passado, etc. Eu comecei a sentir: aqui há alguém inabalável como uma montanha. 'Acreditar em Deus é saber que alguém em algum lugar não é estúpido.' E realmente me parecia que eu havia encontrado esse alguém; ele era para mim o que você sempre esperou que seu pai, sua família, seu médico, seu padre, seu professor, Papai Noel e o Super-Homem fossem, todos no papel de apenas um. Ele seguia tirando coelhos da cartola — ensinamentos, coisas a fazer, remédios, o que quer que fosse — para que a situação parecesse aberta, como se houvesse possibilidades ilimitadas esperando por mim, muito diferente do caminho sombrio que eu imaginei por tanto tempo.

"Então, nas manhãs, eu fervia água e lhe trazia água quente e água fria para que ele lavasse o rosto. Quando ele descia as escadas, eu lhe dava a água e me ajoelhava ali com uma toalha enquanto um dos noviços pegava sua dentadura para limpar. Geralmente ele andava por ali com a toalha e me permitia segui-lo, até que finalmente me dava a toalha para estender. Seus mantos estariam prontos para serem vestidos para a mendicância matinal, mas antes ele checava as coisas em sua cabana, jogava algum arroz para as galinhas selvagens, sentava e conversava, tomava chá.

"Ocasionalmente, umas duas monjas poderiam vir nessa hora para discutir algum assunto. Era sempre interessante assistir os monges e monjas locais quando eles vinham para vê-lo. Eles se dirigiam a ele com extremo respeito, quase como se estivessem aterrorizados por ele. Conosco, ocidentais, ele era geralmente o velho bondoso, embora com o passar dos anos eu o visse assumir vários papéis diferentes. Ele podia fazer com que você o amasse ou o odiasse, sentisse respeito, medo, dúvida ou aversão por ele e podia, rapidamente, fazer malabarismos com nossos estados mentais. Para mim, naquela época, ele estava instilando fé. Aquelas cenas de manhã cedo eram especialmente efetivas: o mosteiro quase vazio, a maioria dos monges já havia partido para suas rotas de mendicância matinal, e nós estávamos limitados a cerca de 15 minutos antes que tivéssemos que ir, então a situação se intensificava — apesar do fato de que era muito engraçado ver o grande homem sentado ali sem seus dentes, parecendo então uma pequena vovozinha ucraniana.

"Nas tardes, depois de varrer a sua cabana, esvaziar a sua cuspidreira e realizar outras tarefas, eu me sentava por um tempo para escutá-lo falar com quem estivesse ali, às vezes para conversar ou para oferecer uma xícara de chá, mas na maioria das vezes apenas para estar lá. Depois que os convidados tivessem ido embora, ele tomava banho com a ajuda de alguns de nós, segurando sua toalha, pegando o seu manto, oferecendo-lhe um pano de banho seco, lavando as suas costas e os seus pés, limpando suas sandálias."

Conforme o venerável Varapanyo foi ficando mais firme e confiante, Luang Pó começou a usá-lo como personagem nas histórias de seus ensinamentos. Varapanyo geralmente assumia o papel do bobo: às vezes, o bobo que nunca entende o que está acontecendo, às vezes, o bobo que vê a luz.

"Estava esfriando e um monge que estava indo embora me sugeriu que a cabana dele poderia ser um pouco mais confortável, pois ela era menor e batia menos vento nela. Então eu me mudei. Mas ela era perto do muro do mosteiro e os fazendeiros passavam por lá com seus búfalos durante o dia. Isso me incomodava, pois ainda estava convencido de que meditação e barulho não se misturavam, então depois de alguns dias eu me mudei de volta. É claro que alguém percebeu (a CIA não é nada perto de uma comunidade monástica) e foi logo avisar Luang Pó. Ele me questionou sobre aquilo e, com o passar dos anos, eu escutaria aquela história várias vezes, expandida e embelezada.

"Ele frequentemente usava incidentes como esse (de certa maneira, sob medida para seu propósito) para ensinar. Ele podia falar para as pessoas sobre como aprender sobre os truques da mente, sobre como ela se tornava entediada e insatisfeita, sempre querendo algo diferente: 'Pegue o Varapanyo, por exemplo — ele veio para Wat Pah Pong e estava sentado em sua cabana, mas ele não estava feliz. Ele se mudou com todas as suas coisas para outra cabana, mas tampouco estava feliz ali. Então achou que a primeira cabana era melhor e voltou para lá'. Ele sempre contava as histórias de uma forma muito gentil e engraçada, todos davam boas risadas e ele então ia ao ponto: é a mente que faz tudo isso; conheça a sua mente."

Março e abril eram os meses mais cruéis do verão. Os monges ocidentais ficavam ali se arrastando, ocasionalmente sonhando acordados com uma tempestade refrescante.

"O calor era um tormento com a fadiga e o desconforto que trazia. Uma tarde, alguém trouxe bebidas geladas da cidade. Eu tomei vários copos e me senti tão aliviado que logo comecei a pensar que poderia fazer a minha família doar uma máquina de fazer gelo para o Wat Pah Pong; ela poderia funcionar com o gerador por algumas poucas horas por dia e nós sempre teríamos gelo. Isso parecia um pensamento perfeitamente válido para mim. Finalmente comecei a perceber que o Buddha vivia na floresta e realizava suas práticas ascéticas sem as nossas conveniências modernas, tais como gelo, então eu provavelmente poderia suportar e sobreviver sem aquilo. Mais tarde contei para Luang Pó sobre esse episódio que havia se passado em minha mente. Aquilo se tornou uma de suas 'histórias de ensinamento' sobre como contemplar as situações para eliminar sofrimento desnecessário: 'Varapanyo estava morando na floresta e tinha chegado o verão. Ele sentia muito calor, ele estava realmente infeliz. Tudo o que conseguia pensar era em gelo. Mas então ele contemplou: 'Quando o Buddha vivia na floresta, ele tinha gelo? Não! Ele não tinha'. Isso foi sabedoria surgindo. Então ele ficou feliz, seu problema estava resolvido.' "

NINGUÉM SABE

Luang Pó podia ser tão perspicaz e penetrante sobre os caminhos do mundo, que os monges ocidentais podiam se surpreender por quão pouco interesse e quão pouco conhecimento ele tinha pelos detalhes do mundo. Contudo, ele ocasionalmente demonstrava curiosidade sobre o ocidente, sobre sua cultura e costumes. Um dia, ele perguntou para Ajahn Sumedho o que eram hippies e, depois de ouvir a descrição, ele disse que parecia que eles dariam bons monges. Ven. Varapanyo conta:

"Ocasionalmente, Luang Pó perguntava sobre a vida e os costumes ocidentais, sobre minhas experiências passadas, sobre ciência (astronomia era geralmente de interesse dos tailandeses). Ele era desinteressado, no sentido que, obviamente, não ansiava por nada em especial, mas ainda assim ele era muito interessado, pois, de repente, tinha em suas mãos várias dessas pessoas vindas de uma parte do mundo da qual ele não sabia quase nada, e ele se importava conosco ...

"Uma coisa pela qual ele nunca demonstrou qualquer interesse era em política, fosse nacional ou internacional. Um dia, algum tempo depois da reeleição de Richard Nixon, ele disse, 'Nixon se safou' — um visitante deve ter contado a ele e ele apenas passou aquilo para mim com essa simples frase. E então, uma vez quando alguns de nós fomos vê-lo, ele disse, 'CIA: ninguém sabe quem são eles. Quem é a CIA? Ninguém sabe'. E essa era a extensão da discussão política que eu posso lembrar de ter tido com ele."

PRECAUÇÃO PATERNA

Em um ponto da cerimônia de ordenação, o postulante é questionado no meio de toda a Sangha: “*Anuññātosī mātāpitūhi?*” “Você tem a permissão dos seus pais?” E ele responde “*Āma bhante*”. “Sim, venerável senhor.” Afortunadamente, uma falha do candidato em admitir a oposição dos pais não invalida a cerimônia, já que vários dos monges ocidentais eram incapazes de conseguir a bênção de seus pais até que já tivesse se passado um bom tempo de sua admissão na Sangha. Alguns monges suportaram anos de rejeição por parte de suas famílias. Outros recebiam cartas constantes implorando para que voltassem para casa — impossíveis de serem simplesmente descartadas sem abrir, mas que davam um aperto no coração logo após a leitura das primeiras linhas. De sua parte, alguns pais ficavam agoniados por pensamentos de que seu filho tivesse sofrido uma lavagem cerebral e estivesse participando de algum culto estranho no meio da selva fechada; outros sentiam-se feridos pela rejeição de seus valores e tradições religiosas e lamentavam profundamente a perda dos sonhos que um dia acalentaram para seu filho. Mesmo os pais que respeitavam e apoiavam a escolha do filho — que provavelmente excediam aqueles que não o faziam — tinham de se conformar com a dor de saber que talvez pudessem se passar anos, antes que pudessem vê-lo novamente.

Alguns monges sucumbiam à pressão da chantagem emocional. Um foi levado a retornar para a Inglaterra por um telegrama informando-o, falsamente, que sua mãe havia sofrido um ataque cardíaco. Para outros, quando a prática titubeava, saber que seus pais reprovavam o que estavam fazendo tornava ainda mais difícil para eles justificarem, para si mesmos, a dor que estavam causando. A falta de apoio dos pais era, frequentemente, um fator — às vezes, decisivo — quando monges afligidos por dúvidas, desencorajamento ou desejos sensuais começavam a considerar voltar para a vida leiga. Contudo, em praticamente todos os casos em que esses monges permaneciam, seus pais eventualmente mudavam de atitude. Ao menos, uma carta conciliatória chegaria, anunciando uma visita ou oferecendo uma passagem de avião para uma visita à casa, expressando aceitação pelo estilo de vida do filho.

Luang Pó fazia o máximo para receber bem os pais de seus discípulos ocidentais em Wat Pah Pong. O calor e a gentileza que ele lhes dirigia eram tão intensos que poucos conseguiam resistir. A maioria dos pais ficava completamente encantada e suas preocupações eram deixadas de lado. Mesmo os mais céticos dos pais mostravam sinais de abrandamento. “Devo dizer, certamente existe algo especial nele”: era o que diziam depois de encontrá-lo, ou então admitiam: “Bem, ele realmente parece ser uma pessoa muito boa”. Somado a isso, eles viam mudanças positivas em seus filhos que eles não podiam deixar de se orgulhar. Eles ficavam impressionados pela grande reverência com que os monges eram tratados pelas pessoas de todos os níveis da sociedade tailandesa. Mesmo que, no fundo de seus corações, eles tivessem esperança de que seu filho, um dia, largaria o manto; ao menos, pelo tempo que fosse, suas mentes estariam em paz.

No começo da década de 1980, teve início uma tentativa, que não prosperou, de começar uma comunidade de *mé chis* em Wat Pah Nanachat. Uma jovem mulher de Hong Kong, Irmã Suddhamma, tornou-se uma das primeiras participantes. Seus pais estavam extremamente tristes e sua mãe escrevia, em intervalos regulares, implorando à filha que voltasse para casa. A monja escrevia de volta, polidamente recusando e pedindo tempo e compreensão à mãe. Ao receber aquilo, a mãe respondeu imediatamente com uma ameaça de suicídio. A monja ficou muito ansiosa, sem realmente acreditar na ameaça, não querendo retornar para Hong Kong, mas ainda assim, sem estar certa do que seria correto fazer. Luang Pó a aconselhou a não largar o manto, mas a convidar sua mãe para uma visita. Ele disse: “Ela sente essa antipatia porque, não tendo visto por ela mesma o que você está fazendo, está imaginando um monte de coisas ruins”. Ele fez uma comparação:

Para dizer a verdade, eu fui desse mesmo jeito, uma vez; mas com relação a queijo. Eu odiava o cheiro daquilo. Era horrível. Quando fui para o ocidente, todo mundo fedia àquilo. Mas eu fiquei mais e mais perto dele, e um dia me deram um pouco. Eu pensei que poderia ser bom experimentar. Hum! Era muito bom. Agora eu acho delicioso. Hoje em dia, eu como mais do que os próprios ocidentais. Costumava pensar que aquilo cheirava a cocô de galinha, e agora eu gosto daquilo. Então fique aqui. Não vai demorar muito e sua mãe virá.

E ela foi. E depois que as suspeitas iniciais e a paranoia se desfizeram, ela começou a entender, e até a aceitar a decisão de sua filha. Retornou a Hong Kong com a mente muito mais tranquila.

Outra ocasião na qual as habilidades diplomáticas de Luang Pó foram demonstradas ocorreu com a chegada de Randy (mais tarde, Ajahn Kittisaro), um campeão de luta romana no Tennessee e acadêmico da Universidade de Rhodes. Durante suas férias de verão da Universidade de Oxford, Randy viajou para a Tailândia para realizar uma pesquisa sobre o budismo tailandês. Ali, ele encontrou Luang Pó e ficou inspirado a se tornar monge. Os pais de Randy ficaram chocados e profundamente preocupados. Eles pegaram um avião para a Tailândia para salvá-lo de arruinar seu futuro e da lavagem cerebral. Ao encontrar Luang Pó, contudo, suas preocupações se dissolveram. Eles ficaram impressionados com as mudanças que viram em seu filho: uma recém-encontrada autodisciplina, serenidade e resolução. Luang Pó então realizou uma cerimônia de ordenação de Randy como noviço, com o intuito de que seus pais pudessem presenciar o ingresso do filho na Sangha, antes de voltarem para casa. Na manhã da cerimônia, eles foram para a cidade e trouxeram alimentos para oferecer para a Sangha de Wat Pah Nanachat, como uma oferenda comemorativa em um dia auspicioso.

UMA COBRA EM CASA

Com o passar dos anos, vários leigos ocidentais vieram passar um período em Wat Pah Pong. Um grande número chegou sem a intenção de se tornar monge ou monja, mas simplesmente com o desejo de receber os ensinamentos de Luang Pó e de participar, por algum tempo, da vida da comunidade monástica. Geralmente, Luang Pó delegava a um monge sênior ocidental a tarefa de ministrar os ensinamentos básicos, mas, de vez em quando, ele mesmo dava palestras de Dhamma aos visitantes leigos ou respondia as suas perguntas.

Às vezes, alega-se que os monges são desdenhosos da prática dos leigos, e que grandes mestres reservam os ensinamentos profundos apenas àqueles que tenham se comprometido com a vida monástica. Esse não era o caso de Luang Pó. Visitantes leigos com um interesse sincero pela prática o energizavam. Na verdade, os monges ficavam entusiasmados quando sabiam que Luang Pó daria uma palestra de Dhamma para os visitantes estrangeiros, por causa da profundidade do Dhamma que eles podiam esperar ouvir.

Uma palestra, subsequentemente publicada como *Vivendo com uma Cobra*, dá uma boa ideia do sabor desses ensinamentos. Nela, Luang Pó comparou os estados mentais, tanto positivos quanto negativos, com cobras venenosas. Ele disse que se identificar com um estado mental era como se deixar ser picado por uma cobra. A separação da verdade das coisas que resulta dessa identificação é como morrer pela ação do veneno da cobra.

Todos os estados mentais são como cobras. Se nada obstrui o caminho delas, elas apenas deslizam seguindo seu próprio caminho. Mesmo que elas possuam veneno, ele está dentro delas. Elas não nos oferecem nenhum perigo, contanto que não nos aproximemos delas. Elas apenas fazem o que cobras naturalmente fazem.

Pessoas inteligentes abrem mão do apego a todas as coisas, tanto boas quanto ruins. Elas abrem mão tanto do que gostam quanto do que não gostam. É como se nós libertássemos a cobra do cativeiro: ela vai deslizar para longe levando seu veneno consigo. E é dessa forma que nós libertamos nossos estados mentais — nós libertamos os bons e os ruins tendo consciência da sua natureza. Nós não os tocamos, não os agarramos, pois não queremos nada; nós não queremos bom ou mau, pesado ou leve, prazer ou dor. Uma conclusão é alcançada e a calma lúcida é firmemente estabelecida.

Ele ensinava que o caminho da prática era encontrado com o desenvolvimento de *sati* e da vigilância. Quando esses dois fatores estivessem maduros, a faculdade da sabedoria surgiria naturalmente e os meditadores estariam então despertos noite e dia. Praticantes estariam próximos do Buddha em todos os momentos.

O termo “surgimento da sabedoria” significa que, através de enxergar claramente como todos os fenômenos surgem e desaparecem de acordo com causas e condições, os meditadores abandonam o apego a eles como sendo um eu ou coisas pertencentes a um eu.

Quando as coisas surgem, nós sabemos; quando elas cessam, nós sabemos. Quando existe felicidade, nós sabemos; quando existe infelicidade, nós sabemos. Uma vez que sabemos, não tomamos posse dessa felicidade ou infelicidade. Quando não existe um senso de posse dessas sensações, então tudo o que sobra é o simples processo de surgimento e cessação. Você deixa que tudo siga seu curso natural, porque não existe nada a que valha a pena se apegar.

Naquela época, Luang Pó vinha lendo textos zen-budistas e deu sua própria visão da relação entre Nibbāna e saṃsāra, discutida neles.

O Buddha disse que Nibbāna é cessação. Onde a cessação ocorre? Bem, é como o fogo. Ele é extinto onde quer que surja, onde quer que esteja queimando. Você esfria algo no local onde está quente. É o mesmo com Nibbāna e saṃsāra. Eles estão no mesmo lugar.

O Buddha nos ensinou a apagar o fogo do saṃsāra, que é uma turbulência interna. Extinguir uma turbulência interna pode ser chamado de apagar o fogo. Fogos externos são quentes e, quando eles são apagados, existe o frescor. O calor interno da cobiça, da raiva e da delusão também são como o fogo. Pense nisso. Quando o desejo sexual surge na mente, ele é quente, não é? Se a raiva surge, ela é quente; se a delusão surge, ela é quente. É esse calor que o Buddha chamou de “o fogo”. Quando o fogo surge, existe calor; quando ele é extinto, existe frescor ...

Nibbāna é o estado que refresca o calor. O Buddha chamou isso de paz, a cessação do ciclo de nascimento e morte.

Então, ao final do discurso, Luang Pó desceu do nível elevado onde estava para endereçar algumas palavras calorosas e pessoais para a senhora inglesa idosa que era a plateia dessa palestra:

Quando você chegou pela primeira vez, você chorou. Quando eu vi as suas lágrimas, fiquei feliz. Por quê? Porque eu sabia que você ia estudar o verdadeiro Dhamma. Se nenhuma lágrima fluísse, então a senhora não veria o Dhamma, pois o fluido das lágrimas é algo ruim. Você deve deixar tudo aquilo sair antes de poder sentir-se em paz.

Então, por favor, leve esse Dhamma consigo e coloque-o em prática. Pratique com o intuito de transcender o sofrimento. Morra antes da morte e seja pacífica e tranquila.

Mas, ocasionalmente, Luang Pó podia tratar os visitantes com grande aspereza. Um dia uma mulher ocidental chegou à cabana de Luang Pó enquanto ele estava falando com alguns dos monges. Ele pediu para que um dos monges presentes lhe perguntasse o que ela queria. O monge traduziu: “Ela está pedindo permissão para ficar. Ela gostaria de receber ensinamentos de Luang Pó”. Luang Pó franziu as sobrancelhas: “Diga a ela que não há nenhum ensinamento aqui, tudo o que eu faço é atormentar as pessoas”.

Depois de chocar todos os que escutaram aquilo, Luang Pó abrandou e a mulher foi conduzida ao setor das *mé chis*. Luang Pó não deu nenhuma razão para aquelas palavras, e cada pessoa pôde especular por que Luang Pó considerou que aquela mulher, em especial, se beneficiaria de semelhante “boas-vindas”. Para os monges ocidentais, viver com charadas como essa, sem muita certeza do que havia acontecido, era uma parte normal da vida em Wat Pah Pong.

Em outra ocasião, um acadêmico europeu chegou com um questionário. Ele perguntou para Luang Pó através de um tradutor, 'Por que o senhor pratica? Como o senhor pratica? Quais são os resultados de sua prática?'

Luang Pó respondeu:

Por que você come? Como você come? Quais são os resultados de você comer?

Luang Pó sorriu, o acadêmico franziu as sobrancelhas e pediu por uma explicação.

Pense nisso. Por que você come? Porque está com fome e se não comer você vai sofrer. Por que nós praticamos? Porque estamos com fome. Comida alivia a dor da fome física e a prática do Dhamma alivia a fome mental e espiritual. Se a mente está sofrendo, então você deve usar o Dhamma para aliviá-la. Como nós praticamos? Assim como nós colocamos comida em nossos estômagos, nós devemos colocar o Dhamma em nossos corações. Quais são os resultados de nossa prática? Bem, é como comer. O resultado de comer é que o seu estômago fica cheio. O resultado de praticar é que o seu coração fica cheio de Dhamma.

VI. OS DOIS DEVEM SE ENCONTRAR

WAT PAH NANACHAT

Em 1975, havia quase vinte ocidentais em Wat Pah Pong — cerca de um quarto da Sangha residente. Esse influxo rápido e significativo trouxe consigo tensões inevitáveis. Embora a organização do mosteiro e uma fé e confiança comuns em Luang Pó mantivessem a situação manejável; conflitos menores, mas incômodos, entre os tailandeses e os *farangs* tornavam-se cada vez mais comuns. A primeira geração de monges ocidentais era predominantemente de norte-americanos. Eram jovens rapazes acostumados a uma vida informal e não regimentada, e expressavam livremente seus sentimentos sobre as coisas usando sua iniciativa. Muitos deles tinham personalidades fortes. Em uma época em que viajar para o sudeste asiático era muito mais assustador do que é hoje, o caminho para uma floresta no nordeste tailandês não era um caminho fácil ou direto a ser tomado. Ter de entrar em conformidade com o Vinaya, com várias regras e regulamentações que eles nem sempre encontravam razões de ser, podia facilmente provocar o lado rebelde de suas naturezas.

Os monges tailandeses, quase todos criados em vilarejos locais, podiam ficar encantados com quão exóticos podiam ser os ocidentais. Eles os admiravam por sua renúncia, mas também ficavam

confundidos, achavam engraçado e ocasionalmente sentiam aversão pela falta de modos e de capacidade de controle das emoções que eles demonstravam. Às vezes, monges tailandeses ficavam desconfortáveis pelo que viam como uma maneira exageradamente familiar com a qual eles tratavam Luang Pó, ou então enciumados pelo acesso fácil que eles tinham a ele.

Essas tensões não chegaram a ser tão profundas; essencialmente elas eram um pouco maiores do que pequenas ondulações em uma plácida lagoa na floresta. No mosteiro como um todo, atitudes de tolerância e boa vontade para com os monges estrangeiros eram geralmente muito maiores do que qualquer negatividade. Mas mesmo assim, Luang Pó estava ciente que certas mudanças precisavam ser feitas. Sua solução foi a de reduzir o número de monges ocidentais em Wat Pah Pong ao estabelecer um mosteiro afiliado especialmente para eles.

Problemas em Wat Pah Pong não foram a única razão para sua decisão. Luang Pó viu que, no futuro, vários monges ocidentais iriam querer retornar aos seus países e estabelecerem mosteiros lá. Antes que aquilo acontecesse, ele queria que eles adquirissem experiência em cuidar de seus próprios assuntos. Em particular, queria treinar Ajahn Sumedho no papel de abade de um mosteiro. Também seria bom ter um local onde os ocidentais pudessem praticar juntos, onde o ensinamento pudesse ser em inglês e onde a comida poderia ser mais amena e adequada ao paladar ocidental. Os monges poderiam alternar entre passar um tempo com ele e viverem nesse novo mosteiro. Ele começou a considerar a ideia abertamente.

No começo, Ajahn Sumedho, o prospectado líder dessa nova comunidade, não estava entusiasmado. Ele não tinha nenhum desejo de tomar tal responsabilidade. Mas conforme o tempo passou, começou a considerar sua resistência como egoísta e decidiu confiar no julgamento de Luang Pó.

Naquele verão de 1975, a enorme tigela de ferro de Ajahn Sumedho desenvolveu um foco de ferrugem e necessitava ser queimada novamente. Luang Pó deu permissão para que ele e outros quatro monges ocidentais fossem ao crematório de floresta do vilarejo de Bung Wai, que ficava a uns nove quilômetros ao sul de Wat Pah Pong. Ali eles poderiam encontrar um suprimento abundante de madeira e combinar a expedição para queimar tigelas com um curto retiro.

Por vários anos, um grupo de moradores de Bahn Bung Wai vinha visitando Wat Pah Pong em todos os dias de observância para um dia inteiro de prática do Dhamma. Eles estavam entusiasmados com a ideia de que monges estivessem vindo viver perto de seu vilarejo. Logo, uma comitiva foi ver Luang Pó e pedir que ele desse permissão para que os monges ocidentais passassem o retiro das chuvas no crematório de floresta de Bung Wai. Eles construiriam cabanas para os monges morarem. Era um momento oportuno e Bung Wai não era tão longe. Luang Pó concordou.

Desde os primeiros dias da nova empreitada, Luang Pó fazia visitas frequentes. Ele ofereceu sua assistência de várias formas. Usou sua influência para conseguir que uma estrada de terra fosse aberta em torno da área florestada para assim dar limites claros ao terreno do mosteiro. Quando o enciumado abade do mosteiro do vilarejo começou a escrever cartas anônimas às autoridades, difamando os monges ocidentais, Luang Pó, com grande tato, organizou uma reunião na qual o problema foi resolvido. Ajahn Sumedho, o primeiro abade de Wat Pah Nanachat, sentiu-se agradecido pelo apoio, enquanto lutava para pegar o jeito de encarar um papel que ele não achava fácil.

"Eu sempre podia ir ver Luang Pó e ele nos visitava com bastante frequência. Somado a isso, ele sabia que eu tinha que aprender por tentativa e erro. Eu me lembro de uma vez ter me sentido em um grande estado de desespero. Todos aqueles sentimentos de ser responsável e de ser totalmente inadequado para lidar com as situações. Ele me ajudou a ter alguma perspectiva do sentimento de

estar sobrecarregado por responsabilidades. Eu me lembro de uma vez ter ido vê-lo em estado de desespero, ele sentiu aquilo imediatamente e me disse, 'Agora você sabe como é ser um abade. Você pensava que significava ter uma almofada triangular para se encostar e ter a chave da despensa.' E ele riu."

O venerável Varapanyo recontava suas memórias do seu primeiro retiro das chuvas em Wat Pah Nanachat:

"Na primeira noite do retiro das chuvas, Ajahn Sumedho nos disse qual seria a rotina — a ênfase seria claramente na prática formal de meditação ... e nos encorajou a apenas realizar a prática como tinha sido estabelecida, sem segundos pensamentos, e que se nós fizéssemos aquilo, *sati* se tornaria habitual e nós perceberíamos que éramos capazes de viver nossas vidas com atenção. Aquilo pareceu razoável para mim e mesmo maravilhoso — o que mais uma pessoa poderia pedir? Mas ainda parecia ser um objetivo distante.

"Havia também uma maior harmonia em termos de propósito do que eu tinha sentido antes — nada de ordenações temporárias, garotos que estivessem no mosteiro apenas porque os seus pais os tivessem enviado — e fácil comunicação entre nós, sem barreiras culturais que frequentemente levavam a desentendimentos e sentimentos ruins. Isso não quer dizer que tudo fosse perfeito, é claro. Nós tínhamos muito que aprender sobre vivermos uns com os outros, e Ajahn Sumedho tinha vários desafios e lições esperando por ele, sobre como ser um professor. Ainda assim, o sentimento geral era muito bom, e havia muitos fatores que não estavam presentes em situações vividas em outros lugares.

"O retiro seguiu, a rotina se intensificou. Não era fácil, mas era bom ... Luang Pó fazia suas piadas usuais, chamando o mosteiro de 'Wat Pah Wun Wai' ('Mosteiro de Floresta da Confusão') ou 'Wat Pah Amerikawat', mas o pensamento óbvio era que aquilo era uma coisa boa, e os leigos que vinham achavam o mesmo. Ainda assim, eu duvido que qualquer um pudesse ter vislumbrado como o local se desenvolveria num futuro próximo. Naquele primeiro retiro das chuvas, havia apenas nove ou dez cabanas e dois '*kratop*' (cabanas de palha sem piso, apenas uma cama no chão). Ajahn Sumedho morava em uma pequena cabana de bambu com telhado de palha e havia um pequeno salão de Dhamma com telhado de palha e piso de terra."

Luang Pó não intervia na rotina diária de Wat Pah Nanachat. Os monges eram livres para construir o mosteiro como achassem que fosse adequado. Eles mesmos projetaram o salão de Dhamma e o seu leiaute — com um local em um nível mais elevado para os monges se sentarem ao longo da lateral do salão, em vez de em uma das extremidades — era uma fuga da norma convencional. Luang Pó frequentemente recomendava aos visitantes que iam lhe prestar reverências em Wat Pah Pong para que visitassem também Wat Pah Nanachat. Um dos primeiros grupos que chegou foi o *Grupo de Estudos do Dhamma da Rádio 01* de Bangkok. Todo ano, uma frota de ônibus cheia de peregrinos deste grupo viajava pelo norte e nordeste do país, visitando vários mosteiros, realizando oferendas e recebendo ensinamentos. Agora eles tinham adicionado Wat Pah Nanachat em seu itinerário e o apoiaram generosamente por vários anos.

Luang Pó demonstrou alguma preocupação de que os ocidentais de personalidade forte pudessem achar difícil viverem juntos em harmonia. Sempre que falava com a Sangha de Wat Pah Nanachat, enfatizava a importância do respeito e da boa vontade. Ensinava que os protocolos que regiam as relações entre monges baseados na senioridade evitavam que os velhos hábitos da fala ressurgissem, e insistia que eles não deveriam relaxar. Honrarias deveriam ser sempre utilizadas: o nome de um monge júnior sempre deveria ser precedido pelo prefixo "Tan"; o de um monge sênior, precedido por "Ajahn". Luang Pó sustentava que sem que se criasse uma atmosfera de confiança e respeito no

mosteiro, as práticas de meditação não gerariam frutos. As convenções da fala correta tinham um papel a cumprir em alcançar esse objetivo.

Ajahn Amaro foi um dos primeiros ocidentais que veio para uma visita e terminou se tornando um monge.

"Eu encontrei um grupo de ocidentais assim como eu, com antecedentes bem parecidos, que estavam vivendo na floresta e praticando meditação budista. E todos pareciam surpreendentemente alegres. Quando eles me explicaram o seu estilo de vida e a base de sua prática, aquilo fez todo sentido para mim ... Eles me explicaram que ao viver uma vida disciplinada, simples e inofensiva, poderíamos descobrir a verdadeira liberdade que está dentro de nós. Ao ouvir aquelas palavras, minha reação imediata foi: 'Como eu posso ter sido tão estúpido de não ter visto isso antes?' "

TRÊS NÍVEIS

Um treinamento em três níveis foi desenvolvido para estrangeiros que buscavam se tornar monges. Depois de passarem algum tempo como meditadores leigos em Wat Pah Pong ou em Wat Pah Nanachat, aqueles que solicitassem permissão para ingressar na Sangha, caso aprovados, receberiam os mantos brancos de renunciante leigo, ou postulante, em uma curta cerimônia marcada pelo compromisso formal com os oito preceitos. Como postulantes, eles atuariam como assistentes do mosteiro e absorveriam o básico do treinamento monástico ao estarem mais próximos dos monges e ao lhes prestarem serviços.

Depois de alguns meses de branco, o segundo passo era ingressar na Sangha como monges noviços (*sāmaṇera*). Durante o ano em que eram noviços, teriam uma vida muito parecida com a dos monges, mas sem a pressão e as exigências das regras do Vinaya. Quando o ano terminasse, os candidatos considerados aptos por seus mentores seriam admitidos na Sangha de bhikkhus através da cerimônia de *Upasampadā*. Pelos primeiros cinco anos de seu treinamento, monges juniores alternariam entre morar com Luang Pó, morar em Wat Pah Nanachat e morar em outros mosteiros afiliados. Tanto quanto a saúde de Luang Pó permitiu, cada estágio do processo e cada movimento entre mosteiros, ou era iniciado por ele ou ao menos era realizado com sua bênção. Nos últimos anos de sua enfermidade debilitante, esse poder ficou a cargo do abade de Wat Pah Nanachat.

Os monges ocidentais valorizavam a sensação de que Luang Pó estava sempre ciente do que eles estavam fazendo e levava em conta o que fosse melhor para eles. Frequentemente ele aparecia em Wat Pah Nanachat sem avisar antes (embora deva ser dito que naquela época, pré-celular, essa era mais a regra monástica do que a exceção). O Venerável Jotiko escreveu em uma carta para sua família:

"Luang Pó 'toca tudo de ouvido', então pode ser que ele venha fazer uma visita na semana que vem ou algo assim. Nós soubemos que ele está contente com o projeto do salão de Dhamma e que disse aos leigos que os estrangeiros precisavam de muitos bolos. No dia seguinte, recebemos um monte. Ele sempre brinca com a nossa cobiça desse jeito. Está sempre lançando desafios para que nos mantenhamos alertas, mas essa é a única forma de entender a nossa natureza. Olhe os extremos e, se a sabedoria surgir, então você conhece o caminho do meio."

GALHOS DA ÁRVORE

A maioria dos monges ocidentais queria estar perto de Luang Pó, mas aceitava que seu treinamento incluiria períodos longe dele em Wat Pah Nanachat e em outros mosteiros afiliados. A vida em um

mosteiro afiliado era geralmente uma experiência agri-doce. Monges ocidentais eram uma novidade no interior de Isan, em meados da década de 1970. Ser o único monge estrangeiro em um mosteiro trazia um status especial, de quase celebridade. Alguns achavam isso engraçado, outros achavam uma distração. Aprender a língua — um dos objetivos principais de treinar em um mosteiro afiliado — não era uma tarefa fácil, já que havia na realidade duas línguas para navegar. Conversas casuais eram conduzidas no dialeto de Isan (“tão grosso quanto iogurte”, um monge reclamava), com o tailandês da região central sendo utilizado em ocasiões mais formais.

Não entender muito do que estava acontecendo ao seu redor podia ser algo estressante em uma cultura onde poucas coisas são planejadas com antecipação e se espera que todos estejam alertas e de prontidão para se adaptarem ao que quer que surja. A presença de jovens noviços, com toda a sua energia adolescente, também podia ser um desafio. A Sangha em vários mosteiros afiliados incluía uma grande quantidade de filhos dos apoiadores locais, enviados por seus pais para que o abade os endireitasse. A necessidade de manter esses garotos ocupados significava que projetos de trabalho eram uma característica comum na vida de um mosteiro afiliado. Um jovem monge sueco, venerável Natthiko, deu uma ideia dessa atmosfera em uma carta:

"Todo esse trabalho é exaustivo em alguns dias. Uma noite, sentado depois de um longo dia de trabalho, fui tomado pela sonolência e simplesmente cai no sono, com minha cabeça caída em meu peito. Nem ao menos acordei com o sino. Foi uma situação hilária: eu lentamente voltando à vida enquanto eles me esperavam para começar os cânticos. Os monges sabiam o quanto eu podia ficar sensível caso comessem a rir de mim, mas um ou dois noviços não conseguiram se segurar e logo a maioria da Sangha estava dando gargalhadas, incluindo o Ajahn. Foi tão ruim que foi bom."

A vida em um pequeno mosteiro afiliado também podia ser muito agradável. A ênfase tailandesa na harmonia social e as convenções de não-confronto que a marcam podiam ser uma mudança refrescante com relação a Wat Pah Nanachat, onde nem todos os ocidentais, mais individualistas, priorizavam as habilidades sociais conciliatórias entre seus objetivos espirituais. Vários monges fizeram bons amigos em mosteiros afiliados e mantiveram contato com eles através dos anos seguintes. Outros desenvolveram uma ideia mais rica da vida monástica, sobre como gerenciar um mosteiro e da relação entre um *wat* e as comunidades locais. Um monge estava claramente adorando a vida em um mosteiro afiliado, quando escreveu:

"Parte do que eu amo em ser um monge na Tailândia é a simplicidade: andar descalço cruzando o vilarejo pelas manhãs, o clima agradável que me faz sentir seguro e confortável e as simples tarefas físicas. É muito mais fácil estar confortável em meu corpo e contente dentro da simplicidade do formato monástico. Essas características de contentamento e simplicidade parecem ser um assunto básico, mas eu frequentemente me pego pensando que elas são realmente do que se trata a vida."

Mas mesmo com epifanias ocasionais, a maioria dos ocidentais concordavam que, considerando tudo, a vida em um mosteiro afiliado era uma experiência de humildade. Nas palavras do venerável Natthiko:

"Eu sei que é bom para mim — dói em todos os lugares certos."

Embora alguns monges ocidentais achassem que sua prática de meditação progredia enquanto estavam em um mosteiro afiliado, esse não era sempre o caso, de forma alguma. Luang Pó estava ciente disso, mas não parecia se preocupar exageradamente. Os efeitos de longo prazo do treinamento que ele estava tentando fornecer não eram sempre mensuráveis pelo progresso de curto prazo na meditação. O discernimento das quatro nobres verdades era sempre o objetivo maior, e um treinamento gradual e abrangente em todas as áreas da vida monástica era o caminho.

VOCÊ DEVE PARAR PARA PODER ACOMPANHAR

O ingresso formal na ordem monástica é efetivado através da cerimônia de *Upasampadā*. Essa cerimônia é presidida por um monge sênior, designado como *upajjhāya* ou preceptor, que é autorizado a receber o novo monge na Sangha e de quem se requer que tome para si a responsabilidade pelo bem-estar e treinamento dele. A relação entre o preceptor e seu discípulo é modelada na relação entre pai e filho. Luang Pó se tornou um preceptor em 1975 e, através dos seis anos seguintes, catorze não-tailandeses ingressaram na Sangha o tendo como preceptor¹³³.

Ao final de uma cerimônia de ordenação de monges ocidentais, Luang Pó geralmente usava a oportunidade dessa reunião da Sangha de ocidentais para dar uma palestra do Dhamma que englobava todo o treinamento monástico, desde suas fundações mais básicas até o objetivo final da vida santa. Em uma ocasião como essa, ele começava — como era de costume — enfatizando a importância de viver junto em harmonia, quão importante era que os monges estrangeiros se relacionassem uns com os outros de acordo com as convenções estabelecidas no Vinaya. Ele os instruía que, como um grupo de *samaṇas*, deveriam deixar para trás toda a ideia de diferentes cores de pele, línguas e cultura, e olhassem uns para os outros com bondade e respeito, como companheiros na vida santa. Eles deveriam treinar-se a falar uns com os outros de forma atenta:

Se algum problema surgir no grupo, então conversem sobre isso de forma hábil: “Eu vejo assim”. “Eu sinto assim”. E então escute o que a outra pessoa tem a dizer.

Os monges ocidentais deveriam aprender a escutar com uma mente aberta tanto as palavras dos outros quanto seus próprios pensamentos. Quando um ponto de vista ou uma opinião surgisse em sua mente, eles deveriam estar cientes daquilo como apenas isso — um ponto de vista, uma opinião — e se lembrarem de que ainda não sabiam de fato se aquilo refletia a verdade das coisas. A mente era a medida do quão efetiva estava sendo a sua prática. Se eles estivessem experienciando sofrimento mental, isso significava que eles tinham se desviado do Dhamma e permitido o desejo surgir. Na vida em comunidade, a devoção ao Dhamma e ao Vinaya dissolveriam todo o senso de conflito e trariam uma sensação de unidade dentro da diversidade.

Luang Pó parecia compartilhar de uma ampla preocupação na Tailândia naquela época: a de que o Budismo estava passando por um declínio acentuado. Ele lamentava o fato de tantas pessoas irem aos mosteiros meramente em busca de amuletos de proteção ou para serem benzidas com água abençoada. Ele opinava que: “O verdadeiro Dhamma está desaparecendo, é pouco visto; poucas pessoas estão praticando”. Os ocidentais eram como um sopro de ar fresco. Os sacrifícios que eles haviam feito para passar suas vidas como monges na floresta dava inspiração para várias pessoas.

Então com o mundo nesse estado em que está, sinto que todos vocês terem vindo de tantos países para ingressarem no treinamento aqui seja algo singular. É lisonjeiro para os leigos verem vocês chegando do exterior para se tornarem monges, verem que vocês podem comer arroz grudento, que vocês podem falar tailandês, que vocês podem falar Lao, que vocês são capazes de suportar a vida em um local tão pobre e retrógrado. É por isso que, quando fui a Londres, disse a eles que as pessoas vêm para Wat Pah Pong para um doutorado em budismo. O que eu quis dizer com aquilo foi que vocês tinham vindo com a intenção de uma verdadeira transformação. Para mim, é como se todos vocês tivessem morrido e então renascido; tudo aqui é diferente de sua vida anterior. Vocês têm de se

¹³³ Sete desses monges permaneciam nos mantos em 2017: Munindo, Bodhipalo, Amaro, Nyanadhammo, Jayasaro, Vajiro e Khemanando.

acostumar com o clima, com a comida, com todo tipo de coisas. Com o intuito de se tornarem monges, vocês persistiram para vencer todos esses obstáculos, incluindo aprender a língua e o cântico para a cerimônia de ordenação. Seus esforços são inspiradores.

Contudo, ele os advertia: a cerimônia de ordenação era simplesmente uma convenção. Ela, por si só, não os mudava para melhor. Eles deveriam lembrar-se que, em última instância, todos os tipos de formas são vazios:

Uma vez que você tomou o manto como um monge ou um noviço, você ainda é a mesma pessoa que era antes. Postulante, noviço, monge: são todos a mesma pessoa. Então não tenham ideias sobre se tornarem nada. As coisas que estamos praticando aqui são, em todos os estágios, as mesmas velhas coisas. Falando a verdade, não existem tailandeses ou ocidentais aqui de jeito nenhum; existem apenas os elementos terra, água, fogo e ar. Nada tem existência intrínseca. Existem apenas as convenções que criamos.

A coisa mais importante era o treinamento da mente.

Não siga seus pensamentos. Tente seguir olhando para a sua mente. Através de minhas próprias reflexões eu cheguei a ver que as coisas que correm em círculos são as mais rápidas de todas. Você não consegue acompanhá-las. Você deve sentar-se ali calmamente e assisti-las correrem. Não corra com elas. Quando elas vierem para lhe seduzir, não se levante do seu assento. E então quando sua mente parar, você vai se tornar ciente de várias coisas diferentes. Se você corre atrás de seus pensamentos, você não será capaz de acompanhá-los; mas se você parar, então você será. É estranho. Isso se aplica a todos os objetos mentais, que são apenas do jeito que são, de acordo com causas e condições.

Transcender o mundo requeria uma compreensão do que “o mundo” realmente era e o que significava “ter nascido em um mundo”.

Onde quer que haja uma causa, haverá um resultado — essa é a forma do mundo. Existem causas e resultados; existe nascimento e existe morte; existe prazer e existe dor; existe amor e existe o ódio. A essência de todas essas coisas é chamada “o mundo”.

A identificação com qualquer um desses fenômenos era o significado profundo do “nascimento”. Nascimento formava a causa para a proliferação das condições e então, inevitavelmente, a morte. Nascimento e morte eram inseparáveis. Cada pessoa que morria tinha experienciado o nascimento. Para determinar o caminho do meio da prática, era necessário ter em mente o final.

O mais elevado ensinamento do Buddha é abrir mão das coisas — segurá-las e então abrir mão delas. Pegue-as para ver o que são e, quando você souber, então as deixe novamente. No final, essa deve ser a forma que se deve fazer com tudo; você deve abrir mão de tudo. Quando você verdadeiramente conhece todas as coisas em sua mente, então você abre mão delas naturalmente. Se você não faz isso, então é “Isso é meu”, “Aquilo é meu”, ou seja, você entendeu errado. Se você realmente entender algo, então abre mão daquilo. Os ensinamentos do Buddha significam um final, e um final sem que sobre nada. O que quer que seja deve ser levado a uma conclusão, a um completo final. O termo *khīṇāsavo*¹³⁴ significa aquele que chegou ao final dos “efluentes”¹³⁵. Conheça o bem como bem e então abra mão dele; conheça o mal como mal e então abra mão dele.

¹³⁴ Outra forma de dizer “um arahant”.

¹³⁵ Páli: “*āsavā*”. Literalmente: “efluentes” ou “fermentações”. Impurezas da mente que obstruem a libertação. A lista tradicional inclui quatro: 1) sensualidade, 2) pontos de vista, 3) vir a ser, e 4) ignorância.

Finalmente, os ensinamentos levam para um final: conhecendo a causa, você abre mão da causa, conhecendo o efeito, você abre mão do efeito. Então tendo feito isso, onde você passar a estar? Além de causa e efeito; além de nascimento e morte. Você permanece ali, onde as coisas se concluem, onde elas chegaram a um final. Não existe nada ali, a mente está em paz na ausência de causa e efeito, nascimento e morte, prazer e dor. Naquela paz não existe causa e efeito, pois a mente já foi além deles. Esse é o nosso objetivo final na prática. O Buddha ensinou apenas isso. O que nos resta é viajar até aquele ponto. O Buddha nos forneceu o barco e os remos, deixou-os para fazermos uso deles. Se começamos a remar, então o barco vai se mover; caso contrário, o barco vai permanecer imóvel ... O Buddha é aquele que nos disse o que é o quê. Ele não pode praticar por nós. Isso é nossa responsabilidade.

Aqueles que são sempre vigilantes, que se disciplinam noite e dia e estão sempre resolutos em alcançar Nibbāna — suas impurezas desvanecem.

Dhp 226

Morrendo para o Mundo - Treinamento das Mé Chis

I. INTRODUÇÃO

Cerca de cinco anos depois de sua iluminação, o Buddha estabeleceu uma ordem monástica de mulheres conhecidas como *bhikkhunīs*. A ramificação Theravada dessa ordem floresceu na Índia e no Sri Lanka, antes de cair em um período de declínio e finalmente se extinguir por volta do ano 1.000 D.C., depois de uma história ilustre de 1.500 anos. À luz da condição do Buddha de que a ordenação requeria indução de uma comunidade preexistente de *bhikkhunīs*, reviver a ordem extinta foi considerado impossível.

Não existem evidências de que a ordem das *bhikkhunīs* tenha estabelecido uma presença significativa no sudeste asiático. Sem uma linhagem de *bhikkhunīs* para se manter, as culturas budistas dessa região finalmente viram o surgimento de ordens locais de mulheres renunciantes. Referências à *mé chis* (mulheres santas) de mantos brancos no reino do Sião podem ser encontradas nos relatos de viajantes franceses e holandeses do século XVII, em uma época em que elas pareciam ter se tornado um traço bem estabelecido da sociedade.¹³⁶

Para mulheres com vocação monástica e aspiração por realizar a libertação, o formato das *mé chis* é longe de ser ideal. O código moral básico das *mé chis* — elas vivem guiadas pelos oito preceitos de Upāsikā — significa que elas não podem contar com o suporte e a proteção sofisticados para sua prática, providos pelo Vinaya das *Bhikkhunīs*. *Mé chis* não são mendicantes, e a falta de uma tradição diretamente rastreável ao Buddha fez com que sua ordem nunca tivesse o mesmo respeito e prestígio que a Sangha dos *Bhikkhus* na sociedade.

Contudo, através dos séculos, parece não haver dúvidas de que várias grandes mulheres levaram vidas plenas e felizes como *mé chis*. Durante o século XX algumas delas, mais notadamente Mé Chi Kéu, discípula de Luang Pu Man, obtiveram grande renome por suas realizações espirituais. Outras se tornaram excelentes nos estudos de páli e do Abhidhamma¹³⁷. O estabelecimento de uma organização nacional de *mé chis* na década de 1960, juntamente com o avanço da educação e do treinamento delas nas décadas seguintes, fizeram muito por elevar os padrões por todo o país.

Nos últimos anos, um movimento internacional para reviver a ordem das *Bhikkhunīs* tem ganhado fôlego, com uma nova geração de estudiosos assegurando que existem bases legítimas para que as objeções tradicionais sejam dispensadas. Contudo, os argumentos não têm sido considerados suficientemente convincentes para que os anciões da Sangha de *Bhikkhus* da Tailândia sancione qualquer mudança na oposição ao movimento, e tampouco emergiu nenhum *lobby* forte o bastante para persuadi-los a mudar de ideia. No presente, é difícil prever o formato que o monasticismo feminino tomará nas próximas décadas na Tailândia.

¹³⁶ “Elas ouvem sermões todos os dias e passam muito tempo rezando nos templos. Sua atividade principal é servir aos monges, preparar a comida deles e suprir as suas necessidades através de uma contínua doação de alimentos e requisitos básicos. Elas fazem visitas aos pobres e aos doentes e devotam-se assiduamente a proporcionar para as criaturas todas as coisas boas que a caridade possa inspirar. Elas gozam dos mesmos privilégios que os monges e não são menos respeitadas do que eles. Todos se curvam diante delas e elas apenas se curvam para monges e estupas. Elas são chamadas ‘*nanng chi*’, o que significa ‘mulher santa’. Elas têm lugar reservado nas estupas e nas grandes cerimônias. Elas são muito requisitadas nos funerais dos mandarins, dos quais elas participam como em uma procissão, e a participação delas nessas cerimônias é sempre generosamente gratificada.” (*The Natural and Political History of the Kingdom of Siam*, de Nicolas Gervaise, 1688.)

¹³⁷ O corpo de textos que sistematiza os ensinamentos encontrados nos discursos do Buddha.

II. MONJAS DE FLORESTA

AS PRIMEIRAS MÉ CHIS

Não muito depois da fundação de Wat Pah Pong, Luang Pó Chah deu permissão para o estabelecimento de uma comunidade de *mé chis*. Ao fazer isso, ele buscou prover um treinamento, dentro das normas existentes, para mulheres que tivessem vocação monástica, que lhes propiciaria o maior suporte possível para progredir no caminho para a libertação.

Luang Pó tratava as *mé chis* como ascetas de floresta: esperava-se que elas vivessem de maneira frugal, despertassem às 3h da manhã todos os dias para a sessão de recitação de cânticos e meditação e que se alimentassem apenas uma vez ao dia, como os monges. De forma significativa, Luang Pó se referia às *mé chis* como “samanas”, um termo de grande respeito geralmente utilizado apenas para monges. Ele as encorajava a se recordarem constantemente de que eram samanas e de agirem como tal.

Todos aqui — monges, noviços e *mé chis* — são samanas. Todos devem conhecer os deveres de um samana e não se prender a nenhum dos dois extremos, do ascetismo infrutífero ou da indulgência sensual.

Através das décadas de 1950 e 1960, o estilo vigoroso de prática desenvolvido por Luang Pó em Wat Pah Pong — uma espécie de campanha de guerra contra as impurezas do tipo “não façam prisioneiros” — se estendia às *mé chis*. Não lhes eram concedidas exceções e elas compartilhavam de todas as privações dos monges. Mé Chi Bunyu rememorava:

"Uma das *mé chis* teve dores de estômago e dores de cabeça. Ela queria ir a um médico. Luang Pó não lhe deu permissão. Ele disse, 'Sente-se e observe. Se concentre na área que dói. Se sua cabeça dói, então se concentre em sua cabeça até que ela se parta ao meio. Quando você não tiver mais cabeça, não haverá nada para doer.' É assim que era naquela época. Nós suportávamos nesse nível. Não adiantava chorar para ir ao médico.

"Quando não havia nada para comer com o arroz grudento, apenas passávamos uns bocados de arroz em sal ou em molho de peixe. Luang Pó dizia: 'Não se apegue ao sabor da comida. Não dê nenhuma atenção a isso. Veja a comida como medicamento. Coma o suficiente para manter o corpo por aquele dia'. Então, ensinávamos a nós mesmas que a comida era apenas medicamento e chegávamos realmente a ver a comida dessa forma. Acreditávamos nas palavras de Luang Pó e nos desenvolvíamos no Dhamma. Nossos corpos e mentes eram leves; não havia quaisquer obstáculos durante todo o dia. Era fácil praticar. Era assim que ele nos ensinava, e como resultado conseguíamos abrir mão. Era maravilhoso. Cada uma de nós tentava seguir o que ele nos ensinava, tentávamos ser bem-comportadas e não teimosas em nosso jeito de ser."

Luang Pó criou um vinaya único para as *mé chis* de Wat Pah Pong. Ele suplementou os oito preceitos básicos que elas recebiam em sua ordenação com algumas práticas ascéticas de *dhutaṅga* seguidas pelos monges e um conjunto detalhado de regulamentações monásticas. Embora esse vinaya ainda fosse muito menor do que aquele das bhikkhunīs, ele fornecia uma forte base para a prática e fazia com que as *mé chis* sentissem um orgulho saudável de si mesmas como monjas, com uma cultura e um formato característicos.

Contudo, havia vários desafios para as *mé chis* superarem dos quais os monges eram poupados. Os seus deveres na cozinha consistiam de atividades tão associadas às suas vidas anteriores, que

podiam facilmente ser um obstáculo para o desenvolvimento de um senso de si mesmas como renunciantes; a posse de pequenas quantidades de dinheiro (geralmente oferecido a elas por membros da família e por apoiadores leigos para suas necessidades pessoais) também minava a sensação de terem deixado completamente o mundo leigo. Mas essas limitações de formato eram geralmente pouco importantes no pensamento das *mé chis*. Elas eram gratas pelo que estava sendo disponibilizado livremente para elas: a chance de treinar em um mosteiro sob as orientações de um grande mestre. Era uma oportunidade maravilhosa, e elas tentavam tirar o melhor daquilo.

DÍVIDA DE GRATIDÃO

Uma característica notável das comunidades de *mé chis* nos mosteiros de floresta de Isan é o quão frequentemente elas incluem a mãe, e talvez uma ou duas irmãs do abade. Monges sempre buscavam expressar sua dívida de gratidão para com seus pais ao encorajá-los, quando viúvos e quando todos os filhos já estivessem adultos, a adotarem a vida monástica. Dessa maneira, eles honravam as palavras bastante conhecidas do Buddha:

Mesmo que por cem anos uma pessoa carregasse seus pais nos ombros, lhes servindo, ungindo-os com bálsamos, massageando-os, dando-lhes banho e esfregando seus membros, e mesmo que eles defecassem e urinassem em seus ombros — ainda assim, aquela pessoa não teria feito o suficiente por seus pais, não teria pago sua dívida para com eles.

Mas, oh monges, aquele que encoraja seus pais que carecem de fé, estabelecendo-os na fé; encoraja seus pais deficientes em virtude, estabelecendo-os na virtude; encoraja seus pais mesquinhos, estabelecendo-os na generosidade; que encoraja seus pais não-sábios, estabelecendo-os na sabedoria — alguém assim, oh monges, faz o suficiente por seus pais; ele lhes paga e mais do que lhes paga pelo que eles fizeram por ele. — AN 2.31-32

O bem-estar espiritual da mãe de Luang Pó, Mé Pim, era uma preocupação constante dele. Durante seus anos como um monge *tudong*, suas visitas regulares ao seu vilarejo natal eram, acima de tudo, oportunidades para dar ensinamentos e instruções a ela. Deve ter sido uma satisfação considerável para ele que tenha sido ela quem liderou a delegação que foi visitá-lo em Amnat Charoen no início de 1954, levando a solicitação para que ele estabelecesse um mosteiro na floresta Pong.

Não se sabe se o fato de Mé Pim ter se mudado para Pah Pong foi em resposta a uma sugestão de Luang Pó ou se ela mesma solicitou. O que se sabe é que, logo depois que a Sangha se estabeleceu no novo mosteiro, cabanas foram construídas na área central perto da cozinha para Mé Pim e duas companheiras. A chegada das três senhoras, contudo, não marcou o início da comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong como tal. Embora as senhoras mantivessem os oito preceitos das *mé chis*, elas o faziam informalmente. Nesse estágio inicial de desenvolvimento de Wat Pah Pong, Luang Pó ainda estava encontrando sua forma como líder de uma comunidade monástica, sem desejar ainda tomar a responsabilidade de estabelecer e liderar uma comunidade de monjas. Na verdade, Luang Pó tinha sérias dúvidas sobre toda essa ideia de monges e *mé chis* vivendo juntos no mesmo mosteiro.

UMA PROPOSTA

Uma mulher bastante excepcional fez com que Luang Pó mudasse de ideia. Pim Utaigorn¹³⁸ era uma moradora do vilarejo de cinquenta e cinco anos que se tornou uma frequentadora assídua do

¹³⁸ Não tem relação com a mãe de Luang Pó.

mosteiro nos dias de observância. Ela estava determinada a se tornar uma *mé chi*. Luang Pó estava impressionado com sua fé e sinceridade, mas, a princípio, recusou suas solicitações de ordenação. Então, um dia, ele fez uma proposta a ela. Nos fundos do mosteiro, no canto sudoeste, ela poderia construir uma cabana e morar lá. Isso significava morar sozinha em uma clareira isolada no meio de uma densa floresta que geralmente acreditavam ser mal-assombrada. Se ela pudesse suportar, Luang Pó lhe disse, ele a ordenaria. Se ela realmente quisesse que Wat Pah Pong tivesse uma comunidade de *mé chis*, então ela mesma teria que iniciá-la. Era um desafio assustador, ao menos à luz do medo paralisante de espíritos que quase todas as pessoas da sua cultura sentiam à noite, em uma floresta. Mas Pim Utaigorn aceitou a oferta com gratidão e venceu todos os obstáculos em seu caminho com uma confiança silenciosa e discreta.

Pim morava em uma pequena cabana construída por sua família para ela. Ela plantou pimentas, folhas verdes e mamões para suplementar o arroz da mendicância matinal que os monges lhe enviavam todas as manhãs. Ela passava várias horas do dia praticando meditação sentada e andando. Luang Pó ficou satisfeito pelo fato de ela ter as qualidades que fariam dela uma boa monja sênior. Em 1956, ele ordenou Pim Utaigorn¹³⁹, Mé Pim e as outras duas senhoras como *mé chis* e estabeleceu as divisas para o novo setor de *mé chis* cobrindo uma área de aproximadamente 30 acres.

Uma rotina diária foi estabelecida, que seguia bem de perto àquela dos monges. Às 3h da manhã, as monjas recitavam cânticos e meditavam juntas. Ao amanhecer, elas começavam a preparar comida da horta que cultivavam para a refeição diária da Sangha. Depois da refeição, elas tinham tempo livre para praticar meditação ou realizar seus projetos pessoais até quando fosse o período de tarefas às 3h da tarde, seguido do banho, da meditação andando e da sessão noturna de recitação de cânticos e meditação. Nos dias de observância, as monjas praticavam por toda a noite.

A notícia de que uma comunidade de *mé chis* tinha sido estabelecida formalmente em Wat Pah Pong produziu um fluxo constante de postulantes. Luang Pó começou a aceitar mais candidatas da crescente lista de espera. Inicialmente ele mantinha uma política de tomar apenas senhoras mais velhas, mas, em 1959, outro marco foi estabelecido quando Bunyu Pimwong, aos 24 anos de idade, e Kham Khenprakhong, aos 23, foram autorizadas a se juntarem de forma probatória à comunidade. Depois que o tempo requerido passou sem problemas, as duas mulheres foram formalmente aceitas como *mé chis* e se tornariam bastiões da comunidade pelos cinquenta e cinco anos seguintes.

A devoção de Mé Chi Pim à meditação era uma inspiração para a comunidade que desabrochava. Sua frugalidade tornou-se lendária. Uma monja recordava que, quando a comida era escassa, ela preferia deixar para as outras o que houvesse disponível, enquanto ela simplesmente fritava sobras de arroz seco ao sol, com um pouco de sal, e as comia usando uma velha cuia de metal. Quando estava ajudando nas atividades de grupo, a cabeça de Mé Chi Pim estava sempre levemente baixa, mantendo a restrição dos sentidos e abstendo-se de conversas sem sentido. Em uma oportunidade, as monjas se lembraram de quando ela nivelou o topo de um cupinzeiro próximo à sua cabana e o forrou com uma coroa de galhos espinhentos. Ela explicou que estava sentindo alguma sonolência em sua meditação. Aquilo seria seu novo assento de meditação.

MÉ CHI BUNYU

A vida das *mé chis* geralmente é levada fora dos holofotes, e poucos detalhes sobre as experiências e a prática delas encontram caminho para o grande público. Afortunadamente, quando Mé Chi Bunyu

¹³⁹ Menções futuras à 'Mé Chi Pim' se referem a Pim Utaigorn.

faleceu em 1996, foi publicado um livro sobre ela em seu funeral. Ele incluía uma curta biografia que oferece um intrigante vislumbre sobre essa mulher inspiradora.

Através dos anos, dentro do pequeno grupo de *mé chis* seniores que liderava a comunidade, Mé Chi Bunyu tornou-se reconhecida como a líder entre seus pares. De várias formas, ela era uma arquetípica mulher de Isan de sua geração: competente, resiliente, uma trabalhadora aparentemente incansável com uma moral sólida como rocha e uma bondade pé no chão. Esperava-se que todas as crianças de Isan participassem do trabalho familiar, mas quando o pai dela ficou preso a uma cama devido a um grande abscesso em sua perna, Bunyu, aos sete anos de idade, teve a onerosa tarefa de cuidar dele. O resto da família era necessário nos campos e ela era a única enfermeira disponível. Ela tomou a tarefa sem reclamações. Por vários meses, ela era a companhia constante de seu pai, cozinhando para ele, lavando suas roupas, ajudando-o a banhar-se e a manter o abscesso limpo.

Conforme cresceu, Bunyu ficou conhecida como uma pessoa gentil que não gostava de conflitos, mas, de vez em quando, um lado mais resoluto de seu caráter se revelava. Ela ficou famosa no vilarejo pela vez que, escondendo-se no galinheiro da família, prendeu um ladrão de galinhas, batendo na cabeça dele com um pedaço de lenha o mais forte que pôde (“mais de uma vez”, ela admitia), enquanto ele tentava escapar.

Ela gostava de ir para Wat Pah Pong nos dias de observância e frequentemente falava em tornar-se uma monja. Em seu tempo livre, ia ao setor das *mé chis* e ajudava com os trabalhos ou ensinava as *mé chis* menos instruídas a lerem o livro de cânticos. Ela rejeitava todos os pretendentes.

O ponto de virada veio em um dos dias, quando ela participava da prática semanal, que durava a noite toda no mosteiro, junto com sua mãe. Ela estava se sentindo sonolenta naquela noite, mas foi despertada como que por um “chacoalhão” quando Luang Pó expôs um velho ditado de Isan: “Um filho é como um laço em volta do seu pescoço; uma esposa é como uma corda amarrando as suas mãos às costas; riqueza e posses são como correntes em suas pernas”. Conforme Luang Pó expandia os sofrimentos inerentes à vida em família, aquilo ficou repentina e completamente claro para ela. Como ela percebeu que ainda estava livre dessas armadilhas, suspirou aliviada. Naquele momento, sua determinação em se tornar uma monja confirmou-se, e depois de algum tempo se concretizou.

A vida no mosteiro não foi fácil para a jovem Mé Chi Bunyu. Para começar, sua saúde não era tão boa. Em um momento, durante uma enfermidade mais séria, uma irmã mais velha veio visitá-la e, tentando persuadi-la a largar o manto, citou um velho ditado sobre monásticos e doenças, cuja essência era que aqueles que não tivessem acumulado méritos suficientes antes de se ordenarem não sobreviveriam aos rigores da vida monástica. Parecia, ela dizia, que Mé Chi Bunyu era claramente uma dessas pessoas. Se ela não voltasse para a vida leiga, poderia morrer. Mé Chi Bunyu respondeu que, mais cedo ou mais tarde morreria de qualquer forma, onde quer que vivesse. Mas fosse quando fosse o dia de sua morte, ela estava determinada a encontrá-lo no mosteiro, como uma monja. Décadas depois, amada e respeitada, ela o fez.

AUTONOMIA DEPENDENTE

O setor das *mé chis* em Wat Pah Pong era completamente segregado da área dos monges e limitado por uma cerca. Ele consistia de cabanas (mais próximas umas das outras do que as dos monges por motivo de segurança), um salão de Dhamma para recitação de cânticos e meditação em grupo, uma cozinha com uma horta e um pomar. Depois da morte de Mé Chi Pim, em 1965, os assuntos do dia a dia da comunidade de *mé chis* foram deixados nas mãos de um comitê que consistia da Mé Chi

Bunyu, a monja chefe, e outras quatro figuras seniores, mas estava em última instância sob a autoridade de Luang Pó.

Uma vez por mês, Luang Pó encontrava-se com o comitê. Esses encontros permitiam-lhe oferecer conselhos e encorajamento aos seus membros e lidar com assuntos práticos. Ele ouvia as perguntas e preocupações das *mé chis* seniores e as aconselhava sobre assuntos tais como princípios de liderança, como promover a harmonia no grupo e como encorajar as monjas mais novas. Às vezes — as *mé chis* se lembrariam muito tempo depois — ele as inspirava com histórias sobre as grandes bhikkhunīs da época do Buddha.

Em 1964, Luang Pó estabeleceu um código de regulamentações para as *mé chis*. Essas regulamentações eram lidas em voz alta para a comunidade de *mé chis* depois da recitação de cânticos noturnos no dia de Uposatha, a ocasião quinzenal na qual os monges se juntam para a recitação das regras do *Pāṭimokkha*.

REGULAMENTAÇÕES DO SETOR DAS MÉ CHIS, WAT NONG PAH PONG

1. É proibido em qualquer momento que as *mé chis* se juntem em grupos com o intuito de se socializarem e se deixarem levar por conversas fúteis;
2. Atividades em grupo, tais como: a refeição diária, lavar as roupas, varrer, banhar-se e etc., devem ser realizadas em harmonia, de maneira ordenada e com *sati*;
3. *Mé chis* devem manter limpa a área em volta de suas cabanas, varrendo-a regularmente e mantendo-a livre de formigas e cupins;
4. *Mé chis* devem ser frugais ao se alimentar, descansar e conversar. *Mé chis* não devem ser exageradamente extrovertidas;
5. Ao receberem oferendas, *mé chis* devem compartilhá-las de maneira justa e apropriada;
6. Quando uma *mé chi* está doente, suas companheiras *mé chis* devem ajudar a cuidar dela com bem-querer;
7. *Mé chis* devem determinar que suas ações de corpo, fala e mente, direcionadas às suas companheiras *mé chis*, cara a cara ou por suas costas, sejam guiadas por boa vontade;
8. *Mé chis* devem prestar reverências umas às outras de acordo com a senioridade;
9. *Mé chis* devem manter todos os preceitos de maneira pura, e não fazerem de si mesmas, objetos de aversão para outras *mé chis*;
10. É proibido para uma única monja tomar conta de toda a comunidade de *mé chis* ou estabelecer novas regulamentações por sua própria autoridade (e com visão incorreta);
11. Uma *mé chi* que esteja ciente de um problema deve informar rapidamente ao chefe da Sangha;
12. Uma *mé chi* que queira sair do mosteiro por qualquer motivo deve primeiro informar ao chefe da Sangha (de bhikkhus);
13. É proibido para uma *mé chi* reclamar os direitos sobre uma cabana cuja construção ela tenha patrocinado;
14. É proibido para uma *mé chi* receber convidados do sexo oposto em sua cabana, exceto em certos casos de doença;
15. É proibido para uma *mé chi* demonstrar ou promover coisas sem conexão com o Dhamma ou o Vinaya visando ganhos. Tal comportamento é um meio de vida incorreto e é danoso para a religião budista;
16. É proibido para *mé chis* colocarem-se a serviço dos leigos. Fazer isso é danoso para eles;

17. *Mé chis* devem buscar harmonia através de uma visão correta compartilhada. Elas não devem brigar umas com as outras sob a influência de pontos de vista incorretos;
18. É proibido para *mé chis* manterem contatos com monges, noviços, outras *mé chis* ou pessoas leigas, seja dentro ou fora do mosteiro, exceto por razões necessárias e conectadas com o Dhamma;
19. É proibido para *mé chis* se envolverem em atividades de arrecadação de fundos;
20. É proibido para qualquer garoto com idade maior do que 12 anos passar a noite no setor das *mé chis*, exceto quando seja inevitável.
21. Qualquer uma que queira se ordenar ou permanecer no setor das *mé chis* deve ser acompanhada de um guardião como uma referência e ter um número razoável de apoiadores.

A maioria dessas regulamentações eram adaptadas daquelas desenhadas por Luang Pó para os monges, as quais ele, por sua vez, derivou das regras de treinamento do Vinaya. Elas faziam muito por fornecer normas comportamentais para as *mé chis* que, na maior parte, estavam alinhadas com aquelas para os monges. Poucas dessas regulamentações, contudo — tais como as de número 13 e 19, por exemplo — refletem o fato de que as *mé chis*, diferentemente dos monges, não eram requeridas a abrir mão do uso de dinheiro.

As consequências de transgredir essas regulamentações não eram explícitas. Na verdade, essa falta de clareza é inevitável, dada a terminologia abrangente em alguns dos pontos; o ponto 4, por exemplo, é mais uma advertência geral sobre “comportamentos extravagantes” do que uma regra. Parece razoável assumir que ao resumir em um “Transgressoras serão avaliadas de acordo”, Luang Pó buscava dar a si mesmo a flexibilidade para lidar com os problemas, caso a caso.

Temas familiares dominavam as regulamentações: harmonia, disciplina e ordem, restrição dos sentidos, calor e respeito mútuo, contentamento e ter poucos desejos. As regulamentações continham um alto padrão de conduta, de forma intimidadora em algumas áreas. Elas tinham um grande papel em dar às *mé chis* de Wat Pah Pong uma identidade de “monjas de floresta” e, em particular, “monjas de floresta de Wat Pah Pong”. Elas forneciam a base para estabelecer um treinamento que dava a mesma importância aos detalhes na vida diária que caracterizava o treinamento dos monges.

Regulamentações da Sangha formavam a base sólida da cultura de Wat Pah Pong, fornecendo normas às quais os recém-chegados deveriam se adaptar. Um período probatório para mulheres que aspiravam a se tornar *mé chis* permitia-lhes treinar seguindo os padrões que lhes seriam demandados como monjas de Wat Pah Pong. Aquelas que não quisessem ou não conseguissem viver sob tal código partiam antes mesmo de se ordenarem, minimizando assim a perturbação na comunidade.

A maioria das mulheres que se inscrevia para se tornar *mé chi* em Wat Pah Pong o fazia por fé em Luang Pó. Sempre havia a possibilidade de que algumas delas pudessem rejeitar a autoridade das líderes da comunidade de *mé chis* (“Você não é o meu professor!”). O código de regulamentações, endossado como era pelo próprio Luang Pó, tornava mais fácil o trabalho das *mé chis* seniores. Ele fornecia a prova cabal de que elas não estavam inclinadas a impor sua própria vontade à comunidade, estavam apenas implementando os desejos de Luang Pó e da Sangha.

GOVERNANÇA

Embora tenha delegado a administração diária do setor das *mé chis* às monjas seniores, a presença de Luang Pó era sentida fortemente por todas. As meras palavras: “Eu vou levar o assunto a Luang Pó”, proferidas por uma das *mé chis* seniores, eram poderosas o suficiente para dissolver todos os problemas, até os mais intratáveis. Mé Chi Bunyu, lembrando-se do final da década de 1980, dizia que conflitos mais sérios eram raros, mas que era um grande conforto para ela saber que, se o assunto não pudesse ser resolvido, Luang Pó estaria lá para ajudá-la:

"Luang Pó me dizia que se as coisas estivessem ficando muito difíceis para as *mé chis* seniores, se as pessoas estivessem sendo difíceis e teimosas, que então eu poderia pedir sua assistência ... Nós, *mé chis* seniores, atuávamos como irmãs mais velhas, cuidando de nossas irmãs mais novas. Se alguém se desviasse do caminho da prática estipulado nas regulamentações, ou de nossas instruções, nós as advertiríamos. Se ainda assim, elas não se endireitassem, depois de mais dois ou três avisos, então informávamos Luang Pó, com quem contávamos como nosso patrono e protetor. E assim conseguíamos existir. De outra forma, não teríamos sobrevivido.

"Eu não era a única no comando. “Mé Chi Sênior” é apenas do que as pessoas me chamam. Eu nunca tive poder absoluto; não sou uma ditadora ou coisa do gênero. Temos um comitê de quatro ou cinco *mé chis*, e se alguém está se comportando mal, então é um assunto a ser discutido com todo o comitê. Naquela época [antes da enfermidade de Luang Pó], se todas concordássemos, então o assunto era levado a ele. Ele não aceitava imediatamente o nosso lado da história. Conduzia suas próprias investigações.

"Quando Luang Pó vinha, ele não decretava simplesmente uma lei ou ficava ao lado de uma das partes. Ele geralmente dava uma palestra do Dhamma, de uma forma natural e relaxada, sobre um assunto desconectado do problema da monja em questão. Depois que tivesse terminado, tomava um pouco d'água e discutia vários pequenos assuntos com seu jeito descontraído. Então, do nada, ele podia dizer: “Oh, e você, Mé Chi Fulana-de-tal, como você está? Como vai a sua prática? Você não vai ficar dando dor de cabeça para as *mé chis* seniores, vai?

"De maneira geral, ele falava de uma forma que “nem machucava a flor de lótus e nem enlameava a água”. Certas ou erradas, ele não iria ferir os sentimentos de ninguém desnecessariamente. Mas, às vezes, ele tinha que falar de forma mais direta para que as pessoas reconhecessem seus erros, para que elas então se tornassem mais cientes e melhorassem seu comportamento no futuro."

Mas, como se recordava Mé Chi Bunyu, quando Luang Pó era severo, isso tinha um impacto considerável:

"Qualquer uma que fosse mais sensível seguiria sentindo aquilo por dois ou três dias seguidos, mesmo que não tivesse sido ela a que tivesse levado a bronca.

"Todas tinham medo dele. É claro, não era que Luang Pó tivesse alguma vez batido em alguém ou mesmo usado palavras ásperas, mas eu apenas tinha que mencionar seu nome e quaisquer discussões se encerravam. Se Luang Pó fosse dar uma palestra no setor das *mé chis* enquanto houvesse algum problema acontecendo com alguma delas, ela assumiria que Luang Pó tinha sido informado de antemão sobre o problema. A cabeça dela iria doer, ela sentiria vontade de ir ao banheiro. É difícil dizer porque a reação podia ser tão severa assim — mas era.

"Luang Pó estaria muito calmo e seu discurso seria proferido de forma amena. Mas — quem sabe por quê? — a *mé chi* estaria aterrorizada. E se, ainda assim, você fosse perguntar a qualquer uma das *mé chis*, de maneira privada, o que elas sentiam por ele, todas diriam que Luang Pó era maravilhoso, que

não havia nenhum lugar como Wat Pah Pong. Você vê? É muito sutil para se entender. Para mim, a forma como ele administrava o setor das *mé chis* era uma maravilha."

III. VENERÁVEL PAI

ÁSPERO

Mé Chi Bunyu recordava como Luang Pó podia ser especialmente áspero quando *mé chis* lhe pediam permissão para visitar suas famílias:

"Ele diria, 'Para quê? Você está com saudade de casa? Quanto tempo faz que você está aqui? O Buddha nunca visitou sua casa durante todo o tempo em que esteve buscando pela iluminação; você nem bem se ordenou e já quer voltar para casa.' Se ele lhe desse permissão, diria: 'Vá de mãos vazias, volte de mãos vazias. Não carregue uma cesta cheia para lá e traga uma cesta cheia de volta'. No retorno da monja, ele perguntaria: 'Como foi? Da mesma forma que você saiu daqui? Você trouxe uma cesta cheia de volta consigo?' Ele estava usando linguagem do Dhamma. Ele se referia a lembranças e apegos. Se a monja não entendesse, ela diria: 'Apenas algumas cebolas e um pouco de alho, Luang Pó'.

"Às vezes, ele perguntava a uma das *mé chis* mais velhas: 'Quantas vezes você foi para casa na noite passada?' — querendo dizer, quantas vezes a mente dela tinha ido. Se a monja não entendesse, ela diria que não tinha ido nenhuma vez em absoluto, e ele responderia: 'Você apenas não se viu partir.'"

Ajahn Jan frequentemente atuava como atendente de Luang Pó em suas visitas ao setor das *mé chis*.

"Luang Pó era especialmente cuidadoso em suas relações com mulheres. Embora ele nunca tivesse tido a experiência de liderar uma família, ele cuidava do mosteiro de maneira exemplar. Nunca houve qualquer escândalo. Nunca houve quaisquer disputas sérias. Ele estava sempre na defensiva. Fosse por ações ou por palavras, ele nunca deu oportunidade a que nenhuma das *mé chis* se tornasse próxima a ele de nenhuma forma possível.

"Luang Pó mantinha as oito *garudhammas*¹⁴⁰. Quando ele falava com uma monja, ele não olhava para o rosto dela¹⁴¹, e ele nunca se utilizou de discurso mundano ou de galanteios que pudessem ter feito qualquer uma delas perder o respeito."

Mais do que qualquer outro grupo de seus discípulos, as *mé chis* tendiam a ter grande adoração por Luang Pó. Os monges também sentiam essa adoração — e vários a sentiam muito forte — mas o contato diário deles com Luang Pó, e o status deles de companheiros monásticos, davam a isso um caráter diferenciado. Os discípulos leigos também sentiam essa adoração, mas era de uma forma mais intermitente, já que uma grande parte de suas vidas era ligada à família e ao trabalho. Para as *mé chis*, Luang Pó era a razão da vida que elas levavam; elas o viam como seu pai, seu professor, seu benfeitor. Elas o viam raramente e apenas em ocasiões formais, mas elas sentiam a sua presença em todos os lugares. A maioria delas, além disso, tinha como certo de que ele sabia — através de seus poderes paranormais — tudo o que se passava em suas vidas e em suas mentes (embora elas

¹⁴⁰ Regras estabelecidas pelo Buddha para delimitar a relação entre bhikkhus e bhikkhunīs.

¹⁴¹ Era considerado inapropriado para um monge fazer contato visual com uma mulher.

admitissem ironicamente que, sendo humanas, essa crença não impedia que emoções negativas emergissem nelas de tempos em tempos).

Embora Luang Pó fosse um apoiador em tempos de crises genuínas, ele também era cuidadoso para não parecer tão facilmente disponível quando problemas surgiam, porque ele queria que elas aprendessem a lidar com as questões por elas mesmas. Ajahn Jan recordava de que um dia, enquanto uma monja estava praticando meditação andando, ela teve uma visão extremamente realista de uma serpente enorme se enrolando no corpo dela. De forma não surpreendente, ela desmaiou. Uma companheira *mé chi*, vendo-a prostrada no meio do local de meditação andando, pediu por socorro. Mais *mé chis* correram para ajudar e, enquanto a monja retomava os sentidos e soltou a história da monstruosa serpente, um pequeno pânico tomou conta. Duas *mé chis* seniores correram para a cabana de Luang Pó para solicitar a sua assistência: a monja estava muito aflita — será que ele poderia ir vê-la rapidamente? Sem demonstrar a menor preocupação, Luang Pó disse: “Talvez ela já esteja morta. Cuidem dela por agora, eu passo por lá mais tarde”. Várias horas depois do incidente, quando a excitação havia terminado, ele fez uma visita.

BONDADE A UMA CERTA DISTÂNCIA

Luang Pó tinha visto mosteiros serem consumidos por escândalos sexuais; ele estava determinado a evitar que a mesma coisa acontecesse em Wat Pah Pong. A segregação estrita entre monges e *mé chis*, que ele insistia, era baseada no entendimento de como os relacionamentos mais inocentes podiam, em um momento de distração e contra todos os melhores julgamentos de qualquer uma das partes, crescer para algo mais sério. Sua solução foi, figurativamente, mantê-los todos bem longe da beira do precipício.

Embora a política de separação significasse que as *mé chis* pouco viam Luang Pó, e que elas, sem dúvida, teriam apreciado vê-lo com mais frequência, elas não esperavam por isso. Elas tinham pouco senso de terem esse direito, tendo crescido em um mundo no qual a separação entre monges e mulheres, fossem elas leigas ou ordenadas, era a regra.

Geralmente, o único período em que as *mé chis* entravam na área principal do mosteiro era de manhã cedo, enquanto os monges estavam em mendicância matinal. As *mé chis*, de olhos baixos, caminhavam pela floresta até a cozinha, onde ajudavam a preparar a comida. Assim que a refeição estivesse terminada, elas retornavam ao setor delas. Se, por alguma razão, as *mé chis* encontrassem um monge no caminho, a etiqueta monástica requeria que elas se agachassem com suas mãos postas em prece e olhassem para o chão até que o monge, igualmente olhando para o outro lado, tivesse passado. A ausência de uma suspeita sequer de escândalo sexual em Wat Pah Pong, através dos anos, fez muito por consolidar a sua boa reputação. Mas monges recém-chegados, como Ajahn Jan, podiam experimentar algo como um choque cultural.

"Quando vim pela primeira vez para morar em Wat Pah Pong, não conhecia os costumes e as convenções. Eu passei por um grupo de *mé chis* e as cumprimentei em voz alta, 'Olá, tudo bem com vocês?' As *mé chis* pareceram bem chocadas e se apressaram para dentro da floresta. Fiquei desconcertado. Eu pensei: 'Do que tratam esses mosteiros de floresta? Os monges e noviços ignoram você; mesmo as *mé chis* não falam com você'. Alguém deve ter dito a Luang Pó que o monge novato estava fazendo várias coisas impróprias, como falando com as *mé chis*. No dia seguinte, ele me explicou e então entendi como as coisas eram feitas."

Conforme o tempo passou, vários mosteiros afiliados de Wat Pah Pong abriram setores para *mé chis*, e esses funcionavam sob os mesmos princípios que o de Wat Pah Pong, embora mosteiros muito

menores geralmente requeressem algum relaxamento na política de segregação. Para se resguardarem contra qualquer risco de comportamento impróprio, uma regulamentação da Sangha foi subsequentemente estabelecida, restringindo a possibilidade de abertura de setores para *mé chis* a mosteiros cujo abade já tivesse passado, pelo menos, vinte anos nos mantos.

No início da década de 1980, a saúde de Luang Pó estava em sério declínio e suas visitas ao setor das *mé chis* se tornaram mais irregulares. Com sua influência diminuindo, os problemas dentro da comunidade de *mé chis* começaram a aumentar. Algumas delas tinham uma sensação de perda e preocupação pelo futuro. Em uma ocasião, um pouco antes de sua enfermidade, ele explicou para elas:

Eu me mantenho afastado de todas, afastado de todas as *mé chis* que vieram viver aqui. Cada uma é livre para falar comigo, mas eu não me dirijo a cada uma. Mesmo assim, sinto uma harmonia interna com todas vocês — isso é chamado de “amor dhâmmico”. Não é um tipo de amor mundano, onde se tem que dizer coisas boas um para o outro o tempo todo, mas um em que quaisquer problemas que surjam são discutidos de uma forma apropriada. Existem algumas de vocês aqui com quem nunca falei diretamente. Não pensem que é porque vocês são *mé chis*. Nesses dias, o mosteiro tornou-se muito grande e também existem monges e noviços com os quais nunca falei individualmente; é difícil para apenas uma pessoa cuidar de uma comunidade tão grande. É por isso que é importante, tanto quanto seja possível, que todas vocês tomem responsabilidade por si mesmas e por sua prática.

SEM FAVORITAS

Luang Pó tinha visto, em outros mosteiros, como a competição entre as *mé chis* pela atenção do professor podia levar a ciúmes que sabotavam a harmonia da comunidade. Ele mantinha uma posição estrita e imparcial para com elas. Várias *mé chis* ficavam especialmente impressionadas sobre como ele evitava conceder atenção ou privilégios especiais mesmo para sua mãe¹⁴². Na cultura em que viviam, a disposição em tratar a própria mãe como qualquer outro membro de uma comunidade mais ampla era vista como um feito incomum.

Essa imparcialidade não era uma indiferença generalizada. Ao contrário, como Mé Chi Bunyu relembra, Luang Pó demonstrava uma preocupação consistente pelo bem-estar de todas as *mé chis*:

"O mosteiro ainda era bastante desconhecido na época, e não muitas pessoas vinham oferecer comida. Geralmente, as únicas frutas que tínhamos eram as poucas que vinham do pomar das *mé chis*. Um dia, um grupo de leigos veio para ajudar em um projeto de trabalho. Um deles plantou uma muda de abacaxi perto da cozinha e ela deu um belo abacaxi — e bem grande também, como esses que as pessoas trazem do Sudeste hoje em dia. Abacaxis eram raros naquela época. Todos os dias, quando íamos para a cozinha, víamos o abacaxi e pensávamos no quão grande ele estava ficando, imaginando o que Luang Pó iria fazer com ele quando estivesse maduro. Todas estávamos ansiosas para experimentá-lo, pois nunca havíamos comido abacaxi antes na vida. Então um dia o abacaxi desapareceu. 'Oh não' Eu lamentei em minha mente, 'Para onde ele foi?' "

¹⁴² Uma notável exceção ocorreu com o elaborado funeral que Luang Pó organizou para Mé Pim após sua morte em 1976, que contou com vários dias de atividades meritórias dedicadas a ela.

Mé Chi Bunyu descobriu na manhã seguinte. O abacaxi apareceu na cozinha, cortado cuidadosamente em quinze pedaços iguais, um para cada um dos oito monges e sete *mé chis* que viviam no mosteiro. Luang Pó não era idealista com relação à restrição dos sentidos. Para monásticos treinando a si mesmos a se desapegarem dos prazeres dos sentidos, o deleite sobrevive à indulgência e é suplantado pela equanimidade através do insight, não por atos de vontade. Para quase todos os membros de uma comunidade monástica, subsistindo com uma dieta tão simples, uma fatia de uma fruta exótica era um presente. Luang Pó não condenava isso como uma tolice mundana e ficava contente em garantir que todos aqueles da comunidade, incluindo as *mé chis*, pudessem compartilhar de uma parte desse presente. Era um tipo de consideração consistente, mas discreta — escondida em sua atitude severa — que o tornava querido pelas *mé chis*.

A preocupação de Luang Pó pelas *mé chis* era claramente aparente para os monges, não apenas por suas exortações sobre a distribuição justa da comida. Ele lembrava os monges a sempre manterem em mente o trabalho duro e o sacrifício das *mé chis* que tornavam possíveis as refeições que eles comiam, e para que eles se assegurassem de que haveria sempre comida suficiente sendo enviada de volta para a cozinha. Ele dizia que seria muito mau kamma se eles pegassem tanta comida, de forma que aquelas que a prepararam ficassem sem.

A ênfase em ser justo e imparcial estendia-se a todos os requisitos. Mé Chi Bunyu lembrava-se da distribuição de tecido:

"Luang Pó distribuía tecido pessoalmente. Depois que ele separava uma pilha para cada monja, o sino tocava e as *mé chis* iam para a plataforma por ordem de senioridade para buscarem sua parte. Depois, nós comparávamos o número de pedaços, a qualidade do pano, a fineza ou aspereza. Eles eram todos exatamente iguais."

PARA SER UMA MÉ CHI

Mulheres que se inscrevessem para ingressar na comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong deviam passar por um procedimento investigativo, e esperava-se que os membros mais velhos de suas famílias fossem patrocinadores e garantissem que elas tinham um bom caráter. O critério mais básico para aceitação na comunidade era que a mulher não estivesse grávida, e essa era a razão principal para que as candidatas aceitas na comunidade devessem passar por um período probatório como praticantes leigas. O período probatório também fornecia uma oportunidade para as *mé chis* seniores observarem de perto a conduta e a personalidade das postulantes e julgarem o quão bem elas se adaptavam. A rotina diária exigente e as regulamentações estritas tinham um papel importante em descartar as candidatas que não se adequassem. Não se esperava que as mulheres que se inscreviam para ingressar na comunidade de *mé chis* de Wat Pah Pong fizessem comprometimento por um determinado período de tempo. Algumas se tornaram *mé chis* por um tempo limitado — talvez um mês — algumas tinham a intenção de passar o resto de suas vidas no mosteiro e iam embora depois de uns poucos dias, mas também houve aquelas que foram para ficar por um curto período de tempo e acabaram ficando pelo resto de suas vidas.

A maioria das *mé chis*, assim como os monges, vinham de famílias de camponeses e fazendeiros e eram acostumadas com uma vida prática e ativa. Elas geralmente achavam que a vida no mosteiro de floresta, onde os períodos de meditação formal se alternavam com a realização de atividades comuns como varrer, limpar, cozinhar e cuidar dos jardins fornecia um bom equilíbrio. Para aquelas que sentiam que a iluminação ainda estava muito longe, acumular méritos através de atividades saudáveis fornecia uma compensação tranquilizante para as frustrações na meditação.

Plantar vegetais e preparar comida constituía a contribuição principal das *mé chis* para o funcionamento geral do mosteiro. Como o número de monges e monjas cresceu para quase cem, isso se tornou um grande esforço diário. O trabalho era realizado em nobre silêncio, pontuado apenas por ordens e solicitações que fossem inevitáveis. Pontos sutis de etiqueta no que dizia respeito ao uso de recipientes e a frequência de lavar as mãos ajudava as monjas a manterem-se focadas no momento presente. A limpeza era um importante objeto de *sati* para todas elas. As *mé chis* também contribuía com a maioria dos grandes projetos de trabalho que ocorriam no mosteiro através dos anos. Talvez a realização que tenha lhes trazido mais orgulho foi a de queimar os milhares de tijolos que os monges utilizaram para construir o muro do mosteiro.

TUDONG

Em Wat Pah Pong, esperava-se que as *mé chis* mantivessem várias das práticas ascéticas de dhutaṅga que eram incorporadas no treinamento dos monges. Elas comiam apenas uma refeição por dia usando um único recipiente (no caso delas, era uma tigela branca esmaltada). Em todos os dias de observância, elas também se abstinham de deitar e passavam a noite inteira meditando. Várias delas adotavam práticas especiais, tais como jejuar ou manter silêncio, com o intuito de acelerarem seus esforços na meditação.

Embora não fosse considerado seguro ou socialmente aceitável que *mé chis* saíssem em peregrinação através do interior do país em tudong como os monges, Luang Pó deu oportunidades às *mé chis* mais seniores de praticarem em áreas remotas e selvagens. Com a abertura do mosteiro Tam Séng Pet em 1969 e do Wat Kheuan no ano seguinte, a Sangha tinha adquirido propriedades grandes e remotas, onde Luang Pó, às vezes, dava permissão para que grupos de *mé chis* vivessem na floresta, usando seus *glots*, e viessem a encarar os seus medos de espíritos e animais selvagens.

Viver sob um *glot* na floresta sem a proteção dada por uma cabana era um desafio assustador, e a oportunidade era dada apenas para as monjas mais maduras. Em sua primeira expedição, Mé Chi Jan, uma das *mé chis* seniores, voltava a contar, achando graça, sobre como tinha ficado aterrorizada durante a noite pelo estranho som, que ela tinha certeza que era um espírito malévolos. No dia seguinte, ela foi objeto de brincadeiras, quando descobriu que o que estava ouvindo era na verdade o lamento de uma fêmea de gato-do-mato abandonada por seu companheiro.

Mas, uma vez que as *mé chis* tivessem vencido seus medos iniciais da floresta, percebiam, assim como os monges, que a vida sob tais condições fazia surgir um estado de alerta e um entusiasmo que eram profundamente energizantes.

ADVERTÊNCIAS

Um dos princípios orientadores da vida monástica estabelecido pelo Vinaya é que cada monge ou monja deveriam fazer-se abertos a admoestações de todos os outros membros da comunidade. Mas advertências mútuas não é um ideal fácil de se pôr em prática. Na Tailândia, a ênfase cultural de preservar a harmonia social através do não confronto faz isso algo particularmente difícil. No entanto, Luang Pó frequentemente falava sobre esse tópico.

Em um ano, durante o período do retiro das chuvas, Luang Pó instruiu a comunidade de *mé chis* sobre esse princípio em detalhes. Nessa época, a sua saúde já estava em declínio e ele não tinha sido capaz de visitar o setor das *mé chis* tão frequentemente quanto em anos anteriores. Ele enfatizou a importância de que cada *mé chi* aprendesse como dar advertências para si mesma como fundação

para que pudessem dar advertências a outras. Elas tinham que ensinar a si mesmas sobre como tomar conta de suas mentes.

Antes de advertirem qualquer uma, vocês deveriam advertir a si mesmas. Por quê? Porque se vocês não fizerem isso, aquela pessoa não aceitará as suas advertências, e então vocês podem perder a paciência. Vocês devem se colocar em um bom estado mental antes. Então se alguém lhes der uma bronca ou lhes ofender, isso não vai afetá-las; vocês sabem que fizeram a coisa certa. Se é necessário advertir alguém e a pessoa aceita, então isso é bom, mas se ela não aceita, então é problema dela, não seu.

Se a pessoa que você advertiu a criticar, então você ouve o que ela tem para lhe dizer. Se ela disser: “Você tem ciúmes de mim”, pergunte a si mesma se isso é verdade. Investigue isso. Se não for, então ela entendeu errado e isso é responsabilidade dela. A sua prática é de abrir mão, é de aprender a ver tudo em termos de Dhamma.

Aquelas que recebiam uma advertência deviam constantemente treinarem-se a ser abertas às palavras dos outros, mesmo que elas parecessem injustas ou imprecisas. Aprender como lidar com elogio e crítica era um elemento essencial do caminho da sabedoria.

Vocês devem aprender a assumir responsabilidade por sua fala e suas ações. Então, se vocês agirem com boas intenções e forem acusadas de agir com intenções impuras, vocês ficarão tranquilas, porque conhecem suas próprias mentes e saberão com certeza que aquilo não é verdade. O Buddha nos ensinou a termos *sati* em todos os momentos. Quando vocês forem dizer alguma coisa, vocês têm boas intenções? Qual é o propósito de suas palavras? Vocês devem estar atentas às suas ações. Então, quando alguém disser que vocês falaram de maneira imprópria, vocês não ficarão aborrecidas, pois vocês consideraram bastante antes de falar aquelas palavras: vocês sabem que suas intenções eram boas e a pessoa que diz que vocês agiram mal é quem está errada. Vocês ficarão tranquilas.

**

Vocês são tão boas quanto os outros dizem? Vocês devem conhecer a si mesmas. Não acreditem em mais ninguém. Fiquem atentas. Se dizem que vocês não são boas, são apenas as palavras dos outros. Se dizem que vocês são boas, também são apenas palavras. Não são o que você é; apenas você sabe isso.

**

Nós viemos aqui para abrir mão. Se alguém te dá uma bronca, então você a recebe com um “Sādhu!”, contente por estar recebendo aquilo de graça. Esteja você certa ou errada — escute. É através de ouvir que a sabedoria pode surgir.

Ele ilustrou seu conselho com sua própria interpretação de um método de treinamento do Zen:

Os mestres Zen ensinam seus discípulos a reduzirem a presunção e os pontos de vista. Não existe muito estudo envolvido. Se os estudantes começam a “cabecear” enquanto estão praticando meditação sentados, o professor bate na cabeça deles com um longo bastão. O estudante diz: “Obrigado senhor, por ser tão gentil em bater em minha cabeça com seu bastão. Isso me lembrou do que eu deveria estar fazendo. Muito agradecido, senhor”.

Será que todas as *mé chis* aqui podem agradecer umas às outras por receberem uma advertência? Tentem fazer isso; isso requer sabedoria. Se qualquer uma de vocês fica

sonolenta durante a meditação, peçam para que a Mé Chi Khamfá bata em suas cabeças com um bastão — e então digam: “Obrigada”. Vocês podem fazer isso? Entendam esse ponto.

As *mé chis* deveriam ver o quanto era valioso receber uma advertência, e o quão afortunadas elas eram de estarem em uma situação onde elas podiam receber aquilo.

Todas vocês têm uma vantagem sobre mim. Eu lhes convido a me darem uma advertência, caso eu faça algo errado, mas isso é difícil para vocês; ninguém faz isso, pois eu sou o professor e ninguém ousa fazê-lo. É por isso que a prática como um monge sênior é tão dura. Às vezes, o professor faz algo errado, e todos o deixam seguir fazendo aquilo sem que ele perceba que está errado. É difícil para um professor encontrar alguém que lhe ensine. Mas todas vocês têm sorte. Se vocês fazem algo errado, alguém vem e lhes diz isso imediatamente. É algo realmente bom; não pensem negativamente sobre isso. Tentem ver que a prática é exatamente sobre coisas assim. Se vocês abrem mão, se vocês largam, isso chega a um fim, não é mais algo pesado. É o apego que é pesado.

ENSINAMENTOS DO DHAMMA

Os ensinamentos de Dhamma que Luang Pó dava para as *mé chis* eram pouco diferentes em substância daqueles que ele dava para os monges. Embora ele enfatizasse um pouco mais a fala correta e vários valores comunitários no começo das palestras para as *mé chis*, a essência da instrução que ele dava era a mesma. Os mais profundos ensinamentos eram dados livremente. Na verdade, os monges que acompanhavam Luang Pó, quando ele ia ensinar as *mé chis*, diziam que as palestras que presenciavam estavam entre as melhores que já tinham ouvido. Uma passagem na qual Luang Pó relatava às monjas uma de suas histórias favoritas dá um pouco do sabor dessas palestras:

Um dos Supremos Patriarcas viajou à China, onde foi presenteado com uma bela xícara para chá. O patriarca nunca tinha visto algo tão belo. Ele começou a pensar sobre como iria mostrar aquele presente para todos os seus apoiadores leigos quando retornasse à Tailândia. Mas assim que pegou a xícara em suas mãos, começou a sofrer. “Onde devo colocá-la? Onde devo guardá-la?” Ele começou a ficar com medo de quebrar a xícara.

Uma vez que a xícara estava em sua bolsa de ombro, ele constantemente recordava ao seu atendente: “Tome cuidado com essa bolsa de ombro; a xícara é frágil. Tome cuidado!” Aquilo não era nada além de sofrimento para ele. O patriarca estava tendo uma viagem agradável antes daquilo. Aquele sofrimento começou assim que ele ganhou a xícara — foi ali que começou a ficar pesado. Sentado no avião de volta à Tailândia, ele ficava aflito sempre que o noviço se aproximava da bolsa, “Tome cuidado! É frágil”. Se um leigo se aproximasse, era: “Tome cuidado com essa bolsa de ombro!” Ele sofreu todo o caminho que volta para a Tailândia pois pensava que a xícara pertencia a ele. O sofrimento veio com o apego.

Um dia, muito depois, de volta ao seu mosteiro, um noviço pegou a xícara para dar uma olhada. A xícara escorregou de sua mão e se quebrou. O Supremo Patriarca exclamou com alegria: “Até que enfim! Eu vinha sofrendo por causa dessa xícara faz anos!”

É a mesma coisa com os cinco agregados (*khandhas*). Eles são pesados; jogue-os fora. Jogue fora a forma, as sensações, as percepções, as formações mentais e a consciência. Não faça de nenhum deles um eu ou algo que pertença a um eu. Eles são meramente formas, meramente sensações, meramente percepções, meramente formações mentais e meramente

consciência — isso é tudo. Não se agarre a nenhum deles. Ver a verdadeira natureza deles é a libertação. Nós sempre nos apegamos a realidades convencionais, mas quando vemos os cinco agregados pelo que eles são, então tudo muda e ali está a libertação das convenções. Quando nós abandonamos o fardo dos cinco agregados, sentimos leveza. Isso é o que eu gostaria que todas vocês entendessem.

Assim como os monges, as *mé chis* comentavam entre si como Luang Pó sempre parecia dirigir-se exatamente aos problemas que elas estavam enfrentando na prática e queriam perguntar para ele. Como Mé Chi Bunyu recordava, quando ele ensinava o Dhamma, ficava claro para elas que ele acreditava genuinamente na capacidade delas de se libertarem do sofrimento e que queria ajudá-las de todas as formas que pudesse.

"Ele nos ensinava a abandonar o desejo, a não nos apegarmos à ideia de um eu, a vermos a impermanência. Nós praticávamos como ele recomendava e víamos a verdade do que ele ensinava. Eu me determinei a seguir os seus ensinamentos e vi que eles eram o caminho para a libertação do sofrimento. Ele nos ensinava a não ficarmos iludidas com o corpo físico, a abrirmos mão, a abandonarmos o apego, a deixarmos as coisas. Eu era inspirada por seus ensinamentos, aceitava-os completamente, praticava de acordo e não tinha nenhum pensamento de retornar ao mundo.

"Quando ele vinha para dar uma palestra, se houvesse muitas *mé chis* recém-ordenadas presentes, ele falava em um nível básico: sobre não discutir ou brigar, sobre conhecer o significado dos preceitos. Em um nível intermediário, ele falava sobre o treinamento de abandonar a cobiça, a raiva e a delusão, o apego a pontos de vista e à presunção, sobre como praticar uma vez que os preceitos fossem mantidos com pureza. No nível mais alto, ele falava sobre o que se vê e o que se experiencia quando se pratica; falava sobre o propósito de tornar-se uma monja, sobre o mais alto objetivo da vida monástica. Ele falava de Nibbāna e *anattā*, e de que não havia nada a que valesse a pena se apegar. Às vezes, perguntava para uma *mé chi* mais velha, 'Você sabe qual será o seu estado mental na hora da morte?' Ele nos ensinava a 'conhecer o conhecimento dentro do conhecimento'. Não o conhecimento de calor e frio, de prazer e dor, de dia e noite, mas o conhecimento do conhecimento."

O DEVER DE UMA SAMAÑA

Em uma ocasião, enquanto se dirigia às *mé chis*, Luang Pó retornou a um antigo e potente assunto: como tirar o melhor proveito da vida monástica; como viver como uma verdadeira samaṇa. O progresso no Dhamma começava com o cultivo de um senso de urgência.

"Os dias e noites estão passando sem parar." Isso é o que se diz nos livros ... "O que você está fazendo bem agora?" ... o que significa para você ser uma *mé chi*?

Se você diz que veio para abandonar as impurezas, então você sabe quais são as impurezas? Você pode reconhecer as qualidades não saudáveis na sua mente? Você está abandonando as impurezas? Você está resistindo a elas?

O que você está pensando bem agora? O que você está fazendo? Você está pensando sabiamente? Ou de maneira tola? Você está com pensamentos de ciúme? De raiva? Existe algum desejo em sua mente? Examine o momento presente.

Luang Pó dizia que, agora que elas tinham deixado a vida leiga, o Buddha estava fazendo perguntas para elas. Ele perguntava: "Você já está se comportando como uma samaṇa? Você está falando como uma samaṇa? Você está comendo como uma samaṇa?" Ele lhes precavia contra viver de forma

desatenta. Viver muito confortavelmente era um obstáculo para a prática. Ele dizia que os modos de uma samana são colocar um esforço contínuo em abandonar a cobiça, a raiva e a delusão. Era através desse esforço que uma samana ganhava o respeito e o apoio de budistas leigos. Se os budistas leigos elogiavam a prática delas, elas deveriam tratar aquelas palavras de elogio com cautela. Se elas não fossem verdadeiras, então depois de ganhar os elogios não merecidos, elas deveriam colocar esforço para serem merecedoras deles.

Luang Pó dizia que a razão pela qual as pessoas não abriam mão de suas impurezas era porque ainda não tinham visto o sofrimento inerente a elas e por isso ficavam relutantes em abrir mão de seus apegos. Cobiça, raiva e delusão surgem em nossas mentes por causa de nossa forma rebelde de pensar. Uma pessoa com pontos de vista incorretos não vai encontrar paz mesmo no ambiente mais propício. Visão incorreta sempre traz o sofrimento consigo; apenas a visão correta leva à paz. Estados pacíficos da mente que sejam desenvolvidos em alguém que mantém pontos de vista incorretos nunca levarão à sabedoria. Apenas a calma derivada da visão correta pode dar suporte ao insight sobre como as coisas são.

Ele insistia que é a visão correta que permite que uma samana saiba como se adaptar: saiba como viver em uma grande comunidade, como viver em uma pequena comunidade, como viver sozinha. Quando a visão correta tivesse sido desenvolvida, viver em uma grande comunidade não seria diferente de viver sozinha. A harmonia do grupo é um fator vital de suporte para a prática. Entoar cânticos juntas, meditar juntas, trabalhar juntas — tudo promove a harmonia do grupo. Quando outras *mé chis* agissem de forma inadequada, ele dizia, então que todas estivessem cientes de que aquilo era porque a prática do Dhamma ainda não era forte o suficiente para vencer as impurezas. Algumas tinham maus hábitos profundamente arraigados; elas nunca tinham criado as condições para a sabedoria e para abrir mão no passado. Sendo assim, que elas fossem mais tolerantes para com essas pessoas.

Você ainda tem impurezas; você ainda tem desejo. Então você tenta. Você aumenta o número de práticas que você adota. Você examina o seu corpo, sua fala e sua mente todos os dias. Onde estão as deficiências? Você alonga os pedaços que estejam muito curtos. O que estiver muito longo, você corta.

*Um a um, pouco a pouco, momento a momento, os sábios devem remover as próprias impurezas,
como um ferreiro remove as impurezas da prata.*

Dhp 239

Por Compaixão – Luang Pó e a Comunidade Leiga

Viajem, oh monges, pelo bem-estar dos demais, pela felicidade dos demais, por compaixão ao mundo, para o bem, felicidade e bem-estar de devas e humanos. – SN 4.5

Excelente, Senhor, excelente! Senhor, é como se um homem virasse de cabeça para cima aquilo que estava de cabeça para baixo, ou revelasse aquilo que estava escondido, ou apontasse a saída para aquele que estava perdido, ou segurasse uma lâmpada em meio à escuridão, para que aqueles que tenham olhos possam ver. Da mesma forma, a doutrina foi explicada de várias formas pelo Excelso. Eu tomo refúgio, Senhor, no Buddha, no Dhamma e na Sangha. Que o Excelso me receba como um seguidor; um que tomou refúgio deste dia até o final da vida. – ex. DN 2

Como o monge ensina os budistas leigos?

- Ao desencorajá-los da maldade.
- Ao encorajá-los à bondade.
- Ao dar-lhes assistência com bem querer.
- Ao dar-lhes novo conhecimento.
- Ao esclarecer os ensinamentos que eles ouviram antes.
- Ao mostrar-lhes o caminho para a felicidade.

DN 31

I. INTRODUÇÃO

Apreciar a bondade e a assistência recebida na vida e envidar esforços para expressar essa apreciação da forma apropriada (páli: *kataññū-katavedi*) são, junto com a generosidade, provavelmente as virtudes budistas mais profundamente arraigadas na sociedade tailandesa. Elas são claramente visíveis no relacionamento dos filhos e filhas com seus pais e guardiões, e no respeito prestado aos professores e benfeitores em qualquer área. Na Tailândia, “*bunkun*” — os laços e obrigações vistos entre as pessoas através de ações benéficas — é base para a maioria das relações sociais significativas, incluindo aquela entre membros da Sangha e a comunidade leiga.

No início de 1954, foi feita uma solicitação por uma delegação de camponeses, liderada por sua mãe, que persuadiu Luang Pó Chah que havia chegado a hora de ele estabelecer um mosteiro de floresta próximo ao seu vilarejo natal. O convite formal feito pelos moradores locais e a aceitação de Luang Pó ao convite refletem bem a natureza da relação entre a Sangha e a comunidade leiga, vislumbrada pelo Buddha. A tradição sustenta que qualquer ensinamento dado por monges — mesmo uma simples palestra do Dhamma — deve ser sempre iniciada pela comunidade leiga. Eles devem querer receber os ensinamentos. É por essa razão que os monásticos budistas não são evangelizadores: eles apenas falam do Dhamma para aqueles que tenham demonstrado interesse sincero em ouvi-lo e que lhes tenham solicitado que os ensinassem. Como muitos monges de floresta, Luang Pó, por muito tempo, manteve planos de certamente retornar ao seu local de origem e ali propagar o Dhamma. Mas foi apenas quando recebeu um convite formal de representantes da comunidade leiga local, que sentiu que as condições estavam maduras para que ele assim o fizesse.

Para Luang Pó, o estabelecimento de um mosteiro era o passo seguinte natural e quase inevitável da vida como monge. Ele tinha alcançado um nível de prática do qual estava confiante de que não poderia regredir. Ele estava no auge de sua vida, e um número crescente de monges o enxergavam como um professor. Além disso, estava ciente de que se quisesse auxiliar sua mãe a progredir no Dhamma, ele não poderia esperar por muito mais tempo. Vivendo como monge, sabia que tal assistência era a forma — a única forma — pela qual poderia verdadeiramente retribuir a grande dívida de gratidão com ela.

Em seus discursos, o Buddha repetidamente encoraja os monges a buscarem por reclusão e a serem cautelosos quanto ao envolvimento com apoiadores leigos. Ao mesmo tempo, o número de ensinamentos delineando a natureza, correta e incorreta, das relações entre monges e leigos sugere que havia um contato considerável entre eles. Por exemplo, certas formas de prestar assistência aos leigos são proibidas por tender a diminuir o respeito com o qual a Sangha é vista. Monges não são autorizados a atuarem como médicos, porque fazer isso significaria que eles começariam a ser vistos como curandeiros do corpo em vez da mente. Eles são alertados contra o desenvolvimento de uma relação tão próxima com leigos a ponto de “rir quando eles riem e chorar quando eles choram”. Fica claro, por essas instruções, que o Buddha deu uma importância considerável à criação de uma plataforma na qual a Sangha poderia exercer o máximo de influências positivas na sociedade sem comprometer a sua própria integridade.

Entre as tarefas de um monge, a principal é demonstrar os ensinamentos através do exemplo pessoal e instruir os leigos que queiram entender o Dhamma. Embora existam referências desaconselhando monges que não tenham nenhum insight de tentar ensinar (tal monge é comparado a uma pessoa afundando na lama, tentando ensinar alguém sobre como sair dela), a ideia de que o passo natural após o acúmulo de conhecimento e experiência é o seu compartilhamento é tida como óbvia.

Como uma ordem mendicante, a Sangha é dependente das comunidades locais para o suporte material e para o ingresso de novos membros. Um mosteiro apenas será bem-sucedido quando seus habitantes ganharem o respeito e a devoção dos apoiadores leigos. Isso ocorre naturalmente quando monásticos se determinam a levar suas vidas de forma que se tornem um “campo de mérito” para os seus apoiadores e quando eles os liderem e inspirem no caminho budista através do exemplo e da instrução. Essa relação recíproca é estruturada por várias das regras de treinamento e observâncias do Vinaya que evitam que mosteiros se tornem materialmente independentes. Por exemplo, existem regras proibindo cavar a terra, cozinhar, consumir alimentos não oferecidos e guardar alimentos de um dia para o outro. Todas essas regras compelem os monges a terem um contato diário com a comunidade leiga, no mínimo, em sua mendicância matinal. O grau de consideração do Buddha pela comunidade leiga ao anunciar as novas regras do Vinaya fica claro por um elemento proeminente do seu discurso ao fazer aquilo: “para incentivar o surgimento da fé naqueles que não a têm e fortalecer a fé daqueles que já a possuem”.

Ao estabelecer um mosteiro próximo ao seu local de nascimento, Luang Pó buscou não apenas criar um ambiente excelente para o treinamento de monásticos, mas também um centro de propagação do Dhamma das cidades e dos vilarejos locais. Ele percebeu que os dois objetivos não eram apenas compatíveis, mas que podiam reforçar um ao outro. Era através da fé na integridade dos monges que as pessoas começariam a ir para o mosteiro para ouvir o Dhamma. Era através de promover valores budistas autênticos na sociedade que o bem-estar da Sangha a longo prazo poderia ser assegurado.

Os ensinamentos de Luang Pó para a comunidade leiga baseavam-se nas mesmas fundações daqueles oferecidos para a Sangha: as quatro nobres verdades. Suas palestras invariavelmente retornavam à questão do sofrimento, como ele surgia e como ele podia ser levado à cessação. Suas

instruções sobre a prática de meditação diferiam muito pouco daquelas dadas para os monásticos. As diferenças que podiam ser discernidas surgiam em áreas nas quais ele adaptava seu tratamento de temas-chave, como o desenvolvimento da visão correta e a importância de uma conduta moral, para tratar os desafios específicos encarados pelos chefes de família.

Na metade da década de 1950, quando Luang Pó estabeleceu Wat Pah Pong, quase todas as pessoas de Ubon consideravam-se budistas e, ainda assim, era raro encontrar aqueles que também não partilhassem de crenças não-budistas conflitivas de uma ou outra forma. Poucas pessoas tomavam os cinco preceitos como padrão moral. Por essa razão, em seus primeiros anos de pioneirismo, Luang Pó concentrou-se em combater as superstições locais e em explicar os princípios básicos do Dhamma, como forma de inculcar-lhes a visão correta. Ele ensinava os moradores locais sobre o significado da joia tríplice e o que significava tomar refúgio nela; ele os encorajava a largar vícios sociais danosos como o consumo de álcool e os jogos de azar, e a estabelecerem-se no modo de vida correto e na moralidade. E encorajava-os a ir para o mosteiro nos dias de observância semanais, quando podiam fazer uma pausa em suas rotinas habituais, descansar, ler, ouvir palestras do Dhamma e praticar meditação.

II. AO MOSTEIRO

Ser paciente e aberto a admoestação, ter contato com monásticos e participar de discussões sobre o Dhamma nas ocasiões apropriadas — essa é uma grande bênção. — Khp 5; Sn 2.5

No coração de quase todos os vilarejos tailandeses, pode-se encontrar um mosteiro. Sua entrada é geralmente apenas um arco aberto ao invés de um portão com fechadura. Budistas leigos entram e saem do mosteiro todos os dias: oferecendo comida nas manhãs, visitando o abade, fazendo méritos ou talvez apenas tomando um atalho para o outro lado do vilarejo. Durante a vida de Luang Pó, o chefe do vilarejo, o professor chefe da escola local e o abade do mosteiro eram os líderes reconhecidos da comunidade, com o abade sendo o membro sênior desse triunvirato.

Por outro lado, a força do relacionamento entre as comunidades rurais e os mosteiros de floresta era mais variada. Havia várias razões para isso, na sua maioria práticas: os mosteiros podem estar situados em qualquer lugar entre cinco ou seis quilômetros de um vilarejo e — especialmente antes do advento do transporte motorizado — ir lá e voltar podia tomar um considerável pedaço de um dia de trabalho.

Os mosteiros Dhammayut de floresta estabelecidos por Luang Pu Man e seus discípulos ao norte de Isan tinham a intenção de criar o ambiente mais pacífico e recluso possível para o treinamento monástico, assim eles buscavam reduzir o contato com a comunidade leiga ao mínimo. Leigos eram bem-vindos ao mosteiro nas manhãs para oferecer comida e para solicitar ensinamentos e conselhos ao abade, depois que ele tivesse terminado sua refeição. Mas esses mosteiros não aceitavam convites para que os monges fossem tomar sua refeição nas casas dos praticantes leigos em ocasiões auspiciosas ou que fossem aos vilarejos para recitar os versos fúnebres para os recém-falecidos. O dia de observância passava como outro dia qualquer. Não havia praticantes leigos tomando os oito preceitos e passando a noite no mosteiro; o abade raramente dava um discurso formal à comunidade leiga. O resultado era a falta de distrações para os monges, mas, ao mesmo tempo, uma redução do impacto positivo que um bom mosteiro podia produzir sobre as comunidades locais.

Foi na sua política para a comunidade leiga budista que Luang Pó se diferenciou mais claramente da maioria dos discípulos de Luang Pu Man. Isso fica claro de perceber pelos relatos dos apoiadores leigos de Wat Pah Pong, quanta importância Luang Pó dava para o ensinamento e treinamento deles. O tempo que estava disposto a dar, entrava ano e saía ano, para encorajá-los a viver uma vida boa o tornava muito querido por eles.

O estilo mais inclusivo de Luang Pó de ensinar, integrando o ensinamento de praticantes monásticos e apoiadores leigos, era ligado à sua ênfase na sabedoria como o coração da vida espiritual. Ele queria que as pessoas entendessem a si mesmas e soubessem como viver suas vidas de maneira sábia. Para leigos, isso incluía dar conselhos sobre tudo, desde princípios básicos de higiene e alimentação até sobre como criar seus filhos e ter um meio de vida honesto, e se estendia também às formas de desenvolver a meditação e o insight. Era um ensinamento integrado. Ele insistia com seus discípulos leigos que o estudo e o insight das verdades simples e inquestionáveis sobre seus corpos e mentes podiam transformar todos os aspectos de suas vidas.

Na maioria dos outros mosteiros de floresta, a prática do Dhamma era vista como algo que demandava o desenvolvimento de altos níveis de concentração ou a aplicação intensiva de práticas específicas de meditação. Em tais mosteiros, monges frequentemente viam os leigos como que vivendo em condições incompatíveis com a quietude e a reclusão requeridas para um profundo cultivo interno. Devido a esse ponto de vista, uma atitude quase displicente para com os moradores locais poderia ocorrer, em resumo: “Pratique a generosidade. Mantenha os cinco preceitos. Isso já está bom o suficiente”.

Talvez o único entre os professores de floresta, Luang Pó liderava a comunidade leiga em meditação e recitação de cânticos nos dias de observância e lhes dava discursos que podiam durar várias horas. Os apoiadores leigos tinham um senso de pertencimento e orgulho de si mesmos como praticantes do Dhamma e como discípulos do mosteiro de floresta.

Pessoas que gastavam seu tempo em um mosteiro de floresta não eram universalmente elogiadas. Uma visão comum era de que mosteiros eram o último refúgio para pessoas com problemas que não conseguiam resolver. Uma das razões pelas quais sempre havia menos homens do que mulheres entre os apoiadores leigos era que vários homens tinham medo de que, ao irem regularmente ao mosteiro, aquilo fosse considerado como uma confissão pública de que tinham dificuldades com as quais eram incapazes de lidar — uma possibilidade que poucos homens, em qualquer cultura, conseguem lidar com equanimidade.

O ponto dessa ideia era que, se a vida estava correndo bem, então ainda não havia nenhuma necessidade de ir ao mosteiro. Por um longo tempo, foi costume na Tailândia considerar o estudo e a prática do Dhamma uma busca dos mais velhos. A juventude, à parte a ordenação como rito de passagem dos rapazes, era para a educação e o divertimento; a meia-idade, para formar uma família; a velhice, para ir ao mosteiro fazer boas ações e encontrar alguma paz interior. Em palestras do Dhamma, Luang Pó constantemente encorajava as pessoas a abandonarem essa forma de pensar. O mosteiro, ele dizia, era um refúgio do estresse e das tensões da vida diária. Era um lugar onde as pessoas podiam dar um passo atrás em suas vidas, observar e aprender habilidades vitais que lhes permitiriam manter-se de forma correta em suas vidas diárias. Se elas esperassem muito tempo para fazer isso, poderia ser tarde demais. Ele fazia piada das pessoas que esperavam para ir ao mosteiro quando já não pudessem mais sentar no chão ou estivessem muito surdas para ouvir as palestras do Dhamma. Ou ainda pior, que estivessem mortas antes disso...

E a única forma de um defunto ir ao mosteiro é quando é carregado para lá para a cremação.

Tirando as pessoas que acreditavam que sofriam muito pouco para precisar praticar o Dhamma, havia aquelas que achavam que tinham muitas preocupações para que aquilo valesse a pena. Mesmo que fossem ao mosteiro, acreditavam que era uma perda de tempo. Eles não poderiam encontrar nenhuma paz até que os seus problemas estivessem resolvidos. Para Luang Pó, isso era como alguém dizer que não iria ao médico até que estivesse se sentindo bem. No mosteiro, todos poderiam aprender formas de lidar melhor com o estresse de suas condições.

Por acaso, o Buddha esperou até que estivesse livre de impurezas para ir ao mosteiro? Ele estava livre de preocupações?

Diariamente, o contato entre a Sangha e a comunidade leiga girava em torno da oferta da refeição diária. Todas as manhãs, moradores locais caminhavam até o mosteiro para ajudar as monjas a preparar pratos a mais para complementar a comida recebida pelos monges na mendicância matinal¹⁴³. Qualquer comida que sobrasse depois que os monges e monjas tivessem se servido era distribuída entre eles e então levada para suas casas. Uma das mulheres que raramente perdia um dia por muitos anos disse:

"Luang Pó nos ensinava como preparar a comida para oferecer aos monges. Peixe fermentado, por exemplo: ele nos dizia para fervê-lo antes de colocá-lo no molho de pimenta e misturá-lo com a salada de papaia verde, pois carne crua era proibida pelo Vinaya. Ele dizia que peixe cru fermentado e carne crua eram comida para tigre! 'Nós somos seres humanos com cultura', ele dizia, 'nós devemos comer comida cozida.' Esse era o tipo de conselho que ele dava. Nós provávamos as coisas que ele sugeria em casa, era algo bom e benéfico e nunca trouxe contraindicações. Nós nunca tínhamos problemas de fígado como as pessoas que comiam carnes cruas. Luang Pó também não queria que fumássemos ou tomássemos bebidas alcoólicas. E isso também era bom para a gente. Era bom para nossa saúde e também nos fazia economizar dinheiro."

A cozinha do mosteiro era gerenciada pelas monjas. Nela, as regras do Vinaya e convenções que diziam respeito à comida eram seguidas de maneira estrita. As monjas eram devotadas à limpeza, à organização, à *sati* e à atenção aos detalhes. Elas alcançavam um alto nível de limpeza, especialmente impressionante para uma construção que era amplamente aberta aos elementos. Rodapés de madeira e redes de proteção protegiam a cozinha contra ratos, mas lagartos e outras pequenas criaturas eram mais difíceis de deter. Dada a atitude geralmente displicente de higiene na maioria das comunidades rurais daquela época, a impecabilidade da cozinha veio como uma revelação para as mulheres locais que ofereciam sua assistência. Aquilo lhes mostrou um padrão completamente novo de higiene. A influência da cozinha de Wat Pah Pong gradualmente se espelhou nos vilarejos locais à sua volta, um lembrete tangível da influência positiva que um mosteiro podia exercer em sua região, mesmo em assuntos mundanos como a alimentação e a higiene.

DIA DE OBSERVÂNCIA

O dia de observância semanal (de mudança de fase lunar) era o dia em que Luang Pó encorajava os apoiadores leigos a virem para o mosteiro e receberem ensinamentos. Vários chegavam na hora de oferecer a refeição diária e não iam embora até o amanhecer do dia seguinte. Durante esse período de 24 horas, Luang Pó dava duas palestras de Dhamma: uma pela manhã e outra longa — às vezes muito longa — à noite. Durante o dia, as pessoas descansavam, liam livros sobre o Dhamma, meditavam e varriam folhas. O número de pessoas ia aumentando no começo da noite, quando

¹⁴³ A disciplina para as *mé chis* de mantos brancos não proíbe o cultivo ou o preparo de alimentos.

aqueles que estavam trabalhando durante o dia chegavam¹⁴⁴. Pela manhã, toda a comunidade leiga solicitava formalmente os oito preceitos pela duração de sua estadia no mosteiro. Isso incluía, entre outras coisas, abster-se de comer depois do meio dia, vestir-se com roupas simples e modestas (todos se vestiam de branco) e evitar usar maquiagens ou joias. Em todos os dias de observância, a comunidade monástica passava a noite inteira meditando no salão de Dhamma. Os leigos e leigas se juntavam a eles.

Luang Pó recomendava que aqueles que não encontrassem tempo para ir ao mosteiro deveriam, ainda assim, fazer do dia de observância um dia para dar atenção especial às suas ações e falas, e a devotarem tempo para reflexão e para o cultivo interno. Ele os aconselhava a abrirem mão de todos os entretenimentos do dia, a abrirem mão da refeição noturna e a dormirem sozinhos no chão, usando o tempo livre por toda essa renúncia para estudar o Dhamma e meditar. Se eles não conseguissem fazer isso em todos os dias de observância, então eles deveriam pelo menos tentar os "dois grandes dias": o dia de lua cheia e de lua nova.

Existem trinta dias em um mês. Dividam os dias: deem vinte e seis para o mundo e quatro — lua cheia, lua nova, quarto crescente e quarto minguante — para os monges. Nesses quatro dias em cada mês, tentem ir ao mosteiro. Lá vocês podem fazer uma pausa das atividades mundanas e manterem uma *sīla* pura.

Nesses quatro dias, vocês não criam nenhum mau kamma ... Quatro dias, apenas isso; mais do que quatro e ninguém iria querer fazer isso. Como leigos, eu entendo que seja normal criar mau kamma de vez em quando, mas o Buddha pediu para que vocês tentassem não fazer isso por pelo menos quatro dias por mês. Se vocês conseguem fazer isso por dois meses, então já serão oito [dias]; e em um ano, um monte de dias. Mas se vocês fizerem de todos os dias um "dia mundano" (Wan Khon)¹⁴⁵, como é que vocês vão realmente florescer como seres humanos? Como suas mentes serão radiantes e como conhecerão as coisas como elas realmente são se vocês não praticarem, se vocês não arrumarem tempo? Isso é impossível.

Ao entrar no mosteiro, todos os assuntos mundanos deveriam ser deixados do lado de fora. Nenhuma fofoca sobre família e trabalho ou escândalos locais seria tolerada. Os mais velhos eram encorajados a serem bons exemplos para os membros mais jovens do grupo:

Aqueles de vocês que quiserem fumar ou mascar noz de betel, que o façam do portão para fora. Durante as manhãs, depois que vocês tomarem os oito preceitos, depois que tenham feito a sua refeição e escutado a palestra do Dhamma, então vão praticar meditação andando. Depois disso, vocês podem tirar uma curta soneca, mas não deixem que ela seja muito longa. Depois de um tempo adequado, levantem-se prontamente e pratiquem meditação sentados. Depois de seu banho ao final da tarde, vão para o salão e pratiquem meditação sentados por mais um tempo antes da recitação dos cânticos noturnos. Depois dos cânticos, podem relaxar um pouco, mas não conversem.

Esse era um tempo para colocar esforço na prática.

¹⁴⁴ Fora da época de colheita, em outubro e novembro, membros de comunidades agrícolas podiam escolher o seu dia para descansar. Pessoas que trabalhavam nos vilarejos e nas cidades apenas podiam ficar durante todo o dia de observância, quando este caísse em um fim de semana.

¹⁴⁵ Luang Pó frequentemente usava essa palavra comum tailandesa "*khon*", com conotações de "destreinado" ou "mundano", a fim de contrastar com o termo mais elevado (derivado do páli), "*manut*" ou "ser humano".

Ao vir para ouvir uma palestra no dia de observância, não basta simplesmente vir para o mosteiro. Assim como um tecido deve estar limpo para absorver qualquer tintura, da mesma forma cada pessoa que venha ao mosteiro deve se preparar de maneira adequada. Elas devem vestir-se com roupas apropriadas e limpas, limpar suas ações e falas e fazer uma determinação de limparem suas mentes, para deixá-las prontas para receber o Dhamma.

As palestras de Dhamma de Luang Pó eram esperadas ansiosamente pelos moradores locais.

"Às vezes, ele não falava por muito tempo. Depois de um certo tempo, dizia: 'De agora em diante, prestem atenção a um discurso silencioso.' E ele começava a meditar sentado no assento do Dhamma. Nós ficávamos ali sentados esperando, mas ele não dizia mais nada. Na primeira vez, eu estava sonolento e queria dormir, mas não ousei fazê-lo com ele ali sentado e então acabei sentando pela noite inteira. Naqueles dias, Luang Pó dava palestras maravilhosas. Se você perdesse uma, você se sentia quente e seco por dentro. Você nunca ficava entediado enquanto ele falava, mesmo que fosse algo que você já tivesse ouvido várias vezes antes, pois ele sempre encontrava novas formas de dizer algo que faziam valer a pena ouvir de novo."

RECEBENDO CONVIDADOS

Luang Pó tornou-se continuamente mais conhecido durante a década de 1970 e o número de visitantes ao mosteiro cresceu de acordo. Tirando vantagem das melhorias das estradas de Isan patrocinadas pelos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã e com o aumento da disponibilidade de recursos, apoiadores leigos tailandeses eram capazes, pela primeira vez, de viajar de outras partes do país para Isan para prestar suas reverências, fazer méritos e receber ensinamentos dos grandes mestres de floresta. Como consequência, mais e mais dos dias de Luang Pó eram passados sentado debaixo de sua cabana recebendo visitantes.

Em anos posteriores, particularmente em fins de semana e feriados, ele ficava sentado em seu assento de vime das nove horas da manhã e dificilmente se levantava de lá até o meio da tarde ou à noite, enquanto um constante fluxo de pessoas ia e vinha da área central do mosteiro. Isso provocava uma falta de descanso e exercícios que começaram a afetar a saúde de Luang Pó. Um abastado apoiador leigo ficou preocupado e pediu permissão para construir uma cerca em volta da cabana de Luang Pó para assim facilitar a restrição de acesso a ele. Luang Pó recusou prontamente. Ajahn Virapon, um de seus atendentes naquela época, recorda dele dizendo: "Eles vieram de longe. Eles não têm muito tempo livre. Seria uma pena se eles viessem de tão longe para me ver e ficassem desapontados".

Uma vez, durante um período de pouca saúde, um monge lhe perguntou como ele lidava com todas as demandas por sua atenção e bênçãos. Luang Pó respondeu:

Se eu ainda tivesse pensamento incorreto, provavelmente já teria morrido¹⁴⁶ há muito tempo atrás, pois sempre há muitas pessoas aqui o dia inteiro. Mas é como se não houvesse ninguém. Se você tem visão correta, então não existe nada. Não existe ninguém vindo e ninguém indo. A mente apenas repousa em seu lugar natural.

O ensinamento do Buddha de que é uma grande bênção ir encontrar-se com pessoas sábias tem fortes raízes na sociedade tailandesa. Sem contar os fazendeiros locais e suas famílias, os convidados de Luang Pó englobavam todo o espectro da sociedade tailandesa: funcionários públicos,

¹⁴⁶ Essa frase é idiomática ao invés de literal e geralmente acompanhada por uma leve chacoalhada da cabeça.

acadêmicos, políticos, soldados, cientistas, policiais, comerciantes e banqueiros, médicos e enfermeiros, estudantes universitários, professores e seus pupilos.

Essas pessoas vinham das cercanias, de outras partes de Isan, de Bangkok e de outras regiões do país. Algumas vinham de outros países. As pessoas vinham por diferentes razões: para prestar reverências, para fazer oferendas, para fazer perguntas sobre assuntos particulares ou assuntos do Dhamma, para ouvir uma palestra do Dhamma.

Luang Pó nunca foi visto favorecendo algum grupo específico. Estava claro que ele tentava dar atenção e tempo iguais para todos e parecia completamente indiferente ao status social. Sua atitude se expressava bem por uma história contada sobre um grande mestre no Japão. Diz-se que um antigo estudante tinha ido visitar o mestre depois de um longo tempo de ausência causada por uma carreira política muito ocupada. Na residência do abade, o homem deu seu cartão de visitas ao atendente, no qual o seu status elevado no governo estava elegantemente escrito. Depois de um curto tempo, o atendente retornou com o cartão e a notícia de que o mestre não conhecia tal pessoa. O antigo estudante, depois de franzir as sobrancelhas por um momento, pegou uma caneta e, rasurando o cartão, cobriu os caracteres que denotavam o seu título. O atendente levou o cartão de volta para o mestre e depois de pouco tempo ele retornou para conduzir o convidado para dentro.

Um dos ideais de um mosteiro budista é que pessoas de todos os níveis sociais interajam unificadas por um senso de serem todas companheiras budistas em vez de pessoas divididas por identificação com antecedentes familiares, ganhos financeiros ou meios de ganhar a vida (se existe uma aristocracia, ela é com relação à idade: o respeito pelos mais velhos e dar atenção aos seus desejos é o que prevalece). A suspensão temporária de divisões sociais é um ideal (frequentemente esquecido na Tailândia de hoje) e era algo que Luang Pó encorajava fortemente.

Luang Pó era famoso por sua habilidade de ensinar sobre os assuntos mais profundos em termos simples que seus ouvintes, quaisquer que fossem os seus antecedentes, podiam entender. Ele era hábil em adaptar sua forma de falar e seu vocabulário às necessidades de sua plateia. Muitas pessoas que haviam sido criadas com a ideia de que o Dhamma era profundo demais para que uma pessoa comum pudesse compreender, achavam ouvi-lo uma experiência estimulante. Uma reação comum era a de que ele estava trazendo os ensinamentos de forma vívida para eles pela primeira vez. Em uma ocasião, um visitante que havia visto vários monges ocidentais no mosteiro, perguntou a Luang Pó quantas línguas ele falava. Ele respondeu:

Oh, muitas. Eu posso falar a língua dos camponeses, a língua dos comerciantes, a língua dos soldados — eu sei muitas línguas.

CONVITES

Luang Pó dava poucos ensinamentos fora do mosteiro. Ele notava que, quando os leigos estavam em seu próprio ambiente, eles raramente estavam tão abertos ao Dhamma quanto nas oportunidades em que se esforçavam para irem à floresta. No mosteiro, o ritmo e a falta de interrupções, a separação física das preocupações e confortos do mundo, as emoções que surgiam ao entrar em um ambiente devotado a objetivos espirituais — tudo dava assistência para criar condições propícias para a absorção do Dhamma.

Luang Pó não aceitava convites para os tipos de eventos públicos nos quais fosse considerado mandatório incluir um pequeno sermão proferido pelo monge sênior — convites esses que cresciam conforme ele ficava mais conhecido. Alguns organizadores desses eventos eram bem-intencionados:

eles tinham esperança de que a presença dele pudesse inspirar as pessoas a tomarem interesse pelo Dhamma, pessoas essas que, de outra forma, nunca iriam a um mosteiro. Outros simplesmente sentiam que a presença de um monge tão renomado podia dar prestígio aos procedimentos. Em ambos casos, Luang Pó não aceitava os convites. Ele dizia que era uma perda de tempo e um desrespeito ao Dhamma ensinar em locais onde a maioria da plateia estaria apenas ouvindo de maneira superficial, onde algumas pessoas estariam tendo conversas paralelas enquanto ele falava e algumas até com cheiro de álcool em seu hálito.

Luang Pó fazia uma exceção à recusa de aceitar convites fora do mosteiro, no caso de cerimônias para fazer mérito nos lares de alguns apoiadores leigos de longa data. Em ocasiões auspiciosas — um casamento ou uma mudança para uma casa nova, por exemplo — era costume dos leigos budistas convidarem monges para tomarem a refeição diária em suas casas e recitarem cânticos auspiciosos e de bênçãos para a família e amigos que estivessem reunidos. Luang Pó aceitava tais convites como um gesto de agradecimento pelo longo tempo de suporte devotado ao mosteiro. Ele dava os cinco preceitos, liderava a recitação dos cânticos e, depois de receber presentes de alimentos e requisitos, dava uma empolgante palestra do Dhamma. Finalmente, antes de partir, ele aspergia “água abençoada” sobre as cabeças de todos ao som dos monges recitando o cântico de proteção chamado “*Jayanto*”. Essas eram ocasiões que as famílias envolvidas sempre tinham como um grande tesouro.

Quando tinha por volta de cinquenta anos, Luang Pó contraiu diabetes. Isso fortaleceu a sua não inclinação de aceitar convites fora do mosteiro, porque aumentou a sua necessidade de urinar, tornando os longos períodos sentado pouco práticos. Foi por essa razão que ele tolerava as críticas por sua recusa a convites de grande prestígio feitos pelo rei e pela rainha para comparecer a eventos no Palácio Real de Bangkok.

III. SAMADITTHI

Eu não vejo nenhum outro dhamma que seja de tamanha causa para o surgimento de dhammas saudáveis que ainda não tenham surgido e para o crescimento e amadurecimento daqueles que já tenham surgido como a visão correta. - AN 1.299-300

Sammāditṭhi é geralmente traduzido para o português como “visão correta”. O sufixo “correta” significa “em harmonia com a forma como as coisas são”; “visão” inclui opiniões, crenças, valores, teorias e filosofias. Uma visão correta é então aquela que corresponde à realidade; a convicção, por exemplo, de que atos de generosidade levam à felicidade seria considerada uma “visão correta”. Visão correta é o primeiro constituinte do nobre caminho óctuplo e é indispensável para o desenvolvimento dos outros sete fatores. No seu nível mais básico, a visão correta consiste da adoção de um certo número de princípios — de forma mais importante, a lei do kamma — como premissas básicas ou hipóteses de trabalho para se tomar como base ao trilhar o caminho budista. Nesse nível, ela é referida como “visão correta mundana”. A culminação do caminho — a compreensão das quatro nobres verdades como uma experiência direta — é conhecida como “visão correta transcendente”.

De forma não surpreendente, dada a importância central da visão correta como a fundação na qual toda a prática budista está estabelecida, os ensinamentos que visavam explicá-la constituíam uma grande proporção dos discursos de Luang Pó para a comunidade leiga. Visão correta, ele dizia, era o local fresco inalcançado pelo sol ardente. É o nosso verdadeiro refúgio.

Nosso refúgio é a mente que possui visão correta. Veja no coração das coisas. Faça sua visão tornar-se direta e correta. Só assim as visões incorretas serão incapazes de entrar em sua mente e se misturar com ela. Esse é o significado de um refúgio.

O sofrimento surge onde quer que haja uma compreensão incorreta sobre como as coisas são. Logo, Luang Pó enfatizava, estabelecer a visão correta era o primeiro passo para transcender o sofrimento.

Se sua visão das coisas é correta, se é sammādiṭṭhi, então nada pode sair dos eixos; quer dizer, quando sua forma de ver as coisas está de acordo com a verdadeira natureza das coisas, você não experiencia nada como sendo uma obstrução. Sua mente permanece calma, satisfeita e os problemas estão resolvidos.

Sem o esforço de ver a mente de perto, é difícil encontrar motivação para abrir mão de pontos de vista equivocados.

Até então, você é como uma pessoa que ingere álcool. Ninguém pode impedir uma pessoa de beber até que ela veja por si mesma as consequências indesejáveis desse hábito.

Então, aqui nós trocamos uma visão equivocada por uma correta, mudamos o mau para o bom e mudamos um ser não iluminado para um nobre discípulo. É a visão correta que é responsável por essas mudanças. Esses tipos de mudanças para melhor são chamadas de “mérito”.

Ele dizia que pessoas com visão incorreta tinham um falso tipo de contentamento, parecido com a tranquilidade de alguém que não percebe que deixou cair algo de valor. A visão correta dá o mesmo tipo de tranquilidade interna que é experienciado por alguém que lembra do exato local onde perdeu o objeto de valor e sabe como recuperá-lo. Embora o objeto ainda não esteja em sua posse, sua mente está tranquila. Em outra ocasião, ele comparou visão correta com a chave que abre a porta do Dhamma. Sem esta chave, não há como entrar.

KAMMA

Muitos dos ensinamentos de Luang Pó eram voltados a gerar confiança na lei do kamma, o constituinte central da visão correta mundana. Frequentemente ele fazia exposições sobre a simples formulação da lei do kamma que era familiar a todos os budistas tailandeses: “Faça o bem, tenha bons resultados. Faça o mal, tenha maus resultados”. Enquanto a brevidade dessa versão da fórmula tornava fácil a memorização, ela também abria espaço para que visões incorretas se acumulassem. Uma causa comum de dúvidas entre os budistas leigos era que o ensinamento parecia contradizer a experiência cotidiana. Tantas pessoas que haviam feito tantas coisas boas nunca tinham visto nada de bom vir disso — diziam, enquanto pessoas que haviam feito maldades pareciam prosperar onde quer que você olhasse. Luang Pó nunca se cansava de explicar como os bons resultados de boas ações não são para serem entendidos como as noções mundanas de boa fortuna. Se alguém estivesse desapontado que um ato de generosidade não havia gerado nenhum bom resultado, então o ato em si devia ter sido realizado com o desejo por alguma recompensa.

Se você abre mão de algo com um desejo de receber algo em troca, então isso não é verdadeira doação.

Luang Pó explicava que pessoas que duvidavam que boas ações levavam a bons resultados simplesmente não entendiam o que o Buddha queria dizer com “bons resultados”. Em uma ocasião, Luang Pó disse:

Em minha vida, eu nunca tive um mau resultado de uma boa ação. No momento em que eu fiz algo bom, eu sempre tive um bom resultado imediatamente, bem ali.

Em outras palavras, as qualidades saudáveis da mente presentes em uma boa ação eram fortalecidas pelo ato, e aquele fortalecimento era a recompensa imediata.

Eu lhes darei um exemplo. Suponham que vocês tenham um amigo que é pobre e vocês o levam para casa, cuidam dele, dão-lhe dinheiro, educação, até que finalmente ele se torna capaz de conseguir um emprego, manter-se e, com o passar do tempo, obtém sucesso em sua carreira. Algum tempo depois, vocês passam por tempos ruins e empobrecem. Aquele sujeito não vem visitá-los e não faz nenhuma tentativa de ajudar e retribuir a sua bondade para com ele. Vocês ficam com raiva disso e pensam: “Eu realizei uma boa ação, mas não recebi nenhum bom resultado disso. Como é que o Buddha pode ter ensinado que boas ações levam a bons resultados?”

Essa seria uma forma tola de olhar para o que está acontecendo. Ao ajudar o outro homem, a sua mente estava boa, justa e nobre, e o crescimento nessas qualidades é a sua recompensa. O fato de que ele não retribui a sua bondade é assunto dele. Não tem nada a ver com vocês, é a ação incorreta dele. Vocês seriam tolos de tomar as ações ruins das outras pessoas em seus corações. Nenhum bem pode vir disso.

Ele deu outro exemplo sobre como resultados mais óbvios de boas ações podem ser desapontadores:

Digamos que uma pessoa vá trabalhar com um certo grupo — talvez ela seja uma gerente ou diretora de uma instituição, uma chefe ou o que quer que seja — e ela faz um monte de coisas boas. Ela faz o melhor que pode, mas, no sentido convencional, não recebe muita coisa boa em troca: as pessoas fazem fofocas sobre ela pelas suas costas, criticam-na, arrumam problemas para ela. Conforme o tempo passa, ela parece não receber bons resultados de seu trabalho, apenas críticas. Ela se sente desencorajada e não quer seguir em frente. Ela pensa que o Buddha ensinou que boas ações geram bons resultados, mas que isso não funciona dessa forma. Talvez ela critique o Buddha por mentir. Ou ela pense que o Buddha não entendeu direito. Na verdade, é ela própria que está errada. Ela não refletiu sobre todos os fatores condicionantes envolvidos.

Boas ações apenas vão dar bons resultados imediatamente na ausência de forças opositoras. Uma boa semente plantada em um solo pobre ou em tempo de seca, por exemplo, dificilmente vai gerar uma boa planta.

O Buddha ensinou que boas ações levam a bons resultados e qualquer um que cometa más ações vai ter maus resultados. Quando você está determinado a fazer o bem e vai trabalhar como parte de um grupo de pessoas indisciplinadas e imorais, a bondade vai ser incapaz de se manifestar. Por que é que, não importa quão boas ações tenhamos realizado, os resultados não aparecem naquele lugar? Porque o tempo não permite, o local não permite, as pessoas não permitem. Esse é um exemplo da forma como os bons resultados não aparecem. A bondade somente vai surgir quando naquele momento a ação é boa, o local é bom, o tempo é apropriado e a pessoa e o grupo preenchem as condições ...

Que boas ações geram bons resultados e más ações geram maus resultados é uma lei imutável. Se não vemos isso, é por causa de nosso pensamento incorreto.

OPONDO-SE À VISÃO INCORRETA

Ao mesmo tempo que explicava a natureza da visão correta, Luang Pó apontava para as falácias que via em crenças e práticas que estavam em conflito com ela. Nos primeiros anos, logo depois que estabeleceu Wat Pah Pong, as crenças animistas ainda eram fortes na região que rodeava o mosteiro e Luang Pó estava determinado em suas tentativas de mostrar como tais crenças eram infundadas e não traziam nenhuma paz verdadeira.

O animismo sempre andou lado a lado com o budismo na Tailândia. Como no mundo humano, tailandeses sem poderes sempre tentaram estar alinhados com patronos poderosos em sua relação com o mundo espiritual, assim vários buscavam proteção e ganhos das forças invisíveis que acreditavam existir por toda parte. Fazer oferendas para espíritos poderosos para aplacá-los ou com a esperança de que eles se alistariam para dar suporte ao alcance de certos objetivos não era visto como uma prática religiosa, mas como uma estratégia de bom senso em um mundo tanto de forças materiais quanto de forças invisíveis. Para Luang Pó, contudo, tais devoções eram superstições que minavam o verdadeiro refúgio na joia tríplice. Ao mesmo tempo em que seu prestígio e os ensinamentos que ministrava cresciam em influência, também crescia a crença em sua potência espiritual. Como resultado, as influências animistas na região em torno de Wat Pah Pong declinaram. Pó Nudéng era um morador local que se tornou um dos mais dedicados apoiadores leigos de Luang Pó, depois de abandonar suas antigas crenças:

"Luang Pó nos ensinava a não olharmos para os espíritos como nosso refúgio, para não sermos crédulos e supersticiosos e a não acreditarmos que havia tempos auspiciosos e não auspiciosos para fazer as coisas. Ele dizia que, em qualquer dia que você tivesse a oportunidade de fazer o bem, se fosse conveniente, prazeroso, e não houvesse obstruções — então aquele era um bom dia. Todos de minha família ficavam inspirados com os ensinamentos de Luang Pó. Quando tentávamos fazer o que ele dizia, nós tínhamos os resultados. Aquilo me deu confiança e fé em seu raciocínio e me inspirou a praticar de acordo com seus ensinamentos."

A família de Pó Nudéng sempre se proclamou budista. Eles iam regularmente fazer méritos nos mosteiros locais, mas tinham apenas uma compreensão muito superficial dos ensinamentos budistas.

"Tudo começou com minha esposa. Ela era uma médium. Meus avós sempre veneraram um tipo de espírito chamado *pi tai* que eles acreditavam ser um refúgio que podia protegê-los de quaisquer perigos ou má sorte. Suas crenças foram passadas adiante para a minha geração. É uma história deprimente. Era como se fôssemos tolos que haviam se voluntariado para ser escravos de alguém. E não era fácil de abrir mão, era um verdadeiro problema."

Pó Nudéng, com o intuito final de se livrar da escravidão para com esse espírito, foi prestar reverência a Luang Pó.

"Eu lhe perguntei o que poderíamos fazer para que o *pi tai* deixasse a minha família em paz. Nós ficamos sentados em sua cabana conversando sobre isso até as duas horas da manhã. Seu conselho foi que minha esposa e eu devíamos manter os cinco preceitos de maneira estrita por três meses, recitar os cânticos das qualidades do Buddha, do Dhamma e da Sangha diariamente e praticar a meditação de mettā. Nós devíamos espalhar pensamentos de bondade para todos os seres sencientes que estivessem angustiados — aqueles morando em casas, morando em árvores, montanhas, em todos os lugares. Nós devíamos irradiar bondade para todos os nossos companheiros no sofrimento do nascimento, envelhecimento, adoecimento e morte, desejando que eles não tivessem nenhuma inimizade uns com os outros.

"Naquela época eu era muito pobre e minha casa era apenas uma pequena cabana. Eu queria convidar Luang Pó e alguns de seus monges para terem uma refeição lá, mas tinha medo de que pudesse ser inconveniente para eles. Ele disse, 'É grande o suficiente para que cinco monges se sentem?' Eu disse que sim e ele disse: 'Então nós podemos ir! Se você não tiver dinheiro para comprar comida para acompanhar o arroz, não se preocupe, apenas ferva algumas folhas de canela e faça um molho. Isso já estará bom.' "

Alguns dias depois, Luang Pó levou um grupo de monges para a casa de Pó Nudéng. Antes do oferecimento da comida, eles recitaram cânticos de bênçãos, e depois Luang Pó deu uma palestra para a família e amigos que ali estavam, na qual explicou mais acerca do conselho que deu a Pó Nudéng.

"Por causa do respeito que eu sentia por Luang Pó, fiz tudo o que ele sugeriu. Minha mulher e eu fomos capazes de manter os cinco preceitos de forma pura por todos os três meses. Na verdade, eu os mantenho até hoje. Eu tinha trinta e seis anos na época e agora tenho quase setenta.

"Desde o dia em que Luang Pó veio à nossa casa, nenhum espírito jamais apareceu de novo. Houve muitos lares no vilarejo que perderam a fé no poder dos espíritos e quiseram se livrar deles e de suas devoções. Quando as novidades se espalharam sobre o nosso sucesso, muitas pessoas que nunca haviam se interessado antes pelo mosteiro começaram a ir prestar reverências a Luang Pó e logo houve mais convites para que ele fosse tomar refeições no vilarejo. Depois que ele terminava sua refeição, ensinava-lhes a tomar o Buddha, o Dhamma e a Sangha como refúgio, e então havia uma cerimônia de *chak bangsukun*¹⁴⁷. Quando Luang Pó saía da casa, ele fazia com que o anfitrião retirasse a 'casa de espíritos' do quintal e a queimasse na beira da estrada, assim que eles saíssem do vilarejo. Então aquilo era o final dos problemas. Nós vivemos pacificamente desde então e nenhum espírito veio nos atormentar."

Uma das crenças mais bizarras que ainda era encontrada no nordeste tailandês durante a vida de Luang Pó era de que cupinzeiros eram sagrados e capazes de conceder todos os tipos de desejos por saúde, riqueza e proteção. Sobre esse tópico, Luang Pó não hesitava:

Quando seus netos crescem vocês os levam para se prostrar para um cupinzeiro na floresta. Parece algo estranho, vocês pensam, então deve ter algum poder sagrado. Vocês se prostram para ele e começam a balbuciar seus pedidos. O que vocês estão realmente fazendo é pedindo para uma pilha de cocô de cupim fazer com que vocês fiquem ricos.

Às vezes um cupinzeiro pode se formar debaixo da casa de alguém e a pessoa fica radiante. Elas correm para pegar um manto de monge e envolver o cupinzeiro; elas pegam algumas flores para oferecer para ele. Enquanto isso os cupins vão fazendo a casa deles cada vez maior. No final, os donos da casa não têm nem onde viver por causa de toda a parafernália sagrada. Eles não sabem onde morar dentro de sua própria casa e então o que eles fazem? Eles rezam para o cupinzeiro, pedindo conselhos. É o poço mais profundo de delusão.

ASTROLOGIA

Poucos tailandeses veem qualquer conflito entre a crença em astrologia e sua identidade como budistas. Assim como com as práticas animistas, as duas coisas são geralmente vistas ocupando

¹⁴⁷ Um ritual curto no qual os leigos, cobertos por um pano branco, simbolicamente morrem para seus maus hábitos ou má sorte e fazem um novo começo. Era um dos rituais que Luang Pó concordava em conduzir depois de dar uma palestra explicando as causas e condições de realizar um novo começo na vida.

diferentes esferas de influência. A suposição subjacente é que se a vida é uma aventura cheia de perigos, faz sentido usar todos os meios disponíveis com o intuito de maximizar as chances de sobreviver e ser bem-sucedido. Se a astrologia fornece acesso a informações “internas” que podem ser úteis, alguém seria tolo de as ignorar. A suposição de que astrologia e o Dhamma são compatíveis foi fortalecida por vários monges respeitáveis em mosteiros urbanos que, através dos séculos (e à despeito da proibição determinada pelo Vinaya), estudavam astrologia e ofereciam conselhos baseados em mapas astrais aos apoiadores leigos.

Uma das ocasiões mais comuns nas quais um astrólogo é consultado é para assegurar qual é a data mais auspiciosa para realizar um evento importante, como um acordo de negócios, um casamento, uma ordenação. Esse tipo de costume pode parecer relativamente benigno, até charmoso. Contudo, para professores budistas como Luang Pó, era importante apontar como uma crença na influência das constelações é algo que está em conflito com os princípios mais básicos do Dhamma.

Luang Pó dizia que consultar um astrólogo presume uma rejeição do ensinamento do Buddha de que o auspício de uma ação é determinado, não pelo alinhamento dos planetas, mas pelas qualidades virtuosas que aquele que está agindo traz para ela. Em outras palavras, uma crença em astrologia como um guia para a ação no mundo é uma negação da lei do kamma e, por consequência, algo que sabota a visão correta. Luang Pó comentava que a fascinação com a astrologia estava associada com o medo das mudanças:

Eles têm medo: medo de que uma coisa ou outra aconteça com eles — medo disso, medo daquilo — pois lhes falta fé firme nas virtudes do Buddha, do Dhamma e da Sangha.

Ele insistia que nossa vida é resultado de nossas ações. Ele citava as palavras do Buddha: “Nós somos nascidos de nosso kamma. Nossa vida depende de nosso kamma. Ele é o nosso refúgio”. Ele dizia que pessoas crédulas e amedrontadas preocupadas com o futuro iam se consultar com um astrólogo e ele lhes dizia: “Esse ano você deve ter cuidado. Se você for sair em uma viagem, esteja atento com um acidente”. Na verdade, Luang Pó dizia, qualquer dia que você saia de viagem, a causa mais provável de um acidente é o seu próprio comportamento:

Funcionários públicos que são transferidos de Ubon de volta para Bangkok ou para outra província vêm me ver e perguntar: “Luang Pó, qual seria um bom dia para partir?” Eu lhes digo que se eles partirem de uma forma boa, todo dia é um bom dia. Geralmente quando funcionários públicos assumem novos postos, eles fazem uma festa de despedida e todo mundo fica bêbado. Essa não é uma boa forma de partir; se eles não são cuidadosos, vão cair com o carro em uma vala.

Estabelecer confiança firme no Buddha, no Dhamma e na Sangha, ele dizia, dava claras linhas para a conduta:

Não se deixe levar sobre o que você ouviu dizer que é auspicioso — fazer isso já é não auspicioso por si mesmo. As pessoas falam entre elas, reforçando esse tipo de coisa umas para as outras e, antes que percebam, decidem que a água de um certo lago é abençoada e começam a tomá-la. Não é bom se deixar levar por essas coisas. O Buddha nos ensinou a desenvolver uma sábia reserva. Quando as pessoas começam a se entusiasmar sobre coisas serem sagradas e auspiciosas, apenas ouça com uma mente aberta.

Em outra ocasião, dando conselhos para um jovem casal sobre a data do casamento, ele disse:

As pessoas consultam um astrólogo. Elas se casam em um dia auspicioso, os monges recitam as bênçãos em uma hora auspiciosa e por aí vai. Mas depois de uma semana, elas já podem

estar em meio a discussões e brigas sem se interessar se aquele é um bom dia para isso ou não. Quando as pessoas começam a discutir, então as previsões astrológicas ou o dia da semana não as impede. As auspiciosas cordinhas de algodão que eles ataram em seus pulsos no casamento não ajudam; nada pode segurar suas emoções.

É apenas tentando criar bondade, aprendendo a conhecer o que é bondade, que nos tornamos bons. Em que dia vocês devem se casar? Em que dia vocês devem se mudar para a casa nova? Bem, está tudo preparado? É um momento apropriado? Vocês têm dinheiro suficiente? Se as condições externas estão preenchidas, então é uma boa hora. Mas se o ano é bom ou não, o mês é bom, o dia é bom, a hora do dia é boa, são só as boas ações que tornam as pessoas boas.

NÚMEROS DE LOTERIA

A Tailândia compartilha o amor espalhado pelo mundo todo pelas loterias. No interior do país, os moradores preferem jogar um tipo clandestino de loteria no qual as apostas são feitas com “bicheiros” locais com os dois ou três últimos números da loteria nacional. Acredita-se amplamente que monges que tenham desenvolvido estados profundos de calma meditativa são capazes de prever esses números. Isso não é, de forma alguma, uma ideia tão estranha quanto parece. Na verdade, certos monges já demonstraram uma habilidade de realizar uma sequência, estranhamente contínua, de previsões corretas. A desafortunada repercussão disso pode ser vista em pessoas, cuja principal razão de ir ao mosteiro é a esperança de conseguir os números da próxima loteria, em vez do cultivo da generosidade, dos preceitos e da meditação.

Como o Vinaya proíbe os monges de promover qualquer tipo de jogatina, monásticos que queiram passar números de loteria dão amplas dicas ou as inserem sorrateiramente nas palestras de Dhamma. Algumas pessoas ouvem os discursos peneirando números e, dado que os ensinamentos do Buddha são geralmente expostos como listas, elas raramente se desapontam. Muitos leigos budistas que não ouvem palestras do Dhamma especificamente por causa dos números, consideram sorte tirar seus números, duas vezes ao mês, da boca de seu professor. O que poderia ser sorte maior? O professor anuncia que estará fora do mosteiro do dia três ao dia sete do mês e uma certa proporção de sua plateia não pode evitar de fazer uma anotação mental: 37.

Através dos anos, várias pessoas tiveram grandes ganhos nas loterias que atribuíam à gentileza de Luang Pó, a despeito da insistência dele de que jamais promoveria o jogo dessa maneira. Falácias que tenham lógica podem contribuir com essa crença. Um silogismo é sustentado de que monges compartilham números de loteria, pois eles sentem compaixão pela pobreza de seus discípulos que não têm outra forma de ganhar dinheiro. Luang Pó era grandemente compassivo. Portanto, Luang Pó devia ter a intenção de revelar os números que apareciam para ele durante sua meditação.

A preocupação de Luang Pó era com o mau kamma criado pelas pessoas que iam ao mosteiro em busca de ganho material. Nos primeiros anos, quando as pessoas iam perguntar por números de loteria, Luang Pó fazia uma cara feia para elas. Intimidada, a pessoa apenas ia embora envergonhada. Mas para aqueles que eram mais próximos, Luang Pó dizia:

Eu não posso lhe dizer. Mesmo que soubesse, eu não poderia lhe dizer. Jogar é o “caminho da ruína”. Depois você se lamentaria.

A forma comedida ou polida de perguntar pelos números de loteria para um monge é perguntar por “alguma coisa boa”. Um homem particularmente insistente não aceitava um não como resposta. Finalmente Luang Pó sorriu e disse:

Alguma coisa boa? Você está bem. Você não tem sarna, você não tem lombriga, você não tem lepra. Você já está muito bem.

Em outra oportunidade, uma pessoa foi fazer oferendas para Luang Pó com a esperança de que ele lhe daria o número da loteria como retribuição. Ele fez um *pavāraṇā* formal solicitando permissão para fornecer qualquer coisa que Luang Pó precisasse. Ele também traria alimentos regularmente e bons requisitos para os monges. Luang Pó escutou em silêncio. Depois que o homem foi embora, Luang Pó disse aos monges:

Estejam atentos com aquele homem. Não se deixem levar por suas grandes panelas de comida.

Passados alguns dias, depois da última rodada da loteria, o homem retornou parecendo triste e ressentido. Ele disse que investiu muito dinheiro no mosteiro e nem sequer havia ganhado nada. Quando Luang Pó lhe daria os números? Luang Pó respondeu de forma rude:

O que você pensa que eu sou? Seu serviçal? Se você tem algum respeito por mim, por que está falando comigo desse jeito? Se essa é a razão pela qual você vem ao mosteiro, então vem pelo motivo errado.

O homem desapareceu por três ou quatro dias. Ele retornou com uma bandeja com flores, velas e incenso para pedir perdão.

O dia dezesseis de janeiro de 1993 foi o dia da cremação de Luang Pó. Também era dia de loteria. Na semana anterior havia acontecido um número sem precedentes de apostas no número 16 pelas cidades e vilarejos de Ubon e cercanias. E foi com um estranho senso de inevitabilidade que, quando o anúncio da rodada da loteria nacional foi feito pelo rádio, os dois últimos números foram exatamente 1 e 6. Isso ficou conhecido como o presente de despedida de Luang Pó para as pessoas de Isan.

ÁGUA ABENÇOADA

Água abençoada é geralmente entendida como a água sobre a qual um monge recitou cânticos e investiu energia psíquica. É amplamente acreditado que a água abençoada que tenha sido preparada por um monge iluminado possua potência milagrosa. Muitas pessoas iam a Wat Pah Pong com a esperança de que Luang Pó aspergisse água abençoada sobre suas cabeças, antes que elas partissem. Por muito tempo, Luang Pó resistiu a essas solicitações, mas anos mais tarde ele ficou mais tolerante. Embora insistisse que estava usando água comum, seus convidados imploravam para que, de qualquer forma, ele a aspergisse sobre eles. A conexão tangível proporcionada por esse ritual provava ser tão apreciada e comovente para seus destinatários que Luang Pó frequentemente não tinha coragem de recusar.

Um dia, antes de partir, um convidado rastejou na direção de Luang Pó e, prostrado aos seus pés, pediu para ser benzido com água abençoada. Depois de um instante, Luang Pó disse: “Eu não fervi nenhuma água hoje”. O homem olhou para cima com uma expressão confusa em seu rosto.

As pessoas vêm e pedem para que eu as benza com água abençoada e eu venho pensando que pode ser uma boa ideia fazer isso com água fervendo. As impurezas das pessoas são tão

insensíveis que pode ser uma boa ideia provocar-lhes umas bolhas, fazer com que o ensinamento doa. Eu falo para as pessoas meditarem e elas não o fazem. Tudo o que querem é água abençoada para aliviar algum problema, relaxar alguma tensão. E aí eu as benzo por mera formalidade. Mas se elas vierem de novo, vou fazer isso com água fervendo. As pessoas são tão infantis. O que a água abençoada pode fazer por você? Se as pessoas ganham o que querem, elas riem; se não ganham, choram. Todos são do mesmo jeito. É por isso que existem tantos tolos no mundo. Pessoas inteligentes vêm aqui para buscar uma saída para o sofrimento, para buscar um caminho de prática que dê surgimento à verdadeira sabedoria, com o intuito de conhecer o Dhamma, para realizar o Dhamma em seus corações. Elas têm mentes pacíficas e ensinam a si mesmas o tempo todo. Elas têm um profundo senso de bem-estar. Elas não têm que rir e elas não tem que chorar.

Às vezes, as pessoas que iam visitar Luang Pó tinham se tornado tão intoxicadas por seus estudos do Dhamma que, em vez de receberem ensinamentos dele, não podiam evitar de querer mostrar seu próprio conhecimento. Em casos extremos, onde as palavras tinham pouco efeito, Luang Pó apenas ficava sentado, paciente e imóvel. Se o loquaz leigo (era sempre um homem) era uma pessoa com alguma posição especial na sociedade (quase sempre era), Luang Pó poderia dizer algumas palavras antes que ele partisse, que não o deixariam envergonhado em público, mas que lhe dariam alimento para a reflexão.

Foi esse o caso quando um oficial de alta patente do exército, acompanhado por sua comitiva, foi visitar Luang Pó. Assim que a oportunidade se apresentou, o homem começou a explicar o Dhamma de forma ampla, citando de memória passagens dos discursos do Buddha. Umas duas horas se passaram com Luang Pó mal falando uma palavra. Finalmente o oficial do exército disse:

Oficial do Exército: Luang Pó, gostaríamos de partir agora. Por favor, nos benza com água abençoada antes que saíamos.

Luang Pó: Eu já o fiz.

Oficial do Exército: Quando foi isso? Eu teria percebido se o senhor tivesse feito.

Luang Pó: Eu os benzi pelas últimas duas horas. Você não sentiu nada?

O oficial do exército tinha lido e se lembrava de vários livros, mas seu olhar confuso revelou que ele não tinha nenhuma compreensão da natureza das bênçãos.

Uma das várias histórias sobre água abençoada tem a ver com o professor de Luang Pó, Luang Pu Kinari, que ao final de sua vida tinha dificuldade em coordenar os seus membros. Colocadas à sua frente, enquanto ele falava com seus convidados, ficavam uma tigela com água abençoada e uma cuspideira, geralmente contendo cuspe de noz de betel. Um dia, alguns leigos pediram por água abençoada e ele equivocadamente molhou a varinha na cuspideira e aspergiu o cuspe avermelhado nas pessoas. Quando elas gritaram que estava errado, ele simplesmente disse:

"Cuspe de noz de betel. Água abençoada. Mesma coisa."

AMULETOS

Amuletos com imagens gravadas do Buddha ou de monges venerados são, há muito tempo, considerados um tesouro por budistas leigos tailandeses. Eles são usados como crucifixos pendurados no pescoço. É amplamente acreditado que eles podem ser empoderados por monges com poderes paranormais e que proporcionem proteção contra coisas ruins. Existem várias histórias

de pessoas que se tornaram imunes a tiros e facadas usando tais amuletos. De forma não surpreendente, eles sempre foram muito requisitados por soldados e criminosos.

Amuletos podem ser autorizados por grupos de discípulos de um professor, ou mesmo por mosteiros, com o intuito de angariar fundos. Com o passar do tempo surgiu um mercado. Amuletos recém-cunhados são publicados em anúncios de página inteira nos jornais diários. As pessoas colecionam, compram e vendem amuletos em grande escala. Amuletos raros mudam de mãos por alguns milhares de dólares. Amuletos tornaram-se um grande negócio fornecendo grandes recompensas, e a participação de monges nesse tipo de negócio tem sido uma causa de corrupção da ordem monástica.

Luang Pó não era contra os amuletos em si mesmos, particularmente se eles tivessem imagens do Buddha gravadas neles, em vez de imagens de monges. Ele também nunca negou que fosse possível que amuletos tivessem poder. Ele, contudo, opunha-se a que amuletos fossem tomados como um refúgio mais alto e mais eficaz do que a joia tríplice. No caso de pessoas que adquiriam amuletos acreditando que estariam livres de perigos, elas frequentemente ficavam desatentas, convencidas de que mesmo que agissem de forma má, o amuleto as protegeria das consequências. Ele viu um número crescente de pessoas prestando mais atenção aos próprios símbolos religiosos do que às coisas que eles supostamente simbolizavam. Vários monges seniores agora dão amuletos com a sua própria imagem gravada neles para seus visitantes. Mas, quando convidados em Wat Pah Pong perguntavam para Luang Pó se ele tinha algum amuleto para eles, com a já conhecida frase polida: “Luang Pó, você tem alguma coisa boa?” Ele respondia:

Eu não tenho nenhuma “coisa boa”. Ou, se tenho, é algo melhor do que todas as coisas — e isso é o Dhamma. Aqueles que praticam o Dhamma podem proteger a si mesmos.

Mais e mais pessoas iam para Wat Pah Pong com solicitações para produzir medalhões de Luang Pó Chah. Uma vez confeccionados, eles diziam, eles os ofereceriam a Luang Pó para que ele distribuísse como melhor lhe parecesse. Eles diziam que vários dos outros grandes discípulos de Luang Pu Man já haviam concordado e que seus discípulos ficariam muito gratos por aquilo. Mas aquilo não interessava a Luang Pó.

Ele mantinha sua posição sobre medalhões com tato e diplomacia. Em uma ocasião, um grupo de leigos poderosos, liderados por um político influente de Bangkok, foi visitar Luang Pó. Eles disseram que pessoas por todo o país tinham muito respeito por Luang Pó; seria enormemente auspicioso que Luang Pó lhes permitisse produzir medalhões com sua imagem; tantas pessoas gostariam de ter uma pequena recordação dele para a qual pudessem prestar reverências. Parecia que o grupo estava agindo com intenções puras e, dado o status social dos membros, um grupo de monges pensou que, dessa vez, Luang Pó finalmente cederia. Em vez disso, ele informou aos seus convidados que aquilo somente seria possível com a permissão da Sangha.

No encontro seguinte da Sangha, Luang Pó levantou a questão dos medalhões e detalhou todas as consequências desagradáveis de concordar com aquela solicitação. Então perguntou se algum membro da Sangha podia pensar em quaisquer pontos bons ou ruins daquela proposta. Ninguém pôde. Finalmente foi tomada a decisão unânime de recusar a permissão. Luang Pó informou ao grupo de leigos que a Sangha não tinha permitido que os medalhões fossem feitos.

No final das contas, um grupo de apoiadores leigos fez uma remessa de medalhões de Luang Pó Chah sem pedir permissão antecipada e chegou ao mosteiro com sua orgulhosa oferenda. Em face a um “fato consumado”, Luang Pó aceitou os medalhões e os distribuiu entre os seus discípulos mais próximos, mas depois daquilo deixou claro que proibia, em absoluto, quaisquer outras produções no

futuro. Aquilo ia contra tudo o que estava tentando ensinar aos leigos: ele não queria que eles ficassem apegados àquele tipo de coisa. Ele também estava ciente de que, depois de algum tempo, aqueles medalhões se tornariam mercadorias sujeitas à compra e venda, ou barganhas, ou mesmo roubo. Ao invés de aplacar o estresse e a turbulência nas mentes das pessoas, medalhões tinham a capacidade de causar justamente o efeito contrário. Em uma ocasião posterior, ele fez com que a maioria dos medalhões produzidos sem sua permissão fossem enterrados embaixo do salão de Uposatha.

CERIMÔNIAS

Na época do Buddha, a crença no poder de purificação dos rituais era um princípio central da tradição bramânica que o próprio Buddha amplamente rejeitava. Ele sustentava que a verdadeira purificação apenas acontecia através de um treinamento sistemático do corpo, da fala e da mente. Contudo, isso não queria dizer que rituais deviam ser completamente evitados; seus benefícios psicológicos eram reconhecidos e direcionados para o desenvolvimento da prática do Dhamma. Luang Pó Chah era adepto de se utilizar rituais em circunstâncias apropriadas, mas era resoluto em sua oposição à crença de que havia alguma santidade inerente, independente do estado mental dos participantes.

Luang Pó era diplomático e acomodava costumes não budistas (geralmente bramânicos) que não colidissem com valores budistas. Em ocasiões especiais, talvez quando apoiadores leigos mais próximos estivessem celebrando a mudança para uma casa nova ou um casamento, ele aceitava convites para tomar sua refeição diária em suas casas. Lá, ele não fazia objeções ao cordão branco “*saisin*”, atado a uma imagem do Buddha em uma ponta, sendo passado ao longo da fila de monges e sendo segurado por eles enquanto recitavam cânticos de bênçãos. Durante a recitação, ele mesmo realizava o ritual de criar “água abençoada” ao deixar pingar a cera de uma vela acesa dentro de um recipiente com água. Antes de ele sair da casa, para deleite de todos, aspergia essa água sobre toda a família e amigos reunidos. Ele reconhecia o desejo deles por manterem costumes que definiam a sua própria cultura, também reconhecia como cerimônias e rituais davam um senso de ocasião e provocavam um impacto emocional que fazia de um evento, um marco memorável e adequado de uma grande mudança na vida. Mas Luang Pó nunca deu a essas coisas um destaque central. O maior foco de sua visita a um lar era sempre a palestra do Dhamma que ele dava após a refeição.

Tatuar o corpo com símbolos místicos como uma proteção contra infortúnios era um costume no qual Luang Pó não via nenhuma vantagem. Ele considerava que a crença de que a pele pintada, em vez de uma mente sensata, protegeria alguém do sofrimento era o exemplo claro de uma superstição equivocada — uma que ele, quando adolescente, compartilhava. A dor e o custo de se tatuar por proteção (tatuagens, por razões estéticas, eram algo incomum em sua época) eram algo que ele considerava bastante sem sentido:

Nos tempos antigos, quando os homens chegavam aos seus dezenove ou vinte anos, era um costume que eles tatuassem as pernas. Eles estavam dispostos a fazer aquilo, não importava o quanto doesse. Começava de manhã e era um constante “tuup, tuup, tuup, tuup” o dia inteiro. O sangue deles ficava escorrendo e eles tinham que espantar as moscas. Mas eles aguentavam mesmo que estivessem em agonia — pois eles acreditavam.

E aquilo, ele dizia, era precisamente o perigo da crença: a vontade de suportar e perseverar em algo absurdo.

As críticas de Luang Pó às tradições locais não eram baseadas na visão de que ter bons momentos era algo pecaminoso em si mesmo, apenas que aquilo deveria ser reconhecido pelo que era, e não dignificado através de uma autoridade religiosa espúria. Ele dizia que era uma farsa chamar as cerimônias anuais de lançar foguetes, com toda a bebedeira e acidentes frequentes que elas acarretavam, de um “evento de acúmulo de méritos”. “Ninguém se torna uma boa pessoa por tocar um tambor”, ele disse uma vez de forma irônica. Seus ensinamentos sobre esse tópico podiam ser resumidos em: “Você não pode fazer de uma coisa algo virtuoso apenas por chamá-la assim”. Esse era o centro de suas críticas: quando as ditas “cerimônias de acumular méritos” incluíam bagunça e bebedeira, então a compreensão do mérito (e por conseguinte, da visão correta) na comunidade estava sabotada. Ele simpatizava com os camponeses que trabalhavam pesado e que queriam se descontraír de vez em quando, mas, como um monge, era seu dever esclarecer e proteger os valores budistas.

Luang Pó constantemente desafiava as pessoas a darem um passo atrás em suas lutas diárias com o intuito de ganhar uma visão mais ampla de suas vidas: ele dizia que se você não fizesse aquilo, você poderia envelhecer sem se dar conta do que era ser um ser humano. Ele uma vez comentou sobre uma conversa com um grupo de pessoas idosas e sobre ter lhes perguntado acerca deles mesmos:

Vocês passaram as suas vidas lutando por dinheiro e posses e agora estão velhos e perto da morte. Então, o que vocês acham que realmente vale a pena conseguir nesse mundo? Onde se pode encontrar isso?

Ele disse que perguntou isso a vários membros do grupo e percebeu que eles ficaram desconcertados pela pergunta. A resposta que recebeu com mais frequência foi: “Eu realmente não sei”. Ele deu essa resposta a eles:

O que você realmente ganha dessa vida é a bondade ou a maldade que você leva consigo para a próxima. Nossas mentes se firmam nas coisas que elas dão significado e valor: o que é saudável, o que não é saudável, o que é meritório e o que é demeritório. Essas são as coisas — o mérito e o demérito, a bondade e a maldade — que o Buddha disse que levamos conosco. Tudo o que você criou nesse mundo pertence ao mundo. Embora você tenha cortado uma árvore na floresta para construir uma casa, todas as partes daquela casa são propriedade do mundo, você não pode levá-la consigo. Algumas pessoas não estão verdadeiramente cientes do que realmente pertence a elas e o que não. O que pertence a elas é a bondade ou a maldade que geram as suas ações.

Ele continuou:

Paz, clareza e pureza — essas são as coisas que os seres humanos realmente necessitam, pois é o que eles vão levar consigo. Onde quer que a bondade surja, então a gratificação e a felicidades seguem. Onde quer que uma pessoa sábia vá, ela cria progresso duradouro. Mesmo que ela comece a plantar em terreno pobre, ela pode fazer daquilo algo bom e produtivo.

FÉ NA JOIA TRÍPLICE

Desde a época do Buddha, pessoas que têm fé em seus ensinamentos declaram o seu comprometimento com eles afirmando três vezes:

Buddham saraṇaṃ gacchāmi: Eu tomo refúgio no Buddha.

Dhammaṃ saraṇaṃ gacchāmi: Eu tomo refúgio no Dhamma.

Sanghaṃ saraṇaṃ gacchāmi: Eu tomo refúgio na Sangha.

De forma simples, tomar refúgio no Buddha significa ver o Buddha como o professor supremo do caminho para a paz, compaixão e sabedoria. Tomar refúgio no Dhamma significa ter os ensinamentos do Buddha como o supremo mapa desse caminho. Tomar refúgio na Sangha significa ter os discípulos iluminados do Buddha como os supremos líderes no caminho, exemplos de que o caminho pode ser seguido e capazes de explicar o caminho.

Existe também uma forma mais profunda de compreender esses três objetos de refúgio. Luang Pó explicava que o significado da joia tríplice tem uma dimensão transcendental; que os três objetos de refúgio se referem também a qualidades imateriais atemporais que devem ser percebidas na mente de cada pessoa. Nesse sentido, o Buddha refere-se ao “despertar interno”, o Dhamma, refere-se à “forma como as coisas são”, e a Sangha refere-se à “prática correta que leva ao despertar”.

Através de sua carreira como professor, Luang Pó buscava encorajar os budistas leigos a irem além da mera afiliação superficial com sua religião, expressa em suporte material para a ordem monástica e observâncias ritualísticas. A preocupação dele era que eles deveriam aprender sobre como usar os ensinamentos do Buddha para reduzir o sofrimento e aumentar a qualidade de suas vidas. Ele fez isso ao trazer os ensinamentos de uma forma “pé no chão”, expressando-os de forma vernacular e revelando-os como ferramentas para serem usadas na vida diária em vez de objetos de reverência. Essa estratégia é claramente revelada na forma como Luang Pó falava sobre os três refúgios. Ele enfatizava que o “Buddha” não apenas se referia ao fundador da religião que, há uns 2500 anos atrás, viveu na Índia. Como foi a realização do Dhamma que transformou Siddhattha Gotama no Buddha, a sua natureza búdica e o Dhamma eram uma única coisa.

Quando você vê o Dhamma, você vê o Buddha e todas as suas dúvidas se dissolvem. O Buddha é o Dhamma, o Dhamma é o Buddha. O Buddha histórico não levou a iluminação com ele. Ele a deixou bem aqui.

Portanto, como o Dhamma é atemporal, Luang Pó insistia que ele ainda está acessível para aqueles que seguem os ensinamentos do Buddha como sempre esteve:

O Buddha segue presente hoje. O Buddha é a verdade. A verdade está sempre presente. Não importa quem nasce e quem morre, a verdade continua sendo a mesma. Ela nunca desaparece do mundo. Ela está sempre aqui dessa exata maneira.

Buscando expressar essa ideia a um grupo de professores, ele fez uma analogia: existe um corpo de conhecimentos e habilidades que, quando alguém o domina, permite-lhe ganhar a vida como professor. Pessoas se tornam professores por um certo número de anos e então se aposentam. Mas o conhecimento e as habilidades que fazem delas “professores” persiste.

De forma similar, a verdade que faz com que seres humanos se tornem Buddhas ainda existe, ela não desapareceu. Dois Buddhas nasceram: um é físico e o outro, imaterial. Quanto ao verdadeiro Dhamma, o Buddha disse: “Ānanda, siga praticando: você irá prosperar no Dhamma-Vinaya. Qualquer um que veja o Dhamma me vê. Qualquer um que me vê, vê o Dhamma”. Como pode ser assim? Soa como se o Buddha e o Dhamma estivessem sendo misturados e feitos na mesma coisa. Na verdade, para começar, não havia nenhum Buddha. O Buddha só pôde ser chamado pelo nome de “Buddha” quando ele realizou o Dhamma. Antes disso, ele era o príncipe Siddhattha. É como todos vocês. Vocês agora são apenas moradores locais não iluminados, mas se vocês realizarem o verdadeiro Dhamma, então

você será exatamente como o Buddha. Não haverá nenhuma diferença. Então entendam esse ponto — todos vocês — exatamente agora: o Buddha segue presente.

Luang Pó achava pernicioso a crença, originada em círculos de estudiosos, que não é mais possível, na época e tempo presente, realizar o Dhamma; ele falava com amargor sobre o kamma criado por estudiosos que criticavam os que colocavam esforço na prática dos ensinamentos como se estivessem perdendo tempo. Ele considerava aqueles que tinham esse tipo de ponto de vista como tolos que concluem que, por não conseguirem enxergar nenhuma água embaixo de seus pés, nenhuma água podia haver embaixo da terra em que pisavam.

Para colocar de maneira simples, a prática é como cavar um poço. No tempo do Buddha, eles cavavam fundo na terra com o intuito de encontrar água. Quando eles encontravam raízes ou rochas, eles as removiam e eventualmente chegavam à água. Não havia necessidade de criá-la; tudo o que eles precisavam fazer era cavar o poço para acessá-la. Hoje em dia, você pode cavar um poço para encontrar água exatamente da mesma forma. Sempre que você cavar até o lençol freático, você encontrará a água.

MÉRITO

A tradução aceita em português para a importante palavra em páli *puñña* é “mérito” (tailandês: *bun*.) A justificativa para essa representação bastante intrigante é dada pelo grande estudioso contemporâneo, Bhikkhu Bodhi: “... o teor de nosso ser interior deve ser elevado a um ponto no qual ele seja capaz de receber uma nova revelação da verdade ... Nós apenas conseguimos compreender aquilo que estamos aptos a compreender e essa nossa aptidão é em grande parte uma função do nosso caráter. A compreensão existencial da verdade se torna uma questão de valor interno, de merecimento ou de mérito ... A capacidade de compreender verdades quanto à esfera espiritual é sempre proporcional ao estoque e à qualidade do mérito”.

“Fazer mérito” é a prática religiosa mais popular de leigos budistas tailandeses, e como tal, através dos séculos, foi a mais mal interpretada e sujeita às maiores distorções. Até hoje, nas comunidades budistas, o conhecimento de que “*puñña*” significa “aquilo que limpa a mente” (na maioria dos casos, equivalente a “bom kamma”) é muito menos amplamente divulgada do que se poderia esperar.

O Buddha ensinou que a limpeza da mente ocorre através de três atividades: atos de generosidade (limpar a mente do apego a possessões materiais), virtude moral (limpar a mente da intenção de ferir a si mesmo ou aos demais) e cultivo mental (limpar sistematicamente a mente das impurezas). Esse último era considerado, de longe, a fonte mais poderosa de purificação. Um único momento de profunda paz interior era dito como sendo mais criador de méritos do que uma oferenda de alimentos ao próprio Buddha.

Através dos séculos, a comunidade budista tailandesa leiga como um todo colocou uma ênfase primordial no primeiro tipo de atividade de fazer méritos: atos de generosidade. O significado de “fazer mérito” encolheu-se a oferendas de suporte material para a Sangha. O foco mudou da limpeza interna da mente para a atividade externa que se acreditava produzi-la. Uma vez que o “mérito” estava localizado na atividade em vez de na limpeza mental, todos os tipos de distorções podiam ocorrer. Atitudes inábeis como tomar álcool, matar uma vaca ou um porco para um banquete em uma cerimônia de “fazer méritos” infiltraram-se nas comunidades budistas. Monges inescrupulosos ensinaram que “mérito” era medido pela quantidade de dinheiro que se oferecia à Sangha (um fenômeno que infelizmente floresce até os dias atuais).

Através de sua carreira como professor, Luang Pó devotou-se a explicar o verdadeiro significado do “mérito” e a encorajar seus discípulos a se aplicarem em todos os tipos de mérito, particularmente na área mais negligenciada: o cultivo da mente.

Contudo, Luang Pó não menosprezava aqueles que não se sentiam prontos para se aplicarem à prática de meditação. Tem sido sempre o caso em sociedades budistas que a maioria dos leigos veja o caminho direto para a iluminação como muito íngreme e duro para que eles escalem. Eles consideravam o acúmulo gradual de méritos como uma opção mais realista e menos inquietante. Através da honestidade, da bondade, da generosidade e da virtude eles buscavam aumentar seus méritos de uma forma que combinava uma limpeza espiritual gradual com os frutos mundanos mais familiares de uma vida feliz em família e sucesso mundano, tanto neste mundo, quanto no próximo. Embora essa atitude fosse aceita pelo Buddha como uma escolha racional e legítima, em última análise, era um desperdício de oportunidades para o profundo progresso espiritual inerente ao precioso nascimento humano.

Luang Pó reconhecia que uma boa saúde, uma família estável e feliz, uma carreira de sucesso, uma certa medida de paz interior e a confiança em um bom renascimento à sua espera depois da morte seriam sempre os objetivos mais básicos da maioria das pessoas do mundo. Era o papel do mérito na promoção da realização desses objetivos que precisava ser esclarecido. Com um entendimento incorreto, mau kamma poderia ser criado com a crença de que méritos estariam sendo realizados, enquanto bom kamma poderia ser negligenciado com a crença de que era muito difícil criá-lo.

Luang Pó advertia que todos os atos de fazer mérito, começando pela generosidade, deveriam ser realizados com atenção. Doadores deveriam considerar se o presente que estavam dando era apropriado para um monge e se era permitido que ele o usasse. Se a doação fosse primordialmente motivada pelo desejo por elogios, por reputação ou recompensa material de alguma forma, grande parte da limpeza interna poderia ser anulada. O ato de generosidade seria um pouco mais do que uma mera transação. O impulso admirável da generosidade tinha que ser acompanhado pelo esforço de treinar a mente. Essa era a forma mais sábia de maximizar o mérito. Em uma ocasião, Luang Pó disse a um grande grupo de visitantes:

Hoje em dia todo mundo quer fazer mérito, mas dificilmente alguém quer abandonar os deméritos. Na verdade, essas duas coisas são inseparáveis.

Luang Pó dizia que um amor por fazer méritos que não estivesse acompanhado pela determinação de abandonar as ações danosas do corpo, da fala e da mente demonstrava uma falta de entendimento do que era realmente o mérito, do que dava suporte ao mérito e do que o sabotava. Ele frequentemente explicava esse ponto através do uso da palavra “*kusala*”, geralmente traduzida para o português como “saudável” ou “hábil” (e assumida pela maioria dos tailandeses budistas leigos como um sinônimo de “mérito”). Na verdade, Luang Pó explicava, kusala era um fator de sabedoria necessário para governar a execução das ações meritórias. Sem esse tipo de sabedoria, as pessoas podiam ficar exageradamente preocupadas com a antecipação das recompensas futuras de suas ações ou serem influenciadas pelo desejo por elogios ou por ter um bom nome perante a comunidade. Muitos simplesmente desfrutariam das boas sensações produzidas por suas boas ações e não veriam necessidade de penetrar mais profundamente nos ensinamentos do Buddha.

A sabedoria era necessária para evitar problemas. Sem conhecimento de como tomar conta de suas mentes, o bom kamma que eles criavam estaria vulnerável a corrupções.

Façam méritos com o intuito de reduzir gradualmente o sofrimento em suas mentes. Para fazer isso vocês precisam, ao mesmo tempo, desenvolver qualidades saudáveis em suas

mentes ... Mérito por si mesmo é apenas como carne ou peixe frescos. Se vocês os deixam sem cuidado por muito tempo, eles vão apodrecer. Se vocês querem mantê-los por um longo tempo, vocês devem salgá-los ou colocá-los no refrigerador. Conforme vocês criam méritos, sigam refletindo. Com isso, eu quero dizer: usem a inteligência e sabedoria para destruir as impurezas.

Para explicar a necessária função discriminativa da mente, Luang Pó criou uma analogia com matemática. O termo “fazer mérito” aponta para a ideia principal do mérito como sendo algo que você simplesmente cria ou acumula. Ele dizia que isso era simplista:

É como na matemática, onde você deve usar diferentes métodos: multiplicar, adicionar, subtrair e dividir com o intuito de chegar ao número correto.

O erro que as pessoas cometiam, dizia ele, era no zelo em adicionar e multiplicar: “Elas não subtraem e quase nunca dividem”. Na verdade, são a subtração e a divisão “que trazem leveza à mente”. O ponto de Luang Pó aqui era que quando o “mérito” fosse entendido como dependente de uma subtração interna das impurezas, então os fazedores de méritos experimentariam um senso de leveza sempre que abrissem mão do fardo da auto preocupação. Quando a motivação mudava para o ganho da recompensa celestial ou o aumento do status que a pessoa tinha perante a sociedade, essa vontade de auto engrandecimento adicionava-se ao peso que a pessoa tinha que carregar em vez de reduzi-lo. Luang Pó frequentemente voltava a esse tema de carregar um fardo e abrir mão de um fardo. Ele dizia que se você estivesse em uma viagem, e ficasse apenas carregando novas aquisições nas suas costas, você certamente teria um colapso. Você deve saber como abrir mão de algumas coisas.

Compartilhe coisas. Se você consegue um monte grande assim, então dê um pouco aos outros e ficará mais leve; se você mantiver tudo, será pesado.

Praticar a generosidade era um dos fatores mais importantes que amadurecia a mente e a deixava pronta para formas mais profundas de renúncia, como pode ser visto em várias vidas anteriores do Buddha.

Treinar a si mesmo a dar é como aprender a andar. Siga aumentando a quantidade. Comece com coisas materiais e, conforme a força da generosidade comece a se fortalecer, você será capaz de abrir mão [do apego aos] estados mentais, das coisas imateriais, dos assuntos do coração e da mente e, em última instância, a abrir mão da cobiça, da raiva e da delusão.

O ponto ao qual Luang Pó retornava continuamente era de que o mérito não podia ser medido pelas boas ações em si mesmas, mas pela mente que as realizava. A qualquer momento que a mente estivesse preenchida com visão correta, com qualidades virtuosas e a felicidade da presença delas, ele dizia, a mente *seria* mérito:

Se a mente é dotada de mérito, então em qualquer lugar onde você “faça méritos” ela estará sempre cheia de alegria. Não há necessidade de celebrar, não há necessidade de fazer com que ninguém saiba ou veja, nenhuma necessidade de nada desse gênero; existe apenas a energia da mente que acredita firmemente na bondade.

Uma atitude não saudável não se torna saudável simplesmente porque as pessoas acreditam que ela seja. Existe um princípio universal envolvido, independente da percepção humana. De forma similar, uma boa ação gera frutos mesmo quando ela não é reconhecida como “boa” pela comunidade da qual se participa.

Os discípulos nobres realizam boas ações. Onde quer que estejam, eles fazem a prática deles. Não importa quantas pessoas possam negar que o que eles estejam fazendo seja algo bom, a bondade está lá, não importa. Quando alguém faz algo mau, não importa quantas pessoas digam que aquilo é bom, ainda assim não será bom.

Fazer oferendas para um mosteiro era nutrir o budismo, mas budistas leigos não deviam considerar que o budismo está fora deles ou que é propriedade da Sangha. Com sabedoria, nutrir a sua própria vida e nutrir o budismo não seriam coisas diferentes, pois não há budismo fora das mentes dos praticantes budistas.

Quando pessoas tolas sofriam, elas também ficavam com raiva, deprimidas ou tentavam esquecer da sua dor com prazeres sensuais. Menos tolos eram aqueles que escolhiam “fazer mérito” como uma forma de revigorar a mente e trazer alguma bondade para suas vidas. Contudo, a menos que buscassem pelas causas de seu sofrimento e fizessem esforços para eliminá-las, fazer mérito era apenas um remédio superficial.

Mérito e o seu oposto, o demérito, não eram entidades mensuráveis. Eles não podiam ser encontrados em ações. Eles eram nomes dos estados mentais que cada pessoa devia identificar por si mesma.

Se você medita e investiga internamente até alcançar o próprio coração, você verá que a maldade se refere às coisas más em sua mente e o mérito se refere às coisas boas e nobres. Maldade é uma perturbação interna. Se você volta a atenção para dentro, você verá mérito e danos, perturbações e felicidade por si mesmo.

Para que nossa vida seja completa, nós precisamos de dois tipos de olhos. Os olhos físicos veem, mas de forma incompleta. Eles podem ver árvores, montanhas e por aí vai, mas eles não podem ver o certo e o errado. É como as luzes de um carro. Você acha que são os faróis que veem a estrada? O mesmo princípio se aplica. A ciência que tem conhecimento do valor das coisas está no coração. Nós temos que trazer as coisas para dentro para termos o olho interno.

Esse olho interno tinha que ser treinado e educado para contrariar a tendência que a mente tem de ser enganada pelas impressões dos sentidos.

Se nós temos apenas os olhos externos, então seremos continuamente enganados. Nós veremos imitações como coisas verdadeiras, coisas não atrativas como atrativas, coisas ruins como boas.

Luang Pó frequentemente usava essa analogia simples do olho interno ou celestial que tinha que complementar os olhos corpóreos externos. Era um conceito que se tornaria familiar aos seus ouvintes: todos sabiam que quando Kondañña, o primeiro discípulo do Buddha, alcançou o primeiro estágio de iluminação, ele foi proclamado como tendo conquistado o “olho do Dhamma”.

Você tem um corpo e tem uma mente — tudo o que você precisa. Não saia ansioso atrás de um deus ou outro. Não saia olhando em outros lugares. Examine, investigue para enxergar bem agora: existe mettā em sua mente? Existe compaixão? Existe alegria altruísta? Existe honestidade? Existe visão correta? Existe visão incorreta? Olhe para a sua mente. Mesmo que você diga algo muito errado, se a sua intenção for boa, então não é errado. O que quer que você faça, olhe para a sua intenção. Se sua intenção for pura, então não existe nenhuma falta.

RENASCIMENTO

Aqueles que cresceram em culturas dominadas pelas grandes fés monoteístas tendem a supor que todas as devoções religiosas são baseadas na crença em um fundamental e único conjunto de dogmas. O budismo, no entanto, não insiste nesse tipo de crença. Na verdade, o renascimento, frequentemente identificado como sendo um dogma budista para os não-budistas, é provavelmente o aspecto dos ensinamentos que é o mais controverso entre os budistas modernos. No entanto, onde quer que haja dúvida tende a haver um desejo por uma figura de autoridade para esclarecê-la. Uma vez, um praticante leigo que foi visitar Luang Pó com esse desejo por uma resposta definitiva para a questão do renascimento recebeu uma resposta que confundiu as suas expectativas:

Leigo: Existe realmente uma vida depois desta?

Luang Pó: Se eu te disser, você vai acreditar?

Leigo: Sim, senhor.

Luang Pó: Então você seria um tolo.

Luang Pó seguiu explicando que é tolice embasar uma crença inquestionável nas palavras de outra pessoa. Ele dizia que enquanto as crenças forem baseadas no “ouvi dizer”, a sabedoria nunca surgirá. Tais questões são impossíveis de serem definitivamente respondidas e são a causa de discussões e disputas intermináveis.

Ele fez uma analogia:

Se você me pergunta: “Existe uma vida futura?” Então eu lhe pergunto: “Existe um amanhã? Se existe, você pode me levar até lá?” Não, você não pode. Mesmo que ele exista, você não pode me levar para vê-lo. Se existe um hoje, então deve haver um amanhã. Mas não é algo material que você possa pegar e mostrar para que alguém veja.

Luang Pó recordava aos seus visitantes que o budismo não é sobre acreditar em coisas, mas sobre penetrar nas verdades de suas vidas exatamente agora:

Na verdade, o Buddha não nos ensinou a esperar esse tipo de prova. Não é necessário ficar com dúvidas se existe ou não uma vida futura, ou se as pessoas renascem — esse não é o problema que você deve resolver. Você não tem obrigação nenhuma de encontrar uma resposta para tais perguntas. Sua obrigação é entender a si mesmo no presente. Você precisa saber se está sofrendo. E se está, por qual razão? Isso é o que você tem que saber. E ainda mais, correr atrás desse conhecimento é sua responsabilidade pessoal.

O conselho era sempre de retornar ao momento presente:

O Buddha nos ensinou a considerar o presente como a causa de todas as coisas. É a causa do futuro. Uma vez que hoje tenha passado, então amanhã se tornará hoje. O futuro ou o amanhã existem com base no hoje. O passado surge do presente também. Uma vez que o hoje tenha passado, ele se torna ontem. Essa é a causa da conexão entre eles. Então o Buddha nos ensinou a refletir em todas as causas no presente — apenas isso é o suficiente — pois se você cria boas causas no presente, então o futuro também será bom, e o passado igualmente. Mais importante, se você chega ao final do sofrimento no presente, então não há necessidade nenhuma de falar sobre uma vida futura.

Isso, Luang Pó insistia, estava alinhado com a forma que o próprio Buddha ensinava. Como no famoso símile¹⁴⁸, querer saber de todos os detalhes sobre o renascimento é perder o foco. Era como um homem atingido por uma flecha, recusando-se a removê-la até ser informado de todas as características da flecha.

Na época do Buddha, havia um certo brâmane que ficava elucubrando sobre o que acontecia com as pessoas depois da morte. Ele foi questionar o Buddha e disse: “Se você me disser se existe renascimento ou não, então vou pedir para ser aceito como monge. Se você não puder ou não quiser me dizer, então eu não pedirei”. O Buddha respondeu: “E o que eu tenho a ver com você se tornar um monge ou não? Isso é assunto seu, não meu”. Então disse: “Se você vai se tornar um monge ou não, ou se uma pessoa nasce ou morre, se uma pessoa morta renasce ou não; se você mantiver essa atitude, vai sofrer angústia por muitos éons mais. O correto a se fazer é puxar a flecha (do sofrimento) agora mesmo”.

Luang Pó dizia que perguntas sobre renascimento eram baseadas em suposições não compreendidas sobre o que exatamente renasce. Em última análise, a verdade sobre o assunto é que, enquanto existe renascimento: “Ninguém nasce e ninguém morre”. Mas uma afirmação dessa profundidade só pode ser verdadeiramente compreendida por alguém que tenha investigado e penetrado completamente no significado da impermanência, do sofrimento e do não-eu. Renascimento era um dos tópicos sobre o qual ele dizia: “Leve minhas palavras consigo e reflita sobre elas. Considere esse o seu dever de casa”.

Existe um dito muito conhecido na Tailândia de que “o céu mora em seu peito, o inferno em seu coração”. Em outras palavras, enquanto experienciada uma forte sensação agradável, é como se alguém tivesse sido transportado para o reino dos céus; da mesma forma, experienciar uma forte sensação desagradável é como ser transportado para o inferno. Alguns professores budistas radicais levaram essa analogia ainda adiante, rejeitando os princípios básicos da cosmologia budista e ensinando que o prazer e a dor mentais no presente são o verdadeiro significado dos termos “céu” e “inferno”.

Luang Pó não compartilhava essa rejeição da compreensão literal do renascimento. Contudo, fazia uso da analogia de céu e inferno como um meio de encorajar seus discípulos a verem mais de perto as suas próprias ações:

Hoje em dia, vocês conhecem todas as histórias sobre pessoas caindo para o inferno e subindo ao céu, mas vocês não conhecem a si mesmos. Alguém que esteja com boa saúde física e mental não causa dano a si mesmo ou aos demais e se sente bem — essa pessoa está vivendo em um reino celestial. Pensem bem nisso.

Em qualquer lugar que alguém cometa uma má ação, o Buddha chamou de “inferno”. Onde está o inferno? Onde quer que o Buddha tenha dito: “Não faça isso. Isso é errado”. Se você faz aquilo, então o erro ocorre imediatamente. Este erro tem resultados desagradáveis e esses resultados desagradáveis causam o seu sofrimento. Se você está sofrendo, você caiu para o inferno. Inferno é todo o ambiente do seu sofrimento.

O “Guardião do Inferno” que prende as pessoas refere-se aos resultados do mau kamma que as pessoas cometeram. Coisas ruins nos levam a mais coisas ruins. Esse guardião está em todos os lugares. Seus olhos são maravilhosamente afiados. Quaisquer boas ou más ações que você realize, eles veem todas elas, eles sabem de todas elas. Suas ações são sua

¹⁴⁸ MN 63

testemunha, elas são as evidências que você deixa para trás; nada é perdido, nada é deixado pelo caminho.

Mas Luang Pó deixava claro que não estava negando a existência de céu e inferno como reinos de fato ou rejeitando as representações tradicionais deles. Era necessário empregar tais imagens vívidas com o intuito de representar algo além do escopo da imaginação humana:

Se você faz algo ruim, então você experiencia maus resultados. Você se torna um ser do inferno, o que é agonizante. Você sobe em uma árvore de espinhos e eles te espetam, mas você não morre. Quando você chega no topo da árvore, corvos bicam a sua cabeça e você tem que descer. Você desce ao chão, e existem cães esperando para te morder. Não existe lugar onde você possa descansar. Nada além de sofrimento. Essa forma de falar é chamada de “ensinar através da personificação”. Isso é verdade? É. É verdade, como a personificação das coisas que não são realidades materiais. Por exemplo, “céu” e “inferno” não são na verdade lugares materiais como aparecem nas descrições tradicionais. Essas descrições são metáforas.

É como quando você quer explicar o gosto do sal, mas você está em um lugar onde não tem sal. Então você pega um punhado de areia e chama aquilo de sal com o propósito de dar a sua explicação. Ela tem sabor de sal? É claro que não; na verdade, não é sal. Então por que você finge que a areia é sal? Porque naquele local você não tem sal. Você faz isso com o intuito de dar às pessoas pelo menos alguma ideia de como o sal se parece.

Mas se as coloridas descrições dos outros reinos são apenas aproximações da realidade, como fica este reino humano?

Você é realmente humano? Você é, de uma forma convencional. Se você fosse verdadeiramente humano então você deveria possuir as virtudes humanas como mettā, compaixão, alegria altruísta e você manteria os cinco preceitos em todos os momentos. Isso é o que realmente significa ser um humano: possuir todas as qualidades que lhe conferem uma humanidade completa. Humanidade tem sinais internos. Como humanos, se todas essas boas qualidades amadureceram em nós, então nós somos completamente humanos. É aí que fica a nossa humanidade; não é o fato de nascer com olhos e ouvidos, braços, pernas e por aí vai, que automaticamente nos torna humanos. Parece que sim, mas na verdade é uma imitação de humanidade, não a humanidade verdadeira. A verdadeira humanidade requer virtudes humanas, não causar dano a si mesmo ou aos demais, possuir boas qualidades.

OUVINDO O DHAMMA

O Buddha ensinou que ouvir palestras do Dhamma é uma grande bênção. Como resultado, evoluiu daí uma tradição na qual os budistas leigos que iam aos mosteiros em ocasiões importantes para fazer méritos também pediam para receber ensinamentos formais do abade. Através dos séculos, porém, sermões frequentemente vieram a ter um papel mais cerimonial do que instrucional nas vidas das pessoas. No nordeste tailandês, o monge sentava-se no assento do Dhamma e lia versos de um manuscrito, escrito em folha de palmeira, em um estilo rígido e formal que incluía várias palavras em páli, ininteligíveis para a plateia. De forma não surpreendente, a reação mais comum da plateia era a sonolência. Mesmo sem as palavras em páli, o tailandês da região central usado por monges educados em seus sermões era de difícil entendimento e poucos podiam sustentar a atenção. Quando Luang Pó ouviu a sua primeira palestra do Dhamma, quando criança, a crença comum no vilarejo era de que entender o significado do sermão não era o principal.

Quando eu era criança, meus pais e avós iam ao mosteiro nos dias de observância para ouvir o Dhamma. Eles iam por causa do mérito. O monge que estava dando o sermão falava sobre um assunto ou outro e eles não entendiam muito do que ele estava falando, mas se sentavam ali da mesma forma — pelo mérito. Eles acreditavam que ouvir o som da voz do monge era meritório.

Em situações informais, monges falavam usando o dialeto e expressavam-se de forma direta. Mas assim que se sentavam no alto do assento do Dhamma, adotavam um tom mais elevado. Os monges de floresta, como Luang Pó, não faziam tal distinção. Sentados no assento do Dhamma, falavam sem preparação, praticamente da mesma forma pé-no-chão que falavam na vida diária. Isso foi uma pequena revolução na propagação do Dhamma e um retorno da tradição às suas raízes, há muito tempo esquecidas.

Luang Pó explicava aos seus discípulos leigos o tipo de atenção que era necessária para se beneficiar verdadeiramente de ouvir o Dhamma. Ele ensinava que a atitude para com um discurso, os desejos e expectativas, a quietude da mente dos ouvintes, tudo isso contribuía para os benefícios. Ouvintes, ele dizia, deviam adotar uma atitude de humildade e respeito ao professor e aos ensinamentos.

Agora lhes darei um ensinamento do Dhamma. Prestem tanta atenção como se o próprio Buddha estivesse sentado na sua frente. Sejam atentos. Unifiquem a mente. Fechem os olhos e sentem-se confortavelmente.

Mas não muito confortavelmente.

Se vocês ouvem o Dhamma pelo mérito, vocês ficarão sonolentos. Assim que vocês comecem a se sentir felizes e confortáveis, a sonolência virá. Quando vocês estão sonolentos, aí vocês não sabem o que está sendo dito. Quando vocês não sabem o que está sendo dito, vocês não aprendem nada.

Fazer méritos devia estar acompanhado de kusala, o fator de sabedoria, a ciência do que o leva para o despertar e do que o afasta dele.

Ouvir o Dhamma deveria aumentar a sua inteligência. Inteligência é kusala. Kusala e mérito são coisas diferentes. Kusala o desperta: faz com que você saiba o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que deve ser abandonado e o que deve ser cultivado. “Mérito”, por outro lado, trata-se apenas de colocar mais coisa em sua cesta, estar confortável, se divertindo. Não é o despertar. Ele não gosta de investigar o Dhamma.

Os benefícios de ouvir o Dhamma, lucidamente calmo e com uma mente discriminativa, eram vistos claramente quando a mente era capaz de guardar os ensinamentos na memória.

O Dhamma ainda está presente em sua mente. O que quer que você esteja fazendo, você ainda está pensando no Dhamma, e o Dhamma está te protegendo. Por exemplo, o monge disse que você deve ser paciente, que você deve se esforçar, não ser cruel, tornar a sua mente boa; se você fica com raiva, então aguente e atravesse aquilo, etc. Se você realmente presta atenção para que aquilo grude em sua mente, isso será uma condição de suporte. Mesmo quando estiver caminhando pela estrada, aquilo segue ali em sua mente. Você chega em casa e um de seus filhos faz algo para irritá-lo. Ao mesmo tempo que aquela irritação surge em sua mente, o Dhamma que você ouviu surge ao mesmo tempo, ensinando-o a suportar com paciência, ensinando-o a se manter em um bom estado mental, ensinando-o a abrir mão. Ele surge simultaneamente com o estado mental e segue lhe ensinando. Por tais razões, o Buddha disse que o Dhamma nos protege e nos impede de cair em maus caminhos.

SER CUIDADOSO

Appamāda, comumente traduzido para o português como “ser cuidadoso”, é uma das virtudes chave do budismo. O termo também é explicado como uma “contínua atenção” e “vigilância”. Isso envolve ter em mente constantemente o trabalho que é preciso ser feito e quão pouco tempo resta para realizar esse trabalho. Ser cuidadoso é o antídoto para a complacência. Foi o tema da última exortação do Buddha e tem cumprido um papel proeminente nos ensinamentos dos grandes mestres budistas através dos tempos, incluindo os ensinamentos de Luang Pó Chah.

Saiba o que você tem que fazer e o que você tem que abrir mão e abandonar. Aprenda como colocar a sua mente em um estado tranquilo e como experienciar a calma lúcida. Aprenda como fazer sua mente parar de criar sofrimento. Esse é o caminho das pessoas sábias no mundo. Faça uma determinação firme de praticar de uma forma apropriada a esse nascimento humano. Não desperdice a sua vida.

Luang Pó instigava suas plateias a despertar para a preciosidade de terem nascido como seres humanos. Eles deveriam se aplicar à tarefa de abandonar as qualidades não saudáveis em suas mentes e a desenvolver as qualidades saudáveis, enquanto ainda podiam fazer isso. Não era possível trapacear no trabalho duro exigido, voltando a mente para assuntos espirituais um pouco antes da morte e conseguir uma passagem de última hora para um reino celestial.

Algumas pessoas idosas dizem que quando uma pessoa está prestes a morrer, você deve sussurrar o mantra “Buddho, Buddho, Buddho” no ouvido dela. Para que serve isso? Alguém prestes a se deitar na fogueira de cremação — o que é que ela vai saber de Buddho? Por que as pessoas não aprendem sobre Buddho enquanto ainda estão jovens? Lá estão elas, sua respiração falhando, elas chamando por suas mães, e você sussurrando Buddho no ouvido delas. Por que você se cansa sem nenhuma razão? Pare com isso, você apenas as está deixando ainda mais confusas.

SĪLA

Em seus discursos do Dhamma para budistas leigos, Luang Pó retornava continuamente à importância fundamental de sīla. Ele explicava os preceitos exaustivamente em detalhes, o raciocínio por detrás deles, o valor de os manter, as desvantagens de não os manter.

Um sábio senso de vergonha e medo das consequências das ações que realizamos, essas duas coisas — elas são chamadas “lokapālas”¹⁴⁹ — protegem os seres sencientes.

Ao expandir o ensinamento do Buddha de que os cinco preceitos são a causa fundamental do renascimento no reino humano, Luang Pó, retornando a um tema favorito, dizia que era apenas mantendo os preceitos que alguém podia se tornar realmente humano nessa vida:

Se falta sīla às pessoas por um dia, então naquele dia elas não são completamente humanas. Se ficam sem sīla por um ano, então naquele ano elas não são totalmente humanas. É apenas quando sīla é pura, que as pessoas são completamente humanas.

¹⁴⁹ Literalmente: “protetores do mundo”. Esse termo se refere aos benefícios pessoais e sociais que derivam desse sábio senso de vergonha (hiri) e medo de fazer coisas equivocadas (ottappa), sem os quais a moralidade fica sem ter uma base e o mundo se torna mais vulnerável.

O Dhamma podia se manifestar apenas quando a vida de alguém fosse conduzida dentro desses limites. Sem sīla, faltaria às pessoas respeito próprio para se aplicarem à prática do Dhamma. Luang Pó notava que elas se sentiam envergonhadas de se encontrarem com os monges, com medo de que ouvir palestras do Dhamma pudesse fornecer lembranças dolorosas de suas deficiências.

O Buddha ensinou que embora sīla seja uma qualidade interna de restrição, ela é amadurecida mantendo os preceitos. A importância dada aos preceitos pode ser medida pelo fato de que quase todas as cerimônias budistas Theravada iniciam-se com uma solicitação formal por parte da comunidade leiga para que o monge sênior presente lhes “dê” os refúgios e os preceitos. O monge faz isso ao permitir que a plateia repita os refúgios no Buddha, no Dhamma e na Sangha, e então, logo após eles, os preceitos, um por um. A fórmula de “tomar” cada preceito não envolve fazer votos, mas fazer um compromisso de educar a própria conduta e a própria fala no formato: “eu assumo a regra de treinamento de me abster de ...”

Talvez, para uma maioria de pessoas no mundo budista, essa curta cerimônia seja raramente mais do que um ritual: a maioria dos participantes não tem a intenção de manter todos os preceitos depois que a cerimônia termine. Para eles, o ensinamento do Buddha de que a virtude aprimora o mérito foi recebido como uma crença de que a cerimônia de solicitação dos preceitos atua como um ritual de purificação que precede a oferta de alimentos e etc., e que isso intensifica o bom kamma criado pelo ato de doar.

Mas para aqueles com o desejo genuíno de viver sob os preceitos, uma solicitação formal para um monge que eles respeitem pode constituir uma renovação de seu comprometimento com eles. No caso de a cerimônia ser conduzida por um monge, como Luang Pó Chah, a autoridade moral e espiritual do monge pode dar à cerimônia uma força de ligação especial. Luang Pó enfatizava que a essência de sīla era a intenção de se abster:

No momento em que você se determina a manter os preceitos, então sīla surge imediatamente. É a intenção que é sīla. Se você compreende o assunto dessa forma, então a sua sabedoria se tornará abrangente.

Em outra ocasião, ele ensinou aos apoiadores leigos três formas de manter os preceitos:

No primeiro caso, você pede os preceitos para um monge. No segundo caso, você se abstém por você mesmo: você sabe quais são os preceitos e faz uma determinação de mantê-los. O terceiro caso é a sīla absoluta dos discípulos nobres. Aqui, a intenção é se abster de uma vez por todas: “O que quer que seja ação incorreta do corpo ou da fala, eu abrirei mão delas de hoje em diante”. É uma sīla decisiva. Os discípulos nobres têm esse tipo de sīla. A constante sati protege as suas mentes. Eles vigiam a si mesmos o tempo todo. Esses são os três caminhos pelos quais sīla pode surgir. Todos os três podem ser uma base para Nibbāna ...

Uma das apoiadoras leigas da primeira geração resumiu como ela entendeu os ensinamentos de Luang Pó sobre os preceitos:

"Luang Pó nos ensinava a manter os cinco preceitos. Mesmo que, para começar, eles ficassem impuros de vez em quando, ele nos dizia que, quando isso acontecesse, devíamos tentar fazer um novo começo.

"Para o primeiro preceito, ele nos dizia para não tirar a vida de criaturas vivas ou causar-lhes dor, pois fazer isso era maldade e traria resultados desagradáveis.

"O segundo preceito significa abster-se de roubar ou trapacear os outros. Se qualquer um roubasse o que fosse nosso, ficaríamos cheios de tristeza e pesar. E como as outras pessoas têm os mesmos sentimentos que temos, não deveríamos roubar deles.

"O terceiro preceito significa abster-se de adultério, não ser infiel. Se esse preceito é quebrado, isso leva a discussões e recriminações. Casais começam a suspeitar e desconfiar um do outro.

"O quarto preceito é sobre mentir e enganar. Se você mente e trapaceia, isso lhe rebaixa. Ninguém quer se misturar com você. Ninguém respeita nada do que você diga, ninguém presta atenção às suas palavras.

"O quinto preceito significa abster-se de tomar álcool. Álcool faz a sua mente ficar descuidada, desatenta e esquecida sobre o que é certo e o que é errado. Isso pode levar a todos os tipos de ações maldosas. Quando as pessoas estão embriagadas, o comportamento delas é igual ao de uma pessoa louca; todos os sinais de bons modos e dignidade de uma pessoa bem-nascida desaparecem."

Luang Pó ensinava que, sem *sīla*, famílias nunca conheceriam a paz e a harmonia. Haveria contínua briga e confusão. Manter os preceitos era a base indispensável para uma vida feliz em família, como um dos apoiadores leigos do mosteiro recordava:

"Ele nos ensinava a trabalhar duro e a plantar arroz, verduras e frutas, a plantar pimentas e berinjelas e a então vendermos o excedente no mercado. Daquilo podíamos conseguir o dinheiro para comprar o que quiséssemos. Peixe não era caro; ficaríamos felizes de poder comprá-lo no mercado e assim evitaríamos pescar — o que não apenas tomava um grande tempo em que poderíamos estar realizando outro trabalho, mas também gerava mau kamma. Esse era um conselho prático e fazia sentido para todos nós."

Antigamente, os camponeses locais devotavam todas as suas terras para o cultivo de arroz. A pobreza do solo fazia com que eles tivessem que deixá-lo em descanso, às vezes, por meses. Luang Pó aconselhava que eles mudassem o comportamento.

"Nós não sabíamos muito sobre como plantar frutas ou vegetais. Mas quando Luang Pó veio para Wat Pah Pong, ele nos ensinou a plantar vegetais, a criar pomares. Ele nos tornou mais cientes das possibilidades. Nós nos tornamos trabalhadores mais eficientes e pudemos desenvolver qualidades externas e internas ao mesmo tempo. Era uma grande melhoria. E não era tão difícil. Aqueles que conseguiam manter os cinco preceitos todo o tempo eram felizes, sem estresse e achavam aquilo muito benéfico."

Ao enumerar os benefícios de *sīla*, Luang Pó poderia, de vez em quando, usar a etimologia (às vezes, duvidosa) do *Caminho da Purificação (Visuddhimagga)*. Depois de dizer que as palavras *sīla* e *sacca* (integridade) são sinônimos, ele disse que *sīla* também significa "*silā*", ou "pedra". Assim como uma pedra jogada na água afunda até o solo firme abaixo dela, *sīla* adiciona peso ao comportamento de uma pessoa. Seus benefícios também incluem uma autoridade moral que permite não ter medo algum em assembleias públicas.

Se você possui *sīla* — se você não cria mau kamma através de corpo, fala ou mente — você pode falar sem incertezas, falar diretamente, sem medo, ser corajoso em ações e falas sobre assuntos importantes. Você não fica tímido diante outra pessoa, não fica com medo de ninguém. Pessoas morais não têm medo em suas comunidades e não têm medo na hora da morte. Quando você não fez nada errado — ou, se você fez e agora abandonou aquele tipo de ação, não existindo espaço para o remorso — a mente está tranquila.

Manter os preceitos não é um fim em si mesmo. Isso cria as condições para o desenvolvimento da prática de meditação.

Quando suas ações e sua fala são impecáveis, a mente se refresca; e se você pratica meditação, a concentração surge facilmente. A mente está em um estado de mérito, em um estado saudável, pois ela não tem preocupações sobre ações passadas.

Durante o período de três meses do retiro das chuvas monástico, Luang Pó encorajava a comunidade leiga a dar atenção especial aos preceitos. Um discípulo dos mais antigos relembra bem esse conselho:

"Ele nos ensinava a juntar várias pedrinhas e a desenvolver um tipo de meditação de *sīla*. Sempre que chegássemos em casa do trabalho, ele dizia que devíamos revisar nossas ações e que, se tivéssemos quebrado um preceito, colocássemos uma pedrinha em uma pilha. No final do retiro das chuvas, nós devíamos contar quantas pedrinhas havia na pilha, quantas vezes tínhamos nos portado mal. E então devíamos nos reportar a ele.

"Ele dizia que, como leigos, todos devíamos tentar manter os cinco preceitos puramente. Se temos *sīla*, então nos sentimos tranquilos e felizes, nossas famílias ficam livres de estresse e comoções e nós vivemos em harmonia e amizade com nossos vizinhos como se eles fossem nossos parentes de sangue. Ele nos dizia para sermos morais e verdadeiros, dizia que se mantivéssemos os cinco preceitos puramente, então a riqueza [sem culpa] ocorreria. Se nossa *sīla* se tornasse quebrada, manchada ou defeituosa, então nossa riqueza começaria a erodir."

Algumas pessoas eram inspiradas pelos discursos de Luang Pó, mas logo ficavam desencorajadas quando tentavam viver sob seus conselhos. Ele contava a história de um certo comerciante chinês que retornou ao mosteiro alguns dias depois de ter pedido os três refúgios e os cinco preceitos, parecendo perturbado. Depois de se prostrar três vezes, ele desabafou:

"Luang Pó, eu estive doente pelos últimos três dias, desde que eu recebi os refúgios e os cinco preceitos do senhor. Minha mulher tem reclamado; ela segue dizendo que isso foi uma má ideia. Eu não sei como vou poder ganhar a vida se os preceitos me fazem ficar doente assim. Eu vim para devolvê-los."

Um alegre Luang Pó respondeu:

Oh! Eu tinha ouvido falar sobre isso ter acontecido na época do Buddha e achava que era apenas um conto. Você não pode me dar os preceitos de volta. Eles não pertencem a mim. Eles pertencem ao Buddha. Você vai ter que enviá-los de volta para ele. Espere um pouco mais de tempo.

O leigo não retornou mais. Depois de uns três anos, Luang Pó o encontrou e lhe perguntou se ele tinha deixado para trás as dúvidas sobre os preceitos, e o leigo sorriu e respondeu orgulhosamente que sim, agora ele não titubeava mais com o que qualquer um dissesse. Luang Pó o elogiou:

Agora você é um verdadeiro ser humano.

NÃO AGRESSÃO

O primeiro dos cinco preceitos incorpora o imperativo moral central budista: Não agrida. Pode parecer algo confuso, para quem visita a Tailândia, que tantos budistas tailandeses pareçam tão pouco comprometidos com esse ensinamento budista tão básico da inofensividade universal. Uma

razão apresentada para explicar a anomalia é que pescar e caçar sempre tiveram um papel vital em comunidades tailandesas por milhares de anos, antes da adoção do budismo. Uma dieta baseada em arroz e peixe sobreviveu à mudança de afiliação religiosa, e *ahimsa*, o ideal da não violência como um ideal não negociável, nunca realmente se estabeleceu. Uma justificativa comum entre os moradores de Isan era que é algo bom e nobre não matar, mas realmente prático apenas para monásticos e pessoas ricas que não tinham que lutar para sobreviver em um mundo tão duro. Outros chacoalhavam a cabeça e culpavam o seu kamma.

Luang Pó era familiarizado com a vida dos camponeses, entendia os valores deles e a forma como eles pensavam. Reconhecia suas preocupações e não fazia altas demandas que não fossem realistas para eles. Ele sabia que se fizesse isso, muitos simplesmente deixariam de ir para o mosteiro, envergonhados por não serem capazes de seguir seus conselhos. Com relação ao primeiro preceito, ele explicava que, enquanto matar ou pedir para que outros matassem seres vivos era uma clara transgressão do preceito, o ato de comprar peixe no mercado não criava nenhum mau kamma sério.

Esta não é uma interpretação incontestável do ensinamento em comunidades budistas. Existe uma discussão de que comprar peixe que já esteja morto aumenta a possibilidade da matança futura de outros peixes, portanto não é ético. A afirmação do Buddha em um sutta nos discursos numéricos (AN 4.264) de que o mais alto nível de prática do primeiro preceito inclui “a não aprovação de, ou falar em louvor do matar”, é citada dando suporte a esse ponto de vista. Contudo, a compra de carne não era considerada por Luang Pó Chah (e pela maioria dos professores Theravada) como constituindo uma conexão forte o suficiente na cadeia que leva à morte de criaturas para que fosse cármicamente significativa e assim inaceitável para leigos budistas. Luang Pó dava continuidade a uma longa tradição que considerava a renúncia de matar ou de pedir para que alguém matasse criaturas, como um padrão legítimo e viável para comunidades rurais budistas.

Embora Luang Pó não promovesse o vegetarianismo, ele tampouco diminuía o tom de suas críticas sobre matar seres vivos para se alimentar. Quando visitou o mosteiro Chithurst em West Sussex, na Inglaterra, pela primeira vez em 1979, Luang Pó ficou muito tocado pela visão de coelhos selvagens correndo pela grama, atrás do local onde ficava o templo, cedo pela manhã. Ele citou de forma irônica que aquela não era uma visão que ele esperaria ver na Tailândia. Em seu retorno a Wat Pah Pong, um relato sobre os coelhos de Chithurst — livres e destemidos, não machucados pelos moradores locais — juntou-se à sua lista padrão de contos. O ensinamento frequentemente deixado implícito era que se um país não budista e consumidor de carne podia se abster de caçar e de se alimentar de animais selvagens, então por que nós budistas não podemos?

Se aquilo fosse aqui, tudo o que restaria daqueles coelhos agora seriam as bolinhas de cocô seco.

Em outras ocasiões, Luang Pó falava de formas que tinham o intuito de estimular *hiri*, o senso de sábia vergonha, ao apontar (frequentemente com bom humor) a discrepância entre os valores professados por sua plateia e o seu comportamento de fato, e lembrá-los de que a mudança estava em poder deles mesmos.

Em palestras públicas, Luang Pó focava nas formas mais atrozes de matar. Sempre foi um costume matar animais para alimentar os convidados em grandes ocasiões cerimoniais, fosse um casamento, um funeral ou mesmo uma ordenação temporária. Luang Pó recordava as pessoas sobre a importância desse primeiro preceito:

Se todos mantivessem esse preceito, o país não estaria em tamanha confusão, o mundo não estaria em tão grande bagunça ... O Buddha proibiu tirar diretamente a vida, a partir de

formigas e insetos, pois se você é capaz de matar formigas e insetos, você é capaz de matar ratos e pássaros, patos e galinhas, gado e búfalos, cavalos e elefantes. Se você pode matar cavalos e elefantes, você tem dentro de si a possibilidade de matar um ser humano e, no final, você é capaz de matar um arahant — existe esse tipo de progressão. Então o Buddha proibiu matar qualquer um: você não deveria matar nada, nem mesmo uma formiga ou um inseto ... ao final, pessoas sábias buscam uma forma de sair do mundo, de criar tão pouco mau kamma quanto possível, até que possam parar de vez de fazer isso.

Pó Nudéng foi um que cedeu à lógica de Luang Pó e abriu mão de tirar vidas.

"Ele ensinou a nós, leigos, abstermo-nos de tirar vidas, a ganhar nosso sustento de uma forma honesta. Mas a maioria dos leigos ficava empacada nesse preceito, incluindo eu mesmo. Como vivíamos na área rural, pensávamos: "Se não matarmos, o que é que vamos comer?" Em minha mente, eu queria discutir esse ponto. Se tudo o que levássemos para oferecer aos monges para comer com seu arroz, todos os dias, fosse molho de pimenta, será que todos eles não iriam embora do mosteiro? Mas Luang Pó tinha a sabedoria de ser capaz de nos conduzir para fora de nossa delusão. Ele dava o exemplo dos funcionários públicos e dos mercadores chineses. Ele dizia: 'Eles não cultivam nenhum arroz, então como é que eles comem arroz todos os dias? E quanto aos utensílios que você usa, os potes, os pratos e daí em diante, vocês sabem como fabricar essas coisas vocês mesmos? Como vocês conseguem essas coisas? Você deve encontrar a solução com sabedoria. Se você não tira a vida, você deve usar a inteligência para encontrar outro método. Não é sempre necessário matar para comer carne. Pessoas sábias devem encontrar maneiras hábeis de evitar criar mau kamma. Você deve se abster de ações não saudáveis de corpo, fala e mente, pois isso pode trazer consequências desafortunadas'. Eu levei em consideração o que ele disse e concordei com todo o seu raciocínio."

Pó Am foi um discípulo que teve uma repentina mudança de opinião.

"Eu tinha o costume de pescar no lago Kham. Minha esposa estava sentada, preparando comida na cozinha, e eu estava escolhendo os peixes. De repente, do nada, o pensamento surgiu em minha mente: 'Há tantas vidas aqui. Não está nem na casa das dezenas de milhares, talvez já sejam centenas de milhares de vidas que eu tirei daquele lago. E eu, eu sou apenas uma vida.' Então eu disse para minha esposa: 'O que você acha? Todas essas criaturas têm que morrer por causa de apenas nós dois?' E ela disse: 'Você quem sabe. Faça como achar melhor'. Dois ou três dias depois, era dia de observância e fui para o mosteiro declarar-me formalmente como um seguidor leigo. Luang Pó me perguntou se eu podia manter a abstenção de tirar vidas, e eu disse que sim.

Luang Pó: Por quantos anos? Por toda sua vida?

Pó Am: Não Senhor.

Luang Pó: Por que não? Bem, então por quantos anos?

Pó Am: Eu gostaria de pedir por três anos.

Luang Pó: Por que um tempo tão curto?

Pó Am: Se eu começar a sofrer mais do que eu sofro agora, então pedirei para abrir mão do meu voto. Ou se tudo seguir da mesma forma, ou se eu não estiver feliz.

Luang Pó: Tudo bem. Se é isso o que você quer. Cuide bem desse preceito. Se você não puder, então deixa para lá.

“Depois daquilo, eu abri mão de tirar vidas. Eu plantei cana de açúcar no meio da floresta. O estranho foi que eu tinha um cachorro e ele gostava de caçar ratos e então trazê-los em sua boca. Eu passei três anos assim. E eu terminei por assumir o preceito pelo resto de minha vida.”

O espírito, se não a letra, do primeiro preceito se estende a tratar mal os animais. Um homem perguntou para Luang Pó o que ele achava do fato de manter um pombo em uma gaiola.

Eu diria que libertar o pombo seria a melhor coisa a ser feita. Você o trancou em uma jaula sem que ele tivesse feito nada de errado. Tente imaginar como ele se sente. Suponha que alguém o capturasse, colocasse você em uma jaula, lhe desse comida, água, roupas e um local para dormir e você tivesse que comer e defecar naquela jaula. Você ficaria feliz? Você gostaria disso? Você agradeceria a quem o capturou por isso? Ou como você se sentiria? Você provavelmente pode imaginar ...

Luang Pó dizia que era algo bom que outras espécies de seres vivos não pudessem falar a linguagem dos humanos:

Eles nos dariam broncas, nos amaldiçoariam e tentariam nos cortar em pedacinhos. Ou então eles poderiam realizar uma marcha de protesto e apelar para alguma corte. É como se eles tivessem sido condenados e punidos por algo que eles não fizeram.

FALA CORRETA

O caminho entre o cérebro e a língua é tão curto que se abster de falas incorretas é um desafio enorme, especialmente em ambientes ocupados e exigentes. O quarto preceito lida com a falsidade deliberada, a forma mais cármicamente prejudicial da fala incorreta. Mas, para praticantes do Dhamma, isso é apenas considerado como o mínimo a ser feito, o tipo mais básico de restrição. A fala correta também requer o esforço de abandonar o discurso áspero e divisivo, e o mais difícil de todos, a fala fútil e as fofocas.

Tenham cuidado com sua fala. Falem apenas palavras verdadeiras, falem palavras que sejam de benefício para quem as ouça. Não falem de forma rude ou usem palavras grosseiras. Sejam plenamente atentos ao que vocês falam. Façam seu discurso apropriado para quem o ouça, assim quando vocês terminarem de falar, tanto vocês quanto seus ouvintes estarão felizes pelo que foi dito.

ÁLCOOL

O quinto preceito, que requer a renúncia ao álcool (e, por extensão, a outras drogas viciantes que tenham efeitos similares no compasso moral da mente) é provavelmente o preceito menos popular entre os budistas leigos na Tailândia. Luang Pó uma vez comentou que algumas pessoas se sentem possessivas sobre seu mau kamma e têm medo de se separar dele. Ele considerava que as pessoas que tomavam álcool ou faziam uso de drogas davam um exemplo claro de uma falha de inteligência em especial: não querer os resultados do mau kamma, mas continuamente criar as causas para ele e negligenciar as causas para a bondade. Em uma ocasião, ele se recordou de tentar persuadir um bebedor inveterado a largar a bebida. O homem ficou tão angustiado, como se lhe estivesse sendo pedido para que abandonasse a coisa que lhe era mais cara no mundo. Luang Pó lembrou de ter ficado sem palavras quando o homem se lamentou: “Oh não! Meu Deus do céu! Apenas mais um ano! Mais um ano!”

À despeito do preceito, o consumo de álcool é endêmico na sociedade tailandesa. Luang Pó se recordava de um encontro que teve em um trem noturno:

Dois homens vieram cambaleantes até mim. Um deles disse: “Luang Pó, me dê um pouco de Dhamma!” Eu olhei para eles. Os olhos deles estavam turvos. Eu não sei do que eles estavam intoxicados, mas eles estavam pedindo pelo Dhamma. Eu disse: “Não construa sua casa ainda. Nivela o terreno antes”. Um estava confuso: “Eu não sei o que o senhor quer dizer”. E eu lhe disse: “Se você tiver a oportunidade de ir a Wat Pah Pong ... vai ser fácil ouvir o Dhamma lá. Você poderá ouvi-lo bem. Hoje, a ocasião, o entorno e a plateia não estão conducentes”.

Ensinar o Dhamma para quem não é capaz de ouvi-lo era uma perda de tempo e de esforço.

Seria como abastecer um carro com gasolina com o intuito de que ele apenas ficasse andando em círculos — uma completa perda de combustível.

O marido de uma das apoiadoras leigas do mosteiro em Bahn Kó era um beerrão e fez a vida dela bem difícil. Finalmente ele morreu. Depois da cremação, a viúva trouxe um pote de barro com as cinzas dele para o mosteiro e requisitou que elas fossem colocadas em um dos nichos na parede do mosteiro designado para esse fim. Com muitos dos amigos de bebida do finado presentes, Luang Pó disse umas contundentes palavras:

Não faz muito tempo e ele estava bebendo e festejando, dançando para lá e para cá, e agora ele dançou direto para esse pote. Para que trazer ossos mortos para um mosteiro? Isso não é algo bom de forma alguma. Vocês devem trazer ossos que ainda possam dançar. Então eles serão capazes de ouvir o Dhamma e entendê-lo. Para que servem esses ossos? Apenas vacas e criaturas que comem ossos estão interessadas neles.

Muitas pessoas abandonaram o álcool por fé em Luang Pó: a cultura de tomar álcool nos vilarejos ao redor de Wat Pah Pong encolheu de forma significativa através dos anos. Um dos gratos ex-beerrões resumiu os sentimentos de muitos deles quando disse:

"Eu realmente adorava beber. Nem precisava de copo — não podia beber rápido o suficiente com ele — eu tomava direto da garrafa. Tanto era que, duas ou três garrafas já não faziam mais efeito para mim. Eu adorava aquilo. Se Luang Pó não tivesse me ensinado a abrir mão, eu provavelmente já teria ido para a vala faz tempo."

Ao falar com as pessoas que não tinham nenhum antecedente de conhecimento do Dhamma, Luang Pó o fazia de forma simples. Ele explicava que pessoas viciadas em álcool criavam mau kamma. Sob a influência do álcool, as pessoas perdiam o senso de certo e errado, perdiam a habilidade de evitar ações não sábias. Qualquer que fosse o prazer que ganhassem no presente ao beber era, de longe, muito menor do que o sofrimento pelo qual elas teriam que passar no futuro. Como um morador local lembrava, sobre esse assunto, Luang Pó podia ser brutal:

"Luang Pó dizia que eu tinha que largar a bebida, pois ela era um caminho para a ruína, para a maldade e para o sofrimento que me queimariam. Aquilo me levaria para o desastre e para viver em um verdadeiro inferno. Ele me dizia: 'Você já viu alguém bêbado? Eles são nojentos, suas falas são nojentas, eles ficam cambaleando e tropeçando por aí. Você não pode conversar com eles. Eles são como pessoas que perderam a cabeça. Eles criam um monte de mau kamma. Na próxima vida humana deles, eles serão deficientes mentais ... se você não quer ser desse jeito, você deveria tentar largar.' Quando pensei sobre o que Luang Pó disse, comecei a ficar com medo e parei de beber."

MEIO DE VIDA CORRETO

Ganhar a vida no mundo com honestidade e integridade era algo a que o Buddha dava tanta importância, que declarou isso como um dos oito elementos constituintes do caminho para a libertação. Luang Pó ensinava que os que desejassem desenvolver-se na prática do Dhamma deveriam buscar evitar trabalhos que envolvessem machucar a si mesmos ou aos outros e que encontrassem um trabalho que, se não fosse ativamente conducente ao progresso espiritual, então que ao menos não o obstruísse:

Aqueles que conhecem o Dhamma não são preguiçosos. Eles são inteligentes e trabalham duro, mas a diligência deles em agir e falar torna-se completa com uma mente que saiba abrir mão e ser pacífica. O Buddha ensinou que esse é o caminho livre de estresse. É o meio de vida correto. Você se sente confortável. Mesmo que o trabalho seja duro, às vezes, ainda assim é confortável, pois não há culpa no trabalho em si mesmo.

Alguns meios de vida eram apontados pelo Buddha como meios de vida incorretos: comercializar armas, comercializar seres vivos, comercializar carne, comercializar intoxicantes, comercializar venenos. Em uma ocasião, um comerciante que vendia vários itens naquela época, incluindo álcool, tinha dúvidas sobre o meio de vida correto e foi para Wat Pah Pong pedir conselhos. Luang Pó disse:

Venda o que você quiser, mas não venda álcool. O resultado cármico vai ser um crescimento do seu sofrimento e da confusão interna ... Venda outras coisas. Mesmo que você não fique rico é melhor evitar vender coisas que não sejam éticas. Lembre-se: ganhe sua vida de um jeito moral e honesto e você vai experimentar felicidade e paz em sua vida.

Em outra ocasião, ele ensinou:

Não imagine que simplesmente por ganhar muito dinheiro e juntar um monte de posses você vai ser feliz — isso é uma ideia tola. Mesmo que seja muito ou pouco, trabalhe para ter essas coisas, mas de forma moderada, saiba quando é o suficiente. A sensação de “suficiente” surge no momento em que você deixa de desejar ter ainda mais.

Enquanto você ainda tiver esse desejo em sua mente, nunca nada é suficiente. É como se você desse um pouco de arroz grudento para um cachorro e ele devorasse três grandes bocados, mas não terminasse o quarto. Ainda assim, quando uma galinha se aproxima para comer a sobra do arroz, o cachorro rosna para ela e ameaça mordê-la. Mesmo que o estômago dele esteja cheio, ele ainda é possessivo com aquele bocado de arroz. O coração dele não está cheio. Não importa o quanto ele coma, o coração dele nunca está cheio.

IV. PRIMEIROS ENCONTROS

Uma forma de compreender a prática budista é concebê-la como uma longa série de “despertares”: alguns mundanos, facilmente esquecidos e apreciados apenas em retrospecto, outros mais dramáticos e memoráveis. Encontrar Luang Pó pela primeira vez era ocasião para vários despertares dos dois tipos. Algumas pessoas achavam a experiência eletrizante; para outros ela assinalava o começo de mudanças graduais, porém inexoráveis em seus valores e sua forma de viver. Ao ouvir Luang Pó ensinar pela primeira vez, uma percepção comum era que suas palavras pareciam articular verdades — muito melhor do que eles mesmos poderiam — que os seus corações já tinham notado em um certo nível, mas que eles nunca tinham sido capazes de tornar conscientes.

O efeito emocional de tais revelações podia ser profundo. Algumas pessoas abandonavam vícios ou superstições, começavam a manter os preceitos de forma estrita, começavam a meditar. Um certo número de pessoas tornava-se monges ou monjas. Mas nem todos eram tão maduros para mudanças radicais. Em vários casos, as pessoas ficavam tocadas pela presença de Luang Pó, por seu carisma, pela paz e compaixão que sentiam nele, mas não tanto a ponto de captar muito da sabedoria que ele compartilhava. O que os marcava era a alegria e a sensação de elevação espiritual que sentiam na presença de tal monge, junto com uma fortalecida fé na joia tríplice. Para essas pessoas, o efeito imediato em suas vidas manifestava-se como um maior comprometimento e uma maior satisfação em prover suporte material para a ordem monástica.

Também houve aqueles que foram prestar reverências a Luang Pó e não sentiram nada com a experiência. Ocasionalmente, pessoas iam embora do mosteiro sentindo-se desapontadas, com raiva ou ofendidas. Embora Luang Pó pudesse ser diplomático quando a situação requeria, ele também podia escolher não o ser, principalmente se ele visse que era adequado perfurar o senso de arrogância e presunção de alguém. Frequentemente, suas palavras ou modos balançariam a complacência do visitante e lhe permitiriam abrir-se para os ensinamentos; ocasionalmente isso não daria certo de jeito nenhum. O visitante retirava-se em silêncio, com o orgulho ferido, e uma vez que estivesse a salvo do lado de fora do mosteiro, enfurecia-se pela forma como havia sido tratado. Embora a habilidade de Luang Pó de encontrar formas para alcançar as pessoas fosse extraordinária, ele não era infalível. Às vezes, as confusões e os apegos das pessoas erguiam barreiras intransponíveis. O Buddha disse uma vez que se um recipiente está virado de boca para baixo, então nem a luz do sol pode entrar nele. O próprio Luang Pó apreciava o símile do recipiente cheio até a borda com água, sem permitir qualquer espaço para mais.

TA SOEI

Ta Soei foi tão inspirado por seu primeiro encontro com Luang Pó, que isso fez com que ele desmantelasse sua casa simples de madeira e a reconstruísse em um terreno perto do mosteiro.

"Eu ouvi falar pela primeira vez de Luang Pó Chah através de um monge que eu conhecia e que se chamava Ajahn Tongcheua¹⁵⁰. Um dia ele me disse que havia diferentes tipos de monges. Existiam monges que praticavam bem e corretamente e aqueles que não o faziam. Monges do segundo tipo não são verdadeiros campos de mérito; se você se associa a eles, você não ganha benefício algum. Eu lhe perguntei onde poderia encontrar um monge do primeiro tipo, e ele disse que havia um monge assim em Wat Pah Pong.

"Ajahn Tongcheua me levou com ele a primeira vez. Nós chegamos mais ou menos às três da tarde e conversamos com Luang Pó até quase às sete da noite. Eu esqueci completamente que estava com fome. Havia muitos mosquitos, mas eu nem percebi. Depois que a conversa terminou, Luang Pó deu uma palestra do Dhamma que durou até a meia-noite. Então ele me disse para ir descansar. Mas não havia nenhum lugar para deitar — o salão do Dhamma ainda não tinha sido construído — e então eu me sentei e ouvi Luang Pó falar até o amanhecer.

"Antes que Luang Pó saísse em mendicância matinal, ele me pediu que colhesse algumas folhas comestíveis, pois os monges não teriam muito para comer com o arroz. Ele estava certo. Quando os monges voltaram, tudo o que tinham, além do arroz, eram pimentas e peixe fermentado, então eu amassei aquilo tudo, refoguei em uma panela e fiz um molho. Havia uns seis monges no total e o

¹⁵⁰ Um dos antigos discípulos de Luang Pó.

mesmo número de *mé chis*. O molho de pimenta foi distribuído em partes iguais e nós comemos aquilo com o arroz, com folhas cruas e cozidas.

"Eu fiquei com Luang Pó no mosteiro por dois dias e então fui para casa. Eu me determinei a ir novamente. Não sei como ele pôde explicar o Dhamma de tal forma que eu pude entender tão claramente. Daquele dia em diante, deixei de tomar bebidas alcoólicas, de pescar e de tirar a vida, mesmo das menores criaturas."

PÓ NUPI

Em uma antiga publicação de Wat Pah Pong, um lendário diálogo foi recriado. Escrito com uma certa dose de licença poética e aparentemente modelado nos diálogos entre o Buddha e os brâmanes céticos encontrados nos suttas, ele relata como Pó Nupi, um dos maiores críticos de Luang Pó, foi amansado e convertido em um leal discípulo leigo.

Pó Nupi era instruído — algo raro naquela época — e conhecido nas redondezas por seu conhecimento e sagacidade. Ele tinha orgulho de si mesmo como um livre pensador e, no vilarejo, era geralmente considerado entusiasta demais dos próprios pontos de vista e opiniões. Em algumas ocasiões, ele ia com sua família e amigos ouvir a palestra semanal de Dhamma de Luang Pó, mas logo depois começava a criticá-la para seus amigos. Um dia, em uma visita ao mosteiro, Luang Pó o convidou a falar abertamente sobre suas críticas e a não se preocupar quanto a ofendê-lo. Ele queria saber, exatamente, quais eram as objeções de Pó Nupi.

Muito depois, Pó Nupi viria a admitir que, quando Luang Pó lhe garantiu que não ficaria bravo com o que ele dissesse, ele sentiu que aquela era a oportunidade pela qual vinha esperando por muito tempo. Raciocinou que se falasse fortemente e Luang Pó o escutasse em silêncio, ficaria contente em tirar aquelas coisas de dentro do peito. Se Luang Pó mostrasse sinais de raiva, ele lhe daria uma bronca: "Que tipo de monge meditador é você, que não consegue aguentar nem umas poucas palavras mais duras?". Então começou contundentemente, acusando Luang Pó de ser um deludido. Disse que todas as religiões eram convenções; os ensinamentos dessas religiões eram histórias para crianças, inventadas para controlar as pessoas. Mérito e demérito não existiam. Luang Pó tinha se deixado levar por aquela ideia de kamma tão completamente que, por medo de criar mau kamma, estava se escondendo na floresta e atormentando seu próprio corpo por nada, em vez de viver no mundo real. Se ele queria ser um monge, então por que não viver em um mosteiro no vilarejo em vez de no meio da floresta? Ainda melhor, ele deveria largar o manto e aproveitar a vida.

Luang Pó permaneceu sentado em silêncio durante toda a investida e então calmamente repetiu a analogia do Buddha, comparando as pessoas que não enxergam a verdade das coisas com flores de lótus submersas embaixo da lama. Ele fez uma pergunta: se Pó Nupi não acreditava em mau kamma, por que ele não cometia um assalto à mão armada, ou talvez matasse alguém para ver como seria? Pó Nupi bufou que ele não era estúpido: se matasse alguém, a família do morto iria atrás dele, ou ele seria trancafiado em uma prisão. Luang Pó comentou que era por aquele motivo que aquilo era chamado de mau kamma.

Ao ser desafiado sobre como ele sabia que os esforços que estava empreendendo para levar uma vida virtuosa na floresta tinham algum sentido, Luang Pó escolheu responder de uma forma que o seu questionador pudesse entender facilmente. Ecoando o *Kālāma Sutta*, disse que dado o que estava em jogo — o tormento em um reino infernal, por um longo tempo, esperando alguém que fez algo errado, caso a lei do kamma fosse verdadeira — assumir que ela era verdadeira era mais inteligente do que assumir o contrário. Nada de significativo se perderia, e muito poderia ser ganho.

As respostas práticas e pé-no-chão de Luang Pó começaram a dissolver, gradualmente, a empáfia de Pó Nupi. Ele finalmente admitiu que não tinha tanta certeza sobre essa questão do kamma. Na verdade, ele já tinha passado tanto tempo pensando naquilo, que pensou que sua cabeça fosse rachar ao meio. Quando ele pediu a Luang Pó alguma orientação, Luang Pó disse:

A coisa importante a ser entendida é que você deve sinceramente abandonar o que é ruim e cultivar o que é bom antes que possa saber se mérito e demérito realmente existem.

Quando Pó Nupi perguntou para Luang Pó como deveria fazer aquilo, ele teve como resposta que, com tamanhos pontos de vista incorretos, não seria bom dar-lhe qualquer tipo de ensinamento ainda, pois ele apenas o distorceria. Pó Nupi ainda fez uma réplica contundente:

"Não se supõe que o Buddha tem o mais excelente conhecimento e sabedoria que qualquer um nesse mundo? Ele é o professor mais sublime e você é seu discípulo. Eu sou discípulo de Māra.¹⁵¹ Se o senhor não pode me ensinar, então você tem menos sabedoria que Māra."

Luang Pó, presumidamente sorrindo por essas palavras, respondeu:

Luang Pó: Se você é sincero sobre ouvir o Dhamma, então preste atenção e eu vou lhe dar um ensinamento para você levar consigo, refletir e testar. Acredite você ou não, tente fazê-lo. Você não acreditou nos ensinamentos que você ouviu de outros monges, certo?

Pó Nupi: Correto. Eu não acredito em ninguém a não ser em mim mesmo.

Luang Pó: Bem, se você não acredita nos outros, então você tampouco deveria acreditar em si mesmo. Você é um marceneiro. Você nunca cortou errado uma madeira?

Pó Nupi: Sim, já cortei.

Luang Pó: Outros assuntos são a mesma coisa. Você sempre pensou e agiu de forma correta? Você nunca entendeu as coisas errado, nunca agiu de forma incorreta?

Pó Nupi: Eu cometi erros.

Luang Pó: Bem, se esse é o caso — se sua mente é capaz de levá-lo a pensar de forma incorreta, falar de forma incorreta e agir de forma incorreta — você não pode acreditar nela tampouco.

Pó Nupi: Então o que devo fazer?

Luang Pó: Não pense muito. E não fale muito também.

O texto não elabora nenhum outro ensinamento na sequência dessas palavras. Ele relata, contudo, que nos dias seguintes, Pó Nupi não conseguia tirar as palavras de Luang Pó da cabeça. Ele não conseguia evitar e quanto mais refletia sobre as palavras de Luang Pó, mais verdadeiras elas pareciam ser e mais verdadeiros pareciam ser os ensinamentos do Buddha. Ele não pôde mais encontrar argumentos contra eles.

A presunção e o orgulho de Pó Nupi começaram a se esvaír. Ele abandonou o caráter teimoso e ofereceu-se como discípulo de Luang Pó. Ele manteve os cinco preceitos de forma estrita, começou a meditar e tornou-se um dos pilares do suporte leigo ao mosteiro.

¹⁵¹ Ver Glossário

MÉ TIU

Pode-se argumentar que muitas das pessoas chegavam à presença de Luang Pó pela primeira vez com tanto senso de admiração e reverência, que já estavam totalmente predispostas a serem emocionalmente afetadas pela experiência, o que quer que Luang Pó dissesse. Mas também havia casos de pessoas que estavam bastante despreparadas para a força dos sentimentos que ele evocaria nelas. Mé Tiu era uma mulher da região, uma cientista com mestrado em Biologia de uma universidade norte-americana. Encontrar Luang Pó foi um momento importantíssimo em sua vida e o primeiro passo para que ela abandonasse o mundo, em favor do treinamento monástico.

"Quando nós três chegamos na cabana dele, Luang Pó já estava com alguns convidados: havia um monge ali com um grupo de apoiadores leigos de Bangkok, prestando suas reverências. A área abaixo da cabana de Luang Pó estava lotada, então procuramos um lugar para sentar na parte de fora do piso de concreto. Então algo realmente estranho aconteceu: assim que comecei a me prostrar, senti como se estivesse sendo banhada por uma corrente de frescor emanando de Luang Pó. Eu me senti instantaneamente refrescada em meu corpo e mente. Era como sair de um local abafado e entrar em uma sala com ar-condicionado. Eu encarei Luang Pó e meu pensamento naquele momento foi: 'Então é isso o que querem dizer com mettā.'"

"Depois de alguns momentos, o grupo de Bangkok despediu-se. Luang Pó pegou uma pilha de pequenas fotos suas em preto e branco e as distribuiu. Ele disse aos seus visitantes que, já que eles tinham tido tanto trabalho de vir de tão longe para vê-lo e, embora ele não tivesse nenhum verdadeiro presente para dar em retorno, além das palavras do Dhamma, ele tinha aquelas fotos que um apoiador leigo havia oferecido para ele — caso alguém quisesse alguma. É claro que todos queriam.

"Assim que vi Luang Pó entregar as fotografias, o desejo imediatamente tomou conta da minha mente. Preocupei-me que não fosse sobrar nenhuma para mim e então falei alto, atrás do grupo: 'Luang Pó, também quero uma!'

"Luang Pó olhou de relance para mim enquanto distribuía as fotos — apenas por uma fração de segundos — mas aquilo fez com que meu coração fosse ao chão. Eu percebi que havia feito algo inapropriado, expondo a minha cobiça de uma forma tão grosseira. Quando todas as pessoas de Bangkok tinham ido embora, Luang Pó perguntou bruscamente: 'Onde está ela? Essa que quer tanto a foto. Onde ela está?' Ele me viu. 'Então venha e pegue uma.'

"Eu engatinhei até ele, ainda que me encontrasse tremendo de medo. Forcei-me a olhar de relance para o rosto dele. No momento em que levantei minhas mãos para receber a foto, vi que sua expressão era radiante e calorosa. Era um rosto cheio de uma bondade e compaixão genuínas pelos seres sencientes. Ele não mostrava nenhum traço da irritação que eu esperava ver. Meu medo se dissolveu. Daquele momento, até a hora em que nos prostramos para ir embora, meus ouvidos estavam tilintando. Não consigo me lembrar de nada que Luang Pó nos disse. Tudo o que consigo me lembrar é o quão feliz me senti."

PÓ BUAPAH

Na Tailândia, mosteiros sempre foram lugares onde as pessoas iam buscar um descanso quando suas vidas não estavam indo bem. Muitas pessoas vão aos mosteiros com uma crença supersticiosa de que uma cerimônia em particular, ou oferecer algo para a Sangha vão terminar com sua má sorte. Mas muitos que iam ver Luang Pó buscavam conselhos ou reflexões sábias. Ele uma vez brincou:

Viver aqui é como viver em uma oficina mecânica. Todos que têm alguma coisa errada consigo mesmos, ou com seus filhos, ou com suas esposas ou maridos, vêm aqui para que eu resolva — do mesmo jeito que alguém com o carro quebrado empurra-o até a oficina e o entrega para o mecânico.

O Buddha chamou a separação de alguém que se ama como um “mensageiro do Dhamma”. Em outras palavras, o sofrimento causado por tal separação desperta as pessoas para as verdades da vida que antes eram capazes de ignorar, mas que agora já não podiam mais. Um dos discípulos mais devotados de Luang Pó, Pó Buapah, foi pela primeira vez a Wat Pah Pong durante a época de uma perda inconsolável.

"Quando voltei da guerra, casei-me com uma garota de Nah Soom. Tivemos dois filhos e éramos felizes. Então o mais novo faleceu. Eu e minha esposa ficamos arrasados com o pesar. Eu sentia tanta falta do meu filho que não podia comer ou dormir. Estava triste, mas a vida seguiu. Contudo, agora sinto que minha vida estava apenas seguindo sem sentido. Eu não conseguia sair da minha depressão. Naquela época, Luang Pó havia estabelecido Wat Pah Pong há uns dois ou três anos. Um vizinho viu o quanto eu estava sofrendo e sugeriu que eu fosse vê-lo. Ele me disse que talvez Luang Pó fosse capaz de me ajudar a passar por isso, então fui prestar minhas reverências a ele e contei-lhe minha história. Ele me disse que todos no mundo devem morrer um dia. Não existe um vilarejo sequer, uma casa sequer, onde não tenha ocorrido uma morte. Mesmo em mosteiros, monges e noviços morrem."

Luang Pó disse a Pó Buapah que ele também deveria morrer e talvez não fosse nem demorar tanto tempo. Dado que o seu tempo nesse mundo é limitado, lamentar-se indefinidamente por alguém que tenha partido não ajudava ninguém. Pessoas sábias pensam sobre o tempo incerto que elas ainda têm na vida e encontram um significado renovado para suas vidas através da devoção à bondade e à virtude. É provável que Pó Buapah tivesse ouvido palavras de conforto similares, muitas vezes antes, e não tivesse se sentido tocado por elas. Mas de alguma forma, quando elas foram ditas por Luang Pó, pareceu que ele as estava ouvindo pela primeira vez e a verdade delas bateu fortemente nele.

"Ele disse que eu e minha esposa tínhamos que trabalhar juntos para fazer o que quer que fosse de verdadeiro benefício para nós mesmos e para os demais. Deveríamos nos estabelecer no modo de vida correto e cultivar continuamente a bondade e a virtude como condições de apoio e provisão para o futuro.

"Enquanto ouvia o ensinamento de Luang Pó, percebi-me concordando com tudo o que ele estava falando. Aquilo foi um ponto de virada. E aquilo me fez gostar de ouvir o Dhamma. Comecei a sair para vê-lo com mais frequência. Apreendi muitas coisas e minha fé e respeito por ele cresciam cada vez mais. Luang Pó me deu tarefas para fazer no mosteiro, como limpar os caminhos e cortar a grama. Sentia-me orgulhoso de ser um ajudante em quem ele confiava. Minha felicidade voltou."

PÓ AM

Algumas pessoas ficavam impressionadas com os ensinamentos de Luang Pó, mas eram muito orgulhosas e teimosas para aceitá-los sem briga. Um homem assim era o herbalista Pó Am, que discutiu com Luang Pó até perder a consciência.

"Antes de começar a reverenciar Luang Pó, discuti com ele por quatro dias e quatro noites. Durante os dias, eu o estava ajudando a plantar uma fileira de bambus em torno do perímetro do mosteiro.

Nas noites, eu seguia discutindo com ele até o dia amanhecer. Eu dizia algo do tipo: 'Se o arroz é meu arroz e a farinha é minha farinha, como pode ser mau kamma transformá-los em bebida alcoólica?' E ele respondia:"

Você tem uma faca, você pode usar o lado afiado para matar e destruir ou você pode usá-lo para preparar comida. A faca é sua, mas se você a espetar no topo da sua cabeça, como é que você vai se sentir?

"Então, de qualquer forma, discutimos por quatro dias e quatro noites. No quarto dia, no começo da tarde, senti-me zozinho e desmaiei. Luang Pó veio ver o que tinha acontecido. Eu disse: 'Não sei, tudo escureceu, não consigo ver nada'. Luang Pó me levou pela mão até o local onde ficava a mangueira. Então ele tocou o sino. Havia mais ou menos seis monges no mosteiro naquela época. Ele lhes disse que trouxessem uma esteira e um travesseiro para que eu me deitasse. Então lhes disse para que colocassem quatro potes de água ao norte de onde eu estava e dois ao sul e os enchessem até a borda. Não sei por quanto tempo fiquei deitado ali antes que pudesse retomar a consciência. Quando tentei me lembrar do que tinha acontecido, a última coisa que conseguia me lembrar era de que estava no salão do Dhamma, então o que é que eu estava fazendo agora perto da mangueira? Virei-me para o oeste, ainda confuso e então olhei ao redor. Naquele momento, ouvi a voz de Luang Pó me chamando atrás da minha cabeça, 'Pó Am, Pó Am'. Virei minha cabeça e o vi sentado de pernas cruzadas em uma plataforma de bambu tomando conta de mim. Ele disse:"

É isso o que acontece quando você tenta contrariar um monge ensinando o Dhamma. Você discutiu a noite inteira, você discutiu o dia inteiro. Quatro dias e quatro noites. É impossível vencer o Dhamma, você sabe, e foi por isso que você desmaiou.

"Estava começando a me sentir melhor — vapor de água é um remédio tradicional para reanimar pessoas que tenham desmaiado — e aquilo estava fazendo com que eu me sentisse tranquilo, confortável e refrescado. Quando olho agora para aquilo que aconteceu, percebo que estava entendendo tudo errado. Luang Pó disse que alguém que vive em um lugar alto é capaz de ver uma pessoa que esteja abaixo dela, mas quem está embaixo não consegue ver quem está acima. Eu refleti sobre aquilo. Ele estava certo."

V. PESSOAS DIFERENTES

CAMPONESES

A maioria dos discípulos e visitantes diários de Luang Pó eram camponeses. Ao discursar para um grupo de moradores locais ele se voltava para um de seus assuntos favoritos: "saber o que é o quê", não viver cegamente dia após dia, mas sim ter em mente os princípios orientadores estabelecidos pelo Buddha:

Muitos budistas ainda são deludidos e supersticiosos. Pelas minhas reflexões, eu diria que porque eles não compreendem os principais princípios do Dhamma, eles não conseguem um bem-estar verdadeiro em suas vidas. Assim como pessoas que cultivam a terra sem entender sobre as cepas do arroz ou sobre rotação de culturas, eles não sabem escolher o que é útil para eles e o que não é.

Superstições e crenças não examinadas não estavam confinadas aos assuntos religiosos. O preconceito com relação à educação — a crença de que aquilo era uma perda de tempo, que privava

desnecessariamente as famílias da mão de obra dos membros mais jovens — era um bom exemplo de uma crença que parecia bem fundamentada em algum momento do passado e que agora era fortemente reprovada. Ele instigava sua audiência a refletir sobre como coisas que antes pareciam ser senso comum e com as quais todos concordavam, podiam estar completamente equivocadas:

Quando eu era criança, construíram uma escola no vilarejo e quando os inspetores vieram para registrar todas as crianças, alguns esconderam os seus filhos. Se as crianças fossem para a escola e repetissem de ano, seus pais diziam: “Ótimo! Agora você pode sair da escola e cuidar dos búfalos, dos seus irmãos e irmãs mais novos”. E como essas crianças estão se saindo agora? Quando elas vão para a cidade, elas não conseguem ler os sinais. No mercado elas são facilmente enganadas.

Saber lidar bem com as matérias-primas que a vida lhe dá requer o conhecimento de alguns princípios básicos, como o trabalho com a madeira.

Os antigos sábios diziam que não importa o quão liso você recorte uma peça de madeira, se você não usar os ângulos certos dela, ela não vai ficar bonita. Pense nisso — é verdade? Ela pode ser bastante lisa, mas não parecer bonita. Mas se você consegue os bons ângulos dela, mesmo que não seja lisa, ela será bonita.

Sem os princípios orientadores, Luang Pó dizia: “ao tentar amarrar um pacote, você termina amarrado nele”. Ouvir o Dhamma ajudava a pessoa a refletir sobre o certo e o errado, o bom e o mau e a aprender a distinção entre eles. Mas entender as desvantagens das ações não sábias e os benefícios das ações sábias não garantia proteção contra as impurezas. Na verdade, algumas impurezas eram provocadas exatamente pelo esforço de fazer o bem. Luang Pó dizia que esse ponto podia ser entendido por qualquer um que tivesse plantado alfaces:

Você prepara a base com uma enxada e então planta as sementes. Você as rega, coloca um pouco de fertilizante e a alface cresce bem bonita. Mas existe um problema: esse mesmo fertilizante não promove apenas o crescimento da alface, ele promove as ervas daninhas, também. Então o que você faz? Vai retirar tudo, ervas daninhas e alface junto? Ou vai deixar tudo como está? Você também não pode fazer isso. Se você quiser ter algo para comer, você tem que retirar as ervas daninhas e deixar a alface. Isso é o que torna o trabalho duro. Você faz o bem, mas o mau vem atado a ele. Você tenta tirar o mau, mas quando chega até ele, percebe que o seu desejo pelo que é bom é acompanhado pela preguiça. Desejo e preguiça andam juntos. Mas se você acredita no que a sua preguiça está lhe dizendo, você nunca vai conseguir fazer o bem. Então você tem que tentar ir contra os seus velhos hábitos e, pacientemente, manter-se firme contra as impurezas.

PROFESSORES

Luang Pó dedicava um esforço particular ao ensino dos grupos de professores que o visitavam. Ele via a importância para a sociedade de um alto padrão na profissão docente e estava consciente de que vivia em um período no qual esses padrões pareciam estar em declínio. Certamente ainda havia professores bons e dedicados a serem encontrados e, ainda assim, em uma sociedade cada vez mais materialista, onde as recompensas financeiras de uma carreira se tornaram a principal medida de valor, o status do professor escolar estava em declínio. Ser um educador havia se tornado cada vez menos atrativo como carreira e uma segunda opção para aqueles que não tinham sido bem-sucedidos em tentativas mais lucrativas. Um número cada vez maior de pessoas estava aceitando a profissão de educador sem qualquer paixão verdadeira por educar. No interior do país, professores

eram notórios por viverem além de suas posses, e professores homens, em particular, eram frequentemente dados à bebida e aos jogos de azar.

A pergunta inicial favorita de Luang Pó para grupos de professores que o visitavam:

Oh, vocês são professores. Vocês ensinam apenas aos outros ou vocês também ensinam a si mesmos?

Na visão de Luang Pó, ensinar as crianças não estava restrito a passar informação adiante, mas incluía agir como um bom exemplo para elas:

Alguns professores reclamaram para mim que as crianças eram difíceis de serem ensinadas e brigavam muito, e então eu lhes perguntei se os professores viviam em harmonia entre si. Eles não responderam. Então eu lhes disse que era compreensível que as crianças brigassem, pois elas ainda eram crianças e não conheciam algo melhor, mas que os professores brigassem era algo inaceitável.

No final da década de 1960, no auge da Guerra do Vietnã, a influência ocidental na Tailândia atingiu o nível mais alto de todos os tempos, e era frequentemente responsabilizada pelo declínio nos níveis de deferência inquestionável que muitas figuras de autoridade consideravam lhes serem devidas por parte de seus subordinados. Isso tornou-se um grande problema nas universidades. Quando os professores pediam conselhos a Luang Pó sobre como lidar com a falta de respeito de seus pupilos, ele lhes dizia que os tempos haviam mudado. Agora os professores não podiam esperar pelo respeito como um direito; eles tinham que conquistá-lo. A forma de conquistá-lo não era apenas dizer as coisas corretas, mas treinarem-se a si mesmos para que assim os seus estudantes confiassem neles e os respeitassem. “Se você não pode ensinar a si mesmo”, ele dizia: “como pode ensinar aos demais?”

Tenham o Buddha como um modelo. Uma vez, ao final de uma palestra de Dhamma, o Buddha fez uma pergunta ao venerável Sāriputta em frente de toda a comunidade monástica. “Sāriputta”, ele disse: “você acredita no que eu acabei de ensinar?” O venerável Sāriputta era sábio. Ele levantou suas mãos em añjali e respondeu: “Ainda não, Senhor”. Ao ouvir essa resposta, o Buddha o elogiou dizendo: “Muito bom, Sāriputta. Pessoas sábias não devem acreditar em nada facilmente. Sempre que ouvir algo novo, a primeira coisa que você deve fazer é ir embora e refletir sobre aquilo com sabedoria. Apenas quando você vê que aquilo é correto e bem fundamentado, é que você deve, então, acreditar. Esse é o caminho dos sábios”.

Vejam como o Buddha era habilidoso. Se fôssemos nós hoje em dia, e um de nossos estudantes dissesse que não acredita no que estamos dizendo, provavelmente perderíamos a calma e o colocaríamos para fora da sala de aula — isso é o que geralmente acontece. Então, todos vocês, ensinem a si mesmos, assim como vocês ensinam aos demais. Aí vocês não vão sofrer por causa dos seus estudantes.

Luang Pó frequentemente expandia esse tema sobre ser um modelo:

Sejam como o molde-mestre que eles usam para fazer amuletos do Buddha. Vocês já viram um desses? Um único molde é suficiente para fazer muitos amuletos. Moldes são feitos com verdadeira expertise. O rosto, as sobrancelhas e as bochechas são cavadas com precisão, sem distorções ou recortes, com o intuito de fazer belos Buddhas. Todos vocês, professores, são como moldes para seus alunos. Vocês devem se fazer belos ao cultivar as virtudes de um professor e ao manter, em todos os momentos, os padrões morais e o comportamento correto apropriados a um líder.

Se fosse haver um retorno a um padrão mais alto de moralidade na sociedade, os professores teriam que liderar o caminho. Eles eram os mais próximos das crianças e tinham grande influência sobre elas.

Crianças são como videiras. Elas têm que subir em árvores. Se uma árvore está a poucos centímetros de distância e outra está a dez metros, em qual vocês acham que a videira vai subir?

Luang Pó desafiava os professores a terem um alto padrão. Eles precisavam ser constantemente atentos ao seu próprio comportamento.

Não apenas ensinem com palavras. Em pé, andando, sentados, sua fala — tudo deveria ser um ensinamento para eles. Aí as crianças vão emular vocês. Eles são rápidos em perceber, mais rápidos do que os adultos.

Voltem-se para os ensinamentos morais e os tomem como seu guia de princípios. Sejam devotados a eles. Não fiquem tão intoxicados com coisas materiais a ponto de se devotarem apenas a se divertirem. Cumpram suas responsabilidades como líderes e professores assim como o Senhor Buddha fez.

Ele ilustrava o que queria dizer com um conto *Jātaka*:

Uma vez, um certo rei possuía um cavalo puro-sangue. Esse cavalo era veloz e flexível, inteligente e fácil de treinar. Um dia, um novo criado veio para cuidar dele. O novo criado tinha uma perna deformada e andava mancando. O cavalo o via andando por ali todos os dias e, como aprendia rápido, depois de pouco tempo, começou a andar da mesma maneira. O cavalo pensou que a forma como o criado estava andando era um ensinamento. Logo o cavalo perdeu a graciosidade de seus movimentos e se tornou manco. Um médico foi chamado para tratar o cavalo. Ele procurou por fragmentos ou lascas no casco do cavalo, mas não encontrou nada e, embora tivesse dado medicamentos ao cavalo, ele continuava a mancar. Então, aquele que viria a ser o Buddha veio vê-lo. Ele investigou o estábulo e as redondezas atentamente e não conseguiu encontrar nenhuma causa para a condição do cavalo. Então, quando ele viu o criado, percebeu o que havia acontecido. Sugeriu ao rei que substituísse o criado por alguém que não mancasse. O cavalo observou a o criado substituto andando por ali, começou a copiá-lo, e depois de algum tempo, ganhou de volta a sua beleza e graça.

CIENTISTAS E ACADÊMICOS

Um dia, um certo cientista veio visitar Luang Pó. Falando como alguém que tinha praticado meditação e, se sentindo qualificado para fazer uma comparação, ele era da opinião que, como uma forma de perceber a verdade das coisas, a ciência oferecia um caminho mais efetivo e verificável que o treinamento budista. Luang Pó não se impressionou. “O Senhor não acha que é possível” ele perguntou: “que esteja colocando demasiada confiança nessa afirmação sem um conhecimento completo dos resultados do treinamento budista?” Ele deu dois símiles: era como se um homem colocasse um braço curto dentro de um buraco e concluísse que o buraco só chega até onde o seu braço alcança; ou como alguém com a vista ruim que concluía que não havia tais coisas como aviões no céu, pois ele nunca havia visto um.

Em outras ocasiões, falou sobre o estudo dos ensinamentos budistas como uma pedra angular para o estudo de todas as outras áreas acadêmicas, incluindo as ciências. Sem a sabedoria do budismo, o

estudo de quaisquer outros assuntos podia levar a tantas desvantagens para o bem-estar humano quanto a vantagens. Com o apoio da sabedoria budista, desvantagens podiam ser minimizadas e vantagens maximizadas.

Em uma época em que uma educação baseada nos modelos ocidentais estava sendo promovida como uma grande panaceia para a sociedade tailandesa, certificados e diplomas universitários conferiam grande status às pessoas. Luang Pó tentava perfurar a crença não fundamentada de que adquirir conhecimento de livros era algo invariavelmente bom por si mesmo:

Algumas pessoas estudam tanto que se tornam estúpidas, fica impossível falar com elas. Quando elas sobem, vão muito alto; e quando elas descem, descem muito baixo — elas nunca veem o caminho do meio. Você acha que apenas porque estudou muito agora você é esperto? Preste atenção: existe ser esperto demais. Fortes apegos a pontos de vista e arrogância surgem. Você deixa de ver as outras pessoas como seres humanos. Você pensa que é mais poderoso, melhor, mais brilhante — e essa forma de pensar leva inevitavelmente a desdenhar os outros. Pensar que você é superior aos demais não leva a nada além de problemas.

Se você vê um camponês e vê o quanto não é diferente dele; se você vê um idoso e pensa que um dia será assim; se você vê uma criança em um estado de confusão e pensa que também era assim — se você traz essas coisas para dentro de si e reflete sobre si mesmo dessa forma, então é fácil entender o Dhamma.

Um provérbio tailandês diz que, se colocado bem em frente ao seu olho, um fio de cabelo pode esconder uma montanha:

O professor diz que tudo é impermanente, insatisfatório e sem um eu e você diz “eu sei, eu sei”; mas na verdade você não tem a mínima ideia. Com esse tipo de conhecimento, você segue vivendo como um tolo, e aí você morre.

Luang Pó comentava sobre as razões pelas quais acreditava que as pessoas que tinham altas qualificações acadêmicas eram geralmente difíceis de ensinar. Ele dizia que era o que acontecia quando as pessoas estudavam para acumular conhecimento, em vez de para remover a ignorância e as impurezas:

O que elas não percebem é que se elas têm uma graduação de nível superior, então suas impurezas também têm; se elas têm um mestrado, então suas impurezas também têm; e se elas têm um doutorado, suas impurezas também têm.

Ele tinha um símile um tanto ácido para as pessoas que perseguiram estudos acadêmicos de alto nível, mas, sem fazer nada para educarem as suas mais altas faculdades, seguiam escravas de seus apetites:

Elas são como urubus que voam alto no céu, mas quando estão com fome descem rapidamente para se alimentarem de cadáveres podres.

ESPOSAS COM PROBLEMAS

O setor das *mé chis* em Wat Pah Pong servia como um refúgio para mulheres experienciando sérios problemas matrimoniais. Quando mulheres aflitas iam pedir permissão a Luang Pó para ficar no mosteiro, era comum que elas estivessem tão aborrecidas que se diziam completamente desiludidas com a vida no mundo e prontas para se tornarem monjas. Depois de alguma oportunidade para uma

pequena e silenciosa reflexão, contudo, a maioria voltava para casa. Luang Pó, às vezes, brincava sobre como tamanha determinação em largar o mundo podia desaparecer tão facilmente:

As pessoas perguntam por que o alojamento de visitantes no setor das monjas é mantido vazio. Ele é mantido assim para as pessoas desiludidas com o mundo virem e ficarem lá. O alojamento estava caindo aos pedaços e nós o consertamos para essas mulheres. Algumas estão fortemente desencantadas. Mas elas não ficam muito tempo — uma noite e elas vão embora.

Com mulheres irritadas com seus maridos, ele era como um pai, aconselhando-as a não tomar decisões importantes no calor do momento, das quais elas logo poderiam se arrepender. Ele dizia que era melhor não sair tempestuosamente de casa gritando: “Eu nunca mais vou voltar, eu prefiro morrer!” O prazer que vinha de falar em termos tão absolutos assim não valia a vergonha que surgiria quando os sentimentos tivessem se acalmado.

Não digam que estão indo embora para sempre. Não digam que nunca voltarão. Digam que vocês não querem falar se vão voltar ou não, mas que, no momento, vocês querem ir para o mosteiro repensar as coisas e se acalmar... Digam que vocês vão ficar em Wat Pah Pong com Luang Pó por dois ou três dias, pois vocês se sentem infelizes. Digam apenas isso naquele momento. Não parta para o pacote completo logo de cara. Não digam que querem o divórcio. Depois de algum tempo, vocês bem podem querer voltar. Não acreditem em suas mentes.

IDOSOS

As pessoas mais velhas, Luang Pó dizia, tinham que aprender como ele: “a ser inteligentes com relação a própria estupidez”. Assim que passou dos sessenta anos, ele disse, sua memória começou a lhe pregar peças. Ele podia querer chamar um noviço pelo nome e o nome de um outro sairia da sua boca. Era como se seu cérebro estivesse anunciando muito silenciosamente que estava para se aposentar. Ele tinha que aprender a permitir isso. Para pessoas leigas, levando em conta as limitações e distorções de percepção trazidas pela idade avançada, era importante evitar conflitos em casa.

Vocês são os pais deles. Vocês os criaram. Vocês tiveram que ser espertos para isso, mais espertos do que eles. Mas essa inteligência se torna o seu oposto. Conforme você fica mais velho, aquela sensação de ser aquele que sabe o que é certo e o que é errado, de ser mais inteligente que os filhos, faz de vocês estúpidos.

Vocês discutem com seus filhos, não querem admitir que estão errados e as emoções de todos ficam agitadas. Seus filhos são inteligentes e espertos. Eles se enchem de vocês e vão embora. Quando vocês estão discutindo com seus netos, vocês têm ainda mais certeza de que estão certos. Vocês não vão deixar que eles o contradigam de forma alguma. Na verdade, eles têm razão, mas vocês têm que ganhar a discussão. Isso não é o Dhamma.

Era importante para pessoas mais velhas encararem o declínio de suas faculdades.

Seus olhos são bons como costumavam ser? E seus ouvidos? E seu corpo? Vocês têm tanta energia quanto tinham antes? A memória é tão boa quanto antes? Tudo é tão bom quanto era antes? Por que vocês não observam isso? ... Refletir dessa forma é chamado ser cuidadoso, estar alerta para como as coisas são. Ignorar a verdade das coisas é ser

descuidado... Uma pessoa descuidada é como uma pessoa morta, então não sejam descuidados.

Lares para idosos não existiam naquela época. Um recurso para uma família lidar com idosos instáveis e autoritários era encorajá-los a se devotarem a fazer boas ações em sua velhice e deixarem os assuntos mundanos para a geração seguinte. O vovô se tornar um monge e a vovó, uma monja eram uma forma aceitável de resolver o problema.

Em alguns casos, a coisa fica tão ruim que a família não consegue mais aguentar. Os pais abusam de sua autoridade e não permitem que os filhos contestem qualquer coisa que eles digam. Filhos, noras, filhas, genros, eles são inteligentes, eles começam a fazer sugestões: “Mãe, pai por que vocês não vão viver no mosteiro?” Eles tentam encorajá-los a ir ao mosteiro, pois não aguentam mais vê-los reclamando. Eles vão construir uma cabana para vocês no mosteiro. Vão pagar por tudo para se assegurarem que vocês estarão confortáveis lá. É melhor do que tê-los em casa reclamando o tempo inteiro. Que os monges ensinem a vocês. Ainda assim, o vovô e a vovó não entendem o recado. Mas a família está determinada a levá-los e confiá-los ao monge sênior do mosteiro. Isso acontece. Tenham cuidado.

Era a prática do Dhamma que podia prevenir que as relações em família se tornassem divididas por conflitos. Começava por abrir mão de uma briga para manter o antigo estado das coisas e por, humildemente, aceitar as mudanças trazidas pela idade.

Sua urina cheira pior do que costumava cheirar, seu excremento cheira pior do que antes; tudo cheira pior. E vocês estão se tornando crianças de novo, crianças idosas. Se vocês estiverem meditando, vocês poderão resolver esses problemas. Vocês se tornam fáceis de serem cuidados, vocês não se tornam esquecidos, é fácil falar com vocês. Vocês têm *sati* e um constante estado de alerta. Vocês não criam mau kamma ou inimizade consigo mesmos, com seus filhos ou netos. É isso o que significa cultivar o Dhamma.

PRÓXIMOS DA MORTE

Ao falar com apoiadores leigos, que conhecia há muitos anos, sobre as verdades da vida das quais não se podia escapar, Luang Pó podia ser direto e desafiador, fazendo com que eles rissem de suas próprias fraquezas. Mas assim que eles se aproximavam da morte, o tom dele tendia a suavizar. Em uma ocasião, solicitaram a Luang Pó que gravasse uma fita cassete para uma discípula leiga idosa, boa praticante, que estava em seu leito de morte. Ele deu um discurso (mais tarde transcrito e traduzido para como “*Nosso Verdadeiro Lar*”) que se tornou uma de suas palestras do Dhamma mais conhecidas e que vem, através dos anos, proporcionando conforto e inspiração para uma grande quantidade de pessoas.

Nessa palestra, Luang Pó começa falando sobre a natureza universal e inevitável da morte que se aproximava. A morte era normal e natural, e devia ser aceita.

Você deve entender que, mesmo o próprio Buddha, com seu grande estoque de virtudes acumuladas, não pôde evitar a morte física. Quando ficou idoso, abriu mão de seu corpo e deixou para trás o pesado fardo. Agora, você também deve aprender a ficar satisfeita com os muitos anos que já dependeu do seu corpo. Aceite que já foi o suficiente.

Ele disse que era como um utensílio doméstico que começa limpo e brilhante e, depois de alguns anos, torna-se descascado e rachado. Era um processo inevitável.

O Buddha disse que as condições, sejam condições internas do corpo ou condições externas, não têm uma essência; a sua natureza é mudar. Contemple profundamente essa verdade.

Contudo, o inevitável declínio do corpo não tinha que afetar a mente. Ao contemplar a verdadeira natureza das coisas e abandonar os apegos, a mente podia libertar a si mesma desse declínio.

Nós temos que ser capazes de estar em paz com o corpo, qualquer que seja o seu estado ... Agora que o seu corpo começou a decair e se desfazer devido à idade, não resista a isso, mas tampouco permita que sua mente junte-se a isso e se deteriore com o corpo. Mantenha a mente separada. Dê energia a ela realizando a verdade sobre como as coisas são. Se sua casa está inundada ou se queimou inteiramente — qualquer que tenha sido a ameaça — deixe que isso afete apenas a casa. Se houver uma enchente, não permita que ela inunde a sua mente. Se houver um incêndio, não permita que ele queime o seu coração. Que seja meramente a casa, que está fora de você, que se inunde ou se queime. Agora é a hora de permitir que a mente abra mão de seus apegos.

O Buddha disse que o que podemos fazer é contemplar o corpo e a mente para ver a sua impessoalidade, que nenhum deles é “eu” ou “meu”. Eles têm apenas uma realidade provisória. É como essa casa, ela é nominalmente sua. Você não pode levá-la consigo para nenhum lugar. O mesmo se aplica à sua riqueza, posses e família: eles são seus apenas no nome. Eles não pertencem realmente a você. Eles pertencem à natureza.

Ele a ensinou a examinar o corpo e ver como ele era sujeito a mudanças. Disse-lhe que visse a natureza não atrativa do corpo e a sua ausência de essência. Não havia nada de errado no corpo por si só, ele disse. Nossos problemas ocorrem por causa do pensamento incorreto. Querer que o corpo não morra era como querer que um pato fosse uma galinha, ou querer que um rio mudasse o seu curso e corresse em direção à sua nascente.

Uma vez tendo sido jovem, seu corpo tornou-se velho e agora segue seus meandros para a morte. Não deseje que não seja assim. Não é algo que você tenha o poder de remediar. O Buddha nos ensinou a ver as coisas como elas são e a abrimos mão de nossos apegos a elas. Tome esse sentimento de abrir mão como o seu refúgio.

Meditação fornecia um refúgio e, se bem desenvolvida, podia prover algum distanciamento da dor.

Mantenha-se meditando, mesmo que você se sinta cansada ou exausta. Deixe que sua mente fique com a respiração. Tome algumas respirações profundas e então foque a atenção na respiração usando o mantra “Buddho”. Faça dessa uma prática constante. Quanto mais exausta você estiver, mais sutil e focada a sua concentração deve ser, para que você possa lidar com as sensações dolorosas que surjam.

Para um meditador experiente, grandes ganhos podiam ser esperados.

Conforme a respiração se torna cada vez mais sutil, nós nos mantemos seguindo-a, enquanto, ao mesmo tempo, despertamos a mente. Eventualmente a respiração pode desaparecer e tudo o que permanece é a sensação de estar alerta. Isso se chama encontrar o Buddha. Nós temos aquela atenção clara e desperta chamada “Buddho”, “Aquele que sabe”, o desperto, o radiante. Isso é encontrar-se e viver com o Buddha, com clareza e atenção. Foi apenas o Buddha histórico que faleceu. O verdadeiro Buddha, o Buddha que é o saber claro e radiante, ainda pode ser experienciado e alcançado hoje.

A tarefa era abrir mão de tudo o que a amarrava ao mundo. Ele falou mais detalhadamente sobre aceitar a naturalidade do que estava acontecendo:

Apenas pense: você poderia expirar sem inspirar? Sentiria-se bem assim? Você poderia apenas inspirar? Nós queremos que as coisas sejam permanentes, mas elas não podem ser, isso é impossível. Uma vez que a respiração entrou no corpo, ela deve sair. Tendo saído, ela retorna. E isso é natural, não é? Tendo nascido, nós envelhecemos e então morremos. É completamente natural e normal.

Tudo o que ela precisava agora era esse “saber do Buddha”. Ela tinha que abrir mão de tudo o que a amarrava nesse mundo. Ela tinha que renunciar às suas preocupações e dúvidas sobre a família. Não que ela tivesse que tentar parar de pensar naqueles que amava, mas que ela deveria pensar neles com sabedoria, com atenção à impermanência e à inevitabilidade da separação deles. Ele explicou o significado da palavra “mundo”:

“O mundo” é qualquer estado mental que esteja lhe agitando no momento presente. “O que eles vão fazer?” “Quando eu tiver partido, quem é que vai cuidar deles?” “Como é que eles vão se virar?” Tudo isso é apenas “o mundo”. Mesmo o mero surgir de um pensamento que teme a morte ou a dor é “o mundo”. Jogue o mundo fora! O mundo é do jeito que é. Se você permitir que ele a domine, sua mente se torna obscura e você não é capaz de vê-lo. Então qualquer coisa que apareça na mente, apenas diga: “Isso não é assunto meu. É impermanente, é insatisfatório e não-eu.”

Agora ela tinha trabalho interno a fazer — trabalho esse que ninguém poderia fazer por ela e mesmo aqueles que a amavam muito não poderiam ajudá-la com isso. Ela deveria focar-se exclusivamente naquela tarefa e deixar o cuidado com o seu corpo para os outros. Nada à sua volta era substancial. Ela deveria encontrar o seu verdadeiro lar. Posses, prazeres e dores, relacionamentos, tudo o que havia formado sua vida, até então, era apenas um abrigo temporário. Mesmo o seu próprio corpo estava demonstrando agora ser algo tomado emprestado da natureza e que logo teria que ser devolvido. Ele começou a falar de forma a encorajar *nibbidā*, o desencantamento com o infindável ciclo de vir a ser:

Quando você perceber que esse é o jeito que o mundo é, você sentirá que é um local enfadonho. Você se sentirá fatigada e desencantada. Ficar desencantada não quer dizer que você terá aversão; a mente está clara. Ela vê que não há nada que possa ser feito para remediar esse estado de coisas, é apenas o jeito que o mundo é. Ao saber isso dessa forma, você pode abrir mão dos apegos; você pode abrir mão com uma mente que não está nem feliz e nem triste, mas em paz com as condições por ver, com sabedoria, a sua natureza mutável ... Você vê que, se tem muitas posses, tem que deixar muitas coisas para trás; se tem pouco, deve deixar pouco para trás. Riqueza é só riqueza. Vida longa é apenas vida longa. Não há nada especial.

Ele a incentivou a abrir mão de tudo a que ainda estivesse se apegando e que fosse para “o seu verdadeiro lar”:

Abra mão. Abra mão até que a mente alcance a paz que é livre de avanços, livre de retornos e livre de ficar parada em um mesmo lugar.

PÓ PUANG

Era costume, desde os tempos do Buddha, que monges visitassem leigos, em seu leito de morte, para ajudá-los a partir desse mundo para o próximo da melhor maneira possível. Nas últimas horas de sua vida, Pó Puang, um dos discípulos leigos mais próximos de Luang Pó, recebeu uma visita assim.

Pó Puang e sua esposa Mé Téng foram os primeiros apoiadores leigos de Wat Pah Pong vindos da cidade de Warin. Depois de passar um retiro das chuvas como monge, Pó Puang pediu para deixar a vida monástica, dizendo que o mosteiro ainda tinha muitas necessidades e ele queria encorajar outras pessoas de Warin a ajudá-lo a juntar os fundos necessários. Logo ele conseguiu a compra de um sino para o mosteiro e, algum tempo depois, ofereceu um grande relógio para o salão de Dhamma. Sua maior alegria veio quando ele, sua família e amigos patrocinaram a confecção da estátua de metal do Buddha, que se tornou a característica principal do salão de Dhamma de Wat Pah Pong.

Depois que voltou a ser leigo, Pó Puang seguiu indo ao mosteiro em todos os dias de observância, mantinha os oito preceitos e ouvia o Dhamma. Conforme sua saúde declinou em seus últimos anos, ofereceu doar seu esqueleto ao mosteiro depois de sua morte como um *memento mori*¹⁵², e pediu para Luang Pó ir buscar seu corpo logo após sua morte e preparar o esqueleto no mosteiro. No começo de 1963, quando seus médicos anunciaram que não havia mais nada que pudessem fazer por ele, a família de Pó Puang tirou-o do hospital e o levou para passar seus últimos dias de vida em casa.

No dia doze de janeiro, a condição de Pó Puang repentinamente piorou muito. Ele tornou-se incapaz de falar ou de abrir os olhos. Ele ficava deitado em sua cama, gemendo incessantemente. Sua esposa e filho ficavam ali sentados com ele, mas eram incapazes de diminuir a sua dor.

No dia treze de janeiro, Luang Pó junto com Ajahn Jan e alguns monges tiveram sua refeição oferecida em um acampamento do exército nas redondezas. Depois que a refeição havia terminado, Luang Pó disse ao coronel Sombun, o oficial comandante, que ele queria visitar Pó Puang e perguntou se ele podia conseguir um caminhão. O coronel disse que podia solicitar um veículo menor e mais confortável, mas Luang pó repetiu que um caminhão seria bom. Pó Nu, um atendente leigo, perguntou se Luang Pó queria visitar Pó Puang ou buscar o seu cadáver. Luang pó disse: “pegar o cadáver”. Pó Nu ficou confuso: “Como é que o senhor vai fazer isso? Ele ainda está vivo. O senhor pensa que a família dele vai simplesmente dá-lo a você? Ele lhe pediu para buscar o corpo dele quando ele estivesse morto, não foi?” Luang Pó ficou em silêncio por um momento e então disse: “Vivo ou morto, nós vamos buscá-lo hoje”, antes de se voltar para Ajahn Jan e dizer: “Vamos lá. Pó Puang está nos esperando”. Eram 12h45 quando eles chegaram à casa de Pó Puang e o encontraram deitado em sua cama rodeado por sua família. Luang Pó sentou-se ao lado dele na cama, observando-o em seu leito de morte por alguns momentos. Então tocou gentilmente em seu rosto e o chamou:

Pó Puang. Pó Puang.

Depois de algum tempo, Pó Puang abriu os olhos e virou a cabeça na direção de Luang Pó.

Pó Puang, você sabe quem eu sou?

¹⁵² Expressão em latim que significa algo como "lembre-se de que você é mortal", "lembre-se de que você vai morrer" ou traduzido ao pé da letra, "lembre-se da morte".

Pó Puang fez um sinal positivo com sua cabeça e olhou para Luang Pó. Enquanto gemidos ainda saíam de sua boca, lágrimas começaram a rolar por suas bochechas. Luang Pó colocou a mão sobre a testa do homem e começou a falar com ele com uma voz gentil, porém firme:

Pó Puang. Você é um praticante do Dhamma. Você vem lutando assim por um longo tempo. Quando chega a hora da morte levar a sua vida, deixe-a ir. Ela pertence à morte de qualquer forma; por que você está tão possessivo com ela? Você tomou algo emprestado e agora precisa devolver. Mantenha o som dentro de si. Por que você o está deixando sair?

Assim que Luang Pó acabou de falar, o gemido de Pó Puang cessou imediatamente. Luang Pó continuou:

O corpo é impermanente e você não pode contar com ele. Ele não é belo; ele está velho, você o usou por muito tempo. Vá e procure por um novo corpo naquele lugar que você viu na visão que teve quando era um monge.

Durante todo esse tempo, Luang Pó estava tocando no rosto de Pó Puang. Ele se virou para o Coronel Sombun:

Luang Pó: Que horas são?

Coronel Sombun: 12h55, senhor.

Luang Pó: mais cinco minutos e ele terá partido.

Luang Pó seguiu afagando o rosto de Pó Puang. Exatamente a 13h, os olhos do homem fecharam-se. Pó Puang faleceu em paz.

MATANDO AS IMPUREZAS DE TA SOEI

Depois que Luang Pó tornou-se abade de Wat Pah Pong, ele não abandonou completamente a prática de *tudong*. Nos primeiros anos, em especial, quando ainda tinha boa saúde e havia poucos monges no mosteiro, de vez em quando ele saía caminhando de Wat Pah Pong em direção ao interior da região. Geralmente levava monges consigo, ocasionalmente levava leigos. Um dos leigos que o acompanhava nessas viagens mais tarde se tornaria um monge, um dos personagens mais amados e coloridos da Sangha. Tá Soei, citado antes descrevendo o seu primeiro encontro com Luang Pó, tinha sido uma figura marcante na comunidade local antes de se encontrar com Luang Pó, seu estilo de vida devasso e fora da lei lhe deram o título de *nak leng*¹⁵³. Sua cobiça era lendária e, na idade avançada, tinha várias histórias para contar sobre como Luang Pó havia conseguido domar o caráter grosseiro que ele teve um dia.

"Ele nos levou em tudong até Buntarik. Éramos meia dúzia de pessoas no começo, mas dois fugiram logo na primeira noite. Conforme os dias se passaram, mais e mais foram desistindo até que só sobrou eu. E eu estava com saudades de casa. Ele disse que ia me levar por um ano, e quanto mais eu queria retornar, mais longe ele me levava. Eu apenas me entreguei e aceitei o que viesse. Onde quer que fôssemos, eu sempre estava de olho se havia *samós*. Um dia, ele me fez dormir em uma moita de bambu, mesmo parecendo óbvio que ali era usado como banheiro, o local fedia muito. Enquanto o orvalho caía, o cheiro ficava ainda pior. Quando reclamei, ele me deu uma bronca:"

¹⁵³ O termo "nak leng" é difícil de traduzir. Ele está no espectro entre "malandro" e "vilão". Tá Soei estava mais próximo do lado "malandro" desse espectro.

Não reclame. Tem mais porcaria no seu intestino do que aí fora.

"Nós chegamos em Khu Muang e deparei-me com uma bela árvore de samó. Ele me disse para subir nela e chacoalhar os galhos. Foi uma chuva de samós. Eu fiz uma bolsa para eles com meu pano *khaoma*. Então agora eu tinha que carregar a tigela de Luang Pó, os samós e a bolsa de ombro dele, que também estava pesada. Luang Pó não carregava absolutamente nada. Conforme caminhávamos, eu queria me livrar de alguns samós, foi quando vimos outra árvore, ainda mais carregada do que a anterior e Luang Pó me fez carregar outra pilha enorme. Pensei que ele fosse me ajudar a carregar um pouco, mas ele se recusou. Provei alguns dos samós da primeira árvore, alguns da segunda árvore e então veio uma grande diarreia. Minhas bolsas estavam muito pesadas e desajeitadas para que eu tivesse tempo de me livrar delas. Luang Pó teve que me ensinar o método do campo:"

Não precisa se sentar. Fique de pé e segure-se em uma árvore. Defeque como um búfalo. Você pode fazer isso, não pode?

"Então eu fiquei de pé e defequei, até que minhas tripas estivessem vazias ... Dez da noite e ainda estávamos caminhando. Ele não queria descansar. Chegamos a um riacho e ele o cruzou usando uma árvore caída. Não consegui fazer aquilo e atravessei pela corrente. O riacho não era tão raso, minha carga era pesada e eu não conseguia chegar na outra margem. Luang Pó teve que descer no rio para me puxar para fora. Era meia-noite quando paramos de caminhar e eu estava completamente encharcado. 'Isso é muito sofrimento!' Eu me lamentava."

Você veio para essa viagem para ver o sofrimento e para poder ir além dele.

"Luang Pó disse aquilo como se fosse dar algum conforto para mim."

É por ver o sofrimento que você se torna sábio.

"Eu estava exausto. Conforme ele falava, comecei a me esgueirar para dormir e então ele me deu outra bronca:"

Eu estou lhe dando um ensinamento e você cai no sono.

"Mas quando me deitei ali, notei que ele estava usando o meu pano *khaoma* para espantar os mosquitos do meu corpo. Eu dormi por muito tempo. Quando quer que eu abrisse os olhos, ele seguia sentado ali. Eu não pude evitar de perguntar: 'Luang Pó, o senhor não está cansado? O senhor não se deitou até agora.' Ele respondeu:"

Quanto mais cansado estou, melhor é a meditação.

"E então ele me deu outra cutucada."

Pessoas sem qualquer pensamento em suas cabeças só se interessam em se deitar. Mesmo quando você lhes dá o exemplo, elas não se dão conta.

" 'Oh, pare com isso! Estou cansado!' Eu não podia parar de discutir com ele. Finalmente lhe perguntei se podíamos voltar."

Tudo bem. Se é isso que você quer.

"Ele deve ter visto que eu tinha chegado ao meu limite."

Na manhã seguinte Luang Pó e Tá Soei pegaram a estrada de volta para o mosteiro.

"Um carro passou. Naquela época não havia estradas propriamente ditas; carros tinham que passar pelas trilhas de búfalos. Quando o carro nos viu, o motorista parou e correu para nos convidar para

irmos com ele. Luang Pó deu um grunhido de aceitação. Eu me preparei para entrar no carro. Mas não. O motorista veio novamente e repetiu o convite. Luang Pó deu outro grunhido, mas não se mexeu para ir até o carro e ele foi embora sem a gente. Quando eu comecei a resmungar, Luang Pó virou-se para mim."

Você veio para pegar caronas ou para caminhar em tudong?

"Nós não poderíamos ao menos ter lhes dado a bolsa de samós?"

E como é que saberíamos para onde ele está indo?

"Naquela altura eu já estava ficando com raiva. O carro estava se movendo para cada vez mais longe. Eu disse: 'Luang Pó, o senhor está tentando me matar ou o quê?' Luang Pó respondeu rápido como um raio:"

Com certeza, eu o trouxe comigo para matar as suas impurezas. Tudo o que sai de sua boca são impurezas. Se você não vem para fazer algo assim, então como é que você vai ser um dia livre das suas impurezas? Tente ficar deitado por aí sem fazer nada para ver se vai conseguir se libertar. Tudo o que vai acontecer é que o sofrimento vai tomar conta de você. Sofrimento tem que ser conhecido antes que você possa ir além dele e perceber a felicidade. Eu o trouxe para fazer méritos, para procurar méritos. Você consegue ver isso ou não? Méritos e impurezas estão ambos dentro de nós. Os desejos nunca chegam a um fim. Você ganha dez bahts e você quer cem. Você ganha cem e aí você quer mil. Agora veja: seus desejos cessaram porque você não consegue sentir mais nada que não seja o cansaço físico, agora você não quer absolutamente nada mais. Se você conseguisse qualquer coisa, o que você faria com aquilo? Você não percebe que vai morrer? Todos os dias, tente pensar na morte. Você vai morrer. Você sabe disso, não sabe?

"Luang Pó seguiu falando assim durante algum tempo antes de se virar e perguntar algo mais para mim:"

Pessoas ricas morrem? Pessoas pobres morrem?

" 'Sim, todas elas morrem.' Eu respondi irritado."

Muito bem, e você não pensa que vai morrer? ... Os pobres morrem e também os ricos. Você deve se libertar antes para poder ser feliz. Então o que precisa ser feito?

"Ele terminou fazendo uma pergunta como de costume. 'Me tornar um monge' Eu disse, pensando que era uma resposta muito inteligente."

Se você se tornar um monge, vai se libertar do sofrimento se não praticar? Kamma significa ação. Fazemos o bem e fazemos o mal. Se fazemos o bem, então conseguimos bons resultados. Se fazemos o mal, então temos maus resultados. Então o que mais temos que fazer além de fazer o bem? E é isso o que você está fazendo. Eu o trouxe para fazer o bem, pois passar por testes e atribuições vai levá-lo para além do sofrimento.

"Naquela tarde, chegamos a um vilarejo e paramos para descansar em um dos campos que ficava ali próximo. Havia algumas pessoas em volta, cuidando do gado, e quando elas se aproximaram, Luang Pó me chamou:"

Compre alguns refrigerantes. Traga uns três ou quatro pacotes.

"Eu fiquei com raiva. Queria ficar com o dinheiro e ele estava me fazendo comprar bebidas para cuidadores de búfalos. Ao final, eles nem puderam terminar tudo e ele disse que podiam levar o que tinha sobrado para suas casas. Quando voltamos para o mosteiro, ele me perguntou:"

Quanto dinheiro sobrou? Nós precisamos de tijolos e cimento.

"Eu disse: 'Teria sido uma ideia melhor ter mantido todo o dinheiro para tijolos e cimento em vez de gastá-lo com refrigerantes.' "

Não, isso teria sido uma má ideia, pois não teríamos praticado a generosidade, e os cuidadores de búfalos não teriam tomado uma bebida. Eles estavam cansados e deviam estar com sede. Quando você bebeu alguns, você se refrescou, não?

" 'Sim.' Respondi com vergonha."

Bom, então...

"Ele disse e começou com mais um sermão:"

Quando fazemos os outros felizes, isso nos faz felizes. Quando você recebe aquele tipo de felicidade, então o que mais você quer? ... Você tem que elevar sua mente. Quando as inundações vêm, apenas as casas que estão construídas mais ao alto permanecem secas. Se você se satisfaz com coisas baixas e grosseiras, então sua mente se torna mais baixa e seja o que quer que você faça, você nunca verá o Dhamma.

VI. VIDA EM FAMÍLIA

Na primeira vez em que leigos ouviam Luang Pó dar uma palestra de Dhamma ou iam pedir-lhe conselhos, eles geralmente ficavam impressionados com a precisão e a profundidade dos seus insights sobre a vida em família. Parecia um senso comum, para a maioria das pessoas, que causas e condições subjacentes aos conflitos de família eram específicas dos leigos e impenetráveis para um monge que nunca havia se casado ou experienciado sustentar uma família. Mas liderar uma grande comunidade, por um período de vários anos, permitiu a Luang Pó acumular uma vasta compreensão dos problemas que podiam surgir nas relações humanas. Os tipos de conflitos que surgiam em um mosteiro não eram assim tão diferentes dos problemas de família quanto se poderia esperar. Além disso, a sabedoria que surge do cultivo do caminho óctuplo deu a Luang Pó um conhecimento abrangente da causalidade de muitas formas, incluindo um entendimento da relação entre estados mentais e comportamento — tanto destrutivos quanto construtivos. Em uma ocasião, uma visitante estava se lamentando muito e disse a Luang Pó o quanto ele era sortudo por não ter uma família, com todos os seus problemas inerentes emaranhados. Ele respondeu:

Eu tenho uma família aqui no mosteiro, e é uma família enorme.

Ouvir os leigos, monges e monjas desabafando para ele, ao longo dos anos, era outra rica fonte de material para reflexão.

Viver em Wat Pah Pong é, para mim, como ser uma lata de lixo. As pessoas vêm e jogam os seus problemas em mim o tempo todo. Essa pessoa vem e reclama, e depois aquela pessoa — isso me deu bastante sabedoria.

Seu princípio no ensino dos leigos era simples:

Eu os ensino da mesma forma que sempre me ensino.

CASAMENTO

Em uma cultura budista uma cerimônia de casamento não envolve nenhum ritual religioso. Isso é considerado um assunto completamente secular, no qual duas pessoas formalizam seu compromisso uma para com a outra aos olhos de suas famílias, dos amigos e do estado. A noiva e o noivo recebem as bênçãos dos anciãos de ambas as famílias e assinam o registro oficial. Embora a presença da Sangha não seja requerida para a validação do casamento, é comum que na manhã do dia do matrimônio um grupo de monges seja convidado para recitar cânticos de bênçãos e receber a refeição. Se o monge sênior é o professor de uma das famílias recém-unidas, então ele pode vir a ser convidado para dar algumas palavras de conselho ao novo casal. Em uma dessas ocasiões, Luang Pó viajou para um pequeno vilarejo que tinha dado suporte a ele e aos seus discípulos, antes que estabelecesse Wat Pah Pong, para abençoar o casamento da filha de um antigo apoiador leigo. A casa estava lotada de pessoas que o conheciam há muito tempo.

Luang Pó deu conselhos a vários recém-casados ao longo dos anos. Na Tailândia, um dos temas favoritos para esse tipo de ocasião são as quatro virtudes dos leigos¹⁵⁴ (honestidade, autoaperfeiçoamento, paciência e generosidade), como uma base para uma vida longa e feliz juntos. Luang Pó ocasionalmente falava sobre essas qualidades, mas, nesse dia em particular, ele adotou um tom mais cauteloso: a vida de casados não era nenhum mar de rosas e casais deveriam estar preparados para trabalhar duro em si mesmos e no casamento para que este funcionasse. O Dhamma era a única coisa que poderia lhes dar a habilidade de lidar bem com os desafios que viriam à frente e fazer da vida juntos uma vida “auspiciosa”. Seu discurso claramente não foi apenas para o jovem casal, mas para todas as pessoas que se juntaram para o ouvir palestrar.

Como frequentemente fazia quando se dirigia a pessoas que o conheciam de longa data, Luang Pó ensinou de uma forma direta e sem rodeios, porém com uma voz embebida de um óbvio calor humano e bom humor. Ele começou por dizer ao casal que a cerimônia em si mesma não era particularmente importante; como eles se conduziram depois daquilo era o que realmente importava (um eco das palavras que geralmente dizia para seus monges recém-ordenados). Uma ocasião não se tornava auspiciosa por causa das cerimônias realizadas; e se animais fossem mortos para uma festa de casamento, então seria o contrário, a ocasião seria extremamente não auspiciosa. Auspiciosidade era, na verdade, um sinônimo de bondade e virtude. A vida do casal seria auspiciosa se eles fizessem esforços para vivê-la de forma que crescessem em bondade e se eles fossem hábeis em instilar bondade em seus futuros filhos e netos.

Luang Pó seguiu instruindo o casal sobre o significado do termo *khrop khrua*, o termo em tailandês para “família”. Disse que a razão pela qual a vida de casada da grande discípula do Buddha, chamada Visākhā, era tão livre de problemas era porque ela não tinha expectativas irrealistas, tendo recebido explicações sobre a realidade da vida em família por um monge, antes de seu casamento. Agora, Luang Pó estava apenas seguindo aquela tradição. Sua explicação de *khrop khrua* envolvia uma etimologia que era totalmente original dele e fornecia uma exposição da vida em família que, à primeira vista, parecia muito severa. Mas é difícil superestimar a importância do contexto para compreender o tom e a importância da tradição oral. Aqui, Luang Pó estava visitando velhos discípulos leigos e seu inteligente jogo de palavras (essa é uma cultura que adora esse tipo de coisa) deve ter deleitado seus ouvintes, temperando a franqueza de suas palavras. Luang Pó pode ser

¹⁵⁴ SN 10.12

imaginado com um brilho no olhar, sua plateia (com a possível exceção do noivo e da noiva), com grandes sorrisos no rosto e muitos olhares significativos e cotoveladas ocorrendo entre eles enquanto ele falava:

Vocês ainda não entendem o significado desse termo *khrop khrua* (família). Antes de mais nada, “khrop” — okay, ouçam com atenção: você está respirando confortavelmente, se movendo tranquilamente e então você agarra algo e se empacota dentro daquilo (khrop). Você pode lidar com isso? “Khrua” significa que, depois de ter se empacotado, você é esfaqueado e extirpado (khrua¹⁵⁵) e você não pode escapar. Essa é a etimologia do termo *khrop khrua*. Em outras palavras, significa que você vai ser assolado por todos os tipos de problemas. É por isso que eu vim aqui aconselhar vocês sobre como lidar com toda essa complexidade em suas vidas e cortar os problemas. Agora vocês têm uma *khrop khrua*, estão vivendo em um espaço confinado; seu sustento e encontrar recursos para manter a família são mais importantes do que qualquer outra coisa. As cerimônias hoje em dia são superficiais, o que é importante é criar alguma compreensão.

Ele ensinava que aquilo era importante para que os membros da família tentassem entender os pontos de vista uns dos outros. Eles deviam aprender sobre como serem bons ouvintes, fáceis para se falar, habilidosos em se expressar de forma que não inflamasse desentendimentos. Eles não deveriam falar dos assuntos particulares da família com outras pessoas ou trazer assuntos problemáticos de outros lugares para dentro do lar. Como nas primeiras palavras que foram ensinadas à grande leiga Visākhā, eles não deveriam levar o fogo de dentro de casa para fora, ou trazer o fogo de fora de casa para dentro dela:

Em alguns lugares em que estive, os membros das famílias não se entendem de jeito nenhum: o marido e a esposa, o sogro e o genro, a sogra e a nora — todos seguem discutindo interminavelmente e então se arrastam até o chefe do vilarejo para que ele intervenha como mediador. Ter que contar com o chefe do vilarejo é como alguém estar exposto ao sol quente sem saber como encontrar uma sombra sozinho, ou é como estar com sede e não saber levar água à própria boca. É patético. Eu vi isso em um vilarejo onde o chefe estava no limite de sua paciência com pessoas indo procurá-lo pelos mesmos velhos problemas de sempre, sem fim. As pessoas têm que saber como resolver seus próprios problemas. Em assuntos de família — desentendimentos com os pais, com os filhos ou com os netos — vocês deveriam saber tomar decisões e resolver os conflitos sozinhos. Conversem pacientemente sobre as coisas.

Todos vocês foram crianças. Vocês sabem o quão difícil é para uma criança entender seus pais ... Vocês pensam que estão ensinando seus filhos, mas eles pensam que vocês estão apenas lhes dando bronca ou resmungando com eles. Assim, cada lado segue o seu caminho e não se resolvem entre si ... Como pais, é mais fácil, pois você já foi uma vez um filho ou uma filha vivendo com os pais, você já esteve dos dois lados. Um adulto pode entender uma criança, mas uma criança não pode entender completamente um adulto. É por isso que é difícil um conversar com o outro.

Mas não importam as dificuldades, os altos e baixos das emoções, vocês ainda podem viver juntos. Como? A virtude do respeito. Mesmo que seus pais reclamem e resmunguem, eles ainda são seus pais e vocês os respeitam por esse motivo. Não importa o quão bravo você esteja com eles, você jamais poderia matar o seu pai ou a sua mãe. Se eles não fossem seus

¹⁵⁵ A pronúncia da palavra tailandesa “khrua” no dialeto de Isan é “khua”, que significa “esviscerar”.

pais, talvez vocês já o tivessem feito! ... Nós nos mantemos bem por causa do respeito mútuo.

Pais e filhos em conflito entre si deveriam aprender como dar um passo atrás em seus sentimentos de se sentirem feridos ou frustrados e refletirem no aspecto mais amplo de sua relação. Cada um tem que aprender sobre como abrir mão de seus apegos, ressentimentos e pontos de vista.

Não se entreguem às suas emoções. Quando seus filhos não derem ouvidos ao que vocês dizem, lembrem-se então que, um dia, vocês tiveram a idade deles; à medida que eles ficarem mais velhos, gradualmente irão entender. Filhos e filhas deveriam ter em mente como seus pais os criaram e cuidaram deles, é assim que deve ser feito: ambos os lados abrindo mão. As coisas se assentam, vocês começam a se sentir mais confortáveis e as tensões se relaxam.

Era o respeito mútuo que fornecia a cola que manteria a família unida nos altos e baixos;

*Gāraṇaṇīya sūtra*¹⁵⁶. Se existe respeito mútuo entre todos os membros de uma família — entre avós, pais e filhos — então mesmo que haja desentendimentos, vocês podem atravessá-los. Porque respeito é o Dhamma. É um princípio que mantém as pessoas unidas e evita que elas se separem.

Sua mensagem era que a vida de casado era uma vida de desafios compartilhados, de sacrifícios. Pela prática do Dhamma, casais poderiam se preparar para os desafios que viriam pela frente. Eles poderiam fazer algo bom e auspicioso de sua vida juntos.

Ao se casar, convidar seu professor para lhes dar instruções é o início do estabelecimento de suas vidas juntos. Antes, vocês eram um filho e uma filha, e agora estão dando os primeiros passos para se tornarem um pai e uma mãe. Ser o filho de alguém não é difícil. Quando o teto tem uma goteira, ela não pinga nas crianças, ela pinga nos pais. Quando não há dinheiro, as dificuldades não chegam aos filhos; são os pais que passam a necessidade. Então façam de sua vida de casados uma boa vida, façam dela uma vida auspiciosa.

Por fim, enquanto os monges que o acompanhavam recitavam os versos auspiciosos do cântico de *Jayanto*, Luang Pó aspergia água abençoada sobre as cabeças prostradas de sua plateia.

NÃO QUEBRAR O POTE

As palestras de Luang Pó frequentemente continham um “refrão do Dhamma”. Era um ensinamento que poderia ser baseado em um símile, em um jogo de palavras ou em uma passagem dos suttas. Por um mês ou dois, esse refrão apareceria em suas palestras do Dhamma de forma regular até que, um dia, ele desapareceria sem deixar vestígios. O termo *khrop khrua* mencionado antes formava a base para um desses refrãos sobre os problemas da vida em família. Em uma ocasião, ele falou sobre como pequenas diferenças, subestimadas no início do casamento, podem ir se deteriorando por muitos anos, deixando casais idosos com pouco em comum:

Fiquem de olho nisso. Quando mais forte o amor, mais fortes as emoções negativas. No começo, a vida de casados não é tão ruim, mas quando vocês tiverem uns cinquenta ou sessenta anos, vocês podem achar que suas palavras dificilmente causam alguma impressão em seu companheiro. A velha mulher diz algo aqui e o velho homem se senta para escutar lá

¹⁵⁶ “Respeito e humildade”: Uma frase do Mangala Sutta (Khp 5; Sn 2.5) que enumera 38 qualidades que criam bons auspícios no coração humano.

longe. Nesse momento, ele queria ter uma cortina para estender entre eles. Por que é assim? Por causa de *khrop khrua*. Eles não sabem como aguentar um ao outro.

Uma criança na família é uma fonte de alegria. Ainda assim, ao mesmo tempo, pode ser um trabalho duro e estressante para os pais.

Quando nasce um bebê, os pais têm que se responsabilizar por ele. O bebê não tem nenhuma ideia do fardo que pode ser para seus pais. Ele quer fazer cocô, então faz, sem qualquer preocupação com seus pais. Ele quer correr por aí e você tem que o seguir para todos os lados, limpando tudo e se assegurando de que tudo está bem.

Amor não era o suficiente. Sem o cultivo da habilidade de refletir sabiamente sobre as experiências, criar os filhos podia facilmente tornar-se algo amargo. Ele esboçou o cenário:

Conforme as crianças crescem, também cresce o seu amor por elas. Enquanto isso, elas se tornam mais extrovertidas, travessas e ainda mais desobedientes para com os pais. A criança apenas segue do seu jeito e os dois avós que moram com vocês começam a reclamar. Tudo é tão problemático, sempre tem algum tipo de distúrbio. Alguns de vocês que estão sentados aqui hoje provavelmente já passaram por isso.

Não havia uma forma fixa de criar os filhos.

Algumas pessoas ensinam só um pouco e as crianças se saem bem. Outras pessoas ensinam muito, e suas crianças nem dão bola. E então os pais têm que enrijecer o coração e serem severos.

Luang Pó dizia que os pais deviam seguir o conselho do Buddha de que, em qualquer tarefa, incluindo criar os filhos, eles deveriam considerar-se como artesãos fazendo potes. O trabalho deles era o de manter a atenção em fazer o melhor pote que pudessem, dadas as matérias-primas que tivessem em mão e as suas próprias habilidades. Eles precisavam de sabedoria para focar o seu trabalho como pais, de tal forma que nem eles nem os filhos sofressem no processo. Se eles estivessem certos de que ser severos era o melhor a ser feito para com a criança, então que o fossem. O importante era não tomar isso de uma forma equivocada e criar sofrimento. Não é que os pais fossem proibidos de ter emoções fortes enquanto estivessem criando seus filhos, mas que as emoções deveriam ser entendidas pelo que elas eram.

O ideal era resolver os problemas de família da forma prescrita pelo provérbio tailandês, em que o peixe é fogado e comido com a flor de lótus ainda intacta e a água limpa. Mas infelizmente, ele dizia, o que geralmente acontecia era que a flor de lótus ficava esmagada, a água ficava barrenta e todos os peixes morriam na água.

Mas *khrop khrua* — essas sensações de confinamento e de ser espetado por problemas — era apenas parte da vida. Ele se voltava novamente para a sua própria família monástica:

Eu tento modelar o barro em potes e não deixar que os potes se quebrem. Ensino as pessoas sobre como não sofrer e tampouco me deixo sofrer. Eu as ensino e me ensino ao mesmo tempo, continuamente. Algumas pessoas apenas ensinam os outros. Elas são como a dona de casa lavando a louça. Ela as vê sujas e então as lava, mas a sua mente está nublada. Ela está carrancuda e resmungando consigo mesma. Ela está esfregando as louças e deixando-as limpas, mas o seu coração está sujo. Ela não está olhando para a sua própria mente. É realmente triste ver como ela consegue deixar as louças limpas e fazer a sua mente ficar suja ao mesmo tempo. É isso o que vocês querem? Cuidado! Às vezes, vocês pegam uma vassoura

e começam a varrer a casa. As crianças deixaram tudo uma bagunça. Elas são completamente desatentas. Você resmunga e resmunga, enquanto varre. Você deixa a casa limpa, mas não limpa seu coração e fica sofrendo o tempo todo.

PREOCUPAÇÃO

Em uma ocasião, uma mulher veio ver Luang Pó cheia de ansiedade por conta de seus filhos.

"Meus filhos não têm ambição. Eles não têm nenhum ímpeto de fazer nada por si mesmos. Eu tenho medo de que eles não consigam sobreviver no mundo. Luang Pó, me diga o que fazer."

Eu diria que você também está com o pensamento equivocado. É como ratinhos vivendo na toca. Quando os filhotes são pequenos, os pais buscam comida para eles. Mas assim que os filhotes crescem, os pais seguem fazendo aquilo? Ainda cavam buracos para seus filhos? Não, não é o que acontece. Os jovens ratos vão e fazem suas próprias tocas. Seus filhos são do jeito que são. Pelo que já vi, algumas pessoas, depois da morte de seus pais, tornam-se mais ricas do que eles jamais haviam sido. Isso também acontece, e o meu conselho é que a senhora pense mais generosamente sobre seus filhos e então ficará mais tranquila. A senhora ama seus filhos. Quando eles são bem-sucedidos, a senhora toma o sucesso como seu. Quando eles fazem algo ruim, a sua mente habita na maldade deles. Você não consegue se livrar, não consegue soltar o que está agarrando. E dessa forma, não vai a lugar algum.

PERDA

Luang Pó insistia que era importante encarar a fragilidade da vida e a inevitabilidade da separação. O pior pesadelo de um pai é a perda de um filho ou filha. A mente destreinada se afasta desse tipo de pensamento; como se aceitar a possibilidade de que uma coisa tão terrível assim pudesse acontecer, de alguma forma, fizesse com que aquilo de fato acontecesse. Luang Pó explicava que era mais sábio estar preparado para qualquer eventualidade:

É como se uma cobra entrasse sorrateiramente no quarto, enquanto você está sentado ali, com os olhos fechados. Enquanto você não a enxerga, você não sente medo. Mas no momento em que você a vê, fica aterrorizado. Você dá um pulo e sai correndo dali ... É como quando existe somente amor sem sabedoria ... Você nunca usou a sabedoria para refletir sobre aquele amor, e um dia, quem você ama morre, e você sente aquela perda como se 90% de você tivesse morrido com a pessoa. É uma catástrofe; você não sabe como lidar com aquilo.

A meditação e uma contemplação regular da natureza das mudanças são uma preparação para o que quer que a vida venha a lançar sobre você.

É como se você visse a cobra se aproximar. Embora ela seja venenosa, você está preparado e pode ser que nem sinta medo. Talvez você a afugente ou simplesmente saia do caminho dela. À despeito do seu veneno, ela não pode lhe picar; e se você não for picado, não será envenenado.

Em uma ocasião, ele falou com uma mulher que havia perdido o seu filho adolescente algum tempo antes e ainda não era capaz de abrir mão do seu pesar. Como ela era uma meditadora, ele foi além das palavras de conforto. Em um momento, disse:

Você deve entender que ele era realmente seu filho, mas apenas em um nível convencional. Nessa vida em particular, ele nasceu de você. As coisas boas e más que ele fez pertencem a ele. A longa duração ou a brevidade de sua vida eram sua própria herança cármica. Através do processo de vir a ser e nascer, você apenas deu a ele a oportunidade de nascer. Se você olhar para isso dessa forma, você pode ficar com a mente tranquila.

Agora era hora de abrir mão e ver a dor através dos olhos de uma praticante do Dhamma. Seu sofrimento agora era pelo apego à percepção condicionada de “filho”. Seu desafio era reconhecer que cada pensamento sobre seu filho falecido era um evento condicionado e impermanente que surgia e passava em sua mente, e não pertencia a ela. A questão era se ela estava disposta a abrir mão.

REPARTINDO O BOLO

Uma rica apoiadora leiga contou uma vez o conselho que Luang Pó lhe deu sobre suas posses:

"Eu costumava pensar que devia dividir minhas posses — meus campos e meus pomares — entre meus filhos. Não pensava muito além disso. Apenas pensava que devia distribuir o que eu tinha e então, quando ficasse mais velha, contasse com eles para cuidarem de mim. Esse era o plano na minha cabeça, mas Luang Pó devia saber, pois ele me advertiu sobre isso."

Se você está pensando em dividir a sua riqueza entre seus filhos, você deveria primeiro considerar isso cuidadosamente. Pode ser que não seja tão boa ideia simplesmente dar tudo. Pode ocorrer de seus filhos não reconhecerem a dívida de gratidão que eles têm com você como mãe e a abandonem e se recusem a tomar responsabilidade. Aí, quando você estiver velha, não poderá contar com ninguém. Quando fizer a divisão, deixe uma parte reservada para si mesma. Contanto que seus filhos e netos saibam que você ainda tem uma parte de sua fortuna consigo, eles seguirão cuidando de você. De outra forma, você pode acabar como um tronco de madeira velho e apodrecido, sem nenhum cogumelo crescendo nele e a quem ninguém presta nenhuma atenção.

"Eu refleti sobre o conselho de Luang Pó e o segui. Ele estava certo em tudo o que disse. Ele devia saber antecipadamente que aquilo ia acontecer. Isso aumentou minha fé e meu respeito por ele, e eu tentei seguir o que ele me ensinou: acumular bondade ao manter os preceitos e cultivar a minha mente."

VII. PRÁTICA DO DHAMMA

Somos como galinhas, é isso. A galinha nasce, tem seus pintinhos e passa o dia ciscando a terra por aí. E então de noite ela vai dormir. De manhã, ela pula no chão e começa a ciscar de novo: “có, có, có, có”. E então de noite, vai dormir de novo. Existe algum significado nisso? Não.

Nós somos como galinhas, como criaturas sem sabedoria. O dono vem todos os dias com comida. Ele pega a galinha e a levanta em seus braços para vê-la. A galinha pensa que o dono está sendo carinhoso. Quanto ao dono, ele está pensando: “Hum! Está ficando pesada, quanto deve estar pesando? Uns dois ou três quilos, já?” A galinha não sabe o que está acontecendo. O dono lhe traz arroz para comer e ela fica feliz; pensa que o dono a ama. Ela

come tudo, fica gorda e pensa que tem muita sorte. Mas assim que a galinha chega a uns dois ou três quilos: “É isso! Vamos para o mercado”.

É como a maioria das pessoas leva a vida; elas não enxergam o perigo. Elas estão deludidas assim como a galinha. O dono leva a galinha para o mercado. Ela está na caçamba da caminhonete e ainda está cacarejando “Có, Có!”, divertindo-se. O carro chega ao mercado e o dono vende a galinha para o dono de uma barraquinha de comida chinesa. A galinha ainda não suspeita de nada. O chinês começa a retirar as penas do pescoço dela e a galinha pensa que a estão enfeitando. A galinha é tonta desse jeito. É apenas quando a faca corta o seu pescoço que ela percebe: “Oh, morri”. Não vemos nossa própria vida. Não sabemos como remediar nossas impurezas.

Desde o momento em que estabeleceu Wat Pah Pong, Luang Pó começou a ensinar aos seus discípulos leigos que suas responsabilidades não estavam confinadas a oferecer alimentos para a Sangha e fazer méritos. O Dhamma não é algo distante, ele dizia, não é algo que pertence aos monges. O Dhamma é a verdade de todos os seres vivos e a libertação do sofrimento é possível para qualquer um — monge ou leigo — que cultive o caminho óctuplo.

Todos — monásticos e leigos budistas — têm uma oportunidade igual de praticar o Dhamma e de refletir sobre ele. E o Dhamma sobre o qual monásticos e meditadores leigos refletem é o mesmo Dhamma que leva à mesma paz pelos mesmos meios.

Praticar o Dhamma era a forma pela qual se poderia fazer o melhor uso do nascimento humano, tão raro e precioso. Ele dizia que procrastinar o esforço de cultivar a própria mente e depois lamentar-se por isso, quando se estivesse velho e se aproximando da morte, era como ser um jardineiro incompetente:

Você planta feijões, melões, abóboras, vagens e por aí vai. Uma vez que eles cresçam, eles amadurecem e então apodrecem. Sabendo disso, você os colhe antes que isso aconteça, não é? Se você quer cozinhá-los e comê-los, ou vendê-los ou trocá-los para que assim tire algum proveito deles, então você o faz no tempo certo. De que adianta ficar sentado por aí, lamentando-se quando eles tiverem apodrecido?

Quando se aposentou, Upāsikā Ranjuan, uma escritora altamente considerada e funcionária pública, deixou a vida leiga e foi morar na comunidade de monjas de Wat Pah Pong.¹⁵⁷ Mais tarde, ela viria a se tornar uma professora do Dhamma amplamente respeitada. Sua vida mudou de rumo depois de ouvir os ensinamentos de Luang Pó.

"Como a maioria dos budistas, eu fazia méritos, ouvia palestras do Dhamma, colocava comida na tigela dos monges, tomava os preceitos e tudo mais, e achava que isso já era o suficiente. Nunca considerei que nada mais fosse necessário para ser uma verdadeira budista. Então ouvi pela primeira vez Luang Pó dar uma palestra do Dhamma, e percebi que a coisa mais importante que uma budista deveria fazer era treinar a própria mente, e que fazer aquilo era realizar o mais profundo desejo do Buddha."

Para a maioria dos moradores locais que vinham ao mosteiro semanalmente, sua prática básica de meditação era recitar cânticos. Vários deles podiam memorizar todo o livro de cânticos em páli e tailandês e então os recitar em casa de manhã e de noite. Era uma prática que acalmava, que podia trazer alegria para a mente e as traduções em tailandês lhes forneciam ensinamentos chave na ponta

¹⁵⁷ Quando ficou claro, em 1983, que a doença de Luang Pó o impediria de voltar a atuar como professor, Upāsikā Ranjuan decidiu continuar seu treinamento com um grande contemporâneo de Luang Pó, Ajahn Buddhāsa.

dos dedos. Mas Luang Pó os encorajava a também praticar meditação sentados e a cultivar uma compreensão mais profunda de suas próprias vidas:

Não se esqueçam de meditar sobre o mantra “Buddho” e de refletir sobre “cabelos, pelos, unhas, dentes e pele” para que assim possam ver a fragilidade e a impermanência do corpo físico. Pensem nisso, reflitam sobre isso continuamente ... Quando seus pensamentos forem corretos, então suas mentes estarão em paz. Consequências indesejáveis desaparecerão e não haverá sofrimento. Se seu pensamento for incorreto, o sofrimento aumentará.

Em livros de Dhamma escritos em inglês, uma pequena distinção é feita entre as palavras em páli “Dhamma” (“a verdade das coisas”; os ensinamentos e práticas que levam à realização daquela verdade) e “dhamma”, significando “coisa”. No próprio páli e no idioma tailandês, contudo, não existe forma ortográfica de distinguir os dois; e a pronúncia é idêntica. Na verdade, existe uma relação orgânica entre Dhamma e dhammas (conhecer o Dhamma é, em essência, conhecer os dhammas) a que Luang Pó frequentemente se referia quando tentava mostrar a prática do Dhamma de uma forma mais pé no chão para sua plateia, enfatizando a sua praticidade:

A palavra “dhamma” significa todas as coisas. Não existe nada que não seja um dhamma ... dhammas incluem todos os fenômenos que constituem o corpo e a mente.

O Buddha nos ensinou a entender todas as coisas que estão dentro e fora de nós. As práticas que nos permitem fazer isso são chamadas de Dhamma.

O entendimento desses diferentes significados da palavra demanda que nós entendamos a nós mesmos. Quando entendemos a nós mesmos então entendemos o Dhamma, pois o Dhamma está dentro de nós.

Ele dizia que a prática do Dhamma consistia em desenvolver a correta relação com os dhammas. A natureza essencial dos dhammas é um constante “surgir e cessar”. Essa natureza não é afetada por um Buddha ser iluminado ou não. Ela jamais pode desaparecer do mundo pois é “como as coisas são”.

O Dhamma não é algo que possa ser extinto. Os fatores da iluminação seguem presentes e os praticantes também seguem. A razão pela qual você não se ilumina é porque você ainda está muito relaxado em sua prática.

A prática do Dhamma não era uma coisa esotérica, que apenas os monásticos podiam perseguir. Era o caso de desenvolver sabedoria sobre a própria vida. Às vezes, os leigos vinham até ele e diziam que não podiam meditar, pois eram analfabetos.

E por que é que você tem que ser alfabetizado? Você coloca a sua mão no fogo e ele é quente, você coloca a sua mão na água e ela é fria. Você consegue entender algo assim? Se consegue, você pode cultivar o Dhamma. A palavra “bhāvanā” é linguagem de monge. Em linguagem comum, dizemos “considerar” ou “refletir”¹⁵⁸. Apenas perceba o que quer que surja em sua mente. Quando a raiva surge em sua mente, você está ciente dela? Surge a

¹⁵⁸ Esse termo em tailandês geralmente é traduzido para o português como “meditação”. Em seguida, Luang Pó dá uma definição mais tradicional do termo. Dar uma nova inclinação para palavras familiares era um dispositivo retórico comum que ele frequentemente empregava.

cobiça: você está ciente dela? Como é estar com raiva? Como é sentir desejo? Apenas siga observando isso. Do que mais você acha que se trata?

Se você pode se mover e respirar, se você sabe a diferença entre quente e frio, entre gostar e não gostar, então você pode praticar o Dhamma, pois o Dhamma aparece nesse corpo e nessa mente. Não pense que o Dhamma está a um longo caminho de distância. Ele está conosco. Não é sobre nada além de nós mesmos. Apenas veja: em um momento você está feliz, no outro, está triste; em um momento está satisfeito, no outro, não está. Então você fica com raiva de uma pessoa e odeia a outra. Tudo isso é Dhamma.

Nada nos pertence. Nem a nós mesmos nos pertencemos. No final, desintegramos de acordo com a lei da impermanência ... Cabelos, pelos, unhas, dentes e pele — se você contempla bem essas coisas, então você consegue vê-las à sua própria luz. Essas coisas não são nossas, pois elas não estão sob nosso controle. O corpo inteiro é a mesma coisa. Quando ele quer doer, ele dói; quando ele quer envelhecer, ele envelhece; e quando ele quer morrer, então ele morre. Ele nunca nos ouve para nada disso. Quando você tem uma dor de cabeça ou uma dor de barriga, por acaso o seu corpo lhe pediu permissão antes?

SATI É ASSUNTO SEU

Sati — trazer à mente, manter em mente tudo o que deve ser trazido e mantido ali, em qualquer momento — era o que Luang Pó ensinava como chave para a prática. Na vida diária, um dos aspectos mais importantes da prática de *sati* era manter os preceitos no primeiro plano da consciência. O meditador tinha que estar constantemente ciente da presença ou da ausência das impurezas na mente. Quando alguém lhe perguntou se era possível fazer aquilo o dia todo, ele respondeu:

Até o dia da sua morte! O dia todo é um período muito curto de tempo.

Contanto que você esteja respirando, você pode estar ciente. Uma mulher reclamou que tinha tantos afazeres que não tinha tempo para também praticar *sati*. Ele disse:

Esse é o seu trabalho. Manter *sati* é um trabalho. Pessoas que são atentas realizam bem as suas tarefas. Se você perde *sati* por dois minutos, está louca por dois minutos; por um minuto, está louca por um minuto. Não falar de forma áspera com ninguém — isso é uma prática de *sati*. Você precisa estar ciente do que é *sati* e de como isso funciona.

Você está pensando em machucar os outros? O seu pensamento é equivocado? Esteja ciente disso. Os outros não podem ver a sua mente, mas você pode. Tendo *sati* guiando a sua mente, então a moralidade, a concentração e a sabedoria podem surgir. Olhe para isso. Quando você vai dizer algo, *sati* é como ter alguém ali lhe dizendo o que falar, alguém que sabe as implicações de suas palavras e se você está se repetindo. Quando você não sabe o que fazer, *sati* sabe.

“Attanā codayattānaṃ”: “Você deve advertir a si mesmo” — é assim que você se torna o seu próprio refúgio. De outra forma, se você pensa que quer fazer algo que não seja certo, você olha em volta para todos os lados. Você vê que sua mãe não está por perto, que seu pai não está por perto, que o seu professor não está ali, ninguém pode vê-lo — ok! Você o faz imediatamente. Alguém que pensa dessa maneira já foi para o mal. Você vai fazer algo ruim quando ninguém puder vê-lo. Mas, e quanto a você mesmo? Você por acaso não é alguém? ... Você acha que é possível fazer algo sem que essa pessoa veja?

Luang Pó resumiu:

Com *sati* constante, tudo é Dhamma ... Se você conhece o Dhamma, não é possível mentir para si mesmo ou para os outros.

Olhar para a mente significa monitorá-la constantemente para ver o que está causando sofrimento. Tem que haver algum tipo de desejo ou apego na mente para o sofrimento surgir.

É muito simples: olhe para onde você está apegado. Quando há um forte sofrimento na mente, ou tanta felicidade que você se deixa levar por ela, então houve um erro.

O erro está em tomar posse daquele estado mental. Ao explorar onde a mente está agarrada, *sati* surge.

Se você tem *sati* constante e um estado de alerta em todas as posturas, então vai saber o que é certo e o que é errado, vai saber quando há prazer e tristeza. E quando você sabe o que essas coisas são, então saberá o método para lidar com elas para que elas não causem sofrimento.

É assim que eu faço as pessoas aprenderem sobre *samādhi*. Quando chega a hora de sentar, então sente-se por um período de tempo razoável. Isso também não é errado — saiba do que se trata a meditação sentada. Mas cultivar *samādhi* não é apenas sentar-se. Você precisa se permitir experienciar coisas e seguir seu caminho para a contemplação. Então, o que você pode aprender através da contemplação? Você aprende que isso é impermanente, insatisfatório e não-eu. Nada é fixo. “Isso é bonito; eu realmente gosto disso!” E então você lembra a si mesmo: “Isso é mutável”. “Eu não gosto disso de jeito nenhum!” Diga a si mesmo: “Isso pode mudar, não pode?” É exatamente o caso, sem sombra de dúvida.

Mas você vai atrás das coisas ... “Eu vou fazer isso!” Parece tão óbvio, e você já está indo atrás. Não faça isso. Não importa o quanto você goste de algo, você deve se lembrar que esse “gostar” pode mudar. Você come alguns alimentos e: “Oh, isso é delicioso! Eu adoro isso!” É assim que você se sente sobre aquilo. Você deve refletir que o sentimento não é assim tão certo. Você quer saber como aquilo não é assim tão certo? Tente comer sua comida favorita todos os dias. Todos os dias, sem exceção. Depois de um tempo você estará reclamando que aquilo não é mais tão saboroso. Tente. Aí você vai começar a gostar de outra coisa no lugar. E tampouco será algo assim tão certo. Isso deve ser tomado para contemplação. Tudo é como a respiração. Deve existir a inspiração e a expiração. A natureza da respiração é mudar. Tudo o que existe, vem a existir graças a algum tipo de mudança.

BOXEANDO DE FORMA INTELIGENTE

A natureza imprevisível de nossas vidas e a importância de fazer o melhor uso do tempo que temos eram uma grande parte dos ensinamentos de Luang Pó. A morte pode chegar a qualquer momento. Luang Pó dizia que, ao recusarmos encarar a verdade da inevitabilidade de nossa morte, não vemos o quão importante é abandonar as más qualidades e desenvolver as boas. Cultivar a mente é de vital importância porque, na hora da morte, é a bondade que tivermos acumulado — o mérito — que proverá nosso verdadeiro refúgio.

Riqueza e pobreza serão ambas separadas de você, mas as coisas que você construiu em sua mente não serão. Se sua mente for maldosa, isso lhe levará para um mau caminho. Se sua

mente for bondosa, isso lhe levará para um bom caminho. Suas posses não podem fazê-lo bom ou mau. Apenas a sua mente pode fazer isso. Entendam esse ponto.

Pessoas sábias se preparam não apenas para a morte física, mas para as pequenas mortes da separação daqueles que amam, ao refletir continuamente sobre as verdades da vida — como boxeadores treinando para uma luta, dando golpes em sacos de areia.

Se eles nunca treinam ou se nunca rasgaram um saco de areia com seus chutes, então quando entram no ringue, perdem os dentes. Quando a sua saúde acaba ou um filho morre, ou sua riqueza se perde, tudo o que você é capaz de fazer é chorar, pois você nunca se preparou para aquilo. Você será como um boxeador que não fez seu treinamento.

Você deve seguir treinando com as verdades da impermanência, do sofrimento e do não-eu. Constantemente reflita sobre o Dhamma. Então, quando algo acontecer, você reconhecerá aquilo como apenas uma expressão dessas coisas: impermanência, sofrimento e não-eu. Você não vai sofrer muito, pois verá aquilo pelo que é. Prepare-se. Ser indiferente a isso é um luxo que você não pode ter. Se você tivesse que subir ao ringue bem agora, você seria nocauteado rapidamente para fora dele de novo. Você tem que treinar.

Luang Pó dizia que as perdas poderiam ser suportadas sem lágrimas ou lamentos quando elas fossem vistas através da perspectiva conseguida pelo treinamento da mente. Quando a mente tivesse desenvolvido a visão correta, ela teria um refúgio interno e não adicionaria mais dor desnecessária à perda.

Mas geralmente, quando existem incêndios e enchentes, você permite que eles queimem e inundem a sua mente também. Quando alguém morre, você morre com a pessoa. Se esse for o caso, então você não tem lugar algum para descansar.

Em outra ocasião, ele comparou essa percepção da impermanência a ver um copo como se já estivesse quebrado. Dizia que o Buddha podia ver o copo quebrado dentro do copo inteiro. Qualquer um que pudesse ver o copo como se já estivesse quebrado não ficaria apegado a ele, pois o reconheceria como uma configuração temporária dos elementos que o constituíam, que eventualmente, viria a se desfazer. Todas as coisas deviam ser vistas de maneira semelhante — como que levando dentro delas a sua própria inevitável destruição — incluindo o corpo físico. Isso não significava que, estando condenado à morte, o corpo era inútil e as pessoas poderiam muito bem cometer suicídio. Isso significava que ele deveria ser usado com um bom propósito, desde que estivesse em um estado que lhe permitisse fazer isso.

A SABEDORIA DO “SUFICIENTE”

Luang Pó falava dos discípulos leigos mais velhos que ficavam desencorajados e depressivos por sua crescente falta de habilidade para recordar a letra dos cânticos, ou para aprender novos. Luang Pó dizia que a perda de memória não era um obstáculo para a prática do Dhamma, pois havia muito mais no Dhamma do que recitar cânticos. Na vida diária, o Dhamma podia ser encontrado ao procurar pela medida certa ou ótima em todos os assuntos.

Quando você está comendo, precisa dar uma colherada no arroz na medida certa para mastigá-lo convenientemente. Isso é Dhamma. Se a colherada é tão pequena quanto uma semente de maçã ou tão grande quanto um ovo de galinha, aí ela não vai ter o tamanho certo; e isso não será o Dhamma. É a mesma coisa quando você está fazendo um vestido ou um par de calças. Eles têm que ser do tamanho certo para quem vai vesti-los. Se vocês os

fizerem muito pequenos para quem vai vestir, eles não conseguirão vesti-los; se fizerem muito grande, parecerá ridículo. As roupas que vocês vestem para vir ao mosteiro, se elas estiverem limpas e sem buracos, está bem. Se vocês são pobres, então ficar lutando para conseguir dinheiro para comprar roupas mais caras, algo que exceda seus ganhos, apenas levará a dificuldades.

Protejam suas mentes de desejos excessivos por coisas que não precisam ou não tenham direito a ter. Persigam seus desejos de formas corretas e apropriadas. Quando você consegue o que quer, não há necessidade de ficar exageradamente feliz com isso e quando você perde algo, não fique exageradamente triste. Não permita que sua mente seja levada por formas, sons, odores, sabores ou sensações táteis. Saibam quando as coisas que estão chegando à mente estejam fazendo com que ela fique embotada, manchada e perturbada, e usem quaisquer meios necessários para espantar essas coisas. Isso é o que significa praticar o Dhamma. A mente é o mais importante. Agir bem ou falar bem depende da mente. Ações ou falas danosas dependem da mente. É por isso que precisamos treinar-nos com a meditação sentada e andando, e com a reflexão sobre nossa experiência.

“É SÓ ISSO MESMO”

Uma das características mais divertidas das palestras de Luang Pó era o seu uso das frases e termos do dia a dia para tratar de aspectos profundos do Dhamma. Uma dessas frases era “*man kó khé nan lé*”, traduzida aqui como: “É só isso mesmo”. É uma dessas frases simples que desafia a simples tradução. Ela é usada para esvaziar algo, frequentemente usada para dizer para alguém que esteja exagerando muito sobre algum assunto que ele é menos valioso, menos importante do que ele pensa; que aquilo não afeta os assuntos principais à mão; que aquilo é, quando está dito e feito, uma coisa limitada e insatisfatória. O paralelo mais próximo em português dessa expressão poderia ser o direto: “E daí?”.

Eu vou lhes dar um ensinamento curto, abreviado, para usarem em sua vida diária. Todos recitem internamente: “É só isso mesmo”. Essa única frase é suficiente para reduzir o seu sofrimento. Tudo nos deixa, morre para a gente. O que quer que seja bom ou nobre, bonito ou feio ou o que possa ser, tudo é parte do mundo. Você vai ter que deixá-los para trás quando morrer. Não se apegue a eles de forma alguma. Se você tem uma responsabilidade, então a cumpra. Se sua responsabilidade é ganhar a vida com o intuito de cuidar de sua família, então vá em frente. Ganhe o suficiente para viver, o suficiente para comer. Esteja contente com o que puder ganhar — seja muito ou pouco. Ou se você for malsucedido, então esteja em paz com sua falha e tente novamente. Qualquer que seja o caso, esse mantra: “É só isso mesmo”, é sempre apropriado. Seu sofrimento vai diminuir naturalmente. Isso é o que significa viver sabiamente. Quando quer que você pegue as coisas para refletir sobre elas, através dessa frase, aquilo se tornará Dhamma. Essas palavras podem ser usadas como uma ferramenta.

BHĀVANĀ

Uns cinco anos antes do final de sua carreira como professor, Luang Pó deu uma palestra para os apoiadores leigos que tinham se juntado para passar a noite do dia de observância. Foi uma palestra sobre o assunto de *bhāvanā* que resume muito de seus ensinamentos sobre a prática do Dhamma:

Bhāvanā ou “cultivo”, significa a ação de “criar” ou “melhorar”.

Qualquer esforço colocado em criar ou desenvolver bondade e sabedoria era *bhāvanā*. Na verdade, a generosidade e a conduta virtuosa também deveriam ser vistas como formas de *bhāvanā*. Ele disse:

Ao ser generoso, ao manter os preceitos, precisa haver um cultivo do Dhamma em todos os momentos ... Mesmo que você dê um único punhado de arroz ou um simples par de calças ou uma pequena quantidade de qualquer coisa, você se sente feliz, pois deu um presente de algo que lhe pertencia sem nenhuma compra ou venda envolvida. Depois que o presente foi dado, tanto aquele que dá quanto aquele que recebe se sentem contentes. Esses sentimentos não existiam antes. A criação desses sentimentos é chamada cultivo [*bhāvanā*].

Os benefícios da generosidade não terminavam no ato em si. Ele também instigava sua plateia a praticar a meditação da “recordação da generosidade” (*cāgānussati*). Ao trazer à mente as ações do passado, uma grande alegria podia surgir na mente que suprimiria os obstáculos que impedem a calma lúcida e a sabedoria.

O cultivo do Dhamma era para ser realizado em todas as posturas. Na vida diária, a ênfase deveria ser em refletir sobre as experiências à luz do Dhamma.

Se você estiver trabalhando ou realizando alguma boa ação — o que quer que você esteja fazendo — cultive o Dhamma ao refletir sobre o que está acontecendo. O cultivo não significa apenas se sentar. Estar de pé pode ser cultivo. Caminhar pode ser cultivo. Sentar-se ou se deitar pode ser o cultivo. Em cada postura, isso significa tentar fazer do seu pensamento algo correto.

Luang Pó usava a expressão *tuk tóng*, traduzida aqui como “correto”, para significar: estar em conformidade com a natureza das coisas. *Tuk tóng* era uma expressão importante para ele. Em uma ocasião, ele resumiu os ensinamentos do Buddha com as palavras “Dhamma significa o que é correto”. Ao fazer do pensamento algo correto, ele não estava necessariamente apontando para o cultivo de pensamentos corretos específicos, mas, em vez disso, para pensamentos que estivessem livres de impurezas, pensamentos que levassem em consideração as realidades da impermanência, da insatisfação e do não-eu:

Não machucar a si mesmo ou aos demais, fazer o que quer que você faça de forma benéfica, fazer apenas o que é correto, falar corretamente, pensar corretamente. Todos esses tipos de correções são o mérito que surge de *bhāvanā*.

Esse esforço de cultivar o Dhamma, ao observar constantemente as experiências com o olho da sabedoria, é traduzido aqui como “reflexão”, uma tradução da palavra em tailandês *pijarana*, que tem significados que vão de “investigação” à “consideração” ou “contemplação”. Ele apontava para a sua plateia que esse poder de reflexão não era algo esotérico. Todos já o possuem em certa medida e o usam em sua vida diária. Uma falta disso causava dificuldades.

Comprar, vender, trocar — o que quer que você esteja fazendo — você deve cultivar: você deve refletir, considerar. Seus ganhos são tanto, seus gastos são tanto, você tem que fazer isso e então depois fazer aquilo, você tem que planejar as coisas — tudo isso é *bhāvanā*. O *bhāvanā* correto deixa você tranquilo e torna sua mente lucidamente calma. Todo mundo — mesmo morando no vilarejo, em um mosteiro ou onde quer que seja — se você reflete com um entendimento correto das coisas, então isso é *bhāvanā*.

A habilidade em considerar as coisas com uma mente clara prevenia ser levado por emoções negativas ou consumido pelo medo. Ele deu um exemplo do cultivo da sabedoria na vida diária, refletindo a experiência:

Ouvi uma vez o Ajahn Buddhadasa dar uma palestra no rádio. Ele disse que quando era garoto, tinha pavor de fantasmas. Ele levava o gado para pastar de manhã e voltava só de noite. No caminho de volta para casa, ele passava por um crematório de floresta, ficava com medo e montava nas costas do búfalo. O búfalo estava mastigando a sua grama de forma indiferente. Um dia, assim que se sentou nas costas do búfalo, ele pensou sobre isso: “Ei, esse búfalo é melhor do que eu. Ele não tem medo de fantasmas. Ele está todo feliz comendo a sua grama. É quem está sentado nas costas dele que tem medo disso, medo daquilo, sempre cheio de pavor”. Conforme ele considerava isso, viu que o medo surgia do pensamento. É um fenômeno condicionado.

Usar a sabedoria na vida diária, ele explicava, é a habilidade de reconhecer e refletir sobre a impermanência de nossa experiência. A pessoa sábia não tem nada como certo. Os tolos assumem que amanhã será mais ou menos como hoje e que nós seremos mais ou menos a mesma pessoa por toda nossa vida. Eles são negligentes sobre a verdade das coisas, sem perspectiva, presos em qualquer que seja o estado atual das coisas.

Riqueza, posição social, fama, sucesso — nenhuma dessas coisas, se ganhas honestamente, são ruins em si mesmas. Os problemas vêm quando as pessoas se identificam demais com elas. O resultado é uma forma de intoxicação.

Não fique embriagado por essas coisas. Se você pode ficar rico, então seja rico. Se você não pode manter sua riqueza e fica pobre, então seja pobre — mas não fique embriagado com isso. Não se embriague com sua pobreza, não se embriague com sua riqueza. Se você está sofrendo, não fique embriagado com seu sofrimento; se você está feliz, não fique embriagado com sua felicidade. Se você for jovem, não fique embriagado com sua juventude; e se você for velho, não fique embriagado com sua velhice.

Essa falta de atenção, a recusa em encarar essas simples verdades da vida — que todos os seres estão no caminho do envelhecimento e da morte — alimenta um orgulho e uma presunção que moram no coração do sofrimento humano. Luang Pó, comparando relacionamentos com uma estrada, dizia que os problemas surgiam no momento em que as pessoas se perdiam em visões de si mesmas.

Nesse mosteiro, nesse salão do Dhamma, se qualquer um pensar: “Eu sou melhor do que você”, ou “Você é mais estúpido do que eu”, “Eu sou mais inteligente do que você”, ou “Você não é como eu” e por aí vai, lombadas e buracos aparecem na estrada. Quando quer que alguém diga ou faça alguma coisa, eles olham uns para os outros com desconfiança.

Mas, dizia ele, a reflexão sobre os ensinamentos do Buddha que nos recordam de nossa humanidade em comum, “vai tranquilizar suas ansiedades e apegos”.

Ele disse à sua plateia que, mesmo com todas aquelas pessoas sentadas ouvindo a palestra, havia realmente apenas uma coisa acontecendo: o implacável processo das mudanças, um processo sem dono. Falou que o ensinamento que diz que não podíamos encontrar nada sólido em nosso corpo ou mente, que fosse realmente quem nós somos ou que realmente nos pertencesse, era algo difícil de aceitar. Pessoas sem autoconsciência, ouvindo essas palavras, ficam com raiva e reclamam que palestras do Dhamma sobre esses tipos de assuntos são desagradáveis e ofensivas.

Quando você diz: “Refleta sobre isso: você nasceu para morrer, você não pode contar com a vida” — é ainda pior. As pessoas se levantam e vão embora, elas não podem aguentar isso. Elas pensam que você está falando coisas vis, não auspiciosas. “As coisas nascem e então elas

morrem.” Quanto mais essas pessoas ouvem, com mais medo elas ficam. Elas não querem ouvir e vão embora.

Mas as verdades da vida são irrefutáveis e é sábio encará-las, refletir sobre elas:

O Buddha nos ensinou o cultivo. Nós somos todos a mesma coisa. Ricos ou pobres — nós nascemos, envelhecemos, ficamos doentes e então morremos de formas muito similares. Quando você pensa bastante nesse tipo de reflexão do Dhamma, então sua mente encontrará uma consistência uniforme onde quer que você vá.

Mas, como Luang Pó apontava, a maioria das pessoas não aplica a própria mente dessa maneira:

Elas se afermam às coisas até sofrerem e então carregam esse sofrimento por aí com elas, sem perceberem o que está acontecendo.

Ele retornava ao seu tema, de que estava ensinando mais do que uma técnica de meditação:

Bhāvanā não significa sentar de pernas cruzadas com os olhos fechados. Algumas pessoas vêm ao mosteiro todos os dias e, nos dias de observância, praticam meditação sentadas. Mas assim que elas chegam em casa, jogam tudo isso fora. Elas brigam com suas esposas e filhos, discutem com todas as pessoas à sua volta, pensando que já não estão mais meditando. Quando elas meditam, fecham os olhos com o intuito de fazer méritos. Mas quando acabam de meditar, o mérito não vai com elas. Elas apenas ficam com o demérito. Elas não têm nenhuma paciência. Elas não estão praticando o Dhamma.

Na verdade, essa prática pode ser feita em qualquer lugar — no mosteiro ou fora dele. É como estudar em uma boa escola. Uma vez que vocês aprenderam a ler na escola, então vocês podem ler em casa, nos campos ou na floresta. Vocês podem ler em grupo ou sozinhos. Se vocês sabem ler, vocês não precisam correr para a escola o tempo todo; vocês podem ler sempre que quiserem.

Sua definição de alguém que sabe como realizar o cultivo era:

Quando você tem sabedoria, esteja você no campo ou em uma floresta, mesmo que você viva em um grupo grande ou pequeno, mesmo que você seja elogiado ou criticado, você tem um constante e profundo conhecimento sobre o que está acontecendo e é isso que significa ser alguém que cultiva. Você tem que conhecer a natureza de todos os estados mentais. Quando você conhece, você fica tranquilo, você é alguém que sabe como praticar *bhāvanā*. Você tem apenas um único objeto.

Luang Pó está usando o termo “único objeto” (*ekaggatārammaṇa*) aqui, de uma forma pouco usual. Enquanto esse termo é geralmente usado com referência ao desenvolvimento de samādhi, nesse contexto Luang Pó o explicou como significando não se emaranhar. Você não fica emaranhado com nenhum objeto, pois a mente não se agarra à experiência como um eu ou como pertencendo a um eu. Assim, a mente que permanece em um único objeto não significa que ela esteja focada em um fenômeno em particular, mas na natureza das coisas — *anicca, dukkha e anattā*.

É o abrir mão dos apegos aos fenômenos, por enxergar sua verdadeira natureza, que é a forma correta de cultivo.

De pé, você deve ser alguém que cultiva; caminhando, você deve ser alguém que cultiva; sentado, você deve ser alguém que cultiva; e ao deitar-se, você deve ser alguém que cultiva.

A razão pela qual o cultivo deve ser realizado em todas as posturas é porque a morte pode ocorrer em qualquer uma delas. Cultivo é uma preparação para a morte. Se você pratica o cultivo apenas na postura sentada, o que vai acontecer se a morte se aproximar enquanto você estiver em outra postura?

O mesmo argumento se aplica para o surgimento das impurezas na mente. Você já ficou nervoso? Você já ficou nervoso enquanto estava deitado? Ou você fica nervoso apenas quando está sentado de olhos fechados? Se você for depender exclusivamente da meditação sentada então como é que você poderá cultivar?

Cultivar significa um conhecimento profundo e abrangente do que está ocorrendo. O Buddha nos disse que tivéssemos *sati* e autoconsciência, sabedoria e circunspeção, enquanto estivéssemos em pé, andando, sentados ou deitados, sendo capazes de ver os estados mentais falhos e não falhos¹⁵⁹ em todos os momentos. Isso é o que significa ser alguém que cultiva. Se você tem esse conhecimento constante, então nada pode afetá-lo de forma adversa, a mente está constantemente suave e tranquila. A mente está em seu estado normal.

Mais próximo do final de sua carreira como professor, Luang Pó leu e se impressionou com as então recentes publicações de traduções para o tailandês de mestres Zen chineses, tais como Huang Po. Isso tornou-se visível na forma com a qual ele começou a falar sobre a distinção entre a mente em si mesma¹⁶⁰ e os estados mentais. Ele começou a usar termos como “mente original”, não como uma posição filosófica, mas como um meio hábil para ser usado ao se observar internamente. Ao final de uma palestra Luang Pó enfatizou que as pessoas cometiam o erro de reclamar que suas mentes estavam muito agitadas. Ele disse que não existe nada errado com a própria mente, ela está naturalmente em paz. São as impurezas e o desejo que são o problema. Era importante separar as coisas.

É como as folhas em uma floresta. Normalmente as folhas estão paradas. Então quando elas começam a balançar, qual é a causa daquilo? É o vento soprando. Se não houvesse nenhum vento, então as folhas seguiriam em seu estado inerte. Nossa mente, nossa “mente original”, é a mesma coisa. Ela é naturalmente pacífica e limpa. O que vem e agita o tempo todo é uma nova mente, uma mente falsa constantemente afligida por um medo aqui, um desejo ali: balançando entre prazer e dor. Essa não é a verdadeira mente. Lembrem-se desse ponto. Quando sua mente se torna ocupada e confusa, então lembrem-se do que estou lhes dizendo: isso não é a sua mente. Sua mente é livre de tudo isso; sua natureza é pura e limpa. Essa é uma mente falsa, uma mente destreinada. Vão embora e pensem nisso, então vocês saberão como distinguir isso em sua prática do Dhamma. Não prestem atenção a nada que não seja a sua mente.

Luang Pó dizia que a prática do Dhamma significava procurar pela mente natural, pela mente original. Uma vez que ela fosse reconhecida, então nada poderia agitá-la. Tantas pessoas tinham abandonado o cultivo, pois pensavam que suas mentes eram muito ocupadas e confusas; era de vital importância saber que a mente nunca era turbulenta. A turbulência eram as impurezas.

¹⁵⁹ Cf. a sessão cittanupassana do *Satipatthana Sutta* (MN 10). Esse termo presumidamente refere-se aos estados mentais “superáveis” e “não superáveis”.

¹⁶⁰ O termo “mente” também pode ser traduzido como “coração”, já que não existe uma distinção clara entre os dois no idioma tailandês.

A prática começava e terminava na mente. Não era uma questão de começar com generosidade, preceitos e gradualmente trabalhar na meditação. Manter os cinco preceitos era necessário para manter a mente livre de perturbações, mas o trabalho interno era vital.

Se você alcança aquele ponto em que a sua mente está em seu estado normal, não há nada que possa perturbá-la — como folhas em um local sem vento. Levem isso como seu dever de casa ... Olhem para as suas mentes. Continuem removendo o que não seja tão bom até que vocês alcancem a folha que nenhum vento balança. Alcancem a mente pura. O Buddha disse que bem ali está o caminho para a libertação do sofrimento.

Ao final da palestra, Luang Pó fez um chamado à diligência. A vida é curta e incerta. Não perca o pouco tempo que você tem.

“Os dias e as noites estão passando sem parar. Bem agora, o que você está fazendo?” O Buddha critica pessoas assim e elas ficam indiferentes, elas não sentem nada. Os dias e noites estão passando, passando, nunca diminuindo a velocidade. O que você está fazendo? O que está fazendo da sua vida? É isso que ele está perguntando. Pessoas comuns ouvem isso e não se movem, mas as pessoas que têm as condições de suporte ouvem isso e pensam: “O que estou fazendo? Estou sofrendo? Estou feliz? Quais são as causas internas dessa felicidade? O que se pode adicionar a isso?” É assim que vocês deveriam estar pensando. Vocês devem praticar o Dhamma com o intuito de perceber a natureza de suas próprias mentes.

Mesmo belas carruagens reais se degeneram, assim como esse corpo também se degenera. Mas o Dhamma dos sábios não se degenera; assim dizem os sábios entre si.

Dhp 151

Gelo no Sol – Os Anos de Declínio de Luang Pó

I. CORPO DOENTE, MENTE SAUDÁVEL

Em um dia, quando as doenças que o deixariam preso a uma cama pelos últimos anos de sua vida começavam a se manifestar, Luang Pó falou com alguns apoiadores leigos:

É como quando você tem um cavalo — um cavalo selvagem, difícil de treinar. Quando ele tenta correr por aí, você segura as rédeas. Não perde o controle delas. Mas se o cavalo estiver realmente galopando em disparada, então solte as rédeas. Se você não fizer isso — então a próxima coisa que perceberá é que sua mão foi arrancada. Deixe o cavalo e as rédeas seguirem seu caminho. Não se deixe machucar por isso. Deixe ir. Mas se o cavalo estiver puxando só um pouquinho a corda, então tente segurá-lo, dominá-lo. Essa é a forma de lidar com tudo.

Nosso corpo é como um cavalo. Se ele fica doente, cuidamos dele com medicamentos. Se ele sai em disparada e não conseguirmos segurá-lo, então o deixamos ir. Não interferimos nisso. Nós o deixamos seguir seu caminho. É disso que se trata o corpo: ele nasce e então segue o seu caminho. E aí não há mais como cuidar dele. Acabaram as opções do corpo. Deixe-o chegar ao seu fim natural. ...

Todo mundo quer viver por muito tempo. Mas o corpo é incapaz de fazer isso. Quando chega o lugar e a hora, então devemos deixá-lo partir. Não faça disso um sofrimento. Apenas seja “aquele que sabe”. Saiba que o que é nosso e o que não é nosso estão misturados juntos. Onde quer que seja encontrado o que chamamos convencionalmente de “nosso”, encontramos o que, na verdade, não é nosso. Entenda isso dessa maneira. Assim, não vai importar se você está sentado ou deitado em um hospital com muita dor. Se sua visão for correta, então você estará tranquilo — tranquilo precisamente onde a dor está, tranquilo onde as sensações se manifestam. A mente vê o que é pacífico no meio da turbulência.

O entendimento de Luang Pó sobre a dor e a enfermidade amadureceu depois de um período de vida em que teve seu quinhão de ambas. Na meia-idade, sua resistência física havia sido lendária. Mas aos sessenta anos, Luang Pó parecia muito mais velho. Em seus esforços sem limites para realizar o Dhamma, sua mente colheu as recompensas, enquanto que seu corpo pagou o preço.

Embora tenha sofrido de uma leve asma que era comum em sua família, Luang Pó tinha sido um garoto saudável. Seus primeiros encontros com doenças sérias ocorreram quando ele deixou a vida de monge de vilarejo e partiu para a floresta. Detalhes da saúde de Luang Pó, durante seus anos em *tudong*, são vagos. O que se sabe é que ele contraiu as febres comuns, incluindo malária, que afligem quase todos os monges de floresta, em um período ou outro, e em 1951, sofreu de uma condição estomacal extremamente dolorosa. Mas a maior fonte de desconforto durante esse período foram seus dentes. Em 1953, ele passou por um período de extrema dor de dentes e inflamação das gengivas. Uma visita ao dentista, ao que parece, não era uma opção. Anos mais tarde, revelou seu método favorito de lidar com um dente podre: ele amarrava uma ponta de uma cordinha em uma pequena pedra e a outra ponta no dente em questão. Então ele arremessava a pedra, com toda a força, no meio da floresta.

Em 1967, o problema com seus dentes piorou. Suas gengivas ficaram tão inchadas que ele ficou incapaz de comer por vários dias. Talvez pela primeira vez em sua vida, ele foi visitar um dentista

local. Contrariando o conselho do dentista, Luang pó insistiu que todos os seus dezesseis dentes remanescentes fossem extraídos em uma sessão.

Mesmo que Luang Pó não tenha optado por evitar o medicamento para a dor, o impacto de tantas extrações em seu sistema nervoso fez com que a injeção que recebeu fosse quase inócua. Para lidar com a dor, ele colocou sua mente em um estado de calma. Ele disse que sentiu que parecia que todas as sensações de cada nervo afetado haviam convergido para um único local. Então toda aquela dor acumulada começou a se contrair até quase desaparecer, enquanto sua mente observava o processo de forma desapegada. Contudo, depois que o dentista terminou, o sangue começou a fluir e não parou por três dias seguidos. Em 1981, conforme sua saúde seguia um caminho ladeira abaixo, que resultaria em paralisia, ele falou sobre essa extração de dentes a um grupo de visitantes locais:

Lá pelos cinquenta ou sessenta anos, seus dentes começam a amolecer. Oh! Você quer chorar. Você está comendo e sente as lágrimas rolando. É como se você tivesse tomado uma cotovelada ou uma joelhada na boca. Os dentes doem tanto: é sofrimento, dor, tormento. Eu mesmo passei por isso. Tive todos os meus dentes arrancados. Esses em minha boca agora são todos falsos, cada um deles. Estavam sobrando dezesseis e pedi para que fossem todos arrancados de uma vez. Estava farto deles. O dentista estava com medo de fazer aquilo. Eu lhe disse: "Vá em frente. Eu assumo as consequências". E então ele o fez — extraiu todos os dezesseis. Uns cinco deles ainda estavam firmes, mas os arranquei da mesma forma.

Quando eu era um garoto, enquanto levava os búfalos e vacas para pastar, pegava cinzas do fogo e polia meus dentes para deixá-los brancos. Quando voltava para casa, dava um sorriso na frente do espelho apenas para ver a brancura. Apaixonado pelos meus próprios ossos! Eu era um idiota. Adorava tanto aqueles dentes. Achava que eles eram algo tão bom. No final, eles tiveram que partir — e a dor quase me matou.

Era sempre fácil pegar uma doença ou outra quando se estava em *tudong*. Durante uma caminhada, na qual Luang Pó estava acompanhado por seu velho discípulo leigo, Ta Soei, ele contraiu uma infecção nos olhos. Ta Soei lembra que Luang Pó viu aquela enfermidade como uma oportunidade para ensinar algumas verdades pontuais ao seu companheiro:

"Os olhos de Luang Pó ficaram muito doloridos. Eu não conseguia lidar com aquilo. Tentei encontrar algum medicamento para ele, mas ele não o utilizava. Não sabia mais o que fazer e comecei a chorar. Ele disse:"

Um velho quase em seu leito de morte e você ainda fica chorando. Ria. São apenas meus olhos que doem. Você tem que rir como se não estivessem doendo. Você deve lutar com a morte até poder ir além dela.

"Dois dias depois, ele deve ter se lembrado de um remédio. Ele me pediu para encontrar algumas folhas de *guysa*, espremê-las para retirar o suco e aplicar em seus olhos. Ele me disse:"

Isso é kamma. Sei qual é a causa disso. Isso é resultado de um kamma que eu criei. Quando era um garoto, se visse um lagarto, não podia deixá-lo em paz, eu tinha que espetar os olhos dele bem onde eles apontam para fora e então picá-lo com cebolas e grelhá-lo ao fogo. Era realmente delicioso! Agora tudo aquilo está aqui comigo. Qualquer um que crie bom kamma, colhe bons resultados; qualquer um que crie mau kamma, colhe maus resultados. É assim que é. As ações das pessoas sempre as encontram novamente. Não pense que uma vez que você tenha feito algo, é o final daquilo. Qualquer um que engane alguém, vai terminar sendo obrigado a devolver o que tenha tomado.

Em 1969, aos cinquenta e um anos de idade, Luang Pó sofreu de um desconforto do coração que foi tratado pelo seu médico, Dr. Uthai. Alguns anos depois, no meio da década de 1970, seu corpo começou um rápido declínio, que em poucos anos o transformou: a esbelta figura, familiar aos seus discípulos mais antigos, transformou-se na corpulenta e prematuramente envelhecida figura pela qual ele é, agora, mais amplamente lembrado. Ele disse que não estava surpreso com esse desenvolvimento. Considerando a maneira descuidada como tratou seu corpo quando era mais jovem, estava mais surpreso por ele ter durado tanto tempo, quanto durou.

Foi na Inglaterra, em 1977, durante a sua primeira viagem ao exterior, que os primeiros sintomas das doenças que o deixariam paralisado e trariam um fim precoce à sua carreira como professor, apareceram primeiramente. Em seu retorno à Tailândia, os episódios de tontura e desequilíbrio que o haviam afetado no exterior ficaram piores. Alguns dos sintomas clássicos de diabetes começaram a se manifestar. As solas dos seus pés começaram a ficar dormentes — ele dizia que era como caminhar em um colchão — e como resultado disso, começou a usar uma bengala.

Embora houvesse preocupações de que outra viagem longa ao exterior pudesse ter efeitos deteriorantes em sua saúde, em 1979, Luang Pó concordou em visitar seus discípulos na Inglaterra e, de lá, viajar para os Estados Unidos. Ele chegou em Seattle exausto e passou os cinco primeiros dias descansando. Medicina chinesa e ginseng coreano, contudo, tiveram um efeito estimulante. Depois de algum tempo, seus atendentes estavam achando difícil ser páreo para ele, e ele voltou para a Tailândia sem mostrar quaisquer efeitos óbvios de sua viagem.

De volta a Ubon mais uma vez, Luang Pó anunciou que passaria o retiro das chuvas no mosteiro em Bahn Kó, onde tinha sido noviço muitos anos antes. Era um gesto de gratidão por tudo o que havia recebido lá. Com Luang Pó residindo ali, choveram doações, ele pôde coordenar a construção de um novo salão de Dhamma e novas cabanas.

Era a primeira vez, em vinte e cinco anos, que Luang Pó não passava o período do retiro das chuvas em Wat Pah Pong. Mas ao residir a uma distância tão curta de lá, deu ao seu substituto, Ajahn Liem, a oportunidade de liderar a Sangha durante o retiro, enquanto se mantinha próximo o suficiente para oferecer conselhos, caso surgisse a necessidade. Parece que ele já estava abordando a necessidade de introduzir a Sangha em um período no qual já não estaria ali para eles.

Depois do retiro, Luang Pó retornou para Wat Pah Pong, onde sua condição lentamente se deteriorou. Ele sentia uma constante e intensa dor na base do pescoço. Massagens quase não davam nenhum alívio. Tendo sempre possuído um grande poder de se recordar das coisas, ele tinha agora começado a se esquecer dos nomes dos monges. Ele brincava que sua memória havia decidido se aposentar. Não houve nenhum anúncio público, como quando os funcionários públicos se aposentam de seus postos, ele dizia: “É somente um sussurro em seu ouvido: ‘estou indo embora’”.

Períodos de tontura e desequilíbrio iam e vinham, surgiam e passavam. Tarde da noite, Luang Pó começou a sofrer de ataques de náuseas, às vezes acompanhados de vômitos. Ele perdeu o apetite e muito de sua força. Por um curto período, uma oferenda de ginseng de alta qualidade, dada por um monge Zen coreano que o visitou, teve um ótimo efeito. Durante uma reunião realizada para lidar com certas acusações contra um jovem noviço, ele falou por sete horas. Em algumas noites, ele sentia um repentino surgimento de energia e saía para caminhadas ao redor do mosteiro. Mas aquilo não duraria. Logo todos os sintomas de suas doenças reapareceram.

SINAIS PREOCUPANTES

Em agosto de 1980, Luang Pó foi para Bangkok realizar um check-up. O diagnóstico dado por seus discípulos, os médicos Suthep e Prapha Wongphét, era de que Luang Pó estava sofrendo das seguintes condições:

- 1 – Alto nível de açúcar no sangue (diabetes mellitus);
- 2 – Insuficiência cerebral, uma deficiência no fornecimento de sangue no lobo frontal de seu cérebro com evidência de um derrame anterior;
- 3 – Episódios periódicos de insuficiência de fornecimento de sangue para o músculo do coração (isquemia coronária);
- 4 – Dano crônico antigo nos brônquios pulmonares, levando à incapacidade de excretar mucos e secreções, frequentemente com uma tosse crônica e falta de ar (bronquiectasia);
- 5 – Degeneração dos ossos da coluna no pescoço (Espondilose cervical).

Vários medicamentos foram prescritos para Luang Pó e ele retornou ao mosteiro onde insistiu em manter sua cansativa agenda. Os monges atendentes tentavam em vão restringir o tempo que Luang Pó passava recebendo seus visitantes, mas ele não concordava que eles mandassem embora pessoas que haviam viajado tantas horas para vê-lo. Ensinar energizava-o. Em uma ocasião, uma jovem inglesa veio lhe perguntar várias questões e foi como se ele quase tivesse voltado à antiga forma. Depois daquilo, disse que era como se cada uma das perguntas dela afiasse a faca de sua sabedoria. Depois que seus convidados partiam, contudo, ele ficava visivelmente exaurido.

Conforme as notícias de sua condição de saúde se espalharam, mais e mais pessoas chegavam ao mosteiro com oferendas de ervas medicinais, quase sempre acompanhadas de testemunhos pessoais de sua eficácia. Luang Pó tentou usar várias delas, às vezes com o intuito de meramente “celebrar a fé” do doador. Embora não cultivasse grandes esperanças nesses tratamentos, foi verdade que, durante o verão de 1981, sua condição melhorou um pouco.

Mas então ela voltou a piorar. Por volta de julho daquele ano, a tontura, o desequilíbrio e a dor no pescoço intensificaram-se. Em um encontro formal da Sangha, Luang Pó surpreendeu a comunidade ao anunciar que passaria o período do retiro das chuvas seguinte em Tam Séng Pet, seu mosteiro afiliado que ficava a uns 100 quilômetros ao norte de Ubon. Depois de vinte e cinco retiros consecutivos em Wat Pah Pong, era a segunda vez em três anos que tinha escolhido passar o retiro em outro local. As razões que deu, quando lhe perguntaram, eram que o ar no topo da colina seria bom para sua saúde e que aquilo poderia lhe dar uma pequena folga dos visitantes. Tam Séng Pet era também um lugar que ele gostava muito e talvez quisesse passar mais tempo ali enquanto ainda podia.

Mas embora Luang Pó tenha falado de Wat Tam Séng Pet como um local de retiro em uma colina, longe das multidões, ele estava, na verdade, a menos de duas horas de carro por uma boa rodovia. Inevitavelmente, conforme o período do retiro foi progredindo, as notícias sobre o paradeiro de Luang Pó espalharam-se. As pessoas não se intimidavam com a distância; ao contrário, a viagem proporcionava um belo passeio de um dia. O costume de que os abades de outros mosteiros afiliados levassem seus discípulos leigos para prestar reverências a Luang Pó e ouvir uma palestra do Dhamma, durante o retiro, continuaram normalmente. Luang Pó também manteve o seu costume de visitar mosteiros afiliados durante o retiro das chuvas. Nesse ano, ele parecia particularmente determinado a se certificar de que seus discípulos seniores haviam entendido sua posição sobre certos assuntos do Vinaya.

À despeito de sua saúde frágil, Luang Pó continuou a dar ensinamentos durante os três meses em que residiu em Tam Séng Pet. Eles consistem de alguns dos seus mais profundos e amados discursos gravados. Sua doença ainda não tinha interferido na simplicidade e clareza do seu estilo de ensinar, e ele usava objetos à sua volta para atuarem como símiles e metáforas para pontos do Dhamma, com o seu jeito entusiasmado e inimitável. Um macaco domesticado, oferecido como presente e frequentemente guinchando ao alcance dos ouvidos em momentos inoportunos, fornecia terreno fértil para refrãos sobre a inquieta “mente de macaco”. E foi ali que ele deu um de seus mais famosos símiles, ilustrando como a mente, que tinha sido trazida para a tranquilidade da maneira correta, não ficava estagnada, mas mantinha consigo o ímpeto para a sabedoria, para ver as coisas à sua verdadeira luz:

É como água parada fluindo ...

Em uma ocasião, alguém lhe perguntou — se ele estava tão doente, como podia parecer tão radiante? Ele fez uma analogia com um carro: você não podia dizer o que estava debaixo do capô, ao olhar para o chassi. Quando lhe fizeram uma pergunta semelhante depois, ele respondeu que a maioria das pessoas doentes sofriam, não tanto pela doença em si, mas pelo desejo de melhorar e pelo medo de que isso não aconteceria. Quanto a ele, ele não estava preocupado quanto a melhorar ou não. Ele estava preparado para ambos desfechos e, portanto, não ficava preocupado ou deprimido.

Em outra ocasião, quando um visitante leigo lhe perguntou sobre sua saúde, ele simplesmente respondeu:

Nesses dias, não tenho me interessado muito por esse assunto.

Um senso da atmosfera, em um fim de semana em Tam Séng Pet, é bem ilustrado pelo relato de Mé Somjai sobre sua visita:

"Luang Pó andava bem devagar, na mendicância matinal, pela área rochosa entre o salão de Dhamma e a cozinha. Assim que ele aparecia, todo mundo se dirigia a ele para colocar comida em sua tigela. Aqueles que não tinham trazido nenhuma comida com eles, ou que tivessem se atrasado em a preparar a tempo para a mendicância matinal, ajoelhavam-se no chão, mãos em añjali, expressando arrependimento de ter perdido a oportunidade. Ao menos, eles teriam a chance de oferecer comida no salão de Dhamma na hora da refeição.

"Depois que Luang Pó tomava sua refeição, todos esperavam que ele viesse para fora e conversasse com os visitantes no salão de Dhamma. Um grande número de pessoas já havia chegado e tinha um constante fluxo indo e vindo durante todo o dia. De noite, era um pouco melhor. A maioria das pessoas que tinham vindo durante o dia já tinha ido para casa. Eu ouvia Luang Pó dar ensinamentos do início da noite em diante. Ele não se sentava no assento do Dhamma, mas em seu assento comum na plataforma dos monges. Ele ensinava de uma maneira informal e relaxada e, de vez em quando, conversava com um ou outro de seus visitantes. Eu me lembro que, em um momento, ele falou sobre fazer de *sati* algo contínuo, e para nos mostrar o que queria dizer, levantou o bule e despejou a água, primeiro algumas gotas e depois uma corrente contínua. Esse era um dos símiles que ele mais gostava de utilizar em suas palestras.

"Quando chegava a hora de ele descansar, o monge-atendente o convidava a retornar para a sua cabana. Todos nós prendíamos a respiração, pensando que ele iria nos abandonar. Parecia que ele apenas tinha começado a falar. Luang Pó sorria para o monge, mas não se levantava e, depois de alguns momentos, continuava a ensinar por um pouco mais de tempo. O atendente polidamente

repetia para Luang Pó que ele deveria descansar agora e todos nós nos lamentávamos em voz alta — era como um pedido e um protesto ao mesmo tempo. Luang Pó sorria de novo e dizia para o monge atendente: “Vou dar-lhes apenas um pouco mais”, e prosseguia até que realmente tivesse chegado a hora. Agora, quando o monge o convidava, ele falava com uma voz bastante firme e pegava a bengala de Luang Pó. Ele ficava em pé ali com sua lanterna na mão para mostrar que estava pronto para levar Luang Pó de volta para sua cabana. O atendente se virava então para nós e dizia: “Já passou bastante da hora”.

"Luang Pó sorria mais uma vez, confortando-nos como um pai e dizia: “Eles não vão me dar mais tempo. Suponho que tenho que ir”. Era como se todo o salão de Dhamma suspirasse com consternação. O tempo havia voado; parecia que o estávamos ouvindo há apenas uns poucos minutos. Eu ouvi uma palestra da boca de Luang Pó pela primeira vez e já havia ficado completamente satisfeita, mas ainda assim, queria ouvir mais."

O monge com a lanterna nessa recordação era Ajahn Pabhakaro, um monge norte-americano que era o atendente-chefe de Luang Pó. Ele era um veterano da Guerra do Vietnã, tinha 1,90 m de altura, era fluente em tailandês e no dialeto de Isan. Com sua grande devoção a Luang Pó e sua atenção aos detalhes, ele cumpria essa difícil tarefa com grande competência. Incluída nesse trabalho, estava a ingrata tarefa de atuar como o “policia durão”.

Em um dado momento durante esse retiro das chuvas, o presidente do Conselho Privado da Realeza e um dos antigos discípulos de Luang Pó, o professor Sanya Dhammasak, foi prestar suas reverências. Falando sobre sua enfermidade, Luang Pó disse que estava pronto para abrir mão de seu corpo e não se preocupar com ele. O professor Sanya solicitou fervorosamente que ele permanecesse no mundo, por mais algum tempo, pelo bem dos seres sencientes que sofriam. Ele fez essa solicitação duas vezes sem resposta. Mas na terceira solicitação, Luang Pó grunhiu seu consentimento.

PEDAÇO DE GELO

Um dia, enquanto ensinava para um grupo de visitantes, Luang Pó disse:

Nesse retiro das chuvas, eu não tenho muita energia. Não me sinto bem. Minha saúde não está tão boa. Então me esgueirei para passar o período do retiro aqui nesse topo de morro para aproveitar o ar puro. Quando meus discípulos e apoiadores leigos vêm me visitar, não tenho sido capaz de retribuir completamente à fé deles [ensinando o Dhamma], pois a minha voz também está bastante fraca; minha força para falar está quase no fim. Na verdade, já é algo bom que ainda haja alguém sentado aqui para que todos vocês possam ver; no futuro, não haverá. Minha respiração vai parar e minha voz partirá de acordo com as causas e condições que governam o corpo. O Senhor Buddha chamou isso de “*khayavayaṃ*”: o final, a degeneração das coisas condicionadas.

E como ocorre a degeneração? É como um bloco de gelo. Ele começa como água e então congela. Depois de algum tempo, o bloco de gelo começa a se degenerar. Ponham um grande bloco de gelo debaixo do sol e vocês poderão ver o que acontece. É como a degeneração desse corpo. Ela ocorre pouco a pouco. Depois de muitos minutos, depois que muitas horas tenham passado, o gelo terá ido embora, todo derretido em água. Isso se chama “*khayavayaṃ*”: o final, a degeneração de todas as coisas condicionadas. Tem sido sempre assim desde que existe o mundo. Nós nascemos carregando a doença, a velhice e a morte dentro de nós.

Esse foi um tema constante durante todo aquele ano. Mais tarde várias pessoas recordavam dele dizendo que, no futuro, não seria mais capaz de falar.

Por volta do começo de outubro, a condição de Luang Pó era motivo de grande preocupação. Em padrões alternados de dias bons e dias ruins que vinham ocorrendo nos meses anteriores, a relação entre bons e ruins estava em constante declínio. Sua consulta agendada com a equipe de médicos do hospital Samrong, em Bangkok, foi adiantada e, ao chegar lá, realizou uma tomografia computadorizada, recém-disponível na Tailândia. A tomografia revelou um acúmulo de fluídos retido no crânio de Luang Pó. Os médicos recomendaram um procedimento cirúrgico no qual seria implantado um dispositivo em seu crânio (*shunt*), com o intuito de drenar o fluido direto para o seu estômago através de um cateter.

Quando os médicos explicaram pela primeira vez a proposta para Luang Pó, ele não teve uma boa impressão. Ele apontou com a cabeça para algumas frutas que tinham sido recém-ofertadas e estavam sobre uma mesa próxima e brincou com um de seus atendentes: “A única coisa que vai ser cortada aqui é aquela melancia”. Mas quando perguntou se seria possível curar aquela condição sem a intervenção cirúrgica, os médicos foram contundentes. Eles disseram que o implante do dreno podia não ser uma cura completa — muito do tecido cerebral já havia sofrido danos irreparáveis — mas que era a única forma que viam de evitar que a degeneração prosseguisse. Sem o procedimento, Luang Pó podia esperar que sua condição piorasse continuamente. A opinião de outros especialistas foi solicitada. Eles foram unânimes em concordar com o prognóstico. Depois de considerar, Luang Pó decidiu seguir com a cirurgia: “Por que não?”, ele disse: “Tudo é um risco. Atravessar a rua é um risco”. Ele tinha a esperança de que aquilo ao menos lhe permitiria fazer um pouco mais de serviço pelo *Sāsana*, antes de morrer.

Tinha sido resolvido em Wat Pah Pong, algum tempo antes disso, que a Sangha deveria ser consultada antes que quaisquer decisões mais importantes, no que dizia respeito aos cuidados de saúde de Luang Pó, fossem tomadas. Pela primeira vez, Luang Pó ignorou o protocolo. Vários de seus discípulos seniores já estavam desconfortáveis a respeito da influência que eles percebiam, ou imaginavam, que Ajahn Pabhakaro e a equipe de médicos de Bangkok estavam agora exercendo sobre Luang Pó. Uma cirurgia na cabeça do professor (com todas as transgressões de tabus culturais que isso implicava) teria criado discórdia com poucas possibilidades de consenso. Luang Pó decidiu que apresentaria o fato consumado aos seus discípulos. No final das contas, ele disse — e de maneira razoável — era a cabeça dele e a de mais ninguém.

A cirurgia ocorreu no dia 30 de outubro de 1981. Ao recobrar a consciência depois da cirurgia, Luang Pó recusou analgésicos para aliviar a dor. Ele disse que era a primeira vez que sofria uma cirurgia e queria ver como seria aquela dor. Na verdade, ele tinha planejado resistir ao efeito da anestesia antes da cirurgia, mas ela “o pegou de surpresa e o apagou com um golpe”.

RESULTADOS DECEPCIONANTES

Alguns poucos quilômetros de distância do Hospital Samrong, nos subúrbios ao leste de Bangkok, ficava a casa de uma das apoiadoras leigas de Luang Pó, Khun Kesree Bulsuk. Ela tinha recém-construído uma cabana de dois pavimentos no terreno de sua família para que Luang Pó utilizasse em suas viagens a Bangkok. Foi lá que Luang Pó e seus atendentes ficaram em seu primeiro período de convalescência. Enquanto ele estava residindo ali, uma das coisas estranhas que frequentemente ocorriam em sua presença aconteceu. Um arbusto de alfazema no jardim havia parado de dar flores uns sete anos antes, depois da morte do filho de Khun Kesree. Agora, com a chegada de Luang Pó, o

arbusto repentinamente tinha voltado à vida. Ele floresceu rapidamente, constantemente estendendo trepadeiras em todas as direções. Depois de algum tempo, a árvore estava coberta de grupos de flores até o topo.

No início, os resultados da cirurgia foram animadores; mas no começo de dezembro, os velhos sintomas começaram a reaparecer. Luang Pó não tinha equilíbrio quando estava de pé, estava sensível ao barulho e fraco o suficiente a ponto de precisar receber soro fisiológico. No final do ano, contudo, houve uma esperança de que essa recorrência de sintomas tivesse sido apenas algo temporário. A voz de Luang Pó ficou mais alta, e ele podia caminhar um pouco sem a bengala; ele comia melhor e descansava melhor. Ele conversava com as pessoas e deu bênçãos de Ano Novo. Durante as manhãs, à despeito de um pouco de desequilíbrio, ele tentava sair em mendicância matinal.

Em janeiro de 1982, Luang Pó aceitou o convite de um discípulo leigo, Dr. Gertchy, de convalescer em sua afastada cabana em uma praia, que ficava a uma hora de viagem de carro a oeste de Bangkok. O ar fresco do mar parecia induzir a um estado de espírito mais otimista. Luang Pó sentia-se mais forte e a diabetes estava sob controle. Ele aguardava ansiosamente para poder retornar para Wat Pah Pong e parecia que aquilo seria possível dali a algum tempo. Os atendentes ficaram felizes em saber que tinha sido construída uma cabana para ele naquela localidade, no meio de um lago artificial e acessível apenas por uma pequena ponte elevada. Tinham a esperança de que isso pudesse conter o fluxo de visitantes de forma mais efetiva.

Nesse meio tempo, Luang Pó relaxou. Ele gostava de ouvir palestras do Dhamma em seu toca-fitas. Ele foi levado para viagens curtas para visitar mosteiros e estupas próximos dali. Às vezes, pedia que um de seus atendentes lesse a tradução em tailandês do mestre Zen, Huang Po, que ele gostava tanto.

Esse período brilhante mostrou ser apenas um interlúdio. No começo de março, Luang Pó estava sofrendo com um frequente desequilíbrio e náuseas. Ele dizia que sentia que suas pernas eram como geleia. Ele não conseguia dormir e não tinha apetite. Começou a falar sobre sua morte com mais frequência. Embora ainda tivesse alguns dias bons, estava claro que, no geral, sua condição estava ficando constantemente pior. Luang Pó comia não mais do que quatro ou cinco colheradas de comida por dia. Sua sensibilidade ao barulho aumentou, assim como os períodos de visão embaçada; ele ficava facilmente desorientado. No dia 14 de junho, três dias antes de seu aniversário de 65 anos, Luang Pó retornou a Ubon.

WAT PAH PONG: JUNHO – AGOSTO DE 1982

No dia dezessete de junho, um grande número de monges, monjas e leigos lotava completamente o salão do Dhamma de Wat Pah Pong, pronto para celebrar o retorno de Luang Pó ao mosteiro e o seu aniversário. Ele estava ausente por quase um ano e havia entusiasmo no ar. Todos estavam ansiosos por vê-lo novamente, ávidos por lhe prestar reverências e aguardavam ansiosamente para ouvi-lo ensinar. Muitos daqueles que haviam sido críticos a respeito da sua cirurgia esperavam que, com Luang Pó de volta ao lugar onde pertencia e fora do domínio dos doutores de Bangkok, logo recuperaria sua saúde. Apenas uns poucos estavam cientes da verdadeira seriedade de sua condição.

Enfim, o veículo trazendo Luang Pó chegou em frente ao salão do Dhamma e ele foi auxiliado a sair dele. Alinhados na frente dele, do lado de fora do Salão do Dhamma, praticantes leigos faziam enormes filas em cada lado do caminho que havia sido aberto. As mulheres colocavam seus xales brancos no chão para que ele caminhasse sobre eles. Luang Pó se movia com óbvia dificuldade para

dentro do salão do Dhamma, com um discípulo sênior de cada lado e o imponente Ajahn Pabhakaro atrás dele. Todos se prostravam em reverência, conforme ele passava. Vários daqueles que davam uma discreta olhada de relance para Luang Pó ficavam visivelmente consternados.

Estava claro que não haveria nenhuma vibrante palestra do Dhamma. Depois que o tradicional ritual do “Pedido de Perdão” tinha terminado, Luang Pó falou em um microfone com um fraco eco de sua voz normal. Claramente fazendo grande esforço para falar, em poucas frases ele delegou suas responsabilidades como abade e preceptor, e enfatizou a necessidade de harmonia e dedicação para a prática do Dhamma.

Mesmo essas poucas palavras o deixaram exausto. E então, sem expressar a felicidade por retornar para casa e sem dar um vislumbre do calor, do bom humor e da sabedoria que sua plateia tanto amava, finalizou o último discurso público de sua vida.

Desse ponto em diante, o declínio da condição física de Luang Pó caminhou a passos largos. Ele tinha fortes dores de cabeça. O som de portas abrindo ou fechando era irritante para ele; a luz de uma lanterna ou de um flash de máquina fotográfica era dolorosa para seus olhos. Seu senso de equilíbrio ficou seriamente comprometido. Ele mal podia levantar um braço ou uma perna e começou a passar a maior parte do seu tempo em uma cadeira de rodas. O relógio biológico de seu corpo entrou em colapso. Ele repentinamente decidia que queria sair para um passeio de cadeira de rodas durante a hora mais quente do dia, ou acordava pedindo coisas no meio da noite. Talvez o mais estressante fosse as mudanças de humor. Ele ficou teimoso e resistente, enquanto anteriormente vinha sendo um exemplo de paciência e autocontrole. Ele falava muito menos e mantinha uma expressão tensa e cismada em seu rosto; quando falava, sua voz era quase imperceptível. Às vezes, ele resmungava para si mesmo e ria; outras vezes, chorava. Em um intervalo mais lúcido, disse a um de seus atendentes em sua antiga e leve maneira:

Se eu começar a rir, não ria comigo. Não tem nada de engraçado; é apenas a condição do meu cérebro. Eu não posso controlar isso. Apenas deixe que eu seja louco sozinho. Você não precisa ser louco como eu.

Um monge disse: “Nós entendíamos o que ele estava dizendo, mas não conseguíamos evitar. Quando ele ria, nós ríamos. Quando ele chorava, nós tínhamos lágrimas nos olhos”.

Era difícil para os monges verem seu professor assim, tão reduzido. Alguns poucos admitiram de maneira privada que se ele tivesse sido afligido por uma doença puramente física, teria sido mais fácil para eles suportarem. Ao menos assim, o Luang Pó que eles amavam e reverenciavam não estaria ali se dissolvendo diante de seus olhos. Alguns se tornaram reféns da dúvida: será que isso poderia estar acontecendo a um ser verdadeiramente iluminado? Os monges mais reflexivos perceberam que o que lhes estava sendo empurrado da forma mais profundamente perturbadora era a verdade de *anattā*.

É relativamente fácil aceitar a ideia do corpo como não sendo o eu, mesmo por aqueles que não meditam. As mudanças que ocorrem no corpo durante um dia, através das semanas, meses e anos, culminando na morte, oferecem uma prova persuasiva do processo natural que carece de algum agente que o controle (Luang Pó frequentemente dizia: “Se o corpo é realmente seu, você pode dizer para ele que não envelheça?”). Contudo, o ensinamento de que a personalidade tampouco é um eu é profundamente contraintuitivo. A crença de uma entidade individual, uma “pessoa” — revelada mais essencialmente na “personalidade” — é a base sólida da psicologia e da cultura humana. Apenas o mais habilidoso dos meditadores pode penetrar nas suposições falsas e não examinadas nas quais isso é baseado. Os monges ao redor de Luang Pó eram familiarizados com o ensinamento

de anattā e tinham níveis variados de insight sobre isso, mas para a maioria deles o que estava acontecendo com ele agora era excepcionalmente estressante.

Médicos de Bangkok voaram para lá para examinar Luang Pó, suspeitando que houvesse um tumor no cérebro. Eles aconselharam mais uma tomografia computadorizada em Bangkok e os monges foram informados de que a rainha havia oferecido financiar todo o tratamento médico futuro. A Sangha, que agora tinha assumido a posição de tomar as decisões sobre o assunto, convocou uma reunião. Foi reportado que Luang Pó tinha recentemente suspirado: “Chega de médicos. Está encerrado”. Mas a dificuldade de recusar a bondosa oferta vinda da família real, somada à esperança de que Luang Pó ainda pudesse talvez se recuperar, levaram a Sangha a se colocar a favor de aceitar a oferta.

Na noite de 7 de agosto, a dor do lado esquerdo de sua cabeça tornou-se tão intensa que Luang Pó não conseguia descansar. No dia 9 de agosto, ele foi levado em um voo da Thai Airways para Bangkok, onde foi internado no Hospital Chulalongkorn. Ajahn Anek foi um dos monges que o acompanharam no voo.

"Luang Pó disse que tinha concordado em ir ao hospital novamente para fazer seus discípulos felizes. Não era certo para ele ser um motivo de preocupação para tantas pessoas. Mas ele não iria melhorar; a enfermidade era resultado de um kamma antigo.

"Luang Pó repetia que, para ele, tudo já havia chegado ao fim. Em seu coração, já não havia mais nada."

Está por conta dos meus discípulos o que eles querem fazer para cuidar desse corpo. Para mim, não faz diferença.

HOSPITAL CHULALONGKORN: AGOSTO DE 1982 – JANEIRO DE 1983

As condições que aguardavam os monges no hospital não poderiam ter sido melhores. Luang Pó foi colocado na suíte VIP, que incluía uma sala na qual ele poderia receber visitas e um quarto para seus atendentes. Uma equipe de seis dos melhores neurologistas do país estava disponível e eles conduziram todos os testes possíveis que a tecnologia da época permitia. Eles concluíram dos testes que não havia nenhum tumor; apenas uma rápida evolução do estágio seguinte das doenças que já haviam diagnosticado: diabetes, atrofia cerebral seguida de arteriosclerose e necrose múltipla do tecido cerebral. A condição cerebral de Luang Pó, pronunciaram os neurologistas seniores, era a de uma pessoa de noventa anos de idade. Prescreveram um coquetel de medicamentos para sua condição cerebral, insulina, uma dieta especial para a diabetes e fisioterapia diária.

As mãos de Luang Pó não tinham força. Ele estava quieto e retirado, às vezes pegando algo pequeno que estivesse perto e colocando de volta no lugar, de forma repetida. Os medicamentos ajudaram um pouco. Seu apetite melhorou, assim como os seus índices de açúcar sanguíneos. Mas novos e preocupantes sintomas se desenvolveram: se lhe perguntavam algo, sua intenção de dizer “sim” surgia como um “não”, e vice-versa. Uma vez, quando lhe perguntaram se ele queria urinar, ele disse que não e assim que retiraram o receptáculo, começou a urinar. Por um breve segundo ou dois, aquilo foi engraçado.

Todos os dias, os monges-atendentes colocavam Luang Pó em sua cadeira de rodas e o levavam para dar uma volta em uma parte sombreada do terreno do hospital. Em uma ocasião, uma mulher que avistou Luang Pó ajoelhou-se rapidamente para se prostrar para ele, dizendo para seu filho pequeno fazer o mesmo. O garoto ignorou a mãe. Plantado no lugar onde estava, encarava sem piscar o velho

monge na cadeira de rodas. Com uma grande força de vontade, Luang Pó inclinou seu corpo e estendeu o braço direito vagarosamente na direção do garoto em um gesto de benção e bondade amorosa. O garoto moveu-se em sua direção como resposta e, com mãos em añjali, inclinou a cabeça para a mão estendida de Luang Pó.

Tais momentos tocantes estavam se tornando cada vez mais raros. Em outubro, Luang Pó começou a recusar a comida que lhe estava sendo oferecida de colher, cerrando suas mandíbulas com força e balançando os braços. Ninguém podia estar seguro se ele genuinamente não queria comer ou se esse comportamento era apenas outro sintoma da doença. Os atendentes tentavam convencê-lo, persuadi-lo, até mesmo imploravam para que ele comesse. Para todos os envolvidos, aqueles foram dias péssimos.

No começo de dezembro, Ajahn Liem disse a Luang Pó que suas falas já não faziam mais sentido e convidou-o a ficar em silêncio se assim desejasse. Luang Pó parecia estar ouvindo atentamente. Ele nunca mais falou¹⁶¹.

Dois dias depois desse convite, Luang Pó teve um derrame. Violentas convulsões retiraram toda a força do lado esquerdo do seu corpo. Ele ficou com o aspecto dos restos de um homem à beira da morte. Os monges determinaram que se Luang Pó estava prestes a viver seus últimos dias, isso deveria acontecer no mosteiro e não no hospital.

Os médicos estavam relutantes em dispensar seu paciente, mas quando a rainha foi informada da condição dele, e do seu desejo já anteriormente conhecido de passar os últimos dias de sua vida em Wat Pah Pong, ela resolveu o assunto. Um avião da Força Aérea foi disponibilizado para levá-lo de volta a Ubon. Quando Ajahn Liem informou Luang Pó: “ele abriu seus olhos e olhou em volta, o que naquela época era a sua forma de demonstrar que estava satisfeito”.

WAT PAH PONG: OS ANOS EM SILÊNCIO

Ajahn Liem não estava convencido de que aquilo era necessariamente o fim: Luang Pó ainda tinha apenas sessenta e cinco anos de idade. Ele acreditava que a maioria dos órgãos vitais de Luang Pó estavam funcionando normalmente e não havia razão pela qual, caso fosse bem cuidado, ele não pudesse viver por anos em vez de meses ou dias. “Mais do que alguns de nós”, ele brincou com outro dos monges seniores. E estava certo.

Em seu retorno a Wat Pah Pong, Luang Pó foi convidado a residir em um pequeno edifício recém-construído em um espaço aberto na ala norte do mosteiro. A “cabana-enfermaria”, como veio a ser conhecida, era um bangalô feito de alvenaria no estilo moderno ocidental. Ela tinha dois compartimentos principais: um que foi projetado e equipado como uma unidade de terapia intensiva de um hospital particular; o outro que foi deixado sem mobília, para uso dos atendentes. Paredes de tijolos construídas de forma angular, a partir da metade de cada lado da cabana, separavam os domínios público e privado. Portas nas paredes permitiam que os atendentes deixassem os visitantes entrarem em horários combinados, quando as cortinas do quarto de Luang Pó eram abertas.

Todos os dias, pessoas vinham para ao menos olhar para Luang Pó deitado em sua cama e se prostrarem para ele através da janela. Nas noites, quando o clima permitia, atendentes levavam Luang Pó para fora, na cadeira de rodas. Os visitantes juntavam-se na grama, atrás da cabana, para

¹⁶¹ Joseph Kappel, ex-Ajahn Pabhakaro, reporta uma ocasião quando Luang Pó proferiu uma última palavra. Ao retornar para Wat Pah Pong, em janeiro de 1983, ele perguntou para Luang Pó se ele queria dar um passeio na área em volta de sua nova cabana em sua cadeira de rodas, e Luang Pó respondeu “Sim” (literalmente: “ໄ” – “Vai!”).

prestarem suas reverências. A cabana-enfermaria logo se tornou um local de peregrinação para pessoas de todos os cantos do país. Uma vez por semana, a Sangha de Wat Pah Nanachat ia para recitar a seleção de versos em páli que Luang Pó mais admirava. O principal deles era o cântico *Vipassanābhūmi*, que lista as bases para o insight.

Uma agenda de cuidados médicos foi estabelecida em blocos de quinze dias cada (seguindo o calendário monástico lunar), divididos em trinta turnos de doze horas. Um fluxo contínuo de monges chegava de mosteiros afiliados voluntariando-se para servir. Cada turno contava com quatro monges e um noviço, sendo que o turno noturno era suplementado com um enfermeiro cedido pelo Hospital Geral de Ubon. Um médico local, que era discípulo de Luang Pó, conduzia os exames diários. Tinha sido acordado que nunca deveria haver menos do que dois monges no quarto com Luang Pó em qualquer momento, fosse noite ou dia.

Na época que Luang Pó retornou a Wat Pah Pong, seus dois principais atendentes, Ajahn Pabhakaro e Ajahn Bunlê, tinham absorvido uma grande quantidade de conhecimento sobre enfermaria geriátrica. Eles começaram a passar para os novos voluntários o que já haviam aprendido. Os dois monges eram intimidadores, embora de formas diferentes: o norte-americano Ajahn Pabhakaro, por sua imponente presença física e a facilidade com a qual podia voltar à sua antiga característica de oficial do exército, caso a situação demandasse; Ajahn Bunlê, um tailandês de descendência chinesa, por sua forma direta e pouco comum de se dirigir às pessoas e sua pouca paciência para com a estupidez alheia. Para esse trabalho em particular, eles serviam perfeitamente.

Cada turno de enfermaria era selecionado para incluir uma mescla de integrantes experientes com outros destreinados. Monges aprendiam como levantar e virar Luang Pó, como carregá-lo até o banheiro, como arrumar a cama, como tomar quaisquer medidas que fossem importantes e tomar notas. Eles aprenderam sobre nutrição, fisioterapia e outras coisas. Embora os monges fossem novatos com essas coisas, eles eram altamente motivados — cuidar de Luang Pó era considerada uma grande honra — e a disciplina do Vinaya já os havia deixado acostumados a adotar procedimentos extremamente precisos e detalhados para se relacionarem com o mundo físico. Infecções eram o maior perigo, particularmente no trato respiratório. As rotinas de limpar e esterilizar os equipamentos adquiriram um tom quase religioso. Depois de alguns anos, quando os médicos recomendaram utilizar uma sonda nasal para sua alimentação, os monges-atendentes a experimentaram um no outro antes de usá-la em Luang Pó.

Embora Luang Pó estivesse em silêncio e praticamente não respondesse a nada, ele foi tratado com o mesmo respeito que sempre lhe havia sido dado. Os atendentes mantinham estritamente as formas costumeiras de se dirigir a ele, evitando assim quaisquer lapsos de falta de cuidado ou comportamento exageradamente familiar. Eles prostravam-se para ele quando entravam ou saíam do quarto. Antes de tocarem em seu corpo por qualquer razão, eles colocavam suas mãos em añjali e lhe pediam permissão. Eles falavam em voz baixa em sua presença e apenas sobre assuntos necessários. Frequentemente, em um canto do quarto, um monge-atendente, com tempo livre, sentava-se silenciosamente em meditação.

Nos primeiros anos, Luang Pó ocasionalmente demonstrava algum interesse no mundo externo, como no dia 26 de fevereiro de 1983, quando a rainha foi a convidada de honra para a cerimônia de consagração do salão de Uposatha. Enquanto ela visitava Luang Pó na cabana-enfermaria, os atendentes perceberam que Luang Pó fazia um grande esforço para manter sua postura sentada e permanecer alerta.

Em seu retorno a Bangkok, a rainha organizou para que Luang Pó recebesse o tratamento regular de um massagista altamente qualificado que ela tinha à disposição. Inicialmente, as massagens surtiram

algumas pequenas melhoras, mas elas eram anuladas por convulsões subseqüentes e terminaram por ser descontinuadas depois de três anos. No final de 1984, as convulsões mais violentas, até então, fizeram com que Luang Pó fosse passar alguns dias em um quarto de UTI, reservado para ele no Hospital Geral de Ubon, onde ele também foi tratado de pneumonia.

A crise mais grave veio em março de 1987. Luang Pó, sofrendo de severas dificuldades para respirar, foi levado às pressas para o hospital de Ubon, onde ficou claro que, se não houvesse uma intervenção drástica, ele não sobreviveria. Os médicos aconselharam uma traqueotomia. Esse foi o primeiro teste mais sério sobre o quão longe os anciãos da Sangha estavam dispostos a ir para prolongar a vida de Luang Pó. Muitos monges já se opunham há muito tempo a qualquer coisa que eles acreditavam ser tratamentos “não naturais”. Procedimentos invasivos sempre haviam sido considerados um passo muito grande.

Uma reunião de emergência presidida pelo governador de Ubon teve a participação de monges seniores e médicos. Os médicos explicaram sua posição de forma apaixonada. Eles asseguraram aos monges que o processo era rápido, seguro e reversível. Mais importante que isso, não havia outra alternativa. A lógica estava do lado deles e os monges estavam despedaçados. Quaisquer que fossem seus pontos de vista sobre a morte natural, a visão de Luang Pó lutando por cada respiração e se afogando em seu catarro era difícil de suportar. Um ponto alto ocorreu quando eles foram informados que a rainha lhes havia solicitado que dessem a permissão. A cirurgia foi realizada no mesmo dia. Em menos de uma semana, Luang Pó havia se recuperado suficientemente para retornar para Wat Pah Pong.

No período seguinte à traqueotomia, Luang Pó demonstrou novamente resistência para se alimentar. Um inquieto Ajahn Liem pediu-lhe formalmente por seu perdão, caso tivessem tomado a decisão errada e implorou-lhe que se alimentasse. Luang Pó consentiu.

Pelos cinco anos seguintes, a história de Luang Pó foi de um inexorável declínio. Cada período de relativa estabilidade era brutalmente truncado por crises que, depois de terem passado, deixavam seu corpo funcionando em um nível cada vez mais reduzido. Ele foi hospitalizado várias vezes em ocasiões seguintes com pneumonia.

Uma descrição da atmosfera na cabana-enfermaria, durante essa época, foi feita por Ajahn Anando, o abade norte-americano do mosteiro de floresta Cittaviveka, na Inglaterra. No final de 1988, ele retornou para a Tailândia para visitar seu antigo mosteiro e oferecer seus serviços ao seu professor.

"Eu gosto muito do período de manhã cedo, pois você pode passar um tempo sozinho com Luang Pó. Das 2h até talvez às 5h da manhã, é o período quando ele parece dormir mais pacificamente. Logo, um período mais movimentado se segue. Dependendo do dia da semana, devemos limpar uma parte do quarto de forma silenciosa e preparar as coisas para levá-lo para tomar banho e fazer exercícios às 5h30 da tarde. Depois disso, caso o clima e sua força permitissem, nós o colocávamos na cadeira — uma que foi enviada da Inglaterra com o dinheiro oferecido pelas pessoas no Ocidente. Era realmente uma supercadeira, fazia de tudo, exceto guardar-se sozinha de noite!

"Existe um senso de grande respeito e afeição que segue os cuidados médicos. Embora esteja preso à cama por quase seis anos, ele não tem feridas por conta disso; médicos e enfermeiros que o visitam ficam bastante impressionados pela boa condição de sua pele. Os monges que estão tomando conta dele nunca comem nada, tomam nada ou dormem no quarto. Existe muito pouca conversa; geralmente apenas se fala sobre o que deve ser feito naquele momento para cuidar dele. Se você fala, é de uma forma bastante comedida. Assim, não se trata apenas de um quarto onde cuidamos dele, é na verdade um templo."

Em 1990, Luang Pó sofreu uma falha cardíaca, devido a artérias entupidas e, mais uma vez, sobreviveu. Mas o tempo finalmente estava chegando ao fim no começo de 1992. Os rins de Luang Pó começaram a parar de funcionar e os órgãos essenciais que dependiam deles inevitavelmente falharam na sequência. De manhã cedo, no dia 16 de janeiro, Luang Pó, Phra Bodhinyana Thera, o monge conhecido em todo o mundo budista Theravada como Ajahn Chah, faleceu.

II. MAIS QUE ISSO

REFLEXÕES

Em fevereiro de 1941, o *arahant* de 82 anos de idade, Luang Pu Sao, professor e companheiro de Luang Pu Man, chegou de barco em um pequeno templo à beira de um rio em Champasak, sudeste do Laos. Ele tinha ficado doente algum tempo antes de partir da Tailândia. Agora em seu caminho de volta à Tailândia, depois de uma viagem exaustiva, ele tinha passado a longa viagem rio acima deitado com os olhos fechados, aparentemente inconsciente e claramente à beira da morte. Assim que o barco chegou ao porto, ele abriu os olhos e perguntou: “Já chegamos? Levem-me ao salão de Uposatha”. Seus discípulos o auxiliaram no caminho, carregaram-no em uma parte dele, até o edifício. Uma vez do lado de dentro, ele, de alguma forma, conseguiu colocar-se em uma posição sentada e pediu para que seu manto externo fosse colocado dobrado sobre seu ombro esquerdo. Ele começou a meditar. Depois que alguns poucos minutos se passaram, ele saiu da posição de pernas cruzadas com o intuito de se prostrar três vezes para a grande estátua do Buddha na frente dele. Depois de um tempo, seus discípulos perceberam que ele não estava mais se movendo. Eles correram em sua direção, checaram a sua respiração com um pequeno espelho e não havia sinais. Luang Pu Sao faleceu enquanto se prostrava diante do Buddha.

Para um budista, a morte de Luang Pu Sao é profundamente inspiradora. Muitos *arahants*, da época do Buddha em diante, deixaram o mundo em elevadas formas similares; alguns, como o venerável Ānanda, deixando sua partida ainda mais graciosa com a demonstração de poderes paranormais. Mas isso nunca foi a norma. Na verdade, o venerável Mahā Moggallāna, um dos principais discípulos do Buddha, morreu nas mãos de um grupo de bandidos “que partiram seus ossos até que eles fossem tão pequenos quanto grãos de arroz”. Na era moderna, dois dos discípulos mais reverenciados de Luang Pu Man morreram em um acidente de avião e, alguns anos depois, outro encontrou seu fim em um acidente de carro. Incontáveis outros morreram devido a dolorosas enfermidades.

Esses exemplos deixam claro que iluminação não garante uma proteção automática de prolongadas doenças ou de uma morte violenta. Em seu período de vida final, *arahants* devem trabalhar em cima de quaisquer karmas não resolvidos em suas vidas passadas. Isso foi verdade mesmo para o próprio Buddha. Ele associava o ferimento que teve, quando uma grande pedra foi jogada nele do alto de uma montanha por seu malvado primo, a um kamma antigo. Além dos fatores físicos mais mensuráveis que levaram aos últimos anos de enfermidade de Luang Pó, seus discípulos sempre consideraram o kamma como o principal culpado. Ele mesmo, como mencionado anteriormente, via da mesma forma.

A questão não resolvida, colocada em relevo pelo desenvolvimento de novas tecnologias médicas, é o quão longe os cuidados médicos dados para alguém que seja considerado um *arahant* devem ser levados. Quão longe, em outras palavras, deveria se permitir a intervenção médica fazer parte do trabalho que um *arahant* deve realizar com seu próprio kamma? Muitos discípulos de Luang Pó,

principalmente aqueles da geração que podia recordar-se de sua oposição inicial aos tratamentos médicos modernos, estavam desconfortáveis com relação à extensão do tratamento médico que ele tinha recebido. Seus pontos de vista foram resumidos por Luang Ta Mahā Bua, o grande discípulo de Luang Pu Man, em sua costumeira forma inflamada:

"Eu e Ajahn Chah, nós nos conhecíamos bem, nós nos respeitávamos muito e eu não quero ouvir que ele está sendo aprisionado e enganchado em um monte de cabos ... Fazer isso com um monge de sua estatura é completamente inapropriado. Escutem o que eu estou dizendo: é completamente inapropriado ... para colocar de forma simples, vocês o estão asfixiando completamente com o mundo. O Dhamma em seu coração é brilhante, radiante, imensurável e não é capaz de se manifestar. Não há nada, a não ser coisas mundanas o amarrando. Isso é repulsivo. Se ele diz que não consegue mais continuar, então deixem seu corpo ir. Essa é a minha opinião."

Mas os desejos do próprio Luang Pó sobre esse assunto eram ambíguos. Ele disse coisas diferentes em ocasiões diferentes e em contextos diferentes. O período em que sua condição cerebral o fazia dizer exatamente o contrário do que queria dizer ficou na mente de todos e complicou ainda mais as coisas. Depois que ele parou de falar, era difícil para qualquer um ter certeza sobre as suas intenções. Houve períodos em que ele não queria se alimentar e fazia tudo o que estivesse ao seu limitado alcance para evitar aquilo. Para alguns dos discípulos de Luang Pó, aquilo era uma indicação clara de que ele não queria seguir vivendo no estado em que estava e queria ser deixado para morrer em paz. Para outros, era apenas um mero sintoma de sua enfermidade. Eles apontavam que, quando perseveravam ou imploravam para que Luang Pó cooperasse, ele invariavelmente concedia. Para esse argumento podia vir a réplica: "É claro que ele o fazia. Que outra chance ele tinha?" E por aí vai. A única coisa que estava indiscutivelmente clara: todos os discípulos de Luang Pó estavam unidos pelo mesmo desejo de fazer a coisa certa. Só que nem sempre era fácil determinar o que era o certo a fazer.

Quanto aos médicos, eles consideravam ser tanto seu dever legal quanto ético oferecer todos os tratamentos disponíveis. Falhar nisso faria com que eles fossem considerados criminalmente negligentes. Além disso, o kamma que deveria ser imputado a eles por deixarem um *arahant* morrer desnecessariamente era uma perspectiva realmente assustadora. Em um nível mais mundano, os médicos estavam cientes de que, quaisquer erros que pudessem cometer nos cuidados dados a uma figura tão amada universalmente, poderia ser um baque avassalador em suas reputações profissionais. Também tiveram um peso consideravelmente grande os desejos da rainha. Ela era a favor de que se buscasse qualquer caminho disponível para estender a vida de Luang Pó.

Talvez o testemunho que possa falar mais alto é o do Ajahn Liem, o herdeiro do Dhamma de Luang Pó em Wat Pah Pong. Ele era categórico acerca de que Luang Pó podia entendê-lo durante aqueles tempos de doença e usava seus olhos para indicar se concordava ou discordava. Ele disse no Hospital Chulalongkorn: "Luang Pó não tinha nenhum desejo de seguir vivendo, mas não conseguimos deixá-lo partir".

OUTRA DIMENSÃO

Qualquer que tenha sido o caso, a maioria dos discípulos de Luang Pó tomou como refúgio a crença de que ele tinha terminado seu trabalho e estava para além de todo o sofrimento mental. Eles aprenderam a ver o decaimento de seu corpo físico como talvez o maior professor sobre as verdades da velhice, doença e morte. Mesmo em silêncio e preso a uma cama, Luang Pó dava a eles um profundo ensinamento sobre a impermanência, o sofrimento e o não-eu. E a condição física de Luang

Pó não era a história toda, de modo algum. Enquanto seu corpo podia ser visto e usado como objeto de reflexão por qualquer um que tivesse um bom par de olhos, o estado de sua mente permanecia invisível para todos que não fossem grandes e habilidosos meditadores. Mas de vez em quando, eventos pouco comuns aconteciam e lembravam a todos de que Luang Pó não era um paciente comum.

Uma das primeiras dessas ocasiões ocorreu quando, logo antes do dia da visita da rainha em 1983, um grupo de quatro homens do exército chegou ao mosteiro. Os monges os observavam sem achar muito engraçado enquanto eles buscavam por armas escondidas e minas terrestres. Um soldado carregava um grande rádio em suas costas e checava links de comunicação de rádio em cada setor do mosteiro. Ao chegarem na cabana-enfermaria, os atendentes pediram para que os soldados tirassem suas botas. Os soldados os ignoraram e conduziram sua busca demonstrando pouco respeito, mesmo pelo velho mestre que se encontrava doente na parte de dentro. Uma vez do lado de fora, o operador do rádio tentou fazer contato com o quartel general. Ele ficou surpreso ao perceber que o rádio não estava funcionando. Os soldados caminharam então de volta ao portão e, conforme fizeram isso, o rádio começou a funcionar de novo. Contudo, ao retornarem para a cabana-enfermaria, ele parou de funcionar de novo. Os confusos soldados perguntaram aos monges-atendentes se havia algum campo magnético em volta da cabana. Os monges disseram que achavam que não.

Os soldados começaram a ficar ansiosos. Se eles não fizessem o contato de rádio com o quartel general daquelas coordenadas nos próximos minutos, eles estariam encrencados. Um dos atendentes ofereceu uma sugestão, dizendo que a forma abrupta de eles entrarem na cabana antes foi bastante rude e desrespeitosa. Eles deveriam retirar as botas, prostrar-se para Luang Pó e pedir o seu perdão. Com alguma relutância, os soldados concordaram. No mesmo momento em que suas cabeças tocaram o chão, o rádio fez um barulho alto e voltou a funcionar. Pálidos, os soldados pediram perdão com um sentimento genuíno.

Outro evento, testemunhado por Ajahn Nyanadhammo, ocorreu durante a crise de 1987.

"Luang Pó estava na UTI do Hospital de Ubon e parecia que estava prestes a morrer. Ajahn Liem já estava preparando as coisas para o funeral. Luang Pó estava respirando artificialmente e estava deitado ali bastante imóvel. Os médicos checaram o fornecimento de oxigênio e não conseguiram encontrar nenhuma respiração que pudesse ser medida. Eles retiraram o respirador, checaram a sonda pensando que pudesse haver algo de errado com ela. Eles a testaram em outro paciente e ela estava funcionando normalmente. Mas quando eles a colocavam de volta em Luang Pó, seguiam sem encontrar qualquer respiração. Eles começaram a se preocupar que tivesse ocorrido morte cerebral. Eles retiraram uma amostra de sangue e ficaram surpresos ao perceber que o nível de oxigênio estava completamente normal. Eles disseram para Ajahn Liem: 'Isso não faz sentido. Ele não está respirando, não tem pulso, e ainda assim o nível de oxigênio em seu cérebro é normal.' Ajahn Liem respondeu: 'Ele entrou em jhāna.' "

Contudo, mais tocante para os monges atendentes foram as palavras de um grande contemporâneo de Luang Pó quando o visitou na cabana enfermaria. Em uma ocasião, Ajahn Phut, o mais conhecido discípulo vivo de Luang Pu Sao, pediu um pouco de privacidade para meditar ao lado de Luang Pó. Ao sair do quarto, disse aos monges que estavam presentes:

"A mente de Luang Pó é como a lua cheia. Está muito radiante. Sua mente está pacífica e tranquila em todos os momentos. Mas quando alguém lhe oferece comida ou lhe dá assistência, ele está ciente em todos os momentos. Ele sabe de tudo o que está acontecendo."

O LADO BOM

Que a morte de Luang Pó tenha sido precedida por uma longa doença, não poderia, de forma alguma, ser algo considerado como uma bênção disfarçada. Contudo, ela levou a vários benefícios duradouros para a Sangha de Wat Pah Pong. Primeiramente, proporcionou um longo período no qual a Sangha pôde aprender como se adaptar à vida sem ele como um líder, mas com ele ainda presente como uma figura representativa agregadora. Em vez de se desintegrar, a Sangha cresceu — um desenvolvimento sem precedentes para um mosteiro de floresta que tinha perdido seu professor. Durante o período de doença de Luang Pó, o número de mosteiros afiliados cresceu para quase cem.

Em segundo lugar, o enorme comprometimento de longo prazo necessário para manter a qualidade do cuidado médico de Luang Pó também uniu a Sangha. Amizades foram estabelecidas entre monges de diferentes mosteiros que compartilhavam turnos de enfermaria e essas amizades passaram no teste do tempo. Essa complexa rede de relacionamentos que se desenvolveu reforçou ainda mais a harmonia e o senso de irmandade pelos quais a Sangha de Wat Pah Pong já era reconhecida.

Os monges que serviram a Luang Pó beneficiaram-se da oportunidade de expressar gratidão e devoção a ele, assim como as *mé chis* que preparavam sua dieta especial diariamente. Os atendentes aprenderam técnicas de enfermagem geriátrica que seriam de grande uso nos anos seguintes, já que mais e mais dos discípulos seniores entraram na terceira idade. O enorme número de visitantes, através dos anos, ganhou um inestimável bom kamma por poder prestar reverências a um ser nobre. Todos esses benefícios foram, sem dúvida, considerados coisas muito boas. E ainda assim, para muitos, eles não podiam ocultar a nuvem de lamentação pela vida de Luang Pó dedicada a treinar e ensinar seus discípulos, ter chegado ao fim de forma tão precoce, aos sessenta e quatro anos de idade.

Ao ouvir os ensinamentos, os sábios se tornam perfeitamente purificados — como um lago profundo, claro e sereno.

Dhp 82

Quadro mais amplo – Luang Pó no Ocidente

I. TERRA DE DENTRO – TERRA DE FORA

Em 1976, Ajahn Sumedho retornou para a Califórnia com o intuito de visitar seus pais. Em seu voo de volta à Tailândia, ele fez uma parada em Londres, por alguns dias, a convite da *English Sangha Trust* (E.S.T.), uma organização criada para estabelecer uma Sangha Theravada na Inglaterra. Durante a sua visita, Ajahn Sumedho ficou no Hampstead Vihāra, um pequeno edifício de quatro andares que pertencia ao grupo, na movimentada Haverstock Hill Road, mais ou menos dois quilômetros ao sul de Hampstead Heath. O E.S.T. sofreu anos de frustração e desapontamento em seus esforços de promover uma Sangha própria e nativa. Eles viram em Ajahn Sumedho alguém que poderia, finalmente, tornar seus sonhos em realidade.

Os pensamentos de Ajahn Sumedho já estavam inclinando-se ao ocidente e ele ficou impressionado com a dedicação dos membros do grupo. Logo depois do retorno de Ajahn Sumedho a Ubon, George Sharp, o presidente do E.S.T., viajou para a Tailândia com o intuito de solicitar a Luang Pó Chah permissão para que Ajahn Sumedho estabelecesse um mosteiro afiliado a Wat Pah Pong, na Inglaterra. A sua chegada foi recebida não com um tapete vermelho, mas com uma esteira áspera. Luang Pó ainda estava fora em uma viagem e tinha dado instruções para Ajahn Liem, seu substituto, para que George Sharp dormisse no chão, nos fundos do salão de Dhamma, que comesse apenas uma refeição ao dia em uma tigela esmaltada e que se juntasse à vida do mosteiro. Em seu retorno, Luang Pó concordou em discutir a proposta, presumidamente satisfeito por George Sharp ser sincero e ter mais do que uma relação passageira com as virtudes da humildade e da paciência.

Luang Pó não descartou de imediato a possibilidade de um mosteiro na Inglaterra, mas disse que não se sentia confortável para dar a permissão, sem ver com seus próprios olhos a conveniência das condições. Em nome da *English Sangha Trust*, George Sharp o convidou para acompanhar Ajahn Sumedho à Inglaterra em maio seguinte, e Luang Pó aceitou.

Luang Pó partiu em sua primeira viagem ao exterior — e seu primeiro voo de avião — no dia seis de maio de 1977. Acompanhando Luang Pó e Ajahn Sumedho estavam um monge inglês, Ajahn Khemadhammo, e Dong, um apoiador leigo de Ubon. Em honra à natureza especial da viagem, Luang Pó decidiu, pela primeira e única vez em sua vida, registrar suas experiências em um diário. Nele, contou que assim que se sentou no avião, refletiu sobre os ensinamentos do Buddha sobre ir a uma terra estranha onde você não está familiarizado nem com o idioma nem com os costumes, e sobre como você não deveria ser presunçoso ou apegado à sua própria forma de fazer as coisas.

O tema da adaptação foi recorrente no diário durante toda a viagem. Assim que viu as nuvens onduladas, desenvolveu um elaborado jogo de palavras com o termo tailandês para “país no exterior”, que significa literalmente “a terra de fora”, comparando “a terra de fora – dentro” com “a terra de dentro – fora”. Foi o primeiro de vários trocadilhos e jogos de palavras que aconteceriam ao longo de todo o diário. Mas as primeiras páginas também teriam um conteúdo dramático. Em pleno ar, um dos pneus do avião explodiu.

A tripulação anunciou que deveríamos apertar os cintos de segurança. Pessoas com dentaduras teriam que retirá-las. As pessoas tinham que retirar até os óculos e os sapatos. Tínhamos que tomar conta de nossos pertences. Depois que os passageiros acomodaram tudo, todos ficaram em silêncio. Eles provavelmente estavam pensando que aquele seria o fim de suas vidas. Eu estava pensando que aquela era a primeira vez que viajava para o exterior para fazer algo útil para o budismo, e esse era todo o mérito que eu tinha? Uma vez

que pensei naquilo, então fiz um voto, dedicando minha vida ao Buddha, ao Dhamma e à Sangha e acomodei minha mente em um estado adequado.

Eu senti uma calma lúcida e um frescor, como se nada estivesse acontecendo e descansei naquele lugar até que o avião desceu para fazer uma aterrissagem segura. Os passageiros aplaudiram alegremente por estarem a salvo. A coisa estranha foi que, quando o acidente aconteceu, várias pessoas me imploraram “Luang Pó, nos proteja!” Mas quando o perigo passou e desembarcamos do avião, apenas uma pessoa veio para agradecer aos monges. Todos os demais foram agradecer à tripulação. Essa foi a parte estranha.

A preocupação de Ajahn Sumedho, sobre como Luang Pó reagiria às condições no ocidente, logo se dissipou. Depois do pouso de emergência em Roma, os passageiros foram solicitados a sair do avião e embarcar em um ônibus do aeroporto que os levaria para o salão de desembarque. No momento em que os monges desembarcaram, o ônibus que eles tomariam já estava completamente lotado. Muitos dos passageiros eram, inevitavelmente, mulheres. Era o primeiro teste sobre como Luang Pó se comportaria em um mundo novo e diferente, no qual as mulheres não mantinham uma distância respeitosa dos monges. Conforme Ajahn Sumedho observava de forma um pouco tensa, Luang Pó simplesmente baixou a cabeça e marchou para o ônibus, ignorando a proximidade das mulheres.

Luang Pó anotou em seu diário que ele não tinha achado especialmente difícil adaptar seu corpo, fala e mente ao novo ambiente. “A parte pouco comum era o que aparecia para meus olhos, meu nariz, meus ouvidos, minha língua e meu corpo”; ele escreveu. “Minha mente era a mesma de sempre.” Sua reação inicial ao que viu em volta — sem dúvida, tingida pelos relatos de seus discípulos ocidentais na Tailândia — foi a de uma falta fundamental. Ele escreveu: “Eles desenvolveram seu país materialmente, mas como lhes falta o Dhamma, eles não encontraram contentamento”.

No primeiro dia em Londres, Luang Pó foi levado para um passeio e, na parte da tarde, saiu para uma caminhada em Hampstead Heath. Ele estava impressionado pela beleza da grama e por sua pouca familiaridade com aquelas árvores. À noite, ele lembrava:

Mais ou menos às oito da noite, nove pessoas vieram para ouvir o Dhamma, algumas das quais já tinham ido visitar Wat Pah Pong. Eu lhes ensinei o Dhamma que é “belo no início, belo no meio, e belo no final”.

Depois disso, respondi às perguntas, com Ajahn Sumedho traduzindo minhas respostas para o inglês. Eles tinham se preparado para recitar a solicitação formal dos cinco preceitos, era a primeira vez que aquilo estava ocorrendo. Depois que terminei minha palestra, guiei-os em uma sessão de meditação de trinta minutos. Senti que eles revelavam uma disposição natural, com afinidades estreitas com o Dhamma.

No dia seguinte, George Sharp levou Luang Pó e seu grupo de carro até Birmingham (“uma cidade”, ele anotou em seu diário, “que cresceu fora de Londres”) para uma celebração do Visakha Puja, que incluía monges de todas as tradições budistas e na qual Ajahn Sumedho tinha sido convidado para dar uma palestra.

Foi um dia em que vi pessoas de várias nacionalidades se juntarem para ouvir o Dhamma em vários idiomas diferentes. Não pude entender nenhuma das palavras que eles usavam, mas pude entender o sentido, ao olhar para os seus modos e gestos.

Uns poucos dias mais quietos se seguiram. Naquela época, Luang Pó ainda não era amplamente conhecido no círculo de budistas ocidentais. O número de ingleses interessados no budismo Theravada ainda era pequeno e, daquele número, ainda menos eram cientes da Tradição de Floresta

Tailandesa. Mais tarde, naquele ano, o livro *Living Buddhist Masters*, de Jack Kornfield, seria publicado e o nome “Ajahn Chah” se tornaria mais familiar, mas naqueles dias, ele ainda era uma figura desconhecida. Se sua viagem fosse feita trinta anos depois, teria sido inundado por convites para tomar sua refeição diária em restaurantes tailandeses; mas naquela época, Busabong, que ficava na King's Road, era o único em Londres. O número de tailandeses residentes na Grã-Bretanha estava ainda em umas poucas centenas, em vez dos aproximadamente quarenta mil de hoje. A vantagem do seu anonimato foi que Luang Pó pôde descansar silenciosamente no vihāra, de uma forma que teria sido muito difícil para ele na Tailândia.

Sua saída seguinte foi um convite de cortesia do Wat Buddhapadipa, em Wimbledon, um templo patrocinado pelo governo tailandês com o propósito de suprir as necessidades espirituais dos tailandeses que residiam no Reino Unido. A visita não foi apenas uma questão de protocolo, foi também uma oportunidade para fazer contatos importantes com membros da Sangha tailandesa que já estavam vivendo na Inglaterra, para assegurar o seu apoio e para solicitar a benção do monge sênior para o estabelecimento de uma nova comunidade monástica. A benção foi dada de bom grado.

No dia seguinte, a comitiva viajou para Oxford onde seriam os convidados dos Saws, uma rica família birmanesa, dona de uma grande propriedade no interior, a alguns quilômetros a oeste da cidade. Foi gratificante para Luang Pó, de manhã, os monges receberem seu alimento em suas tigelas na porta da residência principal, da forma tradicional. “Foi uma ocasião auspiciosa”, ele escreveu, “e cumpri o meu voto de estabelecer o costume da mendicância matinal na Inglaterra”. De noite, ele ensinou meditação à família. Em seu resumo diário, referiu-se ao “benefício criado” naquele dia. Estava claro que ele tinha pouco interesse em passear. Para ele, o valor dessa longa viagem era o “benefício criado”.

A visita a Oakenholt deu a Luang Pó a primeira ideia de como funcionava um retiro de meditação de dez dias. Um grupo de cabanas pré-fabricadas que haviam sido construídas naquele local, durante a Segunda Guerra Mundial, estava agora funcionando como um centro de retiros, e um retiro liderado por John Coleman, um instrutor formado na tradição birmanesa de U Ba Khin, estava em andamento. Luang Pó ficou impressionado pela visível sinceridade dos meditadores. Depois de visitar o grupo e conversar com o instrutor, concluiu em seu diário que a flor de lótus budista estava começando a florescer no ocidente.

MUITO POR POUCO

O entusiasmo de Luang Pó por seu diário continuava a crescer e diminuir. Em vários dias, anotava um mínimo nele, um breve resumo das atividades do dia. Mas no dia quinze de maio, de volta novamente a Londres, sentiu-se inspirado:

Por volta das sete da manhã, sentado em um lugar silencioso, vários insights surgiram em minha meditação. Na sequência, peguei caneta e papel para anotá-los.

Surgindo de “uma parte profunda de sua mente”, ele escreveu:

Percebi que, como um monge seguindo os passos do Buddha, ainda havia vários assuntos relacionados ao Sāsanā que eu não tinha alcançado completamente, coisas que ainda estava negligenciando. Primeiramente, no que diz respeito ao lugar; em segundo, no que diz respeito às pessoas; e em terceiro, no que diz respeito ao tempo. Eu refleti que seguir

verdadeiramente os ensinamentos do Buddha significava que, tendo criado uma quantidade suficiente de benefício para si mesmo, a pessoa deve criar benefícios para os demais.

Isso é, na verdade, uma passagem um pouco enigmática. A conclusão de Luang Pó que a vida de um monge está completa apenas quando ele compartilha o seu conhecimento com os demais era algo que ele já considerava há bastante tempo. Na verdade, alguns dias antes ele havia escrito, “Uma pessoa deve sacrificar tudo pelo Sāsanā, principalmente pelo benefício dos seres sencientes”.

Assim, sou da opinião que a Inglaterra merece ser considerada como *paṭirūpadesa*, “uma terra adequada para a propagação do Dhamma”, que é o motivo pelo qual estou providenciando para que discípulos ocidentais vivam aqui em uma base regular e sigam com o trabalho do Sāsanā.

O estilo de ensinar o Dhamma aqui deve ser o de fazer pouco e obter muito, fazer muito e obter pouco; ensinar as pessoas que existe o frescor dentro do calor e que existe o calor dentro do frescor; o errado está no correto, o correto está no errado, a dor está no prazer, e o prazer está na dor; o progresso está no regresso, e o regresso está no progresso; o pequeno está no grande, e o grande está no pequeno; o sujo está no limpo, e o limpo está no sujo. Isso se chama *saccadhamma*, ou seja, a ciência da verdade, *saccasaht*.¹⁶²

Todos nós que somos discípulos do Buddha devemos praticar com o intuito de desenvolver quatro qualidades de forma completa: S.U.Ñ.S. (*supaṭipanno*, *ujūpaṭipanno*, *ñāyapaṭipanno*, *sāmicipaṭipanno*)¹⁶³, e então ensinar o Dhamma de uma forma verdadeira, de acordo com as intenções do Buddha. Devemos estudar a ciência da verdade e então realizar a verdade. “Realização” significa chegar ao final da última sentença. Isso é o que se chama, “o Verdadeiro Dhamma”: não sobram outras sentenças dos ensinamentos. Isso é “alcançar o final da Vida Santa” na qual, no meio das “coisas” existe “coisa alguma”. Se os discípulos compreenderem completamente os desejos do Buddha dessa forma, então eles podem viajar por aí sozinhos, tanto internamente quanto externamente.

Esses monges são os que sabem o que é o quê. Quando eles sabem aquilo claramente, então o conhecimento do “suficiente” surge em suas mentes. Quando “o suficiente” surge, então simultaneamente surgem todos os tipos de coisas corretas. O Dhamma que se manifesta na mente é proeminente noite e dia; suposições anteriores sobre o que é o quê e o que as coisas significam chegaram ao fim.

Esse Dhamma não aparecerá com nenhuma clareza através meramente das palavras de outra pessoa; ele vai se manifestar apenas através da prática. Ele é *paccataṃ*: você não pode ensiná-lo para ninguém, você não pode falar sobre ele para ninguém, você não pode estudá-lo. Como o Buddha disse, *Akkhātāro tathāgatā*: “O Tathāgata¹⁶⁴ é meramente aquele que mostra o caminho”. O significado dessa frase se torna supremamente claro, livre de todas as dúvidas. Esse é o objetivo do Buddha.

¹⁶² “A ciência da verdade”. Um termo composto de duas palavras em tailandês, uma derivada do páli e outra do sânscrito.

¹⁶³ As quatro qualidades da Arya Sangha: “Eles são aqueles que praticaram corretamente (*supaṭipanno*); praticaram diretamente (*ujūpaṭipanno*); praticaram para a libertação (*ñāyapaṭipanno*); praticaram adequadamente (*sāmicipaṭipanno*)”.

¹⁶⁴ Um epíteto para “Buddha”.

ESTRANHO, MAS FASCINANTE

Enquanto estava na Inglaterra, Luang Pó encontrou-se com vários monges de outras tradições budistas. Um deles foi um monge Zen inglês, treinado no Japão, chamado Seng-ko. Luang Pó o “entrevistou” sobre os ensinamentos e o estilo de vida dos monges japoneses e depois resumiu isso em seu diário. Ao perguntar quantos preceitos os monges no Japão seguiam, lhe foi dito que “a *sati* constante era sua *sīla*”, o que Luang Pó achou “uma ideia estranha, mas bastante fascinante”; lhe foi dito que havia dois tipos de monges: um tipo que era celibatário, “esses eram do tipo bom, os que estão buscando a pureza”; e o outro tipo que podia se casar e cujo filho toma conta do templo da família depois de sua morte. Esse, Luang Pó anotou, tinha “algumas divergências” com sua própria tradição.

Ao aprender que a sílaba “ko” queria dizer “vazio”, naquela noite ele fez disso o assunto de sua palestra do Dhamma:

“Ko” significa vazio, como no termo do Buddha “templo do vazio” (*suññatāvihāra*). Nós deveríamos entrar nesse templo. “Vihāra” significa o lugar onde nossas mentes se estabelecem na percepção do vazio. O Buddha ensinou que esse corpo — na verdade, todas as coisas — são vazias, significando que não existe nenhum ser, não existe nenhuma pessoa. Através de enxergar claramente esse vazio, vendo isso como sendo somente terra, água, fogo e ar, então o venerável Sumedho, aqui, não vai morrer. Por que não? Porque na verdade não há nenhum Sumedho. Okay? A morte do Sumedho é uma convenção. Não existe nenhum Sumedho real. Não existe nenhum Sumedho para morrer. Ele não nasceu e não morre. Existe apenas uma configuração de dhammas, composta de causas e condições, que surgem e passam.

O Buddha disse que o Senhor da Morte, em outras palavras, a morte propriamente dita, não alcança aquele que vive no templo do vazio. Ele não pode encontrá-lo. Não há prazer, não há dor, não há um eu, não há separação do eu e dos outros; é “vazio”. Existe ver o vazio nos fenômenos vazios. A palavra “vazio” significa que não há nada naquele lugar. Ele é vazio no que diz respeito à mente. Não existe nenhuma presunção, ou ponto de vista, ou o que quer que seja se apegando às ideias de “eu”, de “nós” e “eles”. Existem apenas os quatro elementos de terra, água, fogo e ar surgindo e desaparecendo de maneira natural. Foi por isso que o Buddha disse que o Senhor da Morte não pode pegar, não pode encontrar quem vive no vazio, e através disso vem a libertação. Isso se chama libertação do nascimento, libertação da velhice, libertação da morte.

Na verdade, os elementos seguem nascendo e morrendo como antes, mas são simplesmente terra, água, fogo e ar que se juntam. Não existe um ser, uma pessoa. A mente é vazia do conceito de “ser”, vazia do conceito de “pessoa”. É precisamente “isso” que é o lugar vazio. A mente está vazia em um lugar que não é vazio. Ela vê o vazio em algo que não é vazio: não permitindo que ali exista a percepção de um ser humano onde ela geralmente surge, não permitindo que exista uma criatura onde geralmente ela é percebida, não permitindo a percepção da morte onde ela geralmente seria percebida. É por isso que o Buddha chamou isso de “o templo do vazio”. Se você entra nele, você se sente em paz, uma paz livre de prazer, uma paz livre de dor, uma paz livre de nascimento, velhice, doença e morte. Esse é o supremo vazio. Esse é o fim.

O MESMO FRUTO

No dia seguinte, Luang Pó anotou uma ocasião histórica:

Hoje foi o primeiro dia em que saímos para a mendicância matinal em Londres. O venerável Bodhinyana Thera¹⁶⁵ liderou o caminho, seguido pelo venerável Sumedho (norte-americano), pelo venerável Khemadhammo (inglês) e pelo noviço Jinadatto¹⁶⁶ (francês). Nessa ocasião, nossa primeira mendicância matinal, recebi um pouco de arroz, duas maçãs, duas bananas, duas cenouras, dois doces e um pepino. Fiquei feliz de ter recebido esse alimento hoje, por causa da maneira como ele foi conseguido e porque entendo que o alimento de mendicância é o “alimento do Pai”: alimento que, em última análise, veio até nós através do Buddha.

As pessoas dessa cidade nunca tinham visto monges mendigando antes, pois os monges que moram aqui sempre tiveram muita vergonha de praticar isso. Eu penso exatamente o contrário. Acho que apenas as ações maléficas ou incorretas são vergonhosas, o que está em conformidade com o significado do Buddha para esses termos. (Essa é a minha opinião de qualquer forma; verdadeira ou falsa, peço a indulgência de todos os sábios.)

Nesse mesmo dia, os pais de Khemadhammo também vieram oferecer comida, pediram para ouvir uma palestra do Dhamma e um período especial de meditação, que eles acharam agradável.

Na mendicância matinal, repórteres de jornais seguiram nossos passos e tiraram fotografias em intervalos regulares, pois a mendicância matinal é algo incomum aqui. As pessoas de Londres — crianças e adultos — ficavam paradas ao lado nos vendo passar.

Mais tarde, naquele mês, Luang Pó retornou para Oxfordshire para guiar um retiro no centro de meditação estabelecido no terreno da mansão da família Saw. Havia cem pessoas no retiro e a dedicação delas o impressionou. Contudo, ele é notadamente reticente sobre o retiro em seu diário, presumidamente por encontrar pouco tempo para escrever. Ele resumizou somente que houve “resultados satisfatoriamente razoáveis do trabalho”.

De volta a Londres, Luang Pó deu algumas palestras noturnas, uma das quais começou com um — agora familiar — lembrete de que dúvida e incertezas sobre o Dhamma não poderiam ser removidas apenas através dos estudos. O Dhamma está além da linguagem. Estudos que dependem da linguagem podiam fornecer apenas uma compreensão superficial daquilo. Apenas através da prática é que a sabedoria necessária para penetrar o Dhamma poderia ser cultivada.

Perguntaram várias vezes sobre as diferenças entre *samatha* e *vipassanā*. Ele explicou que, em um nível teórico, eles poderiam ser diferenciados, mas, do ponto de vista da prática do Dhamma, eles eram qualidades relacionadas da mente que surgiam conforme a mente amadurecia:

Um fruto verde é um fruto; conforme amadurece, ele segue sendo o mesmo fruto; e quando está completamente maduro, permanece sendo o mesmo fruto.

Essencialmente, ele explicou, você não praticava *samatha* ou *vipassanā*; você praticava o Dhamma. Ao fazer isso, a verdade das coisas podia ser conhecida diretamente, independente de nomes. Era um processo natural.

¹⁶⁵ O título oficial de Luang Pó.

¹⁶⁶ Um membro recém-chegado na comunidade que depois foi dar continuidade ao seu treinamento em Wat Pah Pong.

Quando você mantém os preceitos, sua mente está limpa; quando ela está limpa, está tranquila; e quando está tranquila, está em paz; e quando está em paz, a sabedoria surge.

Ele falou sobre o desafio de encontrar o caminho do meio ou, como ele gostava de chamar, “a medida certa” (*pó di*), ou “correção”. Como era possível saber que você tinha alcançado a abordagem correta, ótima, na medida certa e mais efetiva para o seu objetivo, se você não soubesse qual era esse objetivo? Ele disse que era necessário ter o incorreto para poder comparar e saber a medida. O meditador continuava tomando cuidado para não se apegar ao prazer e a dor. Tendo reconhecido e abandonado o incorreto, o correto surgiria naturalmente.

É como uma pessoa com uma balança. Se ela pende para um lado, o comprador não gosta. Se ela pende para o outro lado, o vendedor não gosta. Apenas quando os pratos estão equilibrados e horizontais é que todos ficam satisfeitos.

Quando você está praticando meditação sentado, você sabe que se não estiver pacífico, se não estiver “na medida certa”, é porque a mente se apegou a um estado mental de um tipo ou outro.

Sati constante era necessária para observar o estado mental. O erro era agarrar-se ao que a mente achasse agradável e rejeitar o que ela achava desagradável. A visão correta não poderia surgir e a mente fabricaria seu próprio mundo como aquele de gostos a serem perseguidos e desgostos a serem evitados.

Isso é *samudaya*, a causa do sofrimento, pois não podemos viver experienciando apenas prazer mental ou apenas dor mental. Pela duração de nossas vidas, os dois estão misturados. E porque isso é assim, é essencial que entendamos a natureza do prazer e da dor mentais como elas realmente são. Se não entendermos a verdadeira natureza delas, então seguiremos nos segurando a pontos de vista incorretos. O Buddha reconheceu que esses dois estados mentais são nossos inimigos constantes. Enquanto não os entendermos completamente, nunca estaremos livres do sofrimento.

Por essa razão, temos que desenvolver a prática correta do Buddha (*sammāpaṭipadā*). Precisamos de: *sīla*, tomando conta de nossas ações e falas para que elas estejam em boa ordem, sem criar consequências desagradáveis para nós mesmos ou para os outros; *samādhī*, estabilidade firme da atenção; e *paññā*, uma compreensão completa da massa dos fenômenos condicionados.

Luang Pó enfatizava que ter *sati* não se referia simplesmente a estar no momento presente. A prática budista de *sati* era diferenciada por sua dimensão moral e ética.

Alguns grupos de meditação mantêm a visão de que não é necessário praticar *sīla* ou *samādhī*, que *sati* em todas as posturas é suficiente. É uma boa maneira, mas não é a maneira do Buddha. Um gato tem *sati*, bodes e ovelhas têm *sati*. Mas é uma *sati* incorreta, não é *sammāsati*, a *sati* correta. No caminho budista, você não pode tomar esse como um princípio de trabalho. O budismo ensina que ter *sati* e vigilância significa estar ciente do certo e do errado. Estando ciente do certo e do errado, então praticar para abandonar o que quer que seja errado e cultivar o que quer que seja bom.

UMA TERRA ADEQUADA

Luang Pó considerou a Inglaterra como um centro adequado para a disseminação dos ensinamentos do Buddha no Ocidente. Para ele, assim como para a maioria das pessoas de sua idade e precedentes, a imagem da Grã-Bretanha, projetada em todo mundo em seu apogeu colonial, ainda tardaria a desaparecer. A Inglaterra parecia ser um país no coração do mundo ocidental. Ao mesmo tempo, era convenientemente pequena e era fácil locomover-se por ela. A sociedade inglesa parecia ser pacífica e estável, sem grandes preconceitos contra o budismo. Além disso, possuía um rico histórico de estudos acadêmicos budistas, mais notadamente na *Pali Text Societ*¹⁶⁷. Acima de tudo, estava desabrochando um interesse na prática da meditação budista.

Como os budistas que Luang Pó encontrou eram quase todos membros de uma educada classe média, a opinião que ele teve sobre o intelecto e a sagacidade deles foi elevada. Comparando a situação com a Tailândia, onde “parece que estamos perdendo o fôlego”, ele disse:

Do que vi, as pessoas nesse país são inteligentes. Se você lhes dá observações profundas, eles as compreendem facilmente. Eu lhes expliquei o Dhamma, eles levaram o que eu lhes disse e refletiram sobre aquilo. Acredito que o caráter básico dos ocidentais vai lhes permitir fazer com que o budismo floresça aqui.

Ele viu um grande potencial na atitude reflexiva e questionadora das pessoas com quem falou:

Observei o comportamento geral das pessoas aqui e, ao menos por enquanto, não é tão bom; mas com relação aos ensinamentos mais profundos, acho que eles vão tomá-los facilmente. Nesse país é como se as espécies de frutos fossem boas, o solo fosse bom, mas não há bons fazendeiros; não há ninguém para ensinar as pessoas aqui como há na Tailândia.

Na minha opinião, ao vir para o ocidente não é necessário falar muito. Faço uma comparação: é como se você tivesse uma fruta e quisesse que eles a comessem. Tudo o que você tem que dizer é que ela é deliciosa. Pode ser doce, amarga, salgada — você não precisa ir para todos esses detalhes. Você apenas diz que ela é deliciosa, e eles vão levá-la e prová-la; deixe que eles vejam por si mesmos exatamente qual é o gosto. É assim que você deve ensinar aos ocidentais. Pessoas inteligentes não precisam que você lhes ensine muito.

Com todos os tipos de conhecimento, você deve ver por si mesmo. Você não pode ver algo claramente apenas porque aquilo foi explicado para você. Para ver a verdade, você deve prosseguir até vê-la por si mesmo. Você apenas lhes dá a fruta. Você não precisa falar para eles sobre o sabor. Eles vão descobrir por si mesmos.

Luang Pó parecia tranquilo com relação à sua inabilidade de se expressar diretamente para as pessoas que vinham vê-lo. Ele não demonstrava quaisquer sinais de impaciência ou frustração com os hiatos resultantes da necessidade da tradução de todas as palavras que dizia. Mas foi um trabalho duro para Ajahn Sumedho; a tarefa de traduzir os discursos do Dhamma foi um desafio particular. Quando dava palestras, Luang Pó não tentou de modo algum alterar sua forma de se dirigir à plateia. Em vez de falar em blocos curtos para evitar abusar da memória do tradutor e da atenção da plateia, Luang Pó falou do seu jeito natural. Em algumas ocasiões, uma hora inteira haveria passado antes que ele dissesse para Ajahn Sumedho traduzir.

Não foi a forma mais efetiva para Luang Pó, o grande comunicador, alcançar a sua audiência. Na Tailândia, ele, às vezes usava as palestras de Dhamma como um meio de treinar sua plateia para ter paciência, em vez de para transmitir informações ou incrementar a fé. Mas na Inglaterra era difícil

¹⁶⁷ Fundada em 1880 por T.W. Rhys Davids, “para cultivar e promover o estudo de textos em páli”.

dizer com que extensão esse tipo de intenção esteve presente. Pode bem ter ocorrido de ele simplesmente ter achado muito difícil transformar seu estilo fluido e improvisado de discursar em uma série de pequenos pedaços. Qualquer que tenha sido o caso, vários participantes de sua plateia acharam que sua presença, seus trejeitos e o som de sua voz mais do que compensaram as dificuldades de entenderem as suas palavras.

Em uma noite, com o argumento não garantido de estimular seu tradutor a maiores esforços, Luang Pó falou da inferioridade da linguagem comparada à experiência. Todo mundo sabia qual era a sensação de estar na água, mas pessoas de diferentes nacionalidades tinham diferentes palavras para a experiência.

Quando nós, seres humanos, estamos experienciando a mesma coisa, então não temos que dizer muito. Apenas olhando uns para os outros, já nos entendemos. Essa foi a sensação que tive quando entrei aqui.

PLANTANDO A FLOR DE LÓTUS

Luang Pó ficou satisfeito com o que viu na Inglaterra. Certamente, as condições de moradia para a Sangha eram, de longe, menos adequadas do que as condições que havia nas florestas de Isan, mas ele nunca esperou que fosse de outra forma; desenvolver uma ordem de mendicantes moradores de floresta ia obviamente ser um projeto de longo prazo. O que Luang Pó estava procurando era por um sólido núcleo de suporte de leigos e potencial para desenvolvimento futuro. Isso, ele encontrou.

O fator decisivo para que concordasse com a nova empreitada foi a confiança na habilidade de Ajahn Sumedho para carregar esse fardo. Com a assistência do venerável Khemadhammo e do Sāmaṇera Jinadatto, que logo foram acrescidos por dois outros monges norte-americanos treinados em Wat Pah Nanachat — os veneráveis Anando e Viradhammo — haveria, desde o princípio, uma Sangha residente. Como quatro monges provém o quórum mínimo para rituais, como a recitação do Pāṭimokkha, esse era um importante constituinte para a sólida fundação que ele estava buscando estabelecer.

Luang Pó estava ciente do fracasso frequente de templos focados em uma única figura carismática, em vez de em uma comunidade de monges. Ele era enfático em dizer que o sucesso de toda a empreitada dependia de que se mantivesse as observâncias que caracterizavam a tradição na Tailândia, em particular, a adesão escrupulosa ao Vinaya e de que fossem mantidas práticas como a mendicância matinal diária. Havia várias ideias sendo discutidas entre a comunidade leiga a respeito de quais aspectos da tradição deveriam ser descartados. A decisão de Luang Pó foi a de tentar implementar a coisa completa e então, por tentativa e erro, ver onde adaptações deveriam ser feitas.

Durante uma discussão sobre a prática do Vinaya na Inglaterra, Ajahn Sumedho mencionou a Luang Pó que o conselho de governo de uma das Sanghas Theravada asiáticas havia aprovado recentemente uma resolução permitindo a monges que viviam no exterior renunciar à regra que proíbe o uso de dinheiro. O argumento deles era que manter aquela regra em países não budistas não era algo prático. Luang Pó discordou veementemente. As regras que diziam respeito ao relacionamento dos monges com dinheiro eram essenciais para a preservação do Vinaya como um todo. O Buddha havia estipulado procedimentos adequados para esse propósito, envolvendo administradores leigos e eles deveriam ser respeitados. Uma declaração oficial de que uma regra, em particular, não era mais prática abria um perigoso precedente. Na verdade, a dificuldade em manter

algumas das regras não era ruim de forma alguma: ela prevenia que os monges se tornassem descuidados com relação ao Vinaya.

Nós devemos manter o Vinaya perpetuamente. No futuro, se monges aceitarem dinheiro, eles começarão a comprar e vender e isso será o fim de tudo. Não haverá mais monges puros na Tailândia, na Inglaterra ou em toda a face da Terra. Tudo terá ido pelo ralo!

Ficou claro que Luang Pó sentiu fortemente que relaxar a prática de qualquer uma das regras-chave do treinamento levaria a uma ladeira escorregadia que precisava ser veementemente evitada. Mas enquanto o Vinaya e as observâncias deveriam ser mantidos sem ficar “pegando e escolhendo”, de acordo com a conveniência, Luang Pó permitiu que, em certas áreas, houvesse espaço para flexibilidade. Ele não insistia que tudo deveria ser feito exatamente da mesma forma como na Tailândia. Quando quer que se encontre em situações não familiares, ele disse, o monge sábio deveria examinar as condições existentes e considerar em qual grau deveria adaptar-se aos costumes locais sem minar sua prática do Vinaya:

É inteligente aprender como fazer concessões, quando se está encarando situações que não estejam em conflito direto com o Vinaya, não são danosas por si mesmas, mas são, simplesmente, diferentes de nossas próprias formas de fazer as coisas.

Mudanças menores que ele sancionou tiveram a ver com o clima muito mais frio. Elas incluíam usar calçados na mendicância matinal e cobrir o ombro direito estando dentro dos limites do mosteiro. Essa última permissão levou à criação de uma “meio camisa-meio jaqueta” de manga comprida, sob a qual se poderiam usar suéteres no inverno.

TUDO EM SUA CABEÇA

Embora Luang Pó tenha impressionado repetidamente seus discípulos e anfitriões ingleses com a facilidade, aparentemente sem esforço, com que se adaptou a condições novas e estranhas para ele, a aceitação do ambiente, que demonstrou, não era indiscriminada. Em certas ocasiões, quando se esperava que se conformasse com as condições, ele não demonstrava nenhuma inclinação para fazê-lo.

Um dia, por exemplo, foi necessário que ele fizesse uma viagem de metrô durante o horário de pico. A atmosfera era apressada e frenética. Os monges e leigos que o acompanhavam sentiam-se como que levados pela energia do local. Eles ficaram surpresos (e um pouco irritados) ao ver que, ao invés de apertar o passo para poder acompanhá-los, Luang Pó parecia andar mais devagar, de propósito. Um dos monges entendeu do que se tratava: havia bastante tempo para que eles chegassem ao seu destino. Por que começar a correr apenas, porque todo mundo estava correndo?

Em que áreas a adaptação era apropriada e em que medida; quais eram as causas para considerar a adaptação insuficiente ou exagerada; qual era o relacionamento sábio entre costumes e convenções: todas essas questões eram de grande interesse para Luang Pó. Observar os hábitos dos ingleses permitiu-lhe ver os costumes tailandeses com uma nova perspectiva. Suas reflexões sobre esse assunto apareceram em várias palestras que ele deu em seu retorno à Tailândia. Durante uma dessas palestras, ele disse:

Se investimos em coisas com nossas crenças e pontos de vista, elas imediatamente ganham valor — elas podem tornar-se objetos sagrados ou santos. Mas sem as nossas projeções, nada tem um valor intrínseco. Nós, tailandeses, tomamos a cabeça como a parte mais exaltada do corpo. Não permitimos que ninguém toque a nossa cabeça nem por brincadeira;

isso nos deixa com tanta raiva que, no passado, levou até mesmo as pessoas a se matarem umas às outras. Isso é por causa de um ponto de vista: que não devemos permitir que ninguém toque a nossa cabeça, um apego profundamente enraizado. Quando estava no exterior, via os ocidentais tocando uns aos outros na cabeça, muito livremente. Um dos monges ocidentais levou-me em uma visita aos seus pais. Assim que chegamos, ele estendeu sua mão e tocou na cabeça de seu pai com afeição. Ele alisou a cabeça do seu pai e riu. E o pai dele ficou realmente feliz com aquilo! Para ele, aquilo significava que seu filho o amava. É assim que funciona lá.

Todas as culturas têm suas convenções. Os problemas surgem quando as pessoas dão valores absolutos e fixos a elas. Entender as convenções como convenções e fazer uso delas quando apropriado era o caminho mais sábio. Luang Pó dizia que, com o abandono dos pontos de vista incorretos e dos apegos às convenções, todas as coisas perdiam os seus valores antigos. Isso não significava um niilismo moral, simplesmente significava que, quando uma identificação cega com um fenômeno condicionado se desvanece, o sofrimento não tem como encontrar seu caminho para a mente.

DHAMMA URBANO

Uma manhã, durante a mendicância matinal em Londres, os monges perceberam um grupo de adolescentes vindo na direção deles. Eles traziam consigo a ameaça da violência gratuita. Rindo e brincando, eles gritavam insultos aos monges e faziam gestos ameaçadores. Para que seus amigos urrassem aprovando, um ou dois deles corriam para cima dos monges e fingiam que iam chutá-los, errando por poucos centímetros. Eles provocavam os monges esperando por alguma reação. Ajahn Sumedho começou a ficar preocupado que as coisas pudessem ficar feias e se preparou para proteger seu professor. Luang Pó, completamente indiferente a tudo aquilo, continuou caminhando vagarosamente, com os olhos baixos. Logo, os garotos ficaram entediados com a brincadeira e foram embora. Ao chegar em segurança à entrada do templo, Ajahn Sumedho adiantou-se para receber a tigela de Luang Pó, que sorriu e disse: “Dá bons ensinamentos a Inglaterra. Bons ensinamentos”.

AINDA MAIS LONGE

Luang Pó tinha um certo conhecimento básico do cristianismo. Em Wat Pah Pong, seus discípulos ocidentais falavam ocasionalmente de suas experiências sobre isso com ele, que, de vez em quando, gostava de ter discussões com os padres Pasec e Pisec, dois religiosos franceses radicados na Tailândia e fluentes em tailandês. Mas é improvável que Luang Pó tivesse mais do que apenas uma ideia básica dos ensinamentos cristãos, ou que tivesse sequer percebido que as designações protestantes que encontrou na Inglaterra eram diferentes das denominações católicas que havia encontrado na Tailândia. Ele certamente não parecia estar ciente de como suas palavras poderiam soar rudes para um ouvido cristão. Quando o vigário de uma antiga igreja, que ele estava visitando, perguntou-lhe: “Não existem orações em sua prática. Você ainda assim acredita que ela possa o levar à Deus?”, Luang Pó respondeu:

Para além disso.

Em outra ocasião, Luang Pó referiu-se à crença em deuses com poder de salvação como um obstáculo para o potencial humano de salvar a si mesmo. Para Luang Pó, a preciosidade de um nascimento humano está na oportunidade única que ele fornece de abandonar as impurezas que dão combustível a toda a roda do nascimento e morte. Ele era crítico sobre ensinamentos que sentia que

minavam a determinação de uma pessoa de tirar vantagem dessa oportunidade. Aqueles que não estivessem cientes das impurezas em seus corações, que poderiam ser removidas com o treinamento correto, tendiam a permitir que a vida tomasse seu curso, nunca alcançando um verdadeiro refúgio.

Alguns tomam refúgio em um deus lá no céu e apenas ficam por aí, esperando que ele venha e os ajude. Na verdade, nós podemos ajudar a nós mesmos, só que não sabemos como fazê-lo. Esperamos que alguém mais nos ajude e morremos sem nada para mostrar de nossas vidas.

Budistas deveriam tomar responsabilidade por suas vidas, ao seguir o caminho para serem seu próprio refúgio.

Conhecendo nossa própria responsabilidade, devemos seguir abandonando as impurezas, abstendo-nos do mal, fazendo apenas o bem e então abandonando a identificação com o bem.

Não havia necessidade de procurar por suporte externo. Pessoas que se amavam, em outras palavras, aqueles que queriam bem a si mesmos, deveriam aprender a ser seu próprio refúgio. Aqueles que tivessem praticado bem, e obtido um verdadeiro refúgio interno, eram capazes de criar, por si mesmos, um mundo de experiências cheio de virtude e paz. Nesse sentido, poderiam ser chamados, eles mesmos, de deuses criadores.

O QUE É UM “WAT”

Muitas das pessoas que foram ao Hampstead Vihāra tinham muito pouca ideia do papel que um mosteiro de floresta cumpria em sua comunidade local. Elas geralmente assumiam que os monges viviam em completo isolamento, atrás de muros altos. Luang Pó explicou a verdade desse assunto a um professor universitário:

O mosteiro de floresta é profundamente envolvido com a vida dos aldeões. É o local onde as pessoas são ensinadas a abandonar os pontos de vista incorretos e a ter um entendimento correto de seu nascimento humano — como conduzir a si mesmas, como viver a vida. No dia de observância, os moradores locais se encontram no mosteiro, oferecem a refeição diária à Sangha e tomam os oito preceitos. Eles praticam meditação para purificarem suas mentes. Os monges ensinam, dão conselhos e dão palestras do Dhamma para os ajudar a entender os princípios do budismo.

Existem pessoas que, como vocês na Europa, nunca ouviram antes os ensinamentos do Buddha. Para essas pessoas, se oferece um melhor entendimento dos ensinamentos. Pessoas que não sabem sobre mérito e demérito, certo e errado, são ensinadas sobre isso no mosteiro. Pessoas de todos os níveis sociais aprendem sobre como ser inteligentes sobre suas vidas: como evitar cometer atos maléficos com o corpo, a fala e a mente e como estabelecer a si mesmas na conduta correta com o corpo, a fala e a mente. Elas aprendem sobre como reduzir sua presunção, seu apego a pontos de vista e sobre como reduzir a cobiça, a raiva e a delusão em seus corações, até que se tornem verdadeiros budistas: pessoas que sabem como compartilhar com os demais e como viver uma vida com bem querer, compaixão, alegria altruísta e equanimidade.

CONTRA-PERGUNTAS

Os limites da compreensão intelectual eram um tema que Luang Pó frequentemente repetia. Em uma noite, quando um meditador leigo lhe pediu para descrever a vida de um monge, ele disse que seria tão difícil quanto um peixe tentando explicar sua vida para um pássaro: não seria possível para o pássaro imaginar como seria viver debaixo d'água. À menos, ele acrescentou, que o pássaro renascesse como um peixe.

Quando uma senhora perguntou a ele o que acontecia depois da morte, Luang Pó apagou a vela que estava ao seu lado e perguntou-lhe de volta:

Luang Pó: Para onde vai a chama da vela depois que ela é apagada?

A mulher pareceu confusa. Depois de alguns momentos, ele disse:

Luang Pó: Você ficou satisfeita com a minha resposta?

Senhora: Não.

Luang Pó: Eu também não fiquei satisfeito com sua pergunta.¹⁶⁸

DHAMMA PARA REFUGIADOS

No final de junho, Luang Pó foi para a França visitar um discípulo do Laos, Ajahn Bankhao. Enquanto estava lá, grupos de refugiados do Laos, Camboja e Vietnã foram prestar reverências e ele ouviu histórias angustiantes sobre o sofrimento que eles tiveram que suportar em sua terra natal. Durante uma exortação, ele disse:

Abram mão de pensar sobre isso. Essas coisas que passaram, já passaram — como os dias que já passaram. Não sigam agarrados a isso como espinhos para se machucarem. Vejam isso como se vocês tivessem renascido. Onde é o seu lar? Agora é aqui. Vocês têm amigos e família aqui. O lugar que vocês deixaram não era, na verdade, o seu verdadeiro lar. Se fosse, então vocês ainda poderiam viver lá. Na verdade, não temos um verdadeiro lar nesse mundo. Onde quer que vivamos, simplesmente criamos uma convenção de que aquele é o nosso lar. Mas na verdade não é. Depois de algum tempo, temos que nos mudar ... Então, enquanto vocês estão aqui, coloquem esforço em estarem aqui. Façam suas vidas aqui. Façam as pazes com estarem aqui.

Aquela paz vinha através da aceitação das mudanças.

Onde quer que vocês estejam é sempre assim: não existe essência ou núcleo por si só, nenhuma estabilidade duradoura. O mundo está constantemente mudando. Se vocês voltarem a morar lá, isso vai mudar; se vocês ficarem aqui, isso vai mudar. Nós existimos através das mudanças. Se não houvesse mudanças, não poderíamos seguir vivendo. Sua expiração muda e vira uma inspiração, que muda e vira uma expiração. Inalações e exalações se alternam entre si dessa maneira e se não fosse assim, estaríamos mortos. Você não pode seguir apenas inspirando o tempo todo, ou expirando. Existimos por causa das mudanças.

¹⁶⁸ Luang Pó respondeu à pergunta, “o que acontece com um arahant depois que ele morre”, enquanto parece que a pergunta da senhora, na verdade, era mais geral sobre renascimento. Talvez a melhor explicação seja que ela tenha perguntado, “O que acontece com você depois da morte” (com esse “você” sendo usado idiomáticamente significando “pessoas em geral”) e isso foi mal traduzido para Luang Pó como, “O que acontece com *você* depois da morte?”

Com a comida é o mesmo. Você a coloca em uma extremidade do corpo e ela sai por outra; e então você come mais. Existe uma mudança contínua.

Luang Pó perguntou à sua plateia qual era a razão para ficarem cismados com pensamentos de dor e lamentação sobre a natureza imutável das mudanças. Onde quer que eles estivessem, eles deveriam fazer o que tivesse que ser feito naquele lugar. Para onde quer que fossem, eles eram seres humanos; eles eram budistas. Eles deveriam refletir sobre a verdade de suas situações com o intuito de tirar o melhor proveito disso. Riquezas e posses iam e vinham, quando as condições estivessem maduras para que isso ocorresse. Seres humanos nascem, morrem e nascem novamente. Sofrimento surge apenas quando não refletimos sobre a natureza mutável das coisas.

Então que todos vocês possam encarar a verdade das mudanças que o senhor Buddha nos ensinou. Sejam resilientes. Onde quer que vocês se encontrem, então façam daquele lugar, um lugar onde vocês criem bondade e virtude. Mesmo que vocês cheguem ao final de suas vidas, não abandonem a bondade e a virtude que vêm de sua prática do Dhamma. Sem o Dhamma não existe nada verdadeiramente bom. *Attā hi attano nātho*. “Vocês devem ser seu próprio refúgio.” Quem mais poderia ser um refúgio para vocês? Essa é a verdade.

Quando as condições estão maduras para que as coisas aconteçam, elas acontecem. Não passem tanto tempo cismando sobre tudo e causando mais confusão desnecessária para vocês mesmos. Coloquem seus esforços em ganhar a vida honestamente. Façam coisas boas. Vivam em harmonia, ajudem uns aos outros, sejam gentis uns com os outros. Onde quer que a gente viva, ninguém permanece por muito tempo. Logo, todos seguiremos nossos caminhos separadamente.

SAPO NA LAGOA

Depois de três meses longe da Tailândia, Luang Pó resumiu sua viagem na última página do seu diário com o jogo de palavras que viria a caracterizar esse episódio:

15 de julho, 1977

Eu viajei para “dentro da terra de fora” e para “fora da terra de dentro”, para “dentro da terra de dentro” e para “fora da terra de fora”: quatro terras ao mesmo tempo. As linguagens que precisei usar nessas terras foram *nirutti*¹⁶⁹. E assim se produziram benefícios satisfatórios. Não existe um professor para essas linguagens; elas devem ser aprendidas individualmente. Essas linguagens apenas se manifestam quando incentivadas por eventos em particular.

Assim, o Buddha era versado em todas as linguagens e eu realmente vi os europeus como os quatro tipos de flores de lótus.¹⁷⁰

Sou um monge que viveu na floresta por um longo tempo. Pensei que ir para o exterior seria excitante, mas não foi, pois eu estava guiado pelo Buddha em todas as posturas. Não apenas isso, mas a viagem também fez surgir sabedoria. Assim como a flor de lótus não permite que nenhuma água a submerja, minhas reflexões constantemente iam contra o meu ambiente.

¹⁶⁹ O conhecimento analítico da linguagem.

¹⁷⁰ O Buddha comparou quatro níveis de maturidade espiritual e aptidão para receber os ensinamentos com flores de lótus: 1) escondidas na lama; 2) subindo para a superfície; 3) emergindo na superfície e; 4) completamente para fora da água.

Visitei várias universidades e tive o pensamento de que todas as ciências da humanidade eram apagadas: elas são incapazes de cortar o sofrimento, elas meramente geram o sofrimento. Senti que se essas ciências não se basearem na ciência do Buddha, elas não irão sobreviver. No avião, tive vários tipos de sensações incomuns e minha mente trouxe o dito do Buddha:

Olhe para esse mundo, fantástico como a carruagem de um rei. Os tolos se enamoram por ele, mas os sábios seguem desapegados.

Essas palavras se tornaram ainda mais claras, assim como a frase sobre não ficar orgulhoso quando estiver em um grupo, cujos modos e costumes lhe sejam estranhos. Isso ficou absolutamente claro.

Luang Pó viajou em vários veículos diferentes durante os últimos meses. Ele notou que o avião, no qual estava sentado agora, voava a 30.000 pés, sua altitude máxima acima do nível do solo. Mas por mais impressionantes que esses veículos fossem, pensou, eles não eram nada se comparados ao veículo do Dhamma. Na verdade, eles não eram nada maravilhosos.

Os veículos que levam as pessoas aos seus destinos são grosseiros, pois meramente levam pessoas que estão sofrendo de um lugar para sofrerem em outro lugar. Elas apenas dão voltas em círculos infinitos.

Meu sentimento sobre essa viagem ao exterior é que ela foi uma coisa engraçada. Por vários anos até agora, eu me sentia como se fosse um rei de macacos sendo cutucado e assistido por espectadores. “Como seria”, eu pensei, “ir para o exterior e tentar ser o Ajahn Sapo por um tempo?” Eu sabia que teria que ser um Ajahn Sapo com certeza, pois não sabia a linguagem deles. E foi assim que terminou: sapos não sabem a língua dos humanos, mas no momento em que começam a coaxar, as pessoas vêm correndo.¹⁷¹ Para mim, foi como um mudo ensinando loucos. E não foi tão ruim. Você não precisa estudar ou passar em exames para receber a graduação oferecida pelo Buddha. E assim, um monge mudo estabeleceu um mosteiro afiliado em Londres para pessoas loucas estudarem nele. É cômico.

II. DUTIYAMPI: E POR UMA SEGUNDA VEZ

Dois anos depois, no dia trinta de abril de 1979, acompanhado por seu atendente norte-americano, Ajahn Pabhakaro, Luang Pó partiu rumo ao ocidente pela segunda e última vez. Nessa viagem, ele visitaria os Estados Unidos e também a Europa. Mas seu primeiro destino era a Inglaterra, onde o E.S.T. o havia convidado para oferecer encorajamento à comunidade de Ajahn Sumedho e para que ele visse, por ele mesmo, os últimos avanços nos esforços deles para estabelecer um mosteiro de floresta.

Era um momento de entusiasmo para a Sangha na Inglaterra e era também um momento decisivo. Depois de estarem estabelecidos por dois anos — confinados, alguns monges diriam — no Hampstead Vihāra, uma propriedade havia sido adquirida em um belo local do interior do país, a uns cem quilômetros ao sul de Londres. A mudança aconteceria em junho, no retorno de Luang Pó para a Inglaterra depois de sua viagem aos Estados Unidos. Nesse meio tempo, ele residiu no Hampstead Vihāra. Pelos primeiros poucos dias, ele pôde desfrutar tranquilamente de algum tempo com a Sangha. Um dos monges que estava encontrando pela primeira vez, Ajahn Sucitto, tinha se juntado à

¹⁷¹ No interior da Tailândia, as pessoas caçam sapos para comer.

comunidade no verão anterior, depois de ter passado alguns anos na região central da Tailândia. Tendo ouvido muito falar sobre Luang Pó, havia finalmente chegado a hora de conhecê-lo em carne e osso. Ele não se desapontou.

"Foi mais a sua forma de conversar do que os assuntos, o que fez a diferença. Ele tinha uma forma de questionar minhas atitudes de um modo afirmativo — como, “Ter que comer é realmente um fardo, não é Sucitto?” — com um sorriso enorme, que fazia ser verdadeiramente fácil responder-lhe apenas dizendo “sim”, e ainda assim lhe dava a sensação de que você e ele estavam na mesma vibração e *ele* estava confirmando *você*. Meia hora depois daquilo, senti-me tremendamente elevado e tranquilo. Ele tinha aberto uma janela para um mundo de alegria e para uma resposta contundente ao sofrimento. O caminho para fora da selva da mente era parar de criá-la através do medo e da autoconsciência. A vida santa parecia tão simples e uma forma tão boa e alegre de viver. Esse era exatamente o tipo de mensagem que minha mente ansiosa e tensa precisava."

A reputação de Luang Pó na Inglaterra havia crescido continuamente nos dois anos anteriores. Ao saberem que ocorreria essa visita, grupos budistas de todo o país fizeram contato solicitando a possibilidade de receber ensinamentos dele. Em resposta, Ajahn Sumedho convidou Luang Pó para uma viagem de carro para o norte da Inglaterra e para a Escócia, uma viagem durante a qual os encontros, para dar ensinamentos, poderiam ser combinados com alguns passeios. Luang Pó estava bastante tranquilo.

ISSO É UMA PERGUNTA?

A minivan que levava Luang Pó e sua pequena comitiva fez sua primeira parada em Manchester, na Sociedade Samatha, um grupo de meditação budista Theravada. A despeito do fato de que a sua plateia consistia de pessoas comprometidas com a tranquilidade interna, muitas das perguntas feitas a Luang Pó eram de uma natureza intelectual tão complicada, que colocaram pesadamente à prova a habilidade de tradução de Ajahn Pabhakaro. Uma pessoa, em particular, tomou um tempo absurdamente grande para articular a sua questão e, no final, não era mais do que uma solicitação para que Luang Pó concordasse com sua posição sobre um determinado assunto. Antes que ele terminasse de falar, um gentil e sorridente Luang Pó virou-se para Ajahn Pabhakaro e perguntou se o homem estava fazendo uma pergunta ou dando ele mesmo uma palestra do Dhamma.

As respostas de Luang Pó para as perguntas eram, em sua maioria, caracteristicamente diretas e pragmáticas.

"Quando estou com medo, sinto isso em minha barriga; mas em outras ocasiões, a sensação é no cérebro. O que é isso?"

Isso é apenas o que é. Amor surge aqui (ele aponta para o coração¹⁷²), e o medo e o destemor. Você não precisa falar do umbigo ou do cérebro. Tudo converge aqui no coração. Quando existe a sensação de medo, então quem é que está com medo? Não é o umbigo e não é o cérebro. A sensação de medo ou de destemor, a sensação de prazer ou dor, quem é? Quem é aquele que sente? É *nāmadhamma*¹⁷³, é como as coisas são. O cérebro e o umbigo são coisas inanimadas, não existe nada nelas (*rūpadhamma*). Sensações são *nāmadhamma* e é da sua natureza serem assim. Se não houver causas e condições para que elas surjam, elas

¹⁷² Algo um pouco confuso, é comum na Tailândia apontar para o peito quando alguém se refere tanto ao sentido físico quanto ao sentido abstrato da palavra “coração”.

¹⁷³ Em escrituras budistas, fenômenos (*dhammas*) são geralmente divididos em duas categorias: materiais (*rūpa*) e imateriais (*nāma*).

ficam inertes; se há causas e condições, elas florescem na mente. Essa é a natureza das coisas. Então os grandes mestres dizem que, se você se sente com medo, isso não importa. Apenas diga a si mesmo, “Isso é impermanente, impermanente. Prazer é impermanente, dor é impermanente”. Diga isso às sensações e elas logo desaparecem. Elas são mutáveis.

"Eu li nas escrituras que Nibbāna é a cessação do sofrimento. Em minha meditação, experienciei um estado no qual não havia forma, a mente era vasta, infinita, sem sofrimento. Eu presumo que isso provavelmente não tenha sido Nibbāna. Qual é a sua opinião?"

Sufrimento é um fenômeno imaterial; não é uma forma que desaparece na meditação. Sofrimento é uma sensação que surge na mente. Não sabemos como chamar isso, então concordamos com a palavra 'sofrimento'. É um rótulo que decidimos. Sofrimento surge e então passa. A paz mental que você descreveu é meramente um calmo estado mental. Não é a paz da libertação do sofrimento. Se o sofrimento tivesse chegado ao fim, então você não teria esse tipo de dúvida. Não haveria absolutamente qualquer dúvida. Verdadeiramente nada para duvidar: essa é a paz que vem através da sabedoria.

Com samādhi, você fica em paz pelo tempo que os seus olhos estiverem fechados e que não haja nenhum barulho que o perturbe. Se você vai para casa e os barulhos o perturbam, então sua mente volta para o estado de agitação novamente. Você apenas ganhou a paz da falta de perturbações, o resultado de samādhi, não sabedoria, não a coisa verdadeira. Se fosse o resultado da sabedoria, não haveria esse tipo de dúvida; seria o fim do assunto.

Mas ele também poderia falar com um "estilo Zen", enigmático, que empregava frases simples de uma forma que confundia o pensamento racional:

Suponha que você está caminhando para cima e para baixo. Ao caminhar, você está ciente de que está caminhando. Ao parar, você está ciente de que está parando. Mas suponha que você não está andando nem para frente, nem para trás e que você não esteja parado — o que é isso? Onde exatamente é isso? Como é que você existe naquele momento?

Agora não existe mais andar para frente, não existe mais andar para trás. Não existe mais nada para duvidar. Não existe mais dúvida ao caminhar para frente, pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existe mais dúvidas ao caminhar para trás, pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existe mais dúvidas enquanto se está parado em pé, pois as dúvidas chegaram ao fim. Não existem mais dúvidas na mente. Essa é a natureza da sabedoria: nada nasce na mente.

MANJUSRI

De Manchester, eles se dirigiram ao noroeste, para o Instituto Manjusri, em Lake District, uma comunidade que consistia de um núcleo de monásticos tibetanos, uma quantidade maior de ocidentais ordenados e praticantes leigos. Foi o primeiro contato de Luang Pó com o budismo tibetano. Ele encontrou no Instituto Manjusri um conceito diferente de monasticismo, no qual a distinção entre monges e leigos era mais fluida do que estava acostumado. A revelação de que naquela linhagem em particular, monges podiam usar roupas de leigo — e mesmo ter um emprego na comunidade local — pareceu-lhe bizarra.

Embora tenha sido uma visita curta, Luang Pó apreciou as calorosas boas-vindas de toda a comunidade e divertiu-se com quão colorida era aquela tradição, que era tão exótica para ele quanto para a maioria dos habitantes do interior do noroeste da Inglaterra. O ambiente campestre em volta

do Instituto Manjusri era glorioso e, com Luang Pó obviamente fascinado pela flora e pela fauna — tão diferentes de tudo o que estava habituado na Tailândia — um piquenique foi organizado.

Depois da refeição, enquanto o Anāgārika Philip¹⁷⁴ estava lavando a tigela de Luang Pó, ele se aproximou, pegou a tigela de volta e deu longas e detalhadas instruções para Philip sobre a forma correta de cuidar dela. Logo, Ajahn Sumedho se aproximou para escutar. Ao terminar sua exposição, Luang Pó, rindo, disse a Philip:

O Ajahn Sumedho pode lhe ensinar o caminho para Nibbāna e eu vou lhe mostrar como cuidar da tigela.

Mais tarde, em uma sessão com a comunidade do Instituto Manjusri, Luang Pó deu um discurso sobre as quatro nobres verdades. Discursou com bom humor sobre os desafios que os professores encontram com estudantes preguiçosos. Disse que perguntou ao professor deles se lá era do mesmo jeito como era na Tailândia e lhe foi dito que sim. Ele falou sobre a tolice de querer que as coisas fossem diferentes do jeito que eram, ou que deveriam ser, dizendo que aquilo era como querer que uma galinha fosse um pato. Disse que o sofrimento comum, por estar vivo, era como a dor inevitável da agulha de um médico entrando na pele. O sofrimento daqueles que se apegavam às coisas como um eu ou pertencendo a um eu, por outro lado, era como aquele sentido depois de uma injeção de veneno. Em um momento, ele falou sobre como lidar com a raiva:

Coloque um relógio à sua frente e faça um voto para que a raiva desapareça em duas horas. Veja se você consegue fazer isso. Se a raiva realmente lhe pertencesse, você poderia. Mas na verdade, às vezes duas horas se passaram e você ainda está com raiva; outras vezes, a raiva pode passar em apenas uma hora. Se você se identifica com a raiva como sendo sua, então você sofre. Se a raiva é quem você é, você deveria ter poder sobre ela. Se ela não obedece aos seus desejos, então ela é falsa. Não acredite nela. Não acredite em sensações de felicidade ou tristeza, amor ou ódio. Todas elas estão mentindo para você.

Quando você fica com raiva, isso é doloroso ou prazeroso? Se é doloroso, então por que você se agarra a ela? Por que você não joga a raiva fora? Como você pode ser inteligente e sábio se você não faz isso? Você já ficou com raiva muitas vezes em sua vida. Às vezes, ela leva a discussões familiares; às vezes, você passa a noite inteira chorando. Mas ainda assim, você fica com raiva, ainda se agarra a ela em seu coração. Então você segue sofrendo enquanto segue vivo. É assim que o *samsāra* funciona. Se você entende o sofrimento, então você pode resolver o problema. Por essa razão, o Buddha disse que não há meio hábil de libertar a mente do sofrimento que seja melhor do que ver o não-eu. É tudo o que se necessita. É o supremo e sublime remédio.

A viagem seguiu rumo ao norte. Edimburgo, a parada seguinte, foi a cidade que mais impressionou Luang Pó em suas viagens. Ele já tinha visto grandes edifícios de pedra em Londres e em outros lugares, mas achou especialmente impressionante que uma cidade inteira tivesse sido construída de pedra ao redor do sopé de uma enorme rocha vulcânica. Isso o encheu de admiração pela habilidade dos construtores que a haviam erguido. Seus anfitriões em Edimburgo incluíam uma jovem mulher, Kate, que logo depois rasparia sua cabeça e se tornaria Irmã — e mais tarde, Ajahn — Candasiri, um dos membros fundadores da ordem de monjas no seu novo mosteiro no sul da Inglaterra. Durante

¹⁷⁴ “Anāgārika” significa: “aquele que deixou a vida como leigo”, e é equivalente ao termo “postulante” que apareceu anteriormente no livro. Philip seguiu adiante e tornou-se monge, tendo recebido o nome em páli “Vajiro”. É atualmente (2017) abade do mosteiro afiliado Sumedharama, na região sul de Portugal.

uma sessão de perguntas e respostas noturna, ela se recorda de um questionamento sobre um tema que, naquela época, lhe interessava muito:

"Uma flautista profissional começou a perguntar sobre música: 'E quanto a Bach? Certamente não há nada de errado com isso — muito de sua música é bastante espiritual, em nada mundana.' Luang Pó olhou para ela e, quando ela terminou, disse tranquilamente: 'Sim, mas a música do coração em paz é muito, muito mais bonita.' "

PERTURBANDO O BARULHO

Em seu retorno da Escócia, Luang Pó ficou mais uma vez no Hampstead Vihāra. Todas as noites, pessoas iam para meditar e receber ensinamentos. O vihāra era situado em uma via principal muito barulhenta e o ruído do tráfego era um pano de fundo constante para as sessões noturnas de meditação. Em algumas noites, a barulheira da via era abafada pelo som de rock dos bares que estavam ali perto. Luang Pó deu alguns conselhos sobre como lidar com essa distração:

Hoje eu gostaria de lhes oferecer uma pequena reflexão. Ela diz respeito à visão de que o barulho do tráfego é uma perturbação para a meditação. De fato, não é verdade que, ao invés de o barulho do tráfego estar perturbando vocês, são vocês que estão perturbando o barulho do tráfego?

O sofrimento surge através desse tipo de ponto de vista incorreto. Se pensamos que o problema é o barulho, então direcionamos nossos esforços para o barulho do tráfego ou para as outras pessoas, em vez de os direcionarmos para a causa real. Com visão incorreta, o sofrimento é infinito. Vocês têm essa visão incorreta em suas mentes? Investiguem isso internamente.

Levem minhas palavras com vocês e reflitam sobre elas: a visão correta é que *nós* perturbamos o barulho do tráfego, não é *ele* que nos perturba. Ou, mais profundamente, quando não há um senso de eu, ou tráfego, ou barulho, então todo o problema chega ao fim. Olhem para suas mentes e reflitam sobre esse ponto.

O erro crucial era assumir a propriedade de fenômenos impermanentes. Isso era a essência da visão incorreta.

Que tal se vocês se sentassem em meditação hoje e a dor surgisse, mas não houvesse um senso de que ela tivesse um dono. Como seria? Vocês estão próximos desse ponto de vista, ou ainda estão distantes? Ninguém que ainda tenha o entendimento incorreto de que a dor e o prazer pertencem a ele pode encontrar a calma lúcida. Para que serve essa prática? Para quem ela é? Vocês já pensaram nisso? Vocês já refletiram alguma vez sobre isso?

Dois rapazes ingleses, que se ordenariam monges e se tornariam membros seniores da Sangha ocidental na Europa, encontraram Luang Pó pela primeira vez durante esse período. O primeiro, Philip (agora Ajahn Chandapalo) participou da sessão de perguntas e respostas em Edimburgo. O segundo, Chris (agora Ajahn Karuniko) foi um dos jovens que foi meditar no Hampstead Vihāra, durante a visita de Luang Pó. Ele lembra:

"Ele brincava com as pessoas; fazia perguntas para elas e brincava um pouco com elas. Então, quando sentei lá e estava a seus pés, impressionado com aquele homem maravilhoso, ele olhou para mim e disse, 'Como você acha que seria sentar-se por uma hora inteira sem que nenhum

pensamento viesse à sua mente?' Eu pensei, 'Oh, algo muito iluminado!' Mas ele disse, 'Como uma pedra!' e eu não pude responder àquilo."

Antes de partir para os Estados Unidos, Luang Pó mencionou, em um tom casual, que poderia ser o caso de uma mudança de liderança naquele momento e que ele estava pensando em levar Ajahn Sumedho de volta para a Tailândia com ele. Foi como uma bomba. A reforma da propriedade que eles haviam adquirido no interior, e para a qual estariam se mudando no curto período de dois meses, ia ser uma tarefa longa e árdua. A força de vontade e a inspiração da comunidade para encarar todo o trabalho duro que estava por vir eram devidas, em grande parte, à confiança que eles sentiam em Ajahn Sumedho. Havia um consenso geral que se ele fosse chamado de volta, aquele seria um movimento desastroso, que poderia vir a sabotar todo o projeto. Luang Pó, tendo dado a todos uma boa chance para olhar para suas esperanças, apegos e medos, e com o assunto ainda não resolvido, partiu para os Estados Unidos.

UM ESTADO PACÍFICO

Os dois monges chegaram em Seattle, cidade natal de Ajahn Pabhakaro, no dia vinte e cinco de maio. Eles foram recebidos no aeroporto por Norm e Jeanne Kappel, os pais de Ajahn Pabhakaro, juntos com Paul Breiter (ex-venerável Varapanyo) e um grupo de budistas de Seattle para dar as boas-vindas.

Assim que Jeanne viu o filho, ela correu alegremente através das pessoas que estavam no saguão. Ajahn Pabhakaro quase entrou em pânico. Parecia que ela ia lhe dar um grande abraço. Ele estaria quebrando uma das regras da Disciplina bem na frente do seu professor.¹⁷⁵ Ele preparou-se para repeli-la da forma mais adequada e menos dolorosa possível. Mas assim que Jeanne chegou a uns dois metros de distância, ela se ajoelhou e, para seu grande alívio, fez três belas prostrações.

Paul Breiter aproveitou a oportunidade para oferecer seus serviços como atendente leigo pela duração da visita de Luang Pó. Quando Luang Pó viu que seu antigo discípulo ainda mantinha a cabeça raspada e tomou conhecimento do seu estilo de vida, riu prazerosamente e disse que ele não era nem peixe e nem pássaro, nem monge, nem leigo. Nos dias que se seguiram, ele faria brincadeiras sobre como Paul tinha se tornado um tipo especial de transgênero.

Eles ficaram na casa dos Kappel, na cidade, por dois ou três dias e então mudaram-se para uma cabana da família, nas montanhas. Durante a primeira semana, Luang Pó parecia exausto e passou a maior parte do tempo descansando. Às vezes, ele discutia o Dhamma com seus dois discípulos; às vezes, pedia para que eles ligassem a televisão. Mesmo que, para ele, aquela linguagem fosse completamente ininteligível, estava interessado em assistir e absorver as imagens de um estilo de vida novo.

Em passeios de carro pela região, Luang Pó ficava observando as redondezas, a cultura, os costumes, o comportamento e os modos das pessoas que encontrava. Às vezes, apontava para algumas pessoas e expressava o quanto lhe parecia que elas eram merecedoras de compaixão. Em uma ocasião, comentou sobre como "eles realmente gostam de experimentar tudo nesta sociedade". Paul sentiu que ele estava buscando a melhor forma de ensinar nos Estados Unidos. Isso se confirmou quando, um dia, Luang Pó começou a falar sobre a propagação do Dhamma. Nos Estados Unidos, disse, não

¹⁷⁵ Falando de forma estrita, uma ofensa séria (Saṅghādisesa) é cometida somente se um monge tem contato físico com o corpo de uma mulher com uma intenção de luxúria. Mas a prática aceita dessa regra na Sangha Tailandesa é evitar até mesmo um contato inocente.

era necessário usar a palavra “budismo”, mas apontar como os ensinamentos budistas não são conceitos filosóficos, mas expressões das verdades da natureza.

Ele observou que ocidentais que se interessavam pelo budismo tendiam a ser bem-educados e cheios de opiniões. A melhor forma de ensinar para pessoas assim era de um jeito que elas sentissem que haviam chegado às conclusões por elas mesmas, ao invés de adotarem as conclusões de outras pessoas. Mas ele advertia que, se os pontos de vista das pessoas fossem tão enraizados que as impedissem de receber os ensinamentos, então não se deveria discutir com elas: aquilo seria tão indigno quanto um milionário discutindo com alguém pobre e desamparado. Elas deveriam ser deixadas com suas próprias crenças. Era o *kamma* delas.

Luang Pó e Paul encontraram muito sobre o que conversar. Luang Pó estava particularmente interessado no estado do budismo nos Estados Unidos e em sua futura propagação. Paul, por sua vez, vinha praticando na tradição do budismo Zen desde seu retorno ao ocidente e estava ávido por ouvir as perspectivas de Luang Pó sobre ensinamentos-chave do Mahayana. Ele também estava curioso para saber o ponto de vista de Luang Pó sobre oferecer cuidados plenamente atentos e compassivos para doentes em estado terminal, um assunto de grande interesse em círculos budistas naquela época.

"Ao trabalhar com aqueles que estavam à beira da morte — que estava se tornando popular na época de sua visita — ele disse que a maior parte do benefício seria encontrada por aqueles que visitavam os moribundos, ao contemplarem as verdades da doença e da morte, e não por aqueles a quem visitávamos para ajudar ... Ele disse que não achava que podíamos afetar muito o estado mental de alguém que está morrendo, fosse positiva ou negativamente. Ele pegou sua bengala e me cutucou no peito, dizendo, 'Se isso fosse um ferro em brasa e eu estivesse lhe cutucando com ele, e então segurasse um pedaço de doce na minha outra mão, quanto esse doce poderia distraí-lo?'

"Ele também disse que era muito difícil saber o que as pessoas estavam experienciando com a morte apenas ao observá-las. Conte-ihe como as pessoas descreviam as transformações que ocorriam com os moribundos, como eles partiam sorrindo pacificamente. Ele disse, 'Quando os porcos são levados para serem abatidos, eles também estão sorrindo até o último momento. Será que podemos dizer que todos os porcos estão indo para Nibbāna?'

"Ele enfatizava que, é claro, devíamos tratar aos moribundos com amor, compaixão e cuidarmos deles da melhor forma que pudéssemos, mas que se não nos voltássemos para nós mesmos para contemplar a nossa própria e inevitável morte, haveria pouco benefício para nós. O tema da morte iminente foi um, para o qual ele voltou continuamente, conforme a viagem prosseguia."

MAHAYANA

"Ele parecia ficar empolgado ao ouvir trechos de sutras Mahayana, que eu ocasionalmente traduzia para ele, frequentemente dizendo que eram expressões de profunda sabedoria. Mas, às vezes, ele os torcia e me desafiava, recordando-me que eu não deveria ficar satisfeito com o conhecimento conceitual. Uma vez, quando disse que, de acordo com o Mahayana, o *arahant* tinha apenas viajado metade do caminho, ele perguntou: 'Alguém já viajou o caminho inteiro?' Quando eu disse que Sāriputta, a personificação da sabedoria nas escrituras em páli, havia se tornado o tolo em vários textos Mahayana, ele disse: 'As pessoas que leem essas coisas é que são os verdadeiros tolos'. Nem preciso dizer, estou certo de que ele não estava denegrindo os sutras, estava apenas cutucando aquelas pessoas que se aferram somente às palavras, sem experienciar o seu significado mais profundo. Falando do Sutra do Diamante, eu disse: 'Esse Sutra diz: "Aquele que vê as formas como

irreais, vê o Tathāgata", o que fez com que ele me olhasse de forma feroz e dissesse: 'Sim, é mesmo?' Mais de uma vez, perguntou-me se eu sabia quem havia escrito esses sutras. 'Bem, eles dizem que foi o Buddha'. 'E você sabe quem é o Buddha?' ele perguntou. Eu tive que ficar com a boca fechada.

"Em uma outra ocasião, perguntei-lhe mais uma vez sobre o ideal do Bodhisattva. 'O Vimalakirti Sutra diz algo como: "Mesmo estando para além do apego, o Bodhisattva não corta os elos da paixão para assim permanecer no mundo para benefício dos seres sencientes." ' Luang Pó disse:"

Isso não está falando da mente propriamente dita, mas da função da mente. É como perguntar? 'Você quer isso?' 'Não.' 'Você gosta disso?' 'Sim.' 'Você quer?' 'Não.' 'Você acha isso bonito?' 'Sim.' 'Então você quer isso?' 'Não.' ... Mas ele *realmente* não quer aquilo, ele não está apenas falando.

"Quando eu disse que o conceito de Bodhisattva era profundo, ele disse: 'Não pense assim. É o seu pensamento que é superficial ou profundo, longo ou curto. Não é muito mais do que isso, mas você é fisgado por sua mente cheia de dúvidas.'

"Nós deveríamos levar todo mundo ao Nibbāna primeiro? 'O Buddha não nos deixou depois de sua iluminação, mas permaneceu para ajudar os outros a ganhar a libertação. Mas isso é tudo o que podemos fazer e isso é o suficiente. Se nós salvarmos todos os seres do mundo agora, o próximo Buddha não terá um mundo para nascer.' Quando perguntei a Luang Pó se ele voltaria para ensinar na próxima vida, ele disse, 'Não, estou cansado. Uma vida ensinando é suficiente.' Soou como se ele realmente quisesse dizer aquilo.

"Eu lhe contei que uma das ideias que alguns professores passavam aos estudantes era que, como tudo é vazio, não havia verdadeiramente, então, coisas tais como apego e sofrimento. 'Você não pode fazer isso desse jeito', Luang Pó disse: 'você tem que usar as convenções'. Eu disse que várias pessoas argumentavam que, como a mente é inerentemente pura e como todos nós temos a natureza de Buddha, não é necessário praticar. Sua resposta foi: 'Você tem algo limpo, como essa bandeja. Eu venho e despejo um pouco de cocô nela. Por acaso você vai dizer: "Essa bandeja é originalmente limpa, então eu não tenho que fazer nada para limpá-la agora?" ' "

"Em outra ocasião, disse-lhe que as pessoas pensavam que eram felizes, então elas não queriam praticar. Ele disse, 'Se uma criança não quer ir para a escola e diz aos seus pais, 'Está tudo bem, eu estou bem assim: ' isso está correto?' E então havia aqueles que diziam que o sofrimento é o Dharma, portanto ele é bom e então devíamos 'honrá-lo', e não tentar extingui-lo. Ele disse: 'Certo. Eu digo a essas pessoas, não larguem isso então, apenas o agarrem tanto quanto possam e vejam como é que se sentem.' Ele admitia que era verdade que nirvāna e saṃsāra são inseparáveis como a palma e as costas da mão, mas a gente deve girar a mão. Finalmente, ele disse que se as pessoas apresentam esses tipos de argumentos invencíveis e não querem ser convencidas da verdade: 'Apenas deixe que elas sejam assim. Para onde elas vão?' isto é, tais pessoas têm que ver por elas mesmas."

MANTENDO A CASA LIMPA

Fazia agora dois anos que Luang Por havia se familiarizado com a ideia de retiros de meditação para leigos. Embora estivesse impressionado com a aplicação dos participantes, ele apontava para as armadilhas de uma prática de Dhamma focada em retiros, mas sem uma continuidade de esforços no período entre eles. Curtos períodos de retiro intenso, seguidos por períodos muito mais longos de

falta de atenção, não poderiam levar a um verdadeiro progresso. As experiências no retiro deveriam fornecer aos meditadores insights sobre o sofrimento inerente à vida desatenta, conduzindo-os a abrir mão de comportamentos não sábios e a viver de forma mais plenamente atenta. Se os retiros não estivessem inspirando uma nova perspectiva à vida diária fora do retiro, então, mesmo que eles dessem temporariamente acesso a alguns estados mentais elevados, eles não seriam ferramentas efetivas para o despertar. As pessoas que adotavam essa abordagem não estavam lidando com as verdadeiras causas do sofrimento. Ele disse que era como um ladrão que é pego pela polícia e contrata um advogado muito bom para defendê-lo. Assim que é absolvido, volta a roubar. Quando ele é preso novamente, contrata o mesmo advogado e todo o processo se repete continuamente.

O objetivo da meditação não é só uma folga temporária do sofrimento ou um descanso para as perturbações da vida. Você deve investigar as causas do sofrimento e arrancar o apego, que é a raiz da inquietação na mente. Apenas assim, você vai experimentar uma verdadeira paz mental.

Ele comparou a meditação com a construção de uma casa:

Você pensa que pratica meditação por um tempo e então você para. Não é assim. Você deve manter uma *sati* constante. Conheça os estados mentais que chegam, destroem a sua concentração e o incomodam. Conheça a si mesmo constantemente. Desenvolver a concentração não é difícil; o difícil é cuidar dela. Não leva muito tempo para construir uma casa, mas conservá-la e mantê-la limpa é algo que você deve continuar fazendo pelo resto da vida.

Consistência, continuidade era tudo.

Se você não mantém a continuidade da prática, não verá os resultados ou verá apenas resultados pequenos. Ainda assim, é melhor do que nada. Mas nem sempre. Sem resultados, algumas pessoas ficam entediadas com a meditação e começam a pensar que aquilo é uma perda de tempo. Outras atividades podem parecer mais importantes, e eles a deixam para trás.

Ele dizia que o fracasso ocorria, porque meditadores não eram sinceros o suficiente e não perseveravam até o ponto em que os resultados aparecessem:

Na verdade, tudo está constantemente pronto para nos ensinar. Tudo o que precisamos é cultivar a sabedoria e então poderemos penetrar claramente na verdade do mundo.

Quando alguém lhe pedia para descrever como preparava sua mente para a meditação, ele dizia:

Eu apenas a mantenho onde ela sempre está.

Em uma visita ao Monte Rainier, Luang Pó viu neve pela primeira vez. Ele não ficou nem um pouco impressionado. Ela parecia mais bonita pelas fotos, disse. Mais do seu agrado foram as ervas medicinais dadas a ele por um tradicional médico chinês, de Seattle. Elas lhe deram um inesperado novo salto de energia que o sustentou pelo resto da viagem.

EXCESSO DE PROFESSORES, FALTA DE APRENDIZADO

Certos temas logo surgiram nos ensinamentos de Luang Pó e foram desenvolvidos ao longo de seu tempo nos Estados Unidos. Ele enfatizava as conexões inseparáveis entre os diferentes fatores do caminho, especialmente a relação entre a conduta externa e o cultivo interno. Ele falou em várias

ocasiões sobre a importância da continuidade. Ele advertia contra professores não qualificados. Criticava a abordagem diletante dos ensinamentos espirituais em que as pessoas escolhiam os ensinamentos de várias tradições que não ameaçavam seus apegos mais profundos. Ele dizia que era apenas através de um comprometimento de longo prazo com o treinamento que o meditador desenvolvia as qualidades da coragem e perseverança, vitais para o sucesso.

Luang Pó deu sua primeira palestra pública nos Estados Unidos, no dia primeiro de junho no Friends Meeting House, em Seattle. Inicialmente, Paul ficou surpreso pelo tema do discurso:

"Foi em sua maior parte sobre sīla. Ele já começou dando uma bronca em todo mundo, de uma forma gentil, do tipo, 'Agora vocês sabem que não deveriam estar fazendo todas essas coisas que vocês fazem.' Fiquei um pouco surpreso com aquilo e certamente não era tão interessante ou excitante quanto uma palestra sobre meditação, sobre o vazio, etc. Contudo, conforme ela se desenvolvia, e eu o via voltando para aquele assunto continuamente, comecei a gostar daquilo. E nos meses e anos que se seguiram, via, cada vez mais, o quão preciso ele foi. Acho que foi quando ele começou a dizer para as pessoas terem cuidado com professores de meditação. Em palestras subsequentes e em outras conversas, ele deu muitos detalhes sobre esse assunto. Ele via uma grande diferença entre simplesmente ser capaz de praticar meditação e ensinar as técnicas para as pessoas por um lado, e incorporar a prática em todos os aspectos da vida para que a pessoa fosse o Dharma. Ele sentia que aqueles que não fossem realmente libertos de seus desejos iriam naturalmente ensinar as pessoas de acordo com suas próprias opiniões e seriam muito indulgentes para com os hábitos e desejos de seus estudantes."

Se tem uma coisa que tenho medo nesse país é existirem tantos professores de meditação: tibetanos, zen, theravadins — é um caos! Tantos professores de meditação, mas tão poucas pessoas que estão realmente meditando. Apenas tenho medo que vocês possam ser enganados por coisas falsas, professores falsos. Tenho muita preocupação quanto a isso.

Ele deu o exemplo de um buscador religioso da época do Buddha:

Ele seguia mudando de professor, constantemente procurando por professores novos. Onde quer que ouvisse pessoas elogiando um professor, ele ia lá para praticar com ele e ouvir o seu Dhamma. E então, começava a comparar entre Ajahn A, Ajahn B e Ajahn C. Mas as opiniões dos professores não coincidiam entre si e tampouco coincidiam com sua própria opinião. Suas dúvidas cresciam cada vez mais.

Algum tempo depois, ele ouviu que Gotama, o grande fundador de uma religião, estava ali por perto. Seu desejo de ouvir os ensinamentos de um Buddha era especialmente forte e ele não pôde resistir de ir ouvi-lo ensinar. Depois que prestou suas reverências, o Buddha lhe disse: "Você nunca vai esclarecer suas dúvidas, através das palavras de outras pessoas. Quanto mais você ouve, mais você duvida. Quanto mais você ouve, mais ideias estranhas você tem. Para acabar com suas dúvidas, tudo que você tem que fazer é investigar o seu corpo e a sua mente. Jogue fora os pensamentos sobre o passado. Jogue fora os pensamentos sobre o futuro. Ambos são mutáveis. Olhe para o momento presente. Olhe para o que você está fazendo bem agora. Não olhe para outro lugar."

Luang Pó enfatizava esse ponto para sua audiência:

A sabedoria nunca surgiu de ter um monte de conhecimento; nunca surgiu de pular de um método de meditação para outro. Ela surge de um conhecimento sincero e da compreensão da profundidade dos princípios orientadores e então de praticar de acordo com eles.

Alguém perguntou:

"O Zen ensina as pessoas a viverem naturalmente, mas o senhor parece estar dizendo exatamente o oposto. O senhor poderia explicar?"

Eu não posso ensinar apenas o que agrada as pessoas. Faça isso e elas nunca vão mudar. Se o professor evita dizer coisas que vão contra as impurezas das pessoas, então essas impurezas nunca vão desaparecer. A prática não vai dar em nada.

Você se sente preguiçoso, então você se deixa ser preguiçoso; você quer dormir e então você apenas se permite dormir; você sente que quer trabalhar e então você faz algum trabalho — é assim que seria viver uma vida de forma completamente natural. O Buddha nos ensinou a viver naturalmente, mas com uma sabedoria que compreende completamente a natureza. Se esse é o caso, então isso não seria incorreto.

Mas receio que todos vocês sejam macacos. Vocês apenas se permitem ser macacos e nunca chegarão a ser seres humanos. Quando professores Zen dizem essas coisas, eles estão falando de forma sábia: eles estão nos ensinando a ter a sabedoria que conhece a natureza da natureza.

Natureza é Dhamma; Dhamma é natureza. Se você entende a natureza, então é assim que é. Mas receio que o conhecimento das pessoas não chega tão longe. O Buddha ensina as pessoas a irem contra a corrente: se a mente tem cobiça, então se deve ir contra a cobiça com o intuito de eliminá-la; se existe raiva na mente, então se deve ir contra a raiva para eliminá-la; se existe delusão na mente, então se deve ir contra ela para eliminar a delusão.

NÃO DEIXE QUE O LADRÃO ENTRE

Luang Pó sempre apresentou o caminho da prática como aquele que demanda uma abordagem integrada, no qual os treinamentos da conduta, do coração e da sabedoria, como descritos pelo Buddha, deviam ser partes inseparáveis de um todo. Nos Estados Unidos, ele encontrou algo um tanto diferente. Um novo e eclético budismo estava surgindo, que se caracterizava pela busca por um Dhamma norte-americano diferente, adaptado para aquela cultura e sociedade e sem qualquer adesão necessária às formas tradicionais asiáticas (frequentemente chamadas de “bagagem”). A conversa era extrair a essência de todas as diferentes tradições budistas que haviam chegado nos Estados Unidos. A preocupação de Luang Pó era, primeiramente, se os líderes da comunidade budista eram aptos para tal tarefa e, em segundo lugar, que em uma abordagem de “escolher e misturar”, o relacionamento orgânico entre as práticas fundamentais para o caminho óctuplo poderiam facilmente ser negligenciadas. Além disso, adotar apenas os elementos da tradição que estivessem em conformidade com as visões atuais e os valores de uma sociedade não-budista arriscariam empobrecer a tradição ou mesmo distorcê-la.

Luang Pó estava particularmente preocupado em apontar a conexão vital entre a prática de sīla e os níveis mais profundos do cultivo interno. Ele chegou nos Estados Unidos com a reputação de ser um grande mestre de meditação, e não foi apenas Paul que ficou surpreso com a quantidade de tempo que ele dedicou a falar sobre sīla. Ele afirmava que, quando as pessoas se comprometiam com as práticas de meditação sem um esforço proporcional para purificar as suas ações e falas, nenhum benefício duradouro poderia ser alcançado. Essa não era a visão Theravada tailandesa das coisas, ele dizia; essa era a lei da natureza. Sīla era a fundação indispensável para a prática. Era a ferramenta

fundamental necessária para construir uma vida nobre. Era a qualidade que fazia um ser humano ser um recipiente adequado para o Dhamma.

Levem para casa com vocês o que eu disse e pensem sobre isso. Quebrar qualquer um dos preceitos tem consequências. Reflitam bem sobre isso. Meditem sobre os preceitos. Se vocês verem claramente as consequências de transgredir os preceitos, vocês serão capazes de abandonar as transgressões.

A maioria das perguntas que recebeu sobre preceitos individuais centraram-se no terceiro, que lidava com a má conduta sexual e com o quinto, sobre o consumo de álcool e drogas.

Ele explicou que o terceiro preceito tinha a intenção de prevenir separações e agitações em torno de questões sexuais; para promover a moderação, “a medida certa”. Promiscuidade sexual gerava inquietação: “Não é a prática do Dhamma e não é o caminho do meio”.

O que quer que os praticantes façam, eles devem ter limites, uma moldura para suas ações, honestidade e sinceridade uns para com os outros.

Ele resumiu que o celibato era mais conducente ao progresso no Dhamma. Aqueles que não conseguissem ou não quisessem levar uma vida celibatária deveriam cultivar contentamento para com seu parceiro. Para um estilo de vida moderado, que desse suporte à prática do Dhamma, um parceiro sexual era mais do que suficiente.

A transgressão do quinto preceito não requeria intoxicação: qualquer quantidade de álcool ou drogas era suficiente. Luang Pó dizia que você não precisava estar bêbado para que o álcool minasse o seu senso de certo e errado. O consumo de álcool, mesmo o chamado “com moderação”, criava as condições para o surgimento do sofrimento. A negligência era como um ladrão, sempre pronta para roubar as suas boas qualidades. Por que você daria a um ladrão mesmo uma pequena oportunidade de fugir com suas posses mais valiosas?

Se você soubesse que alguém é um ladrão, seria uma boa ideia deixá-lo entrar em sua casa?

Os modos de Luang Pó eram notadamente diferentes no ocidente. Ele era quase comicamente cortês para com sua plateia. Ele se desculpava (algo impensável na Tailândia) quando dizia algo que fosse minimamente controverso. Era uma abordagem que pode ter sido simplesmente a expressão de uma natural reticência em uma nova terra, mas é difícil imaginar — sendo o orador experiente que era — que Luang Pó não estivesse ciente do quão charmoso, adorável e, portanto, persuasivo, aquilo o fazia parecer.

Hoje eu lhes dei algumas coisas para que vocês reflitam. Gostaria de pedir o seu perdão. Hoje eu falei muito. Falei muito, pois eu amo o Dhamma. Eu nunca tinha vindo aos Estados Unidos antes, vocês sabem. Agora que estou aqui, vou deixar um monte de coisas boas para que vocês reflitam. Se elas estiverem equivocadas, por favor não me culpem, culpem o Buddha. Foi ele que me mandou aqui para dizer essas coisas.

**

Gostaria de pedir perdão pelos ensinamentos de Dhamma que dei hoje. Às vezes, não percebo o peso de minhas palavras. Dei-lhes várias perspectivas que podem diferir dos costumes desse país, então lhes peço desculpas. Quero que haja bondade e nobreza. Se vocês praticam o Dhamma, então quero que vocês conheçam o verdadeiro sabor do Dhamma em seus corações. Então, realmente gostaria de agradecer a todos vocês por terem vindo aqui hoje e lhes peço perdão por tudo.

Era exagerado (estaria ele brincando com eles? alguns pensavam), mas irresistível.

LIVRES, ATRAVÉS DAS REGRAS

Como um país predominantemente protestante desde seu início, os Estados Unidos, diferentemente da Europa, têm poucas associações históricas com o monasticismo e pouca simpatia por ele. Um dos tópicos nos círculos budistas, na época da visita de Luang Pó, era a possibilidade de um budismo norte-americano desenvolver-se como uma tradição predominantemente baseada nos leigos, e sobre isso ser uma força ao invés de uma fraqueza.

É difícil dizer em que extensão os comentários de Luang Pó foram provocados pelo conhecimento desse debate, mas ele falou em várias ocasiões sobre a importância da vocação monástica. Depois de uma exibição do documentário da BBC, *The Mindful Way*, filmado em Wat Pah Pong, fizeram-lhe a pergunta: “É possível para os leigos praticarem tão bem como os monges?”

A forma mais conveniente de praticar é como um monge, pois os monásticos são celibatários. Eles são livres para ir e vir, eles não têm uma família. Leigos podem praticar, mas o caminho é indireto, existem muitas curvas na estrada. É difícil, pois você tem uma esposa, filhos e todos os tipos de coisas para cuidar. Um leigo pode praticar, mas é de uma forma um pouco indireta.

Mais bem-humorado talvez, foi o efeito salutar que ele sugeriu que a presença de uma crescente comunidade monástica teria sobre a superpopulação. O mundo já estava em turbulência, pois havia muita gente vivendo nele. Enquanto as pessoas lutassem por recursos escassos, a violência e matança prevaleceriam. Se mais pessoas adotassem o celibato, elas ajudariam a reduzir o número de novas pessoas vindo para o mundo.

Em um comentário mais sério, ele disse que, em sua opinião, monásticos eram melhores professores. Eles não tinham a necessidade de distorcer o Dhamma. Livres de responsabilidades familiares, eles podiam assumir um compromisso de tempo integral. Tendo muito poucas necessidades pessoais ou distrações, eles são capazes de se entregar por completo ao ensino do Dhamma para si mesmos e para os demais. Ao não terem que fazer de ensinar às pessoas um meio de ganhar a vida, eles não são facilmente levados a diluir, distorcer ou enfeitar os ensinamentos para a sua audiência.

Essa visão encontrou uma certa dose de ceticismo de alguns de seus espectadores, alguns deles eram discípulos de clérigos casados das tradições do Zen e do budismo tibetano. Ele disse que a responsabilidade de cada praticante era alcançar um estado de confiança onde não seria mais necessário apoiar-se em um guia externo. Mas, enquanto isso, ele sugerira precaução ao invés de preconceito. E em assuntos importantes, não seria mais sábio exercitar a precaução do que dispensá-la?

VANCOUVER

Luang Pó passou o dia seis de junho em Vancouver, em um encontro com membros da comunidade tailandesa durante o dia e dando ensinamentos à noite na Universidade de British Columbia. O programa foi organizado por Ajahn Tiradhammo, um discípulo canadense de Luang Pó, que providenciou que sua visita à família em British Columbia coincidissem com a viagem de Luang Pó.

Na universidade, Luang Pó guiou a plateia, que continha uma minoria de meditadores mais sérios, em uma sessão de meditação de uma hora. Para a maioria da plateia, esse foi o período mais longo

que eles já haviam sentido até então. Somado ao desafio, estava o fato de que Luang Pó não deu nenhuma indicação sobre quanto tempo duraria a sessão. Foi uma das experiências imprevisíveis do tipo “abra-mão-e-observe-a-sua-mente-ou-então-sofra-e-queira-morrer” com as quais os monges eram bastante familiarizados. Talvez, Luang Pó tenha decidido dar uma oportunidade para que sua plateia investigasse a expectativa, o desconforto, o tédio, a aversão, as dúvidas e o apego aos horários: o ensinamento do Dhamma antes da palestra do Dhamma. Quantos deles apreciaram esse presente é algo difícil de dizer.

Luang Pó tinha percebido um medo contundente da morte na sociedade ocidental. Não era tanto que esse medo não existisse na Tailândia, mas no ocidente ele aparentava ser mais extremo. Ver pessoas mais velhas adotando estilos juvenis de se vestir e de se comportar, como se estivessem proclamando “Eu não sou velho!” lhe confirmava essa visão. Em sua palestra de Dhamma, na universidade, ele falou sobre a inevitabilidade da morte. É claro, pesquisas médicas eram algo bom, ele disse, mas se as pessoas não fossem morrer por uma doença, elas morreriam por outra. A morte nunca seria vencida por esses meios. Apenas por seguir o caminho do Buddha é que os sofrimentos do nascimento e da morte poderiam ser completamente transcendidos.

Ele disse que era importante que todos investigassem o assunto do nascimento, velhice, doença e morte. Era um motivo de risos e celebrações quando um bebê nascia, e lágrimas quando essa mesma pessoa eventualmente morria. Na verdade, ele disse, os dois eram inseparáveis. Um inevitavelmente leva ao outro. Com um sorriso que suavizou suas palavras, ele disse:

Se vocês vão realmente chorar, façam isso no nascimento: “Aí vem mais um. Mais um para morrer”.

Estar disposto a observar a vida de olhos bem abertos poderia mostrar a importância das práticas do Dhamma. Paul resumiu:

"O ponto final, ele disse, era abrir mão de tudo pelo Dhamma. 'O que todo mundo mais ama na vida? A sua própria vida. Nós podemos sacrificar tudo pela vida; se nós oferecermos nossa vida pelo Dhamma, não haverá problema algum para nós.' "

Luang Pó, em resposta ao sistema de estudos universitários, falou sobre o tópico do conhecimento mundano versus o conhecimento espiritual:

Hoje em dia existem tantos campos do conhecimento, tantas “-ologias” — demais para serem contadas — e elas não fazem muitas concessões umas às outras, fazem? Tenho vários discípulos ocidentais que estiveram em universidades. Isso fez deles ainda mais tolos. Isso os fez sofrer ainda mais, fez deles mais irascíveis do que eram antes de ir à universidade, pois não estavam familiarizados com o possuidor do seu conhecimento [eles mesmos]. Essas ciências são todas boas, mas elas devem convergir para a ciência do Buddha. Se não fizerem isso, então elas não serão de verdadeiro benefício. Não há integração, ainda existe ciúme, competição e uma continua confusão. Mas se elas puderem se unir dentro dos limites de sīla, então elas se tornarão a ciência do Buddha.

A ciência do Buddha abarca todas as humanidades e ciências. Ela não permite que elas sejam enviesadas ou que causem problemas. Quando a ciência do Buddha abarca todos os campos do conhecimento, mantendo-os dentro dos limites de sīla, então todos se tornam irmãos, livres de ciúmes e malícias. Se você estuda algum campo de conhecimento, torna-se proficiente nele e então o funde com a ciência do Buddha, então você pode ser chamado de budista. Onde quer que você vá, você está sereno.

Nas duas noites em que deu ensinamentos em Vancouver, as pessoas acompanhavam Luang Pó de volta ao apartamento alugado onde ele estava se hospedando. Ele ficava conversando com elas até a meia-noite. Depois que elas iam embora, continuava conversando com seus atendentes até as três da manhã. Para Paul, aquelas foram noites memoráveis:

"A medicina chinesa estava claramente fazendo algo por ele. Não apenas ele estava extremamente energético, mas aquelas sessões tarde da noite foram o Dhamma mais incrível que eu já havia ouvido dele. Durante a maior parte do tempo, ele mantinha os olhos quase fechados e não falava com ninguém em particular; era mais como se ele estivesse revelando a sua corrente de consciência ...

"Ele disse: 'Nós falamos sobre coisas a serem desenvolvidas e sobre coisas a serem renunciadas, mas não há nada a ser desenvolvido, nada para se abrir mão.' Da forma como ele falou, não estava exatamente claro se ele estava se referindo a si mesmo ou falando de forma geral sobre o ponto de vista da verdade última, mas ele certamente parecia saber do que estava falando. Ele mencionou o arahant, e disse: 'O arahant é realmente diferente das pessoas comuns' — e então timidamente adicionou: 'É claro, nós não vemos arahants hoje em dia, mas estou falando do que se diz nos livros' — e disse que as coisas que pareciam ser verdadeiras ou valiosas para nós eram falsas e sem valor para um arahant. Tentar fazer com que um arahant se interessasse por coisas mundanas seria como oferecer chumbo em troca de ouro. Nós pensamos, aqui está uma pilha inteira de chumbo, por que ele não troca por aquela pequena peça de ouro que ele tem e é tão menor? ...

"Havia uma energia incrível emanando de Luang Pó naquelas noites. Nós estávamos com dores por estarmos sentados há tanto tempo. O Ajahn Pabhakaro e o Ajahn Tiradhammo começaram a quase dormir sentados em suas cadeiras até que Luang Pó nos estimulava com alguma coisa muito engraçada. Ele falou sobre a religião no ocidente e disse: 'As pessoas aqui seguem o Cristianismo — Papai Noel! Ele se veste com aquela roupa, as crianças sentam em seu colo e ele diz: "O que você gostaria?" ' E ele fazia uma imitação de Papai Noel que nos deixava morrendo de rir."

COMO UMA MINHOCA

No dia nove de junho, de volta a Seattle, Luang Pó tomou sua refeição na casa de uma família tailandesa. Logo depois ele falou sobre o declínio na Sangha da Tailândia. No que Paul se referiu como falso mau humor, Luang Pó falou sobre como os homens estavam se tornando monges, mais para manter o costume, do que para tentar tirar qualquer valor verdadeiro do tempo em que passavam nos mantos. Não era como nos velhos tempos, quando as pessoas passavam ao menos três anos como monges. O dono da casa havia estado longe da Tailândia por tempo o suficiente para não ter qualquer pudor em expressar abertamente a sua discordância. Ele disse:

"Digamos que todo homem tailandês se tornasse monge por quatro ou cinco anos — nada no país seria concluído. Se todos se tornassem monges, não haveria ninguém realizando nenhum tipo de trabalho no país. É assim que eu vejo isso."

Luang Pó riu discretamente. Provocando risos de todos, ele disse que aquele era o pensamento de uma minhoca. Ele citou um antigo conto popular que diz que a razão pela qual as minhocas evacuam a terra que elas comem é porque elas têm medo que, de outra forma, não tenham mais terra para comer. É claro, era impossível que minhocas pudessem digerir toda a terra do mundo. A ideia que encorajar as pessoas a passar mais tempo nos mantos destruiria a economia era igualmente sem cabimento. Aquilo simplesmente não aconteceria.

Você não conseguiria fazer com que todos se tornassem monges nem por sete ou quinze dias. Algumas pessoas se tornam monges por toda a vida, outras por cinco ou seis anos, outras por cinco ou seis dias. É natural que seja assim.

Retornando para a residência dos Kappel, Luang Pó sentou-se para conversar com Paul e a conversa voltou-se para uma amiga dele que vinha participando das palestras de ensinamentos de Luang Pó.

"A Catherine disse que ela sente que os ensinamentos de Luang Pó são verdadeiros, mas impossíveis de serem praticados nessa sociedade. Ele respondeu que as pessoas usavam argumentos parecidos na Tailândia: 'Eu sou jovem, então não tenho a oportunidade de praticar, mas quando for velho, eu o farei.' Luang Pó perguntou: 'Você diria: "Eu sou muito jovem, então não tenho tempo para comer, quando eu ficar velho, comerei?" ' Novamente, ele me cutucou com a bengala e disse: 'Se essa bengala estivesse em chamas, por acaso você diria: "Eu estou sofrendo, é verdade, mas como vivo nessa sociedade, não posso escapar disso? ... " ' "

"Eu mencionei que o marido da Catherine gostava de ir fazer escaladas nas montanhas e ela sentia que aquilo era como uma prática de meditação para ele. Luang Pó perguntou, 'Quando ele escala pelas rochas, ele vê as quatro nobres verdades?' Eu disse que não sabia, mas que talvez ele não as visse. Então eu disse que, às vezes, pensava que quando alguém está fazendo uma atividade mundana com total atenção pode haver profunda concentração; por exemplo, um músico poderia ter os fatores de *jhāna* presentes enquanto ele tocava, como a atenção uni focada, o êxtase e daí em diante, exceto se aquilo acontecesse de uma forma não hábil. Luang Pó apenas disse: 'Não! Ninguém toca música e entra em *jhāna* — só vocês ocidentais! Vocês não sabem nada sobre *jhāna* ...' "

"Ele me perguntou sobre o Zen mais uma vez, então eu recitei o Sutra Coração¹⁷⁶ para ele, fazendo o melhor que eu podia em uma tradução espontânea. Quando terminei, ele disse, 'Tampouco o vazio ... tampouco Bodhisattva ...' Ele me perguntou de onde tinha vindo aquele Sutra e eu disse que a reputação dele era de ter sido recitado pelo Buddha. 'Nenhum Buddha'. Então ele disse, 'Isso está falando de profunda sabedoria, para além de todas as convenções. Mas isso não significa que devemos ignorar as convenções. Como poderíamos ensinar sem elas? Nós temos que usar nomes para as coisas, não é?' "

INSIGHT MEDITATION SOCIETY

No dia dez de junho, Luang Pó, Ajahn Pabhakaro e Paul tomaram um voo para Nova York a caminho do *Insight Meditation Society* (I.M.S.), um centro de retiros em Barre, Massachusetts. Eles estavam indo para lá a convite de um dos fundadores do local, Jack Kornfield, que havia passado alguns meses como monge em Wat Pah Pong, alguns anos antes. Assim que eles começaram a viagem, Paul percebeu que Luang Pó ainda vinha tendo severas dificuldades para com a geografia norte-americana. Seria Massachusetts também nos Estados Unidos, ele perguntou; e quanto a Boston, ficava em Nova York?

Luang Pó ficou no I.M.S. por oito dias e deu ensinamentos em um retiro que teve a participação de mais ou menos setenta praticantes. Nas manhãs, Luang Pó passava um tempo com a equipe de apoio — a maioria eram estudantes antigos do centro — dando-lhes a oportunidade de fazer perguntas. Nas tardes, ele conduzia uma sessão de perguntas e respostas com os participantes do retiro e nas

¹⁷⁶ Um texto fundamental do budismo Mahayana, no qual todos os ensinamentos chave da tradição do budismo Theravada são negadas, com o intuito de aclarar o significado do vazio.

noites, guiava uma sessão de meditação e dava uma palestra. Paul, que estava auxiliando com as traduções, recorda:

"Para as sessões matinais com a equipe de apoio, ele rapidamente estabeleceu o tema de 'encarar o seu carrasco'. Quando as pessoas chegavam, ele já perguntava: 'Você fez o seu dever de casa hoje?' Ele lhes dizia que deveriam pensar na morte pelo menos três vezes ao dia: uma pela manhã, uma pela tarde e uma de noite. 'Não sejam como Po' (foi assim que ele começou a me chamar — é a abreviação em tailandês da palavra em páli 'bodhi', isto é, iluminação, e era comumente usada como um nome), ele dizia. 'Ele apenas anda por aí, ele olha para as árvores, para os pássaros, come sua refeição; ele nunca pensa que vai morrer um dia.' Eu me tornei o homem da linha de frente para ele e, de vez em quando, eu lhe instigava com perguntas. A ideia da morte é geralmente algo remoto, disse-lhe uma vez. Se eu sentisse algum perigo, talvez ela fosse mais real. 'Você não vê o perigo?' ele disse. 'Em cada respiração.' Eu disse que geralmente sentia a morte longe, no futuro. Estava destinado a viver muito, 100 anos ou mais. 'Essa é a sabedoria de Devadatta¹⁷⁷', ele retrucou."

Durante o retiro, ele enfatizou as quatro nobres verdades e os princípios que guiavam a prática. Ele respondeu várias perguntas sobre meditação:

No nível da concentração de acesso, você pode comparar a mente com uma galinha presa no galinheiro. Ela segue andando para lá e para cá. Ela não está imóvel, não está dormindo, não está morta. Mas ela tem um limite para os movimentos e está sob seu controle. Uma vez que a mente tenha sido pacificada, então investigue o corpo. Investigue as trinta e duas partes do corpo. Se sua mente segue agitada, então fique de olho nos pensamentos e emoções que sua mente fabrica; veja-os pelo que eles são: impermanentes, impessoais e sem um eu que seja seu dono. Na prática, não é necessário saber um monte de coisas, mas meramente manter o estado de alerta bem nesse ponto, até que surja um senso de desencanto, de não paixão. Então você abrirá mão do apego aos cinco obstáculos e é esse o objetivo da meditação.

Houve uma pergunta sobre os cinco agregados:

"Os cinco agregados têm qualquer efeito sobre a paz? Seria a prática de meditação a base para entendermos os cinco obstáculos?"

Com sabedoria, os cinco agregados vão lhe ajudar a se libertar. Se você for tolo, então eles lhe causarão sofrimento. Se você for tolo, pode dizer que eles são como ladrões que o roubam. Mas se você entende a verdadeira natureza deles, eles podem torná-lo iluminado. É como se você não conhecesse Ajahn Chah. Você apenas ouviu falar no nome dele e viu uma foto; ainda não é o suficiente. Mas hoje você o conheceu e conversou com ele, o que significa que você conhece uma parte dele. Se você realizar o Dhamma que ele lhe ensinou, então você saberá tudo sobre ele.

ARRANCANDO O TOCO DE ÁRVORE

No segundo dia do retiro, Luang Pó fez uma sugestão:

Ouvir o Dhamma em um grande grupo é algo difícil. Uma grande panela de curry não tem um sabor tão gostoso. Tem muitas coisas misturadas juntas, não tem suficiente para todos; não

¹⁷⁷ O primo malvado do Buddha que pensava que seus melhores interesses estavam em criar uma cisão na Sangha, mas como resultado de seus esforços acabou caindo no mais profundo dos reinos infernais. "Sabedoria de Devadatta" é um termo para tolices da mais abjeta variedade.

tem um gosto tão bom. Um pequeno pote de curry é mais gostoso. Seria melhor nos dividirmos em grupos menores para a discussão.

Daquele dia em diante, os participantes do retiro foram divididos em cinco grupos de discussão com mais ou menos quinze pessoas em cada grupo para que assim todo mundo pudesse ter uma chance de fazer perguntas a Luang Pó, de forma mais conveniente. Para um questionamento sobre o objetivo da prática, ele respondeu:

Nós viemos aqui para praticar com o intuito de que não tenhamos que praticar no futuro. Nós nascemos com o intuito de não nascermos novamente. Nós fazemos isso para que não tenhamos que fazer isso novamente ... Nós praticamos para que assim a mente se desapegue da sensualidade e do sofrimento, com o intuito de que não haja mais sofrimento no futuro.

Paul observou:

"Nas entrevistas de grupo, Luang Pó dava respostas simples e diretas para perguntas complicadas. Ele disse para as pessoas para deixarem os livros de lado, para contarem com elas mesmas, para terem determinação e perseverança."

Muitos problemas não necessitavam de muito pensamento. Tudo o que era necessário era a paciência para suportar o que fosse desagradável até que as condições se revelassem como impermanentes e vazias.

"As pessoas falavam continuamente sobre as dificuldades que enfrentavam como praticantes leigos. Ele disse que era difícil praticar sendo um leigo; era como tentar meditar em uma prisão. Você se senta, começa e o carcereiro vem e grita, 'Levante-se! Marche para lá!' "

Luang Pó retornava a um tema familiar: a prática do Dhamma para eliminar as causas subjacentes ao sofrimento, em vez de apenas fazer malabarismo com os sintomas. Ele repetiu um de seus símiles favoritos:

É como quando você sai para caminhar e esbarra em um toco de árvore. Então você pega um machado e o corta no nível da terra. Mas ele cresce novamente, você esbarra nele de novo e então tem que cortá-lo novamente. Mas ele segue crescendo de novo. Isso se repete indefinidamente. Seria melhor você pegar um trator e arrancá-lo inteiro de uma vez.

Ele apontava para o conflito inerente em desejar ardentemente se livrar do sofrimento que surge da indulgência nas impurezas sem ter que abrir mão das impurezas propriamente ditas. Algumas pessoas não conseguiam aguentar a perda do prazer que vinha das impurezas; outras clamavam que era impossível abrir mão. Ainda assim, elas tinham esperança de haver uma solução. Ele disse que isso era como se sentar em um formigueiro. As formigas estão mordendo, você está se sentindo desconfortável, mas se recusa a levantar e ir para algum outro lugar.

Ou você vem até o professor com algo queimando em sua mão e reclama: "Ajahn, isto está quente!" O professor lhe diz: "Então largue". E você diz: "Não posso largar, mas não quero que esteja quente!" E aí o que é que o professor pode fazer por você?

Meditadores podiam passar suas vidas inteiras indo para frente e para trás tentando encontrar o que exatamente precisavam fazer para abrir mão das impurezas. Era como contemplar uma viagem.

Você pergunta a si mesmo: "Será que eu deveria ir hoje? Será? Talvez eu vá amanhã". E então no dia seguinte: "Será que eu deveria ir? Ou será que não?" E você segue fazendo isso dia após

dia até morrer e você nunca vai a lugar algum. Você deveria pensar: 'Vai!', e acabar logo com isso.

Traduções bem-sucedidas dependem da confiança que a plateia tem que o tradutor esteja representando de maneira precisa as palavras de quem está discursando. A astúcia de Luang Pó apareceu quando Jack Kornfield estava traduzindo para ele. Jack se recorda dele dizendo:

Mesmo que eu não fale inglês, eu sei que a verdade é que o meu tradutor deixa de fora todas as coisas duras que eu digo. Eu lhes digo coisas dolorosas e ele deixa de fora tudo o que tenha algum espinho, amaciando e suavizando o que eu digo para vocês. Vocês não podem confiar nele.

Quando lhe faziam perguntas sobre o estado do mundo, Luang Pó encorajava quem estivesse perguntado para se focar no mundo da experiência direta em vez de no mundo que ele lia nos jornais:

Você está perguntando sobre o mundo. Você sabe o que é o mundo? São apenas os sentidos e seus objetos e a ignorância que se aferra a eles.

A experiência pessoal era a única forma de comprovar os ensinamentos. Quando perguntado sobre a iluminação, ele disse que ela era como o gosto de uma banana. Você tinha que colocá-la na boca para que pudesse saber o sabor. De vez em quando, Paul recebia um ensinamento pessoal espontâneo:

"Em uma tarde, quando a sessão havia terminado, estava tirando meu gravador da tomada e toquei no plugue enquanto ele ainda estava conectado. Eu tomei um choque e o larguei imediatamente. Luang Pó percebeu e disse: "Oh! Como você conseguiu abrir mão assim tão fácil? Quem lhe falou para fazer isso?" Foi uma boa ilustração do que ele estava tentando ensinar.

"Finalmente, ele disse às pessoas que elas seriam sempre bem-vindas para irem ao seu mosteiro e ficarem lá por algum tempo. 'Wat Pah Pong é como uma fábrica', dizia. 'Depois que o produto está terminado, ele pode ser enviado para o mundo.' Mas é mais fácil treinar as pessoas quando elas estão longe de casa. 'O Po fugiu', ele disse. 'Se eu fosse mais jovem, eu o arrastaria de volta pela orelha.' "

Logo depois do retiro, Luang Pó encontrou-se com o mestre Zen coreano, Seung Sahn Soen Sa Nim. Ambos pareceram se divertir muito com o encontro. Paul se recorda sobre o quanto Luang Pó estava particularmente interessado em uma das histórias do seu novo amigo:

"Um monge Zen se esgueira em um auditório, onde um grande estudioso está falando sobre a mente única. 'Todas as coisas vêm da mente única', o estudioso ensinava, quando o monge Zen vai à frente e o desafia. 'Você diz que todas as coisas vêm da mente única. Ok. Então me diga, de onde a mente única vem?' Quando o palestrante se vê incapaz de responder, o monge o vence. Luang Pó ria e dizia, 'Ele mereceu essa surra, muito bem!' Dali em diante, ele repetiu aquilo várias vezes, rindo e dizendo quão boa era aquela história, 'Ele não conseguiu responder de onde vem a mente única, então ele realmente mereceu uma surra!' "

Depois de mais um par de dias com a comunidade budista na, apropriadamente denominada, Fazenda Anicca, Luang Pó voou de volta para a Inglaterra.

UM LOCAL RETIRADO NO CAMPO

No dia vinte dois de junho, pouco depois da chegada de Luang Pó, e dois anos desde que eles tinham se estabelecido ali, a Sangha finalmente deixou o Hampstead Vihāra. Seu destino ficava a noventa minutos de carro dali, nas cercanias do pequeno vilarejo de Chithurst, no interior de Sussex. Era lá que

ficava o terreno de cem acres de bosque, agora formalmente oferecido à Sangha. Mas o sul da Inglaterra não era a Tailândia: leis estritas impediam que os monges simplesmente construíssem cabanas entre as árvores como melhor lhes aprouvesse. Em vez disso, eles estavam para se mudar para uma mansão no estilo vitoriano, caindo aos pedaços, comprada para eles pelo E.S.T.

Antes de se juntar à Sangha na Chithurst House (que logo seria rebatizada como Mosteiro de Floresta Cittaviveka), Luang Pó retornou para Oakenholt, em Oxfordshire. Lá ele participou da cerimônia de ordenação de um jovem rapaz inglês que estava se juntando à Sangha birmanesa, tendo o respeitado mestre Mahasi Sayadaw como seu preceptor. A ocasião permitiu vislumbrar um lampejo da diferença entre as sensibilidades asiática e europeia. Para muitos dos convidados ingleses, criados em uma cultura não budista, o contraste entre os dois renomados monges Theravada — o cativante Luang Pó (visto como “caloroso”) e o reservado Sayadaw (visto como “frio”)¹⁷⁸ - era surpreendente. Luang Pó parecia ser mais inspirador. Estava claro que em um país não budista, onde o ideal do arahant ainda não estava firmemente estabelecido¹⁷⁹, a personalidade do professor era algo muito mais vital para o surgimento da fé do que era em uma nação tradicionalmente budista. Parece que seria bem menos provável as pessoas se perguntarem: “Será que eu quero ser tão sábio quanto ele?”, do que se perguntarem: “Será que eu quero ser esse tipo de pessoa?”

Luang Pó chegou em Chithurst para ver o primeiro fruto tangível da decisão que havia tomado de permitir que seus monges fossem para o ocidente e dos conselhos que havia dado. O presente daquele bosque foi uma validação da sua insistência para que os monges, enquanto estivessem em Londres, mantivessem a prática de sair em mendicância matinal, mesmo que não recebessem nenhuma comida em suas tigelas. Ele havia explicado que a mendicância matinal não se tratava apenas de recolher alimentos, mas também de serem vistos. A mendicância matinal proporciona uma oportunidade na qual monásticos, simplesmente através de sua aparência e comportamento, poderiam inspirar aqueles que os vissem a tentar procurar saber um pouco mais sobre o Dhamma. Ao longo dos anos, Luang Pó frequentemente recontava a história de como o venerável Assaji foi visto pela primeira vez por um andarilho asceta, que depois procurou pelo Buddha e então veio a se tornar o grande discípulo, o venerável Sariputta.

No caso agora, não foi um asceta, mas Paul James, um corredor em Hampstead Heath, que ficou inspirado e seguiu os monges de volta ao templo. Alguns meses depois de conhecer e ganhar confiança em Ajahn Sumedho e seus monges, Paul revelou a eles um problema não espiritual pelo qual estava passando. Ele havia recebido de herança uma área de bosque, Hammer Wood, com a condição de que ele não poderia nem a vender e nem cortar as árvores. Aquele bosque tinha se tornado um fardo financeiro e ele estava procurando alguma instituição de caridade que fosse adequada para doá-lo. Será que a Sangha teria interesse?

Quando George Sharp viajou de carro para West Sussex para ver o bosque, ele achou que Hammer Wood era realmente um local idílico. Não apenas isso, mas, como se forças ocultas benevolentes estivessem trabalhando nisso, a uma pequena caminhada de distância do bosque, estava uma grande casa vitoriana semiarruinada à venda por um preço abaixo do mercado. Em um mundo imperfeito, aquilo era tão ideal quanto se podia esperar. Com receio de que a casa fosse vendida antes que pudesse organizar uma reunião com o Conselho, George combinou um preço para a propriedade

¹⁷⁸ Isso não foi, obviamente, uma percepção unânime. Um meditador budista americano descreveu o sentimento que experienciou na presença do mestre birmanês “como neve caindo”.

¹⁷⁹ As personalidades dos arahants variam grandemente. Eles podem ser introvertidos ou extrovertidos, urbanos ou ranzinzas, calorosos ou frios. Isso é amplamente reconhecido em círculos budistas do sudeste asiático.

naquele mesmo dia. Foi uma manobra audaciosa, já que os fundos para aquilo deveriam ser conseguidos através da venda do Hampstead Vihāra.

Várias das pessoas que foram excluídas dessa grande decisão ficaram muito descontentes, uma delas chegou alguns meses depois em Wat Pah Pong. Ele pintou para Luang Pó um quadro bastante obscuro dos eventos. De acordo com ele, o movimento foi apressado, prematuro e envolveu um uso irresponsável de fundos. Luang Pó escutou de forma impassível e não fez quaisquer julgamentos.

Era verdade que o estado atual da Chithurst House apresentava desafios consideráveis para os potenciais habitantes. Ajahn Sucitto, mais tarde, descreveu as condições que encontraram lá.

"O proprietário tinha deixado o lugar em condição de penúria: as calhas sujas tinham se quebrado e espirravam água por todas as paredes, de modo que aquela podridão se espalhou. Conforme as coisas se quebravam, elas iam sendo abandonadas; quando nos mudamos, apenas quatro dos vinte quartos estavam em uso. A rede elétrica havia explodido, o teto tinha vazamentos, os pisos estavam podres e havia apenas uma torneira de água fria que funcionava. A casa estava cheia de lixo, todos os tipos de parafernália da época anterior à guerra. As outras instalações externas estavam caindo aos pedaços, telhados despedaçados por árvores que tinham caído. A fossa não vinha sendo limpa fazia uns vinte e cinco anos. Os jardins haviam virado matagais: um pomar que um dia tinha sido bonito havia se tornado num mar de urtigas. Mais de trinta carros abandonados despontavam entre os espinheiros que asfixiavam o entorno da casa principal."

Luang Pó reconheceu que a Chithurst House iria requerer meses, provavelmente anos de trabalho duro para ser reformada. Mas não havia nada de errado com aquilo. Monges de floresta sempre foram acostumados com longos períodos de trabalho duro para construir seus mosteiros. A alegria que ele sentiu em sua visita pode ser vista claramente no documentário da BBC que foi filmado enquanto ele esteve lá. *The Buddha Comes to Sussex* inclui cenas que não têm preço de um brilhante Luang Pó conversando com vigários ingleses e expondo o Dhamma com a ajuda de uma grande maçã.

Ajahn Amaro chegou da Tailândia no ano seguinte. Ele não ficou desanimado com o trabalho que viria adiante, confiante que o treinamento que tinha recebido de Luang Pó o havia preparado totalmente para aquilo.

"Aquilo não foi visto como uma grande imposição à nossa prática. Era simplesmente: 'Bem, vamos usar isso para praticar.' Você vestia seu macacão, carregava um saco de coisas podres nas costas, subia no topo de uma chaminé para fazer algum reparo e meditava ... E você via que a preocupação de Luang Pó com a nossa capacidade de adaptação e de desenvolver a atitude correta em qualquer situação que se apresentasse era muito maior do que a de termos as condições ideais para a prática formal de meditação. Isso tornava a qualidade da adaptação a coisa mais importante: estar pronto para viver em paz com o mundo, em vez de fazer com que o mundo se ajustasse à sua ideia de paz."

III. A ÚLTIMA NOITE

Na noite de vinte sete de junho, sua última noite em Chithurst antes de retornar para a Tailândia, Luang Pó se encontrou à noite com a Sangha para uma conversa e uma exortação. A gravação em fita cassete feita naquela noite capturou maravilhosamente o calor e a informalidade da ocasião.

"Monges" e "entusiasmados" são duas palavras não comumente associadas em uma única frase, mas naquele convívio pontuado por momentos de risos, isso é tangível. Era a velha magia de Luang Pó fazendo com que as pessoas, em sua presença, sentissem que nunca antes tinham sido tão felizes e

contentes. Ele também usou a oportunidade para esbanjar sua única frase em inglês. Depois de apenas algumas palavras ditas em uma palestra de Dhamma um pouco mais formal, um discípulo leigo entrou no recinto com uma nova bandeja de bebidas quentes.

E lá vamos nós. Mais um kappatī¹⁸⁰.

Na palestra de Dhamma naquela noite, ele deu encorajamento e apoio aos seus discípulos em sua propagação do Dhamma. Ele disse:

Vocês fazem um esforço para ensinar as pessoas e vocês ensinam a si mesmos ao mesmo tempo. Vocês se tornam mais espertos; vocês refletem mais.

Investigar as inseguranças e medos que surgiam, quando se começava a ensinar, era parte dos benefícios para o professor.

Se você está meditando, se você está plenamente atento, então ensinar aos outros é ensinar a si mesmo. E assim não há mal algum.

Quanto ao assunto a ser abordado nas palestras, ele aconselhou:

Generosidade, moralidade, os reinos celestiais, as desvantagens da sensualidade, os benefícios da renúncia¹⁸¹ — não importa quantas palestras vocês deem, sempre as mantenham nos limites desses tópicos. Sua fonte é *sīla*, *samādhi* e *paññā*. Durante suas vidas ensinando, nunca se desviem desses assuntos.

Ele advertiu contra muito ecletismo. Havia a necessidade de seguir um coerente “estilo da casa”.

Se vocês estão ensinando *sati* na respiração, todos vocês devem ensinar da mesma forma. De forma similar, com a investigação do corpo. Não coloquem ensinamentos de outras tradições — fica confuso. Uma pessoa começa a ensinar o zen, outra o budismo tibetano e fica uma completa confusão. As pessoas aqui já estão muito confusas. Se vocês lhes derem um pouco disso e um pouco daquilo vai ser tanta confusão que, depois de algum tempo, eles não conseguirão absorver nada. Todos vocês devem ensinar nos mesmos termos para que assim haja harmonia na abordagem. Se os estudantes ficam bons nas práticas básicas, então eles poderão entender as outras tradições por eles mesmos. Mas se vocês ensinam um monte de tradições diferentes, então eles não vão pegar nenhum dos princípios básicos.

Ele os advertia contra o sectarismo. Monges não deviam cair na armadilha de comparar tradições ou elogiar sua própria tradição em detrimento das demais.

Digam às pessoas que elas não têm que abandonar as suas antigas práticas; elas podem mantê-las, mas que, por agora, elas deem uma chance para essa. Façam apenas essa prática pelo tempo em que estiverem aqui e vejam o que acontece.

NÃO ATENDA O TELEFONE

Luang Pó lembrava os monges que até mesmo o Buddha tinha dito que ensinar era difícil. As pessoas não abrem mão de suas delusões facilmente. Ele os alertava para não ficarem desencorajados e deu-lhes um exemplo de sua própria experiência:

¹⁸⁰ Uma palavra em páli que está na benção da hora da refeição, um mnemônico de Luang Pó para “cup of tea” (xícara de chá).

¹⁸¹ Os cinco fatores do “Discurso Gradual” – Vin. 1-15

Às vezes, você fica farto daquilo. No começo, Oh! Houve vezes em que eu estava ali deitado no meio da noite e sentia como se quisesse pegar minha tigela e sair correndo de meus discípulos. Era tão frustrante! Mas quando refletia sobre o Dhamma, percebia que não podia fazer aquilo. Eu me perguntava: 'Se você não ensinar a essas pessoas deludidas, quem é que você vai ensinar?' ... Era eu quem estava deludido, deludido por pensar que era especial.

Um telefone começou a tocar na outra sala e ninguém queria atender. Ajahn Pabhakaro perguntou: "Não seria melhor ser um Paccekabuddha¹⁸²?"

Seria bom. O Paccekabuddha não tem nenhum sofrimento ... Mas o melhor é não ser absolutamente nada. É um trabalho duro ser um Buddha. Tampouco seja um Paccekabuddha. Assim que você "é" alguma coisa, então tudo fica difícil. Não seja absolutamente nada. Se você pensa que você é o venerável Sumedho, ou o venerável Anando, então você vai sofrer. Bem agora, não existe nenhum Anando e não existe nenhum Sumedho. Ei, como é que pode ser assim? Bem, esses nomes são apenas convenções, não são? No momento em que vocês "se tornam" eles, aí vocês sofrem. Se existe um Sumedho, então o Sumedho fica com raiva. Se existe um Anando, então o Anando fica com raiva. Se não existe nenhum Sumedho e nenhum Anando, então não existe ninguém — ninguém para atender o telefone.

Atender ou não atender o telefone se tornou uma metáfora para a ação dos sentidos.

Trim! Trim! Trim! Vocês não poderiam se importar menos. Nada acontece. Não há sofrimento. Mas se vocês são alguém, então assim que o telefone toca, vocês correm para atender. Isso é sofrimento. Vocês devem usar a sabedoria para se livrar do Sumedho. Não deixem que exista nenhum Anando para atender o telefone. Não seja Sumedho. Não seja Anando. Usem essas palavras apenas como convenções. Não as tragam a bordo. As pessoas podem dizer que você é bom ou mau, mas não se identifique com essas qualidades. Não se identifique com as coisas, mas estejam cientes. E quando você está ciente, você se agarra às coisas? Não. Esse é o fim.

TERREMOTOS

No decorrer da conversa, Ajahn Sumedho fez referência a várias previsões de que nos anos seguintes seria comum que houvesse um certo número de grandes terremotos e outros desastres naturais. Disse que as pessoas que fossem muito dependentes das tecnologias modernas e dos confortos que elas forneciam, sem nenhum refúgio interno, estariam fadadas a sofrer muito. Luang Pó respondeu:

O Buddha nos ensinou a olhar para o presente. Astrólogos dizem que algo vai acontecer daqui a dois anos, mas não precisamos esperar tanto tempo. Isso está muito longe. Como será em dois anos? Isso está acontecendo bem agora. Você consegue ver? Três anos antes de um terremoto? Existe um terremoto bem agora. Vejam. Os Estados Unidos estão tremendo fortemente. Você pensa em certas coisas e essa terra treme [ele aponta para o peito]. Nós não vemos isso. Os terremotos externos são raros — eu mesmo nunca vi um na minha vida. Mas nessa terra existem tremores todos os dias, a cada minuto. Assim que nascemos, começamos a lamentar. Bem ali, isso é um terremoto.

Luang Pó disse que, porque o tremor de terra de cada pessoa era apenas um pouco a cada dia, aquilo era algo subestimado. Movimentos eram naturais e inevitáveis. Isso era algo bom. Se não houvesse

¹⁸² Um Buddha "silencioso", um que não ensina aos demais.

nenhuma mudança, então as pessoas seguiriam bebês como quando nasceram e ninguém nunca cresceria. Se ninguém envelhecesse e morresse, onde viveriam todas essas pessoas? O problema, dizia, era que as pessoas não olhavam para a natureza das coisas, então ninguém queria morrer:

É como você não querer que esse copo se encha, mas seguir colocando água dentro dele.

Quando tudo tinha sido dito e feito, havia apenas uma forma de se livrar da morte:

Quando você vê com sabedoria que nada é verdadeiramente eu ou meu, você realiza o Imortal.

Luang Pó

*O senhor foi uma fonte
De água corrente e fresca
Na praça de uma cidade empoeirada,
E o senhor era a nascente dessa corrente,
Em um pico alto e invisível.
O senhor foi, Luang Pó, aquela própria montanha,
Imóvel,
Mas variadamente vista.
Luang Pó, o senhor nunca foi uma única pessoa,
O senhor foi sempre o mesmo.
O senhor era a criança rindo
Das novas roupas do Imperador, e das nossas.
O senhor era uma demanda para estarmos despertos,
O espelho de nossas faltas, impiedosamente carinhoso.
Luang Pó, o senhor foi a essência de nossos textos,
O líder de nossa prática,
A prova dos seus resultados.
O senhor foi uma fogueira ardente
Em uma noite de ventos congelantes:
Como sentimos sua falta!
Luang Pó, o senhor foi a robusta ponte de pedras
Com a qual sempre sonhamos.
O senhor estava tranquilo
No presente
Como se ele fosse sua própria terra ancestral
Luang Pó,
O senhor foi a brilhante lua cheia
Que nós, às vezes, obscurecíamos com nuvens.
O senhor era pau-ferro, o senhor era figueira, e o senhor era “bodhi”:
“Pai-mãe-venerável-professor”.*

Luang Pó, o senhor era uma fresca flor de lótus

Em um mundo de flores de plástico.

Em nenhum momento o senhor nos guiou de forma errada.

O senhor era um farol para nossas frágeis jangadas

Em um mar agitado.

Luang Pó,

O senhor está além de minhas palavras de elogios e de quaisquer descrições.

Humildemente, coloco minha cabeça

Sob seus pés.

Ajahn Jayasaro

Junho, 1995